PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

VOLUME SEXTO

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria d'homens célebres,
por batalhas ou outros factcs importantes que n'ellas tiveram logar,
por serem solares de familias nobres,
ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA
68—Praça de D. Pedro—68
1875

A propriedade d'este DICCIONARIO, pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brazileiro.

LISBOA
TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
67 — Praça de D. Pedro — 67
1875

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

N

N—letra numeral do antigo portuguez.—Valia 900 e Ñ valia 9:000.

Era nas antigas sentenças, pospondo-lhe um L, uma fórma que queria dizer *non liquid*—isto é—*não está plenamente provado.*

Desde o VIII seculo, se principiou o N a escrever, em logar do nome proprio da pessoa, *ille* ou *illa*—como se se dissesse—«aquelle ou aquella, cujo nome se ignora, ou que, por certas razões, se não declara.»

Ainda hoje, nos processos crimes em que ha mais de um réu, quando se passa mandado de prisão contra um ou mais, mas não contra todos, quando se pratica outro qualquer acto que póde prejudicar os segredos da justiça—ou quando teem de separar-se os processos crimes de alguns des co-reus, só se nomeia aquelle a quem pertence o acto ou *autos* suprimindo-se o nome dos outros pelo termo *fuão*, e, se são mais de um—diz-se—*fuão e fuão*, etc.

No *Pacto da lei salica* (tit. 53) se usa—*Nestigantio* ou *Nestigantius*, em logar do N, pela mesma razão.

Depois usou-se do termo *Fuão* ou *Fulano.*

> *Fulano* é a palavra arabe—*Folano*—que quer dizer—*um tal*—*um sugeito*—*um individuo*—de quem se não sabe o nome, ou que se não quer declarar.

> Os hebreus diziam *floni*, que significa o mesmo.

Alguns dizem que o N assim empregado, é abreviatura de *En* ou *Na*, que na lingua vasconça, significava *Senhor* ou *Senhora.*

Hoje (sobre tudo, nos cartazes dos theatros) e com o mesmo fim, se costuma escrever NN.

NABÁES—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 95 kil. a N. E. de Coimbra, 295 ao E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago S. Cosme, martyr.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

(O *Port. Sacr. e Pref.* diz que é do bispado de Coimbra, mas é êrro.)

A casa de Mello, apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Produz muito centeio, algum trigo e milho, muita hortaliça e do mais medeania. Cria bastante gado, sobre tudo cabras e ovelhas. Tem muita caça. Vem-lhe o nome, de ser abundante de nabos.

NABÁES—freguezia, Douro, comarca de Villa do Conde, concelho da Povoa de Varzim, 35 kilometros a O. de Braga,, 330 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757, tinha 120 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

As religiosas de santa Clara, de Villa do Conde, apresentavam o vigario, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento.

A mesma etymologia.

É terra fertil, cria muito gado, e é abundante em peixe do mar, que lhe fica proximo.

O *Dic. Chor. de Port.*, do sr. E. A. de Bettencourt, não traz (por esquecimento) esta freguezia.

NABÁES — aldeia, Douro, na freguezia d'Escariz, no extincto concelho de Fermédo, hoje comarca e concelho d'Arouca, 30 kilometros ao S. do Porto, 20 ao O. de Arouca, 3 ao S. E. de Fermedo, 15 ao S. do Douro, e 280 ao N. de Lisboa, 20 fogos.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Ha aqui uma antiquissima capella, dedicada a S. Pedro, apostolo, ao qual se faz uma boa romaria, a 29 de junho.

É terra fertil em milho, linho e hortaliças: produz algum vinho (pouco e máu) e cria bastante gado.

É cercada de montes, onde ha muita caça miuda.

Fica proximo da antiga estrada do Porto a Viseu.

NABAÍNHOS—freguezia, Beira-Baixa concelho e comarca de Gouveia, 95 kilometros a N. E. de oCimbra, 985 ao E. de Lisboa, 100 fogos. Em 1757, tinha 75 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Os senhores de Mello, apresentavam o prior que tinha 200$000 reis de rendimento.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa, á de Nabáes.

NÁBAM — portuguez antigo — direito que pagavam os pescadores, nos portos alheios. Era um peixe por cada barco, qualquer que fosse a sua lotação.

O rei D. Manuel, isentou os pescadores do Porto, d'este tributo, quando deu foral novo á cidade. Era muito antigo aqui este tributo (com o nome de *nábulo* provavelmente alatinisação de *naban*) pois consta da doação que em 922, fez D. Ordonho II, ao bispo resignatario, de Coimbra. D. Gomado, e ao mosteiro da Crestuma (onde o bispo estava recolhido) *Dedit ipse Rex, et ipsi Comites, Nabulum, et Portalicum de Dorio, in die Sabbati, de Portu de Aljuvirio, et per totos illos postus, usque in illa foce de Dorio, ubi cadit in mare.*

Na carta em que D. Affonso V fez *conde de Vianna de Caminha*, ao capitão e governador de Alcacer (Africa) D. Duarte de Menezes em 1460 diz — *E lhe fazemos mercê do nosso Direito do Nabão, e Malatosta, que os barcos de fóra pagam, quando vem pescar aos mares e rio do dita villa.* — (Vianna.)

NABANCIA — Ao E. do rio *Nabão*, em frente da moderna cidade de Thomar, havia antigamente uma fforescente cidade, chamada *Nabancia* (segundo uns, nome derivado do rio Nabão que então se chamava *Naban* e queria dizer *Cidade de Naban.* Segundo outros foi o rio que se chamou Nabão por passar em Nabancia.)

Atribue-se a fundacão d'esta cidade, aos túrdulos. 480 annos antes de Jesus Christo, que vem a ser o anno 3524 do mundo, ou 1868 depois do diluvio. Ha porem escriptores que sustentan ser esta cidade fundação romana, do anno 110 de Jesus Christo, imperando Trajano. A favor d'esta opinião ha o nome da cidade, que mais parece romano, do que túrdulo ou celta.

Quasquer que sejam os seus fundadores, e seja qual for a data da sua fundação, é indisputavel ser uma povoação antiquissima.

Não se lhe conhece outro nome senão o de Nabancia: se foi fundada pelos túrdulos, e teve outro, perdeu-se, só se sabe do de Nabancia, que os romanos por ventura lhe deram.

Nada se sabe d'esta cidade, até ao anno 631 ou 632 de Jesus Christo, em que estava occupada pelos godos, de que era então rei Sisinando, que occupára o throno gothico, pela deposição de Flavio Swintila, filho de Flavio Ricaredo I.

É d'esse anno que o romance popular data a formosa lenda de Santa *Eyría*, *Ería*, *Iría*, ou *Irêne;* (de todos estes modos se vê escripta nos auctores antigos.)

Era conde, ou governador, de Nabancia sob as ordens de Recesvindo, um senhor gôdo, chamado *Castinaldo.*

Havia então aqui dois conventos, ambos da ordem de S. Bento. fundados em 640, por S. Fructuoso, que depois foi arcebispo de Braga.

Um era de frades, onde então viviam 44 religiosos, com seu abbade, chamado *Célio*, tio de Santa Iría, e estava fundado no logar onde hoje é a egreja matriz, de Nossa Senhora dos Olivaes, que se diz ser a mesma do mosteiro, no tempo de Nabancia.

O outro, era de freiras, e n'elle vivia Santa Iría, (filha de Ermigio e Eugenia, nobres senhores gôdos) com suas tias *Casta* e *Julia*, e aqui esteve até ao tempo do seu martyrio. Diz-se que este convento era no mesmo logar onde hoje está o mosteiro de Santa Clara (franciscanas) junto ao rio Nabão,

Lenda de Santa Iría

Iría éra uma donzella casta e formosissima: geralmente estimada pela sua honestidade e pelo conjuncto de todas as virtudes que lhe davam realce á sua angelica formosura.

De pequenina tinha hido para o convento onde estavam suas tias, para ser por ellas educada.

Um nobre gôdo, chamado *Britaldo*, viu a santa menina e perdidamente se enamorou d'ella. Pediu-a em casamento, porem a donzella, que se tinha votado ao serviço de Deus, resistiu a todas as razões e promessas de Britaldo, o que ainda mais lhe inflamau o amor.

Vendo que todas as diligencias eram baldadas, comprou um monge, chamado Remígio, mestre da santa, e o tornou cumplice do seu amor sacrilego.

A desditosa menina foi victima de uma infame cilada, pois que o tal frade, ministrando-lhe certo narcotico, a entregou, adormecida, ao seu malvado seductor, que fugiu com ella para um sitio, proximo do Nabão; porem, apenas alli chegados, ou porque cessasse o efeito do narcotico, ou por vontade divina, a virgem acordou, desenganando Britaldo de que não podia ser sua esposa, visto que já o era de Jesus Christo.

Vendo o seductor que nada conseguia da sua victima, a degolou, arremecando ao rio o cadaver truncado da sua victima, no dia 20 de outubro do anno 632. (outros dizem, 653.)

A corrente do rio a levou ao Tejo, depondo-a em frente da cidade de *Scalabis*, ou *Scalabicastro*, onde os anjos lhe construiram um formosissimo tumulo de alabastro.

Em breve se espalhou pela Lusitania a fama d'este martyrio e do milagre que lhe succedeu, e de toda á parte correu gente a ver o tumulo da santa virgem.

Iría é proclamada santa e martyr, e Scalabis em breve muda o seu nome para o de *Santa Irêne*, que se corrompeu em *Santarem.*

1.ª *variante da lenda*

O tal *frei Remigio*, tambem se namorou de santa Iría, e como não podesse conseguir os seus damnados fins, vingou-se, propinando á santa uma beberagem, que produzia uma inchação, similhante á gravidez. Britaldo, julgando *Iría* deshonrada, enfureceu-se por tal modo, que convidou um malvado por nome *Banão*, para a assassinar. Banão a degolou, precipitando-a depois no rio. etc.

2.ª *variante.*

D. Britaldo, vendo perdidas todas as esperanças de desposar Iría. adoece de pezar, e chega ás *portas da morte.*

Iría, sabendo isto, o foi visitar, dizendo-lhe que se não correspondia ao seu amor, não era porque desconhecesse que era digno d'elle; nem por ter o d'ella empregado em outro homem. Que por muito honrada, e feliz se daria em ser sua esposa, se isso não fosse um sacrilegio, visto ter já feito voto solemne de morrer freira.

Tanta graça, tanta virtude e nobreza imprimia a virgem em suas palavras, que Britaldo ficou resignado, e melhorou.

Tendo depois logar a propinação da tal bebida que fazia semelhar a gravidez, como fica dito na 1.ª variante, Britaldo accêso em

ódio, angariou uns assassinos, que foram ter com Iria, a um logar solitario, onde costumava hir fazer as suas orações, e achando-a ajoelhada, a degolaram, despiram e lançaram o cadaver ao rio, etc.

Na *Historia de Santarem edificada*, pelo padre (loyo) Ignacio da Piedade e Vasconcellos (1.ª parte, L. 2.º, cap. 21, pag. 365) accrescenta mais a esta *segunda variante*, o seguinte —

Ainda depois de Britaldo julgar a santa virgem, culpada, lhe mandou por certa mulher, offerecer a sua mão, com o esquecimento do passado, e mandando-lhe varias e ricas joias, ameaçando-a com a morte, se não annuisse. *Iría* tudo desprezou.

Britaldo, industriou um seu domestico, chamado *Banam*, para o assassinato, designande-lhe a hora em que a santa costumava orar, que era depois das matinas, e o sitio, que era uma lapa, ao fundo da cêrca do mosteiro, junto ao rio, em frente do sitio desde então até hoje chamado *Pégo de Santa Iría*. etc.

Continúa a lenda

Para que se não perdesse da memoria o logar do martyrio da santa—quando se reedificou e accrescentou o novo mosteiro, destinado então para a regra de Santa Clara (franciscana) alteando-se o terreno da lapa, fechou-se esta com uma abobada de pedra, cercada de assentos, e sobre o edificio, do lado do rio se collocou uma imagem de Santa Iría.

A abobada está hoje reduzida a uma especie de cisterna, e por isso se lhe dá o nome de *Pégo dè Santa Iría*.

Crêem as pessoas devotas, de Thomar e circumsferencias, que a agua do pégo da Santa, cura todas as enfermidades, e quando em 1599, a peste devorou muita gente d'estes sitios, o remedio mais efficaz que julgavam para a cura dos atacados, era a agua d'este pégo.

É crença popular, que todas as vezes que se enchuga este pégo, se acha o sangue de Santa Iria, tão fresco, como na hora em que foi derramado, e que as pedras que estão no fundo, teem todas manchas de sangue.

—

Iria desapparecêra do mosteiro, sem se saber para onde. Correu a noticia de ter fugido com o auctor da sua supposta affronta. Os parentes ficaram tristissimos, sobre tudo, seu tio, o abbade Célio, que, recorrendo ás mais instantes e continuas orações, conseguiu que tudo lhe fosse revelado.

Reuniu então o povo de Nabancia e lhe narrou o martyrio, com todas as suas circumstancias. Para se certificarem da verdade, se dirigiram todos os frades do mosteiro e toda a gente da cidade e sua comarca, ao logar da sepultura de Iria, e apenas chegados, as aguas do Tejo se abriram, deixando ver o angelico monumento, que foi aberto pelo abbade Célio, e todos viram então o corpo formosissimo da santa virgem, apenas envolto na tunica interior. (Porque Banão, lhe roubára os vestidos externos).

Sendo evidenciada a todos, a innocencia da santa, quizeram leval-a para Nabancia, mas foram baldadas todas as diligencias que fizeram para tirar o cadaver do ataúde. Contentaram-se em levar algumas reliquias do cabello e da tunica. Collocada a tampa na sepultura, principiou a agua do Tejo a unir, pelo que todos se retiraram d'este logar e se foram para Nabancia.

Remigio e Banão, temendo a vingança dos homens e o castigo de Deus, se foram a Roma pedir perdão dos seus monstruosos peccados, ao papa Honorio I, que lhes impoz pesadissimas penitencias, que elles, não só cumpriram humildemente, mas ainda fizeram outras, levados pelo seu profundo e sincero arrependimento.

De Britaldo, dizem uns, que fôra curtir acerbas saudades, ainda mais entranhado amor, e cruciantes remorsos, para um deserto de Hespanha, onde mandára construir uma ermida a Santa Iria, da qual se fez eremitão, e alli terminou seus dias amargurados.

Outros dizem que não se soube mais de Britaldo, e que não constava que elle désse satisfação a Deus nem ao mundo.

—

Em 1295, estando a côrte em Santarem,

ouviu Santa Isabel, mulher do rei D. Diniz, cantar a lenda de Santa Iria.

Desejou ardentemente ver o sepulchro da Santa e, depois de muitos dias de oração e penitencia, se dirigiu com o rei e muitos senhores da côrte, ás praias do Tejo, dizendo que se hia divertir; mas chegando á beira do rio, ajoelhou, em profunda oração, finda a qual as aguas se separaram, como o tinham feito havia 663 annos, e todos viram com a maior admiração, o tumulo de alabastro, de tão formosa architectura, que só anjos o poderiam ter construido.

Fez a santa rainha altas diligencias para o abrir, mas todas foram baldadas. D. Diniz, para o mesmo fim, mandou vir muitos pedreiros, porém as suas ferramentas pareciam de branda cêra e o tumulo de duro aço.

Desistiu o rei do seu proposito, mas, para que se não perdesse da memoria o logar da sepultura, mandou a toda a pressa collocar alli um pedestal de pedra, o qual, apenas concluido, se tornaram a unir as aguas.

Era este pedestal de tôsca alvenaria (por não haver tempo de ser construido com magnificencia, como o rei desejava), muitos annos existiu, pouco superior ao nivel da agua.

Em 1644, a camara de Santarem, a pedido do povo, mandou guarnecer o pedestal, de cantaria lavrada, dando-lhe mais altura, collocando-se no remate a imagem de Santa Iria, feita de marmore, com 1^m,32 de altura, defendida das chuvas por uma bandeja, ou cúpula, de metal lavrado, firmada sobre quatro columnas de ferro. N'esta nova pyramide se poz a seguinte inscripção:

HIC TAGUS IRENAE SACRO LEGIT OSSA SEPULCHRO
QUAE UT VIRGO MARTYR FULGET IN ARCEPOLI
HAEC PATRIAM LINQUENS NOSTRAE DAT CORPORE NOMEN,
EFFIGIEM CUJUS ISTA COLUMA TENET.

—

O *romance* (ou *rimance*) de Santa Iria, tambem tem algumas variantes, segundo as provincias em que é cantado. Para não fazer este artigo mais extenso, darei unicamente o da Beira-Baixa, por ser o que mais destôa da lenda: dando assim, ainda outra *variante* á poetica morte de Santa Iria, tão celebrada dos antigos vates lusitanos e portuguezes.

Romance de Santa Iria

«Estando a coser na minha almofada,
Com agulha de ouro e dedal de prata;
Veiu o cavalleiro, pedindo pousada;
Se lh'a meu pae déra, estava bem dada.

—

Deu lh'a minha mãe, que muí me custava,
Fui fazer a cama no meio da sala.
Era meia noite, a casa roubada;
De tres que nós eramos, só a mim levava.

—

Eram sete legoas, nem falla me dava,
Lá para as oito, é que perguntava:
—Lá na tua terra como te chamavam?
—Lá na minha terra era eu morgada.

—

Cá n'estas montanhas serei desgraçada,
—Por essa palavra serás degollada,
Ao pé de um penedo serás enterrada
Coberta de rama bem enramalhada.

—

No fim de sete annos, por alli passava,
E a todos que via elle perguntava:
—Dizei me, pastores, que guardaes o gado?
Que ermida é aquella que além branquejava?

—

—É de Santa Iria bemaventurada,
Que ao pé d'um penedo morreu degollada.
—Oh! minha Iria, meu amor primeiro,
Perdôa-me a morte, serei teu romeiro.

—

—Eu não te perdôo, ladrão carniceiro,
Que me degolaste que nem um carneiro,
—Veste-te d'azul, que é a côr do ceu
Se elle te perdoar, perdôo-te eu.»

—

Parece que os habitantes de Nabancia resistiram aos mouros, em 716, porque estes a arrasaram, não ficando pedra sobre pedra, e assim esteve, deserta e abandonada por espaço de 443 annos, até que, em fevereiro do 1159, D. Affonso Henriques fez d'ella doação ao famoso mestre do Templo, D. Gualdim Paes, e aos seus cavalleiros, que a vieram povoar.

Era o quartel, ou mosteiro dos templa-

rios, distante 12 kilometros ao N. de Nabancia, em um castello chamado *Céra*, e depois *Céras*. (Vide vol. 2.º, pag. 341, col. 1.ª)

Não agradava aos templarios o castello de *Céra*, não só porque estava muito arruinado—apesar dos concertos que lhe tinham feito—mas tambem porque o sitio não era do seu gosto. Buscaram pois outro, e examinando as ruinas de Nabancia, se contentaram d'este logar, e no monte que ficava na margem opposta do rio, a O., principiaram a edificar o castello, no 1.º de março de 1160; o que consta de uma inscripção, em latim, que está na parede a que encostam as escadas que sobem para o adro da egreja do castello. (A inscripção diz que esta obra teve principio na *era* de 1198, que vem a ser o anno de Jesus Christo, 1160).

A historia de Nabancia está de tal modo ligada com a de Thomar, que não póde separar-se desde 1160 em diante, sem grandes repetições, sob pena de ficar imperfeita e obscura. Na descripção de Thomar serei pois mais explicito, hindo ahi tudo o mais que respeita a Nabancia.

NABÃO—rio, Extremadura. Nasce ao E. d'Alvaiázere, de um grande olho d'agua que rebenta na serra de Ancião, ou monte *Tapego*, e do qual se fórma o rio *Formigaes;* porém esta agua só de inverno chega ao Nabão—pelo que, póde dizer-se que nasce na *fonte do Agroal*, no sitio chamado *Pena de Aguia*, ou *Penha d'Aguia*, junto á foz da ribeira de *Pias*. Tem uma boa ponte de pedra, de um só arco, na *Granja dos Frades*, proximo a Thomar—a das *Ferrarias*, ao S. (feita por Ayres do Quental, cuja estatua se vê junto á ermida de S. Lourenço) e a linda *ponte da Cidade*, proximo á antiga Nabancia.

São seus confluentes, os rios *Ceyça*, *Murta*, *Céras* (que vem de Pias), *Barqueiro*, *Louzan* e *Bezélga*. Junta-se ao rio *Zêzere* (margem direita) e vão ambos reunidos desaguar ao Tejo, junto da villa de *Constancia*.

Os escriptores variam um pouco no modo de escrever o nome antigo d'este rio, chamando-lhe *Nabam*, *Nabancio* e *Nabano*. Os romanos lhe chamavam *Nabanus*. Os arabes lhe deram o nome de *Tamarmá*, que significa—agua que tem o gosto de tamaras—agua dôce. (Vide *Atamarma*, a pag. 251, col. 2.ª do 1.º vol.)

Este nome—corrompido em *Thomar*—passou depois para a actual cidade assim chamada, e o rio tomou o seu antigo nome, que conserva.

NÁBO—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Villa-Flôr, comarca de Mirandella, 135 kilometros a N. E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago, S. Gens, ou S. Genesio.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor de S. Bartholomeu, de Villa-Flôr, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Nábo, no portuguez antigo—é o mesmo que *Nábam*. (Vide esta palavra.) Mas, como aqui não ha barcos de pesca, é provavel que o nome lhe venha de *Nábulo*, portuguez antigo, que significa o frete ou paga que se dá nas barcas de passagem de qualquer rio.

NABRIL—antiga cidade da Lusitania, na actual provincia do Douro, situada na falda N. O. da serra de Midões, e perto da villa assim chamada Não se sabe se já tinha este nome, no tempo da sua existencia; mas é mais provavel que se perdesse da memoria, e que o povo lhe desse o de *Nabril*.

Tem-se alli achado cippos com inscripções romanas.

Junto ao sitio onde consta ter sido o assento d'esta cidade, está o logar da *Póvoa de Midões*, e proximo a elle, existiu uma ponte romana. Vide *Midões*.

NAÇARÃES ou **VEIGA DE NAÇARÃES**—Vide *Fontêllo* (o 1.º), a pag. 209, col. 2.ª, *in fine*, do 3.º vol. Naçarães é corrupção da palavra arabe *nasrani*, que os mouros pronunciavam *nacerani*, *nazaséno*—isto é, christão. Deriva-se de *Nacarion*—*Nazareth*.

Nazarenos foram chamados os primeiros christãos do Oriente. *A outra vigia, quando conheceu que eram Christãos, começou a bradar — Nasarani! Nasarani! (Christão! Christão!)* — Chron. de D. Affonso Henriques, da descripção da tomada de Santarem.

Já se vê que *veiga de Naçarães*, quer dizer — *Veiga dos Christãos.*

NAÇÕES (de legumes) — portuguez antigo — significava — *toda a casta de legumes* — v.gr. — feijões, favas, hervilhas, xixaros, lentilhas, grãos-de-bico, etc.

NÁCÔMBA — Vide *Aldeia de Nacômbo.*

NADÁES — aldeia, Douro, na freguezia de Escapães, comarca, concelho e 4 kilometros a E. da Feira, 30 ao S. do Porto, 12 ao N.O. d'Oliveira d'Azemeis, 280 ao N. de Lisboa. (3.º vol., pag. 54, col. 1.ª)

Fica esta aldeia na encosta oriental do monte da *Meia-Légua*, tendo pela parte inferior, vastos campos de milho e outros fructos, e correndo-lhe ao sopé, o rio, aqui chamado de *Nadaes*, que toma os nomes dos logares por onde passa, e desagúa na esquerda do Douro, no logar de Crestuma, com o nome de *Uíma.*

Ao O. do logar, e sobranceira a elle, a uns 200 metros de distancia, está a ermida de Nossa Senhora das Necessidades, edificio antiquissimo, que consta ter sido feito pelos frades crusios de Grijó, no seculo XIV. Tem na frente uma galilé, ou alpendre, que ameaça ruina, pelo que tem as suas columnas escoradas com grossos esteios de pedra.

Faz-se-lhe todos os annos uma festa, bastante concorrida.

Pouco acima d'esta ermida, e ao O. d'ella, está uma edicula, chamada *Alminhas da Meia-Legua*, sobre a estrada real de 1.ª classe, de Lisboa ao Porto, e ao E. d'ella.

Como esta edicula ficasse em um êrmo, foi por muitas vezes roubada, até que por fim se abandonou e está em ruinas.

Antigamente era este sitio perigosissimo, principalmente de noite, por causa dos ladrões que aqui sahiam aos transeuntes, com o maior descaramento, por ser o sitio deserto e cercado de pinhaes.

Desde que se fez a estrada nova, e, principalmente, desde que as justiças da Feira e Oliveira d'Azemeis se desenganaram a castigar os ladrões, cessou aqui o perigo; mas não deixa de ser um sitio medonho, em noites escuras, por se não verem de todos os lados senão pinheiros.

Até 1844, a palavra *Meia-Légua*, incutia terror em quantos a ouviam pronunciar!

NADÍVA — portuguez antigo — nascida, natural — *pedra nadiva*, a que nasceu n'aquelle mesmo logar. — *Como vae ferir em uma pedra nadiva, que está áquem do rio Balsamam.* (*Tombo do Aro*, de Lamego, de 1346, fl. 51.)

NAGOSA — Villa, Beira-Alta, comarca, concelho e 7 kilometros de Moimenta da Beira, 24 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O vigario do Castello, apresentava o cura, confirmado, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O antigo nome d'esta freguezia era *Nogosa* (terra das nozes).

Está esta freguezia em terreno montanhoso, e em partes tão alcantilado que é quasi inaccessivel.

A S.O. lhe fica o monte de *Cabeça Gôrda*, alto e escabroso. Ao sopé alguns campos, que produzem pão, vinho, azeite e castanha; e muitas arvores silvestres.

No cume do monte, está um marco geodesico, ou trigonometrico, e uns 500 metros distante d'elle, no sitio do *Boucal*, rebenta por um buraco, que tem 0^m,15 de diametro, no centro de um rochedo, um *ôlho* de optima agua potavel. No interior da rocha ha um grande reservatorio ou tanque natural — e fóra d'ella, ha uma prêsa artificial, de 10^m,6 de comprido, 4^m,8 de largo e 1^m,5 de profundidade, que se enche completamente em 24 horas.

Pelo som que se ouve do interior, suppõe-se, com fundamento, que o reservatorio é composto de varias grutas ou cavernas, que levam oito dias a encher.

—

Ha ainda n'esta freguezia outros montes de menor grandeza, ficando um d'elles de

S. a N. E., cujas encostas estão cobertas de frondosos e productivos castanheiros.

Ao N. da freguezia corre, de E. a O., um ribeiro, que quasi sempre sécca nas estiagens. É orlado de arvores fructiferas.

Ao O. passa uma ribeira, que nasce nos Arcozéllos, e que, junta com outras, desagúa no Thédo. Corre do S. para o N., e em occasiões de grandes chuvas de trovoada, tem causado grandes prejuizos, com as suas enchentes rapidas e inopinadas. Em 22 de junho de 1868, trasbordando fóra do seu leito, destruiu uns bons *lameiros* (prados) que havia nas suas margens, e que nunca mais se poderam cultivar, por ficarem completamente descarnados.

A S. O. da povoação, ha uma nascente de agua sulphurea, chamada *Fonte-Santa*, que ainda não foi analysada, mas diz-se que é das melhores aguas do reino, na sua especie. Nas vesperas de S. João e de S. Pedro, e nos 3.os domingos de cada mez, ha grande concorrencia de gente a buscar d'esta agua, para a cura de rheumatismo e molestias cutaneas: e, effectivamente, muitas pessoas teem achado alivio nos seus padecimentos, com o uso d'ella; a ponto de já aqui virem doentes, de 40 kilometros de distancia.

—

É esta freguezia fertil em milho, centeio, trigo, vinho, azeite, castanha, hortaliças, fructas de espinho e carôço, e legumes; exportando alguns d'estes generos.

—

N'esta freguezia reside o sr. João Bernardo Cabral Coutinho Pinto Mergulhão Bandeira, de quem fallei, no artigo *Moimenta da Beira*. Rectifico aqui um pequeno engano. Disse então, que D. Thereza Marcellina Pinto Cabral Mergulhão, era filha do doutor Paulo Luiz da Silva, quando ella era filha de D. Angela Joanna Mergulhão e de seu marido, Manuel Pereira de Macêdo, e portanto, irman do frade crusio, D. João de Jesus-Maria Mergulhão. Tambem disse que do mesmo doutor Paulo, foram filhas, D. Maria Magdalena Mergulhão de Macêdo, D. Josefa Emilia Pinto Cabral Mergulhão, e D. Anna Amalia Pinto Cabral Mergulhão; quando estas eram filhas de D. Thereza Marcellina Pinto Cabral Mergulhão e de seu marido, João Gomes de Carvalho; e portanto, irmans do doutor em leis e canones, João Bernardo Pinto Mergulhão.

—

Ao joven e illustrado ecclesiastico, o R.mo sr. Bellarmino da Fonceca Madeira Mergulhão Cabral, devo a maior parte dos apontamentos d'esta freguezia, pelo que lhe dou os meus sinceros agradecimentos

NAGOSÉLLA—Vide *Monte-Lafão.*

NAGOSÊLLO — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de S. João da Pesqueira, 45 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O abbade de S. João da Pesqueira apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

NAMORADO —portuguez antigo— affavel, engraçado, benevolo, condescendente, sympathico, etc.—Do rei D. Fernando I, diz Azenheiro—*Era muito desposto, e mui formoso, e manhoso, e muito namorado, e mui agasalhador.*

NAMORADOS (Ála dos) — corpo militar, composto de populares e fidalgos portuguezes, ajuramentados para vencerem ou morrerem, á maneira dos antigos lusitanos.— Levantou-se esta brilhante legião, quando estava para dar-se a batalha de Aljubarrota, onde obraram prodigios, não só de valor, mas de temeridade. Tomaram por distinctivo, uma bandeira verde, symbolo dos seus annos, e dos seus pensamentos, cheios de esperanças. Era dos seus estatutos, defenderem até á morte, o posto que lhes fosse confiado. Era composta de 200 lanças e 100 bésteiros, commandados pelos valorosissimos irmãos, Ruy Mendes de Vasconcellos e Mem Rodrigues de Vasconcellos.

Tambem então se levantou a legião ou companhia da *Madre-Silva*, composta tambem de mancebos, não menos bravos, e decididos do que os *namorados*, e do mesmo numero de soldados, em que entravam alguns

estrangeiros. Estes eram commandados pelo intrepido Antão Vasques d'Almada.

Na vanguarda do exercito portuguez avançou o immortal D. Nuno Alvares Pereira, com as suas tropas, levando ao seu flanco direito a *Ala dos Namorados*, e ao esquerdo, a da *Madre-Silva*, que eram a flor das nossas tropas.

Todos sabem as consequencias da gloriosa batalha d'Aljubarrota, no sempre memorado dia 14 de agosto de 1385, e as duas legiões (dos Namorados e da Madre-Silva) tiveram uma brilhante parte na batalha e na gloria do triumpho, cumprindo os seus votos, pois, ficando quasi todos feridos, nem assim deixavam de combater heroicamente, em defeza de Deus, do rei e da patria.

Estas duas legiões (a que alguns escriptores, erradamente, dão o titulo de ordens militares) terminaram com os seus gentis instituidores.

NANDIM—antigo nome da actual villa de *Landim*. (4.º vol., pag. 42, col. 2.ª, no fim.)

Darei aqui mais alguns esclarecimentos sobre esta povoação e o seu mosteiro.

Santa Maria de Nandim (hoje Landim) fica proximo (ao O.) do rio Áve, e pouco distante de Santo Thyrso.

O seu mosteiro, de conegos regrantes de Santo Agostinho (crusios), foi fundado por D. Rodrigo Forjaz de Trastamara (filho de D. Froyas Vermuiz, conde de Trastamara), que, vindo a Portugal, no tempo do conde D. Henrique, o ajudou nas suas guerras e conquistas, tendo o logar de rico-homem.

Casou com D. Moninha Mendes, filha de Gonçalo Mendes da Maia — o *Lidador*.

Não se sabe ao certo o anno da fundação d'este mosteiro, mas foi pouco depois de 1093, e já em 1096 existia, com a denominação de *mosteiro de Santa Maria dos Anjos, de Nandim*, e era seu prior, D. Pedro Rodrigues.

D. Gonçalo Rodrigues Pereira, deu ao mosteiro uma propriedade, que tinha junto ao couto de Palmeira, e os frades a deram a D. Elvira, em tróca de uma outra propriedade que esta tinha junto ao mosteiro; isto tambem no dito anno de 1096.

—

Era por aquelles tempos o *couto de Palmeira*, muito importante, e tão vasto e rico como um condado (d'aquelle tempo), e com o nome de *condado antigo da Palmeira*, se acha confirmado ao mosteiro de Nandim, por D. Affonso IV, em 1346, e por D. João I, em 1385.

Tinham os religiosos—até 1834—as *duas jurisdicções* n'este couto; por isso recebiam certos tributos, que se pagavam na feira que então se fazia na Palmeira, a 24 de agosto.

Nandim tambem era couto dos frades.

—

Na claustra do mosteiro, se vê uma sepultura raza, com a seguinte inscripção:

VIR BONUS ET RECTUS, JACET HIC
SUB LAPIDE TECTUS.
OBIJT. KALEND. MARTIJ, D. PETRUS
GARCIA, PRIOR. ERA MCCXXXV.

(Aqui jaz, coberto com esta pedra, D. Pedro Garcia, prior e varão justo, que falleceu no 1.º de março de 1236 — 1198 de J.-C.)

Os priores d'este mosteiro, foram perpetuos, até 5 de agosto de 1526: e n'este anno foi o convento unido ao de Santa Cruz de Coimbra, tendo tomado posse, n'esse dia, o primeiro prior trienal, D. Philippe d'Elvas.

O conde D. Pedro, no seu *Nobiliario*, e quasi todos os escriptores antigos, dão a esta povoação o nome de *Nandim*, mas é mais *conhecida por Landim*. (Vide esta ultima palavra, no logar já citado do 4.º vol.)

NANDÚFE—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella, 18 kilometros de Viseu, 260 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade de Cannas de Sabugosa, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil em todas as producções agricolas do nosso paiz; cria muito gado, de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça miuda.

Aqui nasceu, em 9 de novembro de 1818, o sr. Antonio Caetano Rodrigues. É filho dos srs. Manuel Caetano Rodrigues e Anna Hen-

riques Pinto, proprietarios da mesma freguezia.

Foi para a cidade do Porto, em 1838, e alli casou, em 28 de outubro de 1843, com a sr.ª D. Felicia Felicidade Vianna (filha dos srs. Joaquim Martins Vianna e D. Felicia Mathilde Vianna) que falleceu em 22 de fevereiro de 1851.

Principiou a exercer a profissão commercial, na praça do Porto, em 1845, e é actualmente um dos primeiros e mais acreditados negociantes de vinhos d'aquella cidade.

Foi eleito vereador da camara municipal, do Porto, em 1865, e sempre reeleito nos seguintes até hoje (1875).

Foi eleito vice-presidente da mesma camara, nos dois bienios, de 72 e 73—e 74 e 75.

Do seu casamento teve apenas dois filhos — o sr. Antonio Caetano Rodrigues Junior, ainda solteiro — e a sr.ª D. Felismina, casada com o sr. Joaquim Fructuoso Ayres de Gouveia, irmão do sr. dr. D. Antonio Ayres de Gouveia, lente da universidade de Coimbra e bispo eleito do Algarve.

O sr. Antonio Caetano Rodrigues (que móra na rua da Restauração, n.º 263) é um cidadão honesto, prestante e laborioso; e para se saber o bom conceito que merece aos portuenses, e as justas sympathias de que gosa na segunda capital do reino, basta vér-se a preseverança com que ha dez annos tem sido escolhido para a edilidade.

NARACHARÍA — portuguez antigo — laranjal, pomar de laranjeiras. Os hespanhoes ainda dizem *naranja*.

Viterbo diz que quando para Portugal vieram as laranjeiras da China, já cá havia laranjaes ha muitos centos de annos.

O sr. J. P. Ribeiro, em uma nota a esta palavra de Viterbo, diz que *só as laranjas azêdas podiam ser mais antigas em Portugal do que as doces da China.* Salvo o devido respeito aos vastos conhecimentos do sr. J. P. Ribeiro, não me conformo com a sua opinião.

Em um documento que existe na universidade de Coimbra, datado de 1262, se diz — *Unam leiram haereditatis juxta vallum cortinae ipsius Ecclesiae, et juxta* NARACHARIUM, QUAE EST IBI PLANTATA.

Não se acredita facilmente que no seculo XIII se plantassem laranjaes só de *laranjas azêdas*; pois que n'esses tempos para muito pouco serviam, visto que se lhe não davam as diversas applicações que hoje teem, na tinturaria, e nas conservarias.

É mais provavel que da China nos viessem desde o seculo XVI, outras especies de laranjas, porventura mais doces do que as portuguezas, e que por essa qualidade fosse geralmente adoptada a sua plantação.

NARBASSOS — antigos povos da Lusitania. Julga-se habitarem nas immediações da actual villa de Freixo-de-Espada á-Cinta, em Traz-os-Montes. Ptolomeu diz que eram visinhos dos *vacceos (Horum interiora tenent Vaccaei)*, e estes habitavam em *Terras de Miranda.*

Ptolomeu trata dos *narbassos*, na 2.ª *Tábua da Europa*, cap. 6.º, na descripção da chancellaria de Braga, e os sitúa em 42º de latitude e 8º de longitude.

NARIZ — freguezia, Douro, concelho, comarca, bispado, districto administrativo e 9 kilometros ao S. de Aveiro (foi do extincto concelho d'Eixo — depois, passou para o de Oliveira do Bairro, e em 18 de dezembro de 1872, passou para o de Aveiro), 245 kilometros ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

É terra fertil. Bom vinho.

Esta freguezia não vem no *Port. Sacr. e Prof.*

NASCENÇAS — portuguez antigo — ainda usado nas provincias do N.— escrófulas (alporcas), leicenços, carbunculos, tumores, etc. Tambem se diz — *nascidas.*

NASCER, e **NACER** — portuguez antigo — sahir, apparecer, apresentar-se inopinadamente, surdir, etc.

NATIVIDADE —Vide *Machêde.*

NATURA, **NATURANÇA** e **NATUREZA** — portuguez antigo — o direito que algum individuo tinha, de ser *natural* (herdeiro) de uma egreja, mosteiro, ou outro qualquer logar pio. Tambem a *ração, alimentos* ou dinheiro, que por este direito pertencia ao *natural.*

Em 1311, mandou o rei D. Diniz, que ricos-homens e ricas-donas, infanções, etc.,

não fossem *desmesuradamente comer as Naturas, e albergar no Mosteiro de Vairão.* (Doc. do mesmo mosteiro.)

De um documento do mosteiro de S. Bento da Ave-Maria, da cidade do Porto (1337), consta que *Martim Fernandez da Coynha, renunciou a* Natura, *Comedoria, Casamento, Cavalaria, e outro qualquer Direito, que podesse ter no mosteiro de Tarouquella.*

Outros muitos documentos nos provam a existencia do *direito de natura.*

NATURAL — portuguez antigo — filho ou descendente dos padroeiros das egrejas ou mosteiros, que, como taes, se aproveitavam dos bens que seus ascendentes tinham deixado aos mosteiros e egrejas. Por esta circumstancia, tinham alli *Comedoria certa,* ou ração determinada.—*E o dito Lourenço Annes disse, que elle era Natural do dito Moesteiro, e que estava em posse de Comer; e que a ellas* (freiras) *nom queria fazer, nem fizera, força nenhua, mais que porque lhe nom queriom dar de Comer; pero lho ante pedira, que el viera ao dito Moesteiro: e que tomára Vianda pera si, e pera sa gente, assi como El-Rey mandava. E que se lhe dizião, que el nom era* Natural, *que el se faria* Natural, *por El-Rey, ou pelo Meirinho, quando lhi mister fosse: e que de todo estava em posse, e que assi o provaria. Porém as Donas protestavão que lhes fazia força, per que nom era* Natural, *nem* Herdeiro, *nem estava em Posse.* (Doc. do mosteiro de Ferreira d'Aves, do 1.º de dezembro de 1315.)

NATUREZA—portuguez antigo—naturalidade—terra onde alguem nasceu.

NAUMAN—Vide *Numão.*

NAVAES—Vide *Nabaes.*

NAVAGEM—portuguez antigo—tambem se dizia—*navegagem*—(de *nave,* navio)—frete da embarcação, e o que se dá nas barcas de passagem.

De um arrendamento da camara de *Mem-Côrvo,* feito em 1380, consta que o arrendatario devia ter a *Navagem do Porto do Pocinho* (Barca do Pocinho). Da mesma palavra usa o rei D. Diniz, em uma carta para a mesma camara, datada de 1289, fallando n'aquella barca.

Em 1396, D. João I, decidiu *que as Barcas, e Navegajens do Douro, desde o Porto-Velho té defronte do Prêdo* (Perêdo) *pertencerião ao concelho de Mem-Côrvo: não obstante a Petição do Procurador da sua Real Fazenda.* (Doc. da camara de Moncôrvo).

NAVALHO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella (era da mesma comarca, mas do concelho de Lamas de Orelhão, que foi supprimido), 120 kilometros a N. E. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O commendador de Malta, de Poyares, apresentava o vigario, collado, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar.

NAVALHOS—serra, Douro, na freguezia de S. Pedro do Paraizo, concelho do Castello de Paiva. E' bastante alta e do seu cume se disfructa um formoso e vasto panorama, vendo-se serras, bosques, penedias, valles, povoações, e a cidade do Porto, que lhe fica a 30 kilometros ao ONO.

Ao sopé d'esta serra, passa a grande zona carbonifera de Paiva, e a estrada de Arouca para o Douro (que fica 5 kilometros a N. O.) assim como a estrada (crusando a antecedente) que vae de Cabeçaes para Sobrado de Paiva.

Esta serra é despida de arvores, e apenas produz carqueija e uma especie de urze, muito enfezada, a que chamam *queiroz.* Tem muitas pedreiras de quartzo (seixo) e algumas de schisto, muito friavel. Ha aqui muitos afloramentos de ferro.

NAVARRA—freguezia, Minho. Está annexa á freguezia de *Crêspos.*—Vide esta palavra.

NAVAS—portuguez antigo—Campos planos, cercados de bosques.

As *Navas de Tolosa,* são celebres pela batalha que n'ellas deu, e grande victoria que alcançou contra os mouros (de Mahomet IV) D. Affonso VIII de Castella, em 1212. Esta victoria foi attribuida a intercessão da Santissima Virgem, cujo retrato se via nas bandeiras dos christãos, que, em agradecimento, lhe consagraram *abstinencia da car-*

ne, nos sabbados, a qual se tinha deixado de usar em toda a Hespanha.

Fallo n'esta famosa batalha porque n'ella se distinguiu, pelo seu arrojo e disciplina, a divisão portugueza que o nosso D. Affonso II mandou em auxilio dos castelhanos.

NAVE — portuguez antigo — termo ainda hoje usado em poesia—navio.

NAVE—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Sabugal, no Riba-Côa, 120 kilometros a S. E. de Lamêgo, 300 a E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 158 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel (foi do bispado de Lamêgo), districto administrativo da Guarda.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

Para se differençar das outras *Naves*, se dá a esta o nome de *Nave do Sabugal*.

A esta freguezia está annexa a de *Ruvina*, que tinha em 1757, 41 fogos.

Era orago d'esta freguezia, o Espirito Santo.

O reitor da freguezia da Nave do Sabugal, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento.

Na freguezia da Nave houve um convento de freiras-terceiras-franciscanas, as quaes com as guerras de 1476 a 1479, contra os castelhanos, fugiram para a villa d'Almeida, onde fundaram o convento da sua ordem. D'este mosteiro (de Almeida) sahiram as fundadoras dos mosteiros de S. Vicente da Beira, e da Madre de Deus, em Aveiro.

NAVE DE HAVER—freguezia, Beira Baixa, no Riba-Côa, comarca e concelho de Sabugal (foi do extincto concelho de Villar-Maior), 100 kilometros a S. E. de Lamêgo, 320 ao E. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado de Pinhel (foi do bispado de Lamego), districto administrativo da Guarda.

O reitor de Villar Maior apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé de altar.

A esta freguezia está annexa a do *Poço-Velho*, que tinha em 1757, 35 fogos.

O reitor de Villar-Maior apresentava tambem o cura d'esta freguezia, que tinha de congrua 4$800 réis e o pé d'altar.

Tinha por orago, Nossa Senhora da Conceição.

Tambem como a antecedente, foi do bispado de Lamêgo e pertence agora ao de Pinhel.

NAVE-REDONDA — freguezia, Beira-Baixa, comarca de Pinhel, concelho da Figueira de Castello-Rodrigo, 18 kilometros a N. E. de Pinhel, 15 ao N. de Almeida, 348 ao E. de Lisboa.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado de Pinhel (foi tambem do bispado de Lamêgo), districto administrativo da Guarda.

O reitor de Castello-Rodrigo apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Castello-Rodrigo.

Em junho de 1875 cahiu uma praga devastadora de gafanhotos sobre as povoações de *Nave-Redonda, Matta de Lobos* e *Almofalla*, chegando a invadir as aldeias, depois de terem devorado, nos campos, as batatas, trigos tremezes e hortaliças. Causaram muitos e grandes prejuizos.

NAVES—freguezia, Beira-Baixa, comarca de Pinhel, concelho d'Almeida, 105 kilometros a S. E. de Lamêgo, 360 ao O. de Lisboa, 65 fogos. Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago S. Thiago-Maior, apostolo.

Bispado de Pinhel (foi do bispado de Lamego), districto administrativo da Guarda.

O vigario de Castello-Bom apresentava o cura, que tinha 7$070 réis e o pé de altar.

NAVIÓ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 24 kilometros a O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 39 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra e o mosteiro benedictino de Carvoeiro, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 150$000 réis de rendimento e o pé de altar.

NAZARETH, NAZARETH DA RIBEIRA ou **RIBEIRA DE FRADES**—freguezia, Douro, concelho, comarca, bispado e districto administrativo de Coimbra, 200 kilometros ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Orago S. Miguel, anchanjo.

Esta freguezia não vem no *Port. Sacr. e Profano.*

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, cria bastante gado, de toda a qualidade, e é abundante de peixe do rio Mondego, e do mar, que lhe vem pelo mesmo rio.

NAZARETH—(Nossa Senhora de)—Beira-Alta. Vide *Lourosa* (a ultima) a pag. 466, 1.ª col., no fim, e seguintes, do 4.º vol.

NAZARETH—(Nossa Senhora de)—Alemtejo. Extra-muros da cidade de Elvas, ao O. d'ella, está a ermida de Nossa Senhora de Nazareth, construida no principio do seculo XVI. É redonda, com 6ᵐ,6 de diametro, tendo só um altar (recolhido em um arco, no corpo da parede) onde está a Padroeira. A sacristia foi feita em 1690; o que consta de uma inscripção que está sobre a porta principal.

Faz-se-lhe a festa, na segunda feira depois de domingo da Paschoella, e como fica perto da cidade, é muito concorrida.

(Vide *Elvas).*

NAZARETH—(Nossa Senhora de)—povoação, Extremadura, freguezia da Pederneira, comarca e concelho de Alcobaça (foi do concelho da Pederneira, até á sua suppressão, e da mesma comarca).

105 kilometros ao N. de Lisboa e no seu patriarchado, districto administrativo de Leiria.

Situada perto da Foz do Alcôa, na costa do Oceano Atlantico, em 39° 36' de lat. N., e 40 de long. Occ.

O orago da freguezia é Nossa Senhora das Areias, e o da povoação de Nazareth, é Nossa Senhora d'este titulo.

A lenda de Nossa Senhora de Nazareth, é uma das mais poeticas do reino; e ha seis seculos serve de thema para formosissimos rimances, canções, dramas sacros, e soláos.

Um dos mais bellos rimances d'esta Santissima Virgem, é sem contestação o do nosso chorado e mimosissimo poeta e elegantissimo prosador, visconde de Castilho, fallecido em Lisboa, a 17 de junho de 1875.

Principia elle:

A fama famosa d'aquelle milagre,
Herança que herdamos de padres e avós,
Á gloria do alcaide de Porto de Mós
Por filhos e netos, bem é se consagre.

—

Hoje que as santas crenças dos nossos paes estão tão abaladas, e até escarnecidas, pelos *livres pensadores*; como é doce, como nos alegra a alma, vermos essas crenças sempre vivas e sempre inabalaveis no coração do nosso povo!

Como é consolador, n'este seculo de corrupção e iniquidade, chamado, por ironia, *seculo das luzes*, vermos, não só conservada, mas ainda progredindo entre os verdadeiros portuguezes, a devoção e a piedade! Debalde os antros ignobeis, onde se géra e pretende propagar o scepticismo, vomitam sobre a face da terra toda a casta de sophismas, calumnias e ignominias. As portas do inferno não prevalecerão contra a egreja de Deus, e a religião catholica está tão arreigada entre a maior parte dos portuguezes, como no tempo dos nossos passados.

Se o *camartello civilisador* derroca e aniquilla os templos vetustos que recordam a fé e a piedade de nossos antepassados; sem attenção á sua poetica architectura, e sem respeito aos factos gloriosos que muitos d'elles nos recordam—vemos com prazer, com a mais doce consolação, o povo levantar novos templos, erigir novos altares; e os monumentos religiosos, em que péze aos *illuminados*, progredirem e multiplicar-se.

Em Braga, vemos o gráu de esplendor a que em nossos dias tem chegado o famosissimo Sanctuario do Bom-Jesus; e a erecção da estatua colossal de Nossa Senhora do monte Sameiro.—Em Guimarães, os modernos aformoseamentos do Sanctuario de Nossa Senhora da Penêda, e a reedificação da historica egreja de S. Miguel.—Em Lamego, o desenvolvimento hodierno, do Sanctuario de Nossa Senhora dos Remedios.—No Alto-Minho, a construcção de novas ermidas.—Na

cidade do Porto, a fundação de tres novas e formosissimas capellas (Agramonte, Boa-Vista, e Aguardente).—Finalmente por todo o reino se observa com prazer, que a devoção aos templos e ás santas imagens que os adornam, longe de enfraquecer, reverdece.

Um dos mais consoladores testemunhos da piedade do nosso povo, é a constante e indelevel devoção a Nossa Senhora de Nazareth, e as ampliações e aformoseamentos que n'estes ultimos annos se teem feito n'este templo monumental.

—

Deixando digressões com que alguns dos leitores talvez não sympathisem, narremos sucintamente a lenda poetica de Nossa Senhora de Nazareth, tendo em vista o que disse o nosso sempre chorado padre Malhão, em um sermão d'esta Santissima Virgem.

> «N'esta grandiosa Legenda, não ha nada que não esteja em perfeita harmonia com as crenças do genero humano, com os ensinos da religião, e com a historia do culto da Virgem.»

—

O sangue dos martyres corrêra por tres seculos, em todos os paizes do vasto imperio romano, até que Constantino, filho de Constancio Chloro e de Santa Helena, foi proclamado imperador, pelas legiões da Bretanha, depois da morte de seu pae, no anno 307 de J.-C.—mas não gosou em paz os primeiros annos do seu imperio.

Maximiano Hercules, que tinha abdicado, retoma o titulo de imperador. — Maxencio, seu filho, é proclamado em Roma. — Galerio, faz dar a púrpura a Licinio, e seis imperadores reinam simultaneamente.

Constantino, colligado com Licinio, triumpha de Maximiano, de Maxencio, e de Galerio, e fica, com Licinio, senhores de todo o imperio, em 313.

Os christãos, protegidos por Constantino, respiram por algum tempo; mas as divisões não tardam a apparecer entre os dois imperadores, e Licinio, por odio ao seu rival, se torna perseguidor implacavel dos christãos. A guerra se declara entre os dois imperadores, e Constantino aniquilla o exercito do seu contrario, em 323, junto á cidade de Adrianopoles, e manda pouco depois estrangular Licinio.

Constantino, tornado senhor de todo o imperio, abraça o christianismo, abolindo, por um decreto, o culto dos falsos deuses.

Depois de 30 annos de reinado, Contantino Magno morre em Nicomedia (Asia), no anno 1090 da fundação de Roma. (337 de Jesus-Christo.) [1]

Poucos annos de paz teve a egreja christan. Ainda em vida de Constantino, o heresiarcha *Ario*, fundou a seita dos *arianos*, que odiavam tanto os catholicos, como os proprios idolatras. Outras heresias rebentaram entre os christãos, mas o que sobretudo concorreu mais para novas perseguições, foi a apostasia do impio e cruel imperador Juliano.

Á Peninsula hispanica, distante como estava de Roma, chegaram menos as ultimas perseguições, e os christãos tinham aqui mais seguro abrigo; por isso, para cá fugiram muitos christãos do Oriente, no 4.º seculo.

Foi por este tempo, segundo a lenda, que o monge grego, Cyriaco, fugindo para Bethlem de Judá, levou comsigo a imagem da Virgem de Nazareth, e a deu a S. Jeronymo, que a mandou a Santo Agostinho, bispo de Hypponia, que estava na Africa; e este a mandou para o mosteiro hispanico de Cauliniana (a 12 kilometros de Merida), e foi aqui que lhe deram o titulo de *Nazareth*, por ter vindo da terra natal da Senhora.

> «Cavar pelas minas de fundas verdades,
> É nobre fadiga;
> Mas contos, contados de edades a edades,
> Tem força de encanto, que a todos obriga.»
> (Castilho—N. Sr.ª de Nazareth.)

—

Vamos pois saber como a imagem da Virgem de Nazareth, veio ter ás praias da Lusitania.

—

[1] Jesus-Christo nasceu no anno 753 da fundação de Roma.

«Em campos de Guadalete
Acabado se era o dia,
Co'o dia a grande batalha,
Co'a batalha a monarchia.»

(Idem.)

Egica, sobrinho do santo rei Wamba, e genro de Ervigio, seu antecessor, subiu ao throno dos gôdos, em 687.

Vitulo, conde de Galliza, ambicionando o throno, revoltou-se, mas foi aniquillado. O rei nomeia seu filho Witiza, soberano das terras rebeladas, ficando elle com o resto da Hespanha e com a Gallia Narboneza. Por sua morte (701) ficou Witiza senhor de todo o imperio gothico, e foi o Nero das Hespanhas. Permittiu a polygamia, negou a obediencia espiritual ao papa, arrazou as fortalezas do reino, [1] e foi um poço de vicios e um compendio de iniquidades.

Em 707, D. Rodrigo e seu irmão, Acosta, filhos do principe Theodofredo, expulsaram Witiza do throno, e o primeiro foi gostosamente acclamado rei, pelo povo, mas, bem de pressa egualou o seu antecessor, nos vicios mais escandalosos.

A nação, desmoralisada, desunida e debilitada por dois successivos reinados de ignominias, forjada traição do conde Julião e de seu irmão Oppas, bispo de Hispalis, e destruidas as fortalezas do reino, é este invadido, em 713, por Tarik, (ou Tarif) Aben-Zarca, á frente de um exercito de 12:000 homens — grande parte, de cavallaria.

D. Rodrigo, manda á pressa armar os povos, e deu o commando dos christãos a seu sobrinho, o principe D. Affonso; mas este é morto, logo no principio da batalha, e os godos são completamente desbaratados.

D. Rodrigo vae de Toledo accudir ás suas tropas, mas quando chegou, já os mouros, com os dois traidores e os seus, tinham passado o Estreito, carregados de ricos despojos.

O rei manda reparar as fortalezas e levantar tropas; mas Tarik e Julião não dão tempo a estes preparativos, e tornam a invadir a Hespanha, com um numerosissimo exercito.

D. Rodrigo foi ao seu encontro (nos campos de Guadalete) com um exercito ainda mais numeroso, mas composto de gente bisonha, mal armada e sem disciplina nem pratica da guerra.

Nunca na Peninsula se deu tamanha e tão cruente batalha, nem antes nem depois. Durou oito dias, e o rei e os seus obraram prodigios de valor e heroicidade; porem a disciplina e a superioridade das armas deram a victoria aos mouros, e a monarchia gothica deixou de existir.

D. Rodrigo, vendo a batalha e o reino perdidos, foge para Merida, vestido de pastor, e esconde-se no mosteiro de Cauliniana, dando-se só a conhecer ao seu abbade, Romano.

Chegára aqui só e a pé, porque o seu cavallo de batalha, Orelia, cahira morto de cansaço.

«Onde te vás, D. Rodrigo,
Tao só, com tanta agonia?

. . . .

Já váe a pé, do ginete
Que mais correr não podia:
Co'o saial de um pegureiro
Trocou galas que trazia.»

(Castilho — Nossa Senhora de Nazareth.)

Não se julgando ainda seguro no mosteiro, foge com o abbade Romano, em direcção ao O,, e só param na costa do Occeano, onde hoje é a villa da Pederneira.

Deserto fica o mosteiro
Mosteiro de Cauliana;
Peregrinos, rei e monge
Hão passado o Guadiana.

. . . .
. . . .

Encommendaram-se á Virgem,
Sua guia soberana,
E vão-se embrenhando ás cegas
Pela terra lusitana.»

(IDEM).

Romano trazia uma caixa com reliquias que Santo Agostinho mandára de Africa,

[1] Por conselho do seu grande valido, o traidor conde Julião (vide *Covilhan*) talvez já então, alliado secreto dos mouros.

para o mosteiro, e D. Rodrigo trazia a santa imagem da Senhora de Nazareth.

Durou esta jornada 26 dias, porque caminhavam por brejos, bosques e penedias, para se livrarem de encontros e de povoações, e chegaram aqui a 2 de novembro de 713.

Viram um monte, alto e escabroso, e subiram a elle. Chegando ao seu vertice, acharam uma sepultura com o symbolo da redempção, o que tiveram por bom agouro. [1]

Era o sitio asado para a penitencia e para a contemplação das cousas celestes; e pela sua aridez, não convidava a visitas de estranhos; pelo que resolveram viver n'este deserto.

Junto á cruz, collocaram a imagem da Senhora e o caixão das reliquias.

O leito dos dois anachorêtas era a terra pedregosa do monte, não tendo por cobertura mais do que as estrellas. Sustentavam-se de raizes, hervas e fructos silvestres, que vinham procurar ao sopé do monte, e de quatro pães de cevada, que um pastor lhes trazia todas as semanas; e a sua unica bebida era agua de uma pequena fonte que alli acharam.

Passados alguns dias, desejou D. Rodrigo viver só, em vista do que Romano se foi habitar outro monte que ficava fronteiro e quasi nas mesmas condições; e para lá levou a santa imagem e as reliquias, deixando só o crucifixo que tinham achado junto da sepultura.

Romano, na sua nova habitação, achou uma lapa entre rochedos, e alli, em um altar improvisado, collocou os objectos sagrados, mettendo dentro do caixão, um pergaminho com a historia da imagem, e da sua peregrinação desde a Grecia até alli.

Tinham os dois, certos signaes convencionados, pelos quaes se correspondiam, d'um para o outro monte. Poucos dias depois da separação, vendo D. Rodrigo que seu companheiro não correspondia aos signaes que lhe fazia, se foi ao monte Siano, e achou o abbade morto (23 de março de 716.)

D. Rodrigo o enterrou junto da lapa onde estava a Senhora.

—

A completa solidão d'este deserto, atterrou o infeliz monarcha, que fugiu d'este sitio; e a darmos credito á tradição e a alguns escriptores, foi terminar os seus dias a 10 leguas de Vizeu, em um sitio chamado então Fetal (3.º vol., pag. 161, col. 2.ª), sendo sepultado na egreja de S. Miguel. Consta que na campa se poz esta inscripção:

HIC REQUIESCIT RODERICUS, ULTIMOS REX GOTHORUM

Consta que, passados alguns seculos, foram seus ossos transportados para Castella.

—

Co'as mãos em vão sobre o abysmo,
Trepidar e descahir,
Ennovelar-se erriçado,
Pular a traz, refugir,
Um cavallo! e o bom Dom Fuas,
Que o arremeçára até alli,
Saltar por terra—clamando—
—«Por ti, Senhora—é por ti!»—
(Idem.)

—

Quatrocentos e sessenta e tres annos eram passados, desde que D. Rodrigo havia deixado o monte Siano, e que a imagem da Virgem jazia ignorada e só no seu asylo de rochedos.

Os sequazes de Mafoma já não dominavam ovantes e despoticos em toda a Peninsula; que os descendentes do immortal Pelaio e de seus valorosos capitães, desde as cavernas inaccessiveis de Covadonga, tinham levado triumphante o lábaro sagrado da cruz, até aos confins das Hespanhas, e palmo a palmo, á custa de sanguinolentas batalhas, tinham resgatado do poder dos infieis a maior parte da terra querida da patria.

—

Corria o anno 1179—o nosso primeiro rei, já septuagenario, mas com toda a bravura, com toda a robustez da juventude, traçava com o seu longo e pesado montante, novos

[1] Esta cruz e crucifixo, ainda se conservam na sacristia da egreja de S. Bartholomeu, que depois foi edificada no cume do monte que da egreja tomou o nome, e é onde vieram ter os peregrinos. Chamava-se então *monte Siano*.

limites a Portugal, e havia arremeçado os filhos do Islam para as margens extremas do Guadiana, vendo-se circumscriptos ao seu reino do *Al-Gharb*.

Ainda assim, não era em paz que os portuguezes se achavam senhores da terra resgatada da patria. Por muitas vezes, os kalifas de Córdova, os imperadores de Marrocos, e os reis de Sevilha, Badajoz, Silves e outros, invadiam o territorio christão, que só abandonavam depois de repetidas e obstinadas batalhas.

—

Foi por este tempo que uns pastores christãos, subindo ao alto do monte Siano, descobriram a imagem de Nossa Senhora de Nazareth, escondida na sua lapinha, e em breve esta noticia se divulgou por todos aquelles contornos.

—

Um dos mais queridos, dos mais extremados e dos mais destemidos cavalleiros de D. Affonso Henriques, era seu irmão natural, D. Fuas Roupinho, alcaide-mór de Porto de Mós. (Vide *Porto de Mós*.)

Teve elle tambem noticia do apparecimento, e, como então estavam os mouros encurralados nos seus dominios, costumava D. Fuas sahir muitas vezes á caça, pelas gandaras e mattos do *Camarção* (vol. 4.°, pag. 19, col. 1.ª) que fica entre Porto de Mós e o Oceano, e que eram muito abundantes de caça.

Instigado pela curiosidade, subiu ao alto do monte Siano, e viu então, entre dois grandes penedos, uma casinha ou cella, toscamente feita de pedra sêcca, e que denotava grande antiguidade. Descendo pela quebrada que se fazia entre os dois penedos, entrou na humilde lapa, onde viu, sobre um pequeno altar, a santa imagem da Virgem, que depois muitas vezes foi visitar.

—

Em 1181, Gamir, rei mouro de Merida (Extremadura hespanhola), vem pôr cêrco a Porto de Mós. Não consentia o animo do alcaide e a sua intrepidez legendaria, vêr-se encurralado pelas hostes agarenas; pelo que, uma noite, sáe do castello, e dá inopinadamente sobre os mouros, com tal valentia, que os pôz na maior confusão, julgando que todo o poder dos christãos vinha sobre elles, e se pozeram em fuga desordenada. Os portuguezes os perseguem e exterminam. Gamir, e alguns chefes principaes, são feitos prisioneiros, e os seus thesouros, e as grandes riquezas que haviam roubado aos christãos na sua passagem, cahem em poder do intrépido alcaide, que tudo vae a Coimbra depôr aos pés do rei; que o abraçou reconhecido, e lhe deu, para elle e seus soldados, grande parte dos despojos.

—

Corria o anno de 1182, e a 14 de setembro (dia em que a egreja celebra a exaltação da Santa Cruz), andava D. Fuas no seu exercicio favorito, da caça. Estava a manhan de nevoeiro cerrado, e o alcaide galopava vertiginosamente em seguimento de um grande veado, que se encaminhava para o mar. Sem vêr o imminente perigo, D. Fuas se achou na ultima ponta de um rochedo, de mais de 200 braças de altura, perpendicular sobre o Oceano.

Em tão terrifico perigo, e apenas a dois palmos da extremidade da rocha, e quasi dependurado sobre o abysmo, o cavalleiro invoca a protecção de Nossa Senhora de Nazareth, e o cavallo pára de repente, ficando tão firme como se fosse uma peça da mesma rocha, e assim salvou a Senhora, de uma morte horrivel, o cavalleiro christão.

As ferraduras dos pés do cavallo, ficaram impressas na rocha, e ainda lá se conserva este signal do milagre.

—

D. Fuas se dirigiu á capellinha do monte, a dar graças á Santissima Virgem, por se ter dignado obrar tamanho prodigio em seu favor, e lhe fez solemne promessa de erigir-lhe um templo.

Ficou n'este monte alguns dias, mandando vir de Leiria e de Porto de Mós, os pedreiros sufficientes para construirem a capella; á qual logo se deu principio.

Quando se demolia a antiga, acharam mettida entre as pedras do altar, uma caixinha, ou cofre, de madeira delgada, forrada de sêda, de um palmo de comprido, e dentro d'ella, reliquias de S. Bartholomeu, de S. Braz e

de outros santos — e um pergaminho em que se dava relação de como e em que tempo vieram alli ter aquellas reliquias e a imagem da Senhora; que é como já fica referido.

Fez-se brevemente uma capella de abobada, segundo a architectura d'aquelle tempo. E, sobre o mesmo logar em que a senhora estivera, e para ser vista de todas as partes, a deixaram aberta, com quatro arcos, que, com o andar dos tempos, se fecharam, para evitar os damnos que as chuvas e tempestades faziam dentro do templo.

A esta ermida se dá hoje o nome de *capella da memoria.*

Sobre os quatro arcos já referidos tem imagens, ou estatuas, de pedra. — No primeiro, a da Virgem — no segundo, a de S. Bartholomeu e S. Braz — no terceiro, a do rei D. Rodrigo, com a imagem da Senhora nos braços — e no quarto, a de um frade, com um cofre nas mãos. É o santo frei Romano.

Debaixo d'estes arcos, estava a lapa, ou gruta onde frei Romano collocou a santa imagem, e porque estava entulhada, desde quando se fez o pavimento da capella, o doutor frei Bernardo de Brito e outros devotos, a mandaram desentulhar, em 1600, fabricando lá em baixo, outra capellinha, figurando a lapa, onde a Senhora estivera perto de cinco seculos. Desce-se para esta capella subterranea, por uma escada, que está á direita de quem entra na egreja.

Suppõe-se que tambem n'esta lapa, enterrou D. Rodrigo a frei Romano, pois que se tem n'este logar achado alguns ossos humanos.

No arco que fica á direita, ao descer a referida escada, está uma inscripção gravada em uma pedra, composta (a inscripção) por frei Bernardo de Brito, segundo consta da sua *Monarchia Lusitana.* Foi mandada abrir, em marmore, pelo doutor Ruy Lourenço, então provedor da comarca de Leiria, e superintendente ou visitador d'esta capella. Diz assim:

SACRA VIRGINIS MARIAE VENERANDA IMAGO, A MONASTERIO CAULINIANO PROPRE EMERITAM, QUO GOTHORUM TEMPORE (Á NAZARETH TRANSLATA) MIRACULIS CLANERAT IN GENERALI HISPANIAE CLADE ANNO DNI. 714, Á ROMANO MONACHO, COMITE, UT FERTUR, RODERICO REGE AD HANC EXTREMAM ORBIS PARTEM ADDUCITUR, IN QUA DUM UNUS MORITUR, ALTER PROFISCICITUR PER 469. ANNOS INTER DUO HAEC PRAERUPTA SAXA SUB PARVO DELITUIT TUGURIO: DEINDE Á FUA ROPINIO, PORTUS MOLARUM DUCCE, ANNO DNI. 1182, (UT IPSE IN DONATIONE TESTATUR) INVENTA, DUM INCAUTE AGITATO EQUO FUGACEM, FITUMQUE FORTE INSEQUITUR CERVUM, AD ULTIMUMQUE IMMANIS HUJUS PRAECIPITY CUNEUM, JAM JAM RUITURUS ACCEDIT, NOMINE VIRGINIS INVOCATO, Á RUINA, ET MORTIS FAUCIBUS EREPTUS, HOC EI PRIUS DEDICAT SACELLUM: TANDEM Á FERDINANDO PORTUGALLIAE REGE, AD MAIUS ALIUD TEMPLUM, QUOD: PSE Á FUNDAMENTIS EREXERAT, TRANSFERTUR, ANNO DNI 1377. VIRGINI, ET PERPETUITATE, D. D. FR. B. D. B. EX VOTO.

—

Em frente d'esta, está outra inscripção, em portuguez, que é a traducção da antecedente, mas augmentada pelos irmãos.—Diz assim:

A sagrada e veneranda imagem da Virgem Maria, sendo trazida da cidade de Nazareth, resplandeceu em tempo dos gôdos, com milagres, no mosteiro de Cauliniana, junto á cidade de Meeida. Foi trazida a esta ultima parte do mundo, pelo monge Romano, sendo-lhe companhia el-rei D. Rodrigo, no anno de Christo 714, em que aconteceu a perda geral de Hespanha. E, como o monge morresse, e el-rei se partisse, ficou aqui escondida, em uma pequena choça, posta entre estes dois escabrozos penedos, por espaço de 463 annos. E sendo depois achada por D. Fuas Roupinho, capitão de Porto de Mós, no anno de 1182, como elle proprio testefica em sua doação, succedeu que arremeçando inconsideradamente o cavallo, no alcance d'um veado, que lhe fugia. e por ventura era fingido, e hindo já para cahir, na ultima ponta d'este despenhadeiro, invocando o nome da Virgem, foi livre da queda e mais da morte, e lhe dedicou esta primeira ermida. Finalmente, foi trasladada, por el-rei D. Fernando, de Portugal a esse outro templo maior,

que elle mandou levantar, desde os primeiros fundamentos. no anno de 1377. E o doutor, frei Bernardo de Brito, dedicou esta obra á Virgem e á eterna lembrança, por voto que tinha feito.

Até aqui é a traducção da inscripção latína—e diz mais:

Como consta da Monarchia Lusitana, *do mesmo frei Bernardo de Brito, 2.ª parte, fl. 391, e se acha conforme as tradições antigas, ser esta sacrosanta imagem da Virgem de Nazareth, obrada pelas mãos de S. José, na propria presença da mãe de Deus, e encarnada por S. Lucas; e que de Nazareth a trouxera Cyriaco, monge, a S. Jeronymo, a Belem, donde o dito santo a enviára a Santo Agostinho, a Africa, sendo bispo de Hipponia, e d'ahi, este santo bispo a enviou ao mosteiro cauliniano, do qual a trouxe Romano, na companhia de el-rei D. Rodrigo, ultimo dos gôdos, até áquelle monte de S. Bartholomeu, até então monte* Sião, *onde acharam aquelle milagroso crucifixo, que está na sacristia, e d'ahi a dias, para este logar, em que ficou debaixo da terra, os ditos 463 annos, em que appareceu ao tal cavalleiro, D. Fuas, no dito anno de 1182. O devoto que o letreiro traduziu, pede uma Ave Maria a esta Senhora de Nazareth. Anno de 1623.*

Collocada a Senhora na sua nova capella, teve logo grande concorrencia dos fieis, sendo dos primeiros, o rei D. Affonso Henriques, a quem D. Fuas tinha contado todo o acontecido. O rei, acompanhado de seu filho D. Sancho (depois I), e dos principaes da sua côrte, vieram visitar a Senhora.

Com auctorisação do rei, fez D. Fuas uma doação á Senhora, de certa extensão de terra, que é o sitio e limites em que a capella está fundada, e que então eram mattos bravos, e hoje areaes de somenos producção.

N'esta doação, que por extensa não copio, diz D. Fuas, ser governador de Porto de Mós e da terra de *Alvardos* até Leiria e Torres-Vedras [1] e termina assim:

«Para que nenhum homem de nossa nem de estranha geração contravenha a isto que fazemos, a qual cousa intentar, pague ao senhor da terra trezentos maravidis, e a carta todavia permaneça em seu vigor—e além d'isso, seja excommungado e em companhia do falso Judas experimente as penas infernaes.

Foi feito o processo d'este testamento, aos 10 de dezembro da era de Cesar, de 1220, que é do nascimento de Christo de 1182.»

—

A imagem esteve na capella que lhe edificou D. Fuas Roupinho, até 1377; sendo então trasladada para a sua actual egreja. Esta foi reedificada e ampliada pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II, irman do rei D. Manuel e filha do infante D. Fernando. O rei D. Manuel a cercou de alpendres. No anno de 1600 se lhe fez o pórtico com as escadas. No tempo de D. Affonso VI, se lhe fez uma capella-mór, de boa e custosa fabrica, e com um retabulo de elegante esculptura, tudo feito á custa dos rendimentos da sua confraria, e esmolas dos fieis.

—

No dia 3 de junho de 1873, cahiu sobre a Nazareth uma chuva torrencial (que durou desde as 11 horas da manhã, até ás 3 da tarde) acompanhada de uma horrorosa trovoada, que atterrou todos os habitantes de Nazareth, e causou enormes prejuizos.

A agua arrebatou dos montes proximos enorme quantidade de areia, pela estrada ha pouco construida, a qual destruiu quantas casas encontrou na sua impetuosa corrente;—algumas casas ficaram enterradas até aos telhados, pelos quaes só poderam sair os desgraçados que as habitavam. A casa da escola ficou bastante damnificada e innundada.

Uma pobre mulher ficou ferida n'um braço, por uma faisca electrica.

Até ao dia 5 ainda ali não tinha apparecido auctoridade alguma do concelho.

—

Á infeliz povoação da praia da Nazareth não ha desgraça que lhe não tenha sobrevindo n'estes ultimos annos e parece ameaçada de completa destruição.

A parte do caminho de ferro americano, proximo á Martingança, tambem foi destrui-

[1] Os que quizerem ler esta doação na sua integra, vejam *Sanctuario Marianno*, tom. 2.º, pag. 169.

da, a tal ponto, que não poude funccionar por muito tempo.

—

Havia aqui uma praça de touros, velha e mal construida.

Durante as festas do anno de 1874, houve aqui duas touradas; a 1.ª a 8 de setembro e a 2.ª a 10, ambas concorridissimas.

Á meia hora do dia 11, poucas horas depois da tourada, se manifestou um pavoroso incendio na praça. Apesar de todos os esforços e soccorros, das auctoridades civis e administrativas e de um concurso inumeravel de povo, ás duas horas, estava toda a praça reduzida a cinzas.

Disse-se que o fogo foi lançado de proposito; mas parece mais provavel que fosse casual.

Um correspondente do *Diario Illustrado*, descreve assim este incendio:

Leiria, 14 (de setembro de 1874).—Posso hoje dar alguns pormenores ácerca do incendio da praça dos touros do sitio da Nazareth, de que já mandei a noticia.

O fogo manifestou-se com grande intensidade meia hora depois da meia noite de sexta para sabbado ultimo: ao local do sinistro correu, logo que d'elle soube, o sr. governador civil d'este districto, Peito de Carvalho, com aquella assiduidade e dedicação que lhe são proprias, bem como as auctoridades que alli se achavam, a força de caçadores 6 e lanceiros, e os policias civis que alli estavam destacados.

O incendio apresentava um aspecto imponente e atterrador! as chammas azuladas, lambendo rapidamente o taboado, o estalido da madeira candente, o estrondo das vigas e barrotes que desabavam, as faulhas impellidas pelo rijo vento norte que soprava caíam sobre os telhados das casas, chegando algumas a ir parar ao largo da madeira na praia, o immenso clarão que alumiava esta e o mar, produziam, a ponto de parecer de dia, era um espectaculo tão terrivel e assustador, que fazia trepidar os mais corajosos.

Ás acertadas, energicas e promptas providencias mandadas adoptar pelo sr. governador civil, se deve com certeza não ter sido pasto das chammas a maior parte, se não todos os predios do sitio da Nazareth, cuja população, pusilanime e cheia de panico, não trabalhava para atalhar o incendio, ou para obstar a que elle se communicasse aos predios, desabafando apenas em gritos desentoados, os seus receios e os seus sustos.

Por outro lado a maior parte dos romeiros fugiam atterrorisados e em tropel para a praia, levando comsigo o que podiam.

Sem agua, á mingua de todos os recursos, impossivel seria atalhar o fogo se se communicasse aos edificios, os quaes ficariam reduzidos a cinzas, assim como ficou a praça de touros.

O sr. governador civil no dia seguinte mandou dar uma ração de vinho a toda a força armada e aos policias, que prestaram relevantes serviços na occasião do incendio.

Diz-se que o sr. governador civil vae mandar reedificar a praça dos touros, mas com mais segurança, fazendo-se toda de pedra e cal, pois que só o era até á altura dos camarotes:—assim deve ser, porque as touradas são motivo de maior concorrencia áquelle grande arraial.

Parece que os arrematantes da praça requereram, ou vão requerer ao sr. governador civil para se lhes fazer o abatimento da terça parte no preço da arrematação; o que é de equidade, porque tendo arrematado a praça por tres tardes, ficaram prejudicados, não tendo dado a corrida de sabbado, por causa do incendio.

Diz-se que o fogo não foi casual, mas lançado de proposito.

As festas correram placidas e animadas, não havendo a minima desordem, nem um roubo, apesar de ser a concorrencia tão grande, que não ha memoria ha muitos annos de se ver alli tanta gente.

A tourada do dia 10 foi magnifica e a enchente a deitar fóra.

A companhia que representou no theatro era muito rasoavel, e desempenhou a *Morgadinha de Val Flor*, com agrado do publico, tendo tambem boas enchentes, e reinando alli boa ordem, o que ha muitos annos se não vê.

A força de lanceiros e caçadores 6, e os policias civis prestaram excellente serviço.»

—

Em novembro de 1874, subíu á analyse e approvação da junta consultiva de obras publicas os desenhos, projectos e orçamentos do hospital que vae fundar-se no sitio da Nazareth e que acabam de ser remettidos ao governo pelo sr. governador civil de Leiria, e foram elaborados pelo 1.º engenheiro o sr. Jayme Augusto da Silva. O orçamento d'esta util e humanitaria obra é de 3:800$000 réis. O edificio terá 40 metros de extensão por 10,60 metros de largo, além de duas casas nas faces posteriores dos topos. Terá 8 janellas de frente e uma porta ao centro. Formar-se-hão duas grandes enfermarias de 9m,20 de comprido por 8m,40 de largo, e duas mais pequenas de 5m por 4m de largo. Haverá tambem quartos particulares e casas para banco, cozinha, lavanderia, banhos, arrecadações e habitação de empregados. Serão attendidas todas as condições de salubridade e commodidade para enfermos.

—

Desde janeiro até abril de 1875, construiram-se na praia da Nazareth, mais de vinte predios, para residencia dos banhistas, e estão já outros concluidos (agosto) e alguns ainda em construcção.

—

Em agosto de 1875, concluiu-se a construcção da nova praça de touros, em melhores condições do que a antiga.

—

Na *Correspondencia de Coimbra*, n.º 2, do 4.º anno (16 de maio de 1875), se lê o seguinte:

Antigos e modernos impostos do pescado

Os pescadores da praia da Nazareth pagavam até 1833 os seguintes impostos:

Aos frades bernardos, do convento de Santa Maria de Alcobaça, 1 peixe de cada 20 que colhiam, ou 1$000 réis por cada 20$000 rs. do seu producto; ao estado, 1 peixe por cada 22, ou 1$000 réis por cada 22$000 réis; á collegiada da villa da Pederneira, 1 peixe por cada 15 que colhessem, ou 1$000 réis por cada 15$000 réis do seu producto; e á Misericordia, em virtude de um contracto feito entre elles e os vogaes d'esta corporação, a terça parte do peixe (ou do seu producto) que colhiam aos domingos e dias santos, e nos dias de semana 200 réis por cada 4$000 réis do producto do peixe, e d'ahi para cima sempre a mesma quantia de 200 réis; não chegando, porém, o producto a 4$000 réis, não pagavam. A Misericordia dava parte d'esses lucros, isto é, sómente metade do terço das pescarias colhidas aos domingos e dias santos, á confraria do Santissimo.

Actualmente pagam os pescadores para o thesouro publico o modico imposto de 6 % sobre o producto de suas pescarias, liquido de 10 %, que a lei manda deduzir para caldeiradas e comedorias; e sobre os 6 % são lançados mais 5 % addicionaes, e 5 % para viação. Estes impostos são lançados sobre o producto do peixe vendido diariamente até ao fim do mez, e pagos pontualmente no mez immediato áquelle a que dizem respeito.

—

Em o n.º 124 do semanario lisbonense — *O Catholico* — vem o seguinte

COMMUNICADO

A natureza, que é prodiga ordinariamente para com todas as povoações, parece ser mesquinha para com a pobre povoação da Praia da Nazareth; esta conserva-se sempre no estado de abatimento, apathica e triste; e e se em agosto, setembro e outubro, se apresenta risonha e alegre, revestindo-se de todas as commodidades, para as offerecerem aos banhistas, que em numerosa quantidade affluem áquella Praia, passados alguns dias, ella volta ao seu antigo estado. A praia é victima periodicamente de vendavaes, tempestades e cyclones.

Foi este ultimo, que nos dias 22 e 23 de maio (1875) se observou espantoso e terrivel, não só no mar, mas tambem na terra; o mar encapellado parecia querer submergir em seu seio a povoação inteira; na terra não era menos o susto e pavor que se patenteava, mormente na classe dos pescadores, que constituem a maioria d'aquella população. Etc.

NÉBIS—antigo nome do rio *Neiva.* (Vide *Neiva.*)

NECESSIDADES (Nossa Senhora das) — Tres kilometros ao E. da villa de Abrantes (Vol. 1.º, pag. 15, col. 2.ª) está o Sanctuario de Nossa Senhora das Necessidades, fundado em 1620, por João Pereira de Bettencourt, que tambem então instituiu junto ao Sanctuario, um vinculo, em uma quinta de recreio, vasta e rendosa que aqui possuia.

É esta ermida de muito linda architectura, quadrada, com quatro arcos sobre que assenta uma abobada em meia laranja. Tem um bonito alpendre, e casas para aposento dos romeiros. Estas casas ficam sobre a egreja e sachristia, com umas escadas de pedra que dão serventia para a egreja; e para fóra, sobre as casas, uma torre com janellas para todas as partes, e das quaes se gosa um formoso panorama.

A uns 150 metros da capella, ha um bonito cruzeiro, onde principiam as novenas dos romeiros.

Teve por 200 annos um eremitão, que cuidava do aceio da capella e das imagens, mas já ha muitos annos que deixou de o ter.

—

A um kilometro, tambem a E. d'Abrantes, e no caminho que vae para o Sanctuario antecedente, está o logar de *Alferrára de Cima,* [1] e n'elle se vê a capella de *Nossa Senhora do Bom-successo,* sanctuario de grande devoção e concorrencia da villa.

Está esta capella no pateo de uma quinta, e unida ás casas d'ella, e é de bonita architectura, e de abobada.

Da fundação d'esta ermida, só se sabe que um cavalheiro d'Abrantes, chamado Miguel d'Almeida, instituiu um vinculo, fazendo esta quinta cabeça do mesmo, pelos annos de 1610.

Por morte do instituidor, lhe succedeu seu filho, João d'Almeida, e a este, o desembargador Gaspar d'Almeida, que a possuia em 1720. Hoje é dos seus successores.

NECROPOLIS (palavra grega, composta, que significa *cidade dos mortos*)—A pag. 91, do 6.º *Boletim, da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes,* vem um artigo do digno presidente da mesma Real Associação, o sr. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, que, por curiosissimo passo a transcrever—é o seguinte:

«Não se ignora o costume dos antigos romanos, com respeito ás sepulturas dos seus finados—já sendo os cadaveres enterrados no seu estado natural, como no tempo da republica—já reduzidos a cinzas, como no tempo do imperio: assim como a veneração que elles como os povos da mais remota antiguidade consagravam aos mortos; costumando os romanos sepultal-os fóra das portas das suas cidades, em magnificos túmulos, com que ornavam as sahidas das estradas, e entre ellas a *Via Appia,* em Roma, na extensão de quinze milhas, annunciando esses sepulchros, a grandeza da cidade mais poderosa do mundo—indicando as inscripções d'esses monumentos a serie de heroes que a haviam illustrado, e grangeado a admiração dos outros povos, seus contemporaneos; pois que, quer d'um modo, quer d'outro, sempre estavam juntos aos despojos mortaes que ellas encerravam, differentes objectos que haviam pertencido ao fallecido, e que elle tinha estimado mais, durante a sua existencia.

Tambem os romanos escolhiam, nos paizes onde dominaram, para os seus cemiterios, logares que ficassem situados nas vertentes das collinas, do lado do poente; tendo-se confirmado esta disposição, pelas descobertas feitas nas necrópolis da Allemanha, França, Hespanha, e agora, no nosso sólo.

Em Portugal ainda não se tinha achado necrópolis pertencente a uma grande povoação, muito embora se tivessem feito em diversas localidades descobertas parciaes de sepulturas romanas, e nas quaes se encontravam egualmente objectos que caracterisam a sua origem e praticas do seu rito; porém, no mez de maio, do anno findo (1874) em *Alcacer do Sal* (antiga Salacia) na propriedade do sr. Antonio de Faria Gentil, querendo-se nivelar um terreno, occupado por um olival, afim de se estabelecer um calçadouro para uma eira, removendo se a terra necessaria, para tornar a superficie hori-

[1] *Alferrara* é corrupção da palavra arabe *Alfarase,* que significa *cavalleiro,* derivado de *faras*—cavallo.

sontal, se descobriu, na profundidade de 25 centimetros, freios de ferro e folhas de espadas, outras com punhos de bronze, cinzelados, fibulas de bronze, vasos lacrimatorios, lampadas mortuarias de barro, moedas, etc., etc. Mas, o que causou bastante surpreza, e muito mais augmentou a admiração, foi encontrar-se entre esses objectos, um retrato, em argilla, coberto de estuque colorido, de toda a perfeição, além de quatro urnas, de diversas grandezas, no estylo etrusco, contendo cinzas.

Serviam-se os romanos de varias materias para a fabricação das suas urnas—de crystal, de marmore, de barro e mesmo de metal, conforme a cathegoria e a fortuna do fallecido; mas não se havia ainda descoberto, em parte alguma, nas suas necrópolis, urna de semelhante qualidade, d'aquellas que foram achadas em Alcacer do Sal, e da época de Claudio, conforme indica a moeda que encontraram junto d'ellas.

O achado de uma mascara e a execução d'esse trabalho, eram casos raros e tambem dignos de occupar a séria attenção dos archeologos de todos os paizes.

E' verdade terem os romanos a particularidade de mandar tirar mascaras em cêra, dos finados, para estarem patentes no perystilo de suas habitações, na occasião dos enterramentos, para serem depois conservadas pelos parentes dos finados; e, não obstante esse costume, todavia, são rarissimas as que se tem descoberto na Italia. D'esse facto se comprehende qual será a importancia de semelhante achado, feito no nosso paiz: portanto, tivemos sem demora o cuidado de participar aos sabios estrangeiros, os mais notaveis da sciencia, pedindo-lhes a sua opinião a este respeito, para se explicar este singular descobrimento.

Infelizmente, os trabalhadores, quebraram duas d'estas urnas; porém a maior, a mais bem conservada, da qual a estampa n.° 10 do presente numero, dá perfeita ideia das pinturas que a ornam, na grandeza do original, mostrando-se na composição do assumpto, o destino da urna, conforme o que se praticava nas ceremonias funebres, na Etruria. Esta urna tem 0m,25 d'alto, e o contorno com 0m,51. Na face principal, está representada uma mulher, segurando um braseiro, havendo dois mancebos, um de cada lado, munidos de grandes espetos, na acção de assarem carne—alludindo á derradeira refeição. Por detraz d'elles, um ancião, com a mão esquerda sobre o coração, indicando, com o braço direito estendido, uma arvore que fica em face d'elle, a que um homem, no vigor da vida, arranca uma folha—evidente representação da immensa dôr que causa a perda de um membro da familia, que está symbolisado na folha arrancada da arvore. A representação da scena, do lado opposto d'esta urna, posto que a côr enegrecida do fundo desapparecesse, por causa da humidade do terreno, todavia, ainda se descobre um pouco o contorno de tres figuras de que se compunha a pintura—constando de dois guerreiros nus—um d'elles, tem sobre a cabeça um capuz, com duas palas, cahidas sobre os hombros—o outro, com a cabeça descoberta, mas apresentando uma cauda de cavallo, na extremidade da espinha dorsal.—Entre elles ha uma mulher, sustendo na mão esquerda um escudo oval, e parece proteger com elle o guerreiro que tem o capuz, em quanto com o braço direito levantado, quer evitar que o outro combatente ataque com a lança o seu adversario.

Nota-se a differença entre os dois athletas, para indicar, serem de raças diversas—sendo as scenas d'esta natureza representadas nas urnas etruscas, de encineração, para significar que a nossa existencia é sempre uma lucta constante, e sómente a morte lhe põe termo; como mostra a interrupção do combate, pela attitude da figura que faz cessar a contenda, porque se finou um ser.

Os romanos serviam-se de artistas gregos, para lhes fabricarem urnas; porém, as suas pinturas, representavam scenas menos sanguinolentas, emquanto que as pertencentes aos etruscos, eram sempre compostas de combates, alem de que a época em que o fundo das pinturas não era a propria côr da argilla, mas sim preto, corresponde ao maior desenvolvimento da arte grega: todavia, será mais difficil explicar, como no tempo do imperador Claudio se teriam servido

d'esta qualidade de urnas, nas ceremonias funerias, e isso na antiga Lusitania.

Os archeologos mais felizes e mais competentes, resolverão esta singularidade, elucidando com o seu saber, tão extraordinario descobrimento.»

NÊGRA e **NÊGRAS**—eram appellidos nobres em Portugal. Estas familias tinham por armas—em campo de prata, tres flôres de liz, azues, em roquête—chefe de púrpura, carregado de quatro girões de prata. Elmo d'aço aberto, e por timbre uma das flôres de liz das armas. Estes appellidos estão hoje extinctos.

NEGRÊDA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Cellas apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Cellas.

NEGREIROS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil. Muito gado.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 360$000 réis de rendimento.

Vive n'esta freguezia (agosto de 1875) *João Nevoeiro*, que nasceu em 1752!—Sua mulher tem mais de 80 annos. Estão ambos no goso de todas as suas faculdades intellectuaes, e percorrem a freguezia, esmolando o sustento diario.

Negreiros é appellido nobre d'este reino. Traz por armas escudo esquartellado—no 1.º e 4.º, coticado em palla d'ouro e azul, de seis peças—no 2.º e 3.º, escaquellado de ouro e azul, de seis peças em faxa e seis em palla. Elmo d'aço aberto, e por timbre, meio leão, azul, carregado de trez pallas d'ouro.

NEGRÉLLOS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros a S. O. de Braga, 315 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 147 fogos.

Orago, S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas e cria muito gado, sobretudo bovino, que exporta. (Vide a freg.ª seguinte.)

Á parte E. d'esta freguezia se dá vulgarmente o nome de *Negrellos;* e á O. o de *Barreiro*.

A egreja matriz, está no alto de uma collina, avistando-se d'aqui quasi toda a freguezia.

Em frente d'ella, a pequena distancia, está a capella de S. Roque, que serve de *cruzeiro*, onde vão as procissões da freguezia. Vêem-se d'este sitio as freguezias de Roriz, S. Martinho do Campo, S. Salvador do Campo, Moreira, Lórdêllo, e outras—e os montes da Falpêrra e Sameiro, junto á cidade de Braga, além de outros menores.

Ha n'esta freguezia mais duas capellas particulares—uma na casa da *Lage*, e outra na chamada mesmo *da Capella*.

Havia outra capella, junto á quinta de Bougado, mas está abandonada, tendo só as paredes e o tecto.

Na quinta de Bougado, ha um bonito palacete, mandado edificar por Manuel de Meirelles, que o não chegou a concluir. Hoje está bastante arruinado.

Em um quarto d'este edificio, estão as mumias que se diz serem de S. Theodoro e de S. Vicente. Estão em máu estado de conservação, por falta de cuidado. Consta que foram mandadas de Roma ao tal Manuel de Meirelles, por um alto personagem romano, para uma capella que elle tencionava alli edificar, e que apenas ficou em projecto.

—

Na parte da freguezia denominada *Negréllos*, ha tres principaes nascentes d'agua—duas das quaes vem do monte das *Regadas*—e todas juntas formam um ribeiro, que réga e móe.

Pela parte da freguezia denominada *Barreiro*, passa um ribeiro, que nasce na freguezia de *Codêços*. Réga e móe.

Juntam-se ambos na freguezia de S. Martinho do Campo, e vão desaguar na margem direita do *Visélla*, com o nome de ribeiro de Fundêlho.

—

Perto da casa da residencia do parocho, ha um bello chafariz, mandado fazer, em 1820, pelo abbade Domingos José Cibrão. Lança agua, por tres bicas, em um bom tanque; tendo em frente outra bica que lança agua em um tanque pequeno. Cada um dos tanques, tem dos lados dois assentos de pedra.

É muito bem construido e *pintado*, e tem em um nicho envidraçado, uma linda imagem de S. Domingos.

—

A E. da freguezia (na parte de Negréllos, propriamente dita) ha um logar chamado *Santo-Sidro* (corrupção de *Santo Isidro* ou Isidoro), e diz-se que era aqui o assento da primitiva egreja matriz, cujo orago era Santo Isidoro. Ainda aqui se vê, proximo a um olival, uma pedra levantada, cuja face superior tem uma pequena cavidade quadrangular, que se diz ter sido o pé da pia baptismal.

Junto a uma casa que aqui ha, está servindo de capa a um cano de esgôto, uma pequena pia, que dizem ter sido a pia da agua benta. N'esta mesma casa, ha uma imagem antiga, de Santo Isidoro, toscamente esculpida em gêsso. Tem uma grande cavidade nas costas, porque o povo lhe tira o gêsso para beber misturado com vinho, crendo ser um efficaz remedio para a cura das *maleitas*.

—

Consta que Negréllos foi villa, e que d'ella tomára o nome, a *ponte de Negréllos*, sobre o Visélla, por ser o caminho para esta freguezia.

NEGRÉLLOS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, immediata á antecedente, e ás mesmas distancias de Braga e de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago, S. Thomé, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

Foi villa e couto. Foi do antigo julgado de Refojos de Riba d'Ave: depois formou concelho proprio, com as freguezias de S. Martinho, S. Salvador do Campo, S. Miguel do Couto, Monte Córdova, S. Mamede de Negréllos, Rebordãos, Refojos de Riba d'Ave, Roriz, e Villarinho. Foi supprimido em 24 de outubro de 1855, passando todas estas dez freguezias para o concelho de Santo Thyrso.

Tambem então foram supprimidos os julgados de Bouças, Gondomar, Maia, Vallongo, e Villa Nova de Gaia, que foram formar parte das comarcas do Porto.

As mesmas producções da freguezia antecedente.

É visconde de Negréllos, o sr. Manuel Maria da Costa Alpoim, filho do sr. Francisco Manuel da Costa, visconde de Montariol.

Alpoim é um appellido nobre d'este reino, e o brazão d'armas d'esta familia é—em campo de prata, cinco flôres de liz, d'ouro, em aspa. Cérca o escudo a legenda—NOTRE DAME DE PUY — Timbre — uma aden da sua côr, com os pés de púrpura e bico d'ouro.

O desembargador do paço, Diogo Lopes de Carvalho, instituiu o morgado d'esta freguezia e couto, e do couto de Abbadim. Seu sobrinho, o doutor Gaspar de Carvalho, chanceller-mór do reino, testamenteiro de D. João III, edificou, com soberbas madeiras de ébano, que aquelle rei lhe deu, os seus famosos paços, com grande torre ornada de ameias, na cidade de Guimarães.

D'esta familia foi um dos illustres progenitores, Affonso Lourenço de Carvalho, cavalleiro, que fez com que D. João I conquistasse Guimarães, quando estava em poder dos castelhanos, em 1385.

Não menos illustre foi o doutor Diogo Affonso de Carvalho, corregedor das provincias d'Entre Douro e Minho, e Traz-os-Montes, e

desembargador do paço, no reinado de D. Affonso V.

—

Ha aqui uma magnifica fabrica de fiação d'algodão, na margem esquerda do rio Viséllа, cuja agua lhe serve de motor.

Passa pela freguezia o ribeiro do *Fôjo*, que réga, móe e faz mover um lagar de azeite. Nasce em um monte d'esta freguezia, junto á de Monte-Córdova, e desagúa na esquerda do Viséllа.

Passa por aqui a estrada á mac-adam, que do Porto vae a Guimarães, assim como a municipal, em construcção (agosto de 1875), que vae ao concelho de Paços de Ferreira.

No monte do *Crasto*, ao S. da freguezia, ha vestigios de fortificações antiquissimas.

Ha n'esta freguezia duas capellas particulares—uma na casa de *Sequeiros*—outra na do *Outeiro* — e uma publica, junto á *ponte velha*.

Em um cabêço, chamado *Alto de Santa Margarida*, consta que houve outra capella, cuja padroeira deu o nome ao monte.

—

No corpo da egreja matriz, do lado da Epistola, está a capella do Santissimo Sacramento. É toda de abobada de pedra, bem lavrada, tendo exteriormente um portico, ou alpendre, sustentado por sete columnas, com seus capiteis lavrados.

Na frente tem um escudo d'armas, com tres torres, sendo a do meio mais elevada, e tendo de cada lado uma serpe enrolada em uma arvore.

Tem esta capella duas alampadas — uma sustentada pela confraria do Santissimo Sacramento—outra pela *casa do Paço* (dos srs. condes de Cavalleiros, que tem bastantes propriedades n'esta freguezia).

NEGRÉLLOS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Esta freguezia foi supprimida, no tempo dos jesuitas, e annexada á de Róriz; menos alguns fogos, que ficaram pertencendo á freguezia de S. Mamede de Negréllos. Ainda dois fogos d'esta ultima freguezia, e que foram da de Santa Maria de Negréllos, pagam a *offerta* ao parocho de Róriz e não ao de S. Mamede, que é o seu verdadeiro parocho.

Na egreja que foi matriz, ha uma linda imagem (de róca) da Santissima Virgem, e á qual se faz uma boa festa e romaria, a 15 d'agosto.

Ainda conserva a pia baptismal, e n'ella a seguinte inscripção:

1565.
A. ALZ.
CVRA.

NEGRILHOS — freguezia, Alemtejo. Vide *S. João dos Negrilhos*, a pag. 414, col. 1.ª, do 3.º vol.

Negrilhos é appelido nobre em Portugal, vindo de Hespanha. Não se sabe quem o trouxe a este reino. Os Negrilhos teem por armas—em campo azul, banda de púrpura, filetada de ouro, carregada de seis cruzêtas do mesmo, entre quatro flôres de liz, de ouro, duas de cada lado.

NEGRINHA—A *negrinha* é uma insignia do mordomo-mór da casa real portugueza, com a qual assiste a todos os actos publicos da côrte.

No reinado de D. Affonso V, pelos annos de 1442, vieram os primeiros negros trazidos de Guiné a Portugal, por Antão Gonçalves, criado do infante D. Henrique; e pelos annos de 1448 tambem vieram a Portugal, da costa do sul de Cabo Verde, os primeiros dentes de elephante.

Desde então, Affonso V ordenou a Alvaro de Souza, senhor de Miranda, e seu mordomo-mór, que usasse de uma bengalla de marfim, tendo por castão uma cabeça negra, em todos os actos publicos da côrte, como para indicar o seu novo dominio n'aquellas partes do mundo.

NEGRÕES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mont'Alegre, 70 kilometros a N. E. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de S. Vicente da Chan, apresentava o vigario, collado, que tinha 120$000 réis de rendimento.

Esta freguezia, assim como Morgade, e o logar de Codeçoso (freguezia de Meixido) era antigamente annexa á de S. Vicente da Chan, e formava tudo uma commenda, que foi primeiro dos templarios, e depois, das freiras de Santa Clara (franciscanas) de Villa do Conde. Rendia esta commenda réis 1:400$000.

(Vide *Chan*—S. Vicente da).

Negrão, é appellido nobre em Portugal. Vide *Ancêde*, vol. 1.º, pag. 205, col. 1.ª

NEGROS ou **A DOS NEGROS**—(antigamente—*Dados-Negros*, que é como está no *Port. Sacr. e Prof.*) freguezia, Extremadura, concelho de Obidos, comarca das Caldas da Rainha, 80 kilometros ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757, tinha 122 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

O povo apresentava o cura, que tinha 90 alqueires de trigo, 30 de cevada e duas pipas de vinho.

Nêgro é appellido nobre n'este reino. Consta que procede de *Cecillio Nêgro*, intrepido capitão lusitano, que viveu entre os annos do mundo 3944 e 3984, isto é, entre 60 e 20 antes de Jesus Christo.

Os *Nêgros* trazem por armas—as mesmas dos *Negreiros*, com a differença no timbre, que o dos Negros é um braço de nêgro, pegando em uma *palla* ou *bastão* de ouro.

—

Havia tambem em Portugal o appellido nobre da *Negrôna* e *Negrôno*, procedente de Génova, sem se saber quem o trouxe a este reino. Traziam por armas—em campo de prata, tres pallas de negro—e outros do mesmo appellido usavam das mesmas armas, mas o campo, em vez de ser de prata, era de ouro. Elmo de aço, aberto, e por timbre meio leão de ouro, carregado das tres pallas de negro, das armas.

NEIVA—rio, Minho, (o *Nebis* dos romanos). Nasce no termo da villa da Barca, e, tendo atravessado parte da provincia do Minho, desagúa no Oceano, na freguezia de *Castello de Neiva* (vol. 2.º, pag. 182, col. 1.ª *in fine*), 12 kilometros ao N. de Fão e Espózende, e proximo do mosteiro benedictino de S. Romão de Neiva.

Rézende (*Antiquitatibus Lusitaniae*, Livro 2.º, §. *de flumin)* fundado no que escreveram Pomponio Mella e Ptolomeu, diz que este rio deu o nome á cidade de *Nébis*, e a uma ponte, que o Itinerario de Antonino Pio sitúa sobre a via militar romana, que de Braga hia para Astorga, pelo litoral. Não ha o minimo vestigio d'esta ponte, e parece que Rézende se enganou com a indicação *Ad pontem Neviae*, que é na Galliza, a uns 2 kilometros ao N. de Lugo.

Junto á ponte de *Anhel*, que atravessa o Neiva, se levanta o alto monte de *Lousado*. No seu cume, houve uma povoação, que se diz ter sido uma cidade romana (a tal *Nebis?)* Ainda d'ella ha vestigios, e muitos mais haveria, se o povo não tivesse tirado d'aqui a pedra, para varias construcções.

Fortificavam esta cidade, dois muros, cujos alicerces ainda se divisam. O 1.º tinha 1 kilometro de circumferencia, e o 2.º, que era o interior, tinha de circumferencia uns 300 metros.

No archivo da Sé de Braga, existe um documento, contando a divisão que se fez da provincia de Entre Douro e Minho, em doze condados, no reinado de D. Fernando Magno (de 1036 a 1067) e falla d'esta cidade, mas não a nomeia — diz — *Ad radices montis Pandi, et Lupatis ad frigidam fontem juxta Civitatem magnam, quae ibi destructa jacet á Mauris.*

—

Na freguezia de *Aguiar*, comarca e concelho de Barcellos (vol. 1.º, pag. 37, col. 1.ª) fallei na celebre *torre* ou *castello de Aguiar do Neiva.*

Darei aqui mais alguns esclarecimentos com respeito a esta fortaleza, que estava edificada entre o rio Neiva e o Lima, 8 kilometros ao S. de Vianna.

Consta que este castello foi fundado pelos gregos, que lhe deram o nome de *Nevis*,

no anno do mundo 2632—1372 antes de Jesus Christo (!)

O rei D. Fernando, fez conde de Neiva (S. Romão de) a seu cunhado, D. Gonçalo Tello de Menezes. D. João I lhe tirou o condado, encorporando as suas rendas ao condado de Barcellos, que depois passou a ser da casa de Bragança.

Em um penhasco sobranceiro ao mar, perto da foz do Neiva, estão as ruinas do tal castello grego, que foi uma fortaleza inexpugnavel na antiguidade.

—

A foz d'este rio é tão estreita e tão erriçada de rochedos, de ambos os lados, que n'ella só entram barcos pequenos. Entram porém muitas lampreias, *rêlhos*, trutas, bógas, escalos, etc. Tambem aqui se pescam bastantes lagostas, *navalheiras* e outros mariscos.

Ha n'este rio muitas azenhas.

Em uma doação, feita por *Affonso Nantes Miris* á Sé de Braga, na era 1111 (1073 de Jesus Christo) e que existe no livro *Fidei*— entre outras propriedades, deixa umas herdades *na margem do rio Neivola, com o seu Lavigal*—«Cum suo Lavigale.» [1]

Isto leva nos a suppor que tambem antigamente se deu ao rio Neiva o nome de *Neivola.*

NEIVA — freguezia, Minho, concelho, comarca, districto admnistrativo, e proximo a Vianna, 30 kilometros a O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago S. Romão. Arcebispado de Braga.

O abbade do mosteiro benedictino do mosteiro de S. Romão, d'esta freguezia, apresentava o vigario triennal, que era um monge do mesmo mosteiro, que tinha 30$000 reis e o pé d'altar.

Para o condado de Neiva (dos Tellos de Menezes) vide *Neiva*, rio.

Esta freguezia está situada em uma espaçosa planicie, nas margens do rio que lhe dá o nome.

Diz-se que esta povoação foi fundada pelos gregos, quando edificaram o castello do Neiva. (Artigo antecedente.)

É terra fertil em todos os generos do paiz, e abundante de peixe do mar e do rio; e nos seus montes ha muita caça, do chão e do ar.

—

É natural d'esta freguezia, o beato frei João da Ascenção, vulgarmente — *padre-mestre frei João de Neiva.* (Vide Braga, a pag. 473 e seguintes, do vol. 1.º

—

Foi conde de Neiva, de Ourem, de Barcellos, de Arrayolos e de Penafiel — marquez de Villa Viçosa — duque de Bragança (o 3.º) e de Guimarães, e *senhor de trinta villas*, D. Fernando, o II do nome no ducado de Bragança. Era o maior senhor das Hespanhas, depois dos reis.

Ás suas immensas riquezas, e ao seu nobilissimo nascimento, juntava todas as qualidades de um cavalheiro perfeito, de um esmerado cortezão e de um guerreiro intrepido.

Serviu com grande valor ao nosso D. Affonso V, e foi d'elle tão extremosamente amado, que era o arbitro do reino; o que desagradava ao soberbo e irascivel principe D. João (depois II) pelo que, morto seu pae, intentou D. João revogar os privilegios dos donatarios, atirando, com esse intento em primeiro logar ao duque, como ao principal e chefe da aristocracia portugueza. Principiou pelo tratar com extremo desagrado, em muitas occasiões, tanto em particular, como em publico.

D'estes factos nasceram as queixas (e talvez *impaciencias*) do duque; palavras imprudentes contra o rei; reuniões e conciliabelos com seus irmãos, para procurarem o remedio ás vexações que o rei fazia, não só ao duque, como a seus irmãos e a varios fidalgos; cartas ao rei de Castella, queixando-se amargamente do rei portuguez; suges-

[1] Não sei o que é *Lavigal.* Talvez seja erro de cópia, em logar de *navegagem* (vide *Navagem*). E' provavel que no seculo XI existisse n'este sitio do Neiva, alguma barca de passagem, cujo rendimento pertencesse á herdade doada.

O nome do doador não me parece portuguez nem castelhano. Inclino-me a que seja normando ou gascão.

tões aos procuradores das cortes, que então se celebraram (1481—1482) para que se opposessem obstinadamente ás projectadas e utilissimas reformas do monarcha, que todas tendiam a diminuir o poder ilimitado dos grandes, os seus absurdos e intoleraveis privilegios, a sua desmedida ambição de dominar, e o abuso que faziam das regalias e *direitos* que a circumstancia do nascimento, e as leis barbaras do paiz, até então lhes cencediam.

D. João II, manda prender (1483) o duque, disposto a principiar o terrivel castigo que tencionava dar á aristocracia portugueza, pelo seu chefe natural.

O promotor fiscal deu principio ao processo. O duque protestou contra este acto, que julgava incompetentissimo, pretendendo ser julgado por principes e senhores da sua cathegoria, segundo os usos do tempo, em quasi todas as nações cultas da Europa; e não por ministros totalmente dependentes da vontade do rei; mas não foi ouvido, e este indeferimento deu-lhe o desengano de que a sua sorte estava decidida, e a sua morte de antemão decretada.

Mandou chamar o virtuoso padre Paulo, loyo, seu confessor, que teve sempre junto a si, para o preparar para a sua ultima viagem.

O rei, ardendo em desejos de vingança, tinha marcado para o processo o prazo fatal de 25 dias. No fim d'elles, mandou armar a *sala grande* dos paços d'Evora, com panos de raz, onde se viam representados varios factos da vida do imperador Trajano.

D. Antonio Pinheiro (que depois foi bispo do Funchal), procurador do duque, requereu ao rei que não assistisse ao acto da publicação da sentença; porem o rei indeferiu.

Eram 21 juizes, no numero dos quaes entravam alguns fidalgos, escolhidos pelo rei, que a todos fez uma *pratica*, em que declarava ser sua vontade que se fizesse justiça, e *que votàsse cada um com inteira liberdade;* o que todo o mundo *traduziu* por ordem terminante de condemnação. Esta *sessão* teve logar no dia 21 de junho, do dito anno de 1483: o duque foi condennado á morte, e executado na praça d'Evora, logo no dia seguinte; não se lhe concedendo nem ao menos os tres dias d'*oratorio*, que marcava a lei, com receio de alguma tentativa dos fidalgos, parciaes do reu, que era a maioria da nobreza.

É certo que o duque tramava contra o seu rei, e mesmo contra a sua patria. pretendendo attrahir contra ella um monarcha estrangeiro e ambicioso, e não receando ser a causa de que os castelhanos satisfizessem o seu desejo de todos os tempos, o seu sonho de todos os dias a—absorpção de Portugal. Mas o duque tinha feito uma figura importantissima no reino, e era muito sympathico, pelo que a sua morte causou uma tristeza geral no povo, e nos fidalgos uma grande sanha contra o rei, que acoimavam de Néro portugnez.

D. João II tudo supplantou, destruiu e castigou, chegando a um excesso de feroz cobardia, assassinando com uma punhalada, seu primo, duque de Viseu, no dia 23 de agosto de 1484, no paço do Setubal, aonde o tinha mandado chamar á traição. Nódoa indenevel, que todos as bôas obras do *principe perfeito* jámais poderão purificar.

Depois, manda formar processo ao duque assassinado (!) e aos seus cumplices, que foram declarados *réos d'alta traição*, e executados.

—

Neiva, é appellido nobre em Portugal.—Trazem os Neivas por armas—escudo esquartellado—no 1.º e 4.º, de púrpura, cinco chaves azues, perfiladas d'ouro, em aspa—no 2.º, esquartellado, tendo no 1.º e 4.º as armas d'Aragão—no 2.º e 3.º, as de Navarra.—No 3.º quartel, as armas, modernas, dos Farias, que são—um campo de púrpura, um castello de prata, com portas e fréstas de negro, entre cinco flôres de liz, de prata, 3 em chefe e uma de cada lado. Elmo de prata, aberto, e por timbre, duas das chaves azues do escudo, em aspa, atadas com uma fita de púrpura.

—

Ha n'esta freguezia o mosteiro benedictino, de S. Romão de Neiva, fundado em 540 (reinando o rei suevo Theodomiro), por S. Romão.

O correr de 560 annos tinha damnificado muito este convento, que, em 1100 estava bastante arruinado. Então, o poderoso conde, D. Payo Soares (o que o conde D. Pedro, no seu *Livro de linhagens*, chama *Payo Paes-Caminhão*), o reedificou e lhe fez grandes doações. Era este conde, senhor de Neiva e de outras muitas terras do Minho.

D. Affonso Henriques (1133) lhe deu o reguengo, e grandes esmolas.

Este mosteiro, está á vista e a pouca distancia de *Palme* e de *Carvoeiro*.

Era desde os seus principios, asylo commodo e gratuito de todos os viandantes, fazia avultadas esmolas aos indigentes das visinhanças, e educava na religião catholica as creanças dos arredores.

Pelos annos de 1470, no pontificado de Paulo II, passou a commendatarios; porém, em 1561, sendo pontifice Pio IV, voltou aos monges benedictinos, com a obrigação de darem a *terça* a D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro (o célebre 4.º vice-rei da India, que fallecêra em Gôa, em 1548).

Sendo arcebispo de Braga o cardeal D. Henrique (depois rei), cessou para o mosteiro, o pagamento da *terça*, que pouco tempo se chegou a pagar.

O D. abbade de S. Romão apresentava as egrejas de S. Paio d'Antas, Villa-Fria, e Souto de Rebordões.

—

Neiva já era julgado, no tempo do rei D. Diniz, pois das *Inquirições* a que mandou proceder, em 1290, consta, que na freguezia de S. Miguel de Cepães, *do julgado de Neiva*, havia a herdade de Rio de Moinhos, que foi do abbade de Pachacos, parochia que já existia antes do conde D. Henrique vir para Portugal (1093), e d'onde se presume que os Pachacos tomaram o appellido.

—

Em agosto de 1875, varios sacerdotes da provincia do Minho, se teem reunido no edificio do mosteiro de S. Romão, empregando o tempo em exercicios espirituaes; em prédicas ao povo que alli tem hido (e entre elle, pessoas catholicas, de familias aristocraticas); e em outros actos, proprios de ministros da religião christan.

Infelizmente, chegámos a um tempo em que é preciso escondermo-nos para orar e amar a Deus, e para exercer a religião catholica apostolica romana (que de mais a mais, é a *religião do estado*), [1] e nem escondidos deixam de ser acoimados pelos impios, de *ultramontanos, reaccionarios* e *conspiradores!* — De modo que, o que seguir a religião de nossos paes e avós, *conspira*, e é denunciado, urbi et orbi, como inimigo da patria!

«Alteri tempi, alteri pensiere!»

NEIXENÇA — portuguez antigo — producções e renóvos, assim das terras, como dos animaes. Em 1153, contratou um individuo com sua mãe, viuva, de partirem tudo que chegasse a ganhar e adquirir — *sic de pane, quomodo vino; sic de* neixencia, *que ibi nascer*, etc. — (Doc. das freiras benedictinas, do Porto.)

NÉLLAS — villa, Beira-Alta, cabeça do concelho do seu nome, da comarca de Mangualde, 18 kilometros de Vizeu, 270 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 247 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

O vigario de Santa Marinha, de Senhorim, apresentava o cura, que tinha 6$800 réis de congrua e o pé de altar.

É o antigo concelho de Senhorim, que foi para aqui transferido.

O concelho de Néllas é composto de 6 freguezias, todas no bispado de Vizeu — são — Cannas de Senhorim, Carvalhal-Redondo, Néllas, Santar, Senhorim, e Villar-Sêcco — todas com 2:530 fogos.

O foral que compete a este concelho, é o de Senhorim, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 30 de março de 1514. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 114, col. 1.ª)

No mesmo dia, mez e anno, mas antes

[1] «A Religião Catholica, Apostolica Romana, continuará a ser a Religião do Reino. Todas as outras Religiões serão permittidas aos Estrangeiros, com seu culto domestico, ou particular, em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior de Templo.»
(Carta Constitucional, artigo 6.º)

d'este, deu o rei, tambem em Lisboa, foral á villa de Cannas de Senhorim. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 110 v., col. 1.ª)

—

Ha n'esta freguezia a aldeia do *Toladal*, situada em um monte, a 1:200 metros do rio Mondego, e 3 kilometros de Cannas de Senhorim,

No centro d'esta aldeia, está a capella de *Nossa Senhora da Tosse*, fundada pelo povo d'este logar, no meio de um grande terreiro, onde se vê uma frondosa amoreira.

É tradição que a primittiva ermida da Senhora da Tosse, era junto á margem direita do Mondego, e que foi mudada para aqui, por causa das enchentes do rio, que a damnificavam.

Faz-se a festa d'esta Senhora, na 2.ª oitava da Paschoa, e é muito concorrida.

N'este dia costumavam vir aqui em procissão, os povos das freguezias de Cannas de Senhorim, Villar Sêcco, Senhorim e Néllas, com seus respectivos parochos.

Como a antiga imagem da Padroeira estava em mau estado, o visitador a mandou substituir por outra nova, e a primittiva foi recolhida na sacristia, em um cofre de madeira, em 1708.

É barão de Nellas, o sr. José Bernardo dos Anjos e Brito.

NÊLLO—portuguez antigo—n'isso—a tal respeito—n'essa cousa, etc.

NEMBRAR—portuguez antigo—lembrar, recordar, etç.

NEMBRO—portuguez antigo—membro.

NEICIIDADE — portuguez antigo — ignorancia, insciencia, imperícia, etc.

NEMETANOS—antigos povos da Lusitania, na chancellaria de Braga, dos quaes era capital, a cidade de Volobriga. Ignora-se a situação d'esta cidade e seu districto, e apenas se sabe que era ao N. O. de Braga. É provavel que Volobriga fosse alguma d'essas povoações, cujos vestigios apparecem nas serras d'Arga e Coura.

NEMÚ—portuguez antigo—no mesmo instante, immediatamente.

NESPERAL—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Certan, 70 kilometros do Crato, 165 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago S. Simão, apostolo.

É do grão-priorado do Crato, hoje annexa ao patriarchado, districto administrativo de Castello Branco.

Os grãos-priores do Crato, apresentavam o reitor, que tinha 120 alqueires de trigo, 20 almudes de vinho mosto e 2$000 réis em dinheiro.

É terra muito fertil em cereaes.

NESPEREIRA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 114 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O thesoureiro-mór da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé de altar.

É terra fertil. Muito gado de toda a qualidade.

É n'esta freguezia a nobre casa do *Paço*, solar dos Amaraes, que era vinculada. Foi instituidor d'este morgado, Pedro Cardozo do Amaral, contador-mór do reino, ao qual D. João III deu carta de brazão de armas, em 1538, por provar ser descendente dos Cardozos, familia que sempre teve em Portugal grandes privilegios e foi de esclarecida nobreza.

Pedro Cardozo do Amaral e Menezes, d'esta casa, foi o primeiao que na India levantou o grito de independencia, em 1640.

É hoje representante d'esta familia, e senhor da casa do Paço de Nespereira, o sr. João Lobo Machado Cardozo do Amaral e Menezes, neto do sr. João Machado Pinheiro, 1.º visconde de Pindella, por ser filho da filha d'este, a sr.ª D. Maria Amelia Cardozo Pinheiro de Menezes.

Brasões d'armas dos diversos appellidos d'esta familia

Amaral—Em campo de ouro, seis crescentes de azul, em duas palas. Elmo d'aço, aberto—e por timbre, um leão de ouro, com

uma acha de armas nas mãos, e cauda azul.

Cardozo — Em campo de púrpura, dois cardos, de verde, floridos, com a flôr e a raiz, de prata, entre dois leões de ouro, batalhantes, armados de púrpura. Timbre, uma cabeça de leão, de ouro, sahindo-lhe da bocca um cardo verde, como os do escudo.

Lobo—Vide vol. 3.º, pag. 84, col. 1.ª

Machado—principiou este nobre appellido, na pessoa de D. Mendo Moniz, rico-homem, e Senhor de Gondares, ao qual D. Affonso Henriques mandou usar (a elle e seus descendentes) do appellido Machado, por que, com um machado, arrombou uma das portas de Santarem, em 8 de maio de 1147, para dar entrada ao exercito portuguez, commandado pelo rei, que n'este dia tomou aos mouros o castello de Santarem, um dos mais fortes que os mouros tinham em Portugal. (Vide *Santarem).*

O principal solar dos Machados, é a torre da Penagate, na provincia do Minho, fundada em 1200, por Fernão Machado.

Os Machados trazem por armas—em campo de púrpura, tres machados de prata, com cabos de ouro, em roquête, e nove torres de ouro, na orla. Elmo de aço, aberto—timbre—dois dos machados das armas, em áspa, atados com uma fita de purpura.

Outros do mesmo appellido, usam — em campo de púrpura, cinco machados de prata, com cabos de ouro, em aspa. Elmo de aço aberto, e o timbre antecedente.

—

A Alvaro Machado Pinto, e a seu primo, João Machado Moniz, e a seu filho, Francisco Fernandes Machado, todos portuguezes, deu Fernando II, imperador da Allemanha, em 1637, as armas seguintes — escudo esquartellado—no 1.º quartel, de verde, tres machados de prata, com cabos de ouro, em roquête—no 2.º, de negro, uma espada de prata, com um bastão, de ouro, em aspa, entre estas quatro letras—F. J. L. F.—que querem dizer—*Ferdinandus Imperator Libenter facit*—(o imperador Fernando as deu de boa vontade).—No 3.º quartel, de azul, um coração de púrpura, perfilado de ouro, entre um letreiro do mesmo, que diz—*Spes mea in Deo est* (a minha esperança está em Deus).—No 4.º quartel, de ouro, um gallo, de côr cinzenta, com algumas pennas de negro. Elmo e timbre como os antecedentes.

Menezes—Vide *Cantanhêde, Ericeira, Louriçal, Marialva, Penalva, Tarouca* e *Valladares.*

Pinheiros—Vide *Barcellos.*

NESPEREIRA — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 90 kilometros a E. N. E. de Coimbra, 290 ao E. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O prior de Gouveia, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

O seu clima é excessivo, mas saudavel. Produz cereaes, legumes, fructas e hortaliças. Tem muito gado miudo, e faz-se aqui muito bom queijo de ovelha, que se exporta.

—

Em junho de 1874, aconteceu n'esta freguezia uma serie de desgraças, a que julgo dever dar cabimento n'esta obra.

Tinham ficado só em casa, dois filhos de uma pobre gente, um de cinco e outro de tres annos. O mais velho, vendo castrar um porco, fez a mesma operação ao seu irmão (d'elle rapaz), do que lhe resultou a morte immediata. Chega a mãe (que andava gravida) e, n'um momento de allucinação, crava um sacho, que trazia, na cabeça do pequeno assassino, que ficou logo morto.

Foi presa. Quando a infeliz mãe, no meio da escolta que a levava para a prisão de Cea, seguia o seu calvario de amarguras, saiu-lhe ao encontro o marido, que do trabalho recolhia com uma foice aos hombros. Espantado e attonito por ver a mulher em tal companhia, perguntou a razão, e sabendo-a, fóra de si, com o juizo perdido, rompeu em taes excessos que, atropellando uns e ferindo outros, chegou perto da mulher, sobre quem descarregou tamanha foiçada, que a deixou morta logo alli.

Em seguida, soltando gritos furiosos, cor-

rendo como louco pelas ruas, foi acommettido de tal accesso de doidice, que ninguem, sem perigo de vida, se podia aproximar d'elle. O proprio excesso da sua dôr fez com que serenasse algum tanto; porém, recordando-se logo do que se havia passado, caminhou desesperado para o rio Alva, e n'elle se precipitou, e morreu afogado.

—

NESPEREIRA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 35 kilometros a N. E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 51 fogos.

Orago S. João Evangelista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa, o bispo do Porto, os monges benedictinos do Bustéllo (Penafiel) e os conegos regrantes de Santo Agostinho (crusios) da Serra do Pilar (Gaia) apresentavam alternativamente o abbade—a saber—em janeiro, o papa—em fevereiro, o bispo—e em março, os frades bentos e os crusios (!) Esta abbadia rendia 400$000 réis annuaes.

NESPEREIRA—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Sinfães, 40 kilometros ao O. de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 620 fogos.

Orago Santa Marinha.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Até ao fim do seculo XVIII, havia duas freguezias distinctas, do mesmo nome, e contiguas, que hoje formam uma só. Eram—

Santa Marinha, apresentada pelo real padroado.

O abbade tinha 650$000 réis de rendimento annual.

Tinha em 1757, 152 fogos.

Santo Ericio (ou *Eurico*) apresentada alternativamente pelo papa e pelo bispo de Lamego.

O reitor tinha 180$000 réis de rendimento.

Tinha em 1757, 160 fogos.

Ha n'esta freguezia dois grandes mercados mensaes, a 4 e a 18 de cada mez.

—

A povoação de Nespereira (onde está a egreja matriz, e onde se fazem os mercados) é muito antiga, e foi villa, capital de concelho, que foi supprimido, passando a formar parte do concelho de *São-Fins*, comarca de Rézende. Este concelho foi supprimido, em 24 de outubro de 1855, passando as freguezias que o compunham, para o concelho e nova comarca de Sinfães.

O rei D. Manuei deu foral á villa de Nespereira, em Lisboa, a 15 de abril de 1514. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 120, col. 1.ª)

Trata-se n'este foral, das terras seguintes:

Almargem, Alvellos, Avinjos, Carregozélla, Casal, Ermida, Fermontéllos, Folgarosa, Guilhefonte, Lageosa, Monção, Nondam, Paço, Póvoa, Póvoa do Consul, Póvoa de El-Rei, Sanguinhédo, Soure da Magdalena, Souto, Travações, Varzea, Villa-Chan. Villa-Nova-do-Campo, e Villar-do-Monte. (Na gavêta 20, maço 12, n.º 11, está o processo que se fez para este foral).

Teve até 1834 duas companhias de ordenanças. Foi seu ultimo capitão-mor, o sr. Luiz do Amaral Semblano, que morreu assassinado, durante a guerra civil, de 1846 a 1847.

NESPEREIRA ALTA — aldeia, Beira-Alta, na freguezia de Villa-Maior, concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vouzella, bispado, districto administrativo e 18 kilometros ao N. de Viseu.

Passa aqui a nova estrada a mac-dam, que vae para Lamego.

—

Era n'esta aldeia a casa e residencia dos sr. Valentim d'Almeida Novaes, e Joaquim d'Almeida Novaes, ambos officiaes do exercito realista, convencionado em Evora-Monte; e ambos geralmente estimados pelas suas virtudes, tanto dos legitimistas, como dos liberaes.

O sr. Valentim d'Almeida Novaes, falleceu n'esta sua casa, de um ataque apopletico, no dia 16 de abril de 1874.

Sentara praça, de cadete, em 1810 — Foi feito alferes, em 11 de fevereiro de 1811 — tenente, em 28 de novembro de 1817 — capitão, no 1.º de dezembro de 1820 — major, a 22 de outubro de 1832 — tenente coronel,

a 3 de outubro de 1833 — e. finalmente, coronel no 1.º de janeiro de 1834. Na occasião da convenção, commandava o bravo regimento de infanteria de Cascaes (n.º 19.)

Não deixou filhos.

—

Eis o artigo necrologico, que no *Correio da Tarde*, n.º 543, publicou um cavalheiro, intimo amigo do illustre finado.

«Mais um dos valentes soldados de Evora-Monte baixou á sepultura.

Curvemos os joelhos, e elevemos ao céo uma prece pelo seu eterno descanço.

Já não é d'este mundo o ill.^mo ex.^mo sr. Valentim d'Almeida Novaes, de Nespreira.

Um violento ataque apopletico, que apenas lhe concedeu 24 horas de vida, o roubou aos seus amigos, que tanto o respeitavam e amavam.

Munido com os sacramentos da religião santa, encarou a morte com a resignação e coragem, que nunca desamparam aquelles, que n'ella pensam a miudo, e que para ella se preparam com uma longa pratica de virtudes no decurso da vida.

Nascido em 1791, em tempo que existiam ainda restos d'esse genio cavalheiroso portuguez, que tantas glorias nos valeu, que tanto inflammava o coração da nossa juventude, lançou-se na carreira das armas, assentando praça em cadete em 1810. Por se tornar distincto, foi despachado alferes no mesmo anno [1] e já tenente acompanhou a expedição para o Brazil em 1817, d'onde voltou capitão.

Emigrou para a Hespanha em 1826, onde se conservou até 1828, e depois na patente de coronel do regimento de infanteria n.º 11, fez toda a campanha do cerco do Porto até á Convenção de Evora Monte, onde se viu obrigado a depór a espada, que nunca havia descançado na bainha, quando a patria chamava seus filhos ás armas, e de que fizera sempre uso com a valentia e coragem d'um verdadeiro soldado portuguez, sendo condecorado com as ordens de Torre Espada, Conceição e Aviz.

[1] Engana-se o sr. Araujo, foi em 1811 como se viu atraz.

Mas se é de admirar a sua valentia e bravura como soldado, muito mais o são as virtudes, que deixou ver na vida privada.

Fez o que fazem as almas grandes: quando viu perdida a causa que tanto amava e amou sempre, a causa, porque jogara as armas, e tantas vezes expozera a vida, retirou-se das scenas do mundo; e no exercicio da mais santa caridade, da caridade que esconde a mão com que mata a fome ao pobre, e enxuga as lagrimas ao desgraçado; passou no retiro da sua aldeia o espaço de tempo decorrido de 1834 a 16 d'abril de 1874, em que se finou.

Affavel sempre para com todos, tambem mereceu sempre a estima dos homens honestos de todos os partidos: o que mais uma vez se deixou ver bem claro no acto solemne do acompanhamento dos seus restos mortaes á sepultura, onde se viam todos os representantes das pricipaes familias de Lafões e immenso povo: e se isto nos impressionou e nos deixou ver a consideração que todos lhe ligavam, os gemidos e lagrimas dos muitos desgraçados, a quem matava diariamente a fome, e que não queriam acreditar que a morte cruel lhes roubasse um protector tão caritativo, mais nos impressionaram ainda, porque eram o apparato mais eloquente da sua pompa funebre.

No ceu, creio, que estará gozando o premio de tantas virtudes, e sirva esta lembrança de consolação a seus ex.^mos sobrinhos, a quem acompanho do coração no seu tão justo soffrimento, porque tambem perdi um amigo verdadeiro, em cuja campa venho depôr esta lagrima de saudade, pedindo ao mesmo tempo a todos os leitores um P. N. e uma A. M. pelo seu eterno descanço.

S. Pedro do Sul 20 d'abril de 1874 — *Antonio Corrêa d'Araujo.*»

A morte de um irmão querido, de tal modo contristou o sr. Joaquim d'Almeida Novaes, que apenas lhe sobreviveu 14 mezes e 10 dias, pois falleceu a 27 de junho de 1875.

Deixou filhos, cavalheiros de tanta honradez e probidade, como sempre o foram seu pae e tio, cujos bons exemplos seguem religiosamente.

O testemunho do illustrado jornal *Atalaia*,

que se publica em Viseu, é de todo o ponto insuspeito (visto ser liberal), e por isso do seu n.º 70, extrahi o seguinte:

«Falleceu na sua casa de Nespereira, freguezia de Villa-Maior, concelho de S. Pedro do Sul, o ex.mo sr. Joaquim d'Almeida Novaes, no dia 27 de junho.

Era um cavalheiro. A probidade e a honra, foram sempre caracteristicos que o ennobreceram.

Brioso soldado nas fileiras da legitimidade, nunca esqueceu os seus deveres, nem deixou perder um só dos seus principios.

A sua morte, enluta-nos e a todo o partido legitimista.»

NEVES—portuguez ant.—nome de mulher.

NEVES ou **NOSSA SENHORA DAS NEVES**—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo de Beja, 90 kilometros a O. d'Evora, 120 ao S. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago, a mesma Senhora.

Foi do arcebispado de Evora.

É terra muito fertil.

A mitra apresentava o cura, que tinha 330 alqueires de pão terçado, e o pé d'altar.

NEVES (Nossa Senhora das)—Sanctuario, Beira-Alta, na freguezia de Lobêlhe do Matto, comarca e concelho de Mangualde, bispado e districto administrativo de Viseu. (Vol. 4.º, pag. 432, col. 2.ª)

Esta freguezia, é no arciprestado do *Aro*, e foi annexa á abbadia de S. Miguel de Fornos.

No logar da *Cerveira*, está o Sanctuario de *Nossa Senhora das Neves*, tambem chamado de *Nossa Senhora da Cerveira*.

É templo muito antigo e serviu por muitos annos de egreja matriz da freguezia, em quanto se não edificou a actual.

Fica o Sanctuario em um alto, defronte e ao E. da povoação de Lobêlhe, situada em um valle, tendo ao S. terreno montuoso, mas em partes cultivado. Para o N. e O., é o terreno povoado de vinhas e olivaes.

É um templo vasto (para ermida) com tres altares, e a sua fundação é de data muito antiga.

Em 1620 se lhe instituiu uma irmandade, com 150 irmãos. Os estatutos foram approvados, a 28 de janeiro de 1625, pelo governador do bispado, o doutor Balthazar Fagundes; e segunda vez, *sede vacante*, em 29 de julho de 1656. O bispo D. João de Mello, confirmou depois estas approvações. Tem esta irmandade indulgencia perpétua, por breve do papa Urbano VIII, de 1641. Os irmãos eram d'esta freguezia e das de Fornos, Alcafache, Moimenta de Frades, e Espinho.

Era a imagem da Padroeira d'esta egreja, objecto de muita devoção, dos povos d'estes arredores, que lhe deixaram varios legados, em campos, olivaes e dinheiro.

Faz-se-lhe a sua festa a 5 d'agosto. É uma grande romaria, onde vem gente de muito longe. Ha sempre a representação de um combate, entre *o imperador Carlos-Magno* e os seus *doze pares*, contra o *Almirante Balão*. Por fim, os francezes (já se sabe) derrotam os *mouros*, e termina tudo em comedias, danças e folias... e muitas vezes tambem em murros, facadas e pancadaria.

NEVES (Nossa Senhora das)—Sanctuario, na freguezia de Argoncilhe, no concelho da Feira. (Vol. 1.º, pag. 238 Q, col. 2.ª)

A capella de Nossa Senhora das Neves é antiquissima, e não consta a data da sua fundação; só se sabe que os crusios do mosteiro de Grijó, achando o templo muito arruinado, o mandaram demolir, construindo, no mesmo logar, outro, de abobada, em 1581. Parece que esta abobada era mal construida, porque, poucos annos depois, se desfez, construindo-se-lhe o tecto de madeira, que é o existente.

Ha duas imagens da padroeira, ambas de pedra — a antiga, de grosseira esculptura, tem 0m,66 d'alto — e a moderna, feita em 1581, com 1m,10 de alto, e é de boa esculptura. Ambas teem o Menino Jesus nos braços.

É tradição que se fez a nova imagem, por ter desapparecido a primeira, sem por espaço de muitos annos se saber o que era feito d'ella, até que, sendo encontrada em uma freguezia do termo de Aveiro, e provado o roubo, a tornaram a trazer para a sua capella.

A sua festa faz-se-lhe no dia proprio, que é a 5 d'agosto. Vem então aqui em procissão, as freguezias de Lobão, Mósellos, Caldellas (S. Jorge), Sanguêdo (Terreiro) do mesmo concelho da Feira; e Sandim, e Olival, do concelho de Villa Nova de Gaia, comarca do Porto. Os seis parochos d'estas freguezias, sahem d'ellas em procissão, com palio, musica, assim como o de S. Martinho d'Argoncilhe, que é o da capella, e cuja procissão é sempre a mais brilhante.

Tem havido annos em que se juntam aqui dez e mais musicas. No anno de 1874, juntaram-se, por despique, trinta e duas!

O concurso de romeiros, é sempre immenso. Nas festas d'este anno (5 d'agosto de 1875) calculou-se em mais de *vinte mil*, o numero de almas que se acharam n'este vasto arraial.

É a festa religiosa maior e de mais fama que se faz em toda a Terra da Feira.

Quasi todos os annos ha aqui grandes desordens, mas, n'este ultimo anno, graças á solicitude e acertadas providencias do sr. José Correia Leite Barbosa, digno e illustrado administrador do concelho da Feira, tudo se passou na melhor boa ordem.

—

Tambem n'esta freguezia está a ermida de *Nossa Senhora do Campo*, ou *da Apparecida*, como se denomina vulgarmente; mas a sua invocação verdadeira é Nossa Senhora da Assumpção. É grande, e tem capella-mór, corpo da egreja e sachristia. Foi a primitiva egreja parochial da freguezia, até ao anno de 1686, em que se construiu a actual matriz.

Teve esta Senhora, duas grandes irmandades—uma de clerigos e outra de seculares. A primeira comprehendia grande numero de padres, das muitas freguezias que estanceiam entre os rios Douro e Vouga—a outra tinha irmãos nas freguezias que estão entre o Douro e o mar, e d'ella foram muitas vezes juizes, os condes da Feira.

Com as differenças e demandas que houve entre os bispos do Porto, e o isento de Grijó (o mosteiro dos crusios e seu couto), do que resultaram varios interdictos e excommunhões, acabaram estas duas irmandades, e com ellas a grande devoção e as esplendidas festas á Senhora.

NEVOGILDE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (foi do concelho de Villa-Chan, comarca do Pico de Regalados), 12 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 280$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Muito gado e colmeias, e grande abundancia de caça grossa e miuda.

Nevogilde é corrupção de *Novegildo*, nome proprio d'homem.

NEVOGILDE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 24 kilometros ao S.E. de Braga, 30 ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago, S. Verissimo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mesma etymologia.

O bispo e o mosteiro de Pombeiro (benedictino) apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

É terra fertilissima em todos os generos do paiz, e cria muito gado bovino, que exporta.

NEVOGILDE—freguezia, Douro, concelho de Bouças, comarca e 6 kilometros ao N. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757 tinha 41 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mesma etymologia.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil. Faz grande negocio com a cidade do Porto, para onde exporta muito gado bovino (que vae para a Inglaterra) e muitos generos agricolas.

É baroneza de Nevogilde, a sr.ª D. Carlota Ricca Borges de Moraes e Castro.

Esta senhora era a proprietaria do célebre palacio, da *rua do Triumpho*, na cidade

do Porto, chamado—*palacio dos Carrancas.* (Vide *Miragaia*, freguezia, do Porto.

—

Fica esta freguezia situada entre S. João da Foz e Mattosinhos, em sitio formosissimo, na costa do Oceano, e com arredores sobre-modo pittorescos, e ares muito saudaveis.

A torre da egreja matriz, e as casas da povoação, alvejam ao longe, por entre formosos maciços de verdura, e bastos e vastos pinhaes abrigam a terra, dos ventos do quadrante de E. e N. E.

Cordelheiras cultivadas, ao N. e S. da povoação, vestem o sólo de uma perpetua verdura. Ao O. se estende a vasta superficie do Oceano Atlantico, vendo-se sulcado por navios e barcos de todos os tamanhos, tonelagens e denominações; e ouve-se o mar, já trovejando fremente e ameaçador, debatendo-se contra os rochedos da costa, já manso, deslisando-se com leve murmurio, nos brancos areaes da praia.

—

No 5.° volume, a pag. 89, do primorosissimo semanario *Archivo Pittoresco*, vem uma tocante narração, um bello romancesinho, intitulado *Os velhos de Nevogilde*, escripto pelo sr. Leonel de Sampaio. Não o copio, por ser extenso para um diccionario; e não o dou em resumo, porque tirar-lhe-hia todas as galas com que o seu esclarecido auctor o soube enfeitar. Remetto os leitores curiosos para o livro e logar citado.

NÉXE—Vide *Barbara de Néxe* (Santa). Vol. 1.°, pag. 321, col. 2.ª

NICOLAU (São)—Vide *Fornos e S. Nicolau*, vol. 3.°, pag. 218, col. 1.ª, no fim—e vol. 5.°, pag. 62, col. 2.ª—*S. Nicolau.*

NICOLAU (São)—freguezia da capital do reino. Vide *Lisboa.*

NICOLAU (São) freguezia, Douro, na cidade do Porto, bairro occidental, 310 kilometos ao N. de Lisboa, 1:400 fogos, 6:000 almas.

Em 1757 tinha 994 fogos.

Orago o mesmo santo.

Bispado e districto administratiro do Porto.

A mitra apresentava o abbade, e em *sede vacante*, era feito por concurso synodal. Tinha 500$000 réis de rendimento annual.

A rua da Nova Alfandega absorveu cerca de 200 casas, e de 225 fogos que constituiam um povoado compacto desde a igreja matriz até á antiga Porta Nova, e desde a igreja e rua de S. Francisco até á rua de Sobre o Muro. Perdeu pois grande numero de habitantes esta freguezia com a nova rua, que n'esta data principia a vestir-se de predios aliás muito elegantes e sólidos, em boas condições de luz e ar, e que contrastam sensivelmente com a maior parte dos predios que foram demolidos, e que eram immundos, de fórmas irregulares, em razão da sua antiguidade e do acanhamento proprio das ruas e edificações dentro de uma terra murada, como era o Porto.

A nova rua tem apenas ainda um predio acabado e já habitado, que é o que confina com as Escadas do Caminho Novo, do lado E., ponto extremo d'esta freguezia de S. Nicolau. Foi esta casa mandada fazer pelo barbeiro e exportador de fructa o sr. Manuel dos Santos Preguiça, que n'ella vive com a sua familia. Á esquerda d'esta casa, e a seguir com ella, ha duas, uma já com telhado e divisões interiores, e outra que ainda nem está concluida de paredes; e mais ao nascente, á entrada da rua da Ferraria (lado E.) se vê tambem já com telhado, e quasi concluida, uma casa destinada para a intendencia da marinha, e contigua a esta anda outra em construcção, mas ainda não passa dos alicerces.

Tambem ha n'esta rua já outra casa prestes a ser habitada, mas na circumscripção da freguezia lemitrophe de Miragaya, confinando com as Escadas do Caminho Novo (lado O.) Foi mandada fazer por Francisco José de Carvalho.

Eis o estado actual d'esta carissima [1] e interessante rua (1875).

Perdeu tambem bastante em população

[1] Como dissemos no artigo *Miragaya*, já feita pela camara municipal, que só com as expropriações gastou cerca de 300:000$000 réis, afóra o que dispendeu com as muralhas de supporte, movimentos de terra, etc. etc.

esta freguezia com as expropriações (quasi todo o lado O.) feitas na antiquissima rua das Congostas para a abertura da rua Nova de S. Domingos; mas em compensação já n'esta rua se vêem nove magnificos predios a seguir do largo de S. Domingos para a rua dos Inglezes, quatro do lado E., já acabados, e dois em construcção, e 5 de O. (incluindo a caixa filial do Banco de Portugal). E a rua Ferreira Borges tambem já principia a vestir-se de soberbos predios. Já n'ella se vêem cinco do lado E., descendo de Belmonte, contando a casa em que está a caixa filial do Banco de Portugal, unica parte que se salvou do incendio que devorou o convento de S. Domingos.

Do lado O., descendo, tem quatro predios antigos entre Belmonte e a Ferraria, e da Ferraria até á rua dos Inglezes, outros quatro, além da casa do Banco Commercial, e a do magestoso palacio da Bolsa, de que havemos de fallar detidamente.

São consideraveis as casas construidas e em construcção nas tres novas ruas d'esta freguezia, mas tarde, e só muito tarde, encontrará nas novas ruas a compensação do que perdeu em fogos com as expropriações para ellas, e pouco menos perderá logo que se abram as novas ruas que a camara projecta, e a que promette dar principio brevemente—uma em continuação da dos Inglezes até á ponte pensil, e outra das proximidades d'esta ponte a entroncar com a nova, já principiada—Mousinho da Silveira, no alto da de S. João—ruas de primeira necessidade para o serviço publico, e para fazerem desapparecer a immundicie do nojento Barredo, o maior fóco de infecção que ha hoje no Porto.

Este beneficio foi sempre abbadia da apresentação da mitra *in solidum*, em qualquer tempo que vagasse, e foi esta freguezia creada com a de Nossa Senhora da Victoria e a extincta de S. João de Belmonte, pelo bispo D. fr. Marcos de Lisboa, no anno de 1583.

Até áquella data havia na cidade do Porto uma unica freguezia, a da Sé, comprehendendo toda a população *in ra-muros*, o que difficultava consideravelmente o serviço parochial, e por isso aquelle prelado resolveu dividil-a e crear aquellas tres freguezias. Oppozeram-se logo o senado da camara e o povo com a altaneria e isenção proprias dos bons burguezes da velha *behetria* portuense, allegando que as novas erectas traríam comsigo despezas e onus consideraveis para a grande parte da cidade, comprehendida nas respectivas circumscripções das novas parochias, o que seria um tributo novo imposto á cidade, e contra o qual protestavam, pois continuando a ser, como eram, e sempre foram, todos os habitantes da cidade freguezes da parochia da Sé, não pesariam sobre elles os encargos das novas fabricas, etc. etc. E com tal aprumo se houveram, que o prelado para os accommodar fez uma *composição* com elles, obrigando-se a toda a despeza com a fabrica e mais encargos das novas parochias, isto por si e seus successores, com a condição de que no momento em que elle ou algum dos seus successores não satisfizesse ao estipulado, poderiam, sem se expôr a censuras, os freguezes das novas erectas volver *ipso facto* immediatamente para a freguezia da Sé; e de tudo isto se lavrou escriptura, que por ser curiosa e interessante aqui a transcrevemos do archivo da confraria do Santissimo d'esta freguezia de S. Nicolau, a fl. 68 e segg. do L. de Inventario, que comprehende o periodo de 1727 até 1769.

Foi escripta pelo tabellião Ruy de Couros, com data de 16 de julho de 1583, a fl. 168 do seu livro de notas, donde, a requerimento da confraria, foi tirada pelo tabellião J. Alberto de Moraes, em 24 de julho de 1740. A copia é do theor seguinte:

«Em nome de Deus Amen. Saybão os que este instrumento de concerto e transacção amigavel virem que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos e oitenta e tres annos, aos dezeseis dias do mez de julho, nas casas episcopaes do illustrissimo senhor D. Fr. Marcos de Lisboa, Bispo d'esta cidade e do conselho de Sua Magestade, por elle, estando presente foi dito que querendo elle de seu proprio mottu fazer hora tres parochias novas na dita cidade, a saber: de S. João de Belmonte, da Victoria e de S. Nicolau, a

cidade e povo d'ella lhe impediu a erecção das ditas Igrejas, embargando a obra d'ellas por se temer que em algum tempo os queriam obrigar á fabrica d'ellas e aos mais encargos de que eram exemptos como são freguezes da Sé d'esta cidade, sobre o que recrescião duvidas e differenças que não convinhão entre Prelados e subditos, pelo que atalhando as ditas duvidas, differenças e demandas, e desejando de effectuar a dita obra disse o dito Senhor Bispo e Confessor que a obrigação de fabricar a Séé a que o povo d'esta cidade é obrigado a acudir como a sua propria Parochia, e assim a administrar os sacramentos, como os mais officios divinos, e alimentar e sustentar os sacerdotes que tem o cargo de curar das almas que pertencem á fabrica da dita Séé e ao Bispo d'ella, e que assim da maneira que se fabricou e ornamentou a dita Séé athé hora o dito Senhor Bispo se obriga, como se obrigou, a fabricar e ornamentar as ditas Parochias, e hora novamente manda dirigil-as e fazel-as á sua custa de todo o necessario para o espiritual e temporal, e que sendo caso que os freguezes por tempo venhão a tão grande crecimento que seja necessario fazerem-se mais, ou aconteça arruinarem-se, o que Deus não permitta, elle Senhor Bispo ou seus successores as fação e reedifiquem ás suas proprias custas, e das suas rendas, obrigando-se mais com a obrigação que em tempo algum o povo da dita cidade não contribuirá para a fabrica das ditas Igrejas, nem para ornamentos, visitações, e divinos officios, nem para os Ministros das Igrejas, nem para outra cousa alguma d'ellas, e de tudo ficão exemptos e livres como são, e forão sempre, sendo freguezes da Séé, antes elle Senhor Bispo e seus successores terão o direito e obrigação de fabricar e ornamentar as ditas Parochias, e sustentarem os Ministros d'ellas, cumprirem visitações ás custas das rendas do Bispado, e cumprirem tudo o mais necessario, de maneira que o dito povo não fique com obrigação alguma de que o que dito he, declarando mais que elle tomava sobre si esta obrigação, assim por ser obrigado a isso, como por contracto que tem feito com o Rev.º Cabido da Séé, e a cumprir todo o sobredito, e todas as mais liberdades e prerogativas que o povo d'esta cidade tem, disse elle Senhor Bispo que elle em seu nome e d'esta Santa Séé, e seus successores se obrigava, como logo de feito se obrigou, obrigando a tudo as rendas d'este Bispado, renunciando todo o costume introduzido em favor dos Prelados e dos mais obrigados a curar das almas, leis, canones, estatutos, constituições synodaes e episcopaes que em seu favor fação, não cumprindo este contrato, ou querendo elle Senhor Bispo ou seus successores hir contra, ou querendo obrigar o povo da dita cidade a qualquer das ditas cousas, que o dito povo ou qualquer pessoa d'elle não sejão obrigados a guardalo nem estar por elle, antes sem mais outra causa tornem a ficar freguezes da dita Séé, como forão e são athé hora, sem por isso ficarem incorrendo em desobediencia, censuras, nem outra pena alguma, nem procederem contra elle, por que desde agora elle Senhor Bispo hé d'isto contente, e porque assim seja e se cumpra por esta ser sua tenção, e vontade, e d'esta maneira estando presentes o Ld.º Manuel Alz. da dita cidade com procuração e commissão bastante para o caso dos Senhores Vereadores e dos Procuradores da cidade e povo, cujo trellado he o seguinte—(segue-se o texto da procuração)—e disse o dito Ld.º Manuel Alz. que desistia de todos os embargos e letigios que havia e podia haver em nome da dita cidade e dos Vereadores e povo d'ella sobre a creação das ditas Parochias, e que aceitava este contracto, como aceitou, com as ditas obrigações e condições, e consentia que se fizesse, e para mais segurança disserão e forão contentes que este centracto se julgasse por sentença, declarando mais que se em algum tempo alguma pessoa d'esta cidade por inadvertencia ou por algum respeito acentar de contribuir para qualquer das ditas cousas, por isso não prejudique a este povo e contracto, e nem por isso fique obrigação alguma ao dito povo nem ação aos Prelados ou Ministros das Igrejas para o poderem compellir a pagar para as ditas cousas, e assim quizerão e outorgarão e aceitarão e estipularão huns e ou-

tros, e eu Tabellião como pessoa publica estipulante e aceitante o estypullei e aceytey por parte das pessoas ou pessoa em cujo favor faz e fizer a isto ausentes, quanto com direito posso e devo, e d'esta notta pedirão os instrumentos e os que mais lhe cumprirem de huma parte e outra outorgou. Testemunhas que presente estavão o Ld.º Pantallião dos Santos, Provizor da dita cidade, Damião de Magalhães, Capellão de S. Senhoria, Bento Marques e Christovão Rebello, criados do Senhor Bispo, na dita cidade moradores, e eu Ruy de Couros, Tabellião que o escrevi, e não haja duvida na entrelinha que diz—e foram contentes. Fr. Marcos, Bispo do Porto—Manuel Alz.—Pantallião dos Santos—Damião de Magalhães—Bento Marques—Christovão Rebello.

«E não se continha mais no dito contracto, que eu tabellião João Alberto de Moraes fiz trasladar do meu livro de notas na verdade, a que me reporto. Porto 24 de julho de 1740 annos. E eu João Alberto de Moraes tabellião que a fiz escrever, sobscrevi, e assigney. Em t.º de verdade. João Alberto de Moraes.»

Era pois a mitra fabriqueira d'esta parochia e obrigada a todas as despezas com o culto, etc.; mas ha muito que todos esses encargos pezam sobre a confraria do Santissimo.

A egreja matriz é hoje um templo regular, muito limpo e decente; n'elle se fazem festas pomposas, e tem muitas e boas alfaias, graças ao zelo e devoção da confraria e dos parochianos, sempre generosos em auxiliar a confraria, mas resente-se ainda do seu primitivo acanhamento, apezar de ter sido reedificada e alargada varias vezes.

A extensão e população d'esta freguezia ha muito que demanda um templo mais vasto, e quando em 1834 foram extinctas em Portugal as ordens religiosas, e ficou devoluto a magnifica egreja dos frades franciscanos, fallou-se em arvoral-a em matriz, com o que muito lucrava a parochia e aquelle venerando templo, mas infelizmente a ideia não vingou; é porém possivel que a troca ainda se effectue, principalmente se a rua Ferreira Borges proseguir em linha recta, segundo o projecto primitivo, até á margem do Douro, porque a matriz actual está no alinhamento d'aquella rua, com a frente voltada para ella, ao sul da dos Inglezes, da qual se acha afastada por um pequeno adro ou atrio, resguardado com grades de ferro; confina ao nascente com a travessa de S. Nicolau, e ao poente com a casa das Escholas que a confraria administra; prende pela rectaguarda com casas da rua da Reboleira, e pelo poente com uma viella de servidão para a sachristia e as novas casas da eschola, e com casas da antiga rua da Ourivesaria, e hoje de S. Nicolau, prestes a sumir-se, porque estas casas devem crescer para o norte até ao alinhamento da nova rua da Alfandega, como a eschola e outro predio que lá se vêem—os unicos que ainda tomaram o novo alinhamento.

Não podemos bem averiguar se quando o bispo D. Fr. Marcos creou esta freguezia, já no local da egreja matriz havia algum templo, ou se foi elle que o mandou construir; é certo porém que a primitiva matriz devia ser um templo bem pequeno, pois da Camara Ecclesiastica (maço unico de Breves de Oratorios e outros documentos) consta que, em 1655, o prelado comprou duas moradas de casas, contiguas á egreja de S. Nicolau, para sobre o chão d'ellas acrescentar a dita egreja «*que era muito pequena.*»

Fr. Manuel da Esperança (na sua *Chronica dos frades menores de S. Francisco*, tomo 1.º, liv. 4.º, pag. 406), diz que no local d'esta egreja matriz de S. Nicolau existia desde tempos remotos uma capella da mesma invocação, e cita uma escriptura de venda, datada de junho de 1247, da qual constava que os leprosos venderam a João Pires uma cortinha (campo) na Ribeira, junto do caminho que hia para S. Nicolau—*perquam veniunt ad Sanctum Nicolaum.*

Foi esta egreja reedificada (e com certeza melhorada e alargada) pelo bispo D. Nicolau Monteiro, aproximadamente em 1671, que mandou tambem reedificar a matriz de Miragaya; e quando logo em seguida ao desastroso incendio que a devorou toda (em 12 d'agosto de 1758) a confraria e os parochianos a restauraram, consta do archivo da con-

fraria que foram construidas de novo as paredes da capella-mór, *com a qual a confraria ainda recentemente havia dispendido sommas fortes.* [1]

Se pois esta egreja ainda hoje é pouco espaçosa, tendo sido, que nós saibamos, reconstruida e accrescentada tres vezes, o que seria a primeira fundação?

E na restauração d'esta egreja, em seguida ao desastroso incendio que a devorou na noite de 12 d'agosto de 1758, perdendo-se tudo o que a egreja tinha de mais precioso, porque no dito dia 12 n'ella se celebrára uma pomposa festividade, não só se fizeram de novo as paredes da capella-mór, mas parte do pano da frente, que ficára em ruinas, e na reconstrucção da frente se alterou o risco anterior, mettendo-se-lhe o oculo que hoje tem, dando para esta obra o prelado 200$000 rs., que a confraria acceitou, mandando esta proseguir com as obras da restauração, decorações, etc., por conta propria, mas declarando que muito espontaneamente tomára sobre si tal encargo, pois que toda a despeza com a restauração devia ser feita pela mitra, como fabriqueira, em harmonia com o estipulado pelo bispo D. Fr. Marcos na escriptura que acima transcrevemos.

E não podemos deixar de consignar aqui um voto de louvor ás mezas que representaram a confraria em tão anormaes circumstancias, pois que sendo por essa epoca muito limitadas as rendas da confraria, tal desenvolvimento deram ás obras, que tendo ardido a egreja, como dissemos, na noite de 12 d'agosto de 1758, sendo removido no dia 13 o Santissimo para a capella de Nossa Senhora, ao Terreiro da Alfandega (a velha), já em 1762 a egreja se achava restaurada, e no dia 19 de setembro d'aquelle anno [1] foi para ella transferido o Santissimo, da capellinha do Terreiro, com grande pompa em procissão imponente, formada por muitos andores e anginhos, grande numero de clerigos seculares e regulares, celebrando-se em seguida na egreja restaurada e ricamente armada, missa solemne, a grande instrumental, na segunda, terça e quarta feira immediatas, concluindo por um solemne *Te Deum.*

E a confraria, honra lhe seja, não se poupou a despezas para que as obras da restauração ficassem perfeitas, quanto possivel, e tanto que havendo mandado fazer o retabulo da capella-mór, e vendo que o artista a quem o encarregára fôra pouco primoroso, resolveu mandar fazer outro retabulo, inutilisando o já feito. Escolheu entre diversos desenhos um do revd.º fr. Manuel de Jesus Maria, do mosteiro da Serra, dos conegos regrantes de Santo Agostinho, por ser aquelle desenho julgado por peritos superior a todos os outros, e annunciada a obra e posta a lanço, houve um artista que se obrigava a fazel-a por 999$000 rs. Foi este o lanço mais favoravel; mas dois benemeritos mordomos — João Martins d'Araujo e José Vieira d'Azevedo — disseram que queriam que a obra se fizesse, não de empreitada, mas a jornal, para que ficasse perfeita quanto possivel, e que se a confraria désse por ella os 999$000 réis, elles se obrigavam (como obrigaram por uma escriptura) a tudo o mais em que a obra importasse, o que a meza agradecida acceitou, em sessão de 23 de fevereiro de 1760, [2] e o retabulo se concluiu sob a direcção do mesmo auctor do risco, que foi o mesmo que deu tambem o risco para a restauração da frente da egreja.

[1] Foi em sessão de 7 de janeiro de 1751, que a confraria (como se vê de um dos seus livros de Termos e Eleições), para melhor poder armar-se o throno em dias de festa e nas exposições do Santissimo, e para obviar ao derramamento da cêra e ao risco d'algum incendio, resolveu acrescentar a capella-mór, fazendo-a recuar alguns metros sobre o saguão das casas que a confraria possue a seguir com a egreja, e voltadas para a rua da Reboleira.

[1] Era domingo, e 3.º do mez; celebrou-se ainda na capella a festividade do Corpo de Deus n'aquelle dia, com missa cantada, sermão, etc., e em seguida sahiu a procissão, levando a pyxide com as sagradas fórmas o revd.º provisor do bispado.

[2] Foi celebrada esta sessão (talvez de proposito....) na propria casa do juiz da confraria Pedro Pedrossem da Silva, o *celebre argentario Pedro Cem,* que além de nada dar nem offerecer, parece que até fugiu de casa, pois nem assignou a acta....

E mais deram aquelles generosos mesários para as obras da restauração da egreja, pois havendo sido orçada em 500$000 réis a despeza com as paredes da capella-mór, e não podendo no momento a confraria dispôr d'aquella somma, os seis mordomos que então serviam, e de que faziam parte aquelles dois, logo se prestaram a pagar, além das suas mordomias (que então eram de 100$000 rs. cada uma), metade da verba em que fôra orçada a obra; mas como na dita obra em breve se consumissem os 500$000 réis do orçamento, e dissessem tres dos mordomos que se davam por desonerados, e a confraria não tivesse recursos, acudiram logo aquelles dois senhores e mais o devoto Adão José de Azevedo e Silva, e disseram que proseguisse a confraria com as obras até final conclusão, que *elles tres se obrigavam a satisfazer* (como satisfizeram) *metade de toda a despeza*,—além das suas mordomias. Foi isto em sessão de 11 de setembro de 1759, presidida por Pedro Pedrossem da Silva, o lendario *Pedro Cem*, que simplesmente assignou a acta...

Em sessão de 10 de março de 1761, presidida pelo mesmo senhor *Pedro Cem*, outros tres mordomos o envergonharam.

Propoz-se n'aquella sessão que estavam acabadas as quatro imagens (de Santo Antonio, Santo Agostinho, Santo Hilario e a do padroeiro, S. Nicolau) que anteriormente ao incendio da egreja se haviam mandado fazer em Lisboa, e que todos asseveravam estarem perfeitissimas, sendo porém para lamentar que a confraria no momento tivesse o seu cofre esgotado, e não podesse dispôr da avultada quantia de 801$870 réis, em que o artista reputava o seu trabalho...

Reinando o silencio, foi interrompido pelos tres mordomos—Amaro Francisco Guimarães, Domingos Francisco Guimarães e Bento da Costa e Silva—que, além das suas mordomias de 100$000 rs., offereceram para ajuda da acquisição das ditas imagens—os dois primeiros, 100$000 rs. cada um, e o terceiro, 101$870 réis, o que a confraria acceitou com reconhecimento, resolvendo mandar (como mandou) vir de Lisboa as imagens. [1]

E o celebre argentario, nada dèu nem offereceu. Simplesmente assignou a acta.

Tambem n'este mesmo anno de 1761, a confraria mandou vir de Londres 280 vidros, e encarregando a compra a Manuel Rodrigues Lima, natural do Porto, mas que alli residia, elle em vez de 280 mandou immediatamente 300,—declarando que os dava de esmola ao Santissimo.

Em 1764 se comprou um orgão por subscripção, [2] e deu, o juiz da confraria, José Pinto Vieira, 12$800 réis, e o mordomo Vicente Pedrossem—*por elle e por seu pae, o celebre Pedro Cem*—9$600 réis!...

Isto consta da acta da sessão de 5 de fevereiro do dito anno; e da acta da sessão de 20 d'abril de 1766, consta que, tambem por subscripção, se obtivera a somma de 1:151$280 rs., importancia dispendida com o douramento do throno da capella mór, 86 castiçaes para o mesmo throno, encarnação de uma imagem, etc. Alli se consignaram os nomes de todos os subscriptores, e as verbas que deram, e entre os subscriptores, que são muitos, se vê que o abbade Silvestre da Costa Lima deu 48$000 réis,—os dois benemeritos cidadãos e ex-mordomos, aos quaes nos referimos já com louvor—(ambos) 48$000 rs.,—de Pedro *Cem* (Pedro Pedrossem da Silva) e Antonio d'Araujo Ribeiro—(ambos 48$000 réis,—e Gaspar Barbosa Carneiro e João Francisco Guimarães (ambos) 196$000 réis.

Vê-se pois que o desfavor com que é tratado o celebre *Pedro Cem*, no *dramalhão* em que é protogonista, e no romancesinho—*A Vida de Pedro-Sem*, publicado no Porto, em 1873, na typographia de A. J. da Silva, tem tal ou qual fundamento.

Vendo se a confraria do Santissimo d'esta freguezia de S. Nicolau a braços com sérias difficuldades para restaurar a sua egreja e refazel-a de alfaias, pois que tudo fôra reduzido a cinzas, lembrou se de convidar para juiz o grande capitalista, imaginando que elle, impressionado com tão extraordinaria calamidade, contribuiria para a minorar, como lhe era facilimo, com alguma som-

[1] São as quatro magnificas imagens que se vêem na capella-mór.

[2] O orgão actual, foi mandado fazer em substituição d'aquelle, no anno de 1800.

ma de vulto; mas quê? Acceitou o cargo e foi juiz mais de seis annos consecutivos em seguida ao incendio, mas atravessou impassivel aquelle periodo, em que a confraria tantos esforços fez para restaurar o seu templo, sem que o demovessem a offerecer quaesquer sommas os repetidos rasgos de generosidade de varios mordomos, membros da meza em que elle era o primeiro, como juiz. Apenas vimos o seu nome em duas subscripções, mas ahi mesmo com desaire.

Era o dito *Pedro Cem* casado com D. Anna Michaella Fraga, e moravam na rua Nova (cremos que a dos Inglezes), n'esta freguezia de S. Nicolau.

Falleceu elle em 9 de fevereiro de 1775, havendo professado na Ordem Terceira de S. Francisco d'esta cidade do Porto (em cujo cemiterio jaz), no dia 2 d'agosto de 1717, com seus paes Vicente Pedro e D. Brigida Maria da Silva, que moraram na rua da Reboleira e falleceram — elle em 9 de fevereiro de 1748, e ella em 30 d'agosto de 1747.

Pedro Pedrossem teve (que nos conste) dois filhos—Luiz Pisser, que professou tambem na dita ordem 3.ª em 31 de março de 1719, fallecendo a 3 de dezembro de 1730, e Vicente Pedrossem da Silva, que foi fidalgo cavalleiro da casa real, e cavalleiro professo da ordem de Christo. Casou com D. Maria do O' de Caminha Ossman (filha legitima de Arnaldo Ossman e D. Maria Quiteria Joaquina de Caminha) e professaram ambos na dita ordem 3.ª no dia 13 de fevereiro de 1774, fallecendo elle em 18 de março de 1806, e ella em 9 de novembro de 1798, havendo morado ultimamente na rua Nova [1]

Tambem cremos que era filho do celebre *Pedro Cem*, o rev.º João Pedrossem da Silva, que foi conego e deão na Sé do Porto, e juiz da confraria do Santissimo, d'esta igreja de S. Nicolau, no anno de 1757 a 1758, como se vê do archivo da mesma confraria e do archivo do cabido.

Tambem da camara ecclesiastica d'esta diocese do Porto [2] consta que Vicente Pedrossem da Silva sollicitára e conseguira do nuncio, breve para ter oratorio particular nas casas da sua residencia, na cidade ou no campo. O breve é datado de 22 de março de 1777, e o regio beneplacito, de 22 de julho do mesmo anno; e na justificação do estylo para poder usar do dito breve, provou com testemunhas, que elle impetrante, era o proprio Vicente Pedrossem da Silva, fidalgo da casa real, cavalleiro professo da ordem de Christo, e que vivia á lei da nobreza, como viveram os seus antepassados.

Suppomos que as casas em que viveu a familia Pedrossem, na rua da Reboleira, são a grande casa ameiada onde esteve o hotel Mary Castro, e que hoje são propriedade do rico negociante d'esta praça, o sr. Francisco Cardozo Valente, e tambem nos dizem que entre outras quintas possuiram a quinta da Penna, em Villar, na freguezia de Massarellos.

Foi Pedro Pedrossem da Silva (o celebre *Pedro Cem*) pai de Vicente Pedrossem, que sollicitou e obteve o breve a que nos referimos acima, e filho de outro Vicente Pedrossem da Silva, que em 1738 sollicitou da nunciatura outro breve de oratorio (camara ecclesiastica do Porto, maço unico) e n'estes termos requereu ao prelado:

«Ex.mo e Rev.mo Sr.

«Diz Vicente Pedrossem da Silva, e seu filho Pedro Pedrossem, moradores na rua da Reboleira, freguezia de S. Nicolau n'esta cidade, que elles, em virtude do breve junto, pretendem ter oratorio nas suas casas, em que assistem, e porque não podem usar do dito breve sem licença de V. Ex.ª

«P. a V. Ex.ª lhes faça mercê conceder lhes licença para usarem do breve junto.

E. R. M.»

E o dito breve principia assim:

«Caetano M. Orsini, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, arcebispo de Tarso, prelado domestico e assistente de Sua Santidade, nuncio apostolico n'estes reinos de

[1] V. Livro das admissões da ordem 3.ª de S. Francisco do Porto—L. 1.º, fl. 336, n.º 6:803—6:806, e L. 4.º, fl. 65, v. n.º 15:700—15:707.

[2] Breves de oratorios, maço unico.

Portugal, com poderes de legado *a latere*, etc.

«Por auctoridade apostolica a nós concedida, damos licença para que no oratorio das casas em que morarem Vicente Pedro e seu filho Pedro Pedrossem, moradores na cidade do Porto, se diga missa todas as vezes que lhes parecer, com tanto que etc.»

E a licença do rev.º provisor da diocese tem a data de 14 de outubro de 1742.

—

Que nós saibamos, foi ainda o celebre Pedro Pedrossem da Silva, deputado na 2.ª junta administradora da companhia dos vinhos, creada pelo grande marquez de Pombal, e Vicente Pedrossem, deputado na 6.ª junta, como verificámos pela escriptura d'aquella companhia.

E de um dos livros do registro parochial d'esta freguezia de S. Nicolau consta (a fl. 18) que fallecera no dia 1 de novembro de 1797 Maria Michaela, preta, em casa do sr. Pedrossem, moradora na Reboleira, e do mesmo livro (a fl. 72 v.) se acha registrado o obito de José, preto, escravo de Vicente Pedrossem da Silva, cavalleiro professo da ordem de Christo, morador na rua da Reboleira. Falleceu a 13 de agosto de 1805, e era solteiro e maior de 80 annos.

É pois indubitavel que a familia Pedrossem viveu na rua da Reboleira, n'esta freguezia de S. Nicolau, ainda em 1805.

—

Tambem do mesmo livro, fl 75, consta que aos 28 dias de novembro de 1805 fallecera D. Maria José Cardia Ferrão, mulher do desembargador da relação d'esta cidade do Porto, João de Carvalho Martens da Silva Ferrão, moradores nas suas casas da rua Nova (ou dos Inglezes) n'esta freguezia de S. Nicolau, tendo pouco mais de dezesete annos.

—

Ainda com relação a esta egreja de S. Nicolau consignaremos aqui o que se encontra no Censual da Mitra, feito no episcopado do sr. D. Fr. João Rafael de Mendonça, distincto prelado portuense.

«N'esta freguezia não ha terreno algum que possa produzir dizimos. [1] Os parochos derivam os seus rendimentos dos direitos de estola e pé de altar, ao que accresce a prestação de 10$000 réis com que a mitra contribue para a dita igreja. [2] Esses direitos de estola, entrando em conta todos os seus ramos, e addiccionando-lhes as conhecenças, e os 10$000 réis acima declarados, formam a somma de 443$260 réis, e tal é o rendimento do abbade d'esta freguezia, mas d'esses mesmos rendimentos tem de pagar ao seu antecessor a pensão vitalicia de 320$000 réis, e de dar um ordenado competente ao seu cura coadjutor. Da fabrica e dos concertos da igreja está encarregada a mitra, e pelo que pertence á fabrica da confraria do Santissimo Sacramento, aos paramentos para as suas festividades, á cera e á pompa com que o Senhor é levado aos enfermos, contribue a confraria para isso instituida, mas os seus reditos dependem só da devoção dos freguezes.»

Foram effectivamente e são ainda hoje (1875) bastante limitados os fundos d'esta confraria, mas os parochianos foram sempre generosos em auxilial-a nas despezas a seu cargo, e tanto que sendo muitos annos as mordomias caras, havia empenhos para se obter a nomeação de mordomo d'esta confraria. Eram pois sempre as mesas, formadas por pessoas importantes, e tanto que, mesmo na praça commercial, era tido na melhor conta—*quem fosse mesario d'esta confraria—frequentasse a Juntina—e a casa da Passarola.*

A juntina era uma casa da rua dos Inglezes, onde os primeiros negociantes do Porto costumavam reunir-se e tratar o que mais lhes interessava, antes de fazer-se a actual casa da Bolsa; e a casa da Passarola era de uma senhora por appellido Passarola, que morava na rua de S. Francisco, e que foi

[1] Ainda n'aquella data a freguezia de Santo Ildefonso descia até ao Douro e comprehendia tudo o que é hoje d'esta freguezia de S. Nicolau, desde os muros dos Guindaes até aos limites de Campanhan.

[2] Estes 10$000 réis eram para o coadjutor, e sobre elles correu o celebre pleito de que fallámos no titulo — *Parochos de S. Nicolau.*

muitos annos a senhora de mais importancia, relações e valimento no Porto. Recebia nas suas salas todas as noites muitas pessoas—*mas unicamente pessoas das mais consideradas...*

A proposito consignaremos aqui que uma das verbas mais importantes na receita d'esta confraria era proveniente do privilegio que ella tinha de dar as rasas para se medir o pão que se vendia ou comprava na cidade, privilegio que acabou já depois de 1834.

—

A circumscripção d'esta freguezia desde 1841, data do ultimo arredondamento da cidade; é a seguinte:

Principia no fortim da Porta Nobre, e segue pela margem do Douro até ao marco do antigo limite de Campanhan, na Corticeira: volta pelos Guindaes e comprehende a Lada, Barredo, ruas de S. Francisco de Borja, Mercadores, S. João, largo de S. Domingos (parte) ruas de Belmonte e Taipas, até ao chafariz, e rua de S. Roque (exclusivamente): desce ao largo de S. João Novo, comprehendendo-o todo, e segue d'alli pelo que ainda resta dos muros da cidade, quasi que em linha recta até ao Douro, ou até ao fortim donde partimos, cortando a rua da Nova Alfandega no ponto onde esteve a Porta Nobre. Os predios das Escadas do Caminho Novo são todos (incluindo os novos) da freguezia limitrophe —Miragaya — porque *todos aquelles predios estavam extra-muros.*

Até 1841 era muito mais restricta a circumscripção d'esta parochia, pois pelo arredondamento da cidade, feito n'aquella data, recebeu da freguezia de Santo Ildefonso tudo o que decorre das Escadas dos Guindaes até aos limites de Campanhan; e da freguezia da Sé algumas casas no alto do Barrêdo; a rua dos Mercadores, da travessa de S. João para cima; toda a rua das Gongostas, e parte da rua e largo de S. Domingos; e da freguezia da Victoria a rua da Ferraria (antiga rua das Rosas...) da rua de D. Fernando para cima; a rua e largo de S. João Novo; toda a rua de Bellomonte, e a parte que tem hoje na das Taipas.

Antes d'este arredondamento tinha esta freguezia de S. Nicolau apenas 844 fogos com 2:659 almas; e antes das expropriações para a rua da Nova Alfandega, contava 1:625 fogos com 7:430 almas, segundo o rol da desobriga, e hoje, pelo mesmo rol, tem 1:400 fogos e 6:500 almas.

A festa do rapazio e outras

No dia 5 de dezembro, vespera da festividade do padroeiro, S. Nicolau, os alumnos da eschola que a confraria administra, unidos a outros muitos, se separavam em grupos, ao declinar da tarde, e percorriam esta freguezia em differentes direcções cantarolando e gritando ao som de campainhas:

Quem dá lenha ou algum pau
P'rá fogueira de S. Nicolau

e desde as officinas de tanoeiro. á Porta Nova e rua dosBa nhos, até á Corticeira, faziam grande colheita de barricas e canastras velhas, aparas das tanoarias e carqueija, levavam tudo para a frente da egreja de S. Nicolau, e logo que anoutecia lhe lançavam o fogo, dando-lhe a confraria uma porção de castanhas verdes, e o abbade regularmente um alqueire, lançando-lh'as sobre a fogueira por vezes do alto da egreja, desenvolvendo-se logo entre o batalhão de rapazes, que já se achava postado em volta da fogueira, grande barulho e uma algazarra de insurdecer, com muitos tombos e chamuscadellas aos disputarem uns aos outros a colheita das castanhas cruas, assadas e algumas por fim queimadas, terminando o magusto por uma sementeira horrivel de brazas, cinza e tições, que punha sempre em alarma os transeuntes e visinhos.

Era este o maior alegrão dos rapazes d'esta freguezia, e durou d'esde tempo immemorial aproximadamente até 1855.

No dia seguinte, 6 de dezembro, celebrava-se com grande pompa a festividade do padroeiro, por uma confraria propria, que ha annos se extinguiu, e com ella a grande festividade.

Hoje n'esta egreja as festas principaes são — Corpo de Deus, — Endoenças, — Se-

nhora da Boa Nova, — Santo Eloy — e S. Vicente — sendo tambem notavel e imponente quasi todos os annos, a ministração do Santissimo aos enfermos, por desobriga.

Ha tambem n'esta egreja outras festividades menores, sendo uma a de Nossa Senhora do Pilar, a 15 d'agosto, e a expensas da familia Pacheco Pereira, em cumprimento de um antigo legado.

Em um altar collateral d'esta egreja, do lado da Epistola, foi collocado no dia 21 de dezembro de 1785 o corpo de S. Vicente martyr, que Thomaz da Rocha Pinto, cavalleiro da Ordem de Christo e rico negociante, mandára vir de Roma com grande pompa — á sua custa.

Procissão do Corpo de Deus com relação a esta freguezia

O itinerario da procissão de *Corpus Cristi* tem variado muito, e n'esta data reclama alteração radical. Até 1560 ia alternadamente um anno fóra da cidade «a huuma egreja do Oraguo de Santo Ylefonso, que esta em huu campo, e ali collocavam o Santissimo Sacramedto debaixo de huu carvalho,» durante o sermão; outro anno ia á egreja de S. Pedro de Miragaya, e por ser pequena collocavam o Santissimo Sacramento á porta, debaixo de uma vela[1], pelo que a rainha D. Catharina, ordenou que a dita procissão se dirigisse ao convento de S. Domingos ou ao de S· Francisco, como se vê de uma carta regia (log. cit.) com data de 30 de Maio de 1560.

E por aquelle tempo dava tambem, não sabemos que voltas, pela Ribeira (então da freguezia da Sé e hoje d'esta freguezia de S. Nicolau) o que determinou o bispo D. Fr. Gonçalo de Moraes a pedir a S. M. que a dicta procissão não descesse á Ribeira, por ser local immundo, e seguisse pela rua Nova (rua dos Inglezes, n'esta freguezia de S. Nicolau) áo que attendendo S. M. (Philippe II, o Demonio do Meio Dia...) houve por bem dirigir á Camara do Porto a carta, escripta em Aranjuez a 15 de maio de 1607, cujo theor é o seguinte:

«Juis Vereadores e Procurador da Camara da Cidade do Porto Eu El-Rey vos envio muito saudar. Dom Frey Gonçalo de Moraes, Bispo dessa Cidade, me enviou dizer por sua Carta, que na Procissão, que ahi se faz pola festa de Corpus Christi, se leva o Santissimo Sacramento em huma Charola tam pezada, que com a levarem sacerdotes, vay com muita indecencia, por ser necessario irem a pedaços correndo com ella, e que das jenellas deitão moedas com que podem quebrar as vidraças onde vay o Santissimo Sacramento, allem de ser isto contra o que manda o Ceremonial de Sua Santidade, que he, que o Santissimo Sacramento se leve debaixo do palio; *e que a ditta Procissão vay pola Ribeira, onde se vende o pescado, e ha muitas imundicias, e por outras ruas indecentes*[1] podendo ir pola rua nova, por ser a melhor dessa Cidade; e que para se dançar ás portas de alguas pessoas particulares, se faz em muitas partes deter a procissão, com grande indecencia, e que posto que elle, como Bispo podia emendar estas couzas, me pedia mandasse eu ordenar como se fisesse; e dezejando eu que nas desta qualidade se proceda com o respeito e decencia devida Hey por bem» no que toca o primeiro ponto, que se cumpra o Ceremonial; e em quanto aos outros dous pontos «me parecer o que o Bispo diz bem considerado, e com tudo me não quiz resolver nisso, sem primeiro vos ouvir» porem terei particular contentamento, de que não se vos offerecendo sobre isto duvida de consideração, vos conformareis com o Bispo, e quando vos parecer outra cousa, me avisareis logo das rasões que para isso tiverdes. Escripta em Aranjuez a 15 de Maio de 1607 — Rey — Affonso Furtado de Mendonça.»

Liv. 4.º de Proprias Provisões da Camara do Porto f. 194.

Em resposta áquella Provisão regia, a Camara fez ver a S. M. o grande desgosto que sentiriam os moradores das ruas por onde

[1] Livro 1.º de Proprias Provisões da Camara do Porto f. 187.

[1] Bem indecentes são parte das ruas que ainda hoje (1875) percorre, taes são as de S. Crispim, Santa Anna e Escura!...

costumava seguir a procissão, se se alterasse o antigo itinerario; ao que attendeu S. M. na Provisão de 18 de Maio de 1608, dirigida á Camara, na qual, entre outras couzas diz: «e porque se não receba desconsolação nessa Cidade da Procissão *não passar pelas ruas costumadas*, escrevo eu ao Bispo que nisto se não altere cousa alguma.[1]

Prevaleceu ainda por então o respeito ás velharias e a procissão continuou a ir á Ribeira, mas ha muito que da rua dos Mercadores segue em linha obliqua para a rua Nova dos Inglezes, e d'ahi para a Cathedral *ainda pela rua das Congostas* (prestes a desapparecer,) — Largo de S. Domingos, rua das Flores, rua do Loureiro, e rua Chan.

Abbades de S. Nicolau

1.º — *André Fernandes* — 1583.

2.º — *Jeronymo Fernandes* — 1602.

3.º — *Diogo Gaspar* — 1605. Obteve a egreja por permuta, estando n'ella dois annos, e passando já dos 70 de idade, resignou no immediato, reservando para si a pensão annual de 20$000 reis. A egreja rendia por então 90$000 reis aproximadamente.

4.º — *Domingos Saraiva*, Natural de Frechas, concelho de Trancoso, bispado de Viseu. Filho de Lourenço de Saraiva e de Suzana Gaspar. Collou-se a 29 de agosto de 1606, sendo provido pelo papa, e vindo a bulla commetida ao prelado da diocese, que então era D. Jeronymo de Menezes. Falleceu em abril de 1643, tendo obtido por bulla apostolica para seu sobrinho Francisco Saraiva Aranha, 30$000 reis de pensão annual, imposta sobre os rendimento da egreja.

5.º — *Antonio da Fonseca da Cunha* — Provido na abbadia por concurso, perante o cabido, *sede vacante*, e confirmação pontificia. Este abbade era natural do bispado de Coimbra. Os reditos da egreja eram por então 110$000 reis, e este abbade acceitou a collação com o onus de 30$000 reis, reservado para Francisco Saraiva Aranha. Depois, reservando para si a pensão de 60$000 reis, resignou no seu successor.

6.º — *Luiz Alvares Soares* — Clerigo *in minoribus*, natural d'esta cidade, filho de Gaspar Alvares e Izabel Antonia, moradores na rua das Congostas. Collou-se, acceitando a obrigação da pensão de 60$000 réis para o seu antecessor, e a de 30$000 réis para Francisco Soares Aranha, segundo a determinação de Domingos Saraiva. Collou-se, *sede vacante*, em 18 de novembro de 1645.

Appenso aos autos da collação d'este parocho, se encontra na camara ecclesiastica da diocese, um processo curioso a que elle deu principio, em janeiro de 1650, pedindo coadjutor, e que terminou em 1681, sendo abbade d'esta egreja o rev. Manuel Mendes Vieira, que foi quem pagou as custas.

Em resumo é o seguinte:

Lembrou-se o abbade Luiz Alvares, de pedir um coadjutor, e n'este sentido dirigiu, com data de 8 de janeiro de 1650, um requerimento ao Cabido, *sede vacante*, allegando, entre outras coisas, que a freguezia de S. Nicolau contava cerca de 3:000 almas, população superior á das freguezias de Miragaya e de Villa Nova de Gaya, juntas, e que tendo coadjutores os parochos d'estas freguezias e d'outras d'egual população, justo era que fosse tambem dado coadjufor a elle supplicante, mesmo porque não podia elle só, satisfazer ao movimento e exigencias do serviço parochial, pois por vezes se pedia o Sagrado Viatico para pontos diversos ao mesmo tempo, e ainda recentemente em uma noite sahira duas vezes a ministrar o Sagrado Viatico, roubando lhe muito tempo o serviço da secretaria e a ministração nos baptismos, casamentos, etc. Que ao Prelado cumpria dar-lhe o coadjutor, por isso que o bispo D. Frei Marcos, quando creou as freguezias da Victoria, S. João de Belmonte e esta de S. Nicolau, por escriptura lavrada na nota do tabellião Ruy de Couros, se obrigou a todos os encargos das ditas parochias por elle erectas, conservação, reparação e mesmo restauração das respectivas matrises, etc. de modo que das novas parochias jámais em tempo algum adviessem novos encargos para os seus parochianos.

[1] Liv. 4.º de Poprias Provisões da Camara do Porto f. 198.

Mandou o cabido ouvir o Promotor do Bispado, e este se oppoz á concessão, dizendo que estranhava a lembrança do supplicante, pois nenhum outro parocho d'esta egreja, desde a sua creação, havia pedido coadjutor, e que era aforismo de direito — *Nihil inovetur Sede vacante;* — indo porém os autos conclusos ao cabido, mandou este, com data de 7 de fevereiro de 1650, se desse coadjutor ao supplicante e que, na fórma requerida, lhe fosse consignada nas rendas da meza pontifical ou da mitra, a somma annual de *vinte cruzados*, que era quanto dava a mitra a outros coadjutores.

Passados cêrca de 29 annos (em 6 de Dezembro de 1678) appellou o procurador da mitra para a metropole braccarense—*jurando ao Santos Evangelhos que havia menos de dez dias que elle procurador tivera noticia do despacho do cabido, nomeando o coadjutor em questão...*

E logo requereu o dito procurador ao prelado, dizendo que pretendia obrigar os abbades de S. Nicolau e Nossa Senhora da Victoria, a desistirem do pleito, e a desonerarem a mitra, e que sendo n'aquella data vigario geral do bispado, o rev. doutor Hilario da Rocha Calheiros, abbade de S. Nicolau, pedia ao prelado nomeasse outro vigario geral no processo; ao que o prelado (D. Fernando Correia de Lacerda) deferindo, nomeou juiz na causa o rev. licenciado, Luiz de Moraes, promotor da diocese.

Foi a appellação recebida na metropole pelo doutor Christovão Pinto Bandeira, desembargador da relação da côrte de Braga e vigario geral n'ella e em toda a archidiocese no espiritual e temporal pelo Ex.mo Sr. D. Luiz de Sousa, bispo primaz das Hespanhas, Senhor de Braga, do conselho de estado de el-rei e seu embaixador extraordinario na curia romana.

Correu o processo seus termos; e mandando o dito sr. vigario geral passar cartas citatorias para ser intimado n'esta cidade do Porto o rev. Abbade de S. Nicolau (ao tempo Manuel Mendes Vieira) a fim de que, passados seis dias depois da citação, comparecesse n'aquelle juizo, sob pena de ser julgado á revelia, o dito abbade constituiu em Braga procurador, e lhe deu instrucções e auctorisação para desistir, como desistiu, resalvando os direitos dos seus successores, do que se lavrou termo, que o dito sr. vigario geral julgou por sentença, em data de 5 de julho de 1681, mandando que o appellado desistente pagasse as custas nas duas instancias (Porto e Braga)—o que tudo montou á importante somma de *quinhentos e vinte e sete réis?!*

O abbade Luiz Alvares Soares, reservando para si a pensão annual de 47 ducados, resignou no seu successor.

—

7.º — *Martinho Pinto Carneiro.* Obrigou-se este á dita pensão de 47 ducados para o resignatario, á de 62 ducados para o ex-abbade Antonio da Fonseca da Cunha, — e á de outros 47 ducados, já imposta n'este beneficio em favor do rev. Francisco Saraiva; e n'estes termos obteve bulla pontificia com data de 7 de Maio de 1675.

Falleceu o abbade Martinho Pinto Carneiro a 18 d'agosto de 1675 e lhe succedeu:

—

8.º — *O doutor Hilario da Rocha Calheiros*, que já era provisor do bispado, e ainda *clerigo in minoribus*, natural das Caldas da Rainha, no arcebispado de Lisboa, filho legitimo de Antonio da Rocha e Beatriz da Fonseca.

Foi apresentado n'esta abbadia, por provisão do sr. D. Fernando Correia de Lacerda, bispo da diocese, em data de 26 d'agosto de 1675, collando-se em 30 do mesmo mez e anno. Reservando para si a pensão annual de 65:000 réis, resignou, tendo 34 annos de idade, no seu successor.

—

9.º — *Manuel Mendes Vieira*, que pela bulla que impetrou de S. Santidade, se obrigou á pensão de 65:000 rs. para o seu antecessor, pensão para a qual foi consignada na bulla, a de 54 ducados e meio, que elle Manuel Mendes Vieira reservára na egreja de Santa Marinha do Zêzere, da qual fôra abbade, — mais 46 ducados sobre uma bacharelaría da Sé, o que tudo, em moeda então corrente, montava á cifra de 65:000 réis; e além d'isto se obrigou a pagar ao rev. Francisco

Saraiva, a antiga pensão de 30:000 réis, com que estava onerado este beneficio.

Collou-se a 13 de janeiro de 1679. Era natural da freguezia de S. João de Luzim, filho legitimo de Manuel Ferreira e Catharina Vieira. Renunciou no seu successor:

—

10.º — *Valerio Alvo Pereira*, que fôra abbade de S. Mamede de Guisande, concelho da Feira, d'este bispado do Porto. Falleceu a 25 d'abril de 1723.

—

11.º — *O doutor Antonio de Deus Campos*, promotor da diocese, foi apresentado n'esta abbadia pelo cabido, *sede vacante*, em 19 de junho de 1723, precedendo concurso e exame.

Da Camara Ecclesiastica não consta quando falleceu, nem quem foi seu successor, e o primeiro de que alli se acha nota é o seguinte:

—

12.º — *O dr. Silvestre da Costa Lima*, abbade de S. Nicolau, morador em Cima do Muro, falleceu em 11 de julho de 1790, e succedeu-lhe:

—

13.º — *O dr. Theodoro Pinto Coelho de Moura*, natural da freguezia de Santa Marinha de Lodares, dezembargador da curia ecclesiastica e provisor interino da diocese; foi apresentado n'esta abbadia pelo bispo D. Fr. João Raphael de Mendonça, por provisão de 9 de Setembro de 1790, e collou-se em 4 d'Outubro do dito anno.

Era filho de Antonio José Camello e Angela Maria Pinto.

Reservando para si a pensão annual de 320$000 réis, e por sua morte, uma de réis 80$000 em favor de Francisco Coelho Soares, clerigo *in minoribus*, da dita freguezia de Lodares—e outra de 80$000 réis para o irmão d'este—Bernardino Coelho Soares da Silva e Moura, ambos sobrinhos d'elle, abbade, Theodoro Pinto Coelho de Moura, renunciou no seu successor. (Vide *Lodares*).

—

14.º—*Domingos Luiz Pinto Coelho*, irmão do resignatario doutor Theodoro, o qual, sendo já conego prebendado na Sé, provisor do bispado e desembargador da curia, cedeu 120$000 réis da pensão de 320$000 réis que devia dar-lhe seu irmão, abbade actual, ficando assim a dita pensão reduzida a 200$000 réis certos.

Collou-se o rev.º Domingos Luiz Pinto Coelho em 4 de maio de 1798.

—

15.º—*Francisco Diogo de Souza Souto*, clerigo *in minoribus*, natural da freguezia de Santo Ildefonso, (Porto) famulo do sr. D. João de Magalhães e Avelar, que o apresentou n'esta abbadia por provisão de 30 de junho de 1831, em seguida ao fallecimento do abbade Domingos Luiz Pinto Coelho, com a reserva de duas pensões de 72$000 réis cada uma, para dois ecclesiasticos pobres, que s. ex.ª mais tarde nomearia.

Collou-se a 20 de agosto de 1831. Era filho legitimo de João Diogo de Souza Souto e D. Angelica de Souza Souto.

Por haver sido apresentado, reinando o sr. D. Miguel I, foi suspenso em virtude de medidas geraes, mas por alvará de S. M. a sr.ª D. Maria II, com data de 4 de maio de 1833, foi reintegrado com a condição de prestar, como prestou (em 12 de maio de 1843), juramento de fidelidade ao novo governo, perante o ordinario da diocese. Era ao tempo governador interino do bispado, o dr. Antonio Navarro de Andrade, deão da Sé Cathedral.

—

16.º—*Ignacio José de Macedo*, presbytero secularisado, natural da freguezia de S. Vicente de Alfena, n'este bispado do Porto. Foi apresentado n'esta abbadia por decreto de 12 de setembro de 1833, assignado por S. M. Imperial, o sr. duque de Bragança, regente em nome da rainha, a sr.ª D. Maria II, sua filha, sendo bispo eleito do Porto o sr. D. Fr. Manuel de Santa Ignez, que dispensou o exame synodal e as demais formalidades do estylo, *attentas as circumstancias que se davam no agraciado*... e o collou em 22 de outubro de 1833.

Dos autos das collações não consta por que titulo vagou ou se deu por vaga esta abbadia, para ser n'ella apresantado o rev.º Ignacio José de Macedo, assim como tam-

bem não consta dos autos quando este parocho falleceu, ou que destino lhe deram.

—

17.°—*Bento da Silva Leite.*

Por decreto de 26 de fevereiro de 1834, foi transferido para esta abbadia de S. Nicolau, o reitor do Arcozello, D. Theotonio Marinho; mas por outro decreto de 2 de abril do mesmo anno, foi aquelle declarado sem effeito, e apresentádo n'esta egreja o rev.° Bento da Silva Leite, presbytero secular, que já estava servindo como parocho encommendado, a mesma igreja.

Era filho legitimo de Luiz da Silva Leite e Thomazia Maria de Jesus, todos d'esta freguezia de S. Nicolau; e o decreto que o apresentou n'esta abbadia, era assignado por S. M. Imperial o duque de Bragança, como regente, em nome da rainha a sr.ª D. Maria II.

Collou-se em 5 de dezembro de 1834, sendo bispo eleito o mesmo sr. D. Fr. Manuel de Santa Ignez.

—

18.°—*Faustino Gualberto Lopes*, egresso da já extincta congregação dos agostinhos reformados, foi por morte do seu antecessor, Bento da Silva Leite, transferido, como encommendado da egreja de Santa Maria de Golpilhares, para esta de S. Nicolau, por portaria da sr.ª D. Maria II, com data de 12 de janeiro de 1836, tomando posse em 30 de janeiro do mesmo anno.

Este presbytero, como disse no requerimento que dirigiu a S. M., havia pouco antes regressado da ilha do Principe, para onde havia sido degredado por adhesão aos principios liberaes, foi co-reo dos infelizes justiçados na Praça Nova, e passou no degredo cinco annos.

19.° — *D. Francisco da Piedade Silveira Mourão*, natural da villa de Lalim, junto a Lamego, foi conego regrante de Santo Agostinho, [1] cartorario e procurador geral do convento de Grijó, comarca do Porto, abbade de S. João do Monte e depois abbade de Cannas de Senhorim e Truxéda, na Beira, e por ultimo abbade de S. Nicolau, n'esta cidade do Porto; pessoa de muita illustração, muita virtude e muitas sympathias, sempre estimado e considerado pelos seus parochianos, e tanto que não ha n'esta freguezia de S. Nicolau memoria de parocho algum para quem os parochianos fossem mais generosos por occasião do folar. Só na rua nova de S. João, recebia mais de cem mil réis, pois os principaes negociantes costumavam dar-lhe de folar uma peça de oito mil réis.

Parece que a este digno abbade se referia já o nosso Camões, quando escreveu estes versos:

«Não nego que ha comtudo descendentes
De generoso tronco e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes
Sustentam a nobreza que lhes fica.»

[1] Tomou o habito no convento de Santa Cruz de Coimbra, em domingo de Paschoa, 10 d'abril de 1803, e no mesmo convento professou em 12 d'abril de 1804; — matriculou-se no curso dos estudos superiores da Ordem, a 20 d'Outubro de 1804, e completou-o, sendo premiado em todos os annos. Em 1811 passou para o convento de Grijó, da mesma Ordem, e alli foi mestre de noviços.

Nasceu em Lalim, a 27 de março de 1788, e foi baptisado, a 6 d'abril do mesmo anno, por seu tio o revd.° Francisco da Silveira Athaide e Vasconcellos, sendo seus padrinhos os seus tios Pedro da Silveira Athaide e Vasconcellos e D. Maria Xavier Pereira de Castro.

Apresentou-o n'esta egreja de S. Nicolau, a sr.ª D. Maria II, por decreto de 27 de julho de 1848—decreto honrosissimo, no qual se mencionam os relevantes serviços por elle prestados á Egreja e ao Estado, de longos annos, e no magisterio que exerceu n'esta diocese do Porto, ensinando philosophia, theologia moral, grego, etc.

Temos sob as mãos dois trabalhos litterarios de merecimento, publicados pelo sr. D. Francisco da Piedade Silveira — uma «*Dissertação Canonico-Theologica sobre o estado das Ordens Terceiras seculares, depois da extincção das Ordens regulares n'este reino, relativamente á sujeição aos ex.mos Ordinarios*» (Porto, typographia Commercial, 1852); — e «*Reflexões Canonicas e Moraes sobre a resposta da commissão administrativa da Ordem Terceira de S. Francisco da cidade do Porto, relativamente á representação que ao ex.mo sr. Bispo d'esta diocese dirigiu o abbade da freguezia de S. Nicolau*»—que era o mesmo sr. D. Francisco da Piedade Silveira. (Porto, 1859.)

pois era o sr. D. Francisco da Piedade Silveira Mourão, filho legitimo de Francisco Mourão de Miranda Homem e de D. Joaquina da Silveira Athaide e Vasconcellos, fidalgos distinctos, como mostraremos em breves traços genealogicos.

ASCENDENCIA PATERNA DO SR. D. FRANCISCO DA PIEDADE SILVEIRA MOURÃO

João Martins Mourão, natural da villa de Lordêllo junto a Villa Real de Traz os Montes, teve entre outros filhos

Martim Mourão, que casou junto a Lamego, com D. Brites Nunes Homem d'Albuquerque, senhor da quinta de Villa de Rei, e teve entre outros filhos

Lourenço Mourão Homem, doutor e lente de canones na universidade de Coimbra, desembargador do paço, pessoa de muita illustração e muita auctoridade, de que deu provas, prestando relevantes serviços aos seus conterraneos quando principiou o negro periodo da dominação hespanhola.

Dotou o convento de Santa Cruz, de Lamego (que foi de frades loyos, e que é hoje quartel militar) com a sua quinta de Villa de Rei e outras terras,—mandou fazer á sua custa, na egreja do dito convento, a capella-mór, na qual foi sepultado, em tumulo que ainda lá se vê na parede, do lado do Evangelho, com a seguinte inscripção:

DUM VITA COMES JURA DABUM;
NUNC CONDITUS HOC PARVO TUMULO
HORRIDA MORTIS JURA FERO.

Assistiu ao 2.º concilio provincial de Lisboa, onde falleceu em fevereiro de 1608, e teve de D. Joanna de Mello, distincta fidalga da côrte, um filho natural, que legitimou.

Francisco Mourão Homem, que foi senhor da quinta das Cans, junto á Regoa, magnifica propriedade entre o Salgueiral e a ponte de Jugueiros, e que foi cortada pela estrada a *mac-adam*, dando o governo, *só pela expropriação da parte que o leito da estrada tomou, — cêrca de oito contos de réis!*

Casou em Britiande, com D. Maria de Sá Taveira, filha unica de Jeronymo de Sá Taveira, senhor do morgado de Nossa Senhora da Assumpção, de Britiande, e teve

Franscisco Mourão Homem, senhor do dito morgado. Vivia em Britiande, onde casou, na casa de S. Sebastião, com D. Vicencia de Miranda, e teve

João de Sá Miranda Homem, senhor dos ditos morgados.

Casou na quinta de Ferreirim, com D. Ursula de Seixas Cabral, filha unica e herdeira de Antonio de Sequeira e de D. Brites de Azevedo, e teve

João Mourão de Miranda Homem, senhor dos ditos morgados.

Viveu na sua quinta de Ferreirim; casou com D. Joanna Lobato Pinto de Queiroz, filha de Gaspar Pereira de Castro, da Villa da Feira, e de D. Bernarda Guedes de Queiroz, da casa de Sarnadêllo, e teve entre outros filhos, Antonio Mourão de Miranda Homem, que foi coronel no exercito da India, fidalgo cavalleiro da casa real e cavalleiro professo da Ordem de Christo, *com trezentos mil réis de tensa annual*, e

José de Sá Pereira de Castro Mourão, senhor dos ditos morgados.

Viveu em Britiande, onde casou com D. Joanna Clara d'Almeida, de quem teve cinco filhos que morreram todos solteiros: e naturaes (que legitimou) entre outros, de D. Luiza Pereira Monteiro.

Francisco Mourão de Miranda Homem, que succedeu na casa de seus paes.

Viveu em Lalim, e casou com D. Joaquina da Silveira Athaide e Vasconcellos, filha de Carlos Manuel da Silveira Athaide e Vasconcellos, de Armamar, e de D. Maria Josepha, de Angorez, em Samodães, e teve entre outros filhos

1.º — D. Francisco da Piedade Silveira Mourão, abbade penultimo de S. Nicolau.

2.º — D. Joanna Maxima da Silveira Mourão, que casou em Tuzende, junto a Villa Real, com Daniel Cabral de Moraes, (d'estes fallaremos em seguida.)

3.º — D. Felicia Felisberta de Sá Taveira Mourão, que casou com Luiz de Mello Pitta Ozorio Freire, doutor pela Universidade de Coimbra e fidalgo cavalleiro da casa real, e teve entre outros filhos — Luiz de Mello Pitta, major de regimento d'infanteria n.º 14, um dos officiaes mais dignos e mais valentes do nosso exercito — cavalleiro de diversas ordens e commendador da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

—

D. Felicia Felismina de Mello Pitta da Silveira, que casou com seu primo Joaquim da Silveira Cabral, de Tozende. Fixaram a sua residencia, ha annos, em Angorez, (freguezia de Samodães) no casal que, com outros, herdaram de seu tio, Pedro da Silveira Athaide e Vasconcellos, e teem seis filhos, todos ainda solteiros, — Francisco, Antonio e Duarte, — D. Maria Amelia D. Maria das Dores e D. Anna.

Ascendencia materna do sr. D. Francisco da Piedade Silveira Mourão

Amador Aranha de Vasconcellos, natural do Porto, casou com D. Brites de Azevedo. Sendo despachado para Angola, levou comsigo a mulher, e teve Ignacio Rebello de Vasconcellos, que por morte de seu pae ficou em Angola, onde estabeleceu casa, e foi capitão-mór de S. Paulo de Loanda, e

—

Pantaleão Rebello, que foi capitão de mar e guerra, governador da fortaleza de Ambaca, no reino de Loanda, fidalgo cavalleiro da casa real, e cavalleiro professo do ordem de Christo.

Casou em Lisboa com D. Marianna da Silveira, filha de Luiz da Silva Carvalho, natural de Armamar, cavalleiro professo da ordem de Christo, e mestre de campo, na guerra da acclamação, — e de D. Luisa da Silveira Athaide, filha do capitão de infanteria, Francisco da Silveira, fidalgo da casa real e cavalleiro professo da ordem de Christo, — e de sua mulher D. Theresa de Athaide, filha natural de D. Diogo de Athaide, conde da Castanheira.

E do seu consorcio com D. Marianna da Silveira, teve Pantaleão Rebello—Francisco Rebello de Vasconcellos, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo e mestre de campo,—D. Luisa Antonia Onofre de Athaide e Vasconcellos, que casou com João de Sequeira Varejão, senhor de Parrotes, do morgado de Benafita, e administrador da capella de S. Mamede, em Evora, commendador da commenda de S. Domingos de Marrecos e Santa Maria Magdalena de Aldeia Rica da ordem de S. Thiago, na qual era tambem cavalleiro professo, — e

Luis da Silveira de Carvalho, que casou em Lamego, com D. Maria C. de Vasconcellos, de quem teve só uma filha, que morreu creança, e viuvando, passou a segundas nupcias com D. Violante Garcez da Fonseca Coutinho, da villa de Castello Rodrigo, filha de Antonio Garcez da Fonseca, que foi capitão de cavallos na guerra da acclamação, e de sua mulher D. Catharina de Gouveia Aguilar; — neta paterna de Jorge Garcez da Fonseca e D. Maria da Cunha Falcão; — bisneta paterna de Alvaro da Fonseca (e de sua 3.ª mulher D. Violante Garcez) ao qual Philippe II, de Hespanha, quando tomou posse de Portugal, fez capitão general e concedeu muitas honras e mercez.

— 3.ª neta paterna do grande Diogo da Fonseca e de sua mulher, D. Joanna Martins Guedêlha, dama do paço de el-rei D. João II, que foi quem appellidou *grande* ao dicto Diogo da Fonseca, quando viu que este de um só golpe cortou a cabeça a um touro;[1]

— 4.ª neta de *Izuro Diniz* e de sua mulher D. Beatriz da Fonseca;

— 5.ª neta de Affonso Vaz da Fonseca e de sua mulher Maria Lopes Pacheco;

— 6.ª neta de Vasco Fernandes Coutinho, de quem foi filho mais velho, o grande Gonçalo Vaz Coutinho, 1.º conde de Marialva.

[1] Foi Diogo de Sousa militar destincto e exerçeu altos cargos no Paço de D. João II, que lhe deu varios senhorios e honras.

E do seu consorcio com D. Violante Garcez da Fonseca Coutinho teve Luiz da Silveira de Carvalho, entre outros filhos.

Carlos Manuel da Silveira e Vasconcellos, que casou em Angorez, freguesia de Samodães, com D. Maria Josepha, e teve.

—Francisco da Silveira e Vasconcellos, que foi padre;

—Carlos da Silveira e Vosconcellos, que tambem se ordenou;

—Pedro da Silveira Athaide e Vasconcellos, que foi major do regimento de infanteria n.º 12 de Chaves, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, e provedor da antiga companhia dos vinhos do Alto Douro; [1]

—D. Joaquina da Silveira Athaide e Vasconcellos, que casou na villa de Lalim, concelho de Tarouca, com Francisco Mourão de Miranda Homem, e teve, entre outros filhos, como já dissemos, o sr. D. Francisco da Piedade da Silveira Mourão, penultimo abbade d'esta freguezia de S. Nicolau, que falleceu n'esta freguezia, no dia 4 de agosto de 1859.

—

20.º—*Antonio Joaquim Soares*, egresso benedictino e abbade de Gondalães, n'este bispado do Porto, foi apresentado n'esta egreja de S. Nicolau, por decreto de 6 de junho de 1860, e collou-se a 6 de julho do mesmo anno.

E' o parocho actual. Nasceu na freguezia de S. Martinho, na cidade de Penafiel, em 1814, professou no convento de Tibães, e viveu algum tempo no de Santo Thyrso.

Tem sido um dos mais fecundos oradores do nosso paiz, e é hoje um dos padres mais ricos da diocese.

[1] Casou em Relvas, freguezia de Parada de Cunhos, junto a Villa Real de Traz-os-Montes, com D. Maria Delfina de Azevedo Cardozo Cabral Girão, filha de Manuel de Azevedo Teixeira e D. Josepha Bernarda de Azevedo Coutinho;—neta paterna de Antonio de Azevedo Neves e D. Isabel Teixeira Cabral, e materna de Bernardo de Azevedo Coutinho Avellar e D. Thomazia Thereza Girão, da quinta do Testamento, freguezia de S. Martinho de Mouros, no bispado de Lamego.

Pedro da Silveira e D. Maria Delfina, não tiverão succession.

Ruas d'esta freguezia

Hoje as ruas principaes d'esta freguezia de S. Nicolau são—a dos Inglezes, que já se denominou — *rua Nova* — e *rua Formosa*, mandada abrir por D. João I, que se comprazia em a denominar a sua *rua Formosa*, posto que foi feita pelo senado do Porto, que com ella dispendeu cerca de oito contos de réis, somma importante n'aquella epocha [1]

Esta rua ainda hoje (1875) é uma das mais largas e mais bonitas do Porto, muito plana, com dois renques de arvores, que muito a embellesam, e toda povoada de magnificos predios, com grande numero de escriptorios commerciaes e agencias de bancos e companhias nacionaes e estrangeiras. N'esta rua costumam reunir-se diariamente a maior parte dos negociantes e correctores, e n'ella se fazem a maior parte das transacções

[1] Foi aberta esta rua de 1400 a 1410. Ainda em 1406 não estava concluida, como se vê do accordo entre el-rei D. João I e o bispo D. Gil Alma, com relação ao senhorio do Porto, contracto que foi reduzido a escriptura, assignada em Santarem, no dia 13 de abril de 1406. Por este contracto, o bispo cedeu ao rei toda a jurisdicção e direito que tinha na cidade, pela pensão annual de 3:000 libras da moeda antiga, que a 36 réis cada libra, montavam a 108$000 réis; e para o pagamento d'esta quantia, assignava el-rei o rendimento de todas as propriedades que tinha no Porto, e quando elle não bastasse, o da alfandega, até que se acabassem «*as nossas casas, que mandámos fazer na dita cidade, no logar que chamam rua Formosa,*» das quaes, depois de aforadas, se dariam ao bispo tantas libras quantas bastassem para o dito pagamento. E' preciso que se saiba (Arnaldo Gama, *Ultima Dona de S. Nicolau*, pag. 415, not. 2.ª) que, apesar de el-rei chamar ás casas *suas*, dizer que as mandára fazer, e contractar em seu nome com o bispo, a verdade era, serem as casas feitas á custa da cidade, pela propria deliberação d'ella, e já com este mesmo fim; e que a rua Formosa, actualmente rua dos Inglezes, custou á gente do Porto 50:000 dobras, pouco mais ou menos 7:500$000 réis da moeda actual, despeza para que el-rei não deu nem mealha.»

do commercio portuense, pelo que se denomina vulgarmente *Praça do Commercio*—quando a praça do Commercio propriamente dita, é a casa ou palacio da Bolsa, de que fallaremos mais de espaço, e que fica á entrada da rua Ferreira Borges, hindo da rua dos Inglezes.

Não menos importante do que esta é a rua de S. João, mandada fazer por D. João de Almada e Mello [1] e que vae da Ribeira até ao largo, ou antes, rua de S. Domingos.

Ha n'esta rua de S. João grande movimento sempre, e muito extraordinario nas terças feiras e sabbados de todo o anno. Todas as lojas d'esta rua são estabelecimentos commerciaes de primeira ordem—por junto e a retalho

Em quanto a movimento commercial, merecem tambem especial menção os arcos da Ribeira, desde a ponte pensil até á entrada da rua de S. João, e a mesma Ribeira, nomeadamente o caes dos Guindaes, a E. da ponte pensil, por ser aquelle o caes onde atracam os barcos do Douro, que abastecem o Porto de muitos artigos, e especialmente de uvas, castanhas, batatas e fructas saborosissimas, de que o Porto é farto e mimoso como poucas cidades do mundo.

E não fallo aqui dos preciosos vinhos do Alto Douro, orgulho de Portugal e inveja de todas as nações, porque esses vinhos, apenas tocam nos Guindaes, para serem registrados e pagarem os impostos; mas seguem para Villa Nova de Gaya, onde são armazenados, formando alli um deposito permanente de muitas mil pipas, no valor de milhares de contos de réis.

É tambem notavel na baixa d'esta freguezia, a rua da Nova Alfandega, em continuação da rua dos Inglezes. Tem ainda poucas casas, mas é espaçosa, muito bonita e com lindissima vista sobre o Douro e Villa Nova de Gaya.

Principiou-se em 1871, e ainda n'esta data (julho de 1875) andam em construcção os passeios.

Merecem tambem especial menção entre as ruas d'esta parochia, como mais importantes, as de Bellomonte, Ferreira Borges e Nova de S. Domingos, ainda por acabar: e pela sua antiguidade as da Munhota, Almeia, Banhos, Forno Velho, Ourivesaria (ou de S. Nicolau), Reboleira, Cima do Muro, Congostas, Postigo do Carvão, viella da Cruz ou Calca-Frades, rua (ou viella) e becco das Panellas, viella do Postigo do Pereira, rua dos Canastreiros, travessa do Outeirinho, rua do Postigo da Forca, dita do Postigo do Pelourinho, rua do Terreiro, dita do Collegio de S. Francisco de Borja, dita dos Cobertos dos Banhos, Mercadores, etc., parte das quaes já desappareceram, e outras desapparecerão brevemente, porque o Porto progride a olhos vistos.

—

Em frente da rua Ferreira Borges, entre a rua de Bellomonte e o largo de S. Domingos, desembocam as Escadas da Esnoga (synonymo de Sinagoga) que davam entrada para a judiaria, antes de se mudar para Miragaya para o Largo ainda hoje dito *Monte*

[1] Este D. João de Almada e Mello (pae do grande D. Francisco de Almada e Mendonça) não só aformoseou consideravelmente a entrada do Porto, pela Ribeira, fazendo obras importantes n'esta e abrindo a rua de S. João, que d'elle tomou o nome, e que devia desembocar na rua das Flôres defronte da egreja da Misericordia, em substituição da velha e immundissima rua das Congostas, mas outras obras lhe deve o Porto, como são a praça, hoje largo de S. Roque, no Souto, o muro e largo da Victoria, e parte das ruas dos Inglezes, de Santo Antonio e Almada, que d'elle tomou o appellido;—deu grande desenvolvimento á casa do tribunal e cadeias da Relação, e alargou e indireitou varias ruas da cidade velha.

Foi elle moço fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, conselheiro de estado, 9.° senhor de Villa Nova de Souto de El Rei, 7.° senhor do morgado dos Olivaes (onde nasceu seu filho D. Francisco de Almada e Mendonça), 11.° senhor de Albergaria da Magdalena, 9.° alcaide-mór de Palmella, tenente general dos reaes exercitos, governador das Armas do partido do Porto, governador das justiças da Relação e casa da mesma cidade, e n'ella inspector da casa do subsidio litterario e do cofre dos direitos das tres provincias, etc.

Por occasião do levantamento contra a companhia dos vinhos, é que veio como governador das armas para o Porto, nos principios de 1757.

dos Judeus, e na antiga judiaria se formou o bairro hoje chamado — da Victoria.

Tinha esta judiaria duas entradas principaes—uma pelo lado norte ou rua de S. Bento, hoje, outra pelas ditas Escadas da Esnoga, e tanto estas Escadas como aquella rua, eram de noite vedadas com portões de ferro.

Vide n'este mesmo Diccionario — *freguezia da Victoria* — onde tratamos mais d'espaço d'esta judiaria.

Barrêdo

É assim ainda hoje denominada uma parte consideravel d'esta freguezia de S. Nicolau, desde a rua dos Mercadores até ás Escadas do Codeçal, e desde os arcos da Ribeira até á cêrca do Collegio dos Grillos, hoje seminario episcopal, comprehendendo um labyrintho de ruas, beccos, escadas e viellas, taes são:—as Escadas do Barrêdo, viella do Buraco, rua de S. Francisco de Borja, Escadas de S. Francisco de Borja, Escadas das Verdades, Largo do Terreirinho, Viella do Terreirinho, etc.

É este o Barredo propriamente dito, mas não são menos asquerosas as ruas adjacentes—rua dos Canastreiros ou dos Tanoeiros, rua de Cima da Lada, Becco das Panellas, rua dos Mercadores, Escadas do Codeçal, Postigo da Forca e Postigo do Pelourinho.

É ainda hoje este bairro o mais immundo do Porto, posto que não tem sido descurado pela camara municipal, e tanto que todo está illuminado a gaz, como o resto da cidade, e n'elle se projecta abrir uma rua em prolongação da dos Inglezes até á ponte pensil, e outra, das proximidades d'esta ponte para o alto da rua de S. João, a entroncar na de Mousinho da Silveira, já principiada.

Este bairro, bastante populoso, é hoje povoado quasi exclusivamente de vareiras, regateiras, vendilhões e carrejões; mas nos tempos em que o Porto era murado, e principalmente emquanto os muros não passavam da Ribeira e d'alli hiam para a Porta do Carro, seguindo pela Batalha e Guindaes até o Douro, n'este bairro, trinta vezes mais immundo do que hoje, tiveram casa os padres da Companhia de Jesus, e viveram familias importantes.

No cartorio da Camara do Porto (L. A, fl. 134) se encontra uma carta de el-rei D. Affonso V, pela qual nomeia escrivão da alcaidaria do Porto, Pero Fernandes, *creado de D. Maria do Barredo*, e filho de Fernão Vicente, que servira o mesmo officio, e que fallecêra havia pouco tempo. Esta carta é datada de Evora, a 29 de novembro de 1475.

Não ha muito que o auctor d'estas linhas, com sol claro, e por mera curiosidade, atravessou este bairro, só para poder fallar d'elle; e creiam os leitores que nunca vi no Porto, nem na capital, uma serie de ruas, (?) viellas, escadas e barrancos, que se assemelhasse áquillo; tudo transudando agua e immundicie, obrigando-me o fetido a accelerar o passo, e arripiando-se-me o cabello ao imaginar-me mettido em similhante labyrintho, em uma noite de inverno, mesmo no seculo actual, antes de montar-se a illuminação publica.

É este bairro um montão de lixo, e um sorvedouro de vidas, quando pésa a mais leve epidemia sobre a cidade, e por todas estas considerações façamos votos por que a camara abra sem demora as ruas em projecto.

Pessoas notaveis qne nasceram n'esta freguezia

—O infante D. Henrique, filho de D. João I.

—O bispo D. Nicolau de Sousa Monteiro.

—Balthazar Guedes, presbytero secular, fundador do collegio dos orphãos da Graça.

—Pantaleão da Cruz, irmão de Balthazar Guedes; apezar de ser surdo e mudo de nascimento, fez repetidas viagens ao Brasil, mendigando meios para augmento d'aquelle collegio, e, sempre esmolando, juntou cêrca de doze mil cruzados, percorrendo a pé mais de 1500 leguas.

— Antonio de Sousa Lobo, conhecido pelo nome de—*Lobo da Reboleira*, onde falleceu, em 1865, solteiro e sem successão, instituindo por herdeiro seu primo, o sr. Justino Ferreira Pinto Basto.

Foi notavel pela sua avultada riqueza e pelo seu viver excentrico.

—Na mesma rua da Reboleira, viveu muitos annos a familia Pedrossen ou do legendario *Pedro-Cem*, e a importante familia Wanzeller, hoje representada pelo virtuoso arcediago de Oliveira, Ricardo Wanzeller, fundador do Asylo de Villar, e seu sobrinho Christiano Wanzeller.

— Tambem n'esta freguezia viveu muitos annos, e ultimamente no seu lindo palacete de Bellomonte, um ramo da nobre familia Pachecos Pereiras, que foram talvez mais de *cem* annos consecutivos, juizes da alfandega do Porto (Vide n'este mesmo art. *Pachecos Pereiras*)—e tambem n'esta freguezia avultaram varios membros da não menos nobre famila Leites Pereiras, de S. João Novo.

Edificios mais notaveis d'esta freguezia

Os edificios mais consideraveis que ha hoje n'esta freguezia são—o palacio da Bolsa, a Caixa filial do Banco de Portugal, montada na fachada norte do convento de S. Domingos, no largo do mesmo nome, (unica parte que pôde salvar-se do incendio que devorou aquelle convento por occasião do cêrco do Porto)—o convento de S. João Novo,—a casa do Banco Commercial na rua Ferreira Borges,—o palacete da familia Pachecos Pereiras, onde hoje se acha o Banco Alliança, na rua de Bellomonte,—o palacete dos herdeiros d'Alvaro Leite, no largo de S. João Novo, — a casa da Feitoria Ingleza na rua dos Inglezes, — a casa que foi da familia Pedrossem, hoje de Francisco Cardoso Valente, na rua da Reboleira, que tem os n.^{os} 53 e 55, e que confina pelo sul com a rua de Sobre o Muro, e pelo poente com a travessa do Outeirinho, — e o Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco, na rua da Ferraria.

Em eras remotas, tornou-se tambem notavel, não sabemos porque titulo, a *casa do Laranjo*, de que hoje mal resta a memoria, e que existiu aproximadamente nos Guindaes ou Corticeira, perto da margem do Douro, nos lemites da freguezia de Santo Ildefonso, e desde 1841 d'esta freguezia de S. Nicolau.

D'esta casa do Laranjo fazemos menção especial, por que a merece.

Tambem foi importante a casa da alfandega velha, entre a rua dos Inglezes e a Fonte Aurina, hoje Fonte Taurina.

Foi esta casa de alfandega, mandada construir por D. Pedro II, em 1677, sendo encarregado das obras o marquez da Fronteira.

Contiguos a esta casa, estiveram os antigos paços dos nossos reis, onde nasceu o Infante D. Henrique; ainda alli se vê um brasão com as armas reaes, junto á porta principal da velha alfandega, e outro em uma porta, hoje muito baixa, do lado da rua dos Inglezes.

Tambem por alli esteve a casa da Moeda, indicada na gravura representando o Porto, e que faz parte da descripção d'esta cidade, publicada por Agostinho Rebello da Costa. A 1.ª casa da Moeda que houve no Porto — e no reino — foi no largo dos Loyos, á esquina da rua de Traz.

Tambem, pela sua provada antiguidade, mencionaremos entre os edificios d'esta parochia, as duas estalagesn, que houve na rua das Congostas, e que faziam parte das 8 que já indicamos creadas por D. João I — o hospital ou albergaria de S. Salvador, em um becco d'esta mesma rua — o recolhimento das Velhas, na rua dos Mercadores—os dois estabelecimentos de banhos, um na Ribeira e outro na rua dos Banhos — rua da Munhota e Porta Nobre,—e os hospitaes de Santa Catharina e S. Thiago na Rebolleira.

A CASA DA FEITORIA INGLEZA

Esta casa, como já escreveu Agostinho Rebello da Costa, na sua *descripção do Porto*, foi principiada em Fevereiro de 1785, na rua dos Inglezes, onde hoje se vê, com os n.^{os} *2* a *14*, e trabalhando n'ella mais de 150 homens por dia (pedreiros, carpinteiros, etc.) ainda em 1787 se achava incompleta. Faceia com a rua de S. João e dos Inglezes, sobre a qual tem a fachada principal, medindo por este lado 110 palmos e pelo lado da rua de S. João 140 de comprimento por

100 de altura. A face que dá para a rua de S. João, eleva-se a 5 andares, alem do subterraneo; no 1.º tem 9 portas largas, — no 2.º outras tantas janellas de peitoril, — no 3.º outras 9 rasgadas com grades de ferro, — no 4.º outras 9 janellas, — e o 5.º são aguas furtadas, com uma espaçosa varanda de pedra em redor e descuberta, com fachas e cornija tambem de pedra.

Sobre a rua dos Inglezes tem no 1.º pavimento, ao nivel da rua, 7 arcos formando um passeio coberto, de 110 palmos de comprimento sobre 14 de largura. No 2.º pavimento tem a frente 7 janellas de peitoril, no 3.º outras 7 janellas rasgadas, e e no 4.º egual numero de janellas de peitoril, e é rematada esta face com uma varanda descoberta, circundada por balaustres de pedra, com seus festões.

A porta principal é decorada com seis columnas de ordem toscana, e prende com 3 arcos de pedra, partindo do arco do meio, a escada nobre ou principal, e dos outros dois, as escadas particulares ou de serviço, todas de pedra com balaustres de ferro.

No interior d'este edificio ha uma grande sala chamada do *café*, mais 4 casas que já se alugaram por duzentes mil reis cada uma (no tempo em que escrevia Rebello da Costa...) e por cima d'estas casas ha 4 salas e 4 cosinhas pegadas. Tem mais duas salas cada uma com 30 palmos e comprimento por 25 de largura, — outra de 60 por 25, — outra de 82 por 41, — outra de 72 por 25, — outra de 64 por 26, — outra de 60 por 25, — outra de 26 por 23 — mais 4 — sendo uma de 20—duas de 25 e outra de 26 quadrados, — uma cosinha de 50 por 28 — e uma dispensa de 28 por cada face. Todas estas salas eccupam os 3 andares superiores ao do nivel da sua.

As aguas furtadas teem uma casa com 82 palmos de comprimento por 42 de largura, com 3 portas, que dão para a varanda, — isto do lado da rua dos Inglezes—e do lado da rua de S. João, outra casa de 90 por 26, com 2 portas para a varanda, mais oucasa de 72 por 26, com outras 2 portas para a mesma varanda.

É este sumptuoso edificio, da colonia britanica do Porto, destinado para recepcão de viajantes illustres, e para as suas reuniões.

N'elle tem havido festas explendidas, merecendo expecial menção os bailes em honra de pessoas reaes, em diversas datas.

CASA DO LARANJO

Existiu em tempos remotos, na freguezia de Santo Ildefonso, hoje nos limites d'esta de S. Nicolau, uma casa denominada *do Laranjo*, que se tornou celebre, não sabemos por que titulos; mas, tão saliente e conhecida era, que a ella se referiam, quando queriam indicar algum terreno proximo. Não podémos averiguar com precisão o local onde esteve a celebre casa, mas suppômos seria na Corticeira, e talvez no chão onde se vê hoje uma grande fabrica de louça (chamada do *Carvalhinho*) com uma capella, o que bem se deprehende dos documentos seguintes:

«*Foros de fóra dos muros da cidade*»

«Item, Amador Gonçalves filho de Gonçalo Annes, luveiro, tem por prazo o cerrado de Malm'ajudas, arriba da casa do Laranjo com um pelame: e paga 30 réis.»

(Censual da Mitra, fl. 90, v.)

«Item, Miguel Annes, morador na Lada, tem por sua herdade perpetua, duas pesqueiras na agoa do Douro, arriba da casa do Laranjo, freguezia de Santo Ildefonso, que chamão a hua d'ellas o Cubo e a outra a Palheira.» (fl. 91.)

«Item, a pesqueira da Asna, com seu pesqueirinho e varaes, acima da casa do Laranjo...» (fl. 92.)

«Item, o monte de Val-Melhorado, com a azenha de Mijavelhas, sito na freguezia de Santo Ildefonso, abaixo do Prado Novo, etc.»

Vê-se pois que a dita casa do Laranjo estava á beira do Douro, sobre a margem direita, fóra do antigo muro dos Guindaes, em terreno que foi da freguezia de Santo Ildefonso e que é hoje d'esta freguezia de S. Nicolau.

O BOTEQUIM DO PEPINO

Houve na rua de Cima do Muro, n'esta freguezia de S. Nicolau, um pouco ao poente

do Postigo dos Banhos, um botequim, que se tornou celebre e conhecido como nenhum outro no Porto e fóra do Porto, até mesmo na Inglaterra, na Russia, na Allemanha, na França, etc.

Era publico e notorio, que n'aquelle botequim, ou casa de café e bebidas, foram roubados e mortos muitos marinheiros inglezes e d'outras nações, e é certo que aquella casa esteve muitos annos debaixo da vigilancia das auctoridades locaes, persistindo, a despeito de toda a vigilancia policial, os boatos mais aterradores: até que a casa foi expropriada e demolida pela camara, como todas as circumvisinhas, para a abertura da rua da Nova Alfandega — sem se apurar o fundamento de tão sinistros boatos.

É certo que aquelle botiquim, todas as noites se enchia de mulheres perdidas, *marujada*, principalmente estrangeira, e homens de má nota; que alli havia musica e danças (*cancan*) deshonestas, e um arruido infernal até deshoras; — que alli houve por vezes rijo bofetão e grossa pancadaria,— e que muitos dos freguezes, nomeadamente maritimos russos, inglezes e allemães, lá pernoitavam, estirados no chão, com o peso do vinho, até ao dia seguinte, — *dizendo as más linguas que eram embriagados artificialmente, e de proposito, pelo dono da casa, para os roubar, quando levavam comsigo dinheiro, e que depois os lançava ao rio. E acrescentavam — que muitos cadaveres appareceram no Douro, que se disse serem de maritimos estrangeiros que se afogaram casualmente, quando a verdade era — que haviam sido roubados e assassinados no maldito botequim...*

Nunca pôde averiguar-se bem a cousa, mas parece vir a proposito o aphorismo — *vox populi, vox diaboli!...*

O proprietario d'este.... botequim, enriqueceu com o seu ignobil negocio, e era tão astuto que *adivinhava sempre* o dia e hora em que a policia vinha dar-lhe busca......

Chamava se Antonio Pereira Porto, por alcunha *o Pepino*, e por isso o seu botiquim ganhou o titulo de *Botiquim do Pepino.*

O tal Pereira Porto, falleceu aproximadamente em 1850, mas a viuva conservou o celebre botiquim (mas já muito decadente) até 1870 a 1871, data da demolição d'aquella rua e das ruas adjacentes.

ESTALAGENS HISTORICAS

Na rua das Congostas, hoje d'esta freguezia de S. Nicolau, houve duas estalagens das oito creadas no Porto, no seculo XIV, por ordem de D. João I, como se vê do seguinte documento:

Na vereação de 2 de outubro de 1392 — «dom frey alvaro gonçalves camello, prioll dospital, marjchal da oste delRey, meirinho moor por elRey, entre doyro e mynho e traslos-montes» apresentou á camara duas cartas d'el-rei D. João I, escriptas a elle prior, nas quaes ordenava que se fizessem na cidade oito estalagens, em que pousassem, por dinheiro, aquelles que a ella tivessem necessidade de vir. A camara accordou que era bom que se fizessem, e logo as distribuiu, e lhes marcou as localidades da maneira seguinte:

«It. primeyramente nas cõgostas duas estalages grãdes e boas.

«It. no souto hua estalage grãde e boa.

«It. outra nas casas de Estevão ferreira. [1]

«It. outra na rua chaã nas casas que forõ de Jeruaz da deuesa.

«It. outra grãde e boa á porta de cima de villa.

«It. em Miragaya outra estalage grãde e boa.

«It. outra em villa nova.»

Cartorio da camara do Porto, Livro das vereações de 1392 a 1431, fl. 30-32 das pertencentes ás vereações de 1430.

Artistas distinctos

Antes de fazer-se a rua nova de S. João

[1] Suppomos serem estas casas, umas que n'este momento a camara do Porto está demolindo, na antiga rua da Biquinha, junto á capella e hospital, já demolidos, de S. Chrispim, para a abertura da nova rua de *Mousinho da Silveira.* Revelam grande antiguidade, e consta que foram estalagem real. Fallaremos mais detidamente d'esta estalagem real da Biquinha, quando tratarmos da freguezia da Sé, a cuja circumscripção pertence.

havia no alto d'esta rua, sobre o *Rio da Villa*, (que foi encanado por baixo d'ella) uma ponte a ligar a rua das Congostas e largo de Santa Catharina (hoje largo de S. Domingos) com a rua da tal ponte, que (depois que nas proximidades se estabeleceram os frades dominicos) se denominou *de S. Domingos;* e nos fins do seculo XV, morou junto áquella ponte, um artista notavel, por nome Alvaro Gonçalves, insigne fabricante de armas brancas.

Em vereação de 16 d'abril de 1485, a camara, em cumprimento de uma carta d'el-rei D. João II, a qual se acha no livro antigo das provisões, fl. 12, escripta em Montemór, a 21 de janeiro de 1485, e dirigida aos juizes e vereadores do Porto, mandou chamar *Alvaro Gonçalves, coiraceiro, morador á ponte de S. Domingos*, e disse-lhe que, por elle ser bom official do seu officio, lhe estabelecia o ordenado de 3$000 réis annuaes (?) para elle fazer as armas brancas a seu cargo, com a condicção de elle nunca sahir da cidade para hir servir outros.

Na carta alludida, el-rei ordenava á camara, que estabelecesse na cidade, como officiaes d'ella, um armeiro de fazer gibanetes e outro de fazer armas brancas, cada um com 4$000 réis de ordenado annual (?) e um alimpador ou guarnecedor de armas com 2$000 réis, todos pagos á custa do concelho.

(L. das vereações de 1485, fl. 38 v.)

—

A proposito consignaremos aqui outro armeiro distincto, que vive tambem n'esta freguezia de S. Nicolau, na Ferraria de Baixo n.º 100, e por consequencia a pequena distancia do local onde viveu em 1485 aquelle outro.

É o actual armeiro ou espingardeiro, considerado o primeiro artista no seu genero que ha no Porto actualmente, e chama-se Domingos Francisco de Abreu, nascido n'esta mesma rua da Ferraria, filho de José Francisco de Abreu, tambem espingardeiro que foi muito conhecido tambem n'esta rua, e que morreu decrepito em 1872—e neto tambem d'outro espingardeiro—Domingos Francisco de Abreu, natural d'esta mesma rua e n'ella sempre morador.

Na sua officina se fazem rewolvers de diversos systemas, desde 1837; armas e pistolas trochadas; forjam-se os proprios canos; e se apparelham, com perfeição, bengalas, que se transformam em pistolas; armas de caça, etc.

Tem sido o dito artista fornecedor dos basares do palacio de crystal e das casas Moré e Macedo, na praça de D. Pedro, Buisson da rua de Santo Antonio, etc., confundindo-se os seus artefactos com os mais aperfeiçoados das nações estrangeiras.

—

Ha tambem n'esta mesma rua, outro artista distincto, mas em outro genero—obras de talha em madeira.

Habita a casa n.º 131 a 133 e chama-se Zeferino José Pinto, entalhador da casa real e director da obra de talha, no palacio da Bolsa commercial d'esta cidade do Porto, que tem sido e continúa a ser, verdadeira e magnifica eschola de entalhadores, estucadores, carpinteiros e pedreiros. E' admirado por nacionaes e estrangeiros o extremo apuro das referidas quatro artes nas decorações d'aquelle palacio, e tanto que o grande jury da ultima exposição internacional de Vienna d'Austria, não hesitou em conferir o diploma de merito aos variados especimens da talha que a associação commercial alli expoz.

Fallaremos em capitulo á parte, da casa da Bolsa, que bem o merece, accrescentando aqui apenas que o distinctissimo entalhador Zeferino, em todas as exposições do Porto e Braga, tem sido premiado; que na de Paris, em 1867, lhe foi conferida uma menção honrosa, com uma medalha de prata, e na de Vienna d'Austria, em 1873, foi-lhe dado o diploma de merito.

Nascimento do infante D. Henrique

Com razão se gloria o Porto, e nomeadamente esta freguezia de S. Nicolau, de haver sido o berço do infante D. Henrique. Este principe, verdadeiramente notavel, que foi o iniciador dos grandes descobrimentos que nos abriram o caminho da India, pelo Cabo da Boa Esperança, por onde encarrei-

rámos o commercio com as nações do oriente. Nasceu a 4 de março de 1394, quarta feira de cinza, (Pedro de Mariz, Dialogo IV, 4) n'esta cidade do Porto, na casa onde esteve a alfandega, na rua dos Inglezes, ainda então freguezia da Sé, e hoje freguezia de S. Nicolau; casa que foi muito tempo tambem, o paço que habitavam os nossos reis, quando vinham ao Porto, e casa de moeda—mesquinho e ridiculo pardieiro, como disse Arnaldo Gama [1] que deveras não merecia a honra de ter visto nascer dentro d'elle o grande infante D. Henrique.

No Cart. da Cam. do Porto, L. 3.º dos Pergaminhos, fl. 40, se encontra um pergaminho, com os nove recibos originaes, passados pelos operarios e pelos menestreis e jograes que fizeram o tablado, e cantaram, e tangeram, nas festas e *matinadas* que tiveram logar na cidade, por occasião do baptisado de D. Henrique.

—

Nasceu tambem n'esta freguezia de S. Nicolau, o meretissimo prelado d'esta diocese, D. Nicolau Monteiro, da qual tomou posse em abril de 1671.

Foi doutor em canones pela universidade de Coimbra, e alli tambem conego, provisor e vigario geral, mestre eschola na collegiada de Barcellos, D. prior de Cedofeita. embaixador de el-rei D. João IV, na curia romana, aio do principe D. Theodosio e dos infantes seus irmãos (D. Affonso VI e D. Pedro II) conselheiro de estado, confessor da rainha D. Luiza de Gusmão, bispo eleito de Portalegre, Guarda e Porto, e foi-lhe offerecida a mitra primacial de Braga, mas preferiu a do Porto, por amor á sua terra natal.

Foi um pastor espiritual exemplarissimo, e devotado como poucos ao seu rebanho.

Ninguem implorava o seu auxilio em vão, e tudo repartia com os pobres, chegando a espoliar-se dos seus proprios vestidos para os cobrir. Os templos, os hospitaes, as prisões, tudo era alvo da sua piedade. Reedificou esta igreja de S. Nicolau, onde recebêra as graças lustraes do baptismo, e a de S. Pedro de Miragaya (primitiva Sé do Porto, na opinião do sr. D. Rodrigo da Cunha, do seu annotador o academico A. Cerqueira Pinto, do illustrado chronista fr. Luiz dos Anjos e outros.) Fallou muitas vezes com o papa, e o determinou, com as suas instancias e com o seu mavioso livro, intitulado *Vox Turturis*, a convencer-se da justiça de Portugal contra Castella, o que dementou o embaixador de Hespanha a ponto tal que, como *ultima ratio*, mandou disparar dois tiros de bacamarte, sobre o nosso embaixador, D. Nicolau Monteiro, que a Providencia perseverou, cahindo morto apenas o seu cocheiro.

Succumbiu finalmente o santo bispo, ao peso dos annos, dos trabalhos, dos cilicios, das disciplinas e outras penitencias, no dia 20 de dezembro de 1672, contando noventa e um annos de idade.

Muitos instrumentos das suas penitencias e uma camisa ensopada em sangue, que fez jorrar com disciplinas e cilicios, foram guardados muito tempo, como reliquias, pelo reverendo dr. Antonio Monteiro, conego de Cedofeita, morador na casa do Pinheiro, e parente do virtuosissimo prelado. [1]

O seu retrato é exposto todos os annos ao publico, no dia 2 de julho, pela Santa Casa da Misericordia do Porto, á qual deixou um legado importante, para a convalescença dos doentes a cargo d'esta Santa Casa.

Jornaes que actualmente se publicam n'esta freguezia

Commercio do Porto — fundado em 1854 por M. S. Carqueja e o dr. H. C. de Miranda, ainda hoje seus proprietarios, pessoas de muito merecimento.

É a empreza jornalistica mais importante e mais bem montada que ha e tem havido em Portugal, fóra de Lisboa.

Occupa o predio n.º 108 na rua da Ferraria de Baixo, e alli tem a redacção e typo-

[1] *Ultima Dona de S. Nicolau*, pag. 206 e 497.

[1] Vide *Descripção do Porto*, por Agostinho Rebello da Costa.

graphia propria, com machina movida a vapor.

Nos primeiros annos da sua publicação, foi impresso na typographia Commercial, que mencionâmos no logar proprio.

A sua tiragem é consideravel, e só a secção dos annuncios rende contos de réis.

É diario e muito bem redigido, tem magnificos correspondentes em Lisboa, Londres, Paris, Madrid e no Rio de Janeiro, e são de muito merecimento as suas revistas quinzenaes.

Principiou a publicar se no dia 1 de junho de 1854.

Advoga este jornal particularmente os interesses do commercio, esforçando-se por corresponder ao seu titulo, o que brilhantemente tem conseguido, pois por intermedio da sua muito accreditada redacção, costumam os amigos da pobreza, nomeadamente o anonymo Y, distribuir todos os annos esmolas, no valor de contos de réis.

Jornal do Porto — É este jornal tambem diario, muito bem redigido, e sempre grave, honesto e independente, como o seu proprietario, o sr. Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, um dos caracteres mais nobres do Porto, e campeão denodado da autonomia da sua patria, que ama sinceramente.

É pois, a certos respeitos, o *Jornal do Porto*, o primeiro jornal do nosso paiz, e em poucos se encontrará um jornal tão honesto, tão independente, tão superior e estranho á politica das facções, e tão sinceramente devotado aos interesses publicos.

Além de um caracter excepcionalmente isento, modesto e nobre, possue hoje o sr. Cruz Coutinho uma das boas fortunas do Porto, adquirida pelos meios mais licitos, com o trabalho de muitos annos, pois é tambem o dono da antiga e importante livraria — Cruz Coutinho — aos Caldeireiros, e tem um deposito de livros que vale dezenas de contos de réis, livros em grande parte classicos de merecimento, que não vende, e que constituem a sua livraria particular, uma das primeiras do nosso paiz.

É tambem editor ha muitos annos, e por isso, além da typographia, em que imprime o seu jornal, tem outra na mesma casa (rua de Ferreira Borges, n.º 31) dotada como poucas, com grande variedade de typo do mais caro.

Nasceu o sr. A. R. da Cruz Coutinho no dia 4 de abril de 1819 na freguezia d'Alvações do Corgo, junto á Régua.

Principiou a publicar o *Jornal do Porto*, no dia 1 de março de 1859, e foram seus proprietarios e fundadores os srs. Cruz Coutinho e dr. José Barbosa Leão; mas em 1863 dissolveram a sociedade, e desde esta data ficou sendo propriedade exclusiva do sr. Cruz Coutinho.

—

Publica-se tambem actualmente n'esta freguezia a *Parvonia Illustrada*, jornal satyrico, de pequeno formato, e semanal. É seu proprietario José Coelho Ferreira, dono de uma typographia montada na rua das Taipas, n.º 1, e alli se imprime o dito jornal desde 1 de janeiro de 1875, data em que o primeiro numero viu a luz da publicidade.

N'esta typographia se imprime tambem o *Diario de Noticias*, cujo primeiro numero se publicou no dia 12 de julho de 1875.

Typographias

Ha n'esta freguezia varias typographias, sendo uma a vapor, na qual se imprime o *Commercio do Porto*, na rua da Ferraria, 108, desde 1870, sendo até ahi impresso em typographia propria tambem, mas d'outro systema, e nos primeiros annos da sua fundação, na typographia commercial.

—

A typographia do *Jornal do Porto* está montada, bem como a redacção do mesmo periodico, na rua de Ferreira Borges, 31, e na mesma casa tem o proprietario d'este jornal a sua typographia de impressão dos livros de que é editor.

—

A typographia commercial foi uma das primeiras e talvez a mais importante do Porto, montada por uma sociedade no palacete da familia Alvaro Leite, no Largo de S. João Novo, sendo seu primeiro director D. Antonio Moldes, de quem vamos fallar.

Passou esta typographia para a rua de

Bellomonte, 24 e 26, e d'alli para a mesma rua, 19, onde actualmente se acha.

A sociedade fundadora dissolveu-se e desde então ficou esta typographia sendo propriedade do sr. Francisco José Coutinho e hoje da viuva e filhos.

N'esta typographia se imprimiram o *Commercio do Porto*, o *Jornal do Porto* e a *Gazeta do Norte* em quanto não tiveram typographia propria; o *Jornal de Noticias* e outros.

—

Ha tambem outra typographia, propriedade de D. Antonio Moldes, no largo de S. João Novo, n.º 6 — 2.º andar, desde 1865, e que esteve anteriormente no largo da Batalha, onde o seu mesmo proprietario actual a montou em 1843.

É D. Antonio Moldes, hespanhol, o decano actual dos typographos portuenses; foi, como dissemos, o primeiro director da Typographia Commercial no Porto, e em Lisboa foi tambem o director da typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, onde se imprimiu o primeiro *Panorama*.

Na typographia de D. Antonio Moldes se imprimiu o *Litterario*, periodico semanal, e se imprimem e teem impresso especialmente folhinhas d'este bispado do Porto, e dos de Aveiro, Pinhel e Algarve, das collegiadas de Cedofeita e Guimarães,— frades bentos e franciscanos, e do convento da Ave-Maria, do Porto.

É tambem o impressor do consulado hespanhol n'esta cidade, e na sua typographia imprimiu em 1846 o Codigo Commercial Portuguez, de José Ferreira Borges.

—

Na rua de Bellomonte, n.º 107, se acha montada desde 1874 a Typographia Artistica, e esteve anteriormente no largo dos Loyos, n.º 45, onde foi fundada pelos srs. Antonio Pereira Leite e dr. Manuel José Ferreira, ainda hoje seus proprietarios.

Tem um bom prelo francez, muito elegante, decorado por uma aguia.

N'esta typographia se imprime hoje o *Annunciador*, jornal d'annuncios bisemanal, e se imprimiram o *Raio*, o *Lampeão* e o *Relampago*, jornaes satyricos de vida ephemera.

—

Na rua das Taipas, n.º 1, está desde 1871 a typographia de José Coelho Ferreira, que esteve anteriormente na mesma rua, n.º 28, onde o dito senhor a montou.

N'esta typographia se imprime actualmente a *Parvonia Illustrada*,— propriedade do mesmo senhor — e o *Diario de Noticias*, e já aqui se imprimiram: *O Porto*, o *Diario da Tarde* e o *Jornal da Tarde*, periodicos politicos diarios, e o *Jornal de Horticultura Pratica*, mensal.

—

N'esta mesma rua das Taipas, n.º 62-66, está a «Imprensa Real» de Pereira da Silva, por elle montada em 1865 na Praça de Santa Thereza, d'onde se transferiu para as Taipas em 1873.

N'esta typographia se não imprime actualmente jornal algum, mas já se imprimiram a *Esperança*, o *Garrett*, a *Mocidade*, e os *Brados Litterarios*, periodicos litterarios semanaes;— o *Clamor Militar*, o *Monitor do Exercito*, a *Gazeta de Gaya*, jornaes sem politica, o *Leviathan*, politico, mensal, e outros de vida ephemera.

—

Ha ainda n'esta freguezia, no largo de S. Domingos, n.º 30, outra typographia, de Arthur José de Sousa. Foi de Rodrigo José de Oliveira, e esteve anteriormente na rua de S. João.

Não se imprime aqui actualmente jornal algum, mas já se imprimiram o *Diario do Porto*, o *Jornal de Noticias* e o *Purgatorio*.

Pontes sobre o Douro, nos limites d'esta freguezia

Vê-se ainda sobre o Douro a *ponte pensil*, um pouco mais ao nascente do local onde esteve anteriormente a *ponte de barcas*, de que fallaremos em seguida. Fica entre os *Guindaes*, do lado do Porto, e o sitio denominado o *Penedo*, na margem fronteira.[1] Es-

[1] Descripção de Villa Nova de Gaya, por J. A. Monteiro d'Azevedo, correcta e augmentada por M. Rodrigues dos Santos, 3.ª edição, cap. 5.º

tá suspensa por oito grossas correntes, feitas de fios d'arame de ferro queimado, cobertas de uma espessa crusta de verniz, as quaes, divididas em dois grupos, assentam sobre quatro elegantes obeliscos ou columnas de granito, que se erguem das margens do rio nos dois extremos da ponte, sendo cada par de columnas ligado entre si por pranchas de ferro junto aos capiteis, e vendo-se nas ditas pranchas a seguinte legenda: «*D. Maria II — 1842.*» As oito correntes atravessam as quatro columnas, e descendo até ao solo, são chumbadas com grande solidez em rocha viva muito abaixo do nivel da superficie com enormes chumbadouros dentados, que agarram por largo a rocha. D'estas correntes pendem perpendicularmente outras da mesma especie, mas muito mais delgadas, em numero de 211, ficando 108 do lado do nascente, e 103 do lado do poente, e dispostas em eguaes distancias seguram pela extremidade inferior as vigas sobre que assenta o pavimento da ponte, que é de madeira, variando o comprimento d'estas correntes na razão da curva que descrevem as oito correntes principaes. No centro das duas columnas do lado da cidade ha uma casa, cujo pavimento inferior serve de quartel para a guarda militar, que faz a policia da ponte, e no pavimento superior ha uma especie de salva-vidas com uma maca, uma cama, roupas e apparelhos proprios para soccorrer as victimas de qualquer naufragio ou desastre; e do lado de Villa Nova ha outra casa egual áquella, que serve de habitação para alguns dos empregados na cobrança das passagens, e armazem de utensilios da ponte. Ha tambem nas extremidades da ponte duas casinhas, onde se cobra o imposto do tranzito, e que é, com pequena differença, o mesmo que se pagava na antiga ponte de barcas.

A ponte é illuminada a petroleo nas noites em que não ha luar, por seis candieiros, além dos da casinha do lado da cidade, pois de noite só n'esta casinha se paga o imposto do tranzito.

O pavimento da ponte tem passeios e varandas de madeira, e d'estas a do lado do nascente mede desde a columna do sul até á casinha de arrecadação do lado norte, 154^{m}, e a casinha 4^{m},50; e d'esta casinha até á columna que fica do mesmo lado, 8 metros e dois decimetros — total, 166 metros e 70 centimetros. A varanda do lado poente, por causa da entrada da cidade para a ponte, é menos extensa, e mede 153 metros; a altura d'estas varandas é de um metro e dois decimetros; o passeio tem de largo um metro, e a ponte 6 metros de abertura. Os obeliscos, que são perfeitamente eguaes, medem desde a base até á sua extremidade superior, que é decorada por um globo metalico, 18 metros de altura; cada um d'aquelles globos tem um metro de diametro, e os tirantes ou pranchas de ferro que ligam as columnas, medem de comprimento 7 metros e dois decimetros, e de largura 5 decimetros, cada um.

Deu-se principio a esta ponte no dia 2 de maio de 1841, anniversario da coroação da rainha, ao tempo a senhora D. Maria II. No dia 1 de fevereiro de 1843 já se achavam completas as obras principaes e esperava-se apenas ordem do governo para a inauguração e abertura da ponte, dispondo-se os representantes da companhia constructora para tornarem aquelle acto solemne e apparatoso; mas sobrevindo uma cheia no Douro, que obrigou a retirar, na fórma do costume, a velha ponte de barcas no dia 17 de fevereiro d'aquelle anno, abriu-se para o transito publico a nova ponte no dia 18 de fevereiro de 1843.

Foi feita esta ponte sob a direcção do engenheiro *de Claranges Luccotte*, a expensas de uma companhia de accionistas que a devia fruir por espaço de 30 annos, entregando-a no fim d'elles ao Estado, de quem é propriedade, e foi construida na Praia de Miragaya, no mesmo local que hoje occupa a nova alfandega; e para aquelle effeito a empreza constructora levantou alli um amplo abarracamento para montar as forjas e mais officinas necessarias, precedendo licença da Camara Municipal, e assignando a companhia um termo pelo qual se obrigava a demolir tudo, e repôr aquelle chão no estado em que o encontrou, apenas terminasse a obra, clausula que a empreza por ultimo

não queria cumprir, mas a Camara recorreu ao poder judicial, officiando ao juiz eleito da freguezia de Miragaya, a fim de compellir (como compelliu) a empreza a satisfazer ao estipulado.

—

Demorámo-nos com a descripção d'esta ponte pensil, como que para a transmittirmos em photographia aos vindouros, pois vae em breve passar á historia, como esta fez passar a antiga de barcas.

Já está decretada a construcção d'outra, em substituição d'aquella;—diz-se que ha de ser feita de pedra e ferro, e que partirá aproximadamente do fundo da rua de S. João.

Ponte de barcas

Um pouco mais ao poente do local onde ainda hoje (1875) se vê a ponte pensil, e junto ao arco da Ribeira onde se vê um grande painel a oleo representando a catastrophe, de que logo fallaremos, existiu cerca de 37 annos uma outra ponte sobre barcas, que foi no seu tempo considerada uma maravilha, e que marcou uma época distincta na viação de Portugal, ponte unica em todo o paiz no seu genero. Foi inaugurada para o transito publico no dia 14 de agosto de 1806; era formada por 33 barcas, subindo e descendo por consequencia com as marés e as cheias, imitando outra ponte analoga que havia em Ruão (França) e medindo de comprimento cerca de mil palmos. Abria-se e fechava se para dar passagem aos barcos que navegavam no Douro, e desmanchava-se por occasião das cheias, restabelecendo-se em seguida, alguns annos muitas vezes, o que devia ser um interessante divertimento, principalmente em dias de chuva e vendaval!...

Era já n'aquelle tempo tão concorrida, principalmente nos primeiros annos em quanto foram prohibidos nas proximidades os barcos de passagem, que rendia, termo medio, 50$000 réis por dia, sendo a tarifa das passagens a seguinte:

Cada pessoa, a pé .... 5 réis
Dita a cavallo .... 20 «
Carro de uma junta de bois [1] ..... 40 «
Cadeirinha de mãos .... 60 réis
Liteira [2] .... 120 »
Sege .... 160 «
Dita de 4 rodas .... 200 «

Accrescendo 40 réis por cada parelha á maior.

Passados tres quartos de hora depois do sol posto, eram em dobro aquelles preços, e volviam á cifra supra tres quartos de hora antes do sol nascer, o que se annunciava com um sino.

Quando em 1809 os francezes entraram no Porto e o povo fugia em tropel para o lado de Villa Nova, sem notar, com a precipitação, que se achava aberto um dos alçapões d'esta ponte, submergiram se nas aguas do Douro com preciosos haveres muitos centos de pessoas no dia 29 de março do dito anno, e ainda hoje a irmandade das Almas, dita de S. José das Taipas, celebra com officios funebres aquelle anniversario na sua igreja, sita no alto da rua do Calvario, e d'ali vae em procissão até ao painel que mencionámos, e que commemora aquella tremenda catastrophe e o local onde esteve aquella ponte. E por aziaga coincidencia foi em igual dia (29 de março) de 1852 que nas aguas d'este mesmo rio Douro naufragou o vapor *Porto*, da companhia que então fazia carreira entre o Porto e Lisboa, perecendo tambem grande quantidade de pessoas, muitas da primeira sociedade, e a pouca distancia da terra, confundindo-se os gritos angustiosos dos infelizes naufragos com o alarido de milhares de pessoas que á voz do naufragio correram á praia para verem, de braços cruzados e sem poderem valer-lhes, as ondas a engolir aquelles desditosos!...

Depois da catastrophe da ponte no Porto não ha memoria d'outra nas aguas do Douro igual á d'aquelle naufragio, e logo por fatalidade no mesmo dia 29 de março!...

Que luctuoso dia nos annaes do Porto!...

—

Não longe d'esta ponte já em 1371 ou 1372 se improvisou outra, tambem de bar-

[1] Sendo tirada por mais juntas, accresciam 20 réis por cada junta a maior.

[2] Este meio de locomoção, que foi aliás *muito caro e o mais delicioso no tempo dos nossos avós*, tambem já passou á historia como as pontes de barcas.

cas, para passagem de el-rei D. Fernando quando foi celebrar os seus desposorios em Leça do Balio, com a rainha D. Leonor.

Era essa ponte tão espaçosa que por ella subiam seis cavallos a par...

Cheias do Douro

A parte baixa d'esta freguezia tem soffrido e soffre muito com as inundações por occasião das cheias do Douro.

Na descripção do Porto por Agostinho Rebello da Costa, e na de Villa Nova por Monteiro de Azevedo, additada por M. Rodrigues dos Santos, se mencionam com detalhes interessantes muitas d'aquellas cheias, e para alli remettemos o leitor para não tornarmos este artigo demasiadamente longo, limitando-nos a consignar aqui as cheias maiores que se acham marcadas a picão no muro dos Arcos da Ribeira. É uma tabella ou escala curiosa, e que bem merecia ser avivada pela camara em uma prancha de louza embutida na parede, e no mesmo local, comprehendendo toda a altura do dito muro, abrindo-se de novo n'aquella prancha as datas que se acham no muro, parte das quaes o tempo vae tornando indecifraveis.

Das cheias alli registradas foi maior a de 28 de dezembro de 1860; segue-se a esta a de 8 de fevereiro de 1823, que ficou mais baixa cerca de 1 metro; a esta a de 20 de fevereiro de 1855; a esta a de 25 de janeiro de 1856; a esta a de 28 de dezembro de 1855; e a esta a de 28 de janeiro de 1865.

Alli se acham registradas ainda outras cheias, mas todas inferiores á de 1865. Vide pag. 36 do 3.º volume.

Painel das Almas

No mesmo muro, e um pouco ao O. d'aquella curiosa tabella, se vê um grande painel pintado a oleo, representando a grande catastrophe de que foi theatro a ponte das barcas por occasião da invasão franceza.

Indica ainda aquelle painel o local da avenida da ponte, do lado da cidade.

Senhora da Misericordia e Postigo da Forca

Um pouco ao O. d'aquelle painel se vê ainda outro, tambem a oleo e colado no mesmo muro, representando a Senhora da Misericordia. Está ainda bem conservado, coberto por um pequeno docel de madeira, e ao lado tem pendente um lampião que os devotos da visinhança costumam conservar acceso durante a noite.

Em frente d'este painel esteve, aproximadamente até 1830, a forca da cidade, e alli foram justiçados muitos malfeitores.

Esta forca era permanente, formada por grossos varões de ferro, com uma escada de pau para subirem o paciente e o algoz.

Aproximadamente em 1822, a instancias de uma mulher rica da localidade, conhecida por *Antonia de Coutinho*, a forca foi transferida para o campo da Cordoaria, extremidade S., junto a uns casebres que havia na frente da cadeia. Ficava ainda ao S. da rua que hoje alli se vê, e que vae para o alto da rua do Calvario.

E a forca, depois que para alli se mudou, era volante e de madeira. Armava-se para as execuções, e logo se desarmava.

Um pouco ao O. do mencionado painel da Senhora da Misericordia, está na Ribeira, um arco bastante espaçoso, que dá passagem para a rua dos Canastreiros, parallela ao muro, do lado N.; e onde se vê hoje aquelle arco esteve um pequeno postigo, que por ser contiguo ao patibulo, se denominava *Postigo da Forca.*

Foi em vereação de 11 de agosto de 1714, que se resolveu mudar a forca do sitio chamado *Mijavelhas* (fonte do Poço das Patas) para o caes da Ribeira; e em 14 de junho de 1725, se tomou assento ácerca das ruas por onde deveriam transitar os padecentes, escolhendo-se as que mais depressa conduzissem á Ribeira.

Postigo do Pelourinho

A O. do arco que foi, como dissemos, o Postigo da Forca, se vê outro arco no mesmo muro da Ribeira, o primeiro que se en-

contra, indo da rua de S. João, que foi tambem um simples postigo, e se denominou—*Postigo do Pelourinho*, por ficar perto o pelourinho da cidade, depois que das Aldas foi transferido para a Ribeira.

O pelourinho foi apeado muito antes da forca, e por isso já na localidade se acha quasi perdida a memoria d'elle, mesmo na tradição.

CANAL MAIOR, RIO DA VILLA, E RIO FRIO

Rio da Villa é um riacho que, vindo do alto d'esta cidade e passando ao nascente da rua das Flores, por onde estiveram os *Aloques da Biquinha,*[1] de nojenta rerecordação, (principia hoje a ser canalisado em linha recta e abobadado por baixo da rua Mousinho da Silveira, em construcção) entra n'esta freguezia no alto da rua das Congostas e S. João, e descendo canalisado por baixo d'esta ultima, desagúa no Douro.

Denomina-se *Rio Frio* o riacho que, passando por baixo da Praça de Duque de Beja e do hospital real da Misericordia, corre alguns metros ao poente do chafariz das Virtudes e desaguava no Douro junto á fonte da Colher, e hoje, obliquando para se desviar da Nova Alfandega, desagúa ao nascente d'esta, junto ao sitio onde esteve a Porta Nobre, na freguezia de Miragaya. São pois na topographia d'esta cidade do Porto, hoje, e desde seculos, bem conhecidos e distinctos estes dois riachos — *Rio da Villa e Rio Frio*, ou ribeiro das Virtudes: mas mal imagina a geração presente, as questões e pleitos que houve outr'ora durante seculos, a contar do principio da monarchia, entre os bispos e cabido do Porto de um lado e os reis e collegiada ou mosteiro de Cedofeita do outro, por causa d'estes dois regatos!...

Na doação que D. Theresa, mãe de D. Affonso Henriques, fez do couto do Porto, ao bispo D. Hugo e seus successores, se delimitou o dicto couto — «per a porta do puaaço de gracia gonçalves, des y aas pedras ficadas e des y per paramos, aa barrosa, e des y aa arca velha, que he a par de a fonte, e des y aa outra arca, e des y aa pedra fretada, e des y ao monte que chamam pee de mua, e des y pello monte de Cativos, e des y *como parte Cedofeita* com germadi, e des y pella cortina dos frades, e des y *aa caal mayor, como vay entrar no Rio de doyro.*» etc.

Era pois limitado o couto do Porto a sudoeste pelo *Canal Maior*, a partir com Cedofeita; e é provavel que nos tempos de D. Hugo e de D. Theresa aquelles limites fossem sufficientemente claros, mas com o decorrer do tempo se tornaram duvidosos e foram causa de infinitas demandas, principalmente *o terminus Canal Maior*. Pretendiam os bispos que o *Canal Maior* era o ribeiro das Virtudes ou *Rio Frio*, e pelo contrario sustentavam os reis e o mosteiro de Cedofeita, que o Rio da Villa era o Canal Maior mencionado na doação de D. Theresa, e que os bispos queriam injustamente alargar o seu couto até Miragaya, como pretendeu provar-se com a *Inquirição sobre os limites do Couto da Egreja do Porto*, mandada fazer por D. Affonso III na era de 1386, (1248 de J. C.) que se encontra no livro grande da camara do Porto, fl. 1 v. e de pag. 292 a 298 nas *Dissertações chronologicas e criticas* de João Pedro Ribeiro, livro 5.º — mas (a pag. 298) accrescenta este judicioso e muito auctorisado escriptor:

«N. B. Os depoimentos das testemunhas n'esta Inquirição, se conhecem manifestamente afectados e até falsos, por muitos documentos incontestaveis, e especialmente pelo que em contrario tinham jurado doze testemunhas contestes, noventa annos antes, nas Inquirições do sr. D. Affonso III, da era de 1296. Pode ver-se o seu depoimento no artigo — *Portus* — nas memorias de Inquirições,[1] impressas em 1815, pag. 45 nota 2.ª como igualmente pelo juramento d'outras, nas mesmas Inquirições, no artigo— *S. Crucis Madie...*»

Em quanto o velho *burgo* do Porto se circumscrevia ao pequeno povoado em volta da Sé, pouco importava que os limites do

[1] Os *Aloques* eram uns tanques originariamente pellames, e depois, até á sua demolição, reservatorio do *lixo* da cidade.

[1] São do mesmo auctor João Pedro Ribeiro.

couto fossem até Miragaya, ou não passassem da Biquinha, por que o espaço intermedio eram fojos, montes e olivaes, — terreno de pouco valor e quasi deserto; mas ao passo que a população se desenvolvia e aquelle terreno se povoava, surgiram as questões de limites e se agravaram na proporção do desenvolvimento da cidade, do augmento de valor d'aquelles terrenos, hoje cidade compacta. Eis o motivo porque nos seculos 13 e 14 tanta importancia ligaram os bispos e reis áquelles dois regatos.

Maiores contribuintes

Dos quarenta maiores contribuintes recenseados este anno, (1875) no bairro occidental d'esta cidade dó Porto, couberam a esta freguezia de S. Nicolau, os tres seguintes:

Antonio Torquato Ribeiro Guimarães, proprietario e negociante. Mora na rua de S. Domingos, 14.

Joaquim Ferreira Monteiro Guimarães, negociante e proprietario. Mora na rua dos Inglezes, 9.

João Coelho d'Almeida, proprietario. Nasceu n'esta freguezia de S. Nicolau em 1796, e mora na rua de Sobre o Muro, na Ribeira, ainda alegre e folgasão, como sempre.

Foi um dos iniciadores e dos maiores accionistas da empreza que fez a ponte pensil, e tem sido o arrendatario das portagens que n'ella se pagam, desde que a dita ponte se inaugurou. É por isso cognominado o *Coelho da Ponte*.

Por iniciativa sua, e em grande parte com o seu dinheiro, se abriu a estrada marginal desde a calçada da Serra até Quebrantões, e foi elle quem fez a bonita quinta que possue sobre esta estrada na extremidade da cêrca do convento da Serra, que foi de frades cruzios.

É commendador das ordens de Christo e Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e pae do nosso ministro plenipotenciario em Vienna d'Austria, João Coelho d'Almeida Junior, commendador e grã-cruz de diversas ordens.

Cambistas

Ha n'esta parochia actualmente os seguintes:

Ricardo Soares Duarte, Rua de S. João, 95.

Luiz Ferreira Alves, na mesma rua, 109.

Domingos José de Macêdo, na mesma rua, 134.

Manuel Antonio Duarte e Sousa, Largo de S. Domingos e esquina da Rua Nova de S. Domingos.

Intendencia da Marinha (hoje departamento maritimo do Norte, no Porto)

Acha-se a sua repartição n'esta freguezia na rua de S. João Novo, n.º 9; mas provisoriamente, porque no proximo S. Miguel d'este anno de 1875, deve instalar-se em casa propria que o governo mandou fazer na rua da Nova Alfandega, e que está quasi ultimada.

O pessoal d'esta repartição é actualmente o seguinte:

Chefe do departamento — Ayres Pacheco Lamare, capitão de fragata.

Escrivão—Antonio Gonçalves Pinto, capitão tenente graduado.

Escrivão graduado—Antonio José de Sousa Mello.

Patrão-mór—Agostinho José da Costa.

Cabo do mar—João Bernardo da Silva.

E tres amanuenses.

Bancos

Ha n'esta freguezia os seguintes:

Banco União e Banco Mercantil, no primeiro pavimento do palacio da Bolsa, na rua de Ferreira Borges.

Banco Commercial, rua de Ferreira Borges, em casa propria.

Banco do Porto, rua de Ferreira Borges, 20.

Banco Alliança, rua de Bellomonte, no palacete da familia Pachecos Pereiras.

Banco Industrial do Porto, na rua Nova de S. Domingos.

A Nova Companhia Utilidade Publica, na rua dos Inglezes, 87.

Caixas filiaes de Bancos e Companhias

Ha n'esta freguezia as seguintes:

Caixa Filial do Banco de Portugal, Largo de S. Drmingos, occupando a fachada norte

do convento que foi dos frades dominicos, unica parte que as chammas pouparam.

Caixa Filial do The New London & Brazillian Bank, rua dos Inglezes, 73.

Caixa Filial do Banco Lusitano, rua de Ferreira Borges.

Caixa Filial do Banco da Regua, rua dos Inglezes.

Agencia do Banco Nacional Ultramarino, na Bateria do Terreiro, n.º 3.

Delegação da Companhia Geral de Credito Predial Portuguez, na rua dos Inglezes, n.º 87.

Festas memoraveis

Commemoraremos tambem aqui algumas das festas publicas mais notaveis que tiveram logar no Porto, e nas quaes a esta freguezia de S. Nicolau coube largo quinhão; taes foram, as do casamento d'el-rei D. João I no anno de 1387; as do nascimento do infante D. Henrique; as da passagem de D. Fernando em 1371-1372, quando foi celebrar os seus desposorios no mosteiro de Leça do Bailio, com D. Leonor Telles, pois por essa occasião se formou para a passagem do real prestito, uma espaçosa ponte de barcas sobre o Douro, entre a Ribeira e Villa Nova de Gaya, tão espaçosa que por ella cabiam a par seis cavalleiros.

Foram tambem dias de extraordinario regosijo para esta freguezia os da recepção do bispo D. Fr. José de Affonseca e Evora, em 5 de maio de 1743, e do seu successor D. Antonio de Sousa e Távora, em 4 de junho de 1757; porque nunca o Porto recebeu com tão grande apparato bispo algum, e ambos fizeram a sua entrada solemne, pela Porta Nobre, seguindo pela rua dos Banhos, Fonte da Rata, Ourivesaria, S. Nicolau, Congostas, Praça de Santa Catharina, (hoje Largo de S. Domingos), etc.

Com apparato ainda superior, mas todo official e obrigatorio, fez a sua entrada pela mesma Porta Nobre e seguiu o mesmo itinerario, na passagem para a sua archi-diocese, o serenissimo senhor D. Gaspar, primaz das Hespanhas e arcebispo de Braga, filho bastardo de D. João V, no dia 1 de outubro de 1759, em uma segunda feira de tarde, precedido do provisor d'esta diocese do Porto, varios conegos e dignidades do cabido, senado e auctoridades civis, judiciaes e militares do Porto, e grande numero de pessoas das mais distinctas d'esta cidade, da de Braga e de outras terras do paiz, formando uma luzida e numerosa cavalgada, além de setenta e tantas carruagens, isto afóra a equipagem de sua alteza, que entre muitos officiaes da sua casa, capellães, moços da camara, criados de fôro, etc., passava de cem pessoas, e muitos e excellentes cavallos *de respeito* preciosamente ajaezados, muitas bêstas de carga, cobertas com reposteiros, tôdos com armas reaes, quarenta e tantas carruagens differentes e cêrca de 130 cavalgaduras.

Sua alteza hia em uma magnifica *estufa* (diz o chronista Manuel Ferreira da Costa e Saboya) tirada por seis frizões soberbos, malhados de branco e baio claro, ricamente ajaezados. Seguia-se a berlinda de viagem, tirada por seis valentes machos, muitas caleças, e grande numero de criados a cavallo, por complemento. Ia á frente da carruagem de sua alteza, o seu capellão, montado em um soberbo palafrem, com a cruz primacial arvorada.

Hospedou-se n'esse dia nas casas de Manuel Eleutherio Monteiro Moreira Salazar, então os Paços da Relação, na Praça das Hortas (hoje Praça de D. Pedro) e no dia seguinte se foi com a mesma pompa para Braga.

Durante a demora de sua alteza no Porto, houve luminárias, salvaram com a respectiva artilheria varios navios de guerra ancorados no Douro, e as fortalezas da cidade e da barra; repicaram os sinos em todas as torres e campanarios do Porto, todas as ruas do transito se revestiram com preciosos brocados, *na fórma das reaes ordens.*

O escaler em que sua alteza atravessou o rio, foi mandado preparar pelo superintendente da Ribeira das Naus do Douro, e era decorado com primorosa talha dourada, a taifa, até ao lume d'agua, era de velludo encarnado, o toldo do camarim era tambem de velludo lavrado da mesma côr, com bandas e bambolins de terciopello carmezim, com cortinas de seda côr de canna com ramos de prata, e oito vidraças com caixilhos doura-

dos. O pavimento era todo alcatifado de velludo com ramos verdes em campo de prata; dos lados das vidraças caiam oito cortinas de seda côr de perola, com flores de prata, e as sanefas eram de seda branca franjada e agaloada de ouro, e o tecto era forrado de seda igual á das cortinas.

Na parte superior se erguia um docel da mesma seda das sanefas, com espaldar de outra de matizes em campo de prata, e debaixo d'este docel estava a cadeira de sua alteza, coberta de seda e com um coxim de velludo nos pés.

Era este escaler tripulado por 8 falueiros ou remeiros com calças, albornozes e carapuças de seda amarella e encarnada, e com plumas, um mestre ao leme e o patrão-mór á popa, sustentando uma bandeira de seda com as armas reaes.

Não nos consta que em tempo algum sulcasse as aguas do Douro escaler mais luxuoso.

N'elle embarcou sua alteza na praia de Villa Nova, e ao som dos repiques de todos os sinos da cidade e Villa Nova, de clarins e outros instrumentos e salvas de artilheria, seguiu com o seu numeroso cortejo formando uma vasta flotilha, toda empavesada e donairosa, até ás proximidades da quinta da China, pela margem direita do Douro, d'alli passou á margem esquerda junto a Quebrantões, e seguiu até junto de Valle da Piedade, passando outra vez para a margem direita, e desembarcando em uma larga prancha de madeira, na praia de Myragaia, onde já se achava formado um regimento de tropa da guarnição da cidade, que deu tres salvas, e fez a continencia do estylo á passagem de sua alteza.

GRANDES MOTINS N'ESTA FREGUEZIA

Em 1474 houve um grande motim n'esta cidade, nos limites actuaes d'esta freguezia de S. Nicolau, e por isso daremos d'elle aqui resumida noticia. [1]

Em 1474 era Ruy Pereira, senhor das Terras da Santa Maria (Feira) fidalgo distincto (neto doutro Ruy Pereira, tio do condestavel D. Nuno Alvares Pereira) um dos homens mais ricos da provincia, dono de muitos navios e commerciante rico, pelo que vinha muitas vezes ao Porto tractar dos seus negocios e assistir ao despacho e dizimaría das suas fazendas, pois em frente do *grão-senhor* os empregados da alfandega mal attentavam nas tabellas e regulamentos. Costumava pois vir ao Porto Ruy Pereira, muitas vezes, sempre bem escoltado por gente sua, altaneira e turbulenta, demorando-se o tempo que lhe aprazia, sem se importar com os foraes da cidade, que não permittiam a *fidalgo, nem poderoso, nem abbade bento, o poisar n'ella mais que tres dias.*

Estava pois a cidade já indisposta contra Ruy Pereira, quando n'ella entrou com uma porção de peões e cavalleiros armados, no dia 26 de Maio de 1474, sexta feira, dois dias antes do domingo de Pentecostes, e foi pousar na rua Nova (depois rua Formosa, e hoje rua dos Inglezes) nas casas de Leonor Vaz, dôna viuva, sua collaça, mulher que fôra de um almoxarife da sua casa da Feira. Despediu parte dos seus acontiados, e ficou para assistir ao despacho e dizimação das fazendas, mas sem pressa alguma, nem attenções para com a camara e juizes da cidade, nem para com os seus foraes. Vendo os portuenses Ruy Pereira tão descançado, principiaram a amotinar-se contra o despresador dos seus foros, e a irritação já subia de ponto quando a camara, no dia 4 de junho, a requerimento do procurador da cidade, se reuniu no convento de S. Domingos, segundo o costume d'aquella epocha, para accordarem no que deveria fazer-se, afim de terminar o escandalo que estava dando Ruy Pereira, por se conservar na cidade, desde 26 de maio, quando não podia demorar-se mais de 3 dias.

Eram juizes Vasco Leite e Alvaro Leite, irmãos, — vereadores Fernão Alvares Baldaia, Vasco Gil, Luiz Alvares de Madureira

[1] Quem quizer saber mais por miudo como as coisas se passaram, leia o interesante romance historico d'Arnaldo Gama—*A ultima Dona de S. Nicolau* e consulte o *Arch. da Camara do Porto*, nomeadamente o livro B. fl. 131 a 141.

e Diogo Martins, e procurador da cidade Gomes Fernandes.

Todos estes se achavam reunidos em sessão com varios *homens bons, e os procuradores privativos dos mesteres*, quando Gomes Fernandes, como procurador da cidade, levantou a questão, concluindo por propor ou requerer, que fosse intimado Ruy Pereira, para sahir da cidade immediatamente — *e acordaram todos que assim se fizesse.* E o juiz Vasco Leite, com dois tabelliães e o procurador da cidade, se dirigiu para a alfandega, onde no momento se achava Ruy Pereira, e pouco depois de defrontarem com elle, Vasco Leite lhe disse, com pequena differença o seguinte:[1]

«Ruy Pereira, senhor, vós bem sabeis que os antigos fundaram sua povoação, aqui nesta cidade, sómente por viverem pelo trafego das mercadorias, e as juntarem nella: por quanto desde Lisboa até Galliza, não acharam outro porto de mar mais seguro do que este; e não o fizeram por lavrar, nem criar, por quanto a terra o não leva de si, nem é de tal genero. Pelo que, senhor, para a terra se melhor povoar, e fazer mais nobrecida, trabalharam de lhe achegar aquellas cousas, que melhor fizessem a vir ahi morar grande numero de gente; e tanto n'isso se trabalharam, e tão boas cousas lhe achegaram, que vós bem sabeis quantos homens, em razão dellas, correm para aqui, onde trasfegam com suas mercadorias a muitas partes do mundo, *demorando-se, como demoram,* allá muitos tempos, trasfegando por terra e por mar, sem fazerem grande estimação de virem tão cedo a suas casas, porque sabem que suas mulheres e seus haveres estão em logar isempto e seguro.

«Ora, senhor, por estas e outras cousas legitimas, que escusarei referir, (pois que tão de afogadilho, má hora, vos vimos achar) poderá haver cento e cincoenta ou duzentos annos, sendo esta cidade mal habitada com os poderosos e fidalgos, que a ella vinham morar e pousar, os regedores, officiaes e povo, que então eram, ordenaram e fizeram suas posturas e vereações—que nenhum fidalgo nem pessoa poderosa, não fossem recebidos por visinhos, nem morassem na dita cidade, nem fizessem ahi vivenda nem estada prolongada.

«Desde esse tempo foram os moradores do Porto de posse das ditas posturas, e as usaram e costumaram, confirmadas pelas cartas d'El-Rei D. Diniz e d'El-Rei D. Affonso, seu filho, e d'El-Rei D. Pedro, que achando-as bôas, as houveram por bem e d'ellas nos deram suas cartas patentes. Assim as usaram e costumaram, e d'ellas estiveram de posse até o tempo d'El-Rei D. Fernando, em que, sendo meirinho-mór um João Fernandes Buval, justiça maior na de Entre Douro e Minho, havida sobre isto inquirição, a confirmou por sua carta patente, accrescentando, sobre as dos reis passados, que os ditos fidalgos e poderosos não pousassem nem estivessem na cidade mais que tres dias, posto que fosse na casa de algum seu amigo. E deu logo poder e auctoridade aos juizes da cidade, para que, tanto que os ditos fidalgos e pessoas poderosas fossem requeridos que se sahissem, não se querendo sahir logo, todos ou cada um dos ditos juizes, com os moradores, os tirassem e pozessem fóra da cidade.

«Estes privilegios, senhor, foram confirmados depois e outorgados por el-rei D. João, cuja alma Deus haja, e o mesmo mandou el-rei D. Duarte, e el-rei D. Affonso, que ao presente nos governa.

«E assim tanto que algum fidalgo ou pessoa poderosa quer ahi ir pousar a casa de algum seu amigo, na cidade ou nos arrabaldes, o hospede, antes de o agasalhar, vae pedir licença aos regedores, dizendo-lhe o dia em que hade entrar, para se saber se está ahi mais dos tres dias, e, se a não pede, mandamol-o penhorar por dez marcos de prata para a cidade.

«E com a dita licença, quando algum fidalgo ou poderoso vem pousar ás estalagens, podem estar tres dias na cidade, os quaes acabados, os requeremos com um tabellião, que se vam fóra, e se logo o não querem fazer, nós os juizes com os moradores os bo-

[1] Cart. da Cam. do Porto, L. B, fl. 250 — e no L. grande, fl. 54.
Dissert. de João Pedro Ribeiro, L. 1.º, pag. 318. — Arnaldo Gama, livro cit., pag. 303.

tamos e lançamos logo fóra, como aconteceu ao conde D. Gonçalo, ao conde D. Pedro, ao arcebispo D. Lourenço (e mais era fronteiro) a João Alvares Pereira, *vosso senhor avô*, a Gomes Ferreira, o velho, e a outros; os quaes os nossos antecessores; por força de armas e de fogo, como melhor poderam, lançaram fóra da cidade.

«E vós, senhor, chegastes sexta feira, que foi, á cidade; assim a vossa estada n'ella já é britamento e deshonra dos privilegios que vos notifiquei; pelo que vos requeiro da parte d'el-rei, que vos saihaes logo d'ella, pois que os tres dias já são passados, e mais.»

O rico homem das terras de Santa Maria, ouviu a mensagem muito contrariado, e, depois de soltar algumas phrases inconvenientes, concluiu com soberano aprumo — que estava ainda na cidade, porque as festas e oitavas do Pentecostes haviam interrompido o serviço da alfandega, e que não se ausentava sem despachar as suas mercadorias.

Retirou-se Vasco Leite, depois de ordenar aos tabelliães que de tudo tomassem nota, e voltando ao refeitorio de S. Domingos, participou á camara o que passára com Ruy Pereira. Levantaram-se logo brados de indignação, e não faltou quem appellasse para a ultima razão dos povos; mas resolveu a camara mandar por quatro officiaes seus, nova mensagem a Ruy Pereira, que com maior arrogancia os recebeu e despediu, repetindo-lhes o que havia dito a Vasco Leite. Regressando os quatro officiaes com tal recado, subiu de ponto a indignação da camara e do povo, e alguns mais insoffridos, sahiram logo bradando, e concitando a populaça.

Accordou ainda a camara que fossem dois vereadores com quatro tabelliães convidar pela terceira vez Ruy Pereira a deixar immediatamente a cidade ou a ir ver os privilegios, quando sobre elles tivesse duvida.

Partiram effectivamente com esta missão Diogo Martins, Fernão Alvares Baldaia e os quatro tabelliães; mas Ruy Pereira, que já se achava em casa da sua collaça D. Leonor, de todo dementado, com mais aspereza os recebeu e despediu, ameaçando-os, e repetindo que não sahiria da cidade em quanto não dizimasse as suas fazendas.

Quando os camaristas e tabelliães se retiravam pela rua das Congostas para o convento de S. Domingos, já o povo crescia em massa, armado com toda a qualidade de armas, sobre a casa de D. Leonor; e apenas chegaram a S. Domingos e deram conta da sua missão, levantou-se um borborinho medonho na grande assembléa, bradando todos:

Morra o mescão! (lascivo, deshonesto, etc.)

Morra o falso!

Morra o tredo!

Houve ainda assim, quem propozesse que seguisse a camara e povo para a casa de Ruy Pereira, com os pergaminhos, para que elle os visse, mas que fossem todos armados, e que se elle não quizesse deixar a cidade por bem, fosse constrangido a ferro e fogo.

E *accordaram todos a hua vós q assy fosse*—tornou Lopo de Rézende a escrever na ementa da acta d'aquella tumultuosa vereação.

Os sinos tocaram a rebate, um alarido infernal se ouvia por todas as ruas e viellas; e homens e mulheres, novos e velhos, todos armados de mil fórmas, se reuniram no Largo de S. Domingos, e seguiram com os vereadores para a casa de Ruy Pereira; mas ao chegarem á Rua Nova (hoje Rua dos Inglezes) surgiu de frente o bispo D. João de Azevedo, que tendo noticia do conflicto corrêra a ver se evitava maiores desgraças.

O prestito logo parou, e todos se curvaram reverentes—pediu então o bispo á camara que lhe confiasse os pergaminhos e aguardasse um pouco, que elle esperava convencer Ruy Pereira da sua sem-razão.

A camara de bom grado annuiu, e D. João de Azevedo se encaminhou para a casa do teimoso fidalgo, crescendo a anciedade de momento para momento, até que assomou á porta de Ruy Pereira, o bispo D. João, dizendo que infelizmente nada conseguira; e logo das janellas de Ruy Pereira se disparou um tiro de espingarda sobre a turba apinhada na rua, e o povo logo investiu com a casa, disparando sobre ella um chuveiro de balas e projectis de toda a ordem. Mas Ruy Pereira já se havia prevenido para a resistencia, e elle e os seus criados se defendiam como

loucos. Appareceram logo homens com machados e trataram de despedaçar as portas, mas como estas não quizessem ceder, trataram de amontoar contra ellas grande quantidade de lenha e lançaram-lhe o fogo. Passados alguns minutos a casa foi devorada pelas chammas, salvando-se a custo Ruy Pereira com os seus criados, precipitando-se das janellas e expondo-se a serem trucidados pelo povo; mas valeram-lhes os juizes e vereadores que se achavam presentes, acompanhando-os até á beira do Douro e d'ahi em barcos até á margem opposta, onde os deixaram.

Tudo isto consta dos archivos da camara do Porto, na querella de Ruy Pereira, e da carta d'el-rei D. Affonso V, datada de Evora (aos 11 de abril de 1475) na qual *encommenda á camara do Porto que tenha maneira como as ditas casas de lianor vaaz, molher viuva, moradora na rua nova, d'essa cidade,* as quaes foram queimadas por occasião do levantamento contra Ruy Pereira, que n'ellas se fôra aposentar, *fossem corregidas á custa da cidade, porque voos vedes bem que ella demanda rrazom, e que voos fostes o que o dito dano fizestes.*

Esta carta se encontra no livro antigo das provisões, fl. 90.

Da sentença na querella de Ruy Pereira, se vê o grande commercio que elle fazia no Porto. Elle proprio diz que viera á cidade *para tomar suas contas aos mestres de seus navios, dos fretes d'elles, e para fazer dizimar e arrecadar certa mercadoria que estava na alfandega da dita cidade, que lhe viera... etc.*

Na sua querella contra os habitantes do Porto, pedia Ruy Pereira que, além de outras penas, lhe fosse imposta a indemnisação de vinte mil dobras; mas a final foi elle obrigado a segurar os portuenses, e a respeitar os seus foros e privilegios, como se vê da sentença que se encontra no archivo da camara, liv. B, fl. 131 a 141. Foi aquella sentença dada por el-rei D. Affonso V, e é um documento importantissimo para a historia do privilegio que o Porto gosou até aos principios do seculo XVI de não ter fidalgos dentro dos seus muros, nem nos seus arrabaldes.

O motim das Maçarocas

Em quanto Portugal gemeu sob a dominação dos hespanhoes, não cessavam estes de o vexar com tributos e exacções de toda a ordem, a despeito das suas pomposas promessas de protecção e liberalidade; e por corôa das maiores violencias, no anno de 1628, reinando Philippe IV, de execranda memoria, foi mandado a esta cidade do Porto, por ordem do real conselho de estado, Francisco de Lucena, residente em Madrid e secretario do mesmo conselho, para impôr n'esta cidade o extravagante tributo das *Maçarocas!* Apenas elle apresentou ao senado portuense a sua commissão, logo este a approvou—*como ordem do seu rei...* mas as regateiras e outras mulheres, vendo que o exotico tributo tendia directamente a defraudar o pequeno lucro que tiravam das suas rocas, exasperadas correram em motim ao terreiro de S. Domingos (hoje d'esta freguezia) e apenas defrontaram com o pobre do tal Francisco Lucena, descarregaram sobre elle uma nuvem de pedradas, e de certo o trucidavam, se elle se não metesse logo no convento; mas crescendo o motim com grande reforço de marujos e garotos, trataram de assaltar o convento, com uma formidavel bateria de pedras, e não sabemos até onde hiriam, se não echoasse no espaço uma voz de estentor, dizendo que o Lucena havia fugido pela cêrca de S. Domingos para o convento de S. Francisco, e d'este, pelo postigo do Pereira, para o convento da Serra, onde se refugiára, atravessando o Douro.

Serenaram então um pouco mais os animos, e se desvaneceu o motim.

Receando as consequencias, foram o bispo (D. João de Valladares) e o senado, protestar ao Lucena, quanto a nobreza e povo da cidade sentiram aquelle insulto, terminando por lhe pedirem efficazmente se dignasse regressar ao Porto, certificando-o de que nada podia recear, porque as ordenanças e justiças estavam a postos para conterem os amotinados; mas não houve instancias que determinassem o bom do Lucena a expôr-se a segunda bateria, e logo partiu

para Madrid, onde pintou com vivas côres o modo *gracioso* como n'esta cidade o receberam. Funestas seriam por certo as consequencias, se o bispo D. João de Valladares não empenhasse seu irmão, Mendo da Motta Valladares; o presidente do conselho d'Estado, D. Carlos d'Aragão; e o governador das justiças, Diogo Lopes de Sousa, 2.º conde de Miranda, para moverem o tal D. Philippe IV a perdoar aos aggressores (como perdoou), sem que o Porto soffresse.

OUTRO MOTIM N'ESTA PAROCHIA

Em 1836, os marceneiros do Porto, vendo-se affrontados pela mobilia vinda d'outras nações, reuniram-se em grande numero, armados com martellos e machados, dirigiram-se á alfandega velha da rua dos Inglezes, e fizeram em estilhas toda a mobilia de procedencia estrangeira, que encontraram no caes e á porta da alfandega, e mesmo alguns pianos; retirando-se em seguida para suas casas, sem serem presos nem molestados. E o nosso governo teve de pagar o prejuizo ás nações que reclamaram.[1]

AINDA OUTRO MOTIM

Aproximadamente em 1856, porque o pão havia attingido na praça do Porto preço exhorbitante, e porque se espalhou que a carestia dos cereaes provinha da exportação, a populaça amotinou-se, e reuniu-se em grande numero na Ribeira, dispondo-se para invadir e incendiar um navio alli ancorado, que suppunham já carregado de cereaes, e prestes a seguir viagem; mas intervieram as auctoridades e obstaram ao incendio do navio.

Quizeram ainda os amotinados passar a Villa Nova de Gaya para incendiarem os armazens dos Wanzellers, por constar que n'elles se achava um grande deposito de pão para embarque; mas ainda as auctoridades outra vez os poderam conter. Seguiram depois d'alli para o quartel da guarda municipal, com grande vozearia bradando como possessos:

Viva D. Pedro quinto!
Vinho a pataco e milho a pinto!

Immortalisou-se, dirigindo este movimento popular, um pobre diabo conhecido pela alcunha de—*Carcunda dos leilões*—por ser corcovado, e costumar fazer o papel de bôbo ou palhaço, como pregoeiro de leilões.

Já o pobre *Carcunda* se achava com a sua gente á porta do quartel da guarda municipal, e se dispunha para entrar sem ceremonia, quando surgiu o commandante da municipal com um esquadrão de cavalleria, e os obrigou a fazerem-se ao largo. Seguiram d'alli para a Casa Pia com a mesma algazarra, mas apenas alli chegaram logo o general Ferreira (Francisco José Ferreira, por alcunha o *Trinta-Diabos*), então governador das armas no Porto, os intimou para que se afastassem e dispersassem (como dispersaram), e assim terminou o tumulto.

Convento de S. João Novo

Houve nos limites d'esta freguezia, um convento, denominado de S. João Novo, que era de eremitas de Santo Agostinho, calçados, denominados tambem gracianos, por ser o convento da Graça em Lisboa a casa capitular d'esta Ordem.

Este convento de S. João Novo, foi fundado, no anno de 1592, por D. Antonio de Noronha, governador de Cochim, sobrinho do marquez de Villa Real, sendo bispo do Porto, D. Jeronymo de Menezes, e reinando já em Portugal Philippe II de Hespanha, de ominosa recordação; sendo ao tempo provincial dos ditos frades, fr. Manuel da Con-

[1] Os marceneiros, depois de partirem a mobilia que encontraram no caes e proximidades da alfandega velha, seguiram para os armazens que a alfandega ainda então occupava, nos baixos do convento de S. Domingos, invadiram-os, despedaçaram tambem a mobilia estrangeira que alli encontraram, e recolheram-se ás suas officinas; mas em seguida formou-se um grande magote de populaça, que percorreu varias ruas da cidade, arrojando pedras sobre as lojas de negociantes estrangeiros, apupando-os e causando-lhes bastante damno, principalmente nas vitrines e armações.

ceição, prégador de sua magestade. Foi presidente da nova fundação frei Jorge Queimado, depois bispo de Fez, e primeiro prior fr. Antonio da Resurreição, tio do conde Diogo Lopes de Sousa, que foi governador da justiça n'esta cidade do Porto.

O bispo lhes deu, para sobre ella construirem o convento, a egreja matriz da freguezia de S. João de Belmonte, que supprimiu, dividindo-a pelas outras duas, creadas, como aquella, pelo bispo D. Marcos, seu antecessor,— a da Victoria e esta de S. Nicolau.

Da primittiva egreja, templo de fabrica muito humilde, nada existe; existe, porém, e ainda em boas condições, a egreja dos frades, levantada sobre o chão d'aquella. É um templo dos mais espaçosos que ha n'esta cidade do Porto, solidamente construido, de uma só nave e tecto de abobada de granito, com alta e imponente frontaria, formando um todo com duas torres lateraes, e voltada ao norte sobre o largo de S. João Novo. Esta fachada, e o mesmo templo, são cópia, um pouco mais singela, da magnifica egreja que foi dos jesuitas, e ultimamente dos agostinhos descalços, e que ainda hoje se admira no largo do Collegio dos Grillos, junto ao paço episcopal d'esta cidade.

Quando chegarmos á *freguezia da Sé*, fallaremos d'aquelle templo e d'aquelle collegio, hoje o Seminario da diocese.

Além do altar-mór, tem a egreja de S. João Novo, quatro altares lateraes, em capellas, e dois no cruzeiro, voltados para o corpo do templo; e deveram os frades d'esta casa grande parte das suas rendas e do seu claustro, um dormitorio, muitas preciosidades e o retabulo do altarmór da sua egreja, ao bispo D. fr. Antonio de Sousa, que fôra religioso da sua Ordem.

Em uma das capellas lateraes, está ainda um apparatoso camarim, com a ternissima imagem do Senhor dos Passos.

No tempo dos frades, as festas principaes que n'este templo se celebravam eram, a do seu patriarcha Santo Agostinho, no dia 28 d'agosto, com vesperas, matinas, missa solemne, Senhor exposto, etc.—as da semana santa ou endoenças—a de S. Gonçalo de Lagos—a de Santa Rita de Cassia—e a do Senhor dos Passos e Cruz de Christo, a 3 de maio, a expensas de irmandade propria com aquella invocação—irmandade a cujo cargo está a egreja, desde a extincção dos frades, e que olha por ella com desvelo, fazendo ainda alli festas das mais lusidas e mais concorridas por fieis de todas as classes, nomeadamente por familias da primeira sociedade do Porto, sendo sempre pessoas qualificadas os provedores d'esta pia corporação; assim, foi d'ella provedor muitos annos consecutivos, até que falleceu, Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim, ultimo senhor e representante da nobre casa de S. João Novo, da qual fallaremos, e é seu provedor actual Diogo Leite Pereira de Mello, da mesma familia.

As festas principaes que hoje n'este vasto templo se celebram, são — a do Senhor dos Passos e Cruz de Christo — a de Nossa Senhora do Rosario, por irmandade propria transferida para esta egreja da extincta dos Terceiros dominicos — a de Santa Rita, por devotos—e Lausperenne todas as sextas feiras, tambem a expensas de devotos.

Tambem se celebrou n'esta egreja o anno ultimo (1874) a festa da Santa Infancia.

O convento ficava, como se vê ainda, á direita, e na linha da frente da egreja, com a fachada principal voltada ao norte, sobre a rua de S. João Novo, tendo outra face voltada ao nascente e a terceira ao sul, com espaçosos eirados na extremidade *oeste*, d'onde se gosa um lindissimo panorama sobre o Douro, desde a Foz e Lordello até ao convento e serra do Pilar, e sobre Villa Nova de Gaya, S. Christovão de Mafamude e o poetico Candal.

N'esta vasta casaria, aliás muito solida e muito regular, estão hoje as varas do crime e civel d'esta cidade, com todos os seus respectivos officios e cartorios correspondentes, e na espaçosa sacristia dos frades, que ficava ao sul da egreja, se montou a *praça dos leilões!*...

A sacristia actual era um estreito, escuro e pequeno corredor, e não póde substituir-se, porque todo o convento está occupado com as repartições indicadas. Para as suas sessões, cartorio e secretaria, mandou a irmandade do Senhor dos Passos e Cruz de

Christo, fazer, em 1872 a 1873, casa propria ao poente da egreja, encostada á velha capellinha de Nossa Senhora da Esperança, que já mencionámos no artigo *Miragaya*, por ser d'esta freguezia, e propriedade dos respectivos abbades, como dissemos.

Os frades d'este convento foram, como todos os de Portugal, extinctos em 1834, mas deixaram o convento em 1832, quando entrou n'esta cidade o exercito liberal. Durante o cêrco do Porto, no convento devoluto se montou o hospital militar, fazendo-se os enterramentos na cêrca, onde tambem por esse tempo se enterraram os cadaveres da freguezia de Miragaya e outras.

Conservou-se alli o hospital militar alguns annos, já depois do cêrco, sendo depois transferido para a quinta das Aguas Ferreas, e por ultimo d'alli para o novo hospital militar de D. Pedro V, na rua da Boa Vista, onde actualmente se acha.

No tempo em que Agostinho Rebello da Costa escreveu a sua *Descripção do Porto* (1740-1742) tinha este convento 27 religiosos e sete mil cruzados de renda; mas em 1832, quando abandonaram a casa, eram apenas 12 os religiosos que n'ella moravam, sendo seu prior ou prelado fr. Manuel de Azevedo, natural de Guimarães, onde vivia ha poucos annos, e não sabemos se vive ainda. O que podemos dizer com certeza, é que ainda existe um d'aquelles 12 religiosos — fr. Francisco Bormão, hoje fr. Francisco Henrique Bormão. Esta ordem só reconhecia os seus religiosos pelo nome proprio e um unico appellido.

Nasceu em Cedofeita, n'esta cidade, em 1799; conta por consequencia já 75 annos, [1] e é filho de João Henrique Bormão, dinamarquez catholico, e de D. Maria Emilia Bormão, portugueza. Foi na ordem, prégador, mas não mais prégou depois da extincção; vive no largo de S. João Novo, n.º 2, ultimo andar, e é ha muitos annos capellão da irmandade do Senhor dos Passos e Cruz de Christo, na egreja que foi do seu proprio convento. É um veneravel ancião.

Este convento não possuia quintas nem propriedades. Pertenceu-lhe em tempos remotos o terreno onde se formou a magnifica quinta da China, sobre a margem direita do Douro, mas os frades o venderam. Os rendimentos d'esta casa consistiam em dinheiros mutuados, acções da antiga companhia dos vinhos, renda dos armazens nos baixos do seu convento, alguns foros e penções, e principalmente nos dizimos da egreja de Santo Isidoro de Romariz, que nos ultimos annos eram orçados em um conto de réis, aproximadamente.

Os frades eram sepultados na sua egreja, e n'ella se sepultavam tambem alguns particulares, mas em pequeno numero, sendo um d'esses Gaspar Cardoso (dos Cardosos d'Armamar), que ao tempo morava na freguezia da Victoria, nas suas casas da rua de S. Bento, um pouco acima da egreja matriz. Na egreja dos frades, se vê ainda o carneiro em que jaz; e alli depois se sepultaram mais algumas pessoas d'aquella familia.

N'esta egreja funccionou algum tempo a irmandade de S. José das Taipas, que hoje tem templo proprio no alto da rua do Calvario. Tinha em um altar da egreja do convento, a imagem de S. Nicolau Tolentino, seu padroeiro; alli fazia as suas festividades, e em sepulturas distinctas enterrava seus irmãos fallecidos, mas, por desintelligencias com a communidade, retiraram para as Taipas.

Tambem tinham sepulturas determinadas na egreja do convento, as irmandades do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Guia, junto aos seus altares.

Prende ainda com esta egreja o facto seguinte:

Como é constante, o bispo, cabido e camara do Porto, por occasião das ladainhas maiores de S. Marcos, a 25 d'abril, desde tempo immemorial, costumavam hir em procissão todos os annos até á capella de S. Marcos, além do rio na velha Gaya, mas desde certa época, ou porque os intimidou o rio Douro, que hia cheio e turvo, ou para evitarem a fadiga do passeio, hiam com a procissão ape-

[1] Entrou no convento da Graça, em Lisboa, no dia do Santissimo nome de Jesus, domingo 19 de janeiro de 1817, e professou no mesmo convento no dia 4 de fevereiro de 1818 — quarta feira de cinza.

nas até á porta da capellinha de Nossa Senhora da Esperança, junto a este convento, no alto da rua da Esperança (antiga Cordoaria), d'alli incensavam o S. Marcos, cuja capella se avistava na margem fronteira ao Douro, e seguiam para a cathedral. Estando porém um anno incensando no alto da Esperança, sobreveio chuva em quantidade, e o prior do convento immediatamente mandou abrir as portas da sua egreja e os convidou para entrarem, o que todos acceitaram e muito agradeceram; e assim, desde essa data, o cabido e a camara continuaram a entrar e descançar na egreja dos frades quando vinham com aquella procissão á capellinha da Esperança. E os frades, por deferencia, os recebiam na sua egreja em communidade—um d'elles celebrava, durante a demora, missa resada, em seguida, outro, subia ao pulpito e recitava um sermão proprio do acto e do dia, e depois, quando o cabido e a camara se dispunham para retirar-se, sahia o prior com a sua communidade para o largo em frente da egreja, e ahi paravam, formando duas alas, pelo meio das quaes passava o cabido e camara, e, cortejando-se por ultimo, regressavam os frades ao seu convento.

Durou isto muitos annos, e tanto que aquelle sermão ficou sendo para os frades um dos sermões denominados *da tábua* ou tabella, e ao frade a quem competia e o prégava era dado pela casa, n'esse dia, um *prato de meio* de gratificação.

A proposito direi que uma das maiores garantias e vantagens de que gosavam os frades d'esta casa, era o poderem prégar em quaesquer festividades e receberem o estipendio correspondente; sendo porém obrigados, por turno, a prégar nas festividades da casa, e por esses sermões, chamados *da tábua*, apenas a casa lhes dava leves gratificações, v. g. *um prato de meio*, como dissemos, pelo das ladainhas de S. Marcos.

Tambem a casa lhes permittia celebrarem missas, e receberem as esmolas correspondentes, logo que estivessem cumpridos os legados do convento, mas não podiam ter capellanias certas, e só, em casos muito extraordinarios, e com licença do prior, hiam celebrar, uma ou outra vez, a casas nobres. Era-lhes tambem permittido o leccionarem por estipendio, e alguns frades d'esta casa foram professores de theologia no seminario velho.

Outra vantagem de que gosavam estes religiosos era o dar-lhes a casa *calcearia* e *vestiaria*, — tres pares de calçado por anno, e sempre alternadamente, um anno um habito branco e outro um habito preto, ou a sua importancia em dinheiro, o que por vezes acceitavam, porque o habito preto era caro e durava annos, por ser o seu habito de gala, que raras vezes vestiam.

Hiam em communidade, á procissão do Corpo de Deus, e a outras do cabido e camara, como ás dos anniversarios da restauração de Portugal, e da expulsão dos francezes; e só n'estas procissões e em quaesquer festividades e actos mais solemnes usavam habito preto,—por casa traziam habito branco, e em passeio o mesmo habito branco, chapeu triangular e capote.

Esta casa produziu homens notaveis, como foram ainda nos ultimos annos—fr. José de Lima, prégador regio e prégador geral da Ordem — fr. Manuel Botelho, theologo distincto, tambem prégador e professor no velho seminario diocesano, etc.

A cêrca d'este convento era muito pequena. Reduzia-se a um grande taboleiro (pouco mais) parallelo á casa, do lado sul, mas em compensação, desafrontado e com vistas lindissimas sobre o Douro e Villa Nova de Gaya.

Tribunaes de 1.ª Instancia

N'este convento de S. João Novo se acham, desde 28 d'abril de 1864, como dissemos, os tribunaes de primeira instancia da cidade do Porto e seu termo, sendo tres as varas do civel e duas as do crime, cujo pessoal e organismo é o seguinte:

1.ª VARA CIVEL

Juiz — Dr. José Antonio Pimentel de Macedo.

Delegado — Dr. Antonio Alberto Torres Carneiro.

Sub-delegado de policia correcional—Dr., Antonio Emilio Alves Teixeira de Carvalho.

Sollicitador da Fazenda—Manuel de Oliveira Maia Outeiro.

Escrivães—Gil Alcoforado da Gama e Mello, Joaquim Augusto de Sousa Reis, Justino Antonio de Moura Soeiro, João Joaquim da Motta e Adelino de Figueiredo.

Completam este quadro—um contador e tres officiaes de diligencias.

2.ª VARA CIVEL

Juiz—Dr., Lino Antonio de Sousa Pinto.

Delegado—Dr., Antonio Pedro Xavier de Barros.

Sub-delegado de policia correcional—Antonio Cardoso e Silva Junior.

Solicitador da Fazenda—José Pereira da Fonseca.

Escrivães—Geraldo Vaz d'Oliveira, Domingos José Villela, Jeronymo Philippe Simões, Antonio José Pereira Salgado e João José d'Almeida Basto.

Completam este quadro—um contador e tres officiaes de diligencias.

3.ª VARA CIVEL

Juiz—Dr., Francisco Maria Gaspar Martins.

Delegado—Dr. Lucio Augusto Xavier de Lima.

Sub-delegado de policia correcional—Dr., Florido Telles de Menezes Vasconcellos.

Solicitador da Fazenda—Manuel d'Oliveira Maia Outeiro.

Escrivães—Joaquim d'Almeida Moura Coutinho, Antonio Augusto Pereira Baptista Lessa, José Joaquim da Silva Pereira, João Rodrigues da Fonseca e Joaquim José da Silva Guimarães.

Completam o quadro—um contador e tres officiaes de diligencias.

Juizo de direito criminal

1.º DISTRICTO

Comprehende as freguezias da Sé, Santo Ildefonso, Victoria, Bomfim, Campanhan, Paranhos, Gondomar, Maia e Vallongo.

Juiz—Dr., Antonio José Pinto da Costa Rebello.

Escrivães—Antonio Domingues dos Santos, Manuel dos Santos Villa Nova e Antonio Fernandes Alvares.

Completam o quadro—tres officiaes de diligencias.

2.º DISTRICTO

Comprehende as freguezias de Cedofeita, S. Nicolau, Miragaya, Massarellos, Foz, Lordello, Bouças e Gaya.

Juiz—Dr., Francisco Manuel da Fonseca e Castro.

Escrivães—Victorino Pereira Magro, Bernardino Antonio de Moura Soeiro e Candido Maximiano de Mello Alvim.

Completam o quadro—tres officiaes de diligencias.

—

Tambem n'esta mesma casa, e *precisamente no salão que era a sachristia dos frades*, está a *praça dos leilões e arrematações*, cujo pessoal é o seguinte:

Juiz—Conselheiro, Antonio Philippe de Sousa Cambiasso.

Escrivães—Antonio Cardoso Pinto de Sousa Menezes Montenegro e Manuel Gomes dos Santos Lima.

Completam o quadro—um pregoeiro e um porteiro.

—

Está tambem n'esta mesma casa o *Deposito publico*, e é o seu pessoal o seguinte:

Presidente—Conselheiro, Antonio Philippe de Sousa Cambiasso.

Vice-Presidente—Antonio José do Nascimento Leão.

Thesoureiro—Arnaldo Ribeiro Barbosa.

Dito—Antonio José Gonçalves Braga.

Vogal inspector—Antonio José da Cruz Magalhães.

Escrivão—Manuel d'Oliveira Maia Outeiro.

—

Ha n'esta parochia varias confeitarias, sem-

do duas de primeira ordem — uma nas Taipas, n.º 26, propriedade de Joaquim Guilherme Gustavo Lahman, — outra de Paulo da Silva Barbosa, no largo de S. Domingos, n.º 37.

—

Como os tanoeiros, fogueando na rua da Ourivesaria e Banhos, prejudicassem os visinhos e fossem por isso multados, conseguiram que a cidade lhes desse, em 1515, o terreno do Postigo de João Paes, que hia do Muro contra a rua da Ourivesaria, e ficaram foreiros á cidade.

(*Mosaico* de C. Castello Branco.)

Albergarias e hospitaes antigos

Desde os primeiros seculos da nossa monarchia, houve n'esta cidade varios hospitaes e albergarias, mas quasi todos estes estabelecimentos caducaram depois da creação da Misericordia, porque montando esta um hospital em maior escala, perderam a razão de ser, aquelles pequenos hospitaes, e D. Manuel, por isso mesmo, os uniu quasi todos á Santa Casa, exceptuando a albergaria e hospital do «Santo Sprito, no lôgo de Miragaya», e poucos mais.

Além d'esta albergaria do Espirito Santo, de que já fallámos no artigo *Miragaya*, houve no Porto, que nos recordemos, as seguintes: a de Santo Alifon, dita de S. Domingos, dita de Roque Amador, dita de Redemoinhos, dita de S. Salvador, dita de Santa Clara; da Thareja de Vaz, na Bainharia; e os hospitaes do Cimo de Villa, S. Thiago, e Lazaros: e uma gafaria no Olival.

Aqui, faremos só especial menção d'alguns d'estes estabelecimentos que estiveram em terreno hoje pertencente a esta freguezia de S. Nicolau, taes foram os hospitaes ou albergarias de Santa Catharina e S. Thiago, que existiram na rua da Reboleira. Ainda alli se vê um nicho com a imagem de S. Thiago, na frente das casas n.ºs 52 e 54, do lado N., e que parece indicar o sitio onde esteve a velha albergaria, quasi em frente das casas que foram da familia Pedrossem, e que hoje são do rico negociante e proprietario Francisco Cardozo Valente.

Aquellas duas albergarias foram transferidas da Reboleira para o largo de S. João Novo, e mais tarde para a Ferraria de Cima, hoje dos Caldeireiros. Eram estas albergarias administradas pela camara, mas esta passou a respectiva administração para a antiquissima irmandade do Corpo de Deus, dos ferreiros e serralheiros, ou da Senhora da Silva, como consta do archivo d'esta irmandade, e nomeadamente do seu compromisso com data de 17 de novembro de 1593.

Quando chegarmos á freguezia de Nossa Senhora da Victoria fallaremos detidamente d'aquella irmandade e do seu archivo, que é importante e curioso.

A albergaria de S. Salvador esteve na rua das Congostas, em um becco, onde ainda hoje está uma capella com a mesma invocação, ainda bem conservada, na qual se festejou, ainda n'este anno de 1875, o padroeiro, com grande pompa, na fórma dos annos anteriores.

Houve tambem na rua dos Mercadores, hoje d'esta freguezia de S. Nicolau, um hospital de Santa Clara, cuja administração foi dada á Santa Casa da Misericordia do Porto, por alvará regio de 15 de maio de 1521.

Em terrenos pertencentes a este hospital, se construiram varias casas, que fazem face para a velha rua dos Mercadores e para a nova de S. João, uma das quaes é hoje propriedade do rico negociante e proprietario, José Gaspar da Graça, morador no largo de S. Domingos.

D'este hospital faz menção Rebello da Costa na sua descripção do Porto, e diz que era de *velhas*.

A casa do sr. Gaspar da Graça, que occupa uma parte do chão onde esteve na rua dos Mercadores aquelle recolhimento, faz face para esta rua, sobre a qual tem os n.ºs 149, 151 e 153, e para a rua de S. João, sobre a qual tem os n.ºs 110 e 112, e já teve os n.ºs 72 e 73. E mais alguns dos predios contiguos a este foram tambem levantados sobre o local que occupou o mesmo recolhimento das Velhas.

—

Um pouco mais abaixo do sitio onde es-

eve aquelle recolhimento, ha na frente das casas n.os 89 a 91, um nicho, com a imagem do Senhor da Boa Fortuna, festejada com pompa todos os annos, por devotos da visinhança no dia 15 de agosto; e na frente das casas n.os 117 a 119, ha tambem na mesma rua outro nicho com uma imagem de Nossa Senhora da Piedade. Teve tambem festa propria feita por devotos, mas ha annos que esta festividade se não faz.

—

Ha tambem n'esta mesma rua, mas do lado opposto (nascente), uma casa antiquissima denominada a *Casa da Torre*, que foi dos mouros (diz o vulgo). Revela effectivamente grande antigüidade, e suppomos ser uma reliquia do velho largo da Sé. Os restauradores a desfiguraram, e lhe deram um aspecto informe e exotico. E' hoje de Antonio Pinto Rezende, ha muitos annos sachristão d'esta freguezia de S. Nicolau, e tem os n.os 156 e 158.

—

Na rectaguarda d'estas casas, se vêem os restos da antiquissima viella de S. Lourenço, que hia da rua de Sant'Anna para as proximidades do collegio dos jesuitas, no Barredo, viella que foi supprimida ha muito, e o chão da entrada pela rua de Sant'Anna foi tomado por umas casas que alli mandou construir ha annos o sr. Joaquim de Souza Maia.

Banhos, bancas, e gamellas

Houve no seculo XIV um estabelecimento de banhos, na Ribeira, então freguezia da Sé, e hoje freguezia de S. Nicolau. Eram propriedade do bispo, ainda então senhor da cidade, que os arrendava, como se vê da *Inquirição sobre os Diretos que á Igreja do Porto pertenciam na mesma cidade feita na era de 1377.* (Cartorio do concelho do Porto, Livr. Grand., fl. 11, col. 2.a até fl. 12, col. 2.a)

«Item, gomes giraldez, que teve os Banhos da Ribeira rendados; jurado sobre os sanctos evangelhos que dissesse verdade, per razom de que rendiam ou renderam os dictos Banhos, disse: que os tevera rendados por tres anos, por cem livras em cada huum ano.»

«Item, Affonso, que os hora tem rendados, outro si jurado sobre os Sanctos Evangelhos que dissesse porquanto tem os dictos banhos rendados em este ano que hora foy, da Era de seteenta e seis, disse: que os tevera rendados por sassenta livras e que este ano da era de sateenta e seis disse, que os tevera rendados por seteenta livras *(é do original esta repetição)* e que este ano da era de seteenta e sete nom esteveram rendados.»

Além d'este estabelecimento de banhos, na Ribeira, cujo local não póde fixar-se, houve outro estabelecimento de banhos quasi na extremidade sudoeste do Porto, junto á velha rua da Munhota, e a um postigo dos muros, que por este facto se denominou *Postigo dos Banhos*, bem como *rua dos Banhos* aquella da Munhota.

Esta rua, como outras muitas, foi absorvida pela da Nova Alfandega, e o Postigo dos Banhos lá se vê ainda, tapado com pedra, junto á lingueta do mesmo nome.

«Item, Catharina Alvares, viuva, mulher que foi do João dos Banhos, tras por prazo uas casas nossas, na rua dos Banhos, *que foram Banhos*, a saber metade são da cidade e a outra metade nossa e do Cabido, a saber nós as duas partes, e o Cabido uma, e partem de ua parte com a parede da horta de S. Francisco, por detraz com o caminho que vai para a Minhota, por deante rua publica de longo do chafariz dos Banhos, e pagão...» (Censual da Mitra).

—

Consta tambem das citadas Inquirições feitas na era de 1377, que por aquelle tempo vivia na Ribeira, n'esta freguezia (hoje) de S. Nicolau, um tal Pedro Affonso, casado com Catharina Pires, que foi annos consecutivos o rendeiro das *gamellas*.

«Item. (log. cit.) Pero afonso da Ribeyra e sa companheira Cathelina pirez, e margarida annes molher, de domingos do porto, vogado jurados aos Santos Evangelhos disserom que teverom as gamellas, que som todas do Bispado, rendadas na era de seteenta anos, por trinta livras e nos outros cinquo anos seguintes por quareenta livras cada huum

ano e hora esta era em que hora somos, de seteenta e sete anos, disse o dicto pero afonso que as tinha rendadas por trinta e cinquo livras.»

E do Censual da Mitra consta o seguinte:

«Item. João Rodrigues, criado do Bispo D. Balthazar Limpo, traz por prazo de nomeação, as bancas, gamellas, cestas e vendagem do pescado da praça da Ribeira *(hoje freguezia de S. Nicolau)* que sohia trazer Diogo Girão, e se arrecada o dito dinheiro da vendagem pela verba do foral, em que está muito declarada e paga.»

CASAS NOBRES

N'esta freguezia predomina o commercio, e ha hoje apenas duas casas com brazões d'armas, e hereditariamente nobres, uma na rua de Bellomonte n.º 49, outra no Largo de S. João Novo. Na de Bellomonte se acha montado o Banco Alliança, e é um lindo palacete com uma elegante e custosa fronteria —bem desenhada e bem acabada.

Pertence á nobre familia Pachecos Pereiras, da qual daremos em seguida um esboço genealogico.

A outra casa do Largo de S. João Novo é tambem um bom palacete. Foi de Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim (hoje de seus herdeiros) que n'elle falleceu, e que era o legitimo representante da nobre familia Cernaches, de Campo Bello e outras, como adiante mostraremos.

PACHECOS PEREIRAS, DO PORTO

O primeiro que em Portugal usou o appellido Pacheco, foi Fernão Rodrigues Pacheco, o celebre alcaide-mór de Celorico, com quem se deu o facto lendario da tructa cahida das garras de uma aguia, quando o conde de Bolonha, depois D. Affonso III, era regente pela incapacidade de el-rei D. Sancho, seu irmão; e era Fernão Rodrigues Pacheco bisneto ou 3.º neto de Fernão Jeremias, um dos fidalgos que vieram para Portugal com o conde D. Henrique, como dizem Viterbo no seu Elucidario, art. *Ferros*, in fine,—o conde D. Pedro no seu Nobiliario, tit. 50, etc.

De Fernão Rodrigues Pacheco, senhor de Ferreira d'Aves, nasceu João Fernandes Pacheco, e d'este — Lopo Fernandes Pacheco (filho legitimo) grande privado d'el-rei D. Affonso IV, que o fez *rico-homem*. Casou com D. Maria Gomes Taveira, e teve Diogo Lopes Pacheco, um dos conjurados que tiraram a vida a D. Ignez de Castro, e que poude escapar á vingança de D. Pedro I, fugindo para Castella; d'onde voltou a convite de el-rei D. Fernando para o auxiliar na guerra com a Hespanha.—Fugindo para alli segunda vez, por haver aconselhado ao infante D. Diniz que não beijasse a mão da rainha D. Leonor. Outra vez foi chamado por D. João I, e, tendo já oitenta annos, muito se distinguiu na batalha d'Aljubarrota, com seus 3 filhos, D. João Fernandes Pacheco, legitimo, e os dous bastardos, Lopo Fernandes Pacheco e Fernão Lopes Pacheco. Este D. João Fernandes Pacheco, como elle queria, desbaratou completamente a João Annes de Barbuda, general castelhano, que na retirada d'Aljubarrota queimára a cidade de Viseu, passando á espada os seus habitantes: e com o governador de Trancoso, e o senhor de Linhares, mataram-lhe quatro mil homens, e de todo o derrotaram entre Valverde e Trancoso. Depois, vendo que os seus serviços não eram remunerados como elle queria, se passou para os castelhanos, com 200 homens de cavallo, entre parentes, amigos e criados.

De D. João Lopes Pacheco descendem os duques de Escalona, os marquezes de Vilhena e outras nobilissimas familias de Hespanha; e de Lopo Fernandes Pacheco, um dos celebres cavalleiros da *Tabola redonda*, que foram desafrontar as damas a Inglaterra, procedem os Pachecos de Portugal, entre os quaes avultou o grande Duarte Pacheco Pereira, e os da Quinta da Ledêsma, de Santo Estevão de Barrosas, no termo de Guimarães, como foi João Pacheco de Ledesma, que tirou brasão de sua nobreza, no tempo d'el-rei D. João III. Viveu no Porto, foi casado, e teve entre outros filhos—Manuel Pacheco, que viveu algum tempo em Campos, do Li-

ma, e teve — João Pacheco Pereira, que viveu no Porto, onde foi vereador no anno de 1578, e teve — Manuel Pacheco, que foi, como seus paes, senhor da quinta de Ledesma, fidalgo da casa do infante D. Duarte (filho d'el-rei D. Manuel) — e vereador da camara do Porto em 1597 e 1604. Casou no Porto, com D. Maria de Novaes Carneiro, e teve — Gonçalo Pacheco Pereira, que viveu no Porto, onde foi vereador e superintendente das caudelarias. Casou com sua prima D. Isabel Pacheco, filha unica e herdeira de Alvaro Pacheco Pereira, juiz da alfandega, de propriedade, como já fôra seu pae—no Porto, Aveiro e Buarcos, e fidalgo da casa real. Por sua mulher, succedeu Gonçalo Pacheco Pereira na grande quinta da *Pachêca*, em frente da Régua, que ainda hoje (1875) possue (com mais seis, *só no Douro*...) o sr. João Pacheco Pereira, de Villar, ultimo representante dos Pachecos Pereiras, do Porto.

Do consorcio com a dita sua prima teve Gonçalo Pacheco Pereira, entre outros filhos —Ignacio Pacheco Pereira, que foi tambem juiz da Alfandega, como seu avô e bisavô. Foi fidalgo da serenissima casa de Bragança e capitão de uma companhia, de que era capitão-mór, o conde de Miranda, servindo á sua custa. Casou com D. Marqueza Nunes de Povoas, e teve—Manuel Pacheco Pereira, que foi, tambem no Porto, vereador e juiz da alfandega. Casou com D. Maria Jacome Nobre, filha de Francisco Alves, o qual, sendo alferes aos 17 annos, foi para a India com o vice-rei D. Vasco Mascarenhas, conde de Óbidos, e na India serviu 22 annos continuos, prestando relevantes serviços como capitão de Mar e Guerra e commandante da galera S. Sebastião e da nau Estrella d'Alva, pelo que foi feito fidalgo cavalleiro da casa real, e cavalleiro da ordem de Christo, com 250:000 réis detença pela Alfandega do Porto.

Falleceu o dito Manuel Pacheco Pereira, em 28 de julho de 1713 — foi sepultado em um dos jazigos de seus avós, na egreja do extincto convento de S. Domingos, no Porto, e teve entre outros filhos — Pedro Pacheco Pereira, que foi tambem juiz da alfandega (48 annos continuos...) e vereador no Porto, nos annos de 1709 e 1714.

Casou com D. Clara Maria Eldres, filha e herdeira de Pedro Bellens, pertencente a uma das mais nobres e mais ricas casas da cidade de Altona (Dinamarca) — filho de Christiano Bellens e de sua mulher, Anna Von-Santen filha de Jeremias Von-Santen, undecimo conde de Golig.

Era o dicto Pedro Bellens filho primogenito e representante d'esta opulenta e nobilissima casa, e de paes e avós catholicos romanos; mas como na instituição da sua casa houvesse a clausula de *que na successão d'ella preferiria o ultimo descendente que seguisse a seita de Calvino*, e declarando-se calvinista um outro seu irmão, elle desgostoso e não querendo abjurar o catholicismo — renunciou á casa de seus pais e ausentou-se para Lisboa, passando d'ali para o Porto, onde se estabeleceu e casou com D. Dorotheia Maria Eldres, filha legitima de Otho Eldres, de uma das mais illustres familias d'Anvers — neto de outro Otho Eldres, conde de Eldres, e de Catharina Escote.

Pedro Bellens falleceu em 2 de outubro de 1683 e jaz no carneiro da capella que fundou na egreja matriz de S. Nicolau, com o titulo de nossa Senhora da Assumpção, para si e seus descendentes, no anno de 1672.

Do seu consorcio com D. Maria Clara Eldres teve Pedro Pacheco Pereira, entre outros filhos, — João Pacheco Pereira, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, juiz da alfandega e vereador na camara do Porto em 1757 a 1758.

Casou duas vezes — a 1.ª com D. Eugenia de Vasconcellos Telles e Menezes, filha de Sebastião José de Carvalho e Vasconcellos, senhor da casa de Villa Boa de Quires, e de sua mulher D. Maria Thereza de Sousa Coutinho, cujo consorcio não deu successão, pelo que passou a segundas nupcias com D. Isabel Joanna Pamplona Rangel de Tovar, filha de João Alves Pamplona Carneiro Rangel, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, senhor da casa de Beire, e de sua mulher, D. Maria Clara Baldaia de Tovar, herdeira da casa de Canellas e padroeira *in solidum* da egreja de Sobrado, e tiveram entre outros filhos.

— Pedro Pacheco Pereira, que viveu no seu lindo palacete de Belmonte n.º 49, casou com D. Marianna Rita de Sousa Peixoto de Carvalho, e tiveram dois filhos — Jeronimo Pacheco Pereira e

— João Pacheco Pereira, que na qualidade de primogenito, succedeu na casa de seus pais — Casou em Lisboa com D. Margarida Telles da Silva, filha do marquez de Penalva, e tiveram entre outros filhos

— João Pacheco Pereira, que ainda vive no Porto (em Villar) e que, como filho primogenito, succedeu na grande casa de seus maiores[1]

Casou com D. Maria Angelina Pereira da Silva, sua prima (que tambem ainda vive) filha do conde de Bertiandos (Gonçalo) e tiveram

— João Gonçalo Pacheco Pereira, ainda solteiro e de 19 annos de idade.

Vive com seus pais.

PALACETE QUE FOI DE ALVARO LEITE, NO LARGO DE S. JOÃO NOVO

No largo de S. João Novo (freguezia de de S. Nocolau) acha-se situada a casa apalaçada, onde residia e falleceu seu dono, o sr. Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim, representante n'esta cidade de uma antiga familia, a que os genealogicos dão o nome de — familia de Campo Bello — por ser na quinta d'este nome, em Villa Nova de Gaya, que ella tinha o seu solar.

É um vasto edificio, de boa architictura, tomando toda uma fachada do largo em que se acha situado, e no que respeita a obra de pedra, uma das mais ricas edificações particulares d'esta cidade. Sobre a porta da entrada tem seus brasões abertos em granito, dos quaes o escudo é esquartelado, tendo na primeira pala — Costas, Limas — e na segunda—Mellos, Alvins.

Foi mandada construir esta casa no principio do seculo passado, por Pedro da Costa Lima, natural da cidade de Vianna do Castello, o qual foi casado com D. Maria Thereza de Mello e Alvim, filha de Pedro de Mello e Alvim Pinto, senhor da Casa da Carreira, na mesma cidade; e tiveram estes senhores uma filha unica, D. Anna Casimira de Lima e Mello, a qual casou com Diogo Francisco Leite Pereira, senhor da Casa de Campo-Bello e da de Quebrantões, em Villa Nova de Gaya, e representante de uma das mais antigas e illustres familias dos arredores do Porto.

Pedro da Costa Lima, viveu n'esta cidade, e aqui exerceu o cargo de administrador e superintendente das fabricas da Ribeira do Ouro, prestando serviços valiosos, os quaes constam do alvará que lhe concedeu o fôro de fidalgo cavalleiro da casa real, em satisfação dos mesmos serviços e que tem a data de 13 de novembro de 1710. Eis o seu contheudo.

«Houve Sua Magestade por bem, tendo respeito aos serviços que o dito Pedro da Costa Lima, cavalleiro da ordem de Christo, tem feito depois de despachado pelós seus primeiros serviços até o anno de seiscentos e oitenta e seis, continuar a servir mais nos cargos de administrador e superintendente das fabricas da Ribeira do Ouro da cidade do Porto, de quinze de dezembro de seis centos e noventa até o presente, sem interpolação alguma, e no decurso do referido tempo fabricou nove fragatas, cinco da corôa e quatro da junta do commercio, com grande utilidade da fazenda real; e com a mesma, sendo encarregado para correr com a fabrica dos galeões d'aquella Ribeira, por haver muitos annos estar extincta, dando todos os meios convenientes, e as noticias necessarias para se continuar, mandando logo fazer os córtes das madeiras e conducções d'ellas com brevidade; provendo os armazens de todos os materiaes com tanta antecipação que se não experimentou falta alguma, comprando-os e fazendo-os vir do Norte, em beneficio da Fazenda Real, debaixo do seu credito; satisfazendo as letras de sua importancia com tal pontualidade que por não haver dinheiro prompto nas consignações applicadas a dita fabrica suprir com o seu; e, vindo fretada de Hamburgo

[1] O palacete de Belmonte coube em partilhas ao sr. Gonçallo da Cunha Souto-Maior, residente hoje em Lisboa, e primo d'este João Pacheco Pereira.

uma fragata por conta da Fazenda Real, com mastros e outras fabricas, fazer ter de utilidade mais de cinco mil crusados, pela fazer logo carregar; e sendo-lhe encarregado para que n'aquella cidade se fizesse troco de Marinheiros, dar tão boa fórma e expediente, que se facilitou e estabeleceu, não só para aquella occasião, mas tambem para as mais que foram necessarias; e indo áquella bárra duas fragatas de guerra, de guarda costa, prover-se de mantimentos, em breves dias e lh'os fazer promptos como tudo o mais que lhe foi necessario, em occasião que a fragata Santa Clara foi ás rias de Galliza por causa do tempo, em todo que nella esteve, mandou assistir com todo o necessario ao capitão d'ella, D. João Diogo de Athaide; e por repetidas vezes lhe ter encarregado pelos vedores da Fazenda o Provimento dos Armazens d'esta Cidade, o que muito particularmente lhe foi agradecido, no aproveitamento da Fazenda Real e aprestos das fragatas e materias para ellas.

Achando-se a Casa da Moeda, da cidade do Porto, falta de dinheiro (para se poder comprar o ouro e prata que a ella ia a trocar e se perdia a conveniencia, e ser em proveito da Fazenda Real) emprestar logo nove mil cruzados e se offerecer com o mais que fosse necessario; e da mesma maneira se haver, vindo o ouro do Rio de Janeiro; e para que não houvesse descaminhos, e a Fazenda Real tivesse conveniencia em emprestar tambem quinze mil cruzados e ordenando-se que n'aquella cidade se fizesse fabríca de cobre, para ir para o reino de Angola, lhe ser encarregado a dita fabrica e que assistisse a ella com todo o dinheiro necessario, ao que deu logo cumprimento, comprando muita quantidade de cobre pelo mais barato preço que se pôde alcançar e procedido d'elle mandar entregar a esta cidade; e considerando ser mais conveniente vir de Hamburgo, para que a Fazenda Real tivesse lucro, lhe ser tambem encarregado a dita commissão, no que obrou com muita conveniencia, assim no preço, como no pezo, assistindo com o seu cabedal, com muita antecipação, dando de tudo conta no Conselho Ultramarino, com grande zelo e verdade: e por Ordem da Junta Geral do commercio, mandar vir do Norte e Biscaia os materiaes e pregadura para a manufactura das fragatas que a dita Junta mandou fazer n'aquella cidade, administrando tudo com todo o acerto; e tendo noticia o Conselho Ultramarino do seu prestimo e intelligencia, lhe encarregar umas carregações, para irem para a nova Colonia, que remetteu a esta cidade; como tambem muitas armas que mandou fazer na provincia do Minho, para as mais conquistas; fazendo juntamente afretamento aos navios que levaram a Infanteria da cidade do Porto para o Rio de Janeiro, em que fez particular serviço a Sua Magestade, assim nos mantimentos como na passagem da gente, e no pagamento que lhe fez, em que teve muito trabalho e com o mesmo, sendo encarregado da compra e remessa do trigo para esta cidade, pela falta que n'ella havia, no anno de seiscentos sessenta e sete, lhe ser recommendado pelo Secretario de Estado, para que com toda a cautella e segredo averiguasse a entrada que uma cetia franceza tinha feito n'aquelle Porto, examinando-se as suas operações e movimentos, o que obrou com tanto cuidado e diligencia, de maneira que lhe foi muito agradecida a noticia que deu: como tambem do dinheiro com que tinha assistido para o custo das armas que se lhe havia recommendado; e que com a mesma pontualidade assistisse com o que fosse necessario para a Companhia que ia de soccorro a Mombaça; e no anno de setecentos e tres, principiando-se a guerra com Castella, ser-lhe encarregado por muitas e repetidas ordens da Junta dos tres Estados, o provimento das provincias da Beira, Minho e Traz-os-Montes, da compra das armas, petrechos, munições, mantimentos e tudo o mais necessario para ellas, porque só de sua pessoa e prestimo se poderia conseguir com mais facilidade, fiando-se tudo do seu arbitrio; a que logo deu principio, comprando todo o necessario: e da mesma maneira se haver, no anno de mil setecentos e quatro, na compra que fez de mil baionetas para a infanteria e varios materiaes e provimentos para as ditas provincias e mais presidios, além dos da lotação dos assentistas; fazendo tambem

exame da bondade do pão que remetteram á cidade do Porto, para ir para a praça de Almeida, prevenindo os barcos e carruagens que o levaram, tomando tambem conta do que mandaram nos navios áquella cidade, remettendo-o á dita provincia; vencendo muitas dificuldades, fazendo muitas cobranças, em que teve muito trabalho; como tambem na remessa de nove mil ferramentas que mandou fazer; e no mesmo anno, chegando o Senhor Rei D. Pedro, que santa gloria haja, á cidade da Guarda, e não achando n'aquella provincia os terços e tropas do partido do Minho, por falta de pagamento, lhe ser ordenado, da parte do dito Senhor, acudisse a tão grande necessidade, pedindo-lhe mandasse logo entregar, por emprestimo, ao Vedor geral da dita provincia, o que fosse necessario, o que promptamente fez, mandando-lhe quatorze mil cruzados, e credito para que na villa de Vianna se lhe desse tudo o mais que fosse necessario. Estando servindo de Vereador mais velho da cidade do Porto, servir juntamente de Juiz de fóra perto de cinco mezes em que procedeu com satisfação. E por ordem do Marquez das Minas, general da provincia da Beira, remetter á praça de Almeida, muita quantidade de lônas, brins, doze mil ferramentas e mil e seiscentas espadas; como tambem fazer a ponte de barcas, e outras coisas muito convenientes: e achando-se o dito marquez n'aquella provincia, com muita falta de mantimentos para o grande numero de gente que n'ella estava, lhe ordenou fizesse quanto fosse possivel, para ajudar ao capitão que mandou a compra do pão, e que todo o que podesse haver o tomasse por sua conta, e que com toda a brevidade o remettesse do Porto da Ervedoza, o que obrou com tanto cuidado, de maneira que se lhe remetteu mais de dous mil moios. Cinco mil ferros que por sua ordem mandou fabricar: e outras cousas de importancia, e os calafates para as barcas, e os haviamentos necessarios para ellas, e juntamente os marinheiros. E muita quantidade de serafinas, olandilhas e mais aviamentos, que tudo comprou para se vestirem os soldados, dando sempre de tudo tão boa conta e expedição, que se fazia adimiravel a suaa ctividade, e promptidão com que accudia. E fez as referidas compras e remessas em materia tão importante e de tão graves consequencias, como era a operação dos Exercitos, e sustento dos soldados, devendo-se muito ao seu grande disvéllo e cuidado; suprindo com o seu proprio cabedal, para que se não faltasse ao Serviço Real, em quanto lhe não chegaram os creditos. E da mesma maneira se haver, na conducção da equipagem de El Rei Catholico, para a mesma provincia, no anno de setecentos e cinco, pelas ordens que teve da Junta dos tres Estados. Fazer exame dos mantimentos que os assentistas tinham n'aquella cidade, para provimento da provincia da Beira, não consentindo os que tivessem corrupção, no que obrou com todo o acerto; e requerendo os procuradores do assento se lhe fizesse vestoria em um armazem onde tinham bons mantimentos, occultando os mais que tinham com damno, lhe ser encarregado pela mesma Junta, que com toda a exacção fizesse a diligencia e tomasse informação do preço porque valeu a cevada no tempo em que se lhe tinha feito emprestimo d'ella e juntamente averiguasse o tempo em que tinham remettido o pão para a Ervedoza, para se saber se era para o seu provimento ou para depois de introduzido na provincia, pedirem se lhe recebesse como sobejos do assento. Tomando tambem noticias com toda a cautella de outro requerimento que haviam feito e interpozesse com o seu parecer, como fosse mais conveniente no ajuste que se pretendia; no que tudo obrou com acerto. No de sete centos e seis, lhe ser encarregada a compra de quatro mil pares de sapatos, mandando logo remettidos á praça de Almeida, quinhentos e vinte, pelos mais se não poderem fazer com a brevidade com que se pediam. Procurando tambem, com todo o cuidado, pela ordem que se lhe tinha mandado, a qualidade dos moios de cevada e centeio e arrobas de farinha e barris de biscouto, que os assentistas tinham mandado d'esta côrte, para se saber se havia n'elles corrupção, o que fez com todo o cuidado. E com o mesmo, na compra que fez de cento e cincoenta barris de polvora, que mandou remetter ao Vedor geral da provincia do Minho, com outros

mais que d'esta cidade foram com outros petrechos, no anno de setecentos e sete mandar duzentas séllas apparelhadas remettidas ao dito Vedor geral: — Ha Sua Magestade por bem fazer-lhe mercê em satisfação de todos os serviços referidos de o tomar por fidalgo de sua casa com mil e seiscentos réis de moradia por mez, de Fidalgo Cavalleiro, e um alqueire de cevada por dia, paga segundo a ordenança e é a moradia ordinaria, e o Alvará foi feito a treze de Novembro de setecentos e dez.»

Conti nuemos com a historia do edificio de que tratamos.

Por morte do seu primeiro proprietario, passou elle a sua filha unica, já mencionada, entrando assim nos bens pertencentes á casa de Campo Bello; tendo porém a dita senhora, em seu testamento, nomeado a referida propriedade no mais novo de seus filhos varões, por nome Diogo Leite Pereira de Mello, ficaria ella separada dos restantes bens de que se compunha a casa de Campo Bello, senão se tivesse realisado o casamento d'este Diogo Leite com sua sobrinha D. Gertrudes Emilia Leite Pereira, filha unica e universal herdeira de Francisco Antonio Leite Pereira de Mello, irmão primogenito do mesmo Diogo e representante de seu fallecido pae.

Teve logar este casamento nos fins do seculo passado, hindo a nova familia estabelecer a sua residencia para a sua casa do largo de S. João Novo, onde permaneceu até o cêrco do Porto, [1] e estes foram os paes do sr. Alvaro Leite, ultimamente fallecido, e de seus irmãos. Do casamento d'este sr. Alvaro Leite com a sr.ª D. Maria Christina de Faria, nasceu uma unica filha, a sr.ª D. Gertrudes Maria das Dôres Leite Pereira de Faria Cernache de Mello e Alvim, mas que falleceu antes de seu pae; sendo hoje as unicas descendentes d'esta illustre familia as duas filhas que ficaram do casamento do sr. Joaquim Augusto Leite Pereira de Mello e Alvim, irmão do mesmo sr. Alvaro Leite, e que são a mais velha a sr.ª D. Gertrudes Emilia Leite do Outeiro Pereira de Mello e Alvim de Cernache Noronha e Tavora, actual senhora da casa de Campo Bello, e representante da sua familia; a qual é casada com seu primo Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão: e a mais nova, á qual pertence hoje a casa de S. João Novo, é a sr.ª D. Maria Helena Leite do Outeiro Pereira de Mello e Alvim Ferreira Pinto Basto, casada com o sr. Vasco Ferreira Pinto Basto, d'esta cidade.

Como o fallecido sr. Alvaro Leite Pereira, reuniu a representação de algumas familias, das mais illustres na ordem nobiliarchica, parece-nos aqui logar proprio para darmos alguns esclarecimentos a seu respeito, limitando-nos ás quatro principaes, que são:—Leites Pereiras, Cernaches, Noronhas (um dos ramos), e Tavoras (chamados de Campo Bello).

Leites Pereiras

Esta familia, que o padre Agostinho Rebello, na sua *Descripção do Porto*, assim como muitos outros auctores, contam entre as mais illustres d'esta cidade, é originaria de França, onde os melhores genealogistas a dão como proximamente aparentada com a antiga casa dos seus reis. Em Portugal acham-se memorias d'ella desde annos muito remotos; mas aqui começaremos a serie dos seus representantes em Alvaro Annes Leite, senhor da honra de Calvos em Basto, o qual serviu a el-rei D. João I, e foi o progenitor dos senhores da quinta de Quebrantões, junto ao Porto, primitivo solar d'esta familia, onde ainda se veem, em mais de um sitio, os seus antigos brazões. Acha-se esta propriedade situada na margem esquerda do Douro, junto ao logar que chamam do *Areinho*, e ainda hoje não ha, mais perto da cidade, outra quinta de extensão egual. Antigamente porém abrangia ella muito maior

[1] Durante o cêrco, abandonada pelos seus proprietarios, que haviam sahido do Porto, foi a casa de S. João Novo arvorada em hospital militar, e depois foi alugada para a typographia Commercial Portuense, chamada do «largo de S. João Novo, n.º 12;» isto até pouco antes do casamento do sr. Alvaro Leite, que teve logar no anno de 1846.

espaço, pois se estendia muito mais para o poente, comprehendendo parte do terreno, onde mais tarde se edificou o convento dos Cruzios, hoje transformado no *Forte da Serra do Pilar*, para a qual edificação foi esse terreno gostosamente cedido pelo seu proprietario, como se vê das chronicas respectivas. [1]

1.º—Casou o referido Alvaro Annes Leite com D. Philippa Borges, irmã de D. Diogo Borges, abbade commendatario do mosteiro de S. Miguel de Refoyos, em Cabeceiras de Basto, os quaes eram netos de D. Gonçalo Borges, que foi filho unico de João Rodrigues Borges e de sua mulher D. Catharina Lopes, senhores da terra de Algôzo e neto paterno de Rodrigo Annes, portuguez illustre que, servindo em França nas guerras de Philippe II, o Augusto, ahi se tornou notavel na defeza de Burges, adquirindo o cognome de *Cavalleiro de Burges*, donde por corrupção nasceu o appellido *Borges*. E tiveram.

2.º—*Alvaro Leite Pereira*, o qual serviu em Ceuta, no reinado de D. Affonso V, e foi senhor dos morgados de Quebrantões e Gaya, a Pequena. Casou com uma senhora, cujo nome se ignora, mas que se sabe ser natural de Ceuta, e filha de Fernão Roiz, do conselho de el-rei, de quem houve

3.º—*Diogo Leite Pereira*, filho primogenito dos precedentes e seu successor, casou com D. Violante Pereira, filha de Diogo Brandão, fidalgo da casa real, contador do Porto, e senhor de Correiras e Peruzello, o qual foi casado com D. Brites Fernandes de Vasconcellos, e d'elle descendem tambem, entre outras, as familias da casa da Sylva, junto de Barcellos, e da de Villa Pouca em Guimarães. E tiveram

4.º—*Alvaro Leite Pereira*, successor de seu pae, e fidalgo cavalleiro da casa real com dois mil réis por mez de moradia e um alqueire de cevada por dia, por alvará de 26 de julho de 1582, que para elle pediu a imperatriz, mãe de Philippe II de Castella e a qual, como é sabido, era filha do nosso rei D. Manuel, e havia tido por ama nobre uma tia d'este Alvaro Leite. N'esse alvará menciona-se ainda a circumstancia do mesmo Alvaro Leite haver prestado serviços importantes na cidade do Porto. Casou em Braga com D. Martha Pereira do Lago, filha de Sebastião Pereira do Lago e de sua mulher D. Brites de Carvalho, o qual Sebastião Pereira do Lago era fidalgo da casa real e do legitimo tronco dos Pereiras, como descendente de Gonçalo Roiz de Palmeira, que egualmente foi ascendente do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e ao mesmo tempo por sua irmã D. Francisca Alvares de Colmenar, senhora castelhana, era muito proximo parente dos Colmenares de Hespanha.

5.º—*Sebastião Pereira Leite*, filho primogenito dos precedentes e seu successor, foi fidalgo da casa real e casou com D. Luiza da Cunha, de quem teve Jeronymo Leite Pereira, que lhe succedeu, e foi casado com D. Helena de Portugal, filha e herdeira de João Rodrigues do Caço e de sua mulher D. Isabel de Portugal, e viveu este Jeronymo Leite na villa de Montemór-o-Velho. Por sua morte, extincta a varonia n'este ramo, passou a casa de Quebrantões aos descendentes de Diogo Leite Pereira, irmão do referido Sebastião Pereira Leite. Foi este Diogo, fronteiro e commendador em Tanger e fidalgo da casa real, com a mesma moradia de seu pae, por alvará de 9 de julho de 1600, registado a 28 de fevereiro de 1603. Casou com D. Antonia de Magalhães Pessoa, filha do desembargador Gaspar Pessoa de Carvalho, e de sua mulher D. Francisca de Magalhães, a qual era dos Magalhães, do Côvo, e elle dos Pessoas de Montemór-o-Velho, familia proximamente aparentada, entre muitas outras, com as Rangeis de Coimbra, os Sás de Condeixa e os Mellos da Graciosa.

6.º — *Alvaro Leite Pereira*, filho dos que acabamos de mencionar, foi, como seu pae, fidalgo da casa real, por alvará de 18 de julho de 1612, e foi commendador de S. João de Alegrete, na ordem de Christo. Casou com D. Antonia de Vasconcellos, filha de Manuel Mendes de Vasconcellas (fidalgo da casa real

[1] Na chronica dos conegos regrantes de Santo Agostinho, menciona-se a carta que el-rei D. João III escreveu para este fim ao morgado de Quebrantões.

e senhor da casa de Frontellas) e de sua mulher D. Paula de Moraes. E tiveram

7.º — *Diogo Leite Pereira*, fidalgo da casa real e commendador de S. João de Alegrete (Alemtejo). Fez importantes serviços na guerras do Brasil desde 1631 até o anno de 1635, em que foi rendido pelos hollandezes e lançado nas Indias. Serviu nas fronteiras do Minho e Beira, desde o principio da acclamação d'el-rei D. João IV até 1645, no posto de capitão de infanteria e no de capitão de cavallos, e tambem serviu nas armadas em capitão de mar e guerra, embarcando-se ultimamente, por capitão e cabo das náus, para a India, em 1649, e n'esta viagem naufragou, padecendo grandes trabalhos, e n'esse mesmo anno falleceu na cidade de Gôa. Foi casado com D. Helena de Tavora de Noronha, filha de Martim de Tavora de Noronha,[1] senhor da casa de Campo Bello em Villa Nova de Gaya, e representante de algumas antigas e illustres familias, do qual em outro logar fallaremos. D'estes nasceu

8.º—*Alvaro Leite Pereira de Tavora*, o qual foi cavalleiro da ordem de Christo e fidalgo cavalleiro da casa real, por alvará de 12 de dezembro de 1680. Nasceu em Villa Nova de Gaya, no paço da quinta de Campo Bello, e foi baptisado na egreja de Santa Marinha, da mesma villa, no dia 1 de janeiro de 1646. Casou com D. Lourença Caetana de Azevedo e Mello, filha de Lourenço de Azevedo e Vasconcellos (fidalgo da casa real, e capitão-mór de Mezão-frio), e de D. Isabel de Mello, sua mulher. Por fallecimento de Jeronymo Leite Pereira, de quem fallámos, e que era seu primo terceiro, succedeu este Alvaro Leite na casa e quinta de Quebrantões, e succedeu tambem a seus paes na casa e quinta de Campo Bello, não sem haver de sustentar uma questão com Antonio de Tavora e Noronha Leme Cernache, seu primo co-irmão, o qual pretendia recuperar a dita propriedade como representante de Martim de Tavora de Noronha. Esta questão porém foi vencida por Alvaro Leite, sendo-lhe confirmada a posse em que se achava da casa e quinta de Campo Bello, e ficando-lhe esta em paga da legitima de sua mãe, que não lhe havia sido por outra fórma satisfeita. Foi desde então que esta propriedade, antigo solar dos «Cernaches,» passou a sel-o dos «Leites Pereiras,» que ahi fixaram a sua residencia, por se achar em ruinas a casa que possuiam em Quebrantões. Succedeu-lhe

9.º—*Diogo Francisco Leite Pereira*, seu filho e de sua mulher já referida, o qual nasceu no dia 4 de julho de 1698, e foi baptisado a 23, na parochial egreja de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya. Casou por procuração, aos 8 de novembro de 1720, na egreja de Nossa Senhora da Victoria, com D. Anna Casimira de Lima e Mello, filha de Pedro da Costa Lima, de quem já fallámos. E tiveram

10.º—*Francisco Antonio Leite Pereira*, fidalgo da casa real e cavalleiro da ordem de Christo, o qual nasceu no paço da quinta de Campo Bello, em Villa Nova de Gaya, no dia 9 de junho de 1730, e aos 28 do mesmo mez foi baptisado na capella particular da mesma quinta. Foi o successor e representante da casa de seu pae, e fez, no reinado de D. Maria I, serviços de algum valor, que lhe foram reconhecidos por esta soberana, e que não só consistiram em alistar-se no regimento de infanteria do Porto, onde pessoalmente serviu a rainha, mas em ter posto ás ordens do governador da mesma cidade, por occasião das guerras que então houve, uma companhia a expensas suas. Casou na capella da sua casa de Campo Bello, com D. Anna Amalia do Carmo Magalhães e Azevedo, natural do Porto e filha de Carlos Luiz de Magalhães e de sua mulher D. Michaella Thereza de Magalhães, todos da mesma cidade. E tiveram

11.º — *D. Gertrudes Emilia Leite Pereira de Noronha*, filha unica e universal herdeira de seus paes, a qual nasceu a 18 de março de 1775. Herdou tambem a maior parte dos bens que constituiam a casa de Atães, proximo do Porto, e que era da familia — *Homem* — de quem foi ultimo representante Fernando Homem Carneiro Pereira de Vasconcellos, que era seu segundo primo, como

[1] Veja-se este nome na *Historia Genealogica da Casa Real*.

neto paterno de D. Anna Felicissima Leite Pereira, sua tia, o qual Fernando Homem a instituiu por sua herdeira. Casou esta senhora, a 27 de maio de 1793, na capella particular da casa de Campo Bello, com seu tio Diogo Leite Pereira de Lima e Mello, irmão de seu pae, o qual havia nascido em Campo Bello, onde fôra baptisado, a 21 de setembro de 1745; e era fidalgo da casa real, cavalleiro honorario da sagrada ordem militar de S. João de Malta, tendo sido além d'isso provedor da Misericordia, do Porto.

12.º—*Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim*, filho dos precedentes, foi quem succedeu na casa de seus paes, por ser o mais velho dos varões existentes, por occasião do fallecimento de sua mãe. Foi fidalgo cavalleiro da casa real e commendador da ordem de Christo, e fôra tambem coronel do regimento de milicias da Feira. Depois do fallecimento de D. Antonia de Noronha e Cernache Leme Cardoso Rebello, que teve logar no dia 11 de setembro de 1857, quinta neta e representante de Martim de Tavora de Noronha, de quem já fallámos, que era tambem seu quinto avô, habilitou-se como unico herdeiro de todos os seus bens de natureza vincular, e n'elles succedeu, juntando assim á representação da sua illustre familia de — *Leites Pereiras* — a de *Cernaches*, *Noronhas* e *Tavoras*, a qual desde muitos annos se achava separada da casa de Campo Bello, que havia sido o seu solar primitivo. Foi casado com D. Maria Christina de Faria, natural do Porto, filha de Bento Ribeiro de Faria (moço fidalgo da casa real e cavalleiro professo da ordem de Christo) da qual houve uma unica filha, de quem já fallámos, que morreu solteira, a 12 de julho de 1868; fallecendo depois seu pae, no dia 19 de novembro de 1869, e succedendo-lhe na representação de sua familia,

13.º—*D. Gertrudes Emilia Leite do Outeiro Pereira de Mello e Alvim de Cernache Noronha e Tavora*, sobrinha mais velha do precedente (n.º 12), por ser filha de seu irmão Joaquim Augusto Leite Pereira de Mello e Alvim, o qual seguira primeiro a carreira das armas, tendo mais tarde casado no Porto com D. Guilhermina Augusta do Outeiro, filha de Manuel Joaquim do Outeiro (bacharel formado em direito pela universidade de Coimbra e cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa) e de sua mulher D. Maria Delphina Candida da Silveira Pinto. (Do casamento d'este senhor, o unico dos irmãos do sr. Alvaro Leite, ultimamente fallecido, que deixasse successão, ficaram unicamente duas filhas.) É esta senhora, desde o fallecimento de seu tio, a 13.ª senhora dos morgados de Quebrantões e Gaya Pequena, 17.ª do de Campo Bello, e 13.ª do vinculo, chamado dos Noronhas, instituido em Santa Eulalia de Macieira de Sarnes, por D. Fernando Vaz Cernache de Noronha, de quem adiante fallaremos. Casou, a 16 de outubro de 1871, com Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão, [1] seu parente, natural de Braga e filho de João de Paiva da Costa Leite Brandão, senhor do morgado do Pomar, na Povoa de Lanhoso, e de sua mulher D. Miquelina Emilia Ribeiro de Faria, da cidade do Porto. Vive na sua casa de Campo Bello em Villa Nova de Gaya, e tem ao presente dois filhos, uma menina por nome Maria Luiza, e um varão chamado Diogo, ambos de menor edade.

Cernaches

1.º—Teve principio esta familia em Alvaro Eannes de Cernache, que se suppõe ser um fidalgo da familia dos Vieiras, e que os genealogistas dão como natural da villa de Sernache, junto a Coimbra, da qual tomou o nome. Viveu em tempo de D. João I e tomou parte na batalha de Aljubarrota, onde se distinguiu como *alferes* que foi da bandeira na celebre *Ala dos Namorados*, e achou-se tambem com o mesmo rei na tomada de Ceuta, onde pelas mãos d'elle foi

[1] É bacharel em mathematica pela universidade de Coimbra e doutor em phylosophia pela mesma universidade, e actualmente lente da secção de philosophia da academia polytechnica do Porto. Veja-se *Port. ant. e moderno*, art. *Braga; Mem. hist. da faculdade de philosophia*, pelo sr. Simões de Carvalho, pag. 168, 173, 189 e 267; *Bibliographia da universidade de Coimbra*, por A. M. Seabra de Albuquerque, 1875, pag. 10.

armado cavalleiro. Chegou, pelos seus grandes serviços, a ser *Anadel-mór* dos *Bésteiros* de *cavallo* e de *garrucha* e *conto* (veja-se o *Elucidario* de Viterbo, n'estas palavras), e el-rei lhe fez doação do senhorio de Gaya de *juro* e *herdade*, juntamente com outros bens. Fundou Alvaro Eannes um hospital em Sernache, sua patria, mas viveu em Gaya, onde fundou os paços da quinta de Campo Bello, a que o povo chama—paços de Reimiro, ou de el-rei Ramiro—attribuindo lhe uma origem muito mais antiga; é possivel effectivamente que d'elles existisse já alguma cousa quando passaram a este possuidor, em tempo de D. João I. [1] Acha-se sepultado na egreja do mosteiro das religiosas dominicas de Corpus-Christi, em Villa Nova de Gaya, em tumulo levantado, encimado pelas armas dos Cernaches (as mesmas que em mais de um sitio se veem da quinta de Campo Bello) e com uma inscripção indicando o seu nome e outras circumstancias a elle relativas. [2] A quinta de Campo Bello, onde a sua familia ficou estabelecida, passou successivamente a seus descendentes e acha-se ainda hoje em poder de seus actuaes representantes; porém o senhorio de Gaya, [1] dita a *Grande*, vindo a quebrar-se a varonia, em sua descendencia, reverteu á corôa, passando mais tarde para a casa do marquez de Abrantes.

2.º—A este Alvaro Eannes succedeu Fernão Alvares de Cernache, seu filho e de Clara Eannes, o qual foi cavalleiro do 1.º duque de Bragança D. Affonso, e anadel-mór dos bésteiros. El-rei D. Affonso V lhe confirmou a casa de juro e herdade. Casou com D. Leonor Affonso de Alvim e morreu pelejando na batalha de Alfarrobeira. Foi sepultado no mosteiro de S. Domingos do Porto.

3.º—*Alvaro Eannes de Cernache*, filho do precedente e de sua mulher e seu successor. Foi senhor de Gaya, como seu pae e avô, e acha-se memoria d'elle nos livros de el-rei D. Affonso V. Casou duas vezes, da 1.ª das quaes não teve successão, e casando 2.ª vez com D. Briolanja de Castro, filha de Gonçalo Vaz Pinto, senhor de Ferreiros de Tendaes e de D. Mecia de Mello, sua mulher, teve

4.º—*Gregorio de Cernache*, o qual foi senhor de Gaya e da restante casa de seu pae

[1] Garrett, fallando d'esta casa, diz:—«Passam essa fonte tão celebrada, passam a antiga casa que o povo appellida tambem «paços de el rei Ramiro,» mas que visivelmente é uma construcção do seculo decimo quarto e que talvez n'aquelle tempo fosse a residencia dos ciosos reis de Portugal, quando alli vinham quasi occultamente—*afforrados*, diria um purista—conspirar com o povo contra os bispos seus senhores.» *(Arco de Sant'Anna*—I, cap. XVIII). O que é certo é que já n'essa época (seculo XIV) esta casa pertencia á familia, a que depois pertenceu sempre e ainda hoje pertence por continuadas successões.

[2] O tumulo primitivo tinha o seguinte epitaphio: «Aqui jaz Alvaro Annes de Cernache, cavalleiro criado que foi de el rei D. Johan, cuja alma Deus haja, e anadel-mór dos besteiros de cavallo, e alferes que foi da bandeira dos namorados na batalha real e em todal-as outras guerras, o qual se finou na era de myl et cccc et XXXXII anos.» A pedra em que esta inscripção estava aberta, foi ha pouco encontrada na quinta de Campo Bello, pelo seu actual proprietario.

O tumulo foi reformado em 1579, mudando-se para a fórma porque o descreve fr. Luiz de Souza. (*Hist. de S. Domingos*, 3.ª ed., vol. 2.º, liv. 6.º, cap. 5.º—1867, Lisboa).

Finalmente em 1706, construindo-se por causa das cheias do Douro a actual egreja de Corpus Christi, foi o tumulo de Alvaro Eannes de Cernache, posto como se acha ainda.

[1] O signal da existencia de senhorio na casa de Campo Bello vê-se ainda hoje na antiga torre, coroada de ameias, que lhe defende a entrada. Citaremos a este respeito Manuel Severim de Faria—*Not. de Port.*, disc. 3.º. § 2.º, onde diz: — «A estas terras (onde tinham *senhorio* ou alguma jurisdicção) chamavam *solares*, derivando o nome da palavra latina *solum*, que quer dizer terra e assento donde o homem está. Edificaram aqui estes fidalgos suas *torres* e casas fortes onde viviam; assi para se defenderem dos rebates dos mouros, como por ser este modo de edificar casas fortes no campo, proprio das nações do norte, como ainda hoje se vê em toda a França, Allemanha e Inglaterra. Pelo que n'este reino se não concedia licença para fazer estas *torres* e pôr *ameias* n'ellas, senão a pessoas illustres.

e juiz da alfandega do Porto, e casando com D. Joanna de Noronha, filha unica e universal herdeira de D. Sancho de Noronha (vid. Noronhas) teve [1]

5.º—*D. Fernando Vaz Cernache de Noronha*, que foi tambem juiz da alfandega do Porto. Foi, além d'isso, senhor de Gaya e teve a commenda de S. Martinho de Soeiro, na ordem de Christo. Casou com D. Brites Pereira, filha de Ruy Leite, thesoureiro da moeda em Lisboa, feitor e capitão de mina, e de sua primeira mulher D. Joanna Pereira. Foi elle o instituidor do vinculo que ainda hoje possuem seus herdeiros e descendentes em Santa Eulalia de Macieira de Sarnes.

6.º—*D. Martim Vaz de Cernache*, filho do precedente e seu successor no senhorio de Gaya, casa e quinta de Campo Bello, e mais bens. Concluiu a reforma do tumulo de seu 4.º avô, que seu pae havia começado, como mostrava um letreiro que existiu no mesmo tumulo, concebido assim: — «D. Fernando Vaz Cernache de Noronha e D. Brites Pereira, sua mulher, reformaram esta sepultura, onde jazem seus avós. Acabou-a D. Martim Vaz Cernache, seu filho, sexto herdeiro de sua casa. Anno 1579.» Fez importantes obras na sua casa de Campo Bello sobre o portão de entrada, da qual se vê ainda hoje, por baixo da pedra de armas, o seguinte letreiro:

«D. Martim Vaz de Cernache sexto erdeiro
d'esta casa. 1580.»

Casou duas vezes, de nenhuma das quaes teve successão. [2]

[1] D'este foi irmão o notavel D. Fr. Christovão de Cernache, cavalleiro professo da ordem dos hospitalarios de S. João de Jerusalem, Bailio de Beça, grão-chanceller de Rhodes, preeminente ao priorado do Crato, commendador de Poiares e da villa de Freixiel, do conselho de el-rei e fidalgo da sua casa, que se acha em sepultura nobre no mosteiro de Leça do Bailio.

[2] Teve dois irmãos varões:—D. Ruy Vaz de Cernache, que morreu em Roma, sem geração, em 1579; e D. Gregorio Cernache de Noronha, que acompanhou a el-rei D. Sebastião a Alcacer-Quivir e ahi morreu, sem descendencia, depois de haver pelejado valorosamente na bandeira dos aventureiros.

7.º—*D. Genebra de Noronha*, irmã do antecedente, foi quem succedeu na casa de seu irmão, depois da sua morte, e a ella pertenceu a quinta de Campo Bello, com todos os vinculos dos seus antepassados, ficando porém vago para a corôa o senhorio de Gaya grande, que mais tarde passou para a casa do marquez de Fontes e Abrantes. Foi casada com Manuel Feio de Mello, senhor de Monte Redondo e alcaide-mór da villa do Botão, no bispado de Coimbra, e tiveram

8.º—*D. Maria de Noronha*, filha unica dos precedentes e sua universal herdeira, a qual casou com Domingos de Tavora [1] fidalgo do legitimo tronco dos Tavoras, e d'estes nasceu

9.º—*Martim de Tavora de Noronha*, o qual foi filho unico dos precedentes, senhor da casa de Campo Bello, onde residiu, e fidalgo dos mais ricos e considerados das provincias do norte. Casou com D. Maria Leme, filha e herdeira de Henrique Leme de Miranda, senhor do morgado de Loivos da Ribeira e padroeiro de Mezão-frio, casado com D. Antonia do Prado de Miranda, sua prima.

D'este, por sua filha, D. Helena de Tavora, segue a descendencia em — Leites Pereiras — e esta linha fórma o ramo primogenito, dos que hoje existem; podemos porém dizer aqui, que d'elle (9.º) foi representante seu filho varão, 1.º— Jeronymo de Tavora, o qual casou com D. Maria Ignez de Tavora, e teve: 2.º — Antonio de Tavora e Noronha, casado com D. Michaella Antonia Freire, de quem teve: 3.º — Francisco de Tavora e Noronha, casado com D. Leonor Samudio Sarmento, de quem teve: 4.º —D. Anna de Tavora e Noronha, casada com seu tio Vicente de Tavora e Noronha, [2] de quem teve: 5.º—D. Antonia de Noronha Leme, [3] casada com

[1] Veja-se este nome na «*Hist. Geneal.* da *Casa Real.*»

[2] Foram senhores da quinta do Freixo.

[3] Não pôde usar o appellido—Tavora,—

Bernardo de Mello Vieira de Menezes, de quem teve: 6.º—Vicente de Noronha e Mello, casado com D. Maria do Carmo Guedes de Carvalho, de quem foi filha e herdeira: 7.º—D. Antonia de Noronha Leme Cernache Cardoso Rebello, bem conhecida, como uma das mais insignes bemfeitoras da santa casa da Misericordia, d'esta cidade, e por cujo fallecimento, sem deixar descendentes, ficou extincta toda esta linha dos successores de Martim de Tavora de Noronha.

Tavoras de Campo-Bello

1.º—*Lourenço Pires de Tavora*, com seus tres filhos, abaixo nomeados, são os que sómente traz o conde D. Pedro com este appellido. Alguns lhe tecem a ascendencia dizendo que foi Lourenço Pires filho de D. Pedro Ramires, neto de D. Ramiro Pinhões e bisneto de Pinhom Rauzendo, irmão de D. Thedon, e que ambos, antes do conde D. Henrique, fizeram guerra aos mouros pela comarca de Lamego e margens do Tavora (vide *Tavora)* d'onde seus descendentes tomaram este appellido, e onde possuiram muitas terras, coutos e senhorios. Viveu este Lourenço Pires de Tavora, em tempo dos reis D. Affonso IV e D. Pedro I de Portugal, e casou com D. Guiomar Rodrigues, de quem teve, entre outros filhos,

2.º—*Lourenço Pires de Tavora*, 1.º senhor do Mogadouro, que lhe deu el-rei D. Fernando com outras terras. Casou com D. Aldonsa Gonçalves, de quem teve

3.º—*Pedro Lourenço de Tavora*, reposteiro-mór d'el-rei D. João I, com quem se achou em Aljubarrota. Foi 2.º senhor do Mogadouro e d'outras terras que lhe deu el-rei D. Fernando, e casou com D. Beatriz Annes, filha de João Esteves, o privado d'el-rei D. Pedro I, e tiveram, entre outros filhos,

que havia sido abolido pelo marquez de Pombal.

4.º—*Alvaro Pires de Tavora*, 3.º senhor do Mogadouro. Casou, primeira vez, com D. Leonor da Cunha, de quem teve varios filhos, e segunda vez, com D. Ignez da Guerra, filha de D. Pedro da Guerra, e teve entre outros

5.º—*Pedro Lourenço de Tavora*, 4.º senhor do Mogadouro, e alcaide-mór da cidade de Miranda, por mercê d'el-rei D. Affonso. Casou com D. Ignez de Sousa, filha de Fernão de Sousa Camello, senhor da Honra de Rossas, e teve, entre outros filhos,

6.º—*D. Isabel de Tavora*. Casou com Bernardim Annes do Campo, fidalgo castelhano, senhor de Tamame, com quem viveu em Samora, e teve, entre outros filhos,

7.º—*Jeronymo de Tavora*, que casou e teve, entre outros filhos,

8.º—*Martim de Tavora*. Casou com D. Joanna Rebello Cardoso, filha de Gil Rebello Cardoso, e teve, entre outros filhos,

9.º—*Domingos de Tavora*, que casou com D. Maria de Noronha, filha de Manuel Feio, senhor de Souto Redondo e alcaide-mór de Botão; e de sua primeira mulher D. Genebra, filha de Fernão Vaz Cernache, senhor de Gaya, por onde houve a quinta de Campo Bello, e teve

10.º—*Martim de Tavora*. Casou com D. Maria Leme, filha e herdeira de Henrique Leme de Miranda, padroeiro de Mezão-frio; e de sua prima e mulher D. Antonia do Prado de Miranda, e teve, entre outros filhos,

11.º—*D. Helena de Tavora*, que casou com Diogo Leite Pereira, e teve, entre outros filhos,

12.º—*Alvaro Leite Pereira de Tavora*. (Vide n.os 7.º e 8.º da familia «Leites Pereiras» supra, com quem se incorporou este ramo dos Tavoras.)

Noronhas

El-rei D. Henrique II, de Castella, teve por filho

1.º—*D. Affonso de Noronha*, conde de Gijon, que foi casado com a sr.ª D. Isabel, filha d'el-rei D. Fernando, de Portugal. D'este consorcio provém, por bastardias, muitas casas titulares e nobres de Portugal. De D. Affonso foi filho segundo

2.º—*D. Henrique de Noronha*, o qual não

casou, mas teve filhos naturaes — D. Maria de Noronha, mulher de D. Pedro de Mello, conde de Atalaya, e

3.º—*D. Nuno de Noronha.* Casou com D. Mecia, filha de Ruy Lourenço de Ribadeneira, de quem teve successão legitima; teve porém bastardos, e entre elles

4.º—*D. Sancho de Noronha,* o qual casou com D. Maria Sardinha, filha de Rodrigo Alves de Carvalho, homem nobre do Porto, e d'este consorcio nasceu

5.º—*D. Joanna de Noronha,* que casou com Gregorio Cernache, do Porto, juiz da alfandega, e d'estes procedem os de Campo-Bello. (Vide 4.º da familia «Cernaches,» supra.)

—

DECLARAÇÃO

Todos os esclarecimentos relativos a esta freguezia de S. Nicolau, me foram nobre e generosamente ministrados pelo Ex.mo Sr. Dr. Pedro Augusto Ferreira, digno Abbade de Miragaya, no Porto.

Faço esta declaração, para que, quando na *Historia da Cidade do Porto,* que o dito senhor está escrevendo, apparecer este artigo reproduzido, se não julgar que é plagiato, o que é original do Sr. Abbade.

Reitero o que disse a pag. 323, do 5.º volume.

NINE — freguezia, Minho comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 14 kilometros a O. de Braga, 350 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 108 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa senhora da Expectação.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha de rendimento, 200$000 reis.

Fertil em todas as fructas do paiz.

É aqui a 6.ª estação do caminho de ferro do Minho.

NINHA-A-PASTORA } *Vide Carnaxide*
NINHA-A-VELHA }

No *Diario Illustrado* n.º 671, de 27 de julho de 1874, explicando uma bonita gravura, vem um artigo, que transcrevo, por ser bem escripto e curioso. É o seguinte.

Ribeira de Ninha a — Pastora

«Pertencente á freguezia de S. Romão de Carnaxide, e não muito distante do logar deste nome, além da Ribeira de Jamor, para a banda do poente, está situada a pequena povoação, que todos os nossos escriptores denominam *Ninha — a Pastora,* e o povo, por uso inveterado, appellida *Linda a — Pastora.* Tem seu assento na ladeira ingreme de um cerro ou cabeço pedregoso, que lhe fica eminente da parte do norte; as ruas que separam os grupos de casas, em desconcerto e sem alinhamento, como em todos as nossas aldeias, são escabrosas, tortas e de ruim serventia; porém esta mesma ciscumstancia concorre para a belleza do aspecto geral da povoação, que, observada da estrada real, junto ao Tejo, se descobre em amphitheatro, produzindo gracioso effeito, realçado pelo contraste da serra, que lhe fica nas costas, com a veiga viçosa e nobres quintas, que se estendem no plano inferior até mui proximo da estrada; o pequeno rio que vem de Jamor, em partes arborisado, torna mais aprazivel o sitio. Sobre esta corrente, que nunca se estanca de verão, e que de inverno traz cheias impetuosas, está lançada a ponte de madeira, que se mostra na gravura. Não só lhe aproveitam as aguas, como algumas numerosos lavadeiras se utilisam d'el para a lavagem das roupas de grande numero de familias de Lisboa.

As vivendas campestres espalhadas por aquelles contornos são mui agradaveis residencias no estio e no outono; as aguas potaveis são de boa qualidade; o ar é puro e salubre; os fructos que produz o terreno, são tão saborosos quanto sadios; de muitos pontos gosa-se optima vista do Tejo e de paizagem.»

NINHO DO AÇOR—freguezia, Beira-Baixa, concelho de S. Vicente da Beira, comarca, bispado e districto administrativo de Castello Branco, 40 kilometros da Guarda, 255 ao E de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago S. Miguel, Archanjo.

O vigario de S. Vicente da Beira apresen-

tava o cura, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia esteve muitos annos annexa á de *Tinalhas*.

NIZA—rio, Alemtejo.—Vide *Niza*, villa.

NIZA—villa, Alemtejo, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 35 kilometros a N. O. de Portalegre, 12 ao N. d'Alpalhão, 18 de Castello de Vide, 18 da margem esquerda do Tejo, 180 ao S. E. de Lisboa, 760 fogos, em duas freguezias—(Espirito Santo, 490—N. Sr.ª da Graça, 270.)

Bispado e districto de Portalegre.

A meza da consciencia apresentava o vigario da freguezia do Espirito Santo, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de centeio, 52 almudes de vinho môsto e 12$000 réis em dinheiro.

Esta freguezia tinha em 1757 341 fogos.

O vigario da freguezia de Nossa Senhora da Graça, era da mesma apresentação, e tinha 120 alqueires de trigo, 120 de centeio, 52 almudes de vinho môsto e 12$000 réis em dinheiro.

Esta freguezia tinha em 1757, 212 fogos.

—

O concelho de Niza comprehende as 8 freguezias seguintes:—Alpalhão, Arêz, Caixeiro, Montalvão, Niza (Espirito Santo) Niza (Nossa Senhora da Graça) e Pé-da-Serra, no bispado de Portalegre; e Tolosa, no grão-priorado do Crato, hoje annexo ao patriarchado.

Todas estas freguezias teem 2:500 fogos.

A comarca de Niza é composta dos julgados do Crato, com 1:300 fogos—Gavião, com 1:200, e o de Niza, com 2:500—vindo portanto a ter a comarca, 5:000 fogos.

—

Não tinha foral velho. D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de novembro de 1512 *(Livro de foraes novos do Alemtejo)* fl. 50 v. col. 2.ª—Veja-se o documento 57, da parte 2.ª, maço 26, do *Corpo Chronologico)*.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 7.º

Grande feira, que principia a 29 de setembro.

—

A actual villa de Niza, não é a primitiva povoação d'este nome.

São obscuros e contradictorios os escriptores que tratam da primeira Niza. Da leitura e confrontação dos livros antigos, pode rasoavelmente colligir-se o seguinte:

Não se sabe quando nem por quem foi fundada; mas se attendermos ao seu nome —*Niza*—pode inferir-se que é árabe, e nome proprio de homem.

Mas a velha *Niza* teve outro nome, porventura o primittivo, do qual hoje não ha noticia alguma, e é com toda a certeza povoação anterior ao principio do 8.º seculo, pois que já existia em 716, sendo então completamente destruida pelos arabes.

Talvez mesmo que já existisse no tempo dos romanos, pois, em 1780, se achou aqui uma lapide, com a seguinte inscripção:

MAXIMVS
TALABRI. F.
ANNORUM
XII. H. S. E.
S. T. T. L.

Quer dizer—*Maximo, talabricense* (d'Aveiro) *fallecido no anno decimo segundo, aqui está sepultado. A terra lhe seja leve.*

É provavel porem, que elles mesmos a reedificassem e lhe imposessem o nome de *Niza*, que seria o de algum chefe mouro; e que com as guerras continuas do tempo dos nossos primeiros reis, já contra os mouros, já contra os castelhanos e leonezes, se tornasse a destruir.

Ficava esta povoação a 3 kilometros ao N. E. da actual, em terreno alpestre e accidentado, encostada a S. O. de um pequeno monte, em um valle profundo e pedregoso.

Segundo a tradição, foi esta villa mandada arrazar pelo rei D. Diniz, em castigo de tomar partido por seu irmão, o infante D. Affonso, que em 1287 lhe quiz disputar a corôa.[1]

[1] O infante era, como seu irmão, filho de D. Beatriz, filha de D. Affonso X, de Castella. O primeiro filho d'este casamento, foi D.

Supponho esta tradição menos verdadeiro, por quatro razões — 1.ª porque D. Diniz não era máo, nem vingativo — 2.ª, porque sua santa esposa, obstaria com seus rogos — sempre attendidos — a esta vingança — 3.ª, porque, se por isto quizesse infligir semelhante castigo, tinha tambem Arronches e outras povoações, que tomaram o partido do infante, para arrazar, e não o fez — 4.ª, finalmente, porque D. Diniz, fundava, reedificava e ampliava povoações e não as destruia.

O *Santuario Marianno* (vol. 3.º, pag. 391) é que diz ter sido D. Diniz o destruidor d'esta villa; porem, quem a saqueou e incendiou foi o infante D. Affonso, como adiante se verá.

A opinião mais seguida, e mais verosimil, é que D. Diniz, achando a velha Niza mal situada, muito damnificada e quasi despovoada, transferiu a povoação para o sitio da actual Niza, menos aspero e mais fertil do que o primittivo.

Da velha Niza, ainda se veem algumas ruinas, e ainda existem, em bom estado, duas egrejas, que são:

Nossa Senhora da Graça ou de *Niza-a-Velha*—templo antiquissimo, que foi matriz de Niza, a Velha. Foi fundado pelos templarios no principio do seculo XII, passando depois a ser um beneficio da ordem de Christo.

Frei Adão Diniz, beneficiado, e pessoa nobre e rica, da actual Niza, vivendo na ociosidade, *que é mãe de todos os vicios*, e na abundancia, que concorre poderosamente para que elles se desenvolvam, se entregou a uma vida de aventuras, orgias e dissipações; e de degrau em degrau, desceu até ao ponto de commetter *um grave peccado de sensualidade*. (A historia não diz que casta de peccado.)

Cahiu em si, e reconhecendo a irregularidade da sua vida escandalosa, e o mau exemplo que tinha dado aos seus conterraneos, renunciou o seu beneficio nas mãos do rei, repartiu grande parte das suas riquezas pelos desvalidos da fortuna, e foi viver em uma cova, na serra de S. Miguel, a 6 kilometros do povoado, resolvido a terminar alli seus dias na solidão e penitencia.

Vindo em visita á villa o famoso D. frei Amador Arraes, bispo de Portalegre, e sabendo do sincero e profundo arrependimento de frei Adão, lhe comutou o voto, em hir para Niza-Velha, servir o templo de Nossa Senhora da Graça; a que o asceta immediatamente obedeceu. Gastou o resto das suas riquezas em adornos do templo, vivendo de esmolas, não tendo por vestido mais do que uma tunica de groseira saragoça, andando descalço, e sustentando-se de pão e agua, e algumas hervas e raizes, que achava pelos montes.

Apezar d'esta vida de rigorosas penitencias, gosava perfeita saude e admiravel robustez. Quando vinha pedir esmola, á villa, levava para o seu eremiterio apenas o restritamente necessario, dando o mais aos

---

Branca, abbadessa de Lorvão e das Huelgas, de Burgos—o 2.º foi D. Fernando, que morreu menino — o 3.º foi D. Diniz. Todos estes nasceram em vida de Mathilde, condessa de Bolonha, 1.ª mulher de D. Affonso 3.º — O primeiro filho d'este monarcha, que nasceu depois da morte da esposa repudiada, foi o infante D. Affonso (que casou com D. Violante, filha do infante D. Manoel, e neta de D. Fernando III, de Castella.)

O infante D. Affonso, fundava o seu direito á corôa, em que D. Diniz, segundo o direito canonico, e as leis do reino, não podia herdar por ser filho adulterino; o que se não dava com o infante, que nascêra depois da morte de Mathilde, e quando o papa tinha já validado o 2.º casamento do pae d'elles. Na verdade a justiça estava da sua parte, mas D. Diniz estava senhor do reino e de todos os seus recursos. Cercou o infante, em Arronches; mas a santa rainha D. Isabel interveio no pleito e harmonisou os dois irmãos, desistindo o infante dos seus direitos, mediante grandes honras e senhorios que o rei lhe deu.

D. Affonso III teve ainda, depois de D. Diniz, da sua 2.ª mulher — D. Maria e D. Vicente, que morreram de tenra edade.

Teve tambem muitos filhos bastardos. Os *reconhecidos*, foram — *D. Fernando*, cavalleiro templario — *D. Affonso Diniz*, de quem descendem os condes de Miranda do Corvo, e outros — *D. Martim Affonso*, de quem descendem os Souzas, condes do Prado, e outros — *D. Gil Affonso* — *D. Urraca* — duas *Donas Leonores*—*D. Pedro Affonso*, conego de Santa Cruz de Coimbra—e *D. Rodrigo Affonso*, prior do mesmo mosteiro e prior de Santa Maria d'Alcaçova, em Santarem.

prêsos. Trazia sempre ás costas um grande molho de lenha, que umas vezes dava aos presos, outras ao hospital, ou a pobres.

Não se limitava a esta vida de penitencia e caridade; dizia missas pelas almas, confessava e fazia praticas com as quaes trazia ao redil muitas ovelhas desgarradas.

Por sua morte, foi mandado enterrar no ádro da egreja de Nossa Senhora da Graça, e na sua campa se vê esta inscripção:

AQUI JAZ FREI ADÃO DINIZ.

—

Um pouco mais abaixo da egreja de Nossa Senhora da Graça, está a de *Nossa Senhora dos Prazeres*, ou *da Esperança*, tambem muito antiga, e cuja fundação se attribue egualmente aos templarios, que eram senhores de Niza a Velha, e o foram da actual Niza. (Sómente por 11 annos, visto que a sua ordem foi supprimida em 1311.)

—

A ribeira de Niza, serpenteia ao fundo do monte onde foi Niza a Velha, e vae morrer ao Tejo, em frente do *Fratel*.

Junto á egreja de Nossa Senhora da Graça, ha casas para aposento dos romeiros, que aqui concorrem muitas vezes, porque a Senhora da Graça é objecto de grande devoção para os povos d'esta redondeza. As camaras de Niza teem sido sollicitas na conservação e aceio d'este templo.

Na segunda feira da Paschoa, vae a camara e muita gente de Niza (de todas ou quasi todas as casas da villa) e de outras povoações em redor, em romaria a Nossa Senhora da Graça, e, depois da festa, se comem alli boas merendas, bôlos e queijadas. O povo, com o seu trajo tão pittoresco, tão seu, que por mais ninguem é imitado, aquelle povo, tão bom e tão laborioso, passa aquelle dia, como um sonho agradavel, que lhe deixa gratas impressões.

Todos os romeiros de Nossa Senhora da Graça visitam tambem, por essa occasião, a Senhora dos Prazeres ou da Esperança, e a famosa imagem de S. Thiago, montado em soberbo ginete, que está em um altar d'esta egreja.

Esta imagem de S. Thiago, era orago de uma egreja ou ermida, que houve tambem em Niza a Velha, e da qual não ha vestigios, ou não se conhecem entre os que existem. Diz-se que era ao sul da egreja de Nossa Senhora da Graça, e que d'este lado havia uma porta na muralha, chamada por isso, *porta de S. Thiago*. (Já vêmos pois que a Velha Niza era tambem defendida por um castello e cercada de muros.)

Á porta de S. Thiago consta que batêra o infante D. Affonso, em 1287, quando aqui passou em direcção ao Tejo, e pretendeu tirar da villa homens e mantimentos, para sustentar a guerra civil, contra seu irmão.

Diz a historia, que o governador lhe oppôz obstinada resistencia, e como as muralhas de circumvalação não podiam offerecer séria defeza, se recolheu ao castello, com o povo da villa; mas no fim de oito dias d'assedio, foi o castello tomado de assalto, morrendo ou ficando prisioneiros os seus defensores. Á villa, depois de saqueada, mandou o infante lançar fogo, que a destruiu.

—

D. Diniz, em premio do valor e lealdade dos habitantes da villa, lhe fundou a nova, de que agora vou tratar.

A Niza actual

Arrazada e deserta a antiga Niza, tratou D. Diniz da sua reedificação; mas vendo que o sitio não tinha as requeridas condições para o seu desenvolvimento, decidiu (1290) fundar uma nova Niza, em um sitio mais ameno e fertil.

Junto ao *castelto de Ferrou*, que era de cavalleiros do Templo, havia uma extensa veiga, chamada—*Valle do Azambujal*. Tambem proximo a esta veiga, havia a famosa *torre de João Vaqueiro*, uma das mais altas da Peninsula, edificada pelos romanos, no 2.º seculo da era christan; e perto d'esta torre, um pequeno mosteiro, habitado por quatro monges, da ordem de Santo Agostinho.

Achando o rei este sitio asado para a fundação da nova villa, tratou logo de principiar as obras. Era então mestre dos templa-

rios, D. frei Lourenço Martins, que com os seus cavalleiros tinham feito grandes serviços ao rei, no cêrco de Portalegre. D. Diniz o encarregou da direcção das construcções, e tanta diligencia e sollicitude empregou, que em pouco tempo a nova povoação excedia em tudo a antiga.

Os materiaes do antigo castello, da cidadella e das muralhas, e de alguns edificios da velha povoação, foram empregados na nova.

A camara tambem concorreu para as despezas das novas construcções, e recebia do rei dinheiro para ellas; mas parece que fazia as cousas com pouca economia, porque D. Diniz lhe dirigiu uma carta, reprehendendo os vereadores pelo seu desgoverno, dizendo-lhes — *Vi a vossa carta, e estranho muito que tendo-vos remettido há pouco,* seis mil réis, *para a edificação dos muros, me digaes na vossa, que já se gastou esse dinheiro. Ahi vão pois, mais* dois mil réis, *e continuem as obras sem cessar.*

E continuaram; porque, em 1296, seis annos depois de terem principiado, estavam as obras concluidas e em estado de receberem a população.

A egreja do castello dos templarios, ficou servindo de matriz.

—

Tendo D. Diniz tanto a peito a fundação d'esta villa, é provavel que lhe désse foral, ou, pelo menos, que auctorisasse os templarios, senhores d'ella, a dar-lh'o. Se o rei lh'o deu, Franklin não falla d'elle; e se foram os templarios, não se póde achar mencionado n'este escriptor, que só falla dos foraes dados pelos reis.

—

Foi a nova villa edificada nas condições de praça de guerra, cercada de muralhas, guarnecidas de torres e cubêllos, e com seis portas, e no centro, um castello torreado; o que tudo está hoje desmantelado, como as fortificações das outras cidades e villas do reino.

—

Em breve o recinto da praça não poude conter a população da villa, que progredia a olhos vistos, e exhorbitando do cinto de suas muralhas, sahindo pela *Porta da Villa,* se foi progressivamente estendendo, a ponto de occupar hoje uma área quatro vezes maior do que a primitiva intermuros, e tende a progredir, em vista do amor ao trabalho, que é a qualidade predominante da maior parte dos seus habitantes.

—

A alcaidaria-mór de Niza, andou na casa, hoje extincta, dos Mascarenhas, condes de Santa Cruz. Foi commenda dos templarios até 1311. Sendo então supprimida esta ordem, passou em 1319 a ser commenda da ordem de Christo, como todas as mais que eram dos cavalleiros do Templo.

—

O brazão d'armas d'esta villa, é—Em campo de púrpura, um castello de ouro, com tres torres, no centro do escudo. Sobre a torre do meio, uma cruz da ordem de Christo, de prata. Á direita do castello o escudo das Quinas portuguezes, e á esquerda, um crescente, de prata. Nos dois angulos superiores do escudo, uma estrella, de prata, em cada um.

—

Ha na villa, Misericordia, com um soffrivel hospital. Dentro e fóra da villa, ha varias ermidas.

Tem um bom theatro, fundado desde os alicerces, em 1858, com tres ordens de camarotes.

—

Os arrabaldes da villa, são povoados d'hortas, olivaes e pomares, regados pelas ribeiras de *Niza* e Figueiró, cujas margens são muito lindas e ferteis.

O seu territorio é abundante de cereaes, azeite, fructas, linho e algum vinho. Nos seus montes ha muita caça e grande creação de colmeias. Tambem cria muito gado, de toda a qualidade.

As duas ribeiras criam algum peixe miudo, e do Tejo tambem aqui concorre, mas não em abundancia.

A sua feira do S. Miguel é uma das boas da provincia, e dá bons interesses á villa, pois aqui concorre muita gente do Alemtejo, Beira e Extremadura.

—

Niza foi elevada a titulo de marquezado

por D. João IV, em 18 de outubro de 1646, a favor de D. Vasco Luiz da Gama, 5.º conde da Vidigueira, 3.º neto do grande D. Vasco da Gama, descobridor da India.

Os marquezes de Niza teem por armas—Dez escaques d'ouro e púrpura, 3 peças em faxa, e 5 em palla, e as peças de púrpura acoticadas com duas faxas de prata, e no meio, o escudo das Quinas portuguezas. Timbre, um *naire*, da cinta para cima, vestido á indiana, com um escudo das mesmas armas, na mão direita.

Em agosto de 1873, morreu nos Pyreneus —onde tinha hido procurar alivio aos seus padecimentos—D. Domingos Xavier Telles da Gama Castro Noronha Athaide Silveira e Souza—conde da Vidigueira, marquez de Niza, 13.º almirante dos mares da India (como representante, por linha recta, de D. Vasco da Gama).

Fica sendo representante d'esta nobilissima familia, o sr. D. Thomaz Xavier Telles Castro da Gama Athaide Noronha Silveira e Souza, conde da Vidigueira, emquanto não fôr feito marquez de Niza.

A familia Niza, é aparentada com grande parte da alta aristocracia portugueza.

Os que desejarem mais noticias com respeito aos descendentes do immortal D. Vasco da Gama, vejam o 4.º vol., pag. 147, 164, 195 e 374.

—

Mendonça e Pina, na sua *Dissertação sobre os monumentos celticos, que existem em Portugal, denominados antas*—(1733) diz que vira em Niza os restos de um *dolmen*—a que elle chama *anta*. Este facto prova que o local da actual villa já é habitado desde os tempos pre-historicos.

—

Em 27 de janeiro de 1874, falleceu n'esta villa, o doutor de capéllo, José Diniz da Graça Motta e Moura.

Deixou uma fortuna de meio milhão de cruzados a uma menina, menor de dez annos, que tinha em sua casa. Se esta morrer sem deixar successão, passará a herança para os parentes do testador, que vivem na Beira. Nomeou seu testamenteiro, o sr. José Maria Carvajal, um dos principaes cavalheiros de Niza, ao qual nomeou tutor da menina, legando-lhe por este trabalho, 600$000 réis.

Deixou muitos legados a differentes pessoas da villa.

O nome d'este homem caridoso, será sempre lembrado em Niza, com veneração e saudade, pois se não esqueceu da educação da infancia, deixando dois contos de réis para a fundação de duas escolas, uma de meninos, outra de meninas.

Abençoada riqueza, quando tão proveitosamente é dividida.

NIÚ—portuguez antigo—nenhum.

NÓ—serra do Minho, na freguezia da Correlhan (vol. 2.º, pag. 386, col. 1.ª) Os romanos lhe chamavam *Annor*, *Maior* e *Nahor*. É tradição que n'este monte foi edificada a primittiva Ponte de Lima, que aqui existiu alguns seculos. Chamava-se então *Forum Limicorum*, ou *Civitas Limicorum—cidade dos Limios*, ou *Limicos*. É certo que no cume d'este monte se veem claros vestigios de uma grande povoação: e no sitio chamado ainda *Castello*, se veem os restos de uma antiquissima fortaleza.

Os lusitanos chamavam a esta serra (ou mais propriamente—monte) Nór, que facilmente degenerou em Nó.

Na vertente O. d'este monte, está a sumptuosa egreja de *Nossa Senhora da Boa-Morte*, que já fica descripta a pag. 388, col. 1.ª do 2.º volume.

NÓ—ribeiro, Minho, nasce no monte antecedente, e perto d'elle, na *veiga da Correlhan*, morre na esquerda do Lima.

NOANE—portuguez antigo—João—menos antigo, *Joanne*. Camões, nos *Lusiadas*, ainda emprega algumas vezes Joanne por João.

NOBRE—do adjectivo latino *nobilis*. Significa pessoa qualificada; senhor; chefe; régulo; que exercia algum cargo importante na republica; ou que descendia de reis.

Depois da queda do vasto imperio romano, os reis wisigodos, ostrogodos, suevos, alanos, etc., que lhe succederam em quasi todos os reinos da Europa, deram titulos de nobreza aos que se distinguiam pela sua intrepidez nas batalhas; e estes titulos passavam aos seus descendentes.

Grande parte dos *fidalgos* actuaes, descendem d'esses nobres.

Mas, verdadeiramente *nobre*, foi e hade ser sempre, aquelle que se distingue pelo seu amor da patria; pelo seu valor nos combates, a favor de causas justas; pela sua sabedoria; pelas suas virtudes; ou pelos seus relevantes serviços em beneficio da humanidade.

—

Nobre, é tambem appellido nobre em Portugal. É portuguez, da cidade de Tavira, no Algarve. O primeiro que se acha com este appellido, é Manuel Martins Nobre, de Tavira. Deu-se-lhe por se portar com grande arrojo, na tomada de uma praça, na Africa.

O infante D. Pedro (depois 2.º) sendo regente do reino, deu brazão de armas, a Manuel Nobre Canellas (cidadão de Tavira, neto de Manuel Martins Nobre) em 1671. É, em campo de púrpura, uma torre de prata, lavrada de negro, sobre um contrachefe de ondas de azul e prata, e junto á torre, uma cabeça de mouro, toucada de prata e azul. Elmo de aço, aberto, e por timbre, um braço armado de prata, com a cabeça de um mouro pendurada pelos cabellos.

NÓBREGA—villa extincta, Minho, na freguezia de *Aboim da Nóbrega* (vol. 1.º, pag. 14, col. 2.ª) Foi esta antiquissima villa capital de um grande couto do seu nome.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 24 de outubro de 1513. *(Livro dos foraes novos do Minho*, fl. 94, col. 1.ª)

Trata-se n'este foral das terras seguintes, que constituiam o couto de Nóbrega—Boelões, Britêllo, Crasto, Covas, Entrambos os Rios, Grovéllas, Magalhães, Paço-Védro, Panajeães, Samprins, Santa Marinha de Panascaes, Santasias, Santo Adrião, S. Salvador, S. Thiago de Villa-Chan, S. Thomé do Abbade, Vade, Villa Chan de S. João, e Villa-Verde.

Esta ultima freguezia, que era antigamente uma dependencia da villa de Nóbrega, e do seu couto, é actualmente a capital do concelho e da comarca.

Fica a povação de Nóbrega em sitio ameno, fertil e aprasivel, na margem direita do rio Lima, 30 kilometros a N. O. de Braga.

Foi commenda da ordem de Malta, dos marquezes de Távora, passando em 1759 para a corôa.

(Vide *Mosteiro de Nóbrega*, vol. 5.º, pag. 557. col. 2.ª)

Nóbrega é um appellido nobre d'este reino, tomado do castello de Nóbrega, que existiu na freguezia de Aboim da Nóbrega. O primeiro que se acha com este appellido, é Domingos Gaspar da Nóbrega, que em 1537 justificou, no desembargo do paço, ser da familia d'este appellido, para se lhe passar brazão de armas, que é o seguinte—Em campo de ouro, quatro pallas de púrpura. Elmo de aço, aberto—Timbre, meio leão de ouro, transpassado de púrpura, com uma das pallas do escudo nas mãos.

Para o mesmo fim e do mesmo modo justificou Manuel de Nóbrega, da Azinhaga (vol. 1.º, pag. 294, col. 1.ª *in fine*), em 1605. Foi-lhe dado o seguinte brazão de armas—Em campo de ouro, quatro pallas de púrpura, e sobre ellas, um açor negro, armado e bicado de ouro. Elmo de aço, aberto—Timbre, o açor do escudo, sobre um ninho de raízes verdes, e páos, realçados de prata.

Outros do mesmo appellido, usam—Em campo de púrpura, banda azul, carregada de 3 flores de liz, de ouro, e dois carneiros do mesmo, em cada lado.

Outros trazem—em campo de ouro, 4 bandas de púrpura. Ainda outros d'este appellido tem as armas d'elle unidas ás de outras familias, com quem se ligaram por casamentos.

NODAR ou **NOUDAR**—antiga villa do Alemtejo, que foi cabeça de concelho, pertencente á comarca de Elvas. Ainda em 1740 tinha 200 fogos, e hoje conta apenas 12, e está reduzida a uma pequena aldeia, da freguezia e concelho de Barrancos. (Vol. 1.º, pag. 338, col. 1.ª, no principio).

O actual concelho de Barrancos, um dos mais pequenos do reino, composto apenas da sua freguezia, é o antigo concelho de Noudar.

O rei D. Diniz, estando em Beja, deu fo-

ral a Noudar, em 16 de dezembro de 1295 e, para attrahir para aqui população, lhe concedeu todos os privilegios, honras, isenções e regalias do foral de Evora, que eram muitas e grandes.

(Livro 2.º de doações do rei D. Diniz, fl. 117, col. 2.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo (confirmando em tudo o antigo) em Lisboa, a 17 de outubro de 1513. *(Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 63, col. 1.ª)

—

E' com certeza povoação antiquissima, provavelmente fundada pelos romanos, que não deixariam de aproveitar este ponto, importantissimo, como militar; mas não se sabe o nome que então tinha. O actual, é corrupção de *Nuadár*, e foi lhe imposto pelos mouros. E' palavra composta do verbo arabe *nua* (buscar, procurar e tambem achar), e do substantivo, da mesma lingua, *dár* (casa)—significa pois—*Achar a casa.* Foi tomada aos mouros, em 1167, por Gonçalo Mendes da Maia, *o Lidador.*

Ha em Portugal mais algumas aldeias com este nome. Na provincia do Douro, ha a quinta de *Nodar*, que em 1211 foi doada ao mosteiro de S. João de Alpendurada, *cum suas cearas e suas voontades. (Voontades*, e depois *vontades*, no portuguez antigo, significa moveis, alfaias, trastes de casa, etc.)

D. Diniz, conhecendo a importancia militar d'esta posição, e desejando que ella se povoasse rapidamente, a fez *couto do reino*, ou de *homisiados.* (Vide *Couto*, a pag. 415, col. 1.ª, do 2.º volume).

—

Está a povoação edificada sobre a margem direita do Guadiana, na raia, a 3 kilometros ao S. de Barrancos, no cume de um monte altissimo e inexpugnavel, cercado pelos rios Murtéga e Ardilla, que desaguam no Guadiana. Foi defendida por um forte e famoso castello, construido por D. Diniz, em 1295.

Tem casa de Misericordia, pobre.

Apesar do escabroso do sitio em que está fundada a povoação, os seus arredores são bastante ferteis. Cria muito gado de toda a qualidade, e os seus tres rios lhe dão muito e saboroso peixe.

—

NODUM, NOTUM, NOCTUM e NOTO — portuguez antigo — o mesmo que *datum, dante, dado* etc. Não significava sempre, a data do documento *(dado* aos...), tambem, muitas vezes, designava o dia em que era publicado, manifestado, ou dado á execução.

—

NOGUEIRA—Vide *Claudio* (São) a pag. 310, col. 2.ª, no principio, do 2.º volume.

NOGUEIRA — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto, bispado e 6 kilometros de Bragança, 54 distante de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago S. Pelagio, ou Payo.

O cabido da Sé de Bragança apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta egreja foi annexa á reitoria de Castro de Avellans.

E' n'esta freguezia o famoso sanctuario de *Nossa Senhora do Cabeço.* E' este sanctuario em sitio despovoado, no alto de um cabeço, d'onde lhe provém o nome. Fazem-se a esta Senhora duas festas por anno—uma a 2 de fevereiro, dia da sua Purificação, e outra na 2.ª oitava da Paschoa do Espirito Santo.

E' templo muito antigo, mas não se sabe quando nem por quem foi edificado.

As mulheres levam á Senhora, nos dias das suas festas, cestos de trigo e estrigas de linho, que tudo é vendido em leilão, para ajuda das despezas das festas, e para reparos da capella.

Os povos d'estes sitios, teem muita devoção com esta Senhora, por ser advogada contra as dôres de cabeça.

NOGUEIRA—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto, arcebispado e proxim

de Braga, 45 kilometros ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. João Baptista.

Os herdeiros de Vasco Xavier Brandão Velho Barreto Sotto-Maior, da cidade de Vianna, apresentavam o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Perto do sitio da *Magdalena*, se veem ruinas de fortificações dos romanos, que davam a esta povoação o nome de *Nogaria*.

Fica abaixo do monte de Santa Martha, nas margens do rio D'este ou Este. E' povoação muito antiga, pois já em 904, um clerigo, chamado *Dividiario*, acceitou uma vinha, que aqui lhe doaram *Domno* e sua mulher.

Foi villa, da condessa *D. Toda Duina*, mulher do conde Hermenegildo, paes da condessa, D. Ilduára, que casou com o conde D. Nuno Alvites. Nas partilhas feitas no anno 1027, coube esta villa á condessa filha, que comprou aqui muitas fazendas a diversos fidalgos e senhores, até ao anno de 1046. Por morte de D. Ilduára, herdou sua filha, a condessa *D. Gontredo*, metade d'esta villa e a outra metade ficou ao conde D. Nuno Mendo, seu sobrinho.

A condessa vendeu metade da sua parte a *D.ª Eitas Gundesindo* e a Elvira Gonçalves, em 1072, e a outra metade a doou aos mesmos, estando em Coimbra, o conde D. Sisnando e sua mulher, D.ª Lobo, a quem o rei D. Affonso de Leão a tinha dado, em 1074, por morte de D. Nuno Mendo.

NOGUEIRA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 45 kilometros ao S. E. de Braga, 25 ao N. E. do Porto, 70 fogos. Em 1757 tinha 67 fogos.

Orago Santa Christina.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o vigario, collado, que tinha 80$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' terra fertil. Muito gado.

NOGUEIRA—freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca, districto, bispado e 12 kilometros ao N. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago Santa Maria.

O mestre escola da collegiada de Cedofeita apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

Terra muito fertil. Cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra.

NOGUEIRA—freguezia, Minho, concelho da Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez, 24 kilometros ao O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago S. Romão.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

Aqui está a *torre de Quintella*, que passou aos Pereiras, e d'elles, aos Araujos, por casamento de D. Ignez Rodrigues Pereira (filha de Ruy Vasques Pereira, senhor de Paiva e de Baltar, e de sua mulher, D. Maria de Berrêdo) com Rodrigo Annes de Araujo (filho 2.º de Gonçalo Rodrigues de Araujo, senhor da casa de Araujo e Lobios).

De D. Ignez Rodrigues Pereira e Rodrigo Annes de Araujo, nasceu Pedro Annes de Araujo, senhor da referida torre, o qual casou com D. Catharina Rodrigues Pereira do Lago, e tiveram descendencia.

As armas d'estes Araujos, são—em campo de prata uma áspa azul, com cinco besantes de ouro n'ella. Elmo de aço, aberto—Timbre, meio mouro, com braços, vestido de azul, com turbante de ouro.

NOGUEIRA—freguezia, Minho, concelho de Villa-Nova da Cerveira, comarca de Valença, 45 kilometros a O. N. O. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade da freguezia de Santa Marinha, de Alheira (concelho de Barcellos) apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta povoação, que foi villa, é fundação de D. Affonso VI (o grande) rei de Castella

e Leão, e sogro do nosso conde D. Henrique, pelos annos de 1080, dando-a á egreja de S. Thiago de Galliza.

Foi couto, da casa de Bragança, que recebia o *quinto* dos fructos. (Vide *Correlhan*).

É n'esta freguezia a *torre*, solar dos Nogueiras[1] Foi senhor d'esta torre e sua quinta, foros annexos e dependencias, João Nogueira, e seu filho, Gonçalo Annes Nogueira, D. Guiomar Gonçalves Nogueira, filha d'este, casou com Gonçalo Pires, de Fafião (Galliza) de que foi 1.° visconde D. Fernando de Valladares, por Philippe 4.°. Este D. Fernando, foi feito pelos castelhanos governador de Mourão, quando elles nos tomaram esta praça, em 1663.

—

Era d'esta familia, Affonso Annes Nogueira, casado com D. Joanna Vaz de Almada. Foi seu 4.° neto, Luiz de Brito Nogueira, que casou com D. Ignez de Lima, filha e herdeira de D. Francisco de Lima e de D. Brites de Alcáçova, neto de D. João de Lima, 4.° visconde de Villa Nova da Cerveira, herdando o titulo, o dito Luiz de Brito Nogueira.

—

É pois *Nogueira* um appellido nobre em Portugal, tomado d'esta freguezia.

Os Nogueiras, trazem por armas — Em campo de ouro, banda xadresada de prata e verde, de oito ordens, com uma verguêta de púrpura, que tapa a ordem do meio. Elmo de prata, aberto — Timbre, uma cabeça e pescoço de serpe, de ouro, com um ramo de nogueira, verde, com nozes de ouro, na bocca.

Outros, do mesmo appellido, usam—Em campo de ouro, duas bandas de escaques de prata e azul. O mesmo elmo e timbre.

Outros—Em campo de ouro, banda xadresada de púrpura e verde, de cinco ordens, com uma verguêta de púrpura que tapa a ordem do meio. Elmo e timbre, o mesmo.

NOGUEIRA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 80 kilometros a N. E. de Chaves, 430 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 127 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 120$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e os seus montes são abundantissimos de caça.

É nos limites d'esta freguezia o celebre *Poço de Freitas*. Já fallei d'elle rapidamente a pag. 123, col. 1.ª, do 2.° vol.—e a pag. 230, col. 1.ª, do 3.° vol. Accrescentarei aqui mais um resumo do que diz D. Jeronymo, contador de Argote, no tom. 2.°, pag. 498, n.° 811, das suas *Memorias de Braga.*

Entre *Ardões, Nogueira* e *Sapellos*, estão os poços chamados Freitas; a um d'elles não se acha fundo. Diz-se que, entrando n'elle dois *búzios* (mergulhadores) acharam agua de differentes temperaturas—em cima quente, no meio tépida, e mais abaixo fria. Tem-se aqui pescado trutas, e de inverno sae d'estas lagoas, um pequeno ribeiro.

No meio do poço *(lagôa)* ha uma pequena insua, mais alta dois metros do que a superficie da agua. O ambito d'este *poço*, é de uns 750 metros.

Eram minas de ouro, dos romanos, que d'ellas extrahiam grandes riquezas.

Na *Vida de Manuel Machado de Azevedo, senhor de Entre Homem e Cavado*, escripta por D. Felix Machado da Silva e Castro, marquez de Monte-Bello, a pag, 62 do cap. 6.°, se lê o seguinte:

«Para este lance mando hazer, tres colla-«res de oro muy curiosos, sacado de las mi-«nas a que llaman — *las Freitas* — que en «tierra de Barroso ay, entre los lugares de «*Cipioens* y *Ardoens*, que son del mayoras-

[1] D. Affonso II, em 1211 (1.° anno do seu reinado) deu esta casa a Mendo Paes, seu aio, do qual foi filho o dr. Pedro Nogueira, desembargador do paço, e do conselho de D. João III; e é este o progenitor dos Nogueiras do Minho, cujo ramo principal veio depois a ser o da casa dos viscondes de Villa Nova da Cerveira.

«go de Castro; y, presentando Dona Juana «de Silva a cada uno de los Infantes un col«lar destos, y diziendo ellos, que aquello «era más enriquecerlos que regalarlos, res«pondió, que ny era lo uno, ny lo otro, sinó «querer su marido, que las minas, que en «sus principios haviam sido de los Roma«nos, y de presente se hallavan en tierras «de aquella casa, que sus Altezas venian a «honrar, les pagassen tributo como a Prin«cipes de aquel Reyno, son aquellas minas, «unas lagunas, obradas, más por ambiciom «del oro, que por manos de la naturaleza. «Es capaz la mayor, por su profundidad de «nadar en ella, una náo de la India Orien«tal, y desta, corre en el Invierno un pe«queno arroyelo ....

«En el ano de 1638, nos concedió Su Ma«gestad una Provision, con facultad para be«neficiar estas minas por tiempo de cinco «años, etc., etc.»

—

Nas immediações da villa de Chaves, além d'estas, ha outras muitas escavações, que foram minas de ouro e de prata, dos romanos e dos arabes.

Vê-se que em tempos antigos houve aqui abundancia d'estes preciosos metaes.

—

Perto da *Portella da Orceira*, junto e ao S. da entrada, se acham vestigios de uma levada de agua, que principiava em Bobadella (perto de Nogueira) e passando pelo antigo logar de *Payo-Mantella*, entrava em Meixide, que confina com a Galliza, e d'alli vinha por uma varzea, chamada *a Campina*, buscar o valle de Chaves. Diz-se que esta levada foi mandada fazer pelo imperador Trajano, quando se construiu, por ordem do mesmo imperador, a ponte de Chaves.

NOGUEIRA — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto e proximo de Villa Real, 80 kilometros a N. E. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga.

A camara ecclesiastica de Braga, apresentava o vigario, collado, que tinha réis 400$000 de rendimento.

É terra muito fertil. Cria muito gado, de toda a qualidade, e tem muita caça.

NOGUEIRA ou **S. CHRISTOVÃO DE NOGUEIRA DO DOURO**—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Sinfães.

Já tratei d'esta freguezia, a pag, 297, col. 2.ª, do 2.º vol.

Aqui accrescento mais o seguinte:

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 120$000 réis de rendimento, além dos benesses.

É a maior e uma das mais ricas freguezias da comarca. Faz-se aqui uma boa feira, a 20 de cada mez, no Seixêdo, perto da ponte de Lourêdo.

É povoação muito antiga, e foi villa e couto, com justiças proprias.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de setembro de 1513. *(Livro de foraes novos da Beira*, fl. 74, col. 2.ª)

Trata-se n'este foral, das terras seguintes:

Bem-Viver, Seixas e Val-Bom, que ficam na margem direita do Douro.

Está esta povoação situada em terreno accidentado, na margem esquerda do Douro.

O seu territorio é fertilissimo em todos os generos agricolas do paiz, e o seu vinho, posto que verde, é de optima qualidade.

Cria muito gado, de toda a qualidade, que exporta, e faz grande commercio com a cidade do Porto, pelo Douro.

O seu clima é muito saudavel.

—

Nos limites d'esta freguezia, ha um monte tão alto, que d'elle se avista a cidade do Porto, que fica 48 kilometros a O., e uma grande extensão de mar. N'este monte está o sanctuario de *Nossa Senhora do Calix*, casa de muita devoção dos povos d'estes sitios, que aqui fazem grandes romarias, pelo decurso do anno.

Consta, por tradição, que este templo foi a primeira egreja matriz da freguezia, que então comprehendia tambem a actual, de S. Thiago de Piães.

É por esta razão que o sanctuario é ainda *meieiro* das duas freguezias, e ambas, pelos annos de 1700, o reedificaram e ampliaram, e lhe construiram uma nova e perfeita capella-mór, e uma boa sachristia.

Diz se que a imagem da Senhora veio da cidade de Cadix (Hespanha) em 714, quando os mouros a occuparam, trazida pelos christãos fugitivos, que aqui vieram ter, e lhe construiram uma capellinha n'este sitio, que depois foi substituida pela que se reedificou em 1700.

Ficava esta ermida, proxima ao famoso *castello de Sanfins*, edificado sobre um penhasco, e por arte e natureza, tão forte, que era inexpugnavel.

Parece que durante a dominação agarena, esteve a santa imagem escondida entre umas densas brenhas d'este monte, que hoje são tudo terrenos cultivados.

Consta que um *Antonio Moreira*, d'esta freguezia, por alcunha o *Sevilhano* (por ter residido alguns annos em Sevilha), referiu ao reitor de Nogueira, Sebastião Cardozo Soares, que na cidade de Sevilha (Andaluzia) constava por documentos authenticos, que a imagem de Nossa Senhora de Calix, viera de Cadix para estas terras, e que o seu verdadeiro nome é Nossa Senhora de Cadix, que em Portugal se corrompeu em Calix.

Ao sitio onde a imagem esteve muitos annos escondida, ainda hoje se chama, *Montes de Nossa Senhora do Calix.*

Não se sabe quando foi achada no seu esconderijo, nem o anno em que se construiu a sua segunda capella.

A festa principal d'esta imagem, é a 5 de agosto (dia da Senhora das Neves) e é uma romaria muito concorrida.

Tambem a 25 de março (dia da Encarnação da Senhora) ha aqui uma outra grande romagem, onde vem muitas cruzes, de varias freguezias, em cumprimento de um antiquissimo voto.

Ainda, além d'estes dois dias, vem aqui gente de perto e de longe, visitar a Senhora, e trazer-lhe offertas; sendo a maior concorrencia, nos sabbados da quaresma.

A imagem é de pedra, e de boa esculptura.

Em frente d'esta capella, fica o célebre *pégo da Cardía*, do qual tratarei em *Piães.*

Já disse no logar citado, do 2.º volume, que era aqui a casa solar da *Granja*, do sr. D. Pedro da Silva Cerveira Monte-Negro de Bourbon. Para a sua genealogia e armas, vide *Sobrado de Paiva.*

É tambem n'esta freguezia, a casa solar do sr. João da Silveira. Para a sua genealogia e armas, vide *Torre da Silveira*, junto de *Assumar.*

NOGUEIRA DO CRAVO—freguezia, Douro, comarca, concelho e 3 kilometros ao E. N. E. de Oliveira d'Azemeis, 35 kilometros ao S. do Porto, 40 ao E. N. E. d'Aveiro, 10 a E. da Feira, 280 ao N. de Lisboa, 130 fogos. Em 1757, tinha 73 fogos.

Orago, S. Christovão.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

Os marquezes de Marialva apresentavam o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento, fóra os benesses.

É uma bonita freguezia, situada em terreno elevado, e levemente accidentado, com bastantes casas boas, e com duas ermidas, uma publica, no sitio da feira, e outra particular, na aldeia de Nogueira.

Passa-lhe ao S. O. o ribeiro de Nogueira, atravessado por uma boa ponte de pedra, de um só arco, feita pela camara de Oliveira d'Azemeis, em 1844.

Tem uma grande feira de gado, a 27 de cada mez.

É terra muito fertil, em todos os generos do paiz, e cria muito gado bovino, que exporta em grande quantidade, para a Inglaterra. Já aqui se fabrica muita e optima manteiga de vacca, da qual vae diariamente para o Porto grande quantidade.

Tem muita caça e é abundante de madeiras, principalmente de pinheiro.

É terra saudabilissima.

A sua egreja matriz, é soberba, e uma das melhores da comarca. Foi construida no principio do seculo XVIII, e é de optima cantaria, com um magnifico adro, e em sitio vistoso e agradavel.

No sitio do *Moinho do Pintor*, d'esta freguezia, ha uma boa mina de cobre, propriedade de uma grande companhia, da qual é director technico o sr. *Johnson*, subdito britannico. Estas minas principiam em Macieira de Sarnes (ou das Terças) e terminam em Pindêllo. Tambem pertencem á mesma companhia, as minas de cobre do *Feirral*, ou *Ferral*, na freguezia do Couto de Cucujães. Andam em exploração.

NOGUEIRA DE CRAVO e **GALLIZES** — villa, Douro, concelho de Oliveira do Hospital, comarca da Tábua (extincta comarca de Midões), 60 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 460 fogos.

Em 1757 tinha 141 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A mitra apresentava o prior, que tinha 500$000 réis de rendimento.

É povoação antiga, e foi cabeça de concelho, com justiças proprias.

D. Affonso Henriques lhe deu foral, com todos os privilegios do de Avô, em maio de 1177. (*Livro 11 da Extremadura*, fl. 279, col. 1.ª) D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 41 v., col. 2.ª)

Veja-se tambem a *minuta* para o foral novo, no *Corpo Chronologico*, parte 1.ª, maço 1, doc. 2.

É terra muito fertil. Gado e caça.

NOGUEIRA DA REGEDOURA — freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, 20 kilometros ao S. do Porto, 295 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago, S. Christovão.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

O reitor do mosteiro de conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) da Feira, apresentava o cura, que tinha 70$000 réis de rendimento, fóra os benesses.

Fica perto do Atlantico. É terra muito fertil e saudavel. Cria muito gado de toda a qualidade. Fabrica-se aqui grande quantidade de telha, de optima qualidade; talvez a melhor do reino.

NOGUEIRÓ e **DADIM** — freguezia, Minho, concelho, comarca, arcebispado, districto administrativo e 2 kilometros a E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago, o Salvador.

O cabido da Sé de Braga, apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Dadim, ou *Dadem*, era uma pequena freguezia, que o arcebispo D. Verissimo d'Alencastre annexou a esta.

Os romanos, quando pozeram cêrco á cidade de Braga, construiram aqui uma fortaleza, da qual ainda ha vestigios.

A freguezia de Dadim, tinha por orago, S. Romão.

Em um alto e formoso monte d'esta freguezia, está a capella de Nossa Senhora da Consolação, templo antiquissimo, e que se não sabe quando foi fundado.

Tem uma irmandade, instituida em 1517, que manda aqui dizer missa aos domingos e dias sanctificados.

A sua festa é no domingo do *Bom Pastor*.

O monte em que está a capella é um sitio bonito, ainda que solitario, e d'aqui se gosa um formoso e vasto panorama.

NOJÕES — aldeia, Douro, na freguezia de Real, concelho e 3 kilometros ao O. de Castello de Paiva (da capital do concelho, que é a villa do Sobrado), comarca e 12 kilometros a N. O. d'Arouca, 5 kilometros ao S. do rio Douro, 50 ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Foi villa, e cabeça do concelho do seu nome, que foi supprimido em 1834. Ainda conserva a sua antiquissima (e insignificantissima) casa da camara e cadeia, hoje transformada em taberna.

Fazem-se aqui dois grandes mercados, um a 11 outro a 26 de cada mez.

O principal objecto d'estes mercados, é a compra e venda de gado bovino e suino.

Ha aqui uma casa, de que é actualmente representante (por casamento) o sr. Joaquim Mendes Strech da Cunha. Esta familia, que é de appellido *Ribeiro*, diz-se descendente do grande patriota, o *doutor João Pinto Ribeiro*, o herôe de 1640. — Vide á pag. 190 e 238 X

do 1.º volume, e a pag. 317, col. 2.ª, no fim, do vol. 4.º

Tem aqui uma boa casa e muitas rendas, o sr. doutor Carlos Aranha, da Póvoa. (Vide *Pédorido.*)

É provavel que Nojões tivesse foral antigo, porém Franklim não o menciona.

Entendo que teve foral proprio, porque, tratando o foral de Paiva, de varias aldeias comprehendidas n'elle, não falla em Nojões, que era villa e cabeça de concelho, no 1.º de dezembro de 1513, que é a data do foral. Comprehende porém a freguezia de *Real*, á qual esta aldeia pertence.

É terra fertilissima, como quasi todas d'este concelho.

Ha aqui uma capella publica, onde se diz missa todos os domingos e dias sanctificados.

O antigo nome d'esta povoação, era *Nojães*, que no antigo portuguez significava—*terra das malfeitorias.* Vem do substantivo *nôjo*, que significava — damno, perda, malfeitoria, embaraço, detrimento, prejuizo, etc. — *Com intençom de lhes fazer* nojo, *e deshonra, em lhes britarem* bôa vezinhança, que antre elles avia de assi com elles montarem, e vezinharem. (Doc. de Pinhel, de 1430.) — *E se nom fizer* nojo *á outros Casaes.* (Foral de Mourão, de 1512).

É povoação muito antiga, e aqui proximo, no sitio do *Fôjo*, junto ao ribeiro de Real, ha vestigios de um pequeno templo romano, conservando ainda parte do pavimento, em mosaico.

Mas não é este o unico monumento que nos prova ter este sitio sido habituado desde remotos tempos: ha outros vestigios, e em grande quantidade, evidenciando a habitação de povos pre-historicos n'estes logares.

Pouco ao N. E. de Nojões, alem do ribeiro do mesmo nome, está o logar da Povoação, onde se vê, além d'uma fonte antiguissima, que parece construcção romana, varios alicerces de edificios. N'este logar ha varios monolithos, aos quaes o povo chama —*penedos da povoação*—e que são incontestavelmente *antas* celticas. Algumas são de monstruosa grandeza, e não se comprehende como homens quasi selvagens, sem a minima noção de dynamica, podessem mover e collocar na requerida posição, estas immensas moles de pedra.

Não estão todas collocadas na mesma posição, nem teem todas a mesma forma geometrica.

Umas são esphericas, outras ovaes, e estão collocadas horisontal ou perpendicularmente. A maior de todas, que está em uma quebrada do monte, e ao cimo de terras cultivadas, é oblonga e está em posição perpendicular, fortemente calçada por quatro grandes penedos.

Todos estes monumentos mostram evidentemente que são anteriores á *edade de ferro*, não tendo o minimo vestigio de obra de arte.

Devemos tambem notar, que na metade O. do concelho de Paiva, não ha uma unica rocha granitica.—Na povoação é que principia a ver-se, e em grande abundancia, o *granito-porphiroide*, que se encontra, sem interrupção, em quasi toda a parte E. do concelho (mas só nos vertentes septentrionaes das serras que actualmente dividem este concelho do de Arouca, e que no tempo do nosso conde D. H nrique, eram o limite do territorio da *cidade de Arégia Auregia* ou *Anegia.*— Vide *Arêja*—Vide a pag 238 I col. 1.ª do 1.º volume,)

Note-se tambem que são rarissimas as rochas propriamente ditas. Quasi tudo são *penedos rolados*, indicando terem andado por muitos seculos debatendo-se uns contra os outros, impellidos por correntes poderosas submarinhas.

NOMEADA — portuguez antigo — moeda de prata que fizeram cunhar D. João I e seu filho, o rei D. Duarte. Era do tamanho dos actuaes meios tostões. Tinha no anverso a cruz de S. Jorge, com a legenda

DOMINUS ADJUTOR FORTIS.

Ignora-se o seu justo valor.

Nomes antigos de varias cidades e nações [1]

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Actium (promontorio) (Italia)	Çabo Figalo	É celebre pela batalha que aqui deu Augusto contra Antonio, e que decidiu do imperio do mundo a favor de Augusto·
Alba	Albano (Campania)...	Foi fundada por Ascanio Eunileu, 300 annos antes de Roma, e destruida por Tulio Hoctilio.
Allobroges ou Centronis	Delfinado, Saboia e Genova	Eram povos da Gallia-Narboneza.
Ambrones	Berne, Friburgo e Bale	
Antium	Anzo-Bovinato, 40 kilometros d'Ostia	É a patria de Nero, que para aqui quiz trazer a côrte de Roma.
Antuloles	Nigricia, Paiz dos Negros	
Anxur..............	Terracina (campania, de Roma)...........	Era a antiga cidade dos volscos, no Lacio.
Appia (Via)	A primeira estrada de Roma	Foi calçada em 441, de Roma, por Appio Claudio Ceco.
Apulia	Terra de Bari, Terra de Otranto — parte da Basilicata (Napoles)	É na Italia Meridional, entre o mar Adriatico e o golpho de Tarento.
Aquitania............	Gascunha, e Guienna	França.
Arcadia	Traconia — Septentrional, na Moréa, ou Brazzo di Maina.....	Deu-lhe o nome, Arcas, que se dizia filho de Jupiter e da nympha Callixto.
Argos	É hoje uma aldeia da Moréa, sobre Planizza	Era a capital da Argolida, no Peloponeso.
Aricia	Rizza (campania de Roma, perto d'Albano)	Cidade dos latinos, a 20 milhas de Roma, na *Via-Appia*.

[1] Póde ser que alguns dos meus leitores achem este artigo improprio de um diccionario, que trata só de cousas portuguezas. A estes dou por satisfação que — decidi incluir isto na obra, porque a nossa historia antiga, e outros muitos documentos, dão nomes de cidades e nações, hoje de muitos desconhecidas, e o leitor pouco versado em geographia antiga, não entenderia muitos dos nossos livros, nem a historia romana, que tem tantos pontos de contacto com a nossa. Como n'este artigo tenho de fallar muitas vezes do anno da fundação de Roma, noto que esta cidade teve principio no anno do mundo 3251, que vem a ser, 753 antes de Jesus Christo. — Por esta explicação se podem acertar as datas com facilidade.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Armenia-Maior	Turcomania	Asia.
Armenia-Menor......	Aladuli	Asia.
Armórica	Bretanha	França.
Asia-Menor	Natalia	Turquia.
Assyria.............	Diarbeck...........	Asia. Tambem se chamava Mosopotamia, Arzerum, Chaldeia ou Babylonia.
Atlas (monte)........	Altar (o mais alto monte da Africa) ...	Tem 1:000 leguas; principia na costa do Oceano (a que dá o nome) passa a Marrocos, Fez, Alger, Tripoli, etc.
Attica (na antiga Achaia) o paiz mais nobre da Grecia.....	Livadia-Meridional, ou o ducado de Athenas	Grecia.
Aventino (monte)	Monte de Santa Sabina	É uma das sete collinas de Roma, sobre as margens do Tibre.
Averno (lago)	Averno	Perto de Cumas, nas costas da Campania. Italia.
Babylonia ou Chaldeia	»	Vide Assyria.
Bactriana...........	Bulk, Sabiustan e Candahar	Asia.
Baias (Campania-Italia)...............	....	Foi totalmente engulida por um terremoto, no anno de 1538.
Batavia	Utrech e as ilhas sobre o Rhin.........	Allemanha.
Belgae	Paizes-Baixos	
Beocia (paiz)........	Livadia-Central......	A sua capital era a famosa Thebas. (Grecia).
Bertões, ou Birtonios..	Bouron	A parte da Thracia que fica ao longo do golpho-persico.
Boinnhaemium	Bohemia............	Allemanha do Sul.
Bósphoro-Cimmerio..	Estreito de Caffa. Sepára a Criméa da Circacia	Europa.
Bósphoro da Thracia..	Canal de Constantinopola	Estreito que une o Mar de Marmora com o Mar-Negro.
Britania (a antiga Albion) — ilha........	Inglaterra, Paiz de Galles, e Escocia....	A parte meridional fórma a Inglaterra, e a septentrional a Escocia.
Bysancio............	Constantinopola, ou Stamboul..........	Capital da Turquia.
Campania...........	Terra de Labor......	Italia. Produz optimos vinhos.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Campo de Marte.....	Campo de Marte.....	Grande terreno, de Roma, entre o Tibre e os montes Citorio, Quirinal e Capitolino.
Cantabria, ou Hespanha Tarragoneza....	Biscaia.............	Os cantabros, occupavam com os asturianos e os vascos, a Biscaia, uma parte da Castella septentrional, as Asturias e Leão.
Capitolio (fortaleza, sobre o monte Tarpeio)	Campidoglio........	N'este monte houve 60 templos. Ainda se vêem as suas ruinas, na Agua, acima da ponte de Santo Angelo. Depois de quatro incendios, o papa Bonifacio III mandou reedificar o Capitolio.
Cápua...............	Santa Maria Maior, aldeia..............	A actual cidade de Cápua, está a 6 kilometros a O. da antiga, edificada sobre as ruinas da cidade de Casilino. É sobre o Vulturno, na Terra de Labor.
Capadocia..........	Amasia, Genech, e o Tocat.............	Asia-Menor.
Carinas (Bairro de Roma)..............	»	Era dos mais bellos de Roma, pelos muitos patricios que n'elle habitavam.
Carthago (cidade da Africa)............	Birsa, aldeia.........	Fundada pelos phenicios, foi rival de Roma. Já existia antes da guerra de Troia. Possuia todas as costas do Mediterraneo, desde a Grande Sirte até ao rio Ebro, assim como a Sicilia na Sardenha. Era em uma peninsula do golfo de Tunes, a poucas leguas d'esta cidade. Scipião, o *Africano*, a arrazou no anno 608 de Roma.[1]
Carthago-Nova, ou Spartaria..........	Carthagena..........	Porto de mar no reino de Murcia, (Hespanha). Fundada pelos carthaginezes.
Carthago-Vetus, ou Carthago-Velho.....	Villa Franca de Panadez...............	Catalunha, (Hespanha). Fundada tambem pelos carthaginezes.
Cecubo..............	Monte de Gaiêta......	Italia.
Cefalonia...........	Cefalonia............	Ilha no archipelago grego, ou do Levante.
Celtae..............	Normandia..........	França.

[1] A primeira guerra de Carthago contra Roma, durou desde 490 até 513 (de Roma.) No ultimo combate naval, Lutacio, captivou 70 navios carthaginezes e metteu a pique 50. N'esta guerra, perdeu a republica carthagineza, a Sicilia e a Sardenha. — A segunda, durou desde 536, até 553. N'esta guerra ficou Carthago, tributaria de Roma. — A terceira, durou desde 605, até 608, em que Carthago foi destruida. — Depois, Augusto a repovoou com 5:000 homens. Adriano a reedificou com o nome de *Adrianopolis*. Em 432 de Jesus Christo, Genserino, rei dos vandalos, a tomou aos christãos, e aquelles a possuiram 100 annos. A actual torre *Almenára* é a praça da sua antiga fortaleza.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Centrones..........	Normandia	O mesmo que Allobroges.
Céos	Zio	Ilha, em frente do Cabo Colona, na Livadia.
Cerites	Cervetri	Cantão da Toscana maritima, entre Civita-Vecchia e a embocadura do rio Aro, Italia.
Chaldéa	»	O mesmo que Babylonia.
Charibde	Galofaro, ou Capo di Pharo	Golfo, no Estreito de Sicilia, á entrada do porto de Messina, e em frente do escolho de Sylla.
Chersoneso-Cimbrico.	Juthland............	
Chipre (ilha)........	Cubros	A sua capital é Nicosia. É ao fundo do Mediterraneo, e pertence hoje á Turquia.
Circéa	Civita-Vecchia — na Campania de Roma..	Era no paiz dos volscos. O cabo de Circéa, é hoje Monte-Circello.
Circo-maximo, de Roma	»	Era um vasto terreiro, oval, rodeado de porticos e edificios, d'onde se viam os jogos e os combates. Tinha 2:205 pés de comprido e 905 de largo. Viam-se n'elle, 3 galerias cobertas, em outros tantos andares, com capacidade para 150:000 pessoas. Ainda existem as suas ruinas, entre os montes Aventino e Palatino, hoje o monte de Santa Sabina, e o Palacio Grande. Este vasto edificio era ornado de grande numero de estatuas e columnas, e de dois grandes obeliscos. Havia em Roma dois outros *circos*, o de Flaminio, perto do rio Tibre, e o de Nero, ao Vaticano.
Clazomenas	Vourla	Cidade, na peninsula de Jónia, hoje reduzida a aldeia, na Natolia, á entrada da bahia de Smyrna.
Clusio..............	Chiusi	Toscana. Tem aguas mineraes, frias.
Colchida...........	Mingrelia (paiz)	Entre a Circacia, a Georgia e o Aladuli, ao fundo do Mar-Negro. Era um paiz famoso pelos seus venenos, e ainda mais, pelo celebre Vellocino (ou tosão) d'ouro. Hoje, esta região só consta de duas aldeias e alguns castellos, á beira-mar.
Concanos	Asturias	Povos da Hespanha Tarragoneza, na Bis-

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Concanos..........	Asturias...........	caia, que era uma colonia de messagetas. Hoje a sua capital é Santilhana.
Corcyra............	Corfu	Ilha no archipelago Grego ou Jonico.
Corintho...........	Coranto	Cidade do Peloponeso (Moréa actual) fundada por Sisypho, ou por Corintho, filho de Marathon (outros dizem que, por Haletes, o 6.º dos Heraclides) 800 annos antes de Jesus Christo. Era situada sobre um isthmo, que unia Achaia ao Peloponeso. Foi famosa pelas suas olarias, pelo seu vinho, e pela sua immoralidade. Teve primeiro reis e depois foi republica. Lucio Mumo a tomou e saqueou, no anno 607 de Roma. Julio Cesar a restabeleceu, e era ainda florescente, no tempo de S. Paulo. Esteve algum tempo em poder dos venezianos, mas os turcos a retomaram em 1715 de Jesus Christo. Está deserta e desmantelada. É sobre o isthmo que separa o golfo d'Eugenia (a E.) do de Lepanto (ao O.) Pertence á Moréa.
Corico	»	Cidade que já não existe. Era em frente da ilha de Chypre, na actual Caramania. Na Jónia havia um monte tambem chamado *Corico*.
Cós	Lango, ou Stanchio...	Era uma das ilhas Sporades, perto das costas da Asia-Menor, á entrada do golfo que separava a Caria da Dórida. Era famosa, por ser patria do grande pintor Apelles, e de Hippocrates, deus da medicina — e pela púrpura que aqui se pescava.
Creta	Candia.............	É a maior ilha do Mediterraneo. Dizia-se que teve cem cidades, e que foi aqui creado Jupiter; o que lhe deu celebridade—assim como ser governada por Minos: pelo seu Minotauro; e pelo seu Labyrintho construido por Dédalo. Entregou-se a Pompeo; foi depois sujeita aos imperadores de Constantinopola, até ao anno 823 de Jesus Christo. Os sarracenos a conquistaram, e aqui fundaram a cidade de Candia, que veiu dar o seu nome a toda a ilha. Os venezianos a tomaram em 1669.
Cumas.............	»	Cidade da Campania. Foi a primeira fundada na Italia pelas colonias gregas. Estava sobre a costa do mar da Toscana.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Cumas	Candia	Perto d'esta cidade estava a caverna da famosa *Sybilla de Cumas*, que prophetisou a vinda e o martyrio de Jesus Christo. Os serracenos destruiram esta cidade, em 1207 de Jesus Christo, e d'ella apenas restam vestigios.
Cyclades	Cyclades	São 47 ilhas do Archipelago, situadas em fórma de circulo (d'onde lhe vem o nome). As suas aguas são perigosissimas, pelos muitos rochedos que aqui estão espalhados.
Cydonia	Canéa	Era uma das principaes cidades da ilha de Créta. É hoje cidade episcopal e porto de Candia, na costa septentrional. Deu o seu nome a uma das quatro circumscripções da ilha.
Cyrenaica, ou Libia-Superior	Barca	Paiz da Asia.
Cyrnus, ou Corsien	Corsega	Ilha do Mediterraneo, pertencente hoje á França.
Cythera	Cerigo	Ilha, á entrada do archipelago grego, entre a Moréa e Candia. Era famosa pelo seu templo de Venus, e pela sua devassidão.
Dácia	Transilvania, Moldavia e Valaquia	Os dacos (de Dacia) eram scythas europeus. Estanceavam entre a Sarmacia e o Danubio. A sua origem era gaulleza. Confundem-se muitas vezes com os getas. Trajano venceu o seu ultimo rei, Decebato, e reduziu a Dacia a provincia romana.
Dalmacia	Dalmacia	A Dalmacia, fazia parte da antiga Illyria-Occidental, ao longo do Adriatico (golfo de Veneza). Está hoje limitada ao N., pela Bosnia; ao E., pela Servia; ao O., pela Mortania; e ao S., pelo golfo de Veneza. Divide-se em *Veneziana*, cuja capital é Spalatro — em *Rugusiana*, de que é capital, Raguza — e *Tuzca*, cuja capital é Herzegovina, região quasi toda povoada por catholicos, sujeitos ao imperador da Turquia. Actualmente (agosto de 1875) anda n'esta parte da Dalmacia, encarniçada guerra, para sacudir o jugo dos musulmanos.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Danubio	Danubio	É um dos principaes rios da Europa. Principia perto da *Matta-Negra,* em Tonesching (ou Escingen) no principado de Fourstemberg. Atravessa a Suevia, a Baviera, a Austria, a Hungria, a Servia, a Bulgaria, e a Moldavia, e lança se no Mar Negro, por duas fozes. Teve antigamente seis, porém, a areia entupiu quatro. Verdadeiramente, só se chama Danubio, desde a sua origem até abaixo de Alba-Graeca: d'ahi até ao mar, toma o nome de Ister.
Daunia	Pugliapiana, ou Capitanato	Italia. Os seus soldados eram valorosissimos.
Delos	Sdille (ilha).........	O seu primeiro nome foi Ortygia. — É no archipelago Jonico, e está hoje deserta. Diz-se que no seu principio era fluctuante. N'ella nasceram Apollo e Diana, filhos de Latona e de Jupiter (segundo a Mythologia). Ainda aqui se vêem as ruinas do um templo de Apollo.
Delphos	Castri	Foi uma cidade celebre, na Phocida, ao pé do monte Parnaso. Houve n'esta cidade um templo de Apollo, famoso por seus oraculos. Hoje não é mais do que um montão de ruinas, occupadas, em parte, pela pequena aldeia de *Castri.*
Dórida	Livadia-Superior	Era uma região da Grecia, na Grande-Achaia.
Dumnoïi	Cornewal, e Dewonshire............	Gran-Bretanha. Vastas e ricas minas de carvão de pedra.
Edia, Lingones, e Sequania	Borgonha, e Franche-Conté............	França.
Egypto	Egypto	Região da Africa. Tem 1:200 kilometros de comprido, de N. a S., e 300 de largo. É limitada ao N. pelo Mediterraneo, ao E., pelo Mar Vermelho, Arabia, Petrea e Palestina; ao S., pela Nubia (Ethiopia), e ao O. pela Cyrenaica e a Libia, hoje Barbaria. Divide-se em *Alto, Medio,* e *Baixo*-Egypto. — O *Alto,* comprehende a antiga Thebaida; o *Baixo,* estende-se até ao Cairo. O *Medio,* é desde o Cairo até á antiga *Hermopolis,* hoje *Benesonef.* Teve por muitos seculos, reis proprios: os persas o conquistaram; mas Alexandre Magno lh'o tomou.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Egypto............	Egypto............	Passou aos romanos, no tempo de Cleopatra, sua ultima rainha. Omar, kalifa, e successor de Abubeker, se assenhoreou d'elle. Foi governado por *soldões* proprios; mas, em 1517 de Jesus Christo, Selim 1.º imperador dos turcos, se apossou do Egypto. Hoje é governado por um principe, suzerano da Porta, intitulado *Kediva.* O famoso rio Nylo atravessa esta região de S. a N. O Cairo é a capital do Egypto.
Elida	Moréa	Grecia.
Epheso............	Aiasalouk..........	Era uma cidade da Jonia, na Asia-Menor, famosa pelo templo de Diana, uma das *sete maravilhas do mundo,* e que foi incendiado por *Erostrato,* no anno 385 de Roma, e no mesmo dia em que nasceu Alexandre Magno. Em Epheso se celebrou o 3.º concilio eucumenico, no anno 431 de J. C. Hoje não é mais do que uma aldeia da Natólia, sobre as costas do Archipelago Grego, á embocadura do pequeno rio *Madre,* (antigo *Caistro).* Tem um bom porto, com uma pequena cidadella. Pertence ao imperador da Turquia.
Epiro	Albania	Era uma provincia da antiga Grecia, que se estendia pelo mar Jonico, entre a Macedonia, ou Illyria, a Thessalia e a Achaia. Hoje é uma parte da Albania, comprehendendo os cantões de Chiméra e de Arta. É actualmente dos turcos, e governada por um pachá, que está em Janna, sua capital.
Erix	Monte di San-Juliano	Era uma cidade e um monte de Sicilia, onde Venus tinha um templo celebre, cheio de mulheres, consagradas á deusa, cujo thesouro enriqueciam com o producto das suas prostituições. É hoje um monte, no valle de Massara, perto de Drepano, na Italia.
Esola	»	Colonia do antigo Lacio, a 18 kilometros de Roma, da parte de Tivoli. Não existe.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Esquilino	Monte de Santa Maria-Maior	Era um dos sete principaes montes de Roma. Servio Tulio, 6.º rei de Roma, o incluiu na cidade, edificando n'elle um palacio e jardins. Formava o 5.º bairro de Roma, e se denominava *Região Esquilina*. O nome vem-lhe de *æsculus*, especie de carvalhos.
Ethiopia	Abyssinia	Grande região da Africa, que comprehendia os paizes hoje chamados Nubia, Abyssinia, Zanguebar, Monemugi, Monomotapa, Cafraria, e Congo. A actual Abyssinia, é a Ethiopia propria; tem 2:400 kilometros de comprido, e 1:680 de largo. Era o imperio do celebrado *Preste João*. O seu imperador intitula-se *negus*. Grande parte do povo d'este vasto imperio segue uma religião a que alguns chamam christan, tão degenerada e misturada de judaismo, que nem mesmo se podem chamar christãos scismaticos. Desde a destruição da grande cidade de *Axúma*, não ha aqui senão aldeias. O proprio negus, vive em uma barraca da campanha. Todos os habitantes são pretos.
Etna	Monte-Gibel, ou Mongibello	Celebre volcão da Sicilia, na costa occidental do valle de Demona, entre os cabos de *Pharo* e *Passaro*. Tem 18 kilometros de subida, e 100 de circumferencia.
Etruria, ou Tuscia	Toscana, Perugia, Orviétto, Patrimonio de S. Pedro e o ducado de Castro	Grande região da Italia, que antigamente comprehendia todo o territorio cercado pelos Apeninos, e que se estendia de E. a O., desde o rio Tibre até Magra. Era habitada por dois povos differentes — os *umbrões*, ao E. — e os *tuscos*, ou *tyrrenos*, ao O. Estes por fim dominaram todo o paiz.
Eubéa	Negroponto	
Falerno	Rocca di Mon-Dragone (Italia)	Paiz e monte, na actual Terra de Labor, entre Sinuessa e Cales. O monte é na costa maritima, entre os bosques de Garigliano e do Saona. Os seus vinhos eram optimos.
Feronia	Saint-Oueste, (aldeia)	Cidade, nas costas do Lacio, no centro do paiz dos *faliscos*, proxima dos sabinos, e do monte Soracte. É hoje uma pequena aldeia, perto do

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Feronia............	Saint-Oueste, (aldeia)	Tibre, no patrimonio de S. Pedro. — Italia. Tambem havia a fonte e o templo da deusa Feronia, mas isto era perto de Terracina — Italia.
Fescennia..........	»	Antiga cidade da Toscana, no cantão dos *vulsinios*, cujas ruinas se vêem a 1:500 metros de Galezo, pequena villa dos Estados Ecclesiasticos. A tragedia e a comedia, devem a sua origem aos *fascennios*.
Fidenas	....	Cidade dos *sabinos*, no Lacio, entre Crustumena e Antenas, sobre o Tibre, 5 kilometros acima da embocadura do Teverone. Vêem-se as suas ruinas, perto do castello Giubeleo, a 10 kilometros de Roma.
Finningia..........	Finlandia	
Formias............	Molla...............	Antiga cidade do Lacio, na costa dos *auruncos*. Hoje está reduzida a aldeia, perto de Gaêta, na Terra de Labor. Seus vinhos eram famosos.
Fortunatas ou Afortunadas	Canárias	Nove ilhas, ao O. de Africa, ficando a mais proxima a 240 kilometros da costa africana, no Oceano Atlantico. As quatro principaes são: *Canaria*, (que dá o nome a todas) *Teneriffe*, que é a maior, e onde está o celebre *pico* do seu nome — *Ilha-do-Ferro*, onde os geographos francezes estabelecem o seu primeiro merediano — e *Palma*. Foram descobertas por João Bittencourt (normando) em 1417. São muito ferteis. Pertencem á Hespanha. [1]
Frisii	Hollanda e Frisa [2] ...	Paizes Baixos.
Gabios	Campo-Gabio	Antiga cidade do Lacio. As suas ruinas estão 28 kilometros a E. de Roma.
Galatas (de Galacia)..	Chiangare	Povos da Asia-Menor, descendentes dos gaullezes, que se tinham estabelecido na Phrygia, no anno 477 de Roma, e que

[1] Segundo muitos escriptores, as Canarias, os Açores, Madeira, Porto Santo, e em Portugal, as Berlengas, o Baleal e outros ilhotes, são restos da grande *Ilha-Atlantida*, tão famosa na antiguidade, cujos valles foram alagados por uma terrivel erupção do *Mar-Negro*, que, abrindo uma passagem pelo estreito de Constantinopola, invadiu o Mediterraneo, rompeu o actual Estreito de Gibraltar (separando a Africa da Hespanha) e uniu os mares de Azof, Negro, Archipelago, Mediterraneo e Atlantico. Avançam alguns que a America era uma parte da Ilha-Atlantida; mas então deixava de ser ilha.

[2] Em *Frisa* se inventaram as machinas de guerra chamadas *cavallos de Frisa*.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Galatas (de Galacia)..	Chiangare..........	lhe deram o nome de *Gallo-Grecia.* Os gregos lhe chamaram *Galacia.*
Galaecia............	Galliza, Asturias e Biscaia...............	Hespanha.
Gallia (Cisalpina e Transalpina—áquem e além dos Alpes)....	França, Saboya, Allemanha (parte), Piemonte, Milão, Mantua (parte), Venèza, etc...............	Era uma das mais celebres regiões da Europa. Comprehendia a França actual, a Saboya, e toda a parte da Allemanha e dos Paizes Baixos, que está ao O. do Rheno. Antes do imperio de Cesar, estavam os gaullezes divididos em quasi tantos estados differentes, quantas eram as suas cidades principaes. Dividiam-se em tres ordens — *nobres,* ou *cavalleiros, druidas,* e *povo.* Os primeiros, faziam a guerra; os segundos, exerciam o sacerdocio; os terceiros, cultivavam a terra e exerciam officios mechanicos. Estes eram quasi escravos. Passaram os Alpes, apossando-se d'esses paizes, a que os romanos deram o nome de *Gallia-Cisalpina;* e desde então se ficou chamando á Gallia propria — *Gallia Transalpina.* A Gallia Cisalpina, estendia-se desde os Alpes até ao rio Pó. É hoje o Piemonte, Milão, parte do ducado de Mantua, Bergamo e Brescia, e Veneza. É por estas duas grandes divisões (Cisalpina e Transalpina) que se dizia *Gallias,* tratando de Ambas.
Gallia-Narboneza.....	Languedoc..........	Na Gallia-Transalpina.
Gallia-Togata........	Lombardia..........	Idem.
Gargano (monte).....	Monte de Santo Angelo	No reino de Napoles (no Capitanato) perto de Manfredonia e de Siponto.
Germania...........	Allemanha..........	A antiga Germania era duas vezes maior do que a Allemanha actual (do Norte e do Sul) comprehendendo todo o vasto territorio que está entre o Vistula, o Danubio, o Rheno, e o Oceano do norte. Os cimbros, os teutões e os sicambros, eram povos ferozes da Germania. Combateram tenazmente contra os romanos, porém Mario os venceu, matando mais de 300:000! Nunca porém os romanos poderam subjugar completamente estas hordas indomitas.
Germania-Sarmata ou Marcomania........	Polonia (russa, austriaca e allemã).....	Vide *Marcomania.*

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Getas (paiz dos)	Provincias Danubianas	Eram antigos povos da Scythia européa, que, com os *dacos*, occupavam as actuaes Transilvania, Moldavia e Valaquia, tributarias da Porta.
Gnacia	Guazi, Nazzi, ou Torre di Anazzo. (Terra de Bari)	Pequena cidade da Apulia-Peucetia, a 80 kilometros de Bari, sobre a estrada de Brindes.
Gnido	Cabo-Crio (Villa da Natalia, á ponta da peninsula de Montesilli	Cidade na antiga Dórida de Caría, onde estava a famosa estatua de Venus, feita por Praxitelles. Havia outra cidade de Gnido, na ilha de Chypre, mas de pouca importancia.
Gnosso	Cinossa	Antiga cidade, capital da ilha de Créta, e côrte de Minos, sobre o rio Ceraso, hoje Ginosa. Apenas existem as suas ruinas.
Grago	Monte de Gorante	É um monte, com oito cabêços, na antiga Lycia, celebre pela fabula da *Chimera*.
Grecia	Grecia	A Grecia antiga, comprehendia o paiz situado entre a Illyria; a Mesia; o Ponto-Euxino; a Dardania—e os mares, Adriatico, (golfo de Veneza); Jonio, (Archipelago Grego; Ilhas Jonias, ou Mar do Levante) e Egêo. Formava pois, parte da Grecia, o Epiro; a Macedonia; a Thessalia e a Thracia. Mas, a Grecia propriamente dita, era o paiz situado entre o Epiro e o mar Jonio, ao O., a Thessalia ao N.; o Euripo e o mar Egéo ao E.; e o Mediterraneo ao S. Hoje está restringida á antiga Livadia.
Guta, e Helleviones	Gothland	
Helicon	Zágara, ou Zagaya	Monte da antiga Beocia, entre a Phocida e o Golfo de Corintho. Era consagrado ás Musas. Eram aqui as fontes de *Hippocrene* e *Aganippe*. É na Livadia actual, entre Thespia e Rossa. Perto do Helicon, fica o monte *Parnasso*.
Helvecia	Suissa	Ainda se diz *Confederação* Helvetica.
Hemo	Cumunitza	Monte da Thracia, onde nasceram Orpheu, Lino, Museu e outros poetas. Hoje faz parte do Balkan, nas fronteiras da Bulgaria.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Hesperia...........	Italia, Hespanhas.....	Havia duas Hesperias — a *Magna*, ou *Proxima*, que era a Italia — e a *Ultima* que era a Peninsula Iberica (Hespanhas). O nome d'estas regiões vinha do grego *Hesperus-Occidente;* porque ficavam a O. da Grecia.
Hibernia, ou Ierne...	Irlanda (ilha)	Sujeita aos inglezes, formando um dos *Tres Reinos* britannicos.
Hirri, ou Ecii, ou Ostiones............	Livonia, e Estionia...	
Hydaspe...........	Ravi, ou Via........	Rio da India, além do Ganges. Nasce no monte *Ima* (fronteiras do Tibet) e lança-se no Indo, entre Multan e Buckor. Foi o termo das conquistas de Alexandre Magno.
Hymeto	Monte-Meto, ou Lamprobani	Monte da antiga Attica, cujo mel era o melhor da antiguidade. É na actual Livadia, entre Setines e Cabo-Columna. Ainda hoje o seu mel tem fama de muito bom, principalmente o da cêrca do mosteiro de *Cosbachi.*
Hyperboreos	Russos septentrionaes	Povos da antiga Sarmania, que estanceavam entre o Wolga e o Mar-Branco. Dava-se-lhes este nome por ficarem perto do *Boreas*, ou polo Artico.
Iberia..............	Hespanha.	Havia duas Iberias. Uma era a Hespanha actual, assim chamada, do seu rei Ibero, que tambem deu o seu nome ao rio Ibero, hoje Ebro.
	Georgia-Oriental	A outra Iberia, era uma região da Asia, entre o Mar-Negro e o Mar-Caspio. Comprehende actualmente os principados de Cardwel e Kaketi. Sobre o rio *Cour* (o *Cyro* dos antigos) está a capital d'este paiz, que é a cidade de Tes fis, antigamente chamada Acropolis-Iberica.
Iverne	»	O mesmo que Hibernia.
Ida.................	Aidinia.............	Monte da antiga Troada, hoje Natolia-Occidental.
Ida (outro)	Monte-Giove	Na ilha de Creta, actual Candia.
Ilio, ou Troia	»	Vide Troia.
Illyria..............	Dalmacia, Croacia e Bosnia	Região da Europa, que se estendia ao longo da costa septentrional do Adria-

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Illyria	Dalmacia, Croacia e Bosnia	tico, e comprehendia a antiga Liburnia, a Dalmacia, a Pannonia, a Norica e a Vindelicia.
Ionia	Sarchan (Natolia)	Era primeiramente um paiz da Grecia, depois, passou a ser uma região da Asia-Menor, porque uma colonia de ionios-gregos se foi ali estabelecer. As suas principaes cidades, eram — Mileto, Epheso, Smyrna, Colophonia, Lebeda, Erythréa e Clazomenas. Smyrna e Epheso, são ainda cidades muito importantes.
Ithaca	Val-di-Compari	Pequena ilha, ao sair do golfo de Lepanto, entre a ilha de Corfu e as costas da Albania-Meridional. Fazia parte dos estados de Ulysses.
Lacedemonia, ou Esparta	Paleocori	Capital da antiga Laconia, no Peloponeso, sobre o rio Eurotas (o Visilipotamo actual). Estendia-se desde o cabo Matapan, sobre os golfos de Colochina e de Napoli. As suas ruinas ainda se vêem a 9 kilometros de Misitra, que é o nome actual da capital da Zachania, provincia da Moréa. Os venezianos se apossaram d'ella, em 1687; mas os turcos lh'a retomaram, com a Moréa, em 1715. Ainda se chama Laconia, á parte meridional da Zachania, e ao paiz dos magnotes.
Lanuvio	Civita-Indovina	Antiga cidade da Italia, a 44 kilometros de Roma, perto da Via-Appia, no paiz dos latinos.
Lapithas	Jannisaros	Povos da Antiga Thessalia, que habitavam ao pé de Larissa, e do monte Olympo. Diz-se que foram os primeiros que domesticaram e domaram os cavallos. É hoje a provincia de Janna, na Turquia da Europa.
Larissa	Larsa, ou Larizza, em Janna	Era uma cidade dos pelasgios, sobre o Penes, na Thessalia. Era a capital dos estados d'Achilles. Havia na Grecia mais tres cidades d'este nome. Uma na Macedonia, sobre o golfo Pelasgo. Outra, perto do Monte Ossa. Outra, perto de Elea, no Peloponeso. D'estas, apenas restam vestigios.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Latium (Lacio)	Italia	O Lacio, era uma região da Italia, que se dividia em *Antigo* e *Moderno Lacio.* O *Antigo Lacio* é hoje a Campania de Roma. Comprehendia os latinos, os equos, os hernicos, os rutulos, e os volscos, desde o Tibre até Terracina. O *Novo-Lacio,* era a Terra de Labor, e estendia-se, desde Terracina até ao monte Massico, além do Liris, e comprehendia os auruncos e os ausões.
Lesbos	Metelim	Ilha do archipelago Jonico, na actual Natolia. Sua capital era a cidade de Mitylene, hoje *Metelin,* que é tambem o nome actual da ilha. É celebre por ser a patria da famosa poetisa, *Sapho.*
Lestrigões	Italianos	Povos da Sicilia que se estabeleceram nas costas da Campania, e ali fundaram a cidade de Lestrigon. Era seu chefe Lamo. Invadindo os laconios este paiz, pozeram á cidade o nome de *Formias.*
Lybia	Zaarah, Negricia, Guiné Bileldugerid, e toda a Barberia	Segundo os escriptores romanos, a Lybia era a parte da Africa septentrional, limitada ao E. pelo Egypto; ao O. pelo reino de Tripoli; ao S. pela Ethiopia e pela Nubia; e ao N. pelo mar. A Lybia fornecia aos romanos 40:000 moios de trigo annualmente. Ao mar da Lybia se chama hoje, *mar da Barca.*
Lybia-Inferior ou Gelulia	Bileldugerid	
Liburnia	Croacia e Dalmacia-Occidental	Fazia parte da Illyria, e estendia-se pelo golpho de Veneza (mar Adriatico) entre a Istria e a Dalmacia. Os liburnios serviam-se de pequenas embarcações, muito ligeiras, e d'isso veiu o nome de *liburnas* a todos os vasos da mesma construcção.
Liris	Garigliano	Nasce nos Abbruzzos, e morre no mar da Toscana, á ponta do golpho de Gaeta. Atravessa o territorio que foi paiz dos hernicos, dos volscos, e dos ausonios. Italia.
Lucania	Basilicata; a parte meridional do principado, e parte da Calabria	Era uma região da Italia-Meridional, entre o mar da Toscana e o golpho de Tarento, no actual reino de Napoles.
Lucania	Monte Libretti	Monte de Sabina, no cantão de Bandusia, perto de Curreso.
Lucretil	Mar-Morto	Nas costas da Campania, entre o Cabo

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Lucretil	Mar-Morto	Miseno e as cidades de Baias e Puzzoli, ao fundo do golpho Tyrrheno. Communicava com o lago Averno, por um canal que mandou abrir o imperador Agrippa. Um terremoto o arrasou totalmente em 1538, e abysmou a cidade de Baias. No sitio onde existiu este monte, se vê hoje uma lagôa lodosa — o tal Mar-Morto.
Lusitania	Portugal............	A antiga Lusitania comprehendia o reino de Galliza, a provincia do Minho, com os limites que tinha até 1834, e a maior parte da provincia de Traz os Montes; mas esta divisão soffreu algumas alterações durante o imperio romano, e depois, no tempo dos godos. Para evitar repetições, vide *Braga*, no logar competente, e *Lusitania e Portugal* no 4.º volume.
Lutecia [1]	Paris...............	Capital da França.
Lycia	Aidínia (Natolia meridional	Região sobre a costa meridional da Asia-Menor, entre a Caria e a Grande-Phrygia; a Pisídia e a Pamphilia. A sua capital era a cidade de Patara, famosa pelos oraculos que ahi dava Apollo, segundo criam os idolatras.
Lydia	Perugia	Era uma região da Asia-Menor, que se estendia ao longo do Caistro (hoje o Pequeno Madre) e confinava com a Phrygia, Caria, Ionia e Eolia. (Vide Etruria).
Macedonia..........	Roumania	Uma parte da Grecia, que comprehendia a Thessalia, o Epiro (ou Albania) e a Thracia. Todo este paiz forma a Roumania actual, com as suas quatro provincias, que são (principiando ao N. e terminando ao S.) Jamboli, Macedonia propria, Comenolitari e Janna. Este paiz termina pelo O. com o Mar-Adriatico (Golfo de Veneza) e pelo E. com o Mar-Egeu.
Magnesia	Peninsula de Janna [2]	Provincia actual da Thessalia, que se es-

[1] Lutecia, segundo muitos etymologistas, é uma palavra (composta), gaulleza, que significa *cidade da lama*. Os romanos lhe chamaram depois *Parisorum*.

[2] Quasi no centro da extremidade occidental da peninsula de Peniche, ha uma pequena ábra, chamada *Carreiro de Joanna*. É provavel que os thessalios, que invadiram a Lusitania com os romanos, vendo a similhança d'esta peninsula com a sua de *Janna*,

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Magnesia	Peninsula de Janna ..	tendia entre os golfos Thermaico e Pelasgico, desde o monte Ossa até a embocadura do Amphiso. É hoje uma peninsula de Janna, entre os golfos de Salonica e Volo. A sua capital, tambem chamada Magnesia, na Asia-Menor, está fundada sobre o rio Meandro, e tem hoje o nome de Guzerlitza.
Manapii, Tungrii.....	Barbante Austriaco...	
Mar Adriatico........	Golpho de Veneza ...	A parte do Mediterraneo que está entre a Italia, a Grecia e a Illyria. O nome provinha-lhe da cidade de Adria, que ainda existe, reduzida a uma povoação insignificante.
Mar Carpacio	A parte do mar que fica entre o Mediterraneo e o Archipelago Jonico	É a parte do Mediterranio que banha Scarpento (Carpathus), ilha na extremidade do Archipelago Grego (Mar Jonico, ou do Levante) entre Rhodes e Candia.
Mar Caspio, ou Hircanio	Mar Caspio. Tambem se chama *Mar de Sala, de Bachu, de Chilau*, e *de Tabaristan.*	Grande lago, na Asia. Estende-se do N. a S., entre a Grande-Russia, a Tartaria, a Persia e a Turquia asiatica. Não tem communicação alguma (apparente) com outro qualquer mar. Tem 3:000 kilometros de N. a S. É tempestuoso e não tem portos onde os navios possam estar em segurança.
Marcomania.........	Polonia.............	Tambem se chama Germania-Sarmata. Esta heroica e infeliz nação, foi por muitos seculos a guarda-avançada da Europa, que por centenares de vezes livrou das invasões assoladoras das hordas barbaras asiaticas. Seus generosos peitos, mais ainda que os rochedos de suas montanhas, eram um dique permanente contra os sanguinarios filhos d'Agar. Esquecidas d'isto, a Russia, a Austria e a Prussia, depois de muitos annos de combates homericos, e quando as cidades polacas estavam reduzidas a montões de ruinas e seus campos e bosques devastados, se apoderaram da Polonia, retalhando-a e dividindo-a pelos usurpadores. O resto da Europa, viu com a maior ingratidão e de braços cruzados, estas horriveis partilhas.

lhe pozessem o mesmo nome, que facilmente se corrompia (em portuguez) em *Joanna*.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Marcomania.........	Polonia.............	Nem sequer o Summo Pontifice se lembrou de que era um reino catholico que ia cair nas garras de scismaticos e protestantes!
Mar de Creta........	Uma parte do Mediterraneo...........	Estende-se ao N., para o Mar Egeu e a Moréa — ao E., para a ilha de Rhodes — ao S., para a Africa — e ao O., para a Italia.
Mar de Mármora e, ainda mais antigo—*Propontis*............	Mar de Mármora.....	Grande golpho que separa a Europa da Asia, entre o Estreito de Gallipoli (o antigo *Hellesponto*) e o Mar-Negro (antigo *Ponto-Euxino*). Vide *Mar-Negro*.
Mar de Myrtos.......	Parte do Archipelago Grego..............	Era uma parte do Mar-Egeu. Tomou o seu nome, da pequena ilha de Myrtos, que está na ponta meridional de Negreponto (antiga Ilha-Eubéa). A ilha de Myrtos, tomou o seu nome de *Myrtóo* ou *Myrtilo*, cocheiro de Oenomáo, rei da Arcadia, ao qual Pelops precipitou n'este mar.
Mar Egêu...........	Archipelago Grego — Mar do Levante.....	É a parte do Mediterraneo que se estende entre a Asia-Menor (Natolia) ao E.; a Thracia (Roumania) ao N.; a Macedonia, a Grecia e o Peloponeso (Moréa) ao O.; e a ilha de Creta (Candia) ao Sul. É cheio de ilhas, sendo as principaes, para o lado da Asia — Samos, Scio, Lesbos ou Metelim, Tenedos, e Cós — e para o lado da Europa—Eubéa (Negreponto) Scyros, as Cycladas, Andros, Paros, Naxos, Delos, etc. *Egeum* é um adjectivo grego, que significa tempestuoso, procelloso, etc. — porque, ao menor vento, as suas aguas se agitam furiosamente, o que torna a navegação d'este mar perigosissima.
Mar Icario..........	Parte do Archipelago Grego..............	É a parte do Mediterraneo que se estende entre as ilhas de Nicari, Samos, e Cós, e o continente da Natolia. É cheio de ilhas e rochedos. Tomou este nome por n'elle se afogar Icaro, filho de Dédalo.
Mar Jonio..........	Idem...............	Estende-se entre o Peloponeso, a Italia e a Sicilia, tendo o Mar Iapygio ao N.; o Mar-de-Creta ao E.; o Mar-das-Syrtes ao S.; e o Mar da Sicilia ao O.
Mar-Negro ou Ponto-Euxino............	Mar Negro..........	É um grande lago, prolongamento dos mares Mediterraneo e Ionico, entre a Tartaria e a Circacia, ao N.; a Georgia ao E.; a Natolia ao S.; e a Turquia Européa ao O.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Mar-Negro ou Ponto-Euxino............	Mar-Negro..........	Communica com o Mar do Mármora (antigo Propontis) pelo estreito de Constantinopola, ao Sul, e com o Mar de Zabache (Lagôa Meotis) pelo estreito de Caffa (Bosphoro Cimmerio) ao Norte.
Mar Thyreno........	Mar da Toscana.....	É a parte do Mediterraneo em que está a Toscana, o Estado da Egreja, o reino de Napoles, e as ilhas de Sicilia, Corfu e Sardenha—isto é—desde a embocadura do Arno até á Sicilia. Chamava-se *Mar-Inferior*, para o distinguir do Golpho Adriatico, que se chamava *Mar Superior*. Deu-se-lhe o nome de Mar Tyrheno, que era o de um filho de Atys, rei da Lydia, fundador d'uma colonia na Etruria.
Mar-Vermelho, ou Erythreu..........	Mar-Vermelho, ou Golpho da Arabia......	Grande golpho do Oceano meridional, que separa a Asia da Africa, e se mette em Ormuz, entre as costas de Abech, Egypto e Arabia. Tem 2:400 kilometros de comprido, desde o estreito de Bab-el-Mandel, até ao isthmo de Suéz, que por espaço de 300 kilometros une a Asia com a Africa. O seu antigo nome (Erythreu) segundo uns, vem-lhe do rei Erythreu, e segundo outros, é adjectivo grego, que significa *vermelho*. Deve a côr que lhe dá o nome, a uma especie d'alga-marinha, de côr encarnada. Segundo o Antigo Testamento, os israelitas o passaram a pé enxuto, quando fugiram do Egypto. É famoso em nossos dias, pela obra mais gigantesca que se tem effectuado no seculo XIX—o *Canal de Suez*—que une o Oceano Atlantico e o Mediterraneo com o Mar das Indias, ou Oceano Oriental. O isthmo de Suez, é tambem atravessado por um caminho de ferro, construido antes do Canal, e para serviço d'elle. Ha outro Mar-Vermelho na America Central, chamado mais vulgarmente—*Golpho da California*—É no Mar Pacifico, ou Grande Oceano do Sul.
Maréa..............	Lago di Bachiara....	Cidade e lagôa perto de Alexandria. O vinho do seu territorio era excellente. A cidade já não existe, e só a lagôa.
Marica.............	Campania maritima..	Circe, a celebre feiticeira, foi rainha d'este paiz. Foi esta circumstancia que lhe deu o nome (ao paiz), porque a Circe,

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Marica	Campania maritima	depois de morta, chamaram *Marica*. Havia outra deusa *Marica*, mulher de Fauno. No Novo-Lacio, sobre o Liris, e perto de Minturno, havia o lago Marica.
Marsos	Ducado de Marsi	Os marsos eram povos italianos, que estanceavam em redor do lago Fucino (hoje lago Celano) entre os pelignos, latinos, sabinos, e veltinos. A melhor infanteria romana era a d'esta região, que tambem abundava em javalís. Hoje faz parte dos Abruzzos septentrionaes, no reino de Napoles. Os marsos não gosavam o direito de cidadãos romanos, e estavam muito sobrecarregados de tributos; pelo que, no anno 663 de Roma (90 antes de J.-C.), alliando-se com os seus visinhos (os povos já ditos), declararam guerra aos romanos. Deu-se a esta guerra o nome de italica, ou dos alliados. Nos primeiros dois annos, os romanos perderam duas grandes batalhas e dois consules; mas no terceiro, foram os alliados derrotados por Gabinio e por Lucio Sylla, e a guerra terminou.
Massagetas, ou Messagetas	Paiz dos usbecs, ou Caracem	Eram os scythas, visinhos e alliados dos parthos. Estanceavam entre o mar Caspio e a Tartaria independente.
Massico	Monte de Dragone, ou Monte Massico	Sitio da costa, entre Minturnos e Cales. Seus vinhos eram muito afamados. É na actual Terra de Labor, na Italia Meridional.
Mauritania	Barberia	Grande região da Africa, que comprehendia toda a parte occidental da Barberia, onde são hoje os reinos de Tremessem, Teneza, Alger, Bugia, Fez, e Marrocos.
Mauritana Tingitana	Marrocos	Africa.
Média	Shirvan, Gilan, uma parte de Irac-Agem (ou Irac Persiano) e o Esterabat	A antiga Média, era uma região da Asia, limitada ao E. pela Parthia e a Hyrcania — ao S. pela Suziana — ao O. pela grande-Armenia e pela Assyria — e ao N. peló mar Caspio. Os persas venceram os médos — e os parthos se fizeram em fim senhores dos persas. Assim, no tempo do imperador Augusto, aos parthos se dava vulgarmente o nome de persas e médos. (Vide *Ancora*.)
Médo (rio)	Euphrates	Este rio separava os dois imperios (ro-

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Médo (rio)	Euphrates	mano e partho). — Na antiga Média ha tambem o rio Médo, que se lança no lago Araxe. (Vide *Ancora.*)
Melita	Malta	Ilha do Mediterraneo. (Vide *Crato.*)
Memphis	Gifê (villa)	Foi a antiga capital do Egypto, e estava edificada sobre a margem occidental do Nylo, muito acima da ponta onde este rio se separa em dois braços, formando o a que se chama *Delta.* As famosas *pyramides,* ficavam proximas a esta cidade. Houve n'ella um sumptuosissimo templo, dedicado a Venus. Memphis era uma cidade florescente e magnifica, o que ainda hoje attestam as suas imponentes ruinas e algumas casas, que se estendem até defronte da antiga cidade do Cairo. As pyramides ainda se admiram, umas bem conservadas, outras reduzidas a montões de tijolos e entulho.
Mesopotamia	Diarbeck	Região da Asia.
Metauro	Metro	Rio da Umbria (ducado de Urbino). Nasce nas fronteiras da Toscana para a villa de Borgo-di-San-Sepulchro, e, sahindo dos Appeninos, passa pela villa de Urbanca, e recebendo depois o Candiano, corre perto de Fossombrona e se vae lançar no golpho de Veneza, a 8 kilometros de Fano. Nas margens d'este rio foi Asdrubal (célebre general carthaginez) desbaratado e morto pelos romanos, commandados por Claudio Nerão e Livio Salinator. Ainda havia dois rios d'este nome, na Italia — um na Calabria, e outro na Sicilia.
Miléto	Palatschia (aldeia)	Cidade maritima da Ionia asiatica, sobre o rio Lyco, a 120 kilometros de Smyrna, a 60 d'Epheso, e a 18 da embocadura do Meandro (hoje Madre). Esta cidade era famosa pela finura e bellas côres dos estofos de lan que aqui se fabricavam. Está em ruinas, restando apenas algumas casas de pé.
Minturnas	Trajetto?	Era uma cidade, fundada na extremidade do Lacio, perto da Campania. Crê-se que é a actual cidade de Trajetto, na provincia de Labor, a 4 kilometros do golpho de Gaeta.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Miseno (cabo).......	Monte-Miseno	Monte, na antiga Campania (Italia), que termina ao O. do golpho de Puzzoli. Virgilio deriva este nome, de Miseno (célebre trombeteiro de Enéas), que foi aqui sepultado.
Mitylene (a antiga Lesbos)	Metelim	Ilha do Archipelago grego.
Mona, ou Monaeda...	Ilha de Man.........	
Mona-Insula	Anglesey	
Mycenas............	Agios-Adriana?	Cidade da antiga Argolida, a 36 kilometros d'Argos. Era consagrada a Juno. Crê-se que é a actual Agios-Adriana.
Mygdonia...........	Parte do Germian, e de Sarcum.........	Era uma parte da Phrygia, a que os mygdões (povos da Macedonia) deram o seu nome. Foi n'este paiz que reinou aquelle *Midas*, tão famoso pela sua avareza, como pela sua opulencia. É na Asia-Menor.
Mysia (da Asia)......	Natolia (parte)	A parte occidental da Asia-Menor, que se estendia entre Propontis, Phrygia, Hermo (rio) e a cadeia oriental do monte Ida.
Mysia (da Europa)...	Servia, e Bulgaria ...	Região que se estendia entre o Danubio, Panonia e Thracia. (Europa.)
Napoles, ou Partenope	Napoles	Antiga, bella e grande cidade de Italia, na Terra de Labor, sobre o pequeno rio Fornello (o antigo Sebethus) e sobre um pequeno golpho, que a banha pelo Sul. E' a capital do reino de Napoles, hoje encorporado no de Italia. Suas egrejas são sumptuosissimas, e seus ares sempre puros; mas as ruas são pouco limpas. [1] Tem quatro cidadellas, e os castellos —*Novo, do Ovo* e *de S. Telmo;* e a *torre dos Carmelitas.* O seu nome, é corrupção de *Neapoles*, que significa *nova cidade*—ou para a distinguir da antiga Paleopolis, que é pouco distante, ou (segundo outros) porque ella foi reedificada por Hercules. Ainda outros dizem que foi Phalario, tyranno da Sicilia, que a reedificou e

[1] Disputando um piemontez com um napolitano, sobre a primazia das suas capitaes, disse aquelle:—«Oh, homem! não me falle em Napoles, onde não ha sitio em que se ponha um pé, sem ser em immundicie.»—retrucou-lhe o outro:—«Sim?! Mas o céo de Napoles, é eternamente azul e transparente.»—Diz o piemontez:—«É verdade; mas é porque vossês o não podem sujar com cisco e pontas de cigarros.»

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Napoles, ou Partenope	Napoles...........	lhe poz o nome actual. O seu primitivo nome era *Partenope*.
Nationes-Germanicæ..	Allemanha.........	Era o antigo imperio germanico, que hoje está dividido em imperio da Austria (Allemanha do Sul) e imperio prussiano (Allemanha do Norte).
Nilo, ou Nylo........	Nilo	Grande rio da Africa, e um dos maiores do mundo. Dizia-se que elle nascia em umas lagôas da Abyssinia (Ethiopia Superior) chamadas *Secut*, no alto do monte Dengla—e em uma provincia do reino de Goyam, chamada *Sabala* ou *Sacahala*. Os geographos modernos porém dizem que a sua origem é muito mais remota, e que o engano dos antigos procede do rio se submergir por espaço de muitas leguas, vindo surgir onde estes (os antigos) indicavam a sua origem. Alguns viajantes modernos, teem pretendido achar a nascente do Nilo; mas parece ainda ninguem a descobriu. Depois de ter recebido as aguas de muitos rios, lagos e ribeiros, deixa a Abyssinia á sua direita, atravessa o Senahar e a Nubia, e leva a sua corrente poderosa e fertilisadora ao Egypto, que inunda regularmente, desde junho até setembro, e vem desaguar, por sete *bôccas*, no Mediterraneo.
Norica	A Baviera, desde o Inn, quasi toda a Austria, toda a Stiria, e a Corinthia............	Era o paiz dos gaulezes-tauriscos. Sua capital era *Noreia*, que hoje se julga ser Neumarck.— Foi muito célebre pelas suas ricas minas de optimo ferro.
Numancia	Puente-Garai........	Antiga cidade da Peninsula-Iberica, na Hespanha Tarraconeza, situada a E. do rio Douro. Resistiu oito annos aos romanos; porém, no anno 621 de Roma (14 annos depois da destruição de Carthago) foi occupada e destruida por Scipião Emiliano. Seus habitantes, quizeram antes matarem-se reciprocamente a ferro, fogo e veneno, do que render-se aos vencedores. Vêem-se ainda as suas ruinas, a 6 kilometros de Sória (Castella Septentrional) em um logar chamado *Puente-Garai*, a 16 kilometros das fronteiras do Aragão.
Numidia, ou Africa-Propria............	Tunes, etc.	Era uma parte da Libya, sobre a costa septentrional da Africa. Estendia-se de N. a S., entre a Mauritania, ao O.—e a

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Numidia, ou Africa-Propria...........	Turquia, etc.........	Bisacena, ao E.—É hoje uma parte da Barbaria, que comprehende, pouco mais ou menos, Tunes, Alger e parte dos desertos de Biledulgerid.
Olympia............	Longanico (villa)....	Era uma cidade da Elida, no Peloponeso, famosa pelos jogos que n'ella se celebravam — por isso chamados *olimpicos.*[1] Está sobre o Alpheu, na provincia de Belvedere, na Moréa.
Olympo	Petras (Grecia)......	Monte da Thessalia, á ponta de Magnesia, que separava a Thessalia da Macedonia. Note-se que em geral os gregos davam o nome de Olympo a todos os altos montes da Grecia, da Asia-Menor, e da Panchaia.
Oricum............	Orso	Porto do antigo Epiro septentrional, em frente das costas da Apulia. Foi edificado pelos colchidos, em uma pequena ilha, que depois se uniu ao continente.
Oscos............	....	Eram povos da Campania, nos confins do Lacio e de Samnio. Seus costumes eram tão corrompidos como a sua linguagem. (Italia.)
Palatino (monte).....	Palatino	Uma das sete antigas collinas sobre que Roma estava edificada. Augusto tinha n'elle o seu palacio, e fez edificar alli um templo a Apollo. De *Palatino* vem chamar-se *palatium* (palacio) á casa de residencia de um principe, e *palatinos* aos nobres que habitam nos paços reaes. (Vide *Palacio*, no logar competente.)
Panonia............	Esclavonia.........	

[1] Os *jogos olimpicos* celebravam-se no fim de cada quatro annos, em honra de Jupiter; e pór isso ao espaço de quatro annos chamavam os gregos *olimpiada.* Não eram mesmo na cidade, mas em um dos seus arrabaldes. Duravam cinco dias, principiando e terminando por solemnes sacrificios aos deuses mythologicos.

N'estes jogos se distinguiam cinco especies de combates—1.º, a *Carreira;* primeiro a pé, depois em carros — 2.º, o *Salto* — 3.º, a *Barra* — 4.º, a *Lucta*, corpo a corpo — 5.º, o *Pugilato*, ou *Esgrima*, umas vezes a punho, outras com as mãos armadas com uma especie de manopla chamada *césto*, que era como uma luva de couro, armada de chumbo.

Os vencedores eram coroados de folhas de zambujeiro; levantavam-se-lhes estatuas, e tinham o primeiro logar n'estas assembléas, e toda a sua vida eram sustentados á custa da nação. O cavallo das corridas tinha a sua corôa, como o cavalleiro, e entrava nos encomios dos poetas.

Estes jogos foram primitivamente instituidos pelo rei *Iphito;* mas, cahindo em desuso, foram restabelecidos por Hercules, depois da derrota de Augias, rei d'Elida, 24 annos antes da conquista de Troia. Foram abolidos no anno 440 de J.-C.—Desde esta ultima data, nunca mais se contou por *olimpiadas.*

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Paphos.............	Baffo...............	Era uma cidade da ilha de Cypre, consagrada á deusa Venus. A actual cidade de Baffo, não é propriamente a antiga Paphos, mas está edificada com os seus materiaes e proximo dos restos da primitiva, que ainda se divisam.
Páros..............	Páro...............	Uma das ilhas Cyclades, no Archipelago Grego, ao O. de Naxia. O seu bellissimo marmore branco era justamente famoso, e d'elle fizeram chefes d'obra os esculptores célebres da antiguidade.
Parténope...........	Napoles.............	Cidade da Italia. Vide *Napoles.*
Parthos.............	O paiz dos parthos (Parthia) é hoje o Coraçan Occidental, o Masanderan (ou Tubaristan) o Ghilan, e uma parte do Irac-Agem............	Povos vindos da Scythia, os quaes, depois de terem domado os persas, occuparam um grande paiz da Asia, que comprehendia a Parthia propria, a Hircania, e a Márgiana. Este paiz ficava entre a Média, a Persia propria, a Bactriana e o mar Caspio. O imperio dos parthos principiou 250 annos antes de J.-C., e durou 478 annos, sob o dominio de 29 reis, o primeiro dos quaes foi Arsaces, e o ultimo, Artabano IV, que foi vencido por Artaxerxes, rei da Persia, no anno 228 de J.-C. Vide *Persia.*
Pelignos............	Parte dos Abruzzos Meridionaes........	Povos de Samnio, habitantes do paiz de que Sulmona (patria do grande poeta Ovidio) era a capital. Este paiz, está entre Pescara e o Sangro, no reino de Napoles.
Pelion..............	Laca...............	Monte da Thessalia. Separava a Macedonia da Pelasgiotida. — Hoje separa Vévia de Janna.
Peloponeso..........	Moréa..............	Grecia.
Pergamo............	Troia...............	Era, propriamente fallando, a fortaleza de Troia. Dava-se tambem geralmente o nome de *Pergamo*, ou Pergama a todas as torres da cidade e a esta mesmo. Vide *Troia.*
Persia..............	Persia..............	Grande região da Asia, dividida antigamente em *geral* e *particular*. A Persia Geral, comprehendia a Média, a Hircania, a Susiana, a Parthia, a Aria, a Persida, a Carmania, e a Draugiana. A sua capital era Persepolis, que Alexandre Magno reduziu a cinzas. O imperio dos antigos persas, succedeu ao dos médos.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Persia	Persia	A Persia Particular (a propria) era aquella grande região meridional do imperio persa, limitado ao E., pela Aria —ao N., pela Parthia e pela Média—ao O., pela Assyria—e ào S., pelo mar das Indias e pelo Golfo Persico, que a separa da Arabia. Comprehendia tres grandes circumscripções ou provincias — 1.ª, as duas Caramanias (hoje Kirman) ao E. — 2.ª, a Susiana e o Chusistan, ao O. — 3.ª, a Persia propria, entre a 1.ª e 2.ª, que é o a que hoje chamam Fars, ou Farsestan, cuja capital é agora Schiras. Mas a Persia actual é entre a Circassia e o mar Caspio, ao N. — os estados do Mogol, ao E.— e a Turquia-Asiatica (que vem a ser a Georgia, a Turcomania, e a Arabia deserta) ao O.— e o golfo Persico, com uma parte do mar das Indias, ao S. — Actualmente, a capital da Persia, é Hispahan. O rei da Persia se denomina *schah.* [1] Antigamente dizia-se mais vulgarmente *sophy* (soufi), derivado da voz persa *sauafi*, que significa — *vestido de lan.* [2] Antes de se intitularem sophis, se intitulavam xeques. O xeque, Ismael, foi o primeiro soberano da Persia que se denominou sophi, e seus descendentes lhe seguiram o exemplo.
Pheacios, ou pheaces.	Corfuitas	Dava-se este nome antigamente aos habitantes da ilha de Corfú, perto das costas da Albania. Foi seu rei, Alcinoo. Passavam a sua vida em orgias, sensualidades, e toda a casta de prazeres.
Philippos	....	Cidade da Phteotida (provincia da Thessalia) sobre o golfo Pelasgico, e perto de Pharsalia. Chamou-se primeiramente *Thebæ-Phtioticae;* mas, tendo a Philippe de Macedonia (pae de Alexandre Magno) feito reedificar, a chamou do seu nome, *Thebae-Philippi.* Já não existe. Na Macedonia havia outra cidade tambem chamada *Philippos*, da qual não ha vestigios.

[1] O chá, planta aromatica bem conhecida hoje em quasi todo o mundo, toma o seu nome, do *Schah* da Persia — como quem diz — *herva do rei,* ou digna de um rei; mas na Asia, dá-se-lhe geralmente o nome de *thé,* e assim lhe chamam (mais propriamente do que os portuguezes) os hespanhoes, francezes e outras muitas nações. Só os portuguezes — que eu saiba — lhe chamam *chá.*

[2] Na Persia, *vestido de lan*, denota, sabio, religioso.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Phocéa	Fogía-Vecchia—sobre as costas da Pequena Aidina, entre o rio de Kiai e o golfo de Sanderli	Era a ultima cidade da Ionia, para a parte da Eolia, sobre o Archipelago Grego. Os phocéos, desanimados pelas continuas guerras que lhes faziam os persas, abandonaram muitos a sua cidade, no anno 164 de Roma, e o resto, no anno 210. Quando partiram os ultimos, lançaram ao mar uma maça de ferro, em braza, jurando não tornar á sua patria, senão quando a maça viesse á flor da agua. Os phocéos se espalharam pela Europa, vindo estabelecer-se em algumas ilhas da Italia, e sobre as costas da Laconia, de Liguria, de Provença, do Languedoc, do Rossilhão, e da Catalunha.
Phrygia	Germian, e Sarcum	Era uma região da Asia-Menor, chamada outr'ora Barbaria, que se dividia em *Maior* e *Menor*. A Phrygia-Maior, estava entre a Bithynia, a Galacia, a Caria, a Lydia, a Mysia, e a Phrygia-Menor. É hoje uma parte do Germian. A Phrygia-Menor, era sobre as fronteiras da Prepontide, do Hellesponto, e do mar Egeu (Mar de Mármora) do Estreito de Gallipoli, e do Archipelago Grego. Tambem se chamava *Troada*, por ser Troia a sua capital. É por isto que tambem se denominam phrygios ós troianos.
Picennia	Lácio	Italia.
Picenno		Era um cantão da Italia, a que hoje se chama *Marcha-di-Ancona*. Os picentinos, que eram uma colonia de sabinos, sahiram do seu paiz, e apoderaram se da parte da Campania que é hoje a parte occidental do principado meridional, entre o lago Campanella e o rio Sélo. Julga-se que Salerno era a sua capital.
Picti	Lanark, Dumbarton	
Pindo	Pindo	Monte que os antigos poetas consagraram ás Musas. Separava o Epiro da Thessalia.
Pó	Pó	É o mais consideravel rio da Italia. Nasce no monte Viso (Piemonte), no mar quezado de Saluces, sobre a fronteira do Delphinado. Separava em duas, a Gallia-Cisalpina. Corre primeiro do O. para E.—mette-se pouco depois debai-

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Pó	Pó	xo da terra, e, passados 4 kilometros, torna a sahir, proximo a Saluces. D'aqui corre para o N., e banha o Piemonte, Milão, Placencia, Mântua, e Ferrara, separando-se aqui em dois braços, o maior dos quaes, 40 kilometros acima da sua emboccadura, se divide tambem em dois, que vão morrer no golfo de Veneza. É célebre em nossos dias, pelas batalhas que nas suas margens, e proximo a ellas, tiveram logar entre os austriacos, e os italianos colligados com os francezes.
Ponte Fabricia	Ponte di Quatrò-Capi.[1]	Unia a ilha do Tibre, á cidade de Roma, da parte do S. e do monte *Tarpeio.* Foi construida por Fabricio.
Ponte Céstia.	Ponte de S. Bartholomeu	Está em frente da antecedente, do lado do Janiculo e do Campo de Marte.
Ponto	Natolia Septentrional.	Região da Asia-Menor, ao longo da costa meridional do Ponto-Euxino. Sua capital era Heracléa-Mariandynorum, hoje Penderachi.
Pórticos	Pórticos	No tempo d'Augusto, havia cinco porticos em Roma. Eram galerias publicas, que serviam de passeios. — Denominavam-se — de Pompeo, d'Apollo-Palatino, de Lívia, de Octaviano, e de Agrippa.
Preneste	Palestrina	Cidade dos sabinos, a 40 kilometros de Roma, entre Lábico, Esula, Trebia e Vittelia. Diz-se que foi fundada por Preneste, filho de Ullysses e de Circe. Aqui reinou Herile, filho da deusa Feronia. É na actual Campania de Roma, e um dos bispados que se dão aos seis mais antigos cardeaes.
Regni	Sussex, Surry	
Rhecia (Rhaetia)	Baviera, etc.	Grande região da Germania, comprehendendo a Rhecia, ou Raetia-propria (hoje Baviera) ao S., e a Vindelicia, ao N. A Rhecia Propria — tambem chamada Rhecia Prima, — occupava a costa meridional dos Alpes tirolianos, estendendo-se entre o lago de Constança e o Lek, e comprehendia o Paiz dos Grisões, o Tirol, a Valtelina e uma parte da Suissa.

[1] Tem agora este nome, porque, no fim da ponte, do lado da ilha, está uma estatua de Jano, com quatro cabeças.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Rhecia (Rhaetia).....	Baviera, etc.	Os rhecios, eram originariamente toscanos, que, sendo expulsos do seu paiz, pelos gaullezes, foram conduzidos pelo general *Rheto*, ao Paiz dos Grisões, onde se estabeleceram. A Rhecia actual, não comprehende senão a parte occidental da Rhecia-Propria, onde estão os grisões. A Vindelicia, era a Rhecia-Segunda. Vide *Vindelicia*.
Rhéno.............	Rhéno, ou Rhin	Um dos rios mais celebres da Europa, e que antigamente separava as Gallias da Germania. Nasce em dois sitios do monte de Saint-Godart, no Paiz dos Grisões. A fonte do lado do N., chama-se *Alto-Rhin*, ou *Vorder-Rhin* — e a do lado do S., *Baixo-Rhin*, ou *Hinder-Rhin*. Unem-se a pouca distancia das suas nascentes, e então o Rheno corre ao longo da Suissa, que elle separa do Tirol — atravessa o lago de Constança, vae á Bosla e corre entre a Alsacia e Brisgau. Vae depois banhar Neubourg, Brisach, Philipsbourg, Spira, e Manheim (onde recebe o Neekre) Mayença (onde recebe o Mein) e passa depois peio paiz de Treveres. D'ahi, tendo recebido o Moselle (em Coblentz) e o Sige (em Bonna) vae ter a Colonia; e, atravessando o ducado de Cleves, recebe o Ruer (ou Roura) em Duysbourg, e o Lippe, perto do Wesel. No forte de Schenk, em Gueldre, divide se em dois braços — o que fica á esquerda, toma o nome de *Vahal*, e, um pouco abaixo de Nimegue, vae perder-se no Móra. O que fica á direita, vae até Arnhem, onde se separa em dois braços — o da direita, corre com o nome de Novo-Issel, e lança-se no Velho Issel, em Doesbourg, pelo canal que Druzo fez abrir — e o da esquerda, conserva o nome de Rhin, e vae até Doersted, onde outra vez se torna a dividir em dois braços. O da esquerda, toma o nome de Leck, e morre no Merwa, a 12 kilometros de Dordrecht. — O da direita, conserva sempre o nome de Rhin, e torna a dividir-se em dois, nos *Fossos de Utrecht*. O braço da direita, toma o nome de Vecht, e vae morrer no Zuiderzee — e o da esquerda, conservando o nome de Rhin, banha Leyde, e perde-se a pouca distancia, nos areaes de Carwick.
Rhodope...........	Dervent...........	Monte, que principia entre a Servia e a

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Rhodope	Dervent	Macedonia, e estende-se á Roumania, até Andrinopoli. N'elle nasce o rio Hêbro.
Rhodano	Rhodano	Um dos quatro principaes rios da França. Nasce nas montanhas de Valés (Suissa) passa pelo lago de Genébra, e, depois de ter atravessado o estado Leonez (onde recebe o Saone) Viennez, e Valentiner; o condado Venessino, e uma parte da Provença, 70 kilometros abaixo d'Arles, se lança no golfo de Leão, por duas fozes. (Antigamente tinha cinco; mas actualmente estão tres entupidas com areia).
Rhodes	Rhodes	Ilha do Archipelago-Grêgo, situada na costa meridional da Natolia, na Asia-Menor. Tem 230 kilometros de circumferencia. Foi celebre pelo seu colosso, uma das *sete maravilhas do mundo.* Era a estatua do Sol, de bronze, e com 46^{m},30 de altura. Tambem era muito celebrada dos antigos, pela belleza das suas cidades, pela commodidade de seus portos, pela amenidade e salubridade do seu clima, e pelo amor dos seus habitantes, pelas artes. Os cavalleiros de S. João de Jerusalem a tomaram em 1309, e os turcos a retomaram em 1523. Então os cavalleiros christãos, que primeiro se tinham denominado de *S. João de Jerusalem,* e depois *de Rhodes,* se retiraram á ilha de Malta, e desde então se denominaram *cavalleiros de Malta.*
Roma	Roma	Foi a capital do mundo, e o é actualmente do orbe catholico, e do reino de Italia. —Foi edificada por um chefe de bandidos, chamado Romulo, 753 annos antes de Jesus Christo. Está edificada sobre sete montes, nas duas margens do Tibre. No tempo do imperador Augusto, a cidade e arrabaldes, tinham 96 kilometros de circumferencia, e 3.000:000 habitantes. Hoje tem apenas 150:000.
Róstra		Tribuna, collocada na curia, da qual se fallava ao povo. Dava-se-lhe este nome, porque era guarnecida de esporões *(rostrum)* dos navios tomados pelos romanos aos anciates, em uma batalha naval. Estava, a *rostra,* no meio da Praça

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Róstra	....	Romana, onde ordinariamente se recolhiam os ociosos e novelleiros. (Era como o *Chiado*, de Lisboa, ou a *Porta do Sol*, de Madrid).
Rubi	Ruvo	Pequena cidade da Apulia-Peucitia, a 46 kilometros de Canosa. É a terra dos vimes. É na Terra de Bari, reino de Napoles.
Sabina	Sabina	Região da Italia, entre o Lacio, a Umbria, e a Etruria. Conserva ainda o seu antigo nome, e faz parte dos Estados do Papa, entre a Umbria, Abruzzos, Campania de Roma, e Patrimonio de S. Pedro. A sua capital é Magliano. O paiz dos antigos sabinos, além da actual Sabina, occupava uma parte da Abruzza, e a parte do ducado de Spoleto, que está ao S. de Néra.
Salamina	Colcuri.............	Era a capital da ilha Salamina (hoje Colouri) no golpho Saronico, ou de Engia, perto das costas da Achaia (hoje Livadia).
	Porto Constanzo.....	Teucro, filho de Telamon, rei d'esta ilha, indo a Chypre, onde Bello lhe permittiu estabelecer-se, edificou ahi outra Salamina, que foi a capital de um reino em que a sua posteridade reinou muitos seculos.
Salento.............	Salento.............	Cidade dos picentinos meridionaes. Estava edificada sobre uma montanha, a que hoje se dá o nome de *Monte-Buono*, onde se vêem ainda muitas ruinas dos seus antigos e vastos edificios. A cidade que actualmente tem o nome de *Salento*, fica a alguma distancia da antiga. É séde de um bispado do reino de Napoles, no Principado Citerior, ou Meridional, de que ella é tambem capital.
Samnites	....	Povos de Samnio, visinhos dos marsos. Estanceavam entre a Campania, os pelignes, os ferentinos, e a Apulia. Occupavam o territorio a que hoje se chama Condado de Molisa, com uma parte dos Abruzzos, do Principado, e da Terra de Labor. (Reino de Napoles). Eram muito bellicosos; mas os seus visinhos os alcunhavam de feiticeiros. Procediam dos sabinos, e d'elles procederam os ferentanos, os campanezes, os lucanos, e os hirpinos.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Samos	Samo	Ilha do Archipelago Grêgo, perto da costa da antiga Ionia, que é hoje uma parte da Natolia. Fica acima de Scio e em frente de Epheso. Tem 160 kilometros de circumferencia. Houve aqui um templo famoso, dedicado á deusa Juno.
Sardenha, Sardinia, e Sardo	Sardenha	Grande ilha do Mediterraneo, entre o mar da Toscana e as ilhas Baleares (Maiorca, Minorca, e Iviça). Era um dos celleiros de Roma. Tem 11 portos. No tempo dos romanos, chegou a ter 42 cidades — hoje apenas tem 8. A sua capital é *Cagliari*, sobre a costa oriental. É dos duques de Saboya, depois reis do Piemonte, e hoje reis de Italia.
Sardes	Sardo	Cidade, capital da Lydia, sobre o rio Pactolo, e perto do monte Tmolo. D'ella só restam paredes desmanteladas, e uma aldeia, edificada com materiaes das suas ruinas, no sitio onde existiu, e que, com pouca corrupção, conserva o seu nome.
Sarmania	Russia	Havia, Sarmania Européa e Sarmania Asiatica, como hoje ha Russia da Europa e Russia da Asia. Seus habitantes eram os sarmatas.
Saturnia	Stiorgna	Uma das mais antigas cidades da Toscana, no cantão dos rutelanos, ao E. da Albegna. Está em ruinas.
Saxones	Alta e Baixa Saxonia	
Scamandro ou Xanto	Scamandro	Pequeno rio da Troada (Grecia) que nasce no monte Ida (hoje Kansdeck) e se lança no Archipelago, em frente de Ténedos. É o mesmo que o Xanto de Troada, pois tambem se lhe dava este nome.
Scandinavia	Noruéga	
Scio	Scio	Ilha do Archipelago, ao O. da Natolia, entre Metelim e Samos. Tem 240 kilometros de circumferencia. Produz optimos vinhos.
Scritofini	Laponia, e Bohemia-Oriental	
Scylla	Sciglio	Corrente, sobre as costas da Calabria-Meridional, em frente de Charybde. Arroja os navios contra o cabo Sciglio, onde se despedaçam.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Scythas	Tártaros	Povos que estanceavam desde as margens do Danubio até ao paiz dos seres, na extremidade da Asia Oriental. Os scythas asiaticos, sob differentes nomes, a Tartaria-Deserta e uma parte da Grande-Tartaria. Os scythas-europeus, chamados tambem *dacos*, e *gétas*, occupavam todos os paizes que estão entre o Baixo-Danubio, a Lithuania, Moscovia (em parte) e as costas do Mar-Negro.
	Moscowitas (russos)	Os scythas não tinham nem cidades nem aldeias, mas sim cabanas. Transportavam-se com suas familias em carros, nas suas frequentes migrações. Alguns escriptores confundem os scythas com os sarmatas (russos) e até com os germanos (allemães).
Sequania	....	Vide *Edia*.
Séres	Tártaros, Chinezes, e Ethiopes	Os antigos séres occupavam uma parte da Grande-Tartaria-Oriental, e o a que nós hoje chamamos China-Septentrional. Havia tambem séres, no Catay de hoje. Estes eram famosos pelos seus artefactos de seda, que era finissima e de côres bellas e indeleveis. Na Ethiopia tambem havia uma colonia d'estes séres.
Sicambros	....	Occupavam originariamente as margens do Sige, na extremidade da Westphalia-Meridional. D'ali se foram espalhando, pouco a pouco, para o Rheno, Roura, Lippe, e Veser. D'alli lhes veiu o nome de *Sigambri* (em teutonico — *viajante)* que os romanos mudaram em *sicambri*. No anno 746 de Roma (7 annos antes de Jesus Christo) Tiberio os transportou ás Gallias, entre o Rheno e o Mosa, paiz que hoje faz parte do bispado de Panderborn, no condado de Marck, e dos ducados de Berg, Gueldres, e Cléves. Clovis 1.º (Clodoveu, ou Chlodowing) era sicambro e idolatra, como os outros sicambros. Invadiu as Gallias em 490 de Jesus Christo, e se fez acclamar seu rei. Casou com a princeza Clotilde (filha de Chilperico, rei dos borgonhões) que era catholica, e concorreu para a conversão de seu marido, que se fez christão.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Sicambros	....	Este rei estendeu a sua denominação até ao Sena (493) — isto é — a todo o paiz comprehendido entre a Somma, o Aisna e o Sena.
Sicania, ou Tricania	Sicilia	Ilha de Italia, que pertence ao reino de Napoles.
Sicanos	Sicilianos	Eram povos naturaes da Sicilia, descendentes dos lestrigões, por Sicano. Não se distinguiam dos siculos, senão pelo nome e pelo paiz. Occupavam as costas S. e O. da Sicilia, em redor do cabo Lilybéu, hoje, *Cabo Cozo*, ou *Bozo*.
Sicilia, ou Trinacria	Sicilia	A ilha mais consideravel do Mediterraneo, entre a Africa e a Italia, separando-se d'esta, apenas por um pequeno estreito, hoje chamado *Pharo de Messina*. É de fórma triangular, e por isso, foi chamada *Trinacria*. Suas tres pontas ou cabos, são — *cabo de Peloro*, e *de Pharo* (para o lado da Italia) — e *Pachyno* (ou *de Passaro)* do lado da Moréa — e *Lilybéu*, ou *Cozo*, ao O. As suas principaes cidades, são — Catania, Palermo, e Messina. Pertenceu aos reis de Napoles, desde 1736, até que Victor Manuel, duque de Saboya, e rei do Piemonte e Sardenha, uniu em um só todos os reinos e estados da Peninsula-Italica. É n'esta ilha o monte *Etna*, onde está o maior volcão da Europa.
Sidonia	Porto Sayd, ou Seyde. na Turquia-Asiatica.	Cidade e porto célebre da Phenicia. Os sidonios e os tyrios, eram habeis marinheiros e intelligentissimos commerciantes. Os phenicios estenderam as suas viagens maritimas até áquem das *Columnas d'Hercules* (estreito de Gibraltar) estabelecendo-se no litoral da Peninsula-Iberica (anno 3050 do mundo — 954 antes de Jesus Christo) sendo a Andaluzia o primeiro ponto em que se estabeleceram, fundando ahi (em Cadiz) uma importante feitoria fortificada, a qual prosperou tanto, que d'ahi a pouco tempo já tinham esquadras proprias, com que invadirem o resto das costas hispanicas. Nabucodonosor, rei de Babylonia, conquistou a Phenicia, no anno 622 antes de Jesus Christo, e querendo dominar tambem os phenicios das Hespa-

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Sidonia	Porto Sayd, ou Seyde, na Turquia-Asiatica.	nhas, invadiu estas pela Catalunha; nas os seus habitantes, juntos com os phenicios, o obrigaram a retirar para o Oriente. Tambem foram os phenicios que fundaram Carthago, na Africa, e Cartagena na Andaluzia. Esta cidade pertence hoje á Turquia.
Simois	Simoente	Pequeno rio da Troada. Nasce no monte Ida e junta-se com o Xanto, perto do mar, onde ambos formam uma lagôa. Pertence ao imperio da Porta, e os turcos lhe chamam *Chisima.*
Sithonios		Povos que estanciavam sobre as costas da Macedonia, entre os golphos Singuitico e Thermaico. Outros sithonios habitavam a parte septentrional da Thracia, sobre as praias do Ponto Euxino, entre o monte Hemo e o Danubio.
Smyrna	Smyrna	Cidade da antiga Ionia, ao fundo do grande golpho do Archipelago-Grego, sobre o ribeiro de Meles. Durante o imperio romano, era a mais bella cidade da Asia-Menor. É hoje uma cidade archiepiscopal mui florescente pelo seu commercio, e a capital da provincia de Sarcan, na Natolia.
Solitudines	Zaarah, ou Deserto	Vastos e aridos areaes da Africa, onde estão as celebres *Pyramides do Egypto.* As viagens por este deserto são perigosissimas, não só por causa dos árabes que roubam e captivam ou assassinam os transeuntes, como por causa das *tempestades d'areia,* que muitas vezes sepultam os viajantes. Vide *Syrtes.*
Soracte	Monte Tresto, ou Monte di San Silvestro	Monte da Toscana, no paiz dos antigos faliscos, entre o rio Tibre e a estrada Flaminia, a 40 kilometros de Roma. Este monte era consagrado a Apollo. S. Silvestre, papa, aqui esteve escondido, durante a perseguição do sanguinario Diocleciano, entre 314 e 326. Por esta razão, tambem se chama hoje monte *de S. Silvestre.*
Sorrentum	Sorrento	Cidade archiepiscopal da Terra de Labor, no golpho de Napoles, confins do Principado Citerior. Está situada sobre a ponta que se lança para o mar, em frente da ilha de Capri.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Suiones	Suecia-Propria	
Subura	....	Era um bairro de Roma, entre os montes Esquilino, Viminal, e Quirinal. N'elle habitavam as mulheres publicas, de Roma.
Suriana	Kurdistan	Asia.
Sybaris	Torre-Brodogneto?...	Cidade da antiga Lucania, sobre o golpho de Tarento. Crê-se ser a actual villa da Calabria, chamada Torre Brodogneto. Os habitantes d'esta cidade *(sybaritas)* tornaram-se celebres pela sua ociosidade, e pelo seu amor a todas as commodidades e deleites.
Sybaritas...........	....	Vide a palavra antecedente.
Symeni, ou Iceni.....	Suffolk, e Norfolk....	
Syria	Suria, ou Suristan ...	É uma região da Asia, que se dividia em *Syria-Geral*, e *Syria-Propria*. A Syria-Propria era entre a Cilicia e a Armenia, ao N. — a Mosopotamia e a Arabia-Deserta, ao E. — a Palestina, ao S. — e o mar Mediterraneo, ao O. A Syria-Geral, dividia-se em cinco provincias — Palestina, Phenicia, Antiochia, Comagena, e Celesyria. As tres primeiras, eram ao longo do Mediterraneo — a 4.ª, ao longo do rio Aman, e a 5.ª, que se estendia desde a torrente de Jacob até ao Euphrates, comprehendia a Syria de Damasco. Hoje é a Suria, ou Soristan, que se estende ao longo do Mediterraneo, entre a Caramania, Armenia, Diarbeck, e Arabia. Comprehende a Sura-Propria, a Phenicia e a Palestina, e divide-se em tres governos geraes, com o nome das suas respectivas capitaes, que são — Alepo, Tripoli e Damasco. A sua antiga capital (de toda a Syria) era Antiochia. Pertence actualmente ao imperador dos turcos (Porta-Ottomana — ou Sublime Porta).
Syrtes..............	Seiches (Barberia) ...	As Syrtes propriamente ditas, são dois bancos de areia, muito perigosos, no mar da Lybia: são como dois golphos, que rodeiam o reino de Tripoli. A Grande-Syrte (hoje golpho de la Sidre) rodeava a Cyrenaica, pelo O. — A Pequena Syrte, era perto de Carthago.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Syrtes	Seiches (Barberia)	Tambem se dava o nome de Syrtes, aos vastos e áridos areaes da Lybia (hoje Arabia). Tambem varios escriptores, principalmente os poetas, tomaram a palavra Syrte como synonimo de deserto de areia. N'estas syrtes morreram á fome, á sêde, asfixiados pelo calor, ou sepultados sob *chuva de areia* ardente, muitos milhares de christãos, durante as guerras das crusadas. É n'estas horridas e tristes solidões, que se forma o formoso e enganador phenomeno meteorologico a que os modernos deram o nome de *miragem*. A vista de uma cidade, de um rio, de uma caravana, de um bosque, etc. projecta-se a distancias incriveis, com tal perfeição, que parece a realidade; mas debalde o viajante, faminto e sequioso, estuga o passo, para chegar mais brevemente a estes logares! A mais triste, a mais atroz desillusão o espera; e em vez d'essas bellezas que a luz atmospherica perfidamente formára, só encontra areia, solidão, sêde, e muitas vezes a morte com todos os seus horrores! A misericordia Divina collocou porém, de longe a longe, n'estas solidões, não só as gigantescas palmeiras, cujo fructo providencial refresca e sustenta os homens, mas, e o que é mais admiravel, formosissimos *oasís*, assombrados de frondosas arvores, regados de frescas aguas e tapetados de mimosas plantas, hervas e flores; onde o viajante, que teve a ventura de o encontrar, sacia a fome e a sêde, e recupéra as forças, e quasi a vida. Alguns d'estes *oasís* são desertos, e apenas de poucos metros de extensão; mas outros são mais vastos e povoados de aldeias, de árabes hospitaleiros, e até outros ha, que teem muitos kilometros de circumferencia, e onde estão edificadas bonitas cidades.
Tanais	Don	Rio da antiga Sarmacia (hoje Grande-Russia) o qual vem de Rosan, e, depois de um curso de mais de 1:800 kilometros, morre no lago Meotis (hoje mar de Zabache) abaixo do mar de Azofe (ou Azoph). N'este sitio, separa a Europa da Asia. Os *cossacos* do *Don*, formam regimentos de cavallaria irregular russiana. São barbaros e indisciplinados, mas bravos

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Tanais	Don	e audazes. Foram elles que em 1812 destruiram grande parte das hordas fugitivas de Buonaparte. [1]
Tarento	Otranto	Cidade da Italia (na *Yapigia-Messapiana* dos antigos). Está á embocadura do pequeno rio Táras, ao fundo de um golpho, do paiz dos antigos salentinos. Era consagrado a Neptúno, ou porque foi fundada por seu filho, Táras, ou porque Phalanto (lacedemonio, que veio aqui estabelecer-se) n'ella construiu um templo, dedicado a esta divindade mythologica. Foi Tarento, a capital de uma republica que fez crua guerra aos romanos. É no actual reino de Napoles.
Tarpéia (rocha)......	....	A *rocha-Tarpéia* (ou *monte Tarpeio)* era um sitio do monte Capitolino, de Roma, da summidade da qual se precipitavam muitas vezes os criminosos. Tomou este nome de uma vestal, chamada Tarpeia, a qual, por ter entregado a cidadella romana aos sabinos, alli foi morta e enterrada.
Tarraconense........	Navarra, e Catalunha	Foram os romanos que assim a denominaram, de Tarragôna, sua capital, a que elles chamavam *Tarracona*, segundo o seu systema de alatinisarem os nomes proprios *dos barbaros*, como elles designavam os povos que não eram romanos ou grêgos.

[1] Napoleão entrou na Russia com um formidavel exercito, de 600:000 homens aguerridos e victoriosos. A Russia não se oppoz a esta invasão; mas retirou ou incendiou todos os seus viveres, e a fome, o frio, e os cossacos, deram cabo do exercito francez, sem perda de um só russo. Napoleão, vendo tudo perdido, foge cobardemente para França, deixando os restos do seu exercito exposto á vingança dos moscovitas, * de modo que apenas 40:000 homens, rotos, descalços, esfaimados e doentes, regressaram ao seu paiz. Napoleão e os seus, tiveram a desaforada basofia de chamar a isto — *a campanha da Russia!*

A divisão portugueza, que Junot nos tinha roubado em 1807, e que foi então á Russia (na força de 5:000 homens), foi a que mais resistiu, com mais valor se portou e menos soffreu, n'esta desgraçada invasão, e bem merecida e monumental derrota: o que foi confessado pelo proprio Buonaparte e por seus generaes.

Foi o maior imperio e um dos mais pequenos reinos da Europa (Portugal) que anniquillaram para sempre o poder do corso, e lhe fizeram murchar todos os seus louros. Podemos ter esse orgulho.

* O sanguinario Buonaparte, quando via compromettido o seu exercito nas invasões e devastações a que o incitava a sua malvadez — abandonava-o aos inimigos, e á justa vingança dos povos que tinha roubado e devastado.

O que fez na Russia, havia já feito em S. João d'Acre (Syria) abandonando os seus soldados ao furor dos turcos, e, principalmente dos janizaros, e dos beduinos. Aqui teve até a infame barbaridade de mandar assassinar os seus doentes e feridos!

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Téano (Teanum-Sidicium)............	Téano..............	Era, depois de Cápua, a maior e a mais bella cidade da Campania. Os seus fundadores e primeiros habitantes, foram os sidicinos. É hoje uma pequena cidade episcopal, na Terra de Labor (Napoles) entre Cassino e Cápua.
Téano (Teanum-Appulum)............	Civitate	Cidade da Apulia-Daunia, sobre o rio Trento. Só restam as suas ruinas.
Tempé	....	Região da Thessalía, que se estendia ao longo do rio Penêu (hoje Selâmpria) entre os montes Olimpo e Ossa, na parte oriental da antiga Pelasgiotida, e para o golpho Thermaico (hoje golpho de Salonica, ou Tsalonica).
Thébas	Tiva (pequena villa)..	Cidade, capital da Beocia, sobre as margens do rio Isméno. Foi fundada por Cadmo, filho de Agenor, rei da Phenicia. É a patria de Baccho, Alcides (Hercules) e Pindaro. Tambem lhe davam o nome de *Eptapyles* (por ter sete portas, e para a distinguir de *Thebas Hecalempyles* — ou de *cem portas* — que era no Egypto, e que deu o seu nome á famosa *Thebaida*).
Thébas	....	Antiga capital do Egypto, e uma das mais famosas cidades da Africa, pela sua grandeza, magnificencia e inexpugnabilidade. Hoje apenas restam alguns vestigios das suas ruinas. Vide a palavra antecedente.
Thessalia...........	Janna, ou Jannina ...	Era uma região da antiga Grecia, que fazia parte da Macedonia, e cuja capital era Larissa. Estava entre a Achaia, ao S. — o Epiro, ao O. — a Macedonia-Propria, ao N. — e o mar Egêu, ao E. É hoje uma cidade da Turquia Européa.
Thracia	Turquia da Europa...	Era a parte da Europa, limitada ao S., pelo mar Egêu — ao E., pelo Hellesponto, Propontis e Ponto-Euxino — ao N., pela Bulgaria — e ao O., pela Macedonia. A sua capital era Bisancio. Em razão do seu clima, dizia-se que era a patria dos ventos. Os thracios eram oriundos da Scythia. A antiga Thracia, é hoje a Roumania de Thracia, ou aquella parte da Turquia-Européa, que está entre o Mar-

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Thracia....	Turquia da Europa..	Negro, o Mar-da-Mármora e a Bulgaria. As suas principaes cidades, são Constantinopla (a antiga Bisancio, e a que hoje os turcos chamam *Stamboul)* capital do imperio dos turcos—e Adrinopolis.
Tibre (antigo Álbula).	Tibre..............	Este rio chamava-se antigamente *Álbula*. É de pequeno curso, e a sua largura, na cidade de Roma, não excede a 200 metros. Já se vê que a sua celebridade deve-a unicamente á circumstancia de banhar a capital do orbe catholico e da Peninsula-Italica. Diz se que o seu nome provém de ter-se aqui afogado um rei *Tiberino.* Nasce no Appenino, na Toscana, e desemboca no Mediterraneo, entre *Óstia* e o *Porto*, 24 kilometros abaixo de Roma. Separa a Campania de Roma, do Patrimonio de S.Pedro.
Tibur.............	Tivoli.............	É uma das mais antigas cidades do Lácio. Foi fundada por *Tiburno*, que lhe deu o seu nome, no anno do mundo 2491 (1513 antes de Jesus Christo). Está assente nas margens do antigo *Anio*, hoje *Teverone*. Foi habitada pelos siculos, que foram expulsos d'ella pelos pelasgos. É hoje uma cidade episcopal, nos Estados Ecclesiasticos, a 44 kilometros de Roma.
Tigre	Tigre	Um dos maiores rios da Asia. Nasce na Grande-Armenia, perto do monte Palli (180 kilometros ao S. do nascimento do Euphrates). Separa a Mesopotamia da Assyria (a antiga Babylonia) — isto é — o actual *Diarbekir* do actual *Kurdistan:* corre no Ierac, mistura parte das suas aguas com o Euphrates, em Selencio, e divide o resto em muitos canaes, que depois se tornam a juntar. Perto de Gorno, junta-se ao Euphrates, perdendo ahi, ambos, os seus nomes, para correrem por espaço de 90 kilometros com o nome de *Rio dos Árabes*. Morre no golpho Persico, dividido por duas *bôccas*, estando entre ellas a ilha de Chader. As principaes cidades banhadas pelo Tigre, são — Caramith (ou Diarbekir) e Bagdad.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Tigurini............	Schauffacen, Zurich, etc..................	
Toscana............	Toscana............	E' a antiga *Etrúria*. Grande provincia (grão-ducado) da Italia, separada da Umbria e do Lacio, pelo Tibre. A antiga Toscana (ou Tuscana) era entre a Romania, Bolonha, Módena e parte do Parmesan, d'hoje, ao N.—os Estados Pontificios a E.—Génova e Luca, ao O.—e o Mediterraneo, ao Sul. A parte menor é no patrimonio de S. Pedro e territorio de Perugia: a maior, forma o grão-ducado da Toscana, que foi dos imperadores da Allemanha. Não é preciso dizer aos meus leitores, que os reinos de Napoles, Sicilia, Piemonte e Sardenha, os Estados Pontificios. os grão ducados, ducados, marquezados, etc., etc., d'esta parte da Europa, assim como os Estados - Venezianos, formam actualmente o reino d'Italia. (A' excepção de Niza e grande parto da Saboia, que Victor Manuel deu á França, em paga de Napoleão (que se denominou III) ajudar os piemontezes a conquistar o resto de Italia.
Toxandri...........	Anvers............	Paizes-Baixos.
Tróia, Teucria, ou I'lion.............	....	Foi a capital da Pequena Phrygia, a 6 kilometros do Archipelago Grego, e do promontorio de Sigéu—na Grecia antiga. Era uma cidade famosa, e o que lhe deu maior nomeada, foi o cêrco a que resistiu por espaço de dez annos. Eis, em poucas palavras, a sua historia. Dardano, filho de Electra (filha d'Atlas) e que a mãe dizia havél o tido de Jupiter, foi ás praias do Hellesponto (Asia) edificar uma cidade a que deu o nome de *Dardania*. Casou com a filha de Teucer (ou Teucro) rei da parte da Phrygia que olha para o Bosphoró da Thracia. Isto pelos annos 700 antes da fundação de Roma (1453 antes de J. C.) e pouco depois, elle e seu sogro fundaram outra cidade a que deram o nome de *Teucria*. Erichton, filho de Dardano, succedeu a seu pae, e áquelle succedeu *Trós*, que

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Tróia, Teucria, ou I'lion............	....	deu ao paiz o nome de *Troada*, e a Teucria o nome de *Troia*. Ilo, filho de Tros, a reedificou e ampliou, dando-lhe o nome de *Ilion*. [1] Laomedonte, filho d'Ilo, mandou construir em Ilion, uma cidadella e tres torres, obra fortissima, e ao que deu o nome de *Pergamo*. (D'aqui procede o darem os poetas differentes nomes a esta cidade.) Priamo succedeu a Laomedonte, e fez de Ilion, a mais poderosa cidade da Asia. Helena, mulher de Meneláu, rei de Sparta, era a maior formosura contemporanea, de toda a Grecia. Paris, filho de Priamo, viu-a, namorou-se d'ella e roubou-a. Meneláu pediu soccorro aos outros réis e principes da Grecia, que todos se colligaram contra Troia, hindo-a atacar com uma armada de mil navios. Heitor, filho de Priamo, era um joven valorosissimo, e ajudado pelos troianos e por alguns principes da Asia, que vieram em seu soccorro, pôde resistir por dés annos, ás forças combinadas dos gregos; até que, finalmente cahiu em poder d'estes: segundo Vergilio, por meio de um estratagema de guerra, do modo seguinte: Construiram os sitiantes um monstruoso cavallo de madeira, que encheram de soldados, e simularam uma retirada. Os troianos cahiram no laço, e arrombando uma das portas da cidade, n'ella introduziram o cavallo. Os gregos, achando os cercados desprevenidos sahiram inesperadamente do cavallo, espalhando o terror pela cidade, que ao mesmo tempo foi invadida pelo resto dos sitiantes, e tomada. Esta historia do cavallo, não passa de uma ficção poetica. A opinião mais commum, é que a cidade foi entregue pela traição de Enéas e Antenor. Troia, depois de saqueada, foi reduzida a cinzas. Teve isto lugar no anno 2820 do mundo, 431 antes da fundação de Roma, e 1184 antes de Jesus Christo. Antes d'este cêrco memoravel, já Troia tinha soffrido dois cêrcos, um feito pelas amazonas, outro por Hercules.

[1] Por isso, Virgilio denominou *Iliáda*, ao seu eterno poema em que descreve a guerra de Troia.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Tróia, Teucria, ou I'lion...............	....	Da *Troia portugueza*, fundada pelos gregos, fugidos de Troia, fallarei no logar competente do diccionario.
Tuscana.............	....	Vide Toscana.
Tusculo............	Frascati..............	Cidade latina, a 24 kilometros de Roma, fundada sobre a encosta de uma collina. Foi fundada por *Telégono*, filho de Ulysses e de Circe. Foi destruida pelo imperador Henrique. Dos seus materiaes se edificou a cidade de Frascati, a 6 kilometros da antiga Tusculo, na Campania de Roma. Frascati é um dos seis bispados assignados aos seis mais antigos cardeaes da curia romana.
Tyro................	Sour...............	Cidade e Porto célebre da Phenicia, famosa pela belleza da sua púrpura e pelo seu vasto commercio. Foi depois, uma cidade archiepiscopal, assás consideravel; mas hoje não é mais que uma villa da Turquia Asiatica, na Suria, entre Sidonia e Ptolemaida. Está reduzida a um castello com umas 20 casas em redor.
Umbria.............	Urbino, Romania, e Spolêto.............	Região da Italia, que fazia parte da antiga Tyrrenia. Era limitada ao N., pelo mar Adriatico—ao E., pelo Piceno—ao S., pela Sabina e Etruria—e ao O., pelo Etruria e o Tibre. É hoje o ducado de Urbino, a România e o ducado de Spoleto, de que é capital a cidade d'este nome (Spoleto.)
Útica..............	Porto Farino (villa)..	Cidade da Africa. Foi edificada pelos phenicios, 148 annos depois da destruição de Troia (1036 antes de J. C.) Depois da destruição de Carthago, veiu a ser a capital da Africa romana, e foi bastante commercial. E' celebre por n'ella ter vivido e morrido o segundo Catão, por isso chamado *uticense*. De parte dos seus materiaes, se edificou a actual cidade de Bisorto, no reino de Tunes, sobre um pequeno golfo, em frente da Sardenha, e na costa da Barbaria.
Valeria, ou Vária....	....	Antiga cidade, no paiz dos equos, sobre o Teverone, na extremidade da Sabina. O seu primeiro nome foi *Valéria*, por

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Valeria, ou Vária....	....	ter sido edificada ao pé da estrada de Valério. D'ella apenas existem restos de ruinas.
Vaticano..............	Vaticano...........	Era um monte de Roma, que comprehendia o Janiculo e todas as collinas, desde a ponte Mulvia, até á margem do Tibre que estava em frente do monte Aventino. O rio o separava do theatro de Pompeu. N'este monte está o sumptuosissimo palacio dos Summos Pontifices (por isso chamado do Vaticano) e o magestosissimo templo de São Pedro, o mais rico e esplendido dos templos christãos. Em um e outro edificio se admiram obras dos mais eximios pintores e esculptores.
Vecturiones........	Edimburgo..........	Escócia.
Veios..............	Isola? — Scrosano? —	Antiga cidade de Etruria, edificada por Comero, e destruida no anno 358 de Roma, por Camillo, depois de um sitio de dez annos. Segundo os mais exactos geographos, era no logar da actual cidade de *Isola*, no territorio de S. Pedro, a 18 kilometros de Roma. Segundo outros, era no logar da actual cidade de *Scrosano*; mas a primeira opinião, é mais justamente seguida. Seu territorio, que só era separado dos sabinos e dos latinos, pelo Tibre, é hoje a *Ilha Franceza*, que é a parte mais oriental dos Estados Pontificios.
Velabro............	San-Georgio in Velabro...............	Era um bairro na raiz do monte Aventino, que se inundava logo que o Tibre trasbordava, sendo então preciso andar em barcos, por elle. Isto lhe fez dar o nome de *Velabrum*, diminutivo de *Vehiculabrum*. Era contiguo ao bairro dos toscanos; e na sua maxima parte povoado de mercadores de essencias e oleos odoriferos. Separava-o em duas partes a praça, ou feira, chamada *Marcella*. Tarquinio, 5.º rei de Roma, para obviar ás inundações, lhe mandou construir sólidos aqueductos subterraneos, por onde a agua do rio se escoava.
Velia..............	Pisciotta...........	Era uma cidade da Lucania, no golfo Eleate, sobre o rio Haleso (hoje Alunté) em frente das ilhas Oenôtridas. Crê-se que foi edificada pelos phocéos. Tem aguas mineraes frias.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Velia..............	Pisciotta............	As ilhas Oenótridas, são duas, hoje chamadas Pontia e Isacia.
Venafro............	Venafro............	Cidade e colonia romana, na Campania, perto de Vulturno. O seu territorio se estendia até ás fronteiras do Lacio e de Samnio. Produz as melhores azeitonas de toda a Italia. É hoje na Terra de Labor, no reino de Napoles.
Venosa............	Venosa............	Cidade da Italia-Meridional, no paiz dos samnites, sobre os confins da Apulia-Peucetica e da Lucania. Hoje é na Basilicata, perto do Apenino, no reino de Napoles.
Via-Sacra..........	Via-Sacra..........	Era a rua mais frequentada de Roma. Principiava no amphitheatro, descia á Praça Romana, e d'ahi subia ao Capitolio.
Vindelicia..........	Suabia, e Baviera....	Era a parte septentrional da Rhecia, e se chamava tambem *Rhecia Segunda*. Estendia-se entre o Danubio e o Inn, o lago de Briançon (no Delphinado) e a Rhecia-Propria. Fazia parte do paiz occupado pelos gaulezes-tauriscos. Uma das suas principaes cidades era Ausbourg (a Augusta-Vindelicorum dos romanos). Tendo os vindelicos ousado apresentar batalha a Druzo, este os desbaratou, pelo que foi honrado com a pretura.
Xanto..............	Sirbi..............	Houve dois rios d'este nome. Um na Troada, que tambem se chamava Scamandro: outro em Lyscia, que descia do monte Cadmo e desembocava no mar da Pamphilia, e é hoje o Sirbi.

Aos leitores

Quando principiei este artigo, não tencionava dar-lhe tamanho desenvolvimento; porém, o desejo que tenho de dar o maior numero de esclarecimentos possiveis, me levou a estendel-o mais do que suppunha.

Estou persuadido de que não é materia inutil para os menos instruidos em geographia antiga, e que os sabios não darão por mal empregados os 100 réis que elle lhe custa.

Em todo o caso, peço perdão aos meus leitores d'esta divagação, que, se fôr por alguns julgada impropria da indole d'esta obra, não será pela maior parte reputada ociosa, visto que por ella ficam habilitados a comprehender facilmente muitos logares das historias Sagrada, grega, romana e portugueza.

NÓRMÃOS, NÓRMANOS, NÓRMÕES, ou **NÓRMANDOS** — povos do interior da Allemanha septentrional, que feitos piratas, no seculo VI, invadiram as costas maritimas de diversas provincias da Europa. Entraram no nosso litoral, no reinado de D. Ordonho I, e de seus successores, sempre com pouca fortuna, pois foram repelidos, ás vezes com grandes perdas, e obrigados a largarem as riquezas, fructo de suas rapinas.

No tempo de D. Ramiro III, porém, o chefe (alguns dizem rei) normando Gundarêdo, com uma esquadra de cem navios, invadiu as costas da actual provincia do Minho e as da Galliza, fazendo-se senhor de todo este territorio, no anno 967 de J.-C., e alli permaneceu tres annos até que, em 970, sendo derrotados, pelo conde D. Gonçalo Sanches, em uma sanguinolenta batalha, fugiram muito poucos, nos poucos navios que poderam escapar, pois que os portuguezes lhe queimaram quasi todos, e Gunderêdo morreu na batalha.

D'ahi por diante, vinham em menos força, roubando por surpreza, as povoações da beira-mar; até que, em 1016, tornaram em grande força a invadir o litoral da provincia do Minho, chegando até ao castello de Vermoim, sendo derrotados pelo seu conde, D. Alvito Nunes.

Parece que alguns por cá foram ficando, e fundaram ou reedificaram algumas povoações, quasi todas perto do mar ou de rios; pois vemos que ainda hoje algumas povoações portuguezas conservam os nomes, que eram os proprios de chefes nórmandos. Taes são — *Gondarem* (corrupção de Gunderêdo), freguezia sobre a esquerda do rio Minho, do concelho e 3 kilometros ao O. de Villa-Nova-da-Cerveira — outro *Gondarem*, na freguezia da Raiva, concelho de Paiva, sobre a esquerda do Douro — e outras muitas povoações. Vide *Guimarães, Gondarem, Numão, Gondezende*, etc.

—

Normandos, é corrupção de *north-mans* (povos do norte, ou homens do norte).

Elles invadiram tambem a Neustria (França), em 841, e alli fundaram um reino, ao qual deram o nome de *Normandia*.

NORONHA—Vide *Loronha*, a pag. 440, col. 1.ª, do 4.º volume.

NÔSCO—portuguez antigo—o mesmo que comnôsco: do latino *nobiscum*.

NOSSA SENHORA-A-BELLA—Vide *Bella*, a pag. 368, col. 2.ª, do 1.º volume.

NOSSA SENHORA DA ABBADIA — (de Bouro.) — Já a pag. 430, col. 2.ª, do 1.º volume, descrevi rapidamente este famoso Sanctuario. Aqui direi o que depois extrahi do *Sanctuario Marianno*. (Vol. 4.º, pag. 33.)

—

Parece que o convento de Santa Maria de Bouro, ou Nossa Senhora da Abbadia, foi originariamente de eremitas descalços de Santo Agostinho; e, em todo o caso, havia aqui um mosteiro antiquissimo de eremitas, qualquer que fosse a sua ordem.

Em 726, os mouros o saquearam e reduziram a cinzas, assassinando todos os frades.

Ficou este sitio completamente deserto e abandonado, até que passados tempos, aqui se refugiaram os arcebispos de Braga, durante a perseguição agarena.

Em 883, estava o terreno que fôra mosteiro (e, e provavelmente algum edificio construido para abrigar os arcebispos) unido á Sé de Braga, sob o titulo de *Convento das Montanhas*. Frei Antonio Brandão, na sua *Monarch. Lus.*, parte 3.ª, lib. 11, cap. 12, diz que no cartorio archiepiscopal de Braga, no tombo chamado «Ecclesiastico» que contem as egrejas e beneficios d'aquella Sé, se lê o seguinte—*Á Sancta Maria de Burio Monasterio Cluniacence, in montanis, ab anno usque octocentesimo, octagesimo tertio, solvitur Ecclesia Bracharensis*—isto é—do mosteiro de Santa Maria de Bouro, da ordem cluniancense, que está nas montanhas, desde o anno de 883, se paga tudo á egreja de Braga.

—

Segundo o doutor frei Bernardo de Brito (*Chron. de Santo Agostinho*, pag. 2.ª, liv. 4.º, tit. 2), a lenda de Nossa Senhora da Abbadia, é como se segue:

No tempo do conde D. Henrique, havia um santo eremita, descendente da nobre familia dos Coelhos (que era a do grande Egas Moniz) e por nome, Pelagio, ou Pelaio Amato.

Pelagio tinha sido casado com D. Muma,

da qual houvera um filho e uma filha. Morrendo-lhe a esposa, que adorava, e pouco depois a filha, tomou tal desgosto, que, abandonando as pompas e faustos da côrte, se foi viver em um deserto, entre umas brenhas, votando o resto dos seus dias á penitencia e oração; deixando o filho entregue ao conde D. Henrique, que muito estimava Pelagio.

Estava n'esse tempo a côrte em Braga, e sabendo Pelagio, que perto d'esta cidade, havia, entre asperissimas rochas, uma pequena ermida, dedicada ao archanjo S. Miguel, onde fazia vida penitente um virtuoso eremita, chamado frei Lourenço, se foi ter com elle, e lhe pediu que o acceitasse por discipulo e companheiro, e lhe ensinasse o caminho do Céo.

Frei Lourenço, vendo um fidalgo novo, ricamente vestido, lhe observou que talvez o seu proposito fosse passageiro, e que provavelmente em breve lhe viria o arrependimento; mas vendo a firme deliberação do fidalgo, o fez despir os fatos bordados e envergar a grosseira tunica de eremita.

Tomava Pelagio as privações e penitencias da sua nova vida com tanta resignação, obediencia e piedade, que até ao velho asceta causava admiração.

Vivia cada um em sua cella, que era uma triste cabana, construida de pedra sêcca, e coberta de ramos e hervas.

Em uma noite viu Pelagio uma grande claridade, em um pequeno valle que ficava ao sopé do monte onde tinham as suas habitações. Deu parte d'isto ao companheiro, e hindo no dia seguinte ver o que era, acharam, entre os penedos, uma bellissima imagem da Santissima Virgem.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que esta imagem fôra alli escondida no principio do 8.º seculo (pela invasão dos serracenos), pelos religiosos de uma *abbadia* (mosteiro) que n'este logar tinha existido, e que foi arrasado pelos mouros, de tal sorte, que d'elle não existe o minimo vestigio.

Alegres com o achado, resolveram abandonar o alto da serra, e se vieram estabelecer n'este valle, que é uma bacia de uns 600 metros de comprido, por 200 de largo, encaixilhado em serras altissimas e alcantiladas penedias, por onde torrentes d'agua se despenham com fragor medonho.

Por suas proprias mãos, construiram os dois anachoretas, uma pequena ermida, onde collocaram a santa imagem.

Era então Sigifrido, arcebispo de Braga, e sabendo d'este apparecimento, foi pessoalmente visitar a Virgem e a sua ermidinha.

Tal devoção votou á Senhora, que lhe deu logo os necessarios paramentos para o seu culto, e mandou edificar uma egreja de pedra lavrada, muito ampla, e de tão solida construcção, que é a que ainda existe.

A Senhora, principiou logo a tornar-se objecto de muita devoção e continuas romagens, e muitas pessoas da principal nobreza do reino, a quem os desgostos da vida haviam affligido, se vieram metter eremitães da Senhora, tomando das mãos de frei Lourenço o habito de eremitas descalços de Santo Agostinho; de modo que em pouco, mais parecia mosteiro do que solitaria ermida.

Passados annos, e tendo fallecido os primeiros fundadores d'este eremiterio, era seu prelado, um varão chamado Nuno, que no mundo tinha sido nobre cavalleiro, e rico e poderoso proprietario.

O rei D. Affonso Henriques, foi por esse tempo visitar a Senhora, e persuadiu ao abbade Nuno, que reduzisse o eremiterio a convento regular, debaixo de regra approvada, e vivendo os monges em congregação.

Os eremitas acceitaram gostosos o conselho do rei, e lhe pediram que, uma vez que elle tinha sido a causa d'esta deliberação, lhe indicasse a ordem em que se deviam filiar.

Tinha o rei introduzido em Portugal, a pedido do abbade João Cirita, a ordem de Cister (bernardos), que era a antiga ordem benedictina, reformada, e escolheu esta para ser adoptada pelos religiosos.

Antes d'estes eremitas prestarem obediencia ao abbade d'Alcobaça, lhes fez D. Affonso Henriques muitas mercês, e uma d'ellas foi dar-lhes o senhorio da villa de Santa Martha de Bouro, em 1157, e no anno seguinte lhes deu o dizimo do sal, da villa de Fão (em frente de Espozende) com outros muitos senhorios e herdades.

A sua profissão como monges cistercienses, se effectuou no anno de 1159.

Pouco depois, ardendo o cartorio e tendo o fogo destruido as escripturas do mosteiro, lhes fez o monarcha, *boa toda a sua fazenda*, em 1162. *Ego Alfonsus Rex Portugalliæ unà cum filijs meis, facimus cautum vobis Abbati de Burio, Domno Pelagio, et vestræ eremo, vestrisque successoribus*, etc.

Com o andar dos tempos, e accrescentamento da communidade, não tendo os religiosos por onde se podessem estender; e sendo alem d'isso este sitio aspero e desabrido, escolheram outro melhor, junto ao rio Cávado, onde edificaram o mosteiro em que viveram até 1834.

Porém a milagrosa imagem de Nossa Senhora da Abbadia, ficou na sua primeira ermida, onde ainda hoje continúa a receber o culto respeitoso dos devotos e peregrinos que alli concorrem todo o anno.

A imagem é de pedra, de boa esculptura, attendendo aos tempos remotos em que foi feita, e nunca foi vestida nem pintada.

É notavel que n'esta egreja nunca entram môscas.

D'esta Senhora e do seu templo fallam muitos escriptores portuguezes e hespanhoes. A sua festa é a 15 d'agosto.

NOSSA SENHORA DA ABBADIA—A nobre ermida d'esta Senhora, se vê junto aos muros de circumvalação da cidade de Braga, em uma praça, chamada *Terreiro do Castello*, na freguezia de São João do Souto.

Parece que se denominou Nossa Senhora da Abbadia, por estar encostada ás *portas do Souto*, por onde costumam sahir os romeiros que vão ao Sanctuario antecedente. A sua festa se faz tambem a 15 de agosto.

Esta ermida é quasi quadrada; porque tem 3m,30 de comprido, por 2m,70 de largo. Os lados são tres arcos, vãos, fechados com grades de ferro. Do lado da Epistola, lhe fica encostada a porta da cidade, e do lado do Evangelho, a cadeia do castello. Como fica levantada 1m,80 do pavimento da praça, se sobe para a ermida por uma escada de pedra.

Foi construida pelo arcebispo, D. Diogo de Souza, quando mandou abrir no muro da cidade a referida porta e a rua do Souto.

Na mesma capella estão as imagens de S. Lourenço e de S. Roque, aos quaes tambem festejam os bracarenses.

Tinha missa em todos os domingos e dias sanctificados, paga pela confraria da Senhora, que é objecto de muita devoção do povo da cidade.

NOSSA SENHORA DE ABOBORIZ ou **DA FERRARÍA**—Tres kilometros ao O. da villa d'Obidos, e a uns 150 metros do logar da *Amoreira*, está o sanctuario de Nossa Senhora de Aboboriz, que é antiquissimo. Consta que a imagem da Virgem appareceu a uma pastorinha a quem tinha fugido o gado para uma grande brenha, onde ella o foi procurar. A santa imagem estava no tronco cavernoso de um grande loureiro.

Sabido pelo povo este acontecimento, foi logo vêr e adorar a Senhora, e immediatamente lhe construiu uma grande ermida, no proprio sitio do seu apparecimento, que foi depois elevada a matriz da freguezia da Amoreira. (Vol. 1.º, pag. 201, col. 2.ª, no fim).

Variam os auctores sobre a etymologia da palavra *Aboboriz*—dizem uns (e é a tradição constante) que durante a denominação dos mouros, chamavam estes a todo o territorio d'este sitio, *Bóbriz*.—Outros pretendem (e talvez seja o mais certo) que ao logar se dava o nome de algum arabe chamado *Abi-Brix* (pae de Brix).

Chamava-se tambem *Senhora da Ferraría*, porque, havendo por aqui minas de ferro, se lavraram em tempos antigos, extrahindo-se d'ellas muito ferro, que se empregava em diversos artefactos.

Diz a tradição que esta imagem era do tempo dos godos, e que foram elles que a esconderam aqui, quando os mouros invadiram a Lusitania, em 715.

A imagem é de pedra, e de um metro de altura, mostrando a sua esculptura grande antiguidade. Está dando o seio ao menino Jesus.

A egreja está em um sitio fresco e alegre, assombrado por arvores silvestres. É bonita, e as suas paredes interiores são revestidas de formosos azulejos.

NOSSA SENHORA DOS AÇORES — Notavel Sanctuario, na villa dos Açores (vol. 1.º, pag. 24, col. 1.ª, no fim) á qual a mesma Senhora deu o nome.

Como já tratei d'este Sanctuario, por ser egreja parochial, só aqui accrescentarei o seguinte.

Segundo a tradição, foi a imagem da Senhora descoberta por um vaqueiro que apascentava o seu gado pelos campos que estão entre as villas de Linhares e Celorico

Tendo-lhe caido uma vacca a uma grande e profunda lagôa, foi o pastor buscal-a; mas, estando em risco de morrer afogado, implorou o auxilio da Virgem, que então lhe appareceu, livrando o do perigo e mais á vacca.

Deu o vaqueiro conta do occorrido, aos povos d'aquelles logares, que logo alli concorreram, e acharam uma formosa imagem de Nossa Senhora, á qual logo, no mesmo logar onde foi encontrada, erigiram uma devota capella.

Espalhou-se ao longe a fama dos milagres que attribuiam á Senhora, de modo que chegou isto ao conhecimento do monarcha que então reinava (não se sabe qual fosse, mas era do tempo dos godos) que, não tendo filhos, recorreu a esta Senhora, e foi ouvido; porém o filho nasceu-lhe aleijado: o que vendo o rei, foi com a rainha em romaria á capella; mas o menino morreu no caminho. Era tamanha a fé, tanto do monarcha como de sua mulher, que, mesmo assim, foram levar o filho á Senhora — e, apenas entrou na sua capella, recuperou não só a vida, mas saude perfeita.

Continúa a lenda, dizendo que — quando o rei ia caminho da ermida, um seu caçador, contra a sua ordem, lançou um açôr do rei contra uma ave, e que o açôr se perdêra, pelo que o rei lhe mandára cortar a mão. Quando estava para se cumprir esta barbara sentença, appareceu o açôr, collocando-se na mão do caçador. Ao mesmo tempo, vinham saindo da capella, a rainha e as suas damas, com o filho vivo e são. O rei, louco de alegria, perdoou ao caçador, e fez logo alli voto de fundar no mesmo sitio um mosteiro de freiras agostinhas, e uma ampla egreja, que é a que ainda existe, de boa architectura e de tres naves.

Construiu-se o mosteiro, e povoou-se de freiras, sendo uma d'ellas, uma das filhas do fundador, que aqui morreu com fama de virtude.

A primeira invocação d'esta Senhora, foi *do Açôr* — alludindo ao milagre referido — depois se veiu a chamar *dos Açôres.*

O mosteiro foi arrasado pelos mouros, em 715, e não se sabe se as freiras foram martyrisadas ou se puderam fugir á furia dos invasores.

Ainda existem alguns vestigios do mosteiro, e a egreja (que foi poupada pelos arabes) ainda é a permittiva, que por varias vezes tem sido reparada.

No artigo *Açôres*, dei a copia de uma inscripção que foi achada n'esta egreja. Frei Agostinho de Santa Maria a traz com algumas variantes (provavelmente por se não poderem já ler bem os caracteres da inscripção). Segundo este escriptor, diz:

REQUIEVIT FAMULA CHRISTI, IN PACE SUI,
INTIUBALA, SUB MENSE DECEMBRIS, ERA 714.

Mas esta inscripção está manifestamente errada na cópia e até na traducção. A original tem *vv* por *uu*, menos na palavra *sub*, como era costume nas legendas e inscripções, e a palavra *Christi* em breve (Xpi) e não por extenso, e a era em conta romana, e não em árabe. Além d'isso, frei Francisco de Santa Maria, collocou virgulas onde lhe pareceu, sem que a inscripção as tenha, e, demais a mais, mal collocadas, pois, se havia de pôr uma virgula em *pace*, a poz em *sui*, fazendo assim, da primeira syllaba do nome proprio, um pronome, que alli é um disparate. *Intiubala*, não é nome algum conhecido. É pois como está na col. 2.ª de pag. 24 do 1.º vol.

Frei Francisco traduz assim:

«Aqui descança *em paz de seu esposo (!) Iuciubula* serve de Christo, no mez de dezembro da era de 714.»

A traducção verdadeira, é — *Descance em paz, a serva de Christo, Swintiliuba. No mez de dezembro de* 704.

Foi no reinado de Recesvindo, e não no de Wamba, como diz frei Francisco.

—

Expulsos os árabes d'este territorio, se reedificou o mosteiro, mandando-se então pintar um quadro, em que se commemora a resurreição do infante. Representa um menino morto, que vae ás costas de tres pessoas, na companhia de uma rainha coroada. Vê-se um rei, e o seu ministro, com a espada levantada, para cortar a mão de um homem, sobre a qual poisa um açôr.

—

As continuas romarias que se faziam a esta Senhora, deram origem á fundação da aldeia, que depois foi villa, por o motivo seguinte:

Reinando em Portugal D. Sancho I, entrou n'este reino um poderoso exercito leonez, pelo lado da Beira-Baixa (1198) assolando todo o territorio por onde passava, chegando aos confins de Pinhel e Trancoso, sem que os alcaides d'estas villas lhe podessem fazer frente, pelo numero diminutissimo que tinham de tropas.

Os leonezes, depois de praticarem toda a casta de latrocinios e atrocidades, se dirigiram para Celorico (da Beira) com animo de alli fazerem o mesmo; mas o alcaide, Rodrigo Mendes, unindo-se á gente dos concelhos de Pinhel, Trancoso, Linhares, Algodres e Guarda, á qual animou com a promessa da protecção da Senhora dos Açores, derrotou completamente o inimigo. (Vide *Celorico)*.

Esta batalha principiou quasi ao *sol* posto, mas, estando uma formosa noute de *lua cheia*, via-se como de dia; o que deu logar a dizer-se que a Senhora tinha feito parar o sol.

No dia seguinte, recolheram os portuguezes os despojos, que eram riquissimos, por constar das bagagens dos leonezes, e de tudo quanto havíam roubado em Portugal. (Vide *Celorico da Beira)*.

Como aquelles tempos felizes eram de fé robusta, todos attribuiram esta victoria gloriosa, á intercessão de Nossa Senhora dos Açôres, e, tanto officiaes como soldados, foram, em nome das suas respectivas terras, em romaria ao Sanctuario, com suas armas, cavallos, bandeiras, etc., e alli mandaram dizer muitas missas, e deram graças á Santissima Virgem, pelo feliz successo das armas portuguezas.

Os militares que entraram na batalha, prometteram uma romagem annual á Senhora, em nome das suas terras, e cumpriram este voto por espaço de muitos seculos.

Na primeira oitava do Espirito Santo, era a romaria, em acção de graças, do povo da villa de Trancoso e seu termo.

O concurso era, termo medio, de 4:000 pessoas, indo os peões na frente, e os cavalleiros á rectaguarda. Havia procissão, missa cantada, *Te Deum*, etc., e no fim um jantar, dado pela camara de Trancoso, para o qual estavam designados 20$000 réis.

Na 3.ª oitava do Espirito Santo, tinha logar o cumprimento do voto dos povos da villa de Linhares, com as mesmas solemnidades e na fórma da antecedente. Como os de Linhares tinham tomado parte mais activa na victoria, iam no dia da Santa Cruz (3 de maio) visitar a villa de Celorico. D'ambas as vezes, terminava a festa por um banquete feito á custa de certa renda que para isso deixou um infante, que foi senhor d'estas villas.

Na 1.ª oitava da Paschoa de flôres, tinha logar a procissão do povo da cidade da Guarda, com as mesmas formalidades. Esta cidade offerecia então á Senhora, meia arroba de cêra lavrada.

Os de Algodres, e Fornos de Algodres, faziam a sua procissão no mesmo dia da de Trancoso, e da mesma fórma.

NOSSA SENHORA DAS AGUAS FÉRAS — Vide *Pedrogão-Pequeno*, ou do *Priorado*.

NOSSA SENHORA D'AGUAS SANTAS — Vide *Rio-Côvo*.

NOSSA SENHORA DA AJUDA — Vide *Peniche*.

NOSSA SENHORA DA AJUDA, de Cella — (vol. 2.º, pag. 231, col. 1.ª, no fim).

Junto á villa d'Athouguia d'El-rei (hoje *Athouguia da Baleia)* entre o mar e a serra da Pescaria (hoje *Serra d'El-rei)* houve em tempos antigos um mosteiro de eremitas

descalços, de Santo Agostinho, dedicado a S. Julião, martyr.

Não se sabe com certeza a data da sua fundação. Segundo uns, foi fundado por Santo Ancirado, que vivia pelos annos de 850; mas outros sustentam que é fundação dos religiosos do mosteiro de Pena Firme (agostinhos) que fica a distancia de 30 kilometros, na costa do mar, entre a Ericeira e Peniche.

O padre frei Antonio da Purificação, diz que este mosteiro já existia como tal no anno de 800, o que parece mais certo.

Segundo a constante tradição, e o confirmam muitos escriptores, a egreja d'este mosteiro foi templo romano, dedicado a Neptuno. Algumas inscripções que ainda hoje se vêem nas paredes, o confirmam, e a abobada, toda de pedra lavrada, leva tambem a crer que com effeito é obra dos romanos.

Consta que foi construido pelo consul Decio Junio Bruto, 130 annos antes de J.-C., em cumprimento de um voto que fizera a Neptuno, pela victoria contra os lusitanos, na cidade de *Eburobritium*. (Vide esta palavra, *Alfeizirão* e *Evora-d'Alcobaça*.)

Existiu este edificio como templo pagão, até ao 3.º seculo de J.-C., no qual, tendo os lusitanos adoptado a religião catholica, purificaram o templo e o converteram em egreja christan, dedicada ao martyr S. Julião.

Uma das inscripções romanas que ainda alli existem, e a que está mais legivel, diz:

NEPT. SACR.
H. SACEL. D. D. D. JUN. BRUT.
COS. OB. BEL. F. GESTUM.
ADVEES. EBUROBRIC. ET.
MONT. AUXILIARES. SERVAT.
Q. MIL. IN. ULTIMIS. TER. ORIS.

Isto é—Consagrado a Neptuno. Este templo lhe dedicou Decio Junio Bruto, pela felicidade com que terminou a guerra contra os moradores de Eburobricio, e os montanhezes que os vieram soccorrer. E tambem por lhe ficarem salvos os seus soldados, n'estes confins ultimos da terra.

Se teve data, foi apagada pelo tempo.

—

Era este mosteiro, nos seus primitivos tempos, um sitio deserto e entre brenhas. Os religiosos mantinham-se dos fructos que produzia a sua cêrca, que elles mesmos cultivavam, de fructos silvestres, e de peixe do mar.

Assim viveram até ao anno de 1153.

N'este anno, fez D. Affonso Henriques doação ao mosteiro d'Alcobaça, do vasto territorio, denominado os *coutos*, que os frades bernardos possuiram até 1834.

Quando os monges bernardos, percorreram a terra que lhes fôra doada, para a demarcarem e tomarem posse do seu novo senhorio, acharam nos seus limites, este e outros mosteiros, egrejas e ermidas. Tomaram posse de tudo; mas vendo o grande rigor e santidade em que viviam os agostinhos, lhes tomaram grande veneração, e os soccorreram de muitas coisas necessarias.

Em 1193 houve n'este reino uma furiosa peste, que matou muita gente, e quasi todos os religiosos d'este mosteiro. Os que ainda viviam, temendo a mesma sorte, pretenderam levar uma imagem da Virgem, da invocação da Ajuda, para o mosteiro d'Alcobaça, do qual tambem muitos monges tinham fallecido da peste; mas como era grande o seu numero, escaparam muitos.

Foi a santa imagem levada para Alcobaça pelos agostinianos, frei Lourenço e frei Rosendo, mal convalescidos do contagio. A 3 kilometros de Alcobaça, pararam em um alto, arejado e sádio, onde decidiram estar alguns dias, até ficarem completamente curados.

Sabendo d'isto cinco frades que haviam ficado no mosteiro de S. Julião, e vendo que estavam aqui arriscados a morrerem da peste, se foram ter com seus companheiros, ficando o seu antigo mosteiro abandonado para sempre.

No monte construiram cabanas, com ajuda dos monges d'Alcobaça; mas alli mesmo os foi procurar o flagello, perecendo todos. O ultimo que falleceu, achando-se nas vascas da morte, e não podendo levar a imagem da Senhora para Alcobaça, a escondeu entre uns penedos, em uma lapa que lhe construiu, de pedras soltas.

Passados muitos annos, e quando já nem vestigios havia das cabanas em que viveram

os frades, foi a imagem achada por uns caçadores, que, dando parte aos povos visinhos, logo alli mesmo lhe construiram uma formosa ermida.

Em redor d'ella se foram pouco a pouco edificando casas, que mais tarde vieram a constituir a villa de Cella.

Os devotos da Senhora lhe ampliaram por vezes a capella, até que chegou a ser um templo vasto e aceiado, que é o actual; o qual, com o augmento da população, foi elevado a egreja parochial, da freguezia de Cella.

N'esta egreja estão sepultados os sete religiosos que falleceram da peste e que estavam enterrados em redor da lapa da Senhora. (Vol. 2.º, pag. 231, col. 1.ª, in fine.)

NOSSA SENHORA DA AJUDA—vide *Ajuda* e *Belem*, no 1.º volume.

NOSSA SENHORA DA AJUDA—Á entrada da villa da Alhandra (vol. 1.º, pag. 130, col. 2.ª) está a ermida da Santissima Virgem Nossa Senhora da Ajuda. O templo é de bastante grandeza, para uma ermida. Foi reedificada, pelos annos de 1700, á custa do povo, pela grande devoção que tem a esta Senhora.

Não se sabe quando nem por quem foi feita; só se sabe que é antiquissima.

NOSSA SENHORA DA AJUDA — Na freguezia de *Arranhol* (vol. 1.º, pag. 238,00, col. 2.ª).

Nos limittes do logar de Bucellas, entre elle e a freguezia de S. Thiago, mas em terreno da freguezia de Arranhol, está a ermida de Nossa Senhora da Ajuda. Segundo a lenda, eis a sua origem :

Uma pastorinha d'estes sitios, filha de Affonso Annes, da freguezia de S. Thiago dos Velhos, andando a guardar o seu gado, lhe appareceu a Virgem e lhe disse que pedisse a seu pae que n'aquelle sitio construisse uma capella a Santa Maria. Tres dias consecutivos reiterou a menina o pedido a seu pae, até que, á 3.ª vez, lhe respondeu o pae — Diz, á Senhora, que o logar que ella indica, é árido e sêcco : que se quer alli uma ermida, faça nascer agua no sitio.

No dia seguinte, foi a filha seguida pelo pae, e este viu que aquella levantou uma pedra, e debaixo d'ella rebentou uma nascente de agua crystalina.

Á vista d'este prodigio, resolveu Affonso Annes, mandar construir o templo, a uns 50 metros da milagrosa fonte. Deu elle o chão, e uma avultada esmola, e os mais visinhos concorreram com o resto das despezas.

Por muito tempo foram eremitães d'esta capella, os descendentes de Affonso Annes.

Não se sabe a data do apparecimento d'esta Senhora.

A sua festa se faz a 8 de setembro (dia de Nossa Senhora da Natividade).

NOSSA SENHORA DA AJUDA — Vide *Seixas*.

NOSSA SENHORA DA AJUDA — do *Cerdal*. (Vol. 2.º, pag. 242, col. 1.ª).

Ha n'esta freguezia, a capella de Nossa Senhora da Ajuda, cuja origem é a seguinte :

Agostinho da Rocha e Sousa, e sua mulher, Maria de Sousa, fazendo o seu testamento, *de mão commum* (não se sabe quando) instituiram uma capella, á qual vincularam as suas terças, deixando-as ao seu filho mais novo, Martinho da Rocha, com obrigação de doze missas em cada anno, ditas em uma ermida que no vinculo mandaram os testadores se fizesse.

Martinho da Rocha sobreviveu pouco tempo a seus paes, fallecendo sem ter dado principio á capella; e ficando seus herdeiros, seu irmão, Alvaro da Rocha e Sousa, e sua mulher, Isabel de Andrade, que logo construiram a capella, com a invocação de Nossa Senhora da Ajuda, á entrada da sua quinta (que depois veiu a ser solar dos Bacelares) em um sitio delicioso e alegre, cercado de frondosos carvalhos, que dão fresca sombra durante a estiagem. Um d'estes carvalhos, é dos maiores da provincia, e está junto á capella.

A capella é toda de cantaria lavrada, ampla e bonita. Na sua frente, estão duas fontes perennes, d'agua crystalina.

Uma d'ellas é de bellissima architectura, tendo em roda, assentos de pedra lavrada. A fonte está coberta por uma pedra de monstruosa grandeza, e assombrada por um frondoso carvalho.

A Senhora da Ajuda, é objecto de muita devoção para os povos da freguezia do Cerdal e immediatos.

NOSSA SENHORA DA AJUDA — de Lordêllo do *Ouro* — (Vol. 4.º, pag. 439, col. 1.ª, no fim).

N'esta freguezia, que foi do concelho da Maia, e é hoje do bairro occidental do Porto, e proximo á margem direita do rio Douro, está a capella de Nossa Senhora da Ajuda, imagem de grande devoção do povo em geral, e dos navegantes em particular.

Segundo a lenda, remonta a antiguidade d'esta imagem e da sua capella, ao seculo 12.º; porém d'isso não ha documento algum além da tradição; antes outra tradição a desmente, pois resa que esta imagem veiu da Gran Bretanha, durante o reinado do apostata Henrique VIII — e, sendo assim, não póde ter mais de tresentos e tantos annos.

Aquella é pequena mas bonita, e tem um atrio (alpendre ou galilé) de boa architectura, edificado em columnata. Tem altar-mór, dois lateraes e sacristia.

Quer a Senhora apparecesse no seculo XII, quer no XVI, diz a lenda, que ella appareceu em sonhos, a Catharina Fernandes, mulher de Pedro de tal, de Miragaia, e lhe ordenou que fosse a uma fonte, que está a pouca distancia da ermida, e que alli veria uma pomba, e juntamente a sua imagem (da Virgem).

Contou o sonho ao marido, que a dissuadiu da sua crença; mas, como tornasse a ter o mesmo sonho, sem dizer nada ao marido, foi uma manhan, com todo o cuidado, ter á fonte, e alli viu andar uma pomba esvoaçando de uma para outra parte; mas não viu a imagem. Com muito pezar, se resolveu a voltar para Miragaya, mas deu com o marido, que vinha em sua procura. Tanto instou com elle, que ambos tornaram á fonte, e com effeito descobriram a imagem da Virgem, entre as silvas.

Tiraram-a d'alli com grande alegria e reverencia, e resolveram logo construir-lhe uma ermida, um pouco desviada da fonte, por não ser o sitio do apparecimento asado para a edificação; e, como não tinham dinheiro para a obra, venderam umas casas, e com o producto d'essa venda a concluiram.

Teve este apparecimento logar no dia da Expectação de Nossa Senhora (18 de dezembro), por isso a denominaram *Nossa Senhora do O.*

Passados annos — continúa a lenda — entraram a barra do Douro nove embarcações inglezas, e chegando em frente da capella, subiram facilmente o rio, as oito primeiras, mas a nona parou, sem obedecer á manobra, e não passava d'aquelle ponto.

A bordo d'este navio vinha uma imagem de Jesus Crucificado, que os catholicos tinham podido subtrahir aos desacatos dos herejes inglezes; [1] e, assim que a tiraram do navio e a collocaram na capella da Senhora, principiou elle a andar desembaraçadamente.

Diz-se que á imagem de Jesus Christo se dava na Gran-Bretanha o titulo de *Bom Jesus da Ajuda*, e que isto foi causa da Senhora perder a sua primitiva invocação e tomar a da *Ajuda*.

Faziam-se antigamente duas festas annuaes, uma a 18 de dezembro, pelo povo de Lordêllo, e outra na dominga infra oitava da festa da Natividade, em setembro, pelos habitantes da cidade do Porto.

Esfriou a devoção a esta Senhora, que esteve muitos annos esquecida e a capella abandonada, até que um devoto a restaurou, e obteve uma bulla do papa Paulo III, em 1540, que concede muitas graças e indulgencia perpétua aos fieis que visitarem a casa da Senhora, nas suas festividades.

Assim recrudesceu a devoção a esta Senhora.

O bispo do Porto, D. Thomaz d'Almeida, foi muito devoto de Nossa Senhora da Ajuda, e lhe adornou ricamente a sua capella.

NOSSA SENHORA DA AJUDA, na cidade d'Evora.

[1] Talvez que por esta circumstancia digam alguns que a imagem da Virgem tambem então viera de Inglaterra.

Já se vê que a capella é muito anterior ao reinado do impio Henrique VIII, de Inglaterra.

A 2.ª porta da cidade d'Evora, e que fica ao O., se denomina *de Alconchel*. Foi esta porta dedicada a Nossa Senhora da Ajuda, e sobre ella (a porta) construiram os devotos d'Evora uma capella com a mesma invocação. É quadrada, fechada de meia laranja, que se estriba sobre quatro arcos. No que defronta para E., fica uma grande tribuna; e o que fica para O., é onde está o retabulo da Senhora.

Antigamente diziam-se muitas missas n'esta ermida, não só nos dias sanctificados, mas ainda nos mais. Faziam-lhe a sua festa os fabricantes de telha e tijôlo, que teem ahi proximo os seus telhaes.

Não se sabe quando foi construida esta capella, o que se sabe é que já era antiga em 1484, anno em que foram restauradas as suas pinturas, por occasião do malfadado casamento do principe D. Affonso, filho de D. João II.

NOSSA SENHORA DA AJUDA, DOS FIEIS DE DEUS—de Lisboa.

No Bairro-Alto, outr'ora chamado *Villa Nova d'Andrade*, na freguezia das Mercês, ha a rua dos *Fieis de Deus*, em razão da capella que alli se edificou, dedicada aos fieis de Deus (almas do purgatorio).

Foi esta capella fundada em 1551, por Affonso Braz, em cumprimento de um voto, ou pela devoção que tinha com as almas do purgatorio.

Ao entrar a porta da capella, na parede da direita, está uma lapide, embutida, com a seguinte inscripção:

NO ANNO DE 1551 SE EDIFICOU ESTA CAPELLA
DAS ALMAS DO PURGATORIO, E O FUNDADOR
DELLA FOY AFFONSO BRAZ,
O QUAL PEDE UMA AVE-MARIA.
FALLECEU A 29 DE JANEIRO DE 1569.

O fundador deixou ordenado no testamento que se dessem annualmente 2$500 réis, para se dizerem 50 missas, pelas almas do purgatorio: e que, emquanto vivessem umas suas sobrinhas, fossem ellas as administradoras, e por sua morte, ficasse o padroado á Misericordia de Lisboa.

No tempo em que se edificou a capella, todo aquelle sitio, até ao actual largo de S. Roque, e alameda de S. Pedro d'Alcantara, era povoado de oliveiras.

Assistia em uma casa contigua á capella, um eremitão que tratava d'ella, e tinha mais a obrigação de recolher na sua casinha, todos os meninos perdidos, sustentando-os e tratando d'elles, emquanto não appareciam os paes a reclamal-os. Estes costumavam dar ao eremitão, pela acolheita dos filhos, *um vintem para um alqueire de trigo*.

Pouco depois de construida a capella, se congregaram varios devotos da Virgem, e instituiram uma irmandade, com a invocação de Nossa Senhora da Ajuda, mandando logo fazer uma formosa imagem e um altar na ermida, para n'elle ser collocada.

Supplicaram os irmãos, á Sé Apostolica, que a sua irmandade fosse agregada á archi-confraria do hospital do Espirito Santo, *in Saxia*, para que elles podessem participar das muitas graças e indulgencias que a este hospital haviam concedido muitos pontifices; o que lhes concedeu o papa Gregorio XIV, por breve de 1590, que foi acceite e executado pelo doutor Diogo Madeira, conego da Sé de Lisboa, e juiz conservador da mesma irmandade, em 1592.

Era n'este tempo juiz da irmandade, o bacharel Manuel Rodrigues Cabral, que, morrendo em 1632, se mandou sepultar na mesma ermida, á qual deixou uma morada de casas, deixava-lhe tambem alguns cantaros de azeite e outros legados; porêm houve *curioso* (provavelmente proprietario de bens sujeitos ao legado) que roubou os papeis da irmandade, e os legados não se chegaram a receber, senão passados muitos annos, como adiante direi.

—

A capella e terreno circumjacente foi até 1552, da freguezia de Santa Catharina de Monte Sinay; mas, creando-se n'esse anno a freguezia de Nossa Senhora das Mercês, ficou pertencendo á nova parochia.

Porém a imagem actual de Nossa Senhora da Ajuda, não é a primitiva, pelo motivo seguinte:

No principio do seculo XVI, Bartholomeu Dias Ravasco, homem poderoso, irmão mesario da Misericordia, e que morava em fren-

te da capella, pretendeu sér administrador da irmandade, o que conseguiu da Misericordia, sendo demittido o administrador que havia, e que era muito zeloso e activo. Oppozeram-se os irmãos a uma nomeação tão contra os estatutos; mas, nada conseguindo, pegaram na imagem da Senhora, e em tudo quanto lhe pertencia, e se foram para a egreja de Santa Catharina, onde instituiram (ou continuaram) a irmandade.

Os visinhos da capella, vendo-se sem a sua querida imagem, foram ao convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo, e os religiosos lhe deram outra, que foi occupar o logar da antecedente, e instituiram uma nova confraria.

Pelos annos 1690, o padre Gil Lourenço, se fez irmão da confraria, que achou reduzida a dois unicos irmãos.

Tomou logo a peito, o bom do padre, melhorar tudo. Mandou á sua custa levantar a capella e o seu arco, que era muito baixo, e construir um formoso altar, de talha dourada, adornando as paredes lateraes da capella-mór, de quadros a oleo, pintados por Bento Coelho, e d'elles até ao pavimento (dois metros) mandou revestir as paredes de formosos azulejos, com scenas da vida de Nossa Senhora. As paredes do corpo da egreja, foram tambem revestidas de bellos azulejos, representando outros *passos* da Virgem; de modo que ficou uma das mais formosas e ricas ermidas de Lisboa.

Pelos annos de 1696, foi um irmão da confraria casualmente a uma tenda, comprar *sentenças*, para seus filhos aprenderem a ler, e entre outros papeis velhos, achou o breve de Gregorio XIV, que veiu muito alegre trazer ao padre Gil Lourenço, que muito satisfeito ficou por possuir o autographo por que tanto almejava.

Pediu ao mesmo irmão, que tornasse á tenda, a vêr se encontrava mais alguns papeis pertencentes á Senhora, e, com effeito, achou o testamento em que Manuel Rodrigues Cabral deixava á irmandade, as casas e os cantaros d'azeite. Dos mais legados não se achava documento algum.

A imagem que os carmelitas tinham dado para a capella, era de *róca* (de vestir) e o padre Gil, para evitar irreverencias das mulheres que a vestiam e despiam, mandou fazer outra, de boa esculptura; mas, quando quiz tirar do altar a antiga para collocar a nova, houve tamanho choro e alarido das mulheres, e tumulto dos homens, que se viu obrigado a deixar ficar a primeira, mettendo a segunda em um oratorio, que mandou fazer na capella-mór, do lado do Evangelho.

Teve esta ermida muito ricos ornamentos, bellos castiçaes e outras muitas alfaias de prata, tanto na capella, como na sacristia, a maior parte offerecida á Senhora pelo padre Gil, e o resto pelos devotos.

NOSSA SENHORA DO AMPARO — no Rocio de Lisboa.

Já a paginas 164 e 379, do 4.° volume, tratei do *hospital real de Todos os Santos*; e, como alli fallei na *rua do Amparo*, entendo que muitos desejarão saber a causa d'essa denominação, o que vou explicar.

Debaixo do hospital de Todos os Santos, destruido por dois incendios e acabado de arrazar pelo terremoto do 1.° de novembro de 1755 (vide pag. 164, do 4.° volume) havia uma ermida, dedicada a Nossa Senhora do Amparo, imagem de muita devoção dos visinhos da ermida, que todas as noites lhe resavam o terço, a que assistia o capellão, que dava no fim a beijar ao povo, a corôa da Senhora.

A imagem era de róca, e de $3^1/_2$ palmos d'alto ($0^m,87$) e estava sempre vestida de ricas télas e brocados. Estava em um nicho envidraçado, no meio de um retabulo de marmore azul e encarnado, de boa esculptura. Servia de peanha á Senhora, um globo tambem de marmore, cercado de seraphins, tendo de cada lado, dois anjos, em oração.

Não eram só os visinhos da ermida que tinham devoção com esta Senhora, era toda a côrte e as principaes familias da cidade. O cardeal da Cunha visitava esta capella todos os sabbados. Tinha ella um capellão e missa quotidiana; cuja capellania instituiram, Domingos de Basto Figueirôa, e sua mulher, Barbara Antunes Brandôa, em 1625. Ordenaram em seu testamento que fossem enterrados n'esta ermida, o que se cumpriu.

Tambem deixaram á Senhora, duas moradas de casas, que rendiam então 83$448 réis (o que prova que eram grandes predios). D'este dinheiro se havia de dar ao capellão *(que deveria ser natural da villa d'Amarante)* 63$000 réis, e o resto aos entrevados do hospital de Todos os Santos.

Este Domingos de Basto Figueirôa, falleceu a 2 de maio de 1653.

Constava de documentos que existiam n'este hospital, que esta casa havia sido no seu principio uma albergaria, onde se recolhiam os peregrinos e os pobres, aos quaes se dava casa, cama e agua. Tinha 40 leitos, 20 para homens e 20 para mulheres, e dois hospitaleiros, um homem e uma mulher, cada um para tratar os do seu sexo.

Não se sabe a antiguidade que tinha esta imagem da Senhora. Consta que um seu devoto, instituira, por sua morte, por herdeira de toda a sua fazenda, o hospital de Todos os Santos, e que entre as ricas alfaias e mais peças preciosas que testou, se incluia a Santa imagem, para a qual logo os irmãos da Misericordia mandaram construir a ermida.

O hospital dos entrevados, esteve primeiramente no claustro do hospital real, e ficava debaixo da egreja, onde depois foi o celleiro e dispensa, sendo em 1583 mudado para debaixo dos arcos do Rocio, dando-lhe por titular e padroeira, a Senhora do Amparo.

Ainda depois de ser celleiro, se via em uma pedra, embutida na parede, esta inscripção.

ESTA ENFERMARIA DOS INCURAVEIS, CONSERTÁRÃO OS IRMÃOS Á SUA CUSTA, E NA MISERICORDIA OS PROVERÃO DO NECESSARIO, EM ABRIL DE 1565.

O hospital dos entrevados, denominado de Nossa Senhora do Amparo, tinha duas enfermarias para mulheres e uma para homens. A primeira das mulheres, era dedicada a Nossa Senhora do Amparo e ao apostolo S. Pedro. Tinha dez camas. A segunda era dedicada a Nossa Senhora da Estrella, e tinha 29 camas.

A dos homens, era de invocação de Santo Antonio, e tinha 20 camas.

A Misericordia dava mensalmente a cada entrevado 800 rs.

As senhoras da alta aristocracia, tinham por obra meritoria (e era) hirem alli tratar dos doentes, o que faziam com muita caridade, e lhes dávam muitas esmolas.

Alem da missa diaria, dita pelo capellão da ermida, diziam-se n'ella todos os dias muitas missas, e se davam muitas esmolas; pelo que a misericordia tinha alli em todo o dia um irmão, para as receber.

Todo o clerigo que vinha á côrte a qualquer negocio, achava n'esta ermida, acolito e tudo o mais necessario para celebrar o santo sacrificio da missa.

Eis a razão porque á rua que ficava proxima da ermida, se deu o nome de *rua do Amparo*.

NOSSA SENHORA DO AMPARO ou dos **MENINOS**—Junto á cidade de Lamego, no districto da freguezia da Sé, está o sanctuario de Nossa Senhora do Amparo, a que tambem se dá o titulo de Nossa Senhora dos Meninos.

Está situada sobre o rio Balsemão. E' muito antiga.

A sua padroeira esteve primeiramente na Sé, no altar que é actualmente de Nossa Senhora do Rosario. Diz a lenda que foi obrada por Nicodemos e pintado por São Lucas Evangelista. Não se sabe como, quando e por quem foi trazida para Lamego.

D. Manuel de Noronha (filho de Simão Gonçalves da Camara) [1] bispo d'esta cidade, tirou a Senhora do seu altar, e a collocou na referida capella, que á sua custa havia mandado edificar.

E porque o altar da Sé não ficasse sem imagem, mandou vir uma de Roma, á qual deu a invocação de Nossa Senhora do Rosario.

[1] Este Camara, foi cognominado o *magnifico*. Foi 3.º capitão e governador da ilha da Madeira, e era filho do 2.º capitão da mesma ilha (por mercê de D. Manuel, em 1508). Simão Gonçalves da Camara, era casado com D. Joanna de Noronha, filha de D. Gonçalo de Castello Branco, governador de Lisboa e Senhor de Villa Nova de Portimão. Foi esta senhora a mãe do bispo D. Manuel de Noronha.

D. Manuel de Noronha falleceu em 1559, e portanto a construcção d'esta ermida teve logar no meiado do 16.º seculo. Está fundada em um sitio alpestre, cercado de rochedos alcantilados, por entre os quaes passa uma levada que faz mover alguns moinhos. Em cima, junto á ermida, ha um pequeno terreiro, sem resguardo, sobre um despenhadeiro que vae até ao rio.

Em frente da capella, fica uma serra muito alta e pedregosa, chamada *Tambureira.*

E' esta Senhora advogada e protectora das crianças, e por isso lhe deram o nome de Nossa Senhora dos Meninos; mas o seu verdadeiro titulo, e o mais antigo, é Nossa Senhora do Amparo.

NOSSA SENHORA DO AMPARO, da Melroeira—(Vide Ourem).

NOSSA SENHORA DO AMPARO, de Ferradosa—Na freguezia de S. Miguel da Marmelleira (vol. 5.º, pag. 85, col. 1.ª, no fim) ha uma aldeia, denominada *Ferradosa,* [1] a distancia de 9 kilometros da villa de Mórtágua. Junto d'esta aldeia, e sobre um pequeno outeiro, está edificada a capella de Nossa Senhora do Amparo, vasta e antiquissima. Teve em tempos remotos, eremitão permanente, com habitação propria (junto á capella) com uma pequena cêrca, tudo ha mais de 200 annos em ruinas, restando apenas leves vestigios das casas.

Suppõe-se que esta ermida, ou pelo menos a imagem da Senhora, já existia no tempo dos godos, e que esta foi escondida por algum devoto, em 716, quando o reino foi invadido pelos mouros, sendo só achada em 1058, anno em que os mouros fóram expulsos d'este territorio, por D. Fernamdo III, o *magno,* rei de Castella, e então tambem de Portugal.

A festa da Senhora se faz no 3.º domingo de outubro; e antigamente juntavam os mórdomos da Senhora, grande porção de pão cosido, vinho e outros comestiveis, que dividiam com os romeiros. Este costume deixou de existir ha mais de 200 annos. Crê o povo que desde que se não dá o bôdo, não produzem as terras immediatas tantos e tão bons fructos, como até alli.

Foi esta romaria concorridissima em tempos antigos.

NOSSA SENHORA DO AMPARO — Vide *Pena-Cóva,* cabeça de concelho, na comarca de Coimbra.

NOSSA SENHORA DAS ANGUSTIAS —A distancia de uns 2 kilometros da cidade de Tavira, no caminho que vae para Moncarapacho, está a ermida de Nossa Senhora Angustias; tambem chamada Nossa Senhora do Calvário; porque antigamente n'ella tinha o seu termo a procissão dos Passos (que hoje sae da matriz e vae acabar na egreja do convento da Graça.)

A imagem está aos pés da cruz, que tem Jesus Christo crucificado. E' quasi de tamanho natural, pois tem 1,m54 de altura.

Todo o povo do Algarve tem muita devoção com esta Senhora, e lhe attribuem muitos milagres.

Ha no Algarve um romance muito antigo, intitulado de Nossa Senhora das Angustias, que reza assim:

Estando a Virgem Maria
Na sua cella assentada,
Sobre as suas amarguras
A triste nova chegava,
De que era morto seu Filho,
Rico penhor da su'alma.
Pelas ruas corre a Virgem,
E a quem via perguntava,
Se morto era seu filho,
Rico penhor de su'alma.
Diziam uns, que amarrado
A uma columna estava:
Outros, que, pela cidade,
Sob uma cruz caminhava.
Hindo a Virgem mais avante,
Uma mulher encontrava:
Vae-se logo a perguntar lhe
Pelo que ella não achava.
A mulher era judia,
E assim mesmo a consolava.
—Por aqui passou um homem
Com uma cruz, que arrastava;
A cada passo que dera,
Toda a terra se abalava:

[1] Portuguez antigo, synonimo de *Ferregial,* que significa—terra semeada de ferran,—herva—lameiro, prado, etc.

O lenho, como era verde,
Té o chão atormentava;
Como fosse grande pêso,
Cada instante ajoelhava:
O baraço na garganta
Era o que mais o maguava.
Elle me pediu um lenço,
Para limpar suas chagas,
Eu lhe dei a minha touca
Com que a cabeça toucava.

—

Tudo isto ouvia a Virgem
E cada vez mais chorava:
Indo a volver os seus olhos
No chão cahiu desmaiada.
São João, seu bom sobrinho,
Pela mão a levantava.
— Levante-se, minha tia,
Que o que ouviu não será nada.—
Indo lá mais adiante
Com o Senhor se encontrava.
—Porque chora, minha Mãe,
Oh, minha Mãe da minh'alma ?!—
—Não choro as almas perdidas,
Que por ti serão ganhadas;
Choro por ver tuas carnes
Tão doridas e rasgadas:
Choro por ver do teu sangue
As ruas ensanguentadas.—
—Ai! minha Mãe, minha Mãe,
Que esta gente vae ser salva!
Suba alem, áquelle outeiro,
Onde a cruz está cravada;
Quando o meu sangue correr,
Toda a culpa será paga.

—

Fez o Senhor, testamento,
N'elle a todos se deixava.
Deixou a São Pedro, a chave,
Para que o Ceu governára;
A São Miguel, a balança,
Para que as almas pesára;
A São João, o deserto,
Para que logo o habitára;
O coração deixa á Virgem,
Coração que tanto a amára.
De todos já despedido,
Subindo á cruz expirára.

—

Vendo a Mãe, seu filho morto,
Com tamanha angustia d'alma,
De Angustias lhe deo o nome,
Por elle fica adorado.

NOSSA SENHORA DAS ANGUSTIAS—de Chavões.

Os condes de Unhão, tinham uma bôa quinta, no termo de Santarem, denominada de *Chavões*. N'esta quinta ha uma formosa ermida, de bôa architectura, dedicada a Nossa Senhora das Angustias, de grande devoção para os povos visinhos. Os condes lhe faziam todos os annos uma soberba festa.

Dizem alguns que esta Senhora foi trazida de Roma, por Fernão Telles de Menezes, que foi feito conde de Unhão (o 1.º) por Philippe 4.º, em 7 de junho de 1630.

NOSSA SENHORA DOS ANJOS—da Lourinhan.

Na á villa da Lourinhan, e ao norte d'ella, em uma espaçosa e fertil planicie, está a ermida de Nossa Senhora dos Anjos.

Eis a sua lenda:

Em 1490 estava este sitio occupado por um frondoso bosque de loureiros (de cuja circumstancia pretendem alguns, se derive o nome de Lourinhan, dado á villa). Uma devota mulher que por alli passou, viu uma formosa imagem da Virgem, sobre um dos loureiros, e foi dar parte ao parocho da freguezia, que a foi logo buscar em procissão para a egreja; mas ella fugio, tornando a apparecer no loureiro—pelo que trataram de edificar-lhe aqui uma ermida, que é a actual.

Diz a lenda, que, pelos annos de 1640, dizendo missa no altar da Senhora um resoluto franciscano, muito virtuoso, do mosteiro de S. Sebastião da Piedade (Xabreganos) da mesma villa, chamado frei Sebastião da Piedade; lhe pareceu que a Senhora estava viva. Terminada a missa, e revestido como estava, subiu ao altar, e com um alfinete picou a ponta de um pé da santa imagem, do qual sahiu uma pinga de sangue. D'ahi a pouco tempo, um beneficiado da matriz, chamado Miguel Jorge, repetiu a experiencia e aconteceu lhe o mesmo. Estes dois clerigos pouco tempo sobreviveram a este facto.

Para se evitarem estas *experiencias*, man-

daram os mordomos recolher a Senhora em um nicho envidraçado.

A imagem é de pedra, com 0,m50 de alto e de bôa esculptura.

A capella é annexa á egreja matriz, de Nossa Senhora da Annunciação da mesma villa. A festa de Nossa Senhora dos Anjos, é a 15 de agosto, e sempre muito concorrida.

NOSSA SENHORA DE ANUMÃO, ou de **ANAMÃO** — A pag. 206, col. 1.ª, no fim, do 2.º vol., fiz apenas mensão do sanctuario de Nossa Senhora de Anumão—aqui relatarei o que ha a dizer, com respeito a este sanctuario e á sua padroeira.

Dá-se-lhe o nome de Nossa Senhora de *Anumão*, porque ao sitio em que appareceu se chamava *Anumão.* [1]

Está a capella em um valle, junto á raia da Galliza, cercado de altos e alcantilados montes, e serras penhascosas.

Segundo a lenda, appareceu a Senhora, no concavo de um penedo altissimo, e alli mesmo construiram os povos a sua capella, que é muito antiga; mas não se sabe a data da apparição da Senhora, nem da fundação da capella.

A entrada para a ermida, é por uma veiga muito plana e dilatada, com uns 30 a 35 kilometros de circumferencia. Aqui nasce um regato, onde ha a ponte chamada *Pedrinha*, que se diz ser obra dos mouros. Tambem na mesma veiga corre outro ribeiro, que passa ao *Porto dos Cavalleiros*, e diz-se que a sua agua tem a virtude de tirar o lixo da bocca das creanças, e de curar outras enfermidades.

Quando o arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres, por aqui passou, em visita á sua diocese, vendo a aspereza e solidão do sitio, disse — «Tarde por aqui passará outro arcebispo!» — e assim foi; porque, só pelos annos de 1700, aqui esteve o cardeal D. Verissimo de Alencastre, quando era arcebispo de Braga.

É este sitio tão excessivamente frio no inverno, que até gela o vinho, sendo preciso derretel-o ao lume, para se poder beber.

Por esta razão, está a capella só e deserta, desde novembro até abril; mas depois é muito concorrida de romeiros.

[1] Talvez corrupção de *anno máo*—o anno de 1124, em que uma grande fome, e uma terrivel peste devastou Portugal, e o qual anno, por isto, fez época, e se chamou *anno-máo.*

NOSSA SENHORA APPARECIDA — na comarca e concelho a 12 kilometros de Barcellos, junto á estrada que vae de Braga para Vianna do Minho, e no territorio da freguezia de S. Martinho de Balugães (vol. 2.º, pag. 315, col. 2.ª, no fim) está um pequeno monte, e a capella de Nossa Senhora Apparecida. Eis a sua origem, segundo a lenda:

Em 1702, havia na freguezia de Balugães, um mancebo quasi mentecapto, chamado João (depois João de Nossa Senhora Apparecida) filho de um pedreiro, por nome André Alves. O mancebo, posto que pouco atilado, era muito devoto de Nossa Senhora, e de boas inclinações. Em certo dia d'aquelle anno lhe appareceu a Santissima Virgem, ordenando-lhe que dissesse ao pae que queria que sobre o tal monte lhe erigisse uma capella.

O moço revelou ao pae e aos visinhos, esta apparição e esta ordem; mas ninguem lhe deu credito, em razão da sua reconhecida simplicidade. Tanto porém instou que o pae foi, com outros, ao monte, e ahi viu a Senhora, sobre um grande penedo.

Trataram logo de se cotisarem com esmolas e alli mesmo construiram uma pequena capella a Nossa Senhora, e uma dona de Braga deu para o seu altar, uma imagem, de 0,m50 d'altura.

Em breve se espalhou por aquellas redondezas a fama dos muitos milagres attribuidos a esta Senhora, e as offerendas correram para aqui em grande quantidade.

Uma nobre senhora da villa de Barcellos, chamada D. Antonia, vendo que a imagem da padroeira era muito pequena, mandou, á sua custa, fazer outra ao Porto, de excellente esculptura, e com o dobro da altura. Foi esta imagem collocada no seu altar, no 1.º de novembro de 1704. D. Pedro II, offereceu á Virgem, uma rica corôa de prata.

Do monte onde se edificou a primitiva capella se descobre um bonito e vasto hori-

sonte, assim como a estrada que vae de Braga a Ponte do Lima (d'onde dista 12 kilometros) e para Vianna (d'onde dista 16 kilometros). Fica esta capella distante 3 kilometros do mosteiro de Carvoeiro.

Foram tantos os milagres attribuidos á Senhora Apparecida, tão grande a concorrencia dos romeiros, e o numero das offerendas, que os visinhos projectaram edificar-lhe um templo mais vasto, por o antigo ser muito pequeno.

Chegou á noticia do arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Telles, o grande concurso de devotos que hiam visitar esta capella, e querendo desenganar-se com os seus proprios olhos, alli foi, pelos annos de 1706. Nomeou para eremitão, ao tal João, a quem a Senhora tinha apparecido, e que já estava com perfeito juizo.

Mandou edificar á Senhora, um vasto e magestoso templo, que é o actual, concorrendo os povos com o que podiam, e com muitas carradas de pedra. Concluiu-se, e foi n'elle collocada a Senhora, com uma grande festa em 1709.

E' esta pois a bella egreja de Nossa Senhora Apparecida, tão famosa em toda a provincia do Minho.

NOSSA SENHORA DAS AREIAS — Vide *Pias*, do concelho de Monção.

NOSSA SENHORA DAS AREIAS — Junto ao logar dos *Chãos*, freguezia, concelho, e 2 kilometros ao N. E. d'Aljubarrota, nos antigos *coutos d'Alcobaça*, está uma grande capella, dedicada a Nossa Senhora das Areias, edificada pelos annos de 1630, sendo bispo de Leiria, D. Diniz de Mello.

O povo d'alli, conta a sua origem d'esta maneira.

Hindo, no dito anno de 1630, uma mulher, cujo nome se ignora, do logar dos Chãos, ao *sol posto*, buscar um cantaro d'agua, perdeu no caminho umas chaves que levava; pelo que vinha para casa chorando, com receio de ser maltratada por seu marido, que era um homem muito cruel.

Quando passava ao sitio onde hoje é a égreja, viu uma formosissima mulher, sentada sobre um pequeno penedo, a qual lhe perguntou porque chorava. Depois de muito instada, declarou a razão do seu pranto, e a tal mulher formosa, lhe disse que fosse para casa sem receio, pois que lá havia de encontrar as chaves, no sitio que lhe indicou—o que se verificou.

Tornou a mulher, ja muito alegre, ao sitio, dar as graças á que a tinha tirado d'este perigo, e perguntou-lhe quem era. Então a sua salvadora lhe respondeu.

«Eu sou Maria, mãe de Deus, e quero que vás aos moradores da villa, e lhes digas que quero que me façam aqui uma egreja, com o titulo de Santa Maria das Areias.»

Principiou o povo, sabedor d'esta apparição, a concorrer ao penedo no qual a Senhora tinha sido vista pela mulher, e como n'aquelle tempo grassavam n'aquella villa, com muita intensidade, febres intermitentes, os doentes raspavam areias do penedo e as bebiam diluidas em agua, na firme convicção de que cessava a molestia, e, com effeito, a fé quasi sempre operava a cura.

Era então bispo de Leiria, D. Diniz de Mello, que tendo noticia da historia do penedo, e julgando tudo superstição do povo e patranha da mulher, mandou remover d'aqui o penedo, fazendo-o conduzir em um carro para Aljubarrota, e alli o mandou collocar nas lojas das casas onde elle residia temporariamente.

No outro dia pela manhã, tinha o penedo desapparecido, e o bispo entendeu que os dos Chãos, o tinham roubado de noite. (Dois homens, sem grande difficuldade, o podiam levar em uma padiola.)

Tornou a mandal-o buscar aos Chãos, e d'essa vez, o mandou pôr no seu quarto, e junto da sua cama; mas tornou a desapparecer.

O bispo então, acreditou no milagre, e mandou fazer uma capella á Virgem, fazendo collocar o penedo debaixo do seu altar.

O povo mandou fazer a imagem da padroeira.

A sua festa é a 8 de setembro.

NOSSA SENHORA DAS AREIAS — de Anha, na provincia do Minho.

Já a pag. 216, col. 2.ª (sob a palavra *Anha*, ou *Darque*) e a pag. 238 G, col. 1.ª (sob a pa-

lavra *Areias* —Nossa Senhora das) e a pag. 465, col. 1.ª, no fim (sob a palavra *Darque*) fallei d'este Sanctuario de Nossa Senhora das Areias; mas sómente com relação á invasão d'areias que submergiu quasi todos os campos e logares d'esta freguezia; agora tratarei unicamente do Sanctuario.

Submergida a antiga egreja matriz de Nossa Senhora das Areias, quasi completamente (pois apenas ficou a capella-mór) pelos annos de 1500, e construida a nova egreja parochial, no sitio em que hoje a vemos, os devotos da Senhora, uniram á velha capella-mór um pequeno corpo de egreja que fizeram, ao qual juntaram um alpendre ou galilé, do lado do S., e uma casinha, com uma cêrca, para residencia do eremitão, que cuidava da Senhora e da capella. Tambem lhe construiram um paredão, com seu caes, para resguardar a capella da invasão das ondas do mar.

Antigamente, em testemunho de reverencia á velha matriz, era n'esta ermida que os novos abbades d'Anha vinham tomar posse official da freguezia. Tambem eram os abbades que apresentavam o eremitão da capella.

A esta antiga freguezia se dava indistinctamente o nome de Santa Maria d'Anha, ou Nossa Senhora das Areias.

Os antigos abbades de Nossa Senhora das Areias, apresentavam os vigarios da actual freguezia de S. Thiago, d'Anha; e da de São Sebastião, de Darque, que antigamente tinham sido aldeias da primitiva parochia d'Anha.

A imagem da Senhora das Areias, posto ser antiquissima, é de boa esculptura, e quasi de tamanho natural. Está sentada em uma cadeira, com o menino Jesus nos braços.

A sua festa, a 15 de agosto, é sempre concorridissima; porém, em todo o anno aqui concorrem romeiros e *clamores*, de 5, 6 e mais leguas de distancia.

A 25 de março (Annunciação da Santissima Virgem) vão algumas freguezias.

No dia de S. Thiago, apostolo (25 de julho) vão sete freguezias.

No 1.º sabbado de agosto, vão 30 freguezias.

A 10 d'agosto (dia de S. Lourenço) vão seis freguezias.

A 15 d'agosto, dia da festa principal, vão nove freguezias.

Todos estes clamores vão acompanhados dos seus respectivos parochos, cruzes, guiões, bandeiras, etc.

Deu origem a estes clamores, um voto feito por occasião de uma grande sêcca.

NOSSA SENHORA DAS AREIAS — Vide *Vagos.*

NOSSA SENHORA DA AROEIRA, ou do **VALLE**—Vide *Valle do Mosteiro.*

NOSSA SENHORA DA ARRABÁÇA—Vide *Valle da Aguia.*

NOSSA SENHORA DA ARRÁBIDA—(Vol. 1.º, pag. 238 KK, col. 2.ª)

O famoso Sanctuario de Nossa Senhora da Arrabida, teve (segundo a lenda) a origem seguinte:

No anno do nascimento de Jesus-Christo, foi vista d'esta serra uma estrella de refulgentissima luz, egual á que então brilhou em toda a Hespanha. (Manuel de Faria, *Europa*, tomo 1.º, parte 2.ª, cap. 16.)

Como este facto coincidisse com o nascimento do Redemptor, os christãos, muitos annos depois, consagraram esta serra á Santissima Virgem.

Pelos annos 1215, reinando em Portugal D. Affonso II, se dirigia a Lisboa uma náo ingleza. O mar estava embravecido, e era uma noite escurissima; pelo que a náo, perdendo o rumo, estava a ponto de se despedaçar contra os rochedos da serra da Arrabida.

Vinha a bordo um religioso agostiniano, chamado Hildebrando, que era capellão da náo,[1] ou de um fidalgo que vinha de passagem, chamado D. Bartholomeu.

Trazia o religioso, no seu beliche, uma imagem de Nossa Senhora, e vendo-se em tamanho perigo, foi buscal-a, para que toda a tripulação a exorasse pedindo-lhe o salvamento; mas não a achou, o que lhe causou grande terror, bem como a toda a marinhagem. Ajoelharam todos, pedindo entre lagri-

[1] A Inglaterra era então toda catholica, e o foi até ao reinado do impio hereje Henrique VIII, no seculo XVII.

mas, á Santissima Virgem, que os livrasse de tão grande afflicção.

Viram então na encosta da serra que olha para o mar (S.) uma brilhante crúz, que allumiava tudo, como se fosse claro dia, podendo assim a nào salvar-se do perigo imminente; porque no mesmo momento applacou o furor das ondas.

Fundearam até pela manhan, e então foram ao sitio em que tinham visto brilhar a milagrosa cruz, o religioso e os principaes tripulantes da nào.

Em logar da cruz, viram a imagem da Senhora, que frei Hildebrando havia tido no seu camarote. Entenderam que a Senhora queria ser adorada n'este sitio, e por isso todos subscreveram com esmolas para que, com licença do bispo de Lisboa, aqui se edificasse uma ermida, o que logo teve effeito. Construiram tambem um aposento para o religioso e para D. Bartholomeu, que o quiz acompanhar n'aquella asperrima solidão.

Passados alguns annos, instituiu frei Hildebrando, junto á capella, um mosteiro de eremitas descalços de Santo Agostinho, com auctorisação de D. Soeiro Viegas, bispo de Lisboa.

Foi este mosteiro habitado por mais de duzentos annos, mas não podendo os religiosos (que foram sempre poucos) resistir ás inclemencias e asperezas do sitio, o desampararam, e por muito tempo apenas aqui residia um devoto eremitão, para cuidar da ermida da e Senhora.

No reinado de D. João III (1539), sendo duque de Aveiro, D. João de Lencastre, (irmão de D. frei Antonio de Santa Maria, bispo de Leiria, e filho de D. Jorge d'Alencastre, mestre de S. Thiago) reedificou o mosteiro e o deu, como casa do seu padroado, ao geral de S. Francisco, para que o povoasse de religiosos reformados da sua ordem.

O geral acceitou, pondo alli por primeiro prelado, frei Martinho de Santa Maria, [1] filho do conde de Santo Estevão, e natural de Carthagena do Levante, varão de grande santidade, e parente do duque.

A frei Martinho se uniram logo outros religiosos, de muita virtude, entre os quaes se contaram S. Pedro d'Alcantara e frei João de Aguila, castelhanos, filhos da provincia de S. Gabriel. Foram elles que deram principio em Portugal á provincia dos franciscanos arrabidos, uma das mais rigorosas d'este reino.

A imagem da padroeira é de pedra e tem $0^m,20$ de altura. Estava sentada em uma cadeira e é de boa esculptura. Tinha ao colo o menino Jesus, e este, tinha na mão esquerda uma ave, e com a direita figurava tirar um espinho de um dos pés. Esta imagem foi por os frades removida para a egreja do mosteiro, collocando na ermida uma nova imagem, a que deram o titulo de *Nossa Senhora da Memoria.*

Passados tempos, imaginaram os frades que a Senhora antiga não estava bem, sentada, e que ficaria melhor se estivesse de pé, pelo que a serraram pela cinta, fazendo-lhe de madeira a parte inferior do corpo. A Senhora tem o menino Jesus no braço esquerdo, e como o direito estava apoiado sobre a cadeira, lh'o serraram tambem, substituindo-o por um de páu, empunhando um sceptro de rainha.

O duque, como fica dito, reedificou o mosteiro, no mesmo sitio do antigo, porém depois (1544) resolveu mudal-o mais para baixo, para um sitio menos desabrido.

Aconteceu por este tempo, vir a Portugal, frei João Calvo, geral de toda a ordem franciscana, na Hespanha, que tambem deu o seu consentimento para esta instituição.

Proximo á capella se vê outra ermidinha, que foi a cella em que viveu S. Pedro d'Alcantara. Tem a imagem d'este santo, e uma campainha, com cujo toque elle convocava os outros religiosos para a oração.

Este mosteiro era a cabeça da sua reforma em Portugal, chegando a haver em todo o reino 21 mosteiros dependentes d'elle.

Fóra do mosteiro, e antes de chegar a elle, se vêem dez ermidas, tres das quaes foram principiadas pelo duque d'Aveiro, D. Alvaro de Lencastre, e concluidas e feitas as outras

[1] O duque, hindo em romaria a Nossa Senhora de Guadalupe, famoso Sanctuario de Castella, alli encontrou frei Martinho, e o trouxe para Portugal, e lhe fundou este mosteiro.

sete, por sua nora, D. Maria Manrique, marqueza de Torres-Novas, e depois, duqueza d'Aveiro. Esta senhora gastou nas ermidas trinta mil cruzados (12 contos de réis), mas retirando-se para Castella, ficaram as capellas completas, mas sem imagens.

Tambem, a pouca distancia do mosteiro está uma caprichosa capella, dedicada ao Menino Jesus, mandada fazer pelo dito duque, D. Alvaro, de singular e engenhosa architectura.

Esta capella é oitavada, tendo no centro um altar com quatro faces, cada uma com sua frente, ara e alampada, e em todas as quatro se dizia missa. No meio d'ellas, está o Menino Jesus, em um tabernaculo. É um templo luxuoso, e o unico, no seu genero em Portugal. Consta que importou em dezoito mil cruzados. (7:200$000 réis.)

No districto do mosteiro, e dentro da sua cêrca, ha muitas ermidas, com os passos da paixão de Jesus-Christo, e perto da egreja, a capella de Nossa Senhora da Piedade, para a qual foi mudada a imagem do Senhor-Morto, de estatura natural (que primeiro esteve na egreja do mosteiro), em 1715.

Já se sabe — tudo isto está muito damnificado.

Para o mais que se desejar saber, vide *Arrabida*, serra, no logar indicado, do 1.º volume.

—

Todas as mais capellas que aqui faltam, devem ser procuradas, ou nas terras da sua situação, ou na palavra *Sanctuarios*.

Declaro porém, que, para não enfadar os leitores com a relação de todas as capellas e ediculas que ha no reino, só mencionarei as que julgar mais dignas de memoria, pela sua antiguidade, pela sua architectura, ou pelos factos historicos que nos recordarem.

NOSSA SENHORA DA CARIDADE, freguezia do Alemtejo. Vide *Caridade*, a pag. 110, col. 1.ª, no principio, do 2.º volume.

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, freguezia do Algarve.—Vide *Conceição*, 2.º vol., pag. 366, col. 1.ª, no fim.

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, freguezia do Alemtejo.—Vide *Conceição*, 2.º vol., pag. 366, col. 2.ª

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO — Vide Lisboa.

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, freguezia do Algarve.—Vide *Conceição*, 2.º vol., pag. 366, col. 2.ª, a ultima mencionada.

NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO — A pag. 379, col. 2.ª, do 2.º volume, fallei da aldeia da *Consolação*, no concelho de Peniche.

Como depois d'isso (em setembro de 1875) fui de proposito visitar esta povoação, accrescento n'este logar, mais o seguinte:

—

Ha aqui uma bonita e ampla capella, de Nossa Senhora da Consolação (que deu o nome á aldeia). Tem capella-mór, toda forrada de azulejos, e o corpo da egreja tambem tem as paredes revestidas de azulejos, até dois metros da sua altura.

Todos estes azulejos teem formosas pinturas, representando os passos da vida de Nossa Senhora.

Notei que todas as egrejas e capellas d'estes sitios são forradas de formosos azulejos, rivalisando na perfeição do desenho, com os melhores de Lisboa.

A capella tem a porta principal virada para o mar, que lhe fica a uns 150 metros ao O. — É muito bonita e está cuidadosamente ornada e caiada de novo, interna e externamente. Tenho visto egrejas parochiaes mais pequenas.

Pertence á freguezia de Athouguia da Baleia (e não á de Peniche, como por mal informado disse no 2.º volume).

O Sanctuario Marianno, ou não traz esta capella, ou é a que menciona a paginas 130 do tomo 2.º; mas, se é esta, vem errada, pois a dá na freguezia de *Chão de Parada*, parochia que não existe, e no termo da villa de Obidos, quando o é no de Peniche, e, mais propriamente, no da villa de Athouguia da Baleia, cabeça de um antiquissimo concelho, que foi supprimido depois de 1834, e encorporado no de Peniche.

Está capella é antiquissima, e não se sabe quando nem por quem foi edificada. O mes-

mo *Sanctuario Marianno*, se é d'esta que falla, não sabe nada da sua origem.

Ao S. e ao E. da capella, estão bonitas casas, que servem de aposento ás pessoas que vão para alli tomar banhos, e aos habitantes do logar.

A villa de Atouguia, fica a 2 kilometros a E.

Mesmo em frente da capella, sobre uma ponta de rochedos calcareos que avança para o mar, está uma fortaleza, menos mal conservada; mas sem guarnição. Tem ainda algumas peças de ferro, de grosso calibre, mas completamente inuteis, carcomidas de ferrugem e desmontadas. Tem ainda de pé e bem conservado, parte do quartel militar, com tarimbas de madeira, em bom estado: o resto do quartel tem apenas as paredes, desmanteladas.

É sólidamente construido sobre os rochedos, e com pequeno dispendio se punha em bom estado de defeza. Foi construido por D. Affonso VI, pelos annos de 1665. — Sobre a porta da fortaleza, estão as armas de Portugal, ainda *picadas* pelos francezes, em 1807, sem haver uma camara que as reformasse, ou que, ao menos, fizesse como fizeram na porta da cidadella de Peniche, que lhe pozeram os castellos e os escudos postiços.

Por baixo das armas, está uma extensa inscripção, que não pude ler, porque, ficando bastante alta, era preciso uma escada, que não achei, apezar de mandar percorrer todas as casas da povoação.

Teve *ponte levadiça* sobre o fosso, que é bastante fundo, a qual está hoje substituida por uma ponte de pedra.

Fóra das portas do fórte, entre elle e a capella, ha um não pequeno baluarte, muito mais antigo do que o forte, e de robustas muralhas, olhando as suas canhoneiras para Peniche, que lhe fica a ONO. — Consta que estas fortificações são do tempo de D. João I.

O forte da *Consolação*, a cidadella e praça de Peniche, e a pequena peninsula e ilheus do Baleal, formam um triangulo, e se fossem bem aproveitadas estas posições e a da Berlenga, seriam as mais temiveis de todo o nosso littoral. (Vide *Peniche*).

NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO, de Alvados, ou de *Albardos*.

A pag. 170, col. 2.ª, do 1.º vol., tratei d'esta freguezia; mas depois obtive mais alguns esclarecimentos, e são os seguintes:

A parochia de Nossa Senhora da Consolação, de Alvados, era filial da de Nossa Senhora dos Murtinhos, a cuja egreja estava annexa uma ermida que havia no logar de Alvados, dedicada a Nossa Senhora da Consolação, e a ella hiam os beneficiados da egreja dos Murtinhos, dizer missa, por turno, aos moradores, nos dias sanctificados, recebendo por isso certa renda, em trigo; mas hiam receber os sacramentos á de Porto de Mós, e n'ella se sepultavam.

Sendo Summo Pontifice, Paulo IV, se impetrou breve, para que a referida ermida fosse elevada a egreja matriz, o que o papa lhe concedeu, por bulla pontificia, em 1558.

A collegiada de Ourem, apresentava o cura, e lhe pagava duas partes da *ordinaria*, que tinha o commendador, que vinha a ser — 80 alqueires de trigo, 25 almudes de mosto e 4$000 réis em dinheiro.

Eram obrigados á fabrica da egreja, capella-mór e sacristia, os vigarios das egrejas de S. Pedro, S. João, e da dita collegiada; todos com igual parte.

Tambem eram obrigados a dar casas para residencia do cura; que além do que fica mencionado, tinha algumas amentas — voluntarias — de meio alqueire de trigo.

Tinha esta freguezia em 1650, 210 fogos.

A capella-mór da egreja, é de abobada. O altar-mór, foi feito á custa dos freguezes, em 1645; custou o feitio, 40$000 réis. — A madeira foi dada pelo povo, assim como os carretos.

Em frente da freguezia, lhe fica o *Patel*, na serra d'Albardos.

Não ha na freguezia fonte alguma, e, apenas um poço, de muito bôa agua, no campo que fica por baixo do logar, e do qual poço todos bebem. Junto d'elle está uma lagôa que nunca sécca, d'onde bebem os gados. Na *Serra da Pia Carneira*, ha pias naturaes, que levam pipas d'agua, da chuva, que conservam até ao verão, sendo então aproveitada.

Este campo é muito fertil; mas é pouco extenso.

Ha no districto d'esta parochia as ermidas seguintes:

Em *Pia-Carneira*, uma, dedicada a S. Sebastião, feita por um particular, em 1604. Os moradores do logar, e seus visinhos, são obrigados á sua fabrica.

No *Covão da Nogueira*, outra, dedicada a S. Bento.

Nos *Penedos-Altos*, outra, da invocação de Santo Antonio.

Ambas estas capellas foram construidas pelos moradores dos respectivos logares, e são por elles fabricadas.

NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA, freguezia do Alemtejo.—Vide *Esperança*—vol. 3.º, pag. 60, col. 2.ª

NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA—Vide na mesma pag. 60, a freguezia que vae descripta depois da antecedente.

NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA, de Alpedriz.

Já tratei d'esta freguezia, a pag. 159, col. 2.ª, do 1.º vol.—Accrescento agora mais.

O priorado d'esta freguezia é muito antigo, e tinha beneficiados. Foi primeiramente da invocação de Santa Maria Magdalena. O prior é que apresentava os beneficiados, e collava, e mandava, com censura aos notarios que lhes dessem posse.

Extinguiram-se os beneficios, e parte do priorado; mas não consta quando, nem porque.

Tinha o prior, duas partes dos fructos, e o pé de altar, offertas, residencia, e passaes.

Tinha esta freguezia, em 1650, 150 fogos.

O prior e os parochianos eram obrigados á fabrica da egreja.

A' fabrica da capella-mór e da sacristia, éra sómente obrigado o prior.

Ha na egreja, e guardadas em um cofre, umas reliquias, mas não se sabe de quem.

Capellas

Junto á villa, e pela parte de cima, está a ermida de Santo Antonio.

Na *Ribeira do Pereiro*, ha a de Nossa Senhora da Consolação.

Ambas são fabricadas pelos moradores.

No logar dos *Montes*, ha a de São Vicente, edificada—por ordem do visitador—em 1652. O povo é obrigado á sua fabrica.

Teve, quando era concelho, juiz, vereadores, procurador do concelho, casa da camara, com cadeia, e um açougue do municipio.

O corregedor de Leiria conhecia das causas d'esta villa, não como corregedor, mas como ouvidor do mestrado de S. Bento de Aviz.

O juiz de fóra, hia cada anno, com um dos seus escrivães (por turno) lançar-lhe as sizas.

Teve n'esta villa, como em cabeça de commenda d'Aviz, Ayres de Souza e Castro, os direitos dos oitavos dos linhos, vinhos e outros generos, que, uns annos por outros, rendiam 40 a 50$000 rs. O resto da commenda era em *Tremez* e *Rio-Maior*.

NOSSA SENHORA DA FREIXA — Vide *Freicha e Marco de Canavezes*.

NOSSA SENHORA DO FREIXO—é o nome antigo, da actual freguezia do Freixo, no Alemtejo. E' a 2.ª mencionada a pag. 233, col. 2.ª, do 3.º vol.

NOSSA SENHORA DA GAIOLA—das *Córtes*.

Tratei d'esta freguezia, a pag. 402, col. 1.ª, do 2.º vol. Agora augmento mais o seguinte.

No anno de 1550, o bispo de Leiria, D. Braz de Barros, erigiu provisoriamente a ermida de Nossa Senhora da Gaiola, no logar das Córtes, em egreja parochial, para os moradores d'este logar e circumvisinhos, em quanto se não construisse a egreja da Sé d'aquella cidade, para onde tencionava mandal-os.

Ficou a nova freguezia, com 80 fogos.

Em 1582, o bispo, D. Pedro de Castilho, creou definitivamente esta parochia, ficando a mesma ermida servindo de egreja matriz, em quanto se não construia a nova.

Em 1607, estando a egreja parochial concluida, para ella se mudaram as imagens, utencilios e paramentos da capella, que o bispo D. Martin Affonso Mexia, mandou

demolir. O cabido oppôz-se a esta deliberação e houve letigio; mas a ordem do bispo prevaleceu, e a capella foi demolida.

A fabrica da Sé, era obrigada á fabrica da capella-mór, sachristia e meio arco do cruseiro, e os freguezes a tudo o mais.

O cura tinha de *ordinaria*, 60 alqueires de trigo, 25 almudes de môsto, e do bispo, em dinheiro, 3$000 rs. Tinha mais, o pé de altar. Regulava isto por 60$000 réis de rendimento. Tinha residencia (por detraz da egreja) a cuja fabrica eram obrigados os freguezes.

Em 1650, tinha 210 fogos.

O logar das Córtes, é fresco no verão, e tem muitas vinhas e pomares de varias fructas. Tem uma varzea que dá muito pão.

Ermidas

No logar das *Córtes*, ha a capella de *Nossa Senhora do Rozario*, que foi construida em 1576, sendo bispo D. Gaspar do Casal. São seus administradores, os Azambujos, do mesmo logar.

Ao pé da serra, a de *Nossa Senhora do Monte*, no sitio chamado *Pé-da-Cabeça-do-Bom-Dia*. Foi edificada em 1550 por um particular, que a dotou de rendas para a sua fabrica. Era então bispo, D. Braz de Barros.

A ermida do *Calvario*, que está em um êrmo, e sómente serve para ahi ir a procissão dos Passos.

No logar da *Reixída*, a capella de *Santa Martha*. Foi mandada fazer pelo bispo D. Diniz de Mello, para administração dos sacramentos; e por isso, os moradores d'aquelle logar e circumvisinhos, são obrigados á sua fabrica.

NOSSA SENHORA DA GLORIA—fregueguezia, Alemtejo. E' o nome da actual freguezia da *Gloria*, mencionada a pag. 281, col. 1.ª, no principio, do 3.º vol.

NOSSA SENHORA DA LUZ—freguezia, Alemtejo. Vide Luz, a pag. 502, col. 2.ª, do vol. 4.º

NOSSA SENHORA DA LUZ—freguezia, do Algarve—Vide *Luz*, a pag. 502, col. 2.ª, no fim, do 4.º vol.

NOSSA SENHORA DA LUZ—freguezia—Vide no mesmo 4.º vol., a freguezia immediata á antecedente.

NOSSA SENHORA DOS MARTYRES, freguezia do Alemtejo—Vide *Martyres*, a pag. 114, col. 2.ª, do 5.º vol.

NOSSA SENHORA DOS MARTYRES—freguezia—Vide *Castro-Marim*, villa do Algarve, e *Sanctuarios*, na palavra *Nossa Senhora dos Martyres*.

NOSSA SENHORA DO MONTE—Ha varias freguezias com esta denominação, que já estão no 5.º vol., sob a palavra *Monte*.

NOSSA SENHORA DAS NEVES—freguezia do Alemtejo—Vide *Neves*.

NOSSA SENHORA DA ORADA—freguezia do Alemtejo. Vide *Orada*.

NOSSA SENHORA DA ORADA—freguezia do Douro (bispado de Coimbra) Vide *Orada*.

NOSSA SENHORA DA ORADA—freguezia do Alemtejo. Vide *Orada*.

NOSSA SENHORA DO PÊSO—As 3 freguezias d'esta denominação, vão todas na palavra *Pêso*.

NOSSA SENHORA DOS PRAZERES—Vide *Prazeres*.

NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO—das *Freixiandas*, ou *Freixiendas*.

Já está a pag. 232, col. 1.ª, no fim, do 3.º vol. Aqui accrescento o seguinte.

Havia junto á villa de Ourem, no logar de *Freixiandas*, um priorado, com boas rendas e beneficiados, instituido em 1445, sendo papa Eugenio IV, e arcebispo de Lisboa, D. Pedro de Noronha (vol. 4.º, pag. 272, col. 1.ª) por D. Affonso, conde de Ourem e marquez de Valença. [1]

Passado tempo, pediu o marquez, ao arcebispo D. Pedro de Noronha, que, para se celebrarem os officios divinos com mais authoridade, perfeição, devoção e solemnidade, e com maior numero de ministros, lhe alevantasse em collegiada, a egreja de Santa Maria, extinguindo-se as outras vigariarias, priorados e beneficios, quando vagassem; para se crearem as dignidades e conegos. Assim se fez, excepto nas egrejas de Porto de Moz.

[1] Era filho de D. Affonso, 1.º duque de Bragança, e neto (por bastardia) de D. João I.

Assim, ficou o marquez com duas terças partes dos disimos de todos os fructos do seu districto, que era—a freguezia da collegiada —as das Freixiandas, Seiça, Olival, Fatima, e Santa Catharina da Serra. A outra terça parte, era do cabido de Lisboa, e do collegio (jesuita) de Santo Antão, d'esta ultima cidade; mas para este collegio, foi só emquanto durassem as obras.

Ainda tinha mais nas egrejas de S. Pedro e S. João, de Porto de Mós, a terça parte dos disimos.

O priorado tinha, álem d'isso, umas casas annexas, e outras propriedades.

—

Extinguindo-se o priorado e beneficios das Freixiandas, como fica dito, ficou a egreja, da invocação de Nossa Senhora da Purificação (ou das Candeias) servida por um cura annual, amovivel, até 1567. Então, sendo arcebispo de Lisboa o infante D. Henrique (irmão de D. João III, e que veio a ser rei de Portugal), em consideração a haver esta egreja sido priorado, e que, sendo vigariaria, seria melhor servida, a erigiu em vigariaria perpétua, reservando para si e seus successores o provimento d'ella; porém o cabido da collegiada de Ourem, oppôz-se, allegando e provando que lhe pertencia a apresentação, por ser egreja unida á collegiada, e obteve sentença á seu favor.

Taxou (o cabido) de *ordinaria*, ao vigario, 40$000 réis em dinheiro, pagos por elle, e o pé de altar da dita egreja e da de S. Jorge, da freguezia, algumas amentas—voluntarias—de meio alqueire de trigo cada uma, nenhuma perpétua: dáva-lhe mais o cabido, dois almudes de vinho, para as missas, e dois alqueires de trigo, para hostias—que tudo andava por 120$000 réis annuaes, de renda. Não tem residencia.

Pôz encargo ao vigario, das missas dos domingos e dias sanctificados, *pro populo*, e ás segundas feiras, pelos defuntos.

O cabido ficou obrigado á fabrica da egreja; mas, no anno de 1639, fez contrato com os freguezes d'ella, e lhes dá cada anno para a fabrica (que elles tomaram sob sua responsabilidade) 6$000 réis e as covagens—que éra—de cada cova, dentro da egreja, cada vez que n'ella se enterrasse algum defuncto, 200 réis.

Foi este contracto com a condição de que—cahindo a egreja, ou arruinando-se, o cabido a mandaria reedificar, ou reparar.

Ermidas

No sitio do *Farrêu*, a de Santo Antonio, construida em 1600, por um particular, que a dotou com rendas para a sua fabrica. Disse-se aqui a primeira missa, em 1601.

Junto ao logar do *Arneiro*, a de S. Jorge, muito antiga. Tem confraria. Faz-se aqui uma romaria e feira no dia do padroeiro.

A de *Rio de Couros*, de Nossa Senhora da Ajuda, junto a uma quinta. Foi construida, em 1633, por um particular, que lhe estabeleceu rendas para a sua fabrica.

No mesmo sitio, entre um olival, está a ermida de Nossa Senhora da Natividade, cujas offertas rendiam cada anno, ao cabido da collegiada, 6 a 7$000 réis. É muito antiga, e fazem-se-lhe algumas romarias. Na festa principal (8 de setembro) ha aqui feira e romaria, muito concorridas.

Esta ermida é actualmente egreja matriz.—Não se sabe quando para aqui foi removida da antiga, mas suppõe-se que foi em 1728, por estar esta data gravado na pia baptismal.

Na *Freixianda*, que é por cima da parochial, a de S. Miguel.

No logar do *Arneiro* (alem da de S. Jorge) a de Santa Martha, construida em 1607, por ordem do visitador. É fabricada pelos moradores do logar e visinhos.

Entre a *Cabeça da Cabra* e a *Aventeira*, a de S. Pedro, apostolo.

Na *Fandoeira* (ou *Fundoeira*) a de S. Romão.

No *Valle de Carvalho*, a de Nossa Senhora da Graça. Todas são fabricadas pelo povo. Foram mandadas fazer pelo visitador, para administração dos sacramentos.

No *Summo*, a de Nossa Senhora da Natividade, feita e dotada por Affonso Pires Loureiro, vigario que foi d'esta parochia, que

deixou administrador e certa obrigação de missas.

Na *Salgueira*, a de Nossa Senhora da Esperança, que tem administrador e fabrica particular.

Na *Charnéca*, a de Nossa Senhora do Amparo, feita por ordem do visitador, para administração dos sacramentos. Concedeu-se licença para esta construcção, em junho de 1657.

NOSSA SENHORA DAS RELIQUIAS—Vide *Reliquias*.

NOSSA SENHORA DO ROSARIO—Ha tres freguezias d'este nome — para todas, vide *Rosario*.

NOUDAR—Vide *Nodar*.

NOURA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Murça, comarca d'Alijó, arcebispado e 105 kilometros a N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Annunciação.

Districto administrativo de Villa-Real.

O cabido da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé de altar.

Ha n'esta freguezia tres castellos muito antigos, chamados — *de Noura, de Sobrêdo*, e *de Cidadonha*.

Foi villa, e é povoação antiquissima. O seu nome é corrupção do arabe *Naûra*, que significa *nóra* (machina hydraulica).—Vem a ser — *povoação da nóra*.

D. Sancho II lhe deu foral, a 8 de maio de 1224. — Vem no *L.° 2.° das Doações de D. Affonso III*, a fl. 66 v., e no *L.° de foraes velhos de leitura nova*, fl. 131 v., col. 1.ª

D. Affonso III lhe deu outro foral, confirmando o antigo, em Santarem, a 10 de janeiro de 1268. (*L.° 1.° de Doações, de D. Affonso III*, fl. 86, col. 1.ª)

NOVA CINTRA—Vide *Carriche*, vol. 2.°, pag. 127, col. 2.ª

Era aqui a 4.ª estação do caminho de ferro Larmanjat. Fica a 8 kilometros a N.O. de Lisboa.

NOVAES—freguezia, Minho, comarca, e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, tinha em 1757, 54 fogos.

Orago, S. Simão, apostolo.

As religiosas de Santa Clara, de Villa do Conde, apresentavam o vigario, collado, que tinha 50$000 réis de rendimento.

Esta freguezia, está actualmente annexa á de *Ruivães*.

NOVÉA, ou **NOVENA**—portuguez antigo — a 9.ª parte. Acha-se este termo com muita frequencia, nos livros e escripturas antigas. Ainda nas côrtes de Lisboa, de 1455, se falla em *pam aneveado*. (Doc. de Lamego, do seculo XIV.)

NOVEGILDE, ou **NOVOGILDE**—Vide *Nevogilde*.

NOVÊLHE—Vide *Brêa* e *Lovêlhe*.

NOVELLAS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 36 kilometros ao N.E. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O abbade beneditino, do mosteiro do Bustêllo (Penafiel) apresentava o cura, que tinha 16$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

É terra fertil.

NOZÊDO, ou **NUZÊDO — DE CIMA**—freguezia (supprimida) de Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 65 kilometros de Miranda, 475 ao N. de Lisboa. Tinha em 1757, 61 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Antigamente dava-se a esta freguezia o nome de *Nozêdo Traspassante*.

O reitor de *Tiozêllo*, ou *Toizêllo*, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé de altar.

Esta freguezia está hoje annexa á de *Tiozêllo*.

NOZÊDO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 105 kilometros a N.E. de Braga, 430 ao N. de Lisboa. Tinha em 1757, 40 fogos.

Orago, o Salvador.

O parocho era vigario, confirmado, da apresentação do reitor da freguezia de Santa Leocadia de Moreira. (Vol. 4.°, pag. 89,

col. 2.ª) e tinha de rendimento, 55$000 réis.

Esta freguezia, está, desde o fim do seculo XVIII, annexa á de Santa Leocadia de Moreira.

Ambas tinham sido do extincto concelho de Carrazêdo de Monte-Negro.

NOZÊDO DE SUB-CASTELLO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 80 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa. Tinha em 1757, 21 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Rebordéllo, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Esta freguezia está desde o fim do seculo XVIII annexa á de Rebordêllo, d'este concelho.

NUMÃO — freguezia (e antiquissima villa), Beira-Baixa, comarca e concelho de Villa-Nova de Foz-Côa (foi antigamente do concelho de Freixo de Numão, comarca da Pesqueira), bispado e 50 kilometros de Lamego, 350 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Districto administrativo da Guarda.

Situada em logar muito alto e forte, pelo que tambem se chama *Monforte.*[1] É cercada pelo Douro e Teja, aquelle pelo N. e este pelo E.—Vide *Teja, rio.*)

Tem um castello com 15 torres, de cantaria, tudo arruinado, e uma torre com seu relogio.

É uma das mais antigas povoações da Peninsula, como adiante direi.

Foi povoação romana, gothica e arabe. Com as guerras que os irmãos D. *Thedon* (*Theudo* ou *Thedo*) Ramires e D. Rauzendo Ramires—(filhos de D. Hermigio Albazar Ramires e de D. Dordia Ozores, e netos do infante, D. Alboazar Ramires (o Cid) e de D. Helena Godes—e bisnetos de D. Ramiro II, rei de Leão, e da formosa Zahara (Vide *Ancora, Cabriz, Calle, Granja do Tedo, Paredes* e *Rezende*)—com as guerras, digo, que aquelles dois cavalleiros fizeram por estes sitios, desde 1030, aos mouros, estes abandonaram as suas povoações da margem esquerda do Douro, pelo que, d'ahi a cem annos, achou D. Affonso Henriques e sua mãe, esta villa deserta, e a deram a D. Fernão Mendes de Bragança e a seus filhos, que n'esse anno (8 de julho de 1130) a povoaram, e lhe deram foral, dando-lhe n'elle o titulo de cidade. Este D. Fernão Mendes era genro de D. Thereza e cunhado de D. Affonso Henriques.

Em 1285, o rei D. Diniz, reedificou e ampliou muito as antigas fortificações, ou, segundo outros, mandou construir tudo de novo, aproveitando os materiaes das obras mouriscas.

Dentro do castello ha uma notavel cisterna de cantaria, de optima agua.

Deu-lhe carta de confirmação do seu antigo foral, e a cathegoria de villa, n'esse mesmo anno de 1285.

> No primeiro foral d'esta villa (o de Fernão Mendes) depois de dizer—*O homem que deixar sua mulher, peite um coelho ao juiz (!)*—*continúa*—*Et si aliquis quescierit revelare illa mulier ad suum maritum: quantas noctes iluc revelaverit, tantos CCC* (300) *sol.* (soldos) *pectet ad suum maritum, et ad Palatium.*
>
> Este *revelare,* deve entender-se pelo ajuntamento da mulher com o homem; porque na Sagrada Escriptura se emprega varias vezes o termo —*revelare turpitudinem,* no mesmo sentido.

Consta que já no tempo dos romanos foi praça de guerra, e um dos seus principaes presidios.

As muitas medalhas romanas, de ouro, prata e cobre, que no seu castello e visinhanças se teem achado, o provam plenamente.

Parece que esta povoação é mais antiga do que o dominio dos romanos na Lusita-

[1] No foral que D. Fernão Mendes de Bragança e seus filhos deram á *cidade* de *Nomam,* em 1130 (como fica dito a pag. 236, col. 2.ª, do 3.º vol.) se diz d'ella — *cognomento Monforte.*

nia, porque já no tempo d'elles se chamava *Naumam*, palavra da antiga lingua hispanica, que significa *cidade* ou *povoação* fortissima, edificada sobre escarpados rochedos.

Não erá só a este castello que se dava o nome de *Naumam.* No testamento de D. Flamula (Chama, em portuguez) feito em 960 (*Livro 1.º de D. Mumadona, de Guimarães, fl.* 7) a varias fortalezas edificadas sobre rochedos se dava o mesmo nome, que era generico; porem Numão, era assim chamado por excellencia, ao que parece. N'aquelle testamento, se designam com o titulo de *Naumans*, os castellos de *Langobria* (Longrôiva) *Pena de Dono* (Penedôno) *Semorzelli* (Cernancelhe?) e outros. Vide *Langroiva.*

No foral de D. Fernão Mendes de Bragança, dado aos povoadores de Numão—expressamente se diz—*Civitate Nomam, cognomento Monforte*—Vê-se pois que *Monforte* é synonimo de *Naumam.*

Na carta de confirmação de foral, que á villa deu o rei D. Diniz, lhe conserva o nome de Monforte.

Em 1145, o mesmo D. Fernão Mendes, tendo povoado o castello de *Langrovia*, entre Marialva e Numão, o doou aos cavalleiros do Templo.

Desde antes de 1130, até depois de 1145, era Numão, Penadono, Langroiva, Marialva, e todas as mais egrejas d'entre o Côa e o Tavora, do arcebispado de Braga. (*Mon. Lus.*, V., fl. 174.)

A falta de bispos em Viseu e Lamego, fez com que se alargassem os limites do arcebispado de Braga, e do bispado de Coimbra, sem attenção ás antigas demarcações.

—

Até ao fim do seculo XIII, se acha sempre esta villa denominada *Monforte*, ou *Numão.* Depois, decahindo esta povoação, e prosperando o logar do *Freixo*, se começou este a chamar *Freixo de Numão*, tomando por armas—uma mão estendida ao alto, debaixo de uma corôa imperial, entre um N. e um E, que quer dizer *Nemão.*

Sahindo do castello para a villa, pela porta que está ao O., se vê uma pedra embutida no muro, do lado direito, que diz:

INCEPIT TURREN IN E M.CC.XXVII
(1189 de J. C.)

Ao entrar pela porta travessa, que está ao N. da egreja matriz da villa de Numão, se vê uma pedra quadrada, que tem ao alto uma pia de agua benta, e na frente esta inscripção:

TI. CLAUDIUS.
SANCIVS. EQ.
CHOR. TIT. LY
SITANORVM.
DIS. DEABVSQ.
CONIVMBRIC.
S. L. M.

Parece ser uma memoria, que Tito Claudio Sanches (ou Sancho) cavalleiro da cohorte Ticia, dos lusitanos, consagrou aos deuses e deusas de Conimbriga, (Condeixa Velha.)

No circuito do velusto castello, e nos seus muros, se veem muitas inscripções romanas e milhares de sepulturas, tambem com inscripções, nas suas tampas; o que induz a crer que era aqui a famosa *Numancia*, ou, pelo menos, uma cidade importantissima da antiguidade.

—

Em 1238, deu o concelho de Numão, a Dom Abril, uma grande herdade, entre *Cedavi*, *Muxagata* e Langroivo, *ut faciatis ibi moratam, et pousatam*—e o fizeram seu visinho—*pro adjutorio, et defensione quam vobis facitis, et promittitis facere.*

Em 1242, deu o mesmo concelho, ao dito D. Abril; o *campo da Touça*, ou *Granja da Touça*, sob a mesma condição.

Vindo depois esta propriedade á côroa, o rei D. Diniz a deu ao mosteiro de Tarouca, pela terça parte da villa de Aveiro. Os frades de Tarouca, emprazaram depois o tal campo da Touça, por 360 alqueires de trigo, ou 36$000 réis em dinheiro, que vinha a ser a 100 réis o alqueire.

—

No logar de *Arnozéllo*, termo de Numão, mas em territorio da freguezia de Custoias (vol. 2.º, pag. 461, col. 2.ª) está a capella de *Nossa Senhora da Ribeira*, junto a uma quin-

ta tambem chamada de Arnozêllo. Fica a uns 200 metros da margem esquerda (S.) do rio Douro, em frente do famoso (e temeroso) ponto chamado do *Cachão*, e a 42 kilometros de Lamego.

A sua lenda é a seguinte:

Appareceu (em 1585) a um homem muito virtuoso, chamado Cypriano Rodrigues, natural e morador da villa de Numão, casado com Catharina Francisca, em primeiras nupcias; em segundas, com Isabel Affonso; e em terceiras com Maria Antunes.

A Senhora lhe mandou, que lhe edificasse uma ermida, designando-lhe ella o sitio. Queria o bom do homem cumprir immediatamente a ordem; porem a 1.ª mulher se oppoz, pretextando a grande pobreza em que viviam, e que a apparição seria alguma illusão diabolica.

N'essa noite, acordou Cypriano, e viu a casa cheia de luzes, e ouviu uma voz que fallava. Acordou a mulher, que ouviu distinctamente estas palavras—*Cypriano, não temas, faze a minha egreja, junto ao logar de Arnozello, onde te assignei, e eu te serei propicia.*

A mulher, á vista d'isto, não fez mais opposição, convindo logo na edificação, a que immediatamente se procedeu.

Como eram muito pobres, nem todos os seus haveres chegavam para construir os alicerces; mas tanta fortuna lhe deu a Senhora, que pôde concluir a obra; e augmentando-se-lhe as felicidades nos seus negocios, veiu a morrer bastante rico, deixando a seus filhos uma bôa herança.

Quando deu principio á obra, tinha um pouco de pão em uma dorna, e algum vinho em uma pipa, e tirando de um e outro genero, para a sua familia e para os operarios da capella, nunca até ao fim da obra sentiu diminuição nas suas provisões.

Em 1590, estava a capella concluida, como se vê em uma pedra, sobre a porta principal (do lado de fóra) que diz:

A CYPRIÃO RODRIGUEZ, QUE
MANDOU FAZER ESTA OBRA, NO ANNO DE 1590,
APPARECEU NOSSA SENHORA, SANTA
MARIA DA RIBEIRA.

Mais adiante estão tres letras, que se julga serem as iniciaes do nome do mestre pedreiro, que fez a obra.

Na cruz do remate do campanario, que fica á entrada da egreja, e no qual estão dois sinos, está outra inscripção que diz:

EM 1597 ME FEZ O MESTRE JOÃO
LOURENÇO TRIGO

No retabulo da capella-môr se lê:

FOI FEITO EM 1613

Mandou o fundador fazer logo a imagem da padroeira da sua capella, e pouco tempo depois se instituiu uma irmandade, com cinco jubileus perpetuos, concedidos á casa da Senhora, os quaes se ganham em varios dias do anno, nas festividades da mesma Senhora. Teve um capellão permanente, com residencia, cêrca e fonte, junto á egreja.

Junto á capella ha casas para abrigo de romeiros, que affluem aqui, em grande quantidade.

Pelos annos de 1640, estando em máo estado as paredes do templo, as mandou reparar e ampliar, o bispo de Lamego, D. Miguel de Portugal, da casa dos condes de Vimioso, e que foi embaixador extraordinario, por D. João IV, na curia romana.

E' tão ampla esta egreja, que muito bem podia servir de matriz a uma grande villa.

No retabulo da capella-mór, está o retrato do bispo D. Miguel de Portugal.

—

Cypriano Rodrigues, fez o seu testamento em 1591, que foi aprovado a 19 de maio de 1592. Deixou parte de seus bens á egreja de Nossa Senhora, para, pelos rendimentos se continuarem as obras, com reversão para seus herdeiros, findas ellas.

Impôz aos capellães o encargo de cinco missas annuaes e um responso, que poucos annos se cumpriu, apezar de ser tão limitado, e de ser o testador que lhe deu as casas, cêrca e fonte, que disfructavam.

O fundador, foi sepultado na egreja, em frente do altar da Senhora.

E' esta imagem de muita devoção d'estes

povos, e ás suas romarias concorre gente de muitas leguas de distancia.

—

Tambem no termo de Numão, está a capella de Nossa Senhora do Viso, edificada em tal situação, que a sua capella-mór fica no termo de Numão, na freguezia de S. Pedro, e o corpo da mesma egreja, no da villa de S. João da Pesqueira.

E' uma ampla egreja, com altar-mór e dois lateraes.

Já a pag. 461, col. 2.ª, no fim, do 2.º volume, tratei d'esta notavel capella, e do seu estado actual; mas aqui, accrescento mais o seguinte:

A sua antiga torre dos sinos, denotava uma remotissima antiguidade, e parecia ter sido originariamente construida para torre de *almenára* ou atalaya, dos antigos lusitanos ou dos romanos.

Esta capella está 2 kilometros ao S. O. da freguezia de Custoias (e por isso a descrevi alli) mas estava annexa á freguezia de S. Pedro de Numão, e unida ao mestrado da cathedral de Lamego, mas encorporada hoje na freguezia de Nossa Senhora da Assumpção, da villa de Numão.

A sua festa é no dia da Natividade da Senhora, a 8 de setembro.

Antigamente pela Paschoa da Resurreição, hiam visitar a casa da Senhora, todas as freguezias dos logares circumvisinhos, e os povos, unidos com os seus respectivos parochos, ahi entravam de *cruzes alçadas*. A mesma visita faziam nos sabbados da quaresma.

Nada se sabe quanto á origem d'esta capella, senão que é antiquissima.

—

De proposito guardei para o final d'este artigo, as noticias sobre a famosissima cidade de Numancia, por ser a parte mais importante d'elle; e porque o povo d'estes sitios—e com elle, muitos escriptores — sustentam que *Numão* é corrupção de *Numancia*, e que aquella está fundada sobre as ruinas d'esta.

—

Quatro são as opiniões que ha, com respeito á situação de Numancia.—A 1.ª diz que esta cidade era onde hoje se vê o castello de Numão—a 2.ª diz que era a cidade hoje chamada Zamóra—a 3.ª diz que era a actual cidade de Sória—a 4.ª sustenta que era no sitio onde agora está a pequena aldeia chamada *Puente de Garay*, pouco acima de Sória.

Notemos, porem, que nas Hespanhas houve tres cidades com o nome de Numancia (provavelmente, porque, como já disse, era generico, e applicado ás povoações fortes, fundadas em sitio pouco accessivel, e sobre rochedos.)

—

A 1.ª, foi a antiquissima e famosa, pela resistencia que fez aos romanos, preferindo os seus habitantes morrerem (como os de Sagunto) a capitularem, e pelo que, conseguindo o grande Scipião conquistal-a, a arrazou pelos fundamentos.

Orosio, no *Livro 15.º*, *cap. 7.º*, *dos Arevacos*, sitúa esta cidade na raia da Celtiberia no paiz dos arevacos, ou muito proximo d'elles, e da sua mesma raça.

Rotogenes Numantino, dizia a estes povos—*Numantinis consaguineis ipsorum opem ferre nom recusarent*—(que não recusassem dar soccorro aos numantinos seus parentes.)

Estava perto da cidade de *Termes* ou *Thermes*, segundo diz Appiano, e confinava com o paiz dos *lusões*.

Tambem estava proximo dos vacceos, como diz Orosio.

Junto a Numancia passava o rio Douro, e a cidade estava edificada sobre um outeiro; o seu territorio era cortado por dois rios, e os numantinos navegavam pelo Douro; e estava cercada de montanhas. Isto consta dos escriptores citados.

A 2.ª Numancia, tambem era uma cidade muito antiga, e já existia no tempo de Strabão, de Ptolomeu, e do imperador Antonino Pio; pois todos elles a mencionam; mas era mais moderna do que a 1.ª—pois sendo esta arrazada por Scipião, não podia ser a segunda, visto que este famoso capitão, viveu muitos annos antes d'aquelles tres escriptores.

Plinio, que tambem falla de Numancia,

certamente allude a esta 2.ª, pois lhe dá as seguintes confrontações.

Estava a 25 leguas de Zaragoça, entre Voluce e Augustobriga, no caminho de Astorga para Zaragoça, pela Cantabria. Assim mesmo a marcam Strabão e o Itinerario de Antonino.

A 3.ª Numancia, é a actual cidade de Zamora; o que se prova pela divisão dos bispados de Hespanha, feita pelo rei Wamba.

—

D'estas tres confrontações, facilmente se collige, que as da primeira quadram perfeitamente em tudo com as da actual villa de Numão; porém o padre D. Jeronymo Contador de Argote, nas suas *Memorias de Braga*, é de opinião que seja a terceira; e esta opinião seguem outros escriptores, que se fundam na circumstancia de não passar por estes sitios, nem mesmo por territorio algum das duas Beiras, o rio *Tejo*. Se fosse só esta a objecção, estava destruida pelos fundamentos; porque ninguem disse, senão por ignorancia, ou por erro de cópia, que o *Tejo* confluia aqui com o Douro.

O rio que passa perto de Numão, juntando-se a pouca distancia com o Douro, é o *Teja* (ou *Tera*) que nasce nas visinhanças de Cedavim, e entra na esquerda do Douro, pouco acima de Numão.

Por signal, que na foz do *Teja*, está a grande quinta das *Figueiras*, da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, viuva de Antonio Bernardo Ferreira (o Ferreirinha) casada em segundas nupcias com o sr. Torres, da Régua, e mãe da sr.ª condessa da Azambuja e do sr. Antonio Bernardo Ferreira, do largo da Trindade, do Porto).

Esta quinta das Figueiras, é uma das melhores do Douro (senão a melhor). Antes do *oidium tukeri*, chegou a produzir 900 a 1:000 pipas de vinho superior, por anno, além de muito azeite, amendoas, fructas, etc.

N'esta quinta trabalham ás vezes, simultaneamente, 500 operarios. Tem espalhadas pela quinta, dez boas moradas de casas; e aos domingos e dias sanctificados, ha aqui missas e um bom mercado.

Ha ainda outra objecção, que parece concludente, mas não o é.

Se Scipião arrazou completamente a cidade de Numancia, como é que ella existe?

Responde-se — Para se tomar ao pé da letra a palavra *arrazar*, era preciso que o logar em que estava fundada a povoação, ficasse sem vestigios de um só muro, o que rarissimas vezes acontecia, nem os conquistadores teem tempo para fazer tanto. Mas, supponhamos que o general romano *arrazou tudo, sem deixar pedra sobre pedra* — isto foi no anno 3796 do mundo, que são 208 antes do nascimento de Jesus Chrtsto (e portanto, ha hoje 2083 annos). Não podia depois reedificar-se? Todos sabem que os romanos, os godos e os arabes, destruiram muitas povoações peninsulares, que depois reconstruiram.

Já vimos no principio d'este artigo, que em 1130, estava esta povoação abandonada, e que depois, o rei D. Diniz *reedificou o castello*, ou aproveitou os materiaes das *antigas fortificações, para levantar as modernas*. Concedamos que a cidade de Numancia foi *litteralmente arrazada*, e que assim ficou até 1130 de Jesus Christo, em cujo anno, D. Fernão e seus filhos a povoaram.

Tambem se diz que o ambito do monte não podia conter uma fortaleza, com capacidade para uma grande povoação, e para uma forte guarnição, como era preciso para resistir a um cêrco de alguns mezes (uns dizem tres, outros cinco e outros sete) posto pelo mais bravo general romano d'esse tempo, com um exercito aguerrido e disciplinado. É porque estes taes, não comprehendem o que é amor da patria e que prodigios de heroismo elle nos leva a praticar.

Noto tambem, que, n'aquelles tempos, população e guarnição era uma e a mesma cousa; porque todos os lusitanos eram soldados sempre promptos para defenderem as suas terras e familias.

Não quero dizer, com tudo quanto fica ponderado, que era aqui incontestavelmente o assento da heroica Numancia; mas é certo que muitas circumstancias concorrem para o suppormos, com bons fundamentos.

Nem se diga que, pelo seu pouco ambito, não podia em tempo algum ter sido isto considerado como cidade. Todos sabem; e em varias partes d'esta obra tenho dito, que antigamente, e ainda no tempo do nosso conde D. Henrique, se dava o nome de *cidade*, a uma circumscripção ou comarca qualquer; e muitas vezes a um simples castello. (Vide *Areja*, a pag. 238, col. 1.ª do 1.º volume).

Se Numão é a antiga Numancia, tambem esta não era mais para o N. ou para o S.— mais ao E., ou ao O.; mas no mesmo logar da actual—porque é aqui que se teem descoberto as antiguidades romanás de que fallei, e a quantidade prodigiosa de sepulturas que se teem encontrado n'este monte, induzem a crer que os romanos aqui permaneceram por longo tempo, e então, é obvio que elles reedificaram a cidade, ao menos em parte.

Finalmente, fosse ou deixasse de ser aqui a nobilissima Numancia, é incontestavel que este monte foi occupado por uma importante e antiquissima cidade romana, á qual se não conhece outro nome: mesmo porque, como fica dito, o nome de *Naumam* quadrava perfeitamente á actual *Numão*, assim como lhe quadra o de Monforte, por que tambem era nomeada, e que vinha a ser a mesma coisa.

Em todo o caso, o castello, a villa e os arredores de Numão, mereciam bem ser vistos e estudados por um dos nossos illustrados archeologos.

NUNES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago, S. Cypriano.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Ouzelhão apresentava o cura, que tinha 12$500 réis de congrua e o pé d'altar.

NUZÉLLOS, ou **NOZÉLLOS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros, 70 kilometros a N. O. de Miranda, 420 ao N. de Lisboa. Tinha em 1757, 12 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de *Arcas*, e por isso se chama *Arcas* e *Nuzéllos*.

Nuzéllos, foi villa, cabeça de concelho, e teve foral. Ainda em 1834 se conservava na casa da camara de Nuzéllos, um freio, que se punha ás mulheres de má lingua, e ás calumniadoras. Consta que nunca ganhava ferrugem. (Vide *Arcas* e *Nuzéllos*, vol. 1.º, pag. 231, col. 2.ª)

NUZÉLLOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle-Paços, 100 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 59 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Expectação.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de Oucidres apresentava o cura, confirmado, que tinha 50$000 réis de congrua e parte do pé de altar.

Esta freguezia, bem como a de Monforte do Rio Livre (que foi villa) estão annexas á de Lebução, formando todas tres, uma só e mesma freguezia. (Vide *Lebução* e *Nuzéllos*, a pag. 62, col. 2.ª, no fim—do 4.ª volume.)

O

O — como letra numeral, tinha antigamente o valor de 11 — plicado, valia 11:000.

O — na musica dos antigos, era signal para se abrir inteiramente a bocca, no canto.

O — na antiga Hibernia, hoje Irlanda, anteposto ao nome proprio, é distinctivo de nobreza, designando um descendente de familia illustre — v. gr. — *Ó Brien, Ó Coster, Ó Conell, Ó Donell*, etc.

(Os inglezes teem o seu *Son*, e os escocezes o seu *Mac*, que corresponde ao Ó irlandez.)

Ó — (Nossa Senhora do) da *Beberriqueira*. Vide *Thomar*.

O — no antigo portuguez, significava merenda, beberête, convite, etc., que se dava nas cathedraes, collegiadas e mosteiros, em cada um dos sete dias antes do Natal; principiando nas primeiras *vesperas* da festa de Nossa Senhora da Expectação (*Nossa Senhora do Ó*).

A razão de se chamar do Ó, é porque n'estes 7 dias se cantam as 7 *antiphonas*, que todas principiam por O.—Do O das antiphonas, passou o nome para as taes *merendas*, as quaes se tornaram tão abusivas e turbulentas, que os prelados, a poder de reiteradas censuras, as extinguiram.

A festa do O., foi instituida pelo decimo concilio de Toledo, em 656. De Toledo passou a Portugal, e, por fim, a toda a Egreja.

D. João de Chaves, bispo de Lamego, commutou as merendas do O, em 1445, em certos anniversarios.

Estas merendas consistiam em vinho, fructas, *especies*, confeitos, tamaras e passas. *E, como se hi juntava muita gente de desvairadas maneiras, entre as quaes eram vis pessoas, que, depois que bebião, dizião e fazião muitas enormidades, e alevantavão arruidos e contendas, que erão azo de se seguirem algumas violencias*, etc. — (Doc. da Sé de Lamego, de 1445.)

Em 1518, convieram os vereadores da camara de Freixo de Espada á Cinta, com tres raçoeiros da collegiada d'aquella villa, que o Ó, de vinhos e fructas que se dava ao povo, se désse á fabrica da egreja, por estar muito pobre, reduzindo o O a 500 réis cada anno.

OANE—portuguez antigo—João. Tambem se dizia *Oanes, Jounnes, Joane*, etc.

OB — portuguez antigo — *ou* — *Que dedes a mim, ob á ma geraçom................ Se vós, ob obtrem per vós, lavrar, ob morar essa herdade, e nom for meu homem, ob de meus filhos, ficar a mim esse herdamento livre.* (Doc. do seculo XIV.)

ÓBA — sobrepeliz, ópa, sotaina, vestidura solta e comprida, que os ecclesiasticos trazem sobre os vestidos justos.

OBEDEENÇA — portuguez antigo — obediencia.

OBEDIENCÍA—portuguez antigo—o mesmo que *ovença*, ou *avença*. Certo fôro.—Elvira Mendes, prioreza do mosteiro benedictino da Espiúnca, doou uma herdade a João Guilherme, seu abbade, e confessor; e a Martinho Pires, seu sobrinho e afilhado; cuja herdade, por morte d'ambos, ficaria livre *ab Obedientia de Conductaria*. (Doc. d'Alpendurada, de 1189.)

Conducteria, são todas as eguarias e mantimentos que se comem com pão. Este termo, como se vê, já era usado no seculo XII. Ainda hoje se usa em algumas aldeias do norte do reino; porém, mais geralmente, dizem *conducto*, e os mais velhos, *condôito*.

OBEDIENCIA — portuguez antigo — procuração, sachristia, enfermaria, etc.—e *obediencial*, o que tinha a seu cargo alguma d'estas coisas, *ovença*, officina, etc.

Tambem se dava o nome de *obediencia*, na

ordem dos monges benedictinos, aos mosteiros pequenos, hospicios, pequenos priorados, ou granjas, dependentes de qualquer mosteiro.

OBEDIENCIAL — portuguez antigo — era tambem o conego regrante, que estava fóra do mosteiro, com licença do prelado.

OBIDOS — villa, Extremadura, cabeça do concelho do seu nome, na comarca e 5 kilometros ao S. das Caldas da Rainha, 60 kilometros ao S.O. de Leiria, 30 ao S. de Torres Vedras, 18 ao N.O. de Peniche, 12 ao S. do Atlantico, e 65 ao N.O. de Lisboa, 790 fogos, em duas freguezias, Santa Maria, 340, S. Pedro, 450.—É no patriarchado, districto administrativo de Leiria.

Em 1757 (e ainda até ha poucos annos) tinha quatro freguezias, que eram:

1.ª—S. Thiago, apostolo. O abbade do mosteiro de Valle-Bem-Feito (de monges da ordem de S. Jeronymo) era abbade d'esta freguezia, e n'ella apresentava um cura, que tinha 100$000 réis por anno. O priorado rendia um conto de réis annualmente. Tinha, em 1757, 141 fogos.

2.ª—Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção). O Sacro Collegio dos principaes da Santa Egreja patriarchal, tinha o priorado d'esta freguezia; mas era parochiada por um cura, apresentado pelos beneficiados da collegiada da mesma egreja, que tinha 100$000 réis de rendimento. O priorado rendia 1:200$000 réis annualmente. Tinha, em 1757, 108 fogos.

3.ª—S. Pedro, apostolo.—As rainhas apresentavam o prior, que tinha um conto de réis de rendimento. Tinha, em 1757, 200 fogos.

4.ª—S. João do Mocharro (S. João Baptista). A mitra apresentava o prior, que tinha 500$000 réis de rendimento. Tinha em 1757, 225 fogos.

—

O concelho d'Obidos é composto de 12 freguezias, todas no patriarchado. São—Amoreira, Bombarral, Carvalhal, A dos Francos, A dos Negros, Fanadia, Landal, Roliça, Sobral da Lagôa, Váu, e as duas d'Obidos. Todas com 2:000 fogos.

—

A villa está edificada na encosta de um alto monte, perto do rio Arnoia (que entra na lagôa d'Obidos e desagúa no mar). Alem do Arnoia, é o seu territorio cortado por tres ribeiros, que todos entram na lagôa. Tanto estes ribeiros, como o rio, teem cada um uma ponte de cantaria, para serviço da gente da villa.

O 1.º d'estes ribeiros, vem das Caldas da Rainha, e se chama *rio do Cabo* — o 2.º, se chama *do Meio;* e o 3.º *de Real.*

É toda cercada de muralhas torreadas, que, em alguns sitios, teem mais de 13 metros de altura. As muralhas teem quatro portas e dois postigos. Aquellas se denominam — *da Villa* (ao S., e é a principal), *do Valle* (a E.), *da Cêrca* (O.), e *do Telhal* (O.). Os postigos se chamam, *de Cima*, e *de Baixo.*

Tem feira a 20 de outubro, 3 dias.

Segundo alguns escriptores de credito, foi fundada pelos turdulos e celtas, 308 annos antes de Jesus-Christo.

Pretende-se que o actual nome são as tres palavras latinas—*Ob, id, os*—por causa da *bôcca*, ou braço de mar que antigamente chegava a esta villa, e do qual ainda ha vestigios, e a lagôa d'Obidos.

Ha ainda outras etymologias, que não menciono, por disparatadas. Uma d'ellas é que provém de Abides, seu fundador. Sendo assim, datava a fundação d'Obidos do anno do mundo 2640—1364 antes de J.-C. (Isto não merece contradicção.)

Na praça está um bom chafariz, cuja agua vem por um aqueducto, sobre grande numero de arcos de pedra, do logar da *Osseira*, a 3 kilometros de distancia.

Foi mandado construir por D. Catharina, mulher de D. João III, pelos annos de 1550.

Tem mais quatro chafarizes, extramuros. Dois d'estes recebem tambem a agua do aqueducto.

—

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 6.º

Tem Misericordia muito rendosa, e hospital.

Dois kilometros a E. da villa, está o mosteiro de S. Miguel das *Gaieiras*, de frades arrabidos (franciscanos) fundado pelo infan-

te D. Henrique, filho do rei D. Manuel, em 1569. Por ser pouco sádio o sitio em que primeiro se edificou, foi mudado para o actual, lançando-se a primeira pedra em a nova egreja, a 20 de outubro de 1602. Este convento foi celebre pela *festa dos cavalleiros*, que n'elle se fazia todos os annos, na vespera de S. João. Contiguo a este mosteiro ha um frondoso bosque, que faz parte da sua cêrca.

D. Affonso Henriques tomou esta villa aos mouros, em 11 de janeiro de 1148, e por ficar muito arruinada a reedificou e povoou, ampliando então e reparando o seu forte castello.

Em 1246, D. Affonso III, sendo ainda conde de Bolonha e regente do reino, pôz apertado cêrco á villa, por ella defender os direitos de D. Sancho II, mas não pôde tomar o castello, nem a villa, por seus moradores se defenderem heroicamente.

D. Affonso III, depois de rei, premiou a villa, pela sua fidelidade, com o titulo de *sempre leal* (alem do de *notavel* que já tinha), e lhe concedeu muitos privilegios e mercês.

O rei D. Diniz, alargou muito a villa, mandando-lhe construir, sobre um grande rochedo, um soberbo castello.

Quando em 1282 casou com a infanta de Aragão (a rainha Santa Isabel) lhe deu o senhorio d'Obidos e de outras muitas povoações e castellos, e desde então ficou esta villa sendo da *casa das rainhas*, até 1834.

As muralhas da villa, foram mandadas edificar (ou reedificar, segundo outros) por D. Fernando I, pelos annos de 1379, quando tinhamos guerra com Castella.

A virtuosissima rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e irman do rei D. Manuel (vide *Caldas da Rainha*), residiu algum tempo n'esta villa (cortindo máguas acerbas pela morte de seu filho), em umas casas, junto ao castello. Foi então que ella instituiu cinco *mercieirías*, na egreja matriz de Santa Maria.

Esta piedosa rainha falleceu a 18 de novembro de 1525, com 67 annos de edade.

Era tão protectora dos pobres que a maior parte das suas rendas foi gasta com elles. Foi esta rainha que deu principio á piedosa irmandade da Misericordia de Lisboa. Fundou o hospital das Caldas para enfermos pobres, e affirma-se no respectivo compromisso, que vendera as suas joias para dotar aquelle estabelecimento de muitas rendas. Tambem fundou o mosteiro da Madre de Deus, situado no valle de Xabregas, onde as senhoras mais illustres de Portugal professavam a regra de Santa Clara. Egualmente fundou o convento das religiosas de S. Domingos da Annunciada. Instituiu as ditas cinco mercieirias na egreja de Santa Maria, da villa de Obidos, e outras em Nossa Senhora da Graça, da villa de Torres-Vedras. É do mesmo modo obra sua, a egreja parochial da villa da Merceana, e tambem a capella imperfeita da Batalha, fabrica tão magnifica que fez desmaiar a generosidade dos reis que se seguiram.

A rainha D. Leonor foi filha do infante D. Fernando, neta de el-rei D. Duarte, mãe do principe D. Affonso, irman de el-rei D. Manuel, prima e esposa de el-rei D. João II, e tia de el-rei D. João III.

Jaz sepultada no claustro do convento da Madre de Deus. O seu piedoso confessor, fr. Miguel Contreras, concorreu muito para que tão nobre e virtuosa senhora não deixasse um momento de traduzir em factos os seus elevados sentimentos caritativos.

—

O 1.º foral d'Obidos lhe foi dado pela casa das rainhas. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de agosto de 1513. (*L.º de foraes nóvos da Extremadura*, fl. 137 v., col. 2.ª)

—

O 1.º conde de Obidos, foi D. Vasco Mascarenhas, alcaide-mór d'esta villa, feito por Philippe IV, em 22 de dezembro de 1636.

As armas dos condes d'Obidos são — tres faxas d'ouro em campo de purpura (Mascarenhas) e as reaes, esquartelladas, por descenderem de D. Diniz, filho do duque de Bragança.

O 2.º conde d'Obidos, foi D. Fernão Martins Mascarenhas, ao qual D. Pedro II fez meirinho-mór do reino, a elle e seus des-

cendentes, que por isso se ficaram denominando *condes-meirinhos-móres.*

D. Fernão Martins Mascarenhas, era conde d'Obidos, e tambem conde da Palma, e do Sabugal, por sua mulher D. Brites Mascarenhas, filha e herdeira de D. João Mascarenhas, 2.º conde da Palma, e 3.º conde do Sabugal.

Estes condados, assim como as honras de meirinho-mór, estão hoje unidos ao condado do Sabugal, de que é actual representante, e 8.º conde de Obidos e 6.º conde do Sabugal e da Palma, o sr. D. Luiz d'Assis Mascarenhas.—É filho de D. Manuel Pedro d'Alcantara d'Assis Mascarenhas de Souza Coutinho Castello-Branco da Costa e Lencastre, 5.º conde do Sabugal e de Palma.

Os condes d'Obidos, como os de Sabugal, e da Palma, eram da familia do infeliz D. José Mascarenhas, ultimo duque d'Aveiro. (Vide *Chão-Salgado.*)

O 1.º conde d'Obidos, edificou o seu palacio no fundo do *Atterro da Bôa-Vista* (Lisboa) no meiado do seculo XVII, sobre uma penedia calcarea, ainda hoje por isso chamada *Rocha do Conde d'Obidos.*

Em 1874 foi este palacio arrematado em praça publica, por um particular, por 12 contos de réis; o sr. D. Luiz I obteve do comprador que lh'o cedesse pelo mesmo preço, e o deu á sr.ª D. Thereza Mascarenhas, irmã do actual conde, e camarista do paço.

—

Junot estava senhor despotico de Portugal; as aguias francezas tinham substituido as sagradas quinas lusitanas, e as armas d'este reino tinham sido picadas em todas as nossas fortalezas.

O povo, farto de soffrer o jugo ignobil do malvado Junot, tinha-se revolucionado contra os francezes, primeiro em Bragança, e depois em varias povoações de todas as provincias; e a 19 de junho de 1808 se fórma no porto a *Junta suprema do governo do reino*, que procede immediatamente á organisação do exercito portuguez.

No principio d'agosto, uma divisão auxiliar ingleza, ás ordens dos generaes Dalrymple e Wellesley, desembarca na Figueira, e unida aos portuguezes, marcha sôbre Lisboa.

O primeiro combate entre os alliados e os jacobinos, commandados por Delaborde, teve logar junto a Obidos, no dia 15 de agosto. Foi apenas o choque entre as nossas avançadas e a rectaguarda do inimigo; e foi o preludio da gloriosa batalha da Roliça, 6 kilometros ao S. d'Obidos, e que teve logar a 17. (Vide *Roliça.*)

—

Consta que as primeiras armas d'Obidos, foram—uma rêde de arrastar, no meio do escudo, dado pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II.

Esta senhora, depois que seu filho unico D. Affonso, morreu da queda de um cavallo, (1491) tomou por emblema, ou em memoria da sua perpetua saudade, a rêde com que uns pescadores do Tejo trouxeram para Santarem o cadaver de seu filho, desde a margem do rio, até á villa. Este emblema se gravou ou esculpiu em muitos dos senhorios da santa e inconsolavel rainha; pelo que não me parece que isto seja o brazão de Obidos.

Na torre do tombo, estão as armas d'esta villa, do módo seguinte.—Em campo verde, uma torre de prata, sobre rochedos da sua côr; tremulando sobre a torre, uma bandeira branca.

—

Ha aqui a ermida de Nossa Senhora de Monserrate, pertencente á ordem terceira—a de S. Vicente, onde esteve a parochia de S. João Baptista—e a de S. Martinho.

Fóra da villa, mas a pouca distancia, ha outras ermidas, sendo a mais notavel a do *Senhor da Pedra*, principiada em 1740, junto á estrada das Caldas da Rainha.

E' um templo sumptuoso, mas está ainda por concluir. Custou, o que está feito, 200:000 cruzados (80:000$000 réis) tudo por offertas voluntarias do povo da villa e immediações, e valiosos donativos de D. João V, que aqui veiu muitas vezes. Ha n'esta egreja uma magestosa solemnidade, a 3 de maio (dia da Invenção de Santa Cruz.) Tem um arraial concorridissimo e um grande mercado. (Adiante fallo mais detidamente d'esta egreja.)

—

A villa tem cinco ruas principaes, e a praça onde está o chafariz. Os edificios da villa (quer publicos, quer particulares) nada offerecem de notavel.

Os arrabaldes d'Obidos são bonitos, e teem algumas quintas de muito valor, sendo as principaes, a das *Janellas* do sr. Fanstino da Gama, riquissimo proprietario d'estes sitios, a qual fica a 1 kilometro da villa; e a das *Gaieiras*, dos srs. Pinheiros, que tem n'ella estabelecida, uma bôa e das mais antigas fabricas de sola.

Tem aguas thermaes, como as das Caldas da Rainha, e ás quaes concorrem alguns enfermos. Adiante trato d'ellas.

Achando-se hospedado n'esta quinta o infante D. Francisco, irmão de D. João V, aqui falleceu de uma colica, a 21 de julho de 1742. Estava então nas Caldas da Rainha o rei e a familia real.

A *quinta das Flores*, tem outra nascente das mesmas aguas.

A do *Bom-Successo*, é muito arborisada e em sitio muito pittoresco, e de formosas vistas.

A celebre *lagoa d'Obidos*, dista 6 kilometros da villa. (Vol. 4.º, pag. 19, col. 1.ª, no fim.)

—

O termo d'Obidos produz muitos cereaes, algum vinho, abundancia de excellentes fructos, de todas as qualidades, e cria bastante gado.

—

Em 1673, descobriu-se em Obidos uma conspiração contra o principe regente (depois D. Pedro II). Dois dos principaes cabeças foram enforcados.

—

O monte em que a villa está fundada, é bastante alto do lado do N., e no seu cume está edificado o seu vetusto castello, provavelmente de origem romana, e menos mal conservado, attenta a sua antiguidade. Tambem n'este monte está a egreja parochial de S. Thiago.

A povoação estende-se pela encosta do monte que olha para E., e na parte mais baixa, banha-lhe as muralhas, o rio Arnoia.

Ainda se conserva, sem grande ruina, a velha cinta de muralhas, apresentando a fórma de um ferro de engomar, cujo bico, voltado para o S., é defendido por um torreão chamado *torre vedra* (torre velha) que parece ser construcção árabe.

O castello é guarnecido de varios torreões, e, apezar de bastante arruinado, mesmo assim é, dos da sua edade, um dos mais bem conservados do reino. D'elle se disfructa um vasto e formoso panorama. Para E., se veem collinas, povoadas de pomares—para o S., alternam-se aldeias e campos, na extensão de 5 kilometros aproximadamente—para o O., se estende a *Varzea da Rainha* (D. Catharina, que muito se comprazia de vir aqui passear. Antigamente chamava-se *Veiga de Obidos.*)

A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, contratou com a camara e povo d'Obidos, em fazer á sua custa o aqueducto da Osseira, recebendo em compensação a Veiga d'Obidos, que era um baldio do municipio, e que desde então se principiou a chamar Varzea da Rainha. (Teve isto logar pelos annos de 1550)

Tem 3 kilometros de comprido, e é regada pelos tres rios de que já fallei.—Para o N., dilata-se a vista em um vasto horisonte, sobre terrenos accidentados.

Na Varzea da Rainha, está a ermida de Nossa Senhora do Carmo, onde antigamente esteve a parochia de S. João Baptista.

Em um monte, para o lado do N., está a capella de Santo Antão.

Em um outeiro, ao E., a de S. Bento.

Junto ao campo em que se faz a feira de outubro, está a de Santa Iria. E o sumptuoso templo do Senhor da Pedra, do qual adiante trato, e que está fundado junto á estrada que vae para as Caldas da Rainha.

—

O sr. D. Pedro V, de sempre saudosa memoria, veiu visitar esta villa em 1860 (um anno antes da sua morte) por occasião de hir fazer uma grande pescaria á lagôa de Obidos.

Não fallo aqui detidamente d'esta famosa e formosa lagôa, porque já fica descripta no 4.º vol., a pag. 19, col. 1.ª, no fim.

Proximo á lagôa, está o sanctuario da Senhora do Bom Successo.

E' tambem n'este concelho o famoso sanctuario do Bom Jesus do Carvalhal.

Vão a elle, em agosto e septembro muitos cyrios de Peniche, de Valle-Bem Feito, e outros. Tem então lugar uma grande romaria, na qual, muitas vezes ha graves desordens. Ainda em 16 de agosto de 1875, houve aqui tão grande desordem, entre os do logar do *Olho Marinho* e os do *Vau*, que muitos ficaram mais ou menos gravemente feridos.

—

Obidos é sede de um dos tres vigarios-geraes do patriarchado, estendendo-se a sua jurisdicção ecclesiastica sobre 13 villas que foram dos *Coutos d'Alcobaça*, e sobre as villas, das Caldas da Rainha, Cadaval, Atouguia da Baleia, e Peniche.

—

A visinhança de dois portos de mar (Peniche e S. Martinho do Porto)—da lagôa de Obidos—da concorrencia das aguas thermaes das Caldas da Rainha—da fertilidade do seu territorio—de lhe correr proximo a magnifica estrada a mac-adam, de 1.ª classe, de Lisboa ao Porto e provincias do norte—apesar de tudo isto não tem prosperado esta villa como era de esperar e desejar, o que se realisará, se a estrada de ferro, que está concedida de Lisboa a Torres Vedras, chegar a Obidos; e se se levar a effeito o ramal de caminho de ferro, que está em projecto, no ministerio da guerra (pois é militar) que, sahindo da estação do Carregado, passa pela villa das Caldas, e d'ahi deve hir a Obidos, S. Martinho do Porto, e Peniche.

Desde dezembro de 1874, que a camara concebeu o projecto de construir um edificio decente, para estabelecimento de thermas, aproveitando as ricas nascentes que ha aqui. Tambem projecta ampliar os paços do concelho, de fórma que n'elles se possam accommodar todas as repartições publicas. Para occorrer ás despezas a fazer com estas obras, diz-se que vae contrahir um emprestimo de dez contos de réis.

Bem merece do povo d'Obidos a vereação que effectuar estes melhoramentos.

—

A egreja de S. Thiago foi da apresentação do convento de Valle-Bem-Feito, que tambem apresentava sete beneficiados.

Primeiramente apresentava o conde da Atouguia este priorado; mas trocou-o com os frades, pelo direito do pescado das Berlengas, o qual rendia de 3 a 4:000 cruzados (1:200$000 a 1:600$000 rs.)

D. Affonso Henriques, deu o espiritual d'esta villa, a Santa Cruz de Coimbra, e foi 1.º prior d'Obidos, D. Domingos André, conego regrante de Santo Agostinho, de Santa Cruz de Coimbra, e natural d'esta cidade. Deixou a esta collegiada d'Obidos, um grande olival que tinha em Villa Franca de Xira.

Em 1264, D. João Pires, deu a D. Affonso III, o senhorio secular da villa de Arronches, por este d'Obidos, ficando Santa Cruz com os dois senhorios d'esta villa, até D. João III, que os passou para sua mulher, a rainha D. Catharina.

—

No termo d'Obidos ha abundancia de carvão fossil. Em maio de 1875, manifestou o sr. Quintino de Macedo, onze minas de carvão, na camara d'esta villa.

—

No artigo *Caldas da Rainha*, fallei de leve das caldas das *Gaieiras*, na col. 2.ª, da pag. 40, do 2.º volume.

A pag. 262 do 3.º vol., col. 1.ª, dei a analyse feita na exposição universal de 1867: aqui accrescento o que d'estas thermas diz

o dr. Francisco Tavares, medico de D. Maria I, nas suas *Instrucções e cautellas praticas*, etc., a pag. 118.

A quinta das *Gaieiras*, á qual tambem alguns erradamente chamam das *Janellas*, é antiquissima, o que se evidenceia pela architectura de suas portas e janellas. O nome mais antigo que se conhece a esta propriedade, é o de *quinta dos Mosqueiros*: vindo depois a pertencer a Gaspar Freire de Andrade, se denominou *quinta dos Freires*, e o brazão d'esta familia ainda existe no portão da quinta.

Dão-lhe o nome de *quinta das Gaieiras*, por ficar perto (a E.) da aldeia d'este nome. E' no sitio de *Valle das Flores*. O mesmo nome de Gaieiras dão ao mosteiro de S. Miguel (de que já fallei) que fica proximo. Os visinhos da quinta, em razão das janellas floreadas da casa, lhe dão tambem o nome de *quinta das Janellas*.

E' esta propriedade dividida pela estrada que vae para o mosteiro dos arrabidos. Ao O. S. O. da estrada, a distancia de uns 400 metros, está uma casa còberta de abobada, dentro da qual ha um tanque com um metro d'alto, descendo-se para elle por uma escada de pedra. Podem 12 pessoas tomar banho simultaneamente.

Do fundo d'este tanque, rebentam constantemente volumosos bolhões d'agua, mineralisada pelo gaz hydrogenio sulphurado, da mesma natureza, principios e mais propriedades das das Caldas da Rainha.

Ao lado d'este banho ha duas casas separadas, com suas tarimbas, para descanço ou *abafo* dos doentes. O calor da agua é constantemente de 92° de F., ou 26,50 de R.—As commodidades que aqui faltam [1] fazem com que só os visinhos d'esta rica nascente se aproveitem d'ella.

—

Dentro da cêrca do mosteiro dos arrabidos, das Gaieiras, em distancia de uns 200 metros a E., das aguas de que fallei, nasce uma pequena fonte, talvez de um annel de agua, da mesma natureza da antecedente; porem menos graduada em calor. Serve para irrigação das terras immediatas.

—

Ao E. d'Obidos, corre o ribeiro chamado *Rio-Real*, em cuja margem do N., distante uns 500 metros da ponte por onde este rio vem passar, nasce agua thermal, hydrogenio-sulphurada, em quantidade de duas ou tres telhas; que, por onde passa deixa deposito alvacento, que sêcco e queimado, manifesta a sua qualidade.

Houve tempo em que brotaram na base de um outeiro, formado de marmore, e que fica a E. na direcção da egreja do *Senhor da Pedra*, um pouco mais abaixo do sitio onde hoje rebentam.

Esta agua é, por todas as razões, da mesma natureza da das Caldas da Rainha; porem menos estreme, e do calor de 74° F., ou 18,50 de R.—Póde ser applicada internamente.

—

Julgo importante dar aqui o resultado da analyse official das aguas thermaes d'Obidos, feito na exposição universal de Paris, em 1867, que é a seguinte. (Traducção.)

Aguas thermaes d'Obidos

A um kilometro, aproximadamente, do antigo mosteiro de arrabidos das Gaeiras, e a 500 metros da villa d'Obidos, rebentam aguas mineraes sulphorosas e salinas, em tal abundancia, que formam, no mesmo logar onde sahem, uma profunda bacia, que permittiria construir-se ahi um estabelecimento de natação.

Sua côr é ligeiramente láctea, e exhalam, ao sahir, uma grande quantidade de gaz.

Estas aguas estão hoje completamente abandonadas e se vão lançar em uma pequena ribeira visinha, deixando na sua passagem, um deposito de enxofre assás consideravel.

A pouca distancia d'este sitio, se lança na mesma ribeira, a agua de um outro manancial sulphuroso, egualmente abundante e limpido, o qual, segundo toda a probabilidade, parece ter a mesma origem; todavia, estas duas nascentes apresentam uma pe-

[1] Note-se que isto foi escripto em 1810, e ainda se conserva tudo no mesmo estado, ou peior.

quena differença, com relação ás suas propriedades e á sua composição chimica.

Os dois mananciaes que acabamos de mencionar, não tendo alguma denominação que os distingua entre si, os chamaremos, attendendo ás suas situações relativas—a um—*nascente thermal d'Obidos*—ao outro=*nascente thermal dos arrabidos.*

NASCENTE THERMAL D'OBIDOS

Esta nascente rebenta na margem da mesma pequena ribeira, onde se lança, a uns 500 metros da villa d'Obidos. Sua agua é limpida, ligeiramente anilada, apresentando um gôsto salgado e hepatico.

Sua temperatura, no momento das nossas experiencias, era de 27°, 4 c.; e a do ar exterior, de 23°, c.—Contém por kilogramma, 2 gr. 6325 de residuo fixo, composto de chlorureto de sodium; sulphatos de sóda, de potassa, de cal, e de magnesia: carbonatos de cal e de magnesia — acido silico — e 0, gr. 004465 de acido sulphydrico.

NASCENTE THERMAL DOS ARRABIDOS

A amostra da agua d'esta nascente, que foi exposta em a nossa collecção, foi tomada perto do ponto onde se lança na ribeira mencionada.

Esta agua apresenta as mesmas propriedades e a mesma composição do manancial precedente. Contém por kilogramma 2, gr. 564 de residuo fixo, formado dos mesmos elementos. A sulphuração é de 0, 004169, e a sua temperatura, de 29°, 2 c.

Lafeta, Lafetal, ou Lafetat

Appellido nobre em Portugal. Veio do ducado de Milão (Italia) d'onde passou a este reino, no tempo do rei D. Manuel, na pessoa de Jorge Francisco Lafetal. Fez o seu solar na freguezia de S. Pedro do Carvalhal, termo d'Obidos. O brazão d'armas dos Lafetaes, é — em campo azul, castello de ouro. Elmo d'aço aberto, e timbre o castello das armas.

Outros do mesmo appellido, usam—escudo terceado, em palla; na 1.ª, de azul, torre de ouro—na 2.ª, de prata, leão, *morado*—na 3.ª, de azul, semeado de onze flores de liz, de ouro. Elmo d'aço, aberto—timbre, o leão das armas, com uma flor de liz, de ouro, na garra direita.

Pó

Appellido nobre n'este reino. Veio da Allemanha — parece que tomado do rio *Pó*. Passou a Portugal, na pessoa de Affonso do Pó, no tempo do rei D. Fernando I.—Foi alcaide-mór da villa d'Obidos (que então era da comarca d'Alemquer) e vassallo do rei. Junto d'esta villa ha um logar, denominado *Pô*, no qual ainda se vêem ruinas de grandes edificios, e onde seu filho, João Annes do Pó, tambem alcaide-mór d'Obidos, fundou o seu solar, vinculado, e capella, pelos annos de 1419.

Um bisneto d'este, chamado André da Silveira do Pó, tirou brazão de suas armas, concedidas por D. João III, em 1532, e são—em campo de prata, leão de purpura, agachado, como que está descançando, com a cauda entre as pernas. Orla de purpura, carregada de oito aspas de prata. Timbre, o leão das armas, na mesma postura, com uma das aspas da orla, na espadua.

Templo do Senhor da Pedra

No meio de uma risonha planicie, cercada de viçosa vegetação, e de collinas cobertas de frondoso arvoredo, ou semeadas de penedos alcantilados, se ergue soberbo e imponente, o magestoso Sanctuario do Senhor da Pedra.

A 500 metros da villa, no centro de um quadrilongo, cercado de casas e muros, está edificado este famoso templo, em um sitio antigamente chamado *os Areeiros*, e tambem *Casal da Pedra*, por aqui ter havido uma vivenda assim denominada; e por isso se deu ao padroeiro da egreja o titulo de Senhor da Pedra. Outros porém pretendem que o chamar-se Senhor da Pedra, é porque a imagem é feita d'esta materia.

Este sitio é atravessado por uma extensa ponte, que augmenta a belleza do edificio.

É tão robusta a construcção do templo, ao qual servem de *gigantes* as suas duas torres

(que ficaram só da altura da cimalha da egreja), que nenhum abalo soffreu, no fatal terramoto do dia 1.º de novembro de 1755, que tantos estragos causou por estes sitios, como por todo o reino.

A cupula é de fórma exagona, e está revestida exteriormente de telhas esverdeadas e refulgentes. Sobre o seu vertice, se vê um grande globo, sustentando uma alta cruz de ferro, que remata o fastigio do templo, que mede uns 35 metros d'altura. Da parte opposta á fachada principal, olhando á direita, véem-se os outeiros de Santo Antão, em um dos quaes está a sua capella, edificada entre alterosas e esbranquiçadas penedias. Á esquerda, se vêem tres grandes montes, que se cortam convergentes, no formoso sitio do *Pégo*. Em frente, se vêem esses vetustos castellos da villa, erguidos no tópe de uma alta e escarpada penedia, e que teem resistido incolumes, ao poder destruidor dos homens, e á acção corrosiva dos seculos, ostentando ainda na sua caducidade, a poesia das construcções arabes.

Proximo aos castellos, e da mesma altura, se vê um cubêllo, edificado sobre penedos enormes, que parecem prestes a cahir. Mais alem, a *torre vedra*, cujos torreões formam tres angulos, ligados por uma alta muralha ameiada, sobre as quaes se elevam as torres da egreja matriz de Santa Maria, de S. Pedro, e do relogio publico. Mais distante, se vê a egreja de S. João Baptista, e os arcos do aqueducto.

Devemos confessar que a ordem architectonica da egreja do Senhor da Pedra, não prima por a sua regularidade, formando um exemplar unico no seu genero, n'este reino, não tendo outro edificio que a emite, senão o *Senhor da Barroca*, junto a Esgueira; que todavia é de mais acanhadas proporções, e de muito menos riqueza. A architectura toscana, romana e composita aqui se misturam com a italico-classica, em resultado da concepção hybrida do architecto. Apezar d'isto, não se lhe póde negar belleza e magestade. As suas paredes, tanto interior como exteriormente, são revestidas de pedras quadradas, o que lhes dá uma apparencia bastante pesada.

Pela sua fórma circular, assemelha-se ao famoso pantheon de Roma, edificado por o consul Marco Vipsanio Agrippa (genro do imperador Augusto), e dedicado a todos os deuses da mythologia, principalmente a Jupiter Vingador. [1]

—

Com o decurso dos annos, foi o mar abandonando este sitio (segundo a tradição) deixando um formoso valle, de 3 kilometres de comprido, chegando até ao logar do *Arêlho* e á lagôa.

Com a povoação e circumvalação da villa, se vieram recolhendo a ella os moradores que por lá viviam, vindo aquelle sitio a ficar deserto. Ainda hoje se vêem alli vestigios de casas e outros edificios.

Os beneficiados da egreja de S. João, eram os que mais aborreciam o sitio, por lhe ser penoso de hir alli todos os dias, e principiando a arruinar-se a egreja, que ainda então com pouca despeza se concertava, não quizeram os padres curar da conservação d'ella, e, aproveitando-se d'esta circumstancia, para procurar egreja dentro da villa, ou junto a ella.

Tinha a irmandade da Misericordia a administração de uma grande capella, com seu côro, dedicada a S. Vicente, martyr, e proxima á porta principal da villa. O prior e conegos de S. João a pediram aos irmãos, que lh'a concederam, com certos encargos, e para ella se mudou a antiga parochia de S. João, no anno de 1640; abandonando a primitiva egreja, que ainda se conservou de pé, mais de 20 annos; mas, porque lhe não quizeram acudir, foram apodrecendo as madeiras, e pouco a pouco se foi desmoronando uma egreja sagrada, e a mais antiga da villa. Como a capella-mór era de abobada, ficou de pé, mas aberta, e assim esteve muitos annos.

Antonio de Mendonça, benficiado da egre-

[1] O pantheon foi construido depois da batalha naval em que Octaviano venceu a Marco Antonio e á famosa Cleopatra, ficando senhor de todo o imperio romano. Em 607, o papa Bonifacio IV o purificou, consagrando-o a Nossa Senhora dos Martyres, vulgarmente, a *Rotonda*.

ja de Santa Maria, vendo que a capella-mór estava reduzida a curral de gado, tentou a sua reparação, ajudado por uma valiosa esmola que para isto lhe deu uma devota dona, da villa.

Principiou o padre Antonio a juntar logo materiaes para fazer a obra, que se concluiu em 1711.

Havia na egreja de S. Vicente uma devota imagem de Nossa Senhora do Carmo, que pertencêra á velha egreja de S. João, e que o padre conseguiu que fosse restituida ao ao seu antigo templo.

No dia 21 de novembro do mesmo anno de 1711 (dia da Apresentação da Santa Virgem) foi a Senhora para a sua antiga casa, em uma esplendida procissão, acompanhada pela camara da villa, todos os ecclesiasticos, e quasi todo o povo, assim como os frades do mosteiro das Gaieiras.

Hia a Senhora do Carmo e o Santo Lenho, debaixo do pálio. Concorreu a esta solemnidade grande numero de povo dos logares circumvisinhos.

O padre Mendonça instituiu tambem uma grande irmandade, para cuidar da conservação da capella.

A senhora tem um metro de altura, e é de boa esculptura em madeira. Consta que fôra mandada fazer por o 1.º conde e alcaide-mór d'Obidos, D. Vasco Mascarenhas, e por sua mulher, que era muito devota de Nossa Senhora do Carmo e de Santa Thereza de Jesus, cuja imagem tambem mandou fazer e collocar n'esta egreja.

A condessa, depois de viuva, foi ser freira de Santa Thereza, no seu mosteiro d'Alva (onde morreu a santa e foi sepultada), e tendo apenas um anno de professa (a condessa) falleceu n'este mosteiro.

—

AOS LEITORES — *Por êrro de paginação, se publicou fóra do seu logar o ultimo periodo da col. 2.ª, da pagina 192. Rogo pois aos meus leitores que, querendo ler em seguida a descripção do templo de Senhor da Pedra, passem do primeiro periodo da referida 2.ª columna de pag. 192, para o que agora segue.*

—

Apezar da sua architectura, póde dizer-se extravagante. se se concluisse, seria um dos templos mais notaveis, não só de Portugal, mas da Europa.

As torres, que, segundo o risco que se conserva na egreja, subiriam a grande altura, ficaram (como já disse) apenas á altura da cimalha da egreja; vendo-se em torno do templo grande quantidade de cantaria lavrada, destinada para ellas.

O risco d'esta obra foi feito por o capitão Rodrigo Franco, architecto da mitra patriarchal.

Sobre a cornija da cimalha exterior, corre uma varanda (que devia cercar todo o edificio) d'onde se goza uma formosissima vista. Tem quatro sinos de differentes tamanhos.

A construcção da egreja, das casas para aposentos dos romeiros, uma vasta cavallariça, um chafariz, e um profundo poço de cantaria, tudo foi feito á custa de esmollas dos fieis, e de generosos donativos, feitos ao Senhor da Pedra, por D. João V, que visitou este templo sete annos successivos.

A morte d'este soberano foi provavelmente a causa de se não concluir este monumento religioso, que daria credito á nação portugueza.

—

Segundo alguns escriptores, antigamente chegava o mar até á villa, e é tradição constante que, junto á egreja de S. João Baptista (onde foi a primitiva povoação, que era vasta) existiram grandes argolas de metal, nas quaes se amarravam os barcos. O mar chegava até á lagôa do *Arêlho*, nome antigo da famosa lagôa d'Obidos.

Esta villa fica em 33°4'.

Ainda ha vestigios do paço das rainhas, construido por D. Leonor, mulher de D. João II. Estão junto ao castello, tendo ao sopé um profundo valle.

Diz se que a parochia de S. João Baptista é a mais antiga da villa, feita no tempo dos godos. Quando o rei D. Diniz deu a villa a sua mulher, deu esta a egreja de S. João

João, ao cabido da Sé de Lisboa, ficando este prior, e punha aqui um vigario.

A 2.ª, pela ordem da antiguidade, é a de S. Thiago. O usurpador Philippe II, a deu aos religiosos jeronimos, do mosteiro de Val-Bem Feito. Tinha sete beneficiados.

As matrizes de Santa Maria e S. Pedro, eram do padroado das rainhas. A 3.ª, é sagrada e tinha sete beneficiados.

A egreja de Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção) é um formoso templo, de tres naves. Teve sempre por priores, homens muito qualificados, e alguns com caracter de bispos.

Consta que esta egreja foi fundada por D. Affonso Henriques, que a deu a S. Theotonio, 1.º prior de Santa Cruz de Coimbra. D. Affonso III confirmou esta doação.

Santa Cruz de Coimbra continuou na posse d'esta egreja, até que D. João III, entendendo ser melhor que os clerigos fossem tambem priores, como eram os beneficiados, restituiu o padroado a sua mulher, D. Catharina, ficando, desde então, da casa das rainhas, até 1834.

Foi seu primeiro prior, feito por esta rainha, Rodrigo Sanches, varão insigne em lettras e virtudes, que tinha sido capellão do imperador Carlos V, que o deu a sua irmã a dita D. Catharina, quando veiu para Portugal. Foi tambem esmoller de D. João III, que o escolheu para mestre de sua irmã, a infanta D. Maria, e de sua filha a infanta tambem chamada Maria, que depois foi mulher de Philippe II.

Foi por varias vezes instado para acceitar um bispado, ao que sempre se recusou. Acceitou o priorado d'Obidos, porque não tinha obrigação de curar almas, visto estarem as funcções parochiaes entregues aos beneficiados.

Era muito caritativo, gastando todos os seus grandes rendimentos em esmollas aos desvalidos, e em aformosear a sua egreja, que reedificou, pois estava ameaçando ruina. Lançou a 1.ª pedra n'esta nova egreja, a 15 de agosto de 1571. Se não morresse d'ahi a pouco, deixaria este templo no maior grão de explendor; mas, felizmente teve um successor tão sollicito como elle; pois estando o templo ainda apenas em armação, d'ahi a 100 annos, o novo prior, o doutor Francisco de Azevedo Caminha (feito pela rainha D. Maria Izabel de Soboya) mandou forrar á sua custa os tectos da egreja, e sobre a cornija que corre sobre os arcos da nave grande, collocou dois lanços de quadros, com scenas da vida da S. S. Virgem: mandou pintar os tectos, e revestir de bellissimos azulejos, as paredes interiores da egreja, e fazer outras obras. Mandou fazer na sachristia uma capellinha, para seu jazigo, e alli está sepultado.

Era tambem de muita caridade, vivendo parcamente, e tendo apenas um vestido muito ordinario, para dar aos pobres o que lhe sobrava das despezas com as obras da egreja.

Passados annos, entrou n'este priorado, o bizpo D. frei Antonio Botado, que o pretendeu fazer beneficio simples; mas, oppondo-se os beneficiados, protegidos pela rainha D. Maria Sophia Isabel de Neuburg, filha de Philippe Wilhelmo, conde palatino, e mulher (2.ª) de D. Pedro II, obtiveram despacho contra as pretenções do bispo. Em testemunho de gratidão, mandaram os beneficiados collocar na sachristia, o retrato d'esta rainha, e lhe resavam todos os dias em communidade, um responso, a que todos voluntariamente se comprometteram.

Em 4 de outubro de 1604 principiaram os beneficiados a cantar n'esta egreja, de manhan e de tarde a antiphona *Stella Cœli.*

—

Pelos annos de 1640, o prior e beneficiados da egreja matriz de S. João Baptista, mudaram para a ermida de S. Vicente, que fica ao entrar da villa, do lado do Sul. Esta parochia foi a primeiaa que houve na villa, e por alguns seculos a unica.

Durante a dominação agarena, sempre n'ella se fizeram os officios divinos, mediante certo tributo pago aos mouros; e aqui vinham os christãos das redondezas satisfazer os preceitos da religião catholica, e cumprir as suas promessas.

Chamava-se ao sitio aonde está esta egreja, a *ponta do Mocarro.*

Na freguezia *Dos Negros* (ou *A dos Negros*),

termo d'Obidos, nasceu o padre Francisco Gomes, da congregação do Oratorio, na cidade de Lisboa. Foi cura da egreja de Santa Maria Magdalena, dos Negros, quasi doze annos. Era tão rigido observante dos mandamentos da Egreja, que chegou a condemnar seu proprio pae, por matar uma rez em dia sanctificado. Em toda a sua freguezia havia só tres homens que soubessem ler. O bom ecclesiastico, abriu na sua residencia, escola publica, onde ensinava primeiras letras, com a maior sollicitude: diurna para os desoccupados, e nocturna para os operarios e pastores, aos quaes ainda dava de cear.

Ensinava-lhes a doutrina christan, e, com virtuosos exemplos e eloquentes palavras, lhes ensinava a serem homens de bem e catholicos fervorosos.

Dormia vestido e a sua cama era uma cortiça. Fugia de todo o trato e conversação com mulheres. Jejuava quasi todos os dias, comendo de 24 em 24 horas, pouco, e alimentos grosseiros.

Foi cura da egreja da Conceição de Lisboa, e aqui mandava fazer um bom jantar; mas, sem lhe tocar, o mandava a alguma familia de pobres envergonhados—sustentando-se apenas com legumes, que mandava coser no principio da semana, e lhe duravam para toda ella. Era summamente caritativo, dando aos pobres tudo quanto adquiria. Elle mesmo sahia de noite a fazer a repartição das esmolas, para encobrir a sua caridade.

Antes de ser padre, fôra obrigado a servir um anno na guerra da independencia, e, mesmo na vida militar, foi sempre um soldado virtuoso.

Falleceu em Lisboa, a 25 de janeiro de 1676.

Assim que se divulgou a sua morte, correu logo a veneral-o, como santo, toda a cidade, tocando o seu cadaver com contas, e guardando, com grande fé, as reliquias do seu habito, que podiam haver. Foi tão numeroso o concurso, que não deu logar a poder enterrar-se, senão no terceiro dia.

—

A villa d'Obidos é patria do espirituoso e distincto poeta, o doutor Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, pae do grande padre Malhão.

Josefa Ayala (Josefa d'Obidos)

Balthazar Gomes Figueira, natural d'esta villa, e pintor de pouca fama, residia em Sevilha (Andaluzia) no tempo do usurpador Philippe IV. Casou n'aquella cidade com uma nobre senhora, chamada D. Catharina de Ayala y Cabrera, e d'este casamento tiveram uma filha, nascida em Sevilha, em 1634. [1]

Sacudido o ominoso jugo castelhano, e acclamado rei de Portugal o duque de Bragança, regressou Figueira á sua patria, trazendo a sua familia, e foi habitar a *quinta da Capelleira*, extramuros d'Obidos, e a uns 3 kilometros das caldas das Gaieiras.

Josefa Ayala (mais conhecida por Josefa d'Obidos) falleceu n'esta villa, em 22 de julho de 1684. Foi sepultada na egreja parochial de S. Pedro, para a qual havia pintado varios quadros, que ainda existem.

Foi uma pintora famosissima do seculo XVII, e, apezar de terminar seus dias na edade ainda florescente de 50 annos, trabalhou muito, pois vêem-se ainda hoje quadros seus, em muitas egrejas e casas particulares. Eu vi-os na egreja e na sachristia do seminario do Varatojo; na egreja da Misericordia, e na da Conceição, de Peniche, e tambem me pareceram do seu pincel, dois quadros de milagres que estão na notavel capella de Nossa Senhora dos Remedios, d'esta mesma villa.

Ha-os tambem na egreja do convento de Torres Vedras, e em outras muitas egrejas e capellas.

As suas pinturas revelam um grande ge-

[1] Alguns escriptores sustentam que ella nasceu em Obidos, o que não é admissivel. Todos concordam em que ella falleceu em 1684, com 50 annos de edade; assim como concordam em que seu pae regressou a Portugal depois da acclamação de D. João IV. Já se vê que ella nasceu em 1634, e portanto tinha 6 annos quando veio para Obidos. Contente-se pois esta villa em que seja oriunda d'ella, Josefa Ayala, em que passasse aqui toda a sua vida desde a edade de seis annos, e em possuir os seus restos mortaes.

nio, muita vivacidade de expressão, e, sobre-tudo, muita verdade; ainda que alguns lhe notam uma tal ou qual dureza de pincel. Foi inexcedivel em pintar flores e fructos. Em uma casa particular da aldeia do Varatojo, vi um quadro seu n'este genero (provavelmente dos que foram tirados do convento) que me maravilhou.

O auctor do *Theatro heroino*, diz, a pag. 194, que na egreja do mosteiro jeronymo de Valle-Bem-feito, se admiram bellissimos quadros da habil mão de Josefa d'Obidos; e que, em casa de José Gomes d'Avellar, que era parente d'ella, ha tambem alguns, pintados em tela e em laminas de cobre e de prata.

Era tambem insigne retratista, e tanto que —pintando o retrato da princeza D. Isabel, filha de D. Pedro II e da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia, [1] sahiu tão perfeito e semelhante, que, entre outros, de pintores de fama, foi preferido para ser mandado a Victor Amadeu, duque de Saboia, que desposou aquella princeza.

Parece que Josefa d'Obidos foi tambem gravadora, porque na edição dos *Estatutos* da universidade de Coimbra (1654) se acha uma estampa com a assignatura de *Josefa Ayala, Obidos, 1653*. Tinha então ella, 19 annos.

No côro da egreja do Varatojo, está uma pintura do Menino Jesus, com uma tunica transparente, de uma correcção de desenho perfeitissima, obra d'esta mulher famosa. Na capella do noviciado, está um béllo quadro de Nossa Senhora das Dôres, que tambem se lhe attribue. Na egreja do mosteiro d'Alcobaça, ha quadros que consta serem tambem obra sua; assim como na egreja do real mosteiro da Batalha.

O *morgado de Setubal* (José Antonio Benedicto de Faria Barros), grande curioso em pintura, fez o retrato de Josefa d'Obidos, que é reputado a melhor obra d'este pintor.

Finalmente, Josefa d'Obidos, pelos seus talentos, foi estimada de todas as principaes pessoas d'estes reinos, muitas das quaes a hiam visitar á sua quinta d'Obidos; e esta villa se ufana, com justiça, d'esta sua notabilissima patricia.

[1] A tristemente celebre mulher de D. Affonso VI, que, ainda em vida de seu marido, casou com seu cunhado, o então infante D. Pedro, e foi sua primeira esposa.

—

Em Obidos nasceu, a 16 de março de 1794, o verdadeiramente poetico e inspirado orador sagrado, padre Francisco Raphael da Silveira Malhão.

Era filho do bacharel F. G. da S. Malhão (acima mencionado) e de D. Josefa Maria Ribeiro da Gama, e sobrinho dos poetas da *Arcadia*, João Monteiro e Antonio Gomes.

Por influencia do padre Barros, vigario-gerál, em Obidos, se dedicou á vída ecclesiastica. Frequentou o seminario de Santarem, onde estudou nove annos, latim, logica, rethorica, theologia, canto e musica.

Tomando ordens, aos 23 annos (1817) com despensa, regressou para Obidos, a viver com seus irmãos (porque seus paes já tinham fallecido), estando sempre na sua companhia, e não os desamparando nunca. Ainda vive uma sua irman.

Teve grande devoção com Nossa Senhora da Nazareth, a cuja festa hia prégar todos os annos; assim como ao Immaculado Coração de Maria, a quem erigiu uma bonita ermida, no logar do *Olho-Marinho*.

Prégava muitas vezes por devoção, principalmente sermões da Santissima Virgem. Escrevia hymnos e lôas para serem cantados em honra de Nossa Senhora.

Gostava muito de conversar com os homens do campo, dando-lhes bons concelhos, e muitas vezes aproveitando os d'elles e os seus pensamentos.

Os seus costumes respiravam todos a sympathica singeleza da sua alma.

Foi um dos mais eloquentes e dos mais poeticos oradores sagrados do seculo XIX em Portugal; commovendo e arrebatando muitas vezes o seu auditorio com as palavras angelicas de seus sermões brilhantissimos.

A sua modestia egualava os seus apreciaveis dotes litterarios, e jámais quiz passar de um simples clerigo; limitando-se apenas a acceitar o logar de socio correspondente, do Instituto de Coimbra.

Era virtuoso e honradissimo, sem que a

mais pequena nódoa do vicio manchasse a sua vida immaculada; mas não era d'esses ascetas tetricos e cadavericos, pelo contrario, o seu rosto era sempre alegre e prasenteiro, e o seu bello caracter, ás vezes mesmo jocoso.

Publicou varias poesias, entre ellas a *Aldeia Christan* e os *Serões da Aldeia*, e muitos dos seus formosos sermões.

Ainda n'este anno de 1875, a casa editora lisbonense, de Mattos Moreira & C.ª está publicando uma serie de sermões seus, dos quaes já estão impressos 16, que são afanosamente procurados pelos ecclesiasticos; estando o resto em via de publicação.

Vão tambem em breve ser publicadas as suas poesias.

Falleceu em Obidos, a 10 de novembro de 1860, e jaz sepultado, em uma campa raza, á entrada da egreja de S. Pedro, d'esta villa, sem uma simples inscripção, que diga aos vindouros que n'esta sepultura dorme o eterno somno o Lacordaire portuguez.

—

A pag. 494, col. 2.ª, do 2.º vol., fallei na aldeia de *Durruivos*, da freguezia do Carvalhal e concelho d'Obidos. Aqui accrescento mais:

No dia 30 de setembro de 1875, os sinos d'Obidos, faziam eccoar o seu dobre plangente, nos alcantis dos arredores. Era a alma de um ente, que, despindo o envolucro de barro, e tomando as suas azas d'anjo, voára á mansão dos justos. Fallecêra nos braços de seu filho extremoso, a sr.ª D. Maria Ignacia Machado, natural d'esta aldeia, viuva do sr. Luiz Maria Cesario da Costa Machado, natural de Lisboa, e mãe do nosso tão sympathico como espirituoso e distinctissimo escriptor, o sr. Julio Cesar Machado.

A sr.ª D. Maria Ignacia, havia nascido em 1804. Era uma senhora virtuosissima e de uma bondade ineffavel, deixando por isso uma indelevel saudade.

Seu filho, apenas teve noticia da molestia que levou á sepultura sua extremecida mãe, deixou immediatamente os seus queridos livros, as suas famosas publicações, e todos os prazeres da capital, e correu pressuroso para junto do leito materno, e alli, sollicito enfermeiro, e perpetuo companheiro, passou muitas semanas, até vêr expirar recostada ao seu coração angustiado, aquella que tanto amára na vida.

Este raro procedimento, honra tanto — honra talvez mais — o sr. Julio Cesar Machado, como todas as suas bellas producções litterarias.

O sr. Luiz Maria Cesario da Costa Machado, falleceu a 22 de maio de 1851, na cidade de Lisboa. Fôra um dos grandes elegantes do seu tempo — e como sua mãe, a sr.ª D. Gertrudes Prophiria da Purificação da Costa Machado, tinha fama de ser muito rica, lhe chamavam (a elle) *o filho da viuva.*

Era um perfeito cavalheiro, e de solida e vasta instrucção e maxima probidade. A sua franqueza, sinceridade, bondade, largueza de animo e amavel confiança, o faziam o melhor dos homens; mas de todas estas qualidades, apenas tirou por fructo..... a pobreza.

Os que se haviam aproveitado das suas liberalidades (talvez excessivas) o alcunhavam depois, de *gastador excentrico;* mas os seus verdadeiros amigos o denominavam — *coração d'ouro.*

Custa a comprehender como um homem de extraordinario talento, e incontestavel agudeza, não quizesse conhecer mais cêdo a falaz hypocrisia dos outros, e prevenir-se.

Mas, se não deixou a seu filho as riquezas transitorias do mundo, deixou-lhe um nome honrado e impoluto, e uma educação esmeradissima: a mais solida das heranças, porque Julio Cesar Machado não é só o escriptor elegante que nos delicia com os seus despretenciosos chistes e finos conceitos, é tambem o moço agradavel, urbano, o amigo dedicado, a alma pura e franca, sem uma sombra, sem uma mancha.

OBLATOS, DEOVOTOS e FAMILIARES— certas dadivas que antigamente se faziam ás egrejas e mosteiros. Consistiam não só em dinheiro e generos, mas em bens de raiz, e

até por muitas vezes nas proprias pessoas e familias dos doadores.

Antes do 4.º concilio lateranense (1215) não havia regularidade na recepção dos *oblatos*. Uns se votavam á egreja, com suas mulheres e filhos, para serem admittidos á profissão monachal, promettendo estabilidade, conversão e obediencia—outros ficavam no seculo, com liberdade porém de professarem o monachato que bem lhes parecesse; mas todos eram reputados *familiares* d'aquelle mosteiro, a cujo abbade obedeciam, e d'elle recebiam vestido e sustento.

Havia outros doadores, mesmo sem profissão monachal de casta alguma, e vestidos differentemente dos monges.

Outros, se faziam *escravos*, com suas mulheres e filhos, dos mosteiros ou egrejas, a que haviam dado seus bens; tendo por nobreza verdadeira, o titulo de escravos de Jesus Christo. Estes, ou punham sobre a cabeça uma moeda de quatro dinheiros, e a lançavam logo sobre o altar, e com isto se confessavam *escravos do Senhor*, ficando a denominar-se *servos de quatro dinheiros* — ou prendiam ao pescoço a corda do sino, e d'este modo protestavam ser *servos de glêba*, e sem liberdade alguma.

Outros em fim, pagavam ao mosteiro certo censo annual, que voluntariamente tinham imposto nas suas fazendas, das quaes muitos ficavam meros usufructoarios.

Os mosteiros que tinham maior numero d'estes *familiares, servos e escravos*, eram os de Alpendurada, Arouca, Lorvão, Maceira-Dão, Tarouca, e Salzêdas. Não se confunda *oblatos*, com *obladagens* ou *oblatas*.

Estas eram *offertas* que os fieis levavam ás egrejas, em certos dias do anno, para utilidade dos seus ministros. Consistiam em pão, vinho e outros generos. Em algumas freguezias de Portugal ainda se pagam *oblatas*, pelas almas dos defunctos.

OBOBRIGA—cidade antiquissima da Lusitania, que, segundo o *Agiologio Lusitano* (tom. 2.º, pag. 547, col. 2.ª) estava assente em um logar junto a *Rio-Caldo*, no sitio em que esta povoação parte com Manim. Foi martyrisada n'esta cidade, Santa Eufemia, virgem, que alguns pretendem ter sido natural d'esta freguezia; que é no concelho de Terras de Bouro (Minho) comarca de Villa Verde. Vide *Rio Caldo*.

OBRA—portuguez antigo—significava, *até pouco mais ou menos*, ou *aproximadamente*, quando se falla de um numero que com exactidão se não póde determinar. V. gr.—*Obra de 12 kilometros.* — *Obra de 20 kilogrammas*, etc. Ainda é muito usado este termo em Portugal.

OBRAÇOM — portuguez antigo — *missa, oblação.*

OBRAÇOM — portuguez antigo— *offerecimento* de alguma cousa profana.—*Os devedores sejam theudos de pagar esso que deverem como se essas obraçooens e consinaçooes nom fossem feitas.* (*Cod. Alf.*, L.º 4.º, tit. 1.º, § 23.)

OBRADAÇOM—portuguez antigo—o mesmo que *oblata* (ou *obrada*.) Vide *Oblatos*, no fim.

OBRADAR — portuguez antigo—*offerecer*. Obradar um defunto, era offerecer alguma cousa ao altar ou aos seus ministros, para que orassem pela alma do offerente.

OBRIDAR—portuguez antigo—*obrigar.*

OBSIA, OSEA, OSSIIA, OUSSIDA, e **OUSIIA**—portuguez antigo—dava-se este nome á capella mór de qualquer egreja, e, ás vezes, mesmo a outro qualquer altar ou capella.

OBTRO—portuguez antigo—*outro.*

OBTURGAR — portuguez antigo — *outorgar, conceder.*

OCEM, OSSEM, e **CEM**—appellido nobre em Portugal—suas armas são — em campo d'ouro, leão de púrpura; orla azul, carregada de oito vieiras de prata — elmo d'aço aberto—timbre, o leão das armas, com uma das vieiras sobre a cabeça.

E' famoso na historia da cidade do Porto, *Pedro Ossem, Pedro Ocem*, ou *Pedro Cem* (por todos estes nomes o tenho visto escripto.) E' tradicção que a torre ameiada que ainda existe bem conservada (servindo parte d'ella de cosinha) nas trazeiras do palacio dos srs. Brandões, da Torre da Marca, do Porto, hoje dos srs. marquezes de Monfalim, foi construida pelo legendario *Pedro Cem*. Vide *Nicolau* (São) freguezia da cidade do Porto.

OCHAVA — portuguez antigo — a oitava parte de qualquer cousa, de pêso, ou medida. Os hespanhoes ainda dizem *ochavo*, pela oitava parte de um real. Corresponde a 2 e meio reis da nossa moeda.

OCHAVILA—portuguez antigo—o mesmo que ochava.

OCIENTE—portuguez antigo—Desde o seculo XII até ao XIV, são innumeraveis os documentos que, designando os quatro pontos cardeaes do globo, lhe dão os seguintes nomes—*Levante*, ou *Soão* (Este)—*Abrego*, *Vendaval*, ou *Alcouço* (Sul)—*Aguiom*, ou *Aquilom* (Norte) *Travessía*, ou *Ociente* (Oeste.)

Nas provincias do norte, ainda muita gente chama *Soão*, ou *Vento da Serra*, ao vento leste—*Vendaval*, ao vento sul —*Aguião*, ao vento norte. (D'aqui *aguiárra* ou *guiarra*, ao nevoeiro frigidissimo que vem do norte.)

Os navegantes, tambem ainda empregam com frequencia os termos de—*levante*, *vendaval*, e *travessía*, no mesmo sentido.

OCISIA—Vide *Eucisia*.

OCRATO, ou **OCRATE**—nome antigo da actual villa do Crato, cabeça do grão-priorado do Crato, da ordem de Malta.

OCULIS (em portuguez **OLHOS**) — antiquissima parochia da freguezia do Minho, pois já existia no seculo VII, quando o rei Wamba fez a divisão dos bispados da Lusitania (675.)—O seu nome provinha de uns *Olhos d'agua* thermal que aqui nascem.

Consta isto de uma sentença que deu D. Affonso V de Leão, quando esteve n'esta freguezia, e que existe no archivo da collegiada de Guimarães. Na sua data diz—*Hic in Ecclesia Sancti Michaelis in Oculis Calidarum.* (Aqui, na egreja de S. Miguel, nos Olhos das Caldas.)

E' a actual freguezia de S. Miguel das Caldas de Vizella (2.º vol., pag. 41, col. 1.ª) na comarca e concelho de Guimarães.

Depois de se denominar *S. Miguel dos Olhos*, se chamou de *Caldellas*, e por fim das *Caldas*.

ODECEIXE ou **ODESSEIXE** — freguezia, Algarve, comarca de Lagos, concelho de Aljezur, 105 kilometros de Faro, 180 ao S. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757 tinha 83 fogos.

Orago Nossa Senhora da Piedade.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Fáro.

Esteve muitos annos unida á freguezia de Aljezur.

E' parochia muito antiga.

A mesa da consciencia apresentava o capellão curado (vulgo, prior) que tinha 120 alqueires de trigo, e 60 de cevada.

O seu antigo nome era *Seixe*. Quando os arabes se apossaram do Algarve, em 716, chamaram ao rio (em cuja margem S., está situado este logar) *Wad-Seixe* (Rio de Seixe) passando depois este nome á povoação, o qual ainda conserva, pouco corrompido.

Fica a freguezia entre dois sêrros.

O rio foi navegavel, em tempos remotos, mas já o não é.

No dia 1.º de novembro de 1755, sahiu o rio mais de 6 kilometros do seu leito, alagando todas as varzeas, e deixando n'ella muito peixe, de varias qualidades.

Rebentaram então copiosas fontes.

A povoação, que tinha cem casas, foi arrazada. A egreja matriz era da ordem de S. Thiago.

Tem esta freguezia 12 kilometros de comprido e 6 de largo. E' fertil, mas doentia, por causa das suas aguas estagnadas.

E' a ultima povoação do Algarve, por este lado, servindo o seu rio de divisão entre o Algarve e o Alemtejo.

Tem uma albergaria muito antiga, que tinha 70$000 réis de renda.

Tem egreja da Misericordia, e contigua a ella, uma casa para acolheita de peregrinos.

ODEJÊBE—Vide *Dejêbe*.

ODELEITE—freguezia, Algarve, comarca de Tavira, concelho de Castro-Marim, 60 kilometros de Fáro, 210 ao S. de Lisboa, 520 fogos,

Em 1757 tinha 420 fogos.

Orago Nossa Senhora da Visitação.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Fáro.

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 120 alqueires de trigo.

Esta freguezia, está situada na falda de um monte, entre quatro altos sêrros, proximo á ribeira do seu nome.

Como a freguezia antecedente, e todas as mais que principiam por *Ode* e *Guad*, tem a mesma etymologia.

Tem feira a 29 de junho, muito concorrida de portuguezes e hespanhoes.

A egreja matriz é de tres naves e muito linda e magestosa.

A capella-mór e os altares lateraes, são devidos ao zelozo prior, José Martins Falleiro, que legou todos os seus bens á parochia, para esta obra.

Tem a freguezia 18 kilometros de comprido, desde o Guadiana até *Altamór* — e 6 kilometros de largo, desde a ribeira da Foupana (que a separa do concelho d'Alcoutim) até á *Portella-Alta.*

E' uma das melhores e maiores freguezias ruraes do Algarve.

E' terra fertil. Vide *Odeleite*, rio.

ODELEITE—rio, Algarve—Nasce nos valles de Maria Dias, proximo ao *Sêrro das Zêbras* (freguezia de Salir) engrossando com outros ribeiros. Morre no Guadiana, 3 kilometros a E. da aldeia do seu nome; pouco acima do qual, chega a maré, e é navegavel por barcos pequenos.

Tem 54 kilometros de curso.

Passa ás freguezias de Salir, Cachôpo, Vaqueiros, e esta, que lhe dá, ou de quem recebe o nome.

Rega, móe e traz muito peixe.

No sitio da *Pernada*, recebe a ribeira *Foupana*, que nasce no sitio do *Valle da Grúa*, freguezia do Cachopo, concelho de Faro. Recebe varios ribeiros, até proximo da *Fonte do Zambujo*, e vem metter-se no Odeleite, no tal sitio das *Pernadas*, abaixo do *Moinho do Carvão*, 3 kilometros a E. da povoação de Odeleite, com 50 kilometros de curso.

Suas margens são cultivadas e ferteis.

ODELOUCA—rio, Algarve—Segundo uma especie de itinerario, escripto por um dos crusados que ajudaram a tomar Silves aos mouros, em 1189—o qual foi impresso na Italia, em 1840, pela academia real das sciencias de Turim—os mouros da cidade de Silves vinham buscar agua ao rio *Widrade* (hoje *Aráde.*) Diz que outro rio corre para aquelle, chamado *Wydelouca*, e que sobre este *caminho da agua* tinham os mouros quatro torres, para lhes defenderem a marcha, ás quaes chamavam a *Coiraça.*

Julgo que era inglez o cruzado que escreveu o tal itinerario, ou roteiro, e que *britanisou* a palavra *Wadelouca*, para a pronunciar como os peninsulares, visto que o *y* inglez vale *a* e *ai;* pois que em mais nenhum escriptor se acha o *y* em vez do *a*. Ja se vê que o nome d'este rio sem corrupção, é *Wad-al-Loôq*—que significa—*agua doce.* [1]

Alguns suppõem que o seu verdadeiro nome árabe, era *Wad-el-Occa* — *agua pesada* (*occa* é um peso que se usava na Grecia e em todo o Oriente. Tinha 40 onças do nosso antigo pêso, ou 1 kilo e 147 grammas do actual.) Parece-me mais propria a primeira opinião.

O rio Odelouca, nasce na serra da freguezia de S. Barnabé, concelho d'Almodóvar, no sitio chamado *Cumiada dos Cançados.* Depois de receber as aguas de varios ribeiros, desagúa no Oceano, em Villa-Nova de-Portimão.

Como passa por junto da cidade de Silves, tambem se lhe dá o nome de *Rio de Silves.*

ODEMIRA —Vide *Mira*, a pag. 241, col. 1.ª, do 5.º vol.

ODEMIRA—villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, comarca, districto administrativo, e bispado de Bejá; 100 kilometros ao O. d'Evora, 24 a E. de Villa Nova de Mil Fontes, e 135 ao S. de Lisboa.

Tem duas freguezias — Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção) com 400 fogos.

O Salvador com 350 fogos.

[1] *Loôq*, na accepção rigorosa da palavra, é xarope ou lambedor, e deriva-se do verbo *laâca*, lamber; mas toma-se tambem por cousa doce.

O real padroado, apresentava o reitor de Santa Maria (vulgarmente chamado prior) que tinha 250$000 réis de rendimento.

Tinha em 1757, 132 fogos.

Tambem o real padroado apresentava o reitor do Salvador, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Tinha em 1757, 150 fogos.

Estes parochos receberam até 1711, dois terços dos dizimos, que então passaram todos para a Sé patriarchal, sendo aos dois parochos assignada a congrua referida.

—

O concelho de Odemira é composto de 12 freguezias, todas do arcebispa do d'Evora, até 1770, e desde então, do restaurado bispado de Beja; são — Amoreiras, Collos, Odemira (duas) Reliquias, Saboia, Santa Clara a Velha, Santa Luzia, S. Luiz, S. Theotonio, Valle de S. Thiago, Villa Nova de Mil Fontes. — Todas com 4:600 fogos.

Tinha mais a freguezia de Cercal, que passou a formar parte do concelho de S. Thiago do Cacem, em septembro de 1875.

Foi da comarca de Ourique.

Está a villa fundada em uma planicie, sobre as margens do rio que lhe deu o nome [1] —em 38° 30' de lt. N.—e 23' de lg. Occ., entre a serra de *Cabeças Gôrdas* e o sêrro dos Pinheiros, proximo da linha divisoria entre o Alemtejo e o Algarve, e 24 kilometros a E. do mar.

O seu territorio produz cereaes, fructas, e vinho, e é abundante em céra, mel, gado e caça.

—

Ainda que Odemira não seja a *Medobriga* dos gallos-celtas, e *Medobrica* dos romanos, como alguns escriptores pretendem (outros sustentam que Medobriga é a actual villa de S. Thiago do Cacem) é incontestavelmente uma povoação antiquissima, com toda a probabilidade, do tempo dos romanos, e com certeza do tempo dos arabes.

D. Affonso Henriques a tomou aos mouros em 1166. Consta que os portuguezes, entrando pela barra do rio de Odemira, em Villa Nova de Mil Fontes, se devidiram por pequenos barcos, e á sombra dos canaviaes, vieram mansamente pelo rio acima, atacando de improviso o seu forte castello, e achando os mouros desprevenidos, lh'o tomaram com pequena resistencia.

Vê-se pois que já então era uma villa importante, com seu castello (que hoje está transformado em cemiterio publico).

Se esta villa fosse a Merobriga dos antigos, tinha hoje (1875) nada menos de 2859 annos de existencia, pois diz-se que aquella cidade foi fundada pelos annos do mundo 3020—984 antes de J.-C.

O 1.° foral d'esta villa, foi-lhe dado por D. Affonso III, em Lisboa, a 28 de março de 1256—(*L.° 1.° de Doações de D. Affonso III*, fl. 14 v., col. 1.ª)—Tinha os mesmos privilegios do foral de Beja.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, a 5 de setembro de 1510 (*L.° de foraes novos do Alemtejo*, fl. 40, col. 2.ª)

Diz-se que esta villa foi povoada por D. Affonso III, em 1256, mas como os nossos escriptores antigos chamavam *povoar* ao acto de dar foral, é de suppôr que esta villa já tivesse povoação christan antes do dito anno de 1256; porque, D. Affonso Henriques e seu filho e neto não quereriam de certo deixar desamparada e sem guarnição, esta villa e o seu, então, forte castello.

No foral antigo, declara D.

[1] Odemira é corrupção do arabe *Wad-Emir* (agua ou rio do Emir.)

Os portuguezes, nos nomes de muitos rios, trocaram o *Wad* ou *Wed* em *Ode*—E n'outros logares, a palavra *Emir*, por *Mir*, e assim se corrompeu o nome que os árabes deram a este rio—*Wad-Emir*—em *Odemir* e por fim em Odemira. O povo d'esta villa dá uma etymologia muito diversa ao seu nome; mas que não passa de um disparate. Dizem que, quando os christãos atacaram o castello, era alcaide d'elle um mouro chamado *Ode*; e que vendo a mulher vir o exercito de D. Affonso Henriques, entrou a gritar—Ode, *mira!*—e que este nome lhe ficou.

Ode, nunca foi nome proprio árabe, e no mesmo caso está *mira*, que é um verbo da lingua hespanhola, e do antigo portuguez. Em vista d'isto, não são precizas mais objecções.

Affonso III, que povoou esta villa *por ordem do Ceu.*

Tem o edificio do mosteiro de frades franciscanos (xabreganos), fundado pelo 1.º conde de Odemira, pelos annos de 1560. O carneiro dos ditos condes era n'este mosteiro. (Adiante digo o que é feito d'este edificio.)

O rei D. Duarte deu as villas de Mortágua e Pena-Cova, a D. Sancho de Noronha [1] e sua mulher, D. Mecia de Souza (1.os condes de Odemira). Esta mercê foi confirmada por D. Affonso V, em 1541, quando deu o titulo e condado ao referido D. Sancho—por o rei D. Manuel, em 8 de janeiro de 1504—por D. João III, em 28 d'agosto de 1527.

Na casa d'estes condes se conservou até ao reinado de D. João IV, que confirmou a mesma mercê, ao conde D. Francisco de Faro; e por sua morte, fez d'ella mercê, D. Affonso VI, á unica filha e herdeira de D. Francisco, D. Maria de Faro. Por morte d'esta senhora, fez D. Pedro II mercê das villas de Odemira, Mortágua e Pena-Cova, a D. Nuno Alvares Pereira (1.º duque do Cadaval, conde de Tentugal e marquez de Ferreira), em 18 de dezembro de 1671; com todas as jurisdicções, direitos, rendas, padroados de egrejas, officios (assim da guerra como da republica) e o oitavo de todos os fructos. É actual conde de Odemira, o sr. D. Manuel de Mello. (Vide *Alvito* e *Loronha.*)

—

Assenta a villa na falda e encosta de tres sêrros, e está cercada, de N. a S., e E. a O. por uma serrania, que termina a um kilometro a O., onde principia uma charneca, mais ou menos povoada, a qual se estende até á costa do mar. Esta charneca tem uns 35 kilometros de extensão, e tem terrenos cultivados e incultos, sendo estes susceptiveis de arborisação, e muito proprios para vinhas.

[1] D. Sancho de Noronha, era 3.º filho de D. Affonso, conde de Gijon, neto paterno de D. Henrique II de Castella, e materno de D. Fernando I, de Portugal. Este condado terminou em 1661, por fallecimento de D. Maria de Faro e Noronha, unica filha e herdeira do 7.º conde, D. Francisco de Faro e Noronha, por morrer aquella senhora sem descendentes.

Em 1256, foi o castello de Odemira doado ao bispo do Porto, e confirmada esta doação por uma bulla de Alexandre IV, que concedeu indulgencias aos que viessem povoar estes logares, e defendel os dos mouros. (Do castello e da egreja da Trindade, que estiveram sobranceiros ao rio, não existem vestigios, e apenas se conservam os nomes, nos sitios onde estiveram.)

—

Em 1510 (no foral) privilegiou o rei D. Manuel, os moradores d'esta villa, escusando-os do pagamento dos montados, dando-lhes liberdade para cortarem a madeira de que carecessem, na area de 6 kilometros em redor da villa, na conformidade das posturas que a camara fizesse.

Pelo antigo foral, de D. Affonso III, era tambem concedido aos visinhos de Odemira, mediante o pagamento de certa quantia, por finta entre si, o uso livre das aguas e pastagens do concelho.

—

Tem casa de Misericordia, erecta em 1569, na ermida do Espirito Santo, que serve hoje de hospital. D'aqui passou para a sua nova egreja (a actual) em 1576.

Por provisão de 4 de março de 1611, obteve a irmandade da Misericordia, os privilegios da de Lisboa. O seu rendimento annual, anda por 200$000 réis.

—

A egreja matriz do Salvador, é um templo vasto, com quatro altares. Tem uma confraria.

A de Nossa Senhora da Assumpção, foi profanada e demolida, em 1835, e a parochia passou para a egreja do mosteiro de Santo Antonio (franciscano).

O edificio do mosteiro, menos a egreja e sachristia, foi vendido em hasta publica, perante a junta do credito publico, no dia 30 de outubro de 1841, e comprado por Antonio d'Almeida, por 480$500 rs. O seu actual proprietario, é o sr. José Maria Lopes Falcão, d'esta villa.

A egreja do mosteiro está bastante arruinada.

—

O rio *Mira*, ou *Odemira*, nasce na serra da

Mu, (mulo) ou *Caldeirão*, no sitio chamado *Carvalhêtes*, ao S. de Almodóvar, em territorio da freguezia de Santa Clara a Nova, do mesmo concelho d'Almodovar. O seu curso é de 85 kilometros. Recebe o *Rio-Tôrto*, e varios ribeiros, no seu curso bastante sinuoso. Em um livro da camara d'esta villa, onde se vê uma rapida descripção d'ella, se dá a este rio um curso de mais cinco kilometros, pois diz que tem 15 leguas, que corresponde a 90 kilometros.—As antigas leguas portuguezas, eram de 18 ao gráu, ou tres milhas; e cada milha tinha, com uma differença insignificante, dois kilometros, o que dava em resultado 45 milhas, ou 90 kilometros.

O seu curso sujeito ás marés (ou de agua salgada) é de 30 kilometros, e navegavel para embarcações de 180 a 200 moios de trigo. Desde a sua nascente até ao sitio da *Torrinha*, se denomina *ribeira*, e só d'ahi para diante se lhe dá o nome de *rio*. É perenne (o *rio*) na estiagem, e de curso muito arrebatado no inverno. É muito fertil em peixe, e na primavera abunda em corvinas (*coracinus magnus*, de Lineu).

Até á Torrinha, seccam as nascentes da *ribeira*, ficando a agua estagnada nos pégos, o que corrompe a vegetação fluvial, que produz exhalações miasmaticas, origem de febres intermitentes e paludosas.

—

Á sahida da villa, na direcção da estrada que vae para S. Theotonio e outros pontos, ha uma barca, em fórma de estrado, que offerece passagem livre e gratuita, a todos os passageiros, cargas e gados, de dentro e de fóra do concelho, a todas as horas do dia e da noite; mas os passageiros teem obrigação de rezar um *Padre Nosso* e uma *Ave Maria*, por alma da bemfeitora que legou rendas para custear a albergaria d'esta barca.

Na frente do arco d'alvenaria, onde está o cabrestante (ou sarilho) que enrola a maroma da barca, ha uma lapide com esta inscripção:

HUM PADRE NOSSO E HUMA AVE MARIA,
PELA ALMA DE QUEM DEIXOU ESTA BARCA.
MANDOU FAZER ESTE PADRÃO, O DOUTOR JOÃO
DA ROCHA PINTO, PROVEDOR DA COMARCA
DE BEJA, EM 1672.

É a camara municipal da villa, quem, na conformidade do regulamento da dita albergaria, administra os seus rendimentos.

Na beira da mesma estrada, e proximo á barca, está a capella de *Nossa Senhora da Piedade*. É vasta, com um bello retabulo, de excellente talha, onde está a padroeira; com a qual todos os povos das visinhanças, e ainda de longe, teem particular devoção.

A capella está bastante damnificada, em razão do pouco zêlo do seu administrador, que é o parocho da freguezia de Nossa Senhora da Assumpção, da villa, pois, sendo em alguns annos o producto das esmolas á Senhora, de 150$000 réis (sem que esse rendimento seja incluido na congrua do parocho), e tendo a imagem algumas joias de ouro, se podia muito bem restaurar a capella. O parocho limita-se apenas, a fazer uma festa insignificante, á Senhora, em 8 de setembro, para receber as esmolas dos devotos.

Segundo a tradição é um sanctuario antiquissimo; mas não se sabe mais nada, nem o *Sanctuario Marianno* o menciona.

—

Possue Odemira alguns predios bons; merecendo especial menção os paços do concelho, que são os melhores do districto administrativo, e com capacidade para acommodar todas as repartições publicas. Foram restaurados e ampliados, em 1865.

Tambem é bonita a casa da escola de instrucção primaria, construida em 1870, pela camara, e com o subsidio do legado do benemerito conde de Ferreira. Tem uma galeria de retratos de varões insignes nas lettras, nas armas ou nas virtudes, e uma bibliotheca popular, já de mais de 1200 volumes.

As casas onde reside e de que é proprietaria a sr.ª D. Marianna Lucia Beja Falcão; as do sr. Jorge José Serrão; e as do sr. José Rodrigues Furtado Nobre, são tambem optimos edificios.

Ha na villa um theatro, fundado em 1863, pela *sociedade recreativa odemirense*, cujo scenario (graças aos esforços, engenho e desinteresse do illustre facultativo, o sr. doutor

Abel da Silva Ribeiro, [1] póde competir com os melhores da provincia do Algarve, excepcionando o theatro *Lethes*. Levou-se á scena, para a sua inauguração, o drama do sr. J. da S. Mendes Leal, os *Dois Renegados*. Tem-se aqui representado — *O homem da mascara negra* — a *Pobre das ruinas* — o *Ghigi*, e outros de incontestavel merecimento.

Ao incançavel e humanitario zêllo do sr. Antonio Vicente da Silva, mancebo pobre, porém amante decidido do progresso, deve Odemira a possеção de um monte-pio, fundado em 2 d'abril de 1871, e cujos estatutos foram approvados, por decreto de 26 de fevereiro de 1872, sendo já de 76, o numero dos seus socios (1875).

O territorio d'este concelho é abundante em trigo, milho, centeio, cevada, tremoços, legumes, fructas, montados de sôbro (que dão excellente cortiça), ditos de azinho, cêpa d'urze, mel, cêra, etc.; exportando muitos d'estes generos.

O principal ramo de commercio d'este concelho, é a exportação de cortiça. Só uma das cinco fabricas do concelho, da qual é proprietario o sr. José Francisco de Souza Prado, exportou desde julho de 1873, a julho de 1874, vinte hiates carregados de cortiça, preparada — tanto em *prancha*, como em rôlhas.

Faz-se tambem n'este concelho creação de gado de todas as especies; mas ha bastante desleixo no apuramento das raças.

Havia aqui antigamente javalis, côrças e veados; mas actualmente já se não encontram n'estes montados; e mesmo a caça miuda tem rareado bastante. Pelo inverno, apparecem alguns lobos, e em todo o anno, rapozas.

—

Não vejo na torre do tombo brazão de armas d'esta villa; mas os seus habitantes sustentam que as armas de Odemira são, desde tempos remotos, e sem alteração, um castello, com tres torres da sua côr, sobre ondas verdes.

Minas

É o territorio d'este concelho muito abundante de minas de diversos metaes; muitas d'ellas, com evidentes vestigios de exploração desde tempos remotissimos.

Actualmente estão em lavra as minas de ferro, da freguezia de S. Luiz — a 12 $1/2$ kilometros da villa, e já se teem exportado algumas carregações de minerio.

Em julho de 1874 foram definitivamente, concedidas ao sr. James Lloyd, mais sete minas de ferro e manganez.

Em julho de 1875, foram concedidas definitivamente, ao sr. Thomaz Haffenden, as duas minas de ferro e manganez, do *Córrego das Pedras*, e da herdade das *Sesmarias*.

Em agosto de 1875, foram concedidas ao sr. Alfredo Anduze, cinco minas de ferro e manganez, dos sêrros do *Moinho da Tojaria*, e *Curral Velho* e da *Fonte Ferrênha*.

Em agosto de 1875, obteve o mesmo sr. Alfredo Anduze, a concessão definitiva de mais duas minas, de manganez e ferro, no *sêrro da Azambujeira* e no *sêrro do Buford*.

Em outubro de 1875, obteve ainda o mesmo sr. Anduze, a concessão provisoria, da mina de ferro e manganez, do *Córrego das Batatas*.

Todas no concelho de Odemira.

Em outubro de 1875, obteve o sr. James Lloyd a concessão provisoria, das minas de ferro e manganez, do *Sêrro das Ballas*, e da *Courella dos Santos*. A 1.ª no concelho de Odemira, e a 2.ª no de S. Thiago do Cacem.

—

Em outubro de 1875, foi o sr. Thomaz Haffenden considerado descobridor legal, da mina de manganez, da herdade de *Aguas de Peixe*, n'este concelho de Odemira.

—

Devo á benevolencia do sr. José de Mattos Reis Junior, distincto professor de instrucção primaria, na escola do conde de Ferreira, d'esta villa, grande parte dos esclarecimentos que se acabam de ler; pelo que lhe dou os mais cordiaes agradecimentos.

[1] O sr. doutor Abel da Silva Ribeiro, é filho de uma nobre familia, da villa do Pinheiro da Bemposta, no concelho de Oliveira de Azemeis, e está aqui estabelecido. Vide *Pinheiro da Bemposta*.

ODESSEIZE—Vide *Odeceixe.*

ODIÁXERE—Vide *Diáxere.*

ODIVELLAS — freguezia, Alemtejo, concelho d'Alvito, comarca de Cuba, 80 kilometros ao O.N.O. d'Evora, 100 ao S. de Lisboa.

Tem 135 fogos.

Em 1757, tinha 91 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo, e 90 de cevada.

E' terra fertil, sobre tudo em cereaes Cria muito gado de toda a qualidade, principalmento suino, que exporta.

ODIVELLAS — freguezia, Extremadura, concelho de Belem, comarca, patriarchado, districto administrativo e 10 kilometros ao N. O. de Lisboa.

Tem 450 fogos.

Em 1757, tinha 353 fogos.

Orago o Santissimo nome de Jesus.

O povo apresentava o cura, que tinha 50 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, 7$000 réis em dinheiro, e o pé d'altar. Hoje rende uns 450$000 réis. E' actual prior d'esta freguezia, o reverendissimo sr. Hermenegildo José Ferreira, ao qual devo alguns dos esclarecimentos d'ella, que agradeço.

Está esta freguezia em formosa posição, com bôas communicações, para Lisboa, Belem e outras partes.

A egreja matriz é um templo vasto, rico e magestoso, e a sua capella-mór toda revestida de marmore, de differentes côres, tanto nas paredes como no tecto, que é de abobada de pedra. O tecto do corpo da egreja, é de formoso estuque, em relevo. Admiram-se aqui ricos paineis. Tem tres irmandades—a do Santissimo Nome de Jesus (padroeiro)—a do Santissimo (que tem 18:000$000 réis, em *inscripções* do credito publico)—e a de Nossa Senhora do Rosario, (As confrarias do Santissimo Nome de Jesus e a da Senhora do Rosario, tambem teem algums rendimentos.)

Tem a egreja ricas alfaias de prata, sendo as principaes — sete alampadas muito antigas e de muito pézo—nove grandes cruzes — um rico cofre, com emblemas do Antigo Testamento, em alto relevo—alanternas, cereaes, varas do palio e dos mesarios—grande custodia, e outro muitos objectos, tudo de fina prata.

Tem um bom carrilhão de sinos, afinados por musica.

Tem sete altares, todos de talha dourado. Finalmente é um dos templos mais sumptuosos do termo de Lisboa.

—

Ha n'esta freguezia muitas, bellas e ricas quintas, sendo as principaes, as seguintes:

Quinta da Memoria — logo á entrada da freguezia, tendo na porta principal, as armas de um arcebispo de Lisboa.

Junto a esta, á entrada da rua principal da povoação, está a *memoria* (que deu o nome á quinta) da qual adiante tratarei.

Quinta do Caldas—com grandes pomares de laranja e vastos parreiraes.

Quinta dos Padilhas.

Quinta do marquez das Minas, condes de Redondo.

Quinta das Pelles— com grande extenção de terreno, de oliveiras, pomares e terra lavradía.

O territorio d'esta freguezia, é fertil em toda a qualidade de generos agricolas, do nosso paiz, sendo os principaes, laranja e sebôla, que se exportam em grande quantidade.

O cirio do cabo

De tempos immemoriaes vae o famoso cirio do Cabo, de 25 em 25 annos, á egreja de Odivellas. Darei uma resumida relação do que é esta solemnidade (aos que o não souberem) descrevendo o ultimo que teve logar no domingo, 6 de junho de 1875.

Sahiu da ermida de Nossa Senhora das Dôres, em Belem.

A concorrencia foi numerosa. Dois eram os attractivos que convidavam a affluencia do povo áquelle aprazivel sitio. O cirio e a festa na casa pia.

Odivellas era a freguezia que recebia o cirio, e entre as do roteiro, que elle percorre no periodo de 25 annos, não é aquella a

que mais se poupa para fazer-lhe o acolhimento devido.

A ceremonia effectuou-se assim.

Achando-se presente na ermida das Dores a camara municipal do concelho de Belem, foi a imagem conduzida debaixo do pallio até á berlinda que a esperava á porta do adro.

O cirio, que seguiu pela rua do Embaixador, Junqueira, praça de D. Fernamdo (do lado da praia) calçada da Ajuda, terras de Monsanto, Bemfica, Carnide, até Odivellas, hia ordenado d'este modo:

Uma carroça da casa real, com foguetes; um carro, armado em forma de corêto, puxado por duas juntas de bois, conduzindo uma philarmonica; quarenta festeiros montados em bons e bem ajaezados cavallos; um carro puxado a tres juntas de bois, cobertos com rendas de crochet, conduzindo outra musica; um carro, puxado por uma junta de bois, conduzindo tres anjos; o juiz e dois festeiros, montados em cavallos com xaireis de velludo encarnado agaloados de ouro; o juiz levava a bandeira da Senhora, e tanto elle como os dois companheiros iam de casaca, chapeu armado, calção e bota de montar; berlinda da casa real, a duas parelhas, conduzindo a imagem e ladeada por criados da casa, com brandões; charanga de lanceiros e um piquete do mesmo corpo, todos de grande uniforme; traquitana da casa real, com o parocho de Odivellas, que distribuia lôas impressas; tres pagens a cavallo; cento e cincoenta cavalleiros; cincoenta trens conduzindo as principaes pessoas da freguezia que festeja, e das circumvisinhas, todas vestidas com as suas galas mais louçans.

O prestito offerecia um quadro deslumbrante pela calçada da Ajuda e terras de Monsanto.

Esta festa remonta á longa data. Parece ser coeva do reinado de D. Duarte. Tem sido sempre muito querida dos nossos monarchas.

A Senhora possue ricas joias que por elles lhe tem sido offerecidas. Em 1828, porém, foram-lhe roubadas duas córoas de brilhantes, de subido preço, fabricadas em Hespanha. Em 1833 foi-lhe tambem roubado um relicario ou maquineta, de grande merecimento artistico, que fôra prenda de D. Pedro III.

Attribuem-se á Virgem do Cabo, assignalados milagres. Conta-se, entre outros muitos, que estando uma mulherzinha á beira do precipicio, que se cava em frente da ermida do Cabo, se despenhára n'aquelle abysmo; e que, acudindo a irmandade com o estandarte da Senhora, para ir buscar o supposto cadaver, quando chegaram ao fundo do despenhadeiro a encontraram muito bem sentada a compor os cabellos, san e escorreita. Isto passou-se em 1807.

A ermida actual já é a terceira. As outras cairam em ruinas.

O cirio, atravessa tres freguezias: Belem, Bemfica e Odivellas. N'esta ultima estavam preparados grandes festejos, que hão de prolongar-se durante a estada da Senhora n'aquelle sitio. Houve bodo, arraial, fogo de artificio, etc.

Este cirio é como que o marco milliario para a vida de muitos. Ha parochiano que o tem visto quatro vezes. Queira Deus que não fosse ainda este anno a ultima vez que o vejam.

(Extrahido do *Diario Illustrado*, *o que diz respeito ao cirio.*)

—

A freguezia de Odivellas é antiquissima, mas não se sabe a data da sua creação, nem quando e por quem foi fundada a egreja. Sabe-se sómente, que estando em máo estado, e sendo muito pequena, para a freguezia, foi demolida, sendo no seu lugar edificada a actual, por D. Pedro II, pelos annos de 1700; porem, na sachristia, se vê, no deposito do lavatorio, a data de 1573—provavelmente, era peça que pertenceu á antiga egreja.

Havia aqui um hospicio de frades bernardos, que foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade particular.

Do desacato praticado n'esta egreja, por Antonio Ferreira, na noite de domingo para segunda feira, 11 de maio de 1671, já tratei a pag. 128, col. 1.ª, do 2.º volume.

A memoria

Sobre um outeiro, proximo ao convento de Odivellas, por cuja encosta se estende a povoação d'este nome, se ergue um arco de pedra, de architectura gothica, chamado geralmente, *monumento de D. Diniz*, e o vulgo lhe dá o nome de *Memoria*.

Segundo a tradição, aqui descansou o corpo do esposo da rainha Santa Isabel, quando o conduziram para o seu jazigo, do visinho mosteiro, que elle havia fundado.

Se a tradição é verdadeira, é provavel que esta construcção seja obra de D. Affonso IV, filho d'aquelle monarcha. Entretanto, o chronista frei Francisco Brandão, descrevendo o enterro do rei D. Diniz, accrescenta o seguinte:

«Alguns querem dizer que onde agora está um arco de pedraria, parou a liteira, e se fizeram as costumadas ceremonias; mas aquelle arco, que responde a outro que está á sahida de Lisboa, para aquella parte (no *Campo da Forca*) se poseram por descançar n'aquelles logares o féretro de D, João I, quando de Lisboa veiu trasladado ao seu jazigo real, do convento da Batalha.»

Já não existe outro monumento designado por Brandão, e que estava no *Campo da Forca*, que é o actual *Campo de Santa Clara* (4.° vol., pag. 168, col. 1.ª)

O arco de Odivellas, pela *cruz floreada* que lhe orna a cúpula, distinctivo da ordem de Aviz, da qual, como todos sabem, foi grão-mestre, D. João I, parece dar razão a frei Francisco Brandão.

Consiste o monumento em um arco ogival, de cantaria, tendo no fecho, o brazão das armas de Portugal, com treze castellos na órla. O centro do arco, até metade da sua altura, é occupado por tres pequenos arcos, sustentados por oito columnetas, tendo sobre ellas uma mesa.

A architectura d'estes arcos é meio gothica, meio árabe, e denuncia uma época anterior a D. João I, em cujo reinado, a architectura gothica chegou á maior perfeição e pureza, n'este reino.

Mostra ter sido concertado em diversas épocas, e talvez lhe accrescentassem, na occasião d'estes reparos, alguma peça de novo; como a cruz floreada que o corôa.

Não tem inscripção alguma antiga; apenas se vê gravada, junto da base, na frente que olha para Lisboa, a seguinte inscripção:

1721 — R. T. F.

E' talvez a data do ultimo concerto que se lhe fez.

Real mosteiro de Odivellas

Segundo a lenda, a causa da fundação d'este mosteiro, foi a seguinte.

Estava o rei D. Diniz, na cidade de Beja, e, sahindo um dia á caça, encontrou-se com um urso monstruoso, que era o terror de todo aquelle territorio. Perseguiu-o o rei por algum tempo; porém a féra, investindo com o cavallo, lançou por terra o cavalleiro, que, vendo-se sob as garras de tão feroz e terrivel animal, invocou a S. Luiz, bispo de Tolósa, com o qual tinha particular devoção. Appareceu-lhe o santo, e o animou a desembainhar a sua faca de matto, e a caval-a no urso, o que o rei logo fez, matando-o instantaneamente.

Salvo o rei, por este modo milagroso, resolveu logo edificar um mosteiro, em signal de reconhecimento para com o Ceu.

Até aqui a lenda.

Pouco tempo depois que o soberano regressou de Beja á capital, partiu com a côrte e com o bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães—(o 19.° prelado d'essa diocese —4.° vol., pag. 269, no fim) para uma quinta que o rei tinha em Odivellas, e n'ella lançou solemnemente a 1.ª pedra do templo e do mosteiro, a 27 de fevereiro de 1295.

A egreja, que é de tres naves, foi consagrada a Nossa Senhora, a São Diniz (ou Dionizio) e a São Bernardo; mas o segundo é que ficou sendo o verdadeiro patrono, por ser do nome do fundador.

Foi architecto d'esta obra Affonso Martins, que a concluiu em 1305.

O rei fez doação do mosteiro, ás religiosas cistercienses. Passava então por ser o

mais grandioso edificio de Portugal. O templo era vastissimo, e no mosteiro, accommodaram-se, logo que se concluiu, 80 freiras; mas este numero se elevou no seculo XVIII, a 260.

Com o tempo, e com os terramotos, tanto o templo como o edificio do mosteiro, soffreram muitas ruinas, o que deu causa a diversas reconstrucções, que lhes alteraram, na maxima parte, as suas feições primitivas.

O mosteiro foi roconstruido completamente, no reinado de D. João IV, pelo risco e direcção de frei João Turreano, architecto e monge benedictino. [1]

Pouco ou nada conserva da primeira fabrica; apenas a egreja mostra ainda, em diversas partes, alguns specimens da sua antiga architectura; taes como—o vestibulo e algumas capellas. No vestibulo vê-se uma memoria antiga de muito interesse historico. E' uma bala de pedra, com 1ᵐ,10 de circumferencia, embebida na parede, tendo por baixo a seguinte inscripção:

ESTE PELOURO MANDOU AQUI OFFERECER
A SAN BERNARDO, DON ALVARO DE NORONHA,
POR SUA DEVAÇÃO, QUE HE DOS QUOM QUE
LHE OS TURCOS COMBATERAM A FORTALEZA
DURMUZ, SENDO ELE CAPITAM DELA, NA
ERA DE 1557.

(A data, é a da collocação da bala, na parede; pois que o cêrco e combate d'Ormuz, a que se refere a inscripção, succedeu em 1552.)

O templo não tem bellezas architectonicas, nem de esculptura. Exteriormente, é muito singelo e irregular; póde mesmo dizer-se—de fabrica mesquinha. A capella-mór é de fórma circular, e é a primitiva; mas era flanqueada por duas elevadas torres, e como que coroada por um corpo, do feitio de um frontão, adornado de lavores, que se erguia sobre o arco cruzeiro. Era esta a fachada nobre da egreja; porque a porta da entrada, como acontece em todos os mosteiros de freiras, era em um dos lados.

Interiormente, tambem não tem magnificencia. Conta dez capellas na egreja e vinte no côro, que se póde considerar o prolongamento, ou continuação da egreja, dando assim a esta, um comprimento extraordinario; porque só o côro, é como um grande templo. [1]

Na capella-mór, ha quatro paineis, representando imagens de santas, em corpo inteiro, attribuidos ao *Grão Vasco*.

O côro, não é só notavel pela sua grandeza — é-o tambem pela sua muita luz, que o faz summamente claro e alegre, e pelo luxo e ornamentação dos seus altares. Tem tres ordens de ricas cadeiras, para 200 freiras.

Em uma capella ao lado da capella-mór, está o tumulo do fundador, com a estatua do monarcha deitada sobre a tampa, com os pés para o lado do côro, armado, e de vestes reaes, porém muito mutilado e disforme, mórmente o rosto, o collo e as mãos, que estão meio decepadas. Tudo isto tem sido restaurado torpemente, com argamaça! Fizeram mais (e peor!) o lado do frontal do monumento, está completamente estucado, de angulo a angulo, e só do lado opposto se póde vêr o que isto foi.

Ao lado esquerdo da estatua do rei, se vêem ainda restos de outra figura, que provavelmente era a de S. Luiz, segundo refere Brandão.

Do lado direito tambem parece ter havido outra figura humana, pelo que denunciam os restos inferiores, que ainda se distinguem. Os troncos de todos estes fragmentos, estão hoje substituidos por uns *enfeites*, á laia de remate de chaminé, feitos de cal e areia!

Todas as quatro faces foram primorosamente lavradas e ornadas de escudêtes e la-

[1] Foi tambem o architecto da ultima reedificação do mosteiro de Santo Thyrso, do convento novo de Santa Clara de Coimbra, e do da estrella, em Lisboa — hoje hospital militar, vulgo *Estrellinha*.

[1] O mesmo se póde dizer da egreja e côro do real mosteiro de Arouca, que é da mesma ordem. Aqui, alem do côro ter a mesma largura e altura, e quasi tanto comprimento como a egreja, póde dizer-se que o côro é ainda mais sumptuoso, estando adornado com bellissimos quadros a oleo, de grande merecimento, riquissimas cadeiras, e um dos melhores orgãos do reino.

çarias, segundo a architectura gothica, da época.

A frente do monumento tem quatro arcos, de architectura arabe, e em cada um d'elles um nicho, com dois frades bernardos — ao todo, oito em cada face, todos em vulto, e com livros fechados, nas mãos.

Na face opposta, o mesmo numero de arcos e de frades.—Na face que está por baixo da cabeceira do rei, está uma estatuêta, tambem em vulto, que parece de rei, de joelhos, e com as mãos póstas, aos pés de um prelado, lendo em um livro. Na face do lado dos pés do rei, ha outro arco, tambem com dois frades bernardos, tendo cada um nas mãos, um cofre com sua fechadura. Vindo a ser ao todo, 20 figuras — 18 de frades, e as duas do lado da cabeceira—a fóra as duas figuras da tampa.

O monumento descança sobre seis figuras de animaes, de differente especie, tres de cada lado, mas estão de tal modo mutiladas, que mal se podem designar.

Uma das do meio, assemelha-se a um grande cão. Parece que a que lhe fica á esquerda, representava o caso do urso; mas o que resta é tão pouco e tão desfeito, que não se póde conhecer. A figura da direita, pelas garras, parece ser leão.

O monumento tem 2^{m},62 de comprido e 1^{m},42 d'alto.

Este mausoleu, tem o merecimento de mostrar o estado da esculptura em Portugal, no fim do 13.° seculo.

Foi o proprio rei D. Diniz que o mandou fazer, poucos annos depois de concluidas as obras do mosteiro.

A maior parte das suas mutilações foi causada pela mudança do monumento, da antiga egreja, onde originariamente esteve, para a acanhada capella onde hoje está; accrescendo o vandalismo de barrarem com argamaça e besuntarem com estuque, muitos dos seus primorosos ornatos. Tambem alguns visitantes barbaros, teem damnificado estupidamente este monumento, quebrando e levando as peças de mais facil deslocação e transporte.

—

Na capella-mór estão sepultados, o infante D. João, filho de D. Affonso IV;[1] e D. Maria, filha natural do fundador, e freira d'este mosteiro.

Na sachristia está a sepultura de D. Philippa de Lencastre, filha legitima do infante D. Pedro, duque de Coimbra (Vide *Alfarrobeira*) e da infanta, D. Isabel, de Aragão, e neta de D. João I e da rainha D. Philippa.

D. Philippa escreveu um manuscripto, e adornou-o com lindas figuras illuminadas, obra de grande merecimento, que deu ao mosteiro, em 1480. Ainda existe.

A rainha D. Philippa falleceu no mosteiro d'Odivellas, e n'elle esteve o seu cadaver 15 mezes, sendo depois removido para a egreja da Batalha.

Tambem aqui ha uma sepultura com uma grande pedra de marmore, onde estão esculpidas as armas reaes de Castella. Diz-se que está alli sepultado um principe hespanhol, que vindo visitar D. Diniz, morreu em Odivellas.

—

Ha n'este templo, alfaias e vasos sagrados de bastante antiguidade, e de muito valor, tanto intrinseco como artistico, sobretudo, uma riquissima custodia.

O mosteiro e as suas varias officinas, formam um vastissimo edificio, composto de muitos corpos, construidos ou reedificados em differentes épocas, e sem conservarem entre si especie alguma de symetria ou regularidade. Tem varios dormitorios e claustros, e uma boa cêrca, regada por um ribeiro, e na qual ha um jardim, que ainda conserva o nome de *Valle de Flôres*, que tinha quando era quinta real. Tem um grande lago e varios tanques.

Ha ainda no mosteiro grande numero de habitadoras, mas só oito (1875) são freiras.

Os reis e os pontifices, concederam a este mosteiro muitos e grandes privilegios e regalias, e teve muita celebridade, principalmente no reinado de D. João V, que aqui vinha com muita frequencia. Pouco depois, no tempo da *Arcadia*, eram famosos os *outeiros*

[1] Nasceu a 22 de setembro de 1326, e morreu na infancia.

(abbadessados) de Odivellas, aos quaes concorriam, exhibindo os seus *improvisos*, os mais celebrados poetas de Lisboa e de toda a Extremadura.

Já acabaram os bellos e famosos *outeiros de Odivellas;* mas ainda a 8 de setembro se faz alli uma pomposa festa de egreja, a Nossa Senhora, havendo então feira e arraial, muito concorridos, no espaçoso terreiro que se estende em frente do mosteiro.

N'este convento se creou a infanta D. Joanna, filha de D. Affonso V. (Vidè *Aveiro.*)

—

O corpo da egreja ficou arruinado com o terramoto do 1.º de novembro de 1755, mas foi logo reconstruido. O terramoto de 1758 tambem o arruinou muito.

Junto á egreja ha um grande alpendre, feito em 1573. As suas paredes foram revestidas de bellos azulejos, em 1671.

—

Eram famosas em todo o reino, as funcções religiosas que se faziam n'esta egreja; não só pela sua magnificencia e sumptuosidade, como pelas optimas organistas e primorosas cantoras que sempre tinha: de modo que se despovoava Lisboa, quando havia festa de egreja em Odivellas.

—

D. Diniz fez valiosas doações a este mosteiro, sob condição de guardarem as religiosas, clausura perpetua, que até então não eram obrigadas a guardar.

—

Consta que a egreja do mosteiro foi a primeira egreja parochial da freguezia de Odivellas.

—

As rendas d'este mosteiro, até 1834, regulavam por 8 a 9 contos de réis.

—

Como fallei na princeza D. Philippa de Lencastre (filha do infante D. Pedro, e irman da rainha D. Isabel, mulher de D. Affonso V) [1] julgo proprio este logar, para dar a seu respeito mais alguns esclarecimentos.

Nunca quiz acceitar esposo, e preferindo a vida claustral, interposta licença do Santo Padre Nicolau V, foi para o mosteiro de Odivellas, onde dirigiu a educação de sua augusta sobrinha a infanta D. Joanna, a cujo fallecimento assistiu em Aveiro no mosteiro de S. Domingos.

Foi depois em peregrinação a S. Thiago de Galliza, e voltando, fez outras romagens, sempre a pé, veio acabar seus dias ao seu querido mosteiro de Odivellas.

Ninguem ignora as desgraças do infante D. Pedro, seu pae, morto na batalha d'Alfarrobeira: o mesmo infortunio perseguiu sempre seus filhos e filhas.

O typo do infante D. Pedro é porém um dos mais perfeitos, que nos apresenta a historia; militar denodado, cavalheiro perfeito, litterato distincto, catholico completo.

Sua filha, a infanta, D. Philippa de Lencastre, foi senhora de grandes virtudes, e, dirigida na sua educação por seu pae, conheceu a fundo a lingua latina e a franceza, deixando obras escriptas por seu punho, alguns manuscriptos dos quaes existia part no cartorio d'Odivellas, da ordem de Cister, um dos condemnados á voracidade do minotauro expoliador da Egreja dos nossos tempos.

—

A actual abbadessa, é a sr.ª D. Ignez Margarida do Nascimento e Souza, que ha muitos annos era prioreza. Foi eleita em setembro de 1874.

Como são só oito religiosas, quasi todas occupam logares da communidade.

—

O distincto escriptor bracarense, o sr. Pinheiro Caldas, publica no *Brado Liberat*, folha d'aquella cidade, a seguinte poesia, explicando nas linhas que se lhe seguem a sua procedencia.

[1] D. Affonso V esteve primeiro esposado com a princeza D. Joanna, filha de D. Henrique IV de Castella; mas como era sua sobrinha, e casou sem despensa, annullou-se o casamento, e a infeliz senhora nem conservou o titulo de princeza, pois morreu com o de *Excellente Senhora.*

PADRE NOSSO

Que resaram *as religiosas d'Odivellas, no termo de Lisboa, a el-rei D. José I, recolhidas alli d'outros conventos da Ordem como castigo, por determinação do Geral dos Bernardos, em 1776.*

A vós, augusto monarcha,
Pedimos com humildade
Nos não deixeis o Abbade,
Padre Nosso.

Valha-nos o poder vosso,
Que tão afflictas nos vemos:
Pelo que todas diremos,
Que estaes nos ceus.

Rogaremos sempre a Deus
—Se tal Padre castigaes—
Que desde logo sejaes
Sanctificado.

Seja logo exterminado,
Por insolente, e atrevido,
Sem que nunca mais ouvido
Seja.

Se vemos da nossa egreja
Os Frades Bernardos fóra,
Louvaremos toda a hora
O vosso nome.

Para que o bruto se dôme,
Castigae-o com rigor,
Antes que outro mal maior
Venha a nós.

Pelas penas que nos poz
Aquelle animal damnado,
Fez que fosse amotinado
O vosso reino.

Senhor: em vosso terreno,
Um Bernardo, com doudice,
Quer que toda a parvoice
Seja feita.

Fazei justiça direita,
Sem respeito a hierarchia:
Seja lei, e seja guia,
A vossa vontade.

Se Deus a summa piedade
Nos ceus com seus servos tem;
Fazei vós, Senhor, tambem
Assim na terra.

Applacae-nos esta guerra,
Que traz o mosteiro em fogo;
Assim ficaremos logo
Como no Ceu.

Lograremos o trophéo,
Se isto fôr attendido:
Porque bem nos tem comido
O pão nosso.

É tão stupendo o destroço,
Que elle fez n'este convento;
Que para nós é tormento
De cada dia.

Nenhuma de nós podia
Soffrer já tanto tormento,
Por isso, defferimento
Nos dae hoje.

Nossa paciencia foge,
Com tanto ultraje no rosto:
Mas não sendo vosso gosto,
Perdoae-nos.

Como bom Pae despachae-nos,
Como todas pretendemos:
Assim melhor pagaremos
As nossas dividas.

Se não formos attendidas
N'esta nossa pretenção;
Algum dia outras farão
Assim como nós.

A injuria extrema, atroz,
De nos hir quebrar as portas,
Nem até depois de mortas
Perdoamos.

N'esta afflicção imploramos,
O mandeis vós retirar,
Para podermos fallar
Aos nossos.

De cubiça são uns poços
Pelo muito que desejam:
Querem que os mais lhe sejam
Devedores.

São mui fortes comedores
Do que nos podem colher:

Por isso no seu poder
Não nos deixeis.

Vós livrar-nos bem podeis:
Assim nós o esperamos;
Porque nas mãos lhe não vamos
Cahir.

Se chegam a conseguir
Contra nós o seu intento,
Ficamos n'este convento
Em tentação.

É isto contra a razão:
Senhor, vêde o que fazeis:
Somos vassallas fieis,
Mas livrae-nos.

Vós n'este aperto amparae-nos,
Antes que a mais se reduzam:
Porque estes Bernardos usam
De todo o mal.

Deos defenda a Portugal
Por todas eternidades
D'esta tal ralé de Frades:
Amen Jesus.

—

Transcrevemos este *Padre Nosso* faceto, d'um manuscripto em 4.º, a que o seu auctor M. L. A., natural d'esta cidade de Braga, dera em 1778 este titulo integral:

Desabafo dos portuguezes, depois do fallecimento do seu fidelissimo monarcha, o senhor rei D. José I, na decadencia do seu grande valído e primeiro ministro, Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez do Pombal.

Comprei aqui estes dias este *manuscripto*, com outros volumes curiosos e alguns d'elles muito raros, na Livraria Internacional do meu amigo Eugenio Chardron: e devo a posse d'elles, á sua honradez de caracter, por lhe serem sollicitados alguns volumes com importunidade, a troco de preços excessivos, depois de escolhidos e separados por mim na sua loja.

Pertenceu este *manuscripto*, com os outros demais volumes, á livraria selecta do antiquario bracarense, Valerio Pinto de Sá, morador outr'ora na rua do Campo d'esta cidade: — a quem D. Jeronymo Contador d'Argote, nas suas *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga*, no tom. III pag. II, qualifica de — «pessoa curiosa, e com muita noticia das antiguidades da sua patria.»

—

Ha no concelho de Amares, Alto Minho, uma aldeia, chamada tambem *Odivellas.*

ODIVOR ou DIVOR — Já tratei d'esta freguezia, a pag. 470 do 2.º vol., col. 2.ª — aqui accrescentarei mais o seguinte:

Está esta freguezia situada no centro de formosas veigas, e tão aprasiveis, que os romanos (segundo alguns escriptores) lhe chamaram *Campos Elisios*, ou *Campi Divorum* —*Campo dos Deuses*). De *Divorum* — diz-se — provém *Divôr*.

OEIRAS — Villa, Extremadura, cabeça do concelho do seu nome, comarca, districto, patriarchado, e 18 kilometros ao O. de Lisboa, 11 kilometros ao O. de Belem, e 1:500 metros ao E. da torre de S. Julião da Barra.

700 fogos, e em 1757 tinha 798.

Orago Nossa Senhora da Purificação (Candeias).

O prior e beneficiados de S. Lourenço, de Lisboa, apresentavam o cura, que tinha 30 alqueires de trigo, uma pipa de vinho e o pé de altar.

O concelho de Oeiras é composto de cinco freguezias, todas no patriarchado — são — Barcarêna, S. Julião da Barra, Carcavellos, Carnaxide, e a da villa — todas com 2:000 fogos.

Está esta bonita villa situada em terreno suavemente accidentado, sobre a margem direita do magestoso rio Tejo, e quasi em frente da torre de S. Lourenço do Bugio. — É regada pela ribeira do seu nome, que é aqui atravessada por uma boa ponte de pedra, de um só arco. Esta ribeira réga varias propriedades, e faz mover varias azenhas. Aqui mesmo, com pequeno curso, desagúa no Tejo.

É povoação antiga, mas não se sabe quando nem por quem foi fundada, nem quando foi elevada a parochia. Sabe-se apenas que a sua egreja matriz era bastante antiga e foi

destruida pelo terremoto do 1.º de novembro de 1745, mas foi logo reedificada, e é a actual.

Era Oeiras uma aldeia, grande e muito bem situada. Em 6 de junho de 1759, D. José I, elevando o seu 1.º ministro, Sebastião José de Carvalho e Mello; a conde de Oeiras, de juro e herdade, (e seus irmãos a secretarios de estado) deu a esta povoação a cathegoria de villa, logo no dia seguinte (7 de junho de 1759).

Desde então principiou para a nova villa uma época de esplendor e desenvolvimento; mas por morte do seu primeiro conde, ficou estacionaria.

Adiante fallarei mais detidamente da sumptuosissima e principesca residencia dos condes de Oeiras (marquezes do Pombal) para onde o rei D. José e a sua côrte vieram passar os verões de 1775 e 1776, para d'aqui irem todos os dias tomar os banhos do *Estoril*, que são entre Oeiras e Cascaes.

Ufana-se Oeiras, com razão, por ser a primeira terra de Portugal onde se effectuou uma *exposição agricola e industrial*, e, com toda a probabilidade, a primeira festa d'este genero, em toda a Europa.

O conde de Oeiras (já marquez do Pombal, desde 1770) aproveitando-se da estada do rei n'esta villa, e no palacio do marquez, resolveu dar lhe um espectaculo, que ao mesmo tempo que lisonjeava o soberano, fazendo-lhe vêr em verdadeiro e minucioso quadro, os resultados praticos das sabias reformas pelo ministro emprehendidas e levadas a effeito; demonstrava a nacionaes e estrangeiros, os progressos que tinha feito Portugal, e os recursos que lhe permittia a sua industria. Tambem assim, respondia o marquez ás accusações e calumnias dos seus inimigos, com factos que provavam incontestavelmente a prosperidade publica.

Determinou pois que se fizesse n'esta villa uma grande feira, á qual concorresse todo o genero de productos da industria fabril portugueza. Expediram-se circulares ás auctoridades, para todas as provincias, ordenando-lhes que fizessem intimar todos os donos de fabricas, para que viessem armar barracas no logar que lhes fosse designado, e n'ella expozessem á venda os diversos productos da sua industria.

Ninguem faltou ao chamamento, e portanto, esta feira, foi uma verdadeira *exposição industrial*, de todos os artefactos portuguezes.

A côrte, o corpo diplomatico, os consules, e os funccionarios publicos, *convidados* pelo ministro, e Lisboa em peso, levada da curiosidade, foram vêr e admirar o prodigioso desenvolvimento das nossas industrias, na immensa variedade de producções, e no singular aperfeiçoamento de muitas d'ellas.

Os esforços do ministro, animando e auxiliando as fabricas antigas; creando novas; mandando vir do estrangeiro mestres e operarios intelligentes; e concebendo e fazendo promulgar leis adequadas ás necessidades da mesma industria, tiveram n'esta occasião o premio moral, conferido por todos quantos presencearam esta verdadeira festa nacional.

—

Ha em Oeiras varias e boas quintas de regalo, sendo as melhores, as duas dos srs. marquezes do Pombal.

—

Percorrendo a margem direita do Tejo, desde Oeiras até S. Julião da Barra, encontram-se dois fortes — o de *S. João das Maias* e o de *Santo Amaro* — construidos (como quasi todos das margens do Tejo) por D. João IV, e seus dois filhos, D. Affonso VI e D. Pedro II.

Hindo pela estrada real, de Oeiras, para o O., chega-se a um sitio onde a estrada se bifurca, hindo um braço para a torre de S. Julião, e outro, para o logar de Carcavellos, ambos a 1500 metros a O. de Oeiras.

Tambem é n'esta freguezia o bonito logar e o forte de *Paço d'Arcos*. (Vide esta palavra.)

N'este concelho, está tambem a povoação de Laveiras; com o seu forte, e o seu mosteiro de S. Bruno (vol. 4.º, pag. 56, col. 2.ª,) banhada pelo rio do seu nome, atravessado por uma ponte de pedra, de um só arco.

—

A praia de Oeiras, é bastante concorrida na

estação dos banhos do mar, por familias de Lisboa e de outras partes.

A todos os *banhistas* está franca a entrada, a qualquer hora do dia, nas duas magnificas quintas dos srs. marquezes do Pombal, uma das quaes está muito embellezada, com lindos jardins, devidos ao gosto da sr.ª marqueza.

Tambem está franca a todos, a bella quinta dos srs. marquezes de Penalva.

Para a entrada das quintas da Arriaga e do Egypto, é preciso licença.

—

Ha aqui mercado no 3.º domingo de cada mez, e feira a 4 de outubro.

—

N'esta faeguezia ha varias capellas, sendo as principaes:

Nossa Senhora da Conceição, e *Santo Amaro*—templo historico e antiquissimo. Está sendo reparado (1875) o edificio annexo a esta capella, para n'elle se estabelecer um *albergue de invalidos do trabalho.*

Assim se realisam os fins para que se erigiu n'esta ermida a irmandade da Conceição, e se dá principio ao cumprimento dos desejos do sr. Luiz Pereira da Motta, que por seu fallecimento, lega uma boa parte dos seus haveres á este albergue.

Esta capella e edificio annexo, é em um dos mais bellos pontos d'esta localidade.

O edificio que agora se reedifica, foi um hospicio de frades caetanos, fundado por D. Simôa, que tambem fundou o mosteiro de S. Bruno, em Laveiras. Esta senhora foi sepultada na egreja da Misericordia, de Lisboa.

Nossa Senhora do Porto Salvo—E' muito antiga; não se sabe ào certo quando esta formosa ermida foi edificada; mas parece fóra de toda a duvida, que tem mais de 300 annos de existencia. Segundo a lenda—vindo um navio em viagem, da India para Portugal, se formou uma terrivel tempestade, e os afflictos navegantes, julgando-se perdidos, fizeram voto de edificar no primeiro cabeço que encontrassem á entrada do porto de Lisboa, uma ermida consagrada a Nossa Senhora, á qual dariam a invocação de *Porto Salvo.*

Chegou o navio a salvamento, e os navegantes trataram de cumprir o voto, erigindo a ermida actual, proximo a Oeiras.

Desde então, todas as embarcações quando partiam para a India, ou quando de lá voltavam, salvavam ao avistar a ermida.

A ermida tem só o altar da Senhora.

Foi reedificada, pelo capellão da capella real, Manuel Carvalho Rodrigues Bacalhão, no meiado do seculo XVIII.

Todos os maritimos teem muita devoção com esta imagem, e é espantosa a fama dos seus numerosos milagres.

Desde 1833, que a ermida tem hido em decadencia, e está actualmente muito deteriorada; pelo que a irmandade resolveu recorrer ás pessoas devotas, que queiram contribuir com as suas esmolas, para que se conserve com a dignidade propria de um templo christão.

A' custa pois dos devotos se teem já feito muitos reparos.

A irmandade (que é muito numerosa e composta, na sua maior parte, de maritimos) faz uma grande festa á Senhora, no dia 15 de agosto de cada anno, que é sempre muito concorrida.

—

As duas quintas dos srs. marquezes de Pombal, estão situadas junto da villa, sahindo em direcção a Carcavellos. Separa-as uma da outra, a estrada real, que por largo espaço vae correndo, assombrada pelo copado arvoredo de ambas.

A primeira, que se prolonga do N. para o S.—isto é—da estrada, para o lado do Tejo—é á principal, pela sua grandeza, e pela nobreza do edificio.

É n'ella que está o palacio.

Fundaram esta quinta, e construiram o palacio, Francisco Xavier de Mendonça e Paulo de Carvalho de Mendonça (irmãos do 1.º marquez de Pombal) ambos secretarios de estado, e o 2.º D. prior de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, presidente do senado, e que falleceu quando foi elevado a cardeal.

A amisade que unia estes tres irmãos, que sempre viveram juntos, fez com que os dois mais novos (Francisco e Paulo) appli-

cassem os rendimentos de seus bens patrimoniaes, e os grandes vencimentos que recebiam do estado, pelos diversos cargos que exerciam (que tudo subia á enorme quantia de 22:360$000 réis annuaes!) a bemfeitorisar e augmentar as propriedades que pertenciam ao mais velho (o marquez) por herança de seus paes; por dote de sua 1.ª mulher, D. Thereza de Noronha, sobrinha do conde dos Arcos; [1] e por successão nos vinculos de seu tio, Paulo de Carvalho e Athaide, arcipreste da Santa Egreja patriarchal, que falleceu em 1737.

Os dois referidos irmãos, vincularam e uniram ao morgado de Oeiras todos os bens que ahi compraram, e as importantissimas bemfeitorias que n'elles fizeram.

Ainda, por morte de seus irmãos, o marquez, á custa dos rendimentos da sua já grande casa, e dos seus immensos ordenados, ampliou e embellezou a obra de seus irmãos.

Os morgados do marquez, não constam só das duas quintas (que foram formadas de diversas propriedades, de differentes donos) mas tambem de varios e grandes casaes, de terras de lavoira, de olivaes, e de vinhas, que chegaram a produzir 400 pipas d'aquelle precioso vinho, conhecido e apreciado sob o nome de *Carcavellos*.

O palacio tem quatro fachadas — uma, a da entrada principal, que é flanqueada por dois pavilhões, deita para um grande pateo —duas, cahem sobre dois jardins—e a ultima, sobre a rua publica.

As cavallariças, e cocheiras, ficam separadas do corpo central.

Fez a planta e dirigiu as obras do palacio, o architecto Carlos Mardel, natural da Hungria, que veiu para Lisboa em 1733, e aqui morreu, em 1763. Foi architecto do acqueducto das *Aguas livres*; da *casa das obras* (obras publicas); do almoxarifado do sal, de Setubal; e de outras construcções

[1] Esta senhora morreu sem deixar successão; mas empregou os 20 contos de reis, em dinheiro, que trouxe de dote, na compra de bens de raiz, que vinculou e uniu ao morgado de seu marido. Parte d'estes bens eram em Oeiras.

O palacio tem ricas decorações exteriores, nas duas frontarias que olham para os jardins. Interiormente encerra bellas salas; uma capella, bem ornada; varias obras de arte, de muito merecimento; e alguns objectos historicos; sendo os mais notaveis—um painel de S. Francisco, pintado por Ticiano —varios quadros originaes de Vanloo—os paineis da capella, feitos por André Gonçalves, um dos melhores pintores portuguezes, e que floresceu no ultimo quartel do seculo XVII, e no 1.º quartel do XVIII—um painel de Santo Antonio, copiado do original que está em Roma, e é o retrato do thaumaturgo —um quadro, com os retratos do 1.º marquez de Pombal, e de seus dois irmãos, Francisco e Paulo, de mãos dadas, e cercados da letra *concordia fratrum* que se julga ser producção de D. Joanna Ignacia Monteiro de Carvalho, natural de Lisboa, onde adquiriu bem merecida fama de retratista insigne, e chamada vulgarmente, *Joanna do Salitre*, por morar ahi—o primeiro modelo, em cera, do retracto de D. José I, obra do celebre Joaquim Machado de Castro—um lindo presepio, de marfim e madre-pérola — duas estatuas de marmore, representando Alpheu e Arethusa, desenhadas pelo mesmo Machado, e esculpidas por João José Elveni, e Francisco Leal Garcia, discipulos do famoso estatuario romano, Alexandre Giusti—dois baixos relevos, em prata, allegorias do reinado de D. José I—um retrato em miniatura, do pontifice Clemente XIV (Ganganelli) offerecido por elle, ao marquez de Pombal —um annel, de camafeu, que estava vinculado, representando o mesmo pontifice — a escrivaninha de que se serviu D. José I, quando habitou n'este palacio, nos dois annos já referidos—e, finalmente, diversos moveis de uso, de Sebastião José de Carvalho e Mello.

Ha tambem aqui uma boa livraria, que encerra alguns manuscriptos raros.

Pelas duas frontarias mais nobres do palacio, correm os jardins, plantados no gosto antigo, mas, ainda assim, bellos, e adornados com boas estatuas de marmore.

Os objectos mais notaveis d'esta quinta, são — a *cascata dos poetas* — e a adega, e

horta ajardinada. A cascata, apresenta um lindo effeito, pela sua construcção original, pelas obras de arte que a decoram, e pelo docel de verdura com que a cobrem arvores gigantescas, mui formosas. É construida de diversas qualidades de pedras, brilhando entre a cantaria e a pedra, tostada e carcomida, os spathos-calcareos, com suas faces lustrosas e espelhentas, uns brancos outros avermelhados. É composta de tres corpos, cada um com sua gruta, seu lago e seu terrado. O corpo do centro, tem a gruta mais ampla, e o lago muito mais vasto. Do terradó que a corôa, disfructa-se uma agradavel vista, de ruas e bosques; pois são muitas que vem como raios de uma estrella, rematar no terreiro circular em que se ergue a cascata.

Os terrados dos corpos lateraes, são guarnecidos com quatro bustos collossaes, de marmore de Carrára, representando os quatro grandes poetas épicos — Homero — Virgilio — Camões — e Tasso: todos obra do mesmo Joaquim Machado de Castro. Duas escadarias conduzem aos terrados, cujas entradas, em fórma de gruta, se abrem aos lados do lago do centro.

A adéga, é a mais sumptuosa officina d'este genero, que ha no paiz. É um grande edificio de dois andares — o 1.º é a adega — o 2.º o celleiro. A fachada principal, é como a de um palacio, adornada com doze bustos, de imperadores romanos, maiores que o natural, esculpidos em marmore de Carrára, e collocados sobre altos pedestaes, aos quaes se encostam, vestindo-os em quasi toda a altura, arbustos sempre verdes.

A adega é de tres naves, por duas ordens de arcadas, compostas de 15 arcos cada uma. Nas duas naves lateraes, estão os toneis, que são de vinhatico, e 14 dos quaes levam cada um 30 pipas de vinho.

Contiguo á adega, no lado posterior, está a casa dos lagares, que são sete, construidos em elevação sufficiente, para d'elles correr directamente o vinho para os toneis, por encanamentos de cantaria, que giram em volta das paredes da adega. Esta está construida entre dois pateos arborisados, um com communicação para a quinta, e o outro, com saida para a estrada publica, por um grande portão de ferro. N'este ultimo pateo, se admira uma bella arvore, originaria da Africa. É um *dragoeiro (dracoena draco*, de Lineu) mais gigantesco do que os do jardim botanico, da Ajuda, e que os da quinta do Paço do Lumiar, dos srs. duques de Palmella.

A frente principal da adega, deita para um jardim, em que ha dois lagos quadrangulares, de mármore, guarnecidos nos angulos com vasos da mesma materia.

Este jardim cae sobre uma extensa horta ajardinada, com a qual se communica por tres escadas de pedra, de sete degraus, separadas por balaustradas de marmore.

No meio da horta levanta-se um formoso tanque de marmore, com um grupo de figuras de marmore de Carrára, feito em Roma.

O terreno em que está a adega e mais officinas, com seu pateos, jardim e horta, era uma quinta dos viscondes de Barbacéna, que foi comprada com o dinheiro do dote da 1.ª mulher do marquez.

—

D. José I deu foral, a Oeiras, no palacio da Ajuda, a 25 de setembro de 1760. (Maço um, de *foraes novissimos*, n.º 1.)

O aviso que mandou guardar este foral, no real archivo da Torre do Tombo, é datado de 4 de dezembro, de de 1760.

Está registado no L.º X.º de do Registo, a fl. 323 v.

—

Oeiras é das poucas povoações do continente portuguez, que tem *foral novissimo* — isto é — foral dado pelos successores do rei D. Manuel.

—

A outra quinta, situada ao N. da estrada real, foi feita tambem pelos taes dois irmãos do marquez. E' cortada por extensas ruas de bosque, e um rio, que desagúa no Tejo, proximo á villa.

Ao atravessar a quinta, corre encanado, e por um e outro lado, acompanham o largas ruas, assombradas por frondoso arvoredo, e adornado de grandes vasos de marmore,

que, a espaços, coroam a muralha do encanamento, o qual é guarnecido de alegretes e assentos. Diversas pontes de pedra dão passagem de uma para a outra margem do rio.

Ha na quinta duas cascatas—a da *Taveira* e a da *Mina de ouro.* A primeira está construida no gosto commum d'este genero de edificações, e é adornada com dois satyros, de marmore, e tem na frente um jardim com dois tanques.

A segunda é muito mais formosa e pittoresca, posto que nua de ornatos artisticos. A sua fabrica tem mais novidade, e o effeito das aguas despenhando-se, é magestoso.

Eleva-se a cascata a muita altura, encostada a uma collina, por onde sóbe em degraus semicirculares, que vão diminuindo no comprimento, até rematarem em um terrado, onde está o reservatorio. De um e outro lado da escada, a acompanham altas e copadas arvores. Em frente da cascata e do lago que lhe recebe as aguas, ha um terreno circular, ao qual fazem abobada, com sua frondosa ramagem, arvores annosas que a cercam.

Esta bella cascata está bastante deteriorada, e se lhe não acudirem promptamente, em poucos annos, será dispendiosissima a sua restauração. Em todo o resto da quinta se veem signaes evidentes do pouco cuidado que com ella tem os seus proprietarios, os quaes prestam mais attenção á quinta primeiramente descripta.

OFERÇOM ou **OFFREÇOM** — portuguez antigo — peita, *luvas*, serviços, presentes, regalos, jantares, comedorias, etc., que, para remissão de algum vexame, se offerecia ao alcaide, ou senhor da terra, ou aos seus ministros e officiaes. É por isto que em alguns foraes se chama — alcaidaría.

No foral dado a Thomar, pelos cavalleiros do templo, em 1162, traduzido no principio do seculo 14.º, se diz — *O Juiz e o Alcaide seiam a vos postos, sen ofreçom... En nhas asenhas non dedes mais ca de XIII partes, huma, sen ofreçom... En Lagaridiga* [1] tigo — era o tributo que se pagava pelo vinho colhido. — En lagaradiga de viño de cinquo moyos a fundo, deu huum almude: e se mais fôr, dê huuma quarta, sen ofreçom, e sen jantar. (Citada traducção).

OFFRENDAR — portuguez antigo — o mesmo que *obradas* — vem do latim offero. *Mando que offrendem hum anno XVIII dinheiros cada dia, e candêas da minha casa.* (Doc. de Lamego, de 1316).

OGANO — portuguez antigo — o anno passado.

Vem do latim *hoc anno. E que quando hi chegárão Ogano, queimar e roubar a dita aldeia, as Companhas de D. Henrique* [1] *de Castella.* (Doc. de Moncorvo, de 1370).

Nas provincias do norte, ainda se diz *Oroanno,* para significarem o anno passado.

OIAN ou **OYAN** — freguezia, Douro, concelho de Oliveira do Bairro, comarca da Anadía, bispado, districto administrativo e 9 kilometros ao sul de Aveiro, 40 ao NO. de Coimbra, 245 ao N. de Lisboa, 640 fogos, em 1757, 102. — Orago S. Simão, apostolo.

O vigario de Espinhel apresentava o cura, que tinha 200$000 réis.

É terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, sobre tudo em optimo vinho, que exporta. Cria muito gado de toda a qualidade.

ÓIS (ou **OYS**) **DA RIBEIRA** — villa, Douro, comarca e concelho d'Agueda, 12 kilometros ao sul d'Aveiro, 40 ao NO. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 140 fogos. Em 1757 28. — Orago Santo Adrião. Bispado e dis- d'Aveiro.

A casa de Bragança (donataria da freguezia) apresentava o prior, que tinha 270$000 réis.

Tem foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 2 de junho de 1516. (*Livro de foraes novos da Extremadura,* fol. 220, col. 1.ª)

Veja-se tambem a minuta parae ste foral, T. T., gav. 2., maço 12, n.º 12. — No foral se lhe dá o nome de *Óes* — e antigamente *Oees.*

[1] Lagaridiga, ou lagaradiga, portuguez an-

[1] Henrique II, pae de D. João I, de Castella: o que expulsou os judeus, da Hespanha.

Os primeiros donatarios, foram o conde D. Mendo de Sousa e sua mulher. Depois, a condessa, D. Leonor, viuva do conde, D. Gonçalo Garcia doou á ordem de Malta, *Ois, Eixo* e *Requeixo* etc., e passaram, por troca (1324) para o 3.º conde de Barcellos, D. Pedro (o do *Livro das Linhagens*). [1]

Por morte de D. Pedro, passaram estes senhorios para D. Martin Affonso de Sousa, 4.º conde de Barcellos; menos os coutos d'Eixo e Requeixo, que D. Pedro doou ao mosteiro de Santo Thyrso.

—

É Óis uma povoação muito antiga, pois vemos uma escriptura de doação, feita por D. Flamula, ao mosteiro de Pedroso (concelho de Gaia) em 1079, na qual se diz que metade d'Eixo e Óis, eram de D. Thereza Fernandes, mulher do conde D. Mem Viegas de Sousa. A outra metade (da villa e egreja d'Ois) era da corôa. Depois ficou sendo metade, do rei, e a outra metade, dos filhos do conde D. Mendo de Souza (o *Souzão*) e do mosteiro de Santo Thyrso.

—

D. Fernando I, deu ao conde D. João Affonso de Souza — *toda a parte e direito e quinham que avia na aldea* doões da rribeyra, e *na aldea* do rrequeixo de rriba do vouga, *com todos seus termos e jurdiçoões, como os o dito comde avia em* eixo.

A carta de doação, foi dada em Coimbra, a 22 de setembro da era de Cesar 1407 (11 de setembro de 1369 de Jesus Christo).

D. Affonso V, fez mercê a D. Affonso, filho do duque de Bragança da alcaidaria, cadeia e rendas, da villa de Extremoz e seu termo; e das terras de Riba-Vouga, a saber — julgado d'Eixo, *Oees*, Páos e Villarinho, com todos os outros logares e reguengos, como trazia o conde de Guimarães, com todos os seus direitos e jurisdicções. (Vide em *Ourem*, a carta de doação de Philippe II, a D. Sancho de Noronha, conde de Odemira).

[1] Note se porém que o conde já era senhor do couto de Eixo em 1323, o que induz a crer, que a familia Souza já tinha propriedades e senhorios por estes sitios, e que a troca foi para unir mais rendimentos.

ÓIS (ou *Oys*) **DO BAIRRO** — freguezia, Doiro, comarca e concelho da Anadia — Vide *Bairro* (Ois do) a pag. 308, col. 2.ª, do 1.º vol.

OITAVEIRO — portuguez antigo — o que era obrigado a pagar o oitavo dos seus fructos.

OITEIRO — Vide *Outeiro*.

OITUBRO — portuguez antigo. Era mui frequente até ao seculo 13.º, e ainda usado até ao 16.º, pôr-se ás creanças, no baptismo, o nome dos mezes do anno. Vemos em immensos documentos, *Janeiro*, e *Januario* (que é o mesmo); *Fevereiro* e Fevreiro; *Março*, e *Marçal*, e *Marçallo*; *Abril*; *Maio*; *Junho*, e *Junio*; *Julho*, e *Julio*; *Agosto*, *Augusto*, e *Agostinho*; e *Oitubro*. Não me consta que se tomasse o nome dos mezes de setembro, novembro e dezembro.

Em 1301, comprou D. Egas, bispo de Vizeu, muitas propriedades no termo de Pinhel, as quaes constam do *tombo velho* d'aquella cathedral. N'elle, a fl. 6, se acha, entre as mais testemunhas — *Oitubro Beetis* — isto é — Oitubro, filho de Beito (Bento).

ÓLA — portuguez antigo — do latim *ola* — panella.

OLAIA — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 120 kilometros ao N. de Lisboa, 450 fogos. Em 1757, 330 — Orago Nossa Senhora da Expectação (Nossa Senhora do Ó) — Patriarchado — districto de Santarem.

O prior de S. Thiago, de Torres-Novas, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de congrua, um alqueire de trigo, de cada fogo, e o pé d'altar.

OLALHA e **OLHALHA** — portuguez antigo — nome de mulher — *Eulalia*.

OLALHAS — freguezia, Extremadura, comarca, concelho, e 12 kilometros de Thomar, 140 ao N. de Lisboa, 530 fogos; em 1757, 440. — Orago Nossa Senhora da Conceição.

É da prelazia de Thomar, hoje annexa ao patriarchado. — Districto de Santarem.

O rei (pela mesa da consciencia) apresentava o vigario, que tinha 120 alqueires de trigo, 60 de cevada, 6 de azeite, 26 almudes de vinho e 20$000 réis em dinheiro.

Houve aqui lavra de sete minas d'ouro, que deram alguma porção d'este metal. Estão abandonadas.

Segundo uns, o seu nome é o de mulher — *Olalha*, porém, segundo outros, vem de *Olaia*, arvore bem conhecida.

Foi villa. D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 14 de novembro de 1514. (*L.º dos foraes novos da Extremadura, fl. 143 v., col. 2.ª*)

E' terra fertil.

Teve, em tempos remotos, um cestello ou torre, de que não ha vestigios.

—

No logar de Alqueidão, d'este freguezia, está a cepella de Nossa Senhora da Saude. E' muito antiga, e de muita devoção dos povos da redondeza; mas não se sabe quando nem por quem foi construida.

OLDRÕES — freguezia, Douro, comarca, concelho, e 6 kilometros a S. O. de Penafiel, 30 kilometros ao N. E. do Porto, 320 ao N. de Lisboa.

Tem 135 fogos.

Em 1757, tinha 91 fogos.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mitra e o real padroado apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 70$000 réis e o pé de altar.

E' terra fertil.

Está n'esta freguezia a casa da *Calçada* que foi dos Peixotos da Silva.

OLÊDO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha a Nova, 65 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa.

Tem 220 fogos.

Em 1757, tinha 103 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

E' terra fertil. Cria muito gado, de toda a qualidade.

OLEIROS — freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, 20 kilometros ao S. do Porto, 12 ao E. do Oceano, 290 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 98 fogos.

Orago S. Paio.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

O reitor d'Arcozêllo apresentava o cura, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

E' terra muito fertil. Cria muito gado bovino, que exporta para Inglaterra.

Antigamente havia aqui muitos oleiros, que deram o nome á freguezia. Ha ainda abundancia de barro, mas tão ordinario que apenas serve para fazer telha e tijolo.

No logar do *Candal*, d'este freguezia, ha uma grande fabrica de optimo papel, fundada em 1811, propriedade do sr. Joaquim de Sá Couto.

Os productos d'esta fabrica teem sido premiados em varias exposições portuguezas, e nas internacionaes de Londres (1862) e Paris (1867). Foi destruida por um incendio em 1854, e reedificada em 1859. O seu motor é hydraulico. Emprega já madeira para materia prima, e produz annualmente uns 16 contos de réis de papel. Emprega 65 operarios.

Ha tambem aqui uma fabrica de fiação de algodão, fundada em 1855; que emprega 130 pessoas. Foi premiada nas exposições de Lisboa e Porto, e na de Londres, em 1862.

OLEIROS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros ao N. E. de Braga, 50 ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 75 fogos.

Orago S. Vicente.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil. Cria muito gado, de toda a qualidade.

Ha n'esta freguezia, vestigios de fortificações romanas ou árabes.

OLEIROS— freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi do concelho do Prado, comarca de Braga), 9 kilometros de Braga, 368 ao N. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Em 1757, tinha 81 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Cabanellas apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Terra fertil. Muito gado e caça.

OLEIROS—freguezia, Minho, concelho da Ponte da Barca, comarca dos Arcos-de-Val-de-Vez, 24 kilometros ao N. O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 67 fogos.

Orago Santo Adrião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil, em todos os generos de agricultura, e cria muito e bom gado, de toda a qualidade, exportando o bovino, para a Inglaterra, em grande quantidade.

Vide *Crasto* no 2.º vol., a pag. 437, col. 2.ª, no fim, e col. 1.ª da pag. 438.

OLEIROS — villa, Beira Baixa, cabeça do concelho do seu nome, na comarca e 24 kilometros da Certan, 75 kilometros ao N. do Crato, 180 ao S. E. de Lisboa.

Tem 550 fogos.

Em 1757, tinha 119 fogos.

E' do grão-priorado do Crato, hoje annexo ao patriarchado.

Districto administrativo de Castello Branco.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

O grão-prior do Crato, apresentava o vigario, que tinha 150 alqueires de trigo, 30 de centeio, 40 almudes de vinho, 3 cantaros de azeite e 12$000 réis em dinheiro.

A villa está situada em um alto, correndo-lhe ao sopé o rio do seu nome (onde tem apparecido areias d'ouro)

O melhor edificio da villa, é a sua egreja matriz, magestoso templo de 3 naves, obra do rei D. Manuel. Diz-se que as columnas que sustentam os arcos das naves são da antiga egreja que os templarios fundaram no logar do *Mosteiro*, 5 kilometros ao O. da villa.

Mandou a povoar o prior, D. Mem Gonçalves, commendador da ordem do Hospital, e lhe deu foral, por beneplacito do 2.º grão-mestre, D. Affonso, pelos annos de 1350. D. Manuel lhe deu foral novo, confirmando o antigo, em Lisboa, a 20 de outubro de 1513. (*L.º dos foraes novos da Beira*, fl. 131, col. 2.ª, in fine.—Vaja-se a Gaveta 6.ª, maço 1, n.º 226, onde se menciona este foral.)

Era uma das 12 villas do grão-priorado do Crato, da ordem de Malta.

—

O concelho de Oleiros é composto de 12 freguezias—nove no patriarchado, por ser isento do Crato, e tres do bispado da Guarda.

As que hoje estão annexas ao patriarchado, são—Alvaro, Amieira, Estreito, Isna, Madeiran, Mosteiro, Oleiros, Sarnadas e Sobral.

As do bispado da Guarda, são—Cambas, Orvalho, e Villar-Barroso. Todas com 1:800 fogos.

—

O nome d'esta villa, não vem de *oleiros* fabricantes de louça de barro; mas de *olleiros*, palavra castelhana e portugueza antiga, na qual se *molham* os *ll*, pronunciando-se *olheiros*. Deu causa a este nome a circumstancia de haver alguns *olhos*, ou *olheiros* (nascentes) de agua no sitio em que a villa está fundada. Diz-se tambem que existiu um tanque, no sitio onde hoje está erguido o pelourinho. O brazão das armas de esta villa (segundo dizem os seus habitantes, pois não me consta que o haja na torre do tombo) são quatro chafarizes da sua côr, em campo verde. Isto parece confirmar a tradição dos *olheiros*.

O monte sobre que está a villa, é de pouca elevação e corre de E. a O. A maior parte da povoação estende-se pela encosta do monte, para o norte.

Tem a villa trez praças ou terreiros, chamados—*Largo do Adro*, *Largo da Deveza* e o *pleonasmatico*—*Largo da Praça*.

Tem trez fontes—a *das Freiras*, a *do Chafariz*, e a *Fonte Nova*.

A villa é cercada, do N. a S., por quatro collinas, sobre as quaes alvejam outras tantas capellas—a do Espirito Santo—a de

São Sebastião—a de Santa Margarida—e a de Nossa Senhora das Candeias.

A primitiva capella de Santa Margarida, existiu no sitio ainda por isso chamado *Horta da Santa*, onde ha vestigios da antiga. Estando arruinada, se construiu a segunda em logar mais apropriado.

Em 1809 tinha vindo de Castello Branco uma grande porção de polvora, que se recolheu n'esta capella. Os francezes, passando por aqui n'aquelle anno, lhe lançaram o fogo, por meio de um rastilho. O edificio ficou completamente arruinado com a explosão, e a imagem da padroeira foi pelos ares.

Passados tempos appareceu a Santa incólume, no sitio das Lameiras. Foi isto tomado por milagre, e o povo, que sempre teve particular devoção com Santa Margarida, tratou logo de erigir lhe nova capella, no sitio da segunda, e é a actual.

A capella de Nossa Senhora das Candeias, é particular, e pertence ao sr. Marcos Torres, da cidade d'Evora.

—

A egreja matriz está edificada no tope do monte, dominando toda a villa. Em 1639 ainda estava por concluir e já estava bastante arruinada. Então se reedificou e concluiu.

A capella-mór, foi feita pela commenda de Malta, e o corpo da egreja por offertas voluntarias dos parochianos.

A capella-mór, tem 11 metros de comprido e 6,m6 de largo, com a altura correspondente. Tem uma bella tribuna, throno e sacrario, tudo de boa talha dourada. O forro é apainellado, dividido em 24 quadros, representando as principaes scenas da vida de Jesus Christo, todos primorosamente pintados; mas já bastante damnificados pela acção do tempo.

As paredes estão revestidas de azulejos até ás cimalhas, e n'elles se admiram differentes figuras biblicas, deum desenho correctissimo. Sobre o altar-mór, e ao fundo do throno, se vê a graciosa imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da freguezia.

O corpo da egreja, mede 22 metros de comprido, desde a porta principal até ao arco cruzeiro—12 metros de largura e outros 12 de alto, no centro.

Tem duas sachristias—uma da confraría do Santissimo Sacramento e outra para o serviço dos ecclesiasticos. O forro d'esta é pintado a oleo, apresentando no centro, sobre campo preto, uma cruz branca, com oito pontas, symbolisando as oito bem-aventuranças. É a divisa dos cavalleiros de Malta.

Já disse que a egreja é de tres naves. As columnas que as sustentam, são de ordem corynthia, e assentam sobre plinthos quadrangulares.

O forro da nave central, é dividido em 27 quadros, pintados a oleo, representando varias scenas do antigo testamento. As naves lateraes teem pinturas de ornato.

Tem quatro altares lateraes. A porta principal é do lado do oeste. Tem duas portas lateraes, uma ao N. outra ao S.—Na primeira d'estas se vêem duas sepulturas, muito antigas, ambas com brazões d'armas gravados nas tampas; mas, com a continuação da passagem sobre ellas, estão tão gastas que mal se conhecem. Uma é de marmore, e está partida em tres pedaços; mas collocados por fórma tal, que é muito para duvidar que alli esteja sepultada a senhora de que reza o epitaphio, do qual apenas se póde ler:

AQUI JAZ IZABEL DA COSTA,
MULHER DE SALVADOR LEITÃO,
CUJAS ESTAS ARMAS SÃO.
FALLECEU A..... JULHO D.... O ANNOS
....
....

Este Salvador Leitão, ainda vivia em 1690.

A outra é de granito, e se teve inscripção, já se não conhece.

Em frente da egreja matriz, e com a porta principal voltada para o N., está a egreja da Misericordia, que é um templo antiquissimo; mas perfeitamente conservado. Foi reparado em 1714, como consta de uma inscripção que está no arco da capella-mór, na pedra que serve de fecho. Ignora-se a época da sua fundação; mas existe no cartorio da Santa Casa, uma escriptura de emprasamento, feita em 1506.

Ao N. da egreja da Misericordia, e conti-

gua a ella, está a capella do Senhor dos Passos, imagem perfeitissima e veneranda.

Dentro da villa, ha mais tres capellas, pertencentes a particulares—uma, fundada pelo padre João Rebello Pinto d'Azevedo (um dos ascendentes do sr. visconde de Oleiros, e ao qual hoje pertence). É da invocação de Nossa Senhora de Guadalupe.—Outra, foi fundada por Pedro Dias. Pertence hoje ao sr. Joaquim Xavier Farinha, do Pedrogam Grande. É da invocação de S. José. A 3.ª, é do reverendo vigario, o sr. José Ribeiro de Andrade, e da sr.ª Maria Josefa. Foi fundada por Manuel Pereira, e é dedicada a Nossa Senhora Mãe dos Homens. Todas tres foram feitas com magnificencia, pelo meiado do seculo XVIII.

Alem d'estas, ha no termo da villa mais oito capellas. Ao S. da egreja parochial, e medeando sómente a rua, estão as casas que foram residencia dos commendadores de Malta. Foram julgadas *bens nacionaes*, e vendidas depois de 1834.

No largo da Praça, que é de fórma triangular, e como formando a base do triangulo, estão os paços do concelho, edificio muito antigo; e no centro da praça se ergue o pelourinho, no topo do qual se vêem as armas da villa.

Ha duas escolas de instrucção primaria—uma de cada sexo, e ambas em edificios pagos pelo municipio.

Havia tambem uma aula de grammatica latina, que foi supprimida depois de 1834.

—

Ufana-se Oleiros de contar entre seus filhos, homens muito distinctos pelo seu saber, virtudes e serviços feitos á patria.

Distinguem-se entre elles:

O padre Antonio d'Andrade, da Companhia de Jesus, em cuja ordem se filiou em 15 de dezembro de 1596. Partiu para o Oriente, em 1600, e lá descobriu os remotissimos paizes do Grão-Cathayo e do Tibet. Entrando na capital d'este ultimo reino, fundou alli missão, em 1624. Existe um retrato d'este grande homem, em poder do sr. visconde d'Oleiros, ao lado do qual (retrato) se vê a seguinte inscripção:

PATER ANTONIUS DE ANDRADE,
SOCIETATIS JESUS, PROVINCIAE
GOANNAE, XVII PROVINCIALIS
MISSIONES THERITENSIS PRIMUS
EXPLORATOR ET FUNDATOR.
OBIIT ANNO DOMINI 1634.
14 KALENDAS APERILIS. AETATE
SUAE 83.

—

José Philippe Nunes.—Floresceu no principio do seculo XIX.—Foi cavalleiro da real e distincta ordem hespanhola de Carlos III, consul da nação portugueza, nos portos da Corunha e Ferrol, e em todos os mais desde o Cabo de Finis-Terrae, até ao principado das Asturias. Foi sargento-mór das milicias da ordem de Malta, na commenda de Oliveira do Hospital, pelo então principe regente, e depois D. João VI, e pelo mesmo senhor premiado com o soldo de capitão de fragata, da sua real armada. A carta-patente de D. João, que o nomeia sargento-mór, foi passada em 13 de maio de 1804.

—

Jacintho Domingues—cavalleiro professo na ordem de Christo, e capitão de mar e guerra, da armada real. Em premio dos seus serviços á patria, o mesmo principe regente lhe fez mercê da aldeia de Magbará, junto á praça de Damão (India) por tres vidas; mas, como falleceu sem descendentes, passou aquella aldeia a um seu afilhado, ao qual a legou por testamento. Falleceu em Lisboa, em novembro de 1810.

—

Padre João Pereira Botelho do Amaral Pimentel.—Este vulto venerando, muito honra a patria que lhe deu o ser. Nos seus principios, serviu o emprego de secretario da camara municipal de Oleiros. Passou depois a amanuense do governo civil de Coimbra, onde se formou em direito, e principiou a sua ordenação, que foi concluir em Bragança, sendo depois nomeado vigario geral d'este bispado. Passados alguns annos, foi elevado á dignidade de deão da Sé de Leiria, e é hoje bispo eleito da diocese de Macau.

É um varão de extremada virtude, variada instrucção, e um dos mais elegantes oradores sagrados da actualidade: sobresahin-

do a todas estas bellas qualidades, a excessiva modestia, propria de todos os homens grandes. A sua SCIENCIA DA CIVILISAÇÃO, e os seus SERMÕES, tem feito o seu nome conhecido e popular.

—

A 6 kilometros ao S. d'esta villa, e mesmo no alto da serra do *Fernão-Porco*, ha uma grande cavidade, chamada *Cova da Moura*, por se dizer feita no tempo da dominação arabe. Tem mais de 20 metros de comprimento, e outros tantos de largo, e uma profundidade de 6 metros. Dentro da mesma cova, na rampa do E., existia ainda em 1845 uma pequena porta, praticada na rocha, dando entrada para um subterraneo. Está hoje completamente obstruida, e sob a terra que as aguas pluviaes para alli tem acarretado, sem haver um curioso que mandasse desentulhar isto, e examinar o subterraneo.

A *Cova da Moura* não podia deixar de ter uma lenda popular, e com effeito, crê o povo d'estes sitios, que, na manhan de S. João, aqui apparece uma formosissima donzella moura, encantada, assoalhando riquissimos vestidos, e uma *eirada* de moedas d'ouro. Alguns se gabam mesmo de a terem visto.

—

Ha n'este concelho algumas minas metalicas (e talvez que a tal *Cova da Moura*, seja a entrada de alguma antiga galeria, explorada no tempo dos romanos ou dos arabes).

Em maio de 1874, foi registrada na camara municipal d'Oleiros, uma mina de galêna.

—

É visconde de Oleiros, o sr. Francisco d'Albuquerque Pinto Castro e Napoles, sympathico e illustrado cavalheiro, que honra e enobrece a terra que lhe dá o titulo.

OLFORTÚM — portuguez antigo — cheiro forte e desagradavel. Hoje dizemos *fartúm*.

ÓLGA — portuguez antigo — leira, belga, coirella, gleba, etc.—Ainda se usa nas provincias do norte. A *ólga* é terra cultivada e cercada de sébes ou vallados, e que em um dia se póde cavar, lavrar, e semear. Na baixa latinidade, dizia-se — *holca, ólca, ólqua, óchia, ólcha, ólchia, óschia, ósca, óska, hóchia,* e *ouchia*. É tudo derivado de *oceo oceas*, gradar, desterroar, semear, cultivar.

OLHALVO — freguezia, Extremadura, comarca, concelho, e 6 kilometros de Alemquer.

220 fogos. Em 1757, 106 — Orago, Nossa Senhora da Encarnação — Patriarchado e districto de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha 100 alqueires de trigo, 60 almudes de vinho e 4 cantaros de azeite.

Foi curato, annexo á egreja da Magdalena, de Aldeia-Gavinha. Ha aqui um mosteiro que foi de frades carmelitas descalços; e um recolhimento de donzellas.

Esta freguezia compõe-se dos logares de Olhalvo, Pucariça, e Pena-Firme; e de algumas quintas e casaes, das quaes as mais notaveis são as quintas da *Lagem*, *Margem-de-Arada*, da *Ramalheira*, e da *Bôa-Vista*. Até 1612 era tudo isto da freguezia de Aldeia-Gavinha. Então, creando-se esta freguezia, ficou sendo curato dependente da antiga matriz, até 1834. Serviu de egreja parochial, até 1840, a capella de Nossa Senhora da Encarnação e S. Sebastião, de Olhalvo, ficando a mesma Senhora a ser padroeira da nova freguezia, até 1840, em que se mudou a séde da parochia com a mesma invocação, para a espaçosa egreja do mosteiro dos carmelitas, a requerimento do povo da freguezia, que pôde conseguir que o governo não vendesse a egreja, como fez ao mosteiro, cêrca e officinas. [1]

O logar de Olhalvo é uma das freguezias mais ricas e aceiadas do concelho de Alemquer, para cuja villa tem duas boas entradas; uma é a antiga calçada, que passa pelas quintas da Lagem, Ramalheira, e Catem — a outra é a estrada districtal da Merceana, que passa a 600 metros da povoação, mas está ligada a ella por um ramal, construido em 1873.

Olhalvo é uma bonita aldeia, com ruas limpas e longas, e quasi todas bem calçadas, e adornadas de bons predios, muitos d'elles

[1] A egreja do mosteiro, foi concedida para matriz da freguezia, por portaria de 20 de abril de 1836.

novos e elegantes. Tem algumas fontes de boa construcção e abundantes de boa agua.

Tem prosperado muito, o que prova o augmento progressivo da sua população.

Em 1707, tinha apenas 60 fogos, em 1757, tinha 106, e tem sempre augmentado.

A antiga ermida de Nossa Senhora da Encarnação, que foi matriz por espaço de 228 annos, está no centro do logar, e é hoje propriedade particular. Proximo á capella, e sobre uma pequena elevação, está a actual matriz (Nossa Senhora da Encarnação) que, como já disse, pertenceu ao mosteiro dos frades carmelitas descalços, fundado em 1648, por Dom Manuel da Cunha, bispo d'Elvas, arcebispo eleito de Lisboa, e capellão mór de D. João IV. Sobre a porta principal da egreja se vê ainda o brazão dos Cunhas, esculpido em uma pedra.

Foi prior de Olhalvo, frei Melchior de Santa Anna, natural do Garrejal, no bispado de Lamego. Nasceu em 1602, e falleceu no collegio da sua ordem, em Coimbra, em 9 de novembro de 1664. Escreveu a 1.ª parte da *Chronica da ordem carmelitana*, que depois concluiram, frei João do Sacramento, e frei José de Jesus Maria.

O terremoto do 1.º de novembro de 1755, deixou a egreja quasi arrasada, pelo que teve de ser reconstruida pelos fundamentos, terminando as obras em 1782, quasi todas feitas com esmolas dos fiéis; porque o convento era pobre.

Em 1834, fizeram *mão baixa* nas alfaias e paramentos d'esta egreja, e cada um levou as que pôde. Ainda hoje existem alguns, em ermidas particulares. A rica bibliotheca do bispo fundador, já então estava muito reduzida, porque elle e sua irmã, D. Marianna de Mendonça, tinham dado licença aos frades, para venderem os livros que lhes não fossem necessarios. Em 1834, o resto dos livros, que ainda eram muitos e bons, tiveram a mesma sorte dos paramentos, e por aqui existem ainda bastantes em poder de particulares. O edificio e officinas do mosteiro, foram vendidos ao sr. visconde de Fonte-Arcada, que depois trocou com o sr. Rézende, official do exercito, e são hoje do sr. Manuel Joaquim d'Almeida, barão d'Alemquer.

A egreja, que pôde escapar do *leilão*, é um sumptuoso templo, em fórma de cruz, com cinco altares, todos de abobada de pedra, e tem um soberbo côro.

Todos os altares são de rica talha dourada, e de grande belleza; mas estão bastante deteriorados pelo tempo, e ainda mais, pelo desleixo. As paredes são adornadas de diversos quadros a oleo, em riquissimas molduras, dadiva do fundador, que era grande amador das bellas-artes. Excedem em perfeição, segundo os entendedores, um grande retabulo, representando S. Pedro, na gruta, chorando de arrependimento, por ter negado tres vezes a Jesus Christo — outro retabulo, tambem de grandes dimensões, representando a Santa Familia.

—

Debaixo do arco do côro, ha duas lápides juntas, que vieram da capella-mór, cada uma com sua inscripção — diz uma:

Pelo exemplo e religião dos padres carmelitas descalços, e devoção que o bispo lhes tinha, lhes doou este mosteiro e egreja, com a obrigação de quatro missas quotidianas perpétuas e exequias cada anno, como consta das escripturas, que estão em poder do herdeiro e successor do morgado, que instituiram seus paes; ao qual deixou por padroeiro perpétuo do mosteiro e egreja, para que a familia dos Cunhas, que n'ella, por varonía legitima, se conserva, na vida e na morte, estivesse debaixo da protecção da Senhora. Pôz na capella-mór, as sepulturas de seus paes e avós.

No carneiro que está debaixo d'ella, se não podesse enterrar senão os descendentes dos mesmos paes. D. Marianna de Mendonça, sua irmã e testamenteira, condessa de Villar-Maior, mandou abrir em pedra, esta memoria, para que sempre dure; porque o bispo, por sua modestia e singulares virtudes, o não quiz fazer, em sua vida.

A 2.ª inscripção, diz:

Debaixo do altar-mór, aos pés da Senhora, que n'elle está, se mandou enterrar, D. Manuel da Cunha, bispo d'Elvas, que fundou á

sua custa, e dotou esta egreja e mosteiro: filho de Simão da Cunha e de sua mulher, D. Luiza d'Almeida, copeiro-mór dos reis d'este reino. Foi bispo, do conselho geral do santo officio, commissario da Cruzada, capellão mór dos reis D. João IV e D. Affonso VI, nomeado por elles, arcebispo de Evora e de Lisboa, e inquisidor geral.

Tudo que teve, conheceu ser mercê da Virgem Maria, Mãe de Deus, de quem foi devotissimo, tomando-a sempre por advogada em tudo; e assim, tudo lhe veiu, em dias dedicados á Senhora, que deixou por herdeira d'este mosteiro e egreja, e tudo o que podia. No dia do nascimento da Senhora, disse a ultima missa. Morreu em sabbado, aos 30 de novembro de 1658, da edade de 64 annos e dois mezes e meio.

Este D. Manuel da Cunha, era natural de Lisboa, e filho (como já disse) de Simão da Cunha e D. Luiza d'Almeida. Foi irmão de Pedro da Cunha, que succedeu a seu pae, no officio hereditario de trinchante-mór, e teve por neto outro Pedro da Cunha, do qual foi filha e herdeira, D. Brites Josefa da Cunha, casada com D. Carlos José Bento de Menezes, dos quaes descende, por varonia, a familia dos marquezes de Olhão, ultimamente representados por o sr. D. José de Menezes, conde de Castro-Marim. Simão da Cunha, descendia do grande D. Payo Guterres da Silva, rico-homem de Portugal, e um dos mais illustres capitães de D. Affonso Henriques.

D. Manuel da Cunha (o futuro bispo) entrou no collegio de S. Pedro, da universidade de Coimbra, na idade de 22 annos. Seguiu o curso de direito canonico, em que tomou grau de bacharel. Em 27 de maio de 1620, foi nomeado deputado da inquisição de Coimbra — em 1622, da de Lisboa — e em 1623, inquisidor. Em 12 de novembro d'este mesmo anno, obteve o logar de deputado do conselho-geral; e em 1633, foi nomeado commissario geral da bulla da Santa Cruzada. Em 1637, sendo eleito bispo d'Evora, recebeu a sagrada uncção, em 10 de outubro de 1638.

Tomou parte activa na gloriosa conspiração do 1.º de dezembro de 1640, por convite do duque de Bragança, depois D. João IV.

Orou no acto do juramento do novo rei, em 28 de janeiro de 1641, e no dia seguinte fez a proposição ás côrtes.

Novamente orou e fez a proposição, em 28 de dezembro de 1645, nas côrtes que então tiveram logar—e nas de 1653; orou em 22 de outubro, e fez a proposição no dia seguinte.

D. João IV o nomeou seu capellão-mór, em 1647, o fez conselheiro de estado; e, finalmente, o elegeu arcebispo de Lisboa; mas não chegou a ser confirmado, pela roptura que então havia com a Santa Sé. Em 1648, fundou D. Manuel da Cunha o mosteiro, onde jaz sepultado.

Deixou por memoria do seu saber, a obra que publicou, intitulada *Lusitana Vindicata;* e das suas virtudes e piedade, no amor da sua familia; e na fundação do referido mosteiro.

Na bibliotheca nacional, existe um retrato, de corpo inteiro, d'este varão illustre. Pertenceu ao convento d'Olhalvo, mas foi requisitado depois da extinção das ordens religiosas, e pôde ser salvo.

Na capella-mór, se veem embutidas na parede, quatro lapides, de pedra fina, cada uma com a sua inscripção, que dizem:

1.ª INSCRIPÇÃO

Sepultura de Simão da Cunha, trinchante-mór de El-Rei D. João III, general do mar da India. Falleceu no anno de 1529 — e de sua mulher D. Isabel de Menezes.

Este Simão da Cunha, era filho do célebre Tristão da Cunha. Em 1521, o rei D. Manuel deu áquelle a capitania de uma armada, destinada a guardar o estreito de Gibraltar, e a levar a paga aos moradores dos logares que tinha n'aquellas partes d'Africa, como costumava fazer todos os annos.

N'esta viagem deixou aquelles mares limpos dos piratas que infestavam as nossas costas.

Em 1528, tendo sido seu irmão, Nuno da Cunha, nomeado governador da India, Si-

mão da Cunha foi mandado, á frente de uma expedição, auxiliar o rei de Ormuz, a subjugar um seu vassallo, que se rebellára, na ilha de Bahrein, ou Baharem. A empreza foi infeliz. Uma molestia contagiosa atacou os portuguezes, disimando-os, e causando a morte de Simão, como se lê no seu tumulo.

2.ª INSCRIPÇÃO

Sepultura do grande Tristão da Cunha, senhór de Gestaço e Penajoia, do concelho de El-Rei D. Manuel e D. João III, nomeado embaixador a Roma; general da liga calholica, nomeado pelo papa Leão X, contra o turco; e o primeiro capitão que, por combate, tomou cidade a mouros, no Oriente. Falleceu, anno 1539—e de sua mulher, D. Antonia d'Albuquerque.

3.ª INSCRIPÇÃO

Sepultura de Ruy da Cunha, copeiro-mór dos reis D. João III e D. Sebastião. Falleceu no anno de 1559—e de sua mulher, D. Joanna de Mendonça.

4.ª INSCRIPÇÃO

Sepultura de Simão da Cunha, copeiro-mór de El-Rei D. Sebastião, depois, trinchante dos reis de Portugal. Falleceu no anno de 1624—e de sua mulher, D. Luiza d'Almeida; paes de Pedro da Cunha, trinchante dos reis d'esta corôa, veador da casa da rainha, D. Luiza, e alcaide-mór de Aldeia-Gallêga: casado com D. Hellena de Mendonça, a cujos filhos e herdeiros, fica o padroado d'esta casa.

D'estes illustres finados, apenas hoje restam alguns ossos, nos carneiros.

—

Em quanto fallo d'esta nobilissima familia dos Cunhas, e antes de continuar com a descripção do templo, direi mais:

Nuno da Cunha, filho de Tristão da Cunha, e de sua mulher, D. Antonia d'Albuquerque, e irmão de Simão da Cunha (o da 1.ª inscripção) nasceu em 1487. Ainda adolescente, foi militar na Africa, sob as ordens de Nuno Fernandes de Athaide. Depois passou á India, onde serviu com distincção e bravura, debaixo das ordens de D. Francisco de Almeida; tendo ahi a honra de ser armado cavalleiro, pelo grande Affonso d'Albuquerque.

Em 1528, foi nomeado governador da India, cujo logar exerceu por dez annos. Levantou as fortalezas de Diu, Challe e Baçaim. Conseguiu firmar em bases seguras o dominio portuguez no Oriente. Serviu a patria com grande zêlo e desinteresse; o que era raro n'aquelles tempos, em que os governadores cuidavam mais dos seus interesses do que dos do estado.

Os calumniadores o intrigaram com D. João III, que mandou um corregedor aos Açôres, com ordem de trazer preso para Lisboa a Nuno da Cunha, no seu regresso da India. Morreu porem na viagem, a 5 de março de 1539, e assim se livrou da affronta.

Segundo a sua propria vontade, teve o Oceano por sepultura, e é esta a razão porque se não acha na egreja de Olhalvo, entre os seus.

—

A sachristia da egreja do mosteiro, é um salão vasto e magestoso, todo de abobada; tendo de um lado um immenso guarda-roupa, e as paredes ornadas de quadros a oleo, que foram bons, mas que a impericia do retocador desfigurou.

Possue ricas alfaias e optimos paramentos, tudo arrecadado com muita ordem e o maximo aceio. Tudo isto é devido ao amor pelas cousas de Deus e da egreja, do fallecido sr. João da Cunha Costa e Silva, cavalheiro rico, residente n'este logar.

Já disse que desde 1834 até 1840, foram roubadas as alfaias e paramentos d'esta egreja; agora, graças ao zêlo religioso do sr. Costa e Silva, tem tudo quanto é preciso para que as funcções do culto divino se façam aqui com o devido esplendor. Ainda mais—em 1840, era apenas de 18$000 réis o rendimento com que ficou esta egreja, que agora tem 80:000 réis; notando-se que, desde que para aqui se mudou a matriz (n'aquelle anno

de 1840) tem-se gasto em obras da egreja, uns cinco contos de reis.

Unida á sachristia está a *casa do lavatorio*, toda de abobada. Sahindo da sachristia, ha um extenso corredor, que vae ter á portaria, tambem todo de abobada. No centro se vê uma grande campa, com a seguinte inscripção—*Sub tuum presidium. Sepultura de tres irmãos, Francisco, Antonio, e Bernardo, que foram e são irmãos da ordem. P. N. A. M., anno de 1761.*

Consta que estes tres irmãos, foram possuidores da quinta da Bôa-Vista, que está á beira da estrada da Merceana.

Ao sahir da portaria, á direita, ha uma casa, onde os frades davam aula gratuita de instrucção primaria e de latinidade.

Ao lado esquerdo ha um optimo cemiterio, ornado com amplas ruas de buxo, e tendo já uns cinco elegantes jazigos de familia, feitos pelos desenhos do sr. Cunha, a quem se deve a acquisição e conservação do cemiterio. As sepulturas razas, estão divididas e numeradas, com muito bôa ordem. Sobre a porta ha uma cruz de ferro, com os emblemas da morte, a data de 1743 e a seguinte inscripção:

JUNTAR-NOS-HA A MORTE;
TU TERÁS A MESMA SORTE.

(Esta mesma inscripção está no cemiterio de Leiria.)

Tambem havia no logar de Olhalvo, um recolhimento de mulheres donzellas, que foi originariamente fundado (1650) em uma ermida de Nossa Senhora da Conceição, que existiu nas proximidades de Aldeia-Gavinha.

Foram suas fundadoras, Maria Ferreira, viuva, e moradora no dito logar de Aldeia-Gavinha, Violante da Guerra, e Helena da Cruz.

A primeira foi regente até ao seu fallecimento, que teve logar a 27 de outubro de 1660.

Succedeu-lhe Isabel das Chagas, que sendo protegida da rainha, D. Luiza, mulher de D. João IV, obteve licença para mudar o recolhimento para Olhalvo, comprando uma grande morada de casas, em 16 de julho de 1663, onde edificou a ermida, adaptando o resto para o recolhimento, e, em dezembro d'esse mesmo anno, se mudaram as recolhidas (eram então 14) para a sua nova morada, por ordem especial da rainha, com grande decencia, sendo acompanhadas por todas as auctoridades de Alemquer.

Em 16 de maio de 1667, compraram as recolhidas uma outra morada de casas contiguas, para ampliarem o recolhimento.

Isabel das Chagas, com sua irman, Anna da Assumpção, tambem aqui recolhida, foram, por ordem da rainha, mandadas fundar o convento de Santa Brisida, no sitio de Marvilla, proximo a Lisboa. (vol. 5.°, pag. 119, col. 2.ª)

Isabel das Chagas foi a 1.ª prioreza do novo mosteiro, e n'este cargo se conservou até á sua morte.

Este recolhimento esteve sob a protecção das rainhas de Portugal, desde D. Luiza de Gusmão, até D. Carlota Joaquina, mulher de D. João VI.

D. Luiza deu ao recolhimento, a pensão annual de 240 alqueires de trigo, tirados das *jugadas* que se pagavam ás rainhas, que eram senhoras d'Alemquer e seu termo.

Já se vê que esta pensão deixou de existir, com as jugadas, em 1834. N'esse tempo havia só cinco recolhidas. Em 1862, apenas existia uma.

—

A quinta da margem d'Arada, d'esta freguezia, é uma propriedade antiquissima, que já existia no tempo da dominação romana; mas, a noticia mais antiga que existe escripta a seu respeito, é do anno de 1334, segundo a qual, Lopo Fernandes Pacheco [1] (dono d'esta quinta, por compra feita a sua cunhada, Maria Lourença, viuva de Martim Gomes Taveira) a trocou, com o mosteiro de Santos-o-Velho (sendo então commendadeira, D. Joanna Lourenço de Valladares) pela quinta de Bellas. (Vide pag. 372, col. 1.ª do 1.° vol.)

[1] Meirinho-mór e valido de D. Affonso IV, e pae de Diogo Lopes Pacheco, um dos cobardes assasninos de D. Ignez de Castro.

Em 1640 era de Jorge Arraes de Mendonça, que alli falleceu no 1.º de maio do dito anno. Foi sepultado na então egreja parochial; o que consta do livro dos obitos: ficando seu filho, Diogo de Mendonça Arraes, casado com D. Isabel de Sá Macêdo, filha de Miguel de Quevédo, e de sua mulher, D. Brites de Sá.

Em 1750, estava esta quinta aforada a Diogo Marchão Themudo, desembargador do paço.

E' hoje do sr. D. Thomaz de Napoles, 1.º visconde de Alemquer, filho do sr. Manuel Joaquim d'Almeida, 1.º barão de Alemquer.

Por muitas vezes se tem encontrado n'esta quinta, antiguidades romanas; entre outras uma lapide com esta inscripção.

D. M.
ANTONIAE.
MAXIMAE.
ANN. XXXII
CAESIAE AMOENA
MATER FILIAE
PIENTISSIMAE
H. S. E.

(Aos deuses manes. Aqui está sepultada Antonia Maxima, fallecida na edade de trinta e dois annos. Cesia Amena, sua mãe, lhe dedicou esta piedosissima memoria.)

—

Tambem é n'esta freguezia a *quinta da Ramalheira.* Foi de Francisco de Figueiredo Alarcão, irmão de Rodrigo de Figueiredo de Alarcão, governador da provincia de Traz-os-Montes, na guerra da restauração, e ambos descendentes de Jorge de Figueiredo, fidalgo da casa real e escrivão da fazenda de D. João III.

Esta propriedade é actualmente do sr. João da Conceição Bravo, que a comprou ao sr. Francisco Ferrari.

Alem d'estas, ha ainda na freguezia as seguintes quintas.

De S. José da Lagem, do sr. José Joaquim Ferreira d'Abreu.

Da Bôa-Vista, do sr. Francisco da Cunha Mendes.

Alem d'estas quintas, ha na freguezia um bom numero de proprietarios ricos, que se não possuem quintas propriamente ditas, são senhores de vastas e ricas propriedades, distinguindo se entre estes, os senhores—Polydoro dos Santos Reis, e João dos Santos Reis.

Morgado de Góes

A pag. 97, col. 2.ª, do 1.º vol., dei uma rapida noticia do nosso famoso escriptor, Damião de Góes. Como uma grande parte das propriedades que constituem o morgado de Góes, é em Olhalvo, julgo a proposito dar aqui a genealogia abreviada do inimigo furibundo de D. Antonio de Athaide, 1.º conde da Castanheira. (Vol. 2.º, pag. 160, col. 1.ª, no fim, e seguintes.)

Um dos maiores proprietarios d'esta freguezia, é o sr. Francisco de Góes Sotto-Maior du Bocage, representante de um ramo da familia de Damião de Góes. Eis a sua genealogia:

Antonia de Góes (irman do nosso chronista) casou com Nuno Alves Pereira, e tiveram por filho (ou neto) Heitor d'Almeida de Góes Sotto-Maior, do qual foi neto, Antonio d'Almeida de Góes, nascido no logar da *Dos-Canados.* Casou com D. Maria Josefa de Sampaio, natural de *Cabanas-de-Torres.* Foi seu filho, Antonio de Góes Sotto-Maior, tambem nascido em Cabanas de Torres. Este foi capitão-mór d'Alemquer, e falleceu em 1749. Havia casado, em Olhalvo, com D. Marianna Josefa Barreto. Foi seu filho, Francisco de Góes Sotto-Maior, herdeiro do morgado de Góes, que morreu solteiro, em Olhalvo, em 1825, com 87 annos de edade. Succedeu-lhe no morgado, Vicente de Paula de Figueiredo Góes Sotto-Maior, natural da villa d'Almada (em frente de Lisboa), casado com D. Maria Agostinha Barbosa du Bocage, natural d Setubal. Vicente de Paula, morreu em Olhalvo, em 1827. Foi seu filho e herdeiro, Francisco José de Góes Sotto-Maior du Bocage, nascido em Setubal, e casou, em 1825, em Olhalvo, com D. Rosa Profiria Cesar Carneiro de Fáro e Vasconcellos, nascida em Torres-Vedras. Francisco José, falleceu em

1846, deixando dois filhos. O 1.°, Francisco de Góes Sotto-Maior du Bocage, que herdou o vinculo, e casou em 1851 com D. Rita de Cassia Moraes Correia de Sá e Castro, natural da Merceana, filha de Francisco de Moraes Correia de Sá e Castro, e de D. Anna Perpetua Xavier do Ceu Boacinha. O 2.° filho, José Cesar Carneiro de Góes e Vasconcellos, casou na Cortegâna, com D. Maria Candida Franco Monteiro.

De Francisco de Góes (o morgado) e de sua mulher, só houve um filho, chamado Francisco de Góes Sotto-Maior de Moraes, nascido em 1852, e é o actual representante d'este ramo da familia Góes.

—

Onde agora se vê o cemiterio parochial, foi o quintal da botica do mosteiro, e está contiguo á egreja. Foi para isto, dado á junta de parochia, por decreto de 6 de janeiro de 1843.

—

Olhalvo já em 1780 tinha duas aulas régias. Uma de primeiras lettras, que ainda existe, e é regida, desde 1855, pelo sr. padre Joaquim Lourenço Serrano—outra de grammatica latina, que não existe, desde o fallecimento do ultimo professor, o padre Manuel José Pimenta d'Oliveira, natural de Barcellos, o que teve logar em 1824, e não tornou a ser provida,

—

O territorio de Olhalvo é muito fertil em todos os generos agricolas do paiz, produzindo muito e optimo vinho.

—

N'estes ultimos annos tem melhorado consideravelmente a viação publica d'este logar. Está ligado com o caminho de ferro, pela estrada real, da Merceana para o Carregado, com duas diligencias diarias. Tem um ramal para a Atalaya, que liga Olhalvo com a freguezia de Villa-Verde, e mais tarde com a villa do Cadaval. Isto, alem das duas estradas que atraz mencionei.

Pelos annos de 1854 ou 1855, appareceu junto á quinta da Boa-Vista, em umas escavações, uma amphora de barro, provavelmente romana. Existe hoje em poder do sr. João da Cunha, d'este logar.

No sitio do *Lombo*, pouco mais ou menos pelo mesmo tempo, foi achada uma porção de tijolo, assente em argamaça, indicando ser o resto de uma sepultura antiquissima. Perto do Lombo, se acharam tambem fragmentos de grandes telhas, tijolos, e outros objectos antigos.

Na quinta da Margem de Arada, no sitio d'ella chamado *Alto do Cartaxêno*, em uma occasião em que se andava alli plantando bacêllo, se achou um sepulchro, contendo tres ossadas humanas, mostrando tambem uma grande antiguidade. Era formado de pedras toscas, postas em fileira, e coberto de lagens. Tinha 4 metros de comprido, um de largo, e 0^{m},50 d'alto. Tinha mais apparencia de uma mâmoa celtica, do que de sepultura romana.

O sr. visconde de Alemquer, um dos socios da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes, mandou para o seu museu archeologico do Carmo, em Lisboa, um dos cippos achados em Olhalvo.

Cumpre notar que a coisa de 800 metros d'este logar, ha um caminho a que o vulgo chama, de tempos immemoriaes — *caminho da villa*. Nem tradição ha, da existencia de *villa* ou outra qualquer povoação, para este lado, e apenas se tem por estes sitios encontrado alicerces de pequenas construcções.

Tambem proximo a Olhalvo, mas já na freguezia de Aldeia Gavinha (Vol. 1.°, pag. 86, col. 2.ª), appareceu um cippo, com uma inscripção latina, que não posso produzir, por se não fundirem hoje typos que representem caracteres gothicos com duas e tres letras, unidas, ou mettidas umas dentro das outras. Por extenso vem a ser:

FLAVIANA.
FAMULE DEI.
REQUIESCIT IN
PACE XIII
KAL. MAY.
ERA DLXX.

Flaviana, serva de Deus, aqui descança em paz. Falleceu a 13 das kalendas de maio, da era de 570—(2 de maio do anno 532 de Jesus Christo.)

Não é preciso dizer que foi a sepultura

de uma mulher christan, fallecida no tempo dos godos, e no reinado de Theodomiro.

—

Tem Olhalvo um partido medico-cirurgico, instituido e sustentado pelo respectivo municipio. Foi nomeado seu primeiro facultativo — e é ainda o actual — o sr. Joaquim Ribeiro da Silva Áriz, cavalheiro de muita honestidade e escriptor distincto.

—

Tambem é proprietario e residente em Olhalvo, o sr. José da Cunha Abreu Peixoto, descendente da illustre familia dos Cunhas, de quem já fallei.

A este generoso cavalheiro sou devedor de curiosas informações, com respeito a esta povoação; pelo que lhe dou sinceros agradecimentos.

Etymologia de Olhalvo

Não só pela tradição, mas tambem de documentos antigos, consta que em um casal d'este sitio, residiu um ancião, que tinha um olho todo branco, pelo que á sua casa se dava a denominação de—*A do Olho Alvo*—que depois se corrompeu em *Adilhalvo*, e por fim, em *Olhalvo*.

—

Fallando, em mais de um logar d'este artigo, do benemerito sr. João da Cunha Costa e Silva, cumpre-me dizer que falleceu em julho de 1875.

Já vimos o seu zélo pelas coisas da egreja, e o seu amor á religião de seus paes.

Era um legitimista incorruptivel e de fina tempera; mas, como antes de ser realista era christão e portuguez, amava os homens de bem, de todos os partidos, respeitando as suas opiniões, sem que a *côr politica* de qualquer, fosse para esta bella alma, pretexto ou motivo de sympathia ou antipathia. Por esta razão, o pezar sincero pelo fallecimento do sr. Costa e Silva, foi geral n'este concelho, nas pessoas de todas as parcialidades, que o haviam conhecido e tratado: e todos se honram de ter por patricio um varão de tantas virtudes, e de tanta illustração.

Não deixou filhos; mas seus sobrinhos seguem em tudo as pisadas de seu exemplarissimo tio, e são por todos tambem geralmente estimados e respeitados.

OLHÃO—Villa, Algarve, cabeça do concelho do seu nome, comarca e 6 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 1:800 fogos.

Em 1757 tinha 787 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

O concelho d'Olhão, é composto de quatro freguezias, todas no bispado do Algarve—são—Moncarapaxo, Olhão, Pexão, e Quelfes—todas com 3:850 fogos.

Principiou esta povoação no meiado do seculo XVII, por um aggregado de cabanas de palha, em que se abrigavam os pescadores, durante o tempo das pescarias, até que se foi tornando habitação permanente, e se foram edificando casas, constituindo-se pouco a pouco uma bonita e grande aldeia, da freguezia de S. Sebastião de Quelfes. A industria da pesca foi tão prospera para este povo, que já em 1790 se não via uma só cabana de palha, mas boas e bonitas casas, com 1:433 fogos—em 1802, tinha 1:202. Em 1835 porém, o *colera morbus* deixou a povoação reduzida a 1:081 fogos. O bispo do Algalve, D. Simão da Gama, attendendo ao desenvolvimento da povoação, a fez parochia independente, pelos annos de 1700, construindo-lhe a sua egreja matriz, pelo mesmo tempo. É um bom, vasto e bonito templo.

Pertenceu ao concelho de Faro até 1808, sendo então elevada á cathegoria de villa, e creando-se o seu concelho, com as freguezias ditas, e demarcando-se-lhe um pequeno termo.

Deu-se-lhe então o nome de Villa Nova de Olhão, ou, Olhão da Restauração.

Já então a villa, posto ser, na sua quasi totalidade, composta de pescadores *e artes correlativas*, era muito florescente.

Está esta villa vantajosamente situada á beira mar, ficando-lhe para o lado de terra uma vasta e fertil planicie, e para o do Oceano um grande areal, o que tudo por vezes é invadido pelas marés, até ao pôço que fica

á entrada da villa, a E., e que é abundante de excellente agua potavel.

Tem poucas ruas largas e alinhadas, sendo a maior parte travessas estreitas e uma réde de béccos e alfurjas, resentindo-se da desordem em que haviam sido construidas as cabanas primitivas, sem que ao edificarem-se os novos predios houvesse a minima regularidade; mas seguindo-se as mesmas sinuosidades antigas. Todavia os seus actuaes predios são bonitos, aceiados e bem caiados.

Os pescadores de Olhão devem a prosperidade da sua industria, não tanto á abundancia de bom peixe da costa, como á sua coragem e destreza, pois se afastam, em busca de pescaria, a 70 e ás vezes a 90 kilometros ao S.O. da terra.

Exporta muita quantidade de peixe, de differentes qualidades, para todo o reino, tanto em fresco, como depois de sécco; mas a sua máior exportação é de sardinha, que colhe em quantidade prodigiosa.

Em 1790, havia aqui 114 embarcações de pesca, em continuo exercicio, álem das muitas que estavam varadas na praia, por falta de gente. Hoje apenas tem uns 50 *cahiques* e egual numero de lanchas.

Seria Olhão incontestavelmente uma das mais prosperas villas do Algarve, e mesmo de todo o reino, se não fossem tantos, tamanhos e tão variados os impostos com que o fisco sobrecarrega a classe piscatoria, a ponto de muitos pescadores terem abandonado a sua industria, e muitos, mesmo a sua patria! [1]

Alem dos barcos de pesca, ha uns 20 cahiques (de 3 a 4:000 arrobas de tonelagem) e alguns hiates, que se empregam na conducção de pescado, pelles de lixa, azeite de peixe, e variados fructos do paiz, para Lisboa, Porto, Gibraltar, e outros muitos portos do reino e extrangeiro.

[1] O concelho de Olhão paga, álem do imposto do sello, e das alfandegas—mais de 14 contos de réis annuaes para o thesouro publico, apezar de ter apenas 4 freguezias. No anno economico de 1873 a 1874, pagou de decima—de pescarias, 2.927$948 réis—industrial. 3:491$891 réis—de renda de casas, 741$248 rs.—de juros, 623$030 rs.—e predial, 6:712$672 rs.—total—14:496$759 réis.

Todas estas embarcações são aqui mesmo construidas, com madeiras extrahidas dos vastos pinhaes que lhe ficam proximos.

O territorio em redor da villa, e o do concelho, é em geral fertilissimo, apezar de areiento, produzindo saborosas fructas, muitas vinhas, que dão optimo vinho, boas hortaliças, e grande numero de figueiras e alfarrobeiras. Tambem ha bastantes amendoeiras, oliveiras, e laranjeiras.

Tem duas boas feiras francas, ambas de tres dias e muito concorridas. A primeira a 30 de abril e a segunda a 29 de setembro.

—

Teem os habitantes de Olhão o louvavel orgulho, de terem sido os primeiros do Algarve que levantaram o grito de independencia contra o jugo ominoso do sanguinario Junot, em 1808; pelo que o principe regente decretou que se intitulasse—*Olhão da Restauração.*

Não contentes, estes leaes patriotas, de arriscarem as suas vidas, familias e fazendas, praticaram uma façanha que os vindouros certamente crerão fabulosa, e com razão se ufanam de ter por patricios *Manuel Martins Garrocho*, mestre — e *Manuel de Oliveira Nobre*, piloto—ambos pescadores, de Olhão, que, em um pequeno cahique, e só com mais tres marinheiros, foram, em 1808, ao Rio de Janeiro, levar a D. João VI a noticia da expulsão dos francezes, de Portugal.

O rei, fez o primeiro guarda-mór da saude, e o segundo, capitão do porto de Olhão. Condecorou ambos com o habito de Christo, deu-lhes a patente e soldo de primeiros tenentes da armada real da marinha, uma tença annual de 200$000 réis a cada um; premiando tambem os marinheiros com dinheiro e uma medalha commemorativa. Deu-lhes um hiate para regressarem ao Algalve, e mandou conservar no arsenal da marinha, do Rio de Janeiro, *ad perpetuam rei memoriam*, o famoso cahique em que estes heroes fizeram a sua arriscadissima e patriotica viagem.

—

O principe regente, depois D. João VI, havia feito 1.º conde de Castro-Marim, em 14 de novembro de 1802, a D. Francisco de Mel-

lo da Cunha Mendonça e Menezes, 8.º monteiro-mór do reino.

Em 21 de dezembro de 1808, foi a villa de Olhão elevada ao titulo de marquezado, pelo mesmo principe regente, a favor do dito 1.º conde de Castro-Marim. O actual representante d'esta nobilissimo familia, é o sr. D. José de Mendonça da Cunha e Menezes, conde de Castro-Marim.

Tendo fallado em tantos logares d'esta obra, da genealogia e armas d'estes appellidos, para lá remetto os meus leitores.

No palacio dos marquezes de Olhão, em Lisboa, está actualmente estabelecido o *correio-geral*. (Vide a col. 1.ª, pag. 225, d'este volume.

—

Em novembro de 1853 houve em Olhão e arredores, uma horrorosa tempestade. A chuva foi torrencial. Cahiram pedras de saraiva, tendo algumas mais de 400 grammas de peso, ficando esmigalhadas quasi todas as vidraças. Os raios serpenteavam em todas as direcções. Causou grandes prejuizos.

Tambem soffreu bastantes prejuizos esta villa, durante a guerra fratricida de 1833 a 1834. Depois da invasão do Algarve pelo duque da Terceira, Olhão declarou-se pelo partido liberal, e construiu á pressa varias trincheiras. Cercados pelos realistas, e por elles varias vezes acommettidos, causaram muitas mortes e ferimentos aos adversarios; mas tambem muitos morreram e foram feridos; sendo ao mesmo tempo desimados pelo cólera-morbus, que então grassava em quasi todo o reino.

Posto que as casas da villa sejam em geral bonitas, não tem predio algum digno de nota. O melhor edificio da villa, é a egreja parochial. A casa da alfandega tambem é um bom edificio.

—

Se é digno de encomios o varão que, empregando a maior parte da sua vida no estudo, deixa em livros uteis á humanidade, immortalisado o seu nome — se o confessor da fé Catholica, derramando o seu sangue em defeza do dogma sagrado que na terra plantou o Divino martyr do Golgotha, merece a nossa justa consideração — se o capitão destemido, despresando a vida, em mil batalhas, defende heroicamente a sua bandeira, e firma a autonomia e independencia da sua patria, e se torna por isso, justamente venerando — que preito, que respeitosa veneração se deve ao homem que passa toda a sua vida, arriscando-se exclusivamente em salvar a do seu semelhante?

Com que satisfação vou descrever, em rapidos traços, a biographia de um filho do povo, de um natural de Olhão! — Já todos sabem que vou fallar do nosso sympathico e querido *patrão*:

Joaquim Lopes

Este marinheiro intrepido, este inimitavel nadador, este dedicado amigo da humanidade, que tem arrancado das garras da morte, tanto marido a sua esposa; tanto pai a seus filhos; tantos filhos a seus pais—nasceu n'esta villa, em 19 de agosto de 1800. E' filho de um pescador, chamado Francisco Lopes, e de Rosa Maria, mulher d'este.

Na edade de 6 annos entrou na escola de primeiras letras, de Olhão, onde aprendeu a ler e escrever, até aos 10 annos; sahindo então, para, na companhia de seu pai, se entregar á industria da pesca.

Chegado á adolescencia, Joaquim Lopes desejou possuir um cahique proprio, e ambicionou uma vida livre da miseria.

Entendendo que não realisaria o seu sonho, em quanto se empregasse na pesca pelas costas do Algarve, foi exercer a sua profissão para Gibraltar, depois de obtida a licença paterna.

Onze mezes depois, não lhe sorrindo a fortuna, regressou a Olhão, pobre como fôra, mas rico de esperança e de coragem.

A sua estrella o fez abandonar a terra natal, e veiu trabalhar para as canoas de pesca, de Paço-d'Arcos. Alli se dedicou, com a maior perseverança, ao estudo da barra de Lisboa, e em pouco tempo conhecia todos os baixos e cachopos d'estes sitios.

Honrado, sincero, affavel e leal para com todos, em breve se tornou o idolo dos seus

camaradas, aos quaes a sua coragem o faziam respeitavel.

Em 1820, acseitou o logar de remador da falua do Bogio; e é desde esta data que a bravura unida aos seus conhecimentos praticos de todos os perigos d'este rio, lhe deram a celebridade.

O seu primeiro acto de dedicação, teve logar em 29 de julho de 1823.

Assistia a uma funcção religiosa, na quinta do Areeiro (porque Joaquim Lopes tem sido toda a vida um fervoroso catholico.) Fica esta quinta proximo á foz do rio de Oeiras, que n'esse dia, estando obstruida a barra com as areias, formava pela terra dentro uma larga e funda lagôa, caudalosa em alguns sitios. De repente ouve um grande alarido entre o povo. Um homem pretendeu atravessar a lagôa, com um irmão, que levava ás costas; mas, vendo-se em perigo, abandonou a creança, tratando sómente da sua salvação.

Ver isto Joaquim Lopes, e lançar-se á agua, vestido e calçado, como estava, foi obra de um momento. Em breve ganha a distancia de uns trinta passos que o separava do ponto onde se havia submergido o infeliz menino; mergulha, no meio do silencio pavoroso dos espectadores — passam-se alguns instantes de geral consternação, dois vultos assomam á flôr da agua—é Joaquim Lopes, que com a mão esquerda segura o menino, e com a direita nada para terra, radiante de alegria.

Mas não era tudo. O irmão mais velho da creança, tambem estava prestes a afogar-se. Joaquim Lopes entrega o seu fardo, e vôa ao logar do perigo, e mesmo encharcado, precipita-se de novo na lagôa, e salva o segundo naufrago. Tanta generosidade, tamanha coragem, commove todos os romeiros, e d'ahi a alguns minutos, Joaquim Lopes, de fato mudado, recebe as saudações freneticas e os apertados abraços da multidão enthusiasmada.

Pouco tempo depois, estava Lopes na torre do Bugio, e uma onda envolve um cabo de esquadra, de artilheria, que passava de uma cabeça de areia para a fortaleza. Todos os presentes bradaram a um tempo — *Joaquim Lopes! Joaquim Lopes!* como se invocassem a Divina Providencia; mas não era preciso: Lopes tinha visto tudo, e já tomára um cabo, e entregando uma das extremidades aos companheiros, atira se ao abysmo. Ata a corda em redor da cintura do cabo, manda aos da fortaleza que o *colham*, e elle, nadando e amparando-o, chegam sãos e salvos.

(Em 1826, casou.)

Do mesmo modo livrou da morte, em 1828, a Francisco de Salles, sargento de veteranos, da guarnição da torre.

O patrão da falua de Joaquim Lopes, falleceu em 18 de maio de 1833. O seu logar pertencia ao remador mais antigo, e Lopes era o mais moderno. O governador chama todos os remadores, para elegerem novo patrão, e todos a uma voz e com o maior transporte, elegem Joaquim Lopes, que no seu novo emprego, continua a praticar actos de verdadeiro heroismo.

Em 16 de fevereiro de 1856, pelas 3 $^1/_2$ horas da manhã, encalha no baixo de *Alpeidão*, a escuna ingleza *Howard Primorose*. O mar estava bravissimo; mas, quando as torres davam o signal de *soccorro*, já o entrepido Joaquim Lopes [1] gritava aos seus remadores —«Vamos salvar os nossos irmãos! O mar é muito, mas os homens a quem Deus dá coragem, teem tanta força como elle!»

De Paço d'Arcos, larga incontinente a sua falua, que vôa em soccorro dos naufragos. Mas, oh desdita! Ha uma invencivel contrariedade. A falua não póde navegar sobre o baixo, e portanto, não póde salvar os infelizes, que, subidos ás enxarcias, viam a seus pés, o navio despedaçar-se e absorver-se cada vez mais nas ondas embravecidas; e a pouca distancia, retirar-se por impotente, a falua salvadora.

Mas Joaquim Lopes, não retirára por cobardia porque jámais temeu a morte, nem

[1] Joaquim Lopes está quasi constantemente, qual sentinella vigilante, d'oculo em punho, olhando de sua casa (d'onde se descobre toda a barra) para o mar, investigando-o, a ver se ha algum nauta perdido, a quem salvar.

trepida um momento em arriscar a vida a bem da humanidade. Vôa a Paço d'Arcos, e traz uma sua pequena lancha de pesca. Quando chegou ao sitio do sinistro, já os naufragos boiavam á mercê das vagas furiosas, agarrados aos fragmentos do navio.

Os remadores hesitam e empallidecem, á vista de tamanho perigo; mas Lopes lhes brada : — «Que é isto ? Não é este mar, nem com o dobro da sua ferocidade, que nos hade metter a pique. Onde está o perigo é alli (apontando para o logar fatal). É alli que estão 12 horas de agonia, e dentro de poucos minutos a morte. Ávante, rapazes! Nossa Senhora da Guia está olhando para nós, da sua capellinha bemdita; ou morreremos todos e ella nos dará o premio na bem-aventurança, ou salvaremos aquelles desgraçados!»

A vóz potente e as santas palavras de fé e caridade, do heroe, são fogo de coragem que se communica, e o fragil barquinho vôa em demanda de uma morte quasi certa. De balde as ondas o arremessam ao cume do seu dorso fremente, ou ás suas cavidades espumosas, que a Santissima Virgem Nossa Senhora da Guia, a Purissima Estrella do Mar, é pelos arrojados navegantes, que, confiados na sua protecção divina, nenhuma impressão já lhes causa o perigo.

E a Senhora premeia os seus esforços, permittindo-lhes que elles salvem toda a tripulação do *Howard*, que era, o capitão e cinco marinheiros.

O governo inglez condecorou o patrão Lopes e todos os seus remadores, com uma medalha de prata, de *distincção e merito*, e a *Real Sociedade Humanitaria, do Porto*, premiou Joaquim Lopes com a grande medalha d'ouro, nomeando-o socio honorario; e deu aos remadores a medalha de 2.ª classe.

Foram estas as primeiras condecorações que adornaram o peito generoso de Joaquim Lopes, as mais bem merecidas de quantas em nossos dias se teem conferido.

O governo portuguez, condecorou um anspeçada de artilheria, que do alto das muralhas da torre do Bogio estava a *vêr* o espectaculo, só por dizer aos remadores, quando passavam na sua frente — *estão alli!* — *estão alli!* — (!!!) — Ainda mais... Um official do mesmo corpo, combinado com o anspeçada, se apresentaram como os principaes heróes da acção, e foram ambos condecorados com a medalha da *Torre-Espada valor-e-merito!*

Só passados dez mezes, é que o governo se lembrou de Joaquim Lopes, mandando-lhe (embrulhado em um pedaço de papel ordinario!) um desgracioso medalhão de prata, sem nem sequer ao menos ter uma argola para a fita!

Deixal-o. Para que o nome sympathico de Joaquim Lopes se immortalisasse, não precisava de fitas, nem condecorações, bastavam-lhe os seus feitos gloriosos, e o seu

«..... amor da patria, não movido
De premio vil; mas alto, e quasi eterno;
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho seu paterno.»

Note-se que, durante as horas do imminente perigo, passou perto dos naufragos, um vapor de guerra... portuguez (vergonha é dizel-o — mas é verdade) sem prestar o menor auxilio aos infelizes inglezes!

A tripulação do *Howard Primorose*, em um documento honrosissimo para Joaquim Lopes, declarou que, se não fosse elle e os seus, aquella gente morreria toda, infallivelmente.

Mais documentos e muito mais peripecias teve este drama, que ommitto para não ser ainda mais extenso.

—

Em março do mesmo anno (1856) hia Joaquim Lopes sendo victima do seu arrojo humanitario, tirando debaixo de uma canôa (que se virou na *Praia da Sardinha*, em Paço d'Arcos) um homem que alli tinha ficado, o qual, nas agonias da submersão, se agarrou por tal modo ao seu salvador, que lhe tolhia completamente os movimentos, e teriam ambos perecido, se tres catraeiros lhe não acudissem logo, arrancando-o a uma morte certa, mas gloriosa.

Por este acto de verdadeira dedicação, o premiou novamente a *Real Sociedade Humanitaria, do Porto*, com a medalha de 2.ª classe.

Em 24 de fevereiro de 1858, pelas 8 horas e meia da manhã, encalhou uma escuna ingleza (a *British Queen*) no fatal baixo do *Alpeidão*. Apenas as torres dão o signal de soccorro, Joaquim Lopes convida os seus companheiros a seguil-o, e, embarcando na sua providencial canoasinha de pesca, correm em demanda dos naufragos. D'esta vez a sua caridade não foi plenamente satisfeita; porque o navio submergiu-se todo, de um só jacto, quando os ousados remadores se approximavam d'elle, pela 3.ª vez: apenas pôde ser salvo o capitão.

Como o estado do naufrago reclamava promptos soccorros, fez-se, com gravissimos riscos, rumo para a torre do Bogio. Chegado porém ahi, um vulto negro se descobre no logar do sinistro. *Homem que se afóga!* — gritam todos. É um cão — diz alguem. «É, é (diz J. Lopes); mas tambem tem vida, e é o mais leal amigo do homem» — e lançando-se de novo ao abysmo, no meio do perigo mais horrivel, salva o cão!

Arriscar a vida para salvar um cão — só a alma generosa e o dedicado coração de Joaquim Lopes!

O governo de sua magestade britannica, condecorou 2.ª vez Joaquim Lopes, com a medalha de ouro, e os seus remadores, com a de prata.

Eram estes — Carlos, e Quirino, seus filhos; José Lopes; Manuel d'Oliveira; Bento Luiz; Eusebio Lopes; Francisco de Lima; João da Cruz.

Além d'estes bravos filhos do povo, outros mareantes e pescadores, foram em varias occasiões, companheiros dos perigos e das glorias de Joaquim Lopes.

Pela occasião do naufragio do brigue francez *Esthefanie*, salvou Joaquim Lopes e os seus, tres marinheiros. Um d'elles era o capitão, que queria morrer agarrado ao casco desconjuntado do seu navio. Querino, o robusto e corajoso filho do *patrão*, o arrancou d'alli, á força! — O governo francez, conferiu e mandou a Joaquim Lopes, a medalha de prata, premio do valor e *philantropia*.

Alguns jornaes portuguezes, lembraram então ao nosso governo, um distinctivo mais honroso, para galardoar os serviços d'este homem inimitavel. Que anachronismo! Deus permittisse que a lembrança continuasse a ficar só nos papeis publicos, para que o peito generoso de Joaquim Lopes se não confundisse com o de tantas nullidades.

—

Tantas e tão nobilissimas acções devem encher de verdadeira alegria o coração do heroe, e na verdade, apezar dos seus annos, das suas rugas, e das suas cans, Joaquim Lopes, é um homem muito alegre e prazenteiro; e, varão previlegiado por Deus, tem na fronte estampadas as virtudes do seu coração e a historia legendaria de uma vida de dedicações e caridade.

A sua tez é alva, como a sua alma, a testa é espaçosa, seus labios delgados, e seus olhos, azues, são penetrantes, revelando logo á primeira vista, o homem que passou a vida em acções de verdadeira caridade evangelica. Finalmente, o retrato de Joaquim Lopes, desenha-se em menos palavras:

É A PROVIDENCIA DOS NAUFRAGOS NA BARRA DE LISBOA

A fama de Joaquim Lopes estava para sempre estabelecida, e todos os seus actos de abnegação e coragem, eram logo publicados e justamente avaliados.

Em 19 de fevereiro de 1862, encalha e perde-se na costa, ao S. da torre do Bugio, o bergantim hespanhol *Achilles*. Joaquim Lopes vôa em soccorro dos naufragos e salva-os a todos! — O mar estava tão embravecido, que Joaquim Lopes chegou a confessar que nunca se vira em tão grande perigo.

O governo hespanhol, conferiu ao *patrão* e mandou-lhe collocar no peito, a medalha de ouro de distincção humanitaria,

A 22 do mesmo mez e anno, se despedaçou contra o *Dente do Cachôpo*, o hiate portuguez *Almirante*, da praça do Porto.

Joaquim Lopes e os seus bravos filhos e remadores, salvam toda a tripulação.

Então, o sr. D. Luiz I, chama o *patrão* á sua presença, pregando-lhe por suas proprias mãos, na grosseira jaqueta maritima,

o habito de Torre e Espada, e apertou commovido, a mão callosa do intrepido marinheiro, fazendo o merecido elogio áos seus actos de coragem e abnegação.

A imprensa portugueza, de todas as parcialidades, louvou esta acção nobre do chefe do Estado.

—

Tambem o imperador do Brazil, na sua visita a Portugal, quiz ver o legendario *patrão Lopes*, e lhe deu um cordeal abraço.

—

Os encomios feitos a este verdadeiro portuguez por toda a imprensa d'este reino, e por muitos jornaes britannicos, hespanhoes e francezes, davam materia para um grosso volume.

—

A *Real Sociedade Humanitaria do Porto*, a *Sociedade Beneficente do Pará*, e o *Centro Promotor das Classes Laboriosas de Lisboa*, lhe mandaram o diploma de socio honorario. Esta ultima associação, tambem, como Joaquim Lopes, filha do povo, mandou collocar o retrato do heroe, no logar principal do seu salão, entre os dos illustres patriotas Manuel da Silva Passos, e José Estevão Coelho de Magalhães,

—

Desde 1859, que Joaquim Lopes se não servia já, nem da pesada e ronceira falua, nem da fragil canôa de pesca, para salvar os seus similhantes. O governo portuguez, á força de continuas reclamações da imprensa, dera-lhe um *salva-vidas*, que mandou construir, segundo os ultimos aperfeiçoamentos introduzidos n'esta especie de vasos. Mas ainda não lhe augmentaram o ridiculo *sallario* de remador—240 réis diarios, Só mais tarde, sendo ministro da marinha o sr. José da Silva Mendes Leal Junior, é que lhe foi concedida a graduação de *mestre da armada*, e uma pequena gratificação.

O goveono entendia que com isso premiava os prodigiosos serviços de Joaquim Lopes, e apenas lhe regateava a justissima recompensa; pelo que os jornaes continuaram a advogar a causa da justiça e da humanidade; mas, vendo que o governo a nada attendia, proposeram que se abrisse uma subscripção nacional, a favor do homem que o governo parecia ter em pouca consideração.

Joaquim Lopes, apenas teve noticia d'isto, declarou no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, que—*quem, bem ou mal, vive do seu trabalho, não estende a mão á esmola das multidões; e que os peitos onde se abriga o amor do proximo, são grandes de mais para albergarem sentimentos mesquinhos. Que competia ao governo, mas nunca ao povo, envergonhal-o, lançando-lhe o manto do pobre mendigo.*

—

Muitas vezes aconteceu mandarem-lhe dinheiro, depois de praticar algumas das suas façanhas. Recebia-o e o repartia pelos seus camaradas.

Foram-lhe levar em certa occasião, uma rica salva de prata, com as iniciaes do seu nome (presente—segundo se diz de uma senhora de alta cathegoria) e uma porção de libras, para dividir pelos seus remadores, o que elle logo fez.

A salva é o presente que elle entre todos mais estima.

—

Finalmente, o paiz decediu-se a não ser tão aváro com o *patrão*, e nas camaras legislativts lhe foi votada uma pensão annual de 240$000 réis, com supervivencia para sua mulher ou filhas.

Passado algum tempo, o governo lhe deu a graduação de segundo tenente da armada.

O ministro que referendou o decreto, se honrou o *patrão*, honra-se mais a si mesmo, por comprir um dever a que os seus predecessores não attenderam.

Eis o decreto:

«Tendo attenção aos relevantissimos serviços, prestados pelo mestre da armada, fóra do quadro, Joaquim Lopes, patrão do barco salvo-vidas, da barra de Lisboa, o qual, com extremada abnegação da propria vida, é inexcedivel coragem, tem arrancado do furor das vagas, e restituido á sociedade, grande numero de individuos: cousiderando quanto cumpre galardoar feitos espontaneos

da singular intrepipez, excepcionaes, em que se allíam ao valor, os mais decididos sentimentos de humanidade; hei por bem, conceder ao dito Joaquim Lopes, a graduação do posto de segundo tenente da armada, etc.

Paço, em 23 de agosto de 1866. — Rei — Visconde da Praia-Grande.»

—

A pezar das suas cans, das suas rugas, e dos seus 75 annos, Joaquim Lopes, ainda conserva todo o vigor da mocidade, toda á coragem da juventude, e não perde occasião de ser util á humanidade.

Vive com a sua familia (mulher e seis filhos) no logar de *Paço d'Arcos*, proximo a Oeiras; gozando, senão a abundancia e a sumptuosidade, pelo menos uma modesta e sufficiente medeania, e as doçuras do lar domestico.

Em *Paço d'Arcos*, direi ainda alguma cousa, com respeito ao nosso venerando Joaquim Lopes.

OLHO—ribeiro, Douro, freguezia da Cadima.

Nas suas margens ha arrozaes. O *Olho*, o *Lagôa-Sêcca*, o *Rodêllos*, o *Moita*, e o *Aljuriça*, todos d'esta freguezia, juntam-se á ribeira *Fervença*. Vide esta ultima palavra.

OLHO DA MIRA — Entre os logares de *Minde* e *Mira* (5.º vol., pag. 233, col. 2.ª— e pag. 242, col. 1.ª) medeia um dilatado campo, que tem quatro kilometros de comprido e 2 de largo. E' quasi todo rôto, em algáres, pela maior parte, cercados de penedias, defeza providencial, para gados e gente. Procede este grande numero de algáres, de estar a campina muito baixa, entre as serras, e, como a agua da chuva não tem por onde se escoar, sumindo-se por canaes subterraneos, ferve para cima, por aquelles boqueirões, até encher todo o campo, em maior ou menor altura, segundo a abundancia d'agua que tem chovido, d'onde resulta transformar-se o campo em lagôa, em que já andou uma bateira.

Ha occasiões em que a agua d'esta lagôa, levanta ondas como as do mar—ou procedido do vento, ou da força com que a agua rebenta pelos boqueirões.

Em dois sitios rebentam maior cópia de aguas—um no chamado *Pena do Poyo*, que é um alto e concavo penhasco, á maneira de alpendre, á raiz da serra. Nascem murmurando brandamente, mas em tamanha quantidade, que fazem logo mover moinhos de pão e lagares de azeite.

O outro sitio, onde as aguas nascem ainda em maior quantidade, chama-se *Olho da Mira*, em cujo logar se sente nascer a agua em jactos alternados, e como aos soluços, impellida de dentro de uma grande cavidade subterranea, formada pela natureza, e sahindo por um buraco redondo de 1m,50 de diametro, á maneira de um occulo, e por isso se chama *Olho da Mira*. Corre em grande abundancia, fazendo mover tambem moinhos e lagares, álem da agua que verte pelos assudes, que é bastante. Corre impetuoso ao nascer, e com tanta força expelle a agua, como a torna a engulir. Juntamente com a agua, sahe grande numero de grossas e saborosas inguias e eirozes, que são objecto de uma divertida pesca, quasi toda feita em *caneiros*. Na primavera, sécca este campo, que seus proprietarios cultivam, e é feracissimo.

As cavernas por onde sahem as aguas, apresentam á vista do visitador, maravilhado, as fórmas mais bizarras. Vêem-se abobadas, tectos, pavimentos, e paredes, tudo obra da natureza, mas tão primorosamente fabricados, como se fossem obra de peritos canteiros. Tem mais de 800 metros de extensão, por baixo do sólo. O pavimento é obliquo, descendo desde a emboccadura até ao seu termo. Em frente fica-lhe o outeiro chamado das *Sete Villas*. Toda esta caverna é de rocha viva, sem que se veja a menor porção de terra. A sua agua, que conserva em todas as estações egual temperatura (o que faz dizer que é quente de inverno e fresca de verão) é de optima qualidade. Tem-se notado, que, por mais continuadas que sejam as chuvas, nunca a agua passa de uma certa medida.

Ainda que estes antros não conservem em toda a sua extensão a mesma altura e largura, porque ora abatem, ora se elevam seus tectos; e ora alargam ora estreitam suas ga-

lerias, dão em toda a parte uma passagem ampla aos exploradores. Lançando-se dentro uma pedra, faz um grande estrondo, que se ouve por muito tempo. O murmurio das aguas, quando se debatem umas com outras, ou quebrando-se contra as rochas, formam um som agradavel ao ouvido; e é tambem agrádavel o som da voz e do canto.

—

Ao que disse da freguezia de *Minde*, accrescento aqui mais o seguinte, que devo á benevolencia do reverendissimo sr. Antonio de Jesus e Silva, de Minde, e que não veio a tempo de hir no logar competente.

A freguezia de Minde, teve outr'ora muitos privilegios, sendo um d'elles, não dar recrutas. Estes privilegios terminaram em 1834. Em seguida refiro a causa a que se attribuem estes privilegios.

—

Houve aqui uma albergaria, na qual se dava por dia agasalho a cinco passageiros pobres—uma esteira, uma candeia, e sal, a cada um. A casa que foi albergaria, ainda existe, na praça; era foreira aos condes de Ourem, e hoje, á casa de Bragança, que herdou aquelle condado. Ainda conserva o nome de *albergaria*. É tradição que foi construida por D. Nuno Alvares Pereira, conde de Ourem, em attenção ao agasalho que lhe dera um velho. Conta-se a historia do modo seguinte:

Andando D. Nuno á caça, se perdeu da sua comittiva, embrenhando-se em uma selva, onde lhe anoiteceu. Perdida a esperança de juntar-se aos seus, resolveu pernoitar n'aquelle medonho sitio, e se deitou no chão. Passada uma boa parte da noite, ouviu cantar um gallo, alli perto. Guiado pelo canto da ave, foi dar a um casal, onde viu uma luz. D. Nuno bate á porta, e vai abrir-lh'a um magestoso velho, perguntando ao cavalleiro o que elle queria. Agasalho—diz D. Nuno.—O ancião o fez entrar, e mandou matar a gallinha que estivesse mais perto do gallo, e com ella deu de ceiar ao fidalgo, mandando um filho dar um alqueire de milho ao cavallo. Na seguinte manhan, perguntando D. Nuno ao velho quanto queria pela hospedagem, este lhe respondeu que só queria que lhe livrasse de soldados a dez filhos que tinha. D. Nuno lhe respondeu que, não só os seus filhos, mas todos os mancebos da povoação, jamais seriam soldados. D. João I confirmou este privilegio, que durou até 1834. Foi então — diz-se — que D. Nuno fundou a albergaria. Minde tambem não pagava *jugadas*, e tinha *relego* ou celeiro real, que D. João VI deu a um frade, para habitação de seu pobre pae. (Vide adiante—*Covão da Carvalha.*)

—

Ha em Minde, mercado todos os domingos, e feira no ultimo domingo de julho, junto á ermida de Santa Anna. O direito do *terrado* da feira e mercado, pertenceu, até 1834, ao hospicio dos padres arrabidos: desde então, pertence á camara municipal.

Minde é a terra dos padres (chegou a contar mais de cem!) e foi, e é, patria de homens celebres, entre elles, bispos, e desembargadores. Ainda aqui ha (1875) 18 ecclesiasticos, alem de varios ordinandos.

A capella de Santo Antonio das Eiras, foi construida em 1475; é privilegiada, por bulla do pontifice, Pio VI. Consta que jaz n'esta capella, D. Áldora (ou Áldara), mulher de D. David, a qual, vindo de Minde, de vêr uma veiga que alli possuia, e que ainda hoje se denomina, por corrupção, *Valle de D. Toda*, falleceu no sitio onde hoje está a capella. D. David mandou construir uma edicula, no logar do fallecimento de sua mulher, para descanço de seus ossos. Em 1475, foi esta edicula transformada em capella. Já, depois d'isto, foi por duas vezes reformada, a primeira vez, em 1691, e a segunda no meado do seculo passado Em 1691, foi aberto o moimento onde jaz D. David, seu fundador.

A capella de S. Sebastião, que é muito vasta, foi construida no reinado de D. Duarte.

A capella de S. Bento (vulgarmente, *ermida do Manco*) era particular, e querendo seu dono demolil-a, os padres de Minde a compraram, e deram ao publico.

A capella de S. Silvestre, no sitio do *Covão da Carvalha*, no *Chão da Mendiga*, foi feita pelo mesmo D. David, para n'ella ser sepultado, o que se cumpriu.

—

Em uma escavação que se fez ha poucos annos, junto á praça publica, se achou um tumulo, cuja campa se acha agora (1875) em uma varanda do sr. Antonio Capaz Cecilio. Consta ter sido a sepultura de *Got Mindenho*, o que deu o nome a Minde (ou mais provavelmente, d'ella tomou o appellido).

A pouca distancia de *Alvádos*, ha uma planicie chamada *Mindinho*, e junto d'ella, no alto da serra, do lado do oeste, ha quatro lapas, chamadas, por isso, *Lapas de Mindinho*, que são magestosas e admiraveis, pela sua construcção. Parecem habitações dos povos indigenas, a que os modernos, na falta de outro, deram o nome de pre-celtas. O povo diz que n'estas cavernas dá o *commissario geral do inferno (!)* as suas ordens e instrucções, ás bruxas da provincia. Por mais diligencias que os ecclesiasticos e pessoas illustradas tenham feito, não são capazes de arrancar ao povo esta crença disparatada.

—

A egreja matriz de Minde (a que D. Manuel de Aguiar chamava—*Sé das egrejas do bispado*) é sumptuosa: tem 22 metros de comprido e 12^{m},33 de altura. As paredes são revestidas de azulejo, até 1^{m},66 de altura. O côro tem 8^{m},80 de comprimento e 3^{m},33 de largura, descançando sobre duas columnas de marmore branco.

A capella-mór, tem 5^{m},70 de comprido e 3^{m},50 de largo. As suas paredes estão revestidas de azulejo, com desenhos, representando scenas do Novo Testamento. Na abobada, via-se a imagem de Nossa Senhora do Cerejal, antiga padroeira da freguezia.

A capella-mór foi ampliada em 1709.

Alem do altar-mór, tem mais quatro altares. No altar mór, que é de excellente talha dourada, está, do lado da Epistola, a imagem de Nossa Senhora da Purificação e a de Santa Luiza—e do lado do Evangelho, a do Espirito Santo e a de S. João Baptista.

Dois dos altares lateraes estão em magestosos arcos de cantaria: o do lado da Epistola, tem em letras d'ouro, a data de 1723: é dedicado á imagem de Bom Jesus e Almas. Em 1810, os francezes o despregaram da cruz (para lhe roubarem os cravos, julgando que eram de prata) sem que a imagem cahisse. Proximo a este, está o altar de Santo Antonio. Do lado do Evangelho, estão os altares de Nossa Senhora da Assumpção (a padroeira), á qual se fazem quatro grandes festividades annualmente.

Durante a epidemia do cholera-morbus, em 1833, o povo da freguezia recorreu, na sua afflicção, á bem aventurada padroeira, fazendo-lhe uma grande solemnidade religiosa, e desde esse momento, nem mais um só caso de peste se deu na freguezia.

O altar immediato, é dedicado a Santa Anna. A torre é magestosa e tem quatro sinos e um relogio.

Ainda existe uma capella, dedicada a *Nossa Senhora do Cerejal;* assim denominada, porque o primeiro nome da freguezia de Minde, foi *Cerejal;* e consta que Got Mindinho é que o mudou para *Minde.*

Ha aqui uma balança, pertencente á camara municipal de Porto-de-Mós, onde se pésa toda a lan que é consumida na freguezia, assim como outros objectos mais.

Fabricam-se aqui muitos pannos de lan: até 1834, todos os conventos da provincia gastavam d'aqui pannos para os seus habitos.

Em 1833, houve aqui um encontro, entre duas guerrilhas, uma realista e outra liberal: correu algum sangue.

—

Nasceram em Minde, os seguintes varões:

D. Joaquim da Matta, bispo de Macau.

D. Silvestre, bispo de Cabo-Verde.

O doutor Manuel do Espirito Santo Minde, leitor de theologia.

Eustodio Habitual, examinador das tres ordens militares, e commissario geral da Terra Santa.

O doutor frei Caetano Felix d'Almeida, prégador regio, de D. João V — e seus dois irmãos —

O doutor Francisco Vaz de Sant'Anna, dezembargador da relação do Porto — e

Manuel Rodrigues Maia, bacharel, pela universidade de Coimbra, e professor em Lisboa.

Frei Antonio da Soledade, e *frei João de Sant'Anna*, prégadores regios.

O doutor Hygino Teixeira Guedes, professor em Lisboa.

O doutor Joaquim Rodrigues Estevães.

João Rodrigues Ferreira, habil cirurgião, que foi assassinado em Pernes.

O beneficiado João Rodrigues Martins da Silva.

Frei Francisco de Jesus Maria José, que falleceu em Mafra.

Padre Manuel Bento Estevães, orador distinctissimo, e um dos melhores moralistas d'esta diocese, e ultimo parocho d'esta freguezia.

Alem de muitos outros, cuja relação seria longa.

—

Os *mindericos* (povos de Minde) vão a quasi todas as feiras do reino. Teem uma especie de dialecto (mais propriamente giria) que fallam quando andam por terras alheias, e que só elles entendem.

—

A povoação de Minde é cercada de lindos quintaes, povoados de frondosas arvores. D. Manuel d'Aguiar, bispo de Leiria, muito gostava d'estes sitios, a que chamava—*jardim da serra.*

O territorio d'esta freguezia é fertil em todos os fructos do paiz, e muito abundante de azeite.

—

A um kilometro ao N. de Minde, existe uma caverna ou lapa, chamada *o Regatinho.* Durante as chuvas do inverno, vomita muita agua; mas, de verão sécca.

Durante as invasões napoleonicas, serviu esta caverna de asylo a muitas familias que aqui escaparam á morte, á deshonra e a todas as atrocidades que as hordas francezas perpetravam na sua passagem devastadora.

Tambem aqui se esconderam varias riquezas, muitas das quaes não tornaram a apparecer.

Foi por muitos annos crença arraigada em Minde, que proximo ao *Regatinho* haviam os mouros enterrado uma capa d'ouro, para fazer a qual se empenharam cinco villas—e um jogo de bola, tambem d'ouro.

Em umas escavações feitas ha poucos annos junto d'esta caverna, se acharam alicerces de uns paços mouriscos. A pouca distancia d'este achado, ha uma escavação, chamada *Cova do Mouro.* Tem a sua lenda. Era a habitação de uma formosa filha de Agar, que na manhan do S. João *foi muitas vezes vista*, assoalhando os seus thesouros, e cantando em harmoniosa toada, differentes cantigas, sendo uma d'ellas a seguinte:

«Mais vale a *Pena do Poyo*, [1]
Só, com os seus penedaes,
Que Santarem e Lisboa,
Com todos seus cabedaes.»

—

Caminhando mais para o norte, encontra-se a freguezia de Mira, e proximo a ella, ha uma grande caverna, em cuja abobada se admiram bellas stalactites, e cujo pavimento está erriçado de não menos formosas stalagmites, que, sobre tudo á luz dos archotes, apresentam uma vista bizarra e formosissima.

—

A *Alagôa de Minde*, se é magestosa durante a estação pluvial, ainda tem mais magestade durante a estiagem: cada arvore, cada barreira, é um formoso ramilhete. Grande quantidade de lindas flores, de diversas qualidades, lhe alcatifam o sólo, que é tão abençoado e de tão poderosa vegetabilidade, que tem creado uvas em 50 dias!

Da *serra de Minde*, que tem uns dois kilometros de comprido, se goza o mais bello panorama. Ao N. se vê a villa d'Ourem, tão celebre na nossa historia—a veneranda Santarem—a rica Torres-Novas—a bonita Chamusca—a fertilissima Gollegan—a vetusta Abrantes—os castellos mouriscos d'Alcanêde—o formosissimo e magestoso Tejo—serras, valles, bosques, collinas e varzeas.

No alto da serra ha vastos milharaes, cujo fructo se cria em abundancia, sem ser preciso regado.

—

A freguezia de Minde, é composta dos logares seguintes — *Serra de Santo Antonio, Bajouco, Covão-do-Coelho, e Valle-Alto.*

A serra de Santo Antonio, é uma das al-

[1] Adiante direi o que é a *Pena do Poyo.*

deias mais celebres de Portugal, por causa do seu famoso collegio (ou seminario) onde muitos centenares de mancebos vão beber a instrucção litteraria, aprender a ser bons filhos, bons paes, bons cidadãos, uteis á patria, e catholicos verdadeiros.

Em 26 de março de 1875, falleceu n'este collegio, frei Manuel da Conceição, orador sublime, e consummado moralista: um dos homens do seculo XIX a quem Portugal deve os maiores serviços.

É para lamentar que as cinzas veneraudas d'este varão respeitavel, se achem no pobre cemiterio da Serra, misturadas com as mais, sem uma inscripção que diga á posteridade — «aqui jaz um portuguez, santo e sabio.»—Seria louvavel—seria mesmo o pagamento de uma divida sagrada — que, todos os jovens que elle tornou homens, e que occupam hoje altos logares nos differentes ramos da administração publica, se quotisassem para lhe erigir um singelo monumento, testemunho do respeito e gratidão dos seus discipulos.

Tambem n'esta aldeia nasceu o virtuoso e illustrado *frei José da Conceição*, a quem a nação deve relevantissimos serviços.

—

O *Covão do Coelho*, é rodeado de frondosas arvores, que o fazem fresco e ameno na estiagem. É patria do sr. doutor José Francisco de Santa Martha, vigario geral do bispado de Leiria, e conego da Sé cathedral.

—

Antes da invasão franceza, de 1810, pertencia á freguezia de Minde a capella de Santa Martha, que os mindericos mandaram construir em 1613. No principio do seculo XIX, passou para a freguezia de Alcanêna. Houve por sua causa, desordens em Minde, chegando até a haver mortes; sendo ainda hoje caso de affronta para as duas freguezias, perguntar-se a qualquer individuo d'ellas — «Santa Martha é de Minde, ou de Alcanêna?»

Pia Carneira, tem uma capella de Santa Agueda. Foi da freguezia de Minde, mas actualmente pertence a Albardos.

Tambem foi d'esta freguezia de Minde, o logar do *Covão da Carvalha*. Junto a este logar existem ainda uns paredões antiquissimos, e, segundo a tradição, era o casal do tal velho a quem o conde d'Ourem, D. Nuno Alvares Pereira, foi pedir pousada, e que já fica relatado n'este artigo. Diz-se que até então, não estava esta casa sujeita a justiça alguma, e que o ancião pedira a D. Nuno, que o seu casal fosse livre das justiças de Porto de Mós, o que o conde tambem lhe concedeu, e d'ahi em diante se ficou chamando *Morada*.

—

Faz parte d'esta freguezia, a aldeia de *Valle-Alto*, situada nas abas da serra de Minde. Ha aqui optima cantaria.

N'esta aldeia nasceu Maria do Sacramento, que falleceu no recolhimento de Leiria, com fama de santa, justamente adequirida pelas suas preclaras virtudes.

—

A freguezia de Minde, apezar de se achar situada entre serranias asperas, aridas e alcantiladas, não tendo por vias de communicação com as outras terras, senão atalhos, córregos e precipicios, não escapou á rapacidade e ás atrocidades das hordas francezas; que aqui entraram, pela primeira vez, a 16 de novembro de 1810. Um individuo do povo, deu, com um foguete, signal aos seus conterraneos, da chegada d'estes vandalos do seculo XIX, e a maior parte correu a embrenhar-se nos medonhos alcantis e tetricas cavernas da serra. Aqui se demoraram os francezes, até 6 de março de 1811, praticando as mesmas atrocidades que praticaram nas outras terras da Peninsula, deixando tudo roubado e destruido.

—

Na estação calmosa, é esta freguezia muito falta de agua potavel, e, se não fosse o capitão Manuel Cansado, que á sua custa mandou fazer uma grande cisterna e a poz á disposição do publico, vêr-se-hiam estes povos obrigados a hirem prover-se d'agua a uma distancia de mais de cinco kilometros

As cinzas d'este cidadão benemerito, estão guardadas religiosamente, em uma sepultura, á entrada da egreja matriz. Foi aberta no dia 30 de setembro de 1866, para n'ella se depositarem os restos mortaes do

padre Manuel Bento Estevães, que com inexcedivel zêllo parochiou esta freguezia por mais de quarenta annos.

—

Minde é uma das antigas freguezias do reino, e teve varios privilegios: hoje, por falta de estradas, e porque os artefactos de lan que aqui se fabricam, são de materia prima mal escolhida, e de não ser perfeito o seu acabamento, perdeu bastante da sua antiga importancia; concorrendo tambem para a sua decadencia, a extincção das ordens religiosas, pois no hospicio dos arrabidos, d'esta freguezia, trabalhavam muitas pessoas, sendo por isso este estabelecimento religioso considerado tambem como uma boa fabrica de lanificios, com sahida certa, para todos os mosteiros da provincia, como já fica dito.

Não era só o pão do corpo, que os mindericos encontravam n'este hospicio: era tambem o pão do espirito, e muitos d'aqui sahiam para se espalhar por todos os mosteiros da Extremadura; não havendo um só convento onde não houvesse frades naturaes d'esta freguezia.

Os reis D. João V e D. João VI, honravam sobremaneira os frades de Minde, que por vezes receberam d'aquelles monarchas assignalados beneficios. D. João VI, a rogos de um frade minderico, commutou uma sentença de morte, a frei Antonio de S. Boa-Ventura (por dizer tres missas em um dia, sem a devida auctorisação) em reclusão temporaria.

Consta que D. João VI estimava muito o tal religioso (o que pediu) por ser o melhor cantor de Mafra.

—

Este monarcha (que, como todos sabem, era excessivamente guloso) deliciava-se com as eirozes de Minde; e dizia que, nem em Portugal, nem no Brazil, comêra peixe tão saboroso.

Foi D. João VI, que mandou ao guardião do hospicio, construir o *caneiro* para a pesca das enguias e eirozes, e queria que todos os annos, no tempo da pesca, lhe mandassem uma porção escolhida d'este peixe.

Este *caneiro* ainda existe, e ainda conserva o nome de *caneiro dos frades.*

—

Do sagrado edificio em que até 1834 se elevavam constantemente o incenso e as orações ao Todo Poderoso, só resta a capella, em ruinas, e a cisterna; e isto mesmo foi vendido em hasta publica por uma quantia insignificantissima (nem, materialmente valia mais) sem haver uma auctoridade local que pedisse a sua conservação, para ficar a capella para o publico, e o edificio do mosteirinho para habitação do professor, e para sala da escola!

—

Já disse que a freguezia está por toda a parte cercada de penedias alcantiladas, que a rodeiam como um cinto de muralhas, obradas pela natureza. E' porem delicioso ver da planicie, durante a primavera, estes rochedos abrutos, adornados das mais bellas e variadas florinhas de cores diversas, entre ellas, e em maior quantidade, o fatidico alecrim; o rosmaninho aromatico; a formosa pimenteira; a salva medicinal; a bella rosa *albardeira;* a candida assucena; o donoso lirio; e os goivos emblematicos.

—

Apezar de se conservarem na alagoa algumas aguas estagnadas, a terra, em geral, é saudavel; porem ha aqui uma molestia endemica e horrorosa—a lepra—que talvez se podesse evitar, ou pelo menos atenuar, se o governo portuguez lhe mandasse estudar conscienciosamente as causas.

—

Em 1855, foi esta freguezia invadida por um monstruoso numero de *saramantigas,* que a não serem devoradas pelos porcos, e queimadas em grandes fogueiras, ver-sehiam os mindericos obrigados a abandonar os seus lares.

Attribuiu-se esta nojenta praga, a conservarem-se a aguas na lagôa até ao mez de julho.

—

Ao O. do logar de Minde, corre uma alta e ingreme serrania, que vindo d'Albardos, termina em Santa Martha.

Esta serra, vae tomando varios nomes, se-

gundo os sitios por onde passa, v. gr.—*Mindinho, Barreiro, Prilhôa, Abetureira*, e *Picóta*.

Tem n'este ultimo ponto, as ruinas d'um castello romano construido sobre rochedos, e rodeado por tres ordens de muralhas, tudo reduzido a montões de pedras e entulho; mas conhecendo-se ainda o seu ambito. As segundas muralhas eram de uma pasmosa espessura.

O castello tinha 30 metros de circumferencia. A sua posição era temivel, por ser no pincaro do monte. Suppõe-se ter sido construido para defesa da via militar que de Porto de Mós hia a Torres-Novas e d'aqui a Alcanéde.

Ao sopé, está o *Valle da Oliveirinha*, que é uma garganta que dá entrada á estrada que liga entre si estas antiquissimas villas.

Dos lados do E. e S. não tinha muralhas, mas altissimas penedias perpendiculares, por onde só as aves do ceu poderiam chegar á fortaleza. Chamavam-lhe o *castello do Picôto*.

Ha annos principiou-se aqui a construir um moinho de vento; mas desistiu-se da empreza, pela excessiva violencia do motor.

O povo diz que era a habitação de um rei mouro. Ainda pelo monte se veem espalhados fragmentos de telhas e tijolos, e vestigios de casas, proximas ao castello.

E' certo que por aqui teem apparecido algumas moedas antiquissimas (não me souberam dizer se eram romanas ou árabes) e o vulgo diz que ha aqui muitos *thesouros encantados*, o que tem dado causa a muitas, mas inuteis escavações.

O sitio onde existiu o castello, é dos mais bellos do reino, pela vastidão e contrastes do seu formoso panorama.

A pouca distancia d'esta antigualha, está a capella de Santa Martha, edificada, como um ninho d'aguia, sobre os alcantis da serra.

Abaixo da capella está uma abundante nascente d'agua, chamada *Fonte Santa*.

—

O *Poyo* ou *Penedo do Poyo*, é um olho de agua, a 2 kilometros ao N. de Minde. A agua sahe por entre cascalho, fazendo logo moer um moinho de pão, com quatro pedras, e um lagar de azeite. Corre com grande impeto, formando com o *Olho da Mira* a grande *lagôa de Minde*, de que já tratei.

Tambem o povo crê que ha aqui uma grande riqueza *encantada*, que os mouros deixaram no seculo XII, quando foram expulsos d'estas terras.

OLHO DE MOURELLOS—grande nascente d'agua, Douro, concelho d'Ançan.

Nasce junto ao logar da *Ferraría*, e junta com as nascentes da *Fonte de Ançan*, *Gruta de Portunhos*, *Olhos da Loureira*, e *Valle Travêsso* (ou *valla dos Cavalleiros*) formam uma ribeira, abaixo da *Mascarenha* no *Parisol*, a qual, correndo do N. a S., vae desaguar na valla chamada *dos Fórnos*, abaixo do logar de *Láva-Rábos*, no sitio do *Caldeirão*.

Quando esta ribeira (denominada *de Ançan*) leva muita agua, chegam os barcos carregados de sal, que vem da Figueira, pelo Mondego, até á quinta do *Ról* (dos srs. Pinto Bastos, da Vista-Alegre) que é na *varzea d'Ançan*. Aqui, por muitas vezes se teem carregado barcos, com 8 pipas de vinho da Bairrada, para a Figueira.

A ribeira produz enguias, sôlhos, trutas, barbos e um peixe miudo chamado *ruivacos*, que são do tamanho de camarões. Na *valla dos Cavalleiros*, se pescam, ás vezes, ameijoas.

OLHO MARINHO — aldeia, Extremadura, termo, e concelho d'Obidos, já mencionada quando tratei d'esta villa.

Ha na aldeia de Olho Marinho, uma capella, dedicada ao S.S. Coração de Maria, feita pelo sympathico padre Francisco Raphael da Silveira Malhão, á custa dos seus primeiros sermões, que fez publicar. E' um templosinho, tão formoso e poetico como a alma do seu fundador.

OLHOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães.

E' a actual freguezia de S. Miguel de Caldellas.

Vide *Oculis*, a pag. 199, col. 1.ª, d'este volume.

OLHOS DA LOUREIRA—Nascente d'agua,

Douro. Rebenta junto á villa d'Ançan. Vide *Olho de Mourellos.*

OLINA—antiga cidade da Lusitania, cujo sitio hoje se ignora.

E' talvez uma das que estanceavam na famosa *serra de Arga* (o *Medulio* dos romanos.)

Ptolomeu a colloca em 8,°30' de longitude—e 45,°30' de latitude.

Pertencia á chancellaria de Lugo, e era portanto ao N. de Braga, e alem do Lima, entre este rio e o Minho.

Foi destruida pelos suevos, ou pelos árabes.

OLÍVA—portuguez antigo—*azeitona*, fructo da oliveira.

Quando é em quantidade sufficiente para fazer azeite, dizemos *azeitona*, e quando se destina a ser cortida, diz-se *azeitonas.*

Em um documento, de S. Christovão, de Coimbra, de 1362, se lê: — *E que cavedes,* (caveis) *e abrades,* (abraes) *e amotedes* [1] *as ditas oliveiras.... e que sacodades e façades as* olivas, *que Deus hi der no chaaom... E que dedes a mim a meytade das ditas olivas, e que me dedes de cada çazom* [2] *huum alqueire dazeite ffeito no lagar de melhoria.*

Oliva, é tambem um appellido nobre em Portugal. E' de Hespanha, tomado da villa de Oliva (Navarra), d'onde passou a Portugal, na pessoa de Lourenço d'Oliva, ao qual o rei D. Sebastião deu armas proprias, para elle e seus descendentes, em 1565, durante a regencia do cardeal D. Henrique — depois, cardeal-rei.

[1] *Amotar,* portuguez antigo— significa — fazer mottas, vallas, ou tapumes, para resguardo de qualquer fazenda.

[2] *Çazom, saçom, sazom, sazão, e sezão*— portuguez antigo. — Umas vezes se tomava por occasião, tempo proprio e opportuno — e outras pelo tempo de um anno inteiro. *Devees podar, amurgulhar, cavar, e enpaar a vinha; e o olival, lavrallo, e abrillo, e* amotallo, *e stereallo de dous em dous annos; segundo husso, e costume da dita cidade, e nos tempos, e* sações *convinhavees.* Doc. de S. Christovão, de Coimbra, de 1392.—De *çazom* vem *sasonar.*

Vem do gallo-celta *saison* — estação propria, quadra, tempo proprio, etc.—Tambem se dizia *gram-çazom,* que significava muito tempo.

São — em campo verde, leão d'ouro, lampassado de púrpura, armado de negro, e atravessado pelo peito, por uma lança de prata, com aspa de púrpura, que lhe sáe pelas costas, e lançando sangue pela ferida. O leão está sobre um contrachefe estreito, de ondas de azul e prata. Elmo de aço aberto—timbre, meio homem, de frente, vestido de púrpura, com metade da hastea da lança na mão.

Joaquim José de Olíva, justificou ser descendente d'esta familia, e se lhe passou carta de brazão, d'estas mesmas armas, em 10 de dezembro de 1781.

Outros do mesmo appellido, usam—em campo de púrpura, um esquadro de carpinteiro, de prata, semeado de aspas de purpura. O élmo e timbre dos antecedentes.

OLIVAES — freguezia, Extremadura, cabeça do concelho do seu nome, comarca, patriarchado, districto administrativo, termo e 6 kilometros a N.E. de Lisboa, 700 fogos.

Orago, Santa Maria, ou Nossa Senhora do Rosario, dos Olivaes. — 2.ª estação do caminho de ferro do norte e leste. (A 1.ª é no Poço do Bispo, d'este concelho.)

O *Port. Sacro e Prof.,* não traz esta freguezia, por esquecimento, pois já existia havia mais de 300 annos, quando aquella obra foi publicada. — O actual prior, tem, de pé de altar e mais rendimentos parochiaes, 171$200 réis — derrama, 328$800 réis — total, 500$000 réis.

Este concelho (creado por decreto de 11 de setembro de 1852) é composto de 21 freguezias, todas no patriarchado—são—Ameixoeira, Appellação, Arroyos (extramuros de Lisboa), Beato-Antonio, Bucellas, Camarate, Campo-Grande, Charneca, Fanhões, Friellas, Loures, Lousa, Lumiar, Olivaes, Póvoa de Santo Adrião, Sacavem, Talha, Tojal (Santo Antão), Tojalinho (ou S. Julião do Tojal), Unhos, e Via-Longa — todas com 6:500 fogos. Teve no seu principio, a freguezia de Santo Estevão das Gallés, que passou depois para o concelho de Mafra.

—

A povoação dos Olivaes, está situada em terreno levemente accidentado, porém muito

superior ao nivel do Tejo, e a pouca distancia da sua margem direita. O seu territorio, alternado de frondosos arvoredos, bonitas casas de campo, com suas quintas, e alguns logares, tornam o sitio sobremaneira agradavel, fertil e aprazivel. Tem esta povoação apenas uns 50 fogos, com 200 almas.

A egreja parochial (Santa Maria dos Olivaes) é antiquissima, não se sabendo por quem nem quando foi fundada. O que se sabe é que já existia em 1420.

Segundo a tradição, a imagem da padroeira appareceu em um olival, dentro da cavidade do tronco de uma oliveira, e d'aqui veio o nome á Senhora, e depois á freguezia.

Refere o *Sanctuario Marianno* (vol. 1.º, pag. 429) que a congregação dos conegos de S. João Evangelista, de Portugal, teve principio pelos annos de 1420, reinando D. João I, e que a primeira casa que tiveram foi esta egreja, que lhes foi offerecida pelo prior, que então era d'esta freguezia — «que era parochia, e a mais antiga que se sabe; a qual teria tido até alli, muitos priores antes d'este.»

Os conegos (loyos) aqui residiram algum tempo, porém—não se sabe porque—o prior da freguezia, arrependeu-se da doação que voluntariamente lhes tinha feito, e annullou-a, expulsando-os.

Em 1483, o cardeal, D. Jorge da Costa, uniu esta egreja á capella de Nossa Senhora da Assumpção, do convento de Santo Eloy, [1] ao qual d'ahi em diante, até 1834, ficaram pertencendo os dizimos da freguezia, e o seu reitor, apresentava o vigario dos Olivaes.

Na sachristia da egreja matriz, ainda em 1700 se conservava o tronco da oliveira em que a Senhora appareceu, e o vigario de então, o mandou arrancar.

É formosa a situação da egreja matriz, a qual, com algumas casas que a circumdam, está cercada de frondoso arvoredo, vendo-se a bonita povoação de Sacavem, a Póvoa de Santa Iria (edificada á beira do caminho de ferro do N. e L., que tem aqui a sua 4.ª estação, e fica proximo da margem direita do Tejo). Depois segue-se a cordilheira de montes, em cujas faldas estão as villas de Alverca, Alhandra e Villa Franca de Xira. O Tejo magestoso, remata ao S. este formoso e vasto panorama.

A estrada que de Lisboa conduz aos Olivaes, passa junto do arvoredo que cérca a egreja.

Os paços do concelho dos Olivaes estiveram muitos annos no Campo-Grande, a 8 kilometros da egreja dos Olivaes! [2]

No logar de Marvilla, d'esta freguezia (vol. 5.º, pag. 118, col. 1.ª) está o celebre palacio e *quinta da Mitra*, do qual alli fallei; e depois a pag. 344, col. 2.ª, do mesmo volume. Aqui accrescentarei ainda o seguinte:

Esta sumptuosa propriedade, foi vendida em 1864, em praça, no tribunal do thesouro publico, ao sr. D. José Salamanca (depois marquez de Salamanca) por pouco mais de dez contos de réis. Fez-se esta venda, para que o producto d'ella fosse empregado na compra do palacio do fallecido conde de Barbacena, no campo de Santa Clara, em Lisboa, para ficar servindo de residencia aos patriarchas.

Para este palacio veio, em busca de melhoras, D. frei Francisco de S. Luiz Saraiva (2.º do nome, na serie dos patriarchas de Lisboa), mas aqui falleceu, em 7 de maio, de 1845.

—

É n'esta freguezia a povoação do *Poço do Bispo*; onde está a 1.ª estação do caminho de ferro de Norte e Leste. Tambem são d'esta freguezia, os logares de *Braço de Prata* (vol. 1.º, pag. 432, col. 1.ª)—*Cabo Ruivo* (vol. 2.º, pag. 16, col. 1.ª)

No sitio do *Poço do Bispo*, se afasta do Tejo a estrada marginal, e internando-se

[1] Onde o mesmo cardeal mandou sepultar os cadaveres da infanta D. Catharina, filha do rei D. Duarte — e de D. Leonor, sua irman, que nasceu a 25 de novembro de 1436, e falleceu em 1463.

[2] Actualmente está na parte da freguezia de S. Jorge (Arroyos) extramuros de Lisboa, em um predio do sr. conde de Magalhães, no *largo do Leão*, n.º 12. No pavimento inferior, é a afferição dos pesos e medidas—no 1.º andar, a camara—e no 2.º, a administração do concelho, a repartição da fazenda e a recebedoria.—No 3.º andar é um hospicio, do municipio, que tem a seu cargo 21 creanças.

um tanto, vae direita ao logar dos Olivaes, e d'ahi a Sacavem.

Antes porém de chegar aos Olivaes, passa por S. Cornelio, mosteiro de religiosos arrabidos, situado em uma planicie, cercada de bastos arvoredos, que fazem este sitio muito aprazivel. Foi este mosteiro fundado pelo sargento-mór, João Borges de Moraes, em uma ermida que aqui existia, dedicada a *Nossa Senhora da Estrella*, em 1674. Nos seus principios, foi apenas um hospicio, ou casa de convalescença, dos religiosos d'esta ordem; mas, em 1718, foi ampliado o edificio, sendo então constituido em mosteiro regular. É edificio pequeno e de modesta fabrica, e em harmonia com a egreja, que é tambem de acanhadas dimensões, e de muita simplicidade.

Foi notavel este templo, pela concorrencia de romarias que vinham aqui festejar o seu orago, e ainda mais, por uma usança singular do povo, n'estas occasiões — era a seguinte—offereciam a S. Cornelio, uns cornos de prata, ou de cêra (segundo o voto ou promessa que lhe haviam feito).

Julga-se que isto provinha do proprio nome do santo, e de elle ser advogado contra as molestias do gado bovino.

Expulsos os religiosos, em 1834, ficou o mosteiro e a sua cêrca servindo de residencia e passal, do parocho da freguezia.

—

Um decreto de 25 de julho de 1860, conferiu aos Olivaes, o seu brazão d'armas, que é — escudo dividido em palla, tendo na 1.ª, as armas de Portugal; na 2.ª, dividida em dois quarteis, no superior, em campo azul, a rainha Santa Isabel, tendo á direita, o rei D. Diniz, seu marido — e á esquerda, seu filho, o infante D. Affonso, depois IV — todas as tres figuras, de prata, com corôas e espadas d'ouro. No inferior, em campo de ouro, duas oliveiras, da sua côr, tudo encimado com a corôa real.

Symbolisam estas armas, as pazes que fez Santa Isabel entre seu marido e seu filho, em Alvalade, no anno 1323. (Vide *Alvalade, Campo-Grande* e *Campo-Pequeno*.)

Note-se que aquelle decreto (que custou ao municipio 200$000 réis, de *direitos de mercê!*) só mandava ter os dois ultimos quarteis do escudo — depois, sendo presidente da camara o sr. visconde do Paço do Lumiar (Costa Bueno) é que o escudo se augmentou com as armas de Portugal e com a corôa.

As oliveiras, alludem tambem ao nome da terra.

—

Tem este concelho:

Fabricas — d'alvaiade, 1; aguardente, 1; bolacha (a vapor), 1; cortiça, 2; descasque d'arroz (a vapor), 1; tinturaria e estamparia, 7; lanificios, 2; loiça de barro, 4; loiça fina, 1; massas, 1; moagem de farinha (a vapor, 2; papel para escripta (a vapor), 1; papel pardo e papelão, 2; sabão, 6; sebo, 7; tabacos, 2; tecidos d'algodão, 2.

Ha n'este concelho 471 carros de bois, e 466 carroças, tiradas por bois ou muares.— Em Sacavem ha uma praça de touros, inaugurada em 16 de maio de 1875, por occasião da feira do Espirito Santo. Está construida na margem direita do rio, junto á estrada que conduz á estação do caminho de ferro, e proximo a esta.

Ha no concelho (1875) 10 trens d'aluguer.

A industria fabril é quasi exclusiva do Beato e Olivaes.

Tem os seguintes asylos: no Beato, dirigido pelo governo, o de «Maria Pia,» para mendigos e infancia abandonada, d'ambos os sexos.— Campo-Grande, á expensas de particulares, infancia desvalida do sexo feminino.— Lumiar, infancia desvalida (sexo feminino) e pobres. Está-se ampliando o edificio para recolher os asylados, que só teem educação, comida e vestuario.

No edificio do extincto convento de Nossa Senhora da Conceição, de Marvilla, está o asylo de D. Luiz I, que esteve em Belem.

Na povoação dos Olivaes ha uma escola de meninas, mantida pela sr.ª viscondessa dos Olivaes; e na do Beato, outra subsidiada pelo sr. conde do Casal Ribeiro, e auxiliada pela Associação Humanitaria, do Beato.

Irmandades e confrarias, 22, com o ren-

dimento annual (medio) de 4:415$000 réis.

Albergarias, 1.

Escolas publicas, nos Olivaes, a Normal primaria de Lisboa, e mais 15 do sexo masculino, 3 do feminino, e 2 mixtas. Trata-se da creação de mais 2 para o feminino.

Escolas particulares, pagas pelas familias dos alumnos: 1 de pilotagem, em Braço de Prata (diz-se que irá para Belem), e de instrucção primaria, do sexo masculino, 3; feminino, 12.

Escolas gratuitas: Para os asylados, no Maria-Pia, uma para cada sexo; e uma para o feminino em cada um dos outros asylos.— 2, uma para cada sexo, a expensas do sr. Archibald Turnerr.

Associação de soccorros mutuos, filial da Humanitaria, 1 no Beato.

Estações do caminho de ferro de leste, 3: Poço do Bispo — Olivaes — e Sacavem.

Minas: em Louza, do sr. Jayme Antonio Sobral, 1 de cobre, ferro e carvão; 1 de cobre e enxofre.

Direitos de portagem, na ponte de Sacavem: [1] em 1873 rendeu 647$385 réis; abatidos os ordenados e mais despezas, entrou no cofre, 378$825 réis.

Mercados: Gado — 1.° domingo de cada mez, no Campo-Grande — 2.°, Sacavem — 3.°, Charneca — 4.°, Loures.

Feiras — 2.° domingo d'outubro até ao fim do mez, Campo-Grande; bijouterias, lans, linhos, fructas, etc. (os 3 dias primeiros, gado.)

Domingo d'Espirito-Santo — Sacavem, 3 dias — gado e diversos generos.

2 de fevereiro — gado — Lumiar.

24 » Idem idem.

24 de agosto — Idem (3 dias) — Charneca.

Sexta-feira de Paixão — gado — Loures.

1.ª Oitava da Pascho — gado — Caneças.

29 de junho — gado — Caneças.

29 de junho — gado — Loures (4 dias).

Domingo de Paschoa — gado (3 dias) — Santo Antão do Tojal.

10 d'agosto — gado (3 dias) — Póvoa de Santo Adrião.

[1] Feita em 1841.

Numero de propriedades urbanas (actualmente), 2:977, com o rendimento collectavel de 106:394$191 réis.— Rusticas, 7:254, rendimento collectavel, 293:805$657 réis.

A fabrica de lanificios de Chellas — fiação e tecidos, em Xabregas — e a do Campo Grande — em 1872, produziram o valor de — 196:129$000 réis, trabalhando 80 homens, 74 mulheres, 108 rapazes, e 32 raparigas.

Pedreiras d'alvenaria, em exploração, 6— produzindo, em 1872, 11:620 metros cubicos, não contando com a do sr. duque de Loulé, em Vialonga, na extensão de 600 metros, pois que a explora gratuitamente qualquer pessoa que lhe peça.

Movimento da população em 1874

Nascimentos: filhos legitimos,	varões...	440
» »	femeas..	358
» ditos illegitimos,	varões...	84
» »	femeas..	51
	Total...	933
Obitos: masculinos	....	365
» femininos	....	335
	Total...	700

D'estes, 50 falleceram nos asylos. (A maior mortalidade foi nos mezes de julho e agosto.)

Casamentos.................. 182

—

Os mosteiros d'este concelho onde ainda ha religiosas professas, são os seguintes:

1.°—Nossa Senhora da Conceição, da Luz— em Arroyos, freguezia de S. Jorge, extramuros.

2.°—Nossa dos Martyres e Conceição — em Sacavem.

3.°—Freiras agostinhas (grillas)—no Beato.

4.°—Conegas regrantes de Santo Agostinho (cruzias)— em Chellas.

—

Recolhimentos no concelho

Rêgo—Campo-Grande—Amparo (no Beato) — e Nossa Senhora do Monte do Carmo, nos Olivaes.

—

Está auctorisada a creação de quatro partidos medicos, n'este concelho.

Vae construir-se um matadouro municipal, no sitio do *Senhor Roubado* (Ameixoeira), o qual, segundo a planta, já approvada, deve ficar magestoso, e com as precisas condições de aceio e salubridade.

O governo auctorisou esta construcção em junho de 1875.

—

Em 1859 foi creada uma medalha commemorativa, pelos serviços prestados ao povo, pela occasião da febre amarella (1857); com esta medalha foram condecorados varios facultativos e empregados publicos.

—

Ha duas estações de guardas municipaes— uma no asylo *Maria Pia*, outra na fabrica de tabacos, em Xabregas.

—

Na manhan do dia 26 d'outubro de 1874, se suicidou com um tiro—no olival do conde de Valladares, freguezia dos Olivaes — Lourenço Marques. O vicio infame do jogo é que o levou a este acto de desesperação. Se ao menos este exemplo (e outros muitos) aproveitasse aos jogadores, ainda o caso não era tanto para lamentar; mas, infelizmente não approveita, e o jogador, depois de perder a sua fortuna e a sua consideração na sociedade; e depois de deixar a sua familia (se a tem) na miseria, e muitas vezes na deshonra, acaba por ser ladrão ou suicida.

—

Em outubro de 1874, foram manifestadas na camara dos Olivaes, uma mina de carvão (linhite) e outra de enxofre.

—

Em uma terça-feira, 11 de maio de 1875, teve logar a ceremonia da benção da nova capella que o sr. conde da Redinha mandou edificar na sua quinta de Montalvão, freguezia dos Olivaes; a qual capella foi dedicada a *Nossa Senhora da Conceição de Lourdes.*

E' o primeiro templo d'esta invocação, no patriarchado e o segundo em Portugal.

Foi escolhido esse dia, por ser o anniversario da senhora condessa, e do seu casamento.

Foi esta ceremonia feita com todo o esplendor, havendo missa solemne, e sermão, em honra da milagrosa padroeira.

Foram convidados para assistir a esta festa religiosa, os proximos parentes dos srs. condes e os seus amigos mais intimos, havendo no fim um esplendido jantar.

Os nossos antigos fidalgos, não se envergonham de ser fervorosos catholicos, e de o confassarem publicamente.

—

A quinta de Montalvão, pertenceu ao antigo morgado de Montalvão (revendicado por Sebastião José de Carvalho e Mello, depois 1.º marquez de Pombal, *antes do seu governo,* como se vê do processo de revendicação archivado na Torre do Tombo, e no cartorio da casa do Pombal) foi sobrogada por bens da marqueza de Cascaes, por morte da qual passou para a corôa.

El-Rei D. José I, fez doação d'ella a José Francisco de Carvalho Daun (que foi o 1.º conde da Redinha) por alvará de 16 de julho de 1776, e carta régia de 19 de agosto do mesmo anno; para a lograr por si e seus successores (dispensada à *Lei Mental*) com a natureza de vinculo, com que a possuiu seu pae o 1.º marquez do Pombal, antes da sobrogação que d'ella fez, pela sua *Real Resolução*, de 12 de setembro de 1760, com a marqueza de Cascaes, por cujo obito ficou nos Proprios da Real Fazenda, em que então estava.

Por morte do dito José Francisco de Carvalho e Daun, 1.º conde da Redinha, e depois 3.º marquez do Pombal, por ter fallecido seu irmão primogenito o 2.º marquez (Henrique) succedeu na posse da casa da Redinha, e por tanto, da quinta mencionada, o seu filho segundo, Nuno Gaspar de Carvalho Daun e Lorena, conde da Redinha, que falleceu em 14 de maio de 1865.

Partilhada a casa da Redinha, pela lei da desvinculação existente, coube esta quinta ao filho primogenito do ultimo conde, Antonio Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena, que hoje a possue, sendo notaveis as bemfeitorias que o antigo predio urbano da mesma quinta tem recebido e novas construcções que se teem feito desde então.

Consta a propriedade, de predio urbano, commodo e luxuoso, a nova e formosa capella, de Nossa Senhora da Conceição de

Lourdes; casa para rendeiro e officinas precisas. A quinta é murada e compõe-se de vinha e arvores de fructo, e tem annexas, duas terras de semeadura, com seus olivaes, um denominado *Valle de Judêo*, vulgo—os Paios—(por ser fronteiro á quinta d'este nome, e que fica na estrada que vae do Poço do Bispo para os Olivaes por S. Cornelio) e o outro—*O Copeiro*—no caminho que vae do logar da Lage para Chellas, fronteiro á quinta da Céra.

E' actualmente representante e administrador da nobilissima casa e condado da Redinha, o sr. Antonio Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena, 3.º neto do 1.º marquez de Pombal, cavalheiro sympathico, que todos respeitam pelas suas bellas qualidades; e apezar de pertencer ao partido legitimista portuguez, conta amigos sinceros em todas as parcialidades politicas, em que, infelizmente, estão divididos os portuguezes.

—

Trata-se de contratar com a companhia do gaz, da illuminação em differentes pontos do concelho. N'isto se empenha calorosamente, o actual digno presidente da camara, o sr. Lucas da Silva Azeredo Coutinho Cardoso Castello; porem são poucos os rendimentos do municipio, pelo que não é facil o cumprimento dos desejos d'este benemerito e prestante cavalheiro.

A estrada dos Olivaes, desde as portas da cidade até ao Poço do Bispo, já principiou a ser illuminada a gaz, em novembro de 1875.

—

Tem a freguezia dos Olivaes a distincta honra de ser patria do grande D. Francisco d'Almeida e Mendonça, que nasceu em 30 de fevereiro de 1757, e falleceu na cidade do Porto, em 18 de agosto de 1804. Jaz no cemiterio do *Prado do Repouso* (Porto) em um humilde mausoleu (!) em frente da capella.

Foi 1.º senhor donatario da villa da Ponte da Barca; corregedor e provedor da cidade do Porto; e alcaide-mór de Marialva.

D. João d'Almada Quadros e Sousa Lencastre, seu filho (unico varão) foi 1.º barão de Tavarêde (Figueira) feito pelo principe regente—depois, D. João VI—em 1804, e 1.º conde do mesmo titulo, em 1848.

Sua unica filha (de D. Francisco d'Almada) casou com o morgado da Roliça.

D. Francisco d'Almada e Mendonça, era filho de D. João d'Almada e Mello, 9.º senhor de Villa Nova do Souto d'El-Rei; 7.º senhor do morgado dos Olivaes (onde nasceu D. Francisco d'Almada e Mendonça); 11.º senhor de Albergaria da Magdalena; 9.º alcaide-mór de Palmella, etc.

Vide, para a sua biographia, o 5.º vol. a pag. 300—e o 6.º, a pag. 58.

—

Ao sr. Camara Leme, dignissimo e illustrado empregado publico do concelho dos Olivaes, devo uma grande parte dos esclarecimentos que ficam mencionados; pelo que lhe dou os meus mais cordiaes agradecimentos.

—

E' visconde dos Olivaes, o sr. Antonio Theophilo d'Araujo.

OLIVAES—Vide o 1.º *Olival.*

OLIVAES — freguezia, Douro, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo a Coimbra, 105 kilometros ao S. do Porto, 204 ao N. de Lisboa.

Tem 900 fogos.

Orago Santo Antonio de Lisboa.

No *Casal do Maia*, d'esta freguezia, vive uma mulher chamada Jacintha, que nasceu em 1767 (no mesmo anno em que nasceu D. João VI!) Anda pois em 108 annos.

Não se entrega a grandes trabalhos, porque vive na companhia de um filho, já velho, que a sustenta; mas, assim mesmo, ainda faz alguns serviços. Tem filhos, netos, bisnetos e trinetos.

O mais que ha a dizer d'esta freguezia, está a pag. 352, col. 1.ª e seguintes, do 2.º volume.

OLIVAL ou SANTA MARIA DO OLIVAL — e tambem, *dos Olivaes.* Actualmente a unica freguezia da cidade de Thomar. E' pois comarca, concelho, e prelazia d'esta cidade, no districto administrativo de Santarem, e está annexa, no ecclesiastico, ao patriarchado. Dista de Lisboa 130 kilometros ao N.

Tem 1000 fogos.

Em 1757 já tinha uma só freguezia, mas com duas egrejas matrizes, cada uma curada por seu parocho, e com 953 fogos.

Era até 1834 *nullius diœcesis.*

Uma das egrejas é dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, vulgarmente, Nossa Senhora do Olival, ou dos Olivaes.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis, de rendimento annual.

A outra, é da invocação de S. João Baptista. O cura era collado, e da mesma apresentação. Tinha de rendimento annual réis 200$000.

Pertenciam a esta egreja, todos os freguezes que viviam *intra muros* da villa (hoje cidade) e á de Santa Maria, os que habitavam nos suburbios da povoação, e os que viviam espalhados pelos *montes* (granjas ou casaes.) Ambas são collegiadas.

—

A egreja de Santa Maria do Olival, está fóra da cidade, e na margem opposta do Nabão, e foi cabeça da ordem dos templarios, primeiro, e desde 1319, da ordem de Christo.

O templo é de architectura gothica, mas de singela construcção.

Alli estão sepultados os mestres das duas ordens acima referidas, em uma capella do corpo da egreja. Até aos reinados de D. Manuel e D. João III, cada um dos sepultados tinha tumulo especial, sendo alguns de boa construcção, mas com o pretexto de desobstruir a egreja de tantos mausoleus, praticou-se o vandalismo de os desmoronar, fazendo se a trasladação para uma só capella como dissemos.

Perderam-se assim os epitaphios que estavam gravados nos sepulchros de tantos mortos illustres, ficando apenas os de Gualdim Paes e Lourenço Martins.

Na capella-mór ainda se vê a inscripção sepulchral de D. Gil Martins, primeiro mestre da ordem de Christo.

O mais que pertence a esta freguezia, vae em *Thomar.*

OLIVAL—(Nossa Senhora do) Beira Baixa, freguezia, concelho, comarca e 1 kilometro da villa da Certan, districto administrativo de Castello-Branco; no patriarchado, por ser do grão-priorado do Crato.

Fóra da villa da Certan, a 1 kilometro de distancia, está o sanctuario de *Nossa Senhora do Olival,* assim denominada, por ser edificada entre olivaes; mas, o seu verdadeiro titulo, é Nossa Senhora da Graça.

Teem muita devoção com esta santa imagem, não só os povos da villa da Certan, mas todos os dos arredores, que ahi concorrem frequentemente a fazer romarias á padroeira.

A sua festa principal, é a 15 de agosto, dia da sua Assumpção, e se costuma fazer com grande esplendor e muita concorrencia.

Tinha o templo um capellão, ao qual chamavam prior, com uma congrua sufficiente para a sua sustentação, apresentado pelos grãos-priores do Crato, até 1834.

A egreja é grande e bonita, com tres altares—podendo ser egreja matriz de uma grande freguezia. Junto d'ella ha boas casas, e uma quinta, pertencente aos priores.

O sitio em que está a egreja é algum tanto elevado do terreno circumferente, e é um logar alegre, ameno e muito formoso.

Junto ao altar de Santa Catharina, virgem e martyr, ha um nicho, onde esteve mais de 200 annos uma estatua do santo condestavel, D. Nuno Alvares Pereira. Um prior a desfez, e collocou em seu logar uma imagem de S. Braz.

Jorge Cardoso, no seu *Agiologio* (P. 3.ª, pag. 217) refere o caso da maneira seguinte:

«Ha bem poucos annos, que tinha o mes«mo condestavel, imagem de vulto, na egre«ja de Nossa Senhora do Olival, na Certan, «como nos affirmaram pessoas fidedignas, e «d'alli naturaes. Era ella de cêra, *estatura «humana,* á qual recorriam os febricitantes «de todos aquelles contornos, e tirando uma «migalha de cera, d'ella, trazida ao pescoço, «em nomina, por reliquia, cobravam per«feita saude.»

«Considerando um prior d'esta egreja que «em breve levariam a estatua aos pedaços, «tratou, ambicioso, de se aproveitar do que «pesava, e assim a desfez, e derreteu, para «seu uso, ou para vender. E' fama constan«

«te n'estes sitios, que padeceu por esta cou-«sa, o tal prior, e todos os seus parentes, «graves trabalhos e miserias.»

Diz-se na Certan que isto aconteceu pelos annos de 1604.

Suppõe-se que foi fundador d'esta egreja o proprio condestavel.

OLIVAL—freguezia, Douro, concelho e 13 kilometros ao S. E. de Gaia, comarca, bispado, districto administrativo, e 13 kilometros ao S. E. do Porto, 300 ao N. de Lisboa.

Tem 320 fogos.

Em 1757 tinha 227 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

O cabido da Sé, do Porto, apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

A egreja é antiquissima, e consta que houve aqui um mosteiro de freiras benedictinas, que no fim do seculo XV, se uniu ao de S. Bento da Ave-Maria, da cidade do Porto, e que a actual residencia do parocho é uma parte d'esse mosteiro.

Esta freguezia, parte pelo N. com a de Pedroso, célebre na nossa historia antiga pelo seu famoso mosteiro de monges bentos, um dos principaes que houve em Portugal.

Pelo N. O. e N. parte com a grande freguezia de Avintes, ficando a extremidade N. da freguezia do Olival, proximo da margem esquerda do Douro.

E' terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, e muito abundante de madeiras, principalmente de pinheiro.

Cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra.

Faz grande commercio com a cidade do Porto, tanto pelo rio Douro, como pela estrada real, de 1.ª classe, de Lisboa ao Porto, que passa proxima d'esta freguezia.

E' tambem abundante de peixe, que lhe vem da costa, do Porto e do Douro.

Vide *Pedroso*.

OLIVAL—freguezia, Extremadura, concelho de Villa Nova d'Ourem, comarca de Thomar, 24 kilometros de Leiria, 130 ao N. de Lisboa.

Tem 900 fogos.

Em 1757 tinha 500 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação (vulgo Candeias.)

Bispado de Leiria.

Districto administrativo de Santarem.

Esta freguezia era filial da collegiada de Ourem. Tem cura e coadjutor, que até 1834 eram apresentados pelo cabido da dita collegiada, que lhes pagava, e fabricava a egreja. O cura, tinha de *ordinaria*, 80 alqueires de trigo; 30 almudes de vinho, em mosto; 6 alqueires de azeite; e as offertas da egreja e ermidas.

O coadjutor tinha 20$000 réis. Não tem residencia propria.

Ha aqui uma ribeira (varzea) muito fresca e de muita utilidade, com muitas vinhas, pomares, quintas, olivaes, fontes, e um rio, que corre ao longo d'ella, e a rega e fertiliza, e faz mover muitos moinhos de pão. Traz algum peixe.

Capella, albergaria, e hospital do Pocifal, n'esta freguezia

Martim Annes, clerigo e beneficiado, que foi na egreja de Santa Maria d'Ourem, instituiu, em 1371, n'esta freguezia do Olival, uma capella, com missa quotodiana, e o capellão obrigado a resar n'ella as *horas canonicas;* nomeando administrador para fazer cumprir estas e mais obrigações.

Com a capella, instituiu uma albergaria, com 4 leitos, com suas camas — duas para casados e duas para solteiros — separados uns dos outros—e mandou, que aos pobres, emquanto alli estivessem doentes, que não podessem sahir do hospital, se désse fogo, lenha, sal, farinha, vinagre, azeite e frangos; e o que sobejasse das rendas dos bens, que consignou a esta obra de caridade, se repartisse pelos pobres.

Mandou mais, que dois beneficiados da egreja d'Ourem, visitassem todos os annos esta albergaria e bens sujeitos a ella, pagando-se-lhes o trabalho, á custa das rendas da albergaria.

Tudo isto consta da instituição, que está na capella, e no cartorio da mesa episcopal, do bispado de Leiria.

Como não limitou o que se havia de dar aos dois visitadores, o bispo, D. Martim Affonso Mexia, por visitação, em 1614, arbitrou 400 réis.

O edificio da albergaria está perto da egreja.

A sua visitação e a da capella, é privativa do prelado da diocese, ou do seu visitador. E assim, pretendeu o bispo, D. Pedro de Castilho, que a tomada das contas da confraria e a visitação dos hospitaes e albergarias dos districtos d'Ourem e Porto de Mós, fossem privativamente da sua jurisdicção, como era nas mais partes do bispado; porem o rei lhe indeferiu, mandando que nos ditos dois districtos, e nos de Aljubarrota e Alpedriz, tomasse as contas das confrarias, o visitador ou provedor da comarca, o que fosse primeiro.

Ha n'esta freguezia, as ermidas seguintes:

Nossa Senhora da Guia—na aldeia de Maçomodia. Foi construida em 1601, e dotada por um particular.

Nossa Senhora da Graça—no logar da Gondomaria. Foi feita por visitação em 1603. E' fabricada pela sua confraria e pelos moradores do logar.

S. Sebastião, martyr—em frente das casas que foram de Thomaz Pedroso.

Foi construida e dotada por elle, em 1604. Consta do L.° 2.°, do registo, a fl. 90; mas alli diz-se que é da invocação de S. Domingos. A escriptura da fabrica, está no cartorio da camara ecclesiastica do bispado de Leiria.

S. Martinho, bispo—nos limites do logar da Soutaria. Foi feita por devotos.

S. Sebastião, martyr (2.ª)—no logar do Rosouro. Tem fabrica particular.

Nossa Senhora da Piedade—no logar da Urgueira. E' fabricada pelos devotos.

Santa Barbara, virgem martyr—na quinta que foi de Paulino Mendes. E' fabricada pelo proprietario da quinta.

Santo André, apostolo—na Ventalharia. Tem fabrica particular.

Nossa Senhora da Esperança—na Ribeira, junto ás casas que foram de Gaspar Vicente Martins; mandada fazer por elle, e a dotou com rendas para a sua fabrica.

Nossa Senhora da Conceição—na mesma Ribeira.

E' antiquissima, e foi reedificada em 1578. Tem confraria e compromisso, confirmado pelo cardeal-rei, D. Henrique, no mesmo anno.

Tem esta capella, em anno de *sáfra*, de 60 a 70 alqueires de azeite. Tem uma vinha, que dá, termo médio, 100 almudes de vinho. Sete alqueires de trigo de fôro—e mil e tantos réis em dinheiro, de outra fazenda.

Tem obrigação de certo numero de missas, pelas almas dos que deixaram estas fazendas, e pelos cabidos.

Tem obrigação de ter oito tochas em Ourem, oito em Ceiça, e oito na Egreja-Nova, em arcas fechadas; e dois mordomos em cada uma d'estas partes, e o necessario para enterrar os irmãos de cada uma d'ellas; e de mandar dizer uma missa pela alma de cada um.

Tem tambem obrigação de enterrar os pobres gratuitamente, e mandar-lhes dizer uma missa a cada um, por suas almas. Tem hospital, que instituiu Diogo da Praça, e lhe dotou 40 alqueires de trigo, e dois de azeite.

—

Tem uma grande feira, a 8 de novembro.

No *Estreito*, aldeia d'esta freguezia, na extremidade por onde confina com a de Freixianda, tambem do concelho d'Ourem, está a capella, denominada de *Nossa Senhora do Testinho*, á qual anda ligada uma tradição popular, que tem todos os vizos de ser um facto historico; é o seguinte:

O conde de Castello Melhor, D. Luiz de Souza e Vasconcellos, ascendente dos marquezes do mesmo titulo, sendo perseguido pelos fidalgos da côrte de D. Pedro II (que fôra acclamado rei, em 12 de setembro de 1683, no proprio dia em que fallecera, preso nos paços reaes de Cintra, seu infeliz irmão, D. Affonso VI) sendo perseguido, digo, logo n'esse mesmo anno, por ser amigo e valido do monarcha fallecido, fugiu de Lisboa, e veiu asylar-se n'esta aldeia do Estreito (que é cercada por uma vasta charneca) e

que ahi, disfarçado em trajos de lavrador, passára alguns mezes, vivendo na casa de uma pobre familia, empregando-se nos serviços rudes do campo.

Julgava-se o conde assim a coberto da vindicta dos seus inimigos; porem, acontecendo passar por aqui tres cavalleiros vindos de Lisboa (talvez de proposito a procural-o) em occasião que o conde seguia um lavrador que conduzia uma carrada de matto; e vendo que os cavalleiros reparavam muito n'elle, se foi, disfarçadamente esconder em um valle, por onde corre uma fonte.

Os cavalleiros instaram com o lavrador, para que lhes dissesse se aquelle era com effeito o conde, e lhes indicasse o sitio para onde elle havia hido, ao que o lavrador respondeu, que: nem aquelle era conde, mas um lavrador do logar, nem sabia para onde tinha hido—e, fazendo caminho para o sitio onde sabia que o conde estava escondido, descarregou sobre elle toda a carrada de matto; frustrando assim as pesquizas dos cortezãos, que desesperançados de acharem o conde, se foram por onde tinham vindo.

O conde, sahindo então do seu esconderijo, declarou que tinha escapado, por milagre de Nossa Senhora do Testinho, de cuja imagem andava sempre acompanhado; e logo alli fez voto de lhe erigir uma capella, n'aquelle mesmo sitio, e de a dotar com os meios necessarios, para n'ella se dizer missa nos domingos e dias sanctificados.

O conde cumpriu a promessa, erigindo a capella, e seus descendentes teem cumprido religiosamente a promessa do seu ascendente, cuidando na sua fabrica, e culto divino, e ainda actualmente alli se dizem missas nos dias d'ella.

José Dias Antunes, bisneto do lavrador que encobriu o conde, é que administra os rendimentos da capella, e cuida da sua fabrica e culto.

Para corroborar esta tradição, está á entrada da capella a seguinte inscripção:

AQUI ESTEVE
LUIZ DE SOUZA E VASCONCELLOS,
CONDE DE CASTELLO MELHOR, POR MUITAS
SEMANAS; O QUAL, INVOCANDO
O SANTISSIMO NOME DE
NOSSA SENHORA DO TESTINHO,
TEVE SUA DEFESA.
1683

Consta que existe no cartorio da familia Castello Melhor, um documento que prova a tradição.

—

A egreja parochial da freguezia, está fóra da povoação, no sitio chamado *Adro de Santa Maria*. Tem nove degraus, que se descem para a porta principal, e d'esta para o corpo da egreja, ainda mais oito.

OLIVAL — aldeia, Beira-Baixa, comarca, concelho, freguezia, e termo do Sabugal. Tomou este nome, por causa de um grande olival que havia aqui, e que foi de *D. Alvaro do Olival*, no reinado de D. Pedro I—É d'este cavalleiro que procede o appellido nobre de alguns dos *Olivaes*.

As armas d'estes Olivaes, são: em campo de prata, duas oliveiras verdes, em faxa, com azeitonas d'ouro. Elmo d'aço, aberto; e timbre, uma das oliveiras do escudo.

OLIVEIRA—antiga villa da Lusitania, na actual provincia do Minho, concelho de Fafe. Estava fundada junto ao rio *Cêlho*. Vê-se mencionada no livro da condessa Mumadona.

Não ha hoje vestigios de semelhante povoação, ou mudou de nome, e não se sabe qual das actuaes povoações d'estes sitios teve aquelle.

OLIVEIRA (Paço de)—antiga casa, do Minho, unida á nobre casa do *Tanque*. É da familia dos melhores Vasconcellos, da provincia. Trazem por armas — em campo preto, tres faxas, veiradas e contraveiradas de prata e purpura. Timbre, um leão preto, faxado das tres faxas das armas.

OLIVEIRA (Santa Maria de) — e tambem OLIVEIRA DO MOSTEIRO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi do antigo julgado de Vermuim. Foi villa.

O prior do convento de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentava o vigario, que tinha 140$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Estiveram annexas á esta, as freguezias de S. Thiago de Figueiredo, e de S. Martinho dos Leitões.

É terra fertil, e cria muito gado.

Teve um mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) edificado junto ao rio Ave. Foi seu fundador *Arias de Brito*, avô de D. Soeiro, em 1033, pondo-lhe clerigos. Foi seu primeiro prior, D. Antão. O fundador lhe deu todas as herdades que tinha na villa de Oliveira, em Carrazêdo, e em Subilhães.

Seu neto, o dito D. Soeiro de Brito, reedificou e ampliou a egreja e o edificio do mosteiro, e lhe augmentou as rendas, entre ellas, a das *pesqueiras* do rio Ave, pelos annos de 1200.

Pedro Annes Coelho (irmão do prior d'este mosteiro, D. Fernando Pires Coelho) e sua mulher, D. Margarida Paes (outros dizem, Margarida Esteves Teixeira) doaram a este convento, tres casaes, na terra de Vieira; com obrigação de missa quotidiana, e de terem os frades sempre acceza a alampada da padroeira.

Domingos Martins, abbade de Castellões, lhe doou a sua *quinta de Villa-Pouca*, e o *campo de Real*, pelos annos de 1340.

Este convento foi unido ao de Santa Cruz de Coimbra, em 1599, e para lá passaram todas as rendas; porém depois, algumas d'estas e o padroado da egreja, passou para o mosteiro da mesma ordem, de S. Vicente de Fóra, de Lisboa.

OLIVEIRA — aldeia, Beira-Alta, freguezia de Lourosa. (Vol. 4.º, pag. 466, col. 1.ª, no fim.)

No logar de Oliveira, está a ermida de Nossa Senhora da Expectação, ou Nossa Senhora do Ó, vulgarmente denominada Nossa Senhora de Oliveira.

A aldeia d'Oliveira, fica 5 kilometros a E. de Viseu, e 800 metros ao O. do rio Dão.

A capella fica ao E. do logar, ficando-lhe o O., uma grande extensão de vinhas e pomares, que fazem o sitio formoso e de muita amenidade. Ao E., ha tambem vastos olivaes, terminando em uma serra d'onde se descobre um extenso e variado horisonte.

A capella é ampla, e tem o altar-mór e dois lateraes.

A festa da Senhora, é a 18 de dezembro, que é o dia do seu orago.

Tem uma irmandade muito antiga, cujos estatutos foram approvados em séde vacante, no anno de 1675 (muitos annos depois da existencia da irmandade) pelo doutor provisor do bispado, Duarte Pacheco d'Albuquerque. Suppõe-se que é a reforma de outros antigos estatutos.

O papa, Urbano VIII, por breve de 1628, concedeu a esta irmandade, muitas graças e indulgencias. Constava ella de 100 irmãos seculares e nove ecclesiasticos; alem dos supranumerarios.

Podem ser admittidas á irmandade, todas as mulheres honestas e virtuosas que o pretenderem; mas dão de entrada 4$800 réis. (Os homens dão só 700 réis.)

Os nove sacerdotes de numero, são obrigados a cantar os officios dos irmãos que fallecem, os anniversarios, e a missa principal, do dia da festa da Senhora.

Os irmãos são tambem obrigados a assistir aos officios dos seus confrades que morrem, e aos anniversarios, com obrigação de rezarem n'estas occasiões, um rozario a Nossa Senhora, pelas almas dos defunctos por quem se fazem os officios.

O districto da irmandade é toda a freguezia de Lourosa, toda a de Villa-Chan-de-Sá e a de Silgueiros.

Governa-se pelos officiaes da mesa de cada anno, que são, o reitor, um secretario, um thesoureiro, dois mórdomos, dois deputados, e tres chamadores.

A irmandade não tem outros rendimemtos alem das entradas, ou *joias;* 100 réis por anno, de cada irmão; as esmolas do azeite, para a alampada da Senhora; as offertas dos devotos; e algumas doações testamentarias.

Nunca teve eremitão; mas consta que teve antigamente *eremitôas*.

A capella primitiva era muito antiga; porém, sendo pequena e estando arruinada, foi

reconstruida no principio do seculo XVII.

OLIVEIRA (Santa Maria da) — freguezia, Minho, na cidade de Guimarães.

A pag. 351 do 3.º vol., disse alguma coisa com respeito á *insigne collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães*, reservando para este logar (por não fazer o artigo d'aquella cidade mais extenso) mais algumas noticias que julgo de muito interesse historico.

Foi instituida esta collegiada, com as rendas do mosteiro mais opulento, da ordem benedictina, que então havia em Portugal.

O mosteiro havia sido fundado, em 929, [1] pela condessa Mumadona, viuva de Hermenigildo Gonçalves Mendes, conde de Tuy e do Porto, e governador da provincia de Entre-Douro-e-Minho, e que vivia e morreu em Guimarães.

A egreja do mosteiro, foi dedicada ao Salvador do Mundo e a Nossa Senhora da Oliveira; e no mosteiro, que era duplex, se recolheu e passou o resto de seus dias, a fundadora, que era tia (e alguns dizem que tambem colaça) do rei de Leão, D. Ramiro II. (Vide *Ancora*, rio.)

Do casamento de Muma Dona, ficaram seis filhos, e procedendo-se a partilhas, por morte do conde, tocou á viuva, uma quinta em *Creixomil*, proxima a Guimarães, e a sua filha, D. Onega, uma outra quinta, denominada *Vimaranes*. Como esta fosse julgada mais propria para a fundação do mosteiro, deu a condessa a sua filha a primeira e recebeu a segunda.

Este mosteiro era riquissimo, tendo grandes rendas em Portugal, Leão e Galliza.

Tinha tambem grandes privilegios, concedidos pelos reis de Leão, D. Ramiro II, D. Ordonho III e outros; e depois, pelos reis de Portugal.

Consta do cartorio da collegiada, que no tempo de D. Fernando Magno, rei de Castella e Leão (1037 a 1060) não havia parochia, villa ou logar, desde Ponte-Vedra (Galliza) até á margem direita do Vouga, em Portugal (240 kilometros!) que não fosse foreiro a este nobilissimo convento, do qual foi primeira prelada, a condessa fundadora; o que se prova pela doação que em 951, fez D. Ramiro II, da villa de Milhares, junto ao Douro, a este mosteiro, na qual se lê — *Concedo vobis illam* (a villa de Milhares) *ad tuitionem ipsorum fratrum, et sororum, quae sub vestro militant*, etc.

Dotára tambem, a condessa, esta casa, com riquissimos moveis, muitas peças de prata, de grande valor; porque era a senhora mais rica do seu tempo. Foi freira professa mais de setenta annos, servindo de exemplo ás outras religiosas, pela sua humildade, caridade e penitencias, fallecendo, com fama de santa, no anno mil de Jesus-Christo.

Consta que os primeiros monges que povoaram este mosteiro, vieram do convento de *Tollões* (ou Tellões) freguezia, Douro, hoje da comarca e concelho d'Amarante, e que foi do concelho de Celorico de Basto.

Estando n'este mosteiro, D. Fernando III (o Magno) pelos annos de 1050, lhe confirmou todos os seus antigos privilegios e concedeu aos abbades d'elle, jurisdicção civil e criminal, em todo o territorio que se estende entre os dois rios, Ave, e Visella, e no de *San Torcade* (S. Torquato).

Varios mosteiros (*mosteirós*) foram supprimidos por pequenos, e encorporados n'este, o que tambem lhe augmentou as rendas. Villa do Conde, Fão e outras villas, tambem pagavam rendas a este mosteiro.

Tomando posse de Portugal, o conde D. Henrique (1093) estabeleceu a sua côrte em Guimarães, dando-lhe então foral, com a cathegoria de villa.

N'este tempo, já o mosteiro tinha perdido grande parte das rendas que tinha em Leão e na Galliza; e os fidalgos da côrte de D. Henrique, principiaram por lhe pedir logo muitas das possessões, herdades e terras do mosteiro, que o conde lhes deu, e assim se alienaram muitos dos seus bens, applicando-se a usos seculares um patrimonio ecclesiastico, contra as expressas e positivas clausulas das doações de Mumadona, e apezar das terrificas penas espirituaes por ella impostas aos usurpadores.

[1] Frei Antonio Brandão, diz que foi em 900; mas ainda n'este anno não havia nascido a reforma cluniacense, que só principiou em 910.

Os monges, não tendo já rendas para o seu sustento, e para as despezas do culto divino, abandonaram o mosteiro.[1] Foi depois disto, que a egreja de Nossa Senhora da Oliveira se erigiu em collegiada, sob o titulo de Santa Maria da Oliveira, perdendo o do Salvador, porque era mais conhecida emquanto foi mosteiro. Foi tambem elevada á dignidade de capella real, até 1139.

Quando D. Henrique erigiu a collegiada, lhe nomeou clerigos seculares para capellães, e por prior, D. Pedro Amarello, seu phisico-mór.

Quando D. Affonso Henriques voltou victorioso da gloriosa batalha d'Ourique (25 de julho de 1139), deu a ultima perfeição a esta instituição, dando-lhe a fórma de collegiada real, com prior, dignidades, conegos e mais ministros, tanto em honra da Santissima Virgem, á qual devia a sua corôa de rei, como por engrandecer a terra onde nascêra.

Deu então á collegiada muitas honras e privilegios, tomando o titulo de seu padroeiro, o que confirmaram todos os reis, seus descendentes; que, alem de ser esta casa, por muitos d'elles visitada, todos a consideraram e respeitaram, como a primeira do seu padroado.

—

Quanto á origem da imagem de Nossa Senhora da Oliveira, segundo a lenda, foi do modo seguinte:

S. Thiago veio á Hespanha, pelos annos 42 a 46 de Jesus-Christo, entrando por Galliza.[2] Veio a Braga, e ahi juntou nove discipulos, naturaes da actual provincia do Minho, e d'alli os repartiu para differentes pontos, a prégar a religião christan, e converter os idólatras. Depois d'esta repartição e de levantar em Braga, um altar á Santissima Virgem, no qual collocou uma imagem que trouxe do Oriente, nomeou por bispo prinaz, a S. Pedro de Rates. D'aqui foi para Saragoça, onde levantou outro altar á mesma Senhora, no qual collocou outra imagem d'ella, que tambem trouxera da Syria, e á qual denominou *Nossa Senhora do Pilar.*

Havia por esse tempo, em Vimaranes, um templo dedicado á deusa Céres. Voltando S. Thiago a Braga, e passando por Vimaranes, purificou e benzeu o templo idólatra, e n'elle collocou uma outra imagem de Nossa Senhora, com o titulo de Santa Maria da Oliveira.

Os padres, frei Bernardo de Braga, frei João do Apocalypse, e frei Gil de S. Bento, mencionam uma inscripção gothica que existiu no antigo templo de Céres. O ultimo d'estes escriptores, diz:

«No Rocio ou praça de Guimarães, está «um templo, que foi da gentilidade. E' de «obra mosaica, magestoso e antiquissimo, e «as noticias que tenho, é que foi dedicado «a Céres. A este, destruiu S. Thiago, vindo «a esta terra, onde baptisou S. Torquato: e, «lançando por terra os falsos idolos, collo«cou no altar a Virgem Senhora Nossa, cu«ja imagem é hoje a Senhora da Oliveira, e «bem se colhe de um letreiro que vi e se «achou no interior da parede, junto á torre, «quando esta se começou a arruinar, pelos «annos do Senhor, de 1559.

«Cahiu uma pedra, e porque se partiu, se fez ajuntar, para se lerem as letras, que diziam:

IN HOC SIMULACRO CERES,
COLLOCAVIT JACOBUS FILIUS
ZEBEDAEI, GERMANUS JOANNIS,
IMAGINEM SANCTAE MARIAE.
III. C. ISX.

«Era o letreiro gothico e em breves; mas «a substancia era esta; e tambem se acha«ram medalhas, por onde alguns escriptores «tomaram o motivo de dizer, que o templo «fôra de Minerva.»

Continua dizendo, que, no cartorio do cabido da real collegiada, achara claras noti-

[1] Outros dizem que foi o conde D. Henrique, que supprimiu o convento, porque os monges já não viviam com a primitiva austeridade e bons exemplos.

[2] Não quer isto dizer que elle veio desembarcar em qualquer ponto da Galliza actual; mas em qualquer dos portos da costa, desde o Douro, até aos confins septentrionaes do antigo reino de Galliza, que, como tenho dito em varias partes, chegava então pelo sul, até á margem direita do rio Douro.

cias, d'onde se infere esta verdade—e continua:

«Foi esta egreja dedicada a Nossa Senho«ra, e depois a dedicou o povo, a S. Thia«go, por elle ser o primeiro que n'ella le«vantou altar. Teve esta egreja racioneyros, «como consta dos pleitos que com a real «collegiada elles tiveram: o que se vê dos «papeis que se guardam em o seu ca«bido.

«Não se acha noticia do tempo em que «se desannexaram, só se sabe que a digni«dade de mestre-escóla se intitula, abbade «de S. Thiago, e recolhe os fóros que a es«ta egreja se pagam.

«A imagem da Senhora, se conservou até «ao anno do Senhor, de 417, em que entra«ram alanos e suevos em Galliza, e outras «nações barbaras, que queimaram os cor«pos e imagens dos Santos.

«O arcebispo de Braga, Pancracio, man«dou esconder esta, conforme uma memoria «confusa, que achei no archivo bracca«rense.

«O logar onde foi depositada, foi poucos «passos fóra de Guimarães, em um peque«no monte, que se chamava Latito.»

Este monte tem hoje dois nomes—*Monte de Santa Maria*, devido á circumstancia d'ella aqui ter sido escondida, e é a parte mais proxima da sua egreja—e *Monte-Largo*, derivado do seu 1.º nome—*Latito.*

O mesmo arcebispo, Pancracio (successor de S. Paterno, e antecessor de Balconio) convocou alguns bispos, que andavam ausentes das suas egrejas, para um concilio provincial, em Braga; e n'elle se ordenou, que, cada um na sua diocese, fizesse occultar as sagradas imagens em logares dos quaes ficasse memoria, para serem encontradas em tempo opportuno.

Os prelados que assistiram a este concilio, e o assignaram, foram — Gelasio, *d'Agueda;* Elipando, de *Coimbra;* Pamerio, de *Idanha;* Arisberto, do *Porto;* Deus-Dedit, de *Lugo;* Potameo, de *Merida;* Tiburcio, de *Lamego;* Agatio, de *Iria;* e Pedro, de *Numancia.*

(Faria e Souza, tom. 1.º, parte 3.ª, cap. 10, e outros.)

Permaneceu este templo muitos seculos, primeiro com o titulo de Céres, e depois, com a invocação de S. Thiago, ate que, em 1607, foi demolido por ameaçar imminente ruina, reedificando-se logo, no mesmo sitio, (a que hoje chamam *Praça do Peixe*) em menores dimensões. Sobre a porta principal, se esculpiu em uma pedra, a seguinte inscripção.

MAGNA DOMUS QUONDAM PENITUS
SUBMERSA RECINIS
DUM JACET, IN BREVIUS DENUO
SURGIT OPUS.

D'este templo foi trasladada a imagem da Virgem, para a egreja do mosteiro de Mumadona, que ficava em distancia de 80 passos, ao N. E.

Até então se chamava mosteiro do Salvador, e desde que para lá foi a imagem da Senhora, é que se principiou a denominar de Santa Maria, e deixou de existir o mosteiro, principiando a collegiada; que veiu a ter—D. prior, seis dignidades (chantre, thesoureiro-mór, dois arcediagos, mestre-escola, e arcipreste) 14 conegos prebendados, 8 meios prebendados, 12 capellães, alem d'outros muitos ministros; musicos, e *moços de sachristia* (meninos do côro.)

Viviam todos em clausura, sob a regra de Santo Agostinho, como todas as outras cathedraes do reino.

Foi no altar d'esta Senhora, que D. Affonso Henriques recebeu as armas com que foi combater no Alemtejo contra os mouros, em 1139.

Os D. priores de Guimarães, foram sempre escolhidos entre as pessoas mais qualificadas do reino, e gosavam de grande consideração e muitos privilegios e rendas; sahindo muitos d'elles para bispos de differentes dioceses.

—

Durou o nome de Santa Maria de Guimarães, até ao reinado de D. Affonso IV, segundo diz Estaço, nas suas *Antiguidades.* Então, um devoto da Senhora, chamado Gonçalo Esteves, foi a Normandia, e alli mandou fazer uma cruz; e a assentou na *alvacaria* de Guimarães.

O padre frei Raphael de Jesus, conta o caso com alguma alteração. Diz que Pedro Esteves, mercador e contratador, assistente em Lisboa, mandou dizer a seu irmão, o tal Gonçalo Esteves, onde acharia uma cruz de pedra, com a imagem de Christo, e que, a todo o custo, a conduzisse a Guimarães, e a collocasse no logar onde hoje está.

Ou fosse de uma, ou de outra maneira, foi a cruz assentada, a 8 de setembro (dia da natividade de Nossa Senhora) de 1342.

Este padrão, vem a ser uma cruz de pedra, e n'ella, a imagem de Jesus Christo, de vulto, cruxificado, levantada sobre uma columna; e sobre quatro pedestaes, revestidos de columnas, se levanta uma cúpula de abobada de pedra, que o cobre.

Dentro da mesma cúpula, sobre o arco principal, está a imagem da Virgem, distincta da Senhora da Oliveira, á qual dão o nome de Nossa Senhora da Victoria; imagem de grande devoção em toda a provincia, e á qual se attribuem muitos milagres.

Está este padrão assente na praça da Senhora da Oliveira, em frente da sua egreja.

Diz a lenda, que no sitio onde se collocou o padrão, estava uma oliveira sêcca, que desde então reverdeceu, cobrindo-se de folhas e fructo, pelo que principiaram a dar-lhe o nome de Santa Maria da Oliveira.

A este padrão, desde o principio do milagre, hia o cabido em procissão, todas as sextas feiras e sabbados do anno, orar pelas almas dos reis de Portugal e de todos os bemfeitores da egreja—e na vespera do dia de Nossa Senhora da Assumpção, desde 1386, em commemoração da victoria de Aljubarrota, em 14 de agosto de 1385, havendo n'este dia procissão solemne, á qual assistiam as communidades e a camara, havendo depois missa cantada, sermão e grande festividade; pondo-se n'esse dia em um logar alto, para ser vista de todos os assistentes, a lança e a vestidura com que D. João I entrou n'aquella gloriosa batalha, que nos livrou, por então, de sermos vassallos dos reis de Castella.

Alcançada a victoria, foi o rei a pé, desde Aljubarrota até Guimarães, a dar graças á Virgem Santissima. Segundo Estaço, D. João I fallou á Senhora n'estes termos.

«Senhora, eu confesso, e quero que todos «saibam, que por vossa virtude sómente, «venci esta batalha, e que no ponto e hora «em que estava para n'ella entrar, dei «um grande espirro, o que tive em mau «agouro, pelo qual cessei por então um pou«co, de me mover para ella; no qual espaço «me deitei de bruços, e, não sei se dormin«do se acordado, porem em um grande pen«samento e agonia, vi, em visão, esta vossa «casa, tal qual agora a vejo, com aquesta «oliveira, e veiu-me ao entendimento, que «eu, por exemplo do primeiro rei, me devia «encommendar a vos, e haver por tomadas «as minhas armas da vossa mão, pelo qual «eu logo votei e prometti de fazer o que «agora faço, dizendo-vos em minha oração «—eu vos peço, Senhora, de grande mercê, «assim como vós ao dito rei, D. Affonso fi«zeste, no principio d'este reino, façaes a «mim, vosso devoto, defensor d'elle.»

Depois, mandou o devoto rei, pôr as suas armas sobre o altar da Senhora, dizendo — *Vós, Senhora m'as deste, vós as tomae e guardae.*

Em acção de graças á Senhora, se mandou o rei pesar a prata, armado de todas as armas e a cavallo, (!) e a offereceu á Santissima Virgem.

Com esta prata se fez o retabulo do presepio, que nos dias solemnes se põe no altar-mór, em que estão as armas do rei. Fizeram mais 12 imagens, dos 12 apostolos, 4 anjos, 4 maças, caldeira de agua benta, hyssópe, thuribulo e naveta, tudo de prata.

O templo estava, por antigo, muito arruinado, e era muito pequeno pelo que, tratou logo o rei de o reedificar, e é o actual. Foi principiada a obra em 1387, e depois de concluida a adornou e enriqueceu com sumptuosos ornamentos e peças de prata; dando-lhe então, um anjo, tambem de prata, dourado, grande e posto de joelhos, que pertencêra á capella de D. João I, de Castella, e fôra tomado em Aljubarrota, e que serviu por muitos annos de levar o Santissimo Sacramento, nas procissões solemnes, e depois

na do anjo custodio do reino, na 3.ª dominga de julho.

Tambem deu á egreja e collegiada grandes privilegios e isenções, tanto para os conegos e mais clerigos, como para os familiares, subditos e caseiros.

Tinha D. João I tanta devoção com esta Senhora, que nenhuma empreza séria tentava, sem implorar a sua protecção; e quando emprehendia alguma batalha, punha as armas que havia de levar a ella, aos pés da Senhora, e depois lhe pedia licença para d'alli as tomar, e sahir a combater os inimigos da patria que tanto amou, e da qual foi com tanto extremo amado.

Depois das suas victoriosas batalhas, voltava sempre, a pé (por maior que fosse a jornada) desde qua entrava em Portugal, a dar graças á Senhora da Oliveira. Assim o fez de Castella, de Ceuta e de Tuy.

Quando regressou de Castella (outubro de 1385) apenas chegou a *Valle-de-la-Mulla*, se apeou, e assim, a pé, fez a jornada até Guimarães, por espaço de 180 kilometros.

—

Antes de se acabar a egreja, tratou o rei de sagrar o seu altar-mór; cuja ceremonia foi feita pelo bispo de Coimbra, D. João da Azambuja, a 23 de janeiro de 1400, com licença de D. Martinho, arcebispo de Braga.

Assistiram á sagração, D. João Manrique, arcebispo de Compostella, e D. frei Rodrigo, bispo de Ciudad Rodrigo.

Esteve presente o rei, e sua mulher, D. Philippa de Lencastre (filha do duque de Alemcastre, e neta de Duarte III, rei de Inglaterra) e seus filhos, D. Duarte (depois I) D. Pedro (o da Alfarrobeira) D. Henrique (o de Sagres) D. João, e D. Isabel.

No dia 23 de janeiro de 1401, foi sagrada a egreja, pelo mesmo D. João da Azambuja, sendo já bispo do Porto.

E' esta egreja de tres naves, de architectura toscana. Muitos dos nossos reis lhe teem offerecido ricas alfaias e joias, e ha n'ella muitas reliquias, entre as quaes, um bocado do Santo Lenho; duas ambulas contendo leite da Santissima Virgem, e uma maçaroca, fiada por suas sacratissimas mãos, como affirma o inventario que se fez em 1527.

Pelos achar muito curiosos, e de grande interesse para a nossa historia, copiei do cartorio dos srs. condes de Rézende, os dois documentos que se seguem:

Provisão de D. Pedro II, sustentando os privilegios e isenções conferidas pelas Tabuas-Vermelhas, ao cabido e seus caseiros, servidores e familiares, da collegiada de Santa Maria da Oliveira, de Guimarães. Em 5 de dezembro de de 1659.

Seguida d'uma Certidão d'alvará de privilegio do mesmo rei, de 4 de março de 1707.

N.B. N'este alvará dão-se os motivos por que tamanhos privilegios foram concedidos.

«Aos que a presente minha certidão «virem, certifico eu, Alexandre do Rego «Carneiro, tabellião do publico judicial e «notas e do real convento de Santa Clara e «seus direitos reaes, em esta villa de Villa «do Conde e teu termo, por Sua Magestade «que Deus Guarde, etc., em como no livro «oitavo do registos da camara d'esta villa de «Villa do Conde, a folhas vinte e seis se acha «o registo da provisão, do theor seguinte:

«Dom Pedro, por Graça de Deus, Rei de «Portugal e dos Algarves, d'áquem e d'além «mar em Africa, senhor de Guiné, etc., faço «saber a vós, corregedor da camara de Gui«marães, que havendo respeito ao que por «sua petição e mais documentos me re«presentaram, o D. Prior e cabido da colle«giada de Nossa Senhora da Oliveira, d'essa «villa de Guimarães, sobre os haver por «escusos, e seus caseiros, servidores e familia«res, de pagarem a contribuição de quatro e «meio por cento que lançasteis ás suas fa«zendas, e menos pera os seis centos mil «cruzados offerecidos em cortes, com o fun«damento de que os seus previlegios das

«Taboas Vermelhas da dita collegiada os «izentavam de quaesquer contribuições, tri«butos e fintas, assim de concelho como reaes, «offerecidas em cortes, comtanto que até no «tempo de guerra eram especialmente izen«tos de darem palha, e suas carruagens; e «seus filhos e criados não eram obrigados «a semilhantes serviços, e da mesma manei«ra foram sempre izentos da contribuição «do usual, e lançamento das egoas para a «criação dos cavallos, e de todos os seus en«cargos publicos e particulares, em obser«vancia dos privilegios que offereciam e do«cumentos que ajuntavam: e visto o seu re«querimento e informação que n'elle destes «sobre o que foi ouvida a contadoria geral da «guerra e o procurador fiscal da fazenda dos «tres estados, hei por bem, por via de graça, «de izentar aos caseiros do numero, d'esta «collegiada de Guimarães, de contribuirem «para os seis centos mil cruzados prometti«dos em cortes, sem poder fazer exemplo es«ta graça aos mais previlegiados pela singu«laridade dos previlegios dos supplicantes, e «liberal piedade com que os senhores reis «d'este reino lhos concederam em gratifica«ção dos especiaes beneficios recebidos por «entrecessão de Nossa Senhora da Oliveira; «e a quantia que lhes estava lançada se não «repartirá por outros concelhos, por assim «o resolver, em dez de dezembro proximo «passado, em consulta da junta dos tres es«tados, pelo que vos ordeno, que, em cum«primento da minha resolução, não cobreis «a contribuição dos quatro e meio por cen«to que se lançaram aos caseiros do nume«ro, da dita collegiada, e tendo-se cobrado «algum dinheiro d'esta natureza, o fareis res«tituir a seus donos, e quando do tal di«nheiro se tenha feito carga ao thesoureiro «geral da dita contribuição, no livro geral «de sua receita, por onde se hade tomar con«ta na contadoria geral da guerra, se darão «ás partes recibos, nos mesmos livros, feitos «pelo escrivão e assignados por elles, e man«darão trasladar n'elle esta provisão, para ao «tomar da conta se saber a causa por que «se fez a dita restituição. e ajuntareis o cum«puto, com a quebra do que emportava o que «se tinha lançado aos ditos caseiros e os mais «que houvessem, sendo verificadas, fazendo«se de tudo termo no mesmo livro com a «clareza necessaria, e n'esta forma o tereis «entendido e dareis cumprimento a esta pro«visão como n'ella se contem; da qual se to«mará a razão na dita contadoria geral. El«Rei Nosso Senhor o mandou pelo barão con«de do seu conselho e por Antonio Pereira «da Silva, conego magistral da Sé d'Evora e «deputado do santo officio, ambos deputa«dos da junta dos tres estados, João de Sou«sa Sotto-Maior, a fez em Lisboa, a cinco de «dezembro de mil seiscentos noventa e no«ve, José Correia de Souza, que serve de se«cretario a fez escrever, Barão Conde, An«tonio Pereira da Silva, registada a folhas «duzentas e sessenta e duas verso. Registe«se e note-se a resposta. Lisboa quinze de «dezembro de seis centos noventa e nove. «Gregorio Moreira, Luiz Monteiro. A folhas «trezentas vinte e nove do livro oitavo, que «serve n'esta contadoria geral da guerra e «reino, do registo dos avisos das comarcas fi«ca registada esta provisão, e notada a res«posta. Lisboa dezesete de dezembro de mil «seiscentos noventa e nove. Francisco de Mi«randa Soares. Cumpra-se e registe-se «no livro do lançamento e registo, e se en«tregue o dinheiro depositado, na forma or«denada. Guimarães vinte e sete de feverei«ro de mil e setecentos—Ferraz. E não con«tinha mais a dita provisão, inserta no dito «precatorio, passado, e assignado pelo dito «corregedor e subscripto por Simão Carva«lho, que aqui registei bem, fielmente e na «verdade, e em fé d'ella me assigno de meu «signal costumado, e tambem assignou o dito «conego, de como recebeu. E eu, Manuel Vi«eira Bouças, escrivão proprietario, por El«Rei Nosso Senhor, dos officios de escrivão «da camara almotaçaria, castello, armazem «e mais annexos, que a escrevi e assignei, «aos quinze dias do mez de março de mil «setecentos e dois, Manuel Vieira Bouças, «Agostinho da Cunha Sotto-Maior. E não se «continha mais em a dita provisão, que eu «tabellião aqui bem e fielmente trasladei do «livro da camara, onde fica traslado, ao qual «em tudo e por tudo me reporto, em fé do que «assigno, aos quatorze de dezembro de mil

«setecentos vinte e seis annos, e declaro di«zem as entrelinhas e folhas trez de guerra— «e mais. E eu sobredito o escrevi e assignei «em publico e razo. Em testemunho de ver«dade *Alexandre do Rego Carneiro*. Concertado com o proprio, por mim tabellião — *Alexandre do Rego Carneiro* — e comigo — *Manuel de Souza Neves*.

2.º documento

—

«Aos que a prezente minha certidão vi«rem, certifico eu, Alexandre do Rego Car«neiro, tabellião do publico judicial e no«tas, e do real convento de Santa Clara e «seus direitos reaes, em esta villa de Villa «do Conde e seu termo, por Sua Magestade «que Deus guarde, etc., em como no livro «oitavo dos registos da camara desta dita «villa, a folhas setenta e oito e setenta e no«ve, se acha registado um alvará do theor «seguinte:

«Eu El-Rei, faço saber aos que este alva«rá virem, que havendo respeito ao que por «sua petição me reprezentam, José de Oli«veira e os mais privilegiados do numero, «das Taboas Vermelhas da collegiada de Nos«sa Senhora da Oliveira, da villa de Guima«rães, em razão de que eu fôra servido, por «alvará de doze de agosto de mil seiscentos «setenta e oito, à requerimento dos conegos «da dita collegiada, fazer-lhes mercê de os «izentar de pagarem a quantia de 480$000 «réis, em que foram fintados na repartição «que se fez de cento e vinte mil cruzados, «que os prelados d'este reino prometteram «em côrtes, para ajuda das despezas que se «fizeram com a armada que foi a Saboya, e «em semelhantes casos, lhes fizeram mercê os «Senhores Reys Dom João, o primeiro, e Dom «Affonso, o quinto, de os izentar de toda a «contribuição, sem embargo de contribuirem «os ecclesiasticos, attendendo aos privilegios «que os Supplicantes sempre gozaram inal«teravelmente, por se lh'os haverem concedi«do pelos ditos Senhores Reys, com voto so«lemne, promettimento a Deus e á mesma «Senhora, de os guardarem e fazerem obser«var em agradecimento das muitas e gran«des victorias que em seu nome alcançaram, «como tudo constava dos documentos que «offereciam; e porque os Supplicantes serão «egualmente comprehendidos nos ditos pri«vilegios, por serem do numero das Taboas «Vermelhas, me pediam lhes fizesse mercê «de confirmar-lhe os ditos privilegios, izen«tando-os de pagarem a contribuição da de«cima ou de outro qualquer tributo. E visto «seu requerimento, sobre que foi reunida a «contadoria geral de guerra e o procurador «fiscal da fazenda dos tres Estados; Hey por «bem, e me apraz, que os privilegiados de «Nossa Senhora da Oliveira sejam izentos «de todos os tributos sollitos, e insollitos em «que são comprehendidas as decimas; não «só a respeito das fazendas que forem forei«ras áquella Egreja, mas ainda de todas as «mais que por qualquer titulo forem pro«prias dos ditos privilegiados, e como e pe«la fórma por que foram concedidos, se«jam irrevogaveis: e tanto que se não ad«mitta requerimento algum por que se per«tenda revogar e encontrar á sua obser«vancia, a qual quero que seja inviola«vel, n'aquelles privilegiados sómente que «entrarem no numero declarado na Car«ta do Senhor Rey Dom Affonso, o quin«to, pois assim como é justo que estes «privilegios se guardem, é tambem razão «se não augmentem, em tanto prejuizo «publico, e ainda dos mesmos privilegios, «por evitar todo e qualquer abuso que «possa haver n'esta materia. Ordeno ao «Dom Prior, admitta sómente por servidores «d'aquella Egreja, pessoas acommodadas ao «serviço d'ella, que por si e não por outrem «a sirvam, não nomeando para ministerios «humildes, pessoas ricas e de qualidade. «Pelo que, mando a todos os ministros, as«sim ecclesiasticos como seculares, dêem «cumprimento e façam observar este alva«rá, como n'elle se contém, sem limitação de «tempo; sendo primeiro registado na conta«doria geral de guerra e reyno. E pagou de «novos direitos, cinco mil e quatrocentos rs., «que foram carregados ao thezoureiro d'el«les, Gonçalo Soares Monteiro, a folhas du«zentas e sessenta, verso, do livro primeiro «de sua receita, o que constou por conheci-

«mento em fórma, pelo escrivão de seu car«go assignado, o qual foi registado a folhas «duzentas vinte e oito do livro primeiro do «registo geral dos ditos novos direitos. Gon«çalo de Gouvêa Pereira o fez em Lisboa, a «quatro de março de mil setecentos e sete «annos; Gaspar Salgado, que serve de secre«tario, o fez escrever—Rey—Conde de Sal«zedas. — Alvará por que Vossa Magestade «ha por bem, que os privilegiados das Taboas «Vermelhas de Nossa Senhora da Oliveira «da villa de Guimarães, sejam izentos de to«dos os tributos sollitos e insollitos em que «são comprehendidas as decimas, não só a «respeito das fazendas que forem foreiras «áquella Egreja, mas ainda de todas que por «qualquer titulo forem proprias dos ditos «privilegiados, com a limitação e o mais «declarado n'este alvará "Para Vossa Ma«gestade vêr," A folhas sessenta e oito do «livro que serve n'esta secretaria da jun«ta dos tres estados, dos registos de pro«visões e alvarás. Fica este registado. Lis«boa, cinco de março de mil setecentos e se«te.—Gonçalo de Gouvêa Pereira.—Regis«te, e note-se a resolução e resposta.—Lis«boa, quatro de março de mil setecentos e «sete. A folhas duzentas oitenta e duas do «livro undecimo do registo das ordens que «serve n'esta contadoria geral de guerra e «reyno, fica registado este alvará e notada «esta resolução e resposta.—Lisboa, quatro «de março de mil setecentos e sete. — José «Pinheiro de Frazão—D. F. Bispo de Lame«go.—Pagou cinco mil e quatrocentos réis, «e aos officiaes dois mil réis. Lisboa, cinco «de março de mil setecentos e sete.— Dom «Francisco Maldonado.—Registado na chan«cellaria-mór da côrte e reyno, no livro de «official, a folhas trinta e oito. — Lisboa, «seis de março de mil setecentos e sete.— «Thomaz Freire Barreto. A folhas duzentas «e dezenove, verso, do livro da porta da ca«mara d'esta villa de Guimarães, fica regis«tado este alvará. Guimarães, treze de mar«ço de mil setecentos e sete.—Domingos Pei«xoto do Amaral. O qual alvará vinha in«serto em uma certidão passada em publica «fórma, pelo tabellião Manuel de Magalhães, «da villa de Guimarães, passada por despa«cho do doutor João Barbosa Teixeira Mayer, «juiz de fóra da dita villa, passada aos «dezeseis de junho, e concertada pelo tabel«lião Antonio da Silva, em que recebêra o «proprio alvará o chantre Manuel de Moraes, «passada a dita certidão por petição do re«verendo conego, Agostinho da Cunha Sotto «Mayor, como administrador de seu pae, Ma«nuel da Cunha Sotto Mayor: a qual certidão «e alvará vinha já registada na camara de «Monte Longo, pelo escrivão d'ella, Francis«co Gollias: e pelo de Braga, Hyeronimo da «Silva Oliveira; e pelo da villa dos Arcos, «Balthazar Pereira Pinto. O dito traslado de «alvará e certidão trasladei, bem e na verda«de, sem cousa que duvida faça, e me repor«to a elle, que tornei a entregar ao reveren«do Agostinho da Costa Sotto Mayor, conego «da Sé do Porto, que assignou de como a «recebeu, commigo escrivão da camara, de «que dou fé, e me assignei em esta villa de «Villa do Conde, aos cinco dias do mez de «agosto de mil setecentos e sete. E eu, Ma«nuel Vieira Bouça, escrivão da camara e «mais officios annexos, n'esta Villa do Conde «e seu termo, por El-Rey nosso senhor, que «o escrevi e assignei.—Manuel Vieira Bou«ça.—E não se continha mais em o dito re«gisto, que eu Alexandre do Rego Carneiro, «tabellião do publico judicial e notas, e do «real convento de Santa Clara e seus direi«tos reaes, em esta villa de Villa do Conde e «seu termo, por Sua Magestade que Deus «guarde, aqui bem e fielmente fiz tresladar «do dito registo, com o qual esta concertei «e conferi, e com o official ao concerto assi«gnado e a elle em tudo e por tudo nos repor«tamos. E em fé e testemunhe de verdade, «me assigno de meus costumados signaes, pu«blico e raso, de que uso, e costumo fazer nes«ta dita villa de Villa do Conde e seu termo, «que taes são abaixo escriptos e declarados. «Em os quatorze dias do mez de septembro «de mil setecentos e vinte e seis annos; diz «o emendado folhas primeira, verso, "titulo" «e as entrelinhas, e o que sai fóra das re«gras, folhas duas—da junta dos tres esta«dos—do registo de provisões e alvarás; as«sinado: Vermelhas. E eu, Alexandre do Re«go Carneiro, o escrevi e subscrevi e assi-

«gnei. Em testemunho de verdade—*Alexan-*
«*dre do Rego Carneiro.*—Concertado com o
«livro, por mim tabellião, *Alexandre do Re-*
«*go Carneiro* — e comigo, *Manuel de Souza*
«*Neves.*»

OLIVEIRA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros a O. de Braga, 45 ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, tinha 105 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. abbade do mosteiro benedictino, de Tibães, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de congrua, e o pé de altar.

E' n'esta freguezia o solar dos Oliveiras, cuja origem e armas, ficam descriptas na 1.ª Oliveira.

OLIVEIRA—freguezia, Minho, comarca, concelho, districto administrativo, arcebispado, e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar.

Está unida a esta, a antiga freguezia do mesmo nome, da invocação de S. Matheus, evangelista, e que adiante vae descripta.

OLIVEIRA—freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 15 kilometros a N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, tinha 97 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 280$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil.

Cria muito gado, de toda a qualidade.

Na egreja matriz, ha uma capella de bronze, muito bem esculpida, dedicada á Santa Cruz.

OLIVEIRA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 45 kilometros ao N. E. de Braga, 350 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, S. Paio.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Foi do antigo concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega.

As regiosas de Sant'Anna, da cidade de Vianna, apresentavam o vigario, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

OLIVEIRA—aldeia, Douro, nas freguezias de Santa Maria do Valle, e de Santo Isidoro de Romariz, na comarca e concelho de Feiras, d'onde dista 10 kilometros a E., 30 ao S. do Porto, 12 a S. O. do rio Douro, 15 a E. do Occeano, 283 ao N. de Lisboa.

Tem 20 fogos.

Está situada em terreno accidentado, sobre a margem direita do rio *Inha*, que lhe rega e fertiliza os campos, traz algum peixe miudo, e faz mover muitos moinhos de pão.

Na extremidade S. do logar está a capella de S. Thomé, apostolo, ao qual se faz uma festa no 4.º domingo de maio.

A capella é pequena e está em mau estado; porque, tendo um grande campo e um matto, consignados aos concertos d'ella, o lavrador que está de posse d'estas propriedades (que não são suas, mas patrimonio exclusivo da ermida) só cuida de lhe colher os fructos, sem que, ha muitos annos, queira saber do templo, e sem que o abbade do Valle—em cujo districto elle está, ponha côbro a esta usurpação.

OLIVEIRA—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 35 kilometros ao O. N. O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa.

Para a destinguir das outras d'este nome; se denomina—OLIVEIRA DOS ARCOS.

Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, Santa Maria de Oliveira.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra, e o geral de Santa Cruz de Coimbra, apresentava alternativamente o abbade, que tinha 140$000 réis de rendimento.

Foi antigamente da apresentação do con-

vento de Muhia, com reserva do ordinario. Metade era beneficio simples, apresentado pelos fréguezes; mas, por desavenças com um beneficiado, o doaram ao visconde de Villa Nova da Cerveira.

Teve annexas, as freguezias dos Cabaços, e Fojo-Lobal; que originariamente formaram uma só parochia.

Está n'esta freguezia, o *paço de Oliveira*, do qual foi senhor, Ruy Martins d'Oliveira, casado com Sancha Annes, filha de Fernão Paes, de Riba-Visella, um dos primeiros povoadores d'esta provincia, e progenitor da famosa D. Maria Paes Ribeiro (a *Ribeirinha*) amante de D. Sancho I.

Eram os Oliveiras d'este paço, fidalgos de muita importancia e nobresa, pois descendiam dos reis de Castella e Leão.

D'estes Oliveiras são descendentes, os padroeiros do hospital de S. Lazaro, da cidade de Placencia (Hespanha.)

Um d'estes padroeiros foi D. Affonso Martins d'Oliveira, commendador de S. Thiago, no reino de Leão, e Pedro d'Oliveira, casado com D. Elvira Annes Pestana, paes de D. Martinho d'Oliveira, arcebispo de Braga.

Este, das muitas propriedades que possuía, suas proprias (sem pertencerem á mitra) instituiu o morgado de Oliveira, no Alemtejo.

A origem d'este vinculo, foi a seguinte.

Querendo D. Sancho II (ou D. Affonso III) povoar a provincia do Alemtejo, deu ó sitio da Vidigueira, ao mestre Thomé, thesoureiro da Sé de Braga; o qual, á sua custa, fundou aquella villa (Vidigueira) de que foi senhor; provendo-á de moradores, que levou do Minho.

Por sua morte, deixou este senhorio a Pedro Fernamdes, conego da Sé de Braga, a Pedro Paes, raçoeiro da mesma Sé; e a Martim Annes e Vasco Annes, seus sobrinhos.

Todos estes, doaram a villa da Vidigueira ao arcebispo D. Martinho d'Oliveira, que a cedeu ao rei D. Diniz, em troca da herdade da Avelleira, na qual instituiu o dito morgado da Oliveira, no anno de 1306.

O paço d'Oliveira (d'esta freguezia d'Oliveira) como não era vinculado, passou por compras, ou casamentos, aos Cerqueiras, e depois, aos Aranhas, e estes o venderam a D. Pedro de Mello de Lima, commendador de Refojos do Lima, filho de D. Rodrigo de Mello de Lima, filho de D. Leonel de Lima, 1.º visconde de Villa Nova da Cerveira. Foi condado.

O ultimo representante da casa dos condes de Oliveira dos Arcos, foi, D. Antonio d'Almeida, filho de D. João Francisco de Paula e Almeida, e de D. Francisca Isabel Coutinho, da casa dos srs. viscondes da Bahia.

D. Antonio d'Almeida, falleceu em Lisboa a 8 de dezembro de 1873.

E' terra muito fertil.

O vinho branco d'esta fréguezia, é de superior qualidade.

Em um monte proximo, ha uma lapa ou gruta, chamada *Paços do Rei.*

Consta que este nome lhe provem, por n'ella se recolher Bermudo II (o *Gotoso*) quando deu a batalha a Almançor, rei ou kalifa de Cordova, em 998. [1]

Ha tambem aqui outro penedo, chamado *do Garcia.*

Segundo a tradicção, deve este nome a ter junto a elle a sua tenda (no mesmo anno) o general, christão, D. Garcia.

Tambem consta, que Antonio de Araujo de Azevedo, e outros fidalgos portuguezes, tiveram escondido por estes sitios, a D. Antonio, prior do Crato, em 1580, antes d'elle fugir para a França.

[1] Em 985, Almançor, com um numeroso exercito invadiu Portugal, tomando Coimbra, Braga, Lamego, Viseu, e outras muitas povoações e fortalezas importantes, deixando tudo assolado e reduzido a um lago de sangue,

Em 998, o mesmo Almançor, invade de novo Portugal, entrando por Galliza, onde se lhe oppoz o conde, D. Forjaz Vermuiz.

Os principes christãos, andavam em contenda; porem o perigo commum os fez unir.

D. Bermudo II, rei de Navarra, e o conde D. Garcia Fernandes, deram a Almançor uma sanguinolenta batalha, nos campos de Alcantanazor, proximo á Osma, onde os mouros foram completamente desbaratados, e Almançor mortalmente ferido,

Foi provavelmente, antes d'esta batalha que teve logar a d'esta freguezia, que não devia ser de grande importancia, pois d'ella não rezam as historias.

OLIVEIRA — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Mezão-Frio, comarca e 12 kilometros ao O. do Pezo dá Regua, 75 ao E. N. E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757, tinha 123 fogos.

Orago, Santa Maria de Oliveira.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

E' terra fertil.

OLIVEIRA — freguezia, Minho, comarca, concelho, districto administrativo, arcebispado e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 61 fogos.

Orago, S. Matheus, evangelista.

O prior do mosteiro de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia está, ha muitos annos unida á freguezia de S. Pedro d'Oliveira, que já fica descripta.

OLIVEIRA D'AZEMEIS—villa, Douro, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 40 kilometros ao N. E. d'Aveiro, 42 ao S. do Porto, 12 ao S. E. da Feira, 15 ao E. do Occeano, 230 ao N. de Lisboa.

Tem 600 fogos.

Em 1757, tinha 334 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

A mitra e a abbadessa do convento de S. Bento da Ave Maria, da cidade do Porto, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 200$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O concelho de Olivoira d'Azemeis, é composto de 20 freguezias, sendo 14 no bispado do Porto, e 6 no d'Aveiro.

As do bispado do Porto. são:—Cesár, Cucujães (ou Couto de Cucujães), Fajões, Gândara, Loureiro, Macieira de Sarnes (ou das Terças), Madaíl, Nogueira do Cravo, Oliveira d'Azemeis, Pindéllo, Riba d'Ul, S. João da Madeira, Villa-Chan, e Ul.

As do bispado d'Aveiro, são:—Carregosa, Macinhata da Ceiça (ou da Seixa), Ossella, Palmáres, Pinheiro da Bemposta, e Travaca. Todas com 6:100 fogos.

A comarca é composta do seu julgado e do da Maceira de Cambra, com 2:400 fogos.

Total, 8:500 fogos.

Incluidas nas freguezias do julgado d'Oliveira d'Azemeis, vão as do antigo julgado do Pinheiro da Bemposta, supprimido (e mais o concelho) pelo decreto da regencia, de 24 de outubro de 1855.

—

Era esta villa, commenda da ordem de Christo.

Em 15 de maio de 1779, fez D. Maria I, mercê da commenda de São Miguel, d'Oliveira d'Azemeis, a José de Seabra da Silva.

Diz a carta regia:—«Tendo consideração ao bom serviço que José de Seabra me fez, nos muitos logares de lettras que exercitou, e, ultimamente, no emprego de secretario de estado, adjunto ao marquez de Pombal, e por outros motivos, dignos da minha real attenção, etc.»

—

Esta villa está situada na chapada de uma serra, com boa vista para o S., O. e Norte.

Foi elevada á cathegoria de villa e cabeça de concelho, pelo principe regente (depois D. João VI) em 1800.

Não tem foral proprio, regia-se pelo foral da Feira, onde vem incluida.

E' tradicção que o nome lhe provem do seguinte.

Havia em tempos antigos, por estes sitios, apenas uma taberna solitaria. Os *donatos* dos mosteiros (aos quaes se dava tambem o nome de *azeméis*) quando andavam no peditorio, costumavam descançar debaixo de uma *oliveira*, que estava em frente da taberna, e que, por isso se veiu a denominar *Oliveira dos Azemeis*.

Na minha opinião, isto não passa de uma d'aquellas etymologias inventadas por quem não queria estudar a nossa antiga lingua portugueza.

Entendo que o nome d'esta villa provem do árabe — *algemê* — que significa arraial, ajuntamento, congregação, etc.—palavra ainda usada no seculo XVI — (*Mandou, Nuno Fernandes, a Lopo Barriga, que fosse ao aze-*

mel *de Abida, onde os capitães dos Cabildas e Aduares, tinham as suas tendas,* etc.—Damião de Góes, Chron. d'El Rei D. Manuel, parte 3.ª, cap. 32, pag. 327.)

A egreja matriz, que é bella e sumptuosa, é o melhor edificio da villa. Foi reedificada á custa das Obras Publicas, em 1864.

O sr. Antonio Ferreira da Silva Junior, natural d'esta villa, e fallecido na Bahia (Brasil) em 22 de novembro de 1875 — legou, em seu testamento, 400$000 réis, á egreja de S. Miguel, d'Oliveira d'Azemeis, e 100$000 réis aos pobres d'esta freguezia.

Tambem deixou 500$000 réis á Santa Casa da Misericordia, do Porto.

O Omnipotente o premiará na Gloria, pelos actos de caridade que praticou cá na terra.

O cemiterio publico, feito em 1863, foi tambem á custa das Obras Publicas, e do do povo.

A casa da camara, que é tambem tribunal do juizo de direito, e contem as repartições da administração e fazenda, e a cadeia publica, é um magestoso e vasto edificio, construido em 1840.

O sr. José da Costa e Souza Pinto Basto, tem um bonito palacete, edificado em 1869. Ha ainda n'esta villa mais alguns edificios particulares, bons e bem construidos; mas que não teem o valor que deviam ter, se as influencias do campanario, não actuassem, para que o ministro das Obras Publicas mandasse fazer a estrada a mac-adam, de 1.ª classe, pelo centro da villa, e pela rua, chamada (por ironia!) *Rua Direita,* que é uma bitêsga tortuosa, tendo sitios onde com difficuldade (e perigo dos peões) podem caber dois carros a par.

Se a estrada se construisse por onde foi primeiramente estudada, que era ao E. da villa, pela capella de Santo Antonio, estaria hoje transformada em uma formozissima *estrada-rua,* e a povoação teria attingido o desenvolvimento proprio da sua prosperidade. [1]

Junto á villa, ao E. d'ella, se vê o theatro, construido por subscripção, em 1858. E' singelo, mas bonito, e de sufficiente tamanho para a população da villa e arredores, que o frequenta.

Ha aqui um asylo da infancia desvalida, fundado pelo sr. Pinto (já fallecido) natural d'esta villa, cidadão benemerito, que enriquecêra no Brazil.

Em abril de 1875, o *anonymo Y*, da cidade do Porto, bem conhecido em todo o reino pelos seus innumeraveis actos de caridade, verdadeiramente evangelica, deu a este asylo, uma esmola de 90$000 réis. Não se sabe com certeza quem seja o *anonymo Y*; mas suppõe-se que é o sr. Eduardo da Costa Correia Leite. Quem quer que elle seja, Deus o premiará na bemaventurança por tantas e tão reiteradas desventuras a que tem valido, e por tantas fomes e miserias que tem aliviado.

Tem Misericordia; e estação telegraphica.

A 1:800 metros a N. E. da villa, está a fabrica de vidros, do Côvo. (Vol. 2.º, pag. 436, col. 2.ª)

A 3 kilometros ao S. E., está a fabrica de lanificios, do sr. Bernardo da Costa Pinto Basto. Pedi humildemente a este cavalheiro, informações sobre esta fabrica, para fazer aqui uma mais satisfatoria e cabal descripção d'ella; porem o sr. Pinto Basto, não se dignou responder-me.

O motor d'esta fabrica, é a agua do rio Caima.

N'este concelho ha muitas fabricas de optimos chapeus de lan—os mais finos que se fabricam em Portugal—no que se faz um importantissimo commercio.

Ha tambem fabricas de papel, de muito boa qualidade, e duas fabricas de sóla. Vão mencionadas (todas as fabricas) nas freguezias onde estão situadas.

Na praça da villa, ha um mercado em todos os domingos, que é o maior e melhor da provincia, e talvez de todo o reino; tão grande, e de tanto movimento commercial, como qualquer grande feira. [1]

[1] Os de Villa Nova de Famalicão, tiveram mais juizo. Não se opposeram a que a estrada seguisse a directriz que lhe deram os engenheiros, pelo que é hoje a rua principal e mais bonita da villa, como se verá quando tratar d'esta povoação.

[1] No domingo, 4 de julho de 1875, se es-

Oliveira d'Azemeis, é uma povoação muito moderna: ainda em 1750 era uma aldeia de pouca importancia; porem a energia e amor ao trabalho dos seus habitantes, tem poderosamente concorrido para o seu actual estado de prosperidade.

Já vimos que a creação do seu concelho data de 1800. Até 1834, pertenceu á comarca da Feira—porque o territorio d'esta freguezia ainda pertence á vasta circumscripção, denominada *Terras de Santa Maria*, ou *Terra da Feira*, que terminava, pelo S., no rio Caima.

Esta comarca, a de Ovar, a da Feira, parte da de Estarreja, parte da de Arouca, e o concelho de Villa Nova de Gaia, formavam as terras de Santa Maria, que comprehendiam 107 das actuaes freguezias—a saber—Feira, 37; Villa Nova de Gaia, 23; Oliveira, 20; Cambra, 9; Estarreja, 9; Arouca (a parte que é na Terra da Feira), 5; e Ovar, 4.

—

O territorio d'este concelho é muito fertil em todos os generos agricolas do nosso clima.

O seu vinho é todo do denominado *verde*, mas, em quasi todas as freguezias, de boa qualidade: em 1874, produziu umas 2:000 pipas.

Ha tambem uma grande área d'este concelho povoada de arvores silvestres, sendo em maior cópia os pinheiros; pelo que, não só tem lenhas e madeiras para o consumo; mas exporta d'estes generos para differentes localidades, e até para a cidade do Porto.

Com a exportação do gado bovino para a Inglaterra, se tem desenvolvido aqui a creação e engorda de bois, em grande escála, resultando entrarem no concelho annualmente, centos de contos de réis, provenientes d'esta exportação.

Tambem hoje é importantissimo n'este concelho o fabrico da manteiga de vacca, a melhor que se faz em Portugal, e que se exporta em grande quantidade.

Ha tambem n'este concelho grande numero de minas metallicas; mas poucas em lavra. (Vão nas freguezias onde estão situadas.)

Em fevereiro de 1875, foram registadas n'esta camara municipal, uma mina de enxofre, e outra de ferro e enxofre.

—

Era Oliveira d'Azemeis, do districto da capitania-mór da Feira. Sendo capitão-mór, João de Castro Corte-Real, da villa da Feira (avô do sr. José Luciano de Castro) por influencia de João d'Oliveira Camossa (avô dos srs. doutores Saldanhas, de Mançores) natural d'Aveiro, e casado na casa de *Fundões* (vol. 3.º, pag. 242, col. 2.ª—e vol. 5.º, pag. 22, col. 1.ª) foi Oliveira separada capitania-mór da Feira, sendo seu 1.º capitão-mór, o mesmo João d'Oliveira Camossa, pelos annos de 1804. Era este Camossa, moço-fidalgo da casa real e cavalleiro da ordem de Christo.

Estava na cidade do Porto, commandando as milicias e ordenanças d'Oliveira de Azemeis, quando alli entrou o general francez Soult, em 29 de março de 1809, dia de perpetuo lucto e horror para aquella cidade, pela cruelissima mortandade, de 4 a 5:000 pessoas, afogadas no rio Douro.

Camossa, retirou com a sua gente, pela margem esquerda do rio, e os milicianos e ordenanças, fugiram em debandada, para suas casas. O capitão-mór, foi ter a Arouca (48 kilometros ao E. do Porto) e se hospedou em casa de um individuo que reputava seu amigo; mas que o atraiçoou, fazendo acreditar ao povo amotinado, que era jacobino, pelo que foi vil e cobardemente assassinado.

Camossa, tencionava dirigir-se d'Arouca para a Figueira da Foz, e d'alli emigrar para a Gran-Bretanha; e tinha mandado já para a Figueira, sua esposa e filhos.

Era casado com D. Anna Maria de Rezen-

tabeleceu n'este mercado, a medição e peso dos generos, pelo systema metrico. Esperava-se que o povo se opposesse a esta inovação, e tinham-se tomado providencias; porem, ainda que de má vontade, não houve desordem alguma; nem mesmo tumultos.

de Camossa, da casa de Fundões, e tinha por filhos, Diogo Camossa, João Camossa e D. Anna Camossa Nunes de Saldanha.

João Camossa, que herdou a grande casa de Fundões, morreu solteiro, deixando quanto tinha (que se diz ser mais de 200 contos de réis) aos filhos de sua irman.

Esta casou na tambem riquissima casa da *Terça*, na freguezia de Mançores (concelho e comarca d'Arouca) com o dr. José Antonio Nunes de Saldanha, que foi juiz de fóra, no reinado do sr. D. Miguel I.

D'estes dois conjuges houveram quatro filhos e tres filhas, e são os srs.:

Doutor Manuel Baptista Camossa Nunes de Saldanha, residente na casa da Terça, e actual presidente da camara municipal de Arouca, em cujo cargo tem feito relevantissimos serviços ao concelho; e pelo que, e pelas suas bellas qualidades e cavalheirismo, é geralmente estimado e respeitado; o que prova a escolha que d'elle se tem feito para a edilidade, desde o anno de 1870, e sendo ultimamente reeleito, até ao bienio seguinte.

Doutor, João Camossa Nunes de Saldanha, vereador e administrador substituto do concelho d'Agueda, onde reside e tem uma grande casa.

José Camossa Nunes de Saldanha, solteiro — e duas senhoras.

Morreu um filho e uma filha.

—

A paginas 419, col. 1.ª, do 2.º volume, fallei do mosteiro benedictino do Couto de Cucujães, n'este concelho. Como depois d'isso se désse uma importante mudança n'este edificio, e uma nova e interessantissima applicação, e não póde hir n'aquella freguezia, resolvi, para não privar os leitores d'esta noticia, transcrever n'este logar, por ser do concelho, um communicado que se lê em o n.º 264 do *Commercio do Minho*, de 24 de outubro de 1874, e é o que se segue:

Acaba de abrir-se um novo estabelecimento de instrucção na freguezia de Couto de Cucujães, concelho de Oliveira de Azemeis, districto de Aveiro. Este estabelecimento não tem só por fim instruir nas sciencias, mas tem o de instruir nos principios da religião. O estabelecimento de que fallo, é o Collegio dos SS. Corações de Jesus e Maria, fundado no antigo mosteiro da ordem de S. Bento, e dirigido por o sr. fr. João de Santa Gertrudes, monge da mesma ordem no imperio do Brazil. O edificio pertence hoje ao sr. Manuel Joaquim da Fonseca, abastado e honradissimo proprietario d'esta freguezia, o qual de bom grado e gratuitamente o cedeu para o collegio, e além d'isso fez á sua custa as necessarias obras. Este edificio não só tem as necessarias commodidades para alli estar o collegio estabelecido, mas tem as vantagens de estar em sitio aprazivel e hygienico, e de poderem os alumnos assistir á missa e mais officios divinos na egreja parochial, antigamente a do mosteiro, sem ser necessario sahir, pois que tem com ella communicação interior.

No domingo 11 do corrente teve logar a solemne abertura das aulas, havendo por essa occasião Santissimo Sacramento exposto e missa cantada. Ao Evangelho subiu ao pulpito o sr. padre Caetano de Pinho e Silva, que pronunciou um discurso singello, mas muito doutrinal e que muito agradou aos ouvintes, tendo de mais a notabilidade de ter hido prégar quasi de improviso. No fim da missa houve o hymno a Santo Antonio e Santo Agostinho, que foi executado com gran de maestria, bem como toda a festividade. Officiou o muito revd.º parocho d'esta freguezia e assistiu um grande numero de clerigos. No fim do hymno foi cantado o «Genitori» e foi encerrado o Santissimo Sacramento. A egreja estava adornada com simplicidade, mas com gosto, notando se que o throno tinha um grande numero de luzes e de jarras de flores.

A filarmonica foi a de Oliveira de Azemeis, que n'este dia executou uma missa nova, composta por o sr. Pinho Junior, digno contra-mestre da mesma filarmonica. Agradou muito, tanto na maneira e bom gosto com que desempenhou a missa, como pelo gosto com que executou variadas peças.

A concorrencia foi muito grande.

Com esta festividade quiz o muito digno director mostrar que logo no começo d'esta

instituição, desejava unir o elemento religioso com o elemento instructivo.

No fim da festividade foi servido, em casa do sr. Fonseca, um lauto jantar, ao qual assistiram os clerigos que tomaram parte na funcção, os dignos professores do collegio e muitos convidados, entre os quaes figurava o sr. Antonio Bernardo da Costa Pinto e sua ex.ma filha. Houve alguns brindes. Sahiram penhoradissimos pelas maneiras affaveis e delicadas do sr. Fonseca e sua ex.ma esposa, que prodigalisaram immensos obsequios a todos os que n'esse dia tiveram a honra e prazer de serem por elles convidados.

Honra, pois, ao sr. Manuel Joaquim da Fonseca, que não se tem poupado a esforços nem a despezas para se levar a effeito a fundação d'este collegio.—Honra ao sr. fr. João de Santa Gertrudes, que tem sabido, com animo forte, arrostar com tantas difficuldades e sacrificios, para o bom exito d'esta tão util empresa.—Honra finalmente ao digno parocho d'esta freguezia e aos clerigos, que todos de bom grado vieram gratuitamente assistir á festividade.

O dia 12 foi de feriado geral. No dia 13 começaram as aulas, cujo serviço foi distribuido pelos professores, da fórma seguinte:

O sr. fr. João de Santa Gertrudes, director do collegio — latim e latinidade, e desenho linear.

O sr. fr. Francisco do Lado de Christo, 1.º sub-director do collegio — francez, italiano e mathematica elementar.

O sr. padre José Antonio da Rocha, prefeito do collegio — instrucção primaria (primeira parte) e grammatica portugueza.

O sr. padre Caetano de Pinho e Silva, 2.º sub-director do collegio — oratoria, poetica e litteratura; substituição de francez; e de latim e latinidade, coadjuvando na aula de instrucção primaria (primeira e segunda parte).

O sr. José Reynaldo Rangel de Quadros Oudinot—philosofia, geografia, chronologia e historia, instrucção primaria (segunda parte) e substituição de oratoria.

O sr. Manuel José de Oliveira Heitor — principios de phisica e chimica e introducção á historia natural.

Abrir-se-ha uma aula de musica, logo que para ella haja numero sufficiente de alumnos.

Oxalá que tão util estabelecimento se conserve e progrida.

Bom local, agradavel vista de campo, optima cêrca para recreio, faceis vias de communicação, sitio hygienico, terra de recursos, ampla casa, professores bons, já pelos seus conhecimentos, já pela sua morigeração, eis em resumo as causas que levam a crer que este estabelecimento será em breve um dos primeiros no seu genero.

Couto de Cucujães, 14 de outubro de 1874.

OLIVEIRA D'ARDA (ou *do Árda*)—aldeia, Douro, freguezia de S. João Baptista da Raiva, concelho de Paiva, comarca e 15 kilometros ao N. O. d'Arouca, 1:500 metros ao S. do Douro, 30 kilometros ao E. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Situada no degrau da serra de S. Domingos (assim chamada, por lhe ficar no seu plató uma ermida d'esta invocação—vol. 2.º, pag. 477, col. 2.ª) — O logar está a meia altura d'esta serra, que tem mais de 300 metros acima do nivel do rio Douro. Mesmo assim, é o logar muito abundante d'aguas, que regam alguns campos. É terra pobre, pois só tem uns quatro lavradores; o resto feminino da povoação, occupa-se em apanhar carqueija, que vae para o Porto, pelas Fontainhas—e o masculino, na profissão de almocreves, ou jornaleiros.

O que faz notavel esta aldeia, é a sua famosa capella de *Nossa Senhora das Amoras*: tanto que, por longe, não se dá á povoação o seu nome, mas o de *Senhora das Amoras*.

Junto ao logar (ao N.E.) ao sitio onde hoje se vê a ermida, se dava o nome de *Portella*, e era um sobreiral. Resa a lenda, que, pelos annos de 1450, appareceu um dos sobreiros carregado de amoras [1] e entre os

[1] Cumpre-me notar aos meus leitores — que o não saibam — que os sobreiros (ou sovereiros) quando são muito velhos, não dão bolotas; mas em seu logar um fructo muito semelhante ás amoras brancas (de amoreira) e de um gosto ácido e pouco agradavel pela sua aspereza. Tenho as visto e já as provei. Faço esta declaração, para que se

seus ramos, uma formosa imagem da Santissima Virgem; que foi achada por um lavrador d'esta aldeia.

No livro da confraria, que é do principio do seculo XVI, se menciona o apparecimento, sem se designar o nome do lavrador que prim.iro viu a santa imagem.

Á noticia d'este achado, correu todo o logar ao sitio da Portella, vêr a Senhora, hindo tambem alguns clerigos que então aqui havia. Levaram todos logo a Senhora, em procissão, para a egreja matriz, que fica a uns 1:500 metros a N.E.—porém na manhan do dia seguinte, tornou a imagem a apparecer no mesmo sobreiro. Resolveu o povo cortar a arvore, para com a sua madeira fazerem na egreja um altar á Senhora; porém, o que pretendeu dar o primeiro golpe, em logar de cortar a arvore, deu com o machado um golpe em uma das pernas.

Então, entenderam que a Senhora queria ser alli mesmo venerada, e resolveram fazer-lhe uma edicula, a poucos passos do sobreiro, deixando n'elle a imagem, emquanto durava a obra. Concluida ella, fizeram uma grande festa á Senhora, e a levaram em procissão, para a nova ermidinha; mas, na manhan seguinte, tornou a Senhora a apparecer no seu sobreiro.

O povo então decidiu que a pequena ermida ficasse sendo capella-mór, e que se fizesse, para o O., o corpo da ermida, pois abrangia o sobreiro, que ficou no sitio de um dos altares lateraes, e foi serrado, para ficar servindo de peanha á Senhora; que, desde então, não tornou a fugir.

Ficou a imagem denominando-se, Nossa Senhora das Amoras, em memoria das que tinha o sobreiro; e tantos foram os milagres que logo lhe attribuiram, que os romeiros principiaram a concorrer á nova capella, não só das immediações, mas até de algumas leguas de distancia.

N'esta capella ha missa em todos os domingos e dias santificados.

não riam os incredulos, e para que me não chamem *milagreiro*, por causa das *amoras de sobreiro.*

Nos primeiros tempos, faziam-lhe a sua festa, a 25 de março (dia da Annunciação da Virgem); mas, passados alguns annos, se lhe principiou a fazer uma outra, ainda maior festividade, a 8 de setembro (dia da sua Natividade). Com o tempo, foi esquecendo a primeira festa, ficando a prevalecer sómente a segunda, que ainda hoje é uma das maiores romarias d'estas terras, acudindo aqui romeiros de muitas leguas em circumferencia, e até da cidade do Porto; de modo que, sendo o arraial muito pequeno (ainda é um souto de sobreiros, todos muito velhos), se espalha o povo pela serra, e enche as casas da aldeia.

Antigamente, n'este arraial—que principia no dia 6—havia todos os annos grandes desordens, e por vezes mortes; porém, desde que o vinho encareceu e se tornou mais raro, e as *policias-correccionaes* e as *querellas*, se tornaram mais bastas, se faz a romaria com muito mais ordem e socego.

A imagem da Senhora, é de *pedra de Ançan,* tendo apenas 0^{m},44 de alto; mas é formosa e de boa esculptura.

A capella não tem luxo de cantaria [1] nem é grande, e denota mais antiguidade do que lhe dá a tradição. Tem sido varias vezes concertada, e fizeram-lhe uma pequena torre de sinos; mas não se lhe alterou a sua primitiva architectura.

O seu adro foi cercado de um muro, de um metro d'altura, para nivelamento do terreno.

Tem ainda algumas alfaias soffriveis; porém antigamente, teve-as riquissimas; principalmente, uns paramentos da China, que de Gôa (India) lhe mandou um navegante, natural d'este logar, em acção de graças, e em cumprimento de um voto que fizera, por se livrar da morte, em um naufragio nos mares do Oriente.

OLIVEIRA DE CUNHEDO—freguezia, Douro, concelho de Pena-Cóva, comarca, districto administrativo, bispado e 30 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

[1] Por estes sitios não ha outra qualidade de pedra mais do que schisto, quartzo e algum basalto: o granito vem de muito longe, pelo que fica muito caro.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Foi antigamente da comarca d'Arganil, concelho de Farinha-Podre; depois, passou para o concelho da Tábua, comarca de Midões, até que passou para o concelho de Pena-Cóva, da comarca de Coimbra.

O prior de Pena-Cóva, apresentava annualmente o cura, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé de altar.

É terra fertil.

OLIVEIRA-DE-FAZE-MÃO — freguezia, Douro, concelho e comarca da Tábua (era do concelho da Tábua, comarca de Midões) 48 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 174 fogos.

Orago, S. João da Boa-Vista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O *Portugal Sacro e Profano,* não traz esta freguezia.

É terra fertil.

OLIVEIRA DE FRADES—Villa, Beira-Alta, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Vousella, 24 kilometros ao N. O. de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago, S. Pelagio.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A universidade de Coimbra, por opposição, apresentava o vigario, que tinha 100$000 rs. de congrua e o pé de altar.

O côncelho d'Oliveira de Frades, é composto de 12 freguezias, todas no bispado de Viseu — são — Arca, Arcozéllo das Maias, Destriz, Oliveira de Frades, Pinheiro, Reigoso, Ribeiradio, S. João da Serra, S. Vicente, Sejães, Souto, e Varziellas.

Tinha mais as freguezias de Campia, Cambra, Carvalhal de Vermilhas e Alcofra, todas com 1;109 fogos, que passaram para o concelho de Vousella.

Tinha o concelho, quando era formado de 16 freguezias, 2:900 fogos, hoje apenas tem uns 1:800.

O territorio d'este concelho, é fertil em todos os generos do paiz.

Não pude obter mais esclarecimentos com respeito a esta freguezia, porque, tendo-os pedido ao seu reverendo parocho, não se dignou responder-me.

OLIVEIRA DO ARDA — Vide *Oliveira d'Arda.*

OLIVEIRA DO BAIRRO — Villa, Douro, cabeça do concelho do seu nome, na comarca d'Anadia, 12 kilometros ao S. d'Aveiro, 35 ao N. O. de Coimbra, 245 ao N. de Lisboa, 460 fogos.

Em 1757 tinha 126 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro. (Foi do bispado de Coimbra.)

A casa de Bragança apresentava o prior, que tinha 500$000 réis de rendimento annual.

É a 31.ª estação do caminho de ferro do norte.

O concelho de Oliveira do Bairro, é composto de cinco freguezias, todas no bispado d'Aveiro — são — Fermentéllos, Mamarrosa, Oliveira do Bairro, Oian (ou Oyan) e Troviscal.

Teve mais duas freguezias, Nariz, com 225 fogos; e Palhaça, com 272, que passaram para o concelho e comarca d'Aveiro. Quando era composto de 7 freguezias, tinha o concelho 2:897 fogos — hoje tem 2:400.

Esta villa foi dos marquezes d'Arronches, condes de Miranda, senhores e, desde 5 de novembro de 1718, duques de Lafões — que eram tambem senhores donatarios das villas de Miranda do Côrvo, Jarméllo, Folgosinho, Sósa, Podentes, e Vouga. (Para se evitarem repetições, vide vol. 4.º, pag. 12, col. 1.ª e seguintes.)

É terra fertil, sendo muito e excellente o seu vinho, que é do denominado da Bairrada.

Tinha foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 6 d'abril de 1514. (*L.º dos Foraes novos da Extremadura,* fl. 85 v., col. 1.ª)

Trata-se n'este foral, das terras seguintes — *Bairro do Móguo, Lavandeira, Monte Longo, Padella, e Repelam.*

Em março de 1874, se concluiu o edificio dos paços d'este concelho, e já n'elle estão estabelecidas todas as repartições publicas do concelho.

E' um edificio bonito, vasto e elegante.

—

Tambem, pela mesmo razão que dei em Oliveira de Frades, não posso dar mais noticias d'esta villa.

OLIVEIRA DO CONDE—villa, Beira-Alta, concelho do Carregal, comarca de Santa Comba-Dão, 30 kilometros de Vizeu, 255 ao N. de Lisboa.

Tem 1:000 fogos.

Em 1757, tinha 557 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado, e districto administrativo de Vizeu.

O conde de Villa Nova (de Portimão) apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

E' povoação muito antiga. O rei D. Diniz, lhe deu foral em 1286. (Franklin não traz este foral.) D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de dezembro de 1516. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 145 verso, col. 1.ª).

Trata-se n'este foral, das terras seguintes:—Bem-Jazer, Fonte do Frade, Oliveirinha, Travanca, e Villa-Mean.

—

E' barão d'Oliveira do Conde o sr. Miguel Borges do Castro Tavares e Azevedo — feito em 21 de novembro de 1866.

—

Oliveira, é um appellido nobre em Portugal. O ramo principal dos Oliveiras, foi tomado d'esta villa.

O 1.º que com elle se acha, é Pedro d'Oliveira; pae de D. Martim Pires d'Oliveira, arcebispo de Braga, de Pedro Fernandes d'Oliveira, e de Mem Pires d'Oliveira.

Suas armas, são—em campo de púrpura, uma oliveira verde, com azeitonas, e perfilada d'ouro, e com raizes de prata.

Elmo d'aço, cerrado—timbre, a oliveira das armas.

Antonio Marques d'Oliveira, sendo consul em Flandres, e servindo valorosamente a Carlos V, no cerco da cidade de Anvers, lhe deu este imperador novas armas, em 4 de abril de 1545—são—escudo dividido em faxa, na 1.ª, d'ouro, uma aguia negra—na 2.ª, de púrpura, uma cidade, de prata, com suas torres e muros—elmo d'aço, aberto—e timbre, a aguia das armas.

Os descendentes de Francisco d'Oliveira, trazem por armas—escudo esquartellado—no 1.º e 4.º quartel, d'ouro, tres montes de terra, em faxa; de cada um dos lados sáe um ramo de ortigas verdes, que se cruzam em aspa—no 2.º e 3.º, d'azul, duas caldeiras, d'ouro, carregadas de tres faxas de xadrez, do mesmo e purpura, com seis cabeças de serpe, d'ouro, em cada pegado das azas (trez para fóra, e tres para d'entro.) Orla de arminho, carregada de 8 mosquêtas negras. O mesmo elmo e timbre dos antecedentes.

Nossa Senhora dos Milagres

No termo d'esta villa, mas já no districto da freguezia de S. Christovão de Cabanas (vol. 2.º, pag. 6, col. 2.ª) junto ao logar de Lanceiras (ou Laceiras) está a famosa capella de *Nossa Senhora dos Milagres*, edificada em um têso, a que chamam *Lomba de S. Thiago*, por que aqui houve, em tempos antigos, uma pequena ermida, dedicada áquelle santo apostolo.

Sobre as suas ruinas, se edificou a vasta capella actual, a cuja padroeira attribue o povo d'estas terras, innumeraveis prodigios e por isso lhe deram o titulo de Nossa Senhora dos Milagres.

Um devoto ecclesiastico, do logar das Lanceiras, chamado Domingos Gomes, para se entregar a uma vida contemplativa, e de oração e mortificação, se fez eremita, da capella de Nossa Senhora do Castello, d'Azurára (Mangualde d'Azurára) onde assistiu alguns annos, melhorando muito a ermida.

Falleceu n'esse tempo seu pae, ficando-lhe a mãe, já muito velha, que vivia em Lanceiras, onde o filho a vinha visitar muitas vezes, dando-lhe aquillo de que ella carecia.

O amor que tinha a sua mãe o movia a desejar assistir mais perto d'ella.

Em uma d'estas visitas foi o padre, ao sitio da Lomba de S. Thiago, onde tinha umas terras, e, vendo os vestigios da ermidinha de S. Thiago, decidiu fundar alli uma capella á Santissima Virgem, para n'ella viver em solidão, como havia feito em Azurá-

ra, e para estar mais perto de sua mãe, e mais promptamente a poder soccorrer em suas necessidades e doenças.

Communicou os seus intentos a alguns amigos d'estes sitios, que o quizeram dessuadir, fundando-se nas grandes despezas que era preciso fazer, e ás quaes era muito difficil occorrer; porem o virtuoso clerigo, foi por deante no seu plano, e pediu, e obteve finalmente, licença do bispo respectivo, dando logo principio á edificação, o que teve logar pelos annos de 1680, e em pouco tempo estava concluida a capella, que é uma das melhores d'estes sitios.

Está toda, interiormente, revestida de azulejos, com differentes scenas da vida de Nossa Senhora; e com boas pinturas nos tectos. Tem uma boa sachristia, e amplas casas, para hospedaria dos romeiros, que concorrem aqui em grande numero, em varios dias do anno; e residencia de um capellão.

Com as esmolas dos romeiros, se foi adornando a capella, e comprando optimos paramentos e alfaias.

Passados alguns annos, alli assentou a ordem terceira o seu consistorio e casa de despacho, e a ella vem assistir os ministros da ordem; por não haver aqui perto, convento de S. Francisco, n'aquelle tempo.

A festa principal da Senhora, se faz a 15 d'agosto (dia da sua Assumpção) e é sempre concorridissima por gente de muitas leguas em redor: havendo então jubileu geral, para todos os que visitarem esta casa.

Mas, alem d'este dia, em todo o anno se fazem aqui romarias.

Ha uma *via-sacra*, não de cruzes, mas de 13 bonitas ermidas, tendo cada uma, a imagem, de vulto, de Jesus Christo, de muito boa esculptura, representando os differentes passos da sua paixão.

Foram todas construidas pelo fundador da capella, á custa das offrtas e esmolas dos romeiros, e estavam concluidas em 1706, anno em que ainda vivia o padre Domingos Gomes.

Nossa Senhora dos Carvalhaes

Tambem no termo d'esta villa, junto a uma ribeira chamada *Cabaninhas*, proximo ao logar de Alvaréllos, está a capella de Nossa Senhora dos Carvalhaes, onde tambem se fazem, pelo decurso do anno, grandes romarias, pela fama dos muitos milagres que se attribuem á padroeira, que é de pedra, de boa esculptura, de um metro d'altura, encarnada, pintada e dourada.

Está no altar-mór, que é muito rico e perfeito. Tem mais dois altares lateraes.

O sitio onde está a capella (que é bonito e vasto) é muito fresco e ameno, e em redor do templo ha bastantes casas, para hospedagem dos romeiros, e para a residencia do ermitão e da sua familia.

Ha tambem uma *via-sacra*, formada de cruzes de pedra, todas eguaes, que chegam até ao logar de Alvarellos.

Tem a Senhora uma irmandade, que a serve, e lhe faz a festa, no dia da sua Natividade (8 de septembro).

Na quaresma, vem a esta capella o parocho d'Oliveira do Conde, com os seus parochianos, em procissão, nos sabbados de todas as semanas.

Segundo a lenda, havia n'este sitio, em tempos antigos, um souto ou deveza de carvalhos cerquinhos, e no tronco de um d'elles appareceu a imagem da Virgem, pelo que alli se lhe erigira logo uma capella.

Sabe-se que este templo é antiquissimo; mas ignora-se o anno da apparição e da fundação da capella; porem na pianha da Senhora (que é feita da mesma pedra de que se fabricou a imagem, e provavelmente do mesmo tempo) se vê, em algarismo, a data de 1001, que se suppõe ser a era 963 de Cesar, porque então geralmente se contavam os annos.

Sendo assim, foi esta imagem feita durante o reinado de D. Ramiro II, de Leão, que era senhor de Portugal, que já então comprehendia os territorios de Coimbra, Viseu, Lamego, Arouca, e outros mais ao S. do Douro, e todos as que ficavam Entre Douro e Minho.

E' provavel que esta imagem pertencesse a outro templo, e que os christãos a escondessem n'este carvalho, 18 annos depois de feita, para a livrarem das profanações dos

mouros. Na era de 1019 (981 de Jesus Christo). Almançor, rei de Córdova, invadiu Portugal com um grande exercito, reduzindo tudo a ferro e fogo, não escapando um só templo, nas terras por onde passou.

Eram então—bispo de Coimbra, Velivifo; de Viseu, Iquilla; e de Lamego, Jacobo.

Estiveram estas terras, sob a cruel dominação agarena, até ao anno de 1058 de Jesus Christo, no qual, o rei D. Fernando, o Magno, de Castella, se tornou senhor absoluto de Portugal, expulsando os mouros, para sempre.

E' pois de suppor que a capella fosse construida pelos fins do seculo XI; porem tem soffrido tantas reparações que já nada se vê que nos revele tão grande antiguidade.

OLIVEIRA DO DOURO—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Sinfães (foi da comarca de Résende, concelho de Ferreiros de Tendaes) 24 kilometros ao N. O. de Lamego, 350 ao N. de Lisboa.

Tem 600 fogos.

Em 1757, tinha 357 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar, que era muito rendoso.

Como se vê da sua população, é uma das maiores freguezias ruraes, do bispado de Lamego, e tambem uma das mais ferteis e ricas.

Está situada em terreno bastante accidentado, sobre a margem esquerda do Douro, e atravessada por alguns ribeiros, que a regam, fertilisam, e fazem mover varios moinhos de pão.

Produz esta freguezia, em grande abundancia, todos os fructos do nosso paiz, e todos de qualidade excellente. O seu azeite, é do melhor do reino; e o seu vinho, chamado do *Baixo-Douro*, posto ser verde, é de optima qualidade.

Faz grande commercio (pelo Douro) com a cidade do Porto, para onde exporta os seus productos agricolas, e muita e optima madeira.

E' n'esta freguezia o grande e rico logar de *Boáças*, que foi villa e cabeça de couto, ao qual D. Affonso III deu foral, em Santarem, a 15 de março de 1253 (*L.º 1.º de Doações, do rei D. Affonso III*, fl. 1, col. 1.ª, in principio).

Está situado sobre a margem esquerda do Douro, e tem muitas e boas casas.

A freguezia de S. Miguel de Oliveira do Douro, é muito mais antiga do que a monarchia portugueza, e já existia em 922 de Jesus Christo, no reinado de D. Ordonho II, primeiro rei de Leão, sendo então senhor d'esta freguezia, o conde Rodrigo Lucidio, que a doou, com outras propriedades e rendas, ao mosteiro de *Castromire*. (Vide, vol. 2.º, pag. 448, col. 1.ª)

Annexa a esta, está a freguezia, tambem antiquissima, da *Ermida do Douro*, cuja abbadia passou para Oliveira. (Vol. 3.º, pag. 48, col. 1.ª)

Proximo ao logar de Boaças, na estrada que vae para Oliveira, está uma *anta*, celtica, a que chamam *Pedra que bóle* (penedo oscilante.)

Qualquer pessoa, e, ás vezes, até o vento, a faz mover em sentido horisontal.

Ha tambem aqui proximo a esta anta, uma gruta ou caverna, chamada *lapa da Chan*, que póde abrigar 12 pessoas. Já aqui se teem agarrado ladrões, que se acharam acoutados na lapa.

N'esta freguezia, e na da Ermida existiram n'outros tempos, muitas familias nobres, e ainda aqui ha descendentes d'ellas, e casas de ricos proprietarios.

OLIVEIRA DO DOURO—freguezia, Douro, concelho de Villa Nova de Gaia, comarca, districto administrativo, bispado e 3 kilometros ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa.

Tem 800 fogos.

Em 1757, tinha 292 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

O arcediago d'Oliveira, da Sé do Porto, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O nome mais antigo que se conhece a esta freguezia, é *Ulveira*, e é assim que vem designada no foral que D. Manuel deu a Villa Nova de Gaia, em 20 de janeiro de 1875.

De *Ulveira*, facilmente degenerou em *Oliveira.*

Depois, em razão do mosteiro de conegos de S. João Evangelista, d'esta freguezia, se chamou tambem *Oliveira dos Conegos.*

Esta parochia está formosa e pittorescamente situada, sobre a margem esquerda do rio Douro, na vertente septentrional de uma cordilheira que corre parallela com o rio, desde que elle entra em Portugal, e vai terminar em São Payo, junto á foz do Douro.

Esta serra tem varios nomes, segundo as terras por onde passa, e os rios ou ribeiros que a cortam.

Fica em frente das freguezias de Campanhan, e Val Bom (na margem direita do Douro) e do antigo seminario episcopal do Porto. Pelo N. E., está dividida da grande freguezia d'Avintes, pelo ribeiro *Febros*, que morre no Douro, com o nome de *Esteiro.*

O seu territorio é fertillissimo em todos os generos agricolas do paiz, e abundante de optimo peixe do Douro e do mar.

Cria muito gado bovino para exportação e faz grande commercio diario com a cidade do Porto, por terra e pelo rio.

E' n'esta freguezia o celebrado *Areinho*, planicie cultivada, junto á margem do rio, passeio favorito, aos domingos, segundas-feiras e dias sanctificados, de certas classes de gente da cidade, principalmente actrizes e actores.

N'este areal, se pescam muitos saveis e lampreias, desde dezembro até junho.

Estão tambem n'esta freguezia as duas quintas da *Pedra-Salgada*, uma dos herdeiros de Ayres Pinto, que foi regedor das justiças, do Porto; e outra, dos herdeiros do general realista, José Cardoso de Carvalho. (Vide *Armamar.*)

A quinta da *Lavandeira*, perto da que foi cerca do mosteiro; notavel pela sua belleza, e pelas suas plantas exoticas, sobre tudo arvores e arbustos, e por um grande lago, aformoseado com uma ilha, povoada de camelias, grande variedade de cedros, araucarias, etc. Foi de Joaquim da Cunha Lima Oliveira Leal, que n'ella estabeleceu uma granja-modello, com subsidio do governo, onde se ensaiavam e ensinavam os novos systemas de agricultura.

E' hoje do sr. Joaquim Correia Moreira.

A *quinta de Santo Aleixo*, bonita vivenda do sr. Caetano de Mello Lemos de Menezes, da antiga casa de Fataunços, irmão do sr. Antonio de Mello Lemos de Menezes, e primo da sr.ª D. Maria Hellena de Castro Pamplona de Sousa Hollestein, condessa da Ribeira, residente no seu palacio da Junqueira, em Belem.

Alem d'estas, que são mais notaveis, por ficarem á beira do rio, e serem tambem passeio favorito de algumas familias do Porto, ha na freguezia outras muitas e importantes quintas.

—

E' n'esta freguezia o mosteiro de *Nossa Senhora da Conceição, de Oliveira*, de conegos regrantes de S. João Evangelista (loyos) fundado em 1679.

A egreja era vasta e sumptuosa, e o edificio do mosteiro, amplo e formosissimamente situado.

A sua cêrca, de uma grande extensão, chegando pelo N. ao Douro, pelo N. E. e E. ao Esteiro d'Avintes, e pelo S. O. até junto da egreja matriz da freguezia, era uma das mais formosas, ricas e pittorescas d'este reino, e não conheço nenhuma que se lhe podesse comparar em belleza de situação, e em formosura de disposição, em quanto foi dos conegos, que aproveitaram todas as ondulações e accidentes do terreno, para a transformarem em uma encantadora estancia de fadas.

Aguas crystalinas, de optima qualidade, e habilmente aproveitadas, rebentam em varios sitios d'esta quinta, tanto ao sopé do monte, como no ponto culminante (o pombal) e conduzidas em todas as direcções, por encanamentos de pedra, hiam regar e fertilizar as diversas terras da cêrca.

Grande numero de tanques, de formosa cantaria, recebiam estas aguas, que d'alli se repartiam convenientemente. Magestosas arvores seculares, formando uma abobada impenetravel aos raios do sol do estio, offereciam aos passeantes um retiro fresco e agradavel.

Bancos de pedra, dessiminados pelo bosque; formosissimas grutas, com embrexados, todas adornadas de fontes d'agua purissima; estatuas, casas de fresco, caramanchões e mirantes cobertos de lindas trepadeiras, faziam d'esta cerca um verdadeiro paraizo.

Junto ao mosteiro, era o amplo jardim, elevado alguns metros do solo adjacente, e cercado por uma bella balaustrada de pedra, contendo lindos arbustos e formosissimas flores. Finalmente, na cerca d'este mosteiro, tudo eram maravilhas da arte, e da natureza.

Os frades a franqueavam aos visitadores, e tinham mesmo orgulho de que ella fosse vista e admirada.

Mas o Destino, tinha marcado no seu fatidico livro, a hora fatal, o termo desgraçado de tantas formosuras! A *illustração*, palavra bombastica, que tem servido de mascara a tanta miseria, decretára a expulsão dos frades, dos seus mosteiros—pelo *crime atroz* de orarem ao Omnipotente; de conservarem a religião do Cruxificado em toda a sua pureza; de prégarem o Evangelho, nos selvaticos palmeiraes da America, nas perigosas cidades e aldeias da Asia, e nos ardentes sertões da Africa.

Sobre estes *crimes*, commettiam outros tambem dignos de severo castigo—repartiam o pão do espirito e o pão do corpo a todos aquelles que tinham fome de pão ou de instrucção; e semeavam por toda a parte beneficios, e... quasi sempre, colhiam ingratidões!

O mosteiro de Oliveira, entrou na *lista* dos *bens nacionaes*.

Marcellino Maximo d'Azevedo e Mello, havia fornecido as forragens ao exercito liberal: e, como depois da guerra civil, o thesouro não tinha dinheiro para lhe pagar, satisfez-lhe a divida, com o edificio do mosteiro, a cerca e varias terras de fóra d'ella, que tambem pertenciam aos congregados loyos.

Depois deu-se ao mesmo Marcellino Maximo de Azevedo e Mello, o titulo de visconde d'Oliveira (em 10 de março de 1842)

Ainda vive a senhora viscondessa viuva.

Teve tres filhos—os srs. Bernardo, João e Antonio, d'Azevedo e Mello. Este ultimo falleceu, em novembao de 1875, no estrangeiro. Os outros ainda vivem.

No fim do artigo, darei rapidas noticias sobre a familia do 1.° visconde de Oliveira.—A sr.ª viscondessa, é irmã do sr. Joaquim Correia Moreira, da quinta da Lavandeira, d'esta freguezia.

—

Para conservar a cerca no esplendor, belleza e magnificencia em que a tinham os religiosos, era preciso uma grande despeza annual, a que o sr. visconde não estava resolvido; pelo que foi deixando pouco a pouco deteriorar tudo, e actualmente confrange-se o coração ao ver tanto destroço.

Os encanamentos estão destruidos, os tanques, inuteis, desmantellados, ou entupidos; a maior parte do frondoso arvoredo, foi arrancada e vendida, não escapando mesmo as arvores fructiferas — finalmente, tudo hoje n'esta propriedade é devastação, silencio e desgraça! Para cumulo da infelicidade, até o, outr'ora vasto campo da *Ribeira*, dentro da cerca, vae desapparecendo pouco a pouco, levado pelas enchentes do Esteiro!

A grande livraria do mosteiro, foi invadida em 1834, e d'ella roubados os melhores livros, ficando apenas os de menos valor.

Ainda ha 5 ou 6 annos, alli existiam alguns centos d'elles, esquecidos e desprezados, em montões sobre o pavimento, cheios de pó, cobertos de têas d'aranha, traçados e podres.

A egreja, que não foi vendida e portanto ainda *pertence á fazenda publica*, nunca mais, desde 1834, foi reparada, e está a desmoronar-se.

Eis tudo quanto resta d'esta que foi formosissima e magnifica vivenda dos conegos

da congregação de S. João Evangelista, d'Oliveira do Douro.

Para se fazer idea do que foi, e do que ainda póde vir a ser, note-se que—ainda em 1870 foi offerecida á sr.ª viscondessa, por esta propriedade, a quantia de 17:000$000 réis.

—

A egreja matriz da freguezia, é um templo vasto, de formosa architectura, e luxuosamente decorado no interior.

Está edificado em um alto, d'onde se gosam extensas e formosissimas vistas, em todas as direcções, vendo-se tambem, a O. N. O., parte da cidade do Porto.

Fica sobranceira e a pouca distancia, ao O., do que foi mosteiro.

Em frente, e ao N. d'esta freguezia, na margem opposta do Douro, fica a formosa quinta do *Freixo*, que foi dos viscondes d'Azurára (Tavoras) e hoje é dos srs. viscondes do Freixo. (Vol. 3.º, pag. 233, col. 1.ª.)

—

O 1.º visconde d'Oliveira, é descendente de D. Arnaldo de Bayão, filho de Wilhelmo I, duque de Baviera, eleitor do imperio romano, e proximo parente dos imperadores. Floresceu nos seculos X, e XI.

D. Arnaldo, perdendo uma batalha, contra Hugo, conde de Arles, se desterrou voluntariamente da sua patria, no intuito de vir guerrear os mouros na peninsula-hispanica.

Desembarcou no Porto, com alguma gente que trazia, e offereceu os seus serviços ao rei D. Bermudo II, de Navarrá (filho de D. Ordonho IV, e acclamado rei em 982.)

D. Bermudo lhe deu tropas, com as quaes conquistou aos mouros mais de 10 leguas quadradas de territorio, nas duas margens do Douro.

Fez seu assento em Bayão (vol. 1.º, pag. 351, col. 1.ª) e d'esta villa tomou o appellido. Pelo mesmo motivo se denominaram os seus descendentes—*de Riba-Douro.*

Usou por armas, a aguia negra do imperio allemão, como descendente dos imperadores, e estas armas conservam ainda seus descendentes.

D. Affonso IV, filho de D. Bermudo II, o fez rico-homem, de pendão e caldeira, pelos annos de 1010.

Era casado com D. Ufa, filha do conde D. Gozendo (ou Gozindo) Ataufes, e de sua mulher, D. Ufa Ufes (outros dizem—*Ufa Soares Belgazor*) filha do conde D. Ufo Hufes, governador de Vizeu, e irman de Santa Senhorinha.

D'este casamento, tiveram—

D. Guido Arnaldes de Bayão, progenitor dos Barretos.

D. Gozendo Arnaldes de Bayão, rico-homem de pendão e caldeira, que tambem foi um esforçado capitão. Casou com D. Aldonça Gutierres, filha do conde D. Alonço Gutierres, e de D. Velasquinha Egas, ambos parentes de Santa Aldara, e descendentes do rei Wamba. D'este casamento nasceu—

D. Egas Gozendes, rico-homem, de el-rei D. Affonso VI, e do seu conselho, e mordomo-mór da rainha D. Thereza, filha d'aquelle monarcha, e mãe de D. Affonso I, de Portugal. Fundou a villa de Cernancelhe, e lhe deu foral, em 26 de outubro de 1124. Era casado com D. Ufa Viegas, filha de Egas Henriques e de D. Gontinha Eiriz, fundadores do mosteiro de Freixo.

D'este casamento, nasceu D. Hermigues Viegas de Bayão, que succedeu nos senhorios de Bayão — e —

D. Godinho Viegas, rico-homem, que herdou as terras que seu pae havia tomado aos mouros; e fundou o famoso mosteiro de Villar de Frades (dos *bons homens de Villar*). Casou com D. Maria Soares, filha de D. Soeiro Guedes, rico-homem, e fundador do mosteiro da Varzea. Por ciumes, assassinou sua mulher injustamente, e, em duello, foi morto por D. Payo Gutierres da Silva. D'este casamento houve—

D. Payo Godins, rico-homem, casado com D. Maria Annes, filha de Martim Annes, senhor do Avinhal. D'este casamento, nasceu—

D. Mem Paes Roufinho (ou Roufom), rico-homem, 1.º senhor da quinta d'Azevedo, na qual fez solar, e d'ella tomou o appellido. Foi senhor de *Castro* (que desde então se denominou — *Villa do Conde*) o que consta do cartorio que foi do mosteiro de Tibães.

Foi tambem senhor da villa de Santa Maria de Estella.—Foi casado com D. Sancha Paes Curvo, filha de D. Payo Curvo, rico-homem de Galliza. Foi seu filho—

D. Pero Mendes d'Azevedo, rico-homem, de D. Sancho I, e senhor d'Azevedo. Casou com D. Velasquita Rodrigues, filha de Pero Forjaz, *o Bom*, rico-homem (descendente do conde D. Mendo, irmão de Desiderio, ultimo rei dos longobardos) e de sua mulher, D. Isabel Romães, filha do infante e conde, D. Romão (filho de D. Fruella II, primeiro rei de Leão. D'este casamento nasceu—

D. Soeiro Paes d'Azevedo, rico-homem, e 3.º senhor d'Azevedo. Casou com D. Constança Affonso Gato, e teve por filho—

Payo Soares d'Azevedo, rico-homem, 4.º senhor dos coutos e terras d'Azevedo, e embaixador de Portugal a Castella, por el-rei D. Diniz. Casou com D. Thereza Gomes Correia, sobrinha do grão-mestre de S. Thiago, o famosissimo D. Payo Peres Correia, conquistador do Algarve. Foi seu filho—

Vasco Paes d'Azevedo, rico-homem, 5.º senhor dos coutos e terras d'Azevedo. Casou com D. Maria de Vasconcellos, descendente do intrepido Martim Moniz, que morreu atravessado na porta do N., do castello de Lisboa, em 21 de julho de 1147.[1] D'este casamento nasceu—

Gonçalo Vasques d'Azevedo, rico-homem, 6.º senhor d'Azevedo, bravo capitão, que se distinguiu na batalha do Sallado. Casou com D. Berengaria (ou Berengella) Vasques da Cunha, senhora da Povoa de Varzim e outras terras. Ascendente dos condes de Pontevel e Povolide, em Portugal, e dos duques de Ossuna, e Escallona, marquezes de Lixa, e Vilhena, e condes da Tábua e Ruendia, em Hespanha. Houve d'este casamento—

Diogo Gonçalves d'Azevedo (o de Castro), rico-homem, e 7.º senhor de Azevedo e do solar de Castro. Este homem foi a deshonra da sua familia, toda composta de leaes portuguezes. D. Fernando I de Portugal, disputou a corôa a D. Henrique II de Castella (1369) pelo que houve uma guerra entre as duas nações, que terminou pelo tratado d'Evora feito a 31 de março d'esse anno. Diogo Gonçalves, bandeára-se com os castelhanos, porém teve o devido castigo, morrendo ás mãos dos portuguezes, no cêrco que os castelhanos pozeram a Guimarães. Tinha casado com D. Aldonça Coelho da Silva, filha de João Soares Coelho (o primeiro que tomou o appellido *Coelho*), filho de Soeiro Viegas, bisneto do famoso D. Egas Moniz, e progenitor das casas de Felgueiras, Vieira, Fermedo, Bomjardim, Montalvão, e outros. Houve d'este casamento—

Lopo Dias d'Azevedo, senhor dos coutos e terras d'Azevedo. Este recuperou a honra da sua familia, pela sua fidelidade a D. João I, de Portugal, que pelas suas proprias mãos o armou cavalleiro, em Aljubarrota, antes da gloriosa batalha de 14 de agosto de 1385; na qual se portou com tamanha bravura, que o rei lhe deu os senhorios de S. João de Rei, Pena, Aguiar, Parada, Jales, e os *direitos reaes* da honra de Frazão, no mesmo anno de 1385. Foi tambem senhor das Terras de Bouro. Casou com D. Joanna Gomes da Silva, filha de Gonçalo Gomes da Silva, alcaide-mór de Monte-Mór-Velho, senhor de Vages e de outras terras, e de sua mulher D. Leonor Gonçalves Coutinho, progenitores dos marquezes de Vagos, e de Marialva, dos condes do Redondo, e d'outras nobilissimas casas d'este reino. Tambem d'elles procede o nosso legendario, Alvaro Gonçalves Coutinho, *o Magriço*.

Houve d'este casamento:

Martim Lopes d'Azevedo, ao qual, por mercê de D. Affonso V, passou o senhorio das terras e coutos d'Azevedo.

Foi armado cavalleiro, pelo infante D. Pedro, na tomada de Ceuta (14 d'agosto de 1415.)—Tinha sido um dos famosos DOZE DE INGLATERRA (1390.)

Foi, em 1418, capitão de uma das náos do infante D. Henrique, que deram principio ás nossas descobertas no Ultramar.

Morreu em 20 de setembro de 1437.

Era casado com sua prima, D. Leonor de Azevedo, e é o progenitor dos senhores de

[1] D'este Martim Moniz, descendem tambem os marquezes de Castello-Melhor, os condes de Figueiró (que já não há) e todos os mais Vasconcellos legitimos de Portugal do Brasil.

Azevedo, cujo principal representante é actualmente o sr. Francisco Lopes d'Azevedo Velho da Fonseca, feito visconde d'Azevedo em 19 de agosto de 1846.

João Lopes d'Azevedo (irmão do antecedente) 2.º senhor de S. João de Rei, Pena, Aguiar, Parada, Terras de Bouro, Souto, honra de Frazão, e Pereira.

Foi védor da fazenda de D. Affonso V.

Casou com D. Leonor Leitão, filha de Vasco Martins Leitão, senhor de Otta — e teve:

Diogo Lopes d'Azevedo, 3.º senhor de S. João de Rei e dos mais senhorios de seu pae.

Casou com D. Catharina do Carvalhal, filha de Martim Gonçalves do Carvalhal, [1] — e teve:

Diogo d'Azevedo, 4.º senhor de todos os dominios de seu pae.

Casou com D. Maria Coutinho da Cunha e Vilhena, filha de Fernão Coutinho, senhor de Celorico de Basto, e Monte-Longo, da casa de Marialva. Tiveram:

Pedro Lopes d'Azevedo, 5.º senhor dos vinculos de seu pae; casado com D. Maria Ribeira, filha de Diogo Fernandes, escrivão dos coutos da praça d'Arzilla (Africa), e tiveram:

Antonio de Azevedo Coutinho, 6.º senhor de S. João de Rei, etc. — commendador da ordem de Christo, da commenda de S. João de Concieiro.

Casou com D. Mayor Coutinho da Cunha, filha de D. Xisto da Cunha, da casa dos condes do Pinheiro.—Tiveram:

Vasco Fernandes de Azevedo Coutinho, 7.º senhor de S. João de Rei, etc.

Casou com D. Joanna Coronel, filha de Leonardo Nunes, cavalleiro da ordem de Christo, physico-mór, dos reis, D. João III, e D. Sebastião.—Tiveram:

Diogo d'Azevedo Coutinho, 8.º senhor, etc.

Casou com D. Brites Maria da Silva, herdeira da casa da *Tapada*, filha de Francisco de Sá e Menezes, senhor da casa da Tapada. Tiveram:

[1] Casou em segundas nupcias, com D. Ignez Pereira, filha de Gonçalo Rodrigues de Abreu, de cujo consorcio houve só uma filha.

Vasco d'Azevedo Coutinho, 9.º senhor, etc., e da quinta da Tapada, mestre de campo de infanteria.

Casou com D. Luiza Ignacia Coutinho, filha e herdeira de Diogo de Castilho.—Tiveram:

Rodrigo d'Azevedo de Sá Contínho, 10.º senhor dos dominios de seu pae.

Casou com D. Maria Manuella Mosqueira Sotto-Maior, filha de D. Luiz de Mosqueira Sotto-Maior, fidalgo gallego, senhor da villa de Payo-Moniz.—Tiveram:

Luiz Manuel d'Azevedo de Sá Coutinho, 11.º senhor, etc.—e da quinta da Tapada.

Casou com D. Barbara Michaella de Athaide e Menezes, filha de D. Antonio d'Azevedo e Athaide.—Tiveram:

D. Rodrigo Manuel de Sá Coutinho, 12.º senhor, etc.— casado com D. Angelica da Silva e Azevedo.—Tiveram:

D. Luiz d'Azevedo de Sá Coutinho, commendador da ordem de Christo, capitão de caçadores, e senhor da casa da Tapada.

Casou com D. Maria de Lima Araujo e Azevedo, filha do abbade de Lobrigos (irmão do conde da Barca.)—Tiveram:

D. Rodrigo d'Azevedo de Sá Coutinho, que é o actual senhor da casa da Tapada. [1]

De Luiz Manuel d'Azevedo de Sá Coutinho, e de sua mulher D. Barbara Michaella de Athaide e Menezes, 11.os senhores de S. João de Rei, Tapada, etc., nasceu tambem Rodrigo Manuel de Sá Coutinho, e:

Bernardo d'Azevedo Carvalho e Mello, pae do 1.º visconde de Oliveira, e avô do filho primogenito d'este, o sr. Bernardo de Azevedo Mello e Carvalho, actual representante da casa dos viscondes de Oliveira.

Para mais esclarecimentos sobre os differentes ramos d'es-

[1] Foi senhor da casa da Tapada, e é progenitor dos viscondes de Oliveira e de Azevedo, e dos actuaes senhores da Tapada, o nosso famoso classico, *Francisco de Sá de Miranda*.

ta familia, vide *Bayão, Carrazêdo de Bouro, Castanheira* (do Riba-Tejo) *Fiscal, Lama, e Tapada.*

OLIVEIRA DO HOSPITAL—villa, cabeça de concelho do seu nome, comarca da Tábua (foi da comarca de Midões) 60 kilometros a E. de Coimbra, 6 de Midões, 24 d'Arganil, 27 de Gouveia, 280 ao N. de Lisboa.

Tem 260 fogos.

Em 1757, tinha 73 fogos.

Orago, Exaltação da Santa Cruz.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O commendador de Malta, da villa, apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O concelho de Oliveira do Hospital, é composto de 19 freguezias, todas no bispado de Coimbra, e com 5:100 fogos.

São—Aldeia das Dés, Alvôco das Varzeas, Avô, Bobadella, Ervedal, Lagares, Lagiosa, Lagos da Beira, Lourosa, Meruje, Nogueira do Cravo, Oliveira do Hospital, Penalva d'Alva, Santa Ovaia, S. Payo de Codêço, S. Sebastião da Feira, Seixo do Ervedal, Travanca, e Villa Pouca da Beira.

Antigamente, tinha este concelho apenas 2:100 fogos, porque era composto só de nove freguezias, que eram: Bobadella, Lagares, Lagos da Beira, Lagiosa, Meruje, Nogueira do Cravo, Oliveira do Hospital, S. Payo de Codêço, e Travanca.

E' povoação muito antiga.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 27 de fevereiro, de 1514. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 143 v.º, col. 1.ª) Serve tambem para *Gavinhos.*

Bobadella, Lagos da Beira, Lagares, e *Nogueira do Cravo*, tambem tinham foraes novos, dados por D. Manuel.

Consta que D. Diniz, já havia dado foral á Bobadella, e D. Pedro I, a Lagos da Beira; mas Franklim não os traz.

Todas estas quatro povoações que tinham foral especial, foram cabeças de concelho.

Oliveira do Hospital tinha grandes privilegios, por ser de uma das commendas de Malta.

Esta villa, Bobadella e Lagares, eram no meiado do seculo passado da provedoria da Guarda, e da comarca de Vizeu; depois, passaram para a correcção d'Arganil, e por fim, para a comarca de Midões; e, sendo esta supprimida, por causa dos tristemente celebres *Brandões*, são actualmente da nova comarca de Tábua, para onde foi transferida a séde da comarca de Midões.

Ha na egreja d'esta villa, dois mausoleus de architectura gothica, onde consta estarem sepultados dois portuguezes, da extincta familia dos *Amaraes, de Touriz*; os quaes, viajando pela França, obtiveram alli, pelas suas façanhas, o titulo de *condestaveis.*

O terreno d'este concelho é muito fertil em todos os generos agricolas do paiz, que exporta em grande quantidade.

(Em 1873, no termo da villa e no *Carregal do Sal*, foi tão abundante a colheita do vinho, que não houve vasilhas para o recolher, chegando a vender-se a 600, 500, e até a 400 réis o almude!)

Tem estação telegraphica, que principiou a funccionar em 2 de agosto de 1875.

Está estabelecida na casa da camara.

Atravessam este concelho varios ribeiros e regatos, que regam, fazem mover differentes moinhos de pão, e trazem peixe miudo.

—

Oliveira do Hospital, é tambem um appellido nobre n'este reino.

Procede de Domingos Soares d'Oliveira do Hospital, pae de Martim Rodrigues do Amaral, e avô de frei André do Amaral, que foi do conselho do rei D. Manuel, e seu chanceller-mór; ao qual se passou carta de brazão d'armas, em 25 de abril de 1515—e são—em campo azul, aspa de prata, firmada, entre 4 flores de liz, d'ouro.—Elmo d'aço, aberto, timbre, a aspa das armas, com uma das flores de liz no centro.

OLIVEIRINHA—freguezia, Douro, comarca, concelho, districto administrativo, bispado e proximo d'Aveiro, 60 kilometros ao S. do Porto, 250 ao N. de Lisboa.

Tem 450 fogos.

Orago, Santo Antonio de Lisboa.

Esta freguezia, ainda não existia em 1757; formava parte da freguezia d'Eixo, que é

contigua, da qual depois foi desmembrada, para constituir freguezia independente.

Ha aqui uma grande feira de gado, cereaes, etc., a 21 de cada mez, das maiores do districto. [1]

E' terra fertilissima em todos os generos do paiz, e abundante de peixe, tanto do Vouga como do mar.

(No artigo *Eixo*, vol. 3.º, pag. 10, col. 2.ª, ha muita cousa de commum com esta freguezia.)

Em nossos dias, tem melhorado bastante as condições de prosperidade d'esta freguezia, devido á actividade e amor ao trabalho dos seus parochianos.

Em outubro de 1875, concluiu a camara d'Aveiro, uma obra, que concorreu poderosamente para o desenvolvimento da agricultura, industria a commercio dos povos d'estes sitios.

Foi a estrada, d'Aveiro á Agueda. Passa esta, pela *Rua Direita* (a principal) da villa d'Eixo, que até então, no inverno, era um perfeito lagoeiro; melhorando esta obra, não só a commodidade dos povos, mas tambem as condições de salubridade, da terra; porque se fizeram grandes atterros, nas ruas da *Cadeia*, *Adro de Cima*, e *Adro de Baixo*.

As ruas d'Eixo a que ainda não chegou este melhoramento (*Rêgo*, *Matouto*, *e Senhora da Graça*) ainda estão intransitaveis no tempo de chuva.

Pela rua do Matouto, deve seguir o ramal, que hade ligar aquella estrada com a freguezia e a feira de Oliveirinha.

E' uma via de communicação frequentadissima, pelos povos, carros e cavalgaduras dos logares d'Agueda e outras povoações das margens do Vouga.

Esta estrada é de pouco dispendio, por se achar, na maior parte, nivellada.

[1] Em 21 de abril de 1875, vendeu n'esta feira o sr. visconde de Bettencourt, ao sr. Antonio Bernardo Ferreira (o *Ferreirinha*) do Porto, uma parelha de cavallos, por 800 mil réis!—O preço do gado bovino e cavallar n'esta feira, é quasi o regulador, para os povos d'estas terras; como acontece em Lisboa e terras circumferentes, com o gado que se vende na feira da Malveira.

N'esta freguezia está a casa (que foi vinculada até 30 de junho de 1860) do *morgado da Oliveirinha*.

Foi seu ultimo administrador, por casamento, o fallecido Francisco Joaquim de Castro Corte-Real, pae dos srs. drs. José Luciano de Castro Corte-Real, director dos proprios nacionaes, e que já foi ministro—Francisco Joaquim de Castro Corte-Real, juiz de direito, casado com a sr.ª D. Henriqueta da Silva Pereira, filha de José Joaquim da Silva Pereira, que foi general de brigada, reformado—e sobrinha de Francisco Xavier da Silva Pereira, 1.º conde das Antas.

Ha ainda mais filhos (dos dois sexos) do morgado da Oliveirinha, mas não lhe sei os nomes.

Estes Castros são oriundos da Feira; porque o tal ultimo morgado, era natural d'esta villa, e filho do capitão-mór, João de Castro Côrte-Real. (Vide *Feira*.)

Foi prior da Oliveirinha, o sr. doutor, D. José Antonio Pereira Bilhano, actual e dignissimo arcebispo d'Evora. Vide, vol. 3.º, pag. 388, col. 2.ª

OLIVEIRINHA—freguezia, Douro, comarca e concelho da Tábua (antiga de Midões), 54 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A mitra apresentava o prior, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil.

É povoação muito antiga, e foi villa, cabeça de concelho.—D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de maio de 1514. *L.º de foraes novos da Beira*, fl. 90 v., col. 1.ª)

N'este foral se lhe dá o nome de *Oliveirinha do Prado*.

É n'esta freguezia o solar dos *Costas*.

Em agosto de 1875, morreu, na sua quinta dos Carvalhiços, concelho de Tondella, o senhor d'esta antiga e nobre casa, o sr. Antonio da Costa Brandão Brito Mesquita Castello-Branco. Foi coronel do batalhão de voluntarios realistas de Arganil. Era casado com a sr.ª D. Anna Loureiro Cardozo (que

ainda vive), irman da morgada do Loureiro, a sr.ª D. Maria Emilia Loureiro.

Era um perfeito cavalheiro, chão, sympathico e muito caritativo, que deixou indelevel saudade a quantos o conheceram e trataram.

OLIVENÇA [1] — Villa, Alemtejo, praça d'armas, 24 kilometros ao S. d'Elvas, 8 do Guadiana, 12 a E. de Juromenha, 170 a E. de Lisboa. Tinha em 1757, 1:395 fogos, em duas freguezias, no bispado d'Elvas,—e são—

Santa Maria do Castello. A mitra apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento. Constava de 659 fogos.

Santa Maria Magdalena. O papa e o bispo d'Elvas, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 212$000 réis de rendimento. Contava então, 736 fogos.

O padroado da matriz, de Santa Maria de Olivença, foi dado pelo rei D. Diniz, ao mestrado da ordem d'Aviz.

Está esta praça, em 38°, 34′ de latitude—e 14°, 10′ de longitude.—Situada em linda planicie, regada pelo rio do seu nome.

Diz-se que os *elvios* a fundaram, logo depois d'Elvas, pelos annos 995 antes de Jesus-Christo.

No centro da villa está um castello, quadrado, que se diz ser obra dos mouros, e que depois foi reedificado, como adiante se dirá.

Era uma villa e praça, de pouca importancia, da Extremadura hespanhola. Pelo tratado de paz, de *Alcanices*, celebrado em 12 de setembro de 1297 (pelo qual, D. Fernando IV de Castella, se ajustou casar com a infanta D. Constança, filha do rei D. Diniz, de Portugal, e da rainha, Santa Isabel, e o filho d'estes — depois, D. Affonso IV — com D. Beatriz, irman do rei castelhano) se decidiu que as villas e praças—e seus termos—de OLIVENÇA, OUGUELLA, e CAMPO-MAIOR, ficassem d'alli em diante, e PARA SEMPRE, de Portugal; e *Aracêna* e *Aroche*, á Hespanha.

—

D. Diniz, tomou em tanta consideração esta villa, que logo tratou de reedificar o seu velho castello mourisco, e desobstruiu e ampliou o seu fosso; povoando a villa com portuguezes. Deu-lhe foral, em Lisboa, a 4 de janeiro de 1298, com todas as honras, privilegios, regalias e isenções do foral d'Evora. (*L.º 4.º de Doações*, do rei D. Diniz, fl. 6 v., col. 2.ª, § 2.º)—D. Manuel lhe deu novo foral, confirmando em tudo o antigo, em Santarem, no 1.º de junho, de 1510. (*L.º dos foraes novos do Alemtêjo*, fl. 61, col. 2.ª)

Causa sincera pena vêr os heroicos filhos d'esta villa, quasi tão bravos e tão dedicados á sua patria como os de *Sagunto* e de *Numancia*, sujeitos, por meio de uma perfidia, ao jugo castelhano!

E não é só o patriotismo que os faz lamentar a sua sorte — é tambem o amor ao seu bem estar. Era uma povoação insignificante emquanto perteneeu aos hespanhoes, devendo toda a sua importancia e prosperidade, ao paternal governo dos reis portuguezes, [1] e por isso, a maxima parte dos olivencenses, ainda hoje fallam a nossa lingua e anhelam ser portuguezes.

—

O seu brazão d'armas, é—em campo branco, um castello da sua côr, e sobre elle, uma torre, tudo sobre uma planicie, tendo de cada lado uma *oliveira* verde, alludindo ao nome da villa.

Não achei em auctor algum declarado o monarcha que lhe deu estas armas, mas supponho que foi D. João II, em 1485, quando no centro do seu castello mandou construir uma sólida e altissima torre.

D. Diniz a havia cingido de muralhas, com

[1] Talvez que *alguns* notem, incluir eu nas povoações portuguezas, uma que está sob o dominio castelhano. Descrevo-a, porque é uma terra portugueza, que nos foi traiçoeiramente roubada, e porque, quando a Hespanha tiver um governo pundonoroso, nol-a hade forçosamente restituir, e, finalmente, porque—*Res ubicunque est, sui domini est.*

[1] Quando D. Diniz tomou conta da praça, apenas havia o velho castello, com os fossos entupidos, e algumas casas dentro da fortaleza, e muito poucas, e insignificantissimas, extra-muros, que era um vasto olival (d'onde lhe provém o nome). Foi n'este olival, que o rei lavrador fundou a nova povoação, que seus successores augmentaram.

quatro portas, pelos annos de 1300; porém, estando arruinadas, o rei D. Manuel as reedificou, e o castello, pelos annos de 1510. Teem estas muralhas tres portas—*do Calvario, de S. Francisco*, e *Porta-Nova*—e um postigo.

Pelo mesmo tempo, e o mesmo rei, D. Manuel, mandou construir sobre o rio, uma formosa ponte, edificada sobre rochedos, com uma alta torre no centro (que os castelhanos arrazaram, em 1644).

Tem Misericordia e hospital. Voto em côrtes.

Tinha um mosteiro de religiosos franciscanos, fundado pelo povo, junto ao baluarte de S. Francisco, em 1446. Teve tambem um convento de freiras, da mesma ordem, fundado pelo mesmo tempo, e do mesmo modo, á custa do povo.

D. Affonso V, fez, em 1476, conde de Olivença, a Ruy de Mello (filho do grande Martim Affonso de Mello), governador da casa da infanta D. Joanna (filha do rei), guarda-mór do paço, capitão de Tanger (Africa) e *védor dos vassallos de Olivença.*

—

O termo d'Olivença é fertilissimo em todos os generos agricolas do paiz, e n'elle se cria toda a qualidade de gado. É tambem abundante de caça, e de peixe, do seu rio, e do Guadiana.

A villa é cercada por bellas hortas, pomares e campos, regados por frescas e muitas aguas. Criam-se aqui optimos cavallos.

Suas ruas, são dilatadas, e guarnecidas de muito bons predios.

Historia militar de Olivença

Já vimos quaes foram os reis que construiram as obras de defeza d'esta praça, ou reedificaram as antigas. Noto aqui, que, sobre a porta do castello, chamado *da Graça*, está embutido na parede um escudo de pedra, tendo esculpida a figura de uma mulher, coroada, empunhando um sceptro, tendo á direita as armas de Portugal, e as de Aragão, e á esquerda, uma oliveira. Já se vê, que representa a rainha Santa Isabel, infanta de Aragão, e mulher do fundador, ou reedificador do castello. Talvez que estas fossem as primeiras armas da villa, dadas por D. Diniz, quando lhe concedeu foral.

Por baixo das armas, está esta inscripção:

A PRIMEYRA PEDRA DESTE CASTELLO,
FOI POSTA EM DIA DE S. MIGUEL,
E A POZ AQUI, PEDRO LOURENÇO DO
REGO, EM TEMPO DEL REI D. DINIZ.
ERA 1344, QUE HE ANNO DE 1306.

A cinta de muralhas, não se chegou a concluir completamente, por fallecer o rei D. Manuel.

—

Em 20 de julho de 1641, um exercito castelhano, de 8:000 infantes e 2:000 cavallos, ataca esta praça; mas são furiosamente repellidos pela guarnição, e retiram.

Em 17 de setembro, do mesmo anno, de 1641, outro exercito castelhano, de egual numero de infantes e cavallos, foi do mesmo modo, valentemente repellido.

Dez dias depois (27 de setembro), tornaram á carga, com o mesmo glorioso resultado para as armas portuguezas.

Em 1643, os castelhanos principiam a fazer correrias pelas nossas fronteiras do S.E., atacando Villa-Viçosa e Olivença; mas as guarnições d'estas praças se defendem bisarramente, e sahindo a accommetter o inimigo, o desbarata.

A mesma sorte experimentaram na Beira, Minho e Traz-os-Montes.

D. João IV, em desforra, manda as divisões portuguezas invadir a Extremadura (hespanhola), as Castellas e Galliza, atacando Val-Verde, e pondo cêrco a Badajoz; porém tivemos de desistir da empreza.

Em 12 de abril de 1657 (sendo regente de Portugal a rainha D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV), D. Francisco de Tutavila, duque de S. Germano, com um exercito de seis mil e tantos infantes e dois mil e quinhentos cavallos, poz cêrco a Olivença, de cuja praça era governador Manuel de Saldanha. A guarnição era composta, na sua maior parte, de soldados bisonhos e moradores da villa, que se defendiam valorosamente, mas sem disciplina, nem sciencia militar. Vendo, porém, Saldanha e os seus of-

ficiaes, que os soccorros lhe não chegavam com a promptidão que desejavam, entregaram a praça aos castelhanos, no dia 30 de maio do mesmo anno, sob honrosa capitulação. Manuel de Saldanha, sahiu da praça com 2:300 infantes e uma companhia de cavallaria.

Os castelhanos entram na praça, no dia seguinte (5.ª feira, 31, dia de Cospus-Christi), e lhe põem guarnição, tendo por governador, *D. Jeronymo de Quinhones.*

N'esta conjunctura brilhou o patriotismo acrisolado dos habitantes da villa, e o seu horror ao dominio castelhano; pois, sendo rogados pelo duque de São Germano, para que não abandonassem as suas casas e fazendas, nenhum annuiu. Ainda mais—Tutavila, publicou uma ordem, para que, aos que ficassem, se lhes dessem as propriedades dos que sahissem; mas não houve NEM UM só que acceitasse a offerta; preferindo a pobreza, entre portuguezes, do que a riqueza entre castelhanos.

«Digno feito de ser no mundo eterno;
Grande no tempo antigo e no moderno.»

O governo portuguez, premiou a fidelidade, bravura e constancia dos populares, com todos os recursos precisos, emquanto estiveram fóra de suas casas. Saldanha, e os seus officiaes, tiveram o castigo da sua cobardia —aquelle, depois de alguns annos de prisão, foi degredado, por toda a vida, para a India —e estes, foram, uns presos, outros desterrados.

Em janeiro de 1569, o conde de Cantanhede (depois, marquez de Marialva) expulsa os castelhanos, de Olivença, restituindo esta praça á corôa portugueza.

—

Em 1801, a França, colliga-se com a Hespanha, para fazerem guerra á Inglaterra. O principe regente, depois D. João VI, sendo convidado para entrar n'esta liga, recusa; pelo que, aquellas duas potencias nos declaram guerra.

Os hespanhoes e francezes, ao mando de *Godoy*, (o ridiculo *principe da Paz*), invadem o Alemtejo, e nos tomam Olivença.

Em 6 de junho do mesmo anno, de 1801, assignam-se os tratados de paz, chamados *de Badajoz*, por um dos quaes, Portugal deixa á Hespanha, EM REFENS, a praça d'Olivença. [1]

Em 1808, Buonaparte, prende, á traição, a familia real hespanhola, que perfidamente tinha chamado á França. A Hespanha revolta-se contra os francezes, e o general castelhano, Taranco (que tinha occupado a cidade do Porto, com a sua divisão, em 13 de dezembro de 1807), revolta-se contra Buonaparte (6 de junho de 1808) e marcha para a Hespanha, com as suas tropas.

A Hespanha entra na liga anglo-lusa. Os francezes lhe tomam varias praças, e entre ellas Olivença, que é occupada pelos soldados de *Massena.*

Em 15 de abril de 1811, o marechal-general, *Beresford*, com as tropas portuguezas, recupera Olivença, que fica, *de facto e direito*, pertencendo a Portugal.

—

Os habitantes d'Olivença, já nas muralhas e trincheiras da praça, já nas margens do Guadiana, já sobre a ponte da sua villa, mostraram sempre, que eram leaes e bravissimos portuguezes.

O seu odio ao dominio castelhano, foi manifesto em todas as conjuncturas; principalmente, em novembro e dezembro de 1641, pelas crueis represalias que tomaram contra os castelhanos.

—

A *regencia*, [2] levada por um impulso de mal entendida lealdade, torna a *entregar, em refens* (como se tinha estipulado pelo tratado de Badajoz, mas que então, já não tinha razão de ser) aos castelhanos, a praça de Olivença, e estes a teem conservado no seu dominio, desde então até hoje, recusando-se a restituil-a ao seu legitimo dono!

—

Os hespanhoes, ainda hoje gritam contra

[1] N'este tratado, foram plenipotenciarios —por Portugal, Luiz Pinto de Souza Coutinho—pela Hespanha, Godoy—e pela França, Luciano Buonaparte.

[2] Em nome de D. Maria I, e do principe regente, seu filho, que estavam no Brasil.

os inglezes, por lhe *roubarem* a praça de Gibraltar,[1] sustentando, com toda a justiça, que, nem a *traição*, nem a *usurpação*, constituem *direito de conquista;* e que a praça de Gibraltar, é indiscutivel e legitimamente uma parte da nação hespanhola.

Pois os portuguezes teem os mesmos (senão melhores e mais imprescriptiveis) direitos á praça de Olivença, tambem perfida e illegalmente usurpada, e conservada em poder de Castella.

Para os hespanhoes se opporem á usurpação ingleza, deviam primeiro restituir o que nos usurparam—a praça de Olivença e o seu territorio.

E' verdade que no tratado de paz de Badajoz, se diz—«*Sua Magestade Catholica, restituirá a Sua Alteza Real, as praças e povoações de Juromenha, Arronches, Portalegre, Castello-de-Vide, Barbacêna, Campo-Maior, e Ouguella, com todos os seus territorios, até agora conquistados pelas suas armas, ou que se possam vir a conquistar; e toda a artilheria, espingardas, e quaesquer outras munições de guerra, que se acharem nas sobreditas praças, cidades, villas e logares, serão egualmente restituidas, segundo o estado em que estavam no tempo em que foram rendidas: e Sua dita Magestade,* conservará em qualidade de conquista, para a unir perpetuamente aos dominios e vassallos, a praça de Olivença, seu territorio, e povos desde o Guadiana; *de sorte que este rio seja o limite dos respectivos reinos, n'aquella parte que unicamente toca ao sobredito territorio de Olivença.*»

Note-se porem, que os tratados de 6 de junho de 1801, foram dois, ambos feitos e assignados em Badajoz—um celebrado entre Portugal e Hespanha; outro, entre Portugal e França. No preambulo d'estes tratados, se lê:

«Havendo-se concordado entre si os plenipotenciarios das potencias belligerantes, convieram em formar dois tratados, **sem que na parte essencial seja mais do que um, pois que a garantia é reciproca, e não haverá validade em algum dos dois, quando venha a verificar-se a infracção em qualquer dos artigos que n'elles se expressam.**»

No artigo 8.º, diz-se:

«Toda a infracção, será considerada pelo *primeiro consul,* como uma infracção do tratado actual.»

Já se vê que o tratado celebrado então, entre Portugal e Hespanha (pelo qual, D. Carlos IV se arrogou a posse de Olivença, e seu territorio, alem do Guadiana) dependia incontestavelmente, das clausulas do tratado com Portugal e França.

Todo o mundo sabe que, não só houve *infracção* em um ou outro, dos artigos d'estes tratados, mas em quasi todos.

Para o provar plenamente, basta ler-se o artigo 1.º do tratado entre Portugal e França, que estabelece como *obrigação reciproca*, entre as tres partes contractantes, haver—«paz, amisade e boa intelligencia, entre a nação portugueza e o *povo francez!* Cessação das hostilidades, restituição das presas que tivessem sido feitos de parte a parte, e o restabelecimento das relações politicas, como antes da guerra.»

Uma vez que nada d'isto foi observado, ficaram nullos, irritos e de nenhum effeito aquelles dois tratados.

Temos mais—No 1.º de maio de 1808, o principe regente, publicou no Rio de Janeiro, um *manifesto*, no qual se diz — *Sua Alteza Real, declara nullos e de nenhum vigor, todos os tratados que o imperador dos francezes* **o compelliu a concluir, e particularmente os de Badajoz, e de Madrid, de 1801, e o de Neutralidade, de 1804; pois elle os tem violado, e jamais os respeitou.**»

Em 30 de maio de 1814, se celebrou entre Portugal e França, o tratado de Paris (na occasião da *paz geral*)—e no artigo addicional, n.º 3,[1] se diz — «Com quanto os trata-

[1] Foi o almirante da esquadra britannica, *Rooke*, que lhes tomou e occupou esta praça, em nome da rainha, Anna, d'Inglaterra, em 1804.

[1] Foi confirmado pelo artigo 11.º do tratado de 28 d'agosto de 1817.

dos, convenções e actos concluidos entre as duas potencias (Portugal e França) anteriormente á guerra, **estejam annullados de facto,** pelo estado de guerra, as altas partes contratantes, julgaram, não obstante, conveniente **declarar expressamente, que os ditos tratados, assignados em Badajoz e Madrid, em 1801, e a convenção, assignada em Lisboa, em 1804, ficam nullos e de nenhum effeito, pelo que dizem respeito a Portugal e á França, e que as duas corôas renunciam mutuamente a todo o direito, e se desligam de qualquer obrigação que d'elles podesse resultar.**

—

No acto final do congresso de Vienna de Austria, celebrado entre a Allemanha, França, Inglaterra, Portugal, Prussia, Russia e Suecia; feito e assignado em Vienna, a 9 de junho de 1815, diz, o artigo 105:

«*As potencias, reconhecendo a justiça das reclamações, formadas por sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal e do Brasil,* **sobre a villa de Olivença, e os outros territorios cedidos á Hespanha, pelo tratado de Badajoz de 1801, e considerando a restituição d'estes objectos, como uma das medidas, proprias para assegurar entre os dois reinos da Peninsula, aquella boa harmonia, completa e permanente, cuja conservação, em todas as partes da Europa tem sido o fim constante de seus arranjamentos, obrigam-se formalmente, a empregar, por meio de consiliação, os seus esforços mais efficazes, a fim de que se effectue a retrocessão dos ditos territorios, em favor de Portugal. E as potencias reconhecem que este arranjamento deve ter logar o mais brevemente possivel.»**

—

Em vista do que fica apontado, e das positivas e terminantes clausulas dos documentos que acabaram de ler-se; é evidentissimo, é incontestavel, que a conservação da praça e villa de Olivença e seu territorio ao S. do Guadiana, em poder do governo de Castella, constitue uma flagrante usurpação, que nenhum titulo nem rasão justifica.

Se a nação hespanhola quer que todo o mundo lhe dê razão, nas suas reclamações contra a detenção de Gibraltar, pela Gran-Bretanha, entregue-nos primeiro, por um acto formal e legal, de restituição, sem condições, a nossa praça e villa de Olivença e seu termo; e assim pratica um acto de nobreza, fidalguia e justiça, até agora debalde reclamado pelos portuguezes.

—

Em 11 de fevereiro de 1788, nasceu na villa de Olivença, Francisco da Gama Lobo, que falleceu em 23 de setembro de 1848. Foi 1.º barão de Argamassa, tenente-general, commendador d'Aviz, cavalleiro da Torre Espada, e tinha a cruz das campanhas da guerra da Peninsula.

Casou em 12 de fevereiro de 1820, com D. Anna Maria Correia de Proença.

O barão de Argamassa, era de uma familia illustre, descendente dos condes da Vidigueira.

—

Tendo no reinado de Filippe IV, o alcaide de Xerez imposto a D. João da Gama Lobo um tributo do qual eram isentos os homens fidalgos, teve o lesado de apresentar uma justificação da sua nobreza, em vista da qual se lhe passou a seguinte sentença:

«Declaramos ao dito D. João da Gama Lobo ser homem filho d'algo, em posse e propriedade de si e de seu pae e avô. E pomos perpetuo silencio aos ditos Fiscaes de Sua Magestade e ao dito conselho da dita cidade de Xerez dos Cavalleiros, e ao seu procurador em seu nome, e a todos os demasis concelhos de todas as demais cidades, villas e logares d'estes reinos e senhorios de Sua Magestade, para que em razão da dita fidalguia do dito D. João da Gama Lobo, não o inquietem, nem perturbem agora nem em tempo algum: e sem

custas para esta nossa sentença de revista. Assim o pronunciamos e mandamos. Licenciado D. Alonso Ramirez do Prado, Doctor D. Rodrigo Serrano, Licenciado D. Juan Golfim de Carvajal. — A qual sentença foi dada e pronunciada pelos ditos nossos presidentes e ouvidores estando fazendo audiencia publica na cidade de Granada, em 11 de setembro de 1648.»

—

O livro que contem este processo é de pergaminho. Na 1.ª pagina tem um sello, ao lado do qual se lê: «Sello segundo, sessenta e oito maravedis, anno 1654.»

Depois tem uma pagina onde se vê uma Nossa Senhora, perfeitamente colorida, tendo por baixo—*D. Felipe.*

Na pagina seguinte representa um cavalleiro de espada desnuda, tendo sob as patas do cavallo um mouro — e por baixo — *Por la Gracia.*

A 3.ª pagina representa as armas dos Gamas Lobos—lendo-se sob ellas—*De Dios.*

No principio de cada capitulo ha uma letra a côres e dourada, perfeitamente colorida e artisticamente desenhada.

Um dos descendentes dos Gamas Lôbos, foi Lope de Gama, a quem D. Sebastião convidou para o acompanhar na sua jornada a Africa; foi commendador do Habito de Christo e provedor da Misericordia de Olivença.

Este livro, summamente curioso, pertence hoje ao sobrinho do barão de Argamassa, o sr. José Francisco de Azevedo Coutinho da Gama Lobo, capitão do regimento de infanteria n.º 9.

Para as suas armas, vide *Niza*, nos seus marquezes, e *Vidigueira*, nos seus condes.

—

Foi alcaide-mór d'Olivença, Pedro Rodrigues da Fonseca; illustre cavalleiro portuguez, no reinado de D. Fernando.

Por morte d'este monarcha, seguiu o partido da infanta D. Beatriz, rainha de Castella, mulher de D. João I (filho de D. Henrique II) de Castella.

Fugiu para a Hespanha com seus filhos, um dos quaes era D. Pedro da Fonseca, varão de grande intelligencia e grandes estudos.

Escreveu e publicou algumas obras de bastante merecimento.

O antipapa Benedicto XIII, o nomeou cardeal, do titulo de Santo Angelo.

Depois, sujeitou-se á obdiencia do legitimo papa, Martinho V, que governou a egreja de Deus, desde 1417, até 1431. O papa lhe confirmou a nomeação e titulo que tinha, e o nomeou por seu legado à latere, a Constantinopla, para a união das egrejas grega e latina, que o imperador do Oriente, Manuel Paleologo, pretendia. Não se concluiu por então; mas, ficou o negocio em tão boa via, que pouco depois se conseguiu a união das duas egrejas; que, infelizmente, pouco tempo durou, pela natural inconstancia dos gregos.

Veiu depois, D. Pedro da Fonseca, por legado, a Hespanha, para a extincção do scisma, que ainda durava, do antipapa Benedicto.

Foi a Napoles, com o mesmo emprego de legado pontificio, para aplanar as difficuldades, sobre successão da coroa d'este reino.

Não seguindo as pisadas de seu pae, foi um portuguez fidelissimo, amigo dedicado do nosso D. João I, que muito o estimava, e um varão de grande honradez e probidade, geralmente respeitado, por todos os reinos onde exerceu os seus altos empregos.

Morreu em Roma, de uma queda, em 20 de agosto de 1422. Jaz na Basilica do Vaticano, na capella do apostolo S. Thomé, em nobre sepultura.

OLLAS—vide *Thomar.*

OLMAFÍ—portuguez antigo—marfim.

OLMOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros (foi da extincta comarca, e supprimido concelho de Chacim) 60 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos. Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago, Santo Antão, abbade.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Chacim apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

OLÔR — freguezia extincta, Alemtejo, no bispado de Elvas, d'onde dista 30 kilometros d'Elvas, 195 á E. de Lisboa.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago, S. Jorge.

A mitra apresentava o cura, confirmado, que tinha de renda, 300 alqueires de trigo, e 74 de cevada.

OMEZÍO—portuguez antigo—homicidio, morte violenta de homem ou mulher, sem auctoridade de justiça.

Em todos os nossos foraes antigos, era o *omezío* uma das côimas que nunca se omittia.

No Aro (termo) de Lamego, éra costume que, achando-se alguma pessoa morta, sem se saber quem fôra o agressor, o logar mais visinho era obrigado a pagar de côima, ao mordomo, 30 maravedís; ou provar quem a matou ou do que morreu.

D. Affonso IV aboliu este costume, nas suas primeiras côrtes; o que consta do *Tombo do Aro*, de 1346, fl. 3 verso.

No foral de Bragança, de 1187, se diz — (traducção do seculo XIV)—*Se o morador da vossa Villa matar a outro, que nom for de vossa Villa, nom peyte por el nê miyalla: e se matar o de fóra ao da vossa Vil'a, peyte por el c c c (300) ssoldos.... A Rouso, ou a Omezio, e a Furto, vaya ElRey*—isto é—são do rei estas trez côimas.

OMICÍDIO—o mesmo que omezío.

OMICÍO—o mesmo.

OMILDOSO — portuguez antigo — humilde.

OMIZIÃO—portuguez antigo—adversario, inimigo, etc.

El rei D. Diniz, mandou que — «se algum, a fim de matar, deshonrar ou fazer mal, entrasse na casa d'alguem, ou o accomettêsse no caminho, e o agressor fosse morto, chagado ou deshonrado, ou qualquer dos que com elle foram, não seja aquelle que se defender, nem aquelles que com elle estiverem» *Omizião* (julgado assassino) *daquelles que o cometeram, nem dos que com elle forem, nem de sua linhagem d'elles E todo o homem que contra esto ve r, pera acooimar, ou fazer vindita, que moira por ello.* (Codigo Alf., liv. 4.º, tit. 73, § 1.º)

Muito mais significação tinha a palavra *omizío* e *omizieiro*, que eu, por brevidade omitto, e que sob esta palavra se podem ver em *Viterbo*.

Ao sitio onde se commettia um assassinato, se ficava muitas vezes chamando—*logar do Omizío*.

Alguns d'estes nomes se conservaram ás localidades; e é por isso que a varios logares ainda se chama *Omezío* e *Amezío*.

OMNIA—portuguez antigo—todas as cousas, toda uma herdade ou fazenda, na qual se semeiam e produzem todos os fructos.

Vide *Tarouca*.

ONCO—portuguez antigo—logar escuro, retirado, escuso; angra defendida por altos montes, e por isso encoberta ás vistas do inimigo.

ONRRA—portuguez antigo—honra.

ONZENAR—portuguez antigo—commerciar, negociar ou contratar com lucro exhorbitante.

Ainda é usado.

OOYTE—portuguez antigo—noite. (Doc. de 1473.)

OPARLANDA ou **OPALANDA**—portuguez antigo—especie de chambre—vestido talar de andar por casa,

ORA — portuguez antigo—o mesmo que *Oxalá*. Vide esta palavra.

ORAÇOEIRO — portuguez antigo — livro que só contem orações.

ORACULO—portuguez antigo—oratorio, capella, pequena egreja, ou outro qualquer logar de oração. Em 1203, vendeu o mosteiro de Santa Marinha, da Costa, de Guimarães, o *oraculo* de S. João.

D'estas vendas de oraculos, ha muitos exemplos na nossa historia, desde o seculo IX até ao XIII.

ORÁDA—portuguez antigo—o mesmo que *oraculo*.

ORADA—(Nossa Senhora da)—A uns 4 kilometros da villa d'Albufeira (Vol 1.º, pag. 52, col. 1.ª) em frente da *Torre da Vigia* chamada *Baleeira*, em um logar êrmo e deserto, cercado de uma alta serra, pelo N., E. e O., e sobre uma rocha, na costa meridional do Algarve, está o antiquissimo templo de *Nossa Senhora da Orada*, cuja origem se perde na noite dos tempos.

Segundo a tradição, foi n'este logar achada por uns pescadores, uma linda imagem da S. S. Virgem, á qual conduziram logo, com grande regozijo, para a egreja matriz; mas no outro dia, tornou a apparecer sobre a rocha.

O mesmo aconteceu todas as vezes que d'alli foi removida—até que o povo resolveu fundar uma capella no sitio do apparecimento, e, trabalhando com grande vigor, em pouco tempo estavam concluidas as obras principaes da famosa ermida, que ainda é a actual.

E' esta Senhora da particular devoção de todos os navegantes e pescadores da costa algarvia, que sempre a invocam nos perigos do mar, e em todas as suas afflições.

O povo da maior parte do Algarve, concorre a esta capella em constante romaria, quasi todo o anno; mas, sobre tudo, no verão.

A sua festa principal, é a 15 d'agosto, havendo então uma extraordinaria concorrencia de povo, á romaria, e á boa feira, que então alli se az.

Muitos milagres se attribuem a esta santa imagem. Fr. Agostinho de Santa Maria (*Sant. Mar.*, tom. 6.º, pag. 435), entre outros, relata o seguinte:

No 1.º d'agosto de 1699, o marquez de Fronteira, governador e capitão-general do Algarve, mandou em um pequeno barco, de Lagos para Albufeira, uma companhia de soldados pagos, da qual era capitão Manuel Alves Pereira.

Chegando o barco á vista de Nossa Senhora da Rocha, foi atacado por quatro *náus* de turcos, que lhe foram dando caça até á ponta da Baleeira, cahindo sobre o barco, uma chuva de metralha e fogo de mosquetaria, sem que fosse ferido nem só um dos portuguezes, que todos se escaparam, sãos e salvos, d'aquelle grande perigo, pelo patrocinio da Senhora da Orada, que elles, durante o conflicto, não cessaram de invocar; e, apenas desembarcaram, foram todos descalços e a pé, dar graças á capella de Nossa Senhora da Orada.

Depois, lhe mandaram cantar uma missa, e offereceram um quadro, no qual ainda hoje se vê o barco cercado e metralhado pelas náus turcas.

Tambem d'esta Senhora, se canta no Algarve a lenda seguinte:

Má sentença um homem teve,
Em hora triste e minguada:
Por ella andava perdido,
Sua mulher desterrada.
Sentado, estava chorando
Sua vida tão airada.
Quando seu pranto em torrentes
A falla lhe já tomava,
Uma voz ao longe ouvira,
Que mui alto lhe bradava:
— Caminha, vae a Lisboa,
Não temas essa jornada,
Que a sentença que tiveste,
Foi por bem que te foi dada.
— Como pode assim ter sido,
Se contra mim foi lavrada?
— Corre a casa do notario,
Acharás que não é nada.
Vae-te a casa do juiz,
Onde se fez a juntada,
Depois, volta á escrivanía,
Verás a letra mudada.

—

Seguindo vae té Lisboa,
Como quem bem caminhava,
Chega a casa do notario,
E viu que não era nada.
Chega a casa do juiz,
Onde se fez a juntada,
E, procurando a sentença
Achou-a toda riscada.
— Homem, quem aqui te trouxe,
A seguir esta jornada?
— Mandou-me o Senhor da Pedra,
E mais a Virgem Mãe, da Orada,
Que a consolar-me vieram,
Quando eu os invocára.
Oh, quem tal dita tivera,
Que para traz já voltára!
Eu por mim, sim, voltaria,
Mas não mais os encontrára.

—

Hindo pelo seu caminho,
Com a sentença mudada,
Uma mulher vira morta,

N'um esquife amortalhada.
A mulher logo se erguêra,
Que a vida então recobrára,
Vendo passar seu marido,
Pelo nome lhe bradára:
— Homem, se estás em peccado,
Confissão te seja dada;
Já que eu morri n'este mundo,
Sem vêr hostia consagrada.
Depois de te confessares,
Tua alma será ganhada.
Chega pois á confissão,
Que não precisas mais nada.
— Tambem tu, oh mulher minha,
Que ora estás resuscitada,
Antes que recáias morta,
Faze por ser confessada.
A Deus pede que te salve
E mais á Virgem Mãe, da Orada.

—

Em oração de pozeram,
Anjos á terra baixaram:
Depois de oração fazerem,
Ambos para o Céu voaram.

ONÇA — quinta, contigua e ao N. d'Aveiro. Soror Brites Leitão, senhora nobre, e freira dominica, foi casada com Diogo de Athaide, e serviu na côrte da infanta D. Isabel, mulher do infante D. Pedro, duque de Coimbra, e tio e sogro de D. Affonso V (É o infeliz D. Pedro, que morreu na *Alfarrobeira*).

Foi aquella senhora (D. Brites) a fundadora do convento de Jesus, de Aveiro, de religiosas da ordem dominicana.

Tendo perdido seu marido, retirou-se com suas filhas á sua quinta da Onça, proxima d'Aveiro, hindo depois com ellas e uma velha senhora habitar n'esta, hoje cidade e então villa, uma pequena casa, onde se deu á mais rigorosa penitencia e mais severa austeridade.

Jejuava todo o anno, nunca comia carne, e vestia burel asperrimo.

A fama do pequeno recolhimento derramou-se por toda a parte, e muitas senhoras de primeira nobreza pediram para se recolherem ao nascente mosteiro, que a santa fundadora só logrou estabelecer alguns annos mais tarde, tendo tido préviamente que defender uma demanda pela sua quinta da Onça, que a final doára ao convento.

El-rei D. Affonso V fez-lhe a honra de vir lançar a primeira pedra do alicerce da egreja: e depois sua propria filha, a infanta D. Joanna, veiu procurar o habito de dominicana, dentro dos muros do mosteiro de Jesus.

A peste, que assolava o reino e a villa, foi causa de el-rei ordenar que sua filha sahisse d'alli, hindo em companhia da princeza, Brites Leitão.

Com effeito foram para Aviz, e d'ahi para Abrantes, d'onde Deus chamou a si a alma de Brites, a 3 d'agosto de 1480.

Do viveiro das religiosas de Jesus d'Aveiro, sahiram as reformadoras dos mosteiros de Corpus-Christi, de Villa Nova de Gaya; das Donas, de Santarem; da Annunciada, de Lisboa; e de S. João, de Setubal.

Hoje a gloriosa familia de S. Domingos, está prestes a extinguir-se.

Dizem que a liberdade se oppõe á perfeição evangelica... opporá.

ORADA (Nossa Senhora da) — freguezia, Alemtejo, comarca de Extremoz, concelho de Borba, 48 kilometros d'Evora, 155 ao S. E. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago, a mesma Senhora.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 207 alqueires de trigo e 56 de cevada.

ORADA (Nossa Senhora da)—Vide a pag. 170, col. 2.ª, do 5.º vol.

ORADA (Nossa Senhora da)—Vide *Zêzere*.

ORADA (Nossa Senhora da) — freguezia, Douro, a 30 kilometros de Coimbra e 180 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 71 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrat.º de Coimbra.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 14$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Já não existe esta freguezia.

ORADA (Nossa Senhora da) — freguezia suppimida, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, 65 kilometros d'Evora, 150 ao S.E. de Lisboa.

Tinha em 1757, 13 fogos.

Orago, a mesma Senhora.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O arcebispo apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de pão terçado, e o pé d'altar.

ORADA—Ha varias freguezias n'este reino, que teem por padroeira *Nossa Senhora da Orada*. Vão sob o nome da freguezia respectiva.

ORAL—portuguez antigo—especie de veu, preto, com que as mulheres honradas e sisudas cobriam o rosto, quando sahiam de casa.

ORBACEM—freguezia, Minho, concelho de Caminha, comarca e districto administrativo de Vianna, d'onde dista 20 kilometros, ao N.O., arcebispado e 40 kilometros ao O.N.O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 125 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

ORCA—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Fundão (foi do concelho d'Alpedrinha—extincto—mas da comarca do Fundão), 60 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago, S. Francisco de Assis.

Bispado e districto administrativo de Castello-Branco. (Foi antigamente do termo da villa de Castello-Novo.)

Os condes de Povolide apresentavam o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É n'esta freguezia o famoso sanctuario de Nossa Senhora da Oliveira, assim denominada, por ter apparecido no tronco cavernoso de uma oliveira. Fica esta capella fóra do logar da Orca, a um kilometro de distancia d'elle, em logar solitario, entre uns olivaes.

É templo muito antigo; mas nada se sabe ao certo, quanto á data do apparecimento da Senhora e da fundação da ermida.

Segundo a lenda, conservada por tradição—teve a seguinte origem:

No tempo do dominio arabe, se deu n'este logar uma sanguinolenta batalha, na qual era general portuguez, Simão de Oliveira, da cidade de Bragança. Vendo-se este em grande perigo, e aos seus, invocou a protecção de Nossa Senhora da Oliveira, que se venerava na sua terra, e ella lhe appareceu no tronco de uma oliveira, e o animou a continuar a batalha, que deu em resultado o desbarate dos mouros.

Em reconhecimento d'este milagre, mandou logo Simão d'Oliveira edificar, no sitio do apparecimento, a ermida primitiva.

Attribuem-se muitos milagres a esta Senhora, que é visitada em quasi todo o anno por grande concurso de romeiros. Na 1.ª oitava da Paschoa da Resurreição, vem todos os moradores do logar da Póvoa em romaria á Senhora, com sua procissão; havendo então missa cantada, sermão, etc. Faz-se esta romagem em cumprimento de um voto.

Os moradores do logar de S. Miguel d'Acha, vem na segunda feira, depois da *dominica in albis*, ou dia de Nossa Senhora dos Prazeres, com a sua procissão; havendo do mesmo modo, missa e sermão. É tambem em cumprimento de um antigo voto.

Tinha eremitão.

ORDEM—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 35 kilometros a E. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O *Port. Sacro e Profano* não traz esta freguezia.—Consta que foi dos templarios.

Ha em Portugal varias aldeias e sitios denominados *da Ordem*, por terem sido das differentes ordens militares de Portugal.

É terra fertil.

ORDENAMENTO—portuguez antigo—mandado, ordem, léi, etc.

ORDENANÇA—portuguez antigo—o mesmo que *ordenamento*.

ORDENANÇAS [1]—corpos irregulares (ir-

[1] Dava-se a estes corpos, vulgarmente o titulo de *companhias da Bicha*. Tambem os denominavam *Tabaréus*, alludindo á sua in-

regularissimos!) que já existiam na nossa Peninsula, no tempo dos godos.[1] O conde D. Henrique creou estes corpos, que existiram até 1834. Não combatiam senão em guerra de guerrilhas; e, se algumas vezes prestaram bons serviços á patria (sobretudo, durante a guerra peninsular) a maior parte d'ellas, faziam mais perca do que proveito. Eram mal armados, com todas as armas que podiam haver á mão, insobordinadissimos, etc., etc.; e, nas batalhas, pouco mais faziam do que despojar os mortos, e dar máus exemplos ás tropas de 1.ª linha.

Eram ás ordenanças, em geral, compostas de homens, que, pela sua edade, ou por outra qualquer circumstancia, estavam isentos da 1.ª e 2.ª linha, e formavam a terceira. Os *terços*, e depois, os *regimentos*, de milicias, formavam a 2.ª *linha.* (Eram 48 regimentos.)

Na guerra da peninsula, se creou uma outra 2.ª linha, com corpos de *voluntarios*, sob diversas denominações.

Desde 1828 até 1834, havia 52 batalhões de *voluntarios realistas.*

Os liberaes, tambem, desde 1832 até 1834, crearam varios batalhões de voluntarios, com differentes titulos, e algumas partidas de guerrilhas. Durante esta guerra fratricida, devemos confessar que a maior parte dos regimentos de milicias e dos batalhões de voluntarios realistas, eram tão bravos e disciplinados como os corpos de 1.ª linha. Tambem muitos batalhões de voluntarios liberaes, eram tão valentes, como a tropa regular.

Os corpos de milicias, foram creados pelo marechal general Beresford, em 1808; mas só em 1814 é que este grande organisador lhes deu uma fórma mais perfeita e militar.

Todos os officiaes de milicias e voluntarios, sahiam da classe de *paisanas*, menos os majores, que eram capitães do exercito, em commissão; e os ajudantes, que eram subalternos de 1.ª linha, que tambem serviam em commissão.

disciplina, e á balburdia incorrigivel que faziam em toda a parte a que chegavam.

[1] Até ao 5.º seculo, todos os lusitanos se podiam chamar ordenanças.

Em 1834 se crearam as *guardas nacionaes*, que era uma especie de milicianos, e que serviam mais de fazerem revoltas contra o governo, do que de manterem o socégo publico, pelo que foram dissolvidas.

ORDENS MILITARES—Vide vol. 4.º, desde pag. 300 até 301.

ORDINHADO — portuguez antigo — ordenado — clerigo de ordens menores, e d'ahi para cima. *Ordinhados de ordeés Sagras, e doordeés Meores.* Carta de D. Affonso IV, de 1352. Doc. de Coimbra.

ORDO — portuguez antigo — cevada — (do latino ordeum).

ORELHÃO — Vide *Lamas d'Orelhão.*

ORELHAS CORTADAS — No tempo dos godos, e ainda durante os primeiros tempos dos reis portuguezes, existiu o castigo de *orelhas cortadas.* Em varios foraes vemos esta pena, applicada a alguns delictos. — O latrocinio, segundo as suas circumstancias (ou o foral da terra), era punido com a morte; com a marca de ferro em braza, na testa; ou com açoites; ou desterrados: e a pena de orelhas cortadas, tambem se applicava muitas vezes, quando semelhante castigo era imposto no foral a esse delicto.

No foral de Santa Cruz da Villariça, junto a Moncorvo, se lê:

De furto descuberto, det a suo dono toto suo haver dupplato, et novenas partiant cum Palatio: et prendant illos alcaldes las orelias. Et si allia vice furtaverit, matent illum.

Em um assento dás côrtes de Lisboa, convocadas por o rei D. Manuel, em 1499, se determinou que — «toda e qualquer pessoa que fosse tomada, *cortando ou desatando bolsa, ora na bolsa se achasse dinheiro, ora não, se fôr peão, será açoitado, e desorelhado.*» A mesma pena impunham as *Ordenações do Reino.* L.º 5.º, tit. 60, § 11.

Tambem em alguns foraes, se infligia o castigo de *orelhas fendidas*, ou *rasgadas.*

Os que roubavam os templos ou cousas sagradas, eram tambem *desorelhados*, e, algumas vezes *castrados.*

S. Luiz, rei de França, mandou que, o que roubasse—a 1.ª vez, fosse desorelhado —a 2.ª, se lhe cortasse um pé—a 3.ª, fosse enforcado.

Dizem alguns escriptores que o *desorelhamento*, era para que do criminoso não ficasse geração; porque o desorelhado se tornava impotente, por lhe ser cortada certa veia, que passa junto á orelha, depois de cuja operação ficava o homem inhabil para a geração!

A opinião mais geral, porém, e a mais plausivel, é, que este castigo era vil e vergonhoso, é o ladrão era conhecido em toda a parte, por esta marca indelevel e infamante.

Já os romanos usavam este castigo por ser o mais vil e despresivel.

Juvenal, na *Satyra VIII*, diz que os romanos, para se vingarem das injurias que lhes tinha feito o imperador Galba, se foram ás estatuas d'elle e lhes cortaram as orelhas e o nariz. (*Galbam auriculis, naso que carentem.*)

O mesmo praticavam com outras estatuas, dedicadas aquelles de quem se queriam vingar.

ORGE, ORGO — ORGHO e **ÓRIO** — portuguez antigo—cevada—do francez *orge*.

ORGENS—vide *Orjaes*.

ORGENS—vide *Monte Viseu*, a pag. 533, col. 1.ª, do 4.º vol.

ORIK—nome que os arabes davam a Ourique.

ORIOLLA—freguezia, Alemtejo, comarca de Evora, concelho de Portel (foi da comarca de Monçaraz) 30 kilometros ao O. d'Evora, 12 a E. d'Alvito, 120 ao S. E. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção (e tambem do Bom Albergue).

Bispado de Beja, districto administrativo d'Evora.

O ministro do convento da Trindade, de Santarem, apresentava o reitor, collado, que tinha 100$000 réis e o pé de altar.

Foi villa e é povoação muito antiga.

D. Diniz lhe deu foral, em Beja, a 2 de março de 1282. (Gav. 15, maço 13, n.º 23—e no *L.º 1.º de Doações do sr. Rei D. Diniz*, fl. 61 verso, col. 1.ª, in fine)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de novembro de 1516. (*L. de Foraes novos do Alemtejo*, fl. 100 verso, col. 2.ª)

Consta que esta povoação já existia no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Aureòla*, pela muita abundancia de ouro que produziam as suas minas.

E' corrupção de *Aurea ora* (região do ouro.)

Servia de limite, entre as cidades de Evora e Beja. E' terra muito fertil, sobre tudo em cereaes.

Tem vastos e bons montados, onde se criam muitos porcos, outras qualidades de gado e muita caça.

A povoação nada conserva de antiguidades romanas, e, se é d'esse tempo, foi destruida pelos vandalos ou pelos mouros; pois que, no seculo XIII não era mais do que uma quinta dos senhores (depois barões e hoje marquezes) d'Alvito, chamada *herdade da Repreza*.

Junto da egreja matriz estão as residencias do parocho e do sachristão; e proximo a ellas, um antigo edificio, denominado *Paço da Audiencia*, que era a casa da camara, quando a villa era cabeça de concelho.

Aqui faziam as audiencias os juizes ordinarios, e as suas sessões os vereadores.

Era unicamente a estes edificios que se reduzia a villa, em 1716.

Perto de Oriolla, e na sua freguezia, está o logar do *Outeiro*, de uns 90 fogos (tinha em 1716, perto de 150.) Ha aqui uma grande capella, dedicada ao apostolo S. Thiago. E' esta, pois, a principal povoação da parochia.

D. Luiz Lobo, barão d'Alvito, foi feito conde de Oriolla, por D. João IV, em 16 de setembro de 1653; e, desde então, os condes de Oriolla, se ficaram denominando *condes-barões*. [1]

O seu actual representante é o sr. D. José Antonio Lobo da Silveira Quaresma, que foi feito 5.º marquez, e 18.º senhor de Alvito, em 15 de dezembro de 1860. Dá-se-lhe o titulo de *conde-barão-marquez* d'Alvito.

[1] D. José I, fez marquez d'Alvito, a D. José Antonio Francisco Lobo da Silveira, 3.º conde de Oriolla, e decimo barão d'Alvito; por decreto de 4 de junho de 1766.

Suas armas, são—em campo de prata cinco lobos pretos,em aspa, armados de purpura, e na orla, 8 aspas de prata, em campo vermelho.

Timbre, um dos lobos das armas.

Lobo é um appellido nobre em Portugal.

Veiu de Hespanha, na pessoa de D. Pedro Paes Lobo, um fidalgo da comitiva de sua prima, a rainha D. Mecia Lopes de Haro, 2.ª filha do conde, D. Lopo Dias d'Haro, senhor de Biscaia, e mulher de D. Sancho II, de Portugal.

D'este D. Pedro Paes Lobo, procedem os Lobos d'Evora, de Extremoz, d'Elvas, de Lisboa, d'Alvito, de Oriolla, etc.

Estes Lobos trazem por armas—em campo de prata, cinco lobos negros, possantes, em aspa, armados de ouro, lampassados de purpura; elmo d'aço aberto, e por timbre um dos lobos das armas. (Vê-se que as armas dos Lobos soffreram alguma alteração.)

D'este appellido foi tambem D. Maria de Sousa Lobo, bisneta de Diogo de Sousa Lobo, um dos cinco irmãos, que no reinado de D. João I, passaram de Galliza a Portugal, com este appellido, e foi senhor de Alvito.

Foi 2.ª mulher de D. João Fernandes da Silveira, regedor das justiças e chancellermór de D. Affonso V, e seu escrivão da puridade, o qual por este casamento foi senhor d'Alvito, e o 1.º barão d'este titulo, feito pelo mesmo monarcha, em 1475.

A varonia d'esta casa segue-se por seu filho, Diogo de Sousa Lobo da Silveira. Este adoptou as armas antecedentes, mas accrescentou-lhe uma orla azul, carregada de 8 aspas d'ouro, e o lobo do timbre, com uma das aspas na espadua.

Foi do mesmo appellido, D. João Lobo, bispo de Tanger, na Africa, ao qual o rei D. Manuel deu por armas, em 1506—escudo de purpura, e no centro uma cidade, de prata, e uma grande brica (que occupa a 4.ª parte do escudo) carregada das primeiras armas dos Lobos. Elmo d'aço, aberto, e timbre, um dos lobos das armas, com uma aspa d'ouro na espadua.

Quaresma. Para este appellido, vide vol. 5.º, pag. 367, col. 1.ª—e para o appellido *Silveira*, vide *Torre da Silveira*.

Para o mais que se pretender saber sobre esta familia, vide vol. 1.º, pag. 183, col. 2.ª, e *Archivo Pittoresco*, vol. 10.º, pag. 259, col. 2.ª

ORIVAL—portuguez antigo—olival.

ORIZ—portuguez antigo—ourives (d'ouro e prata.)

ORIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi da comarca e concelho de Pico de Regalados) 18 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 56 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Santa Marinha d'Oriz, apresentava o vigario, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Era uma aldeia da freguezia de Santa Marinha d'Oriz, da qual foi desmembrada, e feita freguezia independente, no seculo XVII.

E' por isso que o parocho foi da apresentação do abbade da freguezia seguinte.

ORIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (e foi tambem da comarca e concelho de Pico de Regalados) as mesmas distancias de Lisboa e Braga, e 60 kilometros ao N. do Porto.

Tem 110 fogos. Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago, Santa Marinha, virgem e martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, collado, que tinha de rendimento, 400$000 réis.

O nome d'estas duas freguezias, diriva-se do primeiro *Oriz* — Vem a ser — terra ou povoação dos ourives.

ORJAES—**ORGENS**, **ORJÃES**, e **URJÃES** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 30 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

Os herdeiros de João Tristão, de Moimenta da Serra, e os de Manuel Bordallo, do logar de Gonçalo, apresentavam o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Orjaes ou Orjães, significa logares semeados de cevada — *cevadaes.*

A 1:500 metros de Orjaes, já no termo da Covilhan, está, entre uns espessos mattagaes e grandes brenhas, a capella de *Nossa Senhora dos Cabeços*, assim denominada, por estar entre tres *cabeços*, que formam um triangulo em volta da capella.

Outros lhe chamam *Nossa Senhora da Cabeça*, fundados em que é advogada contra as dôres de cabeça.

A imagem da Senhora, é de pedra, e grosseirissimamente cinzelada, mostrando uma remota antiguidade. Consta que appareceu em um campo, e é tão imperfeita, que o lavrador que a achou, a levou em um carro para casa, pondo-a a servir de *canteiro* de uma pipa, e só depois é que se lhe descobriu uma semelhança de braços e cabeça. Está vestida, e tiveram que fazer-lhe uns braços de madeira, porque os de pedra estavam unidos ao corpo.

Os povos das visinhanças, attribuem a esta Senhora muitos milagres.

Sem faltar ao respeito devido á nossa Santa Religião; mas unicamente guiado pelo desejo da verdade, estou persuadido que esta imagem (se assim se lhe póde chamar) nunca foi a de uma Virgem, nem mesmo de qualquer santa; porém um *marco* de que os romanos se serviam para dividir as suas propriedades rusticas, e ao qual davam o nome de *Têrmo*. Era ás vezes um tronco de arvore, porém, mais commummente uma pedra. Muitos lhe davam uma figura humana, sem braços nem pés, ou com elles apenas reconheciveis.

Os romanos, para evitarem o roubo que com frequencia faziam os visinhos reciprocamente, de uma parte das propriedades confinantes, *divinisaram* os Têrmos, que collocavam com grande ceremonia e certas formalidades. O que ousasse mudal-o, era entregue ás Furias, e qualquer o podia matar impunemente.

No fim de fevereiro se celebravam as festas do deus Têrmo (ás quaes se dava o nome de *Terminalia*). No principio da instituição d'estas festas, se lhe dedicavam papas de farinha e fructos ao tal deus — depois, immolava-se-lhe um cordeiro ou um leitão.

No livro 5.º das nossas *Ordenações*, que vigoraram até á publicação do actual *Codigo Penal* (dezembro de 1852), tambem se impunham graves castigos aos que arrancassem ou mudassem qualquer marco, collocado por ordem da justiça, ou ha certo numero de annos.

Os povos d'estes sitios, na sua sincera credulidade, acharam (julgo eu) que este *Têrmo* era uma imagem da Santissima Virgem, e como tal a veneraram. A sua simplicidade, e as suas crenças religiosas, os absolvem plenamente d'este engano sacrilego (se o é). Quanto mais, a imagem foi benzida como da Senhora. Tambem os templos idolatras, depois de purificados e benzidos, se tornaram em egrejas christans.

ORNELLAS—antigo nome das actuaes freguezias de *Dornellas*, descriptas no vol. 2.º, desde a col. 1.ª de pag. 479, até á col. 1.ª de pag. 480.

De se dizer—*freguezia d'Ornellas*, se passou a dizer—*freguezia Dornellas;* porque os nossos antigos quasi sempre uniam a preposição ao substantivo. O mesmo aconteceu com os appellidos.

Ornellas, ou de *Ornellas*, é tambem um nobre appellido em Portugal, tomado da freguezia de Ornellas (a ultima mencionada no vol. 2.º)—O conde D. Pedro, faz menção de *Pedro Fernandes d'Ornellas*, pae de João d'Ornellas, e outros. As armas d'este appellido, são — em campo azul, banda de ouro, carregada de tres flores de liz, de purpura, entre duas sereias da sua côr, com caudas de prata, com um espelho, de caixilho d'ouro, na mão direita; e na esquerda, um pente, do mesmo. Elmo d'aço, aberto—timbre, uma das sereias do escudo.

Alvaro d'Ornellas Sávedra, filho de outro do mesmo nome, teve carta de brazão d'armas, dado pelo rei D. Manuel, em 1513 — e é — em campo azul, banda de purpura, perfilada d'ouro, carregada de tres flores de liz,

do mesmo, entre duas sereias da sua côr. O mesmo elmo e timbre.

OROANO — Vide *Ogano*.

OROSIA — Vide *Monção*.

ÓRRA — portuguez antigo — hora.

ORRÊTA — portuguez antigo — valle profundo e estreito, entre montes.

ORTA, ou **HORTA** — appellido nobre em Portugal. Foi tomado da villa de *Orta*, na Catalunha. As armas dos *Ortas*, são — em campo de prata, leopardo, rompente, da sua côr, virado para a esquerda, e lampassado de purpura. Orla verde, carregada de quatro mãos humanas, cortadas em sangue, pegando cada uma em duas chaves d'ouro, com as guardas para cima e as argolas para baixo.

Foi feito visconde de Orta, em 5 de julho de 1854, o sr. Antonio José d'Orta.

ORTAR e **HORTAR** — portuguez antigo — cultivar com methodo e diligencia, qualquer campo, como se fosse uma horta.

ORVALHO — freguezia, Beira-Baixa, comarca da Certan, concelho de Oleiros, 75 kilometros da Guarda, 245 ao S.E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O vigario de Janeiro de Baixo, apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua, e o pé d'attar.

OSMAR — portuguez antigo — somar, calcular, orçar, persuadir-se, suppôr, ter para si, etc.

OSA — **OZA**, **OÇA**, e **OSSA** — (tambem se escrevia — *Hosa*, *Hossa*, *Houcia*, *Hease*, e *Horsella*.) — portuguez antigo — calçado que cobria os pés ou as pernas.

Era tambem uma especie de tributo que os maridos davam a suas mulheres, como *preço da virgindade*; e que as viuvas pagavam aos seus segundos maridos. (Vide *Paredes*, da Pesqueira.)

OSPEDADIGO e **HOSPEDADEGO** — portuguez antigo — hospedagem.

OSPITAÇOM — portuguez antigo — dava-se este nome á obrigação de dar pousada ou aposentadoria, aos fidalgos, ministros ou pessoas publicas, que andavam no serviço do rei.

OSSA — Serra, Alemtejo, a 30 kilometros d'Evora, e 12 de Borba, e 12 de Extremoz. É composta d'altos montes e ferteis valles. Tem 40 kilometros de comprido e 15 na sua maior largura. Foi a Thebaida dos religiosos paulistas.

Principia esta serra, proximo á villa de Teréna, e finda junto a Evora Monte, correndo de E. a S. — É muito abundante de boas aguas potaveis.

Está situada quasi no centro da provincia do Alemtejo, no arcebispado de Evora, termo da villa do Redondo, d'onde d'ista 6 kilometros. O ponto mais alto d'esta serra, é o monte de S. Gens, d'onde em dias claros, se vê quasi todo o Alemtejo e grande parte da Extremadura hespanhola.

Tambem se vê, a distancia de mais de cem kilometros, ao O., os castellos de Palmella e Cezimbra, e a serra d'Arrabida. Vê-se da outra parte, a serra de Monte-Junto.

É tradição, que na serra de S. Gens, esteve collocado o sumptuoso templo, dedicado a Venus, do qual não ha o minimo vestigio.

Diz-se tambem, que aqui se fez forte e aqui fez por muito tempo o seu quartel, o grande Viriato, da Beira-Baixa.

Os antigos escriptores dizem que Viriato, o antigo, se fortificou no *monte de Venus*, que é este; e que de lá desceu a desbaratar o pretor Cayo Plaucio, nos campos d'Evora. Consta que Cayo foi o unico romano que escapou com vida, d'esta batalha sanguinolenta, que teve logar pelos annos do mundo 3854 (150 antes de Jesus-Christo).

Lucio Sylo Sabino, soldado romano, mortalmente ferido n'esta batalha, mandou, pouco antes de expirar, que se escrevesse no seu tumulo a narração do combate; mandando que seus ossos fossem levados á Italia, se elles ficassem livres do poder dos lusitanos. Este tumulo foi achado no seculo XVIII, no logar de *S. Bento dos Pomares*, proximo a Evora-Monte. (Vide *Pomáres*).

No ponto mais elevado da serra, ainda hoje existe uma torre, á qual chamam de *Vigia*, que se diz, ter servido de atalaia aos dois Viriatos e a Sertorio. Junto da torre

está a capella de S. Gens, bispo de Lisboa, e do qual a serra tomou o nome. (Vide o 4.º vol., pag. 228, col. 1.ª)

A esta serra se juntam as de *Pêro-Crêspo*, a O.—*Cabeça d'Aguia*, ao S.—*Malhada Alta*, a E.—*Castello-Velho*, ao N.—(Aqui edificaram os lusitanos um castello, cujas ruinas ainda se distinguem, em um sitio tão inaccessivel, que só com grande arrojo e á custa de rios de sangue, poderia ser conquistado.)—*Monte-Virgem*, *S. Cornelio*, *Córtes* e *Cartuxeira*. Esta ultima é a mais aspera de todas: são penhascos, sem vegetação, aglomerados uns sobre os outros.

Os principaes valles que ha n'esta serra, são — *Valle do Infante*, *Valle de Abrahão*, *Valle do Cónego*, *Valle do Pereiro;* alem de muitos campos, povoados de quintas e arvoredos, tudo regado por muitas fontes. (Só a *Granja das Córtes*, diz-se que tem tantas fontes, como o anno tem de dias!) Todas estas circumstancias fazem a serra d'Ossa muito agradavel e pittoresca.

No mais bello sitio d'esta serra, está o mosteiro de S. Paulo, tão antigo, que se não sabe quando foi edificado; só se sabe que já existia no anno de 393.

Os valles e campos d'esta serra, são abundantissimos de cereaes, vinho, azeite, fructos, flores, plantas medicinaes, gado de toda a qualidade, caça, mel e cêra.

Ha na serra as villas de Evora-Monte, Terêna e Alandroal — e a aldeia de Pomares. Aqui existiu tambem a villa do *Canal*, da qual nada mais resta hoje do que o pelourinho.

Foi n'esta villa e nas proximidades do Ameixial, que o grande D. Sancho Manuel de Vilhena, conde de Villa-Flor, derrotou o general castelhano, D. João d'Austria, em 8 de junho de 1663. (Vide *Ameixial*, a pag. 195, col. 1.ª do 1.º vol.)

O nome d'*Ossa*, não vem, como alguns dizem, d'ossos, nem tão pouco d'*ursos;* mas sim de *hessenos*, *hesseos* e *hossios*, que, na rigorosa acepção da palavra, é o mesmo que *santos*.

Antes dos eremitas de S. Paulo habitarem esta montanha, foi sempre denominada *Serra de Venus;* e só depois, pelos annos de 40 a 45, de Jesus-Christo, [1] quando os primeiros christãos para aqui se acolheram, das perseguições dos romanos, é que se principiou a chamar *Serra dos hessenos*, ou dos *hossios*, ou *Ossios*.

Consta que a habitação dos christãos n'esta serra, teve principio do modo seguinte:

No anno 35 de J.-C., S. Manços, ou Mancio, um dos 72 discipulos do Salvador, fugindo em companhia de alguns proselitos lusitanos (que voltavam de Jerusalem para a Peninsula) á perseguição que na Judéa se fazia aos christãos, vieram habitar esta serra. [2]

Diz-se que S. Manços aportou a *Ossonoba* (Faro) e que tendo-lhe alguns dos seus companheiros e alguns hebreus, residentes em Ossonoba, affirmado que Evora era a principal cidade da Lusitania, e que alli estava a synagoga maior, para lá foi prégar e baptizar.

Tendo já um grande numero de proselitos, no anno de 36, e já ordenado clerigos, coadjutores e confessores, se dirigiu a Coimbra, onde recebeu a noticia da grande perseguição que os christãos soffriam em Evora, no anno 91, correu a esta cidade a confortal-os e mandal-os para a serra d'Ossa, para onde já tinha mandado alguns, que queriam viver no retiro. N'esse mesmo anno de 91, sendo imperador Domiciano, foi o santo martyrisado. Os christãos que escaparam á crueldade dos romanos, continuaram a viver na serra, em grutas e cavernas, como eremitas.

[1] Não está satisfatoriamente provada a época da introducção do christianismo na Lusitania. Querem alguns que fosse em 36, outros em 42, outros em 45; mas, não ha dados positivos para se lhe dar tão grande antiguidade.

[2] Qualquer que fosse a causa da primeira habitação dos christãos na serra d'Ossa, nunca acreditarei que fosse esta; pois, custa a crêr que a religião de Christo fosse aqui prégada, apenas dois annos incompletos, depois da sua morte. Auctorisados escriptores asseveram que a nova religião só aqui foi introduzida pelos annos 69 de Jesus Christo, imperando Néro, que mandou para a Lusitania o seu proconsul *Otho Silvio*, o qual não perseguiu os christãos, durante o seu governo.

Aqui foram martyrisados pelos mouros em 11 de março de 715, os santos, Faustino, arcebispo de Braga; Ascencio, bispo de Evora; Theodofredo, bispo de Viseu; Fionio, bispo de Lamego, e outros prelados, e grande numero de christãos; o que nos faz acreditar, que na invasão dos arabes, christãos de todas as provincias da Lusitania vinham procurar abrigo nas brenhas d'esta serra; mas que nem assim conseguiram escapar ao furor dos serracenos.

—

Em 1182, D. Fernão Annes, capitão d'Evora, se fez eremita, foi para a serra, e persuadiu aos seus anachorêtas que se congregassem e vivessem mais perto uns dos outros; no que alguns concordaram, escolhendo o sitio chamado *Valladeira*, onde fizeram um oratorio e pequenas cellas, tendo um sacerdote que lhes dissesse missa.

Os que ficaram espalhados pela serra, viviam aos quatro e quatro, e os da Valladeira aos oito.

No reinado de D. João I, crescendo o numero dos eremitas, foi preciso ampliarem a casa, e, para isso, escolheram um sitio mais alto, onde edificaram um mosteiro, cujas obras ainda continuavam em 1434, no reinado de D. Duarte, sendo um dos principaes fundadores, o eremita Gonçalo Vasques, que lhe fez doação de tudo quanto possuia, que era muito.

O papa Gregorio XII, que governou a Egreja de Deus, desde 1406 até 1409, approvou esta congregação, dando-lhe a regra de S. Paulo, 1.° eremita. Denominavam-se estes religiosos — *Congregação dos monges pobres, de Jesus-Christo, da serra d'Ossa* — e depois, *da ordem de S. Paulo, primeiro eremita.*

Vendo-se constituidos em verdadeira communidade, trataram de erigir mais amplo e sumptuoso mosteiro.

Na melhor parte (por mais fresca, aprazivel e vistosa) d'esta serra, está fundado o actual mosteiro de S. Paulo, quasi a meia ladeira, na falda da serra de S. Cornelio, com a frente para o lado de Evora (O.), tendo uma espaçosa cêrca, formosos e vastos jardins, boas e extensas hortas e ferteis campos.

A egreja é vasta, tendo a um lado a *casa do noviciado*, e ao outro o edificio do mosteiro.

Tem muitas fontes pelos dormitorios, claustros e officinas; repartidas todas por canos, vindo a agua de uma grande nascente, que está na encosta da serra. Estas aguas, depois de servirem de utilidade e recreio no edificio (e actualmente de ruina!...), saem para os jardins, e se lançam, a maior parte, por um grande leão, de pedra, em um formoso lago, de 63 palmos de comprido e 40 de largo.

Tem casas e adegas subterraneas, tão frescas, que em uma (para a qual se desce por uma escada de 40 degráus de pedra) nasce uma fonte d'agua frigidissima.

Este edificio, um dos melhores da provincia, pelo seu merito artistico, e pela posição em que está situado, tem sido completamente esquecido e despresado, e antes de poucos annos, não será mais do que um montão de ruinas.

Vide *Alandroal, Cernache do Bom-Jardim*, e *Terêna*. Vide tambem a palavra *Tempé*, a pag. 148 d'este volume.

As pessoas que desejarem amplas noticias da serra d'Ossa e do seu mosteiro, achal-as-hão na *Thebaida Portugueza*, por frei Manuel de S. Caetano Damasio, ex-reitor-geral da ordem; publicada em 1793.

OSSA — Serra, Douro, nas freguezias de Santo Antonio da Lomba (concelho de Gondomar), Valle e Canedo (concelho da Feira). Fica sobre a margem esquerda do rio Douro, 24 kilometros a E. N. E. do Porto, e 310 ao N. de Lisboa. É uma ramificação da serra de *Cabêço de Sobreiro*, que se projecta para o N.O. Ha n'esta serra a aldeia de *Rebordêllo* (freguezia de Canêdo) com uma capella, dedicada a Santa Luzia, virgem e martyr, á qual se faz uma romaria, na 1.ª oitava do Espirito Santo. É uma ermida pequena, de pobre construcção e sem rendimentos. O logar é habitado quasi exclusivamente por pobres, que vivem de apanhar carqueija, para hir para o Porto.

É tambem n'esta serra a aldeia de Laver-

cos, da freguezia da Lomba. É uma povoação grande, com alguns lavradores ricos, e o seu terreno é muito fertil. Fica na chapada da serra, correndo-lhe ao sopé (no logar de *Pé de Moura*) o rio Douro, que lhe fica ao Norte. Tem extensas vistas.

Ha n'este logar um bonita capella, dedicada á Santa Eufemia, e outra, da mesma invocação, em Pé de Moura.

Ao N. O., fórma a serra uma peninsula, cercada pelo rio *Inha*, onde existiu uma povoação e um pequeno mosteiro de freiras benedictinas. Ainda ao sitio, que é hoje uma matta, se dá o nome de *Mosteirô do Ribeiro*. (Vide esta palavra.)

Esta serra tem alguns olivaes, e poucas arvores silvestres: o resto está coberto de matto — quasi tudo, urze e carqueija.

É abundante de aguas, pelas suas quebradas e pequenos valles, e em grande parte composta de terra vegetal, de optima qualidade, que está quasi geralmente desaproveitada; quando podia dar cereaes em abundancia, e ser povoada de bosques e pinhaes, que dariam um grande rendimento, pela proximidade do rio Douro e da cidade do Porto.

N'esta serra não ha granito, nem pédra calcaria. As suas rochas são, no geral, de schisto, quasi todo muito friavel, e algum quartzo.

Seus ares são purissimos.

Podia aqui estabelecer-se uma *colonia*, que, protegida pelo governo, em poucos annos se tornaria florescente.

Tem minas de ferro, que nunca foram exploradas.

OSSEIRA — Vide *Obidos*.

OSSELLA — freguezia, Douro, comarca e concelho e proximo de Oliveira d'Azemeis, 45 kilometros ao S. do Porto, 42 ao N.E. de Aveiro, 65 ao N. de Coimbra, 270 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo (antigamente, S. Pelagio).

Bispado e distr.º administrativo d'Aveiro.

O D. abbade do mosteiro benedictino de Paço de Souza, apresentava o vigario, que era um monge do mesmo mosteiro, de nomeação trienal. Tinha 15$000 réis de congrua e o pé d'altar.

—

É uma das mais antigas freguezias de Portugal, e já era parochia no tempo dos godos. Ha mesmo quem assevere que foi uma cidade, com o nome de *Ossa*, dado pelos gregos, seus fundadores (pela tal ou qual semelhança que tinha com o monte *Ossa*—vide *Tempé*, a pag. 148 d'este volume). Sendo assim, tinha esta cidade sido fundada pelos annos 2700 do mundo, ou 1304 antes de J.-C.—isto é—ha 3180 annos!—Devemos porém confessar que nada aqui nos recorda semelhante antiguidade. Parece-me que o nome lhe provém de ter sido habitada por alguns anachoretas christãos, nos primeiros seculos da Egreja, e vindos da serra d'*Ossa*, no Alemtejo, e que lhe deram este nome, que no antigo portuguez significa *Pequena Ossa*. Alguns escriptores, porém, dizem que o nome lhe provém de que — fazendo-se aqui fortes os lusitanos contra os romanos, pelos annos 150 antes de J.-C., houve então aqui uma grande batalha, ficando o terreno juncado de cadaveres, que os agentes atmosphericos decompozeram, ficando só os *ossos*; mas então deveria ser *Osseira* ou *Ossal*, e não *Ossella*.

O que parece certo, e, pelo menos, é muito verosimil, é ter aqui havido, no anno 996 de J.-C.,[1] no reinado de D. Bermudo II (o *Gotôso*), uma grande batalha, entre christãos, commandados pelo conde *D. Forjaz Vermuiz* (ou *Froilaz*—progenitor dos condes da Feira),[2] e os mouros, commandados pelo feroz Almançor, rei de Córdova. Uns e outros se bateram com tanto furor, que o campo ficou juncado de cadaveres, e a povoação foi pelos mouros reduzida a cinzas. Esta batalha foi

[1] Dizem outros que esta batalha foi dada em 985, durante o mesmo reinado e pelos mesmos chefes.

A razão d'esta duvida é porque Almançor invadiu a Lusitania (já então chamada tambem Portugal) n'estas duas datas.

[2] A freguezia de Osséllá, é a ultima da *Terra da Feira*, para a parte do E., e foi dos Forjazes Pereiras, condes da Feira.

dada na vertente meridional da serra, e perto das margens do Caima.

Diz-se que o conde D. Forjaz Vermuiz deu o seu nome ao monte onde acamparam os christãos. É certo que ao E. d'Ossella, e a pouca distancia, ha uma aldeia e um monte, chamados *Vermuim.* Isto parece provar a tradição da batalha, e tudo leva a acreditar que effectivamente ella se deu n'este logar.

Alguns pretendem que o nome lhe provém dos *ossos* que ficaram d'esta batalha. Já disse o que penso d'esta etymologia.

Faria e Souza (Epitome de la Hist. Port., a pag. 209) diz que Ossella já tinha este nome no seculo XIV.—Já o tinha, pelo menos, no principio do X seculo; porque—estando no Porto o primeiro rei de Leão, D. Ordonho II, com a sua côrte, se foi visitar a D. Gomado, bispo resignatario de Coimbra, e monge benedictino em *Castromire* (vol. 2.°, pag. 447, col. 2.ª), e tanto o monarcha como os seus fidalgos fizeram então grandes doações a este mosteiro. Entre estas se vêem incluidas os padroados das egrejas de *Villa-Chan* (hoje S. Roque, freguezia, a partir com Ossella)—o antigo mosteiro de Santa Marinha (na margem esquerda do *Antuan,* tambem a pouca distancia)—S. Thiago (hoje S. João) de *Vêr,* a uns 8 ou 9 kilometros ao N.—as de S. João e S. Donato, no *porto d'Ovar,* a 15 kilometros ao O.—S. Pedro (hoje Santa Marinha) *d'Avanca,* a egual distancia—*S. Miguel d'Oliveira* (Oliveira d'Azemeis) que parte com esta freguezia—e, finalmente, S. Pelagio de Ossella.

—

Consta que S. Martinho, prior de Soure, contemporaneo de D. Affonso Henriques, era natural do monte *Aurunche,* acima do logar de Osséllа (antigamente *Osséloa*).[1] Veja-se o que com respeito a este santo, digo na col. 1.ª de pag. 90, do 5.° vol.

—

Pela parte do S., termina esta freguezia (e as antigas *Terras de Santa Maria,* ou *da Feira*) no rio *Cáima.*

[1] Tambem tenho visto em livros antigos —*Ossél* e *Osseolla.*

Em um outeiro d'esta freguezia, existiu o castello onde se fortificou Santo Hermenigildo (filho do rei gôdo Leovegildo, e irmão do rei Flavio Ricaredo) em 585 de Jesus-Christo, na guerra que houve contra os arianos.[1] Não ha d'este castello vestigio algum.

—

S. Gregorio Turonense (na sua obra *De Gloria Confessorum,* liv. 1.°, cap. 21 e 69) e *Luitprando* (*fragmento* n.° 3)—dizem que havia em Ossella uma fonte, tanque ou piscina, de *agua baptismal,* que estava sêcca todo o anno, e sómente no triduo da Paixão, se enchia de agua pura, até ao bocal. Então, o bispo (de Coimbra, a cuja diocese pertenceu antigamente esta freguezia, e todo o territorio ao N., até á margem esquerda do Douro—vide *Grijó)* santificava esta agua, em sabbado santo, com o chrisma sagrado, e era levada para varias freguezias, e distribuida aos doentes, como remedio para todas as enfermidades.

Antonio Tavares de Tavora, escreveu e publicou um livro, que trata unicamente d'este milagre, que pretende provar.

Hoje ninguem sabe do sitio onde existiu esta fonte milagrosa.

—

Ainda por esta freguezia se vêem alguns alicerces, que se diz serem os restos da antiga *Ossa.*

É terra fertil em todos os generos do paiz, cria muito gado bovino, para exportação, e nos seus montes ha muita caça, miuda. Tem bastantes arvores silvestres, sobretudo, pinheiros.

Ha tambem no seu territorio, minas de ferro e de cobre, que se não exploram.

OSSONOBA—antiga cidade da Lusitania, no paiz dos *cúneos*—hoje Algarve. Já em *Estôy,* a pag. 71, col. 2.ª do 3.° vol.—e em *Faro,* a pag. 140, do mesmo vol., fallei rapidamente de *Ossonoba.* Aqui darei mais amplas informações d'esta povoação.

Tambem, já depois de publicado o 3.° volume, tiveram logar alguns factos aconteci-

[1] S. Hermenigildo foi martyr. Seu pae, que era ariano, o mandou degolar, por elle ser catholico, no mesmo anno de 585, um anno antes da morte do pae.

dos em Faro, dos quaes, não querendo privar os leitores, farei menção no fim d'este artigo.

—

O nome d'esta povoação escrevia-se de differentes modos, segundo a patria dos escriptores que d'ella trataram. Chamaram lhe— *Ossonoba, Ussonoba, Oksonoba, Ossonaba, Exonaba, Oxonoba, Ossanabo, Ossonobóna, Onoba-Lusturia* (ou *Listuria*), *Onoba, Estuaria, Usanobaal, Hasanobaal, Exuba, Exubana*, etc., etc.

Todos os antigos dão esta cidade na costa da Turdetania.

Ainda era muito florescente no tempo dos godos. Estava situada junto ao cabo *Cuneo.*

Gaspar Barreiros, Perpenhão, Padilha, Pedro Fayon e outros, pretendem que Ossonoba era a actual povoação de *Estombar* (junto a Silves).—Outros dizem que é *Estoy* (estes são, Ambrosio de Morales, Bingham, M. Maximo, Flores, André de Rézende, Aguirre, Vasco. etc.)

Os inglezes, incendiando a cidade de Faro, em julho de 1596, destruiram preciosos livros e documentos para a historia do Algarve, que estavam na bibliotheca do sabio bispo, Dom Jeronymo Osorio. Diz-se, porém, que os inglezes, antes do fogo, roubaram estes livros, e que os levaram para a universidade de Oxford, onde ainda existem.

A sua terminação em *oba* mostra que era no litoral, e segundo Plinio, Pomponio Mella e outros escriptores romanos, pertencia ao *Cabo Cuneo*, hoje *Cabo de Santa Maria*, em frente de Faro (vol. 2.°, pag. 16, col. 1.ª) —e não ao *Promontorio Sacro* (actual *Cabo de S. Vicente*, no mesmo vol. e pag., na col. 2.ª)

A este pertencia *Lacobriga* (Lagos ou Lagôa) e *Portus Annibalis* (Villa Nova de Portimão).

André de Résende *(Ant. da Lus.)* copiando o sabio medico, Rasis, ou Rhases, que falleceu pelos annos de 950, diz que Ossonaba era fertil e abundante; plana, e cheia de muitas hortas, regadas por copiosas aguas; tendo montes que produziam muitos pastos para os gados—e visinha ao mar; com seus esteiros, por onde navegavam barcos e navios.

Era uma cidade, egual em grandeza ás melhores do mundo, tendo conservado com pouca differença, o nome que tinha na lingua punica, e á qual os arabes chamavam *Exubana*. Tudo isto concorre em Estoy, e não póde quadrar a Estombar.

Rasis, era um famoso medico árabe, e o seu nome proprio era *Abubeker.*

Foi traduzido por *Mahamet (ou Mestre Mafamede)* e pelo padre Gil Peres, no reinado de D. Diniz.

E' tradição constante em Estoy, que— dois mouros principaes, um de Estoy, outro de Alferce, competiam em pretenções ao casamento com uma filha herdeira de certo rei de Faro; e que tinha sido proposto para noivo, aquelle que mais depressa fizesse uma torre, d'onde se visse Faro; ou levasse a agua a esta cidade, e que ganhou o premio o que fez o aqueducto.

Ha em Estoy restos de nobres e antiquissimos edificios; um templo, construido de grandes tijolos e revestido de mosaico; banhos (thermas); aqueductos; canos; sepulturas; columnas; e uma torre antiquissima, mas ainda soffrivelmente conservada.

Sahindo da *porta falsa*, do castello de Faro, em um baluarte que está a pouca distancia, chamado *meza dos mouros*, em 1784, se descubriu uma lapide, de 2,m60 de comprido, e um metro de largo, com a seguinte inscripção:

IMP. CAES. P. LI-
CINIO VALERI-
ANO. P. F. AVG. PONT.
MAX. P. P. T. R. POT. III.
COS. RESP. OSSON.
EX DECRETO ORD.
DEVOTISSIMA NVMINI
MAIESTATIS EIVS.
D.

D'esta lapide se vê, que a republica ossonobense, dedicou os seus votos, ao imperador Valeriano (Publio Licinio Valeriano — pae) tres vezes consul, quando se lhe dedi-

com esta memoria, pelos annos 255 de Jesus Christo; mas foi pela 4.ª vez elevado ao consulado, em 257. [1]

Este Valeriano, em quanto foi consul, era um cidadão geralmente amado, pelas suas bôas qualidades; mas degenerou assim que foi feito imperador, convertendo-se em vicios todas as suas virtudes.

As distancias que o itinerario de Antonino Pio faz de *Balsa* (Tavira) á Ossonoba, coincidem com as de Plinio e Strabão; dando a certeza de que é em Estoy e não em Estombar o assento da antiga Ossonoba.

Em uma torre, do lado do mar, hoje chamada *porta da villa*, se vê, em uma lapide embebída na parede, a seguinte inscripção:

D. M. S.
CATVRISAE PRI-
MAE CONIVGI. PIISSIMAE,
QVAE VIXIT ANNOS XXV.
MVIII. L. CALP. THE-
ODOROS MARITVS.

Esta inscripção estava cercada de uma tarja com bellos ornatos de flores, que ainda existem em grande parte.

Está na torre do *poço das naus*, ou da *Vigia*, tambem chamada *do Registo*.

O bispado de Ossonoba, era suffraganeo do de Merida, e as principaes povoações do bispado de Ossonoba, eram—*Esuri* (Algezur?) [2] *Balsa* (Tavira) *Portus-Annibalis* (Villa Nova de Portimão) *Lacobriga* (Lagos ou Lagôa) e *Aranni*. (?)

—

O primeiro bispo d'Ossonoba, de que ha noticia, foi *Vicente*, que vivia no fim do 3.º seculo e principio do 4.º Suppõe-se que antes d'elle houve outros, cujos nomes não chegaram aos nossos dias.

Assistiu ao concilio iliberitano, pelos annos de 324.

O 2.º foi *Itacio*, que principiou a governar pelos annos de 379.

Parece que entre Vicente e este, devia haver outros; mas não se sabe quaes foram, nem se existiram.

3.º, *Pedro*. Viveu 200 annos depois de Itacio; porque os godos, em quanto foram arianos, não deixavam fazer bispos catholicos e perseguiam os que havia.

4.º, *Gregorio*, que viveu pelos annos 635.

5.º, *Saturnino*, que governava o bispado em 653.

6.º, *Exarno*, que vivia em 666.

7.º, *Pluciano*, que vivia em 670.

8.º, *Bellito*, que vivia em 683.

9.º, *Aggripio*, que era bispo em 688.

Muitos d'estes prelados assistiram pessoalmente, outros por seus delegados ou procuradores, nos concilios de Iliberi, Tolédo e Çaragoça.

Desde 714 até 1250 não tornaram a haver bispos no Algarve; e, desde que este reino foi resgatado do poder dos arabes, se elevou Silves a cidade episcopal, porque d'Ossonoba apenas restavam tristes e mutiladas ruinas. (Vide *Silves* e *Faro*.)

Não consta que houvesse mais nenhum. E' de suppor que Aggripio fosse prelado quando os arabes invadiram a Lusitania por este lado, em 714.

Foi pois este, provavelmente, o ultimo bispo de Ossonoba.

—

Attribue-se aos phenicios a fundação d'esta famosa cidade da Turdetania, pelos annos 3100 do mundo, ou 904 antes de Jesus Christo.

Floresceu esta cidade, pelo espaço de 16 seculos, sendo, como já disse, uma das principaes cidades da Europa, e um importantissimo centro commercial.

Consta que prègou aqui o Evangelho, Santo Esiquio, discipulo do apostolo S. Thiago maior, e dois seculos depois, com a pro-

[1] Digo, pelos annos de 255, porque em 254 tinha sido pela 3.ª vez consul; e foi escripta antes do anno de 257, porque, se fosse n'este anno ou depois d'elle, devia dizer: «4.ª vez consul.»

[2] Alguns dizem que *Esuri* era uma antiga cidade, situada entre Balsa e Myrtilis (Mertola.) — Outros dizem que era na Extremadura hespanhola, e a povoação hoje chamada *Xerez de Badajoz*, ou *Xerez de los Caballeros* Pelo itinerario de Antonino Pio, parece ser Ayamonte (na Andaluzia, e em frente de Castro-Marim e Villa Real de Santo Antonio; mas estou persuadido que era a actual villa de Aljezur.)

pagação do christianismo, foi Ossonoba elevada á cathegoria de séde de um bispado, que existiu até 714.

N'este anno, foi a Turdetania invadida pelos arabes, que, levando tudo a ferro e fogo, destruiram as principaes povoações d'este territorio, ao qual deram o nome de *Al-Gharb* ou *Al-Faghar* (Terra Occidental—em relação á Africa, que lhe fica a E.) porém davam este nome a todo o paiz que fica entre o actual cabo de S. Vicente, até á cidade de Almeria, na Hespanha (hoje capital da provincia do seu nome.)

Ficaram comprehendidos n'esta circunscripção, os *turdetanos* propriamente ditos, os *cuneus*, os *celtas* e os *cynetas*. (Vide 1.º vol., pag. 121, col. 1.ª) que todos habitavam o Algarve actual.

Os arabes escolheram para capital d'este novo reino, que existiu 535 annos, a actual cidade de Silves, a que elles chamavam *Chelb*, e tambem *Chencir*. Este segundo nome se dava tambem frequentes vezes a todo o reino do Al-Gharb.

—

André de Résende, nas suas *Antiguidades*, e Luiz Marinho d'Azevedo, na sua *Fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa* (L.º 2.º, cap. 27, pag. 100) sustentam que Ossonoba foi depois chamada *Cunistorgis* (cidade dos cuneus) e que portanto Ossonoba e Cunistorgis são uma e mesma cidade.

Azevedo diz, no logar citado, que *Canchenо*, chefe dos antigos lusitanos, e natural de Olissipo (Lisboa) vendo que os cuneus se tinham ligado com os romanos, e que nas fortalezas de Cunistorgis ondeava a bandeira da águia, juntou um exercito de olissiponensis, e foi pôr cerco a Cunistorgis (que segundo elle, é o mesmo que Ossonoba) e depois de varios assaltos e combates, a tomou, saqueou e destruiu.

Que depois, marchou com as suas tropas victoriosas, em direcção ao S., entrando pela actual Andalusia, assolou todas as povoações por onde passava, sem haver quem lhe resistisse, até ao Estreito de Gibraltar.

Alli reuniu os seus capitães em conselho, para se decidir sobre a maneira de continuar a guerra, ou retrocederem.

Os mais prudentes, optaram porque regressassem a Lisboa, com os immensos e ricos despojos que haviam roubado; porém, os mais ardidos ou ambiciosos, foram do voto que se avançasse.

Esta opinião prevaleceu. Dividiram o exercito em dois corpos—um para continuar a guerra nas provincias ibericas, e outro para atravessar o Estreito e hirem levar a guerra a Africa.

Este segundo corpo, ficou em Gibraltar, construindo embarcações para passar o Estreito.

O 1.º, se internou, e foi pôr cêrco á cidade a que Appiano dá o nome de *Ocile* (e que hoje não se sabe onde fosse.)

Os moradores estavam prevenidos, e oppozeram uma valerosa resistencia, que prolongou o assedio.

Faltando aos lusitanos os precizos mantimentos, subdividiram-se em dois corpos—um que ficou sustentando o cêrco, outro que se espalhou pelas povoações dos arredores, a roubar gados para aprovisionar o acampamento; mas isto sem a menor sombra de disciplina, e como se não houvesse quem fosse capaz de lhe resistir.

Os povos se queixaram ao pretor Lucio Mumio, [1] que marchou immediatamente contra os lusitanos, com um exercito de 9:000 homens de pé e 500 cavallos, os quaes unidos a 4:000 hespanhoes que estavam a poucas leguas da cidade, e a grande numero de gente que se lhe juntou, e dando sobre os lusitanos despercebidos e espalhados pelos campos e aldeias, e, de mais a mais, entretidos com a conducção dos gados, e do mais que poderam pilhar, fizeram n'elles uma atroz carnificina, matando perto de 15:000 homens!

Os que puderam escapar, foram ter ao grosso do exercito cercador, ao qual com-

[1] Azevedo não declara a época d'esta campanha, mas, se foi no tempo em que Lucio Mumio foi pretor nas Hespanhas, devemos marcar o anno 3840 do mundo (164 antes de Jesus Christo) pois foi por esse tempo o seu pretoriado.

municaram o seu terror, e todos trataram logo de fugir para a Lusitania; largando a maior parte das suas prêsas e tratando só de salvar as vidas.

Foi esta derrota considerada de tanta importancia, e de tamanha gloria para as armas romanas, que, segundo Eutropio, Lucio Mumio recebeu por ella as honras de triumphador, na cidade de Roma.

Não teve melhor resultado a parte do exercito lusitano que passou a Africa.

Tomaram, é verdade, por capitulação a cidade de Tanger; mas, como em Hespanha, só se occuparam em roubar e assolar o paiz, e com as prêsas que poderam haver (que não foram de grande valor, porque a terra era pobre) se tornaram a Hespanha; mas, com tanta infelicidade, que foram desembarcar perto do lugar onde o consul Liciano Lucullo estava com as suas tropas, e como hiam em desordem, foram degollados 1:500, e muitos prisioneiros.

Os que escaparam, se fizeram fortes em um monte alcantilado e quasi inaccessivel.

O consul, vendo que só a custo de rios de sangue hispanico e romano poderia vencer os lusitanos, resolveu vencel-os pela fome, e os cercou.

Em uma noite, porém, os lisbonenses romperam inopinadamente por entre as fileiras compactas dos cercadores, matando quantos se oppunham á sua passagem; e ainda que muitos morreram ou ficaram prisioneiros, a maior parte escapou, regressando á Lusitania. Assim terminou esta campanha, que seria feliz, se não fosse a ambição e temeridade dos olissiponenses.

Os romanos, seguiram os restos do exercito derrotado, pondo a ferro e fogo as actuaes provincias do Alemtejo e Extremadura.

Quinze annos depois (149 antes de J.-C.) o pretor Servio Sulpicio Galba, invadiu a Lusitania, e em uma batalha derrotou os lusitanos; porém estes, sendo reforçados durante a noite, saltaram no dia imediato sobre os romanos, nos quaes fizeram tão horrorosa mortandade, que apenas o consul e alguns de cavallo, poderam escapar a toda a brida, hindo metter se em *Carmena* (que se julga ser a actual Carmôna).

Pouco depois apparece o nosso grande Viriato (o beirão), que tão caro fez pagar aos romanos as suas anteriores victorias e perfidias. —

Termino este artigo, emittindo a minha humilde opinião, e é que Ossonoba era uma cidade distincta de Conisturgis. Aquella era, com toda a probabilidade, no local occupado pela actual *Estoy*, a 6 kilometros de Faro; e esta era mais ao E. (e ainda ao E. de Olhão e de Tavira) e proximo á foz de Guadiana, talvez onde hoje é *Cacella*, ou Villa Real de Santo Antonio. — Vide o que a este respeito digo em *Cacella*, a pag. 23, col. 1.ª do 2.º vol. — *Cunistergis*, no fim da col. 1.ª, de pag. 450 do mesmo volume — e *Estoi*, na col. 2.ª de pag. 71 do 3.º volume.

OTA — portuguez antigo — particula diminutiva de nomes femininos: v. gr. — calça, *calçota* — Maria, *Mariota* — riso, *risota* — etc.

OTE — portuguez antigo — particula diminutiva de nome masculino: v. gr. — pequeno, *pequenôte* — velho, *velhote* — rapaz, *rapazote* — etc. [1]

ÓTTA — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 5 kilometros d'Alemquer, 60 ao N.E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 23 fogos.

Orago, o Espirito Santo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha 100 alqueires de trigo, uma pipa de vinho e tres cantaros d'azeite.

É povoação antiquissima. O seu nome, é corrupção da palavra arabe *uata*, que significa *baixos*, ou *coisa baixa*.

Esta freguezia, a menos populosa do concelho de Alemquer, é composta da antiga freguezia de Otta (que era a que em 1757 tinha 23 fogos) e parte da do *Paúl*, que foi supprimida, e tinha em 1757 apenas nove fogos, e em 1800, cinco! (Vide *Paúl d'Otta.*)

A egreja matriz da freguezia está no logar

[1] Esta regra não era invariavel; muitas vezes se pospunha *ote* a nomes femininos, como sella, *sellote* (mas em cella, mudava-se para *cellota*) etc.

Estes dois diminutivos ainda se usam em Portugal, sobretudo, nas provincias do norte.

de Otta, que é uma pequena povoação nas duas margens da estrada real que de Lisboa vae á villa das Caldas da Rainha, e que tem uns 40 fogos.

D. Sancho I deu esta freguezia ao mosteiro d'Alcobaça, em 1193. O papa Celestino III (que governou a Egreja catholica, desde 1191 até 1198) confirmou esta doação, em 1195.

Antigamente havia aqui uma boa feira, no domingo do Espirito Santo.

Consta que esta aldeia era muito rica antes da invasão franceza, cujas hordas fizeram um acampamento aqui perto, e com o vandalismo que os distinguia, não só saquearam a povoação, mas a incendiaram, e lhe destruiram os seus arvoredos.

Com o andar dos annos, a aldeia recuperou a sua antiga importancia, e as suas condições de prosperidade; e a sua população tem progredido.

A egreja matriz está no centro do povo. É um templo muito pequeno e de construcção tosca; mas está interiormente com muito aceio, porque o seu actual parocho é muito sollicito na ornamentação da sua egreja. Parece ser de construcção moderna; provavelmente, reedificação da antiga.

Á entrada da capella-mór ha uma campa, que consta ser a sepultura de certo clerigo, que deixou um legado a esta egreja. Não se póde ler o nome, por estar coberto com tijolos: só se vê a data, que é de 1567.

Fóra da porta, está outra campa, onde se lê—*S.ª* (sepultura) *de José Francisco do Rego*—1691.

É esta povoação de triste nomeada, por causa das constantes febres intermitentes que aqui se soffrem, procedidas das materias animaes e vegetaes em decomposição, nas aguas estagnadas da *lagôa do Bunhal.* (Esta lagôa e as terras adjacentes, são da corôa, e pertenciam ao almoxarifado da Azambuja; hoje são seus emphiteutas os condes de Mesquitella.)

Tambem causam a mesma molestia endemica, as aguas estagnadas dos campos do Paúl. (Vide *Paúl d'Otta.*)

Todas estas terras tiveram por muitos annos o privilegio de *couto,* e ningem podia n'ellas caçar, sem licença do almoxarife. D'este privilegio resultava que os ladrões e malfeitores se refugiavam n'estas mattas afoitamente, sem temor de serem perseguidos pela justiça.

A abertura da antiga estrada real, no reinado de D. Maria I, e que passava por estes sitios, augmentou esse mal, e ainda no principio d'este seculo ninguem se atrevia a passar pelo sitio da grande capella de *Nossa Senhora da Ameixoeira,* sem levar boa companhia, ou uma forte escolta.

—

Nas côrtes de 1498, alguns povos pediram ao rei D. Manuel, para que descoutasse várias mattas do reino, ao que o monarcha annuiu; mas deixou o *Paúl d'Otta* continuando a ser coutado.

Em 1594, D. Philippe II, tambem descoutou muitas das mattas que ficaram coutadas em 1498; mas não descoutou o *Paúl,* que ficou coutado até 1820.

Estas terras, pela sua vastidão e falta de cultura, são o refugio de grande quantidade de lobos, rapozas e outros bixos, aos quaes se fazem montarias para seu exterminio, ou pelo menos para os afugentar. A esta montaria concorre gente de todas as povoações visinhas, que em cordão vem batendo o matto, até fechar o circulo em volta do *Monte-Redondo.*

—

Alludindo á insalubridade d'esta freguezia, ha um antigo rifão, que diz:

Deus nos livre das sesões de Otta;
E da justiça d'Alemquer,
Guarde Deus a nossa porta.

—

São d'esta freguezia, as povoações de—*Aldeia* e *Paços:* ambas pequenas, e sem cousa notavel.

As principaes propriedades d'esta freguezia, são:

Quinta da Vassalla—propriedade antiquissima, e sem duvida aquella a que o *Sant. Mar.* dá o nome de *quinta da Ameixoeira,* e que em 1217 pertencia ao *vassallo* Nuno Gonçalves. (Vide vol. 1.º, pag. 197, col. 1.ª)

Em 1707, já tinha o nome de *quinta do Vassallo,* e era seu proprietario, Francisco

Garcez de Brito, sargento-mór dos auxiliares. Passando de dono em dono, foi até ha poucos annos do opulentissimo lavrador, Raphael José da Cunha; e pelo fallecimento d'elle, seus herdeiros a venderam ao sr. José Maria Camillo de Mendonça, feito visconde da Abrigada, em 27 de janeiro de 1870; e é este hoje o seu proprietario. Este cavalheiro, mandou construir, a pouca distancia da egreja de Nossa Senhora da Ameixoeira, uma bella casa de residencia.

Quinta da Torre—actualmente do sr. João Peixoto da Silva Almeida de Macedo, feito visconde de Lindoso, em 27 de outubro de 1863.

Quinta d'Otta—é uma grande e bella propriedade, com boa casa de residencia, e mais officinas, junto ao logar do seu nome. O seu terreno é, na maior parte, regado pelo rio d'Otta, e tão fertil, que produz tres novidades no anno.

Em 1707, era esta quinta de Pedro de Figueiredo, cujo nome ainda se lê em todos os marcos da quinta.

Parece que, por herança ou casamento, passou esta propriedade para a casa dos condes de Belmonte (que tambem são Figueiredos).

Hoje é seu proprietario, o sr. D. Vasco de Figueiredo Cabral da Camara, 4.º conde de Belmonte, feito em 25 de junho de 1847. É o 13.º senhor do morgado de Otta. É filho da sr.ª D. Maria de Mendonça Rólim de Moura Barrêto, filha dos fallecidos marquezes de Loulé. (Vide vol. 1.º, pag. 374, col. 2.ª)

A mãe do sr. conde (viuva do 3.º conde de Belmonte, D. Vasco Antonio de Figueiredo Cabral da Camara) costuma vir passar grandes temporadas a esta quinta, sendo então, pela sua adoravel caridade, a providencia dos pobres d'estes sitios, que todos a respeitam e adoram como o seu anjo bom.

Tanto n'esta quinta, como na antecedente (a da Torre) se experimentou, em grande escala, e com optimo resultado, a cultura do arroz; porém cessou com a lei que a prohibiu, por ser prejudicial á saude publica.

Foi senhor d'Otta, no reinado de D. Affonso V, Vasco Martins Leitão, descendente do conde D. Pedro Peirales, povoador de Burgos, e famoso varão castelhano, de quem fala o conde D. Pedro, no seu *Nobiliario*, e outros genealogicos.

D. Leonor Leitão, filha d'aquelle senhor de Otta, casou com João Lopes de Azevedo, senhor de S. João de Rei, Pena, Aguiar, Parada, Bourò, Souto, Honra de Frazão e Terra de Pereira. Esta senhora e seu marido são progenitores dos viscondes de Azevedo, e de Oliveira do Douro, dos senhores da Tapada e de Paradélla, e de outras nobilissimas familias d'este reino.

OU—portuguez antigo—ao—*Das quaes una dey ós juizes, e* ou *Conzelo, e outra dey* ou *Prelado.*—(Doc. de Salzedas, de 1273.)

OÚ—portuguez antigo—(do gallo-celta)—onde. (Doc. das freiras bentas, do Porto, de 1305.)

OUCÍDRES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Monforte do Rio-Livre), 80 kilometros a O.N.O. de Miranda, 440 ao N. de Lisboa, 100 fogos. Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa-Real.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Foi commenda de Christo.

Havia outra freguezia do mesmo nome tendo por orago, Santa Maria, a qual, por ser pequena (tinha apenas 35 fogos) foi unida a esta, no principio d'este seculo.—Era apresentada pelo reitor de Santo André de Oucidres, e curato dependente da mesma.

No monte das Arcas, d'esta freguezia, ha vestigios de edificios romanos.

O seu nome é corrupção do antigo portuguez *oussida*—altar-mór ou capella. (Vide *Obsia*, a pag. 198, col. 2.ª, d'este volume.)

OUCÍSIA—Vide *Eucísia*.

OUGUELLA—villa, Alemtejo, concelho e 6 kilometros ao N. E. de Campo-Maior, comarca d'Elvas, d'onde dista 20 kilometros ao N., 190 ao E. de Lisboa.

Tem 70 fogos. Em 1757, tinha 52 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o prior, que tinha 130$000 réis de rendimento.

E' palavra celtica, cuja significação hoje se ignora.

Na Hespanha ha tambem algumas povoações com este nome (Ouguella) sendo a principal, a villa de *Ouguela*, porto de mar na Biscaia.

E' povoação muito antiga, e, segundo varios escriptores, foi cidade romana, com o nome de *Budua*, e no tempo dos godos, *Niguella*. E situada no alto de um escarpado monte.

Fica em frente da villa hespanhola d'Albuquerque.

Veiu á corôa portugueza, em 1297, com Olivença e Campo-Maior, no reinado de D. Diniz (vide *Olivença.*)

Já então era cercada de muralhas e defendida por um castello; mas como estavam arruinados, D. Diniz mandou reedificar tudo, pelos annos de 1299, ou 1300.

Este mesmo rei lhe deu foral, com todos os privilegios do de Evora, por carta expedida de Lisboa, a 5 de janeiro de 1298. *(L.° 2.° de Doações do rei D. Diniz*, fl. 6 verso, col. 2.ª, § 3.°)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.° de junho de 1512. *(L.° de foraes novos do Alemtejo*, fl. 65 verso, col. 2.ª)

Tem ainda uma *sentença de foral*, dada por D. João III, em Lisboa, a 10 de novembro de 1536. *(L.° das sentenças a favor da corôa*, fl. 24, col. 2.ª)

Tem misericordia e hospital.

Proximo á villa passam os rios *Sévera* (ou *Xévora)* e *Abrilongo.*

E' terra muito fertil em todos os generos agricolas, principalmente vinho e azeite.

Cria muito gado, sobretudo suino, e é abundante de caça.

Tem uma fonte, cujas aguas, segundo o padre Carvalho, tem duas propriedades notaveis:

1.ª, que todo o animal vivo, excepto rans, morre immediatamente apenas cahir dentro da tal fonte.

2.ª, é não coser carne ou legumes, de qualquer qualidade que seja, por mais que n'ella fervam.

(São as célebres aguas mineraes aciduladas, de que adiante trato.)

Junto ao rio Sévera, está a egreja do Salvador, que foi mosteiro de templarios. Ainda se vêem as ruinas do edificio do mosteiro.

N'esta egreja está a imagem de *Nossa Senhora da Enxára*, que, segundo a lenda, appareceu a uma menina.

A esta Senhora se attribuem muitos milagres.

—

O sr. Carlos Ramires Coutinho, esclarecido escriptor publico, foi feito barão de Barcellinhos, em 3 de fevereiro de 1864—e visconde de Ouguella, em 26 de março de 1868.

—

Foi natural d'esta villa, D. João de Menezes da Silva (o beato Amadeu) filho de Ruy Gomes da Silva, alcaide-mór de Ouguella e Campo-Maior, e de D. Isabel de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, conde de Vianna, e 1.° capitão de Ceuta.

Foram seus irmãos, D. Diogo da Silva, 1.° conde de Portalegre; e D. Beatriz da Silva, da qual adiante se trata.

D. João de Menezes, foi dotado de rára gentileza e vastissima intelligencia; prendas que realçavam a esclarecida nobreza do seu sangue.

Diz-se que amou perdidamente uma infanta de Portugal; mas vendo que o seu amor só produziria desgostos, impossibilidades e serios perigos, deixou a sua patria e se foi para Castella, onde, no mosteiro de Guadalupe, viveu alguns annos, desconhecido, sendo o mais humilde, fervoroso e santo dos seus companheiros.

Passou depois á Italia, onde pediu o habito franciscano, no convento de Assis, e então tomou o nome de *Amador* (que em italiano é *Amadeu.*)

Na Italia instituiu uma nova congregação, que, do seu nome, se chamou dos *amadeus*,

a qual foi confirmada por Xisto IV, pelos annos de 1480.

Esta congregação se dilatou pela Italia, onde floresceu por muitos annos, chegando a ter 28 mosteiros reformadissimos.

Foi chamado a Roma, e o mesmo pontifice lhe concedeu grandes privilegios para a sua ordem, e o fez seu confessor.

Em Roma, teve por amigo, D. Garcia de Menezes, bispo d'Evora, seu primo co-irmão, quando este prelado foi por general de uma armada, que D. Affonso V mandou a Italia, em soccorro da cidade de Otranto, occupada então pelos turcos.

O beato Amadeu, recolheu-se ao mais solitario mosteiro da ordem que havia fundado, onde escreveu um livro de revelações e profecias, sobre o estado da egreja romana, com o qual (livro) se mandou enterrar, escrevendo-lhe por fóra—*Aperietur in tempore.*—Escreveu e publicou mais alguns livros misticos.

Falleceu em 10 de agosto de 1482, e jaz em Milão, no convento de Santa Maria da Paz, da sua congregação.

O seu livro prophetico, foi achado intacto, muitos annos depois da sua morte, e impresso e publicado, e ainda hoje é muito estimado pelos crentes.

Grande parte das suas prophecias se teem realisado.

Aguas mineraes de Ouguella

Estas aguas foram apresentadas na exposição universal de Paris, de 1867, e o seu relatorio official, é o seguinte. (Traducção.)

«*Nascente mineral d'Ouguella*—Esta nascente está situada perto do forte e da egreja de *uma pequena aldeia* do seu nome.

A agua que nos foi enviada, para nosso estudo, não apresenta gosto nem cheiro dignos de nota, e era de uma limpidez perfeita.

E' a unica agua mineral, entre as do continente de Portugal, que examinámos, que possue uma quantidade consideravel de nitratos.

Um kilogramma d'agua, evaporada a sêcco, deu 0 gr. 7849 de residuo fixo, formado de chlorureto de sodium; de solphato de soda; de nitrato de soda e de cal; de carbonatos de soda e de magnesia, e de silica.»

O doutor Francisco Tavares, medico de D. Maria I, nas suas *Instrucções e cautellas praticas*, etc., publicadas em 1810, trata circumstanciadamente d'estas aguas, a pag. 160. —D'esta obra extrahi o seguinte:

Caminhando para N. E. de Campo-Maior, uma legua, na comarca d'Elvas, é o forte ou praça e villa d'Ouguella, cujo terreno circumvisinho é descoberto e pouco montuoso.

As aguas mineraes d'esta villa, são as unicas do seu genero em Portugal.

Segundo a tradição, a sua primitiva origem, é a distancia de uns 300 passos da *Atalaia de S. Pedro*, d'onde corre para o forte contiguo á egreja, e por baixo d'esta e da muralha, sáe, e continua por 10 ou 12 passos, por um aqueducto, junto á fonte. N'esta corre por duas bicas, de ferro, nas quaes, a somma total da agua, anda por dois anneis, no inverno; sendo metade (e ás vezes menos) no verão.

Os canos das bicas estão carcomidos e rotos, pela passagem da agua.

E' esta, fria e crystalina, sem cheiro algum, mas o seu sabor, na fonte é aspero e acido, e custa a soffrer; porém perde-o passado algum tempo depois de estar em vasos de barro, tornando-se então propria para o uso commum; mas quasi ninguem a bebe, porque dizem que faz abalar os dentes e separarem-se as gengivas.

Emprega-se para amaçar o pão, que fica alvo, leve e saboroso.

Não cose legumes nem carne, que, ainda que fervam muito tempo, ficam duros, negros e incapazes de comer-se.

Recolhida em vasos de vidro, vê-se sobrenadar uma substancia oleosa, que, demorando-se, engordura o vidro.

Em vasos de barro porém, não deixa no fundo ou paredes internas, deposito algum; mas exteriormente ficam cobertos de uma materia branca, e como caiados.

O aqueducto que conduz esta agua para o chafariz e os que são proximos ás bicas, tem de romper-se, e com muita difficuldade, de dois em dois, ou, quando muito, de trez

em trez annos; em rasão das durissimas crustas lapidosas que n'elles se formam, misturadas com limos e hervas adherentes—(ao que dão aqui o nome de *rapósos.*)

Perto d'esta fonte, ou chafariz, ha outra dentro de uma horta, onde é aproveitada para irrigação, e faz prosperar notavelmente os seus fructos, que são muito mais saborosos, do que os creados nos outros sitios proximos, que não são regados com esta agua.

O dr. Fonseca Henriques, diz (no seu *Aquilegio,* pag. 191) fundando-se no padre Carvalho, que nas *Constituições Synodaes* do bispado d'Elvas, impressas em 1634, fallando-se da villa de Ouguella—se refere que—procurando verificar-se se as suas aguas mineraes consentiam em si, vivos, peixes ou insectos, ou vermes aquaticos ou amphibios, se viu sempre que, tanto os insectos, sanguesugas, e vermes, morrem apenas se deitam na agua—e os peixes, em seu vigor, morrem em menos de meia hora.

Vivem porém n'ella rans; mas pequenas e magras; talvez porque respiram com frequencia o ar atmospherico.

Julga o doutor Tavares, que esta agua é gazoza, pelo gaz acido carbonico, em excesso; com alguma porção diminuta de carbonato e sulphato calcareo.

As incrustações durissimas formadas nos canos, provam a presença de carbonatos e sulphatos calcareos (selenites) e talvez silica misturada.

E' proprio de todas as aguas que abundam em gaz carbonico, não crearem peixes, nem os consentir vivos; nem os insectos e vermes, mesmo que sejam aquaticos.

A substancia oleosa que se vê nos vidros, pode vir d'outros depositos de mineraes; mas tambem póde ser resultado da combinação do hydrogenio com o acido carbonico, e o oxigenio, que forma uma materia oleosa—a *naphta.*

O gosto acre e acido, prova a existencia do gaz carbone e da naphta; que, como são extremamente volateis, se evaporam, fóra da nascente, deixando a agua potavel.

A crusta branca que apparece no exterior dos vasos de barro, não é mais do que carbonato e sulphato de cal, filtrados pela materia porosa do vaso.

Estas aguas são applicadas com vantagem nas debilidades de estomago; vomitos pertinazes d'ellas procedidos; hydropisias; e para a expulsão de vermes intestinaes, incluindo a tenia ou solitaria.

—

Apezar da fertilidade de seus campos, e das suas aguas mineraes, Ouguella tem decahido muito da sua antiga importancia, e grande parte dos seus predios estão em ruinas.

Em um d'estes edificios desmantellados, foi encontrada uma pedra de fórma cylindrica (o pedestal de uma cruz) com a seguinte inscripção:

Na era de 1475, durante a célebre
batalha entre Portugal e Castella,
se encontraram n'este logar, João
da Silva, camareiro-mór do principe
D. João, o Segundo, e João Fernandes
Galindo, o Terceiro mestre d'Alcantara,
sendo ambos capitães. E do encontro
morreram ambos; o Mestre,
logo, e João da Silva, aos XXVIII
dias: e Diogo da Silva, bisneto de
João da Silva, passando por aqui,
Embaixador ao Concilio Tridentino,
mandou fazer esta cruz.
Era de 1551 annos.

—

Darei algumas explicações sobre a materia d'esta inscripção.

D. Affonso V, casára com sua prima, D. Isabel, neta de D. João I, e filha do infante D. Pedro, duque de Coimbra (o que morreu em Alfarrobeira) da qual teve—D. João, que morreu menino; D. Joanna (a princeza santa) religiosa no convento de Jesus, d'Aveiro, e D. João, depois o 2.°

Fallecida a rainha, pretende D. Affonso V ser tambem rei de Castella, e contrata o seu casamento com a princeza D. Joanna, filha e herdeira de D. Henrique IV de Castella.

A maior parte dos castelhanos oppõem-se a este casamento, e para crearem mais um obstaculo ao ambicioso monarcha portuguez, casam a 2.ª irman de D. Joanna—a

infanta D. Isabel—com D. Fernando, rei de Aragão, que principiam logo a reinar, e são os famosos reis catholicos, Fernando e Isabel, que acabaram com os mouros na Peninsula, conquistando o reino musulmano de Granada.

D. Affonso V, para sustentar o direito de sua esposa, á corôa de Castella, entra n'aquelle reino (1473) á frente de 20:000 homens.

Em Placencia, desposa D. Joanna, e tomando então o titulo de rei de Portugal e Castella, passa á cidade de Toro, que se tinha declarado a seu favor.

Pouco tempo depois, seu filho, D. João, depois 2.º, que tinha organisado outro exercito, marcha com elle, a reunir-se a seu pae.

Samora seguia o partido de D. Isabel, e o rei e seu filho lhe põem cêrco.

Apparece o rei de Aragão com um lusido exercito de castelhanos e aragonezes, e nos campos entre Çamora e Toro se dá a célebre *batalha de Toro* (maio de 1476) em que os portuguezes foram derrotados.

Foi n'esta batalha o heroico feito do nosso legendario alferes-mór, Duarte d'Almeida—O DECEPADO—que empunhando o estandarte real, lhe foi pelos castelhanos decepada a mão—mudou-o para a outra, que, tendo a mesma sorte, elle o segurou com os dentes (outros dizem que com os côtos) e assim, fugindo, o pôde salvar. [1]

O rei portuguez deixa a regencia do reino a seu filho, e vae a França pedir ajuda ao rei Luiz XI, que, depois de brilhantes promessas, a rogo dos reis catholicos, o prende, tendo-o recluso um anno. (Para o mais que então succedeu, veja-se a Hist. de Port. no fim do diccionario. Só aqui direi que a infeliz D. Joanna, nem foi rainha de Portugal, nem de Castella, nem mulher de D. Affonso V, e morreu com o simples titulo de *excellente senhora*.)

—

Foi pois durante esta guerra, sendo João Fernandes Gallindo, alcaide-mór de Albuquerque, e João da Silva, de Ouguella, que teve logar o desafio singular entre estes dois cavalleiros, no qual morreram ambos, fóra das muralhas d'esta villa; e que a inscripção relata.

—

Vou cumprir a promessa que fiz no principio d'este artigo, com respeito a D. Beatriz (ou Brites) da Silva, irman do *beato Amadeu*.

Senhora de alta nobresa, tanto pela parte paterna como pela materna, foi escolhida para ser uma das principaes fidalgas do sequito que devia acompanhar a Castella, a infanta D. Isabel, que casou com D. João II, rei d'aquella nação; onde se fez notavel, pela sua formosura, modestia e discrição: sendo pedida em casamento por varios dos principaes senhores castelhanos, que chegaram a disputar pelas armas, e mesmo em frente do paço real, a posse da sua mão.

A virtuosa menina, que jámais quizera acceitar as brilhantes propostas de casamento que lhe foram feitas; e, para terminar com estas importunações que a maguavam, decidiu consagrar-se aos altares, e entrou no convento de freiras dominicas de Toledo, onde viveu 30 annos, como secular, mas sujeitando-se a todos os rigores da ordem, como se fosse religiosa professa.

Não contente com a vida de oração, penitencia e caridade, que levava n'este mosteiro, e querendo imitar seu santo irmão, fundou tambem uma nova ordem de penitencia, ajudada pelos reis catholicos, Fernando e Isabel, á qual deu o titulo de *Ordem de Nossa Senhora da Conceição.*

A rainha lhe deu o seu palacio da *Galiana* e um vasto jardim contiguo, para mosteiro e cerca, e obteve do papa Xisto IV (o mesmo que auctorisara a congregação dos *amadeus* a seu irmão) pelos annos de 1482, a bulla para esta nova ordem.

Tratou-se logo de adaptar o palacio para o santo fim a que era destinado, e concluidas as obras, se transferiu logo para elle Beatriz com 12 religiosas dominicas, do convento onde estivera, e que a quizeram acompanhar.

No seu novo mosteiro, não só foi superio-

[1] Os que quizerem saber a historia d'este bravissimo portuguez, vejam a palavra —Paço de Villarigas.

ra das mais religiosas, pelo cargo, mas e principalmente pelas suas celestiaes virtudes, sobresahindo ainda mais pela fe e pela caridade.

Já n'aquelles tempos havia, não só hereges e scismaticos, mas tambem *espiritos fortes*—ou, como hoje se diz—*livres pensadores*—isto é—atheus.

Á santa religiosa, confrangia-se-lhe o coração ao ouvir contar a falta de fé que hia por Castella, e supplicou aos reis catholicos que estabelecesse um tribunal, com a exclusiva attribuição e rigorosa obrigação de combater as heresias e castigar os hereges.

Os reis catholicos accederam, impetrando logo, do referido pontifice Xisto IV a bulla competente.

Eis a origem e instituição d'esse funesto tribunal do *Santo Officio*, que causou mais males do que bens á Egreja Catholica.

Foi feito inquisidor-geral, o cardeal, D. Thomaz de Torquemada, de sanguinaria memoria, que tinha sido religioso dominicano, e era homem de grande sciencia, energico e organisador; mas cruelissimo.

Deram-lhe por subalternos, varias classes de inquisidores, *familiares*, officiaes, etc.—escolhidos entre as pessoas mais intolerantes, e alguns mesmo, entre os mais perversos.

Trago para aqui esta circumstancia, por ser um facto historico, e por se referir áquella virtuosa portugueza, que, certamente, não seria a iniciadora da *Inquisição*, se podesse adivinhar quantos rios de sangue—muito d'elle innocente—regaram os antros do Santo Officio e as praças da Peninsula. (Vide *Santo Officio*.)

D. Beatriz falleceu no seu convento de Toledo—onde jaz sepultada—em 17 de agosto de 1489, e é reputada por santa em toda a Hespanha.

Da ordem que instituiu, houve alguns conventos em Castella, e um em Portugal, na cidade de Braga, na rua de S. Geraldo, e campo de Santa Anna; fundado pelo conego Geraldo Gomes, que o dotou com todos os seus bens, em 1625. (Vide vol. 1.º, pag. 437, col. 2.ª, onde se trata d'este mosteiro com mais individuação.)

OURA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e proximo de Chaves, 70 kilometros a N.E. de Braga, 395 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, tinha 87 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Moreiras apresentava o vigario, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia está situada em terreno levemente accidentado, nas margens da Ribeira do seu nome, que desagúa na esquerda do Tâmega.

Produz esta freguezia muito e optimo vinho, que no seu genero—*vêrde*—é dos melhores do reino. (Vide *Ribeira d'Oura*.)

OURADA—Vide *Fiães*, do concelho de Melgaço.

OURÉGA ou **TOURÉGA**—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, arcebispado, districto administrativo e 10 kilometros a O. de Evora, 115 a S.E. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 112 fogos.

Orago, Nossa Senhora d'Assumpção.

O arcebispo d'Evora apresentava o cura, que tinha 360 alqueires de trigo e 119 de cevada.

E' povoação antiquissima, á qual, segundo todas as probabilidades, os romanos chamavam *Taurégia*.

Teve aqui um sumptuoso palacio e formosos jardins, grande quinta, soberbo aqueducto, thermas, etc., o sanguinario Daciano, pretor das Hespanhas, pelo não menos cruel imperador Diocleciano.

Foi junto a este palacio, que Daciano mandou degolar dezoito santos martyres, no anno 305, mandando-os enterrar em uma gruta, a que ainda hoje dão o nome de *Cóva dos Martyres*.

Ainda ha vestigios d'este palacio e de outros edificios. (Vide 3.º vol., pag. 116, onde isto vem mais circumstanciado.)

Manuel Severim de Faria, achou em poder do prior d'Ouréga (Antonio Mendes) um antiquissimo pergaminho, no qual se conta a historia resumida, d'estes 18 martyres.

Na matriz d'esta freguezia esteve um altar, sustentado sobre quatro columnetas, e resava a tradição ser o tumulo de S. Viario, bispo.

O marmore d'este altar, fôra o sepulchro de Quinto Julio Maximo, mandado construir por sua mulher, Calpurnia Sabina, no tempo em que Quinto Julio Claro, e Quinto Julio Nepociano, eram prefeitos da conservação e fabrica das estradas publicas—e foi isso a causa do engano—porque a estes empregados nas estradas denominavam os romanos—*Viro Viarum Curandarum*, e o bom do referido prior, lia—*Viario Curae Curarum*—sive *Episcopo*—e assim, dizia que era a sepultura de S. Viario, bispo.

Em 1540, o cardeal-bispo, D. Affonso, mandou André de Rézende a Ouréga, examinar que santo bispo Viario era este.

Rézende, declarou que não havia alli tal santo e mandou entupir o altar. (Adiante darei mais algumas noticias sobre este antiquissimo monumento.)

—

Pouco tempo depois de padecerem martyrio aquelles 18 confessores da Fé Catholica, foi Ouréga o theatro de novas crueldades, sendo tambem aqui degoladas, por ordem do mesmo Daciano, as duas santas irmans, *Comba* e *Anonyma*. [1]

Segundo a crença do povo, onde cahiu a cabeça de Santa Anonyma, brotou logo uma nascente d'agua crystallina, á qual ainda hoje se dá o nome de *Fonte Santa*, e a cuja agua se attribuem grandes virtudes therapeuticas, sobre tudo para as differentes molestias ophtalmicas.

A pouca distancia d'esta fonte, está a ermida, levantada pelos fieis á virgem e martyr Santa Comba.

Estas duas santas eram irmans de S. Jordão, bispo d'Evora, que fugindo ás crueldades de Daciano, se escondeu na serra da *Espinheira;* mas, sendo descoberto, foi martyrisado a 6 de agosto de 305, no sitio onde hoje está a egreja matriz, que lhe foi dedicada, que é a da freguezia de S. Jordão, a 9 kilometros d'Evora. (Vol. 3.º, pag. 419, col. 1.ª)

A S. Jordão succedeu, na mitra d'Evora, S. Brissos. Vide Mértola.

—

No logar de *Barrocal*, freguezia d'Ouréga, descobriu ha poucos annos, o nosso distincto escriptor, Joaquim Philippe de Soure, um dolmen celta; o que prova que estes sitios já eram habitados em epocas muito anteriores á invasão dos romanos na Peninsula.

—

Em volta da egreja parochial ainda existem as magestosas ruinas de soberbas casas de banhos, (thermas) notaveis aqueductos, galerias, casas subterraneas, com pavimento de formosos mosaicos, evidentemente obra romana: pela sua extensão, não parece ser sómente os restos do palacio de Daciano; mas os de uma povoação ou castro.

Devia ser de muita importancia esta povoação, porque aqui desembocavam tres vias militares romanas, as de Merida, Badajoz e Alcacer do Sal.

Ignora-se a data da fundação d'esta egreja; mas é uma das mais antigas do arcebispado d'Evora, e pretende-se mesmo que seja mais antiga do que a Sé d'esta cidade. É de abobada, e de boa architectura antiga, mas não tanto como se pretende; devido provavelmente ás reedificações que tem soffrido em varias épocas. É porém um bom templo. A padroeira, é objecto de grande devoção dos povos circumferentes, que lhe fazem a sua festa a 15 de agosto, e é ainda muito concorrida; porém muito menos do que antigamente, quando muitos devotos, em acção de graças por beneficios recebidos da Senhora, ou em cumprimento de vo-

[1] Anonyma, como se sabe, e como a propria palavra indica, não é nome de pessoa alguma; porém, como os nossos antigos escriptores não poderam achar o nome da irman de Santa Comba, a designavam por Anonyma, e assim ficou.

tos, se costumavam pesar a trigo; para o que havia uma casa feita para isso, com as competentes balanças e arcas. A casa ainda existe, mas já não tem arcas nem balanças; porque já ninguem se pésa a trigo.

—

Tratarei agora do celebre tumulo de Quinto Julio Maximo.

O primeiro que me consta ter achado esta preciosa antigualha, foi o nosso infatigavel archeologo, André de Rézende, que d'ella trata no seu livro *de Antiquitatibus Lusitaniae.* No livro 3.º d'esta obra, diz que da egreja de Touréga falla muito extensamente *Kebedio Toletano*, dizendo, entre outras muitas coisas — (traducção) — *Ahi* (na egreja) *está uma mêsa de pedra, a qual mandou pôr n'aquelle logar, para sepulchro de seu marido, Quinto Julio Maximo, Calpurnia Sabina; em cuja sepultura foram tambem recolhidos os restos mortaes de seus dois filhos, que tinham cuidado d'aquellas vias; e na campa se lia esta inscripção:*

D. M. S.
Q. IVL. MAXIMO C. V.
QUAESTORI PROVINC. SICI-
LIAE. TRIB. PLEB. LEG.
PRCV. NARBONENS. GALLIAE PRAEF.
DESIG. ANNO XLIII.
CALPVRNIA SABINA MARI-
TO OPTIMO.

—

Q. IVL. CLARO C. V. IIII VIRO
VIARVM CVRANDARVM
ANNO XXI
Q. IVL. NEPOTIANO C. I.
IIII VIRO VIARVM CVRAN-
DARVM. ANNO XX
CALPVRNIA SABINA FILIIS. [1]

A traducção d'esta inscripção, é a seguinte —

Dedicado aos deuses manes.

A Quinto Julio Maximo, varão esclarecido (ou clarissimo) questor da provincia da Sicilia, tribuno da plebe, legado da provincia Narboneza, prefeito designado (ou nomeado, ou eleito) da Gallia; de quarenta e oito annos de edade. Sua mulher, Calpurnia Sabina, a seu optimo marido. (Dedica este monumento.)

—

A Quinto Julio Claro, varão esclarecido, quadumviro da inspecção das estradas, de vinte e um annos de edade —

A Quinto Julio Nepociano, mancebo esclarecido, quadrumviro da inspecção das estradas, de vinte annos de edade.

Calpurnia Sabina, a seus filhos. (Dedica esta memoria.)

—

No logar citado do *Santuario Mariano* vem uma traducção que pouco differe d'esta; mas, feita como se não se lhe tivesse supprimido a 5.ª linha. Traduz — *deuses maximos*, por *deuses manes* — *seu grande marido*, por *marido optimo* — e *pretor de França*, por *prefeito da Gallia.* [1]

—

Como o bom do prior visse que tinha na sua egreja, em vez da sepultura de um bispo christão, o tumulo de tres pagãos, mandou-o logo pôr fóra do templo.

Tem esta lapide, 1m,54 de comprido, e 0m,60 de largo; e é cercada de ornatos em relêvo, de boa esculptura.

[1] No *Santuario Mariano* (tomo 7.º, pag. 540) vem esta inscripção, mas errada e imperfeita — provavelmente por êrro de cópia — não sendo tambem exacta a traducção que alli se faz. Eis aqui os êrros — A ultima palavra da 4.ª linha é ILG — que não significa coisa alguma — em vez de LEG (legado). — A 5.ª linha *(prov. narbonens galliae praef)* foi supprimida, deixando só a 1.ª palavra (prov.) que collocou na linha immediata, ficando assim sem traducção possivel. — Em toda a inscripção estão uu, quando na original não ha senão vv.

Respondo pela veracidade da inscripção que se vê no texto, pois não a copiei de cópia, mas do proprio sepulchro, que vi e examinei com toda a attenção e minuciosidade. (Bem quizera eu poder dizer o mesmo de tudo quanto tenho escripto n'esta obra!)

[1] Todo o mundo sabe que até ao anno 395 não existiu nação alguma chamada França. Só por esse tempo, os *barbaros do Norte* (burgonhões, wisigodos, ostrogodos, sicambros, hunos, francos, etc.) invadiram o imperio romano e se apossaram das Gallias, a parte das quaes, os *francos* deram o seu nome — França. As Gallias era uma região mais vasta do que a França actual. Comprehendia todo o territorio que ficava entre os Pyreneus, o Mediterraneo, os Alpes, o Rhin (Rheno) e o Oceano Atlantico. Os gaulezes andavam sempre em guerra uns com os outros — porque

Esteve esta lapide esquecida e abandonada mais de 200 annos, até que o sr. Rivara teve noticia d'ella, em 1826, e a fez conduzir para o museu Cenaculo, de Evora, que está actualmente no famoso *templo de Diana.*

—

Pretendem alguns escriptores, que a antiga cidade romana de Tourégia (ou Turégia, como tambem outros lhe chamam) fosse nas immediações da actual villa de Reguengos, no sitio onde agora está a aldeia do *Monte da Azinheira* e seus contornos—o que não se póde admittir. Vimos que Tourégia ficava sobre a via militar romana d'Alcácer do Sal (*Salacia* dos romanos) para Badajoz. D'esta cidade para Alcacer, passando-se uma linha recta, vem-se por entre o Alandroal e Villa Viçosa, pelo Redondo, Evora, *Ourega*, Ribeira das Alcaçovas, e Alcacer—quando Reguengos fica ao S.O. de Badajoz, e muito a E. da linha recta. Alem d'isso, sabe-se que Tourégia era perto d'Elvas, e Reguengos fica-lhe 35 kilometros a S.E., quando Ouréga apenas está a 10 kilometros para O.

É porém incontestavel que onde hoje se vê a aldeia do *Monte da Azinheira*, e pelas suas immediações, houve uma importante povoação romana, o que nos é attestado pelos alicerces de varios edificios de que por aqui ha vestigios, e por varios tumulos, de marmore, branco e preto, que se teem achado nos arredores. (Vide *Reguengos.*)

O mais notavel d'estes tumulos, é o que foi encontrado (em um curral de bois!) em 1840, no logar do Monte da Azinheira, e que a camara municipal do Porto comprou, e fez conduzir para o seu museu, em 1867. (D'elle trato mais circumstanciadamente no artigo *Porto.*)

OURÉLLA — portuguez antigo — margem (do rio).

OUREM (em latim — *Aurem*) — villa, Extremadura, concelho de Villa Nova de Ourem, 18 kilometros ao S. de Torres Novas, comarca e 18 kilometros a O. de Thomar, 40 ao S.O. d'Alcobaça, bispado e 24 kilometros a E. de Leiria, 140 ao N. de Lisboa, 750 fogos.

Em 1757 tinha 1246 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Visitação (antigamente, Nossa Senhora da Misericordia).

Districto administrativo de Santarem.

Está em 39°,42′ de latitude — e 9°,22′ de longitude.

A casa de Bragança apresentava o prior, que tinha 675$000 réis de rendimento, alem dos benesses, fazendo tudo uns 800$000 rs.

O primeiro foral d'esta villa, lhe foi dado pela *rainha* D. Thereza, filha de D. Affonso Henriques, em março de 1180, e confirmado por seu sobrinho (de D. Thereza) D. Affonso II, em Coimbra, no mez de novembro de 1217. (Maço 12 de *Foraes antigos*, n.° 3, fl. 6, col. 2.ª — e no *Livro de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 19, col. 2.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 6 de maio de 1515. *(L.° de foraes novos da Extremadura*, fl. 142 v., col. 2.ª)

Tem tambem uma sentença, dada sobre o foral novo, em 12 de fevereiro de 1530, lançada no mesmo livro de foraes novos da Extremadura, a fl. 258, col. 1.ª

D. Pedro II lhe concedeu foral *novissimo*, dado em Lisboa, a 6 de julho de 1695. (Gav. 3, maço 4.°, n.° 1.)

É das poucas terras do continente portuguez, que tem foral novissimo.

Tem por brazão d'armas — em campo branco, uma aguia negra, entre dois escudos das Quinas portuguezas, e sobre estes, de um lado uma estrella, e do outro, um crescente. Mas as armas que lhe deu D. Thereza (e que ainda se vêem na torre do S.O.) são—uma aguia, com as azas abertas, tendo uma corôa no cólo, e sustentando nas garras as Quinas portuguezas.

Nas portas *de Santarem*, ao N., ainda ha outro escudo d'armas, que são — os cinco escudos das Quinas (em cruz, como nas armas reaes) no canto superior da direita, um crescente — e no da esquerda, uma estrella, e por baixo das Quinas, tres torres, sendo a do meio mais baixa. Estas armas são as proprias da villa, e as primeiras, as do concelho.

formavam varias nações independentes; mas, em caso de guerra com outros povos, colligavam-se, e batiam-se com valor.

Ao lado d'este escudo d'armas, está em uma pedra, esta inscripção:

AETERNIT. SACR. IMMACULATISSIMAE CONCEPTIONI MARIAE, JOAN. IV. PORTUGALL. REX, UNA CUM GENERAL. COMITIIS SE, ET REGNA SUA SUB ANNUO CENSU TRIBUTARIA PUBLICE VOVIT. ATQUE DEIPARAM IN IMPERII TUTELAREM ELECTAM A LABE ORIGINALI PRAESERVATÃ PERPETUO DEFENSURUM JURAMENTO FIRMAVIT. VIVERET UT PIETAS LUSITAN. HOC VIVO LAPIDE MEMORIALE PERENNE EXARARI JUSSIT ANN. CHRISTI. M. DC. XL. VI. IMPERII SUI VI.

D. João IV mandou gravar esta inscripção em varios castellos e outros sitios publicos.

—

A rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, e mãe de D. Thereza, 1.ª senhora d'Ourem, era filha de Amadeu III, conde de Saboya, de Mauriana, e do Piemonte, fallecido em 1149. Este principe tinha por armas, uma aguia com as azas estendidas, e é d'esta circumstancia que sua neta adoptou a aguia para o brazão da sua villa d'Ourem. Consta que D. Thereza era a dama mais formosa e discreta de Portugal, no seculo XII. (Vide adiante, nas *varias noticias d'Ourem.*)

Depois da serie dos condes d'Ourem, darei mais alguns esclarecimentos, com respeito ao brazão d'armas d'esta villa.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 14.

—

A villa d'Ourem está assente sobre o dorso de um alto monte pyramidal, de difficil accesso, no centro de um extenso e profundo valle, sem outra alguma elevação proxima; o que faz esta povoação sobremaneira saudavel.

D'aqui se avistam, não só territorios vastos d'esta provincia, como da Beira e Alemtejo. Vêem-se terras de tres bispados, que são — Coimbra, Guarda e Portalegre — do patriarchado, e da prelasia de Thomar — o Tejo, as serras da Estrella e de Marvão, e outras muitas de menor importancia.

Nem um só dos escriptores que tratam d'esta villa, poderam descobrir a data da sua fundação, e quem foram os seus fundadores. Limitam-se a dizer que era uma povoação á importante no tempo dos godos, com o nome de *Abdegas*, e que cahiu em poder dos mouros, em 715. [1]

Não duvido, e é mesmo provavel, que já existisse no tempo dos godos; mas de certo tinha outro nome, pois o de Abdegas é evidentemente arabe — Abd-Egas (pae d'Egas) talvez tomado de algum godo que fosse senhor da povoação, ou aqui residisse.

Não se encontram mais noticias de Ourem, até ao anno de 1037, sendo então tomada aos mouros, por D. Fernando Magno. Tornou a cahir em poder dos mouros até ao anno de 1136, no qual, D. Affonso Henriques, tendo já tomado Leiria no anno antecedente, tomou esta villa aos mouros, ainda com o nome de *Abdegas*. Em 1139, já o logar do *Rabazal* (Rabaçal — no sitio de *Ladeya*) Leiria, Ourem, Ega, Redinha, Soure, Pombal, Zêzere, Cardiga, Almourol, Céra, e Penella, estavam em poder dos portuguezes; tendo sido tomadas aos mouros, quasi todas estas povoações, pelo famosissimo mestre dos templarios, D. Gualdim Paes.

Foi Ourem a primeira terra portugueza que os nossos reis deram a seus filhos, pois que D. Affonso Henriques a doou, pelos annos de 1158, a sua filha, a *rainha* (como então se denominavam todas as filhas dos reis) D. Thereza, que, como já disse, lhe deu foral, em 1180.

Esta senhora casou em 1184, com Philippe d'Alsacia, conde de Flandres; mas antes d'isso tinha dado o senhorio d'esta villa, como dote de casamento, á famosa Ouroana, de que adiante se trata. Depois, por alta de descendencia, voltou á corôa, no reinado de D. Sancho I, pelos annos de 1200. Casando D. Sancho II, com D. Mecia Lopes d'Haro, filha de D. Lopo Dias d'Haro, senhor de Biscaia, deu a sua mulher (pe-

[1] No final d'este artigo lér-se-ha mais alguma coisa a este respeito.

los annos de 1242) o senhorio d'Ourem. (Vide *varias noticias d'Ourem*, no fim d'este artigo.)

Pretende-se que foi D. Affonso Henriques, o fundador do seu castello, torres e muralhas; mas parece mais provavel que os árabes—attendendo á importancia militar d'este ponto—já o tivessem fortificado, e que D. Affonso I, sómente o reedificasse, ampliando os muros da circumvalação: mesmo porque, dando as historias bastante importancia á tomada d'esta povoação, por D. Fernando Magno, não lh'a dariam de certo se fosse uma terra aberta e indefeza.

—

Morava n'esta villa um fidalgo, chamado Hermigio Gonçalves, que, pelas suas forças herculeas, e pelo seu arrojo nos combates, era cognominado *o luctador*.

Este cavalleiro, depois de mil acções de bravura, morreu na gloriosa batalha de 25 de julho de 1139, nos campos d'Ourique.

Ficou-lhe um filho, tão forte e tão corajoso como seu pae, por nome, *Gonçalo Hermigues*, e por autonomasia — o *Traga-Mouros* — cavalleiro templario. e um dos mais bellos e elegantes fidalgos da corte de D. Affonso I.

A estas qualidades juntava tambem a de ser um dos melhores poetas d'aquelle tempo—apezar de ser gago.

Estava em Lisboa com outros cavalleiros jovens, que resolveram fazer uma surpreza aos mouros d'Alcacer do Sal.

Atravessando o Tejo, desembarcaram em Almada, na noite que precedia o dia de S. João Baptista, do anno de 1158, e se foram emboscar proximo da villa d'Alcacer.

Pela madrugada, sahiram os mouros, sem armas; e as mouras sem o minimo receio, em formosa e alegre cavalgata, por aquelles campos.

Então os christãos, sahindo inopinadamente do seu esconderijo, dão sobre os agarenos, nos quaes fazem uma horrorosa carnificina, e os que escaparam ao montante dos templarios, ficaram captivos.

As donzellas cahiram todas em poder dos christãos.

Entre todas, se distinguia pela sua deslumbrante formosura, e pela riqueza dos seus vestidos, a joven *Fatéma* (em portuguez — Fatima) filha de um nobre alcaide mouro.

Quando os portuguezes tratavam de embarcar os captivos, para os conduzir a Lisboa, sáe da praça um lusido esquadrão de mouros, que atacaram os christãos, e apezar da desesperada resistencia d'estes, conseguem libertar todos os seus que estavam ainda em terra.

Gonçalo Hermigues, que apenas vira Fatima, ficára perdido de amores por ella, viu-a fugir a toda a brida na garupa do cavallo de um joven mouro.

Gonçalo, cego de furor, mette esporas ao cavallo, cahe no meio dos mouros, mata o que levava Fatima, rouba esta, e ganhando a praia, dá ordem de retirada, atravessa o Tejo, e vôa com a sua prêsa, para Santarem, onde então estava D. Affonso I, que muito lhe louvou este acto de bravura,

Não acceitou dos despojos do combate, senão a sua formosa moura, e com tanto extremo a amou, que conseguiu ser amado d'ella, a ponto de abjurar a religião de Mafoma, e regenerar-se nas aguas do baptismo; no qual tomou o nome de *Ouroana* (ou *Oriana*) *Hermigues*.

Uma amostra de versos feitos por Gonçalo a sua esposa, vem no vol. 3.°, pag. 267, d'esta obra.

Poucos annos, porém, durou a felicidade dos dois esposos. Ouriana adoece perigosamente, e nem todos os carinhos e extremos de Traga-Mouros, a livraram de uma morte prematura.

Foi tão profundo e tão sincero o pezar do cavalleiro, que, renunciando ao mundo, se metteu frade, no mosteiro d'Alcobaça, ao qual legou a maior parte da sua avultada riqueza.

Entre as propriedades que doou aos monges, havia uma, 6 kilometros a O. de Ourem (para onde elle conduzira Fatima) em um sitio solitario, chamado *Ribeira da Conceição*, e n'ella mandou o D. abbade fundar um mosteiro da sua ordem (Cister) mandando para alli o proprio frei Gonçalo Her-

migues, com mais cinco frades, que principiaram a fundação a 23 de julho de 1171, dando ao mosteiro a invocação de *Santa Maria dos Tamarães,* e ao sitio o nome de *Fatima.* (Vol. 3.º, pag. 152, col. 2.ª)

D. Affonso Henriques deu grandes esmolas para ajuda da obra, pela grande amisade que tinha a frei Gonçalo, e coutou todas as terras do mosteiro, com grandes privilegios.

Este mosteiro existiu como communidade religiosa até ao principio do seculo XVII, sendo então unido ao collegio de S. Bernardo, de Coimbra, com todas as suas rendas, deixando ali apenas um frade e um leigo, aquelle para dizer missa ao povo e este para cuidar da egreja e ajudar á missa.

N'elle foi enterrado frei Gonçalo e varios monges que aqui viveram e morreram.

Ainda a este sitio se dá o nome de *Casaes da Abbadia,* e ainda existe a egreja e casas que foram celleiros de Alcobaça.

Houve por muitos annos aqui uma feira, a 4 de agosto, que, em 1759 se mudou para o logar de *Santo Antonio das Caixarias,* (que é um pouco mais abaixo) em razão de se apertar o terreno da antiga feira, com a cultivação que n'elle se fez.

E' n'este logar das Caixarias, a 20.ª estação do caminho de ferro do N. (Vide *Cacharia,* vol. 2.º, pag. 25, col. 1.ª)

O padre Carvalho, na sua *Chorographia Portugueza,* conta o caso de diverso modo.

Diz que Ouriana, vindo a ficar viuva, se fez freira bernarda, fundando um mosteiro de monjas da sua ordem, no termo de Ourem, e no sitio dos *Tamarães,* do qual não existem outros vestigios mais do que uma quinta d'este nome.

A 1.ª opinião é a mais seguida, e supponho que a verdadeira.

E' tradição que D. Thereza, 1.ª senhora donataria d'Ourem, por ser muito amiga de Oureana, é que mudou o nome de Abdegas, impondo-lhe o de Ourem; mas isto offerece suas duvidas, porque, então poderia chamar-lhe mesmo Ouroana.

Ha porém quem diga que Ourem é uma especie de diminutivo carinhoso de Ouroana, como —*Nel,* por Manuel—*Bébé,* por Isabel—*Mimi,* por Emilia, etc.

O que é certo é chamar-se Abdegas antigamente. D. Thereza, 1.ª senhora d'esta villa, diz na doação do espiritual d'ella, que fez a Santa Cruz de Coimbra—*de ecclesiastico de Auren, qui pruis Abdegas vocabatur.*

—

A villa está toda cercada de muralhas, e tinha um postigo ao N., chamado *da Sé* (por estar proximo á fachada de um templo assim denominado) do qual (postigo) ha muitos annos não existem vestigios—e duas portas principaes—uma a E., chamada *da Villa,* com dois arcos, proximos um do outro, mas o exterior já não existe [1] — outra ao S.O., denominada *de Santarem.* Abaixo d'esta porta, havia outra, encostada a um revelim.

A cavalleiro da povoação, se erguia o magestoso e outrora célebre castello, ficando-lhe ao S. uma formosa esplanada, que serviu de *praça d'armas,* no alto cume do monte, cercada de muralhas, com uma porta ao E., defendida por um revelim, o que tudo ainda existe; mas em ruinas.

Fica-lhe em frente uma torre, e para o lado direito, uma vasta planicie, cercando o monte, que tambem foi cercado de muralhas, das quaes ainda ha restos.

Edificou-se depois aqui uma egreja, dedicada a S. Thiago, que foi matriz de uma freguezia.

D'esta egreja não existe hoje senão o nome de *largo de S. Thiago,* imposto ao sitio onde ella esteve.

A arte e a natureza, fizeram de Ourem

[1] Foi demolida durante a guerra civil de 1832 a 1834, para se fazerem novas fortificações; mas já então não existia senão uma hombreira, encostada á muralha, junto do revelim.

No fim da guerra, arrazaram-se todas as recentes fortificações, mas não se repararam as antigas.

uma praça formidavel dos primeiros tempos da nossa monarchia.

Não foi só D. Affonso Henriques, foi tambem sua filha, D. Thereza, que se esmeraram em tornar esta praça inconquistavel; de modo que, desde 1136, em que foi resgatada do poder dos mouros, nunca mais se tornou a perder, como aconteceu a outras muitas, que por muitas vezes se ganhavam e perdiam alternativamente.

Os mouros temiam tanto esta fortaleza, que o Miramolim, imperador de Marrocos, ajudado por Albujaque e outros emires, vindo com um temeroso exercito sobre Portugal, em 1185, vadeou o Tejo, cahiu sobre Torres Novas, que saqueou e destruiu, arrazando-lhe o castello — e, sem se atrever a atacar Ourem, vae pôr cerco a Santarem, onde se achava o principe D. Sancho (depois 1.º)— mas alli encontrou a sua total ruina; porque D. Affonso Henriques marchou logo de Coimbra em defeza de seu filho, e tão furioso ataque deram aos mouros, a 10 de julho d'esse anno, que o Miramolim morreu no combate e o seu exercito ficou aniquilado, deixando em poder dos vencedores, riquissimos despojos, fructo das suas rapinas.

Tem seis torres, que todas se communicam por galerias subterraneas, tendo a ultima d'estas torres, que fica no ponto mais baixo das fortificações, do lado do E., uma escadaria de numerosos degraus (hoje entulhados) que, em caso de perigo, dava saida para o sitio de *Valle-Bom*, que fica ao sopé do monte, para o lado do Sul.

D'este mesmo lado, entre as duas ultimas torres, ainda existe a *porta da traição.*

—

Em 1384, era alcaide-mór de Ourem, o conde de Barcellos, D. Affonso Telles de Menezes (irmão de D. Leonor, viuva de D. Fernando I) que tomou o partido de D. João I, de Castella, contra o *Mestre d'Aviz.*

D. Lopo Dias de Souza, 8.º mestre da ordem de Christo (primo de D. Beatriz, rainha de Castella, e mulher de D. João I) que seguia o partido nacional, veiu com os seus cavalleiros a Ourem, na intenção de persuadir o alcaide (que era seu tio) a abandonar o partido de Castella; porém D. Affonso lhe fechou as portas. Então, D. Diogo, indignado, escalou as muralhas e entrou na villa.

O alcaide fugiu, e foi unir-se aos castelhanos, deixando dois filhos em poder de D. Lopo, e este reduziu o povo e guarnição ao partido do Mestre— isto é — ao partido nacional. [1]

—

Ao sopé do monte, se estende um extenso e fertil valle, correndo por elle, de N. para E., a ribeira de Ourem, que nasce em trez pequenos valles, e em uma grande fonte, que está no logar de Azambujal (onde nasceu e se creou a ditosa serva de Deus, Thereza, de que adiante se trata) a 2 kilometros ao O. da villa.

Em uma vasta planicie que ha n'este sitio, chamada, *Alvejares*, acampou, em uma 6.ª feira, 11 de agosto de 1385, D. João I de Portugal, e o santo condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, com o seu exercito, vindo de Thomar, para darem a gloriosa batalha de Aljubarrota, tres dias depois.

Resa a tradição, que — quando o exercito portuguez aqui estava acampado, sahiu das mattas visinhas (hoje cultivadas) que estavam proximas a Alvejares, ao pé da egreja de Nossa Senhora do Amparo, do logar da *Melroeira* (do sitio ainda hoje chamado *Matta do Cirne*) um grande veado, a correr por entre os soldados, que o perseguiam, sem que o podessem matar, e se foi metter na barraca do rei, que o não deixou offen-

[1] D. Lopo Dias de Souza, 8.º mestre da ordem de Christo, era filho de D. Alvaro Dias de Souza, 1.º marido da infeliz D. Maria Telles de Menezes, assassinada em Coimbra, no dia 28 de novembro de 1377, por seu 2.º marido, o infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro. (Vol. 2.º, pag. 322, col. 1.ª)

O povo d'Ourem era pelo Mestre d'Aviz, e secundou a empreza de D. Lopo; mas nem por isso deixa de ser glorioso o feito d'este cavalleiro, que antepoz aos laços de sangue, os interesses da patria.

Como n'esse tempo ainda estavam por Castella as praças de Leiria, Torres Novas e Santarem, o Mestre d'Aviz exultou com a posse d'Ourem, então inexpugnavel. Tambem era importantissimo o ter atrahido á sua causa, o mestre de Christo, um dos maiores fidalgos do reino.

der e teve isto como prenuncio de victoria. [1]

Depois da victoria de Aljubarrota [2] voltou aqui o condestavel, logo no dia 18 (sexta feira), a dar graças a Nossa Senhora da Purificação, de Ceiça, que é quasi no fim da ribeira de Ourem, 6 kilometros a E. d'esta villa, onde consta por tradição, ter sido o assento da cidade de *Célio* (vol. 2.°, pag. 226, 1.ª col., no fim) dos romanos, e é certo terem-se aqui achado muitos vestigios de uma grande povoação.

A jornada do condestavel a esta egreja foi, para cumprir o voto que havia feito á Santissima Virgem (quando aqui passou com o exercito) de vir em solemne romaria, dar-lhe graças pela victoria, se a alcançasse.

Tambem, pelo mesmo motivo, ia a esta egreja, todos os annos, o senado da camara, com o cabido da real e insigne collegiada, e povo d'Ourem, na 2.ª oitava da Paschoa da Ressurreição, ou na do Espirito Santo (se no 1.° dia havia embaraço) tributar as mesmas graças áquella Senhora, em procissão; havendo então missa cantada, sermão e outras solemnidades.

Quando D. Nuno, na jornada de Aljubarrota para Ceiça, passou pelos valles de *Calca-Terra*—caminho fragoso, por entre elevados montes, cobertos de mattos, a 6 kilometros d'Ourem—ouviu uns tristissimos gemidos, por entre umas brenhas.

Dirigiu-se ao sitio, e foi achar um castelhano (que escapara perigosamente ferido da batalha d'Aljubarrota) nos braços de sua mulher.

Mandou desmontar um dos seus creados, e collocar o ferido, com as maiores precauções e caridade, e o levou até á pequena aldeia de Pédélla, que depois se chamou *Aldeia da Cruz* (hoje *Villa Nova d'Ourem*) na ribeira, logo abaixo do monte d'Ourem; mandando-o ahi curar.

Recuperou a saude o castelhano, e D. Nuno lhe mandou ahi fazer casas para habitar com sua mulher, junto do mesmo logar, a E., das quaes ainda ha vestigios, e ainda ao sitio onde ellas existiram se dá o nome de Casella, e seus filhos tomaram o appellido de *Castelhanos*.

Tambem consta por tradição, que n'esta jornada do condestavel, chegando a um sitio hoje chamado *Regato*, entre Ourem e *Aldeia da Cruz*, e proximo ao rio que corre pelo meio da ribeira—no sitio onde se dividem as estradas para a Charneca e a villa—teve a noticia de estar mortalmente ferido, seu irmão, Pedro Alvares Pereira, que tinha tomado o partido de D. João I de Castella.

Confirmada depois esta noticia, mandou fazer suffragios por alma do irmão que em vida tinha combatido; e determinou que no sitio do Regato, onde tivera a 1.ª noticia, se edificasse, para memoria, uma cruz.

Esta cruz, por varias vezes cahiu e foi reconstruida, porém d'ella só hoje existe o pedestal.

D'esta cruz provem o nome de *Aldeia da Cruz* a actual villa de Villa Nova de Ourem.

Junto ao pedestal, existem as ruinas de uma casa, que consta ser então uma estalagem, onde pousou D. Nuno, e onde lhe deram a noticia de seu irmão.

Era costume arvorar-se aqui a cruz da collegiada, pôr-se o cabido da mesma em habitos canonicaes, e cantar um responso pela alma do tal Pedro Alvares Pereira, com assistencia da camara e povo, que vão cumprir o voto á Senhora da Ceiça.

Voltando o condestavel da romaria, no mesmo dia tomou posse do senhorio d'Ourem, de que D. João I lhe tinha feito mercê. No dia seguinte (19 d'agosto) se foi para o sitio hoje chamado *São Jorge*, em cujo logar esteve a bandeira real, no dia da batalha, e alli mandou edificar uma capella com a invocação de *Nossa Senhora da Victoria*, e de

[1] N'este acampamento estava tambem o grande doutor, João das Regras (que tinha então 61 annos de idade) militando nas fileiras populares.

Sua filha, D. Brauca, era mulher de D. Affonso de Cascaes, filho bastardo do infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro.

[2] Pretendem alguns que Aljubarrota era uma cidade romana com o nome de *Runa*; porêm é mais provavel que fosse *Arruncia*. Vide *Runa*.

S. Jorge, por ser este santo tomado como padroeiro de Portugal, desde a batalha de Aljubarrota.

Até ahi, era nosso padroeiro, o apostolo S. Thiago; mas como o era tambem dos castelhanos, os nossos acclamaram S. Jorge.

Depois de feito o mosteiro de Nossa Senhora da Victoria, da Batalha, só se dá a esta capella o titulo do seu 2.º padroeiro.

A cavallaria dos castelhanos que poude escapar de Aljubarrota, retirou sobre Ourem, onde muitos foram mortos ou prisioneiros, hindo acabar o resto ao já referido logar de Pédélla.

No dia 20 do mesmo mez de agosto, foi D. João I e o condestavel para Santarem, onde o rei logo lhe deu o titulo de conde de Ourem, em premio da sua fidelidade, e da sua bravura em Aljubarrota — continuando este titulo em seus successores (a casa de Bragança) até hoje.

Teve tambem o mesmo titulo, D. Pedro, 5.º condestavel, filho do infante regente, D. Pedro (o d'Alfarrobeira), por carta de 7 de janeiro de 1443. Foi este D. Pedro (o 5.º condestavel) que mandou, por o seu ouvidor, fazer a fonte chamada *dos Cavallos*, na calçada que fica por baixo das portas *da Villa*. N'este chafariz havia a inscripção seguinte (que já não existe).

ESTA OBRA MANDOU FAZER, FERNÃO ROIZ, OUVIDOR DO CONDESTAVEL, NO ANNO DE 1459. A QUAL FEZ POR SEU MANDADO.

Abaixo d'este chafariz está o mosteiro de Santo Antonio, que foi de capuchinhos, da provincia da Soledade, cuja fundação principiou em 1600, pelos irmãos da confraria de Santo Antonio, de Ourem, concorrendo tambem com avultadas esmolas, D. Theodosio, 7.º duque de Bragança, que ficou sendo seu padroeiro; passando este padroado para a corôa, desde o 1.º de dezembro de 1640.

D. João V, mandou em 1749 reconstruir o côro e frontispicio da egreja, no qual está a seguinte inscripção:

MIRARES, TAM DIVES OPUS DUM SUSPICIS, ET QUO PAUPERTAS TAM DIUTURNA VIGET! NIHIL MIRUM, QUINTI MAGESTAS CELSA JOANNIS DIVES, AUGUSTUM CONDIDIT ISTUD OPUS.

Isto é—Causar-te-ha admiração, vêr uma obra tão rica, onde se professa pobreza perpetua; porém não é para admirar, sabendo que a excelsa magestade de D. João V, mandou fazer esta rica e primorosa obra.

Tem este mosteiro uma excellente *arca*, com abundancia d'aguas. Unida á egreja ha outra, mandada construir pela 3.ª ordem da penitencia, cuja primeira pedra foi lançada no dia 11 de outubro de 1753, pelo sargento-mór Luiz Leite Pereira Homem de Magalhães, da *quinta de S. Gens*, como ministro da mesma ordem.

Este cavalheiro (que tinha uma formosissima calligraphia) escreveu um livro curiosissimo da historia de Ourem — intitulado — *Memorias da antiquissima villa d'Ourem* — que ainda está inedito.

Á generosidade e benevolencia do digno e illustrado prior de Bucellas, o R.^mo Sr. José Cypriano de Borga (natural de Ourem), devo o inestimavel obzequio de me emprestar este precioso manuscripto, do qual extrahi quasi tudo quanto digo d'Ourem. Receba o sr. Prior os meus cordialissimos agradecimentos; pois que—se não fosse o seu cavalheirismo, hiria muito imperfeito este artigo.

Assistiu á ceremonia (do lançamento da 1.ª pedra) o padre-mestre-commissario da ordem, frei Thomaz de Coimbra, que fez as rezas do estylo e lhe lançou a benção, assistido dos religiosos do mosteiro e dos irmãos da mesa e communidade. Tem, na fachada, esta inscripção:

TERTIUS HOC TEMPLUM FRANCISCO CONSECRAT ORDO; TERTIUS; AST PRIMUS FULGET AMORE PATRIS.

Isto é — É este templo consagrado a São Francisco, pela ordem terceira; sendo porém a terceira, no amor para com este patriarcha é a primeira.

Esta ordem tinha sido erecta em 2 d'agosto de 1684, pelo primeiro commissario, o virtuoso padre, frei José de Coimbra, religioso d'este mosteiro; que depois foi para o Varatojo, e vindo de lá em missão a esta villa, falleceu no seu mosteiro d'Ourem, com fama de santo, em 17 de setembro de 1684.

Fallecendo o referido sargento-mór, sem descendentes, acabou tambem esta ordem terceira.

Logo abaixo d'este mosteiro, na estrada que desce para a ponte da *Corredoura*, esteve até 1800, a *fonte dos Namorados*, fóra do portão da quinta tambem chamada dos Namorados, que depois foi do capitão-mór, Antonio Castellino, tendo sobre a bica, esta inscripção:

ESTA OBRA MANDOU FAZER, VIDAL HOMEM,
Á CUSTA DO POVO, NO ANNO DE 1571.

D'esta fonte já nem vestigios existem; por que o tal capitão-mór a roubou ao povo, apropriando-se da sua agua, para a quinta contigua.

Na extensa planicie dos *Alvejáres*, de que já fallei, existia a antiga capella do martyr S. Sebastião, entre a corrente dos dois rios, um que vem da *Silveira*, trazendo as aguas da fonte do Azambujal, de que tambem já fallei, e que fica ao S.—outro, dos valles de Calca-Terra, que fica a O.; os quaes se juntam passada a capella.

Esta foi demolida, para no mesmo local se edificar a egreja matriz da freguezia. [1]

Distante d'esta egreja, uns 800 metros ao S., ha uma elevação hoje chamada *Mangarreira*, e antigamente *Má-Carreira*.

Deu-se-lhe este nome, porque toda a caça que n'elle embocava, era perdida para os caçadores, por se esconder entre a matta de aroeiras e os brejos que então aqui havia.

N'este sitio havia uma qualidade prodigiosa de pedras, singularissimas pelo seu feitio, côres e brilho, compostas provavelmente de carbonato de cal, pois que se dissolvem em qualquer ácido.

Ainda hoje ali se encontram bastantes. São asperas como pelle de lixa, á superficie, pardas por fóra e amarelladas por dentro: umas do tamanho e configuração de uma bolota de azinheiro, outras do comprimento de uma até tres polegadas, e ainda algumas de mais.

Outras em forma de borrachas, muito bem torneadas e com uma especie de gargallo, com orificio; tendo varios filetes em redor.

Quando se cortam, apresentam uma superficie lisa e brilhante como vidro. São durissimas. Chamam-lhe *pedrinhas de S. Sebastião*.

Algumas pessoas as trazem ao pescoço como preservativo contra as sesões, ou para a cura d'ellas.

Julga-se serem aerolithes.

—

Ao lado da egreja está uma ponte de pedra, sobre o rio antigamente chamado *da Silveira*, e depois, *de S. Sebastião*—sobre a qual passam as estradas que vem de Leiria e Porto de Mós, e se unem pouco antes de chegar á egreja, dirigindo-se d'alli para Ourem, Barquinha, etc.

Logo mais abaixo, no sitio antigamente chamado *Porto da Villa*, se junta a corrente do 3.º valle, que, como os outros, fica a O., e unidas, formam o rio d'Ourem, que rega e fertilisa a formosa ribeira d'Ourem, até passarem a ponte de pedra, antigamente chamada *de Ourem*, e hoje *da Corredoura* (depois que foi reformada pelo já referido sargento-mór, Luiz Leite Pereira, da quinta de S. Gens, sendo vereador da camara, e juiz pela Ordenação, á custa do municipio.)

Foi adornada com uma cruz de pedra sobre o *talhamar*, com a seguinte inscripção.

CRUX IN PONTE, QUID EST? AMBO SUNT,
CREDITE PONTES;
ISTA VIAM COELI, FLUMINIS ILLE PARAT

(Que quer dizer uma cruz em uma ponte? podeis crer que são duas pontes; por

[1] Os francezes incendiaram esta capella em 1810. Depois é que se acabou de demolir, para se edificar a egreja.

aquella se vae ao Ceu, por esta se passa o rio.)

—

Junto d'esta inscripção, ha outra em uma tarja—diz:

SENATOR, AC PRÆFECTUS LUDOVICUS LEITE,
DOCTOR MAXIMUS,
FAMILIARISQUE A NUMERO SANCTI OFFICII
POPULO FIERI JUSSIT.

Na base da cruz, está esta inscripção:

QUANDO DECEM FUERANT, ET SEPTEM
SŒCULA SALUTIS,
TRIGINTA ANNORUM TRES SUPER ADDESIMUL,
SEPTEM BIS NOVIES SOLIS NUMERAVERAT ORTUS
HOC REFORMATUM EST NOBILE PONTIS OPUS.

(Aos 17 seculos da Redempção, accrescenta mais 33 (1733); contavam-se 126 dias (a 6 de maio) quando se reformou a famosa fabrica d'esta ponte.)

—

Contigua e ao N. d'esta ponte, estão as ruinas da capella de Nossa Senhora de Monte Calvario, pertencente ao morgado de Villas Bôas, que os francezes tambem destruiram em 1810.

Ainda sobre a porta se lê esta inscripção:

CALVARIAE MONTIS TITULO DOMUS ISTA
VOCATUR,
SUB QUO THESAURUM MONTE
FAVORES HABES.

(Tem por titulo esta casa, Senhora do Monte Calvario, em cujo monte acharás o thesouro da graça.)

—

A celebrada ribeira d'Ourem está povoada de quintas, com bons pomares e hortas, que a fazem muito amena, espalhando-se por ella varios logares, tão contiguos, que formam quasi uma povoação continuada.

Ha tambem muitos moinhos e lagares de azeite, genero que muito abunda por aqui, assim como outros mais productos agricolas.

Todo o territorio de Ourem está em elevada posição, e tanto que, nascendo n'elle sete ribeiros, todas as aguas correm para fóra, não entrando n'elle nem um só do exterior.

A ribeira d'Ourem, caminhando em direcção á ponte da Aldeia da Cruz, chamada dos *Conegos* (por estar proxima ao logar e moinhos dos *Conegos*—depois, prazo, denominado de *Alberto Homem*) vae passar á ponte de Chão de Maçans, 6 kilometros ao N., no fim do termo d'Ourem, e vae juntar-se ao Nabão, que desagúa no Zêzere, e entra no Tejo, junto a Villa Nova de Constancia.

—

Tão agradavel acharam os portuguezes dos primeiros tempos da nossa monarchia o sitio e termo d'Ourem, que em 1220, já a villa contava quatro parochias, pertencentes ao convento *scalabitano* (de Santarem)—eram —Santa Maria, S. Pedro, S. Thiago e S. João Baptista.

Actualmente, só existe a nova egreja, com o titulo de *real e insigne collegiada* de Nossa Senhora das Misericordias, hoje Nossa Senhora da Visitação, fundada (a primitiva) por D. Affonso, como adiante direi.

—

Em 1434, sendo conde de Ourem, o dito D. Affonso, neto de D. João I, e filho primogenito de D. Affonso, 1.º duque de Bragança e conde de Barcellos, e de D. Beatriz Pereira—mandou, o dito D. Affonso, fazer, na estrada da villa d'Ourem, logo da parte de dentro das portas do E., a singular fonte (que ainda existe, em frente da unica porta travessa da collegiada) com as suas armas abertas na cantaria, e por baixo esta inscripção em letra gothica.

ESTA FONTE MANDOU FAZER D. AFFONSO, NETO DO MUITO NOBRE REY D. JOÃO, E CONDE D'ESTA VILLA, A QUAL FOI ARVORADA E ACABADA NO ANNO DA ERA DO NASCIMENTO DE N. S. JESUS CHRISTO, DE MCCCXXXIV.

—

Em 1445, o mesmo D. Affonso, impetrou e obteve do papa Eugenio IV (que governou a egreja de Deus, desde 1431 até 1447) bulla

ra unir todos os beneficios das quatro
rochias d'esta villa, tendo antes, cada uma,
n prior e seis beneficiados—e o priorado
s Freixiandas (vol. 3.º, pag. 232, col. 1.ª—
n'este vol., a pag. 175, col. 2.ª) que ficou
gariaria e foi depois curato.

Ficaram a ser, por todos, 29 beneficios.
dificou o logo D. Affonso a egreja de Nossa
nhora das Misericordias, sumptuoso tem-
o, e séde da real e insigne collegiada do
u titulo, e hoje unica matriz da villa.

Tem o côro na capella-mór, e n'elle se ce-
bravam todos os dias os officios divinos, pe-
prior, chantre, thesoureiro-mór, dez co-
gos, dois capellães do cabido, e mais cin-
instituidos pelo conego que foi d'esta col-
giada, Antonio Henriques, pelos annos de
52. Tinha seis *meninos do côro*.

Quando se construiu a egreja, subia-se pa-
a porta principal d'ella, por sete degraus;
as, por causa dos entulhos causados pelo
rramoto de 1755, só tres ficaram desco-
rtos, e são os que hoje ha.

Do corpo da egreja para a capella-mór, ha
nco degraus.

Do pavimento do côro, por duas portas
e tinha aos lados das escadas d'elle, se
sciam 115 degraus para uma sumptuosa
pella, que debaixo do mesmo côro e ca-
lla-mór, para seu jazigo destinou o funda-
r; sustentando a abobada d'esta capella,
is grandes columnas, entre as quaes uma
vantada e magnifica urna de marmore
anco, primorosamente lavrada, guarda as
nzas do illustre D. Affonso, cuja effigie, em
lto magestoso, está deitada sobre ella.

Em volta da urna, em uma faxa que fica
r baixo da cimalha, se lê, em formosos
racteres gothicos, esta inscripção:

UI JAZ O ILLUSTRE PRINCIPE D. AFFONSO, MAR-
EZ DE VALLENÇA, CONDE DE OUREM, PRIMO-
NITO DE D. AFFONSO, DUQUE DE BRAGANÇA E
NDE DE BARCELLOS; E NETO DE EL-REI D.
ÃO, DE GLORIOSA MEMORIA, E DO VIRTUOSO E
GRANDES VIRTUDES, D. NUNO ALVARES PEREI-
, CONDESTAVEL DE PORTUGAL, QUE FALLE-
U [1] EM VIDA DE SEU PAE, ANTES DE LHE DAR
A DITA HERANÇA, DE QUE ERA HERDEIRO, O
QUAL FOI FUNDADOR D'ESTA EGREJA, EM QUE JAZ;
CUJA FAMA E FEITOS, HOJE E ESTE DIA FLORES-
CEM. FINOU-SE A 19 DIAS DO MEZ DE AGOSTO,
DO ANNO DE N. SR. JESUS CHRISTO DE 1464.

Todos os mezes vinha o cabido a esta ca-
pella, cantar uma missa, por alma do funda-
dor.

O templo soffréu grandes prejuizos, com
o terramoto de 1755.

Vieram de Lisboa officiaes, aos quaes o
rei D. José I (como administrador da casa e
estado de Bragança) ordenou a reedificação,
a qual, principiando em janeiro de 1758,
terminou em janeiro de 1760.

A villa ficou em tal estado, que os opera-
rios, antes de principiarem a reedificação da
egreja, tiveram que reedificar casas para sua
habitação!

Em 17 de novembro de 1810, foi Ourem
invadida pelas hordas napoleonicas, que sa-
quearam a villa e praticaram todas as atro-
cidades do seu costume.

Todos os moradores d'Ourem fugiram, an-
dando escondidos pelos montes, em quanto
estes vandalos e canibaes do seculo XIX oc-
cuparam Ourem.

Estas *guardas avançadas da illustração,
que nos vinham trazer a luz, um Camões pa-
ra cada provincia, e um verdadeiro El-Do-
rado*, foram-se ao mausoleu de D. Affonso e
lhe despedaçaram grande parte dos orna-
tos, e espalharam sacrilegamente as cinzas
venerandas que ali jaziam.

Finalmente, o bravo exercito anglo-luso,
expulsa de Portugal as hordas de Massena,
que entram foragidas e em desordem na Hes-
panha, a 15 de abril de 1811.

Os habitantes de Ourem regressam a suas
casas, que acham saqueadas, e algumas des-
truidas.

O conego, Joaquim Honorio Henriques de
Oliveira, varão illustre pelas suas virtudes
e sabedoria, apenas se recolheu, fez, á sua
custa, concertar a urna funeraria, como foi
possivel, e, ajudado pelos conegos Manuel
Honorio d'Oliveira e Carlos Joaquim de Sou-
za, recolheram as cinzas que lhes foi possi-
vel encontrar, do augusto fundador d'esta

[1] O fundador—o que está no tumulo.

collegiada, que foram guardadas em um pequeno cofre, e este na urna, já reparada, mandando lhe ahi gravar uma inscripção latina, que omitto para não fazer maior este já longo artigo, limitando-me a dar a sua traducção, que é a seguinte:

«N'este tumulo de marmore, estiveram in-«tactas, as cinzas do augusto fundador d'esta «real e insigne collegiada, D. Affonso, marquez «de Vallença e conde de Ourem, desde o an-«no da redempção, 1487, em cujo tempo «foram trasladadas da notavel villa de Tho-«mar, por ordem do fidelissimo rei de Por-«tugal, D. João II, até ao anno de 1810, no «qual os francezes, invadindo, roubando e «destruindo este reino, não só despojaram e «assolaram esta collegiada, mas tambem «quebraram este tumulo, espalharam as cin-«zas illustres que elle continha, perdendo-«se a maior parte d'ellas. As poucas que es-«caparam ás suas mãos, foram depositadas «em um cofre de madeira, dentro d'este «mesmo tumulo; reparado por disposição, «cuidado e á custa de Joaquim Honorio Hen-«riques de Oliveira, conego decano d'esta «collegiada: no anno do Senhor, de 1815; «por zêlo, amor e gratidão.»

A urna de que temos tratado, foi mandada construir por D. Fernando II, duque de Bragança, sobrinho do fundador do templo; mas fallecendo antes de estar prompta, a mandou concluir o rei, D. João II, mandando trasladar para ella o cadaver, de uma capella da egreja de Santa Maria, de Thomar, onde tinha sido sepultado, quando falleceu n'esta villa—hoje cidade.

Foi esta trasladação feita a 8 de junho de 1487, assistindo D. Affonso, bispo d'Evora (filho do conde); Lourenço Rodrigues, chantre da Sé da mesma cidade; e o licenciado João Canes e Estevão Nogueira, capellães do rei. Houve então na collegiada solemnes officios, com missa e sermão, assistindo todos os conegos, muitos priores dos arredores, e grande concurso de povo. Foi o ataúde levado ao mausoleu, por quatro fidalgos e duas dignidades, acompanhados por 24 gentis-homens do rei.

—

Foi D. Affonso o 1.º marquez que houve em Portugal, feito por D. Affonso V, em 11 de outubro de 1451. Era já conde de Ourem. Foi-lhe dado o titulo (e o marquezado) de Vallença do Minho. O rei lhe fez mercê d'este titulo, para hir conduzir a infanta D. Leonor, quando casou com o imperador Frederico III, partindo para a Austria a 20 do dito mez e anno.

Assistiu depois (o marquez) ás côrtes que o rei celebrou em Lisboa, em 1455, para se jurar principe herdeiro, D. João, depois II, sendo elle que conservou na mão a espada do principe.

Tinha hido em 1435, por ordem do rei D. Duarte, á cidade de Bolonha, por embaixador de Portugal, ao papa Eugenio IV, do qual alcançou despensa para poderem casar, os cavalleiros das ordens militares; mas ainda por então não teve effeito esta concessão.

Conseguiu tambem do pontifice, que os reis de Portugal fossem ungidos como os mais reis da christandade, o que até então se não praticava.

Tambem obteve a *Bulla da Santa Cruzada*, que só principiou a ter uso, em 1457, sendo papa Calixto III — que foi elevado ao papado em 1455 e falleceu em 1458.

Foi mandado assistir ao concilio de Basileia, d'onde passou a Jerusalem a visitar os Logares Santos.

Recolhendo ao reino, o encarregou D. Affonso V, do commando da armada d'Africa, que se aprestou na cidade do Porto, em 1458.

Voltando d'esta commissão, veio a Ourem, onde residiu algum tempo; até que hindo a Thomar, ahi falleceu, a 29 d'agosto de 1464; não chegando a ser duque de Bragança, por morrer em vida de seu pae.

—

O antiquissimo priorado das *Freixiandas*, estava na extremidade do territorio pertencente aos cavalleiros templarios de Thomar, como declara D. Gilberto, bispo de Leiria,

na sua carta, escripta em fevereiro de 1167, dizendo n'ella—«E pela Freixianda, que de-«pois passou a ser vigariaria, e hoje é cura-«to, no termo da villa do Ourem; á qual ti-«raram a egreja de *Rio de Couros*, fazendo «ahi freguezia, que no tempo dos romanos «foi, segundo consta, a cidade de *Roquel*, que «os mesmos destruiram, ficando o sitio de-«serto, como ainda hoje se conserva, só com «a capella, vulgarmente chamada *Nossa Se-«nhora de Rio de Couros.* No anno de 1764 «se achou aqui uma pedra, vermelha, em «um antigo alicerce, ao pé da egreja, de dois «palmos em quadro e seis a sete de compri-«do, com a seguinte inscripção:

D. M. S.
FABRICIO FRONDONI ANN. XXVI
FABRICIUS CAELI PATER ET
ALBURA MATER A FILIO PIENTISSIMO.
H. S. E.—S. T. L.

(Aos deuses manes. Aqui está sepultado, Fabricio Frondonio, de 26 annos de edade. A seu querido filho, Fabricio Celio, seu pae, e Albura, sua mãe. A terra lhe seja leve.)

—

A beata Thereza

Pelos annos de 1220 nasceu a virtuosissima *Tareja*, no logar do *Azambujal*, termo e freguezia de Ourem. (Volume 1.º, pag. 287, col. 1.ª)

Era familiar do prior da freguezia de São João Baptista, que, a pedido d'ella, lhe mandou fazer uma casinha, dentro da *torre da cisterna*, no cume do monte ao S., em logar completamente solitario. Alli se recolheu a santa, por ficar, então, visinha da egreja matriz de S. Thiago, que estava no terreiro ao N., e alli viveu, empregando exclusivamente o seu tempo na oração, penitencia e obras de piedade, até ao dia do seu fallecimento, que foi a 3 de setembro de 1266.

O povo d'Ourem e immediações, attribue á beata Thereza muitos milagres, feitos em sua vida e depois da sua morte.

Com o tempo, veio a demolir-se a casa onde ella terminára seus dias. A pedra e a telha de que era feita, vieram a servir para a construcção da cadeia da villa. A esta circumstancia attribue o povo a de que—nenhum homem que tenha estado preso n'esta cadeia, e vá depois para a do Limoeiro, de Lisboa, tenha padecido morte affrontosa no patibulo, por maior que seja o seu crime.

Podem os incredulos não darem credito a *milagres*, nem á benefica influencia da santa virgem Thereza; mas não podem desmentir os *factos*, que são publicos, notorios, e incontestaveis. Eil-os:

1.º—Foi recolhido a esta cadeia, em 1689, Diogo d'Abreu, escrivão do almoxarifado, pelo crime gravissimo de *cortar* (cercear) *moeda*, e remettido ao Limoeiro, falleceu na enfermaria d'esta prisão.

2.º—Sendo presos na mesma cadeia, Simão Gomes e seu sobrinho Manuel Pereira, de *Alburitel*, por terem commettido um assassinato, junto ao logar de *Peralva*, termo de Torres-Novas, em 22 de outubro de 1695, tendo por cumplice, Manuel Gomes, primo de Manuel Pereira, foi Manuel Gomes, preso na cadeia de Ulme (Alemtejo). Foram todos tres remettidos para o Limoeiro.

Manuel Gomes, foi enforcado, vindo a sua cabeça para ser collocada em um póste, no logar do delicto.

Simão Gomes e Manuel Pereira, sahiram do Limoeiro, soltos e livres, tendo apenas por castigo, uma leve condemnação pecuniaria, e degredo no reino.

3.º—Simão Lopes, da *Carvoeira*, d'este termo, assassinando Joaquim Lopes, seu irmão, em 27 d'abril de 1725, e confessando o crime, alem das provas, foi preso n'esta cadeia, e d'ella para a do Limoeiro, onde morreu de doença, na enfermaria.

4.º—Henrique Fernandes, do logar da *Charneca*, termo d'esta villa, preso na cadeia d'ella, por assassinar Antonia Vieira, sua mulher, a 6 de agosto de 1731; falleceu na cadeia, de doença.

5.º—João Ferreira, dos *Villões*, preso n'esta cadeia (por assassinar sua mulher, Marianna da Silva) e com grossos grilhões aos pés. —Confessou ter perpetrado o crime, em 23 de julho de 1750, alem das provas. Fugiu na madrugada do dia 11 de agosto do mesmo anno, pelo alçapão da enxovia e pela chaminé, em construcção, do 1.º andar; tendo

guardas vigilantes, commandadas pelo alcaide, que servia de carcereiro. Ninguem mais teve noticias d'elle: só appareceram, pela manhan, os grilhões, á porta de Manuel d'Oliveira Galvão, escrivão dos orphãos da Charneca, a 3 kilometros de Ourem.

6.º — Sendo vereador e juiz pela ordenação, Luiz Leite, sargento-mór, hindo fazer exame e corpo de delicto, em 17 de setembro de 1770, no cadaver de Manuel dos Santos, do *Valle da Crudella*, assassinado por Manuel da Silva, do logar da *Barreira*, ambos d'este termo—mandou prender o assassino a 25 do dito mez e anno; o qual, além das provas, confessou o crime. Não foi julgado, porque falleceu n'esta cadeia, a 28 de novembro do mesmo anno.

—

Antes do terramoto de 1755, se conservava em uma urna de prata, em um sacrario que estava no altar-mór da collegiada da villa, a cabeça de Santa Thereza, que era todos os annos exposta á veneração do povo, no dia 3 de setembro, no altar das almas; sob o qual, em uma arca de pedra, jazia o seu corpo, vindo para aqui da egreja de S. Thiago.

N'esse mesmo dia se lhe fazia uma festa. Tinham-a por advogada dos presos, e contra as dores de cabeça.

Arruinada a collegiada com o terramoto de 1755, se fez novo sacrario, no altar de S. José, onde se depositou a cabeça da santa, e o precioso *relicario* que o fundador deu á collegiada, enriquecido de varias reliquias, da maior veneração, e que ainda hoje felizmente existe.

Ainda hoje, em dia de *todos os santos*, se canta uma missa, pela alma da beata Thereza.

Consta por tradição, que vindo um bispo em visita a esta collegiada, por saber que Thereza não estava canonisada, lhe prohibiu o culto, mandando tirar do altar a sua imagem, como mandava o concilio de Trento; [1] mas foi logo accommettido de tão violentas dores de cabeça, que só lhe passaram depois de revogar a ordem, e tornar a santa a ser collocada no seu altar.

Desde então, mais nenhum bispo ou visitador se atreveu a prohibir o culto de Santa Thereza, que com este acontecimento ainda mais se propagou, e ainda hoje continúa.

—

Dizem alguns, mas é êrro, que santa Thereza nasceu nas casas que são hoje cadeia. O que é certo é ter ella nascido, e sido creada, no logar do Azambujal, em umas casas que ainda hoje existem, e é um casal, foreiro a esta collegiada.

Sempre viveu com seus paes, e faltando-lhe estes, pediu ao prior que a recolhesse em sua casa, como creada, até que este lhe mandou fazer a casa, na torre da cisterna.

—

O terramoto de 1755, causou grandes prejuizos nos edificios sagrados e profanos d'esta villa, principalmente no mosteiro de Santo Antonio, desmantelando-lhe o frontispicio, e a maior parte da egreja e do mosteiro.

Cahiu por terra o magnifico templo da collegiada, ficando as santas imagens debaixo do entulho das suas ruinas, sendo depois desenterradas pelos devotos. Antonio Pereira, do sitio dos *Valles* (proximo á villa), é que desenterrou a imagem de Santa Thereza; ajudado (porque era muito velho e o entulho tinha grande altura) por alguns homens a quem—apezar da sua pobreza—pagou sallarios dobrados. A santa foi achada sem a minima lesão, e levada pelo mesmo Pereira e por uma devota, para a capella de Santo Amaro, ao pé da villa, ao S., que escapou ao terramoto.

Passados poucos annos, mandou o bacharel José Gomes (o *Chuxa*), natural d'Ourem, e grande devoto da Santa, fazer uma nova imagem de Thereza, que collocou na capella das almas, da collegiada, depois de reconstruida.

—

Verificou-se na occasião do desentulho da collegiada, a tradição de estarem os ossos de Santa Thereza em um caixão de pedra, debaixo da capella das almas, pois alli foi achado pelos operarios que trabalhavam no

[1] O concilio tridentino foi convocado em 1545 (22 de maio), havendo já 270 annos que *santa Thereza*, era aqui venerada nos altares.

desentulho, em janeiro de 1758. Estava intacto; mas a ignorancia dos trabalhadores, e o descuido reprehensivel dos ecclesiasticos, fez com que os restos da santa fossem confundidos com os outros, e assim se foi perdendo pouco a pouco, até se extinguir, o costume de festejarem esta santa.

—

A collegiada foi principiada a reconstruir no dito mez de janeiro de 1758, concluindo as obras em novembro de 1770, em cujo anno se trasladou para ella, da ermida de S. José, o Santissimo Sacramento e o cabido, com assistencia da camara, nobreza e povo; havendo procissão, missa, sermão, etc.

—

Espavorido o povo d'Ourem, com o horroroso terramoto, fugiu da villa, hindo procurar abrigo pelas povoações visinhas.

Os conegos foram para a *Aldeia da Cruz*, e fizeram coro, na capella d'este logar, na qual, durante seis mezes celebraram os officios divinos.

Depois se levantou um coro, de madeira, na capella-mór da Misericordia, e se mudaram para ella, até ao complemento da reedificação da súa collegiada.

O S.S. Sacramento esteve na capella de S. José, que serviu provisoriamente de parochial, menos para os baptismos, que eram feitos na Misericordia.

Tinha a primitiva collegiada, antes do terramoto, uma só porta principal, com uma primorosa fachada, sendo as paredes interiores revestidas de bellissimos azulejos.

Tinha para o S., uma porta travessa, que era a principal da freguezia de Santa Maria, quando n'esta villa havia quatro parochias.

Escapou das ruinas, a capella do fundador, que estava debaixo do altar-mór, o côro, a imagem da padroeira, o sacrario, o grande relicario de que já fallei, e a cabeça de Santa Thereza, e o S. S. Sacramento; pois cahindo todo o tecto, só ficou de pé o que estava sobre estes objectos.

Em 1810, ficaram apenas as paredes e tecto d'esta egreja, despojada de todas as alfaias pelos francezes; mas pouco a pouco, tornou este templo ao seu antigo esplendor.

Em 24 de abril de 1834, foi esta villa occupada por 700 homens do exercito realista, quando já Leiria estava em poder dos liberaes, e principiaram a reedificar parte das antigas fortificações, e a construirem algumas trincheiras.

No largo chamado vulgarmente *Postigo da Sé*, onde, em grande extenção não havia já muralha, se formou um grosso parapeito de terra, com fosso, assestando alli uma peça de calibre 3, e outra na praça.

Em varios sitios onde a muralha não era tão alta, se fizeram tambem alguns fossos, escavando-se os alicerces de tal modo, que no inverno seguinte, cahiram por terra alguns lanços da antiga muralha.

Fecharam-se as portas do E. e S.O., com grossas portas de madeira. Do lado de fóra da porta do S.O. (porta de Santarem) havia aos lados, uns assentos de pedra, que tambem foram arrancados.

Ainda esta imperfeita reforma das fortificações estava bastante atrazada quando, a 13 de maio d'esse anno de 1834, apparece uma columna liberal, em frente da villa.

Os realistas correm ás trincheiras, e disparam varios tiros inuteis.

Os liberaes vendo a difficuldade do ingresso e a attitude dos defensores da villa, reunindo-se a mais alguns batalhões que estavam no logar da *Prucha*, retiram uma parte sobre Thomar, e no dia 16 vão dar a batalha da Asseiceira, a ultima d'esta desgraçada campanha; ficando outra parte de observação a Ourem, fazendo todas as diligencias para conseguir que os realistas capitulassem, o que, não conseguindo, se approximam, occupando o mosteiro de Santo Antonio e outros pontos mais distantes, e assim se conservaram até ao dia 17, no qual, chegando a noticia da derrota soffrida pelos realistas, e julgando inutil e temeraria a resistencia, capitularam, sob a condição de sahirem livremente, sem armas.

N'esse mesmo dia á tarde, tremulava, na mais alta torre do castello, a bandeira bicolor, depois da evacuação da praça pelos realistas.

Ourem é occupada por um batalhão de voluntarios liberaes, denominado de Porto

de Mós, que sahiram no dia 21, deixando, uns e outros, os habitantes da villa em paz e socego, e livres dos disturbios, violencias e vexações que de ambos os partidos haviam experimentado.

—

Dois dias depois da entrada dos liberaes (19 de maio) e quando aqui estavam os voluntarios liberaes de Porto de Mós, foi esta villa theatro de uma desgraça que a todos contristou.

Os realistas tinham o seu deposito de polvora na torre do castello, que fica em frente do largo de S. Thiago, ao O.

Depois de tomada a praça, juntaram os liberaes toda esta polvora e armamento dos vencidos, em uma casa, proxima da collegiada e no centro da villa.

N'esse dia, entrando n'essa casa, dez voluntarios, quasi todos officiaes, e um paizano, amigo do capitão commandante (e que o tinha vindo visitar n'aquelle dia) começaram a examinar as armas, e disparando uma, por inadvertencia, pegou o fogo a um montão de cartuxos que estava no meio da casa, causando uma grande explosão.

O tecto da casa foi arremeçado aos ares, e as paredes ficaram desconjunctadas.

Os onze que estavam dentro (e que para maior desgraça, tinham a porta fechada) ficaram abrasados.

Nenhum morreu logo, mas poucos dias viveram oito d'elles, escapando, mas horrivelmente queimados, apenas trez.

Felizmente não houve mais perda de vidas, e os edificios immmediatos pouco sofferam.

—

Terminada a guerra, foi suspenso o prior d'esta collegiada, e quasi todos os conegos, ficando por consequencia a egreja fechada, abrindo-se apenas nos dias sanctificados.

Um prior, encommendado, veiu por ordem de João de Deus, então vigario capitular de Leiria, exercer as funcções parochiaes, mas nunca reuniu o cabido, apezar de haver cinco conegos que não tinham sido suspensos; e passados alguns mezes, abandonou a villa e foi parochiar a freguezia de Ceiça.

O antigo prior foi reintegrado; mas fez como o antecedente; pelo que, e com a morte de alguns dos conegos não suspensos, deixou de haver coro, ficando a collegiada como outra qualquer simples egreja parochial, sómente com o seu prior.

No tempo do prior encommendado, foram expulsos alguns frades que ainda habitavam o convento de Santo Antonio.

Causou verdadeira compaixão, ver estes religiosos na sua retirada, e de todos os pontos d'onde podiam avistar o seu convento, despedirem-se com sentidas lagrimas, e de joelhos, da casa que por tantos annos lhes servira de santo retiro.

Seus bens foram vendidos ao desbarato (como aconteceu com os mais.)

As alfaias, ornamentos da egreja, e tudo o mais que era do mosteiro, foi, parte *sumido*, e parte, distribuido por algumas egrejas.

Em janeiro de 1835, por ordem superior, foi removido o antigo hospital que havia no centro da villa, para o edificio do mosteiro.

Como a Misericordia se achava annexa ao hospital, tambem se mudou para a egreja do mosteiro.

A cêrca era excellente e abundante de optima agua.

Foi vendida e é hoje propriedade particular.

O hospital tem uns 600$000 réis de rendimento annual.

Desconfiando-se que se projectava demolir a antiga Misericordia, se juntaram alguns habitantes da villa e a compraram, continuando portanto a existir, e a conservar as imagens santas que serviam na procissão do Senhor dos Passos; porque, só no recinto da villa existiam as cinco *estações* ou oratorios a que vulgarmente se dá o nome de *passos*.

A procissão sahia da Misericordia e recolhia na egreja da collegiada; acto a que sempre concorria grande multidão de povo.

—

SIC TRANSEAT GLORIA MUNDI!

Acabou de lêr-se, em rapidos traços, o que foi e o que é a antiquissima e histori-

ca villa de Ourem; mas, nem a sua existencia de mais de 14 seculos, nem a vetustez de seu castello venerando, nem a nobreza de suas torres e muralhas, nem a fidelidade de seus habitantes a poderam subtrahir aos golpes da desventura e aos vaevens da sorte.

Perdeu a sua autonomia, ella a povoação legendaria, a patria de tantos varões illustres, a sultana orgulhosa dos seus fastos, dos seus brazões d'armas, da sua corôa de marmore, formada de torres, cubêllos e baluartes—de rainha tornou-se escrava, e hoje mira-se plangente, e saudosa do passado esplendor, no seu formoso valle, unica cousa que lhe não poderam usurpar as *conveniencias* politicas, ou, talvez, as influencias dos poderosos!

No dia 5 de dezembro de 1841 (tendo ja mezes antes alcançado a mercê) foi a *Aldeia da Cruz* elevada a cathegoria de villa, com a denominação de *Villa-Nova-d'Ourem*, e a cabeça de concelho; mudando-se para ella os tribunaes, justiças, auctoridades e empregados publisos da velha Ourem.

Confrange-se o coração ao visitar hoje esta que fôra outr'ora uma povoação importantissima.

Quasi apenas se vêem montões de ruinas, nos sitios onde em tempos felizes se viam alterosos edificios: paredes e muralhas cahidas; ruas desertas, casas abandonadas; raros habitantes, e a herva, as plantas parasitas e o musgo, invadindo os seus alcasares desmantellados.

—

Por serem breves, e os achar muito curiosos, dou aqui a copia de um alvará, e uma carta do duque de Bragança.

São os seguintes:

Alvará pelo qual foi mandada erigir a Misericordia da villa de Ourem, em 1541, e cujo original se acha no archivo da Santa casa.

Eu, Duque de Bragança e de Barcellos, etc.—Faço saber a Vós, Juiz e Officiaes e mais homens bons, da minha Villa d'Ourem, que; porquanto Eu sou informado que n'essa Villa não ha Casa de Misericordia, como a ha em todas do Reino, sendo cousa tão necessaria, e de tanto serviço de Nosso Senhor: e porque n'essa Villa ha um Hospital, que tem renda, annexando-se com a Misericordia, seria grande bem, para o soccorro dos pobres e necessitados, e n'isso se faria muito serviço a Deus — por este meu Alvará, Hei por bem, que n'essa Villa se ordene Casa de Misericordia, e se annexe e junte a ella, o dito Hospital e rendas d'elle, e se terá n'ella o Regimento que se tem nas outras Misericordias das Villas e logares d'este Reino: e vos mando que assim o façaes cumprir. Antonio de Gouveia o fez, em Almeirim, a 28 de janeiro de 1541 annos. Eu o Duque.

—

Resposta que o duque mandou ao provisor e officiaes da mesa da Misericordia novamente eleita, em cumprimento do alvará antecedente.

Honrado provedor, Officiaes e Irmãos da Misericordia, da minha Villa d'Ourem. Eu o Duque, etc. vos envio muito saudar. Uma carta vossa recebi, em que me daveis conta, de como o Hospital era já annexado a essa dita Casa da Misericordia, e ereis já Officiaes d'ella, e usaveis do vosso cargo, conforme ao Regimento que da Villa de Thomar vos mandei; e folguei de saber que isso era já posto em ordem, e porque espero de assim se ordenar, para que Nosso Senhor seja bem servido, é para o regimento ser confirmado por mim, he necessario mandarem-m'o, e assim tambem o traslado do Compromisso, para ver tudo, e o confirmar, se necessario fôr. De Lisboa, a 30 de abril de 1541 annos. Eu o Duque.

Até aqui o manuscripto do sr. prior de Bucellas — com os competentes cortes, alguns adiccionamentos, e correcções em alguns anachronismos.

—

Varias noticias de Ourem

Pelo concelho d'Ourem passava a via militar romana, que de Lisboa hia em direcção a Calle, e hoje passa o caminho de ferro do norte.

—

Houve n'esta villa uma synagoga de judeus, com mestres em todos os ramos de sciencias.

Foi destruida, não se sabe por quem, mas provavelmente pelos successores de D. Pelayo.

—

Em 1834, era o senhorio e condado de Ourem, da casa de Bragança.

Extinctos os *direitos senhoriaes*, pelo decreto de 13 de agosto de 1832—e deixando de existir os *padroados*, pelo art. 75 da carta, ficou sendo o condado de Ourem um titulo meramente honorario.

—

O serenissimo principe D. Carlos, duque de Bragança, é o actual (34.º) conde de Ourem.

—

D. Affonso Henriques tinha grande amor a sua filha, D. Thereza, e quando esta foi para Flandres, deu-lhe grandes riquezas, em brilhantes, ouro, brocados e preciosas sedas, de que os navios flamengos hiam carregados.

Quando a esquadrilha que a conduzia chegou á Rochella (então dos inglezes) esperava-a um commissario do rei da Gran Bretanha (Henrique II) para proporcionar a D. Thereza todas as possiveis commodidades, até á fronteira de Flandres.

Seu esposo, Philippe d'Alsacia, a veiu receber á entrada dos seus estados, e na presença da sua corte, do seu exercito e de grande multidão de povo, se celebrou logo a ceremonia nupcial.

D. Thereza—como era costume praticar-se com as esposas dos condes reinantes de Flandres—mudou o nome para *Mathilde*.

Este casamento foi celebrado em Bruges, em agosto de 1184.

Muitos escriptores dizem que a viagem d'esta Senhora foi prospera e sem accidentes; porém o visconde de Santarem (*Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, tomo 9.º) diz que esta viagem foi difficil e mesmo perigosa.

Que o navio em que ia D. Thereza, foi atacado pelos piratas normandos, que roubaram as joias mais preciosas.

Assim que o conde teve noticia d'este acontecimento, fez partir immediatamente uma frota, que poude agarrar os corsarios, sendo 80 d'elles enforcados em Flandres.

Philippe, deu a sua esposa o senhorio de 17 cidades e villas, das mais importantes dos seus estados.

Foi muito celebrada a *condessa Mathilde*, pela rara prudencia, discrição e energia com que governou os estados de Flandres, defendendo-os contra muitos senhores que lhe fizeram guerra, emquanto seu marido combatia no ultramar.

Ficando viuva em 1190, sem haver filhos d'este matrimonio, passou a segundas nupcias, com Eudo III, duque de Borgonha, em 1194; mas, sendo parentes, e tendo casado sem despensa, se annulou o casamento em 1195.

Falleceu esta heroica portugueza, a 6 de maio de 1216.

Jaz na capella dos condes de Flandres, no mosteiro de Claraval, de Borgonha.

—

D. Mecia Lopes de Haro, 2.ª senhora de Ourem, mulher de D. Sancho II, continuou a ser senhora de Ourem, não só depois da deposição de seu marido (6 de setembro de 1245) mas ainda depois da sua morte (4 de junho de 1248.)

O conde de Bolonha, depois D. Affonso III, ou confirmou a doação de seu irmão, ou deixou gozar em paz este senhorio a sua cunhada.

O povo portuguez, exasperado por tantos tributos, e cançado do mau governo de D. Sancho II e seus ministros; e dos desatinos da rainha, principia a murmurar em 1240.

A agitação foi crescendo, a tal ponto, que em 1245, os minhotos revolucionaram-se, e, commandados por D. Raymundo Viegas Porto-Carreiro, avançam até Coimbra, onde

estava a corte; e ahi, reunidos ao povo da cidade, arrebatam D. Mecia e a levam para o castello d'Ourem. (Foi Porto Carreiro o chefe da escolta que a conduziu.) Pouco depois foi o rei deposto, e foge para Castella.

Oito annos depois d'estas desordens (1256) ainda a rainha permanecia em Ourem; pois existem doações feitas por ella, d'este tempo.

A nimia *condescendencia* do *Bolonhez* para sua cunhada, e ainda mais, o facto de *vir D. Sancho II, com as tropas que lhe foram fieis, que eram bastantes, sobre Ourem, para* LIBERTAR *a esposa, e sendo recebido a tiros de bésta e á pedrada, pela guarnição do castello, parece provarem que D. Mecia, em vez de ser* VICTIMA, *foi cumplice de D. Affonso, n'esta revolta popular, com todos os vizos de traição, que deu ao conde a corôa de seu irmão.* (Vide a *Historia de Portugal*, pelo sr. Alexandre Herculano, tomo 2.º)

Notemos porém que na *Monarchia Lusitana* (L.º 17.º, cap. 14) se lê:

«Por ser a villa d'Ourem «d'esta Senhora (a rainha) e tão «defensavel por sitio e bôa «muralha, que, a ser ajudada «da arte, ao moderno, a poderamos ter por inexpugnavel, «*me parece tambem que resistia muito a El-Rei, D. Affonso III, quando tomou posse do «reino, e que persistia até ao «anno de 1249, conservando a «vós d'El-Rei D. Sancho.*»

De qualquer dos lados que esteja a verdade, é certo que D. Affonso III estava em Ourem em 1249, pois do dia 26 de fevereiro d'esse anno, e aqui, datou uma doação ao mosteiro d'Alcobaça.

D. Mecia retirou para Castella, onde falleceu, sem tornar a Portugal.

Conservou-se no dominio da corôa o senhorio de Ourem, por espaço de 33 annos.

Em 1282, casando D. Diniz I com Santa Isabel, lhe deu muitas villas, sendo uma d'ellas Ourem.

O infante D. Affonso, irmão de D. Diniz, fundando-se em que este era filho adulterino (por ter nascido em vida de Mathilde, condessa de Bolonha) disputou-lhe a corôa.

Santa Isabel congrassou os dois irmãos.

D. Affonso, senhor de Portalegre, entretregou ao rei todos os castellos e senhorios da fronteira do Alemtejo, recebendo em troca os senhorios de Ourem e Cintra.

Morre D. Affonso (1315) e sua filha, D. Isabel, pretende succeder no senhorio d'esta villa, como legitima herdeira d'este infante.

Oppõe-se o rei—ha litigio—as partes commettem a decisão a juizes arbitros (foram os bispos de Lisboa, Coimbra e Evora) que dão a sentença contra D. Isabel, e Ourem torna para a coróa.

Por fallecimento de D. Affonso IV (28 de maio de 1357) D. Pedro I, que lhe succedeu fez doação do senhorio de Ourem, a sua mãe a rainha viuva (D. Brites, filha de D. Sancho IV, de Castella) que o possuiu em quanto viveu.

Condes de Ourem

O 1.º, foi *D. João Affonso Tello de Menezes* (tio da celebre D. Leonor Telles de Menezes, por ser irmão de D. Martim Affonso Tello de Menezes, pae d'esta senhora) feito por D. Pedro I—de quem era valido—em 1356 ou 1357.

Este conde, era casado com D. Guiomar Villa-Lobos, bisneta do rei D. Sancho, de Castella.

O seu palacio era em Santarem, onde residia, e ahi fundou o convento dos frades agostinhos, em umas casas suas, em 1376; e n'este convento foi sepultado com sua mulher. (O conde morreu em 1381.)

Era pae de D. Affonso, conde de Barcellos—e de D. Leonor de Menezes, casada com D. Pedro de Castro, filho d'Alvaro Peres de Castro (irmão de D. Ignez de Castro) conde de Arrayolos, e 1.º condestavel do reino.

Esta D. Leonor era dotada de tão rara intelligencia, que, da edade de dez annos, sabia philosophia, musica e poetica, e escreveu um romance.

Fallava correctamente latim, francez e hespanhol.

Foi tambem sepultada no mosteiro agostinho de Santarem.

—

2.º conde — *D. João Fernandes Andeiro*, gallego (natural da Corunha) *valido* do imbecil D. Fernando I (ou da mulher d'este) homem perfido e ardiloso, mas de grande influencia entre os castelhanos.

Terminou a guerra de D. Fernando I, contra D. Henrique II, de Castella, [1] pelo tratado de Santarem, de 19 de março de 1373, publicado a 24.

Um dos artigos do tratado era que o rei de Portugal expulsaria d'este reino, D. João Fernandes Andeiro, e todos os mais fidalgos castelhanos que cá estivessem, dentro em 30 dias.

Isto é o que não convinha a D. Leonor: o artigo não se cumpriu, e ella obrigou seu marido a commetter a baixeza de escrever a Henrique II, dizendo-lhe que não podia ter execução, *porque o Andeiro e seus patricios se contratavam e fortificavam no castello d'Ourem, e, de modo nenhum queriam d'elle sahir. (!)*

D. Henrique consentiu que alguns dos castelhanos ficassem em Portugal; mas excluiu d'esta permissão, Andeiro e outros.

Não tiveram estes remedio senão sahir de Portugal, e o conde de Ourem soube em Londres introduzir-se nas boas graças do conde de Cambridg — irmão do duque de Lencastre — entretendo sempre correspondencia secreta com D. Fernando e D. Leonor, animando-os ainda nas suas loucas pretenções sobre a corôa de Castella.

D. Fernando adoece, e vae, por concelho dos medicos (ou, segundo outros para não estar ao pé da mulher) para Almada; mas, não se dando alli bem, vae para os *paços das Alcaçovas*, d'entro do castello de S. Jorge. (4.º vol, pag. 123, col. 2.ª)

[1] Depois do rei castelhano invadir e assolar Portugal, chegando até Lisboa, que saqueia e incendeia, sem que D. Fernando — mettido em Santarem — tratasse de lhe oppor a minima resistencia.

Alli, não achando alivio aos seus padecimentos, volta para os seus *paços de Moeda Nova*, e aqui falleceu no dia 22 de outubro de 1383, com 39 annos menos 9 dias de edade. [1] (Nascêra em 31 de outubro de 1344.)

O Andeiro já tinha voltado de Inglaterra, e estava quasi sempre nos paços da Moeda; mas, apenas morreu D. Fernando, e sabendo o odio que lhe votava todo o povo de Lisboa, pelos seus escandalosos amores com D. Leonor — e tambem por ser gallego — retirou-se para o *seu* castello d'Ourem; mas sendo chamado, como os mais fidalgos, para assistir ao enterro do monarcha, sáe de Ourem, com uma escolta de 25 escudeiros, armados até aos dentes (apezar das supplicas de sua mulher, que, preadivinhando a sorte que o esperava, fez todas as diligencias para impedir esta jornada.) [2]

Chega a Lisboa, e vae para o paço, como *concelheiro* de D. Leonor, regente em nome de sua filha, D. Beatriz, mulher de D. João I, de Castella.

Todos sabem dos tumultos que tiveram logar durante o infausto reinado de D. Fernando, e do odio que os portuguezes tinham á mulher de João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro, tornada *concubina legal* d'aquelle infeliz monarcha.

Este odio era justificado pelo procedimento vergonhoso de D. Leonor, que com escandalo publico, fazia ostentação dos seus

[1] D. Fernando residia ora em um, ora em outro d'estes paços.

Ao da Moeda nova tambem se dava o nome de *paços de S. Martinho*.

Depois, no reinado de D. João I, foram estes paços destinados para residencia de seus filhos, e tomaram a denominação de *paços dos infantes*.

O rei D. Manuel os transformou em *casa de supplicação;* e o marquez de Pombal, em cadeia publica. E' o *Limoeiro*.

[2] Andeiro, na vinda para Lisboa, hospedou-se em Santarem, em casa do seu alcaide-mór, Gonçalo Vasques d'Azevedo, pae de Alvaro Gonçalves, casado com D. Sancha, filha do conde d'Ourem.

O alcaide-mór, tambem diligenciou, mas inutilmente, despersuadil-o da hida á Lisboa.

amores—trez vezes adulteros [1]—com o conde d'Ourem.

O *Mestre d'Aviz* e seu irmão eram sinceros amigos um do outro, e D. João odiava mais do que ninguem, a D. Leonor e ao Andeiro, mesmo por essa amizade que tinha ao rei.

Os tumultos transformaram-se em revolução declarada, depois da morte do rei, e todos os portuguezes punham os olhos no Mestre d'Aviz, já então muito popular, como o unico remedio a tantos males.

D. João, que fingira acceitar o generalato do Alemtejo, passára para o S. do rio; porém, *reconsiderando*, repassa-o, dirige-se aos paços da Moeda (6 de dezembro de 1383) e assassina Andeiro, com uma punhalada.[2]

Tinha que fazer, o que houvesse de deslindar a geração dos nossos reis, em todos os seus frequentes *cruzamentos*, desde o principio da monarchia!—Só n'esta conjunctura devemos notar o seguinte:

O Mestre d'Aviz, era filho de *Thereza Lourenço* (rapariga do povo, e *gallega* de nascimento) e nascera em Lisboa, a 15 de abril de 1358. Todos sabem que era filho bastardo de D. Pedro I. D. Thereza, filha do conde Andeiro, era tambem *gallega*. Foi amante de D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, e teve d'elle dois filhos—D. Luiz da Guerra, que foi bispo da Guarda—e D. Fernando da Guerra, que foi arcebispo de Braga e regedor das justiças.—Estes dois prelados eram pois sobrinhos do assassino de seu avô, o conde de Ourem.

D. João I estimou muito estes dois sobrinhos, e os collocou na posição eminente em que terminaram seus dias. (O que é o mundo!...)

Quando o conde foi morto, tinha vestido um gibão de setim carmezim, e tabardo de finissimo panno preto, quando toda a côrte vestia de lucto rigoroso.

Esteve todo o dia e parte da noite, no mesmo sitio onde fôra assassinado, coberto com um tapete velho. Pelas *horas mortas*, D. Leonor o mandou enterrar, ás escondidas, na proxima egreja de S. Martinho.

O conde d'Ourem, era, pouco mais ou menos, da edade do rei. Tinha uma physionomia agradavel, era muito *espirituoso*, fallava com muita graça, e *tinha um grande talento para divertir as mulheres*. (*Chron. de D. Fernando*, por Fernão Lopes.)

D. João Fernandes Andeiro possuiu o condado de Ourem, apenas uns dois annos.

—

3.º conde.—*D. Nuno Alvares Pereira*, o grande 2.º *condestavel*—feito por D. João I (ainda então *defensor e regedor do reino*) por carta passada em Lisboa, no 1.º de julho de 1384. Deu-lhe tambem, tudo quanto havia sido do conde Andeiro, e os senhorios de Unhos e Villa-Viçosa.

Em 20 d'agosto de 1385 (6 dias depois da batalha d'Aljubarrota), estando D. João I em Santarem, confirmou e ampliou a doação que havia feito ao condestavel, o qual a acceitou sob condição de que o rei não faria outro conde em sua vida (de D. Nuno), ao que o soberano annuiu.

[1] 1.ª, porque era mulher de João Lourenço da Cunha—2.ª, porque era *mulher* de D. Fernando—3.ª, porque Andeiro, era casado.

[2] Diz-se tambem que elle não ficou logo morto, e que foram os fidalgos partidarios do Mestre que o acabaram ás estocadas.

Este conde de Ourem era tão cynico, que se apresentou no paço vestido de gala, quando todos andavam vestidos de burel branco, que era o lucto d'esse tempo; pelo que foi reprehendido pelos officiaes do paço, do que elle não fez caso.

O lucto, até ao reinado de D. Manuel, era de burel branco; sendo até então o vestido preto, signal de gala e alegria. A primeira vez que se usou lucto preto, foi na morte de D. Philippa, tia d'aquelle monarcha. Na China, o lucto é branco.—Na Armenia, na Syria e na Turquia, é azul.—Na Ethiopia, é côr de terra.—No Egypto, é amarello.—Na Europa e na America é preto. (Vol. 5.º, pag. 501, col. 2.ª)

Se D. Nuno Alvares Pereira, foi um dos maiores vultos de que se gloria a nação portugueza, tambem se deve confessar que — contra o uso inveterado dos monarchas d'este reino—nenhum vassallo ainda recebeu tamanhos premios e chegou a tão grandes alturas. D. João, seu amigo e companheiro, o fez — *condestavel do reino, conde de Ourem, conde de Barcellos, conde de Arrayolos, mordomo-mór do paço, e senhor de* SESSENTA *villas acastelladas.* (Vol. 2.°, pag. 248, col. 1.ª)

—

4.° conde — *D. Affonso,* filho bastardo de D. João I, e de Ignez Pires. (Vide *Barcellos; Castanheira,* do Riba-Tejo; e *Guarda.*)

D. Nuno Alvares Pereira, teve de sua mulher, D. Leonor d'Alvim, dois filhos e uma filha. Morrendo aquelles, ficou esta (D. Brites Pereira), unica herdeira da riquissima casa de seu pae, que era a maior de Portugal.

D. João I quiz casar seu filho e successor, D. Duarte, com D. Brites; mas o condestavel preferiu dal-a áquelle filho bastardo do rei, para fundar os *estados* que hoje constituem a casa de Bragança.

D. Affonso, nascêra em 1370, e casou em 1401, sendo feito conde de Barcellos, no dia do seu casamento. Vivia com sua mulher, em um palacio que tinha em Chaves, onde esta morreu de parto, ainda em vida de seu pae.

O infante D. Pedro, filho legitimo de D. João I, duque de Coimbra, e regente do reino, na menoridade de seu sobrinho e genro, D. Affonso V, creou em 1442, o ducado de Bragança, de que fez duque a seu irmão bastardo, D. Affonso, 4.° conde de Ourem (que lhe pagou esta mercê com a mais negra ingratidão, pois foi um dos que, em 1447, o malquistou com D. Affonso V, concorrendo para que seu irmão e protector viesse a morrer ás mãos de portuguezes, no desgraçado combate de Alfarrobeira, em 20 de março de 1449).

Achando-se D. Affonso viuvo da condessa d'Ourem, passou a segundas nupcias, com D. Constança de Noronha, irman do tristemente celebre, D. Pedro de Noronha, 4.° arcebispo de Lisboa. (4.° vol., pag. 272, col. 1.ª)

D. Affonso não teve filhos de D. Constança.

De D. Brites Pereira, teve os filhos seguintes:

D. Fernando I, que foi 2.° duque de Bragança.

—

D. Isabel, que casou com seu tio, o infante D. João, mestre de S. Thiago, filho de D. João I. D'este casamento nasceu D. Brites, casada com seu primo, o infante D. Fernando, duque de Beja, filho do rei D. Duarte, dos quaes nasceu D. Manuel I, o *Venturoso* —e o

—

5.° conde de Ourem—*D. Affonso,* que foi feito 1.° marquez de Vallença, por D. Affonso V, em 11 de outubro de 1451. Morrendo solteiro e sem filhos legitimos (em Thomar, a 29 de agosto de 1460), passou o condado de Ourem para seu irmão.[1]

—

6.° conde — *D. Fernando I,* 2.° duque de Bragança. Sendo este infeliz principe degolado, por ordem de D. João II, na praça grande d'Evora (junto ás casas do *José dos Baraços,* e em frente da egreja de Santo Antão), no dia 22 de junho de 1483. Tinha sido preso a 29 de maio, pelo que, apenas medeiaram 24 dias, entre a prisão, o julgamento, a sentença, e a execução!

D. João II confiscou e encorporou nos bens da corôa, todo o ducado de Bragança—e, por

[1] D. Affonso tinha um filho natural, chamado *D. Affonso de Portugal,* de uma senhora nobre, por nome D. Brites de Souza, com a qual (por ser muito orgulhoso) não quiz casar á hora da morte, por mais que a isso fosse instado pelos ecclesiasticos e outras pessoas prudentes que lhe assistiram.

D. Affonso de Portugal, turbulento e vaidoso, como seu pae, quiz mostrar ser filho legitimado, o que não poude conseguir.

D. João II o obrigou a ser clerigo, e foi nomeado bispo de Evora, em 1485. N'esta qualidade, veio assistir á ceremonia funebre da trasladação dos ossos de seu pae, de Thomar para Ourem, em 1487.

Fundou em Evora o convento da Graça (de frades agostinhos), hoje hospital militar, e fallecendo, em 1522, foi sepultado na capella-mór da egreja (hoje aula nocturna) do mosteiro que havia fundado e dotado. Nun-

consequencia, o condado de Ourem — e falleceu, em Alvor (Algarve), a 25 de outubro de 1495; subindo ao throno, seu primo e cunhado, D. Manuel, duque de Beja, filho do infante D. Fernando, e neto do rei D. Duarte.

Logo no mesmo anno, de 1495, manda restituir aos filhos do duque de Bragança, todos os seus bens, honras e dignidades.

Parece, porém, que lhes não restituiu logo o condado de Ourem; porque no mesmo anno de 1495, achamos o

7.º conde — *Marquez de Villa-Real*. Pouco tempo foi conde de Ourem, porque o condado foi logo em julho de 1496, entregue ao

8.º conde — *D. Jayme*, duque de Bragança. Desde então ficou, para sempre, este condado unido á casa de Bragança.

Para os que desejarem saber o mais que pertence á casa de Bragança — veja-se *Bragança* e Villa-Viçosa, na serie dos duques de Bragança.

Tambem em alguns escriptores tenho lido que o rei D. Duarte fez conde de Ourem, ao doutor (andaluz) Vasco Fernandes de Lucêna, em 1433; mas não vejo semelhante coisa nos principaes escriptores.

Vide, no fim d'este artigo — *Lucêna*, appellido.

—

A fidelidade do povo de Ourem aos seus reis e á sua patria, brilhou sempre em todas as occasiões de perigo.

Na batalha de Alcacer-Quivir (4 de agosto de 1578) os terços d'Ourem acompanharam o duque de Barcellos, filho do duque de Bragança. O seu chefe, cahiu em poder dos mouros, e os ourienses, morreram a maior parte na acção, ficando captivos os restantes.

—

Já no principio d'este artigo fallei nas armas d'Ourem. Accrescentarei aqui mais o que então prometti, extrahido do *Esbôço historico do concelho de Villa-Nova de Ourem* (que vou seguindo, depois que terminou o manuscripto do sr. prior de Bucellas), precioso e curiosissimo livro, escripto pelo illustrado sr. doutor, juiz de direito, *José das Neves Gomes Elyseu*, natural d'esta villa, que o mandou imprimir e publicar, em 1868.

—

As antigas (as 1.as) armas d'Ourem, são as segundas que mencionei no principio d'este artigo, e diz-se que, são as do concelho — e lhe foram dadas por D. Thereza, 1.ª senhora d'Ourem.

As segundas armas de Ourem, consta que lhe foram dadas pela rainha D. Mecia Lopes d'Haro, mulher de D. Sancho II, senhora de Ourem, e diz-se que são as *proprias da villa*. Estão sobre as *portas de Santarem*, que ficam ao N. [1]

As 3.as, são as que mencionei em primeiro logar no principio. Quanto a mim estas são as *officiaes*, pois não me consta que haja outras na Torre do Tombo. Tambem são essas, as que estão gravadas no pelourinho da *praça velha*, da villa (feito em 1620); mas, alli não teem os escudetes das Quinas.

Vemos pois que, só sobre as portas de Santarem é que estão as armas com as torres. Não sei se este *ornato* é apenas devido á imaginação do canteiro, ou á de quem alli as mandou gravar; todavia, as povoações acastelladas, quasi todas teem torres ou castellos no seu brazão d'armas.

Consta que a antiga egreja de Santa Ma-

ca perdeu a teima de se intitular *herdeiro da casa de Bragança*, e ainda na sua campa mandou gravar esta inscripção:

AQUI JAZ O REV.mo MUITO ILLUSTRE SENHOR D. AFFONSO DE PORTUGAL, FILHO DO MARQUEZ DE VALLENÇA, NETO D'EL-REI D. JOÃO, DE BOA MEMORIA, HERDEIRO DA CASA DE BRAGANÇA, FOI BISPO D'ESTA DIOCESE, PORQUE, ALEM DA SUA DEVOÇÃO, QUIZ EL-REI, D. JOÃO II, QUE FOSSE CLERIGO, FALLECENDO EM 24 D'ABRIL DE 1522.

Teve de D. Philippa de Macedo, sendo ainda secular, dois filhos—D. Francisco de Faro, feito 1.º conde de Vimioso, por D. Manuel I, em 1514, e veador da fazenda do mesmo rei, em 1515. — e D. Martinho de Faro, nuncio apostolico, e 1.º (e unico) bispo do Funchal.

[1] Em todas as praças de guerra se costuma pôr ás suas portas o nome da principal povoação para que estão voltadas.

ria, de Ourem, foi fundada por D. Affonso Henriques, logo que resgatou a villa do poder dos mouros. D'esta egreja apenas hoje existe uma porta, e pouco mais. Sendo assim, foi a primeira egreja catholica fundada na Extremadura, desde que o conde D. Henrique tomou conta de Portugal. D. Affonso I deu o padroado d'esta egreja, ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e sua filha, ampliou esta doação, dando a D. João, prior do mesmo mosteiro, em maio de 1183, todas as rendas d'esta egreja; o que seu pae confirmou, em presença de D. Godinho, arcebispo de Braga—D. Fernando 3.º, bispo do Porto —D. Godinho, bispo de Lamego (todos tres conegos de Santa Cruz) — D. João, bispo de Viseu, e D. Martinho 3.º, bispo de Coimbra.

Na doação de D. Thereza, lê-se—«Hoc autem facio ut prior et canonici memores hujos mei benefici nec nom et patris mei *non cessent die et nocte orare pro nobis.*» (Quem cumprirá agora esta obrigação?)

Consta que foi este prior, D. João, que, em vista do crescimento da população, elevou esta egreja a collegiada, mandando edificar claustros, dormitorios, refeitorio e mais officinas para um prior e oito conegos; e que o seu primeiro prior, foi D. Pedro João, natural d'Evora, em 1193.

Continuou a collegiada sob a regra de Santo Agostinho (cruzios) até 1440.

Então, sendo conde d'Ourem o marquez de Vallença, D. Affonso, filho primogenito do 1.º duque de Bragança, hindo ao concilio de *Ferrára* (e d'alli ao de *Basilea*) [1] por mandado de seu tio, o rei D. Duarte, alcançou do pontifice Eugenio IV, a apresentação do priorado da collegiada, e a annexação das outras egrejas a ella—*e que o prior e conegos fossem seculares*, sem serem ouvidos os cruzios de Coimbra.

D. Affonso, tinha tanta predilecção por este seu condado, que, se não morre tão novo, elevaria esta villa a um alto grao de prosperidade.

—

Em 1652, o conego Antonio Henriques, e sua irman, D. Isabel Henriques, instituiram em bens seus, com licença regia, e confirmação do bispo de Leiria, cinco capellas de missas, com varios encargos, *tendo um dos capellães obrigação de ensinar latim e moral,* sem faltar ao côro.

Estas capellas, eram no altar de Santo Antonio da collegiada.

Para capellães, eram preferidos os parentes dos instituidores—se quizessem acceitar.

O cabido, a titulo de administrador d'estas capellas, recebeu um olival, denominado *dos Vinte-Mouros.*

Em 1785, creou o cabido uma capella de musica, paga por elle.

Todas estas capellas estiveram abandonadas, desde 1834; menos uma, instituida na Charneca, que era patrimonio do padre Joaquim Eduardo Henriques Rosa, parente dos instituidores.

Nas annexações das egrejas supprimidas, para a creação da collegiada, tambem passaram a ser propriedade d'esta, as residencias e passaes d'aquellas, procedidos de doações de particulares.

Os rendimentos d'essas egrejas, eram tambem provenientes de doações de particulares.

A collegiada, tinha tambem metade dos rendimentos da egreja de S. Silvestre d'Unhos, que rendia, liquido, para a collegiada, uns 80$000 réis annuaes.

Toda a renda da collegiada, excedia a 100:000 cruzados (40 contos de réis!) annuaes; porem, depois de 1834, muitos caseiros, recusaram-se ao pagamento dos foros, e como não appareceram titulos, perderam-se.

O moinho dos Conegos, veiu á collegiada, por doação de D. Fernando, duque de Bragança, em 8 de junho de 1469, confirmada por D. Affonso V, em 1470.

[1] Durante a vida d'este conde de Ourem, só houve o concilio geral de Basileia, convocado em Florença, em 1439, pelo papa Eugenio IV, para a união da egreja grega com a latina.

O conde de Ourem, que era muito orgulhoso da sua nobreza, apresentou-se em Italia com um sequito principesco.

Levava por escolta 120 cavalleiros, ricamente vestidos.

Hia com elle, D. Antonio Martins de Chaves, bispo do Porto.

O cabido tinha tambem a nomeação dos curas de *Sêrro-Ventoso* — e *Albardos;* e no concelho, os de *Fatima*, *Freixiandas*, *Ceiça* e *Olival*, que tem agora priores collados.

Tinha o cabido dois celleiros—um dos dizimos, outro dos fóros.

Aquelle, chamado geral, satisfazia estas *partes*—fábrica da egreja, capellães, moços do côro, Sé de Lisboa, hospital das Caldas da Rainha, seminario de Santarem, patriarchal, etc.

No celleiro dos fóros, denominado *dos anniversarios*, entrava o cabido e a egreja patriarchal.

Esta levava o terço de tudo quanto se recebia nos dois celleiros—*e o mesmo das offertas aos santos, e dos baptisados.*

Alem dos celleiros em que na villa se recebiam os disimos—haviam—um no Olival, outro nas Caxarias, outro nas Freixiandas.

A maior parte dos 100:000 cruzados que rendia annualmente esta collegiada, procedia dos dizimos do concelho de Ourem.

A parte que hia para a Sé cathedral de Lisboa, foi depois dividida em duas, ficando uma para a Sé, outra para o collegio de S. Antão, de Lisboa (jesuitas.)

D. João V, foi que, em 1738 — pela bulla que obteve de Clemente XI—pensionou as prebendas d'Ourem, para a Santa Basilica Patriarchal.

D. Maria I, é que lhe impoz a pensão para o hospital das Caldas da Rainha.

Por carta regia do principe regente (1801) vagando os beneficios, a renda de um anno, era toda para o estado—sendo logo providos, tinha metade dos rendimentos.

Era a isto que se chamava—*anno morto.*

O prior da collegiada, tinha de prebendas (alem dos direitos que recebia como parocho das quatro freguezias annexas á sua egreja) de quatro a cinco mil cruzados.

Cada prebenda, rendia mais de 500$000 réis; mas, satisfeitos os onus e encargos, rendiam liquidos, cada uma, mais de 300$000 réis.

O prior tinha dois coadjuctores, que eram os que faziam todo o serviço parochial.

—

A esta freguezia pertence a formosa ermida da *Melroeira*, fundada pelos annos de 1706, em bello sitio, orlado de arvoredo. E' o sanctuario de *Nossa Senhora do Amparo.*

Foi seu fundador, Gaspar Cordeiro de Mendanha, natural de Santarem, e dono da fazenda que ha poucos annos era propriedade do conego Manuel Pereira de Azevedo.

Alem d'esta, ha tambem a capella da Charneca e outras de que adiante tracto.

—

A collegiada d'Ourem foi extincta, indevida e irregularmente, em 1834. Estava então o quadro completo.

Era prior resignatario, Francisco Caetano do Amaral Sarmento, que, em 1810, foi cobardemente assassinado pelos francezes, na residencia do cura de Fatima.

Era prior, o doutor Francisco Xavier Duarte de Sá, natural de Montalegre, collado a 16, e que tomou posse a 19 de agosto de 1799.

Foi suspenso em 1834, depois de 35 annos de bom serviço parochial.

Conegos

José Soares de Souza Gaio Caldeira, thesoureiro-mór, natural de Leiria.

Joaquim Castellino, chantre, natural de Ourem.

Joaquim Honorio Henriques Rosa, da Charneca d'Ourem.

Antonio Joaquim da Silva, d'Ourem.

Francisco Ferraz da Motta, da *Aldeia da Cruz*, hoje Villa Nova d'Ourem.

José Henriques Pereira, dos Valles, freguezia de Ourem. (Por alcunha o *conego ferrador.*)

Joaquim José Theotonio Pereira Martins, de Ourem.

Joaquim Antonio Flores, de Ourem.

Antonio Manuel Henriques Rosa, da Charneca. d'Ourem.

Antonio Ribeiro da Silva, d'Ourem.

Joaquim da Silva *(o Barbeiro)* d'Ourem.

Domingos Antonio d'Almeida, da Aldeia da Cruz (Villa Nova d'Ourem.) Não tendo

tomado posse, ficou em seu logar, frei Antonio de S. Bernardino. Este, em vista da resolução da junta da casa de Bragança, de 9 de outubro de 1826, foi o 1.º parocho da Aldeia da Cruz, tendo por congrua o rendimento da sua prebenda.

—

Quando, em 28 de fevereiro de 1850, o bispo de Leiria (em virtude da carta de lei de 16 de junho de 1848, e carta de lei, de 14 de fevereiro de 1850) extinguiu a collegiada de Ourem, encorporando os bens, ao seminario de Leiria, já não havia senão tres conegos—o prior, Ribeiro, e Flores—aos quaes deixaram as pensões, fóros e *sortes* que na sua collação lhes foram designadas (*que era o mesmo que deixar-lhes cousa nenhuma, porque os foreiros já não pagavam desde 1833*...)

Assim acabou a REAL E INSIGNE COLLEGIADA DE NOSSA SENHORA DAS MISERICORDIAS DE OUREM!

—

Até ao fatal dia 1.º de novembro de 1755, tinha esta villa tres grandes ruas — *de S. João, Nova*, e *da Graça* — alem de outras mais pequenas, e varios bêccos e travessas.

—

Descendo do Castello, a pouca distancia, para o S., estão as ruinas do que foi solar dos senhores de Ourem, casa de primorosa architectura, sólida e com bellas vistas.

Era um baluarte, reforçando os torreões construidos na muralha do Sul. [1]

—

Soffreu Ourem dois golpes mortaes — o primeiro foi o terramoto de 1755, que como já disse, arruinou a maior parte dos edificios da villa, tanto sagrados como profanos, fugindo os seus habitantes espavoridos, alguns até muitas leguas de distancia, e não poucos morrendo á fome e ao frio.

D'ahi em diante ficou a povoação (o resto) quasi vivendo da vida da sua collegiada. Passara pela villa a colera de Deus.

O ultimo golpe, soffreu-o em 1810.

As hordas de Buonaparte, escorraçadas das *Linhas de Lisboa*, vingavam-se nos velhos, mulheres e creanças e nas suas habitações.

Depois de saquearem os templos e as casas, lançaram fogo á villa, escapando apenas *vinte e tantas* casas!

Paramentos, alfaias, quadros de grande valor, tudo roubaram dos templos, bem como um riquissimo orgão da egreja da collegiada; convertendo esta em *quartel da sua cavallaria!*

Finalmente horrorisava a vista d'esta povoação desgraçada, quando os francezes a abandonaram.

Tambem não foi pequeno golpe, sobre os outros já soffridos, o desmembramento da *Aldeia da Cruz*, para constituir freguezia independente, em 1831.

Deve porém confessar-se que o povo de Ourem, tem poderosamente secundado a acção destruidora das commoções do globo, da sequencia dos seculos, e da furia dos homens.

Casa que cahe, não se levanta.

Os materiaes das derrocadas, sahem da villa, para construirem com elles casas, paredes e vallados.

Muitas casas, foram arrasadas, para no seu logar se semearem hervas, hortaliças, legumes e batatas.

As obras de defesa, feitas inutilmente pelos realistas, quasi no fim da guerra e depois de estar lavrado e assignado o *tratado da quadrupula alliança*, pelo qual tres poderosas nações (França, Hespanha e Gran-Bretanha) haviam decretado a expatriação do sr. D. Miguel I — estas obras de defesa, digo, tambem causaram alguns prejuizos aos edificios da villa.

—

As reliquias que estão no relicario da egreja matriz, são—uma aspa de Santo Estevão, papa, martyr—um osso de Santa Catharina—e reliquias de S. Braz—de S. Sebastião, martyr—do apostolo S. Paulo—de S. Martinho, bispo—uma cujo letreiro não póde lêr-se—de S. Barnabé—de S. Gregorio—de S. Vicente, martyr—de Santo Anastacio—de Santa Maria Magdalena—um dente de S. Thiago, apostolo—um osso de San-

[1] Hoje não tem a casa de Bragança um só palmo de terra, uma unica pedra na villa!

to André—de S. Pantaleão—uma pequena reliquia do vestido de Jesus Christo, etc.

Capellas

1.ª—Da *Misericordia*, na villa. Antiga.

2.ª—*Nossa Senhora da Esperança*, no logar da Charneca, feita em 1592.

3.ª—*Salvador*, junto ao logar dos Toucinhos.

4.ª—*S. Luiz*, no logar da Alagôa. Foi construida em 1603, pelo povo, com a invocação de S. Sebastião.

5.ª—*Nossa Senhora da Graça*, no logar do Sobral.

6.ª—*Santo Antonio*, no logar do Canhardo, feita em 1620.

7.ª—*S. Bartholomeu*, no logar da Atouguia.

8.ª—*Nossa Senhora do Amparo*, no logar da Melroeira, feita em 1627, por Gaspar Cordeiro de Mendanha, natural de Santarem, senhor de uma quinta proxima, que depois foi do conego, Manuel Pereira de Azevedo.

Está a capella cercada de olivaes, e de quintas, em sitio aprasivel.

9.ª—*Nossa Senhora das Mercês* ou *S. Lourenço*—no logar de Alqueidão.

Chamava-se antigamente a este logar, *Alqueidão da Matta* (ou da *Mouta*) *da Vide*.

Fica a 4 kilometros ao N. de Ourem.

Junto a este logar, havia uma antiquissima ermida, dedicada a S. Lourenço.

Pelos annos de 1400, chegou á esta capella um ermitão, com uma imagem de Nossa Senhora, e pondo-a no altar de S. Lourenço, aqui a ficou servindo e aqui morreu sanctamente.

Vivia em uma casinha que elle mesmo fez, encostada á capella.

Tornou-se esta Senhora de tão grande devoção para os povos, que varios moradores da villa e dos logares da Ribeira da Matta de Vide, Alqueidão, Pinheiro e Casaes, erigiram uma irmandade, com estatutos e compromisso, que foi approvada pelo bispo de Leiria, D. Pedro Barbosa, pelos annos de 1600.

O principal motor d'esta irmandade, foi o padre Manuel Ferreira Gentil, da Matta de Vide.

Passados annos, um mancebo nobre, chamado José de Chaves Faria, senhor da quinta das Mercês, e outro seu amigo, mandaram fazer á Senhora, um altar de talha dourada, que ainda existe.

Antigamente fazia-se-lhe todos os annos uma grande festa annual, com grande multidão de gente que alli hia em romaria, no proprio dia de Nossa Senhora das Mercês. Já ha muitos annos que se não faz esta romaria, nem se cuida na capella, que está em estado deploravel.

10.ª—*Nossa Senhora da Luz*, no logar de Mouta de Vide, feita por um particular, em 1616.

11.ª—*Nossa Senhora do Rosario*, no logar do Pinheiro, feita por um devoto, em 1650.

12.ª—*S. Fagundo*, em Monte-Real.

13.ª—*Nossa Senhora do Livramento*, em Valle-Travesso, feita em 1635.

14.ª—*S. João Baptista*, na quinta que foi do licenciado João de Mures, na ribeira, feita pelo mesmo.

15.ª—*Nossa Senhora do Bom-Despacho*, no logar da Lourinha.

16.ª—*Santa Barbara*, junto ao logar de Pêras-Ruivas.

17.ª—*Nossa Senhora da Encarnação*, abaixo da de S. João Baptista, na Ribeira, dentro da quinta que foi de Pedro Alves Ferreira, feita e dotada por este. em 1603.

18.ª—*Nossa Senhora da Caridade*, junto ás casas da quinta que foi de Diogo da Cunha, na Ribeira.

19.ª—*Nossa Senhora do Soccôrro*, junto á quinta que foi de Francisco de Faria, em Pinhal, na Ribeira, feita e dotada por um devoto.

20.ª—*S. Sebastião, martyr*, proximo á villa.

21.ª—*Santo Amaro*, tambem proximo á villa, feita em 1636.

22.ª—*Santa Maria Magdalena*, no mesmo sitio, e proximo á antecedente.

23.ª—*S. João Baptista*, no logar de Villãos, feita em 1639.

24.ª—*S. João Baptista*, no logar dos Apaniguados.

25.ª—*Nossa Senhora do Desterro*, no lo-

gar de Christovãos, feita em 1650, pelos moradores.

26.ª—*Nossa Senhora da Cruz*, na aldeia da Cruz, feita pelos moradores.

Foi elevada a egreja parochial, pelo bispo, D. João Ignacio da Fonseca Manso, em 1831, com o orágo de Nossa Senhora da Purificação.

E' a actual matriz da moderna villa de Villa Nova de Ourem.

—

Ourem é tambem um appellido nobre em Portugal, procedente d'esta villa.

Frei Manuel de Santo Antonio, não diz quem foi o primeiro que d'elle usou.

O brazão d'armas dos Ourens, é—em campo de prata, águia negra, membrada e bicada de púrpura.

Elmo d'aço aberto, e por timbre a aguia das armas.

—

Ourem foi o solar dos Lucênas.

Lucêna é um appellido nobre d'este reino. O primeiro que d'elle usou, foi o doutor, Vasco Fernandes de Lucêna (por ser da cidade de Lucêna, na Andaluzia, Hespanha).

Veiu para Portugal no reinado de D. João I, que muito o estimava pelo seu saber.

Foi ouvidor dos reis D. Duarte e D. Affonso V, e por ordem d'este, foi assistir ao concilio de Basileia.

Dizem alguns, que D. Duarte o fez conde de Ourem, em 1433; mas não o vejo incluido no catalogo dos condes de Ourem.

Lucêna foi tambem chanceller da casa do civel da côrte, chronista-mór do reino, guarda-môr da torre do tombo, e exerceu outros varios logares d'alta importancia, todos com zêllo, rectidão e intelligencia.

Casou em Lisboa, com D. Violante d'Alvim, e d'este casamento procedem os Lucênas de Portugal.

As armas do ramo principal dos Lucênas, são—em campo azul, um sol d'ouro—orla de prata, carregada de 8 cruzes verdes, como as de Aviz.

Elmo de prata, aberto—timbre, uma aspa d'ouro, com cinco cruzes das armas.

D. Fernão de Lucêna, parente do antecedente, veiu tambem para Portugal, e fez seu solar, na cidade de Beja, e teve descendencia.

Estes Lucênas trazem por armas — escudo dividido em contrabanda, na 1.ª, de púrpura, um crescente de ouro em palla (ao alto) com as pontas viradas para a direita — na 2.ª, d'azul, 3 estrellas d'ouro, de 8 pontas, em contrabanda.

Outros usam — em campo azul, um crescente de prata, no meio de 3 comêtas, d'ouro, em roquête:

Elmo de prata, aberto, timbre, o mesmo crescente das armas e um cometa, que toca com a cauda o concavo do crescente.

Ainda outros Lucênas alteraram as suas armas, por se ligarem a familias de outros appellidos, juntando as d'estas com as suas.

—

Era d'esta familia o habil e infeliz doutor, Francisco de Lucêna, ministro de D. João IV, justiçado innocentemente em Lisboa, a 28 de abril de 1643, pelo crime que seus invejosos lhe attribuiram de traidor á patria.

Foi logo depois rehabilitada a sua memoria; porém o desgraçado tinha pago com a cabeça o preço da sua fidelidade.

—

Para o mais que se desejar saber, vide Villa Nova d'Ourem.

OURENTAN—freguezia, Douro, comarca e concelho de Cantanhéde, 30 kilometros a O.N.O. de Coimbra, 225 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administr.º de Coimbra.

O *Port. Sacro* não traz esta freguezia.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas. Muito bom vinho. Cria gado de toda a qualidade.

OURILHE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 48 kilometros ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Santa Senhorinha, de Cabeceiras de Basto, apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil. Grande abundancia de gado de toda a qualidade. Peixe, do Tâmega, e caça.

OURIQUE—villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Almodovar, 85 kilometros d'Evora, 44 a O. de Mértola, 120 ao S.E. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1757 tinha 132 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado, districto administrativo e 44 kilometros a S.O. de Beja.

Feira a 29 de setembro, 3 dias.

A mesa da consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha 240 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 rs. em dinheiro.

—

O concelho de Ourique, é composto de 5 freguezias, todas no bispado de Beja—e são—Conceição, Garvão, Ourique, Panoias, e Santa Anna da Serra; todas com 2:000 fogos.

D. Diniz (outros dizem que foi o mestre de S. Thiago, e que o rei só o confirmou) lhe deu foral, em Beja, a 8 de janeiro de 1290. (Maço 2.º, de *foraes antigos*, n.º 8.—e no L.º 1.º de *Doações* do rei D. Diniz, fl. 269, col. 1.ª)—D. Manuel lhe deu foral novo, confirmando e ampliando os privilegios do antigo, em Santarem, a 20 de setembro de 1510. (*L.º de foraes novos do Alemtejo*, fl. 47, col. 2.ª)

Está esta povoação situada na extremidade S. do Alemtejo, edificada sobre um monte, de pouca elevação, sobre o qual tem um castello, famoso pelas victorias que Viriato, o beirão, aqui alcançou dos romanos, 150 annos antes de J.-C.

Sabe-se que é povoação antiquissima; mas ignora-se quando e por quem foi fundada. Segundo a *Evora Gloriosa*, o seu nome (como o de Ouriolla) provém das minas de ouro que por estes sitios havia. Ainda aqui ha uma veiga denominada *Campo d'Ouro*. Já existia no tempo da dominação arabe, e diz-se que foram elles que edificaram o seu castello. Chamavam-lhe *Orik*, depois da batalha. *Orik* é palavra arabe, significa—infortunio, adversidade, desgraça, etc.—Não se sabe o nome que teve até esse dia.

O senhorio e commenda d'Ourique, pertenceu á ordem militar de S. Thiago, cujos cavalleiros ajudaram muito aos reis de Portugal, a fazer grandes conquistas no Alemtejo, e no Algarve.

Tem Misericordia e hospital.

A commenda d'Ourique, andava na casa dos condes de Unhão.

No seculo passado (1736) era cabeça de comarca, mas então o seu concelho tinha só tres freguezias. Era residencia de um ouvidor, provedor e juiz de fóra. Tinha tres vereadores, procurador do concelho, escrivães, etc.

Junto da villa se estende o vasto campo onde os portuguezes, commandados por D. Affonso Henriques, deram a gloriosa batalha que decidiu da nossa autonomia, e que, por isso, é denominada *Victoria de Campo d'Ourique*.—Adiante trato d'esta batalha. [1]

Tinha voto em côrtes, com assento no 15.º banco.

Suas armas, são—em campo de sangue, um guerreiro, vestido de ferro, tendo levantado o braço direito, no qual empunha uma espada; montado em um cavallo. sobre terra firme. Na parte superior do escudo, tem uma torre em cada angulo, tendo sobre uma, o crescente, e sobre a outra, uma estrella, tudo de prata.

Ha no termo as ermidas de—S. Sebastião, S. Luiz, Nossa Senhora do Castello, S. Braz, S. Lourenço, e Nossa Senhora da Colla.

Perto da villa, está a ermida de S. Romão, abbade (irmão de S. Lupercino).—Aqui jazem os ossos do mesmo santo (Romão), que são muito venerados pelo povo. (Vide *Rériz*.) De *Nossa Senhora da Colla*, fallo adiante.

Pelos arrabaldes da villa passam as ribeiras de Cóbres e Tergis, que, depois de unidas, vão morrer no Guadiana, com 60 kilometros de curso. São atravessadas por uma bella e nova ponte de cantaria. Ainda no termo d'Ourique, nasce o rio de S. Romão,

[1] No concelho de Monte-Mór-Velho, ha uma planicie, tambem denominada *Campo d'Ourique*. Fica proxima ao Mondego.

que entra no Sado, em Porto-de-Rei. É o mais caudaloso dos tres.

O territorio do seu termo, é fertil em cereaes, fructas, azeite, vinho e outros generos agricolas. Cria-se bastante gado, sobretudo, suino; e os seus montes teem muita caça, e os seus rios, algum peixe.

O concelho é abundante de minas de metaes e metaloides. Só em abril de 1867 foram aqui registadas TRINTA minas. Em dezembro de 1872, tambem aqui se registaram cinco minas de manganez; uma de sulphato de baryta, prata, e chumbo, e outros metaes, alem das que já estavam manifestadas.

Tambem na quinta de *Valle do Alcaide*, pertencente ao sr. Sebastião José Franco, e situada nos arredores da villa, ha uma nascente, muito abundante de aguas mineraes, excellentes para a cura de molestias cutaneas.

Em maio de 1875, tambem aqui foram manifestadas, seis minas de manganez e uma de cobre.

Ha tambem crystal de rocha.

—

Foi no sitio chamado *Cabêço de Rei*, que Ismario, com os seus quinze régulos e todo o exercito agareno, estavam acampados, quando chegou D. Affonso Henriques com os seus portuguezes.

—

Para não haverem repetições, é preciso vêr *Castro-Verde*, a pag. 211, col. 2.ª, do 2.º volume.

—

No logar de *Junqueiros*, termo d'Ourique, no dia 10 de maio de 17 3 e nos tres seguintes, pariu a mulher de Braz Figueira, quatro creanças — uma em cada dia: todas foram baptisadas.

—

Nasceu n'esta villa, em 1661, Diogo Guerreiro Gamacho d'Aboim, de nobre geração. Foi juiz de fóra de Monte-Mór-Velho; juiz dos orphãos de Lisboa; do fisco, em Evora; desembargador da relação do Porto; da casa da supplicação, de Lisboa; e dos aggravos. Foi um ministro recto e incorruptivel, affavel, pio e dando a maior attenção ás partes litigantes, para poder julgar com justiça e equidade.

Escreveu seis tomos das *Obrigações dos Juizes, Tutores e Curadores dos Orphãos* — um dos *Officiaes do Santo Officio* — outro sobre varias materias juridicas — outro de *Questões e Decisões forenses* — outro de *Recusações de Juizes e officiaes seculares, ecclesiasticos e regulares* — um com o titulo de *Escóla moral, politica, christan e juridica*, sobre as quatro virtudes cardeaes. Todos foram impressos, e muito estimados.

Falleceu em Lisboa, a 15 de agosto de 1709. Foi sepultado na egreja de S. Thiago. Sendo trasladado para mais decente sepultura, na mesma egreja, a 11 de junho de 1711, foi seu cadaver achado incorrupto.

Batalha d'Ourique

Os *alfaquis* mouros, por ordem de Ismario (ou Ismar), poderoso rei de Hespanha, que sob as ordens do Miramolim de Marrocos dominava varios outros reis da Peninsula, mandou *apregoar gazúa* (incitar os povos á guerra) tanto na Africa, como na Hespanha e Portugal. — A Ismario se juntaram os reis mouros de Silves, Merida, Sevilha e Badajoz — Al-Athar, senhor e alcaide de Lisboa, Ben-Aduf, senhor de Algezira, e mais vinte *emires*, com um poderosissimo exercito, que alguns historiadores dizem constar de seiscentos mil homens e outros fazem subir a novecentos mil! Alguns historiadores dizem que o exercito mourisco constava de 120:000 homens: e parece-nos que são bastantes.

Já então D. Affonso I tinha obtido 6 grandes victorias dos mouros (e seu pae, 17).

O principe tomou o commando da vanguarda, que constava de 300 ginetes e 3:000 infantes escolhidos. A rectaguarda, com egual numero de gente, deu a D. Lourenço Viegas e a D. Gonçalo de Souza. Deu a ala direita a Martim Moniz e a esquerda a Mem Moniz, tendo cada uma 2:000 infantes e 200 cavallos. (Se fr. Bernardo de Brito e outros chronistas são exactos n'esta distribuição da gente portugueza, tinhamos apenas em campo 10:000 infantes e mil cavallos; mas alguns

querem que o nosso numero subisse a doze mil infantes e quatro mil cavallos; e, finalmente, outros querem que fossem ao todo doze mil homens. Em todo o caso a desproporção entre mouros e portuguezes, era pelo menos, de dez contra um.)

No dia 25 de julho de 1139, e antes de começar a batalha, os chefes e exercito acclamaram por seu rei a D. Affonso Henriques.

Os mouros investiram os portuguezes, e Pero Paes, alferes-mór, por ordem do rei, avançou aos mouros agitando a bandeira.

D. Affonso Henriques, callando a viseira, arremetteu só, ao mouro que vinha na frente, que era o rei de Silves, homem de estatura agigantada e de grandes forças; mas o rei portuguez o varou de lado a lado com a sua lança, o que animou muito os portuguezes e aterrou os mouros.

Á vista d'este exemplo de bravura, o exercito portuguez arremetteu ao inimigo com tal furia, que o poz em debandada; mas chegando o rei de Badajoz, com o seu exercito, onde vinha a flor da Andaluzia, envolveu D. Affonso e os seus. Acudiram-lhe porém logo os tres chefes portuguezes com a sua gente, fazendo nos mouros horrorosa carnagem.

No maior furor da peleja, e depois de ter obrado prodigios de valor, é morto Mem Moniz; mas seu irmão Lourenço Viegas (eram ambos filhos de Egas Moniz, um de cada casamento), vendo seu irmão morto, se atirou aos mouros, mais como leão furiosissimo do que como soldado valente, fazendo n'elles pavorosa carnificina.

As mesmas façanhas praticou D. Gonçalo de Souza, vendo morrer seu primo D. Diogo Gonçalves; finalmente, cada portuguez era um heroe, distinguindo-se entre todos D. Affonso Henriques.

Era porém tão espantoso o numero dos mouros, que a batalha esteve indecisa grande parte do dia, sendo tantos os mortos e feridos, que o campo era um lago de sangue, e os cavallos mal se podiam mover entre elles.

Ismario e seu sobrinho, Homar Atagor, á frente de um escolhido esquadrão de cavallaria, fazia nos nossos cruel destroço, o que visto por D. Affonso Henriques, juntou a gente que pôde, e tão galhardamente os investiu, que matou o sobrinho d'Ismario, e este e os reis de Merida e Sevilha deveram as vidas á velocidade de seus cavallos.

Os mouros, vendo fugir os seus chefes, trataram tambem de fugir por onde puderam; mas os nossos lhe foram no encalço, fazendo n'elles horrenda matança, não cessando a perseguição senão com a noite.

Andavam os portuguezes cobertos de sangue dos pés até á cabeça, causando pavor a quem os via, principalmente D. Affonso Henriques, que andando montado em um cavallo branco, já se não conhecia a sua côr natural, pois tudo era sangue.

Tres dias estiveram os portuguezes no campo da batalha (segundo o costume d'aquellas eras), descançando das fadigas d'aquelle dia, tratando de curar os feridos e enterrar os portuguezes mortos. Os despojos foram immensos e riquissimos, não querendo o rei para si mais do que 19 bandeiras e innumeravel cópia de pendões e galhardetes, que mandou pendurar pelas egrejas.

Querendo o rei e o seu exercito partir do campo, sobreveio uma chuva torrencial, que lavando o campo, do sangue derramado, tingiu as aguas dos rios *Córbes* e *Terges*, chegando ao rio Guadiana, onde desaguam estes dois rios (já reunidos n'um, com o nome de Terges) e chegando as aguas assim sanguinolentas até ao Oceano!

Vigildo Pires d'Almeida

É este o santo eremita que a tradição diz ter-se apresentado a D. Affonso Henriques, na vespera da batalha d'Ourique, annunciando-lhe a victoria, que obteve sobre os infieis, ahi congregados sob o commando do celebre Ismar. Todas as historias portuguezas fallam d'este eremita, algumas sem lhe citar o nome, até que um nosso illustre contemporaneo e historiador, classificou de fabula a visita do eremita e o milagre depois d'ella occorrido.

Sem que discutamos este ponto, já não

pouco debatido, diremos que na «Vida de S. Vicente» se encontra Vigildo Pires d'Almeida, como o nome do eremita que procurava o rei de Portugal, hindo da parte de Deus. Tambem nos «Principios do reino de Portugal,» se encontra a mesma citação. Quaesquer que sejam as duvidas que suscite o nome e mesmo o facto, sem que o consideremos ponto de fé, concluiremos que nos classicos da historia patria a visita do eremita e o milagre subsequente são acontecimentos que se narram como correntes.

A tradição obscurissima que a este respeito nos conservam as chronicas e os Agiologios lusitanos, dão-no como fallecido a 17 de julho, sem designação de anno.

Vide *Rériz*, no concelho de Castro-Daire.

Nossa Senhora da Colla

André de Résende, nas suas *Antiguidades de Portugal* (L.° 4.°⁴ pag. 280) fallando da antiga cidade (ou villa) de *Colla*, quando em companhia do rei D. Sebastião, foi ver o campo d'Ourique, pelos annos de 1573 — diz:

«Colla esteve em o meio da provincia de «Ourique, não muito longe de *Mesegena* «(Messajana) fundada entre montes.»

Diz que ignora se esta tal cidade ou villa tomára o nome que hoje tem, dos montes entre os quaes se havia fundado.

Era uma povoação ampla, o que hoje se vê pelo ambito dos seus muros, de que ha bastantes vestigios: assim como das torres que defendiam esses muros, tudo obra de grosseira construcção; mas o sufficiente para a defeza de seus habitantes, pela fortaleza natural do sitio.

Já existia no tempo dos romanos, o que se prova pelos cippos e memorias que aqui teem sido encontradas, e do que adiante se trata.

Era difficil e perigosa a entrada para esta povoação, e por isso, de facil defeza. Suppõe Rézende que foi povoação importante no tempo dos godos, e que os arabes a destruiram em 715 ou 716.

Hoje está deserta, e apenas existe de pé, o templo da Santissima Virgem, que dá povoação tomou o nome, e que apenas é visitado por algum archeologo, ou pelos povos das redondezas, nos dias sanctificados, em visita á casa da Senhora.

Fica 18 kilometros distante de Messajana, e 12 a O. d'Ourique, a cujo termo pertence.

A egreja mostra uma veneranda antiguidade, e suppõe-se ter sido parochial, antes da invasão dos mouros.

—

Existe aqui uma torre muito arruinada, onde Rézende achou uma formosa lapide, de marmore branco, embutida na parede, com a seguinte inscripção.

C. MINICIVS JVBATVS.....
LEG. X. GEM. QVEM IN PRAELIO
CONTRA VERIATVM VOLNERIBVS SOPITUM
IMP. CLAVDIVS VNIMA. PRO
MORTVO DERELIQVIT. EBVTIS LVSITANI
OPERA SERV..................
RATIQVE JVSSVS. PAVCOS. SV.....
.... DIES. MAESTVS OBI.
QVIA.... MERENTI MORE ROMA ....
AM NON RETVLI.

(Cayo Minicio, filho de Cayo Lemonia Jubato, tribuno da décima legião dobrada, ao qual na guerra contra Viriato, quasi morto, com muitas feridas; o imperador Cayo Unimano deixou pelo julgar morto. Eburio, soldado lusitano, compadecido d'elle, o levantou e fez curar; porém viveu poucos dias, e *morreu triste*, porque o não trataram ao modo que se costuma com os romanos.)

Esta lapide foi para o museu Cenaculo, de Evora.

—

A' porta do templo da Senhora, se via um grande cippo, entre algumas columnas, lançadas no chão, e que haviam sido ornato do mesmo cippo, o qual esteve lendo com grande attenção o nosso antiquario, a ver se podia comprehender o que n'elle estava escripto, até que, a poder de paciencia descubriu que era a campa de uma sepultura, e que vinha a dizer:

Aos Deuses Manes
Bablo, filho de Surto,
consagra este tumulo á memoria

de sua santa mulher,
fallecida
na edade de 38 annos e 17 dias.

No livro 4.º, pag. 232, das *Antiguidades* de Rézende, vem esta inscripção copiada (desenhada) do original.

—

Antigamente faziam-se a Nossa Senhora da Colla, duas grandes festas annuaes, a 1.ª em uma das oitavas da Paschoa — a 2.ª, no dia da sua Natividade. Eram ambas concorridissimas.

Diz-se (e crê-se) geralmente, que D. Affonso Henriques, só tomou o titulo de rei, desde que os portuguezes lh'o deram no campo d'Ourique, no dia da batalha: não é essa porém a verdade historica—e muitos documentos anteriores a esse dia glorioso nol-o provam.

Pela morte do conde D. Henrique (1112) ficou seu filho com 3 annos de edade. (Nascêra a 25 de julho de 1109—dando a batalha de Ourique na dia em que completava 30 annos de edade.)

A rainha D. Thereza, sua mãe, ficou tutora d'elle e governadora do condado de Portugal, até que D. Affonso completou 18 annos.

Em todos os documentos d'esse tempo, D. Thereza dá a seu filho já o titulo de conde, já o de infante, e tambem muitas vezes diz: —*o meu filho, D. Affonso Henriques.*

Ou fosse coagida, ou fosse voluntariamente (vide *Guimarães*, a pag. 360, col. 2.ª e seguintes, do 3.º volume) D. Thereza entregou o governo de Portugal a seu filho, em 1128.

Desde então, vemos em todos os documentos dimanados de D. Affonso Henriques, que este se intitulava, umas vezes conde, outras infante e outras principe.

No foral da villa de Penella (cabeça de concelho, na comarca de Louzan) dado por D. Affonso Henriques, em julho de 1137, e que se acha na torre do tombo, no maço 3 de *Tombos e Demarcações*—se diz—*De illa Atalaia* Rex *media, et habitatores alia media. De Vigilia de muro* Rex *media*, etc.—

Vê-se pois que—pelo menos dois annos completos antes da batalha d'Ourique, já D. Affonso havia tomado (ou consentia que se lhe desse) o titulo de rei, visto que assignava os documentos em que era tratado como rei.

Os portuguezes, não só consentiam, mas até desejavam que D. Affonso Henriques tomasse este titulo; porque, tendo contra elles o ambicioso D. Affonso VII, de Leão (primo do nosso D. Affonso) preferiam ter de lhe oppor um rei, em vez de um simples conde. De mais—odiando os leonezes, e andando então quasi sempre em guerra com elles, queriam dizer—«Se vós tendes rei, tambem nós.»

Sua mãe intitulava-se sempre rainha; porque—como tenho já dito n'esta obra—as filhas dos reis de Castella, Leão, Oviedo e Aragão, se denominavam rainhas, e este costume passou a Portugal, onde existiu durante os primeiros quatro reinados.

—

Guardei de proposito para o fim d'este artigo, o dizer as opiniões que ha contra a existencia da batalha de Ourique.

E' triste a gente perder uma doce illusão, que nutriu desde o berço, e vêr cahir ante uma rigorosa critica, esses vultos legendarios, batendo-se um contra cem, e derrotando-os. («*Unus enim quisque supra centum hosteis adversum se in prœlio erat hubiturus.*» Rézende—*De Antiquit. Lus.*, livro 4.º)

Nem os portuguezes d'esses tempos precisam de façanhas:

«Fantasticas, fingidas, mentirosas»

para que seus nomes vão até á mais remota posteridade, cercados de uma aureola de gloria immortal, e do respeito e amor de todos os que sentem no peito as palpitações de um coração portuguez.

—

Não são só os escriptores modernos que suppõem fabulosa a batalha d'Ourique: são tambem os antigos. Não são só os incredulos, são tambem os crentes.

Eu, que sou parte insuspeita, porque, no decurso de mais de cinco longos volumes, tenho dado provas de sincero patriota, de

catholico apostolico romano, e de fiel sectario do *tradicionalismo*; e sem abdicar estas minhas crenças ou affeições, posso—não *discutir;* porque conheço a minha insufficiencia—mas *citar* factos.

Tambem não me quero guiar por escriptores que tenham as almas corrompidas pelo atheismo, e os corações mirrados pela descrença.

Vou buscar um clerigo—ainda mais, um frade franciscano, que escreveu no tempo da Inquisição, e cuja obra foi então, é, e será sempre estimada e estimavel. E' frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. (*Elucidario*, vol. 2.ª, pag. 51 da edição de 1865.)

Apontarei, resumidamente, as *objecções*, e o modo como as desfaz Viterbo.

O leitor illustrado e consciencioso, leia, medite, e siga a opinião que lhe parecer mais conforme com a sua intelligencia.

Dizem os que negam a batalha de Ourique;

Objecção 1.ª — Que esta *lenda* não tem mais apoio que a *tradição fanatica dos portuguezes*, destituida de toda a rasão prudente; e que não ha documento algum, *synchrono* ou *supar*, que em tal fallasse.

2.ª—Que não cabe em juizo são, que D. Affonso Henriques passasse o Tejo, por entre os mouros de Abrantes e Torres Novas, e marchasse paralellamente a Evora e Beja, praças mouriscas, formidaveis n'esse tempo.

3.ª—E' inacreditavel que um principe que já contava 30 annos de edade, e que pelo espaço de doze annos tinha dado provas irrecusaveis de grande tino e sciencia militar, commettesse a temeridade indesculpavel de hir provocar um inimigo poderosissimo (cinco reis, com um exercito de mais 400 mil combatentes—isto é—vinte vezes—e alguns dizem 100!—superior em numero) que tinha na sua frente, e estando cercado de inimigos pelos flancos e pela rectaguarda.

4.ª—Que um capitão com longa pratica de guerra, por mais temerario que fosse, não se aventurava a largar o centro das suas operações (Coimbra) arrojando-se a tão grande distancia (os confins do Alemtejo) com tão limitado numero de soldados, atravessando sempre paizes inimigos, onde tudo lhe devia faltar.

5.ª—Que os *Annaes*, ou *Chronicon Lusitano*, ou *dos Godos*, que Rézende citou, e Brandão fez imprimir entre os documentos do tom. 3.º da sua *Monarchia Lusitana*, não eram obra do meiado do seculo XII; mas um *Chronicon* que depois se foi escrevendo, e augmentando, com varios factos, uns verdadeiros outros imaginarios; alguns, sem mais fundamento que tradições devotas e interessadas.

6.ª—Que achando-se o rei D. Sebastião no campo d'Ourique, em 1573, ou pouco antes, foi o que transformou em nobre templo uma ermida insignificante que alli havia, e fez levantar o soberbo arco da *memoria* que alli existe. Que incumbiu André de Rézende, que o acompanhava, de redigir a inscripção latina e portugueza, que devia ser gravada nos lados do pedestal, o que Rézende compriu; mas a inscripção não se gravou, provavelmente por se julgar o facto fabuloso.

Eis as respostas ás *objecções:*

Fundam-se ellas em duas falsas supposições. 1.ª, que os mouros occupavam ainda em 1139 todas as terras que ficam entre o Tejo e o Mondego—2.ª, que Evora e Beja, podiam cortar o passo ao exercito portuguez, se se visse na necessidade de operar uma retiráda.

Responde-se:

Em 1139, já todos os territorios e povoações de Leiria, Ourem, Ega, Redinha, Soure, Pombal, Zêzere, Cardiga, Almourol, Céra e Penella, estavão livres da sujeição agarena, e formavam parte do reino de Portugal.

D. Affonso Henriques tinha 16 leguas de marcha para o sul, em territorio seu, e dos confins de Portugal d'então, pelo meio-dia, até Ourique, apenas medeiam 30 leguas em linha recta.

Vemos que o conde D. Henrique e sua mulher, já em 1111 tinham dado foral á villa de Soure.

Em 1128 deu D. Thereza aos templarios, não só a villa de Soure, mas todas as terras que se estendem desde Coimbra até Leiria.[1]

[1] Notemos porém que estas terras estavam então despovoadas, mas ainda em poder dos mouros.

Esta doação não se achava, já no seculo passado, no cartorio do mosteiro de Thomar; mas existem as bullas do Honorio III (1216)—Celestino IV (1241)—Alexandre IV (1254)—Urbano IV (1262)—e Clemente IV (1265) confirmando esta e outras doações ao mosteiro dos templarios, de Thomar, que todas (as doações) passaram, em 1311, para a ordem de Christo.

Estas bullas isentavam da jurisdicção episcopal, ficando directamante sujeitas á Sé Apostolica, as egrejas das villas e castellos da Ega, Pombal e Redinha.

Estas egrejas haviam sido construidas pelos templarios, que d'estas terras haviam expulsado os mouros.

Leiria tinha cahido em poder de D. Affonso Henriques, em 1135—Ourem, em 1136. Em 1137, deu foral á villa de Penella.

Alem d'isto—quando D. Affonso VI, sogro do conde D. Henrique, conquistou Santarem em 1093, destruiu todos os logares fortes das suas visinhanças; e quando o rei arabe, Cyro, reconquistou este territorio, em 1111, não reedificou as fortalezas arruinadas.

Foi o mestre do templo, D. Gualdim Paes, que removeu para Thomar o castello de Céra, e reedificou os de Almourol, Zêzere, e a maior parte dos que estavam arruinados.

Sabemos que no Rêgo da Murta havia um mosteiro de monges benedictinos, em 1159, fundado pelos christãos, que, estabelecidos em Penella, se tinham estendido pelos valles e margens do Nabão e Zêzere, até á margem direita do Tejo, tendo por limite meridional, o castello de Almourol, edificado (e já por D. Gualdim reconstruido) no meio d'este ultimo rio.

Sabemos tambem que a causa de Ismario, rei de Bética (Andaluzia) era commum aos mouros do Alemtejo, que todos votavam odio implacavel a *Ibne Errik* (D. Affonso Henriques) e aos portuguezes, pelas derrotas que lhes haviam dado: e que Ismario, não só convocára os quatro *reis* mouros, mas tambem outros mouros da Hespanha Ulterior e da Africa.

Os mouros d'Evora e de Beja, correram pois em ajuda de Ismario, não deixando nas suas fortalezas senão a guarnição indispensavel para a sua defeza.

Tudo isto sabia D. Affonso Henriques, pelos seus espiões, e nada tinha a recear na sua marcha, quer para á frente, quer em uma retirada.

Concordo em que, em todo o caso, a empreza do nosso 1.º rei era arriscadissima; porém elle fiava-se na surpreza que acção tão arrojada causaria nos mouros, e ainda mais na bravura nunca desmentida dos portuguezes.

O que ainda mais exaltou a coragem do principe, foi a visão divina de Ourique.

Bem sei que os modernos escriptores, inimigos de milagres, negam obstinadamente a *apparição d'Ourique* (como negam as *côrtes de Lamego* e outros factos gloriosos que a tradição constante de muitos seculos nos transmittiu.)

Li o que o sr. Alexandre Herculano escreveu sobre o *milagre d'Ourique*, na sua *Historia de Portugal* (tom. 1.º, pag. 327 a 329, e paginas 482 a 487, da 1.ª edição) e todos os folhetos de polemica — sobre tudo os muito notaveis do sr. padre *Recreio*; mas nós não temos precizão (nem lucro para a historia) de arrancar do coração do povo portuguez, esta consoladora e inoffensiva crença.

Póde escrever-se a historia e alludir mesmo a essa crença, sem a admittir; mas sem a atacar.

Não é *ponto de fé;* não acreditem que a *Deus tudo é possivel;* mas deixem dar-lhe credito os que em tudo pretendem ver o *Dedo de Deus.* [1]

[1] O grande D. frei Manuel do Cenaculo Villas Bôas, bispo de Beja, e, depois arcebispo de Evora, que ninguem se atreverá a apodar de ignorante ou *crendeiro*, escreveu e mandou imprimir em Lisboa, em 1791, os seus *Cuidados litterarios*, e n'elles a fl. 362 e seguintes, trata largamente da milagrosa apparição d'Ourique, *reproduzindo* resumidamente, o que diz o incansavel padre Antonio Pereira de Figueiredo, nos seus *Novos testemunhos*, que publicára em 1786, accrescentando-lhe outros testemunhos e muitas razões, tiradas do proprio local onde se deu a milagrosa batalha.

Tambem até meiados do seculo passado,

Na Cathedral de Lamego existe (ou existiu) uma *Kalenda*, ou *Martyrologio*, copiado em 1262, de outro *muito mais antigo*, provavelmente escripto proximo ao tempo da batalha de Ourique, ou, pelo menos, quando ainda vivessem muitos dos que n'ella se acharam.

Logo no principio d'este documento, se lê —*In loco, qui dicitur Oric, fuit prœlium inter Paganos, et Christianos, Præside Rege Ildefonso Portugalensi ex una parte, et Rege Paganorum Examare ex altera, qui ibidem mortem fugiendo...... evasit, in die Sancti Jacobi Apostoli, mense julii. E. M. G. 2 XXVII.*

No archivo da mitra archiepiscopal de Braga (gaveta da primasia, maço 1) em uma extensa inquirição de testemunhas, a que se procedeu judicialmente (pelos annos de 1182) para provar a primazia de Braga, contra as pretenções do arcebispo de Toledo, depõe *Garcia Liufreiz*, de Jaraz (Geraz) que disse ter 20 annos, quando se deu a batalha de Ourique. (*Tempore Belli Aurich.*)

Muitos documentos d'esta valia se terão desencaminhado pelo decurso do tempo, e talvez que não poucos nos fossem roubados pelos Philippes (como fizeram a grande quantidade de preciosos manuscriptos) e levados para a torre de Simancas.

Por uma certidão que existe na torre do tombo, se vê que os Philippes nos levaram d'este real archivo, *nove cofres*, ou caixões, *de livros e papeis da maior estimação, por antigos raros e preciosos.*

Dizem os que negam a batalha d'Ourique, que André de Rézende não mandou gravar a inscripção na memoria; talvez por se persuadir que não passava de uma patranha aquillo.

Não ha tal. Rézende diz que D. Sebastião se envergonhára da incuria e negligencia dos seus antecessores, em não terem aqui levantado um padrão, que perpetuasse a memoria de tão glorioso feito. (*Potuit illum incuriae, ac socordiae sœculi superioris.*)

Dizem tambem alguns, que a inscripção de Rézende se gravára no monumento e que os Philippes a mandaram picar.

Não é verdade. A inscripção nunca alli existiu.

Basta aos Philippes e seus ministros, os crimes reaes que commetteram durante o longo periodo de 60 annos contra Portugal, para os fazer detestaveis e detestados: não lhe augmentemos mais este crime imaginario.

Expuz as opiniões pró e contra a batalha d'Ourique, e o milagre da *visão* ou *apparição*. Cada qual siga a que mais lhe agradar —só direi:

Podem os sabios escrever livros sobre livros, contra estes dois factos—tentem provar, muito embora que são embusteiros e supersticiosos—o povo portuguez sempre fallará d'elles com orgulho; sempre

ninguem negou a portentosa victoria d'Ourique, ainda que alguns negassem o milagre.

Hoje nega-se este, e reduz-se aquella sanguinolenta batalha a uma insignificante escaramuça.

Note-se que Viterbo não dá credito ao famoso *juramento* de D. Affonso Henriques, feito no anno de 1152, que só 404 annos depois (1556) se diz existir no cartorio de Santa Cruz de Coimbra; e que depois appareceu no *armario das 3 chaves*, do cartorio do mosteiro d'Alcobaça, entre outros documentos falsos ou falsificados. (Vide *Elucidario*, vol. 1.°, pag. 225, da 2.ª edição.)

Viterbo não nega que houvesse o juramento, só afirma que o documento (pergaminho) d'Alcobaça, se não *é apocryfo*, é *apografo* (cópia) e discorda do de S. Vicente de Fóra.

N'aquelle se nomeiam bispos que existiam em 1151, e no de Santa Cruz, se nomeiam *Pedro, de Coimdra* e *Estevão, de Braga*, anachronismo evidente, que demonstra a supposição e pouco valor do documento. Veja-se a *Memoria* do laborioso frei Joaquim de Santo Agostinho, nas *Mem. da Real Acad.*, de 1793, tom. 5.°, fl. 297, no Codice 309.

A falsificação (ou invenção) d'estes documentos, é que tem fornecido aos que negam o milagre, o seu mais forte *cavallo de batalha.*

terá por verdadeira e importantissima, a BATALHA DE OURIQUE — e por incontestavel a APPARIÇÃO DE JESUS CHRISTO A D. AFFONSO HENRIQUES.

OURO—seu pézo e valor, nas moedas d'este metal, com curso auctorisado pelas leis portuguezas.

A todos os individuos deve interessar saber o pezo das moedas de ouro portuguezas de 5$000 réis, 2$000 réis e 1$000 réis, e o das inglezas (libra e meia libra sterlinas) de 4$500 réis e de 2$250 réis, unicas moedas estrangeiras que a legislação permitte circularem em Portugal.

Sabendo-se de côr o peso das indicadas moedas, é facil dissipar n'alguma occasião qualquer duvida ácerca do peso legal d'algumas d'ellas.

São o pezo das moedas de ouro portuguezas:

5$000 réis 8,867 grammas; 2$000 réis, 3,55 grammas; 1$000 réis, 1,77 ½ gr.

Confrontando com as moedas de ouro inglezas, temos:

4$500 réis, 7,984 grammas; 2$250 réis, 3,992 grammas.

A moeda de ouro portugueza de 8$000 réis (peça), quando apparece hoje no mercado, o que é rarissimo, causa grande admiração.

O seu pezo é de 14,151 grammas.

OUROLO ou **HOUROLO**—portuguez antigo—áro, ou circumferencia de qualquer demarcação, que internamente contem casaes sujeitos a certo foro, ou isentos de certos tributos e obrigações.

Ainda em Bragança se diz—*ourolo da cidade*.

E' termo muito frequente nos documentos do mosteiro de Castro de Avellans, do seculo XV.

Na baixa latinidade dizia-se *Oreillum*.

Em Lamego diz-se *áro*, por termo, ou suburbios da cidade.

OURONDO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 60 kilometros da Guarda, 240 a E. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Em 1757, tinha 79 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 120$000 réis de rendimento.

E' terra pouco fertil em cereaes; mas cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha abundancia de caça. Fica proximo á serra da Estrella.

Ourondo, é palavra gothica—nome proprio de homem.

OUROSINHO—freguezia, Beira Alta, concelho de Penedôno, comarca de S. João da Pesqueira (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Méda) 45 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

O administrador da capella de S. Nicoláu, do claustro da Sé, de Lamego, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

O seu primeiro nome parece que foi *Ourondosinho;* depois, por abreviatura, se chamou *Ourosinho*.

Terra pouco fertil em cereaes, mas produz optimo vinho, fructas, legumes e hortaliças. Gado e caça.

OUS—portuguez antigo (do seculo XIII) —hoje diz-se—*aos*.

OUSÁM—portuguez antigo—o mesmo que *ousamento*.

OUSAM—portuguez antigo — (do latino *audeo*) — atrevimento, insolencia, desaforo, etc.

OUSAMENTO—portuguez antigo—ousadia, confiança, atrevimento, etc.

OUSANÇA—portuguez antigo—o mesmo que *ousamento*.

OUSECRAR—portuguez antigo—obsecrar, pedir, rogar, supplicar, etc.—do latim *obsecro*.

OUSIA—portuguez antigo—a capella-mór de uma egreja. Vem do grego, *osíos*.

Nos documentos antigos de Lamego, se vê

escripto *oussia* para designar a capella-mór da Sé.

OUTÃA ou **OUTAN**—portuguez antigo—a parte que fica a prumo sobre a perna do animal—(*Uma perna de porco, com sua outãa.* Doc. d'Alpendurada, de 1398.) Queria dizer—uma perna de porco com seu presunto.

Hoje diz-se *outan* a parede lateral de qualquer edificio.

OUTÁAS — portuguez antigo—oitavas. A oitava parte de qualquer cousa. Doc. d'Alpendurada de 1317.

OUTÃO—aldeia, Extremadura. Vide *Villa Facaia.*

OUTEIRO—aldeia, Douro, 6 kilometros ao S. de Oliveira d'Azemeis, na freguezia da Branca (vol. 1.º, pag. 485, col. 2.ª) concelho do Pinheiro da Bemposta, e, desde 24 de outubro de 1855, do concelho d'Albergaria-Velha, comarca d'Águeda.

Esta freguezia, em razão da lavra das minas do *Palhal* e *Telhadella* (ou Talhadella) tem augmentado muito de população, e tem actualmente 450 fogos.

A pag. 486 do 1.º vol., col. 1.ª, disse que nasceu aqui o esclarecido jurisconsulto o sr. *Pereira Pinto.*

Hoje, competentemente habilitado para biographar este cavalheiro, accrescentarei o seguinte.

O sr. Antonio José Pereira Pinto, nasceu em 21 de outubro de 1802, no logar da *Barroca* (d'esta freguezia da Branca) que é o antigo solar da sua familia.

Era filho de lavradores honrados e ricos, que sempre se trataram á lei da nobreza, sendo a sua casa a mais distincta da freguezia.

Seu pae e avós, serviram os cargos principaes do concelho.

De tenra edade, foi para a casa da *Nogueira,* pertencente a um respeitavel clerigo seu tio, varão muito instruido e virtuoso, que se encarregou da sua educação, destinando-o para o estado ecclesiastico.

Tendo aprendido latim, no Pinheiro da Bemposta, com o professor regio, padre Joaquim Nunes da Silva, d'Albergaria Nova, passou para Aveiro, onde estudou rhetorica e poetica, com o eminente professor e orador sagrado, padre Manuel Xavier de Souza, no anno 1817 para 1818. No anno de 1819 a 1820 estudou philosophia racional e moral, tambem em Aveiro, com o eximio professor, o doutor Francisco Ignacio Domingues Ferreira de Mendonça, que então alli regia aquella cadeira: mais tarde, aprendeu tambem n'aquella mesma cidade, geometria. — Tendo, em 1819, recebido ordens menores, que lhe conferiu o sr. D. Manuel Pacheco de Rézende, 3.º e ultimo bispo sagrado d'aquella diocese, continuava no intento de ordenar-se.

Depois mudando de rumo, por impulso do dito seu mestre de philosophia, e da familia, foi para Coimbra em 14 d'outubro de 1820, e ahi, habilitando-se em poucos dias com os exames e approvação nas disciplinas preparatorias, matriculou-se no 1.º anno juridico em n.º 147, nos fins d'aquelle mesmo mez; formando-se, em 25 de junho de 1825, na faculdade de Canones, ainda então distincta da de Leis, e ambas ultimamente refundidas na de Direito.

Destinando-se então á advocacia, foi, no mesmo anno de 1825, para Aveiro, praticar com o abalisado jurisconsulto, João Licio Barbosa.

Então, ainda outra vez, movido do referido seu mestre de philosophia, que deixou a cadeira hindo para o Brasil, foi ao concurso d'ella, em 1826. — Obteve-a, e regeu-a por tres annos.

Tendo sido depois, em 1834 e 1836, nomeado pelo governo, juiz de fóra d'Eixo, e secretario da, então, administração geral do districto d'Aveiro, nenhum d'estes empregos acceitou. Limitou-se, em 1834, a servir interinamente, por alguns mezes, de delegado da policia da comarca d'Estarreja (de novo organisada), a qual teve de percorrer toda.

Por fim, aborrecido do continuo bolicio e reboliço das cidades e mais terras grandes, sempre agitadas pela e effervescencia da politica, deixou Aveiro, e recolheu-se á sua aldeia, eminentemente pacifica. — Alli applicou-se á advocacia, trabalhando muito, e fazendo alguma fortuna, não só no

escriptorio, mas tambem pelas audiencias geraes dos julgados e comarcas circumvisinhas, que precorreu a grandes distancias.

Em 12 d'abril de 1847, casou-se na freguezia de Palmares, na casa d'Alviães, com uma senhora, sobrinha do sr. doutor Caetano José d'Almeida Cardozo e de sua mulher, os quaes lhe dotaram a casa. — Apenas porém alli residiu uns tres annos, porque vendo-se privado de todas as pessoas da familia, que falleceram successivamente em menos de tres mezes, desde 26 de dezembro de 1849, até 13 de março de 1850, tornou para a sua casa da Branca, no mesmo anno de 1850, continuando com a advocacia.

Tambem, desde 1837 até 1853, serviu os principaes cargos da governança municipal da Villa da Bemposta, a cujo concelho, hoje extincto, então pertencia a Branca.

Passados annos, vendo-se com a saude muito damnificada, tanto pelo demasiado trabalho da advocacia, como principalmente pelos padecimentos chronicos que lhe sobrevieram, teve de fechar ultimamente o escriptorio, e entregar-se ás diversões campestres, que parece lhe reanimam a existencia.

E n'este precario estado se conserva, ha annos, na sua casa do Outeiro da Branca, onde reside, pertencendo-lhe tambem, pelo seu casamento, a casa d'Alviães, e a casa e quinta do Sobreiro, ambas na freguezia de Palmares, concelho d'Oliveira d'Azemeis.

Ao sr. Pereira Pinto, deve a Branca todos os melhoramentos parochiaes, publicos, que desfructa desde 1860 para cá; pois até áquelle tempo se conservára de todo estacionaria.

Com avultadas despezas, promoveu e conseguiu o concerto, reparos e aceio, não só da egreja matriz e do adro, mas tambem das seis capellas antigas, publicas, da parochia, que tudo se achava desmantelado, indecente e em misero estado: acabando por edificar, em 1870 e 1871, uma magestosa capella, da invocação de Nossa Senhora das Dores, a pouca distancia da egreja.

Ao seu zelo e constante sollicitude, se deve tambem a construcção d'uma casa nova, para a fabrica da egreja, e a do cemiterio dos ossos, ornado na frente com inscripções allusivas em tres lapides pretas: assim como a reedificação da residencia parochial, que estava arruinada, e a vir abaixo.

Egualmente promoveu e obteve a construcção a mac-adam, do ramal do caminho publico, desde a egreja até á estrada real, na extensão d'uns 600 metros, e a de varios outros caminhos e fontes publicas importantes, em beneficio da freguezia.

Mas nada o engrandeceu tanto, nem tornou tão benemerito da parochia, como a difficil empreza, bem lograda, de demarcar, como demarcou, a freguezia com as limitrophes, pelo sul, poente, e norte, restabelecendo os antigos limites e marcos d'ella, e recuperando assim para a sua freguezia muitos montes, terrenos baldios, que desde longo tempo se áchavam invadidos e usurpados pelos visinhos d'outras freguezias, á sombra da destruição dos antigos marcos e consequente confusão dos limites e extremas velhas. Com o que, creou para a parochia, varias fontes de receita, e um consideravel rendimento, que d'antes não tinha.

Em fim, tem sempre trabalhado muito pelo bem do temporal da Egreja, e pelo melhoramento e prosperidade da sua freguezia; com a singular fortuna da Providencia abençoar seus esforços com o feliz exito d'elles.

Factos notaveis da freguezia da Branca

1.º — Esta freguezia compõe-se de 26 logares, todos isolados e dispersos por uma superficie de terreno, cuja circumferencia sóbe a mais de 40 kilometros, e são — Carvalhaes, Cristéllo, Soutéllo, Albergaria a Nova, Fradéllos, Palhal, Cardeal, Samuel, Nebrijo, Espinheira, Relvas, Souto, Outeiro, Choque, Herdade, Cancella, Nogueira, Fundo de Villa, Coche, Estrada, Laginhas, Escuza, Arrochada, Cazaldima, Eiras, e Barróca.

De todos elles, os maiores e mais notaveis são — Albergaria a Nova, e Cazaldima.

2.º — Um negociante, natural do logar da Escuza, d'esta freguezia, chamado João Tavares, ha muitos annos estabelecido, e ultimamente fallecido em Lisboa, a 22 d'abril

de 1864, deixou um legado importante para pelo seu rendimento serem soccorridos os pobres mais necessitados d'esta mesma freguezia. Este legado veio em inscripções, e está a cargo da junta de parochia, que, em esmolas mensaes, reparte aos pobres mais precisados da freguezia os respectivos juros que recebe.

3.º—Desde o principio do seculo passado (1706 a 1712) existem erectas na egreja matriz d'esta freguezia, com auctorisação do bispo-conde de Coimbra, tres irmandades ou confrarias — a do Santissimo Sacramento, a da Senhora do Rosario, e a das Almas, as quaes teem prosperado sempre, principalmente agora a das Almas, que é a maior e hoje a mais florescente de todas d'estes arredores; o que é devido á exemplar administração, e constante e incançavel zelo do seu actual juiz, sr. Serafim Augusto Pereira, que serve já ha annos.

4.º—Desde longo tempo, tem nos seus cinco altares, a egreja matriz d'esta freguezia, primorosas imagens de Santos, ás quaes accresceu ultimamente uma bellissima imagem do Coração de Maria, que foi collocada dentro d'uma sumptuosa vidraça, no centro do altar do Espirito-Santo, um dos do lado direito da egreja. A acquisição d'sta nova imagem foi promovida pelo referido juiz da irmandade das Almas, Serafim Augusto Pereira, que a comprou á sua custa, e se empenha pela devoção e culto especial de Nossa Senhora, sob aquella invocação do Coração de Maria. E com o seu exemplo e impulso, vae fazendo aqui muitos e rapidos progressos aquella devoção.

5.º—Quatorze teem sido os parochos collados d'esta egreja de S. Vicente da Branca, nos tres seculos quasi decorridos desde 1580 até agora (1876). Não se remonta mais longe a memoria d'elles, embora a tradição faça a freguezia muito mais antiga.

Eis a serie successiva d'esses parochos:

1.º—O prior Pedro Nunes, o Theologo, que morreu em 24 de fevereiro de 1586.

2.º—Francisco Raymundo de Queiroz, que morreu em 3 d'agosto de 1617.

3.º—Manuel Camello de Figueirôa, que morreu a 27 de novembro de 1631.

4.º—Manuel Mendes, que morreu a 23 de maio de 1657.

5.º—Pedro Dias Roque, que parochiou só dois annos, porque se foi, tendo trocado o beneficio com o seguinte —

6.º—Sebastião Luizão Fontoura, que morreu em 21 de novembro de 1689.

7.º—Bernardo Torres da Silva, que tomou posse da egreja no 1.º d'agosto de 1690. Não se sabe quando morreu.

8.º—João de Souza e Menezes, tomou posse da egreja em 2 de fevereiro de 1700, e falleceu em 24 de janeiro de 1749. — Era o fidalgo das Cavadas.

9.º—Amaro Manuel de Souza, tomou posse da egreja em 24 de novembro de 1752, e morreu em 5 de janeiro de 1797, tendo renunciado no sobrinho, D. Manuel da Madre de Deus de Souza Barbosa, em 1788. Jaz na capella-mór da egreja, com fama de santo.

10.º—D. Manuel da Madre de Deus de Souza Barbosa, frade cruzio e conventual, primeiro em Mafra, e por ultimo em Grijó; tomou posse da egreja em virtude da renuncia do tio (o prior antecedente), em 19 de fevereiro de 1789, e morreu em 10 de julho de 1812.

11.º—Manuel Bernardo Ribeiro de Brito, ex-frade loyo, tomou posse da egreja em 12 de setembro de 1813.—Residiu até 1830, em que, obtendo breve de *non residendo*, foi-se embora para o Porto, d'onde era natural, deixando na egreja por encommendado o padre José Marques dos Santos, do logar de Mouquim, freguezia de Valle maior, que esteve na egreja até junho de 1834, como encommendado, e tornou a ser parocho depois do seguinte.

12.º—Antonio de Mattos, d'ao pé de S. Pedro do Sul; foi despachado prior d'esta egreja, por decreto de 13 de dezembro de 1841, collando-se em Aveiro, em 7 de julho de 1843, veio tomar posse da egreja em 12 d'outubro de 1844.—Mas não residiu nem parochiou, porque se foi logo embora, e morreu pouco depois.

13.º—José Marques dos Santos, tomou posse da egreja em 10 de fevereiro de 1848, e morreu a 7 de maio de 1863. — Veio

transferido da egreja de Reveles, bispado de Coimbra, onde era parocho collado.

14.º—O sr. José Pereira Leitão, natural de Villarinho do Bairro, na Bairrada, que é aqui o prior actual. Tomou posse da egreja em dia de S. Vicente, que é o padroeiro, a 22 de janeiro de 1865, e vae-se desempenhando muito bem dos seus deveres, com zello constante e actividade admiravel: curando elle só, á falta de sacerdotes que o coadjuvem, a freguezia, que hoje é tão populosa, como dispersa.

E' á freguezia da Branca:

1.º—O centro e a séde do estabelecimento mineiro do Palhal e Carvalhal, que é um dos maiores do reino, senão o maior.

2.º—Tem uma fabrica de sabão no logar da Escusa.

3.º—Tem uma feira mensal a 22 de cada mez, no logar da Espinheira.

4.º—A egreja matriz, que é um grande, lindo e magestoso templo, fica n'uma eminencia, e com bellas e largas vistas para o mar.

E' d'uma só nave com cinco altares. Foi edificada em 1693 e 1694. Tem a torre ao cimo por detraz da capella-mór, que é toda de abobada.

E' tradição que os sinos, antes de se fazer a torre, estiveram por alguns annos, pendurados n'um grande carvalho, que havia ao fundo do adro, defronte da porta principal da egreja, o qual se ficou chamando sempre o carvalho do sino.

Era uma arvore gigante e um respeitavel monumento da antiguidade.

Tanto bastou para elle não poder resistir aos golpes do moderno machado devastador, que ha annos o derrubou, exultando ainda em cima com a sua obra de destruição.

5.º—A freguezia tem doze capellas, dispersas por toda ella, sendo seis publicas, e outras seis particulares, modernamente edificadas.

As publicas são a de Santa Luzia, que é antiquissima, no logar de Cristéllo — a de Sant'Anna, no de Soutéllo — a da Senhora das Dôres, e a da Senhora da Alegria, em Albergaria a Nova — a de S. Marcos, no logar de Fradéllos; e a de S. Julião, no do Outeiro, a pouca distancia da egreja.

D'estas as tres: de Sant'Anna, Senhora das Dores, e Senhora da Alegria, padeceram muito pela invasão franceza de 1809, por que as tropas ao virem do Porto, onde entraram a 29 de março, acamparam por Albergaria a Nova até Soutéllo, e por ahi estiveram até maio seguinte.

As capellas particulares, pertencentes aos donos que as fundaram, edificaram e dotaram, são a da Senhora do Bom Successo, no logar das Laginhas; a da Senhora das Febres, em Samuel; a do Coração de Maria, na Estrada; a do Senhor dos Afflictos, na Escuza; a da Senhora das Dores, á Cruz do Zangarinhal, ao poente e a pouca distancia da egreja; e emfim uma outra, ainda em construcção, no logar da Barroca, tambem proximo da egreja.

Quanto á de S. Julião, diz-se que ella antigamente estivera primeiro no alto da serra proxima, que corre pelo nascente, chamada por isso como ainda hoje é, a serra, ou o monte de S. Julião, mas que pelo andar do tempo, o santo, fugindo de noite, da sua capella lá do alto, apparecia de manhan sobre um castanheiro, na falda da mesma serra, do lado do poente, junto ao logar do Outeiro, e por mais vezes que o levassem lá para cima, sempre teimava a fugir, para cima da mesma arvore, dando assim a saber que queria residir por alli. Que por isso se lhe edificára a nova capella, que tambem é muito antiga, no sitio onde hoje está; sendo demolida a outra da corôa do monte, onde até ha pouco se viam vestigios das suas ruinas.

Tal é a lenda ou tradição.

6.º—Nos principios do seculo passado, houve n'esta freguezia um hospicio de frades prégadores (dominicos) estabelecido na quinta das Cavadas, ao sul, e a pouca distancia da egreja, pelo prior João de Sousa e Menezes, que parochiou aqui desde 2 de fevereiro de 1700 até 24 de janeiro de 1749.

Trouxe os frades para aquella sua quinta, aonde residia, com o fim d'elles o coadjuvarem no ministerio parochial. Porém passa-

dos poucos annos teve de os despedir, por elles não corresponderem ao seu fim.

O mesmo prior, vulgarmente conhecido pelo fidalgo das Cavadas, por sua morte deixou a quinta com o hospicio a um sobrinho, o qual a vendeu á Misericordia de Lisboa, e esta a aforou depois a uma familia do logar do Souto, visinha da mesma quinta, cujos successores ainda hoje a possuem como emphiteutas, pagando o respectivo foro á Misericordia, como senhoria util, pois o senhorio directo era outr'ora o marquez d'Angeja.

O hospicio tinha um dormitorio com umas dezoito cellas e uma capella, e todas as mais officinas d'um pequeno convento.

A quinta era arruada, e ajardinada, com fontes, tanques, latadas, passeios de recreio, sobresaindo a tudo a fonte de S. João.

Era o primor da freguezia, porque abundava em bellezas e mimos da natureza e da arte.

Mas hoje nada absolutamente resta, nem do edificio do hospicio, que todo cahiu derribado ás mãos do tempo, e do camartello destruidor, sendo vendidos os materiaes; nem das antigas bellezas da quinta, que se acha hoje reduzida a um miseravel predio rustico, e até quasi abandonada da cultura.

7.º—Na esplanada do alto da referida serra de S. Julião, que é elevadissima, e se prolonga quatro a cinco kilometros ao Este da freguezia, em linha norte-sul, ha ainda hoje vestigios de uma atalaya, ou forte intrincheiramento, em toda a circumferencia do plaino, na extensão d'uns trezentos metros de comprido, de norte a sul, e cento e vinte de largo, divizando-se ainda parte da valla, ou cava exterior, e da linha do parapeito em toda a valla, e do lado do nascente por detraz da serra uma sahida e estrada larga pela encosta do monte abaixo, com muros ou cortinas lateraes de pedra e terraço.

E' tradição velha que os mouros tiveram alli um forte, como centro em correspondencia ao da Feira ao norte, e ao do Vouga ao sul, ficando este ponto da serra de S. Julião sobranceiro, e a pouca distancia da estrada mourisca, que ia pela planicie proxima do poente, do sul ao norte.

Esta tradição se avivou ha cousa de trinta annos, pelo apparecimento n'uma escavação, n'aquelle sitio, de uma grande peça de ferro, já muito carcomida da ferrugem, com um buraco no centro, inculcando ser de roda de machina de trituração ou moagem.

As escamas que cahiam do ferro, cortadas profundamente da ferrugem, indicavam que ella estava alli enterrada ha centenares de annos.

A humidade da terra e a acção do tempo a tinham reduzido a um méro esqueleto.

8.º—No primeiro terço d'este seculo, viveram e morreram n'esta freguezia, em uma sua quinta, sita abaixo do logar das Laginhas, dois irmãos solteiros, José Pedro Ferreira da Cunha, e Francisco Ferreira da Cunha.

Eram filhos d'um antigo sargento-mór da comarca d'Aveiro, pessoa de grande vulto e representação no seu tempo.

Ambos elles eram pessoas de bem e mui destinctas pela sua nobreza e qualidades.

José Pedro, que era o mais velho, tinha o foro de moço-fidalgo da casa real.

Por carencia de meios e de recursos, viveram e morreram pobres, e nos braços da caridade, estes dois notaveis anciãos, bem dignos de melhor sorte.

José Pedro morreu a 29 de agosto de 1832, e Francisco Ferreira a 30 de outubro de 1833.

Por sua morte, foram demolidas as casas da sua vivenda, e os materiaes vendidos.

A quinta foi e está reduzida a um matto e pinhal, ermo e medonho.

Apenas ao longo do caminho publico, do lado do nascente da quinta, restam umas poucas de oliveiras, vivendo á parceria com os pinheiros, os quaes attestam a quem passa, que o terreno fôra outr'ora cultivado, e porventura que alli morára alguem.

—

A nova capella particular (a 6.ª) que disse andava a construir-se no logar da Barroca, é dedicada ao Çoração de Jesus.

—

No sitio do *Chãozinho*, junto ao logar do *Nebrijo*, e ao pé do caminho publico, ha uma

nascente d'agua ferrea, ultimamente descoberta. Ainda não foi, nem será tão cedo, competentemente analysada; mas, no parecer d'alguns facultativos d'estes arredores, é boa, e se não superior, egual em qualidade, á d'uma outra fonte já antiga e mui acreditada, que ha na proxima freguezia de Palmares, no sitio de Beirô, limites do logar de Villarinho de S. Luiz, a distancia de 4 kilometros, pouco mais ou menos, para o lado do nordeste.

—

Sobre o muro da porta do cemiterio dos ossos, ao cimo do adro da egreja d'esta freguezia, junto á torre, existem levantadas tres lapides de louza preta, com as seguintes legendas em letras mayusculas douradas.

Na do meio, que está sobre a porta da entrada do cemiterio, virada para o adro, lê-se — Aspice Viator.

E nas outras duas vêem-se quatro quartetos ou quadras. Os da lapide da direita, que fica á esquerda do observador, são estes:

Da morte o fatal estrago vinde vêr,
Vinde do mundo o nada examinar;
É aqui onde se aprende a bem viver,
É aqui aonde tudo vem parar.

A vida é vento que foge a correr,
Morre-se a viver, e morre-se ao nascer;
Nada no mundo misero tem dura,
Cahe-se do berço aqui na sepultura.

E os da esquerda (direita do leitor) são est'outros:

Viventes, como vós, fomos outr'ora;
Estamos aqui horridas caveiras.
Em breve sereis, como nós agora,
D'humanidade cinzas derradeiras.

Eis do mundo o quadro deshumano,
Das vaidades serio desengano:
Tudo na terra é pura vaidade,
E só é permanente a Eternidade.

OUTEIRO—sitio na cidade de Lisboa, antigamente assim chamado, pela sua elevada posição. O largo de Santa Marinha, a rua e travessa do mesmo nome, a rua de S. Vicente, a rua da Oliveira, a calçada da Graça, as Monicas, as Escolas-Geraes, a calçadinha do Tijolo, etc., occupam agora o logar a que antigamente se chamava *Outeiro*. (Vol. 4.º, pag. 211, col. 1.ª)

Onde hoje se vê o *largo de Santa Marinha*, existiu a egreja matriz da mesma invocação, vulgarmente chamada *Santa Marinha do Outeiro*. Esta parochia está hoje unida á de Santo André.

A egreja de Santa Marinha, era uma das mais antigas de Lisboa. Quando os portuguezes tomaram esta cidade, em 1147, era uma mesquita mourisca. Foi logo purificada, benzida, e convertida em egreja christan, sob a invocação de Santa Marinha; mas conservou por mais de cinco seculos a sua architectura, sem alteração. Era um templo escuro, baixo, com a sua arcaria muito abatida; finalmente, impropria de uma capital.

Pelos annos de 1660, foi nomeado prior d'esta freguezia, o doutor Sebastião Diniz Velho (que depois foi inquisidor da mesa grande), o qual, com o seu zêlo e sollicitude, e mesmo concorrendo com bastantes despezas, reedificou este templo, que ficou sendo um dos mais formosos de Lisboa. Teve que ser demolida a antiga egreja, construindo-se de novo as paredes, e fazendo-se uma nova capella-mór, com um elegante arco, e toda fechada de abobada, e uma optima sachristia.

Sobre a porta principal tinha a seguinte inscripção:

NO ANNO DE 1222[1] FOY CONSAGRADA
ESTA EGREJA, AOS 12 DE DEZEMBRO.

O desembargador João Cabral de Barros, fez á sua custa a capella-mór, ou, pelo menos, concorreu por muito para esta obra, pois foi feito seu padroeiro.

Tinha mais tres capellas—A de *Nossa Senhora da Boa Nova*, fundada por frei João Brandão Pereira, bailio de Negroponto e commendador das commendas de Oliveira do Hospital, e Aguas-Santas (na Maia), da ordem de Malta.

[1] (de Jesus Christo.)

Foi aqui sepultado em um magnifico mausoleu, sustentado por dois elefantes, dentro d'um arco, que ficava fronteiro á porta principal. Este padroado passou depois para os senhores de Pancas.

A de *Nossa Senhora da Conceição*, feita pelo povo da parochia.

A de *Nossa Senhora da Natividade*. Estava junto ao côro, e era a mais antiga das tres. Era annexa ao priorado da egreja, e era a que o tornava um dos bons de Lisboa, pois, só a capella rendia 700$000 réis, o que n'aquelle tempo era importantissimo.

O primeiro prior d'esta freguezia, foi João Ennes Salgado, segundo se via da inscripção gravada no seu tumulo, que dizia:

AQUI JAZEM OS OSSOS DE JANEENES SALGADO, PRIMEYRO ADMINISTRADOR QUE TEVE ESTA CAPELLA, INSTITUIDA POR PEDRO SALGADO, NA ERA DE 1341. (1303 de J.-C.) THESOUREIRO-MÓR QUE FOY DELREI DOM DINIZ, A QUAL HE UNIDA AO PADROADO D'ESTA EGREJA. AQUI POSTOS, NO ANNO DE 1625.

Este priorado rendia então, mais de oitocentos mil réis. Tinha cinco beneficiados, cada um com 100$000 réis.

OUTEIRO —Vide *Parada do Outeiro*.

OUTEIRO (S. Miguel do)—villa, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella, etc.

Esta villa já fica descripta, no fim da 2.ª col. de pag. 218 e na 1.ª da 219 do 5.º volume; mas, como depois d'isso teve logar o fallecimento de um verdadeiro homem de bem, dou aqui a noticia de quem era.

No jornal catholico, a «ATALAIA,» que se publica em Viseu, e no seu numero 81, de 18 de agosto de 1875, se lê o seguinte:

Fallecimento.—Na manhan do dia 16 do corrente morreu, na quinta de Carvalhiços, freguezia de S. Miguel d'Outeiro, o ex.mo sr. Antonio da Costa Brandão e Brito.

Era um cavalheiro digno a todos os respeitos.

A legitimidade perdeu um soldado dedicado, que soube ser sempre fiel á sua bandeira.

Sentimos o passamento do homem, que tão prestante foi á sociedade, e associamos-nos á dôr dos seus.

—Na manhan do mesmo dia finou-se tambem, em Viseu, a ex.ma sr.ª D. Maria Alfredo de Mesquita e Veiga Castello Branco, tia dos ex.mos srs. dr. Frederico de Abreu Gouvêa e José Bernardino de Abreu Gouvêa.

Em o n.º 1406, do *Jornal da Noite*, correspondente ao dia 18 de agosto de 1875, se vê o necrologio do cavalheiro fallecido, escripto pelo nosso mavioso poeta e distincto escriptor, o sr. Thomaz Ribeiro.—É o seguinte:

«Morreu na sua casa de Carvalhiços, na Beira-Alta, o sr. Antonio da Costa Brandão e Albuquerque de Brito e Mesquita Castello Branco, victima de uma lesão do coração.

«Na noite de domingo, 15 d'este mez, exhalava este cavalheiro o ultimo alento, nos braços de sua extremosa familia, que ficará, para longo tempo, inconsolavel, como todos os seus amigos e visinhos e quantos eram sabedores das suas singulares virtudes.

«Contava 65 annos incompletos, pois nascera em dezembro de 1810. As tradições da sua familia levaram-no para o campo *absolutista*, como a quasi todas as familias principaes de ao pé da serra da Estrella, e por esta causa, era em 1832, na edade de 21 annos, coronel de voluntarios realistas de Arganil. Foi sempre considerado como valente e brioso official, recebendo varios ferimentos durante a campanha.

«Na celebre acção do dia de S. Miguel, deveu a vida a ter de levantar-se nos estribos para melhor vêr o que se passava na sua frente, porque n'esse momento uma bala lhe atravessava uma das pernas e deixava no assento do selim o traço da sua passagem, entrando-lhe na outra perna, onde ficou.

«O que principalmente caracterisava o seu valor, era um admiravel sangue-frio nas occasiões mais apertadas.—Na vespera de uma acção em que tinha de entrar, contavam os officiaes que serviam com elle ou ás suas ordens, quando todos, pensando na possibilidade da morte, escreviam ás suas familias sentidas expressões de affecto e de saudade, elle, o coronel imberbe, escarnecendo dos perigos, encostava a cabeça loira sobre uma pedra do acampamento; pouco depois vinham sorrisos e phrases entrecortadas pro

var aos preoccupados camaradas, que a mesma confiança placida que o animava acordado, o acalentava dormindo.

«Era o joven coronel um gentil cavalleiro, e d'elle se conta que, correndo a toda a brida, se curvava do cavallo e apanhava do chão um lenço que alli estivesse.

«Na Asseiceira commandou uma brigada, e quando na retirada bebia um copo d'agua na Atalaya, esteve em risco de ser aprisionado por um troço de lanceiros, do que se livrou por destreza, visto que a lucta era impossivel. Seguiu para Evora-Monte, a cuja capitulação assistiu, e presava-se de ter acompanhado o seu rei até Sines, e de, já a bordo, lhe ter beijado a mão pela ultima vez.

«Ninguem cumpriu mais honradamente os seus deveres de lealdade, e ninguem, depois da grande catastrophe, se recolheu mais nobremente resignado ao seio da sua familia.

«Todos sabem que odios ficaram ainda depois de 1834, nas faldas da serra da Estrella; todos conhecem a longa serie de crimes, de perseguições, de vinganças e represalias, que não sei se já hoje se podem considerar de todo extinctas; pois o morgado de Oliveirinha foi sempre respeitado e, o que mais é, estimado por todos os constitucionaes. Que melhor prova da sua probidade, da sua cortezania e da bondade d'aquelle coração, em que nunca se albergou um odio nem um desejo de perseguição ou de vingança? Na sua casa, um dos mais agradaveis centros de reunião de toda a provincia, nunca distinguiu partidarios, com quanto morresse mantendo inteira a fé em que sempre vivêra e pela qual derramou sangue. — Senhor de differentes morgados, seus irmãos, emquanto precisaram das suas mezadas, viveram sempre em maior abundancia do que elle, que tudo achava pouco para lhes promover a sua educação e para os vêr felizes, fazendo d'elles a sua gloria e a sua maior ventura. Abençoou-lhe Deus os esforços, e os seus estremecidos irmãos sahiram dignos d'elle.

«Casou com a ex.ma sr.a D. Anna Cardoso do Loureiro Castello Branco, da illustre familia do Loureiro, e achando na esposa as virtudes de que era digno, d'ella houve dois filhos, que hoje herdam, com o seu nome e a sua avultada riqueza, o encargo de continuarem, sem desmerecimento, as gloriosas e honradas tradições da sua familia; e dos prós e do encargo, os tenho por muito dignos.

«Era o illustre finado fidalgo da casa real, commendador de Christo e da Conceição, e condecorado com varios habitos e medalhas de distincção, por acções de valor e lealdade.

«Era acima de tudo um dos melhores corações que eu tenho conhecido.

«Já no periodo liberal poderia ter acceitado titulos e distincções nobiliarias que por vezes lhe foram offerecidas; quiz morrer com o seu nome, visto que guardava immaculada a sua fé. Não era desdem pelas honras que lhe offereciam lealmente os adversarios, era pudor pelas suas cicatrizes e pela desventura dos seus camaradas; que elle era tolerantissimo em politica, e estava sempre prompto a ajudar os liberaes nos seus esforços administrativos.

«Aqui offereço a toda a sua illustre familia o signal da minha profunda saudade.

«Lisboa, 18 d'agosto de 1875.

«*Thomaz Ribeiro.*»

OUTEIRO—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 35 kilometros ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa,

Tem 180 fogos.

Em 1757 tinha 148 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Os collegios de S. Bento e de S. Jeronymo, de Coimbra, apresentavam alternativamente o vigario, perpetuo, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

E' terra fertil. Muito gado e caça.

OUTEIRO—Nos foraes dados por el-rei D. Manuel, encontra-se com frequencia o termo de—*fazer outeiro*—significa—*fazer montaria.*

Nos conventos de freiras, quando se fazia eleição da abadessa, havia grande festa no mosteiro, que durava alguns dias.

Chamavam-se *festas do abbadessado.*

Durante estas festas, havia todas as noites *outeiro*—isto é—os mais famosos poetas

repentistas, hiam para alli recitar as suas poesias, glosando os *motes* que lhes davam as freiras ou seculares.

Notemos porém que muitos d'elles haviam recebido os motes muitos dias antes, de combinação com quem lhos havia de dar em certa noite.

Nem faltavam *poetas*, que nem eram capazes de engendrar uma quadra; mas que recebiam os motes com muita antecipação, pediam a quem lhos glosasse, decoravam-os e lá os hiam exhibir como seus.

Os *outeiros* de maior nomeada em Portugal, eram os de *Odivellas*, e alli affluiam os versejadores de mais fama, tanto de Lisboa, como das provincias.

OUTEIRO—villa, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 16 kilometros de Bragança, 33 kilometros ao N.O. de Miranda, 475 ao N. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

O cabido da Sé de Bragança, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Tem annexa a antiga freguezia de *Paradinha do Outeiro*, que tinha em 1757, 81 fogos—vindo portanto a ter então estas duas freguezias, 171 fogos; pelo que se vê que tem havido decrescimento da população d'estas duas parochias.

O orago de *Paradinha*, era S. Miguel, archanjo, e o cura era da apresentação de um beneficiado da Sé de Bragança.

Tinha (o cura) 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Era um antigo concelho, com 1:200 fogos que foi supprimido em 1853.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 11 de novembro de 1514. (*L.º de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 44, col. 2.ª) Serve tambem para *Quintanilha e Veigas*, duas freguezias hoje annexas.

No foral se lhe dá o nome de *Outeiro de Miranda*.

O nome d'esta villa lhe provém da sua posição, pois está situada no alto de um monte.

Como a historia de Nossa Senhora da Ribeira, na freguezia de S. Thomé de Quintanilha, se prende com a d'esta villa, tratarei aqui d'esta outr'ora famosa capella.

Na planicie ao sopé da villa, está a freguezia de Quintanilha, junto de uma ribeira, que pouco abaixo se mette no rio de *Maçans*, que nascendo em Hespanha, divide por algumas leguas, a raia, entre este reino e o nosso.

Entra na esquerda do Sabôr, quasi em frente das *Talhas*. (Vol. 5.º, pag. 6, col. 2.ª)

Proximo da ribeira está a capella de *Nossa Senhora*, por isso denominada da *Ribeira*.

E' um templo vasto, e que antigamente era prodigiosamente concorrido por peregrinos e romeiros, em quasi todo o anno.

Diz a lenda, que a imagem da Santissima Virgem appareceu a uma pastorinha muda de nascimento, e que desde então ficou fallando claramente, para annunciar este apparecimento aos povos d'estes sitios; os quaes em vista d'este milagre, trataram logo de construir uma ermidinha á santa imagem.

A fama dos milagres attribuidos á Senhora, attrahiu logo muitos devotos, que com as suas offertas concorreram para que o templosinho se fosse pouco a pouco adornando.

Não se sabe a data do apparecimento da imagem da padroeira: suppõe-se que foi no reinado de D. Affonso III, entre os annos 1250 e 1270; porque quando D. Diniz se desposou com a rainha, Santa Isabel (julho de 1282) já existia esta ermida havia annos.

Santa Isabel, quando veiu para Portugal, entrou por estas terras, e chegando á capella, viu alli um grande concurso de gente, e perguntando a causa d'este ajuntamento, lhe disseram que não havia muitos annos que n'este mesmo logar tinha apparecido uma imagem de Nossa Senhora, venerada de todos, pelas muitas maravilhas que obrava.

Apeou-se logo a santa rainha, e entrou na capella a fazer oração á padroeira, e collocar-se debaixo do seu patrocinio.

Affeiçoou-se tanto á divina formosura da imagem, que logo decidiu mandar-lhe fazer um templo mais amplo, e com capacidade para o grande numero de romeiros que affluiam aqui n'esses tempos. Chegando a Lisboa communicou ao rei a sua tenção.

D. Diniz, que tambem tinha resolvido edificar um castello no monte sobranceiro, pela sua forte posição, e por ficar na extremidade dos seus dominios, annuiu aos desejos de sua esposa, e mandou logo construir a fortaleza, e ampliar a capella, que ainda é a actual.

Foi assim que teve principio a villa do Outeiro.

Santa Isabel designou algumas rendas para a fabrica d'esta egreja.

Foram uns foros que em varios logares da villa do Outeiro, se pagavam á corôa, e depois se ficaram pagando ao cabido da Sé de Miranda, que administrava esta capella.

Estas rendas tinham sido primeiramente dos frades benedictinos de *Castro de Avellans*, supprimido em 1545, por D. João III, (vol. 2.º, pag. 202.)

Em 1220, com auctorisação de D. Affonso II, haviam os monges trocado esta abbadia, pelas terras chamadas do Outeiro, onde depois se edificou a villa d'este nome, no reinado de D. Diniz.

Depois passaram as rendas a pertencer a uma commenda da ordem de Christo.

Mais tarde D. João III, e seu irmão, o cardeal (depois rei) D. Henrique, que era então arcebispo de Braga, largaram estas terras com todos os direitos que n'ellas tinham, para se agregarem á mesa episcopal e capitular de Miranda; em cujos bens e rendas succedeu o cabido; por lh'os haver applicado o papa Paulo III, quando se creou a cathedral de Miranda: tirando-os á capella da Ribeira, sua legitima possuidora por doação regia de D. Diniz, e sua mulher.

Este templo é um dos melhores do bispado, e das maiores egrejas ruraes do reino que não são matrizes de freguezia.

Denomina-se tambem a padroeira *Nossa Senhora dos Prazeres*, e é no dia da festa d'esta Senhora que alli se faz a festa a Nossa Senhora da Ribeira.

No mesmo dia da festa, se fazia aqui uma grande feira annual, que era muito concorrida, por portuguezes e castelhanos.

Teve uma irmandade, confirmada por bulla pontificia, com jubileu.

Entrava sempre na eleição annual dos mordomos, um castelhano.

Teve por alguns seculos, um eremitão, ecclesiastico, da apresentação do bispo de Miranda (hoje de Bragança.)

O clima d'esta villa é muito frio, mas saudavel, e o seu territorio muito fertil; mas apezar d'isto, a povoação está muito decadente, e seus predios em grande parte arruinados.

A suppressão do seu concelho, tirou-lhe muita importancia.

Em 8 de maio de 1866, foi feito visconde do Outeiro, o sr Jeronymo Trigueiros de Aragão.

Trigueiros é um appellido nobre em Portugal, procedente de Hespanha, tomado da villa de Trigueiros, no condado de Niebla (Andaluzia.)

Passou a este reino, na pessoa de Antonio Trigueiros, trinchante da rainha D. Maria, segunda mulher do rei D. Manuel; [1] e este deu a Trigueiros e a seus filhos, o fôro de fidalgo da sua casa.

D'esta varonia, foi Manuel Trigueiros de Castello-Branco, senhor do morgado da *Caxoeira*, no termo de Leiria.

[1] D. Manuel casou em primeiras nupcias, com a filha mais velha dos reis catholicos, Fernando e Isabel.

Em segundas nupcias, com D. Maria, filha segunda dos mesmos reis; e em terceiras, com D. Leonor, filha de Philippe I, de Castella.

Do 1.º casamento, teve D. Miguel, que foi jurado principe herdeiro de Castella, e morreu no berço.

Do 2.º, D. João, depois 3.º; D. Isabel, mulher do imperador Carlos V; D. Brites, a célebre Mathilde de Saboya (por casar com o duque d'este senhorio); D. Luiz, duque de Beja (pae do rei D. Manuel); D. Fernando, duque da Guarda; D. Affonso e D. Henrique, cardeaes (este rei); D. Duarte, duque de Guimarães; D. Maria e D. Antonia, que morreram creanças.

Do 3.º matrimonio, teve D. Carlos, que morreu menino; e D. Maria, senhora de Viseu e Torres Vedras.

Os Trigueiros trazem por armas—em campo verde, cinco espigas de trigo, de ouro, em aspa—timbre, o passaro chamado *trigueiro*, da sua côr, com uma espiga de ouro no bico.

OUTEIRO — freguezia, Minho, concelho, comarca e districto administrativo de Vianna, 50 kilometros ao O. de Braga, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757, tinha 170 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga.

As freiras benedictinas de Vianna, apresentavam o vigario collado, que tinha 120$000 réis de rendimento.

E' terra fertil. Cria muito gado.

Tinha sido primeiramente abbadia.

Um dos abbades, deu esta egreja ás taes freiras, em sua vida, d'elle, por uma bulla que impetraram da Curia.

Por fallecimento do abbade, ellas obtiveram uma nova bulla, pela qual nomearam vigario; porém morto este, seu successor quiz obstar a esta doação, requerendo a Roma, e allegando, com a verdade, que a doação só se podia entender, e só podia ter effeito, durante a vida do doador.

Então a abbadessa, protegida pelo arcebispo de Braga, D. Luiz de Sousa, mandou algumas das suas religiosas habitar na residencia parochial do Outeiro, para não perderem a posse; mas, o papa deferiu ao requerimento do vigario, e ellas, depois de aqui residirem alguns annos, tiveram que regressar ao mosteiro de Vianna.

OUTEIRO—vide *S. Miguel do Outeiro.*

OUTEIRO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Monte-Alegre, 70 kilometros ao N.E. de Braga, 415 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Orago, S. Thomé, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real,

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

E' terra pouco fertil em cereaes; mas cria muito gado, sobre tudo bovino, que é optimo para os serviços agricolas.

Nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

OUTEIRO—freguezia, Alemtejo, concelho de Portel, comarca, districto administrativo e 30 kilometros d'Evora, 120 ao S.E. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado de Beja.

Foi do concelho de Monçaraz.

Para se distinguir dos outros, se lhe dá o nome de Outeiro d'Ouriolla.

O arcediago d'Evora e depois o de Beja, apresentavam o cura, que tinha 90 alqueires de trigo e 30 de cevada.

Seu territorio é pouco fertil; mas cria muito gado, principalmente suino. Nos seus montados ha muita caça.

OUTEIRO DA CORTIÇADA—freguezia, Extremadura, concelho de Rio-Maior, comarca, districto administrativo e 30 kilometros ao E. de Santarem, 80 kilometros ao N.E. de Lisboa. Tem 100 fogos.

Orago, Nossa Senhora.

Patriarchado.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

E' terra fertil.

OUTEIRO DE GATOS—freguezia, Beira-Baixa, concelho da Meda, comarca de Villa Nova de Fóz-Côa, bispado e 54 kilometros de Lamego, 350 ao N.E. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757, tinha 123 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Districto administrativo de Viseu.

O abbade da Casteição apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' terra fertil. Gado e caça.

OUTEIRO-JUSÃO [1]—aldeia, na freguezia de Samaiões (Nossa Senhora da Espectação) na comarca, concelho e 3 kilometros de Chaves.

Districto administrativo de Villa Real, arcebispado de Braga.

Este logar foi freguezia, que ha mais de 150 annos está unida a Samaiões.

[1] Significa *Outeiro de Baixo.*

E' povoação antiquissima, e, com toda a certeza, habitada no tempo dos romanos.

Aqui viveu uma familia patricia, denominada dos *Claudios Flavios.*

Aqui appareceu no seculo XVIII, um cippo com esta inscripção:

DAPHNUS
CLAUDI FLA-
VI HEREDUM
LIBERTUS
AN. . . . LX.
HIC S. EST.
S. T. T. L.
SINETHE CON
LIBERTO ET SIBI

(Aqui jaz Daphno, liberto (escravo fôrro) dos herdeiros de Claudio Flavio. A terra lhe seja leve. Sinetheo, seu companheiro, fez esta sepultura, para elle e para si.)

Em uma quinta que foi de José de Sampaio, n'esta aldeia, e em outras propriedades visinhas, se tem por varias vezes encontrado lageados de cantaria, alicerces de pedra lavrada, grandes tijolos, ladrilhos de diversos feitios; e restos de edificios sumptuosos.

A cousa de 800 metros d'este logar, na aldeia de *Samaiões,* ha antiguidades romanas. Vide *Samaiões.*

Na aldeia da *Granjinha,* aqui perto, se teem tambem por muitas vezes descoberto ruinas de edificios romanos e capiteis de columnas de jaspe, troços de estatuas e outros objectos.

Nas aldeias de *Santo Estevão* e das *Eiras,* do mesmo modo existem ruinas de edificios romanos.

Todos estes logares ficam no valle que está ao sopé da aldeia de Outeiro Jusão.

OUTEIRO MAIOR—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 35 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 95 fogos.

Em 1757, tinha 170 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

As freiras bentas, de Vianna, apresentavam o vigario, collado, que tinha 120$000 réis de rendimento annual.

E' n'esta freguezia a casa e quinta de *Cavalleiros,* uma das maiores da provincia, cujo solar é em Ponte-Ferreira.

A casa de Cavalleiros, é uma das mais nobres da provincia do Minho. [1]

E' seu actual proprietario, o sr. D. Rodrigo José de Menezes, feito conde de Cavalleiros, em 17 de novembro de 1865.

Pertenceu a esta familia, o bravo Martim Ferreira, que se distinguiu pela sua coragem, nas guerras da restauração.

Em uma batalha, dada proximo a Guimarães, em que os castelhanos foram derrotados, recebeu uma cutilada no rosto, que lhe cortou o nariz; pelo que se ficou conhecendo nas nossas chronicas, pela alcunha de *Martim Narizes.*

Tambem eram d'esta casa, frei Gualter Machado, e frei Martim Ferreira d'Eça, cavalleiros de Rhodes, e capitães distinctissimos pelos seus serviços á religião e a patria.

Os Menezes de Tarouca, trazem por armas—escudo dividido em seis—no 1.º, um estoque, em campo de ouro—no 2.º, quatro barras de purpura, em campo de ouro—no 3.º, dois lobos, em campo de ouro. Na ordem de baixo, os lobos e as barras — e no meio o escudo dos Menezes, que é—em campo de ouro, um annel com um rubim.

Os Menezes que não são da casa de Cantanhede e da Ericeira, e que teem escudos de armas especiaes, usam do annel com o rubim, em campo de ouro—tendo por timbre —uma meia donzella, vestida de ouro, com um escudo na mão direita.

OUTEIRO SÊCCO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho, e 9 kilometros de Chaves; 70 kilometros ao N.O. de Braga, 405 ao N. de Lisboa,

Tem 95 fogos.

Em 1757, tinha 125 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A camara ecclesiastica da Sé primacial de

[1] Esta comarca pertence, pela ultima divisão, á nova provincia do Douro.

Brága, apresentava o vigario, collado, que tinha 70$000 réis.

Esteve algum tempo annexa a esta, a freguezia de Sanjurge.

Entre o logar do Outeiro Sécco e Villa-Mean, em um sitio chamado *Lagares*, teem apparecido vestigios de edificios romanos; e perto d'aqui existem ainda profundas e largas escavações, que, segundo a constante tradição, foram minas de ouro e prata, lavradas pelos romanos.

A grande abundancia d'estes dois metaes preciosos, attrahiram para estes sitios grande concorrencia de povo romano; por isso, ainda por estes arredores, em uma vásta aria, se encontram vestigios de povoações antiquissimas.

Junto ao referido logar de Lagares, na propriedade de um lavrador, se achou em 1721, grandissima copia de moedas romanas, de diversos imperadores.

Já antes d'isso, o mesmo lavrador, tinha achado no mesmo sitio, vinte e tantos marcos de medalhas, tambem romanas, que vendeu a um ourives.

OUTÍL—villa, Douro, comarca e concelho de Cantanhede, 18 kilometros a O.N.O. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 110 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Os viscondes da Asseca apresentavam o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

E' povoação muito antiga, e foi couto, com justiças, auctoridades e empregados competentes.

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 20 de dezembro de 1519. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 242, col. 2.ª)

OUTIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão (foi da comarca e concelho de Barcellos) 18 kilometros ao O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 60 fogos.

Em 1757, tinha 81 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Pedro, de Esmeriz, apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

N'esta freguezia está a torre onde viveu Nuno Pires de Outiz, e seu filho, Gomes Nunes de Outiz. Este solar, passou depois a Pantalião de Sá e Mello.

Outiz é um appellido nobre em Portugal, proveniente d'esta mesma freguezia.

Suas armas são—em campo d'ouro, seis rodellas de púrpura, em duas pallas—élmo d'aço aberto—e por timbre, uma cabeça de sérpe, de ouro, com uma das rodellas das armas na testá.

As armas dos Pires, são—em campo de prata, 6 pallas de negro—élmo de aço aberto, sem timbre.

OUTREGA—portuguez antigo—arrebatamento. *E se em outrega, sem concelho e per ventura, que lhe acaeça* (aconteça) *alguem ferir, nom peite nemigalha.* (Foral de Villa-Rei, dado por D. Diniz, em 1285.)

OUVO—portuguez antigo—Ouço.

OUVO—portuguez antigo—ôvo. Ainda assim se escrevia no seculo XV e XVI.

OUVEENÇA ou **OUVENÇA**—portuguez antigo—a officina destinada para os usos particulares de uma casa.

Em 1372, se queixaram os prelados de Entre Douro e Minho, ao rei D. Fernando, porque os fidalgos, não querendo pousar nos paços e hospedarias, como costumavam, quando hiam comer aos mosteiros, as suas *comeduras—Vam pousar nas Clastas e Cameras dos Prelados, e nas Ouveenças dos Conventos, com seus cavallos e com as mulheres do segre* (meretrizes) *e com outras companhas.* (Doc. de Alpendurada de 1372.)

OVENÇAL—portuguez antigo—o que tinha a seu cargo os mantimentos, despensas e cosinha de uma grande casa, ou corporação.

Corresponde, pouco mais ou menos, a despenseiro, provisor, ou védor, de tudo que pertence á ucharia.

Na queixa a que me referi na palavra antecedente, diziam tambem os prelados—*Vam aos Moesteiros, e Egrejas, e britam* (que

bram) *as portas d'ellas, e das clastas, e das adegas, e metem os cavallos em ellas, antre* (entre) *as cubas dos vinhos, e britam as Cameras dos Prelados, e dos Oveençaes, em que teem os mantymentos, per que se ham de manteer, e tomam o que se pagam, sem conto, e sem recado, e nom comem pelo Degredo* (decreto) *que foi ordinhado pelos Reis, que ante nós forom.* (Documento de Alpendurada, de 1372.

OUZILHÃO ou **OUSILHÃO** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi do concelho de Vinhaes, mas da comarca de Bragança) 60 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757, tinha 87 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O cabido da Sé de Bragança, apresentava o reitor, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé de altar.

OVADAS—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Rézende (foi do concelho de Aregos, comarca de Lamego) 18 kilometros a O. de Lamego, 320 ao N. de Lisboa.

Tem 250 fogos.

Em 1757, tinha 143 fogos.

Orago, S. Pelagio.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

E' terra muito fertil. Bom vinho. Gado e caça. Peixe do Douro.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 600$000 réis de rendimento.

OVAIA (Santa)—freguezia, Douro, concelho de Oliveira do Hospital, comarca de Tábua (foi do concelho d'Avô, comarca de Midões) 54 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa. Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 72 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Espectação.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua e o pé de altar.

Ovaia é portuguez antigo — corresponde ao nome proprio de mulher—*Eulalia*.

Entre esta freguezia e a *Aldeia das Dez*, está a *ponte das Tres Entradas*, na confluente da Ribeira d'Alva com a da Lariga.

E' de cantaria, e muito antiga.

OVAIA (Santa) ou **ÊRMO DE SANTA OVAIA**—antiquissimo mosteiro de eremitas no termo de Bouças e junto a Lórdêllo do Ouro (Porto.)

Em 1144, o rei D. Affonso I, doou ao abbade João Cirita, o Êrmo de Santa Ovaia, para os servos de Deus, que viviam em Tarouca, e seguiam a ordem de S. Bernardo.

OVAIA (Santa) — aldeia, Douro, na freguezia de S. Vicente de Louredo, comarca e concelho de Arouca (até 1855, concelho de Fermedo, comarca d'Arouca.)

Situada em terreno pouco accidentado, sobre a esquerda do rio Inha, que divide aqui os concelhos da Feira e Arouca.

Sobre a margem direita está o logar da *Fonte de Santa Ovaia*, da freguezia do Valle, na comarca e concelho da Feira.

Entre estas duas aldeias está a ponte de pedra, que dá passagem á antiga estrada militar, do Porto a Viseu, hoje completamente arruinada, pela incuria das camaras por onde passa; tendo por isso, quem quer ir do Porto a Viseu, ou vice-versa (que por esta estrada são 95 kilometros) de fazer jornada pela estrada das Talhadas á Mealhada, descrevendo um triangulo, com mais de 125 kilometros de extensão; sem outra vántagem mais do que aproveitar o caminho de ferro do norte do Porto até á Mealhada.

Dá-se aqui outra circumstancia.

O logar da ponte de Santa Ovaia, fica ao S.E. de Santa Ovaia, no caminho de Arouca, e por consequencia mais perto d'esta villa, do que a freguezia de Louredo, que é de Arouca, e tem de atravessar parte das freguezias do Valle e Romariz, que são do concelho da Feira, ao O., para hirem para a cabeça da sua comarca.

E' a bella divisão de 24 de outubro de 1855!

Note-se que Santa Ovaia é dentro do districto denominado Terra da Feira.

A situação d'esta aldeia é muito formosa, ficando-lhe ao O. a povoação de Tozeiros, e

a E. a rica e bella aldeia de Cedofeita; sendo todas as terras d'estes sitios, cultivadas e muito ferteis.

—

Ha em Portugal muitos sitios e aldeias com o nome de Santa Ovaia.

OVAR—villa, Douro, cabeça da comarca e do concelho do seu nome, 35 kilometros ao S. do Porto, perto da costa do Oceano, 24 kilometros ao N. d'Aveiro, 10 ao S. da Feira, 18 ao O.N.O. d'Oliveira d'Azemeis, 72 ao N. de Coimbra, 275 ao N. de Lisboa.

Tem 3:900 fogos.

Em 1757, tinha 1:254 fogos.

Orago, S. Christovão.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

Está em 23° de latitude, e 2°,8' de longitude, do merediano de Lisboa.

O cabido da Sé do Porto, apresentava o vigario, collado (hoje abbade) que tinha 600$000 réis de rendimento annual, afora os benesses, que eram muito rendosos. Andava tudo por 800$000 réis.

A freguezia de Ovar é a extremidade meridional da Terra da Feira, e ainda no seculo XVIII era uma freguezia do concelho e comarca da Feira.

Depois, foi elevada a concelho, composto unicamente da sua freguezia, e mesmo assim não era pequeno.

Hoje o seu concelho, que é tambem a sua comarca, é composto de 4 freguezias, todas no bispado do Porto, que são—Arada, Ovar, Pereira-Jusan, e Vállega—todas com 5:600 fogos.

—

Nunca teve foral, velho nem novo, pelo menos, Franklim não os menciona.

O foral da Feira, mencionando varias freguezias do concelho, não falla em Ovar nem em Cabanões, e das pertencentes ao actual concelho de Ovar, apenas traz Arada.

Pereira Jusan não vem incluida, porque era villa e tinha foral proprio, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 2 de junho de 1514.

Note-se porém, que, ainda que o logar de Cabanões [1] (onde está a estação 34.ª do caminho de ferro do norte) seja muito mais antigo do que o resto da villa, esta conta tambem bastante antiguidade, como o provam muitos dos seus edificios.

Parece porém insolito que, fallando os nossos antigos geographos e historiadores de tantas povoações antigas por estes sitios, e quasi todas mais insignificantes do que Ovar, nada, ou quasi nada digam d'esta villa.

Quanto a mim, este silencio só prova contra os habitantes de Ovar; e, áquelles escriptores aconteceu-lhes provavelmente como a mim; pois entre tantos cavalheiros illustrados d'esta povoação, não houve UM UNICO (!) que me desse o minimo apontamento para a historia da sua terra, apezar dos meus reiterados pedidos em milhares de prospectos e centos de circulares.

Tive pois de recorrer aos apontamentos que por varias vezes alli fui buscar, e ás varias noticias que, com insano trabalho, pude colligir.

—

Ninguem sabe qual é a etymologia da palavra *Ovar*.

A opinião de que esta palavra é derivada de virem aqui pôr os seus *óvos* as aves aquaticas, não passa, na minha opinião, de um disparate; porque então dever-se-hia dizer *desovar*, e não *ovar*.

Não pretendo impor uma nova etymologia a esta palavra; mas a minha opinião é que—ou pela semelhança das localidades, ou por alguns maritimos francezes que aqui se viessem estabelecer, deram a esta povoação o nome de *Var*, que é uma cidade, um rio, e um cantão na costa maritima da Provença (França) que podia muito bem ser a sua patria. [2]

Dizendo-se a povoação *do Var*, facilmente se corrompia para *d'Ovar*; pois ninguem ignora o costume dos antigos, que juntavam sempre a proposição ao nome proprio—vgr. —*de Ornellas*, faziam *Dornellas*—de *la Cerda*, *Lacerda*—de *dos Ruivos*, *Durruivos*, etc., etc.

[1] Vol. 2.º, pag. 8, col. 1.ª

[2] Na Italia Septentrional, ha tambem um rio chamado *Var*, que passa junto á cidade de Nice.

Ainda tenho a favor da *minha* etymologia, outra razão de muito pêso.

Os habitantes d'Ovar, são geralmente conhecidos pela denominação de *varinos*, e, ainda mais vulgarmente de *vareiros*.

Já se vê que procede de *Var*, e não de *Ovar*; porque, n'este ultimo caso, dever-se-hia dizer—*ovarinos* e *ovareiros*.

Em nada destroe—antes corrobóra—a minha opinião, o dizer-se que os varinos descendem de uma colonia de pelasgios.

Segundo alguns escriptores, pelos annos do mundo 2632 (1372 antes de Jesus Christo) Baccho, filho de Semele, acompanhado de muitos gregos, invadiu a Lusitania, em boa paz, sem offenderem os indigenas, ou oborigines; que como havia logar para todos, não oppozeram a minima resistencia, e até acceitaram para seu rei, ou chefe, o grego *Lysias*.

Estes invasores que pertenciam á formosa raça pelasgiana—a darmos credito áquelles escriptores—fundaram varias povoações no nosso litoral, e talvez fossem os reedificadores da velha Talabriga—pouco mais ou menos, a actual Aveiro.

Mas, nada nos prova que se estabelecessem em Cabanões, e Ovar é incontestavelmente uma povoação mais moderna.

O viver cosmopolita dos vareiros; o seu modo vagaroso e *cantado* de fallar; o seu trajo, o seu typo caracteristico; o seu costume de andarem descalços; o seu modo de vida frugal, e sempre com a maior indifferença, expostos ao rigor das estações e a toda a sorte de privações; a sua proverbial indolencia para tudo quanto não fôr pesca ou navegações [1] dão-nos a conhecer em toda a sua primitiva simplicidade, o marinheiro e o pescador provençal, descendente da raça pelasgiana, que aportou ás costas da Provença, muito antes de invadir ás nossas.

O pescador provençal, como o vareiro, com ás suas calças largas e curtas, com a sua *faxa*, com a sua grande *carapuça*, recordam-nos a sua procedencia, e a pasmosa semelhança com o pescador das Ilhas Jonicas, no modo de vestir e viver; devemos porém confessar, que o *crusamento* com as differentes raças peninsulares, fez, em grande parte, perder ao vareiro, a sua primitiva belleza de fórmas, que tem degenerado menos entre o provençal.

Geralmente, dá-se o nome de *vareiro* a todo o habitante do litoral, desde a costa de S. Jacintho, até Espinho; mas é erro—vareiro é só o habitante de Ovar.

Ainda ha outra opinião, que não é de todo em todo inadmissivel.

A gente da classe baixa do Porto, e ainda mais, a dos seus arredores, e até grandes distancias, trocam em grande numero de palavras o *l* por *r*—por exemplo—caldo, *cardo*—alguem, *arguem*—altura, *artura*, etc.

Sabemos que o sitio primeiramente aqui povoado, foi Cabanões, que fica em posição um pouco mais elevada do que o resto da villa.

Os pescadores, para ficarem mais proximos dos seus barcos, se foram pouco a pouco estabelecendo na actual villa, que é em um *valle*.

Os de Cabanões diziam—hir ao valle, foi ao valle, etc.—mas como trocavam o *l* por *r*—diziam—*hir ao var*—*foi ao var*, etc.

Aqui temos, muito simplesmente como de *o valle* se podia fazer *o var* e por fim *Ovar*.

Eis tres opiniões, completamente diversas, sobre a etymologia da palavra Ovar: cada um escolha a que lhe parecer mais admissivel.

—

A noticia mais antiga que temos de Ovar (que eu saiba) data do anno de Jesus Christo 922.

N'esse anno, D. Ordonho II, de Leão, os condes D. Lucidio Vimarães, e D. Rodrigo Lucidio, e outros fidalgos da corte d'aquelle monarcha, doaram ao mosteiro de *Castramire* (vide *Crestuma*) grande numero de rendas, propriedades e egrejas; e, entre estas, ás de São Donato e São João, no porto de Ovar. [1]

[1] Não é preciso dizer que me refiro unicamente á classe maritima, onde se conservam quasi sem alteração sensivel, os antigos usos e costumes; e não ás familias illustradas, que teem, em tudo e por tudo, o viver das outras grandes familias portuguezas.

[1] Notemos que houve aqui uma aldeia,

A capella de S. João, de Cabanões, diz-se que foi a matriz primitiva d'esta parochia; o que aquella doação parece confirmar.

—

Já disse que a villa d'Ovar está edificada em um valle.

A sua situação é baixa, pelo que, d'aqui se não descobrem outras povoações, muito mais, porque está rodeada de bastos e vastos pinheiraes, cuja plantação foi uma optima providencia, para impedir a invasão das areias pela terra dentro.

E' benigno e saudavel o clima d'este territorio, que é fertilissimo em todos os generos agricolas do paiz, por ser em grande parte regado por abundantes mananciaes de agua. (Esta porém, posto não ser insalubre, é pouco agradavel ao paladar.)

Nas mesmas terras de sequeiro, se o verão é quente e alguma cousa humido, se admiram formosos e robustissimos milharaes, cujas espigas ou maçarocas egualam em volume e riqueza de semente, ás melhores do paiz.

A industria da creação e engorda de gado bovino, para exportação, está muito desenvolvida por estes sitios, e faz entrar no concelho uma bôa porção de contos de réis, annualmente.

Tambem já se vae adoptando com bons resultados, a fabricação da manteiga.

—

O pequeno rio de Nossa Senhora da Graça, divide a villa em duas partes desiguaes, ficando uma a E., outra o O.—a este rio se junta aqui o ribeiro da S*enhora da Luz.*

As aguas do rio, fazem mover, durante o seu curso, muitos moinhos de cereaes, e regam e fertilisam grande numero de campos.

Nasce de dois ribeiros — um, que tem a sua origem nos montes de S. Pedro Fins da Feira, passa á villa da Feira (onde se lhe junta a nascente da *Velha*), a Travanca, Sobral, e Reada, e termina no açude dos *Pellames.*

Tem oito pontes e pontões durante o seu pequeno curso—que são as da—*Lavandeira* (á entrada E. da Feira)—*Villa* (proximo ao mosteiro)—*Fijó* (ao fundo do Rocio, da Feira)—*Balteiro, Travanca, Bouças, Reada,* e a de Ovar, parallela á via ferrea.

Alem d'estas tem varias pontes de madeira, publicas e particulares.

A melhor das pontes de pedra, é a de Bouças, no logar do Sobral a 3 e meio kilometros a N.E. de Ovar, no caminho do *Monte das Mâmoas.*

Tem 2,^{m}27 de pé direito, 9^{m} de abertura e 1,^{m}5 de flexa, sobre 5,^{m}02 de elevação. As *testas,* são de cantaria lavrada e o interior do arco, é de *beton.*

Tem de comprimento total, 27,^{m}48, e custou ás obras publicas, 2:852$650 réis.

Foi principiada em 26 de maio de 1860; e é a primeira obra d'este genero, construida em Portugal.

Foi seu constructor, o distincto e illustrado engenheiro e escriptor publico, o sr. Tito Augusto Duarte de Noronha, natural dos Olivaes, junto a Lisboa.

O outro ribeiro que fórma o rio da Senhora da Graça, tem a origem em duas fontes—uma, no logar das Laceiras, entre Escapães e Arrifana — outra no de Guilhadães.

Passa a Fornos, Mosteirô, Souto, Travânca, e vem terminar tambem no açude de Pellames.

Tem sete pontes de pedra—a da—*Ribeira d'Agua, do Rálo, do Junto, do Moinho Novo, de S. João, Ponte-Nova, e Pellames.* Esta pertence ao caminho de ferro.

Tem tambem varias pontes de madeira (S. Gião, Morgado, Barrella, Penisca, Loba, e Caibro.) Recebe os regatos de Barrella e Amieiros.

Depois de passar a Ovar, ainda o rio percorre 4 kilometros, por uma fertil veiga, e vae terminar o seu curso placido e sereno, na famosa *Ria d'Aveiro.*

Tem n'esta parte, quatro excellentes pontes de cantaria, que são — Pellames, Graça, Casal, e Ilha.

chamada *São Silvestre,* que já não existe, e que logo abaixo do sitio onde existiu esta aldeia, ha outra denominada *Porto da Egreja.*

Tambem ha uma aldeia denominada *São Donato.*

O ribeiro da Luz, nasce de duas fontes, na freguezia de Cucujães—uma no logar de Fermilhe e outra no Fôjo, abaixo da capella de Santa Luzia; juntam-se na Arribada, e passando por entre São Vicente de Pereira, Souto, Porto da Egreja, sitio onde foi a aldeia de São Silvestre, e, finalmente, Ovar.

A este ribeiro se juntam os regatos do Murtal e outros, anonymos.

E' este ribeiro atravessado por sete pontes de pedra: são as de — Porto d'Egreja, Porto de Freire, Sande, Granja, Ovar de Cima, Guilhovai, e Madria.

Esta ultima é da via ferrea. Tem trez pontes de madeira—Fonte Figueira, Esporão, e Luzes.

—

Na Ribeira de Ovar, 2 kilometros ao S. da villa, principia a formosa *Ria d'Aveiro* de que já fallei no artigo correspondente a esta cidade.

—

O primeiro abbade d'esta freguezia, é o actual, o sr. Manuel Barbosa Duarte Camossa, dignissimo e illustrado ecclesiastico, geralmente respeitado pelo seu comportamento exemplar.

Foi famulo do bispo do Porto, o fallecido D. Jeronymo José da Costa Rebello, e collou-se em 7 de fevereiro de 1854.

Tem dois coadjuctores, nomeados *ad nutum*, aos quaes dá uns 80$000 réis annuaes.

—

O termo d'esta villa é formado pelas povoações seguintes:

Ponte Nova, Ponte Derreada (ou *de Reada*) Sobral, S. João, Barreiro, Cabanões, Cimo da Villa, Arrabalde, Salgueiral de Baixo, Salgueiral de Cima, Fonte da Cabrita, Beira-Monte, Assões, Guilhovai, Granja, Saúde, S. Donato, Lagoa, Brejo, Marinha, e outros logarejos.

—

A maior parte da população d'Ovar, vive de pesca, se incluirmos os que teem parte nas *companhas*; mas há tambem muitos proprietarios e lavradores.

A villa é grande e alegre.

Tem uma boa praça chamada do *commercio*, onde se faz o mercado, e onde está a casa da camara, cadeia, e a capella de Santo Antonio; e cinco outras mais pequenas, chamadas *largos*.

A sua rua principal é extensa, e está com o pavimento a mac-adam.

Tem mais algumas ruas de pouca extenção, contando-se 60, entre ruas, travessas e béccos, todas com umas 2:000 casas, na maior parte, de um só pavimento, como acontece em todas as povoações, onde, como em Ovar, não ha pedra propria para edificar.

Em março de 1863, a camara de Ovar mandou plantar na praça principal algumas arvores, em uma fileira, intervalladas com seis bancos de ferro, que foram assentes em 21 de dezembro do mesmo anno.

Esta praça era muito mais acanhada, mas, em 1774 foi ampliada e conserva ainda as dimensões que então se lhe deram.

No centro havia o pelourinho, emblema da cathegoria e da autonomia da villa; porém os senhores vereadores que serviam em 1863, entenderam que aquillo era symbolo de oppressão (!!!) e foram-se ao pobre pelourinho e destruiram-o.

As povoações que tiveram cathegoria de villa, e que foram cabeças de couto ou de concelho, e que agora o não são, conservam com todo o cuidado os seus pelourinhos, como um padrão commemorativo do que foram: os edís de Ovar querem fazer apagar esta memoria.

O *largo de S. Miguel*, é triangular, e em declive para o O., e por calçar.

E' um souto de sobreiros. No centro está a capella que lhe dá o nome.

Faz-se aqui (desde 1711) uma feira de gado, a 29 de cada mez. O *largo da Poça*, é tambem triangular, e não está calçado.

Tem no centro um antigo cruzeiro.

Perto d'este cruzeiro havia outro, que a camara mandou derrubar em a noite de 12 de junho de 1867.

No seu logar fez plantar algumas arvores, mas o povo fez a estas como os vereadores haviam feito ao cruzeiro.

O *largo do Hospital*, é hexagono irregular.

Tem larga vista sobre a parte O. da villa, a Ria e a praia da Torreira.

E' aqui o *Calvario*. Está arborisado desde 1862. Houve aqui um cruzeiro, que tambem já não existe ha muitos annos.

Certo devoto, principiou aqui uma capella, para recolher a imagem do Christo Cruxificado, que estava no tal cruzeiro; mas, com a morte do fundador, pararam as obras em meio, e em 1738, o visitador mandou demolir a capella.

O *largo de S. Thomé*, é muito pequeno, quadrado e tambem sem ser calçado.

Havia aqui dois bons edificios, mas um d'elles está hoje em ruinas.

Havia aqui a capella que lhe deu o nome, o templo mais antigo da villa, pois já existia antes da fundação d'ella.

Não lhe valeu a sua veneranda antiguidade, e a camara o mandou arrazar em 1844, mandando para aqui o mercado das gallinhas, loiça vermelha e preta (grossa) caixas de pinheiro, ferragens e canastras. Foi uma judiciosa substituição!

O *largo* (*ou lagôa*) *dos Campos*, é o maior de todos, e de forma rectangular, tendo na face do O., a capella das Almas.

Foi arborisado em 1860.

E' o mercado do peixe. Ha aqui uma feira de porcos, muito antiga, em todos os sabbados e domingos de novembro.

A praça do peixe, foi antigamente na Ribeira.

Depois, mudou-se para aqui, por ordem da camara; porém, Domingos Ferreira Brandão, contratador do condado da Feira, queixou-se d'esta mudança, com o fundamento de que era prejudicial aos peixeiros, e aos interesses da casa do infantado, e o infante D. Pedro [1] a fez tornar para a Ribeira, em 1754.

Depois, foi mudado para traz da capella de Santo Antonio, e, finalmente, para o largo dos Campos.

—

Houve n'esta villa e suas immediações, mais de 20 fabricas de louça vermelha, grossa: hoje ha apenas 15, que produzem annualmente uns 7 contos de réis, sendo a maior parte dos seus productos exportados para differentes terras.

A materia prima, vem da aldeia do Bôco, e o seu custo, com o carreto, anda por, 1:600$000 réis.

Ha n'esta villa bons ourives fabricantes.

Os bordados de Ovár, tanto de almofada (bilros) como de crochet, crivo (petit point) e ponto cheio, são famosos em todo o reino; e os de almofada não tem superior em duração e belleza de desenho, senão nas decantadas rendas de Peniche.

Hoje, esta qualidade de renda tem já poucas operarias, por ser de mais vagarosa construcção.

A fabricação das esteiras de *junco* (especie de tabúa) posto ser insignificante, ainda produz 1:200$000 réis aproximadamente.

Houve aqui Misericordia, fundada pelo meiado do 3.º quartel do seculo XVII.

Deixou de existir por falta de rendimentos (mas ha uma nova.)

Houve tambem uma albergaria (a que davam aqui o nome de *casa de peregrinos*) fundada junto ao *curral do concelho*, pela familia Pereira de Campos, em 1700. Hoje faz parte de um armazem do sr. Antonio Marques da Silva Biscaia, não sei por que titulo.

—

A villa não tem edificio algum notavel; más tem algumas casas de boa apparencia e bem construidas; e a egreja matriz é um bom templo. A casa da camara, é um edificio vasto, tendo a sua fachada principal assente em uma arcaria de pedra; o interior, porém, está mal dividido, e precisa de grandes con-

[1] D. João V, teve de sua mulher, D. Marianna d'Austria, filha do imperador Leopoldo I, seis filhos — pela ordem das edades:

D. Maria, que casou com o principe das Asturias—D. Pedro, principe do Brazil, que morreu de 2 annos e 10 dias—D. José, principe do Brazil, e depois rei, 1.º do nome—D. Carlos—D. Pedro (de que trata o texto) que foi depois 3.º do nome, por casar com sua sobrinha, D. Maria I — e D. Alexandre, que falleceu de cinco annos menos 53 dias.

certos. As cadeias estão—como quasi todas as de Portugal—reclamando com urgencia attendiveis modificações.

Tinha esta villa um theatro provisorio, estabelecido em um casarão, sem condições nenhumas de aceio e commodidade. Alguns cavalheiros da terra, decidiram construir uma casa de espectaculos, decente e propria d'esta villa. Levaram a effeito o seu intento, e um bonito theatro foi inaugurado, no dia 1.º de novembro de 1875.

Ao N.O. da villa, e proximo da estação do caminho de ferro, está o cemiterio, construido pelos annos de 1850.

É vasto (para a população) e muito bem situado. Sobre a verga da porta tem esta inscripção:

MAGNUS ET PARVULUS HIC SUNT.

Ha na freguezia sete *companhas* de pescadores, com o material e barcos competentes para a sua industria.

O peixe d'esta costa é de muito boa qualidade, mas pouco variado. A sua sardinha, como a famosa de Espinho, é de excellente qualidade.

A villa está em grande parte cercada de vastos pinheiraes, alternando com terras cultivadas e muito productivas. A vista que se gosa, descendo da estação do caminho de ferro para a povoação, é esplendida e pittoresca.

A estação do caminho de ferro, denominada officialmente, *de Ovar*, é em Cabanões, que fica proximo e a N.O. da villa. Está situada entre bastos pinhaes, sem vista para outras partes.

Aqui desembocam duas bellas estradas á mac-adam, uma que vem da villa, e outra, é o ramal que communica a Feira, Oliveira de Azemeis, e outras muitas povoações, com o caminho de ferro.

A architectura da casa da estação é no gôsto das *cottages* hollandezas.

É formada de tres corpos, tendo o do meio a necessaria elevação para formar dois pavimentos.

Em frente, ao E., e do outro lado da via, a distancia sufficiente para não impedir a circulação dos *wagons*, e do serviço dos empregados da linha, ha uma vasta casa, com officinas de reparação, e arrecadações.

Proximo á estação, ao O.N.O. d'ella, está um bom e grande predio, do sr. Manuel Fernandes Ribeiro Costa. Tem hospedaria e alluga trens e cavalgaduras. Tem tambem casa de commissões, para as mercadorias transportadas pelo caminho de ferro.

—

No logar da Torre, freguezia de S. Vicente de Pereira, está a optima chapellaria a vapor, dos srs. Santos e Irmão, uma das melhores de Portugal.

D'ella tratarei mais de espaço, na palavra *Torre*.

As differentes industrias d'este concelho, vão nas freguezias correspondentes.

—

Houve n'esta villa uma casa acastellada, pertencente ao infantado. Era provavelmente o edificio mais antigo da villa, e estava bastante arruinado.

Foi demolida em 1868, e com os seus materiaes, e no logar que occupava, se construiu, em 1869, a elegante casa da escola d'instrucção primaria, com o legado do benemerito conde de Ferreira.

O padroado da egreja de S. Christovão de Cabanões (Ovar) veio ao poder da Sé do Porto, sendo bispo, D. Vicente, por escambo, feito entre o mesmo bispo e seu cabido, e o rei D. Affonso III, em agosto de 1250. Por este escambo, o rei larga ao bispo e cabido a egreja de Ovar, recebendo em troca, o padroado da egreja de Santa Maria do Lamegal.

Em virtude d'esta troca, cessaram as pendencias que até então havia entre o rei e a egreja do Porto. Depois, o rei D. Diniz, confirmou este contrato, por carta regia de 20 de junho de 1330. (9 de junho de 1292 de Jesus-Christo.)

Em 1446, o bispo, D. João de Azevedo, propoz ao cabido, que—sendo as egrejas de S. Christovão, de Ovar, e Santa Maria, de Campanhan, ambas da apresentação da mitra e cabido, acontecia que, quando alguma vagava, e o prelado se não conformava com o cabido, na nomeação do parocho, se davam

casos desagradaveis. Concordaram em nomear uma commissão, que se compôz dos conegos, Mem Rodrigues, Affonso Vicente, e Esteves Annes, para indicar o melhor modo de se evitarem duvidas para o futuro. Vieram por fim a uma concordata, feita em 12 de setembro de 1466, confirmada pelo metropolitano de Braga, pela qual, as egrejas de Campanhan, e S. Vicente de Guimadella (que já não existe) ficaram *in solidum* para o bispo e seus successores, e a de Ovar para a mesa capitular, porém o reitor seria confirmado pelo ordinario. O pontifice Paulo II, confirmou esta concordata, pela bulla *Pastoralis officii*, de junho de 1468.

A egreja matriz tem o altar-mór e seis lateraes. Tem um bom orgão, dado á egreja pelo negociante da praça do Porto, o sr. Antonio Ferreira de Menezes, natural d'Ovar. Tinha um grande orgão antigo, que se desfez em 1844, quando se reformou a egreja, para lhe dar maior altura. O templo é de tres naves, ficando-lhe em frente o antigo cemiterio.

Ha na villa seis fontes, todas pouco abundantes.

O novo hospital da Misericordia, é pequeno e de poucos rendimentos.

Espalhadas pela villa estão varias capellas com os *Passos* da paixão de Jesus-Christo. A ultima estação—o *Calvario*—(na capella de S. Pedro) está em sitio elevado, e as figuras que o ornam são de boa esculptura e quasi de tamanho natural.

Capellas da villa

1.ª — *Nossa Senhora da Graça.* É grande e bonita. Está interiormente revestida de formosos azulejos, e o tecto forrado de paineis, representando varias scenas do christianismo, pintadas a oleo. Tem tres altares. Está ao meio da ponte, entre os dois rios, cujas margens são ferteis e bonitas.

2.ª — *Santo Antonio*, na praça. Tem tambem tres altares e é grande. Tem alguns rendimentos.

3.ª — *Santa Catharina.* — Na Ribeira.

4.ª—*Almas.* Espaçosa, no Largo dos Campos.

5.ª— *S. Pedro.* É grande; tem tres altares, estando no principal o Calvario; é da irmandade do Senhor dos Passos. É uma capella magestosa.

6.ª—*S. Sebastião.* Está a uns 10 ou 12 metros da linha ferrea do norte, e a uns 100 metros a O. da estação de Cabanões—officialmente denominada d'Ovar. Tanto a estação como a capella, ficam do lado esquerdo (O.) da via.

7.ª—*S. João Baptista.* Em Cabanões. Consta que foi a primitiva matriz da povoação. (Vide *Cabanões.*) É em um bonito largo, orlado de casas, e com alguns antigos carvalhos. N'este largo, ou alaméda, se faz uma feira mensal.

8.ª—*S. Miguel, archanjo.* Está em um largo, no qual se faz mensalmente a feira de gado bovino e cavallar.

9.ª—*S. Donato.* No logar do mesmo nome. Consta ter sido a egreja de um mosteiro de monges benedictinos, que ha mais de 800 annos se encorporou ao de Castromire. (Vide *Crestuma.*) Não ha vestigios de semelhante mosteiro, se é que existiu. Parece que foi tambem egreja parochial de uma antiga e pequena freguezia.

10.ª— *S. Domingos.* Na aldeia do Sobral.

11.ª—*Nossa Senhora da Piedade* (antigamente *Bom Jesus da Piedade*). Está edificada no vasto areal do *Aforadouro* (vulgo, *Furadouro*), bonita e concorridissima estação de banhos, na costa, a 4 kilometros a O.S.O. da villa. Tem apenas 3 metros de comprido, por outros tantos de largo. Apezar da sua pequenez (apenas podem caber dentro, 18 a 20 pessoas), n'ella se diz missa para perto de 5:000 almas!—Foi fundada pelo meiado do seculo passado, mas está já quasi enterrada na areia.

Desde a estação do caminho de ferro até ao *Aforadouro*, ha uma bella estrada á macadam, construida ha poucos annos.

Em vista do grande numero de catholicos que aqui residem no tempo das pescarias, e do ainda maior na estação dos banhos, custa a acreditar, como ainda não houvesse um que tomasse a iniciativa, para que alli se construisse uma nova capella, com capacidade para os christãos n'ella ouvirem missa;

pois que, com a actual, a maior parte da gente fica sem ella.

Pescam aqui 5 ou 6 companhas, quasi todas ricas, compostas, no geral, de bons christãos. Gastam todos os annos uma grossa quantia de dinheiro na festa que fazem á padroeira da edicula, e á qual concorrem alguns milhares de pessoas. Não fariam maior serviço a Deus e á religião, se em 4 ou 5 annos deixassem de fazer a festa, e applicassem o dinheiro gasto em tanta coisa que logo desapparece para sempre, em construirem (com ajuda dos romeiros e do povo da villa) um bom templo, que fica?

Sei que o Rev.mo Abbade d'Ovar, cedeu publica e solemnemente, durante a sua vida, as offerendas, promessas e mais direitos parochiaes, que lhe pertenciam d'esta capella, não só na occasião da festa, mas em todo o anno, para serem applicados á construcção de uma nova e vasta capella e seus ornamentos. Nomeou uma commissão para receber estes direitos, e o mais que puder obter, para se dar principio á obra, no logar onde as auctoridades locaes julgarem mais conveniente a collocação da capella, para a população da costa.

Além d'aquella cedencia, o Sr. Abbade offereceu 4$500 réis, logo que estejam feitos os alicerces da capella — 4$500 réis, quando se cobrir de telha — e ainda 4$500 réis, no fim da obra.

Vê-se que este digno parocho, por conhecer a urgencia d'esta obra, tem summo empenho em a vêr concluida, e é muito louvavel o seu zêlo nas coisas espirituaes da sua freguezia.

A tenção de se construir esta capella, é muito antiga, e todo o povo a deseja ardentemente, sobre tudo, os habitantes da costa.

É digna de louvor a camara d'Ovar, pelo empenho que tem mostrado no desenvolvimento dos melhoramentos materiaes do municipio em geral, e da villa em particular; mas deve curar tambem dos interesses moraes dos seus municipes, não se limitando sómente a mandar construir pontes, theatros, fontes, assentos, etc., mas a que o povo tenha tambem logares proprios para a oração.

Tambem devia lançar os olhos para a nudez, pobreza e desmazêllo em que está a egreja parochial, pois sendo um templo magestoso, pela sua magnifica e solida architectura, está envergonhando a freguezia (aliás rica) pelo abandono — se não desprezo — em que se vê interiormente.

—

Além das capellas mencionadas, ha mais algumas, particulares e publicas, de menos importancia, todas sujeitas á jurisdição parochial.

—

Ha tambem sete bonitas estações (Passos da Paixão). — O 1.º, é na egreja matriz, do lado da Epistola — o 2.º, junto á aula do conde de Ferreira (ao principio da rua da Fonte) — o 3.º, na mesma rua — o 4.º, na rua da Praça — o 5.º, na Praça da Villa — o 6.º, no bairro de S. Thomé (onde houve uma antiga capella, que foi da casa do infantado) — e o 7.º, finalmente, é o *Calvario*, na excellente capella de S. Pedro.

—

Ovar, como quasi toda a circumscripção denominada *Terras de Santa Maria*, era do senhorio dos condes da Feira, e constituia o seu vasto condado. No reinado de D. Maria I, pela extincção do ramo primogenito dos Pereiras Forjazes, condes da Feira, passaram a maior parte das propriedades, rendas e fóros que formavam este apanagio, para a casa do infantado, que actualmente as possue.

—

Foi feito barão, em 20 de novembro de 1840, e visconde, em 25 de julho de 1849 (em duas vidas), Antonio da Costa e Silva; e, em 19 de agosto de 1856, seu filho, Antonio Maria Pereira da Costa, foi feito visconde.

OVÊLHA DO MARÃO ou **ABOADELLA** — freguezia, Douro, comarca, concelho e 9 kilometros ao N. d'Amarante, 54 ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757 tinha 189 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Aboadella.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Foi villa e couto, e era uma das dez *beetrias* d'este reino.

O D. abbade do mosteiro benedictino de Pombeiro, apresentava o reitor, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Esta freguezia é a mesma de *Aboadella*, que já fica descripta a pag. 14, col. 1.ª, do 1.º volume.

Está situada ao fundo da vertente occidental da serra de Marão.

D. Sancho I deu foral a *Hermêllo* e *Ovelhinha* (Ovêlha do Marão) em Guimarães, no mez d'abril de 1196.

D. Affonso II o confirmou, em Santarem, em março de 1212.

D. Manuel lhes deu foral novo, em Lisboa, a 3 de junho de 1514. (*Livro dos foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 28, col. 1.ª)

No foral de D. Sancho I, se determina que cada casal deve pagar *seis ferros* por anno, para a corôa.

Não se sabe hoje com certeza o que eram estes ferros: dizem uns, que era uma barra de ferro; outros que era uma ferradura.

O que é verdade é que esta renda só se pagava na terras onde havia minas de ferro em lavra, e em varias partes do Marão se exploravam minas d'este metal, do que ainda ha muitos vestigios, e varios documentos.

Ovêlha, é (e parece que foi sempre) uma povoação pequena e pobre, não tendo nada notavel, senão a sua muita antiguidade.

Produz poucos fructos o territorio d'esta freguezia.

Cria porém muito gado, de toda a qualidade, produz bastante mel e cêra, e é abundante de caça, grossa e miuda.

O seu clima, posto ser excessivo, é muito saudavel.

Em 9 de maio de 1809, houve aqui um combate, entre as tropas portuguezas e francezas.

Tres corpos de cavallaria portugueza, fizeram grande destroço nos inimigos da nossa patria.

Os francezes retiraram para Hespanha onde entraram logo a 17 d'esse mez.

OVIL—freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão (foi do concelho de Bayão, comarca de Soalhães) 60 kilometros a E.N.E. do Porto, 340 ao N. de Lisboa.

Tem 320 fogos.

Em 1757, tinha 249 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O cabido da Sé do Porto, e o senhor de Bayão, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento.

E' terra fertil. Bom vinho, gado e caça. Peixe do rio Douro, que lhe fica ao S.

ÓVOA—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Santa Comba-Dão, 35 kilometros de Viseu, 250 ao N. de Lisboa.

Tem 240 fogos.

Em 1757, tinha 128 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

OYAN—vide *Oian*.

OYS DA RIBEIRA—vide *Ois*, da.

OYS DO BAIRRO—vide *Ois*, do.

OZÊZAR—antigo nome do rio Zêzere. Vide esta palavra.

P

P—na arithmetica dos antigos, valia 400; mas, com um til por cima, valia 400:000.

PÁCEIRO-MÓR—(e mais antigo—*Paaceiro-mór*) intendente, veador (ou védor) curador, inspector das obras que se faziam nos paços ou casas do rei, ou por sua conta.

Depois se denominou *Veador-mór das obras*, e por fim, *Provedor das obras*.

Este emprego andava na casa dos condes de Soure. (Em cada palacio havia um paceiro.)

O primeiro paceiro-mór de que fallam as nossas historias, é Lourenço Escola, no reinado de D. Diniz.

Era tambem *Eichão-mór*, e alcaide-mór de Lisboa.

Eichão-mór, vinha a ser, dispenseiro.

Tinha a seu cargo aprômptar a tempo e horas, tudo o que pertencia á real ucharia. Vide *Ucha*.

No reinado de D. João I, já Affonso Gonçalves, tem o titulo de *veador-mór das obras*.

Habitava nos paços reaes do castello, de Lisboa. (Alcáçovas.) [1]

Continuou este officio nos seguintes reinados, nos quaes se lhe juntaram varias preheminencias, que depois se lhe tornaram a desannexar.

D. Philippe II, foi o primeiro que lhes deu *regimento*, em 12 de novembro de 1585.

Desde esta data se mudou a designação de *veador* para a de *provedor das obras*.

Andou sempre este cargo em fidalgos de linhagem, e até em membros da familia real, pois vemos que o infante D. Henrique, filho de D. João I, foi fronteiro e veador-mór—das obras dos castellos, villas e logares, da comarca da Beira, no reinado de D Affonso V.

D. João III, fez seu veador-mór das obras, a Pedro de Carvalho, seu grande valido, para elle e seus descendentes conservarem este emprego.

No reinado de D. Sebastião, lhe succedeu seu filho, João de Carvalho, que morreu na batalha de Alcacer-Quibir, em 4 de agosto de 1578.

Por morte de João de Carvalho, se seguiu no emprego, seu segundo irmão, Gonçalo Pires de Carvalho.

O filho primogenito d'este, não chegou a exercer o emprego, por fallecer na vida de seu pae, pelo que passou o logar ao neto d'este (filho d'aquelle) Gonçalo Pires de Carvalho, que morreu solteiro.

Succedeu-lhe seu irmão, Henrique de Carvalho, que morreu desgraçadamente em Lisboa, em 1678; succedendo-lhe no emprego, seu filho, Gonçalo José Pires de Carvalho, que não teve filhos; pelo que passou o officio a D. João da Costa, 3.º conde de Soure, por ter casado com D. Luiza Francisca de Távora (dama da rainha D. Maria Sophia Isabel de Neubourg, filha de Philippe Wilhelmo, conde palatino, e 2.ª mulher de D. Pedro II) irman do fallecido Gonçalo José Pires de Carvalho, e herdeira da sua casa.

Seu filho, D. Henrique da Costa Carvalho, 4.º conde de Soure, continuou na posse do emprego de seu pae; mas, como á morte d'este ainda era menor, serviu interinamente, Diogo de Mendonça Corte-Real, secretario de estado e mercês de D. João V.

Exerceram este emprego, desde o reinado de D. Diniz até ao de D. João V, os seguintes individuos.

1.º—*Affonso Gonçalves*, reinado de D. João I.
2.º—*Bartholomeu de Paiva*, reinado de D. Manuel.

[1] Desde o reinado de D. Diniz, até ao de D. Manuel, foram estes paços a residencia ordinaria dos nossos reis.

3.º—*Diogo de Mendonça Corte-Real*, reinado de D. João V.
4.º—*Diogo da Silveira*, reinado de D. Affonso V.
5.º—*Fernão Pereira*, reinado de D. Affonso V.
6.º—*Gonçalo José Pires de Carvalho*, reinado de D. Pedro II.
7.º—*Gonçalo Pires de Carvalho*, reinado de D. Henrique I.
8.º—*Gonçalo Pires de Carvalho*, reinado de D. Philippe II.
9.º—*Gonçalo Vaz de Castello-Branco*, reinado de D. Affonso V.
10.º—*Heitor Homem*, reinado de D. Affonso V.
11.º—*Henrique* (D.) *infante de Portugal*, reinado de D. Affonso V.
12.º—*Henrique de Carvalho*, reinado de D. Pedro II.
13.º—*Henriqme* (D.) *da Costa*, reinado de D. João V.
14.º—*Henrique* (D.) *da Silveira*, reinado de D. João II.
15.º—*João de Carvalho*, reinado de D. Sebastião.
16.º—*João* (D.) *da Costa*, reinado de D. Pedro II.
17.º—*João* (D.) *Galvão*, bispo de Coimbra, reinado de D. Affonso V.
18.º—*Lourenço Escola*, reinado de D. Diniz I.
19.º—*Lourenço Pires de Carvalho*, reinado de D. Pedro II.
20.º—*Luiz da Silveira*, reinado de D. João III.
21.º—*Martinho* (D.) *de Castello Branco*, reinado de D. Manuel I.
22.º—*Nuno Martins da Silveira*, reinado de D. João III.
23.º—*Pedro de Carvalho*, reinado de D. João III.
24.º—*Pêro Esteves Cogominho*, reinado de D. Affonso V.
25.º—*Simão da Silveira*, reinado de D. João III.

No reinado de D. Affonso V, vemos sete veadores-mores, porque havia os de provincia.

PACHACOS—Nas *Inquirições* do rei D. Diniz, feitas em 1290, se acham no julgado de Neiva, na freguezia de S. Miguel de Cepães, a herdade de Rio de Moinhos, *que fôra do abbade de Pachacos, freguezia que existiu antes do governo do conde D. Henrique.*

Suppõem alguns que foi d'esta extincta freguezia, que provém o appellido Pacheco; mas é mais provavel que venha de *Vivio Pacieco*, varão illustre da Andalusia. (Vide Villa Real de Traz-os-Montes.) Vide tambem *Possacos*.

PACINHOS—vide *Boêlhe*.

PACINHOS—vide *Villa Cahiz*.

PÁCO—portuguez antigo—julga-se que significava carneiro de bôa raça, dos que se criavam no campo de Beja (a *Paca* dos antigos.)

Em um documento de 1270, se diz que—quando os bispos d'Evora (depois arcebispos) forem visitar as egrejas de Portel, entre as mais cousas, se lhes dê, *pela procuração* que deviam receber, *unum pacum mediocrem.*

Na America do Sul, ha uns grandes carneiros, que servem de bêstas de carga, nos caminhos impraticaveis para outras cavalgaduras, a que se dá o nome de *pacos*.

Na Hespanha, *Paco*, é palavra de mimo, com que se designa o nome proprio de Francisco; por isso, em vez de *Francisquinho*, dizem *Paquito*.

PÁÇO—portuguez antigo—Dava-se antigamente este nome ao cartorio do tabellião publico, porque escrevia nos paços do concelho.

Em Lisboa, Porto, Braga, Evorá e Coimbra, havia uma casa publica, distinada para os tabelliães de notas, que se destinguiam dos escrivães-tabelliães judiciaes, pelo nome de tabelliães do paço; e á casa onde estes trabalhavam, se chamava *paço dos tabelliães.*

PÁÇO—Vide *Palácio*.

PÁÇO — Os nossos escriptores empregam indistinctamente as palavras Paço e Passo, na designação das varias povoações de Portugal. Entendo que na maior parte d'ellas, é impropria a denominação de Passo; pelo que ponho quasi todos em Paço.

PÁÇO—aldeia, Douro, freguezia e 2 kilo-

metros ao O. d'Esgueira, proximo á praia da *Ponta da Gândara de Villarinho,* a 6 kilometros da costa do Oceano. Tem 40 fogos. (Para o mais, vide *Esgueira.*)

N'esta aldeia ha uma pequena e antiga ermida. Sobre a capella-mór se vê um alto zimborio pyramidal, coroado de ameias. É este templosinho dedicado a Nossa Senhora da Alegria.

Segundo a lenda—vindo um navio, da Terra-Nova, no seculo XVI, os seus tripulanacharam no mar, esta santa imagem, e a tes trouxeram para a aldeia, onde logo lhe construiram uma capella, e lhe principiaram a fazer a sua festa a 15 de agosto de cada anno.

A imagem da padroeira, é de pedra, de boa esculptura, e de um metro d'alto.

Tambem na mesma capella ha a imagem de Nossa Senhora do Paço, que consta ter sido achada nas immediações d'este logar. Está no altar lateral, do lado do Evangelho. Festeja-se a 5 de agosto, dia de Nossa Senhora das Neves. No sitio onde appareceu, se collocou, para memoria, um cruzeiro de pedra.

PAÇO (quinta do)—Extremadura, freguezia de *Barbacêna.* (Vide esta palavra, a pag. 319, col. 1.ª, do 1.º vol.)

Pelos annos de 1542, comprou Diogo de Castro do Rio (por 25:000 cruzados—10 contos de réis) as terras e logar de Barbacena, a que então se dava o nome de *Herdade,* a D. Jorge Henriques, herdeiro de D. Affonso Henriques, filho de D. Fernando Henriques, senhor das Alcáçovas, e de D. Branca de Mello, filha de Martim Affonso de Mello, alcaide-mór de Evora, Olivença, e Castello de Vide, e guarda-mór de D. João I.

D. João III deu logo ao comprador, o senhorio d'estas terras, com o titulo de villa, da qual veio a ser 1.º visconde.

A pouca distancia da villa, está a quinta da Herdade, que deu o primeiro nome a esta povoação, e á qual quinta se deu depois o nome de *quinta do Paço,* que ainda conserva.

Foi sobre um penedo d'esta propriedade, que appareceu a imagem de *Nossa Senhora do Paço* (titulo tomado do nome da quinta), á qual, no proprio sitio da apparição, construiram os moradores do logar, uma pequena mas bonita capella.

Teve uma irmandade que a servia fervorosamente, com juiz e mórdomos, e lhe faziam a festa no 3.º domingo de setembro.

PÁÇO (*Páçô*)[1]—villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi da comarca de Bragança, concelho de Vinhaes), 60 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago, S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Para a distinguir das outras povoações do mesmo nome, se dá a esta villa o nome de *Paçô-de-Vinhaes.*

É povoação antiga. D. Diniz lhe deu carta de foral, com todos os privilegios do de Vinhaes, em Lisboa, a 9 de setembro de 1310. (*L.º 3.º de Doações do rei D. Diniz,* fl. 73 v., col. 2.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de maio de 1512. (*L.º de foraes novos de Traz-os-Montes,*, fl. 10, col. 1.ª)

Os condes d'Atouguia eram senhores d'esta villa.

Paçô, é portuguez antigo — significa *pequeno paço — pacinho.*

O clima d'esta terra é excessivo, mas saudavel. Não é muito abundante de cereaes e fructas; mas produz muitos legumes, pastos e linho. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça.

PAÇO (*Páçô*)—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O.N.O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1700, tinha 90 fogos, e em 1757, 52.

Orago, Nossa Senhora do Soccôrro, ou *de Paçô.*

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O reitor da commenda de Ázere apresen-

[1] Não se fundem OO grandes com assento circumflexo, por isso se repetem os *Paçôs* em italico.

tava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil em todos os generos do nosso clima, e cria muito gado de toda a qualidade.

É uma das mais antigas parochias, não só de Portugal, mas tambem da Lusitania, pois já existia como tal, no meiado do 6.° seculo, como adiante veremos.

A causa de se dar á padroeira o titulo de *Nossa Senhora de Paçô*, é porque a sua imagem foi achada em uma lapa chamada *Paçô d'El-Rei*, ou *Paço Velho;* denominação que deve, a ter servido de quartel a D. Bermudo II (o *gotoso*), rei de Navarra, quando, em 998, junto com os condes D. Forjaz de Vermuiz e D. Garcia Fernandes, derrotaram aqui, no sitio de *Morilhões*, o feroz Almançor, rei de Córdova. D'este tomou tambem o nome, um grande penedo e um monte, que ficam por cima da egreja, a que chamam *Pico d'Almançor*, por fazer aqui o seu acampamento, e d'onde escapou, fugindo.

O sitio em que appareceu a santa imagem, é um alto, cercado de muitos penedos, por entre os quaes havia frondosas arvores silvestres.

É imagem de muita devoção dos povos d'esta terra, que lhe fazem duas festas annuaes (havendo então duas feiras francas), uma a 25 de março, outra a 15 d'agosto, durando cada uma tres dias: são das maiores da provincia.

Ignora-se o anno em que a imagem foi achada; mas suppõe-se que foi aqui escondida pelos christãos, na invasão dos barbaros do norte, que eram arianos, em 405; e que foi achada no fim do seculo V, construindo-se-lhe logo um templo, que depois foi egreja matriz.

O rei suevo Theodemiro (que sendo ariano se converteu á fé catholica, em 564) achou já a egreja da Senhora constituida em séde parochial, em 568, e a deu ao bispo de Tuy.

A rainha D. Thereza, e seu filho, D. Affonso Henriques, confirmaram esta doação, em 3 de setembro de 1125.

Mais tarde foi esta freguezia annexada á egreja de S. Cosme e S. Damião, d'A'zere (n'este concelho.)

E' sagrada.

N'esta freguezia ha um sitio chamado os *Altares*, nome que tomou de uns que se levantaram alli, para dizer missas ás tropas de D. Affonso Henriques, quando deu a batalha chamada da *Veiga da Matança*. ou dos *Arcos de Valle de Vez*, a seu primo D. Affonso VII de Leão, em 1129.

Os leonezes oram derrotados, deixando no campo muitos milhares de mortos.

E' tradição que n'esta batalha, um soldado da nobre familia dos Abreus, de Merufe, tomou a um leonez a reliquia do Santo Lenho, de Grade; e que primeiramente esteve depositada na egreja matriz da villa dos Arcos.

O arcebispo de Braga, D. frei Agostinho de Castro, tirou metade d'esta reliquia, que mandou collocar na egreja do seu collegio de Nossa Ssnhora do Populo, em Braga.

A imagem da padroeira é de pedra, de bôa esculptura, e está no altar-mór.

Vem aqui muitos *clamores* de diversas freguezias, em todo o anno.

N'esta freguezia está a *torre de Bemdevizo*, de Francisco Manuel da Costa.

Consta que foi solar dos *Azeres*, appellido extincto.

Ha tambem a *torre do Outeiro*, que se diz ser o antigo solar dos *Aranhas*, e na qual mandou pôr o seu brazão d'armas, Lançarote Dias Aranha, abbade que foi de Oliveira dos Arcos, filho de Diogo Annes Aranha abbade d'A'zere.

E' tambem n'esta freguezia a casa e *quinta de Campos*, que passou depois aos Araujos.

PAÇO (*Páçô*)—villa, Beira-Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira (foi do concelho extincto, de Leomil, comarca de Moimenta da Beira) 12 kilometros de Lamego, 320 ao N. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757, tinha 98 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O papa, o bispo, e os conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) do mosteiro de Villa-Bôa, apresentavam alternativamente o

abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

No dia 21 de agosto de 1875, o sr. bispo de Lamego, collou n'esta abbadia, o reverendo padre Luiz Antonio dos Reis Leitão, dignissimo e illustrado ecclesiastico, mui fervoroso no cumprimento dos seus deveres.

E' um dos esclarecidos redactores da *Atalaya*, jornal catholico que se publica em Viseu, e irmão do digno e illustrado proprietario da mesma folha, o sr. J. J. dos Reis Leitão.

PAÇO (quinta do)—na freguezia d'Alvarenga (vol. 1.º, pag. 174, col. 2.ª)

Está aqui um antiquissimo palacio com duas torres em ruinas.

E' tradição que pertenceu á uma dona, senhora de baraço e cutello, e de nobilissima familia.

Era tão cruel (e tão gulosa) que, quando as vaccas dos lavradores estavam para parir, as fazia matar, para lhe comer as vitellas.

Uma mulher d'aqui, a quem a senhora obrigou a matar uma vacca, se foi á Lisbôa queixar ao rei, que mandou proceder a averiguações, e vendo que as queixas eram verdadeiras, tirou o senhorio á tal dona.

Esta propriedade é hoje do sr. Bernardo Pinto de Miranda Montenegro, residente na cidade do Porto, e sobrinho do fallecido general Pamplona, visconde de Beire.

Possue esta casa, como herdeiro do capitão-mór de Alvarenga e Cabril, Francisco Pereira de Vasconcellos, fallecido em 17 de agosto de 1648.

(Para a nobilissima familia d'estes Montes-Negros, vide—Bôa-Vista, Porto, Real, Sete-Capellas, Sinfães, e Tuias.)

PÁÇO—aldeia, Beira-Alta, freguezia de Penajoia, comarca, concelho, e 9 kilometros a O.N.O. de Lamego, a cuja diocese pertence, districto administrativo de Viseu, e proximo da margem esquerda do rio Douro.

Ha n'esta aldeia a casa da distincta familia Sávedra.

Vivem n'ella os reverendos padres Francisco e Joaquim, já decrepitos, de um exemplarissimo comportamento, e muito caritativos.

Trabalham nas suas terras como simples operarios; mas não é a avareza ou ambição que os move, pois, tudo quanto podem apurar, dão aos pobres.

Tambem é n'esta aldeia, a não menos distincta casa dos srs. Táveiras, representada até 1834, por um capitão-mór de Malta, que ainda vive (1876.)

Varias demandas lhe arruinaram muito a casa; mas, ainda assim, conseguiu ordenar tres filhos, os reverendissimos Antonio, Sebastião, e José Carlos; muito dignos ecclesiasticos.

O terreno d'esta aldeia, como o de toda a freguezia, é fertillissimo. Vide Penajoia.

PÁÇO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 120 kilometros ao N.E. de Lisboa.

Tem 250 fogos.

Em 1757, tinha 168 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Pranto.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

A mitra apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil. Bom vinho.

PAÇO (*Páçô*)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi da comarca e concelho—extinctos—de Pico de Regalados) 15 kilometros ao N. de Braga, 365 ao N. de Lisboa.

Tem 85 fogos.

Em 1757, tinha 56 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Santa Maria de Adaúfe, apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

Terra pouco fertil. Muito gado, e caça grossa e miuda.

PAÇO—villa, Minho—vide Paços, (S. Julião.)

PAÇO—freguezia, Traz-os-Montes, foi do extincto concelho do Outeiro, e hoje é do concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Bragança, 35 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 63 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

O cabido da Sé de Bragança apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está annexa ha muitos annos á de *Rio Frio.*

PAÇO D'ANÇARIZ—Minho, nobre e antiga casa solar, na *Veiga de Penso,* proximo a Braga.

Affonso da Costa, cavalleiro de S. Thiago, veiu para Braga, com seu tio, o arcebispo, D. Jorge da Costa (irmão do famoso D. Jorge da Costa, cardeal d'Alpedrinha.)

Foi feito alcaide-mór de Braga, em 1488.

Casou com D. Brites Annes Vellozo, filha de D. João Gomes Pereira, e neta do arcebispo, D. Lourenço Pereira.

Affonso da Costa foi o fundador da casa dos Vasconcellos, das Carvalheiras (Braga), senhores do *Paço d'Ançariz.*

Affonso da Costa, era tambem senhor da Vinha de Santa Eufemia (*Campo da Vinha,* onde está o mosteiro e quartel do Populo—hoje chamado *Campo de D. Luiz I.*)

Trocou a tal Vinha de Santa Eufemia, com o arcebispo, D. Diogo de Souza, em 3 de dezembro de 1508, recebendo o Paço de Ançariz e os casaes da Veiga de Penso.

Sua filha, D. Maria da Costa, casou com Duarte Mendes de Vasconcellos, descendente de Martim Moniz (o qme morreu atravessado na porta do castello de Lisboa, em 21—ou 25—de outubro de 1147, e filho de Egas Moniz.)

A actual representante d'esta casa, de verdadeiros e legitimos Vasconcellos, é a sr.ª D. Angelica Augusta da Costa Vasconcellos de Brito Roby, casada com o sr. Jeronymo da Cunha Pimentel Homem de Vasconcellos.

Para as armas dos Costas, vide *Feira.*

As armas d'estes Vasconcellos, são:

Em campo preto, tres faxas, veiradas e contraveiradas de púrpura e prata.

Timbre, um leão preto, faxado com as tres faxas das armas.

PAÇO D'ARCOS—formosa aldeia, Extremadura, sobre a margem direita do Tejo, na freguezia e concelho de Oeiras. (Vide a pag. 213, col. 2.ª, d'este vol.)

E' uma concorridissima estação de banhos, que são aqui optimos, não só pela limpidez das aguas, como por serem quasi tão *batidas* como as da costa do mar, que fica proxima.

Ha aqui um fortim, denominado de S. Pedro, construido durante a guerra da restauração.

Tem a aldeia 120 fogos.

—

Logo adiante de *Caxias,* está o forte de *Nossa Senhora do Porto Salvo,* construido no reinado de D. Pedro II, ainda bem conservado, mas sem artilheria.

Tem uma pequena guarnição de veteranos.

A pouca distancia d'elle, para O., principiam a orlar a estrada, pelo lado da terra (N.) varias casas de campo, algumas com bôas quintas e formosos jardins, já pertencentes a Paço d'Arcos.

A mais notavel pela sua belleza, é a do sr. Thomaz Maria Bessone (feito visconde de Bessone, em 22 de outubro de 1870.)

Foi este cavalheiro—que é um rico negociante da praça de Lisboa—que mandou edificar esta casa de campo, pelos annos de 1860, pelo risco e sob a direcção do sr. Cinati.

No principio do seculo XVIII, apenas esta povoação se compunha de 35 fogos; mas ja então aqui havia um palacio com dois torreões, e no centro d'elles uma larga varanda, sustentada por tres grandes arcos, e é por isto, que á aldeia se deu o nome que tem.

Este palacio tem soffrido varias reedificações, e a quinta que lhe está annexa, tem sido modernamente muito aformoseada.

E' propriedade dos srs. condes das Alcáçovas.

Ha na povoação uma delegação de saude para a visita dos navios que entram a barra. Tem um bom caes de cantaria.

Ha tambem aqui uma vastissima *caldeira* ou *doca,* mandada fazer pelo marquez de Pombal, e que, pelo seu grande trabalho e perfeição, custou uns poucos de contos de reis

E' formada por grossas muralhas de cantaria, de grande solidez, e com capacidade

para receber e dar seguro abrigo, a navios de grande lotação.

Tem sido tão inqualificavel o desmazêllo dos nossos governos, desde o reinado de D. Maria I, que ésta magnifica obra está obstruida com as areias do rio, e inutil.

A parte superior das muralhas é ainda um passeio agradavel.

Em frente da povoação, fórma o Tejo uma bella enseada onde a real associação naval, costuma fazer as suas *regatas*: festas pomposas a que concorre grande numero de habitantes de Lisboa, e o rei, como presidente da associação.

Na estação de banhos ha aqui varias corridas de touros.

A' sahida de Paço d'Arcos, junto á estrada que vae para Oeiras, estão as importantes pedreiras, que fornecem a maior parte da excellente cantaria, que se emprega nas obras de Lisboa, e que dão a este logar, grande movimento industrial e commercial.

Proximo d'estas pedreiras, para o lado do Tejo, está um tumulo de pedra, com uma inscripção em inglez.

Está n'elle sepultado o cadaver do joven commandante de um navio de guerra britannico, que foi vencido e morto pelos francezes, em um combate naval, dado nas proximidades da barra de Lisboa.

Eis a traducção do epitaphio, que é um modelo de inscripções sepulchraes.

«Este monumento, é consagrado á memoria do cavalleiro Courray Shiphy, da edade de 25 annos. Foi capitão do navio de S. M. B., a *Nympha*. Foi morto no ataque de uma embarcação de guerra inimiga, perto do Tejo, no dia 22 de abril de 1808. Acasos que a sabedoria humana não póde prever, nem qualquer esforço evitar, mallograram o ataque, e terminaram a curta, mas distincta, carreira do seu commandante. Em quanto porém existir o seu nome nos annaes da fama, e na lembrança da sua patria, é de esperar que os homens bons e valentes, de qualquer nação, acatem as suas cinzas, e contemplem respeitosos a ultima morada de um heroe.»

Deixando a estrada que conduz de Paço d'Arcos a Oeiras, afastando-se um pouco da beira-mar, e seguindo pela mesma direcção, se acha o pittoresco sitio das *Fontainhas*. (Vide vol. 3.º, pag. 206, col. 2.ª) e depois, a foz do rio d'Oeiras.

Está edificada em Paço d'Arcos, a formosissima capella do *Bom Jesus dos Navegantes*, ao qual os povos d'estes sitios dedicam uma fervorosa devoção. O nosso querido *patrão Joaquim Lopes*, secundado pela fé e piedade de outros cavalheiros, e dos povos circumvisinhos, fundaram esta capella, que foi benzida em 8 de setembro de 1873. Foram dois dias de summo regosijo e de pomposas festas para este bom povo. Houve de tarde uma esplendida procissão e concorrido arraial, onde tocou a banda de infanteria n.º 1. Na vespera, houve uma linda illuminação e magnifico fogo de artificio.

Tambem foi iniciador d'esta festa o legendario Joaquim Lopes, que, confiando na sua coragem, e fé no divino protector dos navegantes, tantas vidas tem arrancado á morte, nas revôltas ondas do Oceano.

Além da magestosa festividade ao Bom Jesus dos Navegantes, tambem n'esta capella se faz outra, muito concorrida, ao invicto martyr S. Sebastião, com procissão, sermão, musica, fogo prêso, grande arraial, etc.

Desde o dia 8 de setembro de 1873, principiou tambem n'esta capella a haver missa em todos os domingos e dias sanctificados.

No tempo dos banhos, porém, ha missa em todos os dias de semana.

Cinco dias depois da magestosa festa ao Senhor Jesus, se realisou um importantissimo melhoramento n'esta notavel povoação. Na noite do dia 13, principiou a haver aqui illuminação publica, melhoramento devido á camara d'Oeiras.

—

Na col. 1.ª de pag. 237 d'este volume, prometti dar mais informações com respeito ao venerando *patrão* Joaquim Lopes; e, como estou convencido de que todos se interessam por quanto lhe pertence, darei aqui uma relação da sua já numerosa descendencia.

Já disse (pag. 232, col. 2.ª) de quem e onde nasceu Joaquim Lopes.

Casou a 19 de março de 1823 (recebendo-se na egreja matriz, de Nossa Senhora da Purificação, d'Oeiras), com Maria do Rosario, filha de José d'Oliveira Raposo e de Maria do Rosario, todos nascidos e baptisados na villa de Olhão.

Filhos de Joaquim Lopes

1.º—*Luiza Rosa Lopes*, que nasceu a 18 de janeiro de 1826. Fallecida.
2.º—*Quirino Antonio Lopes*, hoje patrão da falúa do Bugío. Nasceu a 13 de outubro de 1828. Casou com Maria da Graça Lopes, natural da Trafaría (recebendo-se na egreja da Misericordia, de Lisboa). Reside em Paço d'Arcos.
3.º—*Carlos Augusto Lopes*. Nasceu em 11 de maio de 1834. Casou com Rosa Fausta da Conceição Aleixo, natural de Oeiras, residentes em Paço d'Arcos. É tripulante da falúa do Bugío.
4.º—*Joaquim Lopes Junior*. Nasceu em 19 de fevereiro de 1836. Casou, em Ithapeva da Faxina, provincia de S. Paulo (Brasil), com Anna da Silveira. É negociante em Ithapeva, onde reside.
5.º—*Emilia Augusta Lopes*. Nasceu a 29 de novembro de 1838. Casou e reside em Paço d'Arcos.
6.º—*Luiz Francisco Lopes*. Nasceu a 7 de maio de 1839. Casou com Anna Luiza de Oliveira Lopes, natural de Carnide. É empregado no commercio, e residente em Lisboa.
7.º—*José de Mello Lopes*. Nasceu a 29 de de março de 1841. É carpinteiro de machado, e tripulante da falúa do Bugío. Solteiro, residente em Paço d'Arcos.

Todos estes sete filhos nasceram em Paço d'Arcos, e foram baptisados em Oeiras.

—

Até hoje (fevereiro de 1876) tem Joaquim Lopes VINTE E NOVE netos, a saber:

Filhos de Quirino Antonio Lopes

(POR ORDEM DAS EDADES)

1—Joaquim Ferreira Lopes.
2—Ermelinda Maria Magdalena Lopes.
3—Maria da Graça Lopes.
4—Emilia das Dores Lopes.
5—João Baptista Lopes.
6—Carolina da Conceição Lopes.
7—Luiza da Encarnação Lopes.
8—Gertrudes da Conceição Lopes.
9—Elvira Adelaide Lopes.
10—José Elysio Lopes.
11—Quirino Antonio Lopes Junior.
12—Josephina Adelaide Lopes.

Filhos de Luiza Rosa Lopes

1—Maria do Rosario Lopes.
2—Francisco Lopes.
3—Antonio Lopes.
4—Joaquim Lopes.

Filhos de Joaquim Lopes Junior

1.º—Olinda Lopes.
2.º—Elidia Lopes.

Filhos de Carlos Augusto Lopes

1.º—Constança de Jesus Lopes.
2.º—Carlos de Jesus Lopes.
3.º—Francisco Raphael Lopes.
4.º—Maria do Rosario Lopes.
5.º—José de Jesus Lopes.
6.º—Rachel de Jesus Lopes.

Filhos de Emilia Augusta Lopes

1.º—Eduardo dos Anjos Lopes Belleza.
2.º—Maria Clementina Lopes Belleza.
3.º—Adelino Lopes Belleza.
4.º—Edewiges Lopes Belleza.
5.º—Angelica Lopes Belleza.

—

Ha em Paço d'Arcos um bonito theatro, onde se teem representado escolhidas peças portuguezas e francezas, por distinctos curiosos; assim como bellissimos grupos de *quadros-vivos*.

No dia 9 de setembro de 1875, foi aberto o club de Paço d'Arcos, sob a presidencia do sr. marquez de Fronteira e mais direcção, dando o seu baile de inauguração, que foi pomposo e variadissimo; e concorrido

por grande numero de damas e cavalheiros, das principaes familias que estavam a banhos por estes sitios, e vindo até algumas de Lisboa.

Paço d'Arcos, progride a olhos vistos, e antes de muito poucos annos, será uma das mais bonitas villas das margens do Tejo.

Tem-se reedificado muitos predios, e construido novos, em optimas condições de commodidade e elegancia.

O sr. Osborne Sampaio, comprou um grande predio (1875) que vae renovar luxuosamente, e melhorar as terras proximas.

E' uma vistosa collina, onde projecta construir um formoso *chalet*, no gosto suisso.

Vae tambem arborisar a praia da *Caldeira*, que fica ao sopé da mesma collina, convertendo um arido areal, em formoso parque e passeio agradavel.

Alguns influentes de Paço d'Arcos, secundados por cavalheiros que para aqui costumam vir passar a estação dos banhos, teem esperanças de constituir d'esta povoação uma freguezia independente.

PAÇO DE CALHEIROS ou Paço Velho, ou Ante-Paço de Baixo—nobre e antiquissima casa e quinta, Minho, na freguezia de Santa Eufemia de Calheiros, comarca, concelho e proximo a Ponte de Lima.

Antigamente, pertenceu esta casa e toda a parochia, á antiga freguezia de Santa Marinha d'Arcozêllo, em frente da villa de Ponte de Lima. (Vol. 1.º, pag. 237, col. 1.ª—*Arcozêllo de Lima.*)

E' esta casa o solar dos Calheiros; padroeiros da egreja matriz.

Já a pag. 47, col. 2.ª, do 2.º volume, tratei rapidamente d'esta familia e suas armas, reservando-me para em artigo especial (este) dar mais alguns esclarecimentos.

Ignora-se o primeiro nome d'esta propriedade.

O mais antigo que se lhe conhece, é *Ante Paço de Baixo.*

Quando já tinha muitos seculos de existencia, se denominou *Paço Velho*, e, desde o seculo XVIII se principiou a dar-lhe o nome de *Paço de Calheiros*.

Procedem os Calheiros, por varonia, de D. Alvaro de Luna, abbade de Rendufe.

Esta familia ligou-se, por casamentos, com as principaes da provincia.

No meiado do seculo passado, era senhor d'esta casa, Diogo Lopes Calheiros (avô do sr. Antonio Lopes Calheiros de Menezes, e bisavô do sr. Sebastião Lopes Calheiros de Menezes—dos quaes adiante trato.) Filho de João Barbosa Calheiros, senhor da casa, e ajudante do regimento de *dragões* do partido da Beira, e de sua mulher, D. Josefa do Amaral Cabral, filha de Manuel de Portugal Mendonça Furtado, e de D. Maria do Amaral Cabral, da casa de Rijão-Pequeno, na freguezia do Pinheiro d'Ázere.

Era neto de Diogo Lopes Calheiros, e de sua mulher, D. Lourença Pacheco, filha natural de Francisco de Brito, da casa da Abobereira—e bisneto de Payo Gomes de Brito Calheiros, senhor da casa de Sabadão, e de sua mulher D. Natalia Barbosa Pacheco, senhora da casa de Lamas, em Victorino das Donas.

Pertence a esta esclarecida familia, o nosso distincto engenheiro, o sr. Sebastião Lopes Calheiros de Menezes.

N'esta casa nasceu, a 5 de maio de 1783, Antonio Lopes Calheiros de Menezes, filho de Francisco Lopes Calheiros de Menezes, e de D. Maria Thereza de Barbosa Falcão Sotto-Maior.

Foi para a universidade de Coimbra, em 1801, cursando, com distinção, as aulas de direito civil e canonico, graduando-se em leis, no anno de 1807.

Habilitado com a leitura do desembargo do paço, foi despachado juiz de fóra da villa de Ponte de Lima, exercendo sempre com a maior intelligencia e justiça, este logar, até 1817.

N'este anno foi para o Rio de Janeiro (onde então estava a familia real portugueza) e D. João VI o nomeou juiz de fóra d'aquella cidade; emprego que serviu, com tanta honradez e probidade, como tinha exercido o antecedente.

Em 1821, foi nomeado desembargador da casa de Supplicação e Aggravos de Lisboa.

D. João VI estimava muito este digno magistrado, pelas suas virtudes, e o consultava e ouvia com a maior attenção.

Era um dos homens mais respeitaveis de Portugal n'este seculo; honrando a magistratura pela sua austera probidade; sendo ao mesmo tempo affabilissimo no trato, e de um espirito cultivadissimo.

Seguindo sempre com dedicação e sinceridade as ideas politicas da legitimidade, era, pela sua tolerancia e espirito conciliador, estimado pelos seus proprios inimigos politicos (que outros nunca teve nem mereceu.)

Falleceu no dia 15 de dezembro de 1875, na provecta edade de 92 annos, 7 mezes e 10 dias; deixando por seu universal herdeiro, seu sobrinho, o dito sr. Sebastião Lopes Calheiros e Menezes.

PAÇO D'EIRAS—Minho, nobre e antiga casa solar, em Terras de Basto.

E' representante d'esta casa, e sua possuidora, a sr.ª D. Francisca Xavier Machado d'Azevedo Barbosa.

PAÇO DE GIELLA—(Vol. 3.º, pag. 280 columna 1.ª)

Ha n'esta freguezia de Giella a casa do *Paço* de que já se fallou no logar proprio, e que, sendo ultimamente dos marquezes de Ponte de Lima, foi comprado pelo sr. Narciso Marçal Durães de Faria (sobrinho do actual sr. visconde de Porto Covo.)

O sr. Faria reformou exteriormente este Paço e torre, e fez melhorias grandes na quinta, tornando esta propriedade uma formosa vivenda.

PAÇO DE LANHÊZES—solar, e casa nobre do Minho, freguezia, concelho, comarca e districto administrativo de Vianna. Arcebispado de Braga. (Vide *Vianna do Minho.*)

Abreus Pereiras Cirnes

(CONDES D'ALMADA)

Pedro Nunes Cerveira, sr. do Paço de Lanhêzes, foi 2.º marido de D. Suzana de Barbosa e Almeida, que tiveram:

Francisco d'Abreu Pereira, coronel de infanteria e governador de Paraiba do Norte, e este a José Pereira de Brito e Abreu, mestre de campo e governador do castello de Vianna, etc.

Casou com D. Isabel Josepha Cyrne Peixoto, filha herdeira de João Ribeiro Cyrne Peixoto.

O dito José Pereira foi pae de Francisco d'Abreu Pereira Cyrne, alcaide-mór de Ferreira, etc., casado com D. Maria Victoria de Menezes, da casa das Covas; e avô Sebastião Pereira Cyrne d'Abreu, senhor do Prestimonio de Gontinhães, etc., que esposou D. Maria José de Lencastro e Menezes, filha de Gonçalo Pereira da Silva, 1.º morgado de *Bretiandos*, etc., e de D. Ignez Cesar de Lencastre, filha de Sebastião Correa de Sá, tenente general, e 3.º visconde d'Asseca.

De Sebastião Pereira e D. Maria José, nasceram:

D. Maria Francisca d'Abreu Pereira Cyrne Peixoto, 2.ª condessa d'Almada pelo seu casamento com D. Antão d'Almada, 2.º conde d'Almada e 14.º d'Abranches, mestre de sala ajudante d'el-rei e capitão de cavallaria, que tiveram, D. Lourenço que segue, D. Antão, casado com successão e D. Maria Victoria, solteira.

D. Lourenço José Maria d'Almada Pereira Cyrne Peixoto, que foi 3.º conde d'Almada e 15.º d'Abranches, e casou com D. Maria Rita Machado Orosco Castello Branco, filha de D. José de Castello Branco, 1.º conde da Figueira e embaixador em Madrid, brigadeiro, grão-cruz da Conceição e Torre Espada, etc., e senhor da casa d'entre Homem e Cavado pelo 2.º casamento com D. Maria Amalia Machado Mendonça Castro e Vasconcellos, senhora da dita casa, e 1.ª condeça da Figueira, pelo seu casamento.

Tiveram os terceiros condes d'Almada:

D. José, demente; [1] D. Maria Amalia, que casou com seu primo, Sebastião Pereira da Cunha, e vivem no castello de Portozéllo, em *Santa Martha* (vide Portozéllo); D. Maria Francisca; *D. Miguel;* D. Luiz e D. Maria Anna.

[1] Depois do fallecimento do ultimo conde, o governo não concedeu o titulo ao primogenito ou ao seguinte, conforme a praxe usada mas deixou no esquecimento familia tão distincta.

Pimenta da Gama

«Domingos Barbosa da Costa, tenente co-«ronel d'infanteria paga, que serviu em to-«da a guerra de Carlos III, fidalgo da casa «real, cavalleiro de Christo, casado com D. «Joanna Baptista Roquelha, filha herdeira do «grande praso de Balthazares, e de toda a «casa de seus paes, com tribuna para a ca-«pella de Santa Clara, teve.... mais 3 filhas «donzellas em casa.» Manuscripto de 1756, que existia no Archivo do fallecido commendador Felix d'Andrade Ruby Porto-Pedrozo.

Esta D. Joanna Baptista foi a 12.ª senhora do dito prazo de Balthazares.

Succedeu-lhe D. Ignacia Maria Joaquina (uma das 3 donzellas) que casou em 25 de janeiro de 1768 com Antonio Pimenta da Gama Barreto, filho segundo de Balthazar da Cunha Pedra Palacio, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Joanna Luiza Pimenta da Gama.

E' actualmente representante d'esta familio e 16.º successor do praso de Balthazares, o sr. Antonio Pimenta da Gama, casado com a sr.ª D. Maria Philomena do Carmo d'Araujo d'Azevedo, dos antigos condes da Barca, com successão.

Casa da Fonte dos Gatos

(Coelhos Villas-Boas)

Manuel Coelho Leitão, dos Coelhos senhores de Felgueiras e Vieira, teve como filho a Gonçalo Coelho d'Araujo, senhor da Fonte dos Gatos, e como neto, Manuel Coelho de Araujo, que militou na campanha da acclamação como auditor.

Este foi avô de José Coelho de Castro e Araujo que casou com D. Josepha Jeronima de Sá Sotto-Maior, senhora do morgado da Abelheira, e tiveram, Manuel Coelho de Castro, casado com D. Anna Margarida de Villas Boas, da casa de Leiras, em Caminha, de cujo consorcio nasceu D. Maria Clara Coelho, que casou com o capitão Fernando Lobo de Mello Leite, que morreu na batalha do Victoria, e foi pae do *actual* senhor dos morgados de S. Bento, Fonte dos Gatos, Capella do Auditor, e S. João d'Abelheira.

E' bacharel em leis, e casado com D. Maria José de Couros e Vasconcellos, tendo muitas filhas casadas, e 2 filhos.

Vasconcellos Mourão

Victorino José Monteiro de Vasconcellos Mourão, senhor das casas de Folhadella, Gurjaens, Gouvinhas e Ribabôa, tenente de cavallaria, e fidalgo da casa real, era neto paterno de Heitor de Vasconcellos da Silva e Barros, casado com D. Felicia Angelica Ferraz, bem como de João Monteiro de Vasconcellos Pires Mourão, senhor da casa de Lordello e pelo seu casamento com D. Clara Rosa de Magalhães, senhora da casa de Quintão, que tiveram a João Monteiro de Vasconcellos Mourão, senhor das casas de Sinfães, Canavezes, Quebrada, Lucim, Villa Cova, e Travassos, casado com D. Brigida José Maria de Vasconcellos.

E' *actual* representante d'este nome o capitão de infanteria José Monteiro de Vasconcellos Mourão, que casou em Vianna do Castello, com D. Maria da Conceição de Figueiredo da Guerra, que já fallamos.

E' filho de Victorino Monteiro e de D. Maria Preciosa de Magalhães, descendente de Francisco Alves de Magalhães de Carvalho, senhor das casas de Folhadella, Gurjães e Gouvinhas, casado com D. Anna Joaquina de Figueiredo.

Heitor de Vasconcellos da Silva era filho de João da Silva Vasconcellos e Mello.

PAÇO DO LUMIAR—(vide Lumiar.)

Em 30 d'abril de 1862, os srs. Antonio Leopoldo da Costa Bueno e Nieto Cavallos e Moscoso—e José Maria da Costa Bueno e Nieto Cevallos de Villa-Lobos Hidalgo e Moscoso, foram feitos viscondes do Paço de Lumiar.

PAÇO DE SÓRTES — freguezia, Traz-os-Montes, bispado, districto administrativo, comarca, concelho e proximo de Bragança, 45 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago, S. Nicolau.

O reitor de Sortes apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia está ha muitos annos unida á de Sórtes.

PAÇO DE SOUZA—freguezia, Douro, comarca, concelho, e 5 kilometros ao S.O. de Penafiel, 10 ao N. do rio Douro, 30 ao E.N.E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 500 fogos.

Em 1757, tinha 465 fogos.

Orago, O Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O D. abbade benedictino do mosteiro de Paço de Souza, apresentava o vigario trienal (era um monge d'este mosteiro) que tinha 50$000 réis de rendimento.

E' uma vasta, bonita e rica freguezia, situada em terreno levemente accidentado, sobre as margens do rio Souza, que vem morrer na margem direita do rio Douro, no sitio da foz do Souza (onde se diz que foi a primitiva Penafiel.)

E' terra muito fertil em toda a qualidade de generos do paiz.

Cria muito gado, de toda a qualidade—nos seus campos ha abundancia de caça miuda, do chão e do ar—o rio Souza lhe fornece algum peixe, e o Douro muito e optimo.

E' esta parochia uma das mais antigas de Portugal, fundada no tempo dos godos.

Tem um sumptuoso mosteiro, que foi dos monges benedictinos, fundado na era de 998 (960 de Jesus Christo), por *D. Troycozendo* (ou *Trotozendo*, ou *Trotozindo*) *Guedes*, neto de D. Arnaldo de Bayão, tronco dos Azevedos e de grande numero de familias nobres d'este reino.

Junto ao mosteiro, tinha Troycozendo o seu Paço (que deu o nome á freguezia.)

N'este paço nasceu, pelos annos 1050, o legendario Egas Moniz, filho de Muninho Hermigues, filho de Troycozendo Guedes.

A egreja foi sagrada pelo arcebispo de Braga, D. Pedro, antecessor de S. Geraldo, em 29 de septembro de 1088.

O grande Egas Moniz, neto de Troycozendo Guedes, deu aos monges, em 1130, o paço em que vivia. que fôra de seu avô, com outras muitas propriedades, e lhes ampliou o edificio do mosteiro, que está em um delicioso valle, por onde corre o rio Souza.

Egas Moniz

Nobilissimo e entrepido cavalleiro portuguez, modelo de lealdade ao seu rei e á sua pátria, dedicado amigo e companheiro do conde D. Henrique, aio, mestre e conselheiro de D. Affonso Henriques, ao qual dedicou sempre um amor paternal extremosissimo; catholico sincero e fervoroso: descendia de uma das mais nobres familias néo-gothicas das Hespanhas.

Combateu valerosamente ao lado do conde D. Henrique, e depois, até uma edade provecta, em todas as campanhas, ao lado do seu pupilo, D. Affonso Henriques.

Tão bravo nas batalhas, como prudente nos conselhos, foi o maior vulto do seu tempo, e nenhum outro o excedeu nas virtudes que são o apanagio e ornamento de um perfeito cavalleiro.

D. Affonso Henriques nascêra a 25 de julho de 1109, e seus paes, que conheciam a honra, a fidelidade e a intelligencia de Egas Moniz, lhe confiaram a educação de seu unico filho, penhor da independencia e autonomia de Portugal; e jámais tiveram de arrepender-se da escolha; porque o joven principe, recebeu de seu *amo* (ayo) uma educação esmeradissima, da qual deu em toda a sua vida provas evidentes.

E o santo ayo, não só curou do espirito do seu *creado* (educándo) mas tambem do corpo, pois nascendo o principe aleijado das pernas, Egas Moniz, empregou todos os meios, tanto da medicina, como de orações e promessas aos santos da sua particular devoção, e teve a ventura de ver o principe perfeitamente curado.

Finalmente, D. Affonso Henriques completa 18 annos de edade (1128) e toma conta do governo de Portugal, e n'esse mesmo anno derrota, em batalha campal, em São Mamede, junto a Guimarães, o insolente e ambicioso gallego, Fernão Peres de Trava, conde de Trastamara.

Ainda em 1128, o rei de Leão (Affonso VII, seu primo) invade a provincia do Minho com um numeroso exercito; mas D. Affonso Henriques o desbarata e põe em fuga, na Veiga de Valle de Vez.

Egas Moniz foi sempre inseparavel companheiro do principe, batalhando intrépidamente a seu lado.

D. Affonso VII, refeito das perdas da ultima batalha, e reunindo novas tropas, vem cercar seu primo, que estava em Guimarães, reduzindo-o á grande aperto. Era a conjunctura de se patentear em toda a sua inimitavel dedicação, a alma de Egas Moniz. Só um acto da mais sublime abnegação, poderia salvar o principe portuguez (e a independencia da patria)—e Egas não trepida ante o terrivel sacrificio.

Conhecendo o genio indomavel do seu principe; sabendo que elle jámais se sujeitaria á dominação estrangeira, sae occultamente da villa, e apresentando-se na tenda do soberbo monarcha leonez, lhe promette obediencia em nome de D. Affonso Henriques, e que este hiria ás côrtes de Leão.

Toda a Hespanha conhecia a nobreza de caracter, e a lealdade proverbial de Egas Moniz. O rei levanta o cêrco e vae para Leão; mas D. Affonso Henriques não annue ao pacto feito pelo seu aio, nem este o aconselha a isto; porém deu á sua palavra, e por penhor d'ella a sua vida e a dos seus—e hade cumpril-a. Marcha para Toledo com sua mulher e filhos, entregar-se ao rei de Leão.

Deixemos fallar o nosso Camões:

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe, em Guimarães está cercado
De infinito poder; que d'esta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado:
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas, amo foi livrado;
Que de outra arte, podéra ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vae ao castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cêrco horrendo,
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Moniz. Mas não consente o peito
Do moço illustre, a outrem ser sujeito.

Chegado tinha o praso promettido,
Em que o rei castelhano já aguardava,
Que o principe a seu mando submettido,
Lhe desse a obediencia que esperava.
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que d'elle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida,
A trôco da palavra mal cumprida.

E com seus filhos e mulher se parte
A levantar com elles a fiança;
Descalços e despidos, de tal arte
Que mais move a piedade que a vingança.
— Se pretendes, rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis aqui venho offerecido
A te pagar com a vida, o promettido.

Vês, aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte;
Se a peitos generosos e excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos e a lingua delinquente;
N'ellas sós experimenta toda a sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Scinis, e do touro de Perillo.

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida, a morte tem bebido,
Põe no cêpo a garganta, e já entregado
Espera pelo golpe, tão temido;
Tal diante do principe indignado,
Egas estava, a tudo offerecido;
Mas o rei, vendo a estranha lealdade,
Mais póde em fim que a ira, a piedade.

Para mais conhecimento sobre este facto, e para evitarmos repetições, é preciso vêr a nota, a pag. 355 do 3.º volume.

É certo que alguns escriptores negam este acto de abnegação e lealdade, do nosso Egas Moniz; porém uma grosseira esculptura, segundo todas as probabilidades, contempora-

nea, lavrada na pedra do tumulo do heroe, nos levam a acredital-o.

O Sr. Alexandre Herculano (que certamente ninguem alcunhará de *crendeiro*), na sua *Historia de Portugal*— tomo 1.°, pag. 287, e na nota correspondente, a pag. 468 (1.ª edição, de 1846), adduz provas que nos levam a acreditar o facto contestado. Mas, o que quizer deliciar-se com a lenda poetica de Egas Moniz, leia os *Quadros Historicos* do fallecido visconde de Castilho, no logar competente.

O Sr. M. Pinheiro Chagas (*Portuguezes Illustres*, pag. 7) chama a Egas Moniz Coelho (sobrinho do outro — vide *Arouce*) *poeta do amor*, e a seu tio, *poeta da lealdade*.

Segundo o *Anno Historico*, tomo 1.°, pag. 499, Egas Moniz falleceu em 21 de abril de 1146 (o sr. Pinheiro Chagas diz que foi em 1144)—e, finalmente o sr. Carreira de Mello, diz que elle falleceu em 1139, logo no primeiro dia de jornada (de Coimbra para Ourique) em que acompanhava D. Affonso Henriques.

Deixo á apreciação do leitor instruido, a verificação d'estas datas. Só direi, que, a dar credito á inscripção sepulchral, só o sr. Pinheiro Chagas acertou.

—

Foi Egas Moniz sepultado em uma capella particular do seu mosteiro, de Paço de Souza; mas, no anno de 1605, foi o seu tumulo removido para a capella-mór, e em 1784 para o corpo da egreja. (Ha tambem quem diga, que o monumento esteve primeiro no adro, depois foi mudado para uma capella, feita de proposito para elle, e por fim para a egreja.)

—

Este venerando monumento é de granito, e, como já disse, mui grosseiramente cinzelado. De mais a mais, nas remoções que soffreu, pedreiros ignorantes, collocaram as suas diversas peças despropositadamente fóra do seu logar, o que evidenceia a inscripção, que sendo em duas linhas, e em pedras differentes, ficou a superior com o debaixo para cima.

Não havendo na nossa typographia caracteres semelhantes aos da inscripção, vão os actualmente usados, que lhe correspondem.

Na 1.ª linha (na que está ás avessas) se lê:

HIC : REQVIESCIT : FYS : DEI : EGAS : MONIZ : VIR : INCLITVS :

E na 2.ª, que está ás direitas, diz:

ERA : MILLESIMA : CENTESIMA : 2XXXII :

(Note-se que o 2, vale 50. — O D, então, valia, como hoje, 500, e tendo sobre elle um risco horisontal, valia 5:000.)

Quer dizer:

«*Aqui descança o servo* (ou *filho*) *de Deus, Egas Moniz, varão inclito. Era* (falleceu na) *1182*» — que é exactamente o anno 1144 de Jesus-Christo, como diz o sr. Pinheiro Chagas. (Veja-se adiante.)

—

O canteiro pretendeu representar n'este monumento o facto mais grave da vida de Egas Moniz. O primeiro *baixo relevo* consta de tres pedras, collocadas horisontalmente umas sobre as outras, formando todas tres um só lado. Na pedra superior, se vêem tres cavalleiros, montados em cavallos sem adornos; levando, aquelles, as cabeças descobertas e os braços manietados, levando o da frente (provavelmente Egas Moniz) uma corda em volta do pescoço, e levando atraz de si, e entre os dois cavalleiros da rectaguarda, um peão ou criado. As figuras que estão nos dois lados, parecem ser mulheres do povo, vendo passar a triste cavalgata.

Na segunda pedra, vae o resto da *caravana*, composta de quatro creanças a cavallo em um cavallo, seguidas de uma mulher (a de Egas Moniz?) tambem montada, levando á sua direita, a pé, uma mulher, e atraz de si, um homem e uma mulher—segue-se uma especie de camilha, com quatro creanças, e atraz d'ellas, tres mulheres.

A segunda parte do monumento, é composta de quatro pedras (a 2.ª de cima é a que foi collocada de pernas para o ar).

Na primeira se vêem dois homens, deitando na sepultura um corpo—um bispo, de báculo na mão direita e um livro na esquerda,

em acção de encommendar o defuncto, e duas mulheres lamentando-se (talvez choradeiras).

Do outro lado, mas no mesmo plano, está um homem morto, deitado, e quatro carpideiras. Uma figura, representando a alma do defuncto, dentro de um circulo, que seguram dois anjos, figura ter sahido da bocca do morto, e no acto de subir ao céu.

Os ornatos do tumulo, são, como elle, singelos e toscos.

Note-se que a data que se lê actualmente no tumulo, não concorda com a que se lê no *Nobiliario do conde D. Pedro* (pag. 187 da edição de Roma); pois ahi, traduzindo a inscripção, se diz — era de 1184, que vem a ser o anno 1146 de Jesus-Christo, que marca o *Anno Historico*. Talvez que, com as remoções se destruissem as duas ultimas letras da lapide.

—

Não podemos dizer com certeza quantas foram as mulheres de Egas Moniz. Fr. Francisco de Santa Maria (*Anno Historico*, tomo 1.º, pag. 499) dá-lhe apenas duas — 1.ª, *D. Mór Paez*, filha de D. Payo Guterres da Silva — 2.ª, *D. Thareja Affonso*, filha do conde D. Affonso, das Asturias; tendo de ambas descendentes.

Outros escriptores lhe dão quatro mulheres, e até alguns cinco!

Entre as doações do mosteiro de Salzêdas, se achavam muitos titulos de compras, feitas por Egas Moniz e *suas quatro successivas mulheres*.

Em 1099, Egas Moniz, e sua mulher *D. Dordia*, compraram a Joab, e sua mulher Julia, uma herdade, em *Paredes* de S. Martinho de Mouros.

Em 1105, Egas Moniz, e sua mulher, a mesma D. Dordia, compraram outra herdade, no mesmo logar, a João Sonilo, e sua mulher Elvira.

Parece que esta D. Dordia, falleceu antes de 1116.

Em 1120, Egas Moniz, e sua mulher, *D. Dorotheia*, compraram a D. Ejeuva Prolix Guedas, um casal em Esmoriz, junto ao castello de Bayão.

Em 1130, comprou Egas Moniz, e sua mulher, *Maria Onoriquiz*, a Mendo Moniz, e sua mulher, Goina Mendes (por uma mulla, avaliada em 306 *bragaes*) [1] uma herdade em *Lourêdo Jusano* (Lourêdo *de Baixo*).

Em 1134, compraram Egas Moniz, e sua mulher, *D. Thereza Affonso*, varias propriedades, que, como as antecedentes, deram ao mosteiro de Salzêdas.

Em 1142, Egas Moniz, e sua mulher, *Gontina Ramires*, doaram a villa de *Savarigones* (hoje aldeia de Sarabigões, na freguezia da Espiunca), metade a S. Martinho da Espiunca e metade ao de S. João da Alpendurada. No mesmo anno, os mesmos conjuges fizeram uma carta de meiação, de todos os seus bens, no caso que nenhum d'elles se tornasse a casar, depois de viuvo.

Os mesmos fizeram o seu testamento, de *mão commum*, em 1143, no qual libertaram, por sua morte, todos os seus escravos mouros, que então fossem baptisados.

Se este Egas Moniz fosse o nosso legendario Egas Moniz, vinha elle a ter sido casado cinco vezes, com as seguintes mulheres — 1.ª, D. Dordia — 2.ª, D. Dorotheia — 3.ª, Maria Onoriquiz — 4.ª, D. Thereza Affonso — e 5.ª, Gontina Ramires. Mas, com toda a certeza, esta ultima foi mulher de um outro Egas Moniz, pois estes consortes ainda viviam em 1174, e vemos que o nosso heroe tinha então fallecido havia, pelo menos, 28 annos. Mesmo que esta data fosse a era de Cesar (que não é) — vinha a ser o anno de Jesus-Christo 1136, quando elle tinha por mulher D. Thereza Affonso.

Est'outro Egas Moniz e a tal sua mulher Gontina Ramires, doaram os seus bens (no dito anno de 1174) a *Pedro Moniz*, ao qual tinham creado, e elle os tinha servido «pro criancia, et pro servicio.»

[1] Um *bragal*, são 7 varas de um pano de linho grosseiro, usado nos primeiros seculos da nossa monarchia. Era este pano atravessado com muitos cordões. — Ainda hoje se fabrica nas provincias do norte, para toalhas.

Na Terra da Feira e outras do N., ainda se dá o nome de *bragal* á roupa branca que a noiva leva com o dote — á que acha na casa do noivo, e tambem a que tem uma casa.

Julgo pois que Egas Moniz só teve quatro mulheres.

Egas Moniz, de todos estes casamentos teve varios filhos, de ambos os sexos, que são progenitores das principaes familias d'estes reinos.

—

Os monges benedictinos de Paço de Souza, tinham obrigação de dar aos bispos do Porto, um jantar (*paráda*) todas as vezes que alli fossem. O bispo, Dom Hugo, renunciou a este direito, em 1116.

No tom. 3.º, pag. 672 da *Collecção de Cortes*, que existe manuscripta na academia real das sciencias, de Lisboa, se encontra a copia (em latim) d'esta renuncia, que não copio, por ser muito extensa e pouco importante.

—

No livro de *Doações*, de Paço de Souza, a fl. 32, se achava uma nota, de como o meirinho do conde D. Henrique, na cidade do Porto (Affonso Spasandiz), fez prender um môço que tinha furtado umas ovelhas, e por isso lhe queria arrancar os olhos, e que seu pae as pagasse. Os monges d'este mosteiro, intercederam por elle, e conseguiram que fosse livre e solto, pagando sómente a *mão-posta* (prisão) e carceragem.

O pae do culpado, em agradecimento aos frades, doou ao mosteiro certos bens que tinha perto d'elle.

—

Em 1386, achando-se D. João I no seu arraial, sobre Chaves, recompensou os bons serviços do seu vassallo, João Rodrigues Pereira, dando-lhe Baltar, Paço de Souza e Penafiel, de *juro e herdade, com a jurisdicção civel e crime, e mero e mixto imperio; reservando sómente a correição e alçada.* (Doc. da Camara do Porto.)

Esta freguezia formava o couto do seu nome, com justiças proprias, e com foral, sem data, tudo por D. Affonso Henriques. Por alvará de 28 de junho de 1777, foi o couto annexado a Penafiel. O povo de Paço de Souza, e os monges, oppozeram-se a esta annexação; mas, uma provisão regia do principe regente (depois D. João VI), de 23 de agosto de 1794, extinguiu o couto.

—

A egreja do mosteiro, e matriz da parochia, é um curioso specimen de architectura gothica.

Teve este mosteiro, por muitos annos, *abbades* commendatarios, que só cuidavam de devorar os rendimentos do mosteiro, e não lhes importava dos seus reparos; dando apenas aos pobres monges o rigorosamente indispensavel para o seu sustento e vestuario, e para as despezas do culto divino. Tendo fallecido o ultimo commendatario, descendente em linha recta dos antigos, os monges pediram, e o cardeal-rei lhes concedeu, em 1580, que fossem extinctos os commendatarios. Principiou então a serie dos abbades triennaes, que tomaram a peito todos os reparos do templo e do mosteiro, e este foi melhorado e ampliado.

Ainda que este sitio seja baixo, é muito aprazivel e sádio, e cercado de frondosos e gigantescos castanheiros e carvalhos, que lhe dão fresca sombra no verão. O mosteiro e a sua cêrca, foram vendidos depois de 1834, e são hoje propriedade particular.

—

Fallecendo no Rio de Janeiro, Francisco José Ferraz, natural de Paço de Souza, deixou o remanescente da sua terça, para com elle se construir aqui uma *casa-pia*.

O governo auctorisou esta fundação, no principio d'outubro de 1875, e nomeou uma commissão administrativa, composta dos srs. José Joaquim Ribeiro Taborda, João Torres de Andrade, padre José Carlos Moreira, Francisco Ferreira Ferraz, e Joaquim Ferreira.

Poucos dias depois, e no mesmo mez de outubro, o governo expede a seguinte portaria:

«Ministerio do reino:

«Direcção geral de administração politica e civil:

«Tendo Francisco José Ferraz, fallecido no Rio de Janeiro, disposto no seu testamento que o remanescente da sua terça fosse applicado á construcção de uma casa pia na freguezia de Paço de Souza, onde tinha sido baptisado, sendo 1:000$000 réis destinado

para a construcção do edificio e o restante do legado convertido em inscripções de divida publica portugueza, para com o rendimento d'ellas se prover á conservação do edificio, pagamento aos professores e professoras e sustentação dos alumnos dos dois sexos; achando-se liquidada a importancia de tão valioso legado nas quantias de 69:300$000 rs., moeda brazileira, e 16:500$ réis, moeda nacional, que se acham devidamente arrecadadas; é auctorisada a fundação de uma casa pia na freguezia de Paredes, sendo admittidas n'esse estabelecimento as creanças pobres dos dois sexos, naturaes da freguezia de Paço de Souza, podendo ser tambem admittidas as das outras freguezias do concelho de Paredes, quando os rendimentos o permittirem.

«A commissão administrativa da casa-pia, de accordo com o testamenteiro de Francisco José Ferraz, tratará de fazer construir o edificio e promoverá a conversão dos capitaes depositados em inscripções para constituir o fundo permanente do estabelecimento, propondo ao governo o projecto do regulamento, e estabelecendo n'elle as condições de admissão e da sahida dos menores, a qualidade de ensino, o numero dos empregados, professores e outras disposições, etc., etc.»

Parece que o governo não podia (não devia) ordenar semelhante transferencia.

O caridoso doador, determinou expressamente que a casa-pia se fundasse na freguezia de Paço de Souza—devia ser alli, e não em outra qualquer parte.

Nem a *faculdade* de poderem ser admittidas na casa-pia, construida em Paredes, as creanças de Paço de Souza, attenúa em coisa alguma esta inqualificavel arbitrariedade, excesso de jurisdicção e abuso do poder.

—

Perto do mosteiro está a bella casa e grande e magnifica quinta do sr. Diogo Leite Pereira, um dos mais nobres cavalheiros da provincia, tanto por seus illustres ascendentes, como pelas apreciaveis qualidades que o distinguem. Para a familia dos Pereiras, vide *Feira*. *Leite* é um appellido nobre em Portugal, tomado da alcunha imposta a Alvaro Pires, no tempo de D. Affonso IV. Trazem por armas—em campo verde, 3 flores de liz, de ouro, em roquete. Elmo de aço, aberto, e por timbre, uma das flores de liz das armas.

Outros do mesmo appellido, usam—em campo azul, 3 flores de liz, d'ouro, em roquete—élmo d'aço, aberto, e por timbre uma pomba branca, em acto de querer voar, com um ramo d'ouro no bico.

Porém o ramo a que pertence o sr. Diogo Leite Pereira, é o seguinte:

Da familia dos Leites, passou um individuo para a cidade do Porto, aparentando-se, por casamento, com os Pereiras, e formando o appellido de *Leite Pereira*.

Suas armas, são—escudo esquartelado—no 1.º e 4.º, as armas dos Leites (as antecedentes) e no 2.º e 3.º, de púrpura, uma cruz de prata floreada e vazia do campo (como as de Calatrava.)

Élmo d'aço aberto, e por timbre—a cruz das armas, entre duas flores de liz, verdes.

Outros *Leites Pereiras*, usam—escudo esquartellado—no 1.º e 4.º as armas primeiras dos Leites—e no 2.º e 3.º, de verde, cruz *potentea*, de púrpura e vazia de prata.

Élmo d'aço, aberto—e timbre—a cruz das armas, entre duas flores de liz, de ouro.

—

O paço que tinham aqui os ascendentes de Egas Moniz, e onde este nasceu, é que se julga ter dado o nome á povoação, e é provavel; mas o que se não sabe com certeza é se o seu *sobrenome* procede do rio *Souza*, ou do appellido dos senhores da terra—como se ignora se o appellido Souza foi tomado do rio, ou o nome d'este provém do appellido.

E' esta, na verdade, uma questão de pouco momento, mas não de todo destituida de curiosidade.

Estou convencido que *Souza* ou *Sousa* é um substantivo da antiga lingua portugueza; porque temos *Souza*, *Sôza* (ou *Sóza*), *Souzel*, *Souzella*, *Souzellas*, e *Souzêllo* (estas quatro evidentemente diminutivo de *Souza*) o que nos leva a crer que aquelle substantivo tinha alguma significação.

A minha humilissima opinião, é que *sou-*

za era synonymo de *herança, herdade*, etc.; porque no antigo portuguez—*sousasor*—era o mesmo que *successor*.

Ha documentos do reinado de D. Diniz, que ainda empregam com frequencia esta palavra.

O rio Souza, nasce perto da egreja de Moure, entre Pombeiro e Caramôs, e com um curso de 43 kilometros, desagua na direita do Douro, pela *Foz do Souza*, 12 kilometros a E.N.E. da cidade do Porto, em frente da bonita povoação d'*Arnellas*.

Suas margens são, pela maior parte, cultivadas, ferteis e formosas.

Perto de Paço de Souza estão os solares—dos *Brandões, da Torre de Coreixas* — dos *Athaides Azevedos, de Barbosa*—e dos *Peixotos da Silva, do Reguengo*—álem dos *Leites Pereiras*, de quem já fallei.

—

Egas Moniz, teve os filhos seguintes, das esposas abaixo declaradas.

De *D. Maior Paes*—D. Lourenço Viegas, o *Espadeiro.*

D'este procedem os Coelhos, os Frades, os Magros, os Viegas, os Aboins, e outros.

D'estes Aboins, é João de Aboim, casado com D. Maria Affonso, filha de Affonso Pires d'Arganil.

Este João d'Aboim, foi o que trouxe para Coimbra, as cabeças dos cinco martyres de Marrocos.

De *D. Thereza Affonso* — (fundadora do mosteiro de Salzêdas) teve cinco filhos e tres filhas.

D'estes procedem os Athaides, Soverosas, Reimondos, Alvarengas, Peixotos, e outros appellidos nobres.

De todas as suas quatro mulheres teve descendencia. Vai declarada nas povoações onde fizeram os seus solares.

Em frente da porta principal da egreja, ha um vetusto e corpolento carvalho, ao qual, uns chamam *carvalho d'Egas*, e outros (por abreviatura, ou *contracção* de Egas Moniz) *Égamôs.*

Já disse que aos monges deu Egas Moniz o paço em que nasceu, e, á sua custa, o transformou em vastos dormitorios.

Unida ao paço estava uma robusta e bella torre, que tambem deu aos religiosos.

Frei Leão de S. Thomaz (*Benedictina Lusitana*) diz que no seu tempo ainda existia esta torre, servindo de hospedaria.

—

O conde D. Pedro, diz no seu *Nobiliario*, que Trúictosendo Guedes (o fundador do mosteiro) mandou construir para seu jazigo e dos seus descendentes, uma egreja, denominada *Corporal de Paço de Souza*, que ficava contigua ao mosteiro. [1]

E' esta a capella em que eu disse que primeiramente foi sepultado Egas Moniz—e, depois, alguns de seus filhos.

Esta capella, estando a ameaçar ruina, foi demolida em 1605, e os ossos do inclito varão removidos para a capella-mór da egreja do mosteiro, assim como os outros que lá estavam.

O abbade que era em 1741, querendo dar mais elevação á capella-mór, entendeu que ficava mais commodo e barato rebaixal-a, o que fez.

Com esta obra, já o tumulo d'Egas Moniz soffreu mutilações; e, quando em 1784 se tornou a mudar o monumento para o corpo da egreja, soffreu o ultimo desarranjo e deslocação, ficando metade da inscripção com o debaixo para cima, como já contei.

Tem o mosteiro uma fonte d'agua perenne, no centro do claustro, e varias nas suas officinas, refeitorios, claustras baixas, etc.

—

Do que fica dito, vemos que o mosteiro de Paço de Souza, é um dos mais antigos e venerandos monumentos christãos de Portugal.

—

Em 1145, D. Dordia, filha d'Egas Moniz e

[1] N'aquelle tempo, não se enterravam seculares nas egrejas nem mosteiros de regulares.

de D. Thereza Affonso, deu á egreja do mosteiro—*una cappa crezisca, et una stola de ipso pano, et una acitara*—(uma capa d'asperges, uma estóla do mesmo pano e uma alcatifa.) [1]

—

Em 1112, tinha D. Unisco Eriz feito doação a este mosteiro, de muitos dos seus bens patrimoniaes, accrescentando — *Do omnia mea rem movilem lectorum: Cozodras, et plumazos, tapedes et almozalas, simul et alifafes, manteles, et savanas linulas, et lenzos, palium, et grezisco, pelles, et pelliceas, mantus superiores, etc.*

—

Em 994, o abbade, Randulfo, doou varias rendas a este mosteiro (em reconhecimento de que, sendo elle *de outra terra*, Tructezindo Galindiz e sua mulher, Arismia, o recolheram no mosteiro de *Palacioli* [2] *ad morandum per Regula Canonica usque ad obitum meum.)*

Com a condição do mosteiro o sustentar, vestir e lhe fazer o enterro.

—

Em 1205, D. Sancha Vermudes, mulher de Sueiro Viegas, fez o seu testamento, no qual diz que tem uma herdade *á ponte do Douro,* [3] *da qual se podem fazer trez casaes.*

Em 1216, doou ao mosteiro do Paço de Souza *tudo o que tinha em Barrô*, junto á ponte do Douro.

—

Em um documento d'este mosteiro, de 1529, se vê que lhe pagavam, entre outros tributos — *o serviço* (offerta) *do Pasquoêllo*, pela Paschoa—o *serviço do Penticoste*, pelo Espirito Santo — *E treze homeens sabudos* (certos) *pera qualquer serviço que os nós quizermos...* (aqui, serviço entende se por o trabalho de um dia.) *E os serviços do Pasquoêllo, que he fogaça* (pão) *de alqueyre e meyo de trigo, e hum cabrito, e oito bilhós. E os serviços do Penticoste, que he fogaça de alqueyre e meyo de trigo.*

—

Pedro Moniz Buchicho, cavalleiro de Lafões, e sua mulher Maria Cides, doaram ao mosteiro de Paço de Souza, metade da egreja de S. Thiago de Carvalhaes, em terra de Lafões.

Esta egreja era dos doadores, *in solidum.*

Por morte dos doadores, seu filho, Martim Peres Buchicho, impugnou esta doação; mas veiu a um accordo com os monges, em 7 de julho de 1228, para que a egreja fosse apresentada simultaneamente pelos frades e pelos Buchichos, e assim se praticou d'ahi em diante.

—

Ainda pude colligir mais apontamentos, com respeito a este convento monumental, porém, como são de menor importancia, e o artigo já vae bastante longo, fiquemos por aqui.

PAÇO VEDRO DE MAGALHÃES—freguezia, Minho, concelho e proximo da Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez, 18 kilometros ao O.N.O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 95 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O conde-almirante (conde de Rézende) apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

Esta freguezia se denominava primeiramente *Magalhães*. Depois, por causa do solar dos *Magalhães* (que tomaram o appellido d'esta freguezia) se denominou *Paço-Vedro-de-Magalhães* (Paço-Velho-de.)

[1] Os nossos antigos davam o nome de *acitara*, tanto a um tapete ou alcatifa, como aos reposteiros, pannos de raz, manto ou capa, se eram de preciosa tella e ricamente bordados.

[2] *Palacioli* era o antigo nome de Paço de Souza, o que nos leva a acreditar que nos primeiros tempos, não se dizia em portuguez *Paço de Souza*, mas *Paçô de Souza.*

Paçô corresponde a *Palaciólo—pacinho, pequeno paço* ou palacio.

[3] Estes documentos são mais uma prova de que, não só existiu (d'isso não ha duvida) mas se concluiu e serviu a famosa ponte sobre o Douro, que está proxima ao *Bernardo.* (Vol. 1.º, pag. 336, col. 2.ª; 341, col. 2.ª, no fim, e pag. 390, col. 2.ª, no fim.

Magalhães é um appellido nobre em Portugal, tomado da torre e quinta de Magalhães.

O 1.º que se encontra com este appellido é Affonso Rodrigues de Magalhães, no reinado de D. Diniz.

Foi senhor d'esta quinta por ter casado com D. Sancha de Novaes, [1] herdeira da mesma quinta.

Foi creado de D. Affonso IV.

Tem brazão d'armas completo— que é — em campo de prata, 3 faxas xadrezadas de púrpura e prata, de tres peças, em palla.

Êlmo d'aço aberto—timbre, um abutre, de prata, biccado e armado d'ouro.

Outros do mesmo appellido trazem por armas—escudo esquartellado—no 1.º e 4.º, de prata, um pinheiro verde—no 2.º e 3.º, de asul, cruz d'ouro floreada e vasia do campo—êlmo d'aço, aberto—timbre, o pinheiro das armas.

Outros Magalhães, usam — em campo de prata, 3 bondas enxequetadas de púrpura e prata, de 3 peças, em palla.

O mesmo êlmo e timbre.

Outros, finalmente, trazem—escudo enxequetado de púrpura e prata, de 3 peças em faxa e 3 em palla.

Êlmo e timbre, como os primeiros Magalhães.

Antigamente tambem se escrevia *Mangalhães*.

E' actualmente possuidor e representante d'esta casa, o sr. João Gomes d'Abreu de Lima Magalhães e Menezes.

A fundação do praso de Paço-Vedro, é de 1596.

Longa e nobilissima é a serie dos fidalgos d'esta familia, que é um ramo legitimo dos Abreus de Merufe e de Regalados (ao qual tambem pertencem os senhores condes de Fornos d'Algodres.)

[1] Outros dizem que esta senhora se chamava D. Aldára (ou Aldonça) Martins de Castellões, filha de João Martins, de Castellões.

Foi seu filho (de Affonso Rodrigues e mulher) Diogo Affonso de Magalhães, casado com D. Ignez Torres, de quem nasceu Affonso Rodrigues de Magalhães, senhor do castello de Nóbrega.

Os Abreus de Paço-Vedro, foram tambem senhores da casa de Anquião; e o são ainda da casa da Portagem, em Coimbra, e a do Outeiro, em Ponte de Lima.

D'esta casa foram os dois briosos e valentes cavalleiros de Malta — frei Gonçalo de Abreu, commendador da *Corcoveira*—e frei Antonio de Abreu, tenente general das armas da sua ordem, e commendador de differentes commendas.

A egreja d'esta freguezia, foi matriz da villa da Ponte da Barca.

E' sagrada, e póde n'ella dizer-se missa sem pedra d'ara.

E' um templo antiquissimo.

Tem reliquias de S. Martinho, seu padroeiro.

Note-se que o sr. Antonio Vieira de Magalhães, natural de S. João d'Alpendurada, não pertence a esta familia.

Foi feito barão de Magalhães, em 13 de maio de 1854, e conde do mesmo titulo, a 24 de maio de 1870.

PAÇOS—aldeia, Minho, junto a Braga, e da freguezia de S. Victor, d'esta cidade.

Ha n'esta povoação a casa nobre e muito antiga, da qual foi senhora D. Maria Candida de Araujo e Antas Da Mesquita, que, casando com Antonio d'Araujo e Vasconcellos Pereira Leite de Souza e Alvim, se uniu esta casa á de Lamas, em Cabeceiras de Basto.

(Para as suas armas, vide *Paço de Souza*.)

Está aqui a ermida de Nossa Senhora das Mercês, que fica a uns 1:200 metros de Braga.

Foi construida pelos ascendentes da illustre casa do *Lago*, da mesma cidade, em uma quinta que depois foi de Antonio Pereira do Lago.

E' um bonito passeio das familias de Braga, no verão.

No dia da padroeira se lhe costuma fazer uma bonita festividade, sempre muito concorrida.

A primeira imagem da Senhora, era de roca.

O arcebispo, D. Rodrigo de Moura Telles,

prohibiu na sua archidiocese as imagens de roca, para se evitarem indecencias, quando se despiam e vestiam; pelo que se fez então uma imagem esculpida em madeira, e é a que ainda existe.

As armas dos Lagos, senhores d'esta quinta—são—em campo de púrpura, uma torre de prata, sobre um lago, com tres peixes, nascentes, e sobre a torre, uma donzella vestida d'azul, acompanhada de tres flores de liz, d'ouro.

Timbre, a donzella das armas, com uma das flores de liz d'ellas, na mão direita.

PAÇOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Melgaço (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Monção) 70 kilometros ao N.O. de Braga, 425 ao N. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o reitor, collado, que tinha 180$000 réis de rendimento.

Clima excessivo, mas saudavel.

É pouco fertil em cereaes, mas cria muito gado, e nos seus montes ha grande abundancia de caça.

PAÇOS — freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 5 kilometros de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago, S. Julião.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 240$000 réis de rendimento.

É uma das mais antigas freguezias do Minho.—Foi villa. Fica abaixo do monte antigamente chamado *Bastucio*, ou *Bastuço*, na encosta, para o lado do rio *Laviorto* dos antigos.

Aqui teve diversas fazendas, Affonso Nantes Mires, das quaes deixou uma á Sé de Braga, em 1073.

D. Adozinda, mulher de Mendo Sijiniz, oppôz-se a esta doação e teve demanda com S. Geraldo, então arcebispo: por fim, compozeram-se, em 1106.

É terra muito fertil. Vide *Braga*.

PAÇOS — freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 40 kilometros a N.E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Clemente, de Basto, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé de altar.

É terra fertil. Cria muito gado, e nos seus montes ha muita caça.

PAÇOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe, 18 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 430$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Muito gado.

—

N'esta freguezia está a casa do *Ermo*.

N'esta casa nasceram Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro, ministro em 1836.[1]—José Lopes Vieira de Castro, tenente de voluntarios liberaes, durante o cêrco do Porto (1832 a 1834). Foi um militar valente.—Luiz Lopes Vieira de Castro, desembargador da relação do Porto. Era tambem liberal, e foi do batalhão academico durante a guerra civil, que terminou pela convenção d'Evora-Monte. D'este era filho primogenito, o bacharel José Cardozo Vieira de Castro, o infeliz mancebo de que fallo a pag. 132, col. 1.ª e 2.ª, do 3.º volume.

Da casa do *Ermo*, foi fundador Rozendo Lopes, proprietario abastado e de uma respeitavel familia. Era capitão de Malta, o pae de Antonio, José e Luiz Lopes Vieira de Castro.

A freguezia tem sido ha muitos annos parochiada por parentes consanguineos d'esta familia.

PAÇOS — freguezia, Traz-os-Montes, co-

[1] O visconde d'Almeida Garrett, escreveu a biographia d'este homem de estado.

marca e concelho de Mirandella (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Lamas d'Orelhão), 120 kilometros a N.E. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O vigario, collado, da villa de Lamas de Orelhão, apresentava o vigario, *ad nutum*, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

A esta freguezia está, ha mais de 80 annos, annexa a de *Eixes*. (Vol. 3.º, pag. 10, col. 1.ª)

Pouco fertil em cereaes, mas abundante de linho, fructos e legumes. Cria muito gado, e tem muita caça, grossa e miuda.

PAÇOS — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Sabrosa, comarca e districto administrativo de Villa-Real, 80 kilometros ao N.E. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757, tinha 200 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Conceição).

Arcebispado de Braga.

O prior do Salvador, do mosteiro dos conegos regrantes (cruzios) de Paderne, apresentava o vigario, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

PAÇOS—freguezia extincta, Traz-os-Montes; está unida á de Villar-Sécco, na comarca e concelho de Vinhaes.

PAÇOS DE BRANDÃO—freguezia, Douro (no foral da Feira e em outros livros antigos, diz-se *Paço de Brandão*), comarca, concelho e 7 kilometros ao O. da Feira, 15 ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago, S. Cypriano.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 rs. de rendimento. (Em 1623, apenas tinha 60$000 réis.)

É uma freguezia rica, fertil e bonita, a partir com a de S. Martinho d'Anta, onde está a formosa povoação de Espinho, uma das melhores estações de banhos de Portugal.

É abundante de todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra. O mar, que lhe fica a 9 kilometros ao O., lhe fornece muito e optimo peixe.

A egreja parochial, reconstruida no principio do seculo XVIII, fica no centro da freguezia, e o povo mais distante d'ella, fica apenas a um kilometro. A capella-mór, foi construida no fim do mesmo seculo, á custa do abbade que então era da freguezia.

Tem ricas pinturas a oleo. O altar-mór é muito elegante e rico, e tem 5 altares lateraes. É de uma só nave, mas vasta e magestosa.

Em frente da egreja se faz em todos os domingos, um importante mercado.

Frei Antonio de Figueiredo (*Nova Malta Portugueza*, tomo 1.º, § 205, pag. 363) diz:

A freguezia de *Palacio Blandõ* (Paços de Brandão)[1] tinha nove casaes, pertencentes á ordem de Malta, e metade da egreja. O mosteiro de Grijó, tinha a outra metade, e dez casaes (talvez por legado de algum dos dois primeiros Brandões que alli viveram, depois de terem vindo com o Sr. conde Henrique, e jazem sepultados na egreja d'aquelle mosteiro).

Vê-se pois que esta parochia é antiquissima, pois já existia no seculo XI, e que se chamava então *Palacio Blandon*, nome que lhe deu um cavalleiro de appellido Brandão, companheiro do conde D. Henrique.

Ha n'esta freguezia boas quintas, e casas de pessoas muito distinctas.

A *Quinta de Baixo*, foi de um inglez (que depois casou com a sr.ª condessa da Regaleira).

A casa dos Pintos d'Almeida, d'onde procedem os Moraes Pintos d'Almeida, lentes de Coimbra — Correias Leaes — Azevedos Brandões. (Um d'estes possue hoje a quinta da *Torre da Capella*, ou *Paços de Brandão*, que deu o nome á freguezia.)

A mais antiga fabrica de papel d'esta fre-

[1] O nome mais antigo que se conhece d'este logar, é *Palaciólo Blandom*, o que nos induz a crer que, antes de se chamar *Paços* se chamava *Paçôs*, que é o correspondente ao latino *Palaciólo*.

guezia, é a do sr. João d'Azevedo d'Aguiar Brandão, fundada pelo padre José Pinto d'Almeida.

O sr. Manuel Pinto d'Almeida, tem duas — o sr. Francisco d'Azevedo, uma — o sr. João Pereira de Souza, uma — o sr. José Caetano, uma — o sr. José de Carvalho, uma — e finalmente, o sr. José da Costa, outra.

Além das fabricas de papel d'esta freguezia, ha varias outras pelas freguezias immediatas — Rio-Meão, Parâmos, Silvalde, e Oleiros.

A serraria a vapor, está fundada na extremidade da freguezia, entre ella e a de Oleiros.

—

O seu territorio é bastante accidentado, porém os seus montes são de pouca elevação.

Tem muitos arvoredos silvestres, sobre tudo, pinheiros. É muito saudavel, pela pureza dos seus ares e optima qualidade de suas aguas potaveis.

A egreja matriz é um templo muito antigo, mas vasto e muito decente. É no centro da freguezia. A capella-mór é magnifica, e foi feita á custa de um piedoso parocho, que n'ella jaz sepultado. Tem uma elegante torre, de cantaria, com seu relogio.

Paços de Brandão, tem correio diario, e uma boa escola d'instrucção primaria.

Tem um bello cemiterio (ao lado da egreja) com alguns mausoleus de subido valor.

Na frente da egreja matriz, ha um espaçoso largo, circumdado de algumas casas e barracas, onde se faz todos os domingos o mercado ou feira.

Ha n'esta freguezia e no fim do largo do mercado, uma capella, pertencente á antiga quinta do Paço (3.º vol., pag. 160), propriedade do sr. João d'Azevedo Aguiar Brandão, filho do bem conhecido, distincto e caritativo cirurgião e deputado ás côrtes, já fallecido, sr. João José d'Azevedo. A casa que está junto á capella, mostra ter sido palacio em outro tempo. Supponho que d'este palacio, ou paço, veio o nome a esta freguezia.

É aqui a bella casa e optima quinta da *Portélla*, onde vive, com sua familia, o sr. Manuel Pinto d'Almeida, cavalheiro respeitavel e estimado. Esta bonita vivenda tem salas extensas, um magnifico oratorio, varias e grandes officinas e abegoarias; bonitos jardins e bella estufa. A familia da casa da Portella, é uma das mais exemplares d'estes sitios, e cuja dedicada e sincera hospitalidade é bem conhecida. Morreu aqui, o capitão de milicias, Manuel Pinto d'Almeida, pae do actual proprietario. Tomaram lucto, por occasião do seu fallecimento, todos os moradores d'esta freguezia; tal era a estima que lhe consagravam. Um creado, preto, tão dedicado lhe era, que, figurando-se-lhe vêr a todo o momento seu amo, dizia que o seu *senhor* o chamava, e um mez depois, morreu de saudade.

A esta familia pertence a do sr. José de Moraes Pinto d'Almeida, deputado em differentes legislaturas. Houve tambem um bispo na Guarda e um lente na universidade de Coimbra, que eram d'esta familia.

O sr. dr. Joaquim d'Almeida Correia Leal, juiz de direito, tambem aqui tem uma boa propriedade, chamada a *quinta de Baixo*, que foi solar dos barões da Regaleira.

Ha n'esta freguezia varias fabricas de papel, sendo a mais notavel a do logar do Engenho Novo, do sr. João d'Azevedo Aguiar Brandão, por ser a mais importante, no seu genero, em todo o concelho. O sr. Augusto d'Azevedo Pinto d'Almeida, sobrinho d'aquelle senhor, acaba de montar alli uma machina de sua invenção, pelo systema continuo, accommodada a papeis ordinarios e grossos, de toda a qualidade. N'este logar ha, em uma casa do mesmo senhor, um estabelecimento importante de serração de madeiras, montado a vapor.

Esta freguezia tem uma estrada que liga o largo do mercado com a estrada de Esmoriz ao *Picôtto*, cruzando no logar do *Engenho Novo*. O sr. Manuel Pinto d'Almeida fez á sua custa outra estrada á mac-adam, da sua casa da Portella ao largo do mercado, que da melhor vontade offereceu ao publico.

É uma bonita freguezia e tem alguns logares maiores e com ruas mais bonitas que muitas villas do reino.

—

No logar da *Barróca*, e no tempo da guerra fratricida (1834), estava o brigadeiro Paulo Maurity, commandando as forças legitimistas, estacionadas em Oliveira d'Azemeis. Era seu ajudante d'ordens, José Joaquim Soares Ferreira (natural de Angeja), que interrompêra os seus estudos, para tomar as armas a favor da causa do Sr. D. Miguel I. Era um mancebo de familia distincta e de fina educação. Passando este infeliz acavallo, por aquelle sitio (da Barróca), e encontrando-se de subito com alguns soldados liberaes, estes lhe atiraram dois tiros de espingarda; porém como não o matassem logo, pediu um sacerdote para se confessar, ao que lhe respondeu um dos soldados com um tiro n'um ouvido, fazendo-lhe saltar os miolos. O povo fez-lhe n'aquelle local uma ermidasinha (*alminhas*), alumiada de dia e de noite por uma alampada, e é voz geral que a sua alma é santa. Tantas offertas e esmolas de promessas lhe teem dado, que com o seu producto lhe construiram já uma bonita capella onde se póde dizer missa por sua alma. Um pintor distincto, estrangeiro residente em Lisboa, fez para aquella capella um bello quadro, representando esta morte, e o offereceu da melhor vontade á *Capella do Soares*.

O sr. Manuel Pinto d'Almeida, é que lhe mandou construir a nova capella, no mesmo sitio onde o infeliz mancebo foi tão barbara e tão cobardemente assassinado. Hoje (fevereiro de 1876) está a capella quasi concluida, e em breve serão n'ella recolhidos os restos mortaes d'este martyr, objecto de respeito e devoção, de todo o povo da freguezia e immediatas.

—

É n'esta freguezia, e na aldeia de *Gavinho*, a antiga e nobre casa do *Souto*, que foi de Joaquim José de Sá Mourão Cardoso, descendente de uma illustre familia. Foi coronel do regimento de milicias da Feira, e por varias vezes presidente da villa d'este nome. Era um cavalheiro digno e honradissimo, e de muita illustração. Teve duas filhas — D. Rosa Emilia de Sá Mourão Cardozo, que morreu solteira — e a Sr.ª D. Maria Emilia de Sá Mourão Cardozo, que ainda vive. É viuva de Domingos Teixeira de Menezes da Silva Canêdo, da villa da Feira; cavalheiro que deixou no concelho gratas recordações, pela sua honradez e nobreza de caracter, verdadeiros titulos de nobreza para os seus descendentes. Deixou seis filhos — os srs. Luiz, José, Domingos, Julio, D. Maria, e D. Maria Luiza. A primeira das filhas, está casada com o sr. dr. Joaquim Tavares de Araujo e Silva, medico e distincto operador, residente em Vousella — e a segunda, casou com seu primo, o sr. Joaquim Eduardo Pinto d'Almeida Teixeira, da Feira.

Domingos Teixeira de Menezes da Silva Canêdo, é descendente, por sua mãe, da nobre casa dos Teixeiras de Menezes, de Cabanellos, na freguezia de Borba da Montanha. (Vol. 1.º, pag. 419, col. 1.ª)

Esta familia traz por armas — escudo esquartellado — no 1.º e 4.º, d'azul, uma cruz potentea, de ouro — no 2.º e 3.º, de prata, um leão, de púrpura, armado de azul, sobreposto de um pequeno escudo de ouro, com um annel do mesmo, perfilado de púrpura. Elmo de aço, aberto — timbre, o leão das armas.

Os Sás Mourões, trazem por armas — escudo esquartellado — no 1.º e 4.º, enxequetado de azul e prata, de seis peças em faxa e sete em palla — no 2.º e 3.º, de verde, um castello de prata, entre duas faxas de ouro. Elmo de aço aberto, e por timbre o castello do escudo.

Para a genealogia dos Sás Mourões, vide pag. 55, col. 2.ª, d'este volume.

PAÇOS DE FERREIRA—villa, Douro, cabeça do concelho do seu nome, na comarca da Lousada, 25 kilometros a N.E. do Porto, 320 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757, tinha 145 fogos.

Orago, Santa Eulalia, virgem e martyr.

Bispado e districto administrat.º do Porto.

O abbade da Vandoma apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de setembro de 1514. (*L.º de foraes novos do Minho*, fl. 58, col. 2.ª) Era então couto, mas a sua capital, era a villa de Ferreira. (Vol. 3.º, pag. 171, col. 5.ª)—É pois á villa de Ferreira, que o rei D. Manuel deu foral.

O concelho de Paços de Ferreira, é composto das 16 freguezias seguintes—no arcebispado de Braga, 7, que são—Carvalhosa, Codêços, Eiriz, Ferreira, Figueiró, Lamoso, e Raymonda. E no bispado do Porto, 9, que são—Arreigada, Frazão, Freamunde, Meixomil, Modéllos, Paços de Ferreira, Pena-Maior, São Pedro Fins de Ferreira, e Seroia. Todas com 3:100 fogos.

O territorio d'este concelho é muito fertil em toda a qualidade de fructos agricolas do nosso paiz, e nos seus montes ha muita caça. Cria muito gado de toda a qualidade, principalmente bovino.

A villa é pequena e bonita; mas não tem edificio algum digno de menção especial. A egreja matriz, é antiga e de boa fabrica, e o melhor edificio da villa.

O couto de Paços de Ferreira, era dependente da villa de Ferreira; porém, como aquelle progredisse mais do que esta, foi o couto annexado ao concelho, que por isso tomou o nome de Paços de Ferreira.

PAÇOS DE GAIOLO—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes (foi da comarca de Soalhães, concelho de Bem-Viver), 48 kilometros a E.N.E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Orago, S. Clemente.

Bispado e districto administrat.º do Porto.

(Esta freguezia não vem no *Port. Sacro e Profano.*)

Foi abbadia dos marquezes de Marialva.

Está situada proximo da margem direita do rio Douro, em terreno muito accidentado, mas fertil em todos os fructos do paiz. O seu vinho, denominado do *Baixo-Douro*, é de optima qualidade.

Diz-se que o nome d'esta freguezia lhe provém de uma casa e torre que aqui teve, e onde viveu um principe mouro, appellidado *Gaiólo;* o qual, segundo alguns, era pae ou irmão da formosa e famosa *Gaia.* (Vide *Ancora*, rio.)—Gaiôlo, parece ser palavra arabe, diminutivo de *Gaio*, que significa pequeno—vindo portanto a dizer—*Pequenino.* Paços de Gaiôlo, era uma das dez beétrias d'este reino.

PAÇOS DE PENALVA—Vide *Penalva*, *Sepulchro* e *Trancozêllo.*

PAÇOS DE VILHARIGUES (ou de Villarigas)—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Vousella, 18 kilometros ao N. de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 131 fogos.

Orago, Santa Marinha, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de Santa Maria de Vousella, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito gado e caça. Peixe do Vouga.

Na aldeia de Vilharigues ha um castello antiquissimo, em ruinas. Proximo a elle, está a capella de Santo Amaro, da casa dos srs. marquezes de Penalva, e ao padroeiro se faz uma grande festa no seu dia.

É povoação muito antiga. Em 1290, nas Inquirições do rei D. Diniz, se menciona, já como antiga, a *herdade de Paços de Villarigas.* Diz-se alli, que—o *Casal do Covêllo, na Ventosa*, a maior *parte da herdade de Paços de Villarigas, em Vousella, e a aldeia de Pindêllo, de Alafões* (só um casal) *eram foramontãos da ordem do Hospital.* (Vide *Foramontãos.*)

—

Mais uma vez (e de certo não será a ultima) me vou aproveitar das preserverantes investigações archeologicas do nosso incançavel escriptor, e meu generoso amigo, o sr. Camillo Castello-Branco. É das suas obras (*Noites de Insomnia*) que resumi o que se segue:

O vetusto castello arruinado de que já fallei, e que está na aldeia de Vilharigues, é notavel, e digno do respeito dos portuguezes, por n'elle ter nascido e fallecido um dos mais bravos batalhadores de D. Affonso V, o nosso immortal Duarte d'Almeida—o *Decepado*—alferes-mór do rei de Portugal, na batalha de Tóro.[1]

Já disse, a pag. 309, col. 2.ª, no fim, e se-

[1] Não sei como o nosso Camões, que nas suas *Lusiadas* immortalisou tantos feitos heroicos dos portuguezes, fallando na batalha de Tóro, se esqueceu de mencionar o nosso bravissimo *Decepado! — Aliquando bonus dormitat Homerus.*

guintes, d'este volume, a causa da nossa imprudente guerra com Castella, em 1473: aqui pois, tratarei só do nosso Duarte d'Almeida.

—

Ignacio Pizarro, dando credito a escriptores precedentes, no seu *Romanceiro Portuguez*, faz dizer ao *Decepado*, no seu regresso de Tóro, para o castello de Aguiar de Pena, ou Pontido, onde vivia a sua querida Luiza:

Nem a espada, nem a lança
Posso nas mãos empunhar!....
Ai de mim! triste lembrança!....
Nem bandeira tremular!....
Nem bordão de peregrino
Póde meu corpo arrimar!
Nem o meu pranto continuo
Tenho mãos para limpar!....
Luiza! já me esqueceste?....
Talvez tu ora suspires
Por outro... se tal fizeste......
Coração! ah! não delires....
Morto já, tu me julgaste,
E se agora assim me viras,
D'aquelle a quem tanto amaste
Talvez agora fugiras.

Talvez nobre cavalleiro
Pôde alcançar tua mão....
Queira o céu morra eu primeiro,
Não saiba a tua traição.
Que eu antes quero da morte
Ter gelado o coração,
Do que ver amor tão forte
Ter em premio a ingratidão.

Continúa o romance, e, segundo elle, Luiza, julgando morto o seu amado, lhe mandára fazer sumptuosos funeraes. Almeida, chegando á capella do castello, encontrou a sua bella vestindo o habito de monja. Almeida, apertando-a ao peito, lhe fez vêr que estava vivo; mas ella, disse que tinha feito voto de professar, e cahindo de encontro á éça, morreu.

Termina o trovador:

Seu amante desdítoso,
Mais desgraçado viveu;
Mas o seu fim lastimoso
Nunca ninguem conheceu.

—

Duarte Nunes de Leão, na sua *Chronica de D. Affonso V*, diz que o Decepado, depois da sua ultima proeza, vivêra mais pobre do que d'antes.

Differentes escriptores modernos, seguindo os antigos, affirmaram que o Decepado terminou seus dias no esquecimento e na indigencia.

Estava reservada ao sr. Camillo Castello-Branco, a gloria de apagar esta nódoa de ingratidão da patria, que, em verdade, tão mal tem pago a quem a serve com dedicação.

—

(Do castello d'Aguiar da Pena, tratarei em *Pontido*. Aqui fallarei só do de Vilharigues.)

Duarte d'Almeida (que succedêra a D. Duarte de Menezes no posto nobilissimo de *alferes-mór da bandeira*), quando regressou de Castella, foi viver para a sua casa acastellada de Vilharigues (fundação do seculo XII).

Foi o herdeiro de seu pae, Pedro Lourenço d'Almeida; e, além d'este castello, tinha o da *quinta da Cavallaría*, que, segundo os linhagistas, é o solar dos Almeidas.

Quando chegou, era esperado pela esposa e por dois filhos. Aquella, chamava-se D. Maria d'Azevedo (e não D. Luiza, como diz a lenda), e era filha de Rodrigo Affonso Valente, senhor da Louzan, e de sua mulher, D. Leonor de Azevedo, herdeira dos grandes haveres de sua tia, D. Ignez Gomes de Avellar.

Os filhos do Decepado, chamavam-se — Affonso Lopes, e Ruy Lopes d'Almeida.

Affonso Lopes, herdeiro das honras e coutos de Vilharigues e Cavallaria, casou com D. Leonor Vaz Castello-Branco, filha de João Vaz Cardozo, aio do conde de Barcellos.

Ruy Lopes d'Almeida, foi para Castella, como veador de D. Joanna (filha do nosso rei D. Duarte), quando ella casou com Henrique IV.

Esta geração de fidalgos, continuou honrada e rica, até á 12.ª neta do Decepado, D. Eugenia d'Almeida de Aguiar Monroy da

Gama e Mello Azambuja e Menezes, que, em 15 de setembro de 1834, casou com o sr. Fernando Telles da Silva, marquez de Penalva, de quem teve dois filhos — o sr. Luiz Telles, que nasceu em 1837, e falleceu ha poucos annos (Foi casado com a sr.ª D. Maria Francisca Brandão, sua prima, e tiveram uma filha, que já é senhora.) — e a sr.ª D. Henriqueta d'Almeida, que nasceu em 1838, e ainda vive.

—

D. Affonso V não foi ingrato aos serviços do seu bravo alferes-mór, pois que, estando em Samóra, e ainda antes da batalha do Tóro, lhe fez mercê, *pelos seus grandes serviços*, para elle e seus filhos, de um reguengo, no concelho de Alafões. (Torre do Tombo, *liv. da chancellaria de D. Affonso V*, fl. 17.)

A carta de mercê, diz:

«A quantos esta minha carta virem, faço saber, que, pelos muitos serviços que Duarte d'Almeida, fidalgo da minha casa, e meu alferes-mór, me tem feito, assim n'estes reinos de Castella, como de Portugal e em Africa, onde sempre me serviu muito bem e lealmente,» etc.

Se D. Affonso V não ficasse preso traiçoeiramente pelo rei de França, se não se tornasse justamente triste, por perder o brilhante throno de Castella, e a sua esposa D. Joanna (a *Excellente Senhora*), se não fossem cheios de amargos desenganos os cinco annos que ainda depois viveu, é muito provavel que mais e maiores premios désse a Duarte d'Almeida, depois do seu gloriosissimo feito, na batalha de Tóro.

O rei D. Manuel (apezar de ser um dos mais ingratos monarchas portuguezes) deu a um neto do Decepado, o senhorio da villa do Banho, a provedoria das Caldas de Lafões, e lhe confirmou o privilegio e couto da quinta da Cavallaria, que é actualmente dos srs. marquezes de Penalva.[1]

O actual proprietario dos Paços de Vilharigues, descendente do Decepado, é o sr. Manuel Telles do Loureiro Cardozo de Figueiredo d'Almeida Castello-Branco. Ainda (1876) é solteiro. Tem tres irmãos — os srs. — Nuno (casado) — D. Carlota, e João, solteiros.

PÁDA—portuguez antigo, ainda usado em algumas terras das provincias do N. — pão pequeno, de trigo.

Antigamente dava-se este nome a toda a qualidade de pão, feito de trigo; e d'aqui provém chamar-se pádeiro, ao fabricante de pão.

PADELIÇAS—portuguez antigo — pastos, ou logares destinados para pastagens.

Vem do verbo latino — *paduire* — pastar.

PADÉRNE ou **PADERNA**—freguezia, Algarve, concelho d'Albufeira, comarca de Paderne, 30 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa.

Tem 500 fogos.

Em 1757, tinha 402 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Esperança.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

A mesa da consciencia, apresentava o prior, que tinha 140 alqueires de trigo, 105 de cevada, 4 almudes de vinho, e 15$000 réis em dinheiro.

E' povoação antiga e foi uma grande villa, defendida por forte castello, construido pelos mouros, aos quaes o tomou o grande D. Payo Peres Correia, em 1248.

D. Diniz I doou este castello ao mestre de Aviz, D. Lourenço Annes, com o padroado da egreja, por carta regia, do 1.º de janeiro de 1305.

O castello fica distante 2 kilometros da povoação.

Tem dentro do seu recinto, a capella de Nossa Senhora da Assumpção; mas as fortificações estão muito arruinadas.

Fica este castello a 12 kilometros a E. da

[1] Na casa da Cavallaria, nasceu São Gil, chamado de Santarem. Ainda n'esta casa existe uma capella, edificada na alcôva onde nasceu o santo.

Esta capella é mesmo dedicada a São Frei Gil, ao qual o povo rustico dá o nome de *São Frangil*.

N'esta capella está uma queixada do santo. (Vide *Santarem*.)

villa d'Albufeira, no monte chamado tambem Paderne, que, provavelmente deu o nome á villa, ou d'ella o tomou.

O monte é muito alto, e ao sopé corre a ribeira da Quarteira, do lado da qual, faz o cabeço um medonho despenhadeiro, tão perpendicular, que horrorisa, e ninguem póde subir á fortificação, por este lado.

O monte é quasi uma peninsula, por estar cercado pelo Quarteiro, na margem do qual, os condes de Valle de Reis (hoje duques de Loulé) teem uma quinta, que em tempos antigos foi das mais ricas e formosas do Algarve, pelos seus grandes pomares de espinho, hortas, campos e jardins; e hoje está em total abandono e ruina a sua grande casa, e os pomares convertidos em terras de lavoura; mas, muito ferteis.

Chama-se mesmo, *quinta da Quarteira.*

No tope d'este monte, ou penhasco, é que os arabes edificaram o castello, quadrado, que occupa todo o plató do cabeço, tendo cada lado uns 40 metros.

Durante a dominação musulmana, e ainda nos principios da nossa monarchia, era esta fortaleza uma das mais terriveis do Algarve, não só pela sua alcantilada posição, como porque as suas paredes eram formadas de *formigão*, tão forte e tenaz, que excedia em dureza as muralhas de pedra.

Era exteriormente cercada de torres, da mesma materia.

A porta principal, fica ao E., e é defendida por duas torres.

A ermida da Senhora da Assumpção, vulgarmente chamada, *do Castello*, fica no centro do recinto d'este.

E' pequena e o tecto da capella-mór é de abobada.

Além do altar-mór, tem dois lateraes.

Foi a matriz primitiva da povoação de Paderne; mas depois, se fundou uma nova e mais vasta egreja, dentro da povoação, e é a que existe.

Parece que esta egreja foi construida pelos annos de 1500.

Era da ordem de Aviz, e um dos seus freires era obrigado aos concertos e paramentos da capella do castello.

Antigamente se fazia á Senhora do Castello, uma grande romaria, pela festa da Assumpção, vindo gente de Loulé, Albufeira e outras muitas terras.

Tambem se lhe fazia outra festa a 25 de março, dia da sua Annunciação.

Os povos d'estes sitios tinham grande devoção com esta Senhora.

—

A egreja matriz da freguezia é um bom e antigo templo, de tres naves, com altar-mór e oito lateraes.

O parocho é administrador de uma pequena albergaria, para viandantes pobres, que tem de renda, 16 alqueires de trigo, e 4$800 réis em dinheiro.

Parece que o nome lhe provém de *Paterna*, nome proprio de mulher. Vide o Paderne seguinte.

Proximo á povoação, passa a ribeira do *Algíbre*, nome corrupto do arabe *Al-jabál*—o monte—vem a ser—ribeira do monte.

Nasce no sitio tambem chamado Algibre.

Junto a Paderne, se lhe junta o ribeiro d'Alte, e vão desaguar na praia da Quarteira.

Esta ribeira é perenne no verão, e muito caudalosa no inverno. Réga, moe, e traz peixe.

Suas margens são bonitas em algumas partes, e muito ferteis.

Esta povoação fica a pouca distancia da famosa capella de Nossa Senhora da Orada.

Entre esta povoação e a de Alte, existe um manancial de agua purissima, chamada *Fonte Santa.*

Suppõe-se que se refere a esta fonte a bonita lenda que se canta no Algarve, e é a seguinte:

A fonte das almas

Em uma tarde de maio,
De taes flores perfumada,
Que a Virgem Mãe do Rosario,
De tanto encanto enlevada,
Junto á margem de um ribeiro
Ceu e terra contemplava.
Nas aguas que alli corriam
Via-se ella retratada,

E dos myrtos e roseiras
Que o ribeiro refrescava,
Uma capella tecêra
Para a Virgem da Orada.

Tecida que era a capella,
Logo d'alli se ausentara,
Levando no seu regaço
O Filho que tanto amára.

Hindo em meio do caminho,
Grande calor apertava:
Agua o Menino pedia,
Mas sua Mãe não lha dava,
Que d'entre aquellas estevas
Nenhuma agua brotava.
Crescia a sêde, crescia,
E então a Virgem parava.
Lança olhos á ventura,
Vê uma rocha escarpada,
Onde o sol dava de chapa,
Com tal ardor, que queimava.

Palavra que a Virgem disse
Logo pelo Ceu entrara,
E o rochedo que a ouvira,
Em fonte se transformára,
E logo da penha sêcca
Pura e fresca agua jorrava,
Que aos pés da Virgem corria
Como que os pés lhe beijava.

Tendo o Menino bebido,
Logo a fonte se cercára
D'alecrins e mangeronas,
Que regava a agua clara.

Desde então foi esta fonte
Chamada a *Fonte Fadada.*

Déra-lhe a Virgem tres chaves
Uma d'ouro e as mais de prata;
Uma, para ser aberta;
Outra, para ser fechada;
E outra, para alli guardar
Almas puras como a agua.

Das almas que a Santa Virgem
Muitas vezes lá guardara,
Ficou-lhe o povo chamando
A fonte santa *das Almas.*

FADERNE ou **PADERNA**—freguezia, Minho, comarca, concelho e 3 kilometros de Melgaço, 70 kilometros ao E.N.E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 470 fogos.

Em 1757, tinha 654 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi couto.

Fica sobre a margem esquerda do rio Minho.

O geral de Santa Cruz de Coimbra, apresentava o vigario, trienal (que era um conego regrante de Santo Agostinho—cruzio.) Tinha 170$000 réis de rendimento.

Houve aqui um mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho, fundado pela condessa D. Paterna, viuva de D. Hermenegildo, conde de Tuy, em uma sua grandiosa quinta, que, com outras propriedades e aldeias, aqui possuia.

Fez esta fundação, para aqui se recolher, com suas quatro filhas e outras nobres donzellas de Tuy, que as quizeram acompanhar.

Em 6 de agosto de 1130, estando todas as obras terminadas, foi sagrada a egreja, e o mosteiro, por D. Payo, bispo de Tuy, que, tambem no mesmo dia o dedicou ao Salvador, e lançou á condessa, suas filhas e companheiras, o habito das conegas de Santo Agostinho.

Mandou para confessores e capellães das conegas, sete clerigos de bôa vida; os quaes, em 1138, se fizeram regulares, sob a mesma regra de Santo Agostinho, vivendo em communidade.

A condessa lhes mandou fazer claustros, dormitorios, cellas e mais officinas, do lado do sul da egreja, que os dividia das freiras, que ficavam ao norte.

A fundadora, foi a 1.ª prioreza das freiras, e D. Ramiro Paes, o primeiro prior dos religiosos.

A povoação tomou o nome de *Paterna* (que depois se corrompeu em Padérne) porque ao convento se dava o nome de *mosteiro da Paterna.*

A condessa falleceu a 6 de janeiro de 1140,

e foi sepultada em uma capella que estava ao lado do Evangelho, na capella-mór (a qual, depois serviu de sachristia aos conegos) com a sua figura sôbre a tampa, em meio relevo.

Junto a ella, está tambem de meio relevo, a estatua de um guerreiro, que é provavelmente o conde D. Hermenegildo.

Tem uma inscripção, que, por gasta é ilegivel.

Succedeu-lhe no priorado, sua filha, D. Elvira, á qual D. Affonso Henriques, doou o couto de Paderne, em 1141, com a jurisdição civel que n'elle tinha.

N'esta doação diz o monarcha, que lha fizéra pelos bons serviços que as freiras lhe tinham feito, quando elle estava sitiando Castro-Laboreiro, mandando-lhe mantimentos e alguns cavallos, sendo um d'elles muito formoso e ricamente ajaezado, para o serviço do mesmo rei.

—

Nem o proprio chronista dos cruzios, pôde saber, apezar de todas as suas investigações, quando deixaram de haver freiras n'este mosteiro.

Sábe-se apenas, que em 1248 já aqui só haviam frades, tendo então por prior, D. João Pires, grande partidario de D. Affonso III; pelo que este rei fez ao convento grandes doações, e lhe deu grandes privilegios, n'esse anno.

Este mesmo prior, D. João Pires, sendo a egreja velha muito pequena, a fez demolir em 1264, construindo a actual, que foi sagrada por D. Emigdio, bispo de Tuy, em 6 de agosto do mesmo anno.

O couto de Paderne, estava entre o termo das villas de Melgaço, e da de Valladares, do Alto-Minho.

Havendo duvida, sobre a jurisdição civel, dos conegos, no seu couto, D. Manuel lhe confirmou a tal jurispição, em 11 de agosto de 1517.

O prior do mosteiro, era capitão-mór do couto, e nomeava as suas justiças, escrivães e officiaes.

Em 1594, foi este convento unido ao de Santa Cruz de Coimbra, deixando os priores de ser perpetuos, como até então, para serem trienaes.

Em 1640, e durante toda a guerra da restauração, fez o prior de Paderne, D. Simão da Paixão, grandes serviços á patria, como capitão-mór do seu couto.

—

Tinha este mosteiro passado a commendatarios, no seculo XV, e o foram, uns fidalgos gallegos, chamados Mogueimas Fajardos, que deixaram muita susseção n'este reino.

Fundaram a quinta de Pontezelles, que depois foi do capitão, Pedro Falcão, casado com a filha de Diogo Ortiz de Távora, filho de Gregorio Mogueima Fajardo.

Por morte do ultimo commendatario, que foi, Diogo de Alarcão, é que o rei D. Sebastião mandou unir o mosteiro, ao de Santa Cruz de Coimbra; o que só veiu a effectuar-se já durante a usurpação de D. Philippe II, por bulla de Clemente VIII, de 1594.

Os crusios venderam depois o mosteiro, a cêrca e o senhorio do couto, aos Caldas. de Badim.

A egreja do mosteiro, foi sempre a matriz da freguezia, e do padroado de Santa Cruz, de Coimbra.

PADIM DA GRAÇA—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757, tinha 106 fogos.

Orago, Santo Adrião.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 1550 alqueires de pão, e cinco pipas de vinho.

E' terra muito fertil. Muito gado e caça.

PADINHADAMENTE — e mais antigo — *Paadinhadamente* — portuguez antigo — claramente, manifestamente, etc.

PADORNÊLLO ou PEDORNÊLLO—freguezia, Douro, comarca, concelho e 7 kilometros ao N. d'Amarante, 48 kilometros a E. de Braga, 48 a N.E. do Porto, 345 ao N. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757, tinha 93 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O prior do convento dominico de S. Gonçalo d'Amarante, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' uma povoação rica, fertil e bonita, situada nas margens ao Rio Mendo e, que em grande parte, deve a sua prosperidade á excellente fabrica de lanificios, alli fundada em 1860, é que é hoje uma das principaes, d'este genero, em Portugal.

Está aqui uma torre, a qual, segundo consta, foi residencia de D. Loba Mendes, filha de Mem de Gondar, e mulher de Diogo Bravo, de Riba-Minho.

Esta senhora era muito rica e caridosa, e deixou certas rendas e propriedades ao convento de S. Gonçalo d'Amarante, com a obrigação de darem em todos os dias do anno esmolas a todos os pobres que se apresentassem á portaria.

Este legado cumpriu-se religiosamente até 1834. Depois *consolidaram-se* as rendas e propriedades destinadas a esta grande obra de caridade, e lá se foram as esmolas!

—

Esta freguezia está nos confins da provincia do Minho (segundo a divisão que existiu até 1834) e proximo á de Traz-os-Montes, que lhe fica a N.E.

Fica a povoação escondida entre as penedias que limitam o estreito valle por onde corre o dito ribeiro Mendo, ou Ruy Mendes, que aqui perto morre no Tâmega.

Padornéllo era uma pobre aldeia, cujos habitantes apenas viviam da agricultura, e de criarem algum gado.

Viviam quasi ignorados, quando veiu o principio da associação, em começos de 1859, estender-lhes a mão, dando-lhes alento e uma nova vida; e conseguindo que esta povoação fosse conhecida em todo o reino, como uma das principaes terras industriosas de Portugal.

Uma empreza, composta de quatro socios, sob a firma commercial de Garcia Ribeiro & C.ª, fundou junto á povoaãção, uma grande fabrica de lanificios, cujo motor é a agua do ribeiro de Rio Mendo.

A sociedade *Garcia Ribeiro & C.ª*, foi dissolvida, por escriptura publica, de 25 d'agosto de 1868.

Pertence hoje este estabelecimento ao seu antigo socio, o sr. Manuel Pereira da Silva, da cidade do Porto, e ao sr. Antonio José da Costa, de Amarante; por contracto celebrado em 9 de fevereiro de 1869; com o fundo social de 60 contos de réis.

Os bons resultados da empreza, pela prompta venda dos seus acreditados productos, tem animado os socios a varias ampliações e melhoramentos, e hoje está um optimo estabelecimento industrial, empregando grande numero de braços, de ambos os sexos.

O edificio da fabrica, é novo, construido expressamente para este fim; tendo, alem da parte principal, varios corpos accessorios.

Está edificado na falda de um monte, junto á ribeira cujas aguas lhe servem de propulsor. e que traz quasi sempre bastante volume de agua, e uma corrente bastante rapida, em rasão do seu declivoso leito, onde se admiram muitos saltos ou catadupas. algumas de um effeito pittoresco; e suas margens são em parte cultivadas e bonitas, e sempre interessantes pela sua alpestre belleza.

E' atravessado por uma boa ponte de madeira, que dá passagem á estrada que torneia em *lacêtes* uma collina alcantilada.

Os montes que, por todos os lados dominam a aldeia, são mais ou menos povoados de arvoredo silvestre, sobre tudo, pinheiros castanheiros e carvalhos.

—

No dia 29 de agosto de 1874 (um sabbado) na estrada que conduz d'Amarante a Mezão-Frio, no sitio de Reborêda, logo acima de Padornéllo, cahiu tão enorme porção de chuva, que as aguas cavaram a estrada, em alguns sitios, até á profundidade de 20 metros, interrompendo a passagem dos trens e cavalgaduras.

Foi tão violenta a tempestade, que arrastou para a estrada tão grandes penedos, que mesmo depois de quebrados, a fogo, houve grande difficuldade em removel-os.

Suppõe-se ter sido uma *tromba marinha* que foi alli rebentar.

O nome d'esta freguezia e das seguintes, é diminuitivo de *Padrão.*

Os nossos antigos davam o nome de padrão, aos marcos milliares dos romanos, e nas tres freguezias denominadas Padornêllo e Padornêllos, passavam vias militares romanas.

Era mais etymologico escrever-se *Padronêllo.*

PADORNÊLLO ou **PEDORNÊLLO**—freguezia, Minho, concelho de Coura, comarca de Vallença, 48 kilometros ao N.O. de Braga, 405 ao N. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757, tinha 146 fogos.

Orago, Santa Marinha, virgem e martyr.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira, apresentavam o abbade que tinha 130$000 réis de rendimento.

Tinha mais, uma abbadia simples, de apresentação da casa de Bragança, que rendia 85$000 réis annuaes.

Esta segunda abbadia, tinha sido dos marquezes de Villa-Real, que a perderam (com a vida) em 1641, por traidores á patria.

Ha n'esta freguezia a capella do Senhor Ecce-Homo, principiada em 1779, e ainda não está completamente acabada.

E' terra fertil e cria muito gado de toda a qualidade.

E' abundantissima de caça, grossa e meuda, e tem algum peixe do rio Coura, que lhe fica perto.

Tambem recebe peixe do rio Minho, que lhe fica ao N.

PADORNÊLLOS ou **PEDORNELLOS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 6 kilometros a N.O. de Montalegre, 76 kilometros ao N.E. de Braga, 430 ao N. de Lisboa.

Tem 58 fogos.

Em 1757, tinha 71 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Encarnação.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Montalegre, apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis de rendimento.

E' povoação muito antiga, e cabeça da honra do seu nome, com juiz ordinario, para as causas civeis.

D. Affonso III lhe deu foral, em Coimbra, a 5 de outubro de 1265. (*L.º 1.º de doações de D. Affonso III*, fl. 8, col. 2.ª, e gav. 15ª., maço 10, n.º 15.)

Esta freguezia está situada nas *Alturas de Barroso*, na falda occidental da serra de *Larouco*, onde tem a sua origem o rio Cávado, é composta de duas povoações—*Padornêllos*, séde da parochia, e *Sendim.*

Tem duas capellas publicas, a de S. Roque, em Padornêllos—e a de Santa Senhorinha, em Sendim.

Pelo N. confina esta freguezia de com a raia da Galliza.

O seu territorio, apezar da sua exposição ao S., como a sua situação é elevada, é pouco fertil, produzindo apenas centeio, trigo, batatas e alguma hortaliça.

Cria muito e optimo gado vaccum, que no verão pasce na Vesseira, na serra de Larouco.

E' abundante de caça, grossa e miuda.

Ao N. da freguezia, existiu o antigo castello de *Portêllo*; e entre Padornêllos e Sendim, ha vestigios de uma povoação que alli existiu, com o nome de Santa Cruz. Era *casal cerrado.* [1]

Ainda no principio d'este seculo, pagava a freguezia, por esta extincta povoação, rs. 6$300.

Existe na secretaria da egreja parochial, um livro dos capitulos das visitas, no qual se manda demolir a capella de Santa Cruz, do logar do mesmo nome, por este se ter despovoado.

Vide *Terras de Barroso.*

O castello de Portêllo, existiu no sitio hoje chamado *Côtto de Sendim.*

E' um môrro, entre as serras de Larouco

[1] Casal cerrado, ou encabeçado, era o nome que os antigos davam ao casal ou praso fateusim, que dividido por alguns, ou por muitos colonos, um só (o cabecel) era obrigado a responder pela pensão de todos, que recebia e entregava ao directo senhorio.

e Arandella, ficando um kilometro ao N. da aldeia de Sendim, e 6 a N.E. da villa de Montalegre.

Ainda alli se divisam vestigios da sua existencia, por entre pedras soltas e mattagaes.

Em 1802, fazendo-se aqui escavações, se acharam, caveiras, ossos, e algumas moedas.

Eram encarregados da guarda d'este castello, os povos de Villar de Perdizes, Solveira, Santo André, Gralhas, Meixêdo, Padornêllos, Sendim e Padroso.

Eram tambem obrigados á guarda e defeza de outros castellos, que todos foram arrazados pelos castelhanos e leonezes, nos seculos XII e XIII.

O sitio onde existiu o castello de Portêllo, é um dos da demarcação da raia da Galliza.

PADRÃO—portuguez antigo—*marco milliar*, que os romanos collocavam nas suas vias militares, para indicar o espaço de uma milha (dois kilometros aproximadamente) e é d'aqui que lhe vem o nome.

Ainda existem em Portugal, principalmente nas provincias do Minho e Traz-os-Montes, mais ou menos bem conservados, muitos d'estes *padrões*, e foi a sua existencia em varios logares, que deu a estes o nome de *Padrão* ou *Padrões*.

Em varios logares d'esta obra, tenho mencionado muitos marcos milliarios que existem ou existíram; aqui mencionaroi os que não foram nos logares competentes.

Na via militar que de Braga vinhe a Chaves e d'aqui a Astorga, havia muitos; mas só temos noticia dos seguintes—além dos já mencionados.

Junto ao logar das Boticas, a dois kilometros de Ruivães, na estrada actual, que, com pouca differença, é sobre o leito da romana, ao pé do rio *Cânhua*, estão dois padrões, levantados do lado do O.—um não tem letras —o outro, era dedicado ao imperador Trajano, e diz que d'alli a *Aguas-Flavias* (Chaves) são 10 leguas e tres quartos.

No outro ramal da mesma estrada, que se divide nas Boticas, perto da aldeia de Campos, ha outro, em um ribeiro; mas está quasi submergido: era dedicado ao imperador Claudio, e diz que d'alli a Braga eram cinco leguas (15 milhas) mas este padrão consta que estava no alto do monte chamado *Portella de Rebordêllo.*

Na mesma direcção, ao O., está outro, quebrado, na parede de um campo.

Tem cinco palmos de alto, e 8 de grosso. Só se póde ler—XXXV.

Tambem esteve primeiramente na Portella de Rebordêllo.

No logar de *Villarinho dos Padrões*, na mesma estrada estão tres—um sem inscripção, outro foi dedicado ao imperador Tiberio, e diz que d'alli a Braga são cinco leguas.

Ambos estão deitados no chão, e teem 11 palmos de comprido, e 8 de grosso.

O 3.º está levantado d'entro de um campo, perto dos outros.

Da sua inscripção apenas hoje se póde ler:

M. P. XL,II

(Quarenta e dois mil passos.)

Fóra da mesma estrada, mas proximo a ella, se acham mais os seguintes pádrões:

No *Zebral*, perto de *Espindo*, junto á capella de S. Martinho, estão dois—um quebrado e com letras, mas ilegiveis—o outro diz que foi mandado collocar por Cesar Augusto.

No logar de *São-Gunhêdo*, freguezia de Codeçoso do Arco, está um, dedicado ao imperadoo Claudio, e diz que d'alli a Braga, são 8 leguas e 3 quartos.

Perto d'estes, estão outros dois, servindo de hombreiras de um forno.

Ambos teem inscripções; mas só desfazendo o forno se podem lêr.

No sitio chamado *Lama do Carvalho*, perto de Porto de Carros, no campa de Borrageiro, a uns 300 metros da entrada, está outro, dedicado a Tiberia. Não se póde ler mais nada.

No sitio da *Pastoria*, 6 kilometros ao O. de Chaves, existiu outro, dedicado a Trajano, e dizia que d'alli a Chaves, era uma legua.

Em *Valle de Telhas*, ha outro, dedicado ao imperador Maximiano.

Em *Vinhaes*, existiu outro. Só se podia ler —XXV leguas.

Em *Codeçoso do Arco*, houve um, dedicado a Trajano, e dizia que d'alli a Chaves, eram 10 leguas e meia.

A pouca distancia do mesmo logar, havia outro, collocado por ordem do imperador Adriano, e dizia que d'alli a Chaves eram 10 leguas e 3 quartos.

Em *Curraes*, adiante de Lama do Carvalho, ha outro, sem inscripção.

Está servindo de pedestal de uma cruz.

Foi para aqui trazido do sitio dos *Padrões* que fica junto á estrada.

Na *Cruz de Leiranco* está um de 12 palmos d'alto e 9 de grosso, servindo de pedestal á mesma cruz.

Consta que foi trazido para aqui, de uma villa chamada *Mel*, que já não existe.

Perto e adiante de Chaves, está outro, sem inscaipção, na logar de *S. Lourenço*.

Em *Paçacos*, ha outro, dedicado ao imperador Macrino.

Vide *Braga*, *Estradas-Romanas*, *Geira*, *Padrós*, *Portella do Homem*, e *Via Militar Romana*.

PADRÃO—serra, Beira Alta, na freguezia de *Cavernães*, a 6 kilometros a O. de Viseu. (2.º vol., pag. 217, col. 2.ª)

Junto a *Cavernães*, ha uma aldeia chamada *Carragozélla*

Pelo meio d'este logar córre uma ribeira de bastante agua, que o rega e fertiliza, hindo depois juntar-se ao rio *Satan*, perto do logar de *Santos Évos*.

No meio d'esta aldeia, para o O., principia uma serra, chamada *das Antas*, por terem alli havido alguns d'estes monumentos celtas. A esta; segue-se para E., outra serra denominada do *Padrão*.

Na falda d'esta serra (ou monte) está a capella de *Nossa Senhora da Victoria* ou *Nossa Senhora a Nova*, ou *Santa Maria de Carragozélla*.

E' um templosinho bonito, com seu alpendre de cantaria.

Junto a elle, está uma casa, que foi residencia do ermitão da Senhora.

Foi esta Senhora muito visitada de romarias, por ser da particular devoção dos povos circumferentes.

Eis a origem d'esta capella.

Havia na aldeia de Carragozella um lavrador, chamado Jeronymo Francisco, varão de grande simplicidade e muito virtuoso, sabendo curar variaz enfermidades, e principalmente a hydrophobia, tanto em homens como em animaes.

Jeronymo era pobre; mas, como era muito devoto da Santissima Virgem, projectou construir-lhe uma ermida, junto á estrada que vae para Viseu, cuja obra de pedreiro justou com um mestre chamado Constantino, do logar de Quiriga.

Concluiu se a obra, de boa cantaria, de que ha abundancia por estes sitios, e feitas as mais obras, foi alli collocada a imagem da padroeira, que mandou fazer durante as obras da capella.

Foi isto pelos annos de 1630.

Principiou logo o povo a ter muita devoção a esta Senhora, e foram tantas as offertas, que em breve se ornamentou a sua casa, e se construiram o alpendre e a casa do eremitão.

O abbade de Cavernães, que via o grande valor das muitas offertas e esmolas, dadas á capella, quiz, levado da sua ambição, apoderar-se d'ellas, para o que, tirou a chave da porta da ermida, e a levou para sua casa; e quando vinham os romeiros, lhes vinha ou mandava abrir a porta, que ficava guardada até á sahida dos devotos; e então o abbade, agarrava tudo quanto via no altar, e o levava para sua casa.

Foi a ambição d'este máo parocho, que causou o abandono da Senhora, e da devoção; porque, como os devotos só queriam dar as suas esmolas á capella, e não ao abbade—e, de mais a mais, como a casa d'este ficava a 2 kilometros da ermida, e era preciso uma nova jornada para se hir pedir a chave, foi-se pouco a pouco resfriando, até que por fim acabou a devoção.

Esteve a capella esquecida e abandonada alguns annos, até que, em 1670, alguns devotos de Cavernães a restauraram, e erigiram uma irmandade, com 150 irmãos e 15

irmans, da invocação do Santissimo Rosario; tomando a padroeira por sua protectora, e fazendo-lhe desde então uma grande festa, a 15 de agosto de cada anno.

Tem a irmandade dois jubileus, com indulgencia plenaria—um no mesmo dia da festa, outro, no 3.º sabbado de quaresma; fazendo-se n'este dia, um anniversario geral, pelas almas de todos os irmão fallecidos.

O altar é privilegiado em todos os sabbados do anno, e nos da quaresma, tem sempre missa, paga pelos irmãos.

A pouca distançia da capella, está uma fonte de cristalina agua, para refrigerio dos romeiros.

—

Ao S. da capella, a uns 200 metros de distancia, ao sopé da serra do *Padrão*, consta que houve uma povoação mourisca, e ainda alli se veem ruinas de casas, e montes de pedra lavrada.

Teem aqui apparecido varias moenas de cobre, mas, tão oxidadas, que se não póde saber se eram romanas ou arabes.

Perto d'estas ruinas e junto á estrada está uma sepultura antiquissima, sem inscripção.

Em um campo, contiguo a esta sepultura se tem tambem achado moedas de cobre, como as outras, desconhecidas.

Perto d'este sitio, ao S., na raiz do monte, nasce um manancial de agua, abundantissimo, que rega varias propriedades.

—

Padrão, é um appellido nobre em Portugal, tomado, ou da villa de Padrões, na provincia do Alemtejo, comarca e concelho de Almodóvar, ou da villa de Padrão, na Galliza; mas o primeiro que com elle se acha n'este reino, é Diogo Padrão.

Os Padrões trazem por armas:

Em campo verde, dois penhascos da sua côr, e sobre cada um d'elles, uma columna, ou padrão, de prata, com uma cruz azul, sobre cada padrão.

Êlmo d'aço aberto e por timbre, as duas columnas, atadas em aspa, com uma fita verde.

PADREIRO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 35 kilometros ao O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757, tinha 75 fogos.

Orago, Santa Christina.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade do Salvador de Padreiro apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'Altar.

E' terra muito fertil. Muito gado de toda a qualidade e caça. Peixe do rio Lima.

PADREIRO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa. Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 79 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentaua o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil. Muito gado e caça. Peixe do Lima.

No districto d'esta freguezia, e contiguo á freguezia de Távora, a uns 5 kilometros da villa da Barca, nas duas margens do rio Lima, nascem duas pequenas fontes de agua mineral sulphurea, fria, uma em cada margem, e em tudo semelhantes.

A 1.ª, chama-se *Fonte-Santa*, e é innundada, com as enchentes do Lima.

A 2.ª, sáe de uma pequena rocha, no monte fronteiro.

Esta agua é clara e muito diaphana, com gosto o cheiro proprio das aguas sulphureas, depondo, por onde corre, sedimento de côr alvacenta, em consistencia mucilaginosa.

Póde ser aproveitada em banhos frios, ou aquecida artificialmente; e tambem será de muita utiliuade, para certas molestias, applicada internamente.

PADRÊLLA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle-Paços (foi da comarca de Chaves, concelho de Carrazêdo de Monte-Negro) 95 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757, tinha 43 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de S. Nicolau, de Carrazédo de Monte-Negro, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua, e o pé de altar.

PADROADO DO ORIENTE—O padroado do Orinte procede como o do continente, da generosidade da Santa Sé para com os reis de Portugal, aos quaes foi concedido o privilegio exclusivo de proteger os interesses catholicos nos paizes por elles descobertos, ou que houvessem de descobrir, desde a costa occidental da Africa, até aos confins da Asia. E mais tarde comprehendeu o vasto imperio do Brasil, descoberto por Pedro Alvares Cabral, em 1500.

O primeiro papa que concedeu ao reis de Portugal a regalia do Padroado, foi Leão X em 1514, pela bulla — *Dum fidei constantiam.*

Antes d'elle, Martinho V, Eugenio IV, Nicolau V e Alexandre VI, se tinham pronunciado a favor do dominio temporal sómente, reconhecendo á corôa de Portugal o direito exclusivo de possuir e governar as regiões que tivesse descoberto e houvesse de descobrir, desde o cabo, não para o oriente, do mesmo modo que o reconheceram á Hespanha com respeito ás Americas, ou do cabo, não para o occidente.

D'ahi resultou que pretendendo Eduardo IV, de Inglaterra, fundar estabelecimentos commerciaes na Guiné, desistiu d'esse intento, ápenas Portugal lhe notificou que o papa outorgára á côroa portugueza, a posse exclusiva d'aquellas regiões.

Estes pleitos internacionaes resolviam-se assim n'aquelle tempo, porque as nações da Europa quasi todas catholicas, viam na pessoa do papa o representante de Christo na terra; e por isso o consideravam o árbitro mais auctorisado e competente para decidir com acerto e intetreza todas as questões, não só de dogma e moral, mas de justiça natural, e positiva.

Hoje essas nações *libertaram-se* do jugo do papa e entenderam que muito melhor é resolver as questões todas á espada e á balla.

Portugal deve pois aos pontifices de Roma a posse das regiões que descobriu: sem as bullas dos papas, respeitadas peles reis da Europa, como foi pelo de Inglaterra, nunca os nossos monarchas se poderiam jactar de unir ao titulo de rei de Portugal e dos Algarves, os pomposos titulos de Senhor de Guiné, de Aquem e de Além-Mar em Africa, da Comquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India.

Embora Portugal sacrificasse o ouro e o sangue de seus filhos, se as outras nações não ouvissem a voz do papa, e seguissem a voz e o impulso do proprio interesse, taes conquistas não podiam ser conservadas, nem garantidas em um tempo em que a conquista garantia direitos e dominação politica.

Como o fim principal da Egreja n'estas concessões é sempre o esplendor da religião e a propagação da fé, accresceu mais tarde o privilegio do padroado, outorgado ao rei de Portugal, por ser o fundador e protector nato das christandades que se formaram á voz dos missionarios, nas extensas regiões conquistadas ou por conquistar, descobertas ou por descobrir, na linha divisoria fixada por Alexandre VI, e por Leão X.

Todavia convem advertir que a doação do padroado aos reis de Portugal, foi na qualidade de Grão-Mestre da ordem de Christo, e afim de que o rei de Portugal protegesse com o maior cuidado a Egreja no Oriente, e em todos os paizes sujeitos a Portugel.

O rei de Portugal tinha o dever de dotar e conservar os templos, prover á sustentação do clero necessario para manter e dilatar a fé, subministrando todos os meios mais efficazes afim de que o Evangelho fosse prégado em toda a parte, onde se estendesse o seu dominio ou influencia.

N'uma palavra, a base essencial e unica do direito do padroado, da parte do papa, é um simples privilegio; da parte do rei de Portugal, consiste n'uma protecção inergica e forte á Egreja, até onde se estende a concessão do Padroado.

O direito do Padroado exige protecção e exclue a aggressão, e o desamparo.

O padroeiro que não póde ou não quer proteger a Egreja, não é padroeiro.

Ora o padroeiro de Portugal não póde nem quer proteger a Egreja no Ultramar e no Oriente; logo não merece o nome nem o titulo de padroeiro. De tudo quanto avançamos podemos produzir provas de sobejo.

A historia é a mestra da vida e incorruptivel testemunha dos tempos, tanto para os individuos como para as nações.

Sabe-se portanto que á missão evangelica, exercida por homens repassados de abnegação da vida e de todos os interesses terrenos, se deve a fundação da Egreja Catholica, e o estabelecimento do Christianismo.

Sem os apostolos e sem martyres ou testemunhas da fé, até darem por ella a vida, o mundo não mudaria de face, como mudou, ha 18 seculos: sem esse estrondoso milagre de abnegação e sacrificio voluntario, ainda hoje o mundo inteiro estaria sepultado nas trevas e superstições hediondas do polytheismo e da idolatria.

A Egreja catholica, mestra infallivel da verdade, assistida do Espirito Santo, para dirigir todos os povos pelo caminho traçado por Deus atravez do deserto da vida, em ordem á salvação, repetiu em todos os tempos e ensina hoje, que sem apostolos não ha missões, e sem missões, não é possivel propagar a fé e dilatar o reino de Deus.

O padroeiro que antes de ser rei, é primeiramente, ou deve sêl-o, filho obediente e exemplar, do chefe visivel da Egreja, devia concordar com o papa nos meios por elle propostos para sustentar o Padroado e cumprir os deveres que lhe são inherentes.

Todos sabem que o papa, e os povos sujeitos ao Padroado, são concordes em pedir o estabelecimento das ordens religiosas, como o unico meio de sustentar o Padroado no Ultramar.

Poder-se-ha duvidar da efficacia d'este recurso supremo? Não, porque a Egreja o ensina e a historia do explendor da religião no Oriente, não se póde separar um só momento da florescencia das ordens regulares em todos os dominios de Portugal; do mesmo modo que a decadencia do Padroado data da extincção das sobreditas instituições religiosas, desde 1834 até ao presente.

Portanto o restabelecimento das ordens regulares, é a condição, *sine qua non,* da existencia, origem e conservação do Padroado.

O papa e os povos da India, querem frades ou missionarios, como elles foram: só o padroeiro não quer frades, e por isso se vae extinguindo a pouco e pouco nas regiões do Oriente, a lembrança de Portugal, que fôra sempre tão grata aos povos de tão vastos territorios.

Os catholicos devem saber a razão porque o padroeiro não attende ás representações dos povos, que pedem unanimes as ordens religiosas para manter o Padroado.

Se o rei de Portugal ainda é conhecido no Oriente, é porque foi um rei portuguez quem lhe mandou S. Francisco Xavier.

(*Catholico*, de Lisboa.)

PADROEIRO — portuguez antigo—*patreno* — assim se chamava em direito, ao que dava *carta d'alforria* e fazia liberto, algum ou alguns seus servos, ou escravos.

(Cod. Alf., L.º 4.º, tit. 70, § 7.)

PADROEIROS DAS EGREJAS E MOSTEIROS — eram os seus fundadores, ou lhes faziam algumas obras ou doações, e todos os seus herdeiros.

Isto dava em resultado terem alguns mosteiros, centos de *padroeiros*, com o direito de aposentadoria e *comedorias.*

Muitos conventos se extinguiram, porque os seus rendimentos não chegavam para o sustento d'estas harpias, e os frades morriam de fome.

Para evitarmos repetições, vide 3.º vol., a pag. 325, col. 1.ª

PÃDRÕES, ou (SANTA BARBARA DOS)— freguezia, Alemtejo, comarca de Almodóvar, concelho de Castro-Verde—(foi da comarca de Mértola, concelho d'Almodóvar, 115 kilometros a O. d'Evora, 155 ao S. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 164 fogos.

Orago, Santa Barbara, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Béja.

A mesa da consciencia, apresentava o capellão, curado, que tinha 118 alqueires de trigo, e 180 de cevada.

O nome de Padrões lhe provém dos mar-

cos milliares da via militar romana, que vindo de Mirtilis (Mértola) passava por esta freguezia, por Beja, etc., até Merida.

É terra fertilissima em cereaes. Tem bons montados, onde se cria muito gado e caça.

PADRÕES — villa, Alemtejo, comarca e concelho de Almodóvar, 113 kilometros ao O. d'Evora, 155 ao S. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 10 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Béja.

O tribunal da mesa da consciencia, apresentava o capellão, curado, que tinha 180 alqueires de trigo, 90 de cevada, e 20$000 réis em dinheiro.

É terra fertil em cereaes. Cria muito gado de toda a qualidade.

A origem do seu nome, é a mesma da antecedente.

Era commenda da ordem de S. Thiago.

Corre por esta freguezia o rio Alvacaréjo, que morre no Guadiana. Réga, móe, e traz algum peixe miudo.

Teve foral, dado pelo mestre de S. Thiago, sem data; mas Franklim não o traz; como não traz nenhum dos que foram dados pelas differentes ordens militares.

É uma povoação muito antiga, mas pequena, e sem cousa alguma digna de menção.

PADROM — portuguez antigo — padroeiro — Dizia-se do Santo tutellar e patrono de qualquer egreja ou capella, e de pessoa que tinha o direito da apresentação de parochos ou beneficiados. — *Da qual Igreja eu sóóu Natural Padrom, e Herdeiro, e Governador, e en posse de presentar Clerigo a ella.* (Doc. d'Alpendurada, de 1303.) — Vide *Padroeiro*.

PADRONADIGA — portuguez antigo — dote ou herança que vinha pela parte paterna, a qual os filhos com muita repugnancia, e só em grande afflicção vendiam, por serem bens de *avoenga*.

PADROOM — portuguez antigo — marco, de pedras altas e corpolentas, com que dividiam ou coutos, honras, e concelhos. Na baixa latinidade se dizia — *padrones* e *petrones*.

Vinha a significar — pedra grande — *pedrão*.

PADRÓS, ou **PADRÓZ** — aldeia, Minho, na freguezia de Chamoim. (Vol. 2.º, pag. 266, col. 1.ª)

Tambem o nome lhe provém dos marcos milliares romanos, collocados na famosa estrada da Geira que passava por esta freguezia.

Ha por estes sitios grande numero d'estes marcos, ou padrões, a maior parte d'elles despedaçados, e poucos conservam as inscripções, mais ou menos legiveis.

É de suppôr que antes de poucos annos, a acção corrosiva do tempo e o vandalismo dos homens, tenham completamente apagado não só os vestigios, mas até a memoria d'estes preciosos monumentos da illustração dos dominadores do mundo.

É por isto que peço aos meus leitores, a permissão de mencionar aqui alguns d'estes padrões, que ainda no seculo passado se encontravam na via militar romana, denominada vulgarmente — *Geira*.

Áquelles a quem estas *escavações* archeologicas aborrecerem, supplico que passem adiante.

—

No sitio chamado *Cantos da Geira*, a 30 kilometros ao N. de Braga, se achou um marco com 12 palmos de alto e 10 1/2 de circumferencia, com esta inscripção:

IMP. CAES. M.
AVR. CARO...
... INVICTO...
P. C. P. M. XTR. P.
... AVG. P. P. XV.

(Dedicado ao imperador Cesar Marco Aurelio, caro, invicto. Proconsul, pontifice maximo, dez vezes investido no poder tribunicio. D'aqui a Braga, são 15:000 passos.)

—

Junto ao ribeiro chamado do *Campo das Cabaninhas*, na freguezia de Chorence, se achou um marco, com 13 palmos d'altura e 11 1/2 de circumferencia. Dizia:

IMP. CAES. DIVI. SEVERI. PII. FIL.
DIVI. MARCI. ANTONINI. NEP.
DIVI. ANTONINI. PII. PRONEP.
DIVI. ADRIANI. ABNEP.

DIVI. TRAIANI. PAR ET DIVI.
NERVAE. ADNEP.
M. AVRELIO. ANTONINO PIO III. FEL. AVG.
PART. MAX. BRIT. MAX.
GERMANICO. MAX.
PONTIFICI. MAX.
TRIB. POT. XVII IMP. III.
COS. IIII. P. P. PROCOS.

(Dedicádo ao imperador Cesar Marco Aurelio, Antonino, pio, feliz, Augusto, parthico, maximo; britanico maximo, germanico maximo, pontifice maximo, 17 vezes investido com o poder tribunicio, imperador, 3—consul, 4—pae da patria, proconsul—filho divo Severo, pio, feliz—neto do divo Marco Antonio—bisneto do divo Antonino Pio—3.º neto do divo Adriano—4.º neto do divo Trajano, parthico, e do divo Nerva.)

—

Na mesma freguezia, no sitio chamado *Valle de Fojos*, abaixo da aldeia de Nazareth, esteve um marco, cuja parte superior da inscripção estava apagada. Só podia lêr-se:

....
.... VII
C. CALPETANO. RANTIO
QVIRINALI. VALERIO FESTO.
LEG. AVG. PROPR. VIA.
NONA. M. P. XVIII.

(O sentido d'esta inscripção só ficará claro, quando adiante produzir outras semelhantes. Cada uma d'ellas nos dá a noticia de que esta via militar foi aberta e construida, por ordem do imperador Tito Vespasiano.)

—

No sitio dos *Lagêdos*, abaixo do logar de *Saim*, existiram quatro marcos. Os moradores d'este logar, despedaçaram um e roubaram outro, deixando apenas dois, com inscripções.

Uma d'estas, estava tão apagada, que as poucas letras que se podiam ler, não faziam sentido. O outro, dizia:

.......N.......
DIVI. VESPASIANI.
VESPASIANO AVG.
PONT. MAX. TRIB. POT.
VIIII. IMP. XV. P. P. COS.
VIII. CAESARE DIVI.....
PASIA...........
COS VII..........
G. CALPETANO. RANTIO.
QVIRINALE. VALERIO.
FESTO. LEG. AUG.
A BRACARA. M. P. XIX.

(Dedicado ao imperador Cesar Tito Vespasiano Augusto, pontifice maximo, nove vezes investido do poder tribunicio, quinze vezes imperador, pae da patria, consul oito vezes. Filho do Divo Vespasiano—sendo legados do imperador, Caio Calpetano Rancio Quirinal, e Valerio Festo. D'aqui a Braga, são 19:000 passos.)

—

Abaixo do logar de *Travassos*, junto ao ribeiro do seu nome, que atravessa a estrada, existiu um marco, partido em dois. Dizia:

IMP. CAES. DIVI. SETIMI
SEVERI. NEPOTI. DIVI.
ANTONINI. PII. MAGNI. FILIO.
M. AVRELIO. ANTONINO. PIO. FEL. AUG.
PONT. MAX. TRIB. POT. II
COS. PROCOS. P. P.
FORTISSIMO. FELICISSIMO. QUE
PRINCIPI.
A BRAC. AVG....
M. P. XXI.

(Dedicada ao imperador Cesar Marco Aurelio Antonino Pio, Feliz, Augusto, pontifice maximo, 2.ª vez investido do poder tribunicio, consul, proconsul, pae da patria, fortissimo e felicissimo principe. Filho do divino Antonino Pio Magno, e neto do divino Septimo Severo. D'aqui a Braga, são 21:000 passos.)

—

Abaixo do logar de *Felgueiras*, na freguezia de Chamoim, proximo ao ribeiro de Felgueiras, que atravessa a estrada, e no sitio chamado a *Hervosa*, existiram duas columnas.

Uma tinha a inscripção completamente apagada—da outra só se podia ler:

....
....
BRACARA. AVG

. . . .
. . . .
A BRAC. AVG
M. P. XXII.

(Braga Augusta. A Braga Augusta 22:000 passos.)

—

No mesmo sitio existiu um grande marco. Os moradores do logar em 1760, o levaram para o adro da egreja matriz, e d'elle fizeram um cruzeiro.

—

Perto da aldeia de *Padrós*, no sitio chamado *Esporões* (ou *Asperões*) [1] se achou outra columna, com a inscripção já apagada.

—

A distancia de 1:500 passos de Padrós, no sitio onde principia um atalho que vae para as aldeias de Cabaninhas e Pergoim, se acharam dois padrões — um com a inscripção totalmente apagada—e do outro, apenas podia lêr-se:

D. C. N. N. VAL.
. . . . . LICINIANO.
. . . . . LICINIO. N. N.
. . . ORI. . . . . . .

(Parece que foi dedicada ao imperador Cayo Valerio Lecinio e a seu filho, Flavio Valerio Liciniano.)

—

Alem d'estas duas columnas ou marcos, havia por aqui mais outros, que o povo levou, e empregou em varias obras.

—

Na aldeia de Sá, em Covide, se achou enterrado em uma horta, outro marco, que o povo pôz na estrada, servindo de pedestal de uma cruz. Diz:

IM. CAES.
C. MES. QVINTO
TRAIANO. DECIO.
INVICTO. PIO. FEL. AVG.
PONT. MAX. TR. P.

[1] Nas provincias do norte, chamam *esporões* (coruução de *asperões*) a certa qualidade de pedras de amolar, que são muito *ásperas*, ou grosseiras.

PONT. MAX. T. P.
PROCOS. IIII.
COS. II. P. P.
A BRAC. MIL.
P. XXV.

(Dedicada ao imperador, Cesar Çayo Messio Quinto Trajano Decio, Invicto, Pio, Feliz, Augusto, Pontifice—maximo do poder tribunicio. Quatro vezes proconsul, duas consul. Pae da patria. D'aqui a Braga, 25:000 passos.)

—

Em uma pequena volta que faz a via militar da Geira, entre as freguezias de Covide e Campo, está um padrão, servindo de cruzeiro. Diz:

IM. CAES.
C. MISSO. TRA.
DEC. INVTO.
PIO. FEL. AVG.
PC. IIII. C. II.
P. P. A BRAC.
M. P.
XXVII

(Dedicado ao imperador Cesar Cayo Messio Trajano Decio, Invicto, Pio, Feliz, Augusto, Pontifice—maximo do poder tribunicio, quatro vezes proconsul, e duas consul. Pae da patria. D'aqui a Braga, são 27:000 passos.)

—

No sitio denominado *Leira dos Padrões*, pelo grande numero d'elles que alli houve, entre outros, havia dois cylindricos, muito grossos, que foram empregados na reedificação da egreja de S. João, onde os quadraram, apagando-lhe as inscripções, sem deixarem memoria d'ellas.

Ao pé d'este, estava outro, de 14 palmos de alto, e 12 de circumferencia. com esta inscripção:

D. N.
. . . C. . . I. . . . . . ORI.
BIRN. . . . . AT.
SEMPER. AV.
MAXIMO.
MAGNENTI
TERRA. MAN.
VICTORI. P. RO. V.

DEDICAVIT.
Q. MORI.

(Quinto *Morio* (?) dedicou esta columna a nosso senhor.... sempre Augusto Maximo Magnencio, vencedor por mar e terra. Do povo romano.)

—

Receando que a alguns dos leitores aborreça a leitura de outras muitas inscripções romanas que se encontram por estes sitios, e ao longo da Geira; mas, não querendo privar os curiosos d'archeologia, de taes noticias, resolvi dar aqui só a traducção em portuguez das inscripções, indicando os logares onde foram achadas.

—

Junto á *Casa da Guarda*, que era um pequeno edificio onde os povos das Terras de Bouro faziam guarda, em tempo de guerra, em um sitio chamado *Padrões da Calle* (vulgo *Padrões de Cal*) está o resto de um, que diz :

Dedicado ao imperador Maximiano... D'aqui a Braga. são 29:000 passos.

Consta que havia n'este sitio grande cópia de padrões, e entre elles, um de 24 palmos d'alto, e grossura correspondente; o que nos faz acreditar terem sido para aqui trazidos pelos romanos, ou aqui lavrados, para se distribuirem pelos logares competentes.

Tambem no sitio chamado *Campo de Linhares*, havia grande numero. Eis as inscripções de alguns d'elles:

—

Dedicado ao imperador Cesar Marco Aurelio, Augusto... do povo romano.

—

Dedicado ao imperador, Cesar Trajano Adriano Augusto, pontifice maximo, 18 vezes investido do poder tribunicio, tres vezes consul, pae da patria. D'aqui a Braga, são 31:000 passos.

—

Dedicado ao imperador, Cesar Cayo Massio Quinto Trajano Decio Pio Feliz Augusto, pontifice maximo, do poder tribunicio, 2.ª vez consul; pae da patria. D'aqui a Braga, são 31:000 passos.

Dedicado ao nosso senhor, Magno Decencio, nobilissimo, florentissimo Cesar, nascido para felicidade da republica. D'aqui a Braga, são 32:000 passos.

—

O imperador Cesar Cayo Julio Vero, maximo, pio, augusto, germanico, maximo, dacio maximo, pontifice maximo, imperador a 6.ª vez, pae da patria, consul e proconsul—e Cayo Julio Vero Maximino Cesar, germanico maximo, sarmatico maximo, principe da mocidade; filho do nosso senhor, o imperador Cayo Julio Vero Maximino Pio, feliz e augusto—reedificaram as estradas e pontes, arruinadas pelo tempo, sendo superintendente das obras, Quinto Decio, legado do imperador, e prefeito do pretorir. D'aqui a Braga, são 32:000 passos.

—

No sitio onde houve uma albergaria para peregrinos pobres, e ao qual, por isso ainda se dá o nome de *Albergaria*, appareceu o resto de um marco, no qual se lia:

Dedicado ao imperador Cesar Marco Aurelio Carino Pio.

—

Junto d'este, outro que dizia:

Dedicado ao imperador Cesar Gaiö Messio Quinto Trajano Decio Pio, felíz, augusto, pontifice maximo, do poder tribunicio, 4 vezes proconsul, e 2 consul. D'aqui a Braga, são 33:000 passos.

—

No sitio da *Portella do Homem*, ha tambem alguns padrões. La darei noticia d'elles.

PADROSO—freguezia (foi villa), Traz-os-Montes, comarca, concelho, e 5 kilometros ao N.E. de Montalegre, 77 ao N.E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 55 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia é unicamente composta da aldeia que lhe dá o nome.

Está situada na parte meridional do *Picotto de Sendim*, onde existiu o *castello do*

Portêllo, na origem do rio Cávado, confinando pelo N. com a Galliza.

O seu sólo, exposto ao S., e abundante de aguas, produz centeio, batatas, algum trigo, feijão, milho e hortaliça.

Cria muito gado vaccum, e tem muita caça, grossa e miuda.

Tem uma capella publica, pequena e pobre, dedicada a Santo Antonio.

Foi honra, com camara, juiz e escrivão do civel.

No crime e orphãos, estava sujeita a Montalegre, cujo corregedor nomeava os vereadores.

PADROSO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao N.O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 98 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora das Neves.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentavam o abbade, que tinha 330$000 réis.

E' terra muito fertil em todos os generos agricolas, e cria muito gado de toda a qualidade.

PADROSO—freguezia, Douro.

N'esta freguezia e na de Margaride (annexas) está a villa, capital do concelho de Felgueiras, onde já fica descripta. (Vide vol. 3.°, pag. 162, col. 1.ª, no fim.)

PAE DA PATRIA—titulo que os romanos davam aos seus imperadores, como se vê na immensidade de inscripções que chegaram á nossa edade.

Quasi sempre escreviam este titulo em breve, ou pelas iniciaes PP.

PAE DOS VELHACOS—portuguez antigo—era um magistrado de Lisboa, que tinha por obrigação, vigiar os rapazes vádios que alli hiam ter, e aos quaes devia arranjar amo, ou qualquer officio.

Em 1535, reinando D. João III, se creou tambem na cidade do Porto, um *pae dos velhacos*, com as mesmas attribuições.

PAE PENELLA — freguezia, Beira Baixa, comarca de Villa Nova de Foz Côa, concelho de Méda, 54 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa.

Tem 85 fogos.

Em 1757, tinha 56 fogos.

Orago, S. Silvestre, papa.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

Foi da comarca de Méda, concelho de Marialva. Em 24 de outubro de 1855, passou para o concelho de Villa Nova de Foz-Côa, e em 18 de dezembro de 1872, para o concelho da Méda.

O reitor de Valle de Ladrões, apresentava o vigario, collado, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

PAIALVO ou **PAYALVO** — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e proximo de Thomar, 130 kilometros ao N. de Lisboa.

Orago, Nossa Senhora da Egreja Nova.

É da prelasia de Thomar, hoje annexa ao patriarchado. — Districto administrativo de Santarem.

É freguezia moderna, e terra muito fertil.

É aqui a 18.ª estação do caminho de ferro do norte, officialmente denominada *estação de Thomar*.

PAIÃO ou **PAYÃO**—freguezia, Douro, comarca e concelho da Figueira da Foz (foi da comarca de Soure, concelho de Lavos), 35 kilometros a O. de Coimbra, 204 ao N. de Lisboa, 1:200 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Ó.

Bispado e districto administrat.° de Coimbra.

As religiosas de Santa Clara, de Coimbra, apresentavam o vigario, que tinha 12$000 rs. de congrua e o pé d'altar.

As duas freguezias (Paião e Lavos) que formavam o antigo concelho de Lavos, supprimido em 1853, pertenceram antigamente ao concelho de Monte-Mór-Velho, por muitos annos.

Esta freguezia está proxima á costa do mar, e os seus habitantes empregam-se, quasi todos, na cultura do vinho, e na pesca, nos *viveiros* das marinhas, e nas tres costas, de Cóva, Lavos, e Leirosa.

Não é fertil em productos agricolas, mas produz muitas lenhas e madeiras, que exporta.

PAINZÉLLA — freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 40 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Santa Senhorinha, de Basto, apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil. Optimo vinho. Muito gado e caça.

PAIO (São) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 35 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Não vem no *Port. Sacro e Prof.*

É terra pouco fertil; cria porém muito gado, de toda a qualidade. Caça.

PAIO (São) — Vide *Codêsso.*

PAIO (São) — villa, Traz-os-Montes, comarca de Mirandélla, concelho de Villa-Flôr, 135 kilometros a N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

Foi honra.

É n'esta villa o solar dos *São-Paios*, que foram senhores da honra, e eram tambem senhores de Villa-Flôr.

O abbade de Villa-Flôr apresentava o cura. Metade dos disimos eram para o commendador de Adeganha, e a outra para o abbade de Villa-Flôr.

Sampaio é um appellido nobre em Portugal; veio de Hespanha. O primeiro que se acha em Portugal, é um filho de D. Pedro do Souto, ou Pedro Alvares Osorio, 1.º marquez d'Astorga, na Galliza; o qual, por matar em desafio, a um fidalgo poderoso d'aquelle reino, fugiu para Portugal, no reinado do nosso D. Affonso IV, e cá ficou. Foi seu filho, D. Vasco Pires de Sampaio, que foi o primeiro que tomou este appellido. Não se sabe se o tomaria do nome d'ésta freguezia, ou se lh'o déra.

D. Vasco fez grandes serviços a D. Fernando I, e a seu irmão D. João I, pelo que lhe deram muitas terras, e os senhorios de Villa-Flôr, Chacim, Mós, Anciões, Villarinho, etc. — Foi grande valído de D. João I.

—

No dia 15 de fevereiro de 1876, falleceu no seu palacio, a S. Vicente de Fóra (Lisboa), o sr. Manuel Antonio de Sampaio d'Albuquerque Mendonça Furtado Mello e Castro Moniz Tórres de Lusiguano, que nascêra em 28 de junho de 1813. Foi 4.º conde de S. Paio, feito no 1.º de dezembro de 1834 — 1.º marquez do mesmo titulo, em 17 de fevereiro de 1866. Era 17.º senhor de Villa-Flôr, e alcaide-mór dos castellos de Miranda do Douro, e Torre de Moncôrvo.

Foi coronel de um batalhão de voluntarios nacionaes, em 1846; era par do reino, e commendador de varias ordens.

Deixou viuva e descendencia.

Era aparentado com muitas familias illustres d'este reino; pelo que, no momento em que estou escrevendo, muitos fidalgos se acham de lucto.

Suas armas, são — escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, d'ouro, aguia de púrpura, armada de negro — no 2.º e 3.º, escaquetado d'ouro e azul, de quatro peças em faxa e quatro em palla — orla de púrpura, carregada de oito SS, de prata. Elmo d'aço aberto, e por timbre, a aguia do escudo, com um dos SS no peito.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas, escudo xadrezado de duas aguias negras, em palla.

—

O sr. Alexandre Teixeira de Sampaio, foi feito barão de São Paio, em 8 de maio de 1858.

—

Tambem ha visconde de *S. Paio dos Arcos* — feito em 11 de julho de 1853 — é o sr. Gaspar d'Azevedo d'Araujo e Gama.

Mas este S. Paio, é no Minho, e não em Traz-os-Montes.

PAIO (São)—freguezia, Minho, na villa de Melgaço. Vol. 5.°, pag. 167, col. 2.ª

PAIO (São)—freguezia, Minho. Vide Villa-Verde, cabeça de concelho e comarca. (A antiga comarca de Pico de Regalados.)

PAIO (S.) — antigo mosteiro de monges benedictinos, Minho, 12 kilometros a O. de Vallença do Minho, 6 do convento de Mosteirô, e 6 ao E. de Villa Nova da Cerveira. Fundaram os religiosos este eremiterio, ou hospicio, em um sitio tão aspero, que só o ascetismo dos fundadores, lhes dava coragem para aqui viver.

Teve logar esta fundação, em 1392.

Era porém tão insupportavel o clima, e eram tantas as necessidades, incommodos e soffrimentos dos religiosos, que em 1460, abandonaram o eremiterio.

Pouco depois, vieram aqui residir os padres conventuaes, e aqui estiveram até á sua extincção, que foi em 1568.

Tornaram a povoar o hospicio, os observantes, que só aqui estiveram até 1570. Então, abandonaram para sempre esta casa, despojando-a de todos os objectos que alli tinham.

Os povos das visinhanças, vendo o mosteirinho abandonado, principiaram por lhe roubar a telha, portas, janellas e toda a madeira, e por fim, demolindo tudo, para com os materiaes fazerem outras obras; não deixando pedra sobre pedra.

Na cêrca havia uma grande matta, que o povo tambem totalmente destruiu e roubou.

Quando se deu esta occorrencia, estava em Roma o padre fr. Antonio Bravo; o qual, pelo amor que tinha áquelle êrmo, alcançou do papa Gregorio XIII, uma bulla, para viver alli, com dois ou tres companheiros.

Chegando ao sitio onde fôra o eremiterio, em 1573, e vendo-o tranformado em lastimosas ruinas, perdeu as esperanças de o poder restaurar, e se foi para Braga, sua patria. Alli, achando-se perigosamente enfermo, prometteu a S. Paio, de lhe restaurar a casa do êrmo, se obtivesse saude.

Achando-se melhor, tratou de dar cumprimento ao seu voto, e á sua custa, e com esmolas do povo, principiaram logo as obras da reedificação. Construiu, quasi desde os alicerces, a egreja, côro e mais officinas. Em breve porém se arrependeu de ter para aqui vindo; não só pela aspereza do sitio, mas porque o seu provincial lhe não quiz dar nenhum companheiro. Decidiu então, abandonar este inhospito êrmo; mas, como em dia de S. Paio se fazia aqui uma grande romaria, esperou para esse dia (26 de junho de 1577), no qual se despediu das pessoas principaes d'aquelles sitios, que alli concorreram.

Ao despedir-se do povo de Villa Nova da Cerveira, foram tantas as lagrimas de toda a gente, que frei Antonio Bravo, commovido, decediu ficar, e alli residiu em quanto vivo.

Por sua morte, tomou a ordem posse da casa, que foi vigariaria até 1623, tomando no anno seguinte, o titula de guardiões, os seus superiores.

N'esse mesmo anno (de 1624) uma senhora de Braga, déra aos religiosos uma imagem de *Nossa Senhora da Bôa-Nova*, que foi conduzida para a egreja matriz de Villa Nova da Cerveira, e d'alli, em pomposa procissão, no dia 13 d'abril d'esse anno, para a sua nova casa do êrmo.

Desde então se dá a este mosteiro (hoje deserto e abandonado) ora o nome de *S. Paio*, ora o da *Bôa-Nova*.

PAIO DE GOUVEIA (São) ou **S. PAIO DA SERRA**—vide *Gouveia* (S. Paio de) vol. 3.° pag. 312, col. 1.ª, no fim. Foi villa.

A rainha D. Thereza e seu filho, D. Affonso Henriques, deram, em 1123, aos cavalleiros da ordem militar e canonica do santo sepulchro, ou de Jerusalem, a villa de S. Paio pe Gouveia.

D. Affonso Henriques coutou a villa, e a deu aos mesmos cavalleiros, em 1130. (Vide *Penalva*.

Junto a poaoação de S. Paio de Gouveia, que é em um valle, em sitio ameno e vistoso, e ao E., se vê a capella de *Nossa Senhora da Estrella*, de construcção muito antiga.

Dá-se-lhe o nome, por ficar nas abas da serra da Estrella.

PAIO DE PELLE—villa, Extremadura, comarca e 15 kilometros ao S.E. de Thomar, concelho de Villa Nova da Barquinha (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Torres Novas) 120 kilometros ao N.E. de Lisboa.

Tem 220 fogos.

Em 1757, tinha 180 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

E' na prelazia de Thomar, annexa ao Patriarchado. Districto administrativo de Santarem.

A mesa da consciencia e ordens, apresentevam o vigario, que tinha 120 alqueires de trigo, 60 de cevada, uma pipa de vinho, 8 e meio cantaros d'azeite, e 48 arrateis de cêra.

O mais antigo nome que se conhece a esta villa, é *Pay Pelle,* e é o que lhe dá o foral.

E' povoação muito antiga.

D. Manuel lhe deu foral em Evora, a 22 de dezembro de 1519. (*L.° de foraes novos da Extremadura,* fl. 244 verso, col. 2.ª—Está impresso no tom. 8.°, parte 2.ª, pag. 129, das *Memorias da Academia.* [1])

Foi cabeça de concelho, com camara, juiz ordinario e mais empregados.

E' no districto d'esta freguezia, o famoso castello d'Almourol. (Vol. 1.°, pag. 154, col. 2.ª)

Diz-se que o nome d'esta villa lhe vem do famosissimo capitão, e grão mestre dos templarios, D. Gualdim Paes. No foral como já disse, se lhe dá o nome de *Pay* e não de *Paio;* mas é provavel que seja contracção de Paio.

Tambem se denominava, *Santa Maria do Zêzere.*

Esta freguezia foi commenda da ordem do templo, até 1311, e, desde 1319 até 1834, da ordem de Christo.

Foi D. Affonso Henriques que fez doação d'esta villa á ordem, pela muita amisade que tinha a D. Gualdim Paes, e pelos grandes serviços que lhe devia.

Entre a villa e a egreja matriz, se veem as ruinas do vetusto castello, construido por D. Gualdim Paes, quando deu foral á villa.

Tem o edificio que foi mosteiro de religiosos capuchos antoninos, boas habitações, com linda vista sobre o Tejo—denominava-se, *convento de Nossa Senhora do Lorêto.* [1]

Foi alcaide-mór e senhor do castello de Paio de Pelle, D. Francisco Mascarenhas, por casar com D. Joanna Coutinho de Noronha, descendente de Gonçalo Vaz Coutinho, tronco da familia dos condes de Marialva (depois marquezes.)

Por falta de successão, os bens e rendas da casa Marialva. passaram para a casa dos condes de Cantanhêde, pelo casamento de D. Catharina Coutinho, com D. Antonio Luiz de Menezes.

—

Está a freguezia situada junto ao Tejo, ficando-lhe ao S. a ribeira de Tancos.

Fica entre o castello de Zêzere (cujas ruinas se veem ainda, na *Foz do Zêzere*) e o de Almourol.

Vide *Constancia, Almourol, Castello do Zêzere* e *Thomar.*

A egreja matriz é muito antiga (provavelmente, construida em 1180, por D. Gualdim, quando fundou o castello.)

A villa é pequena, e nada tem de notavel.

O territorio da freguezia é muito fertil em todos os generos agricolas.

Cría muito gado, e os dois rios que alli correm, fornecem bastante peixe aos seus moradores.

PAIO DE MERELIM (São)—vide *Merelim,* vol. 5.°, pag. 181, col. 1.ª

E' n'esta freguezia a excellente fabrica de papel, do logar de *Ruães.* Vide esta palavra.

PAIO DE RIBA TUA (São) — freguezia, Traz-os-Montes, que existiu na comarca de Alijó.

Foi suprimida no seculo XIV. Foi aqui abbade, S. Gonçalo de Amarante.

PAIO DE VISELLA (São) — vide *Visella* (S. Paio de.)

[1] O seu 1.° foral lhe foi dado por D. Gualdim Paes, grão-mestre da ardem do Templo, pelos annos de 1180.

[1] Está edificado entre o castello de Almourol e a villa, em sitio imminente ao Tejo, que corre junto da sua cêrca.

PAIO DOS ARCOS (São)—vide *Arcos*, o ultimo da col. 1.ª, de pag. 233, do 1.º volume.

PAIO MENDES—freguezia, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Ferreira do Zêzere, 54 kilometros de Coimbra, 155 ao N. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Bispado de Coimbra, districo administrativo de Santarem.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis e o pé de altar.

Foi fundada no seculo XIII, por D. Paio Mendes, mestre do Templo, que lhe deu foral, e de quem tomou o nome.

Foi até 1311, commenda dos Templarios, e desde 1319 até 1834, da ordem de Christo.

E' situada em sitio elevado, aprasivel e fertil.

PAIO PELLE—vide *Paio de Pelle.*

PAIO PIRES—vide *Aldeia do Paio Pires.* Vol. 1.º, col. 1.ª, de pag. 89,

PAIVA—rio, Beira Alta e Douro.—Tem o seu nascimento na serra de Nossa Senhora da Lapa (Beira Alta) e, depois de receber differentes ribeiros e regatos, e de passar por varias povoações (ou por suas proximidades) sendo as mais notaveis, as villas de Frágoas, Castro Daire e Alvarenga, entra na esquerda do Douro, 54 kilom.os ao E. do Porto entre a aldeia de Varzea, freguezia de Souzéllo, na Beira Alta, e a aldeia do Castello de Paiva, na freguezia de Fornos, concelho de Paiva, na provincia do Douro, com um curso de 70 kilometros.

E' na sua maior parte, de curso arrebatado e furioso, servindo, n'esses sitios, apenas para fazer mover moinhos de pão.

Divide a comarca de Arouca da de Sinfães, e, por consequencia, a provincia do Douro da da Beira Alta; mas só desde a freguezia d'Alvarenga para baixo, porque até ahi, corre sempre em territorio da Beira Alta.

Suas margens, são, na maior parte formadas de penhascos, ou montes alcantilados, e corre em leito tão profundo, que em poucas partes se aproveitam suas aguas para irrigação.

Uns industriaes de Guimarães fundaram uma fabrica de papel, a 3 kilometros da sua foz, entre a aldeia de Vilella e a da Cardia, no sitio da *Bateira* (assim chamado, por haver aqui uma barca de passagem) porém a impetuosidade da corrente, destruindo-lhe por varias vezes a muralha da levada, os fez desistir da empreza, e abandonarem a fabrica, e os terrenos que lhe pertenciam.

Em 1860, uma sociedade de tres individuos, comprou o edificio e os terrenos, reconstruiram o edificio da fabrica, e tentaram restabelecel-a; mas, desavindo-se uns com os outros, abandonaram de novo a especulação, e está outra vez tudo abandonado.

Note-se porém, que um homem ou sociedade intelligente, e que soubesse construir um contraforte sólido, que podesse aguentar o pêso das cheias do rio, ou que tivesse um constructor habil; tiraria certamente optimos resultados de qualquer estabelecimento industrial, fundado n'este sitio, e cujo agente propulsor fosse a agua do rio; porque, além de uma vantajosa *queda d'agua*, é o logar abundantissimo de excellente granito, proprio para robustas construcções; mas era preciso dinheiro, e coragem para o gastar, porque a obra seria dispendiosa; muito mais, tendo de construir uma bôa estrada até á margem do Douro.

Fui em 1865, com o sr. conde de Rézende (D. Luiz, ha pouco fallecido) e o sr. Dejante, examinar o local e este senhor certificou que alli se podia fundar uma auspiciosa fabrica de papel.

—

O rio produz muito e saborosissimo peixe, sobre tudo trutas, que são famosas, pelo seu gosto especialissimo. As suas eiroses, são tambem grandes e optimas.

Os saveis e as lampreias do Douro, chegam tambem até pouco acima da Bateira, e são ainda mais saborosas do que as do Douro.

Em frenta da foz do Paiva, ha um môrro, a que chamam castello. (Vide *Castello de Paiva*, aldeia.)

A falta de conhecimento das localidades, que se dava em muitaos dos nossos escriptores; muitas vezes, a pouca clareza com que escreviam; e outras, os érros nas informações que recebiam—os fizeram cahir em muitos érros.

Eu copiando-os, tambem ás vezes cahi nos mesmos érros.

Preferindo confessal-os e rectifical-os, a deixar os meus leitores enganados, vou, sempre que posso, fazendo as rectificações necessarias.

Seguindo pois esta regra. cumpre-me aqui dar os seguintes esclarecimentos:

A pag. 175, col. 1.ª, do 1.º vol.—fallando na célebre *ponte d'Alvarenga*, que fui vêr—disse que era obra romana. Não é.

Houve, é verdade, sobre este rio, uma soberba ponte, de um só arco, construida no tempo do imperador Trajano (pelos annos 110 de Jesus Christo) e, segundo a tradicção, pelo mesmo mestre que fez a famosa ponte d'Alcantara, na Extremadura hespanhola; porém esta ponte, foi destruida por uma enchente do Paiva, no seculo XIII ou XIV, de tal modo que nem vestigios d'ella existem; ignorando-se mesmo o logar onde existiu.

Julga-se que foi no mesmo sitio da actual, ou um pouco mais abaixo; mas não ha senão provabilidades.

A ponte actual, dista da povoação de *Trancoso* (cabeça do extincto concelho d'Alvarenga) 4 kilometros ao S.E.

Tem, desde a extremidade superior das guardas até á flor da agua, 22 metros.

O arco principal tem 7 metros de vão.

Tem mais dois arcos pequenos, ambos do lado direito do rio. (Do lado da Alvarenga.)

Um d'estes arcos menores, chamado *dos pescadores*, está acima do nivel das maiores enchentes.

Serviu durante a construcção da ponte, para dar passagem aos operarios, e hoje só serve para os pescadores que seguem a margem direita do rio, unica que (e ainda com bastante difficuldade) é accessivel n'este sitio; porque, da outra margem, são tão altas e invias as massas de granito, que é impossivel poder-se chegar á agua.

D'este mesmo lado, ha uma rocha, talhada a prumo, sobre o rio, de 70 a 80 metros d'altura; continuando pela encosta do monte, na distancia de 200 á 250 metros, uma ladeira de rocha escarpada, só accessivel ás cabras e ás feras.

O outro arco pequeno, é por onde o rio *Osseira* desagúa no Paiva.

Não só o local onde está edificada esta ponte, mas tambem as duas margens do rio, d'alli para baixo, e até grande distancia, são erriçados de altos e medonhos rochedos, de um aspecto terrivel.

Abaixo da ponte, ha um pôço profundissimo, com sorvedouros, ou redemoinhos, onde o mais destro nadador, corre o perigo de afogar-se.

Esta ponte foi construida pelos annos de 1770.

Pouco acima d'ella, havia uma barca de passagem. Pouco antes d'aquella data, um bispo de Lamego, chamado D. João, e natural da villa de Castro-Daire, da casa do actual barão d'esta villa, esteve aqui em perigo de morrer afogado.

Decediu então que se construisse uma ponte, que desse passagem ao povo, e para esta obra, deu 400$000 réis.

Fez com que as camaras de Alvarenga, Arouca e Paiva lançassem uma derrama, e obteve alem d'isso, de varios cavalheiros de Castro-Daire, valiosas offertas.

Juntou tres contos de reis, que foi o custo da obra (que hoje importaria no triplo ou mais) e fez-se a ponte; mas o mestre que a arrematou, perdeu muito dinheiro.

O bispo, falleceu antes de ver a obra concluida.

PAIVA—nome que vulgarmente se dá ao concelho do Castello de Paiva, cuja capital é a pequena e antiga villa de Sobrado. Vide *Sobrado.*

Paiva, é um appellido nobre em Portugal, tomado, segundo uns, do rio Paiva—segundo outros, do concelho do mesmo nome.

O primeiro que com elle se acha, é D. Pedro Trocozendo de Paiva, descendente dos fundadores do *Castello de Paiva*, que o edificaram para seu solar.

Note-se porém que não ha em todo o con-

celho do Castello de Paiva, vestigios ou tradicção alguma de semelhante castello — e apenas na freguezia de Fornos, e mesmo no rio Douro, um môrro, a que se dá o nome de *castello*, em frente da grande povoação da mesma freguezia, chamada tambem *Castello.*

Isto faz suppor que existiu por estes sitios, em tempos remotissimos, alguma torre ou castello; mas não me persuado que fosse no tal morro; porque, alem de ser muito pequeno, não tem vestigios, mas apenas a apparencia de castello, como eu mesmo por mais de uma vez verifiquei.

As armas dos Paivas, são — em campo azul, tres flores de liz, d'ouro, em banda — êlmo de aço, aberto—e por timbre, uma aspa azul, com uma das flores de liz do escudo, no centro.

Outros d'este appellido, trazem por armas —as antecedentes, e o mesmo elmo—e por timbre — uma espada de prata com guarnições d'ouro, e enfiada n'ella, uma flôr de liz do mesmo.

Os Paivas d'Andrade usam das armrs dos dois appellidos.

PAIZ VINHATEIRO DA BAIRRADA—Comprehende o territorio das freguezias de *Casal Comba, Tamemgos, Vaccarica,* e *Ventosa do Bairro,* no concelho da Mealhada — *Arcos* e *Mogofôres,* no concelho da Anadia—Óis do Bairro, villa de S. Lourenço do Bairro, e mais algumas povoações, ao S. e E. de S. Lourenço; Murtêde, e Sepins, no concelho de Cantanhêde.

Para não haverem repetições—vide a col. 2.ª e seguintes, de pag. 150 d'este volume.

PAIZ VINHATEIRO DO DOURO—Traz-os-Montes—Dá-se este nome, ao territorio que se estende sobre ambas as margens do Douro.

Na margem esquerda (Beira Alta) desde Lamego, até á Pesqueira—e na direita (Traz-os-Montes) desde o rio Córgo (um kilometro acima da Régua) até ao rio Túa (junto a S. Mamede de Riba-Tua.)

Este paiz é alcantilado e pittoresco.

A terra, é, na sua maior parte, composta de cascalho schistoso, friavel, solto, e, alem do vinho, é apenas propria para a cultura do centeio, cevada, pouco trigo, batatas, melancias, e fructa, sobre tudo laranjas, que são dulcissimas; todavia tem alguns sitios de boa terra vegetal, que produzem todos os fructos agricolas do nosso clima—principalmente nos valles que de vez em quando marginam o Douro.

O vinho d'esta região, é especialissimo, e famoso em todo o mundo, sob a denominação de *vinho do Porto.*

Tem uns 40 kilometros de comprimento, por 20 de largo; sendo a parte do N. (Traz-os Montes) mais extensa que a do S. (Beira Alta.)

Antes da invasão do *oidium tukeri,* produzia annualmente, de 80 a 100 mil pipas de vinho.

Ha quintas que produziam 300 a 400 pipas de vinho.

A melhor de todas, e a todos os respeitos, é a *quinta das Figueiras,* ou do *Vesuvio,* da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, viuva de Antonio Bernardo Ferreira (o Ferreirinha) e hoje casada com o sr. Torres.

No *Penhão,* ha um tonnel que leva 50 pipas, e houve outro de 60. (Vide *Pêso da Régua, Porto* e *Régua.*)

Incluindo n'este paiz, ha um trato de terra, que se estende sobre a margem direita do Douro, desde *Canellas do Douro* até á *quinta do Zimbro,* que produz o melhor vinho do mundo.

O vinho hungaro, chamado *Tokay*—e os francezes, chamados *Champagne, Chateau-Lafite, Chateau-Tierry, Chambertim,* etc., mais merecem o nome de licores, do que de vinhos; porque não são estremes e genuinos de uvas; mas submettidos a differentes processos, misturas e transformações.

Este terreno abençoado, tem uns 20 kilometros de comprido, seguindo a margem do rio, e de 2 a 5 de largura.

Ha a notar, que, n'esta zona em que o vinho é o mais especial, a agua, é, no geral pessima.

—

Hoje, os vinhos do Douro, não teem o credito, nem por consequencia a extracção, que

tiveram antigamente; sem que a sua qualidade por modo algum tenha peiorado.

A ambição mal entendida, e mesmo a má fé, de muitos vinicultores, são a causa do descredito d'este genero, que podia e devia ser uma fonte perenne de prosperidade para os povos do Alto-Douro; mas elles preferem adulterar e corromper os seus vinhos com asquerosas misturas de baga de sabugueiro (e até de loureiro!) campeche, e outros ingredientes, para o augmentarem—do que vendel-o puro, em menor porção.

Ainda mais — alem das adulterações que já traz do Douro, chega ao Porto, e soffre outras, ainda peiores.

Os vinhos da *Bairrada* (ou *Anadía*) ou são nas margens do Porto e Villa Nova de Gaia, *lotados* com os do Alto-Douro, ou mesmo vendidos como d'esta procedencia; o que tambem não tem contribuido pouco para o descredito do genero.

Os productores e exportadores de vinhos do sul do reino, conhecem melhor os seus interesses e teem mais consciencia: longe de adulterarem os seus vinhos, fazem todas as diligencias para o melhorar e aperfeiçoar—e teem tido o premio da sua sollicitude e da sua probidade agricola e commercial, pois os vinhos da Extremadura e Alemtejo (chamados no estrangeiro *vinhos de Lisboa*) estão-se vendendo lá fóra, mais caros do que os *do Porto*, sendo, pela sua natureza, muito inferiores aos do Douro, tanto em alcoolisação, como nas outras qualidades.

Os vinhos da Bairrada, tambem ultimamente se teem aperfeiçoado muito, e uma grande companhia se constituiu em 1875, para cultura de vinhas, e compra e venda de vinhos, que já tem tirado auspiciosos resultados.

Vide *Mealhada*, a pag. 150, col. 2.ª e seguintes.

—

Os *vinhos da Beira*, tambem são muito bons, e tanto se tem melhorado o seu fabrico, que, pelo menos desde principios de 1875, teem sido muito procurados para exportação.

No Algarve ha pouco vinho, e, ainda que de boa qualidade, preciza ser judiciosamente *beneficiado*, para poder aguentar as oscillações do transporte, sem se estragar.

—

As pessoas que desejarem obter amplissimos conhecimentos do Paiz vinhateiro do Alto-Douro, devem consultar as obras do benemerito barão de Forster, sobre a materia.

No momento em que estou escrevendo (fevereiro de 1876) se está publicando uma formosa e sapientissima obra, do sr. visconde de Villa-Maior, intitulada *Douro Illustrado*, que trata magistralmente do Alto-Douro.

PALA—vide *Palla*.

PALACIO ou **PALLACIO**—portuguez antigo—Vem do monte Palatino (Roma) onde o imperador Augusto possuia um sumptuoso palacio. (Paginas 133 d'este volume.)

Em quasi todos os nossos foraes se vê empregada a palavra palacio, por casa da camara, ou paços do conselho.

Gosavam das honras e prerogativas de palacio real.

Tambem ao mosteiro, hospicio, ou outra qualquer casa religiosa, davam os nossos avós o nome de *palacio*.

Et mando, quod si per istas sortelas (anneis) *non potuerint facere unun Palatium in Lameco, quod compleat eis D. Oracha Fernandiz, per quod faciant eis* Palatium: *et accipiat pro se sortelas.* (Testamento de D. Aldára, feito em 1272, para a fundação de um mosteiro de frades menores, em Lamego.—Documento de Tarouca.)

Tambem já antigamente se dava o nome de palacio, á casa de qualquer vassallo, de nobre ascendencia.

O individuo que armado ou desarmado, entrasse no palacio do rei ou do nobre, não era punido, se nada tirasse; mas pagava pelo dobro o que subtraisse. *Si homo habitans in haeriditate S. Salvatoris... Cum armis vel sine armis introierit in Palatium Regis, vel in Palatium alicujus hominis, aut in Villam sigillatam, seu in aliquem locum, in quo sigillum fuerit positum.* (Hes. Sagr. tom. 38.º, fl. 351.)

Palaciólo é diminuitivo de palacio; e de palaciolo fizemos *paçó* e *paçô*. (*Nova Historia de Malta*, por José Anastacio de Figueiredo, tomo 1.°, pag. 452.)

PALADINA—portuguez antigo—do latino *palam*—significa — clara, patente, publica, evidente, etc.

Era tambem nome proprio de mulher correspondia á nossa *Clara*.

Vê-se pois, que o nome da sublime artista dramatica italiana, tão celebrada em nossos dias—*Celestina Paladini*—em portuguez vem a ser—Celestina Clara.

Paladine é tambem, na França, nome proprio de homem—vem a ser *Claro*.

PALADINO—portuguez antigo—commum familiar, comesinho, usado, vulgar, claro, etc.—D'aqui—*Roman paladino*—lingua vulgar no paiz. (E' mais hespanhol do que portuguez.)

Tambem se dava a denominação de paladino, ao aventureiro ou cavalleiro andante.

PALAME—portuguez antigo—pellame—fabrica de çurrar, curtir e preparar couros. Tambem se denominavam *casa da tanaria* —e d'aqui, *atanado*.

PALANCIA—antigo nome da *Maia*. Vide esta palavra.

PALANTISIO, ou **PALANTUSICO**—antiquissima freguezia, proxima a Braga.—Acha-se mencionada em alguns concilios e em outros documentos. Hoje ignora-se completamente a sua situação; apenas se sabe que era perto de Braga. Tambem se não sabe o anno em que foi supprimida; mas parece que já não existia no tempo de D. Affonso Henriques.

PALHA-CANA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Alemquer, 48 kilometros ao N.E. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757, tinha 300 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior e beneficiados de Santo Estevão d'Alemquer, apresentavam o vigario, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É povoação antiquissima, pois já existia em 1164, anno em que D. Affonso Henriques a doou ao mosteiro de S. João de Tarouca.

Chamava-se então — *Herdade de Palhacaan*.

Diz-se que a egreja matriz foi edificada em territorio pertencente ao termo de Aldeia-Gallega da Merceana.

Esta freguezia comprehende as seguintes povoações:

Azedia — Tinha em 1798, 20 fogos.
Silveira-do-Pinto — Tinha 16.
Matto — 32.
Riba-Fria — 50.

Riba-Fria é um appellido nobre em Portugal, cuja familia procede de Gaspar Rodrigues de Riba-Fria, natural d'esta povoação, de que tomou o appellido. D. Manuel I o fez seu porteiro da camara, pelos serviços que lhe fez. D. João III o fez cavalleiro da ordem de Christo, e alcaide-mór de Cintra — dando-lhe solar na sua terra, e carta de brazão d'armas, a 16 de setembro de 1541 —são — em campo verde, torre de prata, lavrada de negro, aberta de azul e ouro, sobre um contrachefe de ondas de azul e prata, entre duas estrellas de ouro, de 8 pontas, acantonadas. Elmo d'aço, aberto—e por timbre, um leopardo azul, armado d'ouro, com uma das estrellas do escudo na espadua.

É d'esta familia o actual conde de Penamacôr, o sr. Antonio Maria de Saldanha Albuquerque Castro Riba-Fria Pereira.

Outeiro do Vinagre — 10.
Palaios — 16.
Valle-Verde — 18.
Bem-Vindo — 14.
Pereiro — 30.

—

É n'esta freguezia o *convento do Matto*, proximo á aldeia do Matto. Deriva o seu no-

me, de uma grande matta de carvalhos que havia n'este logar. Era da ordem dos jeronymos, e foi fundado em 1354, por frei Vasco. Aluindo-se a primeira vez, foi reedificado por D. João I, em 1389. Cahiu segunda vez (pela natureza do sólo, que não tinhá solidez) e foi reedificado por D. Manuel I, em 1500; que lhe deu varios privilegios, e que se recolheu muitas vezes n'este mosteiro, e rezava no côro com os frades, como qualquer d'elles.

O mosteiro está edificado em uma encosta isolada, em sitio feio e triste.

Tanto o mosteiro como a egreja, são pequenos, esta foi arruinada pelo terramoto de 1755, e nunca mais se reedificou, celebrando os religiosos os officios divinos em uma casa, que para isso destinaram.

Havia n'esta egreja uma imagem de Nossa Senhora da Encarnação, da particular devoção dos povos d'estes sitios. Em 1700, estava no capitulo; mas antigamente tinha estado em um nicho, sobre o alpendre da egreja.

Frei Lourenço, religioso d'este mosteiro, e confessor da rainha D. Leonor, viuva de D. João II, que era muito devoto d'esta Senhora, foi (por sua ordem) enterrado em frente do nicho onde estava a santa imagem. Na sua campa, se lavrou a seguinte inscripção:

RUBUM QUEM
VIDERAT MOYSES.

Sepultura do V. Padre Frei Lourenço, de cuja bocca sahiu um espiuheiro, em fórma de ✠, em as folhas d'elle se liam as palavras acima

No cartorio do mosteiro existiu um instrumento que provava que, da sepultura de frei Lourenço (da parte da cabeça) nasceu um espinheiro, e em cada uma de suas folhas se liam as duas primeiras linhas da inscripção, em letras perfeitamente legiveis.

Cessaram as folhas do espinheiro de ter letras, desde que o cadaver do frada foi d'alli removido.

—

Na egreja ha as seguintes inscripções:

1.ª—*Sepultura de Simão Ferreira, fidalgo da casa d'El-Rei Nosso Senhor, e da sua mulher, D. Guiumar de Sequeira.*

Suppõe-se que este Simão Ferreira, era um bravo capitão da India (no reinado de D. Manuel), morto por uma bomba, na defeza da barra de Cahul, em 1521. Foi seu descendente, D. Rodrigo de Sequeira, que em 1707 possuia uma quinta, proximo ao logar de Palaios.

—

2.ª—*Sepultura de Jacintho de Figueiredo de Abreu, fidalgo da casa de Sua Magestade, cavalteiro professo na ordem de Christo, e commendador d'ella; o qual serviu a Sua Magestade desde o anno de 1647 até ao de 1683, de soldado, e nos postos successivos, até ao de tenente-general de artilheria e governador na provincia da Beira, na qual e na do Alemtejo, serviu nas guerras que este reino teve com o de Castella; achando-se em todas as batalhas do Alemtejo e na de Montes-Claros, governando o terço de que era sargento-mór; e na Beira, governou Salvaterra do Extremo, e foi pôr á expugnação de muitas praças castelhanas. No anno de 1670 foi á Costa de Guiné formar uma fortaleza, d'onde passou a ser governador, e capitão geral da Ilha de S. Thomé, e das mais d'aquella costa. Falleceu na dita ilha, em 3 de janeiro, de 1683, e mandou que seus ossos se trasladassem para este logar, onde seus avós foram sepultados, e se comprasse este jazigo, para seu enterro e de seus parentes, in perpetuum.*

Sepultaram aqui seus ossos, em 28 de julho de 1693.

—

Este mosteiro foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade particulár, com o nome de *quinta do Matto*, do sr. José Antonio Tavares.

Quintas da freguezia

Quinta de Palacios—propriedade que se suppõe ter sido, no seculo XVI, do padre Palacios, prior de Villa Verde dos Francos. Em 1707, era de D. Marianna de Morales.

É hoje do sr. José Gonçalves Franco.

Casal da Bordalia—em 1500, Francisco Velho, cavalleiro fidalgo, era senhor d'esta

herdade, que depois foi de Jacintho de Figueiredo d'Abreu, e em 1750, era de Pedro Antonio de Figueiredo d'Alarcão.

Quinta do Bouro — em 1707 (segundo a Carvalho, na sua *Chorographia*) havia n'esta freguezia a quinta do Bouro e a da Granja, dos condes do Vimioso.

É hoje do sr. Sebastião Falcão de Lima Mello Trigoso.

Quinta do Conde — do sr. conde de Casal-Ribeiro.

Quinta de Valle-Verde — do sr. Antonio Pimentel Maldonado.

Quinta da Azedia — do sr. Antonio Joaquim d'Azedia.

Quinta do Prothenque — do sr. Antonio José de Miranda Junior.

Quinta da Coteina — do sr. Domingos Gonçalves Chaves.

Quinta do Carmo — do sr. Manuel Joaquim Quintella Emauz.

Quinla de Montalegre — do mesmo sr. Quintella Emauz.

Quinta de Palha-Canna — do sr. João Baptista Canha.

Quinta de Cima — do mesmo senhor.

Quinta do Pereiro — do sr. Manuel Baptista.

Quinta da Aputicaria — do sr. Augusto Soares Leal.

Casal da Bordalia — do sr. Severino José da Bordalia.

Casal do Sobreiro — do sr. Diogo Carlos Duffe.

Casal do Duque — do sr. José Francisco Pichinhos.

Casal da Carrasqueira — do sr. José Ferreira Leal.

Casal dos Mattos — do sr. José Antonio Bailão.

Casal do Gaspar — do sr. Gaspar Gomes.

Casal do Bispo — do sr. Joaquim Ferreira.

Casal da Bica — do sr. conde de Casal-Ribeiro.

Casal do Carvalho — do sr. visconde de Juromenha.

Casal de Lafões — do sr. duque de Lafões.

PALHA-VAN (quinta de) — Sahindo de Lisboa, pelas barreiras de S. Sebastião da Pedreira, pela estrada de Bemfica, e logo fóra das barreiras, a 3 kilometros ao N.O. da Praça do Commercio, está a historica propriedade, denominada *Quinta de Palha Van*, com seu palacio.

Tanto este como aquella, foram construidos pelos annos de 1660, [1] por D. Luiz Lobo da Silveira, 2.º conde de Sarzêdas, e augmentada a quinta e melhorado o palacio, por seu filho, D. Rodrigo da Silveira, 3.º conde do mesmo titulo.

Este foi o que lhe mandou construir o grande portão da entrada principal, sobre o qual estão as armas d'esta antiga e nobilissima familia, pela extincção da qual (no seculo XVIII) passaram os seus bens para os condes da Ericeira, que depois foram feitos marquezes do Louriçal, e extinguindo-se esta familia, passaram os seus bens para o sr. conde de Lumiares.

Os condes da Ericeira, eram senhores do Louriçal.

O 1.º marquez d'este titulo, foi D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, feito por D. João V, em 22 de abril de 1740.

São d'estes titulares, as armas que estão no portão da quinta — que vem a ser — escudo esquartellado, no 1.º e 4.º as armas de Portugal — no 2.º e 3.º, tres flores de liz, de ouro, em campo azul, e no centro, o escudo dos Menezes, que é — em campo de ouro, um annel do mesmo.

Timbre, uma donzella, vestida de ouro, com o escudo nas mãos.

(Para mais amplas noticias d'esta familia, vide vol. 2.º, pag. 95, col. 1.ª — Vol. 3.º, pag. 44, col. 1.ª e pag. 45, col. 2.ª — Vol. 4.º, pag. 458, col. 2.ª, e pag. 478, col. 1.ª)

Ainda ha poucos annos era esta propriedade célebre, pela espessura dos seus bosques; pela vastidão dos seus jardins e preciosa collecção de suas plantas; pela abundancia de estatuas e vasos de marmore que

[1] Mas aqui havia já uma casa nobre e uma quinta, com o mesmo nome, que já existia no reinado de D. João I, como direi no fim d'este artigo.

a decoravam, d'entre as quaes, algumas eram notaveis pela sua primorosa esculptura; e, finalmente, pela bondade e frescura de suas aguas.

N'este palacio falleceu, em 7 dezembro de 1663, a rainha, D. Maria Francisca Isabel de Saboya, filha do duque de Nemours (a tristemente famosa mulher de D. Affonso VI e de D. Pedro II) tendo para aqui vindo, na esperança de convalescer.

Foi tambem por muitos annos residencia dos infantes D. Antonio, D. Gaspar, e D. José, filhos naturaes, reconhecidos, de D. João V.

Como vieram para aqui muito jovens, o povo os denominava — *meninos de Palha-Van*, designação que lhes durou até depois de velhos.

D. Gaspar de Bragança (o 2.º) veiu a ser arcebispo de Braga—e D. José de Bragança, foi inquisidor geral de Lisboa.

Foi durante a residencia d'estes principes, em Palha-Van, que o palacio e a quinta chegaram ao seu maior estado de explendor e magnificencia.

Por sua morte, principiou a decahir a propriedade.

Os francezes tambem muito a dannificaram em 1807 e 1808; porém, durante o cêrco de Lisboa, de setembro até 10 de outubro de 1833, como ficava entre os dois campos, tanto os realistas como os liberaes, lhe causaram prejuizos enormes; sobre tudo, no dia e noite de 5 de setembro, em que se deu aqui um mortifero combate.

Desde então progrediu a devastação; até que, seus bosques, pomares e jardins foram substituidos por cearas de trigo; por entre as quaes ainda se conservam algumas de suas estatuas gigantescas, feitas em Italia, parte d'ellas, obra do célebre esculptor Bernini.

Ainda tambem existem alguns lagos, decorados com estatuas.

O sr. conde de Lumiares, senhor da propriedade, mandou vir para Lisboa as estatuas mais pequenas, e os vasos de marmore, ornando com elles a varanda do jardim, contiguo ao seu palacio da rua Occidental do Passeio Publico do Rocio.

O sr. conde da Azambuja (feito em 3 de abril de 1860) Augusto Pedro de Mendonça Rolim de Moura Barrêto—filho da serenissima infanta D. Anna de Jesus Maria, e do sr. D. Nuno José Severo de Mendonça Rolim de Moura Barreto, marquez e 1.º duque de Loulé (vol. 4.º, pag. 449, col. 1.ª) o sr. conde da Azambuja, digo, comprou esta propriedade aos srs. condes de Lumiares, em 1861, e actualmente, está o palacio restaurado, e a quinta muito melhorada.

—

Pouco adiante de Palha Van, entre os dois caminhos de Bemfica e Pinheiro, estão as ruinas do palacio dos duques de Cadaval, onde se celebraram as pomposas festas do casamento do 3.º duque de Loulé, D. Jayme de Mello, com a infanta D. Luiza, filha natural, reconhecida, de D. Pedro II.

O terramoto de 1755, destruiu este palacio.

—

Palha-Van, é tambem um appellido nobre em Portugal, tomado d'esta mesma propriedade, da qual foi senhor, Gomes Lourenço de Palha-Van, fidalgo da camara de D. João I.

A seu bisneto, Jorge Gomes de Carvalhosa Palha-Van, cavalleiro fidalgo, da casa de D. João III, se passou carta de brazão d'armas, em 1540—e são—em campo azul, um molho de trigo, com espigas d'ouro, atado com fita de púrpura, e posto em palla, entre quatro torres de prâta.

Êlmo de aço, aberto—e por timbre dois braços, armados de prata, pegando em um molho de trigo, como o do escuco.

A Fernão Gomes Carvalhosa Palha-Van, se passou carta de brazão, d'estas mesmas armas, no anno de 1541.

PALHAÇA ou **VILLA NOVA DE PALHAÇA**—freguezia, Douro, comarca, concelho, bispado, districto administrativo e 10 kilometros ao S. d'Aveiro, 245 ao N. de Lisboa.

Tem 280 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Foi do concelho de Sóza, comarca da Anadia.

Em 24 de outubro de 1855, passou para

o concelho de Oliveira do Bairro, da mesma comarca; e, em 18 de dezembro de 1872, passou para a comarca e concelho d'Aveiro.

E' terra fertil e bonita.

Faz-se aqui uma boa feira (mercado) em todos os dias 29 de cada mez; muito concorrida de gado e differentes generos.

A feira de setembro se denomina — *das sebolas*—pela grande quantidade d'ellas que aqui aflue.

PALHAES — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Certam, 70 kilometros do Crato, 165 ao E. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757, tinha 9 fogos!

Orago, Nossa Senhora da Annunciação.

É do grão-priorado do Crato, hoje annexo ao patriarchado.

Districto administrativo de Castello Branco.

O grão-prior do Crato, apresentava o reitor, collado, que tinha 60$000 réis e o pé de altar.

E' terra fertil em cereaes.

Palhaes, é appellido nobre em Portugal. Vide Monção.

PALHAES—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 48 kilometros de Vizeu, 305 ao N.E. de Lisboa.

Tem 60 fogos.

Em 1757, tinha 50 fogos.

Orago, Santo Antonio.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O commendador de Malta de Cernancêlhe, apresentava o cura que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Pouco fertil. Muito gado e caça.

PALHAES — freguezia, Extremadura (ao S. do Tejo), comarca de Aldeia Gallega do Ribatejo, concelho do Barreiro, 18 kilometros ao S.E. de Lisboa.

Em 1757, tinha 800 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia está á muitos annos annexa á de *Coina*. (Vol. 2.°, pag. 358, col. 1.ª)

PALHAL—aldeia, Douro, na freguezia da Branca. (Vol. 1.°, pag. 485, col. 2.ª)

São n'esta aldeia as famosas *minas do Palhal*, de que ja dei noticia, a pag. 51, col. 1.ª (no fim) do 1.° vol.

Tanto estas minas, como as do Carvalhal, são na margem direita do rio Caima; mas entram pela margem esquerda, em terreno da freguezia de Ribeira de Fráguas.

Pertencem a uma poderosa companhia ingleza, com alguns accionistas portuguezes, sendo o mais interessado d'elles, o sr. José Ferreira Pinto Basto — hoje seus herdeiros. (Vide Monte Mór Velho, no fim.)

São de cobre, estanho, chumbo, alguma prata, e mui pequena porção de ouro.

A mina do Palhal, foi explorada no seculo XVIII, no tempo do ministerio do marquez de Pombal, por uma sociedada de individuos d'estes sitios.

Diz-se que então sahia em abundancia minerio de prata, e que, atravessando da margem direita para a esquerda, foi inundada pelas aguas do Caima, em uma grande cheia que n'elle houve, tornando impossivel a lavra d'alli em diante, até á formação da actual companhia, que possue machinas e apparelhos aperfeiçoados.

Emprega mais de 600 pessoas.

Tem excellentes machinas de esgôto, e a motora é da força de 120 cavallos.

Já vae a uma profundidade de 950 metros.

Em 1862, produziu 1:346 toneladas de minerio de cobre, e 4 de galena.

Cada tonelada, dá 20 libras sterlinas na Inglaterra, o que vem a sommar 121:140$000 réis.

Vide *Albergaria Velha*.

PALHEIROS—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Murça, comarca d'Alijó, 105 kilometros a N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 50 fogos.

Orago, S. Paulo, apostolo e evangelista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Os conegos da collegiada de Guimarães, apresentavam o cura, que tinha 16$000 réis e o pé de altar.

E' terra pouco fertil, muito gado e caça.

PALLA — Tendo tantas vezes fallado de *palla*, na descripção dos brazões, devo dar, aos que o ignorem, a significação d'esta palavra.

Palla, em termo d'armaria, é a 2.ª peça honrosa ordinaria, formada de differente esmalte, no meio do escudo, e entre duas linhas rectas, paralellas, abaixadas perpendicularmente, do lado superior, ou linha do chefe, ao inferior, ou linha de contrachefe, do mesmo escudo.

Não deve ter mais largura, do que a da terça parte do escudo, nem podem entrar n'elle mais de duas; porque, se forem trez, já se chamam *coticas* em palla.

Ha palla carregada, coticada, debruada, xadresada, erguida (ou levantada), filetada, guarnecida, lisa e perfilada.

Em palla, são as pessas perpendiculares —e *em faxa*, as horisontaes.

Dividido em palla, se diz do escudo dividido perpendicularmente, em duas partes eguaes.

Palla abaixada, é a que não toca a linha do chefe.

Palla erguida, ou *levantada*, é a não toca a linha do contra-chefe.

PALLA — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Pinhel (foi da comarca de Trancoso, concelho de Pinhel) 65 kilometros de Vizeu, 335 ao N.E. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago, S. Simão.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O abbade de Valle-Bom, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

E' terra pobre. Algum gado; muita caça. (Para a etymologia, vide a Palla seguinte.)

PALLA—freguezia, Beira-Alta, comarca de Santa Comba-Dão, concelho e 6 kilometros do Mórtágua, 35 de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa.

Tem 250 fogos.

Em 1757, tinha 25 fogos.

Orago, S. Gens.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Viseu.

Os conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra, apresentavam o cura, que tinha 90$000 réis e o pé d'altar.

O nome d'estas duas freguezias provém-lhe de terem sido de *Enderquina Palla* (que viveu pelos fins do seculo IX e principios do X.)

Era filha de capitão, Mem Guterres, e mulher de Gundezindo (filho de Ero.)

Foram seus filhos, *Soeiro*, *Ermezinda*, *Adosinda*, e *Froilo*. (Vide *Arcos* de Coimbra.

Já se vê que, tanto esta freguezia, como a antecedente, são povoações muito antigas.

E' terra muito fertil. Gado e caça.

—

Ha n'esta freguezia um valle solitario, mas fresco, por estar povoado de frondoso arvoredo, fructifero e silvestre, e regado por dois mananciaes de crystalinas aguas.

N'este valle, e pelos fins do seculo XV, ou principios do seguinte, achou um individuo da freguezia do Sobral (proxima) que era calvo, e na toca de um castanheiro, seu, em um campo que alli possuia, uma formosa imagem da Santissima Virgem, á qual se deu o titulo de *Nossa Senhora do Chão do Calvo*, em attenção ao que a achou.

Correu logo a dar noticia aos moradores de Palla e Sobral.

Os d'aquella freguezia lhe quizeram edificar logo, no sitio da apparição, uma ermida; mas os do Sobral, intendendo que lhes pertencia a imagem, por ser achada por um seu comparochiano, e em um *chão* que lhe pertencia, levaram a imagem para o seu logar, e a collocaram na sua egreja; mas na manhan seguinte, tinha a Senhora desapparecido, e se foi achar no vão do castanheiro, onde havia sido achada.

Tantas vezes a levaram para a egreja do Sobral, como ella fugia para o castanheiro, apezar de estar de noite a egreja guardada por homens armados.

Desistiram então os do Sobral; e os de Palla erigiram logo uma capella á Senhora,

no sitio do seu apparecimento, instituindo-lhe uma irmandade, para cuidar do culto e conservação da capella, e fazerem a festa á Padroeira.

Instituiram tambem um bodo para os pobres (porque era então tempo de fóme) para o qual concorriam os povos das freguezias circumvisinhas.

Era distribuido no 3.º domingo de outubro; juntando-se então aqui 2 a 3:000 pessoas a receberem esmolas, que eram um abundante jantar, e vinho, para todos, dividido pelo juiz e mordomos da Senhora.

Passado o tempo da fome, terminou o bodo, sendo substituido por uma feira, que se fazia no mesmo 3.º domingo de outubro, e era sempre concorridissima, tanto de feirantes, como de romeiros, que deixavam muitas offertas á capella.

Havia então uma solemne festividade, com missa cantada, a orgão, sermão, e procissão de tarde.

Havia pelo decurso do anno, ainda outras romagens.

A imagem é de pedra, de uns 50 centimetros de alto, e de bôa esculptura, e a capella está bem adornada.

Junto á ermida, está uma fonte, a cuja agua os devotos attribuem muitas virtudes therapeuticas, sobre tudo, para a cura de toda a qualidade de febres.

No 1.º sabbado da quaresma, no sabbado de Lazaro, e na 2.ª oitava da Paschoa, eram obrigados a hir visitar esta capella, nove freguezias (alem da de palla) que eram — Almaça, Cercosa, Cortegaça, Espinho, Marmelleira, Mórtágua, Sobral, Tresoy, e Valle de Remigio.

Todos levavam os seus parochos e as suas cruzes levantadas.

Era multado o chefe de familia que, por si, ou por pessoa de sua casa, deixava de comparecer.

Esta romaria era em cumprimento de um antigo voto, feito á Senhora do Chão de Calvo.

PALLACIOS—freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo, e bispado de Bragança, 465 kilometros ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 24 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

O cabido da Sé de Bragança, apresentava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua, e pé de altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de S. Julião. (A 1.ª mencionada na col. 1.ª de pag. 425 do 3.º volume.)

PALLAÇOULO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Miranda do Douro (foi da comarca do Mogadouro, concelho de Miranda) 48 kilometros de Bragança, 465 ao N. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 42$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' terra fertil. Muito gado e caça.

O seu nome é corrupção de *Palaciólo*, diminuitivo de palacio. — Vem pois a significar *palacinho*, ou *palaciosinho*.

PALLANQUE—portuguez antigo—termo de fortificação—estacada, palissada, com que se cingia o acampamento, ou campo de batalha.

PALLAS—antiga freguezia, Traz-os-Montes, hoje supprimida, e annexa á de Curópos. (Vol. 2.º, pag. 459, col. 2.ª)

PALMA—freguezia, Extremadura (ao S. do Tejo), comarca e concelho d'Alcacer do Sal, 65 kilometros a O. de Evora, 60 ao S.E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 202 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Lisboa.

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 180 alqueires de trigo, 180 alqueires de cevada e 10$000 rs. em dinheiro.

Era commenda da ordem de S. Thiago.

É terra fertilissima em cereaes. Cria muito gado e caça.

Foi condado. D. Philippe IV fez conde de Palma, a D. Vasco Mascarenhas. Seu filho, D. João Mascarenhas, foi 2.º conde de Palma, e 3.º conde do Sabugal. Sua filha, D.

Brites Mascarenhas, herdou o titulo, e casou com D. Fernando Martins Mascarenhas, 2.º conde de Obidos, e meirinho-mór, feito por D. Pedro II.

A casa dos condes d'Obidos e de Palma, passou depois para a dos condes do Sabugal. (Vol. 5.º, pag. 162, col. 1.ª)

Palma é um appellido nobre em Portugal, tomado d'esta povoação. O primeiro que com elle se acha, é João Carlos da Palma, natural d'Obidos, que foi governador da praça de Castello-de-Vide. Os Palmas trazem por armas — em campo d'ouro, uma palmeira verde, sobre um monte da sua côr. Elmo d'aço, aberto, e por timbre, um ramo de palma.

O morgado de Palma (depois condado) foi instituido (pelos annos de 1500) por D. Fernando Martins Mascarenhas, o 1.º capitão de ginêtes, e que depois foi vice-rei da India.

Foi instituido o vinculo, em uma sua fazenda, e mandou edificar um bom palacio, que fica proximo da egreja matriz.

PALMARES (vulgarmente **PALMAZ**)—freguezia, Douro, comarca e concelho d'Oliveira d'Azemeis (foi da comarca de Estarreja, extincto concelho do Pinheiro da Bemposta), 30 kilometros ao E.N.E. d'Aveiro, 50 ao S. do Porto, 270 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 166 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Bispado e districto administrat.º d'Aveiro.

A mitra apresentava o prior, que tinha 700$000 réis de rendimento annual.

Ha por estas terras o *vicio* de não pronunciarem os rr das ultimas sylabas — por ex. — alféres, *alfés,* — talheres, *talhés* — queres, *qués,* — etc., etc. — Assim, em vez de *Palmáres,* dizem *Palmás,* e foi-se o vicio inveterando, a ponto de vermos hoje, mesmo em papeis officiaes, *Palmaz* (que nada significa) em vez de *Palmares* (logar plantado de palmas). — Vide tambem a palavra seguinte.

É n'esta freguezia a boa fabrica de pannos, cujo motor é a agua do rio Caima. Está fundada no sitio do *Areeiro,* mas denomina-se vulgarmente — *fabrica do Caima.* É propriedade dos srs. Bernardo da Costa Pinto Basto; doutor José da Costa Pinto Basto (irmão do antecedente); João Marques (todos tres d'Oliveira d'Azemeis), e Lopes, da Covilhan.

Já em Oliveira d'Azemeis dei a razão porque nada mais sei d'este estabelecimento fabril.

O rio Caima, que, como se vê, passa por esta freguezia, tem aqui uma boa ponte de cantaria, feita nos principios do seculo XVIII.

PALMARES — Vide *Palmeiro.*

PALME e FEITOS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 30 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade benedictino do mosteiro d'esta freguezia, apresentava o vigario, que tinha 90$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Em tempos remotos, era o logar de Palme uma quinta do fidalgo Lovezendo, filho de Sazi, que em 1028 a doou á ordem de S. Bento, para aqui fundar um mosteiro, dando-lhes tambem muitas rendas e propriedades.

Com varias doações de particulares, chegou este mosteiro a ser um dos melhores e mais ricos d'estes sitios.

Está fundado ao pé da serra do TáméI, e ao O. lhe fica o delicioso e feracissimo *valle do TáméI,* por onde, em um extenso *tunell,* passa o caminho de ferro do norte.

Este mosteiro e a sua cêrca, foram vendidos depois de 1834, e é hoje seu proprietario o sr. barão de Palme.

A freguezia de *Feitos,* annexa a esta, fica descripta a pag. 161, col. 2.ª do vol. 3.º

—

O sr. José Maria da Fonseca Moniz, foi feito barão de Palme, em 2 de junho de 1851. — Era irmão do fallecido bispo do Porto, Moniz. Vide *Porto.*

Em 18 de fevereiro de 1852, foram feitos

baroneza e barão de Palme, a sr.ª D. Gertrudes Ermelinda Cardozo Moniz, e o sr. João Cardozo Coelho de Moraes Pessoa.

Estiveram annexas a esta freguezia, as de —Teivães, Frojães (ou Forjães) e Aldréu.

PALMEIRA— freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 3 kilometros ao N. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 266 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Purificação, ou das Candeias).

O cabido da Sé de Braga apresentava o vigario, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil.

Foi couto do rei.

A *Rua-Nova,* em Lisboa, era dos arcebispos de Braga, que a trocaram pelo couto da Palmeira.

FALMEIRA — freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, 30 kilometros a O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Cria muito gado e caça. É abundante de peixe do mar, que lhe fica perto.

Foi couto das religiosas de Villa do Conde, que o emprazaram aos Gayos, da mesma villa.

PALMEIRA—Vide *Leça da Palmeira.*

PALMEIRA DE FARO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 18 kilometros ao S. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O reitor de Santa Maria de Antime, apresentava o vigario, collado, que tinha 110$000 réis.

É terra fertil. Muito gado e caça.

Vide *Nandim.*

Está aqui a quinta da Palmeira, com uma torre, onde viveram os Forjazes Palmeiros, que depois se mudaram para a quinta da Pedreira, solar d'esta familia.

PALMEIRIM—Vide a palavra seguinte.

PALMEIRO—PALMEIRIM—PALMAR—PALMARES—e **PALMARIO**—portuguez antigo — peregrino — estrangeiro.

Dava-se-lhe este nome, porque os peregrinos da Terra-Santa traziam um ramo de palma, quando se recolhiam á sua patria, em signal de terem acabado a sua peregrinação ou romaria.

Em Lisboa e no Porto, havia *hospitaes de Palmeiros,* onde estes peregrinos se recolhiam.

Palmeirim, é um appellido nobre d'este reino. A Luiz Ignacio Xavier Palmeirim, do concelho de Sua Magestade, commendador das ordens de Christo e Torre-Espada, tenente-general dos reaes exercitos, se passou carta de brazão d'armas em 20 de dezembro de 1824—e são—em campo de púrpura, um leão d'ouro, com uma chave de prata na garra direita; manteléte azul—no 1.º campo, uma peça d'artilheria, e uma espingarda de prata, em haspa—no 2.º, outra peça de artilheria, de prata, e uma ancora de ouro, em aspa—chefe de prata, carregado de uma palmeira verde—orla d'ouro, carregada de uma legenda, em letras de púrpura, que diz—VALOR, FIDELIDADE, HONRA!—Elmo de prata, aberto, guarnecido d'ouro, e forrado de púrpura—Timbre, tres ramos de palmeira, verdes, em roquête, atados com uma fita de prata.

Palmeiro, é tambem um appellido nobre em Portugal. Villas-Boas não diz quem o trouxe a este reino. As armas dos Palmeiros, são—escudo esquartellado—no 1.º e 4.º, d'azul, uma flor de liz, d'ouro; no 2.º e 3.º, de púrpura, uma palla d'ouro. Elmo d'aço, aberto, e por timbre, uma das flores de liz do escudo.

PALMEIROS (Albergaria dos) — Existiu na freguezia da Magdalena, na cidade de Lisboa, um estabelecimento, denominado *hospital,* ou *albergaria, dos Palmeiros,* para recolher, e dar cama, agua e luz, sómente por tres dias, aos peregrinos que hiam á Terra

Santa, a S. Thiago de Compostella, ou a outros famosos sanctuarios do christianismo; ou d'elles regressavam ás suas terras.

Foi esta albergaria fundada no reinado de D. Diniz, como se via da inscripção seguinte, que estava gravada em uma pedra, sobre a porta da entrada:

ESTE HOSPITAL HE DOS POBRES PALMEIROS,
PEREGRINOS E RESGATADOS, QUE VEM A ELLE,
E DE OUTRO HOSPITAL DE CASSILHAS,
PERTO DE ALMADA.
OS HONRADOS CONFRADES D'ESTA CIDADE
DE LISBOA, O ADMINISTRÃO.
HERA DE 1330. [1]

Suppõe-se que foi a rainha Santa Isabel que mandou fundar este estabelecimento de caridade, no anno de 1292, que é a era de Cesar, 1330

Era dedicado a Nossa Senhora de Belem.

Vinte e cinco visinhos de Lisboa, administravam a albergaria, e elegiam d'entre elles, um provedor e um escrivão, que cobrava os fóros, doados para o custeio do hospital; para o ordenado de um hospitaleiro; para uma festa que se fazia á Padroeira, no dia da sua Purificação, a 2 de fevereiro; e para a conservação dos edificios. Depois, passou a administração para a irmandade do Senhor Jesus dos Padrões, erecta na egreja da Magdalena, com as mesmas attribuições. A capella ficava sobre a albergaria, e para ella se subia por uma escada de pedra. Era grande e bonita, e tinha um formoso presepio.

O terramoto de 1755 destruiu completamente a capella e albergaria.

PALMELLA—villa, Extremadura (mas ao sul do Tejo), comarca e concelho de Setubal, d'onde dista 6 kilometros ao N.N.E., 30 ao S.E. de Lisboa, 1:500 fogos.

Tinha em 1757, 836 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Está em 38° 28′ de lat. N.—e 29′ de long. occid.

[1] Vê-se, pela orthographia, que esta inscripção foi aqui posta na occasião de alguma reconstrucção, seculos depois do seu fundamento.

É a 6.ª estação do caminho de ferro do Sul e Sueste.

Em 1757 tinha duas freguezias:

Santa Maria do Castello, priorado, apresentado pelo tribunal da mesa da consciencia, tendo o prior, 300 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 5$000 réis em dinheiro. Tinha então 422 fogos. (Esta freguezia está annexa a S. Pedro.)

S. Pedro, apostolo, priorado da mesma apresentação, tendo o prior, 300 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 24$000 réis em dinheiro.

Tinha então, 414 fogos.

O grão-mestre da ordem de S. Thiago, lhe deu foral, em março de 1185. D. Affonso II o confirmou, em Santarem, em 1218. (Maço de *Foraes antigos*, n.os 3, 5, 6, e 15—(*Livro de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 84, col. 2.ª)

D. Affonso Henriques tinha dado em Coimbra (março de 1170) foral aos *mouros fôrros*, de Palmella, o qual, D. Affonso II confirmou em Santarem, em dezembro de 1217. (*Livro 4.° de Inquirições de D. Affonso III*, fl. 8.—Maço 12 de foraes antigos, n.° 3, fl 12, col. 1.ª, *in fine.*—L.° 1.° dos bens proprios dos reis e rainhas, fl. 50 v.—*L.° 5.°*, do rei D. João I, fl. 32, *in principio.*)

Consta que D. Diniz I a elevou á cathegoria de villa, e lhe deu foral, em 1323; porém Franklim não traz este foral. Em todos os foraes se concedeu á villa, muitos e grandes privilegios.

D. Manuel I, lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.° de junho de 1512. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 37 v., col. 2.ª)

Tem por armas—em campo de púrpura, o braço direito de um homem, sustentando uma *palma* verde, entre duas torres, e, de cada lado, sobre ellas, a cruz da ordem de S. Thiago. Timbre, as armas de Portugal.

O brazão que está na Torre do Tombo, faz differença d'este.—O escudo é tambem de púrpura, e mão do homem (de prata) sustenta uma *palmeira*, da sua côr, no meio de duas torres. Sobre a palmeira está a cruz de S. Thiago, no meio de duas *vieiras* (conchas) de prata, em campo d'ouro.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 13.º

Tem uma boa feira, a 8 de dezembro.

Foi cabeça de um dos mais antigos concelhos de Portugal. Por um decreto da regencia do sr. D. Fernando, de 24 de outubro de 1855, foram supprimidos 12 concelhos no districto administrativo de Lisboa, sendo um d'elles o de Palmella.—Os outros foram: Alcoentre, Aldeia Gallega da Merceana, Alhandra, Azeitão, Collares, Ericeira, Mouta, Oeiras (só o julgado), Ribaldeira, Sines, e Sobral de Monte Agraço.

Sobre o plató de um dos mais altos cabêços da serra que se estende entre o Tejo e o Sado, e vae formar o cabo do Espichel, ao S. da barra de Lisboa, está edificado o vetusto castello de Palmella, estendendo-se a villa pela encosta septentrional do monte.

Tem o castello, uma praça, mesmo em frente do mosteiro, muito espaçosa, e com quatro cisternas, uma d'ellas memoravel, dentro da torre de menagem.

Do castello se gosa um vasto e delicioso panorama. Para o N. e N.O. vê-se Lisboa, e as serras de Cintra, Montachique, Bucellas e Monte-Junto. O Tejo, desde a Barra até Santarem, e grande numero de villas e aldeias. Ao S. e S.O., vê-se o Sado, Setubal, e os seus formosos arrabaldes, e varios montes e serras — ao O. se descobre uma vasta extensão do Oceano.

—

Se dermos credito aos nossos antigos escriptores, foi esta povoação fundada pelos annos do mundo 3694, 310 antes do nascimentó de Jesus-Christo, pelos celtas e sarrios. Ignora-se o nome que lhe deram.

416 annos depois (106 de J.-C.), Aulio Cornelio Palma, pretor romano da Lusitania, reedificou e ampliou esta povoação, dando-lhe o nome de *Palmella* (que quer dizer — *Palma-Pequena,* para a differençar de *Palma,* cidade que elle tambem tinha fundado na Andaluzia).

Como o resto da Peninsula Hispanica, cahiu em poder dos arabes, em 715.

Muito soffreu Palmella, durante os reinados de D. Affonso Henriques, e de seu filho D. Sancho I.— Os mouros do castello d'Almada, vendo cahir Lisboa em poder dos portuguezes, rendem-se a partido; porém os de Palmella, fiados na fortaleza do seu castello, e na sua quasi inaccessivel posição, resistem corajosamente; mas D. Affonso I lhe dá um furioso ataque e a toma de surpreza (1147). Pouco tempo depois, torna a cahir em poder dos mouros.

Em 1165 (outros dizem 1166), D. Affonso Henriques, á frente de 60 lanceiros escolhidos, faz um reconhecimento sobre o castello de Palmella, e encontrando o rei mouro de Badajoz, nos campos que ficam proximos a Cezimbra (para cujo castello marchava o mouro, com um luzido esquadrão), o ataca e desbarata, no dia 23 de junho. No dia immediato, a guarnição de Palmella, sem poder ser soccorrida, rende-se aos portuguezes.

O rei, para que a praça não torne a cahir em poder dos musulmanos, manda reconstruir e ampliar o seu castello e muralhas, doando-a aos cavalleiros de S. Thiago, para que elles a povoassem e defendessem. D. Sancho I, confirmou a doação de seu pae, em 1186.

Em 1191, reinando D. Sancho I, soffria Portugal os terriveis flagellos da fome e peste. O feroz Miramolim de Marrocos, invade o Algarve, e nos toma quanto alli tinhamos. Soberbo com estas victorias, e sem encontrar quem se oppozesse á sua marcha, se dirige ao Alemtejo, roubando os povos e talando os campos. Cáe sobre Palmella, que saqueia e arraza, deixando apenas sangue, cinzas e ruinas. (Vide *Almada.*)

Suppõe-se que esteve abandonada e quasi despovoada, até que em 1205, D. Sancho I reedificou todas as obras de defeza, e mandou povoar a villa, guarnecendo o castello com bravos e numerosos combatentes, para o pôr a coberto de qualquer surpreza dos mouros do Algarve; e nunca mais se perdeu.

Dentro do castello, está o mosteiro de freires de S. Thiago, que foi cabeça da sua ordem (vide *Castro-Marim*), fundado por D. Affonso Henriques, e concluido por seu filho, D. Sancho I. (D. Diniz o separou da obediencia de Castella, em 1290, com auctoridade do papa Nicolau IV.) O seu 1.º grão-mestre, foi D. João Fernandes.

Foi em 5 de maio de 1443 que se estabeleceu aqui a séde da ordem militar de São Thiago, sendo seu primeiro mestre (em Palmella) o infante D. João, filho de D. João I. Concluiram-se todas as obras da egreja, mosteiro e suas officinas, em 1482, sendo mestre o principe D. João (depois rei, 2.º do nome), filho de D. Affonso V. (Vide *Mértola*.)

O prior-mór, D. Jorge de Mello, fez grandes obras no mosteiro, em 1608, gastando muitos contos de réis.

Tambem no seu recinto está a egreja de Santa Maria (por isso denominada do Castello), antiga matriz da villa.

A egreja matriz de S. Pedro, a da Misericordia (e hospital), estão edificadas na villa, assim como cinco capellas, além de outras ermidas dos arredores.

Os arrabaldes da villa, posto serem bastante accidentados e pouco arborisados, são ferteis e bonitos.

Não longe da villa, estão (no sitio de Alferrára) o *convento que foi de frades arrabidos*, fundado em 1383, e ampliado por D. Estevão da Gama, filho do conde da Vidigueira, em 1578—e na ladeira do monte que sóbe para a serra visinha de Setubal, o *mosteiro que foi de frades paulistas*, fundado em 1520, por Mendo Gomes de Seabra. Este convento se uniu, em 1531, ao de Alferrára. Ao sitio em que estava este mosteiro, se deu primeiro o nome de *Mendoliva* (Olival de Mendo), e hoje se denomina *São Braz*.

—

O castello de Palmella, de origem mourisca, está edificado no topo de um cabêço ingreme e escarpado. É de grandes dimensões; mas de pouca importancia (militarmente fallando) e difficilmente resistiria a um assalto regular, e a poderosa artilheria moderna em poucas horas o reduziria a um montão de ruinas. Mesmo assim, é um dos castellos de origem mourisca mais bem conservados de Portugal, graças ás suas varias reedificações.

É notavel a sua *torre de menagem*, ou cidadella, com suas ameias e séteiras, sustentada por solidos baluartes.

As fortificações exteriores, consistem em uma cinta de muralhas, desmantelladas, guarnecidas de robustos revelins, defendidas na base por obras razas de contra-escarpa.

A mais de meia altura da torre, está uma casa, perfeitamente quadrada, tendo no centro uma escada de pedra, por onde se desce a grande profundidade. Ha ahi um caminho subterraneo, que vem sahir á extremidade de um dos revelins.

Antes de entrar no subterraneo, e ao fundo da escada, está outra casa, com uma cisterna no centro. N'esta casa esteve preso e n'ella morreu, D. Garcia de Menezes, bispo d'Evora, por *traidor*, e *conjurado* contra D. João II, na revolta do duque de Bragança.

—

Foi 9.º alcaide-mór de Palmella, o famoso D. João de Almada e Mello, pae do grande D. Francisco de Almada e Mendonça. (6.º volume, pag. 58.)

—

O territorio de Palmella, é abundante em todos os fructos agricolas do nosso clima, e a vinicultura se tem aqui desenvolvido bastante nos ultimos annos. Em 1875, foi de 234:906 litros a producção do vinho. Cria muito gado, e é farta de optimo peixe, do Tejo, do Sado e do mar, que lhe vem por Setubal. Tem abundancia de aguas, que regam hortas, pomares, campos e jardins.

—

No termo de Palmella, e a 3 kilometros de distancia da villa, está a *quinta do Anjo*, que foi de D. Luiza de Mello, casada com João de Mello Feo, governador das armas da Beira, no fim do seculo XVII.—Francisco Coelho de Mello, senhor d'esta quinta, e pae da dita D. Luiza, e ambos naturaes de Palmella, edificou aqui uma formosa ermida, dedicada a Nossa Senhora da Redempção, e sujeita á egreja de S. Pedro da villa. Tinha esta Senhora duas irmandades—uma constituida por navegantes de Setubal, que lhe faziam uma grande festa, na 2.ª oitava do Espirito-Santo —e outra formada pelos que viviam pelos montes e herdades, e que a festejavam a 10 d'agosto.

Eram sempre festas sumptuosas, porque as duas irmandades as faziam a despique. Hoje tudo acabou, irmandades e festas!

O primeiro assento dos cavalleiros de S. Thiago, foi em Lisboa, no mosteiro de Santos-o-Velho—onde residiram os cavalleiros, até ao reinado de D. Affonso II, mudando-se então para Alcacer-do-Sal. D'esta villa passaram depois para a de Mértola, no reinado de D. Sancho II — até que ultimamente, se estabeleceram em Palmella, a 16 de outubro de 1482.

—

A ordem de S. Thiago teve principio na Galliza, em um mosteiro, denominado de Santo Eloy, pertencente aos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios). D'este mosteiro apenas existem ruinas, no bispado de Lugo.

Alguns auctores attribuem a instituição d'esta ordem, ao rei D. Ramiro I, pelos annos 830, dando o titulo de cavalleiros de S. Thiago, aos membros (irmãos) de uma confraria ou irmandade então instituida sob a invocação do santo apostolo. Segundo outros, pelos annos de 1030, reinando em Leão D. Fernando, se allega com uma escriptura, a favor das commendadeiras de Salamanca, na qual dá o rei a esta confraria o titulo de *ordem;* porém alguns marcam a instituição reinando D. Affonso VIII em Castella — em Leão, seu tio D. Fernando II—em Navarra, D. Sancho VI—em Aragão, D. Affonso *o Casto* — e em Portugal, D. Affonso Henriques.

É certo que a bulla de confirmação d'esta ordem, foi expedida pelo papa Alexandre III, aos 5 de julho de 1175, a instancias do mestre D. Pedro Fernandes; porém, alguns annos antes, já a tinha approvado o cardeal Jacintho, quando passou a Hespanha (para compôr as discordias, que havia entre alguns principes) com poderes de legado *á latere*, do mesmo papa.

Deve pois considerar-se a ordem de S. Thiago, legalmente instituida, desde o referido dia 5 de julho de 1175.

D. Affonso Henriques, vendo que os cavalleiros de S. Thiago faziam grandes serviços na Hespanha, guerreando os mouros, fundou logo em 1177 esta ordem em Portugal; mas dependente do mestrado da Galliza.

Continuaram os cavalleiros portuguezes, na sujeição a Castella, e ao seu mestre de Ucles, até ao reinado do nosso D. Diniz, no qual alcançaram uma bulla do papa Nicolau IV, para a sua separação e independencia, datada de 17 de setembro de 1288; porém a execução d'esta bulla só se effectuou em 1290, em cujo anno, os cavalleiros portuguezes elegeram por seu primeiro mestre, D. João Fernandes.

Passados tres annos, os mestres de Ucles, tanto pediram e tanto intrigaram em Roma, que os papas Celestino V e Bonifacio VIII, em 1294, [1] tornaram a mandar unir a ordem de Portugal á de Castella, e assim continuou por algum tempo; até que, fallecido o papa Clemente V (1316), que tambem favorecia os mestres castelhanos, elegeram os portuguezes por seu mestre, ao commendador-mór, D. Lourenço Annes.

Finalmente, apezar de tudo quanto ainda fizeram os mestres de Ucles, fundados em bullas de outros papas, ficou a ordem de S. Thiago, de Portugal, separada para sempre, desde 1316, do mestrado castelhano.

Depois da separação, houve 16 mestres, desde D. João Fernandes, até ao infante D. Jorge, duque de Coimbra, filho de D. João II, que foi o ultimo; porque, por sua morte, se uniu o mestrado d'esta ordem, na pessoa de D. João III, e nas dos seus successores: o que tambem se fez nas ordens de Christo, e de Aviz, por breve do papa Julio III, expedido em 1551.

Depois do rei (grão-mestre), a primeira dignidade d'esta ordem, era a de prior-mór de Palmella, que tinha jurisdicção quasi-episcopal, mas só com respeito ao convento d'esta villa. O 1.º prior-mór, foi D. João de Braga, ao qual se seguiu D. Mendo Affonso.

O patrimonio da ordem de S. Thiago, comprehendia 47 villas e logares, com 150 commendas, 75 padroados de egrejas e muitos beneficios, o que tudo, pelas avaliações feitas em 1540, rendia 120:000 ducados (mais de 36 contos de réis) por anno.

Na sua permittiva instituição, deviam residir n'este mosteiro, 25 freires com o seu prior-mór.

[1] Celestino III foi papa só alguns mezes, em 1294.

A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, accrescentou-lhe mais dois.

Os freires e cavalleiros d'esta ordem, usavam no principio, de uma espada, pendente de cordões vermelhos.

—

Segundo a lenda, na batalha de Clavigio, ganhada aos mouros, por D. Ramiro I, de Leão, em 824, foi visto o apostolo S. Thiago, montado em um cavallo branco, de espada em punho, fazendo horrivel estrago nos infieis.

Em memoria d'este sobrenatural auxilio, determinou aquelle rei que os cavalleiros trouxessem por insignia, uma espada, tendo de uma parte da empunhadeira, meia lua e uma estrella, e da outra o sol—significando Jesus Christo, verdadeiro sol, contra Mafoma, representado pela lua—o astro das trevas.

Depois, simplificou-se esta insignia, reduzindo-se a uma cruz *rôxa*, em fórma de espada, com o punho em coração, e as extremidades das guardas, em flores de liz; pendentes de um collar, de tres cadeias, d'ouro: insignia (*habito*) que os cavalleiros eram obrigados a trazer sempre, não só, sobre o manto branco da ordem, nos actos publicos; mas até nos fatos caseiros.

—

Depois de 1834, ficou o mosteiro dos freires de Palmella, completamente abandonado, sem haver um governo, ou auctoridade local, que curasse da conservação d'este monumento glorioso, da fé e do valor de nossos avós; e de mais a mais, digno das maiores attenções, como obra d'arte.

Triste é dizêl-o; mas, nem só o desamparo e o correr dos annos, tambem as mãos criminosas dos vandalos do seculo XIX, teem, por muito, concorrido para a destruição d'este edificio.

Nos seus claustros jazem as cinzas de muitos varões illustres nas armas e nas lettras, entre elles, o célebre doutor, Diogo de Gouveia, que, depois de estudar em Roma, foi nomeado por D. João III, lente de theologia, da universidade de Coimbra; sendo um dos enviados, por parte de Portugal, ao concilio de Trento.

Está sepultado na capella-mór da egreja de Palmella, com este epitaphio:

AQUI JAZ D. DIOGO DE GOUVEA,
PRIOR-MÓR QUE FOI DESTE CONVENTO
E ORDEM DE SANTIAGO, E DO CONSELHO
DE EL-REI D. SEBASTIÃO, NOSSO SENHOR.
QUE PRIMEIRO FOI EMBAIXADOR DE
EL-REI D. JOÃO III, NO CONCILIO DE TRENTO.
FALLECEU A 2 DE ABRIL DE 1576.

O tumulo do infante D. Jorge d'Alencastro, filho legitimado de D. João II, e ultimo mestre da ordem, foi aberto e profanado, em 1859, ficando os ossos de um principe, que esteve quasi a ponto de reinar, [1] expostos ao escarneo e ás chufas das turbas.

Algumas pessoas de Palmella, foram-se á sepultura, e levaram, umas, dentes; outras, um ossinho qualquer, do illustre defuncto, para os guardarem, como lembrança. (Estes ainda não são dos peiores!)

D. Jorge de Lencastro, ou Alencastro, foi duque de Coimbra, e foi seu filho primogenito, o marquez de Torres Novas, depois, 1.º duque d'Aveiro.

Este, esteve prêso, no castello de S. Jorge, de Lisboa, por se oppôr ao casamento do infante D. Fernando, irmão mais novo de D. João III, com D. Guiomar Coutinho, filha do conde de Marialva; declarando e sustentando, que se achava casado clandestinamente, á face da Egrela, com D. Guiomar, que era então a menina mais rica de Portugal.

—

D. João Fernandes, 1.º D. prior-mór de Palmella, era natural da cidade d'Evora.

Depois de ser mestre da Sé d'esta cidade, e D. prior-mór da ordem, foi conego secular, da congregação de S. João Evangelista (loyo) onde floresceu pelas suas virtudes, muitos annos.

[1] Todos sabem que D. João II, não tendo filhos legitimos, queria que lhe succedesse no throno, seu filho D. Jorge; porém os fidalgos da côrte, influenciados pela virtuosissima rainha, D. Leonor, mulher do monarcha, opposeram-se tenazmente, passando a corôa para D. Manuel, duque de Beja, irmão da rainha, e primo do rei, a quem de direito pertencia.

Falleceu no seu mosteiro de S. João Evangelista, d'Evora, em 22 de julho de 1509.

E' reputado como santo, na terra da sua naturalidade.

—

Em outubro de 1732, falleceu n'esta villa, Francisco Cordeiro, d'aqui natural, com 104 annos de edade.

No mesmo mez e anno, no logar dos *Montes*, termo de Palmella, morreu Antonio Correia, com 115 annos.

—

No dia 13 de fevereiro do 1876 (um domingo) inaugurou-se n'esta villa a illuminação a gaz.

Compareceu o vereador, o sr. João José de Oliveira Junior, iniciador d'aquelle melhoramento, e que á sua custa deu oito candieiros, e se promptificou a pagar a despeza da illuminação, até haver verba auctorisada no orçamento do futuro anno economico.

Apezar da chuva, as duas philarmonicas tocaram pelas ruas, e depois houve baile na casa da reunião d'ellas, foguetes e muita animação da parte dos palmellenses, que estavam satisfeitissimos com a realisação d'este progresso, que devem ao sr. Oliveira, o qual por isso se torna digno de louvor.

Duques de Palmella

E' actualmente duqueza de Palmella a sr.ª D. Maria Luiza de Souza e Holstein.

Nasceu a 4 de agosto de 1841, e casou a 15 de abril de 1863, com o sr. Antonio de Sampaio de Pina Freire de Bredorede, que, por decreto d'esse mesmo dia foi creado duque de Palmella.

E' capitão tenente da armada, par do reino, e condecorado com varias ordens nacionaes e estrangeiras.

Serviu algum tempo na marinha ingleza, tomando parte na expedição do Baltico, em 1854 e 1855, durante a guerra com a Russia.

Nasceu a 8 de janeiro de 1834, e é filho segundo do primeiro visconde da Lançada.

A sr.ª duqueza, tem-se entregado, com muito aproveitamento, á arte da esculptura, e na exposição da sociedade promotora de bellas artes, em 1874, apresentou varios trabalhos seus, que mereceram geral applauso.

Consta-me tambem que tem executado varios trabalhos de ceramica, modelando em barro—pratos, vasos, etc., mui elegantemente concebidos e decorados, que depois manda coser n'um forno, que expressamente foi levantado no jardim do seu palacio, ao Rato (Lisboa.)

E' sua filha, a sr.ª D. Helena Maria de Souza Holstein de Sampaio e Pina de Bredorede.

—

Foi pae da actual duqueza, o segundo duque, D. Domingos de Souza e Holstein, marquez do Fayal, conde de Calhariz, par do reino, capitão tenente da armada, etc.

Nasceu em Londres, em 28 de junho de 1818, e morreu em Lisboa a 2 de abril de 1864.

Casára a 22 de abril de 1839, com D. Maria Luiza de Sampaio, que nasceu a 21 de abril de 1827 e falleceu a 21 de março de 1861, era filha dos condes da Póvoa, Henrique Teixeira de Sampaio, e D. Luiza Maria de Noronha, e herdeira da immensa fortuna grangeada por aquelle esclarecido negociante.

Alem da actual duqueza, tiveram os segundos duques de Palmella outra filha: D. Luiza de Souza e Holstein, que nasceu em Lisboa a 18 de janeiro de 1845 e morreu a a 9 de fevereiro de 1864, sendo casada com o actual conde da Ribeira, o sr. D. José Gonçalves Zarco da Gamara.

O titulo de duque de Palmella foi conferido a D. Pedro de Souza e Holstein, por decreto de 13 de junho de 1833, em substituição do titulo de duque do Fayal, que tinha recebido por decreto de 4 de abril do mesmo anno.

Era marquez de Palmella desde julho de 1823, e conde do mesmo titulo desde dezembro de 1811.

Foi tambem conde de Sanfré, no Piemonte, capitão da guarda dos archeiros, presidente da camara dos pares, conselheiro de estado, e gran-cruz das mais distinctas ordens nacionaes e extrangeiras.

Exerceu por varias vezes o cargo de presidente do concelho de ministros e de ministro de varias repartições.

—

Vou entrar no periodo para mim mais escabroso, da vida d'este homem notavel.

Não só se envolveu, mas foi, por assim dizer, a alma, de tudo quanto se fez em Portugal, em favor da constiiuição, desde 1820, até 1834.

Já se vê que o que elle reputava bom, julgo eu mau; e creio ser optimo o que elle reputava pessimo; mas, o que nenhum partido lhe nega, é uma grande penetração; uma profunda intelligencia; longa pratica da diplomacia europea; e um grande fundo de honradez e probidade.

—

Já declarei, no *Diario do Commercio*, illustrada folha do partido liberal, que o *Portugal Antigo e Moderno*, não é um livro de combate: é um livro catholico e portuguez —nada menos e nada mais.

O meu modo de pensar, em politica, nada tem que ver com esta obra.

Se, em rapidos traços faço a biographia de um legitimista, com a mesma satisfação, com a mesma sinceridade e imparcialidade, faço a de um liberal.

O varão que se extremar do vulgo, pelas suas virtudes, pela sua intelligencia, ou pelos serviços prestados a religião ou á patria; é commemorado n'este livro—qualquer que seja a côr da sua bandeira; porque em todos os partidos ha muitos homens honrados, assim como ha muitos perversos.

Desenganem-se todos—**eu não sou o escriptor assallariado de um corrilho, que deixa atraz da porta, a verdade e a consciencia, tornando-se o orgão authomatico dos que lhe pagam para dizer disparates, mentiras e calumnias. Escrevo e julgo como me dita a minha consciencia: se érro, é defeito da intelligencia e não da vontade.**

Dou esta satisfação aos meus leitores, porque alguns jornaes teem injustamente arguido esta obra, de miguelista, apezar de verem que, com a mesma facilidade e lealdade com que descrevo os crimes e as virtudes dos realistas, descrevo as bôas e más obras dos liberaes.

Bem sei que a verdade não agrada a todos; mas, estou certo que os homens prudentes e honrados de todas as côres politicas, me hão-de fazer justiça.

—

Não cabe nos estreitos limites d'este diccionario, nem sequer esboçar uma ligeira biographia d'este varão insigne, que na phrase do sr. Rebello da Silva foi um dos primeiros, senão o primeiro politico do nosso seculo em Portugal.

Nasceu a 8 de maio de 1781, e foram seus paes D. Alexandre de Souza e Holstein e D. Isabel Julianna de Souza Coutinho.

Foi o duque de Palmella educado por seu pae, que exerceu os cargos de ministro de Portugal na Suecia e na Russia, e o de embaixador em Roma.

Em 1796, sentou praça no regimento de cavallaria, denominado de Mecklenburgo; em 1797, foi promovido a capitão, e nomeado ajudante d'ordens do duque de Lafões; em 1802, foi despachado conselheiro da embaixada de Roma, e alli ficou encarregado dos negocios, em 1803, quando seu pae (que exercia o cargo de embaixador junto da Santa Sé) falleceu n'essa cidade.

Em Roma, conheceu o duque, entre outras pessoas, o barão de Humboldt, o célebre chimico Gay Lussac, e madame de Stael.

Em casa d'esta illustre escriptora, em Coppet, residiu varios mezes o duque, no anno de 1806, tendo occasião para conhecer de perto, alguns dos homens que mais eminentes foram depois, na politica ou nas letrtas.

No fim d'este anno, voltou a Portugal, tornando a servir no exercito.

Durante a guerra peninsular exerceu, até ao fim de 1809, o logar de ajudante, da divisão do general Trant.

No fim d'este anno, foi nomeado ministro plenipotenciario em Hespanha, e ahi prestou importantos serviços, chegando a ajustar a restituição de Olivença que, infelizmente se não effectuou.

Em 1812 foi nomeado embaixador para Londres; mas como ainda alli residia o seu antecessor, conde do Funchal, aproveitou a occasião para negociar em Paris, uma convenção, que restabelecia as nossas relações politicas e commerciaes com a França.

Foi o primeiro plenipotenciario de Portugal no congresso de Vienna, e alli assignou, em 1815, não só o tratado geral, mas um tratado especial, com a Inglaterra, no qual nos eram concedidas avultadas indemnisações, pelas prezas illegalmente feitas pelos corsarios inglezes.

Alcançou tambem, a abolição do tratado de 1810, que tão lesivo era para Portugal.

No acto final do congresso, foi, por diligencias suas, reconhecido o direito de Portugal a posse de Olivença.

Terminado o congresso, voltou a Paris, tomando parte nas negociações tendentes a exigir da França, indemnisações pelas despezas de guerra, feitas durante os 100 dias, e posto que o nosso paiz não tivesse entrado n'esta bravissima campanha, por não terem tido tempo de chegar as ordens do principe regente, conseguiu o nosso plenipotenciario, que a Portugal fossem dados 3:000:000 de francos, pelas despezas de armamento, que haviamos sido forçados a fazer.

Em 1816, tomou posse da sua embaixada em Londros.

Entre outros serviços que então prestou, merece especial menção, a convenção de 1817, que tornou impossiveis os abusos que em detrimento do nosso commercio, praticavam os cruzadores inglezes,

Alcançou em Inglaterra varias indemnisações importantes, pelos apresamentos illegaes que nos haviam feito, e pela parte das prezas que nos pertenciam, do tempo da guerra peninsular.

E' tambem d'este tempo a delicada negociação em que entrou o duque e que tão habilmente dirigiu, para ajustar as pendencias, entre Portugal e Hespanha, por causa da entrada das nossas tropas, na banda Oriental do Rio da Prata, e occupação de Montevideu.

O duque conseguiu não só evitar o conflicto, que a imprevidente determinação da corte do Rio de Janeiro provocou, mas ainda, estipular para nós, concessões vantajosas, como era a restituição de Olivença; uma nova delimitação nos territorios do Rio da Prata, e uma valiosa indemnisação pecuniaria.

A insurreição do general Riego, e o subsequente abandono, por parte da Hespanha, das suas possessões americanas, não deixou que se realisassem as estipulações conseguidas por Palmella.

No começo de 1820, sahiu de Inglaterra, com destino ao Rio de Janeiro, onde hia exercer o cargo de ministro dos negocios estrangeiros, para que fôra nomeado em 1817.

Tendo porém de demorar-se em Lisboa, por causa dos seus negocios domesticos, alli assistiu á revolução de 1820.

Convidado pelos governadores do reino, a quem o movimento popular deixára totalmente aturdidos, para com elles partilhar, em parte, a gravissima responsabilidade que então impunha a direcção dos negocios publicos, não se eximiu o duque a esta espinhosa tarefa.

Assistiu a muitos dos conselhos do governo e redigiu quasi todas as proclamações que a regencia assignou.

Julgava Palmella poder encaminhar o movimento do Porto, por fórma a produzir em Portugal um governo constitucional, imitado do de Inglaterra.

Era porém tarde, e o movimento iniciado no Porto, desenvolvendo-se com rapidez, não permittiu que fossem postos em pratica os seus planos prudentes e patrioticos.

Partiu pois para o Rio de Janeiro, em outubro de 1820, com a firme intenção de persuadir D. João VI, a que acceitasse o regimen constitucional e evitasse por esta fórma as gravissimas difficuldades que se antolhavam a todo o observador sincero e esclarecido.

No Rio de Janeiro encontrou mais contradicções do que esperava. A corte não acreditava na gravidade das circumstancias, nem se mostrava receiosa da opinião publica, no Brazil.

Desenganaram-n'a depressa as noticias vindas de Portugal, e a sublevação da Bahia.

Só então é que D. Jão VI, acceitando os conselhos de Palmella, se determinou a mandar a Portugal o principe D. Pedro, para outhorgar a base de uma constituição, e a convocar, no Rio de Janeiro, uma assembléa de notaveis, de todas as provincias, para se assentar na fórma de governo, que se havia de dar ao Brazil.

O principe porém, guiado por maus conselheiros, e já secretamente connivente com as intrigas que precederam a declaração da independencia brasileira, recusou-se a partir.

N'estes circumstancias, D. João VI, foi forçado a regressar a Portugal.

Vinha em um dos navios da esquadra, o conde de Palmella. Chegado ao Tejo, não permittiram as cortes que desenbarcasse, ordenando-lhe que escolhesse para sua residencia uma terra situada a 20 legoas de Lisboa.

Profundamente magoado com esta injusta determinação, que assim o confundia com os inimigos do rei, retirou-se para Borba, onde permaneceu tranquillo e inteiramente alheio aos negocios publicos, até á *Villafrancada*, em maio de 1823, em que o rei o mandou chamar, para ministro dos negocios extrangeiros.

Começou então para Palmella, uma vida de tribulações e desgostos.

Via todos os perigos da violenta reacção promovida pela sr.ª D. Carlota Joaquina, e pelo sr. D. Miguel; conhecia o animo frouxo do rei, que não podia nem queria resistir; advinhava as immensas desordens que n'um futuro proximo viriam assaltar a patria.

A Santa Alliança, em Paris, intimava por seu lado Portugal, a que não se affastasse dos rigorosos principios do governo tradicional.

Palmella, que entre todas as pessoas influentes, era o unico que queria o estabelecimento do governo constitucional; não podia arcar sósinho com as immensas difficuldades que por todos os lados lhe embargavam o passo.

Tinha de luctar sem appoio algum, contra a inercia do rei, a indifferença dos seus collegas, o odio da rainha, do infante e dos seus partidarios, e, emfim, contra a opposição dos gabinetes extrangeiros, com excepção unica da Inglaterra.

Para conseguir que o rei effectuasse a sua promessa de uma carta constitucional, fez quanto humanamente era possivel, chegando a conseguir que se nomeasse uma junta, por elle presidida, para apresentar as bases d'esta fórma de governo.

Depressa porém se convenceu que não só não alcançaria a realisação da promessa real, mas nem sequer, o que para elle era simples expediente provisorio, o estabelecimento das antigas côrtes, com os dois braços do clero e da nobreza reunidos, e convocadas periodicamente.

Julgava Palmella que era do seu dever, não podendo obter o que reputava melhor, alcançar ao menos o que suppunha exequivel.

O rei, porém, nem sequer sanccionou esta proposta da junta.

A reacção violenta da *abrilada*, patenteou o desgosto dos realistas, por não terem conseguido que a restauração de 1823, produzisse todos os effeitos que elles esperavam.

Convencido de que a pusilanimidade do rei, o não deixaria sahir da *tutella* dos realistas, o aconselhou a retirar-se para bordo da nau *Windson Castle*.

E' de sobejo conhecida a historia d'aquelles dias; bastará accrescentar que, foi dictada por Palmella, a proclamação que de bordo d'aquelle navio o rei dirigiu aos seus subditos.

Nos poucos mezes que mediaram desde aquella data, até janeiro de 1825, acumulou Palmella (já então marquez) a pasta dos extrangeiros com a do reino.

Aproveitou a serenidade relativa d'esta épocha, para promulgar a lei de 4 de junho de 1824, restabelecendo as antigas côrtes.

Esperava o duque que n'esta assembléa se tratasse com toda a solemnidade, da approvação do testamento de D. João VI, e da importante questão da succession ao throno.

que já apparecia no horisonte como grossa e acastellada nuvem, precursora de tempestades e desgraças.

Não permittiram as circumstancias que fosse por deante este plano.

A Inglaterra, ciosa da influencia que em Lisboa adquirira o embaixador francez, exigiu que o rei demittisse o conde de Sub-Serra, principal sustentaculo da influencia franceza.

D. João VI, cedeu, mas quiz ter a compensação de demittir ao mesmo tempo o marquez de Palmella.

Devemos confessar que não foi esteril a rapida passagem do marquez pelo ministerio dos negocios do reino: creou a 1.ª aula publica de physica e chymica, que entregou ao sabio Luiz Mousinho da Silveira; creou o curso de cirurgião, no hospital real de S. José; fundou um instituto para surdos-mudos; estabeleceu uma officina lythographica; abriu uma escola normal (que infelizmente não subsistiu); reformou o terreiro publico, e legislou sobre os cereaes; deu impulso ás obras publicas, e ás do rio Mondego; e occorreu a outros objectos de utilidade publica.

Voltou para Londres, como embaixador, e alli se occupou de varias questões commerciaes.

Fallecendo (não sem suspeitas de morte violenta) *officialmente* [1] D. João VI, em 10 de março de 1826, seguiram-se os acontecimentos de todos sabidos, e que não quero relatar aqui, para que se não diga mais uma vez, que este diccionario é uma obra politica.

Limitar-me-hei a dizer, que Palmella foi desde então, a alma do partido liberal portuguez, e que, se não fosse elle, talvez que o systema da carta constitucional jamais se tivesse implantado n'este reino.

Finda a guerra civil, de 1832 a 1834, Palmella continuou a prestar relevantissimos serviços ao partido liberal, nos altos e differentes empregos que exerceu, e devemos dizer, em homenagem á verdade, que em todos elles se portou com a maior intelligencia, a mais exemplar honradez, e o mais raro desinteresse; obrando sempre como um dos mais antigos e nobres fidalgos d'estes reinos.

—

Póde afoitamente dizer-se que a historia de Portugal, pelo que respeita ao seculo XIX, ainda está por escrever.

Por mais illustrado, por mais erudito que seja um escriptor; por maior que seja a sua boa vontade, pertence a uma facção politica, e, mesmo insensivelmente, hade ver as cousas por um prisma que não é o verdadeiro, mas que o illude, obrigando-o a ver nos seus, só virtudes, e só crimes nos adversarios.

D'aqui os êrros historicos, as mentiras e até as calumnias.

O chronista, deve ser imparcialissimo, e a imparcialidade é absolutamente incompativel com a sanha partidaria que actua sobre o escriptor contemporaneo.

Quando já não existirem os netos d'aquelles que tomaram uma parte mais ou menos activa nas nossas dissenções politicas, poder-se-ha a sangue frio escrever a historia d'ellas.

Então, se houver um homem que reuna todos os documentos, de todos os partidos, fazendo-lhes uma analyse rigorosa—trabalho difficilimo, mas não impossivel—poderá escrever a historia hodierna; como só ha poucos annos se póde escrever com verdade, a historia do 1.º marquez de Pombal.

Então, e só então, poderá brilhar a verdade, em toda a sua luz. Então, e só então, poderão ser justamente avaliados os grandes homens da 1.ª metade do seculo XIX, e as suas obras.

[1] Ha quem assevere que o rei já tinha morrido *naturalmente*, nos primeiros dias de fevereiro; o que não é muito verosimil; e os seus creados particulares dizem que effectivamente elle morrêra em 10 de março.

Outros porém, teimam em dizer que no principio de março, já no Rio de Janeiro se sabia da sua morte.

Diz-se que ha cartas do 1.º imperador do Brazil, que provam isto mesmo.

Entretanto, isto, por emquanto, não passa de um mysterio, que talvez se desvele com o tempo, e quando as paixões politicas estiverem menos exaltadas.

Na Póvoa tratarei ainda da illustre casa da actual sr.ª duqueza de Palmella.

PAM — vide *Pão.*

PAMPILHOSA— freguezia, Douro, comarca da Anadia, concelho da Mealhada, 12 kilometros ao O. de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Bispado de Coimbra, districto administrativo d'Aveiro.

O collegio da Graça, de Coimbra, apresentava o cura annual, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

É terra muito fertil, e produz optimo vinho. Cria bastaste gado, e é abundante de peixe do mar.

PAMPILHOSA — Villa, Douro, cabeça do concelho do seu nome, na comarca e 24 kilometros de Arganil, 90 ao N.O. da Guarda, 50 do Fundão, 50 de Castello-Branco, 80 de Thomar, 40 da Certan, e 12 das villas de Fojão e Alvares (ficando Pampilhosa no centro), 215 kilometros ao N. de Lisboa, 780 fogos.

Em 1757 tinha 376 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Pranto.

Bispado da Guarda, districto administrativo e 50 kilometros a E.S.E. de Coimbra.

O reitor do collegio novo, de Santa Cruz de Coimbra, apresentava o prior, que tinha 250$000 réis de rendimento.

É povoação muito antiga, e foi elevada á cathegoria de villa, pelo rei D. Diniz, em 1308.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de outubro de 1513. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 87, col. 1.ª)

Esta povoação está situada em um valle profundo, rodeado de serras agrestes, mas em sitio fresco, por ser banhado pelo rio *Unhaes*, que desagúa no Zézere, antes da ponte de Cabril, junto ao Pedrogam-Pequeno. Tem uma pequena praça, ou largo, aformoseado com suas columnas.

Na casa da camara municipal, e por baixo das armas reaes, está a inscripção seguinte:

O REI D. DINIZ NO ANNO DE 1308
FEZ ESTA TERRA VILLA. ELREI D. JOÃO I
A CONFIRMOU. ELREI D. MANOEL
A SENTENCIOU POR VILLA MUITO ANTIGA
CONTRA A VILLA DA COVILHAN
EM A DEMANDA QUE TIVERAM,
NO ANNO DE 1500.
FEITA NO ANNO DE 1711.

—

O concelho da Pampilhosa é composto de 10 freguezias — Fajão, no bispado da Guarda, e — Cabril, Dornellas, Janeiro de Baixo, Machio, Pampilhosa, Pecegueiro, Portella do Fôjo, Unhaes-o-Velho, e Vidual-de-Cima, no bispado de Coimbra, todas com 2:100 fogos.

Este concelho intesta com o extincto de Fajão, pelo E. — com o de Oleiros (districto administrativo de Castello-Branco), pelo S. — com o de Alvares (extincto), pelo O. — e com o de Góes, pelo N.

O territorio d'este concelho é bastante montanhoso, posto que não tanto, como o supprimido de Fajão (que fórma hoje parte d'esto), por serem os seus montes menos elevados. Seus campos são regados por varios ribeiros, que tornam a terra fertil; ainda que, em occasião de grandes invernadas, as aguas arrastam em sua impetuosa corrente, o fructo — e não poucas vezes a terra dos campos — do lavrador.

Ainda em novembro de 1852, as enchentes, destruindo varias propriedades, reduziram á miseria muitos proprietarios d'estes sitios.

Os montes e serras que n'este concelho alternam com os valles, são, em grande parte, formados de boa terra vegetal, que podia, pelo menos, produzir grande quantidade de madeiras e lenha, se se arborisassem; mas a incuria do povo e o desmazêllo dos municipios, conservam-os despovoados de arvoredos, produzindo apenas matto e urzes.

Ha n'este concelho fabricas de bureis, picotilhos e panos brancos, tudo de qualidade grosseira.

PAMPLONA — appellido nobre em Portugal; veio de Hespanha, da cidade de Pamplona, capital do reino de Navarra, na pessoa de D. Pedro Vaz Pamplona, cuja filha, D. Maria Vaz Pamplona, casou com Alvaro Affonso Ramos, senhor do morgado de Bei-

re (vol. 1.º, pag. 358, col. 2.ª), no reinado de D. Manuel.

Alguns de seus descendentes se estabeleceram na cidade do Porto; e Gonçalo Alvares Pamplona, passou á Ilha Terceira (Açôres), onde fez o seu solar e morgado.

As armas dos Pamplonas, são — em campo de púrpura, 7 coticas d'ouro, em faxa. Elmo de aço, aberto — timbre, meio leão de ouro, faxado de púrpura, com duas faxas de ouro.

Outros do mesmo appellido, trazem — em campo de ouro, cinco coticas, de púrpura, em banda. O mesmo êlmo e timbre.

Outros, usam — em campo de púrpura, seis coticas d'ouro, em banda, e o mesmo êlmo e timbre.

Os Pamplonas progrediram muito mais nos Açôres do que no continente, e em quasi todas as ilhas d'aquelle archipelago se acham familias d'este appellido.

A casa principal dos Pamplonas de Portugal, é a do Campo de Santo Ovidio, na cidade do Porto; mas, como esta bella e rica propriedade foi dos Figueirôas, tem as armas d'estes.

O actual representante d'esta nobilissima familia, é o sr. D. Manuel Benedicto de Castro Pamplona de Souza Holstein, futuro conde de Rézende e visconde de Beire, irmão do fallecido sr. D. Luiz Benedicto de Castro Pamplona de Souza Holstein, ultimo conde de Rézende, e visconde de Beire.

Vide *Rézende.*

PAMPULHA — sitio de Lisboa, na freguezia de Santos. A calçada da Pampulha, principia no fim da Rua Direita de S. Francisco de Paula (junto á travessa dos Brunos) e termina junto á *Torre da Polvora,* e travessa da Praia.

Não pude saber d'onde é derivada a palavra *Pampulha*. Talvez venha do portuguez antigo — *Pampôlho* — que hoje dizemos — pimpôlho — a vara nova da vide. Parece que já tinha este nome, quando D. Affonso I tomou Lisboa aos mouros, em 1147, e que era já um bairro suburbano d'esta cidade. O que é certo, é ter existido por mais de cinco ou seis seculos, o famoso *bairro da Pampulha,* em grande parte composto de pescadores e marinheiros, e o mais turbulento de Lisboa.

Pelos annos 400 de Jesus-Christo, imperando Constantino Magno, construiram os christãos, no bairro da Pampulha, uma ermida, dedicada aos santos martyres, Verissimo, Maxima e Julia, padroeiros de Lisboa.

O doutor frei Bernardo de Brito, dá a entender que esta ermida foi edificada pouco depois do martyrio d'aquelles santos; porque, sendo Lisboa sitiada pelos alanos e suevos (413), o povo recorreu ao patrocinio dos santos martyres, e os barbaros levantaram o cêrco, deixando Lisboa em paz.

Estes santos tinham sido martyrisados em 303, sendo imperador o cruel Diocleciano, sendo seu pretor nas Hespanhas, o sanguinario Daciano, e legado na Lusitania, o feroz Tarquinio, que assistiu ao martyrio.

Os christãos haviam enterrado na praia os cadaveres dos santos, que depois foram removidos para esta ermida.

(Para evitarmos repetições, vide vol. 4.º, pag. 238, col. 1.ª, no principio.)

—

Houve na Pampulha um mosteiro de carmelitas descalços, reforma da regra que Santo Alberto deu aos carmelitas, e foi instituida por Santa Thereza de Jesus, em 1562. Concorreu para esta reformação, S. João da Cruz. Foi approvada pelo papa Gregorio XIII, em 1580.

Gregorio XV a separou da dos carmelitas calçados, em 1622.

O mosteiro da Pampulha, foi o primeiro d'esta ordem que houve em Portugal, e foi fundado em 1581, sob a invocação de S. Philippe.

Depois vieram para este mosteiro os religiosos de S. João de Deus, passando os carmelitas para a egreja de S. Crispim, e passaram depois para a rua que vae de Santos-o-Velho para Alcantara.

—

Na Pampulha está a optima fabrica de moagens dos *srs. Bellos e Formigal.* Ainda

em janeiro de 1876, se despacharam na alfandega de Lisboa, 30 volumes, vindos do Havre, com machinismo, no valor, aproximadamente, de 1:680$000 réis, para este importante estabelecimento industrial.

PANARÍA — portuguez antigo — celleiro, tulha, etc.

PANASCAES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (foi da comarca de Pico de Regalados, concelho d'Aboim da Nóbrega), 18 kilometros ao N. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 140$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito gado, e muita caça, grossa e miuda.

Panascal, significa, campo cheio d'herva espontanea, em terra que se não lavra. A esta qualidade d'herva se chama *panasco*, ou *relva*.

PANASCOSO — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Abrantes, 160 kilometros da Guarda, 150 ao E. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 212 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Pranto.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

O prior de Santa Maria do Castello, da villa d'Abrantes, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É parochia rica e fertil.

PANASQUEIRA — sitio, Alemtejo, na estrada d'Evora para a villa d'Aguiar. Ha aqui um dolmen celtico.

PANCHORRA — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Rézende (foi do extincto concelho das Caldas d'Arégos), 18 kilometros ao O. de Lamego, 320 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Ovadas apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Bom vinho. Muito gado de toda a qualidade. Abundante de peixe do Douro, que lhe fica perto, e ao norte.

PANOIAS—Villa, Alemtejo, comarca d'Almodóvar, concelho e 12 kilometros a N.O. de Ourique (foi da comarca de Beja, concelho de Messejana que fica a 12 kilometros a S.O.), 75 kilometros a O. d'Evora, 120 ao S.E. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 176 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era commenda de S. Thiago.

A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 150 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

É povoação muito antiga.

O conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, lhe deram foral, com o titulo de villa, no anno de 1096. Foi confirmado por D. Affonso III, em carta sem data, pelos annos de 1255. (*L.º 2.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 49 v.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de julho de 1512. (*L.º de foraes novos do Alemtejo*, fl. 48, col. 2.ª)

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 14.º, o que mostra ter sido povoação importante.

Tem brazão d'armas—que é—em campo azul, dois braços de homem, cruzados, com as mãos apontando para cima, um vestido de amarello, outro de carmezim. Entre os braços, está uma cabeça d'homem, com barbas e cabellos compridos e louros, que representa ser a de Jesus-Christo.

A villa de Panoias, que em 1700 tinha 260 fogos, já em 1757 tinha apenas 176, como já disse, e em 1820 198, com 770 habitantes.

A 3 kilometros ao O. da villa, está um templo antiquissimo, dedicado a S. Romão, que nasceu em França e morreu em um mosteiro, por elle fundado, e que foi o primeiro que houve em Portugal, de eremitas de Santo Agostinho, e da invocação de S. Salvador, do qual existem ainda alguns vestigios, no meio das charnecas, a 18 kilometros da villa de Mértola, e uma capella (a que chamam *mosteiro*) da invocação de S. Romão.

Na egreja matriz de Panoias venera-se a

cabeça d'este santo, guardada em um relicario de prata, e o corpo na referida capella de S. Romão; onde se lhe faz, no ultimo dia de fevereiro, uma grande festa, á qual concorrem muitas romagens dos povos visinhos.

O territorio de Panoias, que se estende por grande parte do famoso *Campo d'Ourique*, é fertilissimo. Cria-se aqui muito gado, de toda a qualidade, e ha abundancia de caça, grossa e miuda.

Em 1160, D. Affonso I e seus filhos, aforaram Celleirós de Panoias, repartindo-a em oito courellas, cada uma com o fôro de tres *quarteiros* (vide esta palavra), um de trigo, um de centeio, e um de cevada ou milho (miudo).

FANOIAS — freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado, e 6 kilometros ao N. de Braga (foi do concelho do Prado — extincto — comarca de Braga), 130 fogos.

Em 1757 tinha 58 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Conceição).

A mitra e um tercenario da Sé de Braga, apresentavam o vigario, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra muito fertil. Muito gado, de toda a qualidade. Caça.

—

Além da cidade famosa de Panoias, em Traz-os-Montes, de que adiante trato, e que deu o nome á *Terra de Panoias* e a muitas povoações — ha tambem o paiz antigmente denominado *Terra de Panoias*, na antiga provincia de Entre Douro e Minho, e nas immediações de Braga.

Comprehendia esta freguezia, a aldeia (que foi *villa* [1]) de *Quintanêllo* (ou *Quintinha*), *Amares*, *Navalios*, o monte *Caprario*, e hia seguindo a corrente do rio *Córgo*, *Tibães*, *Serra da Cabreira*, e freguezia d'este nome, que no tempo dos romanos se chamava *Caprária*. (Cabreira.)

PANOIAS — freguezia, Beira-Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 6 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago, o Salvador.

A mitra apresentava o prior, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Terra pouco fertil em cereaes, mas cria muito gado, e nos seus montes ha muita caça.

N'esta freguezia nasce o rio Lamegal, (4.º vol., pag. 33, col. 1.ª) que tem um curso muito sinuoso, e corre do S. ao N., bastante arrebatado, em razão das aguas que se lhe juntam, vindas da serra da Estrella; e, com um curso de 50 kilometros, entra na esquerda do Côa, abaixo da Coriscada.

PANOIAS, PANOYAS ou PANONIAS — cidade antiquissima da Lusitania, na chancellaria de Braga, e no territorio actualmente occupado pelas freguezias de Constantim e Valle de Nogueiras, e a 4 kilometros a N.O. de Villa Real.

Foi fundada pelos celtas, trez ou quatro seculos antes de Jesus Christo, e foi cidade importantissima dos romanos.

Ainda existem carns celticos, *fanos* (templos romanos) e outras muitas antiguidades, como adiante direi.

Parece que o *centro* d'esta povoação era onde hoje está o logar do *Assento*, que se julga ser corrupção de *centro*.

O povo ainda dá a este sitio o nome de *Panoias de Valle de Nogueiras*.

Antes do infatigavel D. Jeronymo Contador d'Argote, nenhum escriptor, antigo ou moderno, tratou d'esta cidade desenvolvidamente, limitando-se apenas a fazer menção d'ella.

Veem-se ainda varios restos de paredes e muralhas, de grande robustez, que pertenceram a grandes edificios.

Segundo a tradição, grande quantidade dos materiaes d'estas obras, foram conduzidos a Villa Real, para a construcção das suas muralhas.

Com muita frequencia apparecem por estes sitios, e a pouca profundidade, pedras lavradas, cippos, capiteis de columnas, telhas, telhões, tijollos, de barro encarnado,

[1] Isto é — casa de campo, d'algum senhor romano.

muito fino, cuja qualidade se não acha por estes sitios.

Nas paredes da égreja matriz de Valle de Nogueiras, se veem empregados, como alvenaria, capiteis de columnas e outros restos de pedras lavradas e esculpidas, de marmore e jaspe, e granito finissimo; qualidades de pedra que não ha n'esta provincia, nem a mais de 300 kilometros de distancia para o S.

Tambem na residencia do parocho, se veem nas paredes, os mesmos objectos, é cippos com inscripções, servindo de alvenaria.

—

Nos fragmentos do concilio Lucense, se tracta de uma povoação denominada *Panonias*, pertencente á Sé de Braga; mas, como na provincia do Minho ha diversos logares com o nome de *Panoias*, não se segue que aquella de que tracta o concilio, seja esta de Traz-os-Montes.

Ignora-se o nome que teve esta povoação antes da invasão dos romanos; o de *Panonias* (que o povo corrompeu em *Panoias*) é latino.

O territorio ou região a que os romanos davam o nome de Panónia, comprehendia grande parte da actual Allemanha, a Hungria e paizes immediatos.

—

Nas casas da residencia do reitor da freguezia, se veem tres cippos com inscripções —uma diz—AVREOLAE—outra—MODESTIA— a ultima diz—MILLIA STIPIB.

Suppõe-se que esta *millia* não significa milha (2 kilometros) mas o nome de uma antiga parochia da diocese de Braga, que hoje não existe, nem se sabe onde existiu.

—

As mais notaveis antiguidades, porém, e certamente as mais curiosas, que existem d'esta povoação, são, uma especie de tanques, de diversos tamanhos e de differentes formas, que se veem, abertos a picão, em alguns rochedos graniticos; obras evidentemente romanas, em vista das inscripções n'ellas gravadas.

A camara de Villa Real, e o parocho de Valle de Nogueiras, mandaram á academia real, por ordem do rei D. João V, um relatorio de todos estes monumentos, do qual farei aqui um resumo.

—

Entre o logar do *Assento*, da referida freguezia, e a *honra de Gallêgos*, fica um monte pouco levantado, que, das costas da egreja, hindo para E., está a distancia de uns 250 metros, no qual ha muitas fragas, com os taes tanques ou caixas, abertos a picão.

Em uma d'ellas, que tem 3,^{m}30 de altura, fóra da terra, com 6,^{m}60 de largo, de E. a O.—e de comprido, de N. a S., 19,^{m}80— se vê aberta a picão, do lado do N., uma escada, que vae ao cimo da rocha, que é plana, e lavrada tambem a picão.

N'este plano, ao O., está uma caixa, de 0,^{m}66 d'alto, 11^{m} de comprido, e 3,^{m}30 de largo.

Tem na aresta, um rebaixo, de 0,^{m}11, como que para encaixar, uma tampa.

De fóra d'este rebaixo, se vê uma faxa, de uns 0,^{m}04 de alto, e 0.^{m}08 de largo, evidentemente feito para que as aguas pluviaes não possam entrar na caixa, depois de collocada a tampa.

A 0,^{m}44 d'esta, está outra, inteiramente semelhante.

Em redor da fraga, está um rêgo, de 0,^{m}22 de profundidade, e 0,^{m}90 de largo.

Na mesma fraga, e ao lado das duas arcas referidas, está outra, alguma cousa differente.

Tem 12 $^{1}/_{2}$ metros de comprido, 1 metro de largo, e 0,^{m}77 de alto.

No fundo, tem um buraco redondo, de 0,^{m}11 d'alto, e o mesmo de diametro.

Finalmente, mais quatro d'estas caixas, quasi em tudo semelhantes, se veem ainda na superficie d'esta fraga.

—

Ao S. d'esta fraga, e a distancia de 66 metros, está outra, pouco elevada sobre o nivel do terreno, com uma caixa semelhante ás outras, porém de metade (pouco mais ou menos) do seu tamanho.

Esta tem nas faces do S, e N., umas pequenas cavidades, como que para encaixe de dobradiças—e fóra da caixa, do lado do

N. um buraco redondo, de 0,m22 de diametro e o mesmo de profundidade.

—

Ao S. da antecedente fraga, a uns 14 metros, está outra, levantada 0,m66 do terreno.

Vê-se do E. uma escada, subindo para a 1.ª parte do rochedo, onde se vê uma arca como a antecedente; e n'esta parte da rocha, outra escada, subindo para outro penedo, collocado sobre o primeiro, onde está outra arca, semelhante ás antecedentes.

—

Finalmente, para não cançar o leitor, com a descripção de varias outras fragas, onde se veem mais ou menos das taes arcas (segundo as dimensões do plano superior) limitar-me-hei a descrever as inscripções que se veem em algumas d'ellas, no estado em que se acham.

São as seguintes:

DI. SS. E.....N. HOC.
TEMPLO.........
...DEMC.......I. P.
FINVS.........

Parece ter sido:

Dïis severis locatis in hoc templo.... Cnevs Caivs Calpvrnivs Rufinvs.

Isto é — Cneio Caio Calpurnio Rufino, dedicou aos Deuses severos, que habitam n'este templo.

—

HVIVS HOSTIAE QVAE CA-
DVNT HIC IMMANTVR
EXTAINTRA QVADRATA
CONTRA CREMANTVR
SANTVS LACICVS PACIED
SVPER FV..... ITVR.

(Aqui se sacrifica o que cahe da rêz sacrificada, e os intestinos se queimam nos quadrados fronteiros. Lago sagrado, de toda a sorte hade permanecer.)

—

Na frente de outra rocha, que no seu tope contem duas arcas, e um buraco grande circular no centro, e outro menor junto a elle, estão duas inscripções latinas perfeitamente conservadas.

Para não aborrecer os leitores com mais latinorios, dou só a sua traducção:

1.ª

Cneio Caio Calpurnio Rufino, varão consular, dedicou este lago eterno, com este templo, em que se queimam as victimas, aos Deuses e ás Deusas, e a todas as divindades; e aos Deuses dos lapitas. [1]

2.ª

Cneio Caio Calpurnio Rufino, varão consular, dedicou este templo, e esta obra, aos Deuses. Este é o lago onde, por voto, o sangue se mistura.

—

Segundo a theogonia dos romanos, havia diversas divindades, e estas moravam, umas no ceu, outras na terra, outras no inferno.

Os templos e as aras dedicadas aos deuses infernaes, eram em covas ou logares profundos e subterraneos.

Havia muitas classes de templos, e estes se compunham de diversas partes.

Fano. era uma especie de templo, a que nós chamariamos capella, ou ermida.

Tesca, era o *logar santo,* dedicado a algum deus; mas situado em qualquer deserto ou solidão.

Cella, era a parte do templo, em que estava a estatua do deus.

Parece que em alguns templos havia mui-

[1] Os lapitas eram uns povos da Thesalia, que tomaram este nome, de *Lapito,* filho d'Apollo.

Eram muito arrogantes e orgulhosos, de sorte que, entre os gregos, para designarem um soberbo, diziam—*mais orgulhoso que um lapita.*

Eram todavia muito robustos, e peritos fundibularios.

Virgilio os menciona nas suas Georgicas (L.º 3.º) dizendo—*Fraena Pelethronii Lapithae, girosque dedere.*

Ovidio nas Methamorphoses (L.º 12.º) falla dos lapitas mais largamente.

tas *cellas*, tendo cada uma a sua estatua.

Já vemos que os monumentos que existem nas rochas de Panoias, eram templos romanos, dedicados ás suas divindades infernaes; por isso, ficavam como mettidos debaixo da terra.

E' certo que n'estes monumentos, existiram differentes estatuas de deuses, de ambos os sexos.

Provavelmente, os lusitanos christãos, os gôdos ou os mouros deram cabo d'ellas.

E' provavel que todos estes *templos, fanos* ou *tescas* fossem mandados construir pelo consul Cneio Caio Calpurnio Rufino; pelo que se vê que este patricio romano, residiu muitos annos n'esta parte da Lusitania, que pertencia á chancellaria bracharense.

—

Ha por estas visinhanças, em grande quantidade, monumentos romanos, de varias especies.

Uns já foram, e outros hirão nas freguezias ou logares onde estão situados.

—

Foi Panoias uma tão nobre povoação, que muitas terras se teem por honradas em tomarem o seu nome: assim, vemos—*Constantim de Panoias, Murça de Panoias, Villa Real de Panoias*, etc.

Terra de Panoias

Era a cidade de Panoias não só uma povoação importante no tempo dos romanos, mas tambem era conhecida pelo nome de *Terra de Panoias*, a região, que vae desde o Marão ao rio Tua, e desde o Douro até Murça.

Os romanos edificaram n'esta região muitos castellos, de que ainda existem ruinas ou indicios nas visinhanças de Covellinhas, Villarinho dos Freires, Murça, Provezende e n'outros pontos, sendo notavel o de Favaios, com forma quasi circular de mais de cem passos de diametro, com quatro portas para os quatro pontos cardeaes do mundo, e um baluarte ao N., tendo a parede da muralha 30 palmos de grossura, parecendo inferir-se, que servia de refugio aos povos circumvisinhos em tempo de guerra.

Apoz a invasão dos barbaros, continuou Panoias a ser importante, porque em 569 formava uma das 27 egrejas principaes do arcebispado de Braga.

Tambem esteve sob o jugo dos Mouros (e ainda hoje se dá o nome de castello ou cerca dos mouros, aos restos da muralha do castello de Favaios); mas não sem recalcitrar, porque os seus habitantes, valentes como todos os trasmontanos, reagiram sempre contra os seus oppressores, e por muitas vezes o sangue tingiu aquelle bello territorio.

Expulsos os sectarios do Koran, o conde D. Henrique deu foral a Constantim, que ora então a principal povoação de Panoias, estendendo-se até Valongueiras (Valle de Nogueiras) onde em 1812 appareceram sepulchros cheios de cadaveres, que se desfaziam apenas expostos ao ar.

Em 1139, doando D. Affonso Henriques a frei Jeronymo, a ermida e couto de Santa Comba de Rio Córrego, apparece assignado —*Veta Menendi Princeps de Panoyas* (Eluc. de Viterb. vb. Podestades), o que mostra ter Panoia um governador.

Este rei e seus filhos aforaram Celleiroz de Panoias, nos termos referidos pelo Elucidario vb. Coirellas, podendo vêr-se tambem nas palavras—Feira, Pobra, Vieiro, e outras.

A sua importancia porém concentrou-se mais tarde em Villa Real, cuja fundação começou D. Affonso III, e concluiu D. Diniz, que lhe deu foral em 1283.

Panoias é hoje um nome apenas historico.

De mattas, povoadas de lobos, javalís e rapozas, converteu-se este feracissimo terreno, em um jardim, como vamos ver.

Em um opusculo anonymo, impresso em 1836, na imprensa da universidade, se lê o seguinte sobre a terra de Panoias:

«O clima é temperado, geralmente fallan-«do; porém fallando em particular, póde di-«zer-se que se encontram aqui os effeitos de «tres zonas: O Marão, as immediações de S. «Thomé do Castello, as Cabeceiras do Rio Pe-«nhão, o Villarelho, e outros sitios desabri-

«gados e expostos aos ventos, que muitas «vezes sopram do Marão e Serra da Estrel«la, são *zona frigida*, onde se acaso se fizes«se experiencia com o thermometro no in«verno, se veria que o mercurio ou azou«gue, muitas vezes descia abaixo de zero: «as margens do Douro, Baixo Pinhão, e Foz «do Tua, são *zona torrida*, onde o calor no «verão sobe sem duvida de oitenta a no«venta gráus; pois eu o tenho sentido tão «intenso, como o da zona torrida propria«mente dita, onde habitei muitos annos: os «planos, as encostas, os valles, e outros si«tios abrigados, que estão entre os extre«mos, são *zona temperada*.

«O aspecto do paiz não é monotono, mas «sim variado, e sempro pittoresco.

«Aguçados picos d'altas montanhas, es«carpados rochedos, pedregosas serras; mul«tiplicadas e vistosas collinas, cobertas de «rasteiras vides, copadas oliveiras, robustos «castanheiros, e altos pinheiros; espaçosos «planos, encantadores valles, regados de «aprasiveis ribeiros, que por elles serpen«teiam com doce murmurio, e tortuosas e «profundas bacias, por onde caminham ar«rebatados rios, que de distancia em dis«tancia se precipitam com fracaço, forman«do em seus continuados e fragosos saltos, «pequenas cascatas: tal é a variada e mara«vilhosa perspectiva, que a faustuosa natu«reza expõe em um ponto magestoso na «Terra de Panoias.

«Os rios que a regam são o Douro, o Tua, «o Pinhão, o Corgo, e outros de menos mon«ta: são pouco piscosos por serem muito es«cabrosos; porém o peixe é muito gostoso «especialmente a lampreia, a truta, a en«guia, a mugem, e o monstruoso solho, «que algumas vezes se pesca no Douro de 4 «a 5 arrobas de pezo.

A' excepção das visinhanças do Douro, é «o cantão de Panoias, abundante de boas «agoas; só a grande fonte de Roalde, podia «fornecer agoa a uma grande cidade.

«Ha Caldas em Carlão, e perto da Regoa «(Molledo); agoas ferreas por muitas par«tes.

«As faldas do Marão, e as terras que oc«cupam a parte septentrional de Panoias, «chamadas Montanha, criam gado vaccum, e são abundantes de gado lanigero e ca«brum, e de colmeias; os cordeiros, leitões, «e cabritos, por toda a parte são muito bons, «as vitellas de Gache, e outras visinhanças «de Villa Real, são muito saborosas; o mel «de Carva e suas immediações, em tempo «frio, parte-se com faca como se fosse quei«jo, para fazer uso d'elle; já n'este cantão se «creou muita seda, e ainda hoje se cria al«guma.

«Os fructos de Panoias todos são de gos«to exquisito, como é notorio; ha abundan«cia d'elles, mas ainda podia haver mais «(não fallo em uvas que ha demais); o me«lão, a uva, a pera, a maçã, a ameixa, o pe«cego e o figo são deliciosos: as laranjas, ain«da que em pouca abundancia, são muito «boas, especialmente as da Rede, e sobretu«do as de S. Mamede, que não cedem em «bondade ás melhores de Portugal; as cas«tanhas são tantas, especialmente na mon«tanha, que se cevam os porcos com ellas, «alguns castanheiros são de tão extraordi«naria grandeza, e seu tronco de tal grossu«ra, que se pode suspeitár terem mil an«nos de existencia; quasi defronte do Mon«dego, na estrada que vae de Favaios para «Sanfins, houve um, que foi vendido para «lenha por 30$000 réis; o seu espaçoso ôco, «em que os viandantes se abrigavam da «chuva, me faz lembrar o que se lê do ca«vernoso ôco de Boabab de Cabo Verde. Ha «dourado e saboroso azeite, mas em pouca «abundancia.

«Todos os cereaes prosperam n'este aben«çoado paiz; porém ao presente não che«gam para o consumo do cantão, o que de«ve attribuir-se não á falta de terreno, mas «sim á mania dos lavradores, que parece «que querem viver sómente de vinho, pois «não só teem lançado por terra olivaes, sou«tos ou castanhaes, e mattas, para plantar «vinhas; mas até mesmo tem enchido d'el«las os lameiros, e outras muitas terras, «que podiam produzir muito trigo, milho e «centeio; accresce a isto muitos mil galle«gos, que trabalham na lavoura do vinho, «e muitas cavalgaduras de luxo; pois tudo «isto come muito pão.

«Comtudo, ainda em Panoias, se cultiva «muito trigo e centeio, com especialidade «na Montanha; e muito milho, na Campeã, «visinhanças de Villa Real, S. Martinho de «Anta, Passos, Alijó, e outras terras.

«A hortaliça é muito bôa e saborosa; são «muito estimados os grandes nabos e repo«lhos de Villa Real; as couves trouchas ou «de penca, são de gosto delicado, e de ex«traordinaria grandeza, especialmente nos «campos de Villa Real, na Granja, e Alijó, «onde se encontram algumas de 20 arra«teis de pezo.

«A exportação d'este cantão são batatas, «castanhas, passas d'uvas, figos e pêcegos (especialmente de Santa Eugenia, e outras «povoações visinhas), carne de porco (com «especialidade de Murça), que não cede em «bondade á chamada de Lamego, ou de Mel«gaço. Porém a sua maior exportação é de «agoa-ardente e vinho, e por isso fallarei com «mais extenção do vinho, e paiz que o pro«duz.

«Por um calculo de approximação, todo o «vinho que se colhe na terra de Panoias, «chegará a 60:000 pipas, 35:000 de embar«que, e 25$000 de ramo, ou, consumo do «paiz.

«O abbade de Lobrigos em alguns annos «apurou de 40 a 50 mil cruzados, sómente «em vinho do lavrador, que colhe de 200 á «300 pipas; encontram-se toneis que levam «40 pipas.

«Por toda a parte se dá bem o vinho, po«rém o melhor, é o das visinhanças do Dou«ro, que podemos chamar por excellencia o «paiz do vinho.

«Este paiz tem seis leguas de compri«mento, e uma até duas e meia de largura; «é terreno sobremaneira declinoso, talhado «e montuoso; o qual no seu total forma um «dilatado composto de desfiladeiros e alcan«tiladas encostas, cujas raizes o Douro ba«nha.

«Este terreno, visto em junho e julho da «parte da Beira, de sitio proporcionado, of«ferece aos olhos do espectador um qua«dro admiravel; uma extensão a perder de «vista, semeada de grandes collinas, profun«dos valles, e empinados outeiros, tudo co«berto de um vinhago sem fim; um immen«so mattagal, formado de ondeantes e en«trelaçados pimpolhos, e de verdejantes fo«lhas; grandes povoações, sumptuosas quin«tas com seus branqueados palacios, appa«recendo umas e outras, como ilhotas, no «meio d'este empollado mar de verdura; tu«do é encantador, tudo pittoresco.

«Como o paiz do vinho está exposto ao «meio-dia, por isso produz melhores vinhos «do que a margem esquerda do Douro, ge«ralmente fallando: e sendo o vinho do men«cionado paiz o melhor do Douro, é por con«seguinte o melhor de todo o mundo, por«que o do Cabo de Boa Esperança, da Ma«deira, de Champagne, e outros famigera«dos, são mais uns licôres para sobremeza, «do que vinhos generosos, proprios para ale«grar e roborar o coração do homem, como «é o do Douro. Porém, no mesmo paiz do vi«nho, ha sitios, onde o vinho tem melhor re«putação; taes são — Covellinhas, Gouvi«nhas, Covas do Douro, visinhanças do Rio «Pinhão desde Cabêda até ao Douro (onde «em 1834 se vendeu algum a 140$000 réis «a pipa), Roncão, Castedo, e outros.

«Emquanto a metaes, temos indicios de «que os houve em Panoias. Já disse no capi«lo 1.º, que o Douro se chamou *Rio do Ou«ro*, e que talvez o cantão, de que se trata, «se chamasse *Terra do ouro* e *Castellos do «ouro.*

«Du Bucage, fallando da Galliza, quando «o Douro era o seu limite, diz que n'ella ha«via minas de ouro, prata e chumbo. Em «Tres-Minas, ou Tresmines, ha grandes es«cavações ou minas antigas. D. Diniz, nas «regalias que concedeu a Villa-Real, exce«ptuou as minas de ouro, prata e cobre. Tu«do isto nos fornece poderosos motivos para «suspeitar, que houve em Panoias, e ainda «haverá, preciosos metaes; e que talvez este «cantão seria uma d'aquellas terras das Hes«panhas, em que os romanos, como diz a Sa«grada Escriptura (Machab., liv. 1.º, cap. 8.º), «se apoderaram dos metaes d'ouro e prata.

«O paiz de Panoias é muito povoado, es«pecialmente na parte meridional, onde se «encontram grandes e ricas povoações. To«da a população d'este cantão será de cento

«e cincoenta mil almas, que formam mais «de cem freguezias. Entre estas se contam «as villas de Abreiro, Alijó (de 900 habitan«tes), Canellas, Favaios (de mil habitantes), «Fontes, Gallegos (cousa insignificante), Go«dim, Goivães, Lordello, Murça (de 1:500 ha«bitantes), Parada do Pinhão, Pézo da Régoa «(de 400 fogos), Provezende, S. Mamede de «Riba-Tua (mil e duzentos habitantes), Tei«xeira, e Villa-Real, que tem 1:500 fogos.

«Ha na terra de Panoias muitas familias «de nobreza antiga; ha titulares, generaes, «pares e deputados. Encontram-se grandes «proprietarios, e alguns de milhões de cru«zados: admiram-se muitas casas nobres e «apalaçadas, sendo a maior de todas a de «D. Luiz de Matheus, hoje de seu neto, o con«de de Villa-Real.

«Nota-se o excessivo luxo dos habitantes «da parte meridional d'este cantão; e ao «mesmo tempo se admira a frugalidade e «simplicidade feliz dos habitantes da Monta«nha: o attento observador muitas vezes di«visa em uma feira *peralvilhos* e *adamados*, «trajando ao uso das grandes cidades, e logo «defronte d'estes admira o seu contraste— «*pobres lavradores da Montanha*, vestidos »de grosso burel, calçados de tamancos, «chancas, ou alabarcas (calçado rustico com«posto de páu por baixo, e de estreitas cor«reias, que cruzam por cima do pé), a face «queimada do calor e do frio; assemelhan«do-se em tudo aos crestados habitantes do «desabrido Crasto-Laboreiro: mas estes go«sam de saude, robustez, e longa vida; em«quanto os escravos do luxo nada d'isto pos«suem.»

PANQUE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757, tinha 61 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbabe, que tinha 300$000 reis de rendimento.

E' terra fertil. Muito gado e caça. Peixe do mar.

Esta freguezia esteve muitos annos annexa á de Mondim, no mesmo concelho.

PANTANOS—(4.º vol., pag. 491, col. 1.ª)

PANTHEON NACIONAL — Ha 40 annos que se falla em Portugal na construcção de um edificio destinado a receber as cinzas dos varões illustres, que pelas armas, pelas lettras ou pelas virtudes, enobrecessem este reino.

Segundo alguns legisladores, deveria o edificio ser construido desde os alicerces, e, pouco mais ou menos, pelo risco do famoso pantheon romano.

Outros opinavam em que fosse aproveitado para isto, um dos edificios que foram mosteiros de religiosos.

Ainda até hoje se espera pelo tal pantheon; e, provavelmente, nunca elle passará de projecto.

Em 1836, publicou-se o decreto seguinte:

«Tomando em consideração o relatorio do secretario d'estado dos negocios do reino: hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º Um dos edificios nacionaes deverá ser destinado para receber as cinzas dos grandes homens, mortos depois do dia 24 de agosto de 1820.

Art. 2.º Só o corpo legislativo poderá decretar estas honras do Pantheon.

Art. 3.º Nenhum cidadão poderá receber esta honra, senão quatro annos depois da sua morte.

Art. 4.º Só o corpo legislativo poderá decretar as excepções a favor dos grandes homens, mortos antes do fausto dia 24 d'agosto de 1820.

O secretario de estado dos negocios do reino assim o tenha entendido, e faça executar. Palacio das Necessidades, em 26 de setembro de 1836. — Rainha. — *Manuel da Silva Passos.*»

Felizmente, semelhante decreto não passou de letra morta; pois, se se cumprisse, só teriam ingresso no tal monumento *as cinzas dos grandes homens, mortos depois de 24 de agosto de 1820* — isto é — não era um pantheon *nacional;* mas *partidario*, não

merecendo as honras de serem alli depositados, senão os que mais se distinguissem nas guerras fratricidas, que cobriram de lagrimas, sangue e lucto, o reino de Portugal, por espaço de 20 annos.

Por mais relevantes que fossem os serviços prestados á patria ou á humanidade, sem a condição expressa (e muito *expressiva*) de ter fallecido desde o dia marcado no decreto, podia o portuguez benemerito morrer quando quizesse, que as suas cinzas seriam arrojadas á valla commum; porque não tinham entrada no edificio exclusivamente destinado a um corrilho — que é o que claramente se traduz da tal condição do decreto.

Fiquemos pois sem pantheon; que nem por isso deixarão de haver sempre portuguezes, que, como Camões, possam dizer:

D'esta gloria só fico contente,
Que a minha patria amei e a minha gente.

PÃO ou **PAM**—Nos prazos e foraes antigos, diz se frequentemente—*pão meiado* — *pão terçado* e *pão quarteado.*

Pão meiado, é metade centeio metade milho miudo—*pão terçado*, é trigo, centeio e milho miudo, em umas terras; e em outras, centeio, milho miudo e cevada—*pão quarteado*, é, trigo, cevada, centeio e milho miudo.

Vê-se tambem muitas vezes, em documentos antigos, dar-se ao centeio, a denominação de *pão de segunda.*

Pão da rua—pão alvo, de trigo.

PÁOS—vide *Páus.*

PÁPA—Nos primeiros tempos do christianismo, papa e bispo, eram synonimos, e, para se differençar o successor de S. Pedro, se dizia—o *papa romano.*

A pag. 284 do 4.° volume, dei uma relação, apenas nominal, de todos os summos pontifices, reservando-me para n'este lugar dar uma rapida biographia de cada um d'elles; porém, estes e outros objectos, aliás importantes, que desejava publicar n'este volume, o tornariam muito extenso; pelo que, resolvi passar para outras letras, onde tambem teem cabimento, grande numero de artigos curiosos.

O artigo *Pápas,* hirá sob a palavra *Summos Pontifices.*

PAPARIA—aldeia, Alemtejo, na freguezia de Cernache do Bom Jardim, comarca e concelho da Certan.

N'esta aldeia nasceu e foi creado, D. Manuel Joaquim da Silva, provisor e vigario geral do grão-priorado do Crato, e arcebispo de Adrianopoli, *in partibus.*

Ainda existe a casa onde nasceu.

Foi este virtuoso e illustradissimo prelado que fundou (á custa da casa do infantado) o seminario de Cernache do Bom Jardim.

Esta familia era fadada para as virtudes, as honras e as letras.

D. Manuel teve quatro irmãos, que todos exerceram altos cargos, com a maior honradez, illustração e dignidade.

Um, foi bispo de Macau— outro bispo de Pekim—outro geral da ordem benedictina —e finalmente, outro, desembargador da casa da supplicação.

PAPEL—sitio nos arrabaldes de Cintra— E' um lindo passeio, a magnifica estrada d'esta villa até ao *Papel,* orlada de bellos edificios, e formosos jardins.

Chegando ao logar, se vê uma quinta cuidadosamente tratada.

No centro d'ella está a importantissima fabrica de tinturaria, movida a vapor, do intelligente e honrado industrial, o sr. Cambournac, que tem este estabelecimento na melhor ordem, aceio e bom gosto; e os seus productos são primorosos.

Todos sabem que de um bocado de seda velha, desbotada e inutil, faz o sr. Cambournac, uma formosa téla, que todos julgarão nova, e sahida n'aquelle momento de uma fabrica de tecidos.

O seu estabelecimento em Lisboa, é no largo da Annunciada, proximo ao Passeio Publico do Rocio.

PAPEL—E' impossivel designar a época em que os homens principiaram a expender por meio da escriptura, os seus pensamentos.

Todos os auctores conveem que a primei-

ra escripta devêra ter sido por figuras (hyeroglificos.)

Uma só figura, por este modo de representar as ideas, era a imagem de muitas cousas—por exemplo—para representarem uma cidade sitiada, desenhavam uma muralha, com uma escada encostada a ella.

Para representarem uma batalha, desenhavam duas mãos, uma com arco, outra com escudo.

Os povos inventaram depois, successivamente, diversos signaes, proprios para representar o discurso, e exprimir o pensamento: e é ás investigações e multiplicadas experiencias feitas em differentes épocas, para o conseguirem, que devemos a arte de escrever, propriamente dita.

Ignora-se a data da invenção dos caracteres alphabeticos; sabe-se unicamente que são conhecidos desde a mais remota antiguidade.

Os arabes já faziam uso d'elles, no tempo de Job.

Diversas nações disputaram a gloria de haver inventado esses caracteres; porém só ha dois povos da antiguidade a quem se possa attribuir essa invenção—os assyrios e os egypcios.

Cadmo, entre os gregos, passâva por inventor da escripta.

—

Ao principio, escrevia-se nas folhas de certas arvores, ou na sua casca, sendo preferida a da faia e a da tilia.

Depois, serviam-se de umas tabuinhas muito delgadas, cobertas de uma fina camada de cêra, sobre a qual escreviam com uma especie de punsão, chamado *stylus.*

Tambem escreviam nas folhas de uma planta chamada *papyros* (d'onde procede o nome de papel.)

Os romanos, aprenderam dos gregos e toscanos a arte de escrever.

O passo de maior progresso na arte da escripta, foi quando os troianos inventaram o pergaminho (de Pergamo, que é o mesmo que Troia)—isto é — quando applicaram a pelle dos animaes, para n'ella escreverem, e inventaram a tinta.

Os livros dos antigos, não eram como os actuaes: era um rôlo de pergaminho envolvido em um páo cylindrico.

Em quanto se não inventou a imprensa (vide *Typographia*) muitos milhares de individuos viviam na Europa e na Asia, pelo officio de escreventes ou copistas.

Só em Paris e Orleans, havia mais de 10:000.

Muitos d'estes manuscriptos chegaram aos nossos dias, e bastantes notaveis pelo primoroso da calligraphia, e pela perfeição dos seus ornatos e vinhetas.

Os frades foram os mais distinctos n'esta árte.

Os manuscriptos feitos nos seculos XIII, XIV e XV, são primorosos, excedendo alguns em belleza as nossas edições mais aperfeiçoadas.

Os do fim do seculo XV e principio do XVI, são em geral pessimos, e apenas legiveis.

Em Portugal ha manuscriptos dos seculos XVI e até meiados do XVII, de grande perfeição; porém as escripturas e outros documentos manuscriptos, dos fins do seculo XVII, e da maior parte do XVIII, são quasi illegiveis, pela pessima calligraphia, e pelos muitos érros de orthographia.

—

Diz-se que o primeiro que juntou livros, foi o atheniense, Fisistrato, e, depois d'elle, Aristoteles.

Depois, houve no Egypto e na Grecia famosas livrarias.

A bibliotheca *Eumenes II*, [1] em Pergamo, chegou a ter 200:000 volumes; porém a mais famosa foi a de Constantinopla, incendiada no tempo do imperador Zeno Jsaurico.

N'ella existiam as obras de Homero, escriptas em lettras d'ouro, na pelle de certo dragão. Tinham 40 metros de comprido.

Hoje, as mais célebres livrarias do mundo, são as de Roma e Oxford.

—

O papel feito d'algodão, appareceu pela primeira vez na Grecia, no seculo IX.

[1] Rei de Pergamo, hoje Natolia, que principiou a reinar 197 annos antes de Jesus Christo.

Não se sabe se foi invenção dos gregos, se a aprenderam dos chins.

Do seculo XI se acham em Napoles, Sicilia e Veneza, muitos documentos n'este papel, e no seculo seguinte se vulgarisou muito o seu uso.

Do seculo XIII ha um manuscripto do nosso Santo Antonio, feito n'este papel, e que se guarda, como reliquia preciosa, no hospicio do *Santo Christo da Fraga*, junto á *Senhora da Lapa*, no bispado de Viseu.

Não se sabe com certeza a data da descoberta do papel de trapo: Mr. Ray, diz que em 1470, dois individuos chamados Antonio e Miguel, o levaram da Galliza a Basileia, donde se estendeu por toda a Allemanha; mas é engano, porque existe papel de trapo muito mais antigo, e o *Catholicon* de Jacobo de Janna, foi impresso n'este papel, em Moguncia, em 1460.

No archivo do bispo de Norwich, ha um registo de testamentos, feito d'este papel, que principiou em 1370.

Mabillon é de parecer que já no seculo XII existia papel de trapo em toda a Europa; porém Montfaucon, affirmando que elle começára no Oriente, em o IX.º seculo, attesta que, nem em França, nem por toda a Italia, se acha vestigio algum d'elle, antes de 1270.

Na universidade de Coimbra, ha um documento de 1288, que diz—*Scripta em polgaminho de papillo* (papel.)

Diz-se tambem que algumas das Inquirições de D. Affonso III, foram originariamente escriptas em papel de trapo.

PAPEL MOEDA—sua origem—O veridico historiador hespanhol chamado Antonio Agapida, citado muitas vezes por Irving na sua *Conquista de Granada*, refere que o conde Tendilla, sendo cercado pelos mouros na fortaleza de Alhambra, ficou falto de dinheiro para pagar aos seus soldados, que principiaram a murmurar, visto não terem meios para obter do povo o necessario.

N'estas criticas circumstancias, o conde, que era sagaz commandante, escreveu varias sommas em uns pequenos pedaços de papel, firmados com a sua propria assignatura, e para fazer valer estes pedaços fez publicar uma proclamação, ordenando aos habitantes a reconhecel-os como moeda equivalente á somma n'elles inscripta, e ameaçou com severo castigo aos que recusassem, e prometteu-lhes pagar pelo tempo, em moeda de ouro e prata, em troca d'aquelles papeis.

Assim este cavalheiro catholico, por uma subtil e miraculosa alchimia, fez abundar o dinheiro.

O conde, pelo tempo, cumpriu a sua promessa como leal cavalleiro.

Este é o primeiro exemplo d'esta natureza que se encontra nos annaes do papel-moeda, e aconteceu em 1484.

(Extrahido do jornal catholico — *A Palavra*, do Porto.)

PAPEL SELLADO—O uso do papel sellado em Portugal, data de 1660, em que não havia senão papel com os sellos de 10, 40, 80 e 240 réis.

Em cada anno os sellos eram differentes e deviam ser trocados, pois que não o sendo, incorriam os possuidores d'elles nas penas que se applicavam aos que introduziam moeda falsa no reino.

Na França e Italia, o uso do papel sellado começou em epocha muito anterior a 1660, porque foi depois d'aquellas duas nações o usarem, e n'ellas ter a experiencia e a pratica constante demonstrado que o referido papel sellado era uma das contribuições mais suaves para os povos, que Portugal o adoptou.

(*O Paiz.*)

PAPÍZIOS (antigamente *Papicios*) — freguezia, Beira-Alta, comarca de Santa Comba-Dão, concelho do Carregal, 24 kilometros ao S. de Viseu, 255 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 215 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A universidade de Coimbra, por opposição, apresentava o abbade, que tinha 600$000 rs. de rendimento.

Pertence a esta freguezia, a aldeia da *Póvoa d'Arnoza*, onde está a capella de *Nossa Senhora da Guia*, fundada por Manuel Mar-

ques, morador d'esta aldeia, pelos fins do seculo XVII.

No logar do Pinheiro, ao sopé do outeiro do *Souto*, da mesma freguezia, ha a capella de Nossa Senhora da Conceição, templo antiquissimo, e que, segundo a tradição, foi a primitiva parochia da freguezia, e a sua capella-mór é a capella actual.

Faz-se-lhe a festa no seu proprio dia, a 8 de dezembro, vindo em procissão á capella, n'esse dia, o parocho e a maior parte dos freguezes, assim como outros muitos romeiros, das freguezias circumvisinhas.

PARA-BEM-MENTES — portuguez antigo — attende bem — repara — reflecte. No plural—*Parade-bem-mentes*—attendei bem.

PARADA— Fóra de Portugal, havia o *direito de Parada* (uma especie de extradicção), pelo qual, era permittido ao senhor da terra, perseguir o seu vassallo, fóra do seu proprio senhorio, prendendo-o e reconduzindo-o para elle.

Em Portugal, porém, em quasi todos os foraes antigos, era permittido ao *pobrador* (povoador) ou colono, sahir do seu paiz, e passar livremente ao serviço do senhor que bem lhe parecesse, sem incorrer na minima pena.

Pelas nossas antigas Ordenações, e, ainda mais terminantemente pelas *Manuelinas*, nenhum homem livre era obrigado a servir pessoa alguma, contra sua vontade, além do rei, em caso de guerra: e até em muitas povoações havia o privilegio de só hirem seus habitantes para a guerra, quando o rei fosse em pessoa.

Houve porém entre nós o *fôro da parada*, que consistia em terem os vassallos, emphiteutas ou colonos, e mesmo os parochos ruraes, e mosteiros (com respeito aos seus bispos), preparados e promptos certos mantimentos (ou dinheiro para elles) e aposentadoria, para os seus respectivos senhores (e bispos, tratando-se de mosteiros) e sua commitiva.

Tambem a isto se dava o nome de *jantar*, *comedura*, *comedoria*, *collecta*, *colheita*, e *vida*. Os frades e freiras tambem lhe chamavam *visitação*, *procuração*, *censo*, *direito pontifical*, etc.

PARADA—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado, e 9 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago, S. Paio.

O prior de S. Martinho de Dume, apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito gado.

PARADA— freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 28 kilometros ao N. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 41 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de S. Cosme e S. Damião, de Ázere, apresentava o vigario, collado, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Para a distinguir das outras, dá-se a esta freguezia o nome de *Parada do Bouro*.

Era villa, feita por D. Sancho I, quando a coutou e lhe deu foral, em fevereiro de 1202. (*L.º 3.º de doações do rei D. Diniz*, fl. 69, col. 1.ª, in fine.) Tinha juiz e justiças proprias do seu couto.

Foi abbadia dos condes de Unhão, que, por bullas pontificias, disfructavam a quinta parte dos dizimos. Veio á casa de Unhão por herança, da maneira seguinte. D. Sancho I deu este couto á sua amante, a formosa e famosa D. Maria Paes Ribeiro (a *Ribeirinha*), para ella e seus filhos e descendentes. Um dos filhos d'ella (e do rei) era D. Constança Sanches, que cedeu a sua parte a sua sobrinha D. Sancha, filha de D. Affonso III, a qual morreu em Sevilha.

Por casamento, passou este couto para os Menezes, fundadores do mosteiro de Villa do Conde. D'estes procede D. Brites de Menezes, senhora de Cantanhede, que casou, em segundas nupcias (d'elle), com Ayres Gomes da Silva. (Vide *Unhão*).

Este couto era composto de tres freguezias, que depois formaram um concelho, que foi supprimido depois de 1834.

Fica proxima do rio Cávado, sobre o qual, ha aqui as ruinas de uma admiravel ponte romana, de tres arcos.

Este rio dividia o concelho de Parada de Bouro do de Santa Martha de Bouro.

É terra muito fertil. Muito gado e caça.

PARADA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncôrvo, concelho d'Alfandega da Fé, 160 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade de S. Vicente, de Castro-Vicente, apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Pouco fertil. Muito gado e caça.

PARADA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Bragança, 35 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Tem 160 fogos,

Em 1757, tinha 140 fogos.

Orago, S. Genézio.

A casa de Bragança (senhora d'esta freguezia) apresentava o reitor, que tinha réis 160$000.

E' terra fertil. Gado e caça.

PARADA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal (foi da comarca do Sabugal, mas do concelho — extincto — de Castello Mendo) 80 kilometros de Viseu, 320 ao E. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Orago, S. Domingos.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

E' terra fertil em cereaes, cria muito gado, e *é* muito abundante de caça.

PARADA—freguezia, Douro, comarca e concelho da Villa do Conde (foi da mesma comarca, mas do concelho da Povoa de Varzim) 30 kilometros ao O. de Braga, 355 ao N. de Lisboa.

Tem 45 fogos.

Em 1757 tinha 21 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Os conegos regrantes de Santo Agostinho, do mosteiro de S. Simão, da Junqueira, apresentavam o vigario, que tinha 13$000 réis de congrua e o pé de altar.

No logar de Lamisios, d'esta freguezia, fez Lourenço Fernandes da Cunha, uma quinta, a que deu o nome de *Quinta da Cunha.*

O seu solar (dos Cunhas) era na freguezia de S. Miguel da Cunha.

E' terra fertil.

PARADA — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa.

Tem 45 fogos.

Em 1757, tinha 27 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O reitor d'Ázere apresentava o vigario que tinha 12$000 réis de congrua e o pé de altar.

Metade d'este padroado era de rei D. Diniz, que o deu, por troca, em 1308, ao bispo de Tuy, D. João Fernandes de Sotto-Maior.

A outra metade, já era da Sé de Tuy.

E' terra fertil.

PARADA—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelbo de Coura, 45 kilometros ao N.O. de Braga. 410 ao N. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 78 fogos.

Orago, S. Pedro, ad Vincula.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

As freiras benedictinas de Vianna, apresentavam o vigario, collado, que tinha réis 60$000 e o pé de altar.

Terra fertil. Gado e muita caça.

PARADA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Melgaço, 65 kilometros ao N. de Braga, 430 ao N. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757, tinha 189 fogos.

Orago, S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O reitor de S. Pedro de Riba de Mouro, apresentava o vigario, collado, que tinha de rendimento 130$000 réis.

Ha n'esta freguezia muito gado lanigero, que produz excellente lan.

Em *Valle de Pôldras*, limites d'esta parochia, houve um couto, que marcou e defendeu Paio Rodrigues de Araujo.

Em 1720, era este couto possuido pelo 6.° neto do dito Paio, Manuel d'Araujo Caldas, de Valladares; mas tinha já perdido a maior parte dos seus antigos privilegios.

Dá-se a esta freguezia, para a distinguir das outras, o nome de *Parada do Monte*.

PARADA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 50 kilometros ao N. de Braga, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 50 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa da Barbeita apresentava o abbade, que tinha 120$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

Pouco fertil. Algum gado, muita caça, grossa e miuda.

PARADA—freguezia, Beira Alta, comarca de Santa Comba Dão, concelho de S. João de Areias, 30 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa.

Tem 300 fogos.

Em 1757, tinha 224 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

E' uma freguezia rica, e fertil em todos os generos do nosso clima.

Cria muito gado de toda a qualidade, mel e cêra. Tem caça.

No logar das *Povoas*, d'esta freguezia, ha a capella de Santo Amaro, que é festejado a 15 de janeiro de cada anno.

PARADA DE CUNHOS —freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo, e 2 kilometros ao N.O. de Villa Real, 75 ao N.E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 137 fogos.

Orago, S. Christovão.

Arcebispado de Braga.

A casa do infantado apresentava o reitor, que tinha 60$000 réis de rendimento e o pé de altar.

E' esta freguezia atravessada pela nova estrada do Marão, passando-lhe tambem ao S., a da Régua para Villa Real.

Tem uma fabrica (ou forno) de telha, que é a melhor das provincias do Norte, afóra a de Braga.

Produz de 70 a 80 milheiros por anno.

Junto da mesma, e no fim da povoação, passa o rio de Machados, que rega os campos da ribeira do mesmo nome, que se liga com a de Cabril, e ambas formam uma fertil bacia, de 3 kilometros de extensão.

E' n'esta freguezia a residencia do sr. Bernardo Monteiro Cabral de Vasconcellos, fidalgo cavalleiro, rico proprietario, que foi official do exercito realista, convencionado em Evora-Monte.

—

Em setembro de 1874, houve por estes sitios uma horrivel tempestade.

Em Villa Real, cahiu uma grande trovoada, e foi tanta a chuva, que em poucos momentos se transformaram as ruas em lagos, e os regatos em torrentes caudalosas.

O rio Córgo, que minutos antes hia completamente sêcco, appareceu de repente convertido em rio caudaloso e frémente

Em Parada de Cunhos, cahiu um raio, matando dois porcos, um em cada casa, e arruinou uma capellinha que alli ha.

Duas creanças, que estavam em uma das casas onde entrou o raio, nada soffreram.

Na outra casa, partiu uma arma de caça em tres bocados, disparando-se no acto do choque, sem offender cousa alguma.

Houve grandes prejuizos na estrada da Régua a Amarante, ficando totalmente destruida, na extensão de 80 metros, fazendo-lhe o enxurro uma escavação de 20 metros.

Foi tão violenta a tempestade, que arremeçou á estrada, pedras de taes dimenções, que, para as remover d'alli, foi preciso quebral-as a fogo.

Alguns lavradores soffreram grandes prejuizos.

PARADA D'ESTHER—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 8 kilometros a O. de Castro Daire, 30 ao O. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 310 fogos.

Em 1757, tinha 141 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

Foi villa e couto, com justiças proprias.

D. Manuel lhe deu foral, com a cathegoria de villa, a 15 de dezembro de 1512. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 50 verso, col. 2.ª)

Serve tambem para *Mós, Sobrado, e Villa.*

O seu antigo nome era *Parada Mean*, e é o que lhe dá o foral.

Mean, é uma bonita povoação, a uns 3 kilometros a O. da egreja matriz.

Todos sabem que Esther é nome proprio de mulher. Não pude saber porque se deu este *sobrenome* á freguezia.

O seu territorio é sobremodo accidentado, mas tem alguns valles, que são muito ferteis, por passarem por elles varios ribeiros que os regam e fertilisam; pelo que, é abundante em todos os generos agricolas do nosso clima.

Cria-se muito gado, de toda a qualidade, mel e cêra, e nos seus montes ha abundancia de caça grossa e miuda.

O seu clima, posto ser excessivo, é muito saudavel.

Não havendo argilla, nem fornos de telha, senão a grande distancia, todas as suas casas são cobertas de ardozias (lousas) ou lagens de granito, o que tambem é conveniente, para não voarem com o vento, que é ás vezes aqui bastante violento.

Vêem-se bons predios, construidos elegantemente, bem pintados e estucados, e cobertos por lagens immensas, em vez de telhas.

A egreja parochial está fundada em uma elevação, d'onde se vê grande parte da freguezia.

E' antiga, de uma só nave, mas bem construida, clara e bonita.

O tecto é apainellado, e ornado de pinturas, representando santos e diversos personagens biblicos.

O seu interior conserva-se com grande aceio, e tem muito bons paramentos, devido á sollicitude do seu actual abbade, o sr. Bernardino Antonio de Paiva, que é um digno e zeloso parocho.

PARADA DE GATIM ou de **GUETIM**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi do extincto concelho do Prado, comarca de Braga) 12 kilometros ao N.O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, tinha 120 fogos.

Orago, S. Salvador (antigamente a Transfiguração.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

E' terra fertil. Muito gado e caça.

PARADA DE GONTA—aldeia, Beira Alta, freguezia e 3 kilometros de S. Miguel do Outeiro, comarca e concelho de Tondella. (5.º vol., pag 218, col. 2.ª, no fim.)

Tem 100 fogos. (A aldeia.)

E' povoação antiquissima, e não se sabe com certeza a etymologia da palavra Gonta.

Em documentos antigos se vê este nome escripto de diversos modos.

Em umas partes está, *Parada de Côta*, em outras, *Parada de Couto*, e, finalmente, em outras, *Parada de Gôndola.*

A 15 kilometros ao N.E. de Viseu, e 30 de Parada de Gonta, ha uma povoação chamada *Côta.*

Tomaria d'ella o sobrenome? Não parece provavel.

Era mais proprio o sobrenome de Couto, porque o foi a villa de S. Miguel do Outeiro, e mesmo porque o poderia ter sido esta aldeia.

Perto do pôvo, ao O., ha um sitio chamado ainda hoje, *Pedra do Couto*, que é o limite entre esta povoação e o territorio de Sabugosa.

Já se vê que esteve aqui um marco de couto, ou da aldeia ou da villa.

Parada de Gondola é que me parece mais

nome romantico ou poetico, do que apropriado; ainda que alguns dizem que lhe provém das *barcas* em que até ao meiado do seculo XVIII se atravessava aqui o rio *Pavia* (um dos confluentes do Dão), emquanto se não construiu a ponte que as dispensou. Foi provavelmente algum antigo poeta d'estes sitios que lhe arranjou esta etymologia.

Não é pois acreditavel, e só se póde admittir como corrupção, o sobrenome de Côta. O de Couto, póde admittir-se como verosimil.

A minha opinião (que não obrigo ninguem a adoptar) é que o verdadeiro nome d'esta aldeia, é *Parada de Gontra.* Gontra, é contracção (ou expressão de mimo) da palavra gothica *Gontrode* ou *Gontroide,* nome proprio de mulher, do qual nós fizemos Gertrudes.

Podia muito bem ser, que uma dona, ou donzella, assim chamada, fosse senhora d'este logar, que já se chamava *Parada,* e se lhe accrescentasse o *Gontra,* que facilmente degenerava em Gonta.

—

N'esta povoação está a capella de *Nossa Senhora da Conceição,* fundação do meiado do seculo XVII, e edificada sobre uma grande lagem, que lhe serve de pavimento. Tem um só altar, onde está a padroeira, que é de pedra, muito antiga, e de um metro de altura. Tem o Menino Jesus nos braços; pelo que, é evidente que não foi feita para representar o mysterio da Conceição, mas que foi assim chrismada arbitrariamente pelo povo. Todos sabem que as imagens da Virgem da Conceição, não teem (nem podiam ter, porque ainda não existia humanado) o Menino Jesus, mas estão com as mãos postas, calcando a serpente (o diabo) e servindo-lhe o mundo de peanha.

Em todo o caso, o povo denomina-a Nossa Senhora da Conceição, e faz-lhe a festa no dia proprio d'este mysterio, a 8 de dezembro.

—

É Parada de Gonta, uma povoação nobre, rica e bonita; e, desde seculos, habitada por familias illustres, o que se prova pelos brazões d'armas que adornam as fachadas dos seus predios, alguns d'elles com oratorios ou capellas particulares.

Ainda em 1830 havia n'este logar quatro missas diarias.

Entre varias casas respeitaveis, se distinguem as dos srs.—Pinhos da Gama Bandeira—Almeidas do Loureiro Castello Branco—Correias d'Almeida e Vasconcellos—Baroneza de Palma—Souzas Mellos, da casa do Figueiral, no Outeiro de Real.

De todas estas familias, só hoje aqui reside a dos srs. Correias d'Almeida e Vasconcellos.

Por toda a parte, em volta da povoação, se encontram vestigios de monumentos romanos, principalmente no sitio do *Crasto,* que fica uns 2 kilometros a E., na confluencia do rio d'Asnes (ou Ortigosa) com o Pavia, e onde é tradição ter existido um castello romano.

Ha poucos annos que n'este sitio se encontrou um subterraneo, cheio de terra finissima, e no meio d'ella, alguns objectos de ouro, evidentemente enfeites de mulher. Parece que este subterraneo fôra sepultura ou carneiro, porque, alli perto, na face de um rochedo granitico, se lê distinctamente parte de uma inscripção funeraria, que diz: HIC JACET....... ILLUSTRI FAMILIAE.......

Ao E. do *Crasto,* subindo sempre, e logo que se passa o Pavia, encontram-se, sobre um alto monte, vestigios de antiquissimas fortificações, e ainda a este sitio se dá o nome de *Castello.*

Em frente de Parada de Gonta, fica o palacio do Loureiro, com as suas duas torres solarengas, casa que recorda os antigos lidadores da Africa.

Finalmente, esta aldeia, é incontestavelmente uma das mais bonitas da provincia; assombrada de frondoso arvoredo, tendo os seus campos muito bem cultivados, romanticas solidões e outros logares onde se passaram as scenas descriptas no *D. Jayme,* e na *Delfina do Mal,* obras do nosso elegante escriptor e mavioso poeta, o sr. Thomaz Ribeiro.

Vê-se pois que Parada de Gonta, é notavel pela sua antiguidade; pela nobreza dos seus predios; pelos vestigios de antiguida-

des que possue; e pelas suas bellezas naturaes.

—

Ufana-se esta aldeia em ser patria do sr. Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira (vulgarmente, Thomaz Ribeiro), que nasceu no dia 1.º de julho de 1831. É filho dos srs. João Emilio Ribeiro Ferreira e D. Maria Amalia d'Albuquerque.

Matriculou-se em direito, na universidade de Coimbra, a 2 de outubro de 1850, e formou-se a 25 de julho de 1855.

Tem exercido, com a maior honradez e intelligencia, varios empregos publicos. Foi administrador do concelho do Sabugal — presidente da camara municipal de Tondella—foi vogal (ou procurador) ás juntas geraes dos districtos de Viseu e da Guarda — secretario geral do governo do Estado da India — governador civil de Bragança — e é actualmente, director geral dos negocios da justiça. Tem carta de conselho, é commendador das ordens de S. Thiago em Portugal, e de Carlos III, em Hespanha — membro da Academia Real das Sciencias, de Lisboa; do Instituto, de Coimbra; da Sociedade economica de Barcelona; do Instituto Vasco da Gama, na India, e de outras muitas associações litterarias e scientificas.

Todos sabem que é o auctor do *D. Jayme*, da *Delfina do Mal*, e de outras obras, em elegantissima prosa; assim como de muitas e primorosas e maviosissimas poesias, justamente estimadas, e geralmente lidas.

Os ascendentes paternos do sr. Thomaz Ribeiro, são oriundos de Trancoso, e usaram dos appellidos *Ribeiro Saraiva*.

Ribeiro é um appellido nobre em Portugal. Villas-Boas lhe dá origem em Martim Paes Ribeiro, e sua irman, a bella *Ribeirinha* (D. Maria Paes Ribeiro), filhos de D. Payo Moniz, rico homem do rei D. Sancho I. — Esta nobilissima familia era natural da Lourinhan.

Para as suas armas, vide esta villa.

Os *Saraivas de Trancoso*, a cuja familia pertence o sr. Thomaz Ribeiro, é tambem um nobre appellido d'este reino; cuja origem é da villa de Saraiva, na Biscaia (Hespanha), onde tem o seu solar.

Este appellido passou a Portugal, no reinado de D. João I, nas pessoas de D. Vicente Fernandes Saraiva e D. Antão Saraiva, que vieram acompanhar sua irman, dama da rainha D. Leonor, filha de D. Fernando I, de Aragão, que casou com o principe D. Duarte (depois 1.º do nome), filho de D. João I.

Fizeram seu solar na villa de Trancoso, e d'alli passaram alguns dos seus descendentes a estabelecer-se na Guarda, em Lamego e outras partes.

Os Saraivas trazem por armas, escudo dividido em faxa — a 1.ª, de veiros de prata e azul—a 2.ª, d'agua. Orla de púrpura, em que apparecem as pontas de uma cruz, de ouro, floreada. Elmo de prata, cerrado; e timbre, meio peixe *serra*, da sua propria côr, com a *serra* de prata.

Estas armas deu D. Pedro — *o Cru* — de Castella, a um biscainho da villa de Saraiva, por ter tomado duas náus francezas, com uma só, de que era capitão, pelos annos 1360.

—

E' com o maior prazer que registo aqui um facto, que honra o cavalheiro que o praticou.

Em setembro de 1875, foi creada em Parada de Gonta, uma cadeira de ensino primario, para o sexo feminino.

O sr. Francisco Correia d'Almeida e Vasconcellos, d'este logar, deu generosamente casa e mobilia, para este estabelecimento de instrucção.

PARADA DE MONTEIROS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 75 kilometros ao N.E. de Braga, 400 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757, tinha 48 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Pensalvos, apresentava o vigario, que tinha 16$000 réis de congrua e o pé de altar.

PARADA DE PENHÃO ou de **PINHÃO** — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Sabrosa, comarca e districto administrativo de Villa Real (foi do extincto concelho de Vil-

lar de Maçada) 75 kilometros ao N.E. de Braga, 415 ao N. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757, tinha 119 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga.

O reitor de S. Nicolau, apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis e o pé d'altar.

E' povoação muito antiga, e foi villa.

D. Affonso III lhe deu foral, em agosto de 1256. (*L.º 2.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 52; e *L.º de foraes antigos de leitura nova*, fl. 120, col. 1.ª)

Poucos cereaes, bom vinho, gado, e muita caça.

PARADA DE THÓDEA ou **PARADA THÓDEA**—freguezia, Douro, comarca e 12 kilometros ao O. de Penafiel, concelho de Paredes, 24 kilometros ao N.E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 75 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor do collegio da Graça, de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 11$000 réis de congrua e o pé d'altar.

E' terra fertil.

PARADA DO BISPO—villa, Beira Alta, comarca, concelho, bispado e 7 kilometros de Lamego, 320 kilometros ao N. de Lisboa.

Tem 60 fogos.

Em 1757, tinha 25 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Districto administrativo de Viseu.

A camara episcopal de Lamego, apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis de congrua e o pé d'altar.

—

E' povoação muito antiga.

D. Sancho I a fez villa e lhe deu foral em fevereiro de 1202.

D. Diniz lhe confirmou o foral, em Coimbra, em 1299. (*L.º 3.º de Doações, do rei D. Diniz*, fl. 69, col. 2.ª, in fine.)

—

Deu-se-lhe o nome de *Parada do Bispo*, desde que D. Affonso I a deu aos bispos de Lamego, como adiante direi.

—

Esta freguezia, constituiu, só por si, um concelho independente, com camara, juizes, escrivães, etc., e que foi supprimido depois de 1834, e annexado ao de Valdigem; e, sendo este tambem supprimido, passaram ambas as freguezias a fazer parte do concelho de Lamego.

Ainda conserva o seu antigo pelourinho, como padrão de memoria, do tempo da sua autonomia.

E' Parada do Bispo uma povoação pequena, mas situada em bonita posição, e tem algumas casas bôas, e uma sumptuosa, do sr. José de Sequeira Oliva, representante d'estes Sequeiras, antiga e nobre familia, que tem dado á patria marechaes de campo, e outros homens notaveis.

O territorio da freguezia é bastante fertil, e muito abundante de optimas aguas; porém a sua principal producção é de vinho e azeite.

A *quinta de Bagaúste* (n'esta freguezia) que foi de Luiz Pinto de Souza Vahia, e é hoje de sua filha, a sr.ª D. Maria Candida Pinto de Souza Vahia, é uma propriedade antiquissima, que teve principio em um mosteiro de monges benedictinos, fundado no 6.º ou 7.º seculo, e que foi bastante rico, pois tinha diversas *baccalarias* (casaes com juntas de bois) tanto n'esta freguezia, como na margem direita do Douro, chegando até Oliveira, Aciderme e Cidadêlhe.

Na margem esquerda, comprehendia os territorios de *Temilôbos* (hoje *Foz* e *Ponte de Temilôbos*) segundo se vê de um documento da Sé de Lamego, de 1153.

O mosteiro estava edificado, mesmo no local onde hoje se vê o palacête dos srs. Vahias; porque, ainda ha poucos annos, fazendo-se aqui umas obras, para ampliar a casa, se acharam alicerces, e sepulturas, com ossadas, denotando tudo muita antiguidade.

Os monges abandonaram este mosteiro em 715, fugindo ás atrocidades dos mouros, e parece que não tornaram a vir aqui estabelecer-se; porque, vemos que em 970, era tu-

do (ou a maior parte) do que tinha sido dos monges, do *servo de Deus e confessor*, Christovão, e fez d'isto doação a D. Primo, abbade de Lorvão.—Em 973, D. Munna, ou Munia, mãe de Christovão, confirmou esta doação, *pela alma de seu marido, D. Vermudo, e pela sua*. (*L.º dos testamentos de Lorvão*, n.º 56 e 57.)

Pelos annos de 1150, os monges de Lorvão, deram o mosteiro de Bagaúste e todas as suas dependencias, a D. Affonso Henriques, recebendo em troca, varias propriedades, no territorio de Salzêdas.

D. Mendo, bispo de Lamego, com o consentimento do seu cabido, e do arcebispo de Braga, D. João, na era de 1202 (1164 de Jesus Christo), a rogo de D. Affonso Henriques (porque ao rei tinha feito este pedido, sua *ama*, D. Thereza, 2.ª mulher de D. Egas Moniz, fundadora do mosteiro de Salzêdas) cedeu todo o direito episcopal que tinha em Salzêdas, aos religiosos d'este mosteiro (de Salzêdas).—O rei, deu ao bispo, em satisfação d'isto, a egreja e couto de Bagaúste (que n'esse mesmo anno, D. Affonso tinha coutado), e a referida D. Thereza, deu tambem ao bispo, dois casaes, que tinha em Villa de Rei; o que tudo consta, de uma carta, original, que existe no archivo capitular da Sé de Lamego, da mesma era de 1202. (*Memoria chronologica dos prelados de Lamego*, pelo padre João Mendes da Fonseca.)

—

Ainda que algumas das propriedades que foram do mosteiro passaram para a casa dos srs. Montenegros, a actual *quinta de Bagaústa* e suas pertenças, occupa ainda uma vasta área, nas duas margens do Douro, e é uma das principaes e maiores propriedades d'estes sitios.

O vinho que esta quinta produz, é de qualidade especial. (Adiante menciono as outras quintas que produzem vinho de mais fama.)

—

A pag. 61 e 62 da citada Memoria se faz menção de uma escriptura, em pergaminho, existente no archivo capitular de Lamego, e lavrada pelo tabellião Affonso Gonçalves, em 25 de setembro de 1402, da qual consta que Nuno Lopes, escudeiro, e sua mulher Clara Domingues, da cidade de Lamego, doaram ao bispo D. Gonçallo Gonçalves, *não como a bispo, mas como a Gonçallo Gonçalves*, um casal que tinham em Parada.

Vê-se pois que houve n'esta freguezia, e no sitio ainda hoje denominado *Bagaúste*, um convento d'este nome, que já no seculo X (em 970) fôra doado ao convento de Lorvão, por um tal servo de Deus, Christovão—e que nos principios da nossa monarchia era da corôa, pois o deu el-rei D. Affonso Henriques ao bispo de Lamego, D. Mendo, em troca de bens que os bispos de Lamego possuiam nas Salzêdas; e por ser dos bispos de Lamego, desde os principios da nossa monarchia, a egreja e couto de Bagaúste — egreja que foi talvez a primeira matriz d'esta freguezia de Parada—se denominou e denomina ainda hoje esta freguezia — *Parada do Bispo*.

E além do couto de Bagaúste e dos dizimos d'esta parochia, tiveram aqui os prelados de Lamego outras terras, como foi o casal doado ao bispo D. Gonçallo Gonçalves, por Nuno Lopes, escudeiro.

D'este convento já nem memoria existe hoje n'esta freguezia, mas é certo que occupava aproximadamente o local que occupam as casas da quinta dos srs. Vahias, porque reformando-se a casa nobre em 1845, alli se encontraram tres sepulturas com ossadas humanas; e tambem alli tinham apparecido mais sepulturas e ossadas em 1818, quando os donos da quinta transferiram a sua capella para o local onde hoje se vê.

Em tempos remotos, um bispo de Lamego emprazou esta quinta de Bagaúste a uma sobrinha sua, pela quantia de quatro mil rs. annuaes, ficando a mitra senhoria directa, como ainda é hoje; e tinha esta quinta grandes privilegios, como foram—não pagar dizimo—ser obrigada a freguezia a dar cada semana um jornaleiro para trabalhar de graça na mesma quinta—ser tambem a freguezia obrigada a limpar e compôr o caminho desde a povoação até á quinta—não poderem os habitantes da parochia cortar, de certo sitio para baixo, as aguas do ribeiro que desce de Fontêllo e banha pelo nascente a quinta—se a barca de Bagaúste, sempre e ainda

hoje propriedade da quinta, fosse rio abaixo, o povo de Parada era obrigado a hir buscal-a onde quer que apparecesse, e a viral-a quando necessitasse de concerto, e a dar o tomento para ser calafetada—mas em compensação, tambem os habitantes de Parada passaram sempre e passam ainda hoje n'esta barca, sem pagarem coisa alguma, a toda a hora do dia ou da noite.

Os bispos de Lamego, diziam-se *abbades d'esta freguezia de Parada*, recebiam os dizimos e apresentavam o parocho ou vigario, a quem pagavam um estipendio convencional, que variou com os tempos.

Como a povoação de Parada foi sempre pequena, a camara era por vezes toda formada por vereadores rudes, que nem sequer escrever o seu nome sabiam, como quando a camara deu de emprazamento a matta onde se formou a *quinta da Matta*, pois assignou a escriptura apenas o escrivão, declarando que *não assignavam os vereadores, por não saberem escrever!*...

Desde tempo immemorial até depois de 1834, costumava hir primeiramente a camara de Parada, e depois a de Valdigem, com o parocho e cruz alçada, á capella da quinta de Bagaúste com um clamor, a 6 de dezembro, dia do padroeiro da capella (S. Nicolau)—paravam á entrada da quinta, pediam licença, davam *sessenta réis*—e depois entravam, cantavam, resavam, e voltavam pelo mesmo caminho, para voltarem em egual dia no anno seguinte; e aquelles *60 réis* faziam parte obrigada da despeza da camara na tomada das contas pela provedoria.

Diz-se que era da casa da Fervença, o bispo que emprazou estas terras á sobrinha, e os successores d'esta senhora mais tarde subemprazaram aos ascendentes de Luiz Pinto de Souza Cardozo, de Tões (povoação proxima de Armamar), segundo ramo da casa Balsemão. Actualmente, como dissemos, é subemphitheuta d'esta quinta a ex.ma sr.a D. Maria Candida Pinto de Souza, e o emphitheuta é o sr. Bernardo Pinto de Miranda Montenegro, depois de sustentar forte pleito com outros pretendentes aos vinculos de José de Vasconcellos, fallecido ha annos em Lisboa.

Foi esta quinta subemprazada já em 1659, aos ascendentes da sua actual possuidora.

A egreja matriz d'esta freguezia de Parada, é um templo pequeno, mas regular, muito decente e bem sortido de alfaias; e aqui se faz todos os annos uma festividade ao padroeiro, Santo André, apostolo.

—

Pouco abaixo da povoação, e á direita da estrada que vae para Bagaúste, ha uma grande capella com a invocação de Santa Eufemia. É um templo bastante espaçoso, feito ha poucos annos em substituição de uma pequena e muito antiga capellinha da mesma santa, que ficou e se acha contigua á nova egreja, construindo-se do outro lado do novo templo, e para regularidade do todo, outra capellinha egual—esta com a invocação de S. Macario, e aquella hoje com a invocação de Santo André.

Ha aqui grande romagem desde tempo immemorial, no dia da padroeira, Santa Eufemia, no domingo immediato ao seu dia proprio (16 de setembro), grande concurso de fieis todos os domingos seguintes até ao dia 1.º de novembro, e n'este dia outra vez romagem e festa esplendida, com procissão que vae até á egreja matriz.

É a junta de parochia d'esta freguezia que tem a seu cargo a fabrica d'estas capellas e que recebe as offerendas dos fieis e faz as obras e festividades.

O parocho é considerado o capellão nato; recebe as offerendas de trigo, pombos e gallinhas, e da junta, cem mil réis em dinheiro—e a junta recebe os donativos de céra e dinheiro.

Muitos annos consecutivos houve aqui, por occasião das romagens, graves desordens, ferimentos e assassinatos. A cada passo se viam nos troncos das oliveiras, cruzes representando as victimas, e ainda hoje por alli se encontram alguns d'aquelles funebres emblemas—e no tronco de uma só *oliveira, duas das ditas cruzes;* mas nos ultimos annos as grandes desordens cessaram, depois que a auctoridade local resolveu sollicitar sempre tropa.

O ultimo individuo aqui assassinado (em 1872) foi um pobre boticario de Rézende, e

os maiores desordeiros eram os valentões de Canellas e Poyares, na margem direita do Douro, que costumavam vir em bandos, armados de carabinas!...

—

A grande quinta e nobre casa que foi mosteiro, fica á direita da estrada que vem de Parada do bispo para o rio Douro, um pouco acima da estrada á mac-adam, e marginal, da Régua á Pesqueira, e contigua á *barca de Bagaúste*, que é propriedade da quinta (como o havia sido dos frades).

—

Esta freguezia confina pelo N., com o rio Douro—pelo E., com a de Fontéllo—e pelo S. e O., com a de Valdigem.

—

Além da quinta de Bagaúste, de que tão longamente tratei—as quintas d'esta freguezia que produzem vinhos mais justamente acreditados pela sua superior qualidade, são as seguintes:

Quinta de Paradella—do sr. doutor João Maria Mergulhão Neves Cabral, de S. Romão d'Armamar, distinctissimo ornamento do fôro portuguez, e um dos mais sympathicos cavalheiros da Beira-Alta.

Foi condiscipulo do sr. conselheiro Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, parlamentar, e escriptor bem conhecido pela sua admiravel intelligencia e vastos talentos.

Quinta da Matta de Baixo—do sr. Isidoro do Carvalho Valle.

Quinta da Matta de Cima—do sr. Manuel José Duarte Guimarães, de S. João da Foz do Douro.

—

Apezar da indisputavel importancia d'esta freguezia, está ella muito mal dotada de vias de communicação.

Para Lamego, e para Valdigem, não tem outro caminho mais do que a celeberrima *Conchada*, que fórma um empinado e pedregoso declive, continuo precipicio, mórmente para cavalleiros.

Tambem é difficil a communicação d'esta freguezia, com a séde de Fontêllo, em razão dos famosos *Calços*, onde só com grande risco, sobem e descem cavalgaduras.

Apenas tem agora bôa estrada para *Balteiro*, o que se deve ao zêlo do benemerito presidente da camara municipal d'Armamar, o sr. doutor, Antonio de Souza Pinto Cardozo Machado.

Estende-se esta freguezia por espaço de 3 kilometros, sempre em declive, desde o cemiterio (que se avista de mais de 30 kilometros, nas faldas da notavel serra de S. Domingos) até ao rio Douro.

O vinho d'esta freguezia, sendo todo de excellente qualidade, é mais fino, quanto mais o terreno que o produz se aproxima da margem do Douro.

—

Com ser uma freguezia pequena, tem sido berço de homens notaveis.

D'aqui é oriundo o valente tenente coronel reformado o sr. João Nunes Cardozo de Araujo, de cujo peito pendem todas as condecorações, que demonstram bravura e altos feitos militares, praticados na guerra peninsular.

E' casado com a sr.ª D. Maria Albertina, virtuosa senhora da villa da Feira, residentes na cidade de Porto, e sogros do probo e habil maestro, o sr. Silvestre d'Aguiar Bizarro, a quem tanto devem muitos dos estabelecimentos de caridade do Porto.

—

Era natural d'aqui o fallecido marechal de campo, Antonio d'Oliva de Souza Sequeira, conhecido pelos seus dotes militares e apreciaveis escriptos.

N'ella existe ainda seu irmão o sr. José de Sequeira Oliva Sousa Cabral, official do exercito realista convencionado em Evora Monte.

E' casado com a sr.ª D. Antonia Maria da Silveira Pinto, filha reconhecida do fallecido visconde de Canellas. (Silveira.)

Esta digna senhora, veiu edificar moralmente a sua patria adoptiva, pelo seu exemplarissimo comportamento, virtudes religiosas, e sobre tudo, ardente caridade.

N'esta freguezia, viveu e morreu o padre João das Neves e Carvalho, ecclesiastico muito considerado, pela sua riqueza, vasta instrucção, e favor das musas, porque cultivava a poesia com bastante successo.

Era tio paterno da fallecida D. Maria Maximina das Neves Pereira da Gama, casada que foi com o sr. doutor João Maria Mergulhão Neves Cabral, e mãe do sr. doutor Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama, que aqui tem uma bôa casa e uma bôa quinta, como já disse.

Em 1834, reuniram-se para viverem n'esta freguezia, sete presbyteros, d'ella naturaes (hoje todos fallecidos) quatro d'elles egressos das extinctas ordens religiosas, e todos quatro prégadores.

Dois d'elles, o padre Luiz Pereira Borges, e o padre Antonio das Neves e Carvalho (irmão d'aquella D. Maria Maximina) foram oradores sagrados de grande fama, primando aquelle pela energia da phrase e vigor da argumentação, e este pela amenidade do estylo e pureza da linguagem e doutrina. (Vide *Valdigem.*)

PARADA DO OUTEIRO—Já a pag. 360, col. 1.ª, no fim, tratei d'esta freguezia, sob o nome de Outeiro; mas, como depois d'isso obtive mais esclarecimentos, os dou aqui.

E' abbadia da casa de Bragança.

Compõe-se a freguezia de quatro povoações — *Outeiro* (séde da parochia) *Parada, Cella,* e *Cirbuzêllo.*

As duas ultimas ficam na serra de Gerez, e na direita do rio *Berêdo.*

Ha na freguezia tres capellas, que são— *São Payo,* junto á povoação do Outeiro— *São Mamede,* em Cirbuzêllo—e *Nossa Senhora do Amparo,* em Parada.

Está a freguezia situada na margem esquerda do rio Berêdo, e direita do Cávado; correndo este ao S., e aquelle ao O., na encosta meridional da cordilheira de montes que prendem com a serra do Gerez, com a qual confina pelo O.

A maior parte do territorio d'esta freguezia fica em uma baixa, muito abundante de aguas, pelo que produz bastante centeio, batatas, muito milho, feijão e outros legumes, e linho.

Tambem aqui ha bastante cêra e mel, de boa qualidade.

PARADA e BARBUDO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi da comarca de Pico de Regalados, concelho de Villa Chan—comarca e concelho hoje extinctos) 12 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 190 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 700$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil, em todos os generos do nosso clima.

Cria muito gado, de toda a qualidade, e os seus montes são abundantes de caça, grossa e miuda, e n'elles se cria muita cêra e mel.

PARADANÇA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Mondim de Basto, comarca de Villa Pouca d'Aguiar (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Villa Real) 54 kilometros ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago, S. Jorge.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O D. abbade benedictino, do mosteiro de S. João do Êrmo d'Arnoia, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Terra fertil. Gado e muita caça.

Paradança, é, como Paradella, diminutivo de Parada, no portuguez antigo.

PARADELLA—freguezia, Douro, concelho de Sêver do Vouga, comarca d'Agueda, 45 kilometros ao O. de Viseu, 255 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Tinha em 1757, 61 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Lorêto.

Bispado de Viseu, districto administrativo d'Aveiro.

O abbade de Pessegueiro do Vouga apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

E' terra fertil. Gado e caça. Muito bôas laranjas.

Paradella, no portuguez antigo, é diminu-

tivo de Parada; como quem diz *Paradinha*, ou pequena Parada.

PARADELLA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757 tinha 54 fogos.

Orago, Santa Marinha, virgem e martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Chorente, apresentava o vigario, collado, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

Fertil. Gado e caça.

PARADELLA—freguezia, Traz os Montes, comarca, concelho, e 12 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757, tinha 50 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de S. Genezio, apresentava o cura, confirmado, que tinha 6$000 réis de congrua e pé d'altar.

E' a povoação mais oriental d'este reino.

PARADELLA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 180 kilometros ao N.E. de Braga, 405 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O prior do Mogadouro, apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

PARADELLA—ribeiro, Minho, na freguezia de Santa Isabel do Monte, concelho de Terras do Bouro, comarca de Villa Verde.

No sitio de *Pontido*, junta-se ao rio de *Nossa Senhora da Abbadia*, que nasce na mesma freguezia de Santa Isabel do Monte (vol. 5.º, pag. 457, col. 1.ª) e descendo apertado entre alcantilados rochedos, e, depois de atravessar a freguezia de Bouro, desagúa na direita do Cávado.

Réga, móe e traz peixe; sendo saborosissimas as suas tructas.

E' atravessado por duas pontes de cantaria, de um só arco, proximas uma da outra, que ficam ao S.E. da egreja de Nossa Senhora da Abbadia, e dão passagem para as capellas de S. Miguel e as dos Passos de Christo; para a Ponte da Senhora (da Abbadia) e para a de *S. Bento da Porta Aberta.*

Uma cheia, em novembro de 1868, arruinou estas duas pontes; mas foram pouco depois reedificadas, a diligencias do actual capellão.

PARADELLA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Arganil (foi do extincto concelho de Farinha Podre) 30 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, tinha 80 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O vigario de S. Pedro, de Farinha Podre, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil.

PARADELLA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 105 kilometros ao O. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757, tinha 71 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Neves.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

O reitor da Castanheira, apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de rendimento.

E' terra pobre e pouco fertil.

PARADELLA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho, e 12 kilometros ao O. de Montalegre, 60 ao N.E. de Braga, 415 ao N. de Lisboa.

Tem 75 fogos.

Em 1757, tinha 28 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Santa Maria de Viade, apresentava o vigario, collado, que tinha 60$000 réis de rendimento.

Tanto esta freguezia como a de Viade eram da commenda de Fiães do Rio.

Compõe-se a parochia, de duas povoações —Paradella (séde da parochia) e Ponteira, que foi a primeira séde.

A freguezia está situada na margem esquerda do rio Cávado, que corre ao N.

O seu sólo, formando um pequeno valle, é abundante d'aguas e produz centeio, batatas, muito milho, feijão, aboboras, e podia tambem produzir (como antigamente produziu) algum vinho verde.

A povoação da Ponteira, pela sua situação mais alta, é muito pouco fertil.

Ha aqui uma capella publica, pequena e pobre, dedicada a S. João Baptista.

E' n'esta freguezia o monte chamado *Rocha da Ponteira*, de uns 8 kilometros de comprido, no qual, em tempos antigos se extrahiram formosas amethistas, das quaes se fizeram alguns adereces. (Vide *Montalegre.*)

Este monte é constituido de penhascos e alguma terra árida; pelo que não é susceptivel de cultura.

PARADELLA—villa, Beira Alta, comarca d'Armamar, concelho de Taboaço, 30 kilometros de Lamego, 335 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757, tinha 56 fogos.

Orago, o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Sendim apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia está annexa (no ecclesiastico sómente) á de Sendim.

E' hoje uma povoação insignificante; mas foi cabeça de couto, e é muito antiga.

D. Affonso III lhe deu foral, em Pinhel, a 3 de outubro de 1256. (*L.° 1.° de Doações de D. Affonso III*, fl. 17 verso, col. 2.ª — e *L.° 2.° de Doações do mesmo rei*, fl. 5 verso, *in medio*.

Ha na freguezia bastantes casas ricas, e a sua egreja matríz, posto ser muito antiga, é sumptuosa.

—

Nos limites d'esta freguezia, e na margem esquerda do Távora, 3 kilometros abaixo os célebres *Castellos dos Cabrís*, existem as ruinas, bem salientes, do antigo mosteiro de frades bernardos, denominado de *S. Pedro de Távora* — hoje chamado *S. Pedro Velho.*

Foi fundado pelos bisnetos dos dois irmãos *D. Thedon* (progenitor dos Tavoras) e D. Rauzendo.

Principiou, segundo a tradicção, em uma mesquita de mouros, que foi purificada e benzida para o culto catholico.

E' um logar pittoresco e solitario, na base de um grande rochedo, e encostado a uma das suas faces perpendiculares, de grande altura.

Está hoje completamente deshabitado.

Foi na egreja d'este mosteiro, que segundo a lenda, recebeu o baptismo, a célebre *Ardinga*, ou *Ardinia*, filha de Al-Boazan, rei mouro de Lamego; o qual, sabendo que sua filha se fizera christan, aqui mesmo a veiu assassinar, arrojando-a depois ao rio Tavora.

Consta que, depois de benzida a mesquita, foi seu primeiro ermitão, um monge chamado Gelazio, que depois veiu a ser 1.° abbade do mosteiro de Tavora, que aqui se fundára; e que foi primeiro de monges benedictinos (aos quaes se dava então o titulo de *monges negros*, em rāzão da côr do seu habito) e que depois passou a mosteiro de bernardos.

D. Pedro Ramires, e seu irmão, D. João Ramires, filhos de D. Ramiro Pinhones, e netos de D. Pinhon Rauzendo e de D. Sancha Mendes, e bisnetos de D. Rauzendo Ramires, irmão de D. Thedon, o 1.° d'este nome, e que o deu á *Granja do Tédo*, e ao rio do mesmo nome, e que era neto do rei de Leão, D. Ramiro II, e da famosa Gaia. (Vide *Ancora*, rio.) D. Pedro Ramires e seu irmão, D. João Ramires, repito, mudaram o mosteiro no anno de 1065 para o sitio actual (a villa de Távora) e se ficou desde então denominando mosteiro de *S. Pedro das Aguias.* O que foi confirmado por o conde D. Henrique e sua mulher, em 1101.

—

E' de saber que D. Thedo e D. Rauzendo, já tinham feito doação d'este sitio, para o tal convento, mas os dois bisnetos de D. Rauzendo é que o fundaram.

D. Rauzendo teve de sua mulher, D. Orraca Affonso, cinco filhos, que foram—D. Pedro Rauzendo, D. Thedon Rauzendo, D. Tharon Rauzendo, D. Pinhon Rauzendo e D. Elvira Rauzendo.

D'estes procedem os Távoras.

Por curiosos, transcrevo alguns trechos do *prazo* que os dois fundadores fizeram aos frades—eil-os:

«Em nome do Padre, do Filho e do Espi«rito Santo, amen. Ouvide todos e todolas «gentes, o prazo que fizeram D. Pedro Ra«mirez e D. João Ramirez, ambos irmons, «emsembra, por si e seus filhos e por toda a «geraçã que d'elles descender, assim nados «como pelos por nascer, com os frades de «S. Pedro de Tavora..... para em quanto o «mundo durar, amen, assim seja. Firmaram«se pelas mãos e beijaram-se, por beijo de «bôcca e os frades puzeram suas mãos so«bre os Sanctos Evangelhos, etc.»

«Entre as obrigações dos frades é—«E se «vos demandar-mos (os fundadores aos fra«des) ajuda de pão, ou de vinho, ou d'ha«ver, ou de boi, ou de vacca, ou de bêsta, «ou de gado, devedesnolo de dar, e porende «vos damos o casal em Tavora, com vinhas «e arvores e soutos e com terras e com li«nhares e com fontes e com suas entradas «e sahidas e pertenças informados e como «parte pelo souto dos monges e vem com «Germellos, e vem com Pontezellos e com «todo o territorio de S. Pedro assim como «descende em Tavora, e d'aquella parte d'a«lem de Paçôo e da maior parte da Erve«doza. E eu Pedro Ramirez, beijei as mãos «a el-rei D. Fernando (de Leão) pela Espi«nhosa e por Rio Torto, e pedi um portei«ro e elle m'o deu, e andei com elle por«teiro, pondo marcos de redor da cêrca do «mosteiro, e eu e meu irmão, fizemos a «egreja de S. Pedro e as casas e as vinhas «e procuramos o mosteiro com nosso haver «e com nossa ajuda e lhe demos livros e «vestimentas, calices, sinos, e uma biblia, «que nos custou 150 maravedis, e lhe de«mos metade de uma pesqueira em Sanhoa«ne, e em Ancianes, um casal, com vinhas «e terras e pertenças, e fizemos todos estes «bens e outros muitos que aqui não são es«criptos, etc.»

No mesmo prazo dizem os frades:

«E nós os frades de S. Pedro das Aguias, «por nós e polos nossos successores a vós «Pero Ramirez e João Ramirez, e a toda a «vossa geração, por nossas mãos e por nos«sas consciencias o fortalezamos e firmemen«te outorgamos este prazo até ao fim do mun«do. Amen. E se outros frades, nossos suc«cessores, vierem, ou viermos, que este pra«zo ou preito romper, ou tentar quizerem, «sejam maldictos e escommungados e pre«juros e trédores. E vós, D. Pedro Ramirez «e D. João Ramirez, ou vossos filhos ou ne«tos, ou vossa geração descendentes de vós «de grão em grão, tomem tudo isto que se «contem n'este prazo até o postremeiro di«nheiro, e o Casal de Tavora e Germellos e «Pontezellos, com todo o termo de S. Pedro, «como descende de Paçôo, que é além de «Tavora e a Ervedoza e a meia pesqueira de «Sanhoane e o Casal de Anceanes, e beijeis «as mãos ao sr. rei ou principe que a terra «tiver, que nos tire todos os sobreditos bens «que a nós vós déstes, e uma biblia e um «missal, e um official (ripanso) e um bre«viario, e um evangeliorio e um psalterio e «epistoleiro, e duas vestimentas, dous cali«ces, um de estanho outro de prata, quatro «sinos, dous grandes e dous pequenos, e dous «mouros, e quatro bêstas, tres muares e uma «cavallar, duas jugadas de bois, quatro as«nos e 200 maravedins, que poseram para «refazimento da egreja....................

....

«E vós D. Pedro Ramirez e D. João Rami«rez e toda a vossa geração que depois de «vós vier, sejades bentos de Deus Padre e de «Santa Maria, sua madre e de seus aposto«los S. Pedro e S. Paulo, em este mundo e «no outro, *ca* (porque) vós fostes os 1.os fun«dadores e governadores da casa de S. Pe«dro, mais de todos os homens do mundo e «vós ambos irmãos fizestes o mosteiro de S. «Pedro, assim como o oleiro faz a *ola* (pa«nella) e assim de vossos avós do tempo dos «mouros, quando os mouros eram em aquel«le tempo ácerca de Lamego e seus avós e «seus bisavós, por si, e D. Thedon e D. Rau-

«sendo, estes foram os 1.°• homens *hy* (ahi) «que *tancharam* (disposeram) arvores, e foi «olival, e fizeram uma egreja pequena e fa»ziam fogo dentro; e estes povoaram alli pri«meiro e fizeram uma sebe ante a matta do «Souza e moravam alli *ca* (porque) era tem«po dos mouros e tinham uns cadafaes ante «a matta, e emquanto um comia o outro hia «velando, eram ambos irmãos; e matavam «os mouros D. Thedon [1] e ficou D. Rauzen«do» etc., etc..........................

«Feito o prazo de confirmação a 15 das ka«lendas de julho, era de Cezar 1155 (1117) [2] «Reinante em Portugal, na parte de Bragan«ça, D. Fernão Mendes, e áquem de Tavora «Mem Garcia e Fernão Garcia e Maria Cupi«nha. Testemunhas, etc., etc...............»

Sendo o mosteiro povoado, se trasladaram a elle os corpos de D. Thedon e D. Rauzendo, e tambem depois alli se sepultaram D. João Ramires e D. Pedro (ou Pero) Ramires.

Muitos annos depois, Luiz Alves de Tavora, seu descendente, lhe fez sepultura nova na capella-mór, do lado do Evangelho, onde estão todos os quatro heroes, com uma inscripção commemorativa, em portuguez.

Tambem do lado da Epistola, em outra sepultura, jaz Alvaro Pires de Tavora e seu 8.° primogenito, Pero Lourenço de Tavora, que morreu na villa do Mogadouro, no 1.° de novembro de 1474. Na capella-mór jazem sepultados muitos senhores de Tavora, descendentes dos fundadores, e padroeiros perpétuos do convento.

Em frente do convento ha um rochedo de grande altura, chamado *Penha Amarella*, só habitado por aguias, e d'esta circumstancia proveio ao mosteiro a denominação de *S. Pedro das Aguias*.

O mosteiro está edificado entre duas serras de grande altura, por entre as quaes passa o Tavora. É clima abrigado e saudavel, e a terra muito abundante d'agua e fructos.

O conde D. Henrique e sua mulher, que em 1103 (1065) visitaram este convento, por nova doação, lhe confirmaram a que haviam feito os dois irmãos, e mais lhe deram outras propriedades—eis as proprias palavras da doação — «huma nossa herdade que temos no logar chamado Riba-Tavora, e Riba do Rio-Torto. Primeiramente como se divide por Campéllo e vae ter onde chamam Pousadouro de Gallinhas e d'ahi pelo Cabêço de Paradella e d'aqui pelo Cabêço d'Atira e d'ahi como vae pela Foz de Varzeas e d'ahi pelo cabêço de Ervilhaes e d'ahi ao Cabêço da Giesta e d'ahi ao Cabêço da Furada e d'ahi ao Paul de Darti, assim como vae correndo a veia do rio Douro até á Foz do Tavora, descorrendo pela veia do proprio rio Tavora até ao Pousadouro do Souto Côvo e d'ahi assim como vae ao cabeço do Fromento e d'ahi aguas vertentes do Couto para Tavora até entrar em Campello............ E se alguem de nossa geração, ou qualquer outra pessoa, se levantar com contumacia contra esta nossa escriptura e a quizer annullar, não lhe seja licito e álem d'isso seja maldicto e excommungado, e como Datão e Abirão padeça para sempre penas eternas.» etc., etc.

Outros reis portuguezes e muitos particulares fizeram depois varias doações a este convento.

Em 1145 (J.-C.) era abbade de S. Pedro das Aguias, D. Mendo, e sendo a sua ordem a de S. Bento (vulgarmente chamados *monges-negros*) passou a ser da ordem de Cister (bernardos). Isto a 14 de junho do dito anno.

Foi couto, e os abbades nomeavam provisores, vigarios geraes, escrivães, meirinhos e todas as mais justiças civis e ecclesiasticas proprias da dignidade episcopal e temporal que exerciam nos seus coutos.

[1] Vindo D. Thedon de ganhar uma grande victoria sobre os mouros, foi, por uma outra partida d'elles surprehendido sobre o rio Thedo, e morto depois de brava resistencia. Julga-se ser por isto que o rio tomou o nome de *Tedo*.

[2] Ha érro de cópia n'esta data, que deve ser o anno 1103 (1065), porque as pessoas que n'ella figuram são d'esta data, anterior ao governo do conde D. Henrique em Portugal, e a data da cópia (1117 de J.-C.) é posterior á morte do conde (que foi em 1112 de Jesus-Christo). Além d'isso, o conde D. Henrique confirmou aquella doação ou *emprazamento* dos dois irmãos, aos frades de S. Pedro das Aguias, no anno de J.-C. 1101, 36 annos depois de feito.

PARADELLA—aldeia, Douro, nas freguezias de Santa Maria do Valle, e S. Miguel do Matto—aquella da comarca e concelho da Feira, e esta na comarca e concelho de Arouca—30 kilometros ao S. do Porto, 24 ao O. d'Arouca, 15 ao E. da Feira, 12 ao S. do rio Douro, 285 ao N. de Lisboa.

Tem 12 fogos.

Situado em alto, com bonitas vistas para todos os lados.

Passa n'este logar uma grande zôna de feldespatho, da qual, no principio da povoação (ao S.O.) rebenta um manancial de optima agua potavel; a melhor d'estes arredores, onde toda é excellente.

E' aqui o solar dos Soares de Azevedo, de Paradella, de quem procede o auctor d'esta obra.

Esta casa (que era a maior d'estes sitios) como não era vinculada, foi dividida pelos herdeiros, e acha-se hoje reduzida apenas ao edificio e uma pequena quinta annexa.

O seu oratorio, que era privilegiado, está profanado e ha muitos annos que n'elle se não diz missa.

O brazão d'armas dos Azevedos, que estava sobre o portão da quinta, cahiu, e foi approveitado (escavando-o pela rectaguarda) para... uma pia de porcos!

Era um escudo esquartellado—no 1.º e 4.º quartel, d'ouro, uma aguia negra, estendida—no 2.º e 3.º, d'azul, cinco estrellas de prata, de cinco pontas, em aspa — orla de púrpura, com oito aspas d'ouro.

Êlmo d'aço, aberto, e por timbre, a aguia das armas, com a estrella d'ellas no peito.

Outros trazem só—em campo d'ouro a aguia negra, e o mesmo êlmo e timbre.

São tambem *Albergarias*, e d'elles procedem os d'este appellido, de Cambra e do Buraco.

—

O principal ramo dos Azevedos que hoje existe em Portugal, é o que tem o seu solar na freguezia de S. Salvador da Lama. (Vol. 4.º, pag. 28, col. 2.ª) Tem esta casa os privilegios de couto e honra, e é uma das mais antigas d'este reino.

O conde D. Pedro, quando no seu *Nobiliario* trata dos fidalgos, companheiros de Gonçalo Mendes da Maia—*o Lidador*—diz que o tronco da familia dos Azevedos, foi D. Affonso Cominges, cavalleiro valoroso, descendente do rico-homem, D. Arnaldo de Bayão.

Pedro Mendes d'Azevedo, foi o primeiro que tomou este appellido, tirado do seu solar.

Lopo Dias d'Azevedo, senhor do couto e casa d'Azevedo, foi armado cavalleiro, em Aljubarrota, por D. João I, no proprio dia da victoria, a 14 de agosto de 1385. O rei lhe deu o senhorio do concelho de S. João de Rei, pelo valor com que se houve n'esta gloriosa batalha.

D'esta casa foi tambem o *beato Ignacio d'Azevedo*, cuja fama e virtudes celebram as chronicas da companhia de Jesus, a que pertenceu.

E' actualmente representante principal d'esta familia, o sabio e illustre fidalgo, o sr. Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca, 1.º visconde de Azevedo, feito em 19 de agosto de 1846. É o 29.º senhor d'Azevedo. Foi governador civil de Braga e deputado ás côrtes em 1851. É socio da academia real das sciencias, de Lisboa, e fidalgo da casa real, e um dos mais nobres caracteres dos nossos dias.

(Vide *Albergaria*, pag. 48, col. 2.ª, e pag. 351, col. 1.ª, no principio, do 1.º volume.)

PARADELLA DE GUIÃES (ou **GOÃES**)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Villa-Real, concelho de Sabrosa (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Provezende), 90 kilometros a N.E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago, Santa Comba.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O vigario de Guiães (ou Goães) apresentava o cura, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Optimo vinho de exportação.

Fica proximo da margem direita do rio Douro.

PARADELLA DA SEÁRA—vide *Seára.*

PARADINHA—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 30 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 85 fogos.

Em 1757 tinha 83 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Moimenta da Beira apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

—

No dia 26 de abril de 1874 (um domingo), na cidade de Coimbra, e depois de uma dolorosa e prolongada doença, e na edade de 60 annos, falleceu o doutor Jacome Luiz Sarmento de Vasconcellos e Castro, lente da cadeira de *mechanica celeste* na faculdade de mathematica e primeiro astronomo do Observatorio.

Havia nascido no dia 23 de março de 1814, n'este logar de Paradinha; sendo filho de José Sarmento de Vasconcellos e Castro e de D. Antonia Ludovina Amelia Carneiro Sarmento Botelho de Vasconcellos.

Matriculou-se em mathematica em 1836, e doutorou-se na mesma faculdade, no dia 24 de outubro de 1841.

Era tão assiduo no trabalho, que a elle se deve em grande parte a causa do seu fallecimento.

O Asylo da infancia desvalida de Coimbra mereceu por muitos annos os maiores desvellos do doutor Jacome. Depois de ser por alguns annos subscriptor para este estabelecimento, foi eleito em 1850 para primeiro secretario da direcção, cargo que serviu com o maior zêlo até 1856, continuando sempre a ser subscriptor do mesmo Asylo.

O doutor Jacome era cavalleiro da ordem de S. João de Jerusalem, e havia casado com D. Guilhermina da Piedade da Fonseca Mangas.

Dotado de sentimentos profundamente religiosos, era extremosissimo para com os seus filhos, esmerando-se na sua educação; e teve a felicidade de vêr, que os seus exemplos, conselhos e diligencias, davam o resultado que tanto ambicionava, pois que seus filhos podem apresentar-se como modelos.

PARADINHA DE (ou DOS) BÉSTEIROS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macêdo dos Cavalleiros (foi da comarca e concelho de Bragança), 45 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 12 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Moraes (do mesmo concelho) apresentava o cura, que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muitos annos unida á de Moraes.

PARADINHA DO OUTEIRO—freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Bragança, 40 kilometros de Miranda do Douro, 475 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 81 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Um dos beneficiados da Sé de Bragança apresentava o cura, que tinha 8$000 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muitos annos unida á de Nossa Senhora da Assumpção, da villa do Outeiro. Vide *Outeiro*, villa.

PARADINHA NOVA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo de Bragança, 40 kilometros de Miranda, 500 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

O reitor de Izêda apresentava o cura, que tinha 7$500 réis e o pé d'altar.

PARAFITA, ou **PERAFITA**—freguezia, Douro, concelho de Bouças, comarca, districto administrativo, bispado e 12 kilometros ao N. do Porto, 324 ao N. de Lisboa.

Tem 260 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago, S. Mamede.

O prior dos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) de Moreira da Maia, apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis e o pé d'altar.

É uma freguezia rica e muito fertil em todos os generos agricolas; e faz grande commercio com a cidade do Porto.

Cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra.

PARAIZO — freguezia, Douro, comarca e 15 kilometros ao O.N.O. d'Arouca, concelho do Castello de Paiva, proximo (a uns 3 kilometros) da margem esquerda do rio Douro, 30 a S.E. do Porto, 70 ao N.E. d'Aveiro, 310 ao N. de Lisboa. Dista da villa de Sobrado, capital do concelho, 6 kilometros, ao O

Tem 200 fogos.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e 54 kilometros a O. de Lamego, districto administrativo d'Aveiro.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia, abrange uma área de uns 4 kilometros de largo e 6 de comprido.

É terra fertil, posto que os seus terrenos estejam mais de tres quartas partes por cultivar. É muito accidentada, e da serra dos Navalhos, a maior da freguezia, se gosa um vasto e formoso panorama, vendo-se perfeitamente, em dias claros, a cidade do Porto, e uma extensa faxa do Oceano Atlantico.

Atravessa esta freguezia, de S.E. a N.O., e na extensão de uns 4 kilometros, uma poderosa zona de carvão fossil (antracite) que, principiando no ribeiro das *Avelleiras*, junto ao logar do Seixo, termina no ribeiro do *Fôjo* (ou de *Fulgoso*) continuando ahi pela freguezia da Raiva, até ao rio Arda, e seguindo, sem solucção de continuidade, pela freguezia de Pédorido, até terminar na margem esquerda do Douro, em terreno da quinta de *Germunde* (do sr. Ferraz, de Pédorido) no fim d'esta freguezia. (Vide *Pédorido*.)

O carvão passa encaixilhado em schisto carbonifero, por terreno siluriano, tendo o *lastro* e *telhado* uma posição obliqua.

Ha aqui a notar uma singularidade geologica — ou antes plutonica. — A inclinação das duas rochas que guardam o mineral, é, desde o ribeiro do Seixo até á aldeia de Pejão, para O. — d'ahi, até ao ribeiro do Fojo, para E. — e d'ahi até ao Douro, outra vez para o O.

Isto demonstra que, ardendo aqui, por seculos, em tempos remotissimos, grandes massas d'este mineral, foi abatendo o sólo, havendo uma grande depressão de terreno, por espaço de uns 1:800 metros. Uma prova evidente d'este diuturno incendio subterraneo, são as cinzas que em muitas partes dividem as laminas de carvão que escapou ao incendio, e, ainda mais, o facto seguinte:

Uma pequena cordilheira, denominada *serra de Serradêllo*, que corre paralella á zona carbonifera, e a E. d'ella, tem na sua cumeada uma zona de rochas schistosas e quartzozas, collocadas perpendicularmente até ao sitio da depressão, e em todo elle, estão as rochas inclinadas para O.; porque lhe faltára o apoio d'esse lado.

Ignorante, como sou, em geologia, muito desejára (e muito era para desejar) que homens da sciencia examinassem com attenção este sitio; para nos darem noticias das causas e effeitos d'esta acção plutonica, por ventura antediluviana.

Dá-se tambem a circumstancia — muito importante para a sciencia — de apparecerem por estes sitios, incrustadas nos schistos, ou no centro d'elles, conchas (bivalves) animaes e plantas (quasi tudo fectos) fosseis, em grande quantidade.

No sitio do Ervedal (dentro da área onde o terreno abateu) achei eu mesmo, um peixe, no interior de uma rocha de schisto laminoso [1] de 0,m22 de comprido, formado de materia calcarea, que, infiltrada pelos interstícios da rocha, foi occupar o vacuo que deixara, na sua decomposição, o peixe verdadeiro.

Por uma larga extensão de territorio das immediações, ha minas de cobre, ferro, enxofre, pyrites de ferro, varios sulphuretos, arsenico, etc.

A cousa de 6 kilometros a E., ha uma mina de plombagina (graphites.)

Finalmente, ha n'estas serras, n'estes val-

[1] Digo *laminoso*, porque o schisto carbonifero d'estes logares, é compacto, e me parece conter grande porção de carbonato ou sulphato calcareo.

les, n'estes ribeiros e n'estes brejos, muito em que o geologo e o mineiro se entretenha e estude com proveito.

O nosso distincto engenheiro de minas, o sr. Carlos Ribeiro, visitou estes terrenos ha mais de 20 annos, e publicou mesmo um folheto sobre a formação das suas camadas, e sobre mineralogia; porém, sendo mui pouco demorada a sua digressão a Paiva, em razão dos muitos e importantes serviços que tinha de fazer em outras partes, não pôde dar á sua obra o desenvolvimento precizo, e que tanto era de desejar.

—

Ha n'esta freguezia a aldeia de *Touriz*, onde está a vasta e formosa capella de Santa Eufemia. (Vol. 3.°, pag. 87, col. 1.ª) onde, por mal enformado, disse que era na freguezia de Real, quando é n'esta.)

No logar de Pejão, ha a pequena capella de Santa Anna, á qual se faz uma festividade annual, no dia designado pelos mordomos da sua confraria.

Está collocada em um vistoso alto, á entrada (ao O.) da aldeia.

Ha mais n'esta freguezia, as capellas—de Nossa Senhora do Carmo, na aldeia de *Saboriz* — e de Santo Antonio, na de *Gondra.*

—

Tambem aqui rectifico outro engano, que vem a pag. 83, col. 1.ª, do 5.° volume.

A aldeia de *Almançor*, não é como alli disse, na freguezia de Santa Maria de Tropêço, concelho de Arouca, mas n'esta do Paraizo.

Repito aqui, por ser o logar competente, o que então disse sobre *Almançor*.

Foi habitada pelos mouros, do que ha muitos vestigios, de lavra de minas metalicas, tanto no sitio dos *Sete-Buracos*, de que já fallei na palavra *Carraceira*, como pelas margens do rio Árda (vide *Arda*) onde ainda existem varias galerias, e tem apparecido algumas mós, com que os arabes—e talvez mesmo, povos anteriores á sua dominação, na Lusitenia—moiam o quartzo, para extrahirem d'elle as particulas d'ouro que continha.

No monte de Fulgosinho, logo abaixo da serra da Carraceira, ha uma comprida pedreira de bella calcedonia.

Em junho de 1875, mandei (de Lisboa) buscar alli, amostras d'esta calcedonia; porém, a pessoa que encumbi d'esse serviço, em vez d'ella, mandou-me uma grande porção de quartzo (seixo) — mais de 60 kilos.

Como, mesmo na sua qualidade, é do melhor, e mais branso que conheço em Portugal, mandei uma porção para o museu archeologico do Carmo; mandando tambem, por essa occasião, uma pedra de carvão fossil, de uns 20 kilos de pezo, extrahido das minas de que fallei.

Podem ver-se ambas aquellas amostras no referido museu do Carmo.

PARAIZO — freguezia, Minho, comarca, concelho e proximo de Guimarães, 18 kilometros a N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 40 fogos.

Em 1757, tinha 43 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido da collegiada da Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil.

PARAIZO—vide *Villar do Paraizo.*

PARAÍZO — (quinta do) — Extremadura, entre Alhandra e Villa Franca de Xira, sobre a margem direita do Tejo — hoje propriedade (a quinta) dos marquezes d'Abrantes.

Aqui nasceu, em 1453, o grande Affonso d'Albuquerque, segundo governador da India.

Era filho 2.°, de Gonçalo d'Albuquerque, 3.° senhor de Villa Verde (descendente de sangue regio) e de D. Leonor de Menezes, sua mulher, filha de Gonçalo Vaz de Mello, *o Môço*, 2.° senhor da Castanheira, Povos e Chelleiros.

Neto paterno de João Gonçalves de Gomide, 2.° senhor de Villa Verde, alcaide-mór de Obidos e da Guarda, e escrivão da puridade, de D. João I—e materno, de D. Alvaro Gonçalves de Athaide, aio de D. Affonso V,

alcaide-mór de Coimbra, e 1.º conde d'Athouguia, e de D. Guiomar de Castro, filha de D. Pedro de Castro e de D. Leonor Telles de Menezes, senhores do Cadaval.

Os Albuquerques descendem do D. Affonso Telles de Menezes, *o Velho*, rico-homem, que povoou a referida villa do Cadaval.

(Os que pretenderem saber mais individualmente a genealogia d'este heroe portuguez, vejam o livro intitulado —*Retratos e elogios dos varões e donas*, etc.)

Foi Affonso d'Albuquerque, creado nos paços de D. Affonso V, d'onde sahiu a 1.ª vez por mandado do rei, em 1480, na armada portugueza, que foi em soccorro do rei D. Fernando, de Napoles, contra as turcos, destinguindo-se pelo seu valor, na batalha naval de Otranto.

Por fallecimento de D. Affonso V, foi para Arzilla (Africa) onde obrou grandes façanhas; regressando alguns annos depois ao reino, onde D. João II o fez seu estribeiro-mór.

Intentando este rei, em 1489 (pelo desejo de prosseguir as conquistas de Africa) fundar uma nova villa, junto a Larache, com respeitaveis fortificações, foi encarregado d'esta missão, Affonso d'Albuquerque, que fez construir a povoação, á qual, por ordem do rei, poz o nome de *Graciosa*.

Foi na Africa um dos mais bravos batalhadores; mas onde mais se destinguio foi na Asia.

Foi a 1.ª vez á India, em 1503, com seu primo, Francisco d'Albuquerque—e a 2.ª em 1506, na esquadra de Tristão da Cunha.

Foi seis annos vice-rei da India, sendo, durante esse tempo, o terror dos mouros e turcos, e o protector dos indios.

Conquistou Gôa, Malaca e Ormuz, e falleceu em Gôa, no anno de 1515.

Depois da sua morte, quando os seus successores e outros despotas portuguezes, commettiam toda a sorte de atrocidades contra os indios, vinham estes ajoelhar ante o seu tumulo, a pedir-lhe justiça e invocando-o como a um Deus.

Para evitarmos repetições vide o artigo *Casa dos Biscos*, que principia na 1.ª col., de pag. 140, do 4.º volume.

PARAMBOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho de Carrazêda de Anciães, 120 kilometros ao N.E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa.

Tem 140 fogos.

Em 1757, tinha 91 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor de S. Miguel, de Linhares, apresentava o vigario, que tinha 8$600 réis e o pé de altar.

Terra fertil. Gado e caça.

O nome d'esta freguezia, é provavelmente corrupçãs de *Paramos*. Vide esta palavra.

PARAMIO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho, bispado, districto administrativo e proximo de Bragança, 60 kilometros de Miranda do Douro, 500 ao N. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757, tinha 119 fogos.

Orago, S. João Baptista.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 130$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

(Vide *Paramo*, do que o nome d'esta freguezia é corrupção.

PARAMÓ — aldeia, Douro, freguezia e extincto concelho de Fermedo. (Vol. 3.º, pag. 164, col. 2.ª) Situado em um alto, d'onde se vê o formoso e feracissimo valle de Fermêdo.

Nada mais tem de notavel, além d'isto e do seu nome, que é antiquissimo.

PARAMO, PARANHO e tambem **AMADIGO**—portuguez antigo—logar, povo, quintata, casal ou herdade que tinha os privilegios de *honra*, por n'elle se haver criado aos peitos de alguma mulher casada, o filho legitimo de um rico-homem, ou fidalgo honrado.

Era este, um dos grandes abusos que os fidalgos commettiam, e que se oppunham aos interesses do estado.

Se um lavrador queria libertar o seu casal ou herdade, não tinha mais do que pedir a um fidalgo, senhor da honra mais visinha, lhe desse um filho a criar, á mulher, em casa d'esta, e por ser *âma* d'esta criança, amparavam os paes d'ella, este casal e o *honravam*, e a toda a povoação, que ficava tendo privilegio de *amadigo*—isto é—isento de tributos e imposições.

Estes parâmos ou amadigos, foram deitados em devassa; e por fim abolidos, por D. Diniz I, em 1290; porém varias povoações conservaram até aos nossos dias o nome de *Parâmos* e *Paranhos*.

PÁRAMO — portuguez antigo — derivado do latim — significa campo vasto, campina, lesiria, etc., em sitio êrmo.

PARAMOS—freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, 18 kilometros ao S. do Porto, 295 ao N. de Lisboa, perto da costa do Oceano.

Tem 250 fogos.

Em 1757, tinha 175 fogos.

Orago, Santo Thyrso.

Bispado do Porto, districto administrativo e 30 kilometros ao N. d'Aveiro.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 120$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' terra muito fertil em todos os generos agricolas, muito abundante de peixe do mar e da *Ria* d'Aveiro.

Cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra.

A lagôa da *Barrinha*, pertence metade a esta freguezia, e a outra metade á de Esmoriz. Esta lagôa é de agua salgada, e fica a poucos metros do mar.

E' n'esta freguezia o solar de um ramo da familia dos *Pintos*.

Para a sua genealogia e armas, vide *Feira*.

Aqui nasceu, viveu e falleceu, no seu solar, o *morgado de Parâmos*, Francisco *Pinto*, bravo official de caçadores, do exercito portuguez, convencionado em Evora Monte.

Era um dos mais respeitaveis cavalheiros d'estes sitios.

PARANHO—portuguez antigo—o mesmo que *Parâmo* ou *Amadigo*.—*Alguns fazem Honras ali hu* (onde) *crião os filhos d'Algo em esta guiza: Emparom o Amo em quanto hé vivo, e desde que os Amos som mórtos, emparom o logar, pondo-lhe o nome Paranho, isto hé, emparado, ou defendido por Honra.* (Inquerições do rei D. Diniz, de 1290.)

PARANHO—portuguez antigo—ainda frequente nas provincias do Norte—pequenas traves ou barotes, postos sobre o lar, para seccar a lenha; mas em altura conveniente para não arderem no paranho. Tambem lhe chamam *paranheiro*.

PARANHOS—freguezia, Minho, comarca e 6 kilometros a E. de Villa Verde; concelho e 5 kilometros a N.E. d'Amares (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Pico de Regalados) 15 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 40 fogos.

Em 1757, tinha 32 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de S. João, de Concieiro, apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Foi antigamente concelho e visita de Entre-Homem e Cavado, comarca de Vianna.

Situada em terreno montanhoso, nas vertentes septentrionaes do monte de S. Pedro Fins.

E' a freguezia mais agreste do concelho.

Produz os fructos do paiz; porém pouco vinho, e de má qualidade.

Cria gado miudo, e nos seus montes ha caça grossa e miuda, e é abundante de lenhas e mattos.

Os habitantes d'esta freguezia, usam muito de *badulaque*, mas feito dos intestinos das rezes miudas, e com muito pouca limpeza.

Badulaque, ou *bazulaque*, era um guizado de carne cortada miudamente, ou de forçura de carneiro, com sebôla, toucinho, azeite, etc., muito usado pelos frades pobres.

Entre outras cousas que o

condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, doou ao mosteiro de Alcobaça, se lê—*Donavit etiam grandem Caldeiram, in qua Castellani de famulatu Regis faciebant suos badulaques.* (Alcobaça Illustrada, penultima fol.)

Assim te ficarás, para toda a vida, pizando esses teus badulaques. (Leitão, Miscellanea, Dial. 17.º)

PARANHOS—freguezia, Beira Baixa, concelho de Céa, comarca de Gouveia, 75 kilometros de Coimbra, 260 a E. de Lisboa.

Tem 500 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

E' terra fertil e saudavel, posto ser de clima excessivo.

Cria muito gado, sobretudo cabras e ovelhas, e é muito abundante de caça grossa e miuda.

E' uma das maiores freguezias da serra da Estrella.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

PARANHOS—freguezia, Douro, concelho (bairro oriental), comarca, districto administrativo, bispado e junto ao Porto, 310 kilometros ao N. de Lisboa.

Tem 800 fogos.

Em 1757 tinha 272 fogos.

Orago, S. Verissimo.

O cabido da Sé do Porto, apresentava o reitor que tinha 140$000 réis, e o pé de altar.

E' um dos formosos arrabaldes da cidade do Porto, situado em alta posição, com extensas vistas.

E' fertil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra.

O commercio constante com a cidade do Porto, e o regresso do Brazil para aqui, de muitos filhos d'esta freguezia, a tornam muito próspera.

Ha no seu districto muitas, ricas e formosas quintas, e bellas casas de habitação, muitas d'ellas, de familias da cidade.

No artigo *Porto*, serei mais extenso.

PARCEIROS ou **PRACEIROS**—freguezia, Extremadura, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 3 kilometros de Leiria, 130 ao N. de Lisboa.

Tem 140 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

O povo apresentava o cura, que tinha 110 alqueires de trigo, e uma pipa de vinho cru.

O povo se obrigou á isto, por escriptura publica, feita em Leiria.

Esta freguezia formava parte da parochia de S. Pedro, de Leiria, com certeza, até ao anno de 1713.

No logar dos Parceiros, havia uma ermida, dedicada a Nossa Senhora do Rosario.

Ignora-se o anno em que foi edificada, só se sabe que já existia em 1669; mas parece que então não tinha mais de uns 20 annos de existencia.

Tambem se não sabe o anno em que foi creada esta parochia; mas os papeis do archivo d'ella, levam a concluir que foi em 1718.

A egreja é bonita, alegre e bem proporcionada.

A capella-mór é de abobada, e toda lageada, e as suas paredes estão revestidas de bonitos azulejos.

O corpo da egreja, tambem tem as paredes revestidas de azulejos, até uns dois metros de altura, formando um rodapé.

Parece que a antiga ermida é a actual capella-mór, e que a egreja foi construida em 1719, pois que esta data se vê gravada na verga da sua porta principal.

Tem altar-mór e dois lateraes.

Tem um compromisso da confraria das almas, approvado em 15 de outubro de 1719, pelo provisor, Eugenio Bôto da Silva.

Os povos do lugar de *Pernêlhas*, formaram uma *confraria de defunctos*—não se sabe verdadeiramente quando—mas as contas mais antigas que d'ellas se acham, remantam tambem a 1669.

Depois, a este compromisso se uniram os moradores de *Moiratos* e por fim os de *Alcugulhe* e os de *Parceiros.*

Conservou-se o compromisso, até 1719, em que finalisou, com a confraria que hoje existe na egreja.

Foi este compromisso, uma instituição digna de respeito, pelas grandes obras de caridade que praticava para com os vivos, pela pontualidade com que fazia os suffragios dos defunctos, e pela rigorosa fidelidade com que eram prestadas as suas contas.

Os ecclesiasticos que desde 1719 até hoje tem parochiado esta freguezia, são:

1.º — Domingos Rodrigues Alcuellas — até 1722.
2.º — João Ribeiro — até 1762.
3.º — Alberto Caetano da Costa — até 1771.
4.º — João Ribeiro Batalha — até 1778.
5.º — José Pedro da Silva — até 1785.
6.º — Joaquim Gomes — até 1789.
7.º — Urbano José Lopes da Silva — até 1790.
8.º — Manuel da Costa Henriques — até 1791.
9.º — Manuel Ferreira — até 1793.
10.º — Francisco Matheus — até 1806.
11.º — Nuno Rodrigues de Souza — até 1809.
12.º — Manuel Pereira — até 1811.
13.º — José Venancio Cardoso (interinamente) — até 1813.
14.º — Luiz Pedro — até 1814.
15.º — Luiz José de Caria — até 1853.
16.º — Antonio Lopes — até 1854.
17.º — Francisco Ribeiro Dimpano da Fonseca — até 1855.
18.º — Anastacio Francisco das Neves — até 1856.
19.º — José Pereira Soares — até 1861.
20.º — Francisco Pereira Henriques d'Oliveira — até 1863.
21.º — Joaquim Pereira Gonçalves — até 1866.
22.º — Joaquim da Fonseca Portugal — que desde 1866 é parocho d'esta freguezia.

—

A distancia de uns 30 metros, da casa da residencia do parocho, para o S.O., está em uma encruzilhada de caminhos, uma cruz de pedra branca, de dois metros d'altura, sobre um pedestal de alvenaria. Não se sabe quando aqui foi collocada, mas parece ser quando se edificou a egreja. Junto a esta cruz se reza o primeiro responso, por alma dos fallecidos, que vão ser enterrados.

—

Na nossa antiga legislação, se dava o nome de *parceiro*, tanto ao que dava, como ao que recebia, alguma herdade, de meias, a terço, quarto, etc.— Morrendo algum d'estes parceiros, não tinha o sobrevivente, nem os herdeiros do defuncto, obrigação de manterem o contrato de *parceria*, excepto se a propriedade estivesse já lavrada e a vinha podada; porque então ainda valia o contrato, por aquelle anno.

Quando porém o contrato era por dez ou mais annos, valia, mesmo depois da morte de um dos contratantes, pois já era julgado infitiotico. (Cod. Alf., liv. 4.º, tit. 96.)

PARCEIROS, ou **PRACEIROS** — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres-Novas, 120 kilometros ao N. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Neves.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

O povo apresentava o cura, que tinha, 60 alqueires de trigo, 9$000 réis em dinheiro, e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito bom vinho.

Tambem se dá a esta freguezia a denominação de *Parceiros da Egreja.*

PARCIONEIRO — portuguez antigo — cumplice; parcial; que tem parte em qualquer coisa, acto ou acção.

PARDAES — freguezia, Alemtejo, concelho de Villa-Viçosa, comarca de Estremôz, 45 kilometros d'Evora, 160 ao E. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago, Santa Catharina, virgem e martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 200 alqueires de trigo e o pé d'altar.

É terra fertil, sobre tudo em cereaes.

PARDÊLHAS — aldeia, Douro, na freguezia da Murtosa de Veiros. (Vide 5.º vol., pag. 594, col. 2.ª, no fim.)

Todos sabem que *pardêlha* é um pequeno peixe.

No *portuguez antigo*, *pardêlhas* era uma interjeição, que, pouco mais ou menos, si-

gnificava — *á fé, em verdade, por vida minha*, etc. — É termo chullo.

PARDÊLHAS — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Mondim de Basto, comarca de Villa Pouca d'Aguiar (foi da comarca de Villa-Real, concelho — extincto — d'Ermêllo), 65 kilometros a N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 45 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O abbade de Ermêllo apresentava o vigario, que tinha apenas o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil.

PARDÊLHAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 95 kilometros ao N.E. de Braga, 440 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 53 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Pranto.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de S. Miguel de Nogueira apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de rendimento.

Esta freguezia foi supprimida ha mais de 100 annos, e está unida á de Nogueira, da mesma comarca e concelho. — Vide este volume, a pag. 105, col. 2.ª, no principio.

PARDÊLHAS DE MONTE-LONGO — quinta, Minho, no concelho de Fafe. [1]

Já disse que pardêlha é um peixe pequeno. É d'elle que vem o appellido *Peixôto*, que é o mesmo que dizer *peixe pequeno*, ou *peixinho*.

É *Peixoto* um appellido nobre em Portugal.

Gomes Peixoto, *o Velho* (que era um nobre fidalgo, do reinado de D. Affonso II), foi filho de D. Egas Henriques de Portocarreiro. Tomou o appellido Peixoto, da sua quinta de *Pardêlhas*, onde tinha o seu solar.

Tinham os Peixotos um morgado, na villa de *Pombeiro* (comarca d'Arganil), instituido por Gonçalo Gonçalves Peixoto, conego da Sé de Braga, e por seu irmão, Gomes Gonçalves Peixoto.

Passou esta familia á provincia do Alemtejo, e outras, ás ilhas dos Açores, e outras posseções ultramarinas.

Suas armas são — escudo xadrezado d'ouro e azul de seis peças em faxa e sete em palla — êlmo d'aço, aberto — e por timbre, um côrvo marinho, da sua côr, com um peixe de prata no bico.

Como nas provincias do N. chamam aos peixes pequenos — *peixôtos* — assim chamaram aos fidalgos de Pardêlhas — *Peixotos* — tornando-se em appellido, o que originariamente era alcunha.

Nos manuscriptos da livraria dos duques de Palmella, se acha este escudo escaquetado de azul e ouro, de cinco peças em faxa e seis em palla.

Outros do mesmo appellido, mudaram o timbre ás suas armas, para um golfinho, com um peixe pequeno na bocca, tudo de prata.

Na egreja de *Nossa Senhora a Velha*, dos frades cruzios de Villa-Boa, no Minho, se acham as armas d'este appellido do módo seguinte — em campo de púrpura, dois peixes de prata, passantes.

—

Peixotos Barrêtos, é tambem um appellido nobre d'este reino. O doutor Matheus Peixoto Barrêto, sobrinho de Pedro Peixoto Cacho, accrescentou ás suas armas (as antecedentes) por empreza, dois peixes, nadando, em frente um do outro, sobre um côrvo, que abraça os escaques principaes. — Os peixes vão direitos a uma palmeira, que tem o distico de S. Paulo — SED UNUS ACCEPIT BRAVICEM.

Peixotos Cachos, appellido nobre em Portugal. — Diogo Lopes Peixoto, passou a viver na cidade d'Elvas, como administrador das fortificações d'aquella praça. Teve uma filha, por nome, D. Antonia Peixoto, que casou com Diogo Gomes Cacho, de cujo casamento, os seus descendentes vieram a unir os dois appellidos, sendo o primeiro que refere a Collecção dos titulos de genealogia (tomo 5.º da bibliotheca publica, fl. 111) Lopo Gomes Borralho Cacho Peixoto, ascendente

[1] Existiu até 1834, o concelho de Monte-Longo, que é o actual de Fafe. (3.º vol., pag. 132, col. 1.ª)

de Pedro Ayres Peixoto Cacho, que nomeia frei Manuel de Santo Antonio, ultimo reformador do cartorio da nobreza.

Trazem por armas—em campo verde, um braço, armado de prata, movente do lado esquerdo, tendo na mão, um punhal com a a ponta para baixo, ferro de prata e guarnição d'ouro. (Villas-Boas, diz *adága* e não punhal.)

O ultimo representante d'esta nobilissima familia, foi Antonio Peixoto Pinto Coelho da Silva Padilha Seixas Harcourt, senhor de Fermêdo, Alfena, Vieira, Rio-Meão, Quinta do Cedro (junto á Régoa), tendo grandes propriedades e fóros, no Porto, Lamego e outras partes, que lhe rendiam mais de 18 contos de réis por anno. Tudo perdeu ao jogo e em toda a casta de extravagancias, de modo que, quando tinha apenas 27 annos, já nada tinha de séu, fugindo (aos crédores) para o Brasil, onde se fez medico *raspaillista*, e é do que vive. Exemplo aos jogadores. Tem no reino, a esposa e dois filhos, quasi na indigencia!

A mulher, é a sr.ª D. Bertha Soares d'Albergaria, filha de José Soares d'Albergaria, já fallecido, e que foi coronel do exercito francez. Era senhor da casa de *Travanca*, no extincto concelho de Sanfins, hoje concelho e comarca de Sinfães.

Para o mais que se desejar saber d'esta familia, vide vol. 3.º, a pag. 167, col. 1.ª e seguintes.

PARDIEIRO, e **PAREDEIRO** — portuguez antigo — (o primeiro termo é ainda muito usado) casa derribada, em ruinas, deshabitada.

PARDILHÓ (antigamente *Pardilhô*) — freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros ao S. de Estarreja, 35 ao S. do Porto, 275 ao N. de Lisboa.

Tem 700 fogos.

Em 1757 tinha 470 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

O reitor d'Avanca apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É uma das maiores, mais populosas, ricas e ferteis freguezias da comarca. Produz todos os generos agricolas em abundancia, é fertil em lenhas e madeiras, e em variado peixe, do mar e da ria de Aveiro, que lhe fica proxima, ao O.

É n'esta freguezia a aldeia de *Fontella*, (proxima á da *Regedoura*, na freguezia de Vállega) onde se fabrica muita e a melhor telha e tijolo de Portugal.

A argilla (barro) extrahe-se debaixo da areia da costa, junto á capella de *Nossa Senhora de Entráguas*, 5 kilometros ao O. de Fontella.

O meio que empregam para a extracção do barro, é o seguinte—*Arregaçam* a areia, na altura de dois ou tres metros, até encontrarem uma camada de terra sólida, sob a qual está a argilla, em espantosa abundancia. É tão pura, que não precisa do minimo preparo, para se manufacturar.

Sobre a crusta de terra superior ao barro (que é terreno *secundario*, ou de aluvião) apparecem com muita frequencia, madeiros, mastros, e varios despojos de navios, o que prova que esta crusta formou por seculos a camada superficial da costa maritima, e que a areia a invadiu posteriormente.

A maior parte das madeiras aqui achadas, tira-se em tão bom estado de conservação, que se aproveitam para varias obras.

—

Ha n'esta freguezia uma boa philarmonica, creada em 1874, que já desempenha com maestria um soffrivel reportorio. No concelho, ha mais tres philarmonicas. Uma d'ellas, acompanhou o batalhão popular, ao Porto, em maio de 1846, na revolta da *Maria da Fonte*.

—

Aqui nasceu, e viveu, e aqui falleceu (em 28 de maio de 1875) Agostinho Luiz Pereira Valente, doutor em medicina pela universidade de Coimbra, da qual foi ornamento, sendo premiado no 3.º e 4.º anno. Era tambem um excellente musico.

Casou duas vézes, ambas, com senhoras pobres de bens da fortuna, porém ricas dos phisicos e moraes, e de uma modestia, religiosidade e resignação a toda a prova.

Dos dois casamentos teve oito filhos (de

ambos os sexos), que deixou na miseria e ao desamparo, assim como a sua viuva.

Como medico, era o doutor Valente um clinico distinctissimo e muito caritativo; sendo chamado, para doenças perigosas, de muitas leguas em redor. Curava os pobres gratuitamente, e os ricos pelo que elles lhe davam, mostrando-se tão satisfeito com o pouco, como com o muito.

Como homem, era bom pae, bom esposo e sinceramente catholico, sem superstição ou pedantismo; mas tinha um vicio, que foi a causa da sua morte prematura, da sua miseria na vida, e a dos seus, depois da sua morte. Embebedava-se com muita frequencia, a ponto de muitas vezes cahir da cavalgadura (que vinha ter á casa sem cavalleiro) e passar noites dormindo pelos caminhos!

Deu-se um facto com este homem, que ainda hoje faz arripiar os cabellos a quem conhece o sitio.

Hia elle para a villa d'Arouca, a uns 24 kilometros ao E. de Pardilhó, visitar certo doente. Em frente da freguezia de Varzea, no valle d'Arouca, ha um sitio denominado *Pedra Má*, na encosta septentrional de uma serra. Por este sitio passava um caminho de uns tres metros de largura, cortado a picão na rocha granitica. D'aqui para baixo, é o monte cortado quasi a prumo, ficando-lhe ao sopé, *a mais de 150 metros de profundidade*, uma levada do rio Arda.

O doutor Valente tinha de passar pela Pedra-Má; e como um irmão d'elle, que o acompanhava, visse que hia já soffrivelmente embriagado, instou para que se apeasse; mas elle, com o vinho, teimou em hir acavallo. Chegando ao ponto mais perigoso, cahe do cavallo, e vae rolando por aquelle precipicio, até á levada.

Verificou-me mais uma vez o rifão — *Ao menino e ao boracho, põe-lhes Deus a mão por baixo.* — O unico mal que lhe aconteceu, foi molhar-se dos pés até á cabeça.

Soffreu a doença de que falleceu (e que durou mais de um mez) com a maior resignação e piedade, conhecendo então o mal que se tinha dirigido, na sua vida, e pedindo perdão á espoza e aos filhos da miserrima viuvez e orphandade em que por sua culpa os deixava; e recebendo todas os sacramentos da Egreja, com a maior devoção, voou á eternidade, sem deixar na terra um só inimigo.

Os seus amigos lhe fizeram um decente funeral, a que assistiram 20 clerigos, a musica da freguezia, e grande numero de pessoas que o estimavam.

—

A requerimento dos povos de Avanca e Pardilhó, creou-se aqui uma delegação do correio (d'Estarreja) em fevereiro de 1876.

Foi um melhoramento ha muito reclamado, para utilidade publica.

PARECEROSA—vide *Amares.*

PARÊDES—serra, Traz-os-Montes, na freguezia de *Adouffe*, comarca e concelho de Villa Real.

Os srs. condes de Villa Real, Sebastião Botelho Machado de Queiroz, e João Botelho Machado de Queiroz, propaietarios, e moradores na freguezia de S. Pedro, de Villa Real, pediram ao governo, em janeiro de 1875, licença para explorarem as aguas d'esta serra, desde a propriedade das *Frágas da Escorregadia*, até ao sitio da *Fonte Fria* e ribeiro da *Cascalheira*.

Estas aguas são destinadas a abastecerem a importante população de Villa Real, a irrigação dos predios que atravessarem em todo o seu percurso, e os motores industriaes; fazendo-as conduzir ás fontes da villa.

PAREDES—villa, Douro, cabeça do concelho do seu nome, na comarca e 12 kilometros ao O. de Penafiel, [1] 32 a E.N.E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa.

Está na freguezia do Salvador, de Castellões de Cepêda, (Vol. 2.º, pag. 167, col. 2.ª)

O concelho de Paredes, como existia até 15 de junho de 1875, compunha-se de 23 freguezias, todas do bispado e districto administrativo do Porto—são:

Aguiar de Souza, Astromil, Baltar, Beire, Bésteiros, Christellos, Bitarães, Castellãos de

[1] E' cabeça de comarca, desde 16 de junho de 1875, pela nova divisão judicial.

Cepêda, Cêtte, Duas-Egrejas, Gândara, Gondalães, Lórdéllo, Lourêdo, Magdalena, Mouriz, Parada de Tódea, Rebordosa, Recarei, Sobreira, Sobrosa, Vandôma, Villa-Cova de Carros, e Villéla; todas com 4:200 fogos.

Este concelho deve considerar-se antiquissimo, se attendermos a que é o de Aguiar de Souza, a maior parte do qual, para aqui foi mudado, ou melhor, annexado, em 1821; mas tornou a separar-se, em 1828.

O julgado de Aguiar de Souza, ja tinha sido transferido para o Porto, em 1650, e depois, em 1770, passou a ser do julgado de Penafiel, quando esta cidade foi elevada a séde de bispado.

Este concelho não tinha juiz ordinario ,nem camara: tinha um ouvidor, nomeado pela camara do Porto, com trez escrivães e um meirinho. Conhecia das execuções.

Tinha mais um juiz dos orfãos, com seu escrivão, tambem nomeado pela camara do Porto, o qual, juiz, conhecia não só dos inventarios de menores e ausentes, e execuções de formaes de partilhas; mas tambem das acções respeitantas aos ditos inventarios.

Em tudo o mais, pertencia ás justiças do Porto, por estar d'entro das cinco leguas do seu districto.

E nem só por essa rasão se deve reputar muito antigo este concelho — tambem o é incontestavelmente, visto ser o antigo couto de Castellãos de Cepêda, que para aqui tinha mudado a sua capital, em 1770.

O benemerito regedor, provedor, e corregedor perpétuo do Porto, D. Francisco de Almada e Mendonça, que tantos e tão assignalados serviços fez a esta cidade, e ao então chamado *Partido do Porto*, mandou construir n'esta villa, uma optima casa da camara, com bôa cadeia, pelos annos de 1780.

Tambem foi este magistrado, e pelo mesmo tempo, que obteve para a povoação de Paredes, a cathegoria de villa, o que foi confirmado pelo alvará de 31 de janeiro, e carta regia de 7 de fevereiro, de 1844.

Em 1834, por simples concessão dos prefeitos, então nomeados, se formou o novo concelho, denominado de Parédes [1] á custa do concelho de Aguiar de Souza, couto de Castellãos e honra de Baltar; mas, parte das freguezias do de Aguiar, foram formar o novo concelho, que então se creou, de Lourêdo, que era *honra*, e ao qual ficaram pertencendo as freguezias de Beire, Gondalães e Lourédo.

Era tambem julgado, com juiz ordinario, camara, escrivão, etc.

Este ultimo concelho e julgado poucos annos durou.

—

O ultimo juiz ordinario que teve este julgado, de Paredes, até ser elevado a comarca, foi o sr. doutor, Manuel Antonio de Carvalho Lamas (feito em 1873) illustrado simpathico cavalheiro, natural do Poço das Patas, freguezia do Bom-Fim, da cidade do Porto.

—

O concelho de Aguiar de Souza que se uniu a este, era vastissimo, pois, principiando na ponte de Cepêda (sobre o Souza) ao N. E., na margem do rio, freguezia de Castellãos, e proximo a Penafiel, terminava a O., na freguezia de S. Martinho do Campo, hoje concelho de Vallongo.

Contornava a honra de Baltar (da casa de Bragança) e comprehendia o actual concelho e julgado de Paços de Ferreira e varias honras e coutos, ao todo 48 freguezias.

Era portanto d'este concelho, todo o valle do Souza, desde a margem esquerda do rio Souza (na direita do Douro) até ás serras de Freamemde, Baltar e Vandôma.

—

Se examinarmos attentamente os factos, póde dizer-se que este concelho é ainda o de Aguiar de Souza; porque, desde o

[1] E' mais proprio dizer-se que o concelho d'Aguiar de Souza ficou subsistindo, mas que se lhe mudou a sua capital para Paredes.

seculo XVI, que a sua capital foi a povoação de Paredes, e por isso se foi pouco a pouco deixando de dar-lhe a denominação de concelho d'Aguiar, para lhe chamarem concelho de Paredes—caso que se dá em outros concelhos d'este reino.

—

A área do actual concelho, é vasta, e comprehendida entre os rios Ferreira e Souza.

Tem importantes mercados mensaes, e o seu commercio de gados (sobre tudo, o que exporta para Inglaterra) faz entrar no concelho annualmente, muitos contos de réis.

Tambem exporta muitos cereaes.

Os seus edificios publicos, as suas ruas e praças, tudo bem alinhado e arborisado, contribuem para o embellezamento da villa, que é uma das mais risonhas, bem situadas e aprasiveis do districto; e com um clima saluberrimo.

Possue um dos melhores edificios escolares modernos, do reino; composto de trez casas unidas, mas distinctas, e collocadas no alto de um pavimento, todo cercado e fechado, por um muro, que, pela sua construcção, realça a belleza e imponente aspecto d'este magestoso edificio; construido por donativos, em 1868.

Tem uma estação municipal, desde o mesmo anno de 1868.

O concelho é cortado pelo caminho de ferro do Douro, tendo proximo á villa, uma estação de 2.ª classe, e mais duas, nas freguezias de Cétte e Recarei, d'este concelho.

Tambem passa pelo centro do concelho, a estrada real, a mac-adam, numero 33, do Porto a Amarante, e d'ahi para Traz-os-Montes.

Ha já construidas duas importantes estradas municipaes, outras em construcção e algumas em estudos.

Talvez vá ter uma casa pia. (Vide *Paço de Souza*, no fim.) [1]

[1] Depois de publicado o artigo de *Paço de Souza*, a junta de parochia e povo d'esta freguezia, oppôz-se ao decreto que manda fundar a casa-pia em Paredes, requerendo ao governo a rovogação do decreto, e que o testamento seja cumprido. Talvez se faça justiça.

Nas freguezias de Cétte e Villela, existem dois antigos mosteiros; um que foi de gracianos, e outro de cruzios. (Vide vol. 2.º, pag. 259, col. 2.ª, no fim—e *Villela*.)

—

Em 1809, na retirada do exercito francez, foi, no logar de Cepéda, que largaram o fogo á polvora e encravaram a artilheria que não podiam conduzir.

—

No logar de Ponte Ferreira, freguezia da Gândara, d'este concelho, se feriu a primeira batalha. entre as tropas realistas e liberaes, a 22 e 23 de julho de 1832. (Vide *Ponte Ferreira*.)

O melhor edificio da villa, são os sumptuosos paços do concelho, em que já fallei, obra do regedor perpétuo do Porto, D. Francisco d'Almada e Mendonça (vide *Olivaes*) para as justiças do antigo concelho d'Aguiar de Souza, sessões da camara, cartorios dos escrivães, cadeias, etc.—occupando um dos dos lados praça, no centro da villa, tendo ao lado uma bonita capella.

A egreja matriz, do Salvador, tem de um lado a residencia parochial, que é sufficiente e commoda, e do outro, a casa dos Coelhos da Silva, chamados vulgarmente, os *fidalgos da Egreja*, cuja ultima descendente foi D. Marianna Coelho da Silva de Barbosa, 2.ª prima, do nosso esclarecido escriptor publico e illustre parlamentar, o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

A casa passou, por diversos contractos, para a familia do abbade, D. José de Noronha Mello e Faro, e para os Albuquerques, de Villa Bôa de Quires, e hoje pertence, por compra, ao sr. doutor, José Guilherme Pacheco, contador da relação do Porto, e deputado na actual legislatura.

N'esta villa esteve, durante o cêrco do Porto, de 1832 a 1834, a commissão mixta, á qual presidia o marechal de campo, visconde da Asênha, e que, quando falleceu, foi substituido pelo coronel, Antonio das Povoas e Brito, irmão do tenente general, Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Povoas.

Pertencia a esta commissão, o coronel Lacerda, e o magistrado, José Bernardo de Faria Blanc, pae do sr. Hermenegildo Augus-

to de Faria Blanc (feito visconde de camarate, em 25 de maio de 1870) e de seus irmãos.

Esta commissão fôra creada, para julgar os suspeitos de terem relações com os cercados.

Houve em Paredes, por muitos annos, professor regio de latim, que foi, Joaquim Peixoto Cabral e Castro, excellente latino, e que foi mestre do referido academico, o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

(Este cavalheiro passou n'este concelho a sua infancia e adolescencia.)

—

Ao sahir da villa, para o lado do Porto (O.) ha junto á estrada, uma fonte, d'agua purissima e fresca, chamada *Fonte Sagrada*. Ignora-se a causa d'esta denominação.

—

Antigamente vinham a Paredes, manadas de potros hespanhoes, que eram aqui comprados por criadores, da villa e immediações, com o que faziam bom negocio.

—

A Misericordia de Penafiel, foi fundada pelo doutor, Amaro Moreira, abbade de Ermêllo, natural d'este concelho, nascido na casa da *Lousa*, na antiga honra de Baltar, e varios genealogicos o fazem descendente de Affonso Furtado de Mendonça, anadél-mór dos bésteiros, remontando facilmente d'este, aos senhores de Biscaia — parece-me pouco provavel — o que não soffre duvida, é ser elle (doutor Amaro) o fundador da Misericordia de Penafiel; e que de um dos numerosos irmãos que teve, descende o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, e outras familias muito distinctas.

Do irmão a quem deixou o padroado da Misericordia, com cadeira de espaldar, na capella-mór, para se sentar, quando lá fosse, é representante o sr. Ignacio Correia Leite d'Almada (feito conde da Asênha, em 12 de junho de 1855) por sua avó materna.

E' de outro irmão que procede a mãe do sr. Teixeira de Vasconcellos, a qual conservou o appellido Moreira.

Na quinta de *Coura*, em Bitarães, d'este concelho, estava no portão, o escudo d'armas da familia d'esta senhora, que eram Souzas, Moreiras, Rochas, e Barbosas.

Manuel Pedro Guedes, da Avellêda; os Meyrelles, do Porto; os morgados da Folha, em Penafiel; e muitas outras familias, procedem d'estes Moreiras, cuja descendencia, *alta e baixa*, encheu a ribeira do Souza.

Em memoria do fundador da Misericordia, de Penafiel, houve n'esta familia, varios tios do sr. Teixeira de Vasconcellos, com o nome de Amaro.

Um d'elles, foi o padre Amaro Manuel de Souza (de Coura) 9.º prior da Branca, irmão do 3.º avô do sr. Teixeira de Vasconcellos.

Aquelle prior é geralmente reputado por santo, entre o povo da freguezia da Branca, e immediações.

(D'elle faço menção—assim como de seu sobrinho, o conego regrante de Santo Agostinho, do mosteiro de Grijó, D. Manuel da Madre de Deus de Souza Barbosa, que lhe succedeu no priorado. — Col. 2.ª de pag. 352 d'este volume.)

—

No dia 3 de janeiro de 1875, foi benzido o novo cemiterio de Paredes.

Assistiram ao acto, a camara municipal e as auctoridades.

—

Cumpre-me aqui fazer honrosa mensão, do sr. doutor, Antonio de Araujo Pinto Cabral, dignissimo administrador actual d'este concelho.

Além de ser um magistrado probo, esclarecido e sollicito, honra-se em mostrar-se francamente catholico.

Tem feito respeitar os parochos e clero do seu concelho, e todos os actos religiosos aqui praticados; e prohibido rigorosamente a representação de comedias em que a religião do estado—que é a catholica apostolica romana—seja escarnecida e ultrajada.

—

Na *Abelheira* e na Bouça-Velha, d'este concelho, ha minas de antimonio.

Foi declarado seu descobridor legal, em novembro de 1875, o sr. Alonso Gomes.

—

Ha aqui dois mercados mensaes, um no 1.º de cada mez, de tempos immemoriaes, outro moderno a 18.

A 2 de maio, tem uma feira de cavalgaduras.

—

Teve até 1834, sargento-mór, com duas companhias de ordenanças.

Já a estrada antiga, do Porto para Amarante, passava pelo meio da villa, e pela frente da *casa do foral*, atravessando o rio *d'Asnes*, d'ahi a um kilometro, por uma bôa ponte de cantaria, de um só arco; e d'ahi a outro kilometro, o rio Souza, pela antiquissima *ponte de Cepêda.*

A estrada a mac-adam, passa a S.E. da povoação, atravessando, pouco a baixo, o rio Souza (que divide este concelho do de Penafiel) por uma ponte novamente construida.

A estrada de ferro do Douro, e na qual se trabalha afanosamente, desde o 1.º de julho de 1873, tambem atravessa este concelho, cortando a estrada de mac-adam, e vae, por entre o Souza e a estrada antiga, passar, a pouco mais de um kilometro, abaixo da ponte de Cepêda, para o que estão em construcção duas pontes, uma sobre o rio d'Asnes, e outra sobre o Souza.

Em um espaço triangular, estão cinco pontes, á vista umas das outras, duas antigas e tres modernas.

(Para o seu foral, vide Aguiar de Souza —que é o d'este concelho.)

PAREDES—freguezia, Douro, concelho, comarca e proximo de Penafiel, 35 kilometros ao N.E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa, a mitra, e os monges benedictinos de Paço de Souza, aprasentavam alternativamente o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

PAREDES—villa, Douro, que existiu a 6 kilometros ao N. de Maiorca.

Foi fundada por D. Diniz I, que lhe deu foral em Coimbra, a 17 de dezembro de 1282. (*L.º 1.º de Doações do rei D. Diniz*, fl. 61 verso, col. 1.ª—e outro dado pelo mesmo rei, em Coimbra, a 29 de setembro de 1286.—*L.º 1.º de Doações do rei D. Diniz*, fl. 176 verso, col. 1.ª)

Progrediu muito esta villa, até 1500; mas então, as areias do mar a foram invadindo e arrazando, pelo que se despovoou, hindo os seus moradores fundar, ou reedificar a villa da *Pederneira*, ficando aqui, por unica memoria, a capella de Nossa Senhora da Victoria, a casa do eremitão e um moinho.

Era uma povoação de 600 fogos.

—

D. Diniz, teve em vista, na fundação d'esta villa, defender este sitio da costa, das invasões dos piratas africanos e granadinos.

Escolhêra este logar, 12 kilometros ao N. da Pederneira, por haver aqui um porto (que as areias tambem entupiram) acommodado para a pesca e para o commercio.

Quando o rei estava em Leiria (que fica 18 kilometros a E.) vinha aqui muitas vezes á caça, do que então era muito abundante este territorio.

O 1.º foral, que é uma *carta de povoação*, é para 30 moradores, que eram obrigados a ter seis caravellas, ao menos, prepadadas para a pescaria.

E, para que os novos povoadores *acommodassem* as suas casas, lhes mandou dar um moio de trigo a cada um.

Por mais de 200 annos, foi a villa de Paredes uma povoação de bastante importancia; porém os ventos, que aqui são fortissimos, foram arremeçando com tanta força as areias sobre a povoação e o porto, que tudo ficou arrazado.

Julga-se que a capella de Nossa Senhora da Victoria, foi mandada construir pelo mesmo rei, para matriz da freguezia, e que a invocação de Victoria, foi por alguma aqui alcançada contra os mouros.

E' esta Senhora objecto de muita devoção dos povos da redondeza, e a sua capella ainda bastante concorrida de romagens.

No dia da sua Natividade (8 de setembro) se lhe faz a sua festa principal.

Os frades d'Alcobaça, recebiam os rendimentos d'esta capella, com a obrigação de dizerem aqui uma missa quotidiana, por alma de D. Pedro I.

Foi-lhes feita esta doação, pelo rei D. Fernando, filho d'aquelle monarcha.

PAREDES—villa, Minho, capital do concelho de Coura (e porisso, e para a distinguir das outras povoações do mesmo nome, se chama vulgarmente *Paredes de Coura*) 45 kilometros ao O.N.O. de Braga, 405 ao N. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757 tinha 155 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção) comarca de Vallença.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira, apresentavam o abbade que tinha 350$000 réis de rendimento.

(E' precizo ver *Coura*, no 2.º vol., pag. 413, col. 1.ª e seguintes.)

O concelho de Coura é composto de 21 freguezias, todas no arcebispado de Braga—são:

Agua-Longa, Bico, Castanheira, Cristéllo, Cossourado, Coura, Cunha, Ferreira, Formariz, Infesta, Insalde, Linhares, Mazellas, Padornéllo, Parada, Paredes, Porreiras, Rézende, Romarigães, Rubiões, e Vascões—todas com 3:000 fogos.

(Desde 1876, é cabeça de comarca. No fim d'este diccionario hirá a nova divisão judicial.—Vide a nota em normando, a pag. 444, col. 2.ª, do 4.º volume.)

—

Tem uma bôa capella do Espirito Santo, com uma irmandade, que é das maiores do reino.

—

E' n'esta freguezia a nobre e antiga casa do sr. D. Antonio Telmo de Menezes Medina da Cunha e Azevedo.

—

No centro d'esta povoação, e cercada de mattas e de optimas terras cultivadas, acha-se a antiga casa apalaçada, dos Pereiras da Cunha.

Entra-se por um grande pateo, onde está a capella e onde ha duas fontes.

O terreno, em que foram, n'outro tempo, os jardins, e em cuja extremidade ficam os paços do concelho, cedeu-o generosamente, por muito menos do seu valor, o actual proprietario, o sr. Antonio Pereira da Cunha para lá se fazer um hospital.

Seu avô ainda casou e viveu n'esta casa, que era cabeça de um dos principaes morgados da familia, a qual é oriunda do concelho, e n'elle tem o seu solar, na freguezia de Cunha. (Vide *Collina*, a pag. 361, e as duas *Cunhas*, a pag. 457, do 2.º vol.—Vide tambem — *Os Cunhas* — a pag. 364, do 4.º vol.)

Fallei já, nos logares indicados, na nobilissima familia dos Cunhas; porém obtendo mais esclarecimentos sobre a materia, e encontrando documentos authenticos, que li detidamente, e pelos quaes se prova a quem pertence incontestavel e verdadeiramente o senhorio do dito solar e torre da Cunha, os transcrevo n'este logar.

A torre da Cunha, está hoje reduzida a um quasi montão de ruinas, coberto de heras, e por entre ellas muito a custo se descobrem as armas dos Cunhas, e umas inscripções, que alludem á sua reedificação, feita, primeiramente pelo governador, Francisco da Cunha, e depois por Antonio Pereira da Cunha.

Este solar, ou *paço*, antiquissimo, pertenceu, como disse e imprimiu, no Titulo de Cunhas, o mais erudito genealogico contemporaneo, (n.º 39), *a Fernão Martins da Cunha, filho segundo de Martim Lourenço da Cunha, a quem el-rei Dom Fernando o tirou, assim como as terras de Silvares e Vidigal, na Beira; sendo mais tarde restituido a Vasco Fernandes da Cunha, filho do referido Fernão Martins da Cunha e de sua mulher D. Margarida Martins de Souza, o qual é o tronco dos Cunhas, de Coura.*

—

Sebastião Pereira da Cunha e Castro, fidalgo da casa real, capitão de cavallos, na provincia do Minho, natural da freguezia de Parêdes—onde teve a sua companhia—e casado com D. Maria Thereza Lobo de Sotto-

maior, pela qual vieram depois á sua descendencia os vinculos dos Lobos, de Vianna, (e bisavô do actual representante d'esta familia) requereu a D. João V, em 23 de novembro de 1735, que lhe mandasse dar posse da torre e casa solar dos Cunhas, na freguezia da Cunha, de Coura.

O supplicante justificou e provou legalmente, ser filho legitimo, e universal herdeiro de Antonio Pereira da Cunha, fidalgo da casa real, mestre de campo de auxiliares, e de sua mulher D. Maria de Castro Pitta de Anuncivay, (da casa de Caminha); que lhe pertenciam a torre e solar dos Cunhas, no logar do Outeiro, da freguezia da Cunha, feita por seus ascendentes, e mandada reedificar por seu pae.[1]

Esta justificação, tinha sido feita mesmo na freguezia da Cunha, pelo juiz ordinario de Coura, Francisco Pereira de Castro, em 12 de novembro do mesmo anno de 1735; e tomou posse judicial, em 24 do novembro seguinte.

—

Li tambem entre os papeis, que compulsei, os traslados, mandados tirar pelo dito Sebastião Pereira da Cunha e Castro, dos testamentos, com que falleceram os seus antepassados, Fernão Gonçalves da Cunha, e seu filho Ruy Fernandes da Cunha, pae de Sebastião da Cunha, que *morreu na batalha, com el-rei Dom Sebastião* (em Alcacerkebir).

Em ambos esses documentos, declaram os testadores, serem senhores da torre e casa solarenga de Cunha; e no primeiro (feito ainda na freguezia de Cunha, a 25 de julho de 1539) pede o dito Fernão Gonçalves da Cunha aos seus herdeiros, que tratem de resgatar a referida torre, que elle tinha empenhado por certa quantia a João Jacques de Vasconcellos, o *que muito lhe encommendava, por ser antiguidade de sua casa.*

O mesmo se certifica, relativamente a Francisco da Cunha, governador de Musoes, na Nova Granada (America do Sul), commendador da Ordem de S. Thiago da Espada, na carta de brazão d'armas e da nobreza, que Filippe IV lhe mandou *renovar* pelo rei d'ar-Portugal, em 16 de novembro de 1636, e do qual o mencionado seu descendente, Sebastião Pereira da Cunha e Castro, pediu se lhe passasse novo traslado, por *estar damnificado o antigo,* e *para se não perderem as memorias, que n'elle se contém.*

Era Francisco da Cunha filho legitimo de Ruy Fernandes da Cunha e de D. Victoria da Cunha, residentes na freguezia do Bico, já então do concelho de Coura, mas do julgado de Fraam (Fraião) comarca de Ponte do Lima. (Vide *Bico*, a pag. 399, col. 1.ª do 1.º vol.)

Foi neto paterno de Fernão Gonçalves da Cunha, e de D. Brites Annes, naturaes das freguezias de Cunha e Bico, cujas terras eram coutos ecclesiasticos, por marcos, dos reis de Portugal, como tambem o foram as terras d'Affonso Rodrigues de Magalhães, 3.º avô de Francisco da Cunha, e outros seus ascendentes por varonia, *que todos foram fidalgos de solar, e dos verdadeiros Cunhas e Magalhães, familias illustres e antigas d'estes reinos, e sempre se trataram, como elle supplicante* (Francisco da Cunha) *com cavallos, criados, escravos, e muita gente, conforme a qualidade de suas pessoas; e serviram aos reis d'este reino, em todas as guerras e occasiões que n'elle houve, e nas conquistas: sem nunca em tempo algum terem em sua geração fama alguma de mouro nem judeu, nem d'outra infecta nação. E elle supplicante, é commendador da commenda de Gumiel, cita entre a Portella e aquelle districto: e é cavalleiro do habito de S. Thiago, armado.*[1]

Este brazão d'armas, era o antigo, das linhagens dos Cunhas e Magalhães, *para se não extinguir a memoria dos ditos seus as-*

[1] Diego Lopes Anuncivay, fidalgo gallégo, foi ascendente dos Pittas, de Caminha, e fundador do seu solar n'esta villa, no seculo XV. Ainda existe o mesmo paço que elle fundára, na praça do Terreiro, de Caminha. É hoje representante d'esta nobre e antiga familia, o sr. doutor, Rodrigo de Menezes Pitta de Castro, par do reino; irmão do sr. José de Menezes Pitta de Castro, coronel do exercito, e feito barão de Proença a Velha, no 1.º de julho de 1863.

[1] Tudo quanto n'este artigo fôr sublinhado, é extrahido fielmente (menos a orthographia) da *Carta de Nobreza* d'esta familia.

cendentes e sua antiga linhagem, e para d'elle usar, e gosar todas as graças, mercês, privilegios e dignidades, que gosaram os seus ascendentes, e para entrar com as ditas armas em todas as funçoens militares, asim de paz, como de guerra, em todas e quaesquer festas de cavallaria, justas e torneios, segundo o costume dos fidalgos, e nobres deste reino, assim nas cousas graves e de necessidade, como nas voluntarias e de passatempo, e as poderá trazer pintadas, e bôrdadas, nas bandeiras, pendões, estandartes, e reposteiros, e trazer em seus formaes, e baixellas, e as poderá pôr em seus edificios, esquinas, portadas, e janellas; e finalmente as poderá fazer abrir, e esculpir sobre sua sepultura.

No livro 1.º das *Honras e Valias*, d'Além-Douro, a fl. 272, se lê o seguinte:

«Da freguezia do Bico, *vencemar devasso* [1] salvo o herdamento de Affonso Rodrigues de Magalhães, etc.» E adiante se vê que Francisco da Cunha, era senhor da casa e torre solarenga, sita no logar do Outeiro, freguezia de Cunha.

No livro da *Nobreza*, que está na torre do tombo, a fl. 10, vem as armas dos Cunhas, que são — em campo d'ouro, nove cunhas de azul, em tres faxas, e por orla, em campo de púrpura, cinco escudêtes das armas reaes de Portugal.

—

O actual possuidor, por varonia, da torre e solar da *Cunha*, e da casa de *Portozêllo*, é o nosso inspirado poeta e prosador distincto, o sr. Antonio Pereira da Cunha.

É filho de Sebastião Pereira da Cunha, fidalgo da casa real, coronel de milicias de Vianna, e que commandou, com muita distincção, durante a guerra peninsular, um dos batalhões da *União*—e de D. Anna de Agorreta Pereira de Miranda, da casa do Paço d'Anha (onde esteve escondido, depoisda derrota da ponte d'Alcantara (25 d'agosto de 1580) Dom Antonio, prior do Crato, até que embarcou para França no cáes de Darque); e é neto paterno de Antonio Pereira da Cunha, fidalgo da casa real, e de D. Maria Joanna de Mello Pereira e Sampaio, da casa de Pombeiro, junto a Guimarães.

Teve, ainda em tempo d'el-rei D. João VI, e sendo de quatro annos de edade, o filhamento, que lhe competia. Casou com a sr.ª D. Maria Anna Machado de Castello Branco, filha dos srs. condes da Figueira.

D'este matrimonio nasceu o sr. Sebastião Pereira da Cunha (mimoso poeta, já bem conhecido), casado com sua prima co-irman, a sr.ª D. Maria Amalia d'Almada Pereira Cyrne, filha dos srs. condes d'Almada, da qual já tem um filho, chamado Antonio, e que vem a ser tambem duodecimo neto, por varonia, de Garcia Rodrigues de Caldas, mencionado pelos genealogicos.

—

Entre os morgados, que administrava o mencionado chefe d'esta familia, na época da abolição (1860), não era o menos importante o que fôra instituido por Antonio Pereira da Cunha, do conselho de sua magestade el-rei D. João VI, seu secretario de guerra, e commendador professo na Ordem de Christo, o qual morou em Lisboa, na travessa a que deu o nome, [1] e n'um palacio, queimado, depois, por occasião do grande terramoto, e de que ainda existem restos, junto ao theatro do Gymnasio.

A casa dos Pereiras da Cunha, que possue terras, não só na freguezia de Cunha, mas tambem em outras do concelho de Coura, tinha o seu jazigo de familia, n'esta povoação de Paredes, na egreja do Espirito-Santo, da qual ha communicação para o pateo da casa. Sobre a tampa d'elle estavam as armas dos Cunhas, como as deixo descriptas.

—

Em 1874, se fundou n'esta villa um bonito theatro, onde já se teem dado varias representações.

—

N'esta freguezia, e parente das familias Cunhas e da de Mantellães, se baptisou a 15

[1] Propriedade, ou territorio de todos, e que tinha o privilegio de não poder ser coutada.

[1] *Travessa do Secretario de Guerra*, á Trindade.

de março de 1598, Thomaz Rodrigues da Cunha, filho de Barthazar Pereira e D. Maria da Cunha, da casa de *Lisouros.* Em 1617, embarcou para a India, com D. João Coutinho, conde de Redondo, e n'aquelle estado fez grandes serviços a Portugal, como esforçado capitão.

Depois, desenganado do mundo, se fez frade carmelita, na cidade asiatica de *Tata*, (reino de Sindo, no imperio do grão-mogól) mudando o nome para frei Redemptor da Cruz. Era um varão de muitas virtudes.

De Gôa, foi na embaixada ao rei de Achem (ilha de Sumatra) e ahi foi martyrisado pelos gentios, em novembro de 1638, tendo apenas 40 annos de edade. (*Chron. do Carmo*, tom. 2.º, liv. 6.º, cap. 44.)

PAREDES—Vide *Meadella.*

PAREDES—Villa, Beira-Alta, comarca, concelho e 11 kilometros de S. João da Pesqueira (foi da comarca de Taboaço, concelho de Trevões, e mais antigamente, foi cabeça de um concelho, formado por esta freguezia e pela de Rio d'Ades, que lhe fica a 4 kilometros. Era então da comarca de Pinhel.) 36 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 320 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Para a distinguir das outras povoações do mesmo nome, se lhe dá o de *Paredes da Beira.*

A universidade de Coimbra apresentava o reitor, collado, por concurso. Tinha 80$000 réis de rendimento e o pé d'altar. (Em tempos remotos, foi curato annexo á egreja de Rio-d'Ades.)

É povoação antiquissima. D. Affonso Henriques lhe deu foral, sem data, (*Maço 8.º de foraes antigos*, n.ºs 3 e 5—*Maço 9.º* dos mesmos, n.º 7—*Maço 12.º* dos mesmos, n.º 3, fl. 14, e col. 2.ª, fl. 21, col. 1.ª, e fl. 54 v., col. 2.ª—No liv. 2.º de doações de D. Affonso III, fl. 67 v., e no liv. de foraes antigos de leitura nova, fl. 49, col. 1.ª, fl. 65, col. 1.ª, e fl. 69, col. 1.ª)

Veja-se outro, dado a 6 de abril de 1198, por D. Sancho I, confirmado em Guimarães, por D. Affonso II, a 4 de junho de 1218. (Maço 9.º de foraes antigos, n.º 12.—Veja-se mais outro foral, dado no mez de junho de 1257, por D. Affonso III, no Maço 9.º dos mesmos foraes antigos, n.º 8, fl. 11, e no liv. de foraes antigos de leitura nova, fl. 107, col. 1.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 15 de dezembro de 1512. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 47 v., col. 1.ª)

—

Está situada em um alto, e seu territorio, a 3 kilometros da margem direita do rio Távora, posto ser excessivo, é muito saudavel. Da villa, e, principalmente, do logar chamado *Praça dos Mouros,* que lhe fica sobranceiro, se gosa um vasto horisonte, e se vêem muitas povoações da Beira-Alta e de Traz-os-Montes, sendo as principaes—Donéllo, Provezende, Celleirós, Taboaço, Paradella, Chavães, Riodades, Sendim, Villar; e as serras do Marão e Estrella.

A villa não tem bellezas que surprehendam, mas é uma povoação bonita, com boas casas, de familias nobres e ricas, avultando entre aquellas, as dos srs. Azevedos, e o Sanctuario que lhes pertence, da invocação de Nossa Senhora da Assumpção e dos Santos Martyres—um dos mais notaveis da provincia, e mesmo do reino. Foi fundado pelos annos 1750, pelo doutor José d'Azevedo Vieira, cavalleiro professo, da ordem de Christo, desembargador da relação do Porto, capitão-mór e senhor dos direitos reaes d'esta villa, de Riodades e Valle de Penella, fidalgo cavalleiro, etc.

Era filho de Sebastião Vieira da Silva, descendente de Alvaro Pires, corregedor da côrte de D. Affonso V, e de D. Luiza d'Azevedo, filha de Thomé d'Azevedo, sobrinho de D. Acurcio de Santo Agostinho, fundador do collegio da Sapiencia em Coimbra, e geral dos conegos regulares: era descendente dos Sousas, da casa da Barca, e dos senhores do couto d'Azevedo, solar d'este appellido, e das villas e terras de Bouro, Riba-Homem, Jalles, Aguiar da Pena, S. João de Rey, etc.

Em agosto de 1699, casou José de Azevedo, n'esta villa de Paredes, com sua prima,

D. Luiza da Costa, filha de Francisco da Costa Rebello e de D. Bibiana da Fonseca, da mesma villa, descendentes dos restauradores de Portugal, que ajudaram o conde D. Henrique e os nossos primeiros reis a expulsar os mouros, e lhes tomaram muitas terras, villas e praças, sendo uma d'ellas esta mesma de Paredes, como se vê do timbre das armas d'esta casa — *duas chaves* — symbolisando as chaves d'esta praça, tomada por elles aos mouros, batendo-se como heroes ao lado dos dois valentes caudilhos dos christãos, ascendentes dos Távoras — D. Thedon e D. Rauzendo.

Diz-se que os donos d'esta casa ainda possuem as proprias chaves de ferro, tomadas com a praça, aos mouros.

José d'Azevedo, depois de exercer altos cargos em Lisboa, Porto, Coimbra, Lamego, Barcellos, Villa do Conde e Aveiro, recolheu-se a esta sua casa de Paredes, e pôz o remate á sua capella e Sanctuario, onde collocou os corpos inteiros dos santos Felix e Paulo, com *mil setecentas setenta e uma reliquias*, todas diversas, que obteve do papa Bento XIV (por intervenção do famoso cardeal d'Alpedrinha, D. Jorge da Costa), sendo a sua dedicação celebrada a 24 de setembro de 1746, com pompa extraordinaria e numeroso concurso de fieis, obrigando o dito senhor ao culto d'este sanctuario os seus bens e morgado, e os direitos reaes de Paredes e seu termo, com prévia auctorisação d'el-rei D. João V.

A capella d'este sanctuario é de granito, primorosamente trabalhado, e a cruz que a decora tem ornatos de muito merecimento e primor. É a mais bonita cruz de pedra, que ha em toda a provincia.

No alto do throno, ha um quadro a oleo, representando a Assumpção de Nossa Senhora; dizem ser pintura original, e valer mais de quinhentos mil réis, apezar de ter pequenas dimensões.

É este sanctuario isento da jurisdição parochial e episcopal, por breve de Bento XIV, de 15 d'agosto de 1747, e n'elle o unico ordinario é o romano pontifice e o seu nuncio em Portugal. Os capellães são livremente nomeados pelo padroeiro, e quanto ao serviço do culto, ficam isentos do bispo da diocese, e sujeitos só ao papa; podendo inclusivamente, sem licença do seu bispo, annunciar e publicar quaesquer graças, privilegios e indulgencias que forem concedidas ao sanctuario.

Só no primeiro anno da sua dedicação se celebraram alli mais de mil missas, sendo 47 solemnes.

São extraordinarias as indulgencias concedidas por diversos pontifices a este sanctuario, e que podem lucrar os fieis em muitos dias de todos os mezes do anno, e indulgencia plenaria a 2 de fevereiro, 3 e 24 de junho, 15 de julho, 15 d'agosto e domingo immediato, 8 e 24 de setembro, domingo 2.º d'outubro e 8 de dezembro.

O altar-mór é privilegiado *in perpetuum*, e n'elle póde conservar-se e expôr-se o Santissimo, á vontade do padroeiro e capellães.

Gosa tambem este sanctuario, como poucos, o titulo de *pontificio* e *real*, como provam as armas abertas em granito, que se vêem na frente da capella, e n'ellas o brazão dos Azevedos, formando um todo com as armas reaes e pontificias.

É finalmente este sanctuario, um monumento notavel da piedade, riqueza e valimento d'uma nobre familia, e da generosidade dos nossos reis e dos romanos pontifices.

Ha muitos annos que esta capella e casa contigua, (denominada — *quinta d'Azevedo*), teem estado entregues a caseiros, porque seu dono e penultimo representante, o sr. Marianno de Lemos d'Azevedo Carvalho e Souza, residia na sua casa e quinta do Ribeiro (hoje na sua formosa vivenda de Villa Nova d'Ourem), e por isso o culto do sanctuario tem estado amortecido; mas hoje, por cedencia de seu irmão mais velho, o sr. Marianno de Lemos, esta casa pertence ao sr. Antonio de Lemos Azevedo, que aqui habita (casado e com successão), e melhores dias vão por certo raiar para o sanctuario. [1]

[1] Concluirei por consignar um facto interessante: todos os annos affluem ao sanctuario, vindo por vezes de distancias consideraveis, pessoas e gados mordidos por cães hydrophobos, e alli comem pão benzido com as

Esta freguezia é fertil. Produz cereaes com abundancia, algum vinho e azeite, e cria bastante gado lanigero; o vinho porém é aspero, excepto o da margem do Távora, onde tem bonitos vinhedos, mas em pequena extenção, porque a maior parte das margens do Távora, nos limites d'esta freguezia, são incultas e escalvadas, e um acervo de penedos, principalmente defronte dos castellos dos Cabris, que ficam na margem fronteira, nos limites da freguezia de Sendim. (Vide *Cabris* e *Sendim.*)

É antiquissima esta povoação, e na eminencia contigua, tiveram os mouros (e talvez já os godos e romanos) uma fortaleza importante, da qual se vêem ainda imponentes ruinas.

Esta parte da provincia da Beira-Alta, é muito penhascosa e accidentada, e a cada passo por alli se encontram ruinas de castellos e sitios muito defensaveis, mas poucos tão bem talhados, como aquelle, para uma grande fortaleza, e creio que o emir ou rei de Lamego não tinha outra mais consideravel no seu districto. Foi-lhe tomada por astucia e surpreza em uma manhan de S. João, como escreveram fr. Bernardo de Brito e outros, e como é voz constante ainda entre os povos d'aquelles sitios.

Quando D. Thedo (ou Thedon) e D. Rauzendo, ascendentes dos Tavoras e descendentes dos reis de Leão, batiam com denodo e vantagem os mouros no reino de Lamego, e já lhes haviam tomado muitas terras e castellos, não podendo arrostar com esta praça, como bons guerreiros que eram, appellaram para a astucia, e sabendo que elles na manhan de S. João, corriam todos em tropel a banhar-se, muito calculadamente se emboscaram, e quando os mouros de Paredes da Beira, despreoccupados e alegres, se banhavam no Távora, cahiram sobre elles e os trucidaram; e correndo logo á praça, que ficára quasi sem guarnição, a tomaram, sendo tal a matança, no valle por onde desceram a banhar-se no Távora, e onde se empenhou mais rija a lucta, que (diz a tradição local) se contavam depois da batalha mouros mortos aos mil, e por isso se ficou denominando aquelle sitio — *Valle-de-a-Mil* — nome que ainda hoje conserva.

reliquias, não havendo memoria de caso algum de hydrophobia perigosa, em pessoa ou animal, que alli tenha hido e comido o dito pão.

Fui *com imminente risco de vida* — até o terceiro dos celebres castellos dos Cabris — estive em Paredes da Beira — visitei as ruinas da antiga praça — vi de perto o *Valle a Mil* (ou *valle d'Amil*), e não tenho duvida em affirmar, que tudo o que li e ouvi, e que aqui fica narrado, se conforma perfeitamente com a inspecção local.

Além da casa e capella dos Azevedos, ha aqui hoje dois predios notaveis — o 1.º é da familia Nunes, edificio elegante e vasto, mandado fazer em 1862 a 1864, por o sr. José Nunes dos Santos, rico negociante: hoje é propriedade da viuva e filhos. É uma das melhores casas d'esta comarca. O 2.º, é do reverendo José Maria Amado de Figueiredo, um dos homens mais energicos e trabalhadores que ha n'esta freguezia.

Quanto a templos, além do sanctuario descripto, merece especial menção a egreja matriz, pela sua antiguidade e pelo primor d'arte e subido preço da capella-mór, ricamente decorada com obra de talha, sendo o tecto apainelado e cheio de figuras de santos, pintados a oleo, sobre madeira, obra de muito merecimento.

Esta egreja era da apresentação dos condes de Marialva; depois foi apresentação da universidade, e foi esta que mandou construir a capella-mór actual, não se sabe precisamente em que data, mas julga-se que seria no seculo XVII. O corpo da egreja é antiquissimo, e suppõe-se ter sido mesquita dos mouros.

—

Quando em 1869 se alinhava o adro e se abriam os alicerces da nova sacristia, encontrou-se junto á porta lateral, do lado do nascente, uma sepultura formada por uma grande pedra.

Tambem se nota, que as paredes do corpo da egreja foram accrescentadas em altura e comprimento, não se sabe quando; o que leva a crer que a egreja primitiva era mais pequena, mas antiquissima.

Além da confraria do Santissimo, houve n'esta egreja duas irmandades—uma das Almas e outra do Santissimo Sacramento, mas o egoismo e a ignorancia acabaram com ellas; caracteres mais zelosos, porém, hoje (1876) se empenham em as fazer resurgir.

É orago d'esta parochia, S. Bartholomeu, e aqui se fazem funcções religiosas esplendidas, supplantando Paredes da Beira, n'esta parte, todas as parochias circumvisinhas.

Este beneficio é reitoria; póde orçar-se o seu rendimento em 300$000 réis, e é aqui parocho actual o reverendo João Antonio de Barros Nobre, de Távora, pessoa de muito merecimento.

Esta parochia podia, e devia ser, uma das mais ricas em instituições de piedade e beneficencia, se se aproveitasse convenientemente a legislação em vigor, applicando-se para um d'estes estabelecimentos o producto das rendas de vastos terrenos do municipio, pois que possue grande quantidade d'optimos lameiros ou prados publicos, terreno baldio, ou logradouro commum, cuja utilidade é quasi nulla, comparada com a que d'elles se podia auferir. Ainda em 1866, quando o governo pediu informações para a creação das parochias civis, foi o valor d'aquelles lameiros calculado em *quinze contos* de réis. Em breve desapparecerá tão vasto como fertil chão, porque os proprietarios visinhos o vão cerceando escandalosamente!...

Só em junco, de que se faz grande uso na empa das vinhas do Douro, se podia apurar n'aquelles pantanos mais de trezentos mil réis por anno!...

E quantos terrenos semelhantes ha ainda no nosso paiz, egualmente desaproveitados?

É innegavel que o progresso material tem sido entre nós muito sensivel nos ultimos annos; mas é tambem innegavel que a nossa agricultura, principalmente, tem sido muito descurada, e está ainda atrasadissima, sendo aliás o nosso paiz—*essencialmente agricola!...*

—

É evidente que estes sitios foram em tempos antigos, julgados de muita importancia militar, pois nada menos de sete castellos ou fortalezas, se encontram, a pouca distancia. São os seguintes:

1.º—*Castello Velho*, ao O., proximo do rio Távora.

2.º—*Castello da Chan de Morganho*, ao N., no sitio das *Cárvas*.

3.º—*Castello de Nossa Senhora*, a E., e o principal de todos. O seu antigo nome era—*Castello da Fraga d'Alcaria*, sem contestação, arabe, pois todos sabem que *Al-Caria*, é palavra arabe, que significa villa, aldeia, povoação.—Os arabes a tomaram do hebraico *Quiria*, que tem a mesma significação.

4.º—*Castellinho*, ao S., proximo a *Valle de a Mil*.

5.º—*Castello de Reborêdo*, ao E., no cume da serra do mesmo nome.

6.º—*Castello do Outeiro Alto*, ao N.

7.º—*Castello da Chan de Trovisco*, ao E. N. E.

—

No sitio das *Moitas*, limites d'esta freguezia, ha vestigios de uma antiquissima capella, que fôra dedicada ao martyr S. Sebastião. Fica a um kilometro da egreja matriz.

Chegava até aqui a primitiva povoação, que, segundo a lenda, se denominava *Cidade do Sol*.

Consta que n'este sitio estavam os paços do concelho, cadeia, pelourinho, fôrca, e mais distinctivos autonomicos d'esses tempos.

Diz-se que foi D. Fernando III (*o magno*) de Castella e Leão, bisavô de D. Affonso Henriques, que elevou esta povoação á cathegoria de villa, pelos annos de 1040; e que por haver já então por aqui muitas ruinas de edificios antigos, causadas pelas constantes guerras entre christãos e mouros, aquelle monarcha lhe dera o nome de *Paredes*, que ainda conserva.

Diz-se de um edificio arruinado—*já não tem senão as paredes*.

Os antigos designavam as casas n'este estado, pelo substantivo *paredeiro*, de que nós fizemos *pardieiro*.

E' provavel que todas as *Paredes* tenham o seu nome por esta circumstancia.

Foi este territorio resgatado do poder dos arabes, no principio do seculo XI, por uns fidalgos que fundaram o seu solar na *Quinta da Torre das Pedras*, hoje *Quinta d'Azevedo*, que D. Affonso VI, lhes deu, em premio dos seus serviços.

O conde D. Henrique lhes deu fôro de fidalgos, que o rei D. Manuel confirmou aos seus descendentes, no principio do seculo XVI.

O primogenito d'esta casa, foi, até 1808, senhor donatario de Paredes, Valle de Penella, e Riodades.

Não podia casar, sem provisão do rei.

Ainda até 1820 recebia os *direitos reaes* d'aquellas tres povoações, e gosou outros muitos privilegios, isenções e regalias, que ntão acabaram.

—

Em um campo da familia Aguiar Alves, vê-se um porco de pedra, antiquissimo.

Foi achado no sitio do tanque da Ceara, á entrada da villa.

E' provavelmente *memoria* de algum facto aqui acontecido em tempos remotissimos, de que não ha tradição—ou serviu de termo á alguma propriedade ou territorio.

O povo rustico, na sua ignorancia, diz que era um *idolo dos mouros*.

Todos sabem que os arabes não eram idolatras.

E' tradição que esta villa chegou a ter, em tempos antigos, 1:500 fogos, occupando uma area muito mais vasta.

Encontram-se ainda espalhados pelas immediações da villa, varios alicerces de edificios, e a um kilometro da egreja parochial, ha o sitio ainda chamado *Valle de Villa*.

—

Fica esta povoação ao N. de Reborêdo (ou *Roborêdo*) sobre o dorso de uma quasi continuada cordilheira, e ainda que, como já disse, o seu clima é tão frigido no inverno, como ardente no verão, a terra é bastante fertil, sobre tudo em centeio, trigo, linho e batatas.

—

A egreja parochial, cuja primitiva fundação é anterior á monarchia, está bem conservada, em rasão das reedificações, e é um bom templo.

Os seus reitores apresentavam o cura de Riodades.

Tem uma bôa residencia do parocho, devida aos cuidados do actual, que tambem é professor régio.

Junto ao altar de Nossa Senhora do Rosario, da matriz, foi sepultada em 8 de janeiro de 1743, D. Luiza da Costa, que foi senhora de extremadas virtudes.

Era ascendente da nobre familia Costa Azevedo, e se cré que o seu corpo se conserva inteiro e incorrupto.

Era da familia de D. Jorge da Costa, o famoso *cardeal de Alpedrinha*, e foi casada com o desembargador, José d'Azevedo Vieira (de que já fallei) descendente dos Souzas, da Barca, dos senhores do couto de Azevedo, e de Alvaro Pires.

Tenho documentos que provam descender esta familia, do rico-homem, D. Arnaldo de Bayão, e a ella pertencem os srs. Azevedos, Souzas, Costas, Lemos, e Fonsecas.

O actual primogenito da familia da quinta de Azevedo, é o sr. Marianno de Lemos e Azevedo, residente na sua linda casa de Villa Nova d'Ourem.

E' seu irmão 2.º, e vive em Paredes, na sua quinta, o sr. Antonio de Lemos e Azevedo.

Teem duas irmans—a sr.ª D. Maria da Piedade de Lemos e Azevedo, casada com o sr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, da quinta da Fareginhas (Castro-Daire)—e a sr.ª D. Henriqueta Augusta de Lemos e Azevedo, esposa do sr. José de Souza Rebello da Costa Azevedo, de Riodades.

São todos pessoas de esclarecida nobreza, e gerelmente amados e respeitados pela sua honradez e probidade.

Na capella de que já fallei, da quinta de Azevedo, foram collocados, em 24 de setembro de 1746, os sagrados corpos dos santos martyres, Felix e Paulo (d'esta familia, mortos em Africa) com mais 1771 reliquias e um boccado do *Santo-Lênho.*

Os papas, Urbano VIII, Benedicto XIV, e seus successores, concederam ao Santuario de Nossa Senhora da Assumpção, muitos e valiosos privilegios—entre elles os seguintes:

E' da exclusiva administração dos seus padroeiros (varão ou femea) descendentes do seu fundador.

(Hoje é o dito sr. Antonio de Lemos Azevedo.)

E' livre da gerencia episcopal e parochial—superintendendo immediatamente o pontifice, ou seu legado, em Portugal.

O altar-mór é quotidianamente perpétuo e privilegiado, para qualquer alma, por quem se disser missa.

Tem grande cópia de indulgencias, plenarias, totaes e parciaes.

Finalmente, este Sanctuario, é uma perenne fonte de bens espirituaes.

Todos estes privilegios e a maior parte das reliquias, foram obtidas por D. Jorge da Costa, cardeal d'Alpedrinha.

No templo se veem entrelaçadas as armas dos pontifices que lhe concederam tamanhos privilegios, com as dos reis de Portugal, e as dos Azevedos, Souzas, Costas, Fonsecas e Vieiras.

A architectura d'esta capella, é de um mimo e delicadeza surprehendentes.

Tem um quadro a oleo, apenas de uns 60 centimetros de comprimento, e 40 de largura, de muito merecimento.

Ainda ha poucos annos, um entendedor, dava por elle 600$000 réis.

A cruz que decora a frente da capella, é de granito, com ornatos primorosissimos.

As armas dos Lemos, teem tambem duas chaves, em memoria da tomada d'esta villa, aos mouros.

—

Segundo a lenda, um alcaide mouro, residente no castello de Valle de Amil, era senhor da villa de Paredes, a qual lhe pagava de fôro, em cada anno, uma das mais formosas donzellas da villa e seu termo.

Combinados os christãos, no maior segredo, mandaram por tributo d'aquelle anno, ao mouro, um gentil mancebo, ainda inberbe, ascendente dos senhores da quinta de Azevedo, vestido de mulher.

Este levava escondido sob os vestidos, um punhal, com que matou o mouro, acabando não só com o ignominoso tributo; mas até com o dominio mauritano, n'esta terra.

(Outros dizem que o alcaide foi degolado com uma espada, que o jovem achou no castello mourisco.)

Diz-se que ha documentos que attestam este facto, no archivo da torre do tombo.

Haverá; mas estou convencido que isto não passa de uma lenda, pouco verosimil.

—

Tenho em meu poder as genealogias dos differentes ramos da nobilissima familia da quinta d'Azevedo, d'esta freguezia.

Não as posso publicar aqui, não só porque faria o artigo muito extenso; como tambem porque, sendo as palavras que teem o P por inicial, muitas, o que decerto formará um grosso volume, por ter de hir junto com o N e o O—vejo-me obrigado a passar tudo quanto, sem inconveniente, poder ser, para outras letras—do que avisarei o leitor.

Estas genealogias pois, hirão em *Sediéllos*, *Serra* (Lourosa da) e *Varzeas.*

—

No alto de uma serra, no sitio chamado *Castello-mór*, ou *Castello da Montanha*, ao N. da villa, está a capella antiquissima, dedicada a Nossa Senhora da Alegria.

Não se sabe quando nem por quem foi fundada.

D. Rauzendo e D. Thedon (irmãos) conquistaram esta villa e o seu castello, aos mouros, na madrugada de 24 de junho de

1037 — (outros dizem que foi no anno de 1062.) Conta-se o caso do modo seguinte:

Sabendo aquelles dois fidalgos, que os mouros de Paredes, costumavam ir banhar-se ao Távora, na manhan de S. João Baptista, se vestiram de mouros, bem como os seus soldados, e se foram emboscar, durante a noite, em sitio asado, nas proximidades da povoação.

Sahiram os mouros ao romper da aurora, e os christãos, depois de lhes darem tempo de estarem a conveniente distancia, entraram na villa, que tinha as portas abertas, e mataram quantos inimigos encontraram, sem resistencia.

D. Thedon, ficou com parte dos portuguezes na villa, e seu irmão foi com o resto, em demanda dos mouros, ás margens do Távora; mas estes, que estavam bem armados, e previnidos pelos que poderam fugir da villa, e aos quaes se tinham reunido outros, dos povos visinhos, se bateram com muita bravura, e teriam derrotado D. Rausendo, se seu irmão não viesse da villa em seu soccorro.

Os mouros oppozeram tambem a este, bravissima resistencia, não o querendo deixar atravessar o rio, mas o portuguez, mesmo sobre o cavallo, a nado, no meio do Távora, fazia nos inimigos horrorosa carnificina, passou o rio, e unido a seu irmão, derrotou e poz em fuga os mouros.

D'esta victoria, tomarm os dois por appellido *Távora*, e por armas um golphinho sobre as ondas, e estas armas usaram seus descendentes, até á extincção d'esta nobre familia, em 1759. Vide *Chão-Salgado.* [1]

PAREDES —Vide *Guardão.*

PAREDES — logar, Beira-Alta, freguezia de S. Martinho de Mouros. (Vol. 5.º, pag. 110, col. 2.ª)—É logar muito antigo, que já existia em 1105, pois n'esse anno, Egas Moniz e sua mulher, D. Dórdia, alli compraram uma herdade a João Sonillo e sua mulher, Elvira.

PAREDES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 35 kilometros de Miranda, 405 ao N. de Lisboa.

[1] Peço desculpa da repetição innevitavel d'esta tradição.

Tinha em 1757, 47 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Parada apresentava o cura, que tinha 6$300 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia foi supprimida, unindo-se á de Parada, no mesmo concelho, comarca, districto administrativo e bispado.

PAREDES DE VIADORES (ou *Veadores*)—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes (foi da comarca e concelho—extinctos—de Soalhães, e mais antigo — concelho de *Bem-Viver*), 45 kilometros ao N.E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 240 fogos.

Em 1757, tinha 220 fogos.

Orago, S. Romão.

Bispado e districto administr.º do Porto.

Os conegos regrantes de Santo Agostinho, de Villa-Boa do Bispo, apresentavam o abbade, collado, que tinha 80$000 réis e o pé de altar.

É terra fertil. Muito gado e caça. Peixe do Douro.

A pouca distancia do logar de Paredes, está a capella de *Nossa Senhora do Gerez* (ou *Nossa Senhora de S. Gens*) fundada sobre o mais levantado sitio de um monte, que em tempos antigos se chamava de *S. Gens*, e hoje se chama *São Gerez.*

Esta ermida já em 1716 estava posta em grande esquecimento, e nem festa se lhe fazia.

Os dizimos d'esta freguezia, eram divididos em tres partes—duas para os referidos conegos de Villa-Boa do Bispo, e uma para o parocho de Paredes.

PAREDES DO BAIRRO—villa extincta, na freguezia de S. Lourenço do Bairro.—Vide esta palavra.

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 20 de dezembro de 1519. (*L.º de foraes novos da Extremadura*, fl. 244 v., col. 1.ª)

PAREDES DO RIO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, d'onde dista 12 kilometros ao O.—60 ao N.E. de Braga, 415 ao N. de Lisboa. Tem 40 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago, Santo Antonio.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O abbade de S. Thomé, de Parada do Outeiro do Gerez e o reitor de Santa Maria de Viade, apresentavam simultaneamente o vigario, collado, que tinha 80$000 réis e o pé de altar.

Parte dos dizimos d'esta freguezia, pertenciam ao abbade do Outeiro, e parte á commenda de Fiães do Rio.

Está situada na margem direita do rio Cávado, que corre ao S. da mesma, e nas faldas meridionaes, da cadeia de montes, que correm entre as serras de Larouco e Gerez. Confina pelo N. com a raia de Galliza.

O seu terreno, apezar de estar exposto ao S., em razão da sua altura é frio: apenas produz centeio, batatas, algum milho e fructas. Cria muito gado vaccum.

Esta freguezia foi unida á de Covellães, por decreto de 1855, conservando a mesma denominação.

PAREDES SÊCCAS — freguezia, Minho, comarca e 6 kilometros a E. de Villa Verde, concelho e 3 kilometros ao N. de Amares (foi da comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de Santa Martha de Bouro), 15 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 47 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentáva o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Está situada esta freguezia, em terreno accidentado, nas faldas meridionaes do monte de Santa Cruz, ramo do Gerez. Produz todos os generos agricolas do paiz. Gado e caça.

Foi villa e couto, do mosteiro de Renduffe, e compunha-se este couto, de toda a freguezia de Paredes-Sêccas, e dos logares do Pomarinho, Faquiães, Portella do Valle, Monte, e Linharêlhos, que são da freguezia de Villela.

Tinha juiz no civel e orphãos, almotacel e provedor (feitos por eleição do povo) os quaes faziam correições e aforavam montados; e á sua ordem se faziam montarias, ás quaes concorriam os povos dos concelhos de Amares, Santa Martha de Bouro, e os coutos de Bouro e Renduffe; mas perderam essa regalia, por ter o juiz, José Martins, determinado uma montaria, em dia de feira nova.

Os escrivães eram de Santa Martha, onde pertencia o crime.

Até 1834, foi da comarca de Vianna, e até 1854, da comarca de Lanhoso, concelho de Santa Martha de Bouro.

Pelo centro d'esta freguezia, passa a antiga estrada romana, da Geira.

PARNAVAL, ou PERNAVAL—Serra, Beira-Alta, ramo da Gralheira, 20 kilometros a O. de Lamego. (Vide *Gralheira.*)

Diz-se vulgarmente *Parnaval*, mas é corrupção de *Perna-Vale*. Poz-se-lhe este nome, em razão da sua escabrosidade; como quem diz—«Aqui só a perna vale»—ou—«é preciso ter boas pernas, para subir aqui.»

Está grande parte do anno coberta de neve.

PARREIRAS, ou PORREIRAS—freguezia, Minho, comarca de Vianna, concelho de Coura, 50 kilometros ao N.E. de Braga, 405 ao N. de Lisboa.

Tem 40 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O parocho é abbade, collado. Era apresentado a *tres vozes*, a saber—a casa do infantado, as freiras de Santa Anna, de Vianna, e a casa de *Boi-Monte*, da freguezia de Formariz.

É terra pouco fertil, e muito fria. Cria bastante gado, e nos seus montes ha abundancia de caça, grossa e miuda.

O verdadeiro nome d'esta freguezia, é *Porreiras*, portuguez antigo, hoje fóra do uso. Por decencia, deram-lhe modernamente o nome de *Parreiras*, que é improprio; pois não exprime o sentido do seu antigo nome, que significava—terra semeada de *porrêtas (alhos pôrros)* de que antigamente se fazia caldo, guizado, e sallada. Outros dizem que *porrêtas* eram acelgas. O sr. J. Pedro Ribeiro, diz que é mais provavel serem cebôllas.

PARRICIDIO—o crime mais grave que póde perpetrar o homem allucinado.

Em quasi todos os paizes foi sempre, e ainda hoje é, este crime monstruoso, castigado com as penas mais severas.

Em as nações em que a pena de morte está abolida, não é, nem póde elle ser punido com penas mais severas do que as impostas ao crime de assassinio com premeditação e com outras circumstancias aggravantes — degredo perpétuo com trabalhos.

Do illustrado *Jornal da Noite* n.º 1549, extrahi o seguinte:

As leis romanas ordenavam que o reu condemnado pelo crime de parricidio, fosse lançado ao rio com a cabeça coberta e o corpo contido em um sacco de couro.

Algum tempo depois da lei das doze taboas, a punição dos parricidas foi aggravada, e determinou se que no sacco em que fossem lançados os reus ao rio, se mettesse um cão, uma vibora e um macaco, com o fim de augmentar o supplicio com a sanha e furia d'estes animaes.

No tempo do imperador Adriano legislou-se, que os parricidas fossem queimados vivos ou expostos ás feras.

No Egypto o réu era condemnado a ser varado com canas ponteagudas, que lhe cravavam em todas as partes do corpo, e n'este estado era lançado sobre um monte de espinhos a que se lançava o fogo.

Em França o parricida era condemnado a penitencia publica, a ter o punho cortado, a ser esquartejado vivo, e lançado ao fogo.

PASCHOAL — aldeia, Beira-Alta, na freguezia de *Abravezes*, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo de Viseu. (Vide *Abravezes* e *Moinhos do Pintor.*)

Fica esta aldeia a pouca distancia—a N.O. —do logar de Abravezes.

A uns 150 metros de Paschoal, no alto de um monte, de pouca elevação, se fundou uma ermidinha, dedicada a Nossa Senhora da Esperança.

Pelos annos de 1620, hindo em visita áquelle logar, o bispo de Viseu, D. João Manuel, e achando a ermida muito arruinada, decidiu reedifical-a, e, em razão do nome da aldeia, fazer a festa á padroeira, pela Paschoa da Resurreição, dando á nova padroeira a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres.

Mandou demolir a frente da antiga ermida, construindo-se um arco, e o corpo da egreja, ficando a antiga ermida servindo de capella-mór.

No altar-mór, foi collocada a imagem de Nossa Senhora dos Prazeres, e em um lateral, a da antiga Senhora da Esperança.

Passados tempos, os moradores de Paschoal erigiram uma irmandade á Senhora, composta não só de pessoas da aldeia, mas tambem das povoações em redor, e da cidade de Viseu. Os seus estatutos, foram approvados em março de 1656, pelo provisor, em Sé vacante.

Tinha cem irmãos e dez irmans donzellas, ou viuvas honestas, e todos os clerigos que, por devoção, n'ella quizessem entrar.

Em 1672, foram reformados os estatutos, e se ordenou n'elles, que, em todos os dias de Nossa Senhora, se dissesse missa, e em dia de S. Simão; todas applicadas pelos irmãos vivos e defunctos.

Foi crescendo a devoção do povo para com esta Senhora, e em 1694 se augmentou a irmandade, ficando formada por 150 irmãos, reduzindo-se os tres officios que até então se faziam, a 60 missas.

Para serem admittidos a esta irmandade, se submettiam os pretendentes a rigorosa inquirição, para se provar que não tinham sangue de mouro ou judeu.

Tem esta irmandade muitas indulgencias, que lhe concedeu o papa Alexandre VII, as quaes foram publicadas em 1658.

Os seus rendimentos, são as offertas e esmolas do povo, e os *annuaes* dos irmãos, que cada um dá annualmente 120 réis; mas a festa da Senhora, é feita á custa do juiz e mordomos.

PASSADA — portuguez antigo — primeira permissão tacita, passe, connivencia, disfarce, consentimento, etc.

PASSADA — portuguez antigo — *passo* ou *passal*— medida de longitude — eram 4 palmos (0^{m},88).

PASSAES — portuguez antigo — recinto, (conchouso ou quinchôso) ou terra d'horta

junto das egrejas parochiaes, que servia para horta, pomar e logradouro, dos parochos curas ou capellães.

Estas cêrcas, eram no seu principio mais pequenas, e se lhes dava o nome de *dextros*. Nos concilios se chamavam *Sacrarium Ecclesiae.*

No concilio de Valhadolid (1144) se diz que estes *dextros* ou *passaes* se estendiam até 30 passos geometricos em redor das egrejas matrizes.

Eram tão respeitados estes dextros, que tinham privilegio de *couto do reino*, ou de *homisiados*. Este privilegio foi concedido aos passaes pelo concilio de Coyança—o que consta do *Livro Preto* de Coimbra, fl. 259 a 260 e fl. 285.

Os passaes de 30 passos eram os das egrejas de 2.ª ordem; porque os das cathedraes eram maiores.

No concilio de Oviedo (1115) se assignaram 70 passos em redor das egrejas, para serem considerados *asylos* ou *coutos do reino.*

Note-se porém que ficava ao arbitrio do povo, ou do devoto que doava ás egrejas o terreno para os passaes (e para as *cêrcas* dos mosteiros, que tambem se chamavam dextros e eram coutos) a maior ou menor extensão. Se excedia os 30 passos (que parece era o minimo do dextro) gosava tudo os mesmos privilegios.

Na larga doação que os fundadores do mosteiro de Arouca fizeram ao convento (951) diz-se—*Concedimus nos, famulos Dei, Ansur, et Ejeuva, ad ipsum Locum Sanctum, atque Sancto Altario jam supra nominato XII.*ᵐ *passales pro corpora sepeliendo*, *et* 2*XXII*° *passales pro tolerantia Fratrum.*

Eram pois 12 passaes ou passos, para cemiterio e 72 (já disse em outra parte, que 2 valia antigamente, na conta romana, 50) *para os frades haverem pelas suas mãos vestidos e mantimentos.* Na mesma accepção se emprega nas repetidas doações que a familia Soares fez ao mosteiro de Grijó (Vol. 3.°, pag 322, col. 2.ª e seguintes.)

Muzara e Zamora, tendo fundado o mosteiro de S. Pedro de Cête, o dotaram, em 882, dando-lhe, além dos dextros—*duodecim passales pro corpora tumulandum, et septuaginta, et duos ad tolerandum fratrum, adque indigentium.* (Doc. original do collegio da Graça, de Coimbra.) Vinham a ser ao todo, 84 passos em giro da egreja e mosteiro. (Vide tambem *Souzellas.*)

PASSAES—temos visto pelo artigo antecedente, a origem da palavra *passal*—que vem a ser—*passos em redor de egreja, para logradouro do parocho.*

Quasi todos os passaes das egrejas procedem, ou de doações particulares, ou—e mais geralmente—de compras feitas pelos parochianos. Rarissimos são provenientes de doações regias.

—

Hoje, que está em afanosa execução a lei de 24 de agosto de 1869, para a rapida *desamortisação* dos passaes (o caso urge) cumpre-me dizer alguma cousa sobre o objecto.

Não tendo conhecimentos sobre o *Direito ecclesiastico*, e tendo apenas lido superficialmente os concilios, não estou habilitado para fallar *ex cathedra*, sobre a materia; porém, mesmo que tivesse profundos conhecimentos, expenderia a minha opinião com a maxima simplicidade, para que o povo facilmente me comprehendesse.

—

A *desamortisação* dos passaes, é um acto tão illegal, tão arbitrario, e tão sacrilego, como a venda dos mosteiros, cêrcas, e mais propriedades e rendas dos frades. Nenhum governo tem o minimo direito sobre estas propriedades, que, por todas as leis divinas e humanas, são da exclusiva posse do parocho.

Todas as residencias são proximas ás egrejas a que pertencem, para que os parochos estejam promptos, a toda a hora do dia e da noite, para a administração dos sacramentos, aos moribundos.

Expulso o parocho da casa que o povo lhe deu, hade sujeitar-se a residir onde achar casa para alugar, qualquer que seja a distancia da sua egreja.

Soffre o parocho, e ainda mais os freguezes, que terão de andar de Herodes para Pilatos.

E quantas vezes morrerão os doentes sem sacramentos, por não vir o parocho a tem-

po, em razão de ter de precorrer um longo trajecto?

Supponhamos que o doente está moribundo, e móra ao pé da egreja, e o parocho a grande distancia d'ella. Antes de vir este, tem o desgraçado doente tempo de morrer umas poucas de vezes.

Já se vê que, mesmo que se acredite no pagamento dos juros dos taes *titulos de divida publica*, por muitos annos (no que ninguem crê) presistem os mesmos transtornos.

A historia dos titulos que se dão aos parochos esbulhados violentamente do que era seu, não passa de uma *historia;* e hade acontecer-lhe, nem mais nem menos, como aconteceu aos frades.

A estes, prometteu-se-lhes uma mensalidade de 12$000 réis, que nunca viram.

Houve depois o famoso *ponto*, em 1842, e, quando metade dos frades já tinham morrido de fome, reduziram a mensalidade a 6$000 réis, mal pagos.

Supponhamos, por um momento, que o *actual* governo tem tenção de pagar os juros aos parochos, com a maxima pontualidade.

Quem nos garante a *eternidade*, nem mesme a *diuturnidade* de governos que queiram pagar estes juros?

Bem sabemos que qualquer governo que não queira pagar, não paga.

Supponhamos ainda, que este governo e os futuros desejam pagar — se houver uma bancarrôta (para a qual se corre a passos de gigante) quem hade sustentar os parochos?—o povo que já lhe tinha dado os passaes!

O povo, se quizer ter parochos; porque o governo, deixando de pagar a *classes* de que depende a sua conservação no poder, menos decerto pagará ás *classes* de que não depende.

Já veem os nossos leitores que, abstrahindo das leis ecclesiasticas, determinações de concilios e constituições dos bispados, que todas impõem graves penas aos usurpadores de bens da Egreja — e guiando-nos pelas leis civis de todas as nações cultas, e mesmo pelo direito natural, a venda obrigatoria dos passaes, constitue uma verdadeira expoliação, não só contra o codigo civil portuguez; mas até mesmo contra a expressa determinação do artigo 145, e o § 21.º da Carta constitucional, que garante a todo o cidadão portuguez, o direito de propriedade.

As nossas *Ordenações do Reino*, tambem positivamente determinavam que—*ninguem fosse obrigado a vender o seu herdamento.*

O excellente jornal catholico—*A Palavra*—tem publicado varios artigos sobre a materia, que são irrespondiveis.

Do seu n.º 1043, extrahi o que se segue:

—

Ha ahi quem sustente que as penas ecclesiasticas fulminadas pela Egreja contra toda a casta de usurpadores de bens da Egreja não teem applicação para o caso de serem elles sobrogados, trocados ou permutados por esses titulos de divida publica.

Nós sustentamos e temos sustentado que não: aliás bem facil fôra illudir essas leis da mesma Egreja, que teem por principal fim garantir-lhe a conservação da sua propriedade.

A questão está affecta ao tribunal competente, que hade dizer a ultima palavra, e destruir o que aos olhos de quasi todos os que podem fallar com mais ou menos auctoridade e conhecimento de causa sobre a materia se afigura méro sophisma.

Nós entretanto continuaremos a defender, quanto em nós cabe, os direitos da Egreja, e apresentamos hoje a nossos leitores o seguinte extracto de um opusculo do immortal Balmes, sobre a desamortisação dos bens do Clero, em Hespanha, a cuja desamortisação deve o mesmo Clero, desde a revolução de 1869, estar privado de seus rendimentos, havendo soffrido fome muitos ecclesiasticos, chegando a esmolar um bocado de pão não poucos, e alguns perecido quasi á mingua.

O opusculo de Balmes foi escripto em 1840, mas quasi tudo o que n'elle se diz se póde applicar tambem a nós, e nos serve para nosso intuito como se fôra escripto agora; senão vejam:

«Muito bem, dir-me-hão, não se trata de disputar ao clero este direito de propriedade, reconhecemos-lh'o, confessamos-lh'o: seus bens pertencem-lhe como aos outros cidadãos pertencem os seus, e com cavillações dolosas não tratamos de assentar uma doutrina que, levada de consequencia em consequencia, daria por terra com todas as sociedades e portanto com a sociedade inteira. O Estado não diz ao Clero: «isso não é teu é meu, e por tanto tomo conta do que me pertence;» mas diz-lhe: «eu necessito de teus bens, e por isso me apodero d'elles; o que tu podes fazer é exigir-me que te indemnise; assim o farei, tomo a meu cargo tua decente sustentação e cobrir as despezas do culto; deste modo attendo a minhas necessidades e não commetto injustiça alguma.»

Vejamos o que vale esta replica. A justiça e a equidade exigem que a expoliação seja precedida de indemnisação, e verificar-se-ha este requisito? a justiça e a equidade exigem que a indemnisação seja equivalente, e, além d'isso, certa e segura: e pode isto verificar-se?

Que vale a garantia do erário para assegurar a subsistencia de uma classe tão numerosa, rodeada de tantas despezas e necessidades?

Que vale para tamanho objecto uma garantia cuja efficacia está sujeita a todas as eventualidades de guerras, transtornos e outras calamidades publicas, cuja maior ou menor amplitude depende da vontade de um parlamento, mudavel por sua natureza, exposto a tão diversas influencias, e que por fataes combinações poderá ser mais que uma vez a expressão não da vontade de um povo grande e generoso, senão d'um partido mesquinho, d'uma acção turbulenta, perversa e irreligiosa? Que vale uma garantia cujo cumprimento podem embaraçar a impericia d'um ministro e até dos empregados inferiores de fazenda?

«Mas é uma garantia consignada na Constituição.» Embora; a Constituição não fixa, nem pode fixar as dotações; a Constituição não dispõe da vontade dos corpos collegisladores; a Constituição não é fiança da probidade e intelligencia do ministro da Fazenda e dos seus sobordinados; a Constituição não é garantia contra as guerras, contra a fome, contra as pestes e outras calamidades; a Constituição não póde sempre evitar as urgencias, os apuros, o esgotamento do thesouro.

Digamol-o e digamol-o em alta voz: a medida de despojar o Clero de suas propriedades, é um duro golpe descarregado sobre a religião. Verdade é que um simples lance d'olhos superficial, diminue sobre modo o aspecto d'este mal, chamando a attenção para a differença entre o temporal e o eterno; tambem eu invoco esta differença; desperta ella no fundo de minha alma consoladoras esperanças; tambem me faz sorrir de lastima, quando contemplo os vãos esforços do homem: porém eu não tracto de penetrar os segredos do Altissimo, não tracto de limitar sua Omnipotencia, nem de negar que tenha em suas mãos infinitos meios de salvar sua obra; só fallo quanto cabe nas considerações e conjecturas que podemos aventurar, nós os simples mortaes.

Querer comparar o Clero com a classe de empregados publicos, é esquecer inteiramente a natureza de suas funcções, é tratar de degradal-o, é mostrar empenho em procurar que elle não possa desempenhar as altas fuucções do seu santo ministerio.

Não citarei a este proposito ninguem que possa ser taxado de apaixonado pelo Clero; só me valerei das mesmas palavras de Mendizabal ao apresentar ás côrtes o projecto da inteira expoliação do Clero.

«No empregado, dizia o ministro, basta que a recompensa assignada a seu trabalho chegue para satisfazer as suas necessidades. No Clero deve procurar-se, além d'isso, que não seja um mero assalariado, nem cuja existencia se ache tão subordinada e sujeita ao thesouro publico, que perca aos olhos do povo aquella santa independencia que convem á profissão augusta de reprehender o vicio e de dar lições de paz e confraternidade desde o throno até á cabana.»

Extranho parecerá talvez ao leitor que similhantes palavras saissem da bocca do mi-

nistro, no proprio acto de se empenhar por despojar o Clero; ahi estão os documentos; lêde-os; e o sr. Mendizabal é quem ha-de procurar pôr-se d'accordo comsigo mesmo. Eu pela minha parte acceito-lhe a confissão e agradeço-lh'a.

...Porém como por mais peregrina e ridicula que seja tal accusação (a de ser o Clero cubiçoso e interesseiro) tem chegado a ser por muitos acreditada, e gratuitamente inculcada, será bom que nos demoremos um pouco em acabar de dissipál-a, lançando mão d'algumas reflexões a respeito da natureza dos bens de raiz: d'este modo ficará manifestado que o Clero, procurando conserval-os, obedece a um sentimento o mais natural, o mais justo e o mais prudente.

Um instincto de conservação, commum ás classes, corporações, familias e individuos, os induz a trabalhar para collocar-se n'aquelle estado em que se realizem mais segura e vantajosamente as condições de sua subsistencia.

Um individuo, uma familia, uma corporação, uma classe tem suas necessidades; é preciso satisfazel-as; esse sentimento é vivo, continuo, estimulante; e n'elle se encontra a origem de tantos afans que os atormentam.

Porém não occupa sómente ao homem o cuidado de adquirir; aguilhoa-o não menos o receio de perder o adquirido; e desconfiado e suspeitoso em rasão das duras lições que de continuo lhe offerecem as vissicitudes humanas, esforça-se incessantemente por pôr suas riquezas a coberto dos azares que comsigo traz o curso dos tempos. Esta a causa porque o vemos com frequencia trocar suas riquezas por outras menos commodas e até menos productoras, com tanto que encontre na troca maior segurança, menos motivos de receio: e eis aqui porque os individuos e muito mais as familias e as corporações teem sempre uma irresistivel tendencia para a acquisição de bens de raiz; fazendo-se sentir mais essa inclinação nas familias e nas corporações, pela simples razão de que podem prometter-se mais largo praso de vida, e de que suas necessidades são mais amplas e duradoras.

Por pouco que se reflicta sobre esta materia, se verá desde logo a causa principal d'este anhelo pelos bens de raiz; e é serem estes bens os que offerecem mais garantias de invariabilidade e duração.

Um incendio consome em poucos instantes cabedaes immensos; n'um motim de poucas horas um populacho feroz, reparte, destroe, e desperdiça o fructo de largos suores, e lisongeiro resultado de especulações felizes; no meio d'uma guerra, uma erupção violenta do inimigo, destroe quantiosas riquezas industriaes e mercantis; e tanto entre inimigos como entre amigos, quem tem á mão muitas riquezas em dinheiro ou em especie de facil cambio, corre o perigo de estimular a cubiça, ou de chamar a attenção d'uma auctoridade em apuros, sendo victima de exacções desmedidas e violentas.

Muito se diminuem todos esses perigos, tractando-se da propriedade territorial; estavel por a sua mesma natureza, destinados seus productos a cubrir necessidades de si menos variaveis e menos sujeitas a repentinas mudanças, livre na sua maior parte de incendios, rapinas e saques, satisfazendo com suave regularidade as necessidades de seu dono, sem apresentar aquelle cumulo brilhante que é um incentivo para a rapacidade, que dá alento á crescida exacção e que mais d'uma vez induz o proprietario ao luxo e á delapidação; atravessa a propriedade territorial as epochas mais desastrosas; e ainda que os transtornos e guerras privem o dono da percepção d'algumas annualidades, conseguindo abrir no capital algumas brechas, estas reparam-se com o tempo; e a intelligencia na administração, a parcimonia nas despezas, tornam a levantar os proprietarios ao mesmo nivel em que antes estavam.

As revoluções e as guerras deixaram em pé muito pouca cousa na Europa, ha tres seculos a esta parte; e não obstante, as propriedades territoriaes teem em muitas partes resistido a tamanhas mudanças; não sendo raro encontrar algumas que ha seculos pertencem a uma corporação ou familia.

A que veem pois, as declarações contra o

pretendido apego do Clero a seus interesses, se, ainda prescindindo dos deveres que lhes impoem os canones—de procurar a conservação de suas propriedades—não faz mais do que obedecer a um instincto que não podem deixar de ter as corporações permanentes e até os individuos?...»

PASSAGEM — portuguez antigo — certa pensão muito frequente nos prazos da provincia do Minho e na Terra da Feira, desde o seculo XIII até ao XVI, a qual os emphiteutas pagavam, quando o rei passava de uma para a outra margem do Douro.

Só se pagava uma vez cada anno, qualquer que fosse o numero d'ellas que o rei passasse.

E de passagem, quando El-Rei passar, áquem Douro, uma vez no anno, hum maravedi. (Prazo de Vairão, de 1484.)

Em um prazo de *Lourido*, no logar de Tarouca, freguezia do Cerdal (comarca e concelho de Valença do Minho) feito em 1487, se diz—*Seis buzios e meio*[1] *de pão meiado, uma bôa gallinha, e tres reis brancos, quando El-Rei passar o Douro—e cinco de colheita ou visitação, para o bispo de Cepta* (Ceuta, Africa) *em cada um anno.* (Doc. do mosteiro de Ganfei.)

Se o infante (e depois principe) herdeiro da corôa, passava o Douro, só recebia metade da dita pensão—*E pagareis pasagem de El-Rei, 10 réis; e do Principee, cinquo.* (Doc. de Paço de Souza, de 1529.)—*Cinquo soldos pasando El-Rei a augua do Doiro—e, pasando o Infante, herdeiro, dois soldos e meio.* (Doc. da Universidade, de 1474.)

PASSAGEM — portuguez antigo — direito que pagavam os que passavam por alguma terra á qual este tributo se concedia.

Os excessivos abusos que n'isto se commettiam, deram causa a que semelhantes *passagens* fossem inteiramente abolidas. (Vide *Pena de sangue.*)

PASSAGEM SANTA (ou *Santa Passagem*) —portuguez antigo—Assim chamaram nos principios do seculo XIII, á mais piedosa que prudente expedição que se meditava para restaurar os *Logares Santos*, da Palestina.

Os que não queriam hir, davam esmola voluntaria, a que tambem se chamava *Santa passagem.* (Doc. das freiras bentas, do Porto, de 1313.)

PÁSSAMENTE—portuguez antigo—mansamente, em voz baixa, com brandura, devagar, a passo, etc.—*Estava entonce de giolhos ante ella e começava de lhe fallar passamente.* (Chron. de D. João I, parte 1.ª, cap. X—Fernão Lopes.)

PASSAMENTO—portuguez antigo—ainda muito usado — fallecimento, morte, passagem d'esta para a outra vida.

PASSAR—portuguez antigo—ainda usado —morrer, fallecer, etc.

PASSAR—portuguez antigo—fazer o contrario, contravir, desobedecer, á lei, quebrantal-a, etc.

PÁSSARA — portuguez antigo — perdiz. *Com fôro de um par de pássaras.* (Prazo de S. Pedro das Aguias, de 1444.)

PASSAREIRO—portuguez antigo—caçador de perdizes. *Fezerom-se depois monteiros e homees da adiça* (mineiros) *e moedeiros e valladores e passareiros.* (Cod. Alf., Liv. 1.º, tit. 69, § 2.º)

PASSAVANTES — o que eram—vide vol. 3.º, pag. 347, col. 1.ª

PASSO—medida antiga da Peninsula hispanica.

[1] *Búzio, buzêno, buzeo,* e *buuzeo*—portuguez antigo—medida de solidos, que já existia no seculo XI.

No *Livro velho dos obitos*, da Sé, do Porto, e outros documentos antigos d'esta cidade, se declara que o buzêno, são dois alqueires e meio, da *medida velha*, que são 4 da medida nova, do Porto, ou 5 da de Lisboa.

Em 1390, pagou o mosteiro do Rio Tinto —*doze buzios de segunda, oito de aveia e quatro de milho, pela medida do celleiro do Bispo do Porto, procedidas das procurações que se tinham pago.* (Doc. das freiras bentas, do Porto.)

O *buzio* vem a ser o mesmo que *fanga* ou *fanéga*.

Com esta denominação ainda é muito vulgar no Algarve.

Tenho ouvido dizer que no Alto-Minho, ainda se dá o nome de buzio, á medida de 4 alqueires.

O que é certo, é que em todo o districto de Aveiro só existe a denomimação de buzio, na medida do sal.

O *pé hespanhol*, entre os antigos, e no tempo dos romanos, era menor do que o pé romano, segundo se vê nas *Antiguidades de Hespanha*, por Moralles, pag. 33.

Um pé hespanhol, vinha a ser, ao justo, a terça parte de uma vara castelhana.

Cinco d'estes pés, faziam um *passo hespanhol*; 125 passos, faziam um *estadio*—e mil passos, faziam uma milha.

Esta era a ultima medida dos antigos; porque não mediam por leguas.

Para declararem a medida de um a outro ponto, com rigorosa exactidão, diziam —vgr.:

De Lisboa a Torres Vedras, são—tantas *milhas*, tantos *estadios*, tantos *passos*, e tantos *pés*.

Para completar uma das nossas leguas (de 18 ao grão—ou *legua terrestre*) eram precizas muito pouco menos de quatro milhas dos antigos; o que claramente se vê no *Itinerario* do imperador Antonino Pio.

Segundo este Itinerario, comprovado pelas inscripções dos marcos milliares, da via militar romana—do Porto a Braga, eram 35 mil *passos*—isto é—35 *milhas*, e nós contamos 24 milhas modernas, ou 8 leguas, de 18 ao grão—que vem a ser—uma das nossas antigas leguas, de tres milhas (de 18 ao grâu) era composta de 4 milhas e 375 passos, dos romanos.

Note-se que ha grande confusão nas medidas do Itinerario de Antonino Pio, o que tem suscitado grandes polemicas; porque aquellas medidas romanas, não eram em linha recta, de um ponto a outro, mas seguiam as sinuosidades das estradas (se estas as tinham) o que dava em resultado um muito maior numero de milhas do que realmente havia de distancia entre uma e outra povoação.

D'aqui provinha que—quanto mais recta era a estrada, mais exacta era a medida.

Supponhamos que, segundo o Itinerario, de um ponto a outro, em que a estrada fazia muitas voltas, se vê no Itinerario a distancia de 10 milhas.

Passados seculos, fez-se uma estrada em linha menos tortuosa. Passados ainda uns poucos de seculos, em que a 2.ª d'estas estradas já é velha, e da 1.ª não ha vestigios —vae a gente guiar-se pelo Itinerario (muitas vezes julgando que a 2.ª estrada foi a romana) e acha grandes differenças, o que causa duvidas e contestações.

O mesmo caso se dá com as estradas feitas depois dos romanos, que, por conviniencia de alguma povoação importante, ou por outro qualquer motivo, se construiram com maiores rodeios.

Concluindo direi, que, só á força de cuidado, paciencia—e depois de minuciosas indagações e observações, é que se podem verificar, não todas, mas a maior parte das antigas medidas romanas.

PASSOS DE D. LEONOR [1]—sitio na costa da peninsula de Peniche, proximo do *Cabo Carvoeiro*. (Vide *Peniche*.)

Pelo meiado do seculo XV, um confessor da rainha D. Leonor, viuva do rei D. Duarte, fundou na *Berlenga Grande*, um mosteiro da ordem de S. Jeronymo.

N'elle habitaram os monges quasi um seculo, até que as perseguições e assaltos dos corsarios argelinos, e dos inglezes, que por ahi abordavam (depois da reforma) os determinaram a mudar-se para Valle-Bem-Feito, onde edificaram um novo mosteiro.

Quando ainda occupavam o mosteiro da Berlenga, existiam em Peniche dois homens ricos e orgulhosos, que reciprocamente se odiavam.

Ambos eram casados e tinham filhos; mas como as inimisades dos paes algumas vezes se não transmittem aos herdeiros, aconteceu que Leonor filha de um, e Rodrigo, filho de outro, se amavam estremecidamente. O pae de Rodrigo, desejando pôr termo aos sonhos dourados do filho, e estorvar uma alliança que muito lhe repugnava, obrigou-o a recolher-se ao mosteiro da Berlenga e a entrar no noviciado da ordem.

[1] Parece-me que se devia escrever *Paços de D. Leonor*, nome mais apropriado á gruta de que vou fallar: entretanto, como o manuscripto de que me fizeram obsequio, diz *Passos*, sigo esta orthographia. E d'ahi talvez que seja *Passos*, alludindo aos penedos por onde *passava* D. Leonor, quando com o susto, cahiu ao mar.

O mancebo inconsolavel e infeliz, obedeceu á ordem do pae, mas esperando que o tempo abrandasse os odios da familia, e podesse então unir-se á mulher a quem mais queria, procurava vêl-a e fallar-lhe á occultas dos superiores.

Para este fim, em noites de antemão combinadas, sahia Rodrigo do convento, e embarcando, acompanhado de um velho pescador, seu amigo e confidente, n'um pequeno bote, propriedade dos monges, atravessava o canal que separa a Berlenga do Cabo Carvoeiro, e vinha desembarcar em um pequeno porto, a que hoje chamam *Carreiro de Joanna* ou de *Joanne.*

Leonor comparecia sempre primeiro a estas entrevistas, e dirigia seus passos a uma gruta ou reconcavo, pittorescamente situado e cavado na rocha, que faz frente para o lado por onde Rodrigo passava. Alli o esperava debaixo das arcadas naturaes da gruta; e logo que avistava o pequeno baixel, accendia uma luz, para dar signal da sua presença.

Chegou porém Rodrigo uma noite, e a luz não appareceu; gritou por Leonor, mas só o echo da propria voz lhe respondeu; vê entretanto passar junto do barco um objecto fluctuante, apanha-o, e cheio de sobresalto reconheceu a capa de Leonor.

O mais que se passou na alma do pobre mancebo não o sabemos nós, porque ficou em segredo entre Deus e elle; o que o seu companheiro disse foi, que, apenas reconheceu a capa de Leonor, sem mais reflexão, se arrojára ao meio das ondas, chamando por ella, e que se submergira, sem o velho lhe poder valer.

O presentimento de Rodrigo realisára-se, infelizmente—Leonor chegára á gruta, e alli o aguardava, quando ouviu vozes que reconheceu serem de seu pae e irmãos, que a procuravam.

Tentou fugir e occultar-se; salta de rochedo em rochedo, mas calculando mal um *passo*, se despenhou no abysmo, onde se sumiu.

No dia seguinte, appareceu o cadaver de Leonor entallado entre os penhascos que bordam aquelle sitio. O de Rodrigo, levado pelas correntes, foi encontrado n'um banco de rochas, ao S.E. dos Remedios.

A tradição d'este drama tragico, transmittiu-se até nossos dias, e o theatro em que se passou, ainda hoje conserva os nomes dos dois infelizes protogonistas.

A' gruta chamam os *Passos de D. Leonor*, e aos rochedos, aonde appareceu o cadaver de Rodrigo, o *Sitio de Frei Rodrigo.*

Diz mais a tradição que Leonor fôra sepultada fóra da capella de Sant'Anna, ao lado direito da porta principal, e que no seu tempo era a donzella mais esbelta e formosa de Peniche.

PASSOS DA SERRA — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 75 kilometros de Coimbra, 275 ao E. de Lisboa.

Tem 290 fogos.

Em 1757 tinha 550 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

A mesa da fazenda, da universidade de Coimbra, apresentava o vigario, que tinha 60$000 reis e o pé de altar.

Terra de clima excessivo, mas saudavel. Produz a maior parte dos generos do paiz. Gado e caça, grossa e miuda.

—

Aqui nasceu, a 17 de março de 1790, Antonio de Pádua da Costa e Almeida, feito visconde de Tavira, em 24 de julho de 1861.

Era filho do tenente-rei da praça de Almeida, Francisco Bernardo da Costa e Almeida, e de D. Antonia Josefa da Costa.

Quando as hordas sanguinarias de Buonaparte invadiram este reino, contra todo o direito das gentes, em 1807, roubando, assassinando e incendiando; o povo portuguez, indignado de tantas atrocidades, ergueu um brado unisono, que echoou desde as margens do Minho até ás do Guadiana, e quasi todos os homens validos empunharam as armas em defeza da patria; e, as que no seu principio foram legiões tumultuarias de terriveis guerrilheiros, em breve se transformaram em disciplinados e bravissimos batalhões, que por tão repetidas vezes fizeram morder a terra, ou fugir cobardemente esses regimentos francezes, que tinham triumphado

na Italia, no Rheno, na Austria e na Prussia.

—

Tinha Antonio de Pádua 20 annos, quando se alistou no regimento de infanteria n.º 24 (um dos mais bravos do exercito portuguez, quasi todo composto de trasmontanos, e que terminou a sua existencia pela convenção d'Evora-Monte) que então estava de guarnição na praça d'Almeida.

No mesmo dia que sentou praça (18 de março de 1810) foi feito alferes.

Dois mezes depois, Massena, á frente de um numeroso exercito, punha cêrco á praça d'Almeida. Oppôz-lhe a guarnição uma obstinada resistencia; mas uma terrivel explosão do paiol da polvora, a 27 de agosto (no fim de 17 dias de cêrco) tornou a resistencia impossivel, a guarnição capitulou e o regimento 24 ficou prisioneiro de guerra.

Pádua, não fez como muitos officiaes portuguezes, que acceitaram as propostas de Junot, Massena e outros, tomando as armas pelos inimigos da sua patria; mas, como bom e leal portuguez, rejeitou com dignidade todos os offerecimentos de Massena, pelo que foi internado em Hespanha; mas, á custa de grande perigo, pôde regressar a Portugal, e unir-se ao exercito.

Tinham-se dado as gloriosas batalhas do Bussaco, a 27 e 28 de setembro de 1810.

A divisão do general inglez, Hill, passára para a margem esquerda do Tejo, e alli se lhe unira (20 de outubro) o marquez de la Romana, com 10:000 hespanhoes.

Massena, estacando em frente das famosas linhas de Torres-Vedras, retira, em 14 de novembro, tomando posições em Santarem e Leiria, á espera de reforços.

Em janeiro de 1811, o marechal Beresford, passa tambem para o S. do Tejo, para se oppôr ao inimigo.

Badajoz rende-se aos francezes, por capitulação, em 11 de fevereiro.

Massena recebe um reforço de 30:000 homens; mas nem assim toma a defensiva, antes principia a sua retirada, a 5 de março, sendo atacado pelos portuguezes, no Pombal, Redinha, Foz d'Arouce, e Sabugal.

Massena entra em Hespanha, a 4 d'abril, a 11 é resgatada a praça d'Almeida, e a 15, Beresford, com os portuguezes, resgata Olivença, depois de ter feito levantar o cêrco de Campo-Maior.

Os alliados perseguem o inimigo, em Hespanha.

Massena recebe novos reforços, e ataca os nossos em Fuentes de Honor (3 de maio) mas é derrotado, perdendo 4:000 homens. (Esta victoria custou-nos cara, porque perdemos 3:000 homens.)

Beresford, põe sitio a Badajoz. Soult vem de Sevilha, para fazer levantar o sitio; mas Beresford o espera em Albuera, onde, a 16 de maio, se dá uma sanguinolenta batalha, na qual o inimigo perdeu 9:000 homens; mas nós tivemos tambem 6:000 fóra de combate.

Em 27 de setembro, Marmont, que substituira Massena, toma a nossa artilheria em Fuente-Guinaldo, e persegue os portuguezes até ás nossas fronteiras. Em um dos repetidos ataques que se deram durante esta retirada, é resgatada toda a nossa artilheria. Esta retirada é considerada pelos militares, como um dos mais brilhantes feitos de armas do seculo XIX.

Em 28 de outubro, o general Hill, desbarata o general francez Gerard, na batalha do Arroyo de los Molinos.

Em 19 de janeiro de 1812, é a praça de Ciudad-Rodrigo retomada, d'assalto, pelos alliados.

A 6 d'abril, é retomada, d'assalto, a forte praça de Badajoz, á custa de 5:000 alliados, mortos ou feridos.

Wellington e Marmont disputavam entre si primasias de tactica militar; porém o primeiro, que era um verdadeiro inglez — isto é — que era dotado de um sangue frio a toda a prova, executando um movimento envolvente, obriga o jacobino a acceitar-lhe a famosa batalha de Salamanca (22 de junho) uma das mais gloriosas para os alliados; e na qual, os soberbos vencedores de Iena, Friedland, Austerlitz e Wagran, são completamente derrotados, e cuja victoria abriu ao nosso exercito as portas de Madrid, onde entrava a 12 de agosto. Dois mil francezes que

estavam no forte d'*El-Retiro*, renderam-se, por capitulação, a 24.

N'esta sanguinolenta batalha foi o alferes Pádua gravemente ferido por uma bala de fuzil, que lhe atravessou uma perna.

Os exercitos do usurpador corso, fogem por toda a parte ante as nossas bayonetas victoriosas.

O jacobino Clausel, consegue reunir os differentes destroços dos seus; porém Wellington sahe de Madrid, obrigando o inimigo a retirar para Burgos, e pondo-lhe cêrco. O general hespanhol, *Ballesteros*, desobedecendo ao general em chefe, deixa alli reunir 100:000 francezes. Os alliados, depois de darem ao castello varios assaltos, sem resultado, são obrigados a operar essa homerica *retirada de Burgos*, em que os soldados portuguezes, pela sua disciplina, sangue-frio e coragem, excederam em galhardia as mais celebres legiões do mundo.

Em um d'esses assaltos, teve o tenente Pádua um hombro atravessado pelo estilhaço de uma granada, ficando, pela segunda vez, gravemente ferido; fazendo em maca, toda a retirada, e entrando em Portugal com o exercito, pelos meiados de novembro.

Os alliados, refeitos das graves perdas soffridas na retirada de Burgos, tomam a offensiva (13 de maio de 1813) avançando até Victoria, e obstando a que os exercitos francezes operassem a sua juncção.

O tenente Pádua, apenas convalescente, apresenta-se ao serviço, no seu regimento.

Na manhan de 24 de junho, são atacados os francezes, e tem logar a gloriosissima *batalha de Victoria*. Os alliados tiveram 4:000 homens fóra do combate; porém os francezes perderam 6:000, toda a sua artilheria, thesouro e bagagens (quasi tudo composto dos roubos que haviam feito em Portugal e Hespanha).

José Buonaparte, a quem o irmão intitulára *rei de Hespanha (!...)* a muito custo se pôde salvar, a *unhas de cavallo*.

Os francezes, fogem nas pontas das nossas bayonetas, entrando em França, no 1.º de julho; mas deixando fortes guarnições em Pamplona e S. Sebastião.

Esta ultima praça é sitiada pelos alliados, e, aberta a brecha, são convidados os mais corajosos, para darem o assalto.

O tenente Pádua, é um dos primeiros que se offerece, e a sua inexcedivel bravura e a dos seus camaradas, dá origem á ordem do dia, de 9 de setembro, e á sua promoção, na mesma data, ao posto de capitão, por distincção. Mas Pádua ficára, pela 3.ª vez, ainda mais gravemente ferido, por uma bala de fuzil, que lhe atravessou o fémur da perna direita.

—

Para terminar a rapida narração d'esta guerra homerica, e tornar depois ao capitão Pádua, só direi:

Buonaparte manda Soult tomar o commando em chefe do exercito francez, invasor da Peninsula, reforçado com 30:000 homens. Soult, para fazer levantar o cêrco de Pamplona, ataca os alliados nas suas posições de *Porto da Maia* e *Roncesvalles*, a 25 de julho. Os alliados reconcentram-se em Villalba e Huerta, cobrindo a praça. Teem logar os grandes combates de 27 e 28 de julho, que só deram em resultado, rios de sangue.

A 30, dá-se a famosa batalha dos Pyreneus, e o inimigo é de novo arrojado para a França, depois de ter perdido n'esta batalha 15:000 homens!

Soult, pretende ainda passar o Bidassoa (que separa a Hespanha da França), mas é ferozmente repellido pelas tropas hespanholas, emquanto as luso-anglas dão um terrivel assalto á famosa praça de S. Sebastião (Biscaia) que é tomada a 31 d'agosto, á custa de 3:000 alliados. Os francezes encerram-se na cidadella; porém rendem-se a 8 de setembro.

A 7 de outubro, passam os alliados o Bidassoa. Dá-se a memoravel batalha de *Nivelle* (10 de novembro) e os alliados tomam as linhas francezas.

Combates sanguinolentos junto á praça de Bayona (9 de dezembro). Os alliados, expulsam o inimigo das suas formidaveis posições, entre os rios Nive e Adour, ganhando-se a 13 de dezembro, a batalha de Nive. Soult vê-se obrigado a passar para a margem direita do Adour, em direcção a Dax.

A 27 de fevereiro de 1814, os alliados derrotam Soult, em Orthez; perdendo este 5:000 homens, e aquelles 2:000.

O marechal Beresford entra em Bordeus a 12 de março, e acclama rei legitimo da França, a Luiz XVIII.

Buonaparte é deposto a 3 de abril; porém Soult, desesperado por tantas derrotas, ainda se obstina em resistir aos nossos, nas fortes posições, entre o canal do Languedoc e o rio Garona; porém o exercito luso-anglo, depois de 10 horas de fogo, o derrota e põe em fuga, a 10 de abril.

A 30 de maio celebra-se a paz geral.

—

Tornemos ao capitão Pádua.

Gravemente ferido, como disse, deu baixa ao hospital de sangue. Em 29 de julho de 1814, veio para o deposito de S. Bento, d'onde sahiu a 22 de setembro de 1815.

Em 14 de julho de 1818, foi promovido a major, e de 1826 a 1827, foi ajudante d'ordens do general Claudino.

Em 1828, tomou armas pelo partido liberal, pelo que, teve de homisiar-se, até que, em 3 de abril de 1831, emigrou para a Inglaterra, e no anno seguinte para a Ilha Terceira.

Em 8 de julho de 1832, desembarcou em Arenosa de Pampellido, com o exercito liberal.

Em 4 d'abril de 1833, foi feito tenente coronel de cavallaria, e coronel, a 30 de junho de 1834.

Em 15 de outubro de 1838, foi feito governador do castello de S. Julião da Barra, e a 21 de novembro, foi nomeado commandante da 4.ª divisão militar, e depois da 6.ª Foi promovido a brigadeiro (general de brigada) em 3 de julho de 1845, e em 1846 foi nomeado commandante da 10.ª divisão.

Em 6 de novembro de 1846, foi encarregado da defeza das *linhas de Lisboa.*

Em 6 de julho de 1847, foi promovido a marechal de campo, e commandante da 9.ª divisão.

Em 29 de setembro de 1855, foi feito tenente general.

Por decreto de 21 de outubro de 1857, foi nomeado membro do supremo conselho de justiça militar, do qual foi depois feito presidente, logar que occupou até á sua morte.

Foi condecorado com a cruz n.º 2, das tres campanhas da guerra peninsular, e com varias outras, como as medalhas de ouro do valor militar, bons serviços e comportamento exemplar. Era commendador, e depois grão-cruz, da ordem de S. Bento d'Aviz, e da *ordem do Carvalho*, dos Paizes Baixos; e grão-cruz da de Santo Estanislau, da Russia.

Em 25 de janeiro de 1842, casou com a sr.ª D. Augusta Mathilde de Lencastre e Barros, filha dos srs. viscondes de Castello-Branco (João da Fonseca Coutinho e Castro de Refoyos e D. Anna Joaquina Lencastre de Barros Barba de Menezes—da familia de tres notaveis generaes realistas—Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas, José Cardoso de Carvalho, e seu irmão, Gonçalo Cardoso Barba de Menezes.—Vide *Armamar.*

Tiveram quatro filhos—Rodrigo e Francisco, que morreram de tenra edade. D. Anna, que falleceu solteira, com 19 annos de edade—e D. Antonia Augusta de Lencastre e Barros da Costa e Almeida, que, casando com o sr. Antonio Augusto Ferreira d'Aboim, official do exercito, tambem falleceu no segundo anno de casada.

A morte prematura de todos os seus filhos, e principalmente das duas filhas, na primavera da vida, encheram de amargura os ultimos dias d'este pae inconsolavel; que foi um militar valente, um portuguez benemerito e um verdadeiro homem de bem.

PATACÃO—antiga moeda portugueza.

D. João III mandou cunhar uma moeda de prata, a que se deu o nome de patacão, e que valia 40 réis.

De um lado tinha uma corôa, e por baixo d'ella—Io. III—(João III)—ao fundo XXXX—com a legenda—REX PORTUGALIAE AL.—Do outro lado, uma cruz de S. Jorge, cercada pela legenda—IN HOC SIGNO VINCES.

O mesmo rei, fez *patacões* de cobre, com o pêso de cinco oitavas, com o valor de 10 réis.

Tinham de um lado o escudo real, cercado pela legenda—JOANNES TERTIUS PORTUGALIAE ET ALGARBIORUM—e do outro—um X no

centro, e em redor — REX QUINTUS DECIMUS.

PATACÃO — antiga moeda portugueza — de prata.

Foi mandada cunhar em Gôa (India) no anno de 1555, pelo vice-rei, D. Pedro Mascarenhas.

Era a maior moeda de prata que havia então n'aquelle estado.

PATACO—moeda de bronze, portugueza, bem conhecida, do valor de 40 réis.

Foi mandada cunhar, por decreto de 29 de outubro de 1811.

PATÁIAS — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Alcobaça, 18 kilometros de Leiria, 12 da Pederneira, 120 ao N.E. de Lisboa.

Tem 450 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos. [1]

Orago, Nossa Senhora da Esperança.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

A mitra apresentava o cura, que tinha 42 alqueires e tres quartas de trigo, 12 e meio almudes de vinho, mosto, 2 alqueires d'azeite e 4$000 réis em dinheiro; ao todo 90$000 réis e o pé d'altar.

O bispo D. Pedro de Castilho mandou que o cabido lhe desse mais 21 alqueires e uma quarta de trigo, 1 alqueire d'azeite e mil réis em dinheiro.

A primeira invocação da padroeira d'esta freguezia, foi Nossa Senhora da Conceição; depois, foi Nossa Senhora da Annunciação, e por fim (a actual) Nossa Senhora da Esperança.

Esta ultima invocação foi resolvida em visita, no anno de 1622, mandando-se então que se lhe fizesse a festa no dia da Expectação.

Este logar de Pataias, foi até ao anno de 1536, da freguezia de Paredes, e o povo d'aqui hia áquella villa cumprir todos os preceitos religiosos.

Desde então, o capellão de Paredes, dizia um domingo missa em Paredes, outro em Pataias.

[1] Aqui ha forçosamente engano no *Portugal Sacro.*
Em pouco mais de cem annos, não podia haver tamanho augmento de população.

Em 1542, estando a villa de Paredes já despovoada (vide pag. 483, col. 2.ª d'este volume) não havendo alli mais do que dois velhos e um moleiro—mandou o visitador, que a parochia fosse d'alli em diante em Patáias, que, sendo até então do termo de Paredes, passou a ser do de Alcobaça.

Os freguezes são obrigados á fabrica da egreja.

Por cima d'este logar (que fica perto da costa) nas aréias, está uma lagôa bastante funda, que nunca seccou, e se denomina mesmo *lagôa de Pataias.* N'ella se criam *ruivacos.*

Em certa occasião, pelos annos de 1600, uns pescadores tiraram as suas redes completamente cheias; porém, sendo tantas as salamanticas (ou salamandras) como os ruivacos, nunca mais aqui quizeram pescar.

Fica no districto d'esta freguezia, parte do Camarção, onde ha grande abundancia de coelhos.

—

Tambem é no limite d'esta freguezia, por baixo da egreja de Paredes, e do moinho, uma ermida, da invocação de Nossa Senhora do Desterro, mandada edificar por D. Gastão Coutinho.

PATALIM—appellido nobre em Portugal.

No anno de 1315, vivia, Lopo Rodrigues Patalim, casado com Mayor Pires; os quaes instituiram um morgado, na freguezia de S. Pedro, da cidade de Evora, em 1319.

Este morgado, passou depois, por herança, aos Carvalhos, cujo ramo se appellidou *Carvalho Patalim.*

Suas armas, são—escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, de ouro, 4 coticas asues, em faxa—no 2.º e 3.º de purpura, um castello d'ouro—elmo d'aço, aberto, e por timbre, o castello do escudo.

Outros Patalins, usando as mesmas armas, trazem por timbre, um braço direito, armado com uma espada.

Outros do mesmo appellido, trazem—escudo dividido em aspa—no 1.º e 4.º, de purpura, um torreão d'ouro, com porta de purpura—no 2.º e 3.º, de ouro, 4 coticas asues, em palla.

O mesmo elmo e timbre.

A familia d'esto appellido, que veiu de Aragão, traz por armas: Em campo d'ouro, 5 coticas, de púrpura, em palla.

Êlmo de aço, aberto, e por timbre, um braço direito armado com uma espada—paquifes d'ouro, forrados de asul.

PATEIRA—portuguez antigo—ainda usado—paúl, pantano, marnel, etc., onde costuma haver caça palustre, principalmente *patos*. Vem pois a ser *sitio ou logar dos patos*.

PÁTEIRA—portuguez antigo—pádeira.

PATEIRO—portuguez antigo—bodegueiro—que compra, vende, mata e cosinha cabritos *(bódes.)* D'aqui *bodega*.—Hoje diz se taberneiro.

Não se dá o nome de bodegueiro, ao que vende só vinhos e aguas-ardentes; mas ao que tambem vende comidas feitas.

PATINA—portuguez antigo—paténa.

PAÚL—grande e bonita aldeia, Extremadura, freguezia (de S. Pedro), concelho, comarca, e 3 kilometros à O.N.O. de Torres-Vedras; situada em um alto, em frente e a uns 2 kilometros das famosas *Linhas de Torres Vedras*, e do seminario do Varatojo, que lhe ficam a E., S.E., e S.

D'esta aldeia se gozam extensas e bonitas vistas; e ao sopé do monte em que está situada, se estende uma grande planicie, coberta de vinhas, que produzem o optimo *vinho de Torres*.

Ha aqui uma capella, dedicada a Nossa Senhora da Piedade (ou da Ribeira) e ao evangelista S. Marcos.

PAÚL—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 54 kilometros da Guarda, 245 ao E. de Lisboa.

Tem 250 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Annunciação.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 260$000 réis de rendimento.

E' terra fertil. Muito gado, de toda a qualidade, e muita caça, grossa e miuda.

PAÚL—(quinta do)—Extremadura—Vide *Gollegan*.

PAÚL—fregu ezia, Extremadura, comarca, concelho, districto administrativo, e 10 kilometros de Santarem (foi do concelho de Pernes, comarca de Torres Novas) 95 kilometros ao N.E. de Lisboa.

Tem 325 fogos.

Em 1757 tinha 412 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

E' no patriarchado.

O prior de Valle de Figueira, apresentava o cura, que tinha de renda só o pé de altar.

E' terra fertil, sobretudo em cereaes e azeite.

Fica esta freguezia contigua á de Valle de Figueira, e ao mosteiro, que foi de padres arrabidos, d'esta ultima freguezia.

Sobre um têso da freguezia de Paúl, está a capella de *Nossa Senhora de Alpomper*, a cuja padroeira consagram muita devoção os povos d'estes sitios.

E' templo muito antigo, assim como a imagem, de pedra, da Virgem.

Está em um êrmo, e a herdade que lhe fica mais proxima, é o *Casal dos Altares*, onde se guardam os utencilios da capella.

Ignora-se a etymologia de Alpomper, que parece ser palavra árabe.

Diz-se que n'este sitio esteve o capitão romano, Pompeu, do que ficou o nome ao sitio.

Isto não passa de *conto de velha*; porque, nem Pompeu, nem seus filhos, Cneo Pompeu e Sexto Pompeu, entraram em Lisboa, nem n'esta parte da Peninsula.

Pompeu, entrou em Hespanha, pelos annos 3920 do mundo (84 antes de Jesus Christo) — vindo tambem por esse tempo, Cayo Anio, Romano Ceta, Didio, Quinto Metello Pio, Lucio Domicio, Manilio, e outros, enviados successivamente contra os lusitanos, commandados por Sertorio, que contra aquelles sustentou a guerra por 11 annos, derrotando-os por muitas vezes, e obrigando Metello e Pompeu, a retirarem para as Gallias, pelos Pyreneus.

Pompeu, não podendo vencer os lusitanos, em guerra leal, comprou o estrangeiro Propena, ao serviço de Sertorio, e o traidor o assassinou com 21 punhaladas, no anno do mundo 3929 (75 antes de Jesus Christo)

Prepena fez-se acclamar chefe dos lusitanos; porém Pompeu o matou, ou mandou matar. Foi o justo premio da traição.

Pompeu, terminou o seu governo nas Hespanhas (sem entrar na Lusitania) em 3931 (73 antes de Jesus Christo) e lhe succedeu o cruel Afranio.

—

O que é certo, é ser a capella antiquissima, e não se saber a data da sua fundação.

PAÚL D'ÓTTA—freguezia, Extremadura, na comarca e concelho de Alemquer, patriarchado e districto administrativo de Lisboa, d'onde dista 60 kilometros ao N.E.

Em 1757 tinha 9 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

O enfermeiro-mór do hospital real de Lisboa, apresentava o cura, que tinha 80 alqueires de trigo, 80 de cevada, e 2$000 réis em dinheiro.

Esta freguezia foi suprimida, por pequena (quando já não tinha senão 5 fogos) e unida á de Ótta.

A egreja matriz tinha apenas a altar-mór; mas sem sacrario, e era muito tosca.

Quando se supprimiu, já havia muito tempo que estava sem parocho.

A parochia comprehendia o grande *Paúl d'Ótta* (que tem mais de 6 kilometros de extensão) e as quintas de Valle de Mouro e da Granja (hoje Quinta do Campo.)

Os disimos eram do Hospital real de Lisboa, e rendiam annualmente, mais de cem moios de pão.

Parece que esta freguezia não foi legalmente supprimida, mas, cahindo a pequena egreja matriz em ruinas, o territorio da parochia foi dividido amigavelmente, entre as freguezias d'Ótta e Villa Nova da Rainha.

Em 1851, estava a velha egreja reduzida a curral de gado.

Para o Paúl, que deu o nome á extincta freguezia, e para o mais que se desejar saber a este respeito, vide *Ótta*.

PAULO (São)—freguezia de Lisboa, no bairro occidental, etc.

Foi esta parochia desmembrada da dos Martyres e da de Santos-o-Velho.

Principiou em uma ermida, da invocação do Espirito Santo, que estava no *bêcco do Carvão* (que já não existe.) [1]

Os freguezes construiram depois uma egreja parochial, em 1412, que foi reedificada em 1512.

Arruinada pelo terramoto de 1755, foi reconstruida em 1757.

Está na praça por isso chamada de S. Paulo, que no centro tem um chafariz, mandado fazer pela camara de Lisboa, e concluido em 1849.

Na fachada da egreja estão as estatuas, de marmore, dos apostolos, S. Pedro e S. Paulo, feitas pelo insigne esculptor Antonio Machado.

N'esta parochia está a irmandade de Nossa Senhora da Bôa-Viagem, que é da junta do commercio—e a de S. João Baptista, que é dos calafates.

Pertencia a esta freguezia, o convento dos irlandezes, que vieram para Lisboa em 1629, para fundarem um mosteiro, no qual, depois de instruidos os noviços, e ordenados, voltassem á Irlanda, a prégar a fé catholica, em defesa da qual muitos lá morreram martyrisados pelos herejes, e á ordem do sanguinario Henrique VIII, e de sua filha, a rainha Isabel; que tinham expulsado os religiosos, dos seus reinos, e saqueado e vendido os seus mosteiros.

Os frades irlandezes de Lisboa, pelo seu comportamento exemplar, foram muito protegidos pelos governadores do reino e pela duqueza de Mantua, durante a usurpação dos Philippes, e depois d'ella, por D. João IV, e ainda mais, por sua mulher, a rainha D. Luiza de Gusmão, que lhes deu muitas esmolas e rendas perpétuas.

Principiou a fundação d'este mosteiro em 1659.

Em uma das paredes da egreja do mosteiro, foi gravada em uma lapide a seguinte inscripção:

[1] Parece-me que era, pouco mais ou menos, onde hoje é a travessa do Boqueirão da Ribeira Nova.

A SACRA E REAL MAGESTADE
DA RAINHA DE PORTUGAL, D. LUIZA DE GUSMÃO,
FUNDOU ESTE MOSTEIRO, PARA
RELIGIOSOS IRLANDEZES, DE S. DOMINGOS.
DEDICADO A N. S. DO ROSARIO,
E AO PATRIARCHA S. DOMINGOS.
4 DE MAIO DE 1659.

—

No espaço de quatro annos, sahiram para a Irlanda 40 religiosos d'este mosteiro, que quasi todos morreram martyres.

(Vide no artigo *Lisboa*, a egreja do *Corpo Santo*.)

PÁUS—villa extincta, Douro, freguezia d'Alcorobim (vol. 1.º, pag. 80, col. 1.ª)

D. Manuel deu foral a esta villa, em Lisbôa, a 2 de junho de 1516. (*L.º de foraes novos da Extremadura*, fl. 221, col. 1.ª)

E' povoação muito antiga.

Por serem curiosos, copio aqui alguns periodos de duas provisões regias:

1.ª

«D. Eduarte, polla graça de Deos, rey de Portugall e do Algarve, e senhor de Cepta, a quantos esta carta de confirmação virem, fazemos saber, que a condessa D. Joanna, molher do conde darrayollos, meu sobrinho, nos mostrou privilegios, doações e cartas do mui virtuoso e de grandes virtudes, El-Rey D. Joham, meu senhor e meu padre, de mui gloriosa memoria, e da Raynha, minha Senhora, e madre, cujas almas, deos ajá, e nossas seemdo iffamte.......................

....

Huma carta de del Rey Dom Fernando, per que deo ao conde D. Joham Affomso, o logar e a terra que he chamado *páaos*, que é em rriba de vouga, com todos os seus termos e jurisdições, como as o dito comde avia em eixó; aquall carta foi dada em lixboa, a cinquó dias doutubro, feita per Vaasque annes, Era de cezar, de mill quatrocentos e seis annos.» (1368 de J.-C.)

2.ª

«Dom Phellippe etc.—a quantos esta minha Carta de confirmação virem, faço saber, que, por parte de D. Sancho de Noronha, conde de Odemira, filho do conde D. Affonso de Noronha que Deos perdoe, me foi apresentada uma carta d'El-Rei D. Affonso 5.º, que santa gloria haja; que se tirou da Torre do Tombo, por minha provisão; da qual o traslado é o seguinte.»

Segue-se a carta de D. Affonso V, que dá ao conde de Odemira, por confirmada a doação das terras de Riba-Vouga, scilicet, dos julgados d'Eixo, Ois do Bairro, Páus, e Villarinho, com todos os outros logares e reguengos que o rei ahi tinha: o que D. Philippe (II) tambem confirmou.

Segue-se pois que por muitos annos foi a villa de Páus, cabeça de um julgado. (Vide *Eixo*.)

PÁUS—Villa extincta e freguezia, Beira-Alta, comarca, concelho e 5 kilometros de Rézende (foi do extincto concelho de S. Martinho de Mouros, comarca e 8 kilometros ao O. de Lamego) 6 kilometros da margem esquerda do Douro, 325 ao N. de Lisboa.

Tem 512 fogos.

Em 1757 tinha 383 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Um dos beneficiados de S. Martinho de Mouros, apresentava o cura, que tinha 100$ réis de rendimento.

A fl. 103 do Censual da mitra d'esta diocese de Lamego, se diz que esta parochia era annexa e filial da matriz de S. Martinho de Mouros, e apresentada por um beneficiado da collegiada d'aquella egreja — podendo o dito beneficiado apresentar esta egreja e servir o beneficio—ou curar esta egreja e apresentar o beneficio. Com o andar dos tempos, passou a ser reitoria, e hoje é abbadia, por mercê feita pelo prelado o sr. D. Antonio da Trindade e Vasconcellos Pereira de Mello, ao parocho actual, o reverendo Gemeniano José Gomes, natural de Résende, e ecclesiastico de illustração e merecimento.

O rendimento d'esta abbadia póde orçar-se em duzentos e cincoenta mil réis, termo medio. A egreja matriz é um templo regular e espaçoso; tem uma torre de granito, bastante alta e muito solida, e a residencia parochial é soffrivel.

Lamego: e perseguindo-os até ao Espigão de Mesquitella, lhes aprisionou 5 soldados.

No dia 1 de junho de 1847, sabendo o barão do Casal que Justiniano estava no Porto, mandou a Cordova uma força para levar pão; mas apenas foi presentida, o povo repicou os sinos, e cahindo sobre a força a obrigou a retirar, aprisionando-lhe 8 soldados.

Em desforra, estando ainda no Porto com a sua gente o Justiniauno, fez marchar (o Casal) no dia 22 do dito mez, outra força maior sobre Cordova, e não só saquearam a povoação, mas incendiaram 13 casas das principaes em Cordova, Paredinhas e Fornêllo, principiando pela do Justiniano.

Coube a parte principal d'este *honroso feito* á guerrilha, ou antes *quadrilha*, commandada pelos celebres Marçaes de Fozcôa — Antonio e Manuel — os quaes foram tão malvados como o Espadagão de Cernancelhe; mas, tambem como elle, foram ambos mortos a tiro, passados annos.

Em 28 do mesmo mez, foi a Villa-Real de Traz-os-Montes com o barão de Castro d'Ayre, e alli se bateu valentemente contra as forças do barão Vinhaes, aprisionando-lhe 80 a 90 homens, e perdendo apenas 1 sargento, 1 cabo e 4 soldados.

Tomou tambem parte na acção que as tropas da junta perderam em Valle-Paços, por se bandearem com as forças do governo dois corpos de linha inteiros (o 13 e o 15 d'infanteria); e em Mirandella sustentou nutrido fogo, unido a outras forças da Junta, defendendo a ponte contra tropas do Vinhaes.

Os soldados que formavam o batalhão ou guerrilha do celebre Cordova, eram voluntarios escolhidos e valentes, bem como os officiaes.

Terminada a lucta pela convenção de Gramido, foi o nosso heroe repetidas vezes administrador do concelho e presidente da camara de Rézende, havendo-se sempre com desinteresse e dignidade, até que falleceu no Porto, em 25 de julho de 1861, e pouco depois, sua esposa D. Leopoldina Adelaide e Mello, da nobre familia Mellos de Adálvares. Era tio do actual administrador do concelho de Rézende, o sr. dr. Albino Augusto Guedes e Mello, tambem natural de Córdova, casado com uma filha do sr. Francisco Carlos, de Penalva, cunhada do sr. D. Joaquim d'Azevedo, representante da nobre casa da Soenga.

Pertence tambem á aldeia de Fornêllo, d'esta freguezia, o sr. dr. José Teixeira Borges Soeiro, actual delegado do procurador regio em Villa Pouca d'Aguiar.

PAULO DE FRADES (São) — freguezia, Douro, concelho, comarca, districto administractivo, bispado e 6 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

(O seu primeiro orago, foi S. Paulo, apostolo.)

O collegio de S. Bernardo, de Coimbra, apresentava o vigario, ad nutum, vulgarmente chamado abbade, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

E' terra muito fertil.

PAVÍA—villa, Alemtejo, comarca de Monte-Mór-Novo, concelho e 15 kilometros de Móra (foi do mesmo concelho, mas da comarca e 15 kilometros ao N. d'Arrayolos) 35 kilometros ao N.N.O. d'Evora, 24 ao S. das Galveias, 100 ao S.E. de Lisboa.

Tem 280 fogos.

Em 1757, tinha 127 fogos.

Orago, Conversão de S. Paulo, apostolo, Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 150 alqueires de trigo, 60 de cevada, e 12$000 réis em dinheiro.

Foi cabeça de concelho, e tinha foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 15 de fevereiro de 1516. (*L.º dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 85, col. 2.ª)

Diz-se que D. Diniz lhe deu foral, e a fez villa, em 1287; mas Franklim não traz este foral.

Fabrica-se n'esta freguezia a melhor cal do reino, principalmente cal hydraulica.

Está a villa situada sobre um plató.

Tem Misericordia, e hospital, com 266$000 réis de rendimento.

—

Ao N., por um fragoso valle, e junto a um grande rochedo, por onde se sóbe para a villa, corre o rio *Téra*, que nasce na serra d'Ossa, tendo aqui uma bella ponte de cantaria,

E' terra muito fertil.

Ha na freguezia as ermidas de S. Dionizio, S. Sebastião, e S. Antonio.—No termo duas—S. Miguel, archanjo—e S. Gens.

O seu termo tem 35 kilometros de comprido, de E. a O., e 18 de largo de N. a S.

O seu territorio é fertil, em pão, azeite, legumes e fructas.

Cria muito gado, e ha abundancia de mel e cêra. Ha muita caça.

Eram senhores donatarios d'esta villa, os condes do Redondo, que aqui teem um sumptuoso palacio.

Segundo a Nobiliarchia, o condado do Redondo, andava nos Castellos-Brancos, descendentes de D. Gil Rodrigues de Castel-Branco, senhor de Tormõ, e das fortalezas, de Castiel e Adamus, no reino de Aragão.

O 1.º conde do Redondo, foi D. Vasco Coutinho (que já era conde de Borba) feito por D. João II, em 16 de março de 1486.

As armas dos condes do Redondo, são—escudo esquartellado, das Quinas de Portugal e das armas de Leão.

Timbre, um leão d'ouro.

—

Pavia é tambem um nobre appellido em Portugal.

Procede de Roberto de Pavia, cavalleiro da cidade de Pavía, na Italia (ducado de Milão) o qual, vindo a Portugal, povoou e deu o nome a esta villa (que estava abandonada.)

Foi seu descendente, Martim Affonso de Pavía, cujos successores trocaram Pavia, pela aldeia de São Manços, onde Vasco Martins de Pavia fundou um morgado.

As armas dos Pavias, são—escudo escaquetado de prata e negro, de trez peças em faxa e cinco em palla.

Élmo de prata aberto—e por timbre, meio leão, lampassado de purpura e escaquetado de prata.

PAXOEIRO—portuguez antigo—livro em que se acham escriptas ou gravadas, as *paixões* que escreveram os quatro evangelistas. (Doc. de Lamego, de 1455.)

PAY DOS MENINOS — portuguez antigo — Deu-se este nome, por uma provisão regia, de 1535, a um official mechanico, da cidade do Porto, cuja obrigação era cuidar dos engeitados que apparecessem no seu districto, levando-os ao juiz dos orphãos. (Doc. da Camara do Porto, de 1535.)

PAY DOS VELHACOS—vide *Pae dos...*

PAYO—vide *Paio.*

PÊA—portuguez antigo — pena, castigo. (Doc. de 1318.)

PEADO—portuguez antigo—condemnado a pena, ou castigo.

PEAR—portuguez antigo—castigar, obrigar á pena imposta pela lei.

PEADOIRO—portuguez antigo—o que mereceu castigo ou pena.

PÉ DA SERRA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Niza, 35 kilometros de Portalegre, 200 ao S.E. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757, tinha 111 fogos.

Orago, S. Simão, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha—120 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 12$000 réis em dinheiro.

E' terra fertil. Gado e caça.

PECCAR—portuguez antigo—pagar, satisfazer, etc.

Ego peccavi pro Stephano Reymondo Miles, quinquaginta morabitinos per unun equn. (Doc. da universidade de Coimbra, de 1245; que fôra do priorado-mór de Santa Cruz, que havia sido annexado á universidade.)

PECEGUEIRO—freguezia, Douro, concelho de Sever do Vouga, comarca d'Agueda, 45 kilometros ao O. de Viseu, 265 ao N. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757, tinha 140 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado de Viseu; districto administrativo de Aveiro.

Lamego: e perseguindo-os até ao Espigão de Mesquitella, lhes aprisionou 5 soldados.

No dia 1 de junho de 1847, sabendo o barão do Casal que Justiniano estava no Porto, mandou a Cordova uma força para levar pão; mas apenas foi presentida, o povo repicou os sinos, e cahindo sobre a força a obrigou a retirar, aprisionando-lhe 8 soldados.

Em desforra, estando ainda no Porto com a sua gente o Justinianno, fez marchar (o Casal) no dia 22 do dito mez, outra força maior sobre Cordova, e não só saquearam a povoação, mas incendiaram 13 casas das principaes em Cordova, Paredinhas e Fornéllo, principiando pela do Justiniano.

Coube a parte principal d'este *honroso feito* á guerrilha, ou antes *quadrilha*, commandada pelos celebres Marçaes de Fozcôa — Antonio e Manuel — os quaes foram tão malvados como o Espadagão de Cernancelhe; mas, tambem como elle, foram ambos mortos a tiro, passados annos.

Em 28 do mesmo mez, foi a Villa-Real de Traz-os-Montes com o barão de Castro d'Ayre, e alli se bateu valentemente contra as forças do barão Vinhaes, aprisionando-lhe 80 a 90 homens, e perdendo apenas 1 sangento, 1 cabo e 4 soldados.

Tomou tambem parte na acção que as tropas da junta perderam em Valle-Paços, por se bandearem com as forças do governo dois corpos de linha inteiros (o 13 e o 15 d'infanteria); e em Mirandella sustentou nutrido fogo, unido a outras forças da Junta, defendendo a ponte contra tropas do Vinhaes.

Os soldados que formavam o batalhão ou guerrilha do celebre Cordova, eram voluntarios escolhidos e valentes, bem como os officiaes.

Terminada a lucta pela convenção de Gramido, foi o nosso heroe repetidas vezes administrador do concelho e presidente da camara de Rézende, havendo-se sempre com desinteresse e dignidade, até que falleceu no Porto, em 25 de julho de 1861, e pouco depois, sua esposa D. Leopoldina Adelaide e Mello, da nobre familia Mellos de Adálvares. Era tio do actual administrador do concelho de Rézende, o sr. dr. Albino Augusto Guedes e Mello, tambem natural de Córdova, casado com uma filha do sr. Francisco Carlos, de Penalva, cunhada do sr. D. Joaquim d'Azevedo, representante da nobre casa da Soenga.

Pertence tambem á aldeia de Fornêllo, d'esta freguezia, o sr. dr. José Teixeira Borges Soeiro, actual delegado do procurador regio em Villa Pouca d'Aguiar.

PAULO DE FRADES (São) — freguezia, Douro, concelho, comarca, districto administractivo, bispado e 6 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

(O seu primeiro orago, foi S. Paulo, apostolo.)

O collegio de S. Bernardo, de Coimbra, apresentava o vigario, ad nutum, vulgarmente chamado abbade, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

E' terra muito fertil.

PAVÍA—villa, Alemtejo, comarca de Monte-Mór-Novo, concelho e 15 kilometros de Móra (foi do mesmo concelho, mas da comarca e 15 kilometros ao N. d'Arrayolos) 35 kilometros ao N.N.O. d'Evora, 24 ao S. das Galveias, 100 ao S.E. de Lisboa.

Tem 280 fogos.

Em 1757, tinha 127 fogos.

Orago, Conversão de S. Paulo, apostolo, Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 150 alqueires de trigo, 60 de cevada, e 12$000 réis em dinheiro.

Foi cabeça de concelho, e tinha foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 15 de fevereiro de 1516. (*L.° dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 85, col. 2.ª)

Diz-se que D. Diniz lhe deu foral, e a fez villa, em 1287; mas Franklim não traz este foral.

Fabrica-se n'esta freguezia a melhor cal do reino, principalmente cal hydraulica.

Está a villa situada sobre um plató.

Tem Misericordia, e hospital, com 266$000 réis de rendimento.

—

Ao N., por um fragoso valle, e junto a um grande rochedo, por onde se sóbe para a villa, corre o rio *Téra*, que nasce na serra d'Ossa, tendo aqui uma bella ponte de cantaria,

E' terra muito fertil.

Ha na freguezia as ermidas de S. Dionizio, S. Sebastião, e S. Antonio.—No termo duas—S. Miguel, archanjo—e S. Gens.

O seu termo tem 35 kilometros de comprido, de E. a O., e 18 de largo de N. a S.

O seu territorio é fertil, em pão, azeite, legumes e fructas.

Cria muito gado, e ha abundancia de mel e cêra. Ha muita caça.

Eram senhores donatarios d'esta villa, os condes do Redondo, que aqui teem um sumptuoso palacio.

Segundo a Nobiliarchia, o condado do Redondo, andava nos Castellos-Brancos, descendentes de D. Gil Rodrigues de Castel-Branco, senhor de Tormõ, e das fortalezas, de Castiel e Adamus, no reino de Aragão.

O 1.º conde do Redondo, foi D. Vasco Coutinho (que já era conde de Borba) feito por D. João II, em 16 de março de 1486.

As armas dos condes do Redondo, são—escudo esquartellado, das Quinas de Portugal e das armas de Leão.

Timbre, um leão d'ouro.

—

Pavia é tambem um nobre appellido em Portugal.

Procede de Roberto de Pavia, cavalleiro da cidade de Pavía, na Italia (ducado de Milão) o qual, vindo a Portugal, povoou e deu o nome a esta villa (que estava abandonada.)

Foi seu descendente, Martim Affonso de Pavía, cujos successores trocaram Pavía, pela aldeia de São Manços, onde Vasco Martins de Pavia fundou um morgado.

As armas dos Pavias, são—escudo escaquetado de prata e negro, de trez peças em faxa e cinco em palla.

Élmo de prata aberto—e por timbre, meio leão, lampassado de purpura e escaquetado de prata.

PAXOEIRO—portuguez antigo—livro em que se acham escriptas ou gravadas, as *paixões* que escreveram os quatro evangelistas. (Doc. de Lamego, de 1455.)

PAY DOS MENINOS — portuguez antigo — Deu-se este nome, por uma provisão regia, de 1535, a um official mechanico, da cidade do Porto, cuja obrigação era cuidar dos engeitados que apparecessem no seu districto, levando-os ao juiz dos orphãos. (Doc. da Camara do Porto, de 1535.)

PAY DOS VELHACOS—vide *Pae dos*....

PAYO—vide *Paio*.

PÊA—portuguez antigo—pena, castigo. (Doc. de 1318.)

PEADO—portuguez antigo—condemnado a pena, ou castigo.

PEAR—portuguez antigo—castigar, obrigar á pena imposta pela lei.

PEADOIRO—portuguez antigo—o que mereceu castigo ou pena.

PÉ DA SERRA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Niza, 35 kilometros de Portalegre, 200 ao S.E. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757, tinha 111 fogos.

Orago, S. Simão, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha—120 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 12$000 réis em dinheiro.

E' terra fertil. Gado e caça.

PECCAR—portuguez antigo—pagar, satisfazer, etc.

Ego peccavi pro Stephano Reymondo Miles, quinquaginta morabitinos per unun equn. (Doc. da universidade de Coimbra, de 1245; que fôra do priorado-mór de Santa Cruz, que havia sido annexado á universidade.)

PECEGUEIRO—freguezia, Douro, concelho de Sever do Vouga, comarca d'Agueda, 45 kilometros ao O. de Viseu, 265 ao N. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757, tinha 140 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado de Viseu, districto administrativo de Aveiro.

A mitra apresentava o abbade, que tinha de rendimento 340$000 réis.

E' terra muito fertil em todos os generos do paiz, e as suas laranjas são das melhores de Portugal.

Cria muito gado, e nos seus montes ha bastante caça.

Está esta freguezia situada sobre a margem direita do rio Vouga (o *Vacca* dos antigos) que, nascendo na freguezia de Quintella da Lapa, a 30 kilometros a N.E. de Viseu: passa ao N. d'esta cidade, rega a S. Pedro do Sul e Vousella e desagúa na Ria de Aveiro, com 105 kilometros de curso; sendo navegavel d'esta freguezia de Pecegueiro para baixo (24 kilometros.)

São seus confluentes—á direita, o *Sul* e o *Caima*—e á esquerda, *o Brasélla* (ou Varziella) *Riba-Má*, e *Agueda.*

Seria de grande utilidade para o commercio, para a agricultura e para a industria, levar a effeito a ideia ha muito concebida, de tornar navegavel o Vouga, desde esta freguezia até S. Pedro do Sul; porque, este canal, atravessando parte do centro da Beira Alta, atrahiria á barra d'Aveiro, grande quantidade dos productos d'aquella fertil provincia.

Em Serem, principia o Vouga a ser orlado de bellos campos, que se estendem até á sua confluencia com a Ria, que é o espaço de 16 kilometros.

As inundações do Vouga, fazem estes campos fertillissimos em milho grosso, linho, legumes, hortaliças, etc. Em Fróssos, fórma uma pateira, ou lagôa, navegavel para barcos pequenos.

E' Pecegueiro uma povoação muito antiga, e já existia antes que o conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, tomassem conta de Portugal.

Nas *Inquirições reaes*, a que mandou proceder o rei D. Diniz, em 1282, se lê que, na aldeia de *Sevêr de Pecegueiro do Vouga*, tinha a ordem do Hospital, um casal que pagava a terça do que matasse no rio «*e as primariças* (as primeiras lampreias que se pescavam) *que á adar a el Rey, e rousso, e omezio, e merda en bôca.*» (Doc. da Torre do Tombo.)

Vide *Serem*, *Sevêr* e *Vouga.*

PECEGUEIRO—(ilha do)—Alemtejo.

Na costa do Oceano, entre as villas de Sines e Villa Nova de Mil Fontes, a 15 kilometros de cada uma, está a ilhota denominada *Ilha do Pecegueiro,* com o seu forte, mandado construir por D. Pedro II, pelos annos de 1690, para evitar a invasão dos africanos.

Foi seu constructor e 1.º governador, o capitão, João Rodrigues Mouro.

Foi artilhada com 5 boccas de fogo, e se lhe poz uma guarnição de 30 soldados. Está hoje deserto e desartilhado.

Ao E. d'esta ilhota, a 1 kilometro de distancia, na terra firme, está a ntigaa capella de Nossa Senhora da Queimada, objecto de grande devoção para os povos d'esta costa.

Consta que a origem do nome da sua padroeira, foi o seguinte:

Pelos annos de 1660, entraram os mouros por este ilhote (o que faziam muitas vezes) com as suas lanchas, a roubar e captivar o que podiam; porque ainda então não havia no ilhote fortificação alguma.

Hindo á ermida da Senhora, o eremitão se defendeu corajosamente, matando muitos mouros; mas, como não fosse soccorrido, e só contra tantos, teve de succumbir na lucta, sendo morto e o templo e casa do eremitão saqueados.

Pegaram na imagem da Virgem e a foram lançar a uma balsa de mattagal e silvado que havia aqui perto, e lhe lançaram fogo.

Arderam o matto e as silvas até se reduzir tudo a cinzas; mas depois de hidos os mouros, veiu gente das proximidades, que achou a capella roubada, o eremitão morto, e a imagem da padroeira desapparecida; mas, procurando-a entre as cinzas, a acharam inteira e illesa, o que tiveram por milagre, e fez redobrar a sua devoção para com a Senhora, á qual, desde então deram o titulo de *Nossa Senhora da Queimada.*

Até então tinha a invocação de Nossa Senhora da Assumpção, e é no dia d'este mysterio (15 de agosto) que se lhe faz a sua festa.

PECEGUEIRO—freguezia, Douro, comarca

d'Arganil, concelho de Pampilhosa, 90 kilometros da Guarda, 210 ao N.E. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 72 fogos.

Orago, S. Simão, apostolo.

(O Portugal Sacro, diz que é S. Thiago, apostolo.)

Bispado da Guarda, districto administrativo de Coimbra.

O prior de Pampilhosa, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé de altar.

E' fertil, e cria bastante gado. E' territorio montanhoso, abundante de caça. Vide *Pampilhosa*.

PECÊNO—portuguez antigo—pequeno.—*E ey muy gram vergunha, de que tam pecêna manda faço; mas pero, nom me porria culpa quem ma fazenda soubesse.* (Doc. de Vairão, de 1289.)

PECHÃO ou **PEXÃO**—freguezia, Algarve, concelho de Olhão, comarca, districto administrativo e 6 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa.

Tem 290 fogos.

Em 1757, tinha 128 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado do Algarve.

O bispo apresentava o cura, que tinha 195 alqueires de trigo, 36 de cevada e 120 arrobas de figos.

A egreja matriz está edificada em um alto d'onde se vê o mar.

A freguezia é espalhada por casaes, e tem uns 36 kilometros quadrados.

Seu territorio é em grande parte occupado por montes incultos; mas nos sitios cultivados produz muitos cereaes, alfarrobas, algum vinho, e grande abundancia de figos.

Ha n'esta freguezia, duas optimas fazendas, uma chamada *Bella-Mandil* e a outra *Torrojão*. São muito abundantes d'aguas e fertilissimas.

Bella-Mandil, é a palavra arabe *belad* (paiz) unida á outra, tambem arabe — *Mandil* (lenço ou guardanapo) e vem a ser—*propriedade* (ou *terra*) de lenço.

Os portuguezes deram o nome de mandil, a um bocado de saragoça, com que se limpa o pó das cavalgaduras.

Torrojão é corrupção de *Torre de Joanne*, do que se fez *Torre João*, e por fim *Torrojão*.

PECHOSO—portuguez antigo—(mais usado na Hespanha do que em Portugal.)

Ou venha de *pecho*, que não só significa peito, mas tambem *tributo*—ou de *pécha*, que significa *falta, defeito, senão*, etc.—Vemos esta palavra nos escriptores antigos, já como *individuo de grandes peitos, ou seios*—já pelo que costuma pôr defeito ou *axes*, em cousas ou pessoas—já pelo que está sujeito a muitos e grandes tributos.

Nada tem *pechoso* de commum com *pichoso*.

Este ultimo adjectivo applicava-se (e ainda se applica) ao rabujento, impertinente, migalheiro, etc.

PECTAR—portuguez antigo—depois, *peitár*—pagar peita, tributo, direito, mulcta, etc.

PEDAÇÃES—a antiga villa de *Pedaçanes*, Douro.—Vide *Lamas do Marnel*.

PEDERNEIRA—villa, Extremadura, comarca e concelho de Alcobaça, 18 kilometros ao O.N.O. de Leiria, 6 ao N. de Maiorca, 105 ao N. de Lisboa.

Tem 800 fogos.

Em 1757, tinha 233 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Areias.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

E' povoação muito antiga.

O D. abbade geral d'Alcobaça, apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Está esta freguezia situada na foz do rio *Alcôa*, em 39° 36' de lat. N.—e 40' de long. occ.

Foi por 3 seculos cabeça de um concelho, que foi supprimido por decreto de 24 de outubro de 1855, tendo então 900 fogos.

O mesmo decreto supprimiu mais quatro concelhos no districto administrativo de Lei-

ria, foram — S. Martinho do Porto, Chão do Couce, Maçans de D. Maria, e Louriçal.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, no 1.º de outubro de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 132, col. 2.ª)

Ao E. da villa, a uns 1:800 metros de distancia, ha um monte de forma conica, no tope do qual está a capella de S. Bartholomeu e de S. Braz.

Este monte (ou pico) avista-se do mar, em distancia de mais de 30 kilometros, e serve de balisa aos navegantes e aos pescadores.

Houve n'esta capella, ainda não ha muitos annos, um eremitão que o povo d'estes sitios tinha por santo.

Está sepultado na capella, junto ao altar da Senhora.

D'este pico se gosa um bello e vastissimo panorama. (Vide *Fetal*, *Nazareth*, *Paredes* e *Viseu*.)

—

Já disse na villa (extincta) de *Paredes*, e na freguezia de *Pataias*, d'este volume, qual foi o acontecimento que deu causa ao abandono de Parêdes; cujos moradores se vieram aqui estabelecer, ampliando a povoação, e trazendo para a Pederneira todos os seus haveres—e os seus foraes e privilegios, que guardaram no archivo da camara, e que hoje devem estar em Alcobaça.

Ao S. da villa, está a *Serra da Pescaria*, e n'ella a ermida de S. Julião, templo antiquissimo, e que alguns escriptores dizem ter sido fundação do 2.º Viriato, ou edificado no seu tempo. [1] (Vide *Eburobriga*, vol. 3.º, pag. 5.)

Ha n'esta capella umas inscripções em caracteres desconhecidos, que uns attribuem aos phenicios, outros aos godos.

Junto á villa, está um chafariz de cantaria, construido pelo rei D. Sebastião, em 1577. Foi este mesmo soberano, que deu principio á fortaleza de S. Miguel, concluida por Manuel Gomes Pereira, em 1600, ao qual Philippe III fez, n'esse mesmo anno, 1.º governador da fortaleza.

O chafariz velho que está dentro da villa, decorado com as armas de Portugal, é obra do rei D. Manuel, e foi feito pelos annos de 1520.

Tem a villa mais algumas fontes, e um ribeiro, denominado *Enxurro*.

—

Consta que o nome de *Pederneira* lhe vem por ser aqui achado um antiquissimo marco, redondo, de 1m,10 d'alto (que ainda existe) feito de *silex pyromico* [1] (pederneira).

Notemos, porém, que no portuguez antigo, *pederneira* significa *recife* ou *cachopo*, formado de seixo; e como ha varios d'estes recifes por esta costa, inclino-me mais a que d'isto lhe provenha o nome.

—

Consta a freguezia da Pederneira, das 4 povoações seguintes: — a villa, *Nazareth*, *Praia*, e *Fanhaes*. O povo d'esta ultima povoação, emprega-se na agricultura; o das outras é quasi todo pescador e maritimo.

Houve aqui um estalleiro, onde se construiram alguns navios do estado e particulares.

PEDÓME — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 24 kilometros a O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

---

[1] Se assim foi, o que é mais que duvidoso —não era templo christão, mas gentilico, porque Viriato, o moderno (ou 2.º) viveu entre os annos 42 e 14 antes de Jesus Christo.

A vontade que teem alguns escriptores de dar grande antiguidade aos edificios, obriga os a cahir em tamanhos disparates como com respeito a esta capella cahiu o padre Cavalho, na sua Chorographia, pois dá uma egreja catholica construida na Lusitania, pelo menos 14 annos antes da vinda de Christo, e, pelo menos, 50 e tantos antes de ser prégado o christianismo na Peninsula.

O que póde é ter sido um *fano* romano, depois, templo catholico, que passou a ser mesquita mourisca e por fim ermida christan.

[1] *Silex*, é o *quartzo*, compacto, de origem concrecionada. Os mineraes compostos de silica, mais ou menos pura, dividem-se em tres especies—1.ª (a mais bella) *agatha*—2.ª, *calcedonia*—3.ª, *quartzo*.

O silex, póde dizer-se uma calcedonia grosseira. A pederneira, é uma variedade de silex, a que se dá o nome de *silex pyromico*, que, em portuguez comesinho, vem a dizer — *seixo que faz lume*.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Santo Eloy (conegos de S. João Evangelista) da cidade do Porto, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Muito gado, colmeias e caça.

PEDONDE—Douro.—Antigo nome do rio *Arda*, e da freguezia seguinte.

PÉDORÍDO, ou PÉ-DORIDO — freguezia, Douro, concelho e 12 kilometros a O. do Castello de Paiva, comarca e 20 kilometros a O.N.O. d'Arouca, 58 ao O. de Lamego, 70 ao N.E. d'Aveiro, 30 a E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Bispado de Lamego, districto administrativo d'Aveiro.

O D. abbade benedictino de Paço de Souza, apresentava *in solidum*, o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Está esta freguezia formosamente situada sobre a margem esquerda do Douro, e na encosta da serra do seu nome, tendo por limite do lado do O., o ribeiro d'Areja, e pelo E. o rio Arda, até quasi junto da sua confluencia com o Douro, onde o territorio da freguezia occupa um pequeno espaço a E. do rio; mas sem mais casa alguma.

A egreja matriz é pequena, antiga, de architectura singela, e pobre de ornatos, e apezar de estar edificada mais de 50 metros sobre o nivel do Douro, muitas vezes as cheias teem chegado ao adro, e ainda em dezembro de 1860, chegou a agua do rio até ao nivel do seu pavimento. Umas grandes e altas nogueiras, plantadas a alguns metros acima da superficie do Douro, ficaram então, umas total, outras quasi totalmente, debaixo da agua.

Em frente da povoação, na margem opposta, fica a bonita aldeia de *Rio-Mão* (com uma grande, nova e bonita capella de Santo Antonio) da freguezia de Sebollido, concelho de Gondomar, comarca, bispado e districto administrativo do Porto.

—

O terreno d'esta freguezia, que occupa uma área de 5 a 6 kilometros, está em grande parte inculto; mas o cultivado, é fertil em todos os generos agricolas do nosso clima. (Nunca vi aboboras tão grandes como n'esta freguezia.) Cria bastante gado, de toda a qualidade.

Em toda a freguezia só ha uma capella no logar da Póvoa, mas é particular, do sr. doutor Aranha. (Vide *Póvoa de Pédorido.*)

Na *serra dos Terreiros*, no sitio chamado *Alto da Póvoa*, passa a grande zôna carbonifera de que fallei nas palavras *Castello de Paiva* (concelho) e *Paraizo*, freguezia.

Parallela a esta zôna, e a E. d'ella, passa uma grande *veia* de ferro, de boa qualidade.

Poucos metros abaixo, e na encosta septentrional d'esta serra, ha uma nascente de agua fresca e clarissima. É agradavel ao paladar, deixando apenas um leve gôsto a capa-rosa (vitriolo). Possue a qualidade adestringente, em summo grau, e deve ser utilissima para a cura de padecimentos do estomago. Ainda não foi analysada.

Esta freguezia, póde dizer-se que é composta apenas de duas povoações (Pédorido e Póvoa), de duas quintas (Fornêllo e Germunde), e de dois casaes (Parada e Arêja): todavia, o povo d'aqui, distingue a aldeia de Pédorido, sob diversos nomes, como são — Egreja, Nogueira do Rio (que é á beira do rio Douro), Costa, Congosta, etc.

O logar de Pédorido — com todas as suas denominações—está em volta da egreja, pelo E., S.E., S., S.O., e O., e muito proximo d'ella. O logar de Parada, fica a uns 400 metros ao S., na encosta da serra; e o logar da Póvoa, fica em uma baixa, ao S.O. da serra, e a uns 2 kilometros da matriz.

A quinta de *Fornêllo*, que foi do sr. Verissimo Albino Vaz Pinto, do Burgo, d'Arouca, e é hoje, por compra, de um *brasileiro* de Pédorido, fica sobre a margem do Douro, e tem uma boa casa para habitação de caseiros — segue-se lhe a de Germunde, que foi do fallecido barão de Rendufe, e é hoje do sr. doutor Aranha, da Póvoa. É tambem á beira do rio, e ficam ambas a O. do logar. O casal da *Arêja*, é ainda a O. de Germunde, na margem direita do ribeiro d'Aréja, e

situado junto á sua confluente com o Douro.

Este casal, é a ultima povoação que o bispado de Lamego tem para o O., pois que o ribeiro separa esta diocese da do Porto. (Vide *Arda* e *Arêja*.)

No sitio chamado Nogueira do Rio, ha uma estalagem denominada *da Maria de Todo o Mundo*. Era uma boa mulher, natural da Régua, chamada Maria do Nascimento, que, com seu marido, veio aqui estabelecer-se. Hoje pertence a uma sua neta.

—

É esta freguezia abundantissima de optimo peixe, tanto do mar, que lhe vem pelo rio, como do Arda e Douro.

No Arda, pescam-se, até pequena distancia da sua foz, lampreias e saveis — e em todo elle, barbos, erózes, bógas, escálos, e grandes e saborosissimas trutas, rivaes na delicadeza do gosto, ás do rio Paiva, que fica 6 a 7 kilometros mais acima.

Pertencente a esta freguezia, ao N.E. do rio Arda, ha um vasto areal (a que aqui chamam *Arinho* e *Areinho*) onde, desde janeiro até fins de maio, se empregam mais de vinte barcos, na pesca das lampreias, saveis, tainhas, mugens, etc. — A pescaria é feita com rêdes d'arrastar.

Os barcos são de proprietarios de Pédorido e de Rio-Mão.

As lampreias, pescam-se tambem em *cabaceiras* (pequenos saccos de rêde) nas *pesqueiras*, que são umas grossas paredes, que, á semelhança de *lingoêtas*, se fazem nas margens dos rios, em sitios em que no inverno a agua chegue a metade da altura da pesqueira.

Em occasiões de pescaria abundante, compra-se aqui um bom savel, ou uma grande lampreia, por 60 e 80 réis. Então, os pescadores, esperando melhor occasião de venda, guardam as lampreias em *viveiros*, que são uns tanques, fechados por uma casa; mas, estando muito tempo o peixe n'estes *viveiros*, faz-se molle, e é menos gostoso.

As lampreias e os saveis do Douro, são melhores (mais gostosos) do que os do Mondêgo, Lima e Minho: e quanto mais Douro acima, quanto melhores são.

Grande parte do povo de Pédorido e Rio-Mão, estão á espera do tempo das pescarias, como o lavrador espera pelo tempo das colheitas; e, se o anno é feliz, fazem grande negocio.

Além dos cinco mezes da pesca dos saveis e lampreias, nos outros sete, pescam-se varias qualidades de peixe, já com *travessilhos*, já á tarráfa (a que aqui chamam *chumbeira*).

O peixe é exportado, algum para o Porto, e a maior parte para as povoações ruraes circumferentes.

Os generos agricolas, apenas dão para consumo da parochia; que, alem do peixe, apenas exporta algum gado bovino.

Apezar de todas estas condições de prosperidade, a freguezia é no geral pobre, tendo poucos lavradores *remediados*, e uma só casa rica — a dos srs. Aranhas, da Póvoa, que é vinculada.

O povo de Pédorido, é, no geral, bom, hospitaleiro, trabalhador, socegado e religioso.

PEDRA—(Bom Jesus da)—vide *Obidos* (6.° vol., pag. 191. col. 2.ª)

PEDRA—(Senhor da) — vide *Golpelhares* (a pag. 299, col. 1.ª, do 3.° volume.)

PEDRA DA MÃO DO HOMEM—No fim da freguezia de Nossa Senhora de Adoufe (Traz-os-Montes, concelho de Villa Real) ao N., acima da estrada de Villa Real a Chaves, e entre os logares d'Estariz, e o de Bonagouro, ha um sitio, chamado *Mão do Homem*, em rasão de estar alli um grande rochedo, no qual estão gravadas, quatro mãos de homem, abertas—uma até ao cotovêllo, outra, um tanto mais curta, e as outras duas, só até ao pulso.

Junto a ellas se vê gravado na mesma pedra, aberto a picão, o leito de um carro, de 66,m de comprido.

Entendendo o povo que estas garatujas indicavam thesouro mourisco proximo, tem em differentes epochas revolvido o terreno adjacente, sem que até agora tenha apparecido cousa alguma.

E' a este penedo que o povo dá o nome de *Pedra da Mão do Homem*.

—

A uns 300 metros de distancia d'este lo-

gar, do lado de baixo da estrada, junto ao rio Córgo, em um pequeno monte, que faz um grande despenhadeiro para o rio, se veem alicerces de muralhas e outros edificios.

E' tradição que existiu aqui uma fortaleza e povoação romanas; e é certo, que ao lado do norte do monte, entre estas ruinas, se teem por varias vezes, e cavando á pequena profundidade, achado moedas romanas, de cobre, em grande quantidade, e de mui diversas fórmas; mas de tal modo oxidadas, que se lhe não podem conhecer as letras, nem os cunhos, e se desfazem facilmente.

PEDRA D'ALVIDRAR — Notavel penêdo, Extremadura, na famosa *serra de Cintra.*

Depois de uma incommoda jornada, por atalhos pedragosos, chega-se ao pequeno e pobre logar de *Almoçagéme* (que me parece corrupção de *Al-Muça-Jasemin*—O Muça Jasmim—Muça é nome proprio arabe) e d'ahi principia a subir-se a montanha cuja encosta está coberta de vinhas, que produzem os famosos vinhos denominados de *Collares.*

Chega-se finalmente ao enorme banco de pedra, de assombrosa altura, talhado quasi a prumo, e contra o qual se debatem as ondas revoltas do Oceano. E' a *Pedra d'Alvidrar.*

Proximo a este penêdo está o abysmo chamado *Fôjo,* no fundo do qual refervem as ondas, com estampido medonho. (Vol. 2.º, pag. 359, col. 2.ª)

A *Pedra d'Alvidrar* é a vertente occidental da montanha formada de rocha viva, cortada quasi perpendicularmente sobre o mar; e d'este elevadissimo ponto, se gosa um magestoso panorama.

A' esquerda, e a pouca distancia, está o *Cabo da Roca*—e á direita, as praias, *do Cavallo, das Maçans, da Ericeira,* e outras.

A bastante distancia, para o O.N.O., se veem, em dias claros, os ilheus das Berlengas e Farilhões.

E' este um dos pontos da nossa costa, que offerece mais interesse ao viajante curioso, pela sua imponente magestade.

Alguns homens da localidade, e mediante uma pequena retribuição descem, firmando-se *com unhas e dentes,* ás arestas da rocha, agarrando-se ás suas anfractuosidades, e ás raizes das plantas parasitas, até ao fundo do Fôjo, d'onde trazem conchas ou seixinhos, que os *touristes* guardam para lembrança.

Quando o mar está socegado, veem-se passar a pouca distancia da costa, barcos de pesca, vapores e navios de vela, crusando as ondas em todos os sentidos.

PEDRA DA MÚA—vide *Senhora do Cabo.*

PEDRA DE ESCANDALO—E' mui vulgar usar-se d'esta expressão quando se quer tornar mais odioso o mau procedimento de qualquer, que pelas suas acções offende a honra e o decoro publico: pelo que convem saber a causa que motivára esta expressão.

Havia uma pedra elevada, junto do portico principal do capitolio da antiga Roma, na qual se achava esculpida a figura de um leão.

Aquelles que faziam *banca-rôta,* ou quebra dolosa, e que se viam na necessidade de abandonar os bens aos seus crédores, eram obrigados a assentar-se, nús, sobre esta pedra, e clamar em alta voz *«cedo bona»* eu abandono os meus bens—seguindo-se a esta declaração o baterem tres vezes na dita pedra com o posterior!

Passada esta pratica irrisoria (que todavia para alguns seria forte motivo para serem mais escrupulosos, e não delapidarem os bens dos outros) não podiam ser mais inquietados; mas ficavam diffamados; eram declarados intestaveis, e até não podiam depôr em juizo como testemunhas: tal era a maneira como corrigiam os devedores dolosos.

PEDRA FURADA — Sahindo de Setubal, e costeando o rio Sádo, para E., encontra-se proximo da cidade, um rochedo, tão notavel pela sua fórma e posição, como pela sua materia, e monstruosa grandeza.

Ergue-se na margem do rio, junto de uma collina arenosa, de modo que, tem de uma parte a base banhada pelo Sádo, e da outra, enterrada na areia da collina.

Tem d'altura, desde a superficie da agua

até ao ponto mais elevado, $17^m,78$—e de diametro, uns 9 a 10 metros.

Na sua formação, granitica, com mistura de mineral ferruginoso (oxido de ferro) assimilha-se ao célebre rochedo de Leiningen, na Allemanha.

Tem a superficie toda carcomida, e tão crivada de buracos e cavidades, como uma esponja.

O seu gigantesco vulto, espelhando-se no rio; a negrura da sua côr; e a sua posição solitaria, como sentinella perdida dos seculos cahidos na voragem do passado, lhe dão um aspecto fantastico.

Dá-se-lhe o nome de *pedra furada*, em razão da sua fórma cavernosa.

—

Na *quinta de Lousado* (na freguezia de Canêdo, comarca e concelho da Feira—Douro) do sr. doutor Manuel Augusto Paes Moreira, ha um penedo exactamente e em tudo similhante, menos no volume—que este, apenas tem uns dois metros de altura. Indica ser um antigo marco de divisão de propriedades.

E' de notar que nem n'esta freguezia de Canedo, nem nas em redor, a mais de 5 kilometros de distancia, ha pedra de semelhante qualidade.

A unica pedra que aqui ha, é schisto, muito friavel, e algum—pouco—quartzo.

PEDRA FURADA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, Santa Leocadia.

Arcebispado e districto administractivo de Braga.

O reitor do mosteiro de conegos de S. João Evangelista, de Villar de Frades (os *bons homens de Villar*) apresentavam o cura, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

Terra fertil. Gado e caça.

PEDRA SALGADA—aldeia, Douro, na freguezia d'Avintes, concelho e 5 kilometros ao N.E. de Villa Nova de Gaia, comarca, districto administrativo, bispado, e 5 kilometros a E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa.

Consta este logar, apenas de duas bonitas quintas, a do O., dos herdeiros de Ayres Pinto de Souza de Mendonça, que foi regedor das justiças do Porto, e a do E., que era do general realista, José Cardoso de Carvalho, o qual, morrendo solteiro e sem filhos, deixou a casa a seu irmão, o brigadeiro, tambem realista, Gonçalo Cardoso Barba de Menezes (vide *Armamar*) e é hoje da sua viuva.

A primeira, é, desde muitos annos, um grande deposito de vinhos do Alto Douro, que aqui é recolhido e... *beneficiado*, sendo depois exportado para varias partes do reino e estrangeiro.

Tem um bom caes, para embarque e desembarque.

Está a Pedra-Salgada em um sitio dos mais formosos dos arrabaldes do Porto, sobre a margem esquerda do Douro, ficando-lhe a distancia de um kilometro a O.N.O., na margem opposta, a bella e notavel quinta do *Freixo*. (Vide *Campanhan* e *Freixo*—quinta do) que d'este logar se vê perfeitamente, assim como varias outras povoações das freguezias de Campanhan e Val-bom, tambem na outra margem do rio.

E' a Pedra Salgada, o passeio favorito de muitas familias do Porto, e concorridissimo, sobre tudo aos domingos e dias sanctificados.

A casa da quinta do O., é boa, porém mais propria para armazens do que para uma commoda habitação.

A outra quinta, tem uma optima casa, que, apezar de não ter concluido senão o centro e a parte do O., bem se lhe póde chamar, uma sumptuosa casa de campo.

PEDRÁÇA—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 45 kilometros ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do collegio de S. Jeronymo, de Coimbra, apresentava o reitor, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

E' terra muito fertil em todos os generos agricolas — muito bom vinho — cria muito gado de toda a qualidade; mel e cêra.

Abundante de caça, grossa e miuda. Peixe do Tâmega, e de alguns ribeiros que por aqui passam.

—

Em 1867, em um monte d'esta freguezia, foram encontrádas 8 moedas romanas, de prata.

A maior parte eram de Augusto. Tinham de um lado, um busto de homem, coroado de loiro, e em volta a legenda — TI. CAES. DIVI AVGVSTVS—e do outro, um homem sentado, e em volta a legenda—PONTIF. MAXIM.

—

Em abril de 1869, appareceram na aldeia de *Bradélla*, d'esta freguezia, algumas medalhas romanas; sendo a mais antiga, do imperador Augusto, que governou o imperio romano, desde o anno 3973 do mundo (31 antes de Jesus Christo) até ao anno 14 de Jesus Christo.

Eram todas de prata, e com os cunhos perfeitamente conservados.

Appareceram tambem — uma moeda de bronze, do imperador Galliano, filho de Valeriano, do 3.° seculo da era christã—e duas do imperador Constantino, que morreu no anno 337 de Jesus Christo.

Tambem estavam perfeitamente conservadas.

—

Honra-se esta freguezia de ser a patria de tres varões (irmãos) tão notaveis por seus talentos, como pelas suas virtudes.—Eram:

Joaquim Velloso de Sequeira, abbade d'esta freguezia (que parochiou por 34 annos) e n'ella nasceu em 1808, e aqui falleceu, depois de prolongados e dolorosos padecimentos, soffridos com verdadeira resignação christã, no dia 18 de fevereiro de 1874.

Mais de 400 parochianos, e grande numero de clerigos, alguns vindos de grandes distancias, acompanharam o féretro até ao seu ultimo jazigo, vendo-se nos rostos de todos, signaes evidentes da saudade que lhes pungia os corações, e pranteando sinceramente aquelle que por tantos annos fôra seu parocho sollicito, seu esclarecido conselheiro, e seu sincero amigo.

Legou os seus haveres, que valiam uns 18 contos de réis, a seu sobrinho, o sr. padre Bento José Barroso, illustrado e exemplar sacerdote d'esta freguezia.

Era tambem sobrinho do virtuoso abbade, o sr. Souza e Silva, esclarecido redactor do jornal politico, *O Commercio do Porto.*

O padre Mestre, frei Balthazar Velloso de Sequeira (irmão do referido abbade) tambem já fallecido, que foi professor de theologia moral, no seminario diocesano do Porto.

O reverendo sr. frei José d'Aquino Velloso de Sequeira, actualmente conego da real collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães—é o 3.° dos irmãos; e ambos, estes ultimos, de tanto saber e virtudes, como o primeiro.

—

Ha tambem n'esta freguezia, vestigios de uma torre.

N'ella viveu, Vasco Gonçalves Barroso, e sua mulher, D. Leonor d'Alvim, que, depois de viuva, casou com o grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira.

Consta que esta torre foi solar dos duques de *Lerma.*

PEDRAÍDO ou **PEDRAHIDO** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe (foi do antigo concelho de Monte-Longo — que é o actual de Fafe—comarca de Guimarães) 30 kilometros ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago, S. Bento.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Santa Senhorinha de Basto, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis e o pé de altar.

Foi villa e couto, pertencendo este ao mosteiro cisterciense, das freiras de Arouca.

O morgado da Taipa, recebia 70$000 réis annuaes, das rendas d'esta freguezia.

PEDRALVA ou **PEDRA-ALVA**—villa e freguezia, Minho, concelho, comarca, districto

administrativo, arcebispado e 1 kilometro de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Em 1757 tinha 440 fogos.

Orago, o Salvador.

O abbade de S. Pedro d'Éste, apresentava o vigario, collado, que tinha 70$000 réis e o pé de altar.

Foi couto, que D. Sancho II deu ao arcebispo de Braga, D. Silvestre Godinho, em 26 de novembro de 1238.

O motivo d'esta doação foi o seguinte:

D. Affonso Henriques, sempre em guerra contra os que lhe disputavam o senhorio de Portugal, e contra os mouros, para alargar a área d'este reino, queria ter da sua parte o arcebispo de Braga (então uma potencia) e o clero da sua diocese. Fez-lhe, em 27 de maio de 1128, muitas e grandes mercês e desmarcados privilegios; entre estes—*Et sicut Avus meus Rex Alfonsus dedit adjutorium ad Ecclesiam S. Jacobi faciendam: simili modo do, at que concedo Sanctæ Mariæ Brach. Monetam, unde fabricetur Ecclesia... Insuper etiam dono, atque concedo in Curia mea totum illud, quod ad Clericale Officium pertinet, scilicet, Capellaniam, et Scribaniam, et caetera omnia; quæ ad Pontificis curam pertinent.*

Eram pois para a fabrica da Sé de Braga, os rendimentos d'esta moeda; dos quaes D. Affonso II a privou, como se vê do rescripto do papa, Honorio III, de 23 de dezembro de 1221, pelo qual, manda aos bispos de Astorga e Tuy, façam restituir á Egreja de Braga, além d'outras cousas, *Cancellariam, Capellaniam, Monetam* de que o rei a tinha despojado; mas, nada aproveitaram as diligencias do arcebispo de Braga e do seu cabido, até que, no referido dia 26 de novembro de 1238, se concordaram, em Guimarães, o dito arcebispo, D. Silvestre Godinho e seus conegos, com D. Sancho II, dando-lhes este soberano as egrejas de Ponte de Lima, e Touginha, em terras de Faria, livres e isentas de todo e qualquer direito real: e as suas villas e terras de Pedralva, Gouviães e Adaúffe (hoje Adouffe) em terra de Panoias, as quaes mandou coutar *per lapides; sicut alind Cautam de Regno, quod melius cautatum est.*

Então o arcebispo e cabido, renunciaram para sempre, todo e qualquer direito que tinham, ou pudessem ter *super Moneta, Capellania, et Cancellaria Domini Regis.* (Doc. da Mitra de Braga.) [1]

—

João de Barros, nas suas *Antiguidades de Braga*, diz que S. Damaso, papa, nasceu em Pedralva. (Vide *Braga, Briteiros* (Senhora da Piedade e Santo Antonio) e *Catania.*

—

Teve Pedralva as justiças proprias do couto, duas companhias de ordenanças com seus capitães e mais officiaes, e um capitão-mór.

O ultimo capitão-mór de Pedralva, foi Antonio da Rocha Couto, que falleceu na cidade de Vianna, em janeiro de 1875.

Tinha nascido em 1787. Era um dos mais distinctos cavalheiros da provincia do Minho.

Concluiu a sua formatura em leis, na universidade de Coimbra, em 1822. Foi official do batalhão de Voluntarios Realistas de Vianna, e cavalleiro professo da ordem de Christo.

Tinha a propriedade de escrivão da camara ecclesiastica de Vallença.

Por disposição testamentaria, foi conduzido de sua casa, pela real irmandade da Misericordia, para o templo dos congregados, onde teve pomposos officios.

PEDRAS DE LINHARES—(Vol. 4.º, pag. 99, col. 1.ª) é o ultimo *ponto* que tem o rio Douro, desde o seu nascimento até á foz.—Vide *Pontos do Douro.*

PEDRAS NEGRAS—sitio de Lisboa, bem conhecido.

A rua das Pedras Negras, está junto á Sé e é continuação da rua do Arco do Limoeiro, hindo da rua do Barão, e finda na rua da Magdalena.

E' parte da freguezia da Sé, e parte da da Magdalena.

[1] Parece que o dinheiro mandado cunhar pelos arcebispos de Braga, foi mandado recolher á casa da moeda, porque não tem apparecido nem uma só, que me conste.

A travessa das Pedras Negras, é a 1.ª, á esquerda, na travessa do Almada, hindo do largo da Magdalena (vulgo, largo do Caldas) e finda tambem na rua da Magdalena, pertencendo á freguezia d'este nome.

Trabalhando-se em 1771, nos alicerces do palacio que o correio-mór d'este reino, pae do 1.º conde de Penafiel (hoje dos marquezes do mesmo titulo) levantava das ruinas, do grande terramoto de 1755, descobriram os pedreiros, ao O. das obras, umas thermas ou banhos, evidentemente de construcção romana, com grande abundancia d'agua mineral.

A architectura d'estas thermas era magestosa e elegante, o que prova que foram construidas no tempo do maior esplendor dos dominadores do mundo.

Tinham na frente uma inscripção latina, que adiante copio.

Constava de um grande banho em fórma de meia laranja, servindo-lhe de cúpula e remate o segmento de uma elypse ou espheroide, e era como um nicho.

A sua altura total era de 10 metros, e tinha de largura 5, e de base ou espessura 2m,60.

D'esta base e pavimento, se levantava um tanque, cuja figura era um segmento de circulo.

O lado ou linha curva, era o mesmo nicho: e da parte exterior, se levantava, desde o pavimento e da sua base, uma parede, que do lado opposto cerrava a bôcca ou parte do arco, ficando assim o tanque comprehendido, entre o semicirculo do nicho e a parede que o fechava em linha recta.

A elevação do tanque, era de 2m,22, e a sua extensão a mesma do nicho.

No meio do tanque, da parte interior, isto é, no meio do arco do circulo, se viam os vestigios de um assento, e ao pé d'este, restos do cano ou registo, por onde a agua se communicava ao tanque: tudo fabricado de excellente argamaça.

Para entrar para este tanque, ou banho, havia nos dois lados da parede exterior, duas escadas, cada uma com 5 degraus de pedra, e cada degrau de altura de 0m,155, e de 0m,44 de comprimento, e 0m,33 de largo,

No meio do espaço do nicho, que restava do tanque, havia um outro nicho mais pequeno, mas da mesma figura e em tudo semelhante ao grande.

Dentro d'este se achou a estatua de um guerreiro romano, de excellente marmore branco, e optima esculptura, mas alguma cousa damnificada no rosto, em um braço, e em uma perna.

No peito tinha a figura do sol, e sobre o ventre, duas esphinges, ou serpentes, aladas, com rosto de mulher.

Tinha os braços nús, dos cotovellos para diante, e as pernas, dos joelhos para baixo, todo o mais corpo figurava vestido de ferro, ou de *armas brancas*.

Na mão esquerda segurava um escudo, tambem de marmore, onde se via esculpida a figura de uma loba, dando de mamar a dois meninos (Romulo e Rémo.)

Sobre este pequeno nicho, a distancia de um metro d'elle, embutido na parede, estava um tijollo vermelho, de 0m,66 de comprido, e 0m,44 de largo, com esta inscripção:

THERMÆ CASSIORUM
RENOVATÆ A SOLO JUXTA JUSSIONEM
NUMERII ALBANI V. C. P. P. I.
CURANTE AUR. FIRMO
NEPOTIANO ET FACUNDO CONSS.

(Thermas dos Cassios, reedificadas desde os fundamentos, segundo a ordem de Numerio Albano, varão consular, illustre pae da patria; sendo inspector da obra, Aurelio Firmo, e consules, Nepociano e Facundo.)

Para o tempo em que viveram estes individuos, vide adiante.

Os tijolos d'esta obra, eram de differentes grandezas e côres, uns vermelhos, outros quasi pretos, outros mais ou menos brancos. Uns do comprimento de 0m,66, por 0m,44 de largo, outros de 0m,33 em quadro, e finalmente, outros mais pequenos.

Havia ainda mais alguns tanques pequenos, com seus nichos, da mesma configuração, mas em nenhum se acharam estatuas.

O aqueducto para o despejo da agua dos

tanques, não foi descoberto; sómente para o E., a distancia de 10 metros, havia um grande reservatorio d'agua (cisterna) que hoje está debaixo de uma escada interior do palacio.

Tinha agua, quando se achou, e mandando-se limpar, se descobriu um aqueducto, que corria para os tanques.

Era em fórma de funil, com o largo para os tanques.

Achou-se mais outro aqueducto do lado do N., parecendo vir do monte do castello (de S. Jorge.) A agua era tépida; mas não foi analysada.

Estas thermas e toda a mais fabrica, dividia-se e estava separada do publico, por uma parede de alvenaria, que então (1771) se demoliu.

Via-se que as thermas ficavam mais baixas do que á rua; e entrava-se para ellas, por uma pequena porta de couceira, que se achou no meio d'esta parede.

Não se póde averiguar a altura d'esta, e se vedava ao publico a vista das thermas, pois se achava desmoronada na sua parte superior.

—

Estes Cassios de que reza a inscripção (Caio, Lucio e Quinto Cassio) eram tres irmãos, que viveram no tempo da guerra civil de Roma, que foi pelos annos 705 da sua fundação, ou 48 antes de Jesus Christo.

—

Parece que estas thermas comprehendiam um grande espaço, pois que, correndo d'este logar, uns 150 metros para o S., na rua Bella da Rainha (rua da Prata) e defronte da egreja de Santa Maria Magdalena, trabalhando-se para abrir os alicerces de algumas casas, em 1763, se descobriram outros muitos nichos e tanques, de egual fabrica, e junto d'elles, a seguinte inscripção:

SACRUM
AESCULAPIO
M. AFRANIUS EUBOROENSIS
ET
L. FABIUS DAPHNUS
A. V. G.
MUNICIPIO. D. L.

(Memoria consagrada a Esculapio. Marco Afranio, euboroense, e Lucio Fabio Dafno, no augusto municipio, dedicaram este padrão.)

Parece-me que este Marco Afranio, não era d'Evora, mas da *Eburobriga*. Vide esta palavra, a pag. 5 do 3.º volume.

—

Parece que esta obra, renovação da antiga, foi feita no anno 335 ou 336 de Jesus Christo, 30.º do imperador Constantino; porque eram então consules em Roma, Flavio Nepociano e Pompilio Facundo. (*Hespanha Sagrada*, de Flores, tom. 4.º, paginas 516 e 525.)

A pouca distancia d'estas thermas, estava um templo dedicado a Esculapio, deus da medicina, como se vê da memoria que refere *Marinho*, no L.º 3.º, cap. 7.º, e é a seguinte:

AESCULAPIO SACRUM.
CULTORIBUS LARUM
MARIO ET MANLIO AQUILIO COSS. IT.
JULIUS MACRINUS
D

(Memoria consagrada a Esculapio, pelos veneradores dos Deuses Lares, sendo consules, segunda vez, Mario, e Manlio Aquilio. Julio Macrino dedicou.)

Mario e Manlio, foram pela 2.ª vez consules, no anno de Roma 653, que vem a ser, cem antes de Jesus Christo.

Muito proximo d'este templo, estava a praça chamada dos Canos, do que talvez provenha o nome á rua e á freguezia de S. João da Praça.

—

Quanto mais a gente vae lendo, estudando, combinando e investigando, mais luzes vae adquirindo sobre as antiguidades da nossa terra.

A pag. 360 do 4.º volume, e fundado no que dizem muitos escriptores veridicos antigos, disse que, onde hoje vemos a Sé

patriarchal, houve um templo romano, dedicado ao Sol.

O doutor Francisco Tavares, medico de D. Maria I, que nas suas *Instrucções e Cautellas*, etc., tantas provas deu dos seus vastos canhecimentos em archeologia, diz, a pag. 136, terminantemente, e como cousa sabida e assentada, que a *Praça dos Canos*, o *templo de Esculapio*, e as thermas, estavam proximos, e não falla no *templo do Sol*, que, segundo eu disse no logar citado, devia ficar contiguo e sobre a rua de *S. João da Praça* — isto é — onde Tavares sitúa o templo de Esculapio, ou, pelo menos, muito proximo.

E' verdade que podiam haver dois templos idolatras muito perto um do outro; porém nenhum escriptor menciona dois templos aqui, mas só um: differem porém no idolo a que era dedicado, dizendo uns que era a Apollo, outros a Esculapio.

A monstruosa serpente que Miguel Leitão de Andrade diz estar enroscada em volta do zimborio do templo, symbolisava—segundo os que pretendem que fosse o templo dedicado ao Sol (Phebo ou Apollo)—a serpente *Python*, que Apollo matou ás setadas.

Isto, que parece desmentir o doutor Tavares, na minha humilde opinião ainda mais o confirma.

Por medianamente instruido em mythologia que qualquer esteja, sabe que *Epidauro* era uma cidade do Peloponeso, na peninsula de Argolida (hoje Sacania, sobre o golpho Saronico ou de Enguia.) [1]

Estando a cidade de Roma em risco de despovoar-se, por causa de uma terrivel peste, enviou deputados a Epidauro, onde Esculapio era especialmente honrado, como deus da medicina, para conseguirem a estatua d'esta divindade.

Esculapio, atravessou a cidade em figura de *serpente*, saltou ao navio dos romanos, enroscando-se na sua pôpa; e, chegando a Roma, saltou para a bella ilha do Tibre, onde indicou que queria um templo, e, construido este, tomou a sua forma d'homem, e a peste cessou.

Desde então, ficou a serpente sendo o emblema de Esculapio, e o symbolo da medicina; como ainda hoje vemos em quasi todas as boticas.

Creio pois que a tal *monstruosa serpente do grande zimborio*, não era a Python, mas a de Epidauro; e que o templo era dedicado a Esculapio, e não ao Sol. [1]

Alem d'isso era mais proprio de um grande e luxuoso estabelecimento thermal, o templo do deus da medicina, do que o do deus do dia.

—

De outros monumentos achados n'este sitio das Pedras Negras, quando em 1749 se edificaram as casas de João d'Almada, cuja frente está para o largo da Magdalena, faz mensão o padre D. Thomaz, na sua *Carta ácerca dos monumentos romanos descobertos no sitio das Pedras-Negras*: impressa em 1754.

Para não fazer este artigo mais longo, remetto o leitor curioso da especialidade, para a referida *Carta*.

Pode tambem vêr-se a *Monographia da Egreja matriz da cidade de Lisboa*, pelo nosso esclarecido archeologo, o sr. abbade, Antonio Damazo de Castro e Souza (vulgo *Abbade Castro*) no fasciculo n.º 5, pag. 65, do *Boletim architectonico e de archeologia*, da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, a que tem a honra de pertencer o auctor d'esta obra.

PEDRAS RUIVAS antigamente **PEDRAS RUBRAS**—aldeia, Douro, freguezia de Moreira da Maia, concelho da Maia, comarca, districto administrativo, bispado e 8 kilometros ao N. do Porto, 320 ao N. de Lisboa.

Esta aldeia é célebre, porque, em 8 de julho de 1832, depois de ter desembarcado

[1] Havia outra cidade com o nome de Epidauro, sobre o Golpho argolico, ou de Napoli, na Laconia, entre Limera e Argos; mas a esta, para a distinguir da outra, se lhe dava o nome de *Epidauro de Limera*.

[1] Note-se porém que, pouco mais acima da Sé, onde existiu o templo, e passada a egreja de Santa Luzia, existiram as *portas do Sol*, e ainda ha o *largo das Portas do Sol*.

n'esse dia, o sr. D. Pedro, com o exertito liberal, das 3 para as 4 horas da tarde, no sitio até então chamado *Praia dos Ladrões*, em Arenosa de Pampellido, entre Parafita e Lavre, foi o mesmo senhor e o seu estado-maior, pernoitar a esta aldeia, a casa do lavrador, *Manuel José d'Andrade.*

Ainda vive a viuva de Manuel José de Andrade, a sr.ª D. Joaquina Alves d'Andrade, e é seu filho, o sr. José Ferreira de Andrade, que residem na mesma casa.

Tenho em meu poder, trez certidões originaes, devidamente reconhecidas, em prova d'este facto.

A 1.ª, do sr. Bernardo Moreira da Silva, parocho do Salvador de Moreira, datada de 29 de novembro de 1840.

A 2.ª, da mesma data, do sr. Antonio Domingues dos Santos, reitor eleito e encommendado, da freguezia do Salvador da Lavra.

E a 3.ª, de 2 de dezembro, do mesmo anno, do sr. Luiz Manuel Moutinho, parocho da freguezia de S. Mamede de Parafita.

Todas estão reconhecidas, pelo tabellião do Porto, Manuel Carneiro Pinto, em 5 de dezembro de 1840.

—

Foi senhora das *Pedras Rubras*, D. Gontina, fundadora do mosteiro de cruzios, do logar de Gontão, n'esta freguezia de Moreira. (Vol. 5.º, pag. 543, col. 2.ª, a 2.ª Moreira d'esta columna.)

D. Gontina viveu n'este logar (de Pedras Rubras) até aos fins do seculo IX, e aqui fundou a ermida de *Nossa Senhora Mãe dos Homens*, que ainda se conserva, apezar de ter mais de mil annos de existencia!

Ha n'esta povoação um grande largo, ou praça, onde se fazem tres feiras por semana, todas muito concorridas por pessoas d'este concelho e dos immediatos.

Tiveram origem estas feiras, no anno de 1832, durante o cêrco do Porto.

Os lavradores e industriaes, não podendo hir á cidade vender os seus generos, principiaram a conduzil-os para o largo das Pedras Ruivas, onde eram comprados pelo exercito realista, e assim se foram conservando até os nossos dias, ainda que com menor variedade de generos.

A estrada americana (rail road) do Porto á Villa do Conde e á Póvoa de Varzim, tem uma estação nas Pedras Rubras, o que muito concorre para o desenvolvimento do commercio e industria d'estes sitios.

E' uma povoação rica, com bôas propriedades; e alguns capitalistas aqui tem fixado a sua residencia.

Já antes do caminho americano, havia aqui uma bôa estrada a mac-adam, que partindo de Leça da Palmeira, atravessa a Póvoa, e vae entroncar com a de Braga, passando pelo centro da povoação.

Foi n'este largo que o exercito liberal acampou, de 8 para 9 de julho de 1832.

—

Conta-se uma anecdota acontecida n'esta aldeia, no mesmo dia 8 de julho, com o sr. D. Pedro, do modo seguinte:

Foi o principe a uma locanda e perguntou o que havia para comer, ao que lhe respondeu o bodegueiro:—«Peixe de 3 FFF.» —«Então o que é peixe de *trez* éfes?»—«E' *faneca, fresca, frita.* O sr. D. Pedro comeu, e depois, disse ao locandeiro:—«Não tenho aqui dinheiro para lhe pagar, e então fica sendo o peixe de *4 éfes—faneca, fresca, frito, fiada.*»

Si non é vero, é ben trovato.

PEDRAS SALGADAS—logar, Traz-os-Montes, na freguezia de S. Martinho de Bornes. (Vol. 1.º, pag. 421, col. 2.ª)

Entre a povoação de Bornes e á de Rebordechão, na margem esquerda do pequeno rio dos Avellanes, junto á antiga estrada de Villa-Real a Chaves, está situado o estabelecimento d'aguas mineraes, das *Pedras Salgadas.*

Estas aguas contêem lithina, arsenito de sóda, ácido carbonico, carbonato de sóda, etc.

Foram premiadas na exposição de Vienna d'Austria, em 1873, com o diploma de merito.

São geralmente conhecidas em todo o reino e no estrangeiro, principalmente no Bra-

sil, as suas qualidades therapeuticas, sobretudo, para padecimentos do estomago, da pelle e da bexiga.

Para a tal exposição, só foram aguas do *Penêdo* e de Rebordechão, as unicas que até hoje se teem applicado internamente. As outras só teem sido utilisadas em banhos, e se tem d'elles obtido pasmosos resultados, com especialidade em molestias cutaneas.

—

É constante n'esta freguezia, que o distincto medico da villa de Chaves, o doutor Paulo de Moraes Leite Mello, fizera applicação d'estas aguas para uma doente, d'aqui natural, com bom resultado, já no primeiro quartel d'este seculo; todavia, ninguem curava da sua exploração e analyse; estavam abandonadas, e assim permaneceriam, talvez para sempre, se não fosse a recente descoberta das de Vidago.

Este facto despertou o desejo de fazer explorações analogas. Como era sabida a applicação que d'estas aguas havia feito, em tempo, o doutor Paulo de Moraes, a camara de Villa Pouca d'Aguiar, por parecer de seu facultativo o sr. dr. Henrique Ferreira Botelho, em 1870 emprehendeu exploral-as, fazendo entrar, para esse fim, uma verba no orçamento; porém no concelho de districto não foi approvada!!

Não podendo continuar-se, portanto, a obra da exploração, foram n'esse mesmo anno cedidas, mediante a quantia em que haviam importado as despezas que a camara tinha feito, que eram poucas, a uma empreza composta dos srs. Manuel Ignacio Pinto Saraiva, de Villa-Real, hoje fallecido, e dr. Henrique Ferreira Botelho, de Villa Pouca d'Aguiar; tão sómente a camara, por voto de um de seus membros, o sr. José Leonardo da Costa Pinto, natural d'esta freguezia, reservou, em favor d'este concelho, a faculdade de seus habitantes poderem fazer uso d'esta agua gratuitamente, excepto dos banhos.

A empreza comprou um terreno adjacente, pela modica quantia de 60$000 rs., a Philippe José da Costa Pinto, do logar de Bornes, que, apezar de estar inculto, valia muito mais. N'elle, e n'outros, que lhe tem acrescentado, tem feito as obras, que tal estabelecimento demandava.

—

São quatro as nascentes exploradas, conhecidas pelos nomes de—Penêdo—Rebordechão—Rio—e Estrada—na extensão de duzentos metros, cujas aguas foram analysadas pelo sr. José Julio Rodrigues, lente de chimica da Eschola Polytechnica de Lisboa, e approvadas pela sociedade das sciencias medicas de Lisboa.

As duas primeiras são empregadas para bebida e banhos; e as segundas, por emquanto, para banhos.—Para a sua composição chimica, servirme-hei das conclusões da analyse do sr. José Julio Rodrigues:

Nascente do Penêdo—... «Muito mais pobre em bicarbonatos do que a do Vidago, é-lhe, todavia, muito superior quanto ao acido carbonico livre, que n'esta corresponde ao volume de 489³c, e n'aquella attinge o de 601³c, nas condições normaes de temperatura e de pressão, avantajando-se-lhe ainda no ferro contido, que é mais do dobro, e do bicarbonato de lithina, de que apenas se notam vestigios nas aguas mais notaveis do concelho de Chaves. Não deve esquecer-se tambem a presença dos acidos azotico, sulphurico, e do arsenico e phosphorico, pela ordem decrescente das suas quantidades, compostos de que em geral só foram encontrados vestigios nas aguas do Vidago. Comparando a nascente do Penêdo com as de Vichy, nota-se que a sua mineralisação é devida quasi aos mesmos corpos, tendo aquella mais acido carbonico livre, do que pouco menos de metade das 13 nascentes d'esta celebre localidade e mais ferro do que a maior parte d'ellas.—Lisboa, dezembro, 1870.»

Nascente de Rebordechão.— «Esta agua possue mais acido carbonico, mais carbonato de ferro e de manganez do que a nascente do Penêdo. Como agua mineral gazosa é incontestavelmente hoje a primeira do nosso paiz; muito superior á celebre agua de Setters, e á maior parte das afamadas nascentes de Vichy.»

Nascente do Rio.—«Muito similhante á de Rebordechão, e mais rica do que esta em acido carbonico livre.»

Nascente da Estrada.—«A mais similhante á do Penêdo, da qual dista apenas 17 metros, excedendo-a em soda.»

A temperatura d'estas aguas é fria.

O termo medio dos doentes, que em cada um dos dois ultimos annos tem frequentado o estabelecimento, na estação propria para os banhos, tem sido de 60.

É grande a exportação que d'estas aguas se faz continuamente, para o que a empreza tem depositos, não só nas principaes terras do paiz, mas tambem fóra, como no Brasil, Loanda, Buenos-Ayres, Mexico, Lima, Santiago, Valparaizo, e em muitos pontos da Europa.

As suas virtudes therapeuticas mais conhecidas são — empregarem-se, com bom successo, para as enfermidades do estomago; para as das vias urinarias; enfermidades cutaneas, etc.

O estabelecimento tem casas para banhos, e em separado, porém proximas, tem duas casas para habitação dos doentes, com boas accommodações, aceadas e decentes. O sustento diario dos doentes tem regulado por 1$000 réis.

Apezar da amplidão das casas destinadas ao alojamento dos doentes, trata-se de continuar o lanço do edificio, que fica junto á estrada.

O sitio é mui agradavel e aprazivel; dista da estrada de Villa-Real a Chaves 400 metros, aproximadamente, ao N. de Villa Pouca d'Aguiar, d'onde dista cêrca de 7 kilometros. Ha aqui delegação do correio de Villa Pouca, e n'esta villa um grande hotel, propriedade da companhia das Pedras Salgadas.

A estrada municipal destinada a ligar este concelho com o de Boticas de Barroso, parte da estrada real na direcção d'este estabelecimento, e passa junto a elle. Foi principiada em 1874, e já se acha concluida até muito adiante do estabelecimento.

Foram cedidas estas aguas, em 1874, mediante a quantia de 300:000$000 réis, a uma companhia, de que tambem faz parte o sr. dr. Henrique Ferreira Botelho, e consta dos srs. João Ferreira Dias Guimarães, Thomaz Antonio das Neves, João Ferreira d'Araujo Guimarães e Antonio Thomaz das Neves.

Esta sociedade é anonyma e de responsabilidade limitada, denominando-se — Companhia das Aguas das Pedras Salgadas.

A sua séde é na cidade do Porto.

—

Devo estas informações, ao illustrado abbade de S. Martinho de Bornes, o R.mo sr. Manuel Henriques da Silva Machado, ao qual dou aqui os devidos agradecimentos.

PEDREANES, ou **PEDR'-ANNES** — logar, Extremadura, freguezia, e 2 kilometros da Marinha Grande. (5.º vol, pag. 74, col. 2.ª)

Em 1866, foi aqui inaugurado um *alto-fôrno*, para fundição de ferro, pertencente á *Companhia de ferro e carvão, de Portugal, limitada;* cujos representantes eram os srs. Jorge Croft (depois, visconde da Graça — e hoje seu filho, o sr. Thomaz Elmsley d'Oliveira Croft, feito visconde da Graça, em 11 de março de 1875) e o sr. Antonio Augusto Dias de Freitas (feito visconde da Azarujinha, em 11 de agosto de 1870) proprietarios da fabrica de vidros, e o duque de Saldanha.

Foi esta festa industrial feita com o maior esplendor; e de Lisboa e Leiria, foram alguns representantes da imprensa jornalistica, altos funccionarios publicos, e outros cavalheiros, convidados pela empreza; e muitas outras pessoas de varias localidades.

Este *alto-fôrno* é construido segundo o systema moderno mais aperfeiçoado, e uma obra collossal, de tijolo e ferro, em que se aproveitou o ar, calorificando-o por meios mechaninos, elevando-se a temperatura a 700 gráus Farinheit, trabalhando com duas machinas, da força de 30 cavallos — vapôr, cada uma. Calculava-se que daria por semana, 80 tonelladas de ferro.

Parece que a empreza não auferiu os lucros imaginados, pois abandonou isto, pouco tempo depois; mas ainda alli se conservam as machinas, na esperança de, mais cêdo ou mais tarde, tornarem a funccionar.

PEDREGAES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (até 24 de outubro de 1855—comarca de Pico de Regalados, concelho de Penella), 18 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Os condes-almirantes (os Castros de Roriz, hoje os condes de Rézende) apresentavam o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Muito gado e grande abundancia de caça grossa e miuda.

É n'esta freguezia a *casa de Santa Magdalena*. É hoje representante d'ella, o sr. João Feio Soares d'Azevedo, filho de João Feio Soares d'Azevedo, bacharel formado em direito, pela universidade de Coimbra, cavalleiro da ordem de Christo, deputado ás côrtes em 1852, 1853, e 1855. Era filho de Francisco Xavier Soares d'Azevedo, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Concčição de Villa-Viçosa, conselheiro da perfeitura, e deputado ás côrtes, em 1820, e 1836.

A mãe do sr. João Feio Soares d'Azevedo (filho do outro de egual nome) era a sr.ª D. Maria Joaquina Feio d'Azevedo Barbosa de Andrade e Athaide, à senhora e herdeira das casas da Magdalena e Burgeiros.

A familia d'esta casa, é um ramo da de São Bento do Prado.

PEDREIRA — Vide *Miguel da Pedreira (São)* — Vol 5.º, pag. 219, col. 2.ª, no principio.

PEDREIRA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi da comarca de Lousada, concelho de Felgueiras), 30 kilo metros a N.E. de Braga, 335 ao N. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O papa, a mitra e o D. abbade benedictino de Santo Thyrso, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 520$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil em todos os generos do paiz, e cria muito gado, de toda a qualidade.

PEDREIRA — monte, Minho, proximo a Pombeiro. Ha n'elle um dolmen celta.

PEDREIRA (S. Sebastião da) — freguezia, Extremadura — a parte denominada *intra-muros*, pertence ao bairro central de Lisboa, e a chamada *extra-muros*, ao concelho de Belem.

Teve principio esta freguezia em uma ermida, dedicada ao martyr S. Sebastião, que se suppõe fundada nos primeiros tempos da nossa monarchia, e na qual estava tambem a imagem de Nossa Senhora da Saude, que ainda é venerada na actual egreja matriz.

A ultima vez que o famoso patriarcha das Indias, D. João Bermudes, regressou a Portugal, foi em 1559, durante a regencia da rainha D. Catharina, viuva de D. João III, e tinha então o rei D. Sebastião, seu neto, pouco mais de 5 annos, pois tinha nascido a 20 de janeiro de 1554, 18 dias depois da morte de seu pae, que fallecêra a 2 de janeiro.

O santo patriarcha foi viver para S. Sebastião da Pedreira, em umas casas que estavam junto da velha ermida, e aqui fazia muitas esmolas, e passava grande parte do dia, orando na capella, nos 11 annos que aqui residiu.

D. Sebastião, antes e depois de tomar conta das rédeas do governo, hia muitas vezes a S. Sebastião da Pedreira, conversar ou consultar com D. João Bermudes, ao qual tributava grande respeito, pelo seu muito saber, e grandes virtudes.

Morreu este piedoso varão, em 1570, e se mandou sepultar á porta da ermida de S. Sebastião, d'onde depois foi trasladado para a nova egreja, a 16 de outubro de 1653, um anno depois da sua construcção.

Foi esta egreja feita á custa do povo da freguezia, dando D. João IV algumas esmolas, para a sua conclusão.

Está esta egreja no largo de S. Sebastião da Pedreira, e nada soffreu, pelo terrivel terramoto de 1755.

N'esta egreja ha um osso do martyr S. Sebastião, que veio de Roma.

Entre as estradas que d'este largo vão para o Campo Pequeno, e para Palha-Van, está o magestoso palacio, e magnificas cocheiras, mandadas construir pelo sr. doutor José Maria Eugenio de Alm ida, hoje propriedade da sua viuva e filh s.

Na rua de S. Sebastião da Pedreira está o mosteiro de Santa Rita, cuja data da fundação se ignora, e só se sabe que tomaram

posse d'elle, em 1748, os religiosos agostinhos. É hoje quartel da 3.ª companhia da guarda municipal.

Tambem são n'esta freguezia as quintas de *Valle de Pereiro. dos Congregados*, a que foi dos *duques d'Aveiro*, a dos duques do Cadaval, a que foi dos marquezes de Tavora, e a dos condes de Sarzêdas.

É tambem n'esta freguezia a ermida de Nossa Senhora do Cabo, cuja origem, consta ser a seguinte:

Antonio Gonçalves Prégo, natural de Lisboa, foi muitos annos *prebendeiro* do cardeal D. Luiz de Souza, arcebispo de Lisboa. Era desde creança muito devoto de Nossa Senhora do Cabo do Espichel, e como era muito rico, decidiu fundar em Lisboa uma ermida, dedicada á Senhora do Cabo. Para este fim, comprou n'esta freguezia uma quinta e n'ella mandou fazer a ermida, junto ás casas. Teve principio esta fundação em 1703, dizendo-se aqui a primeira missa, em 1707.

As paredes interiores, tanto da capella-mór, como do corpo da egreja, estão revestidas de azulejos com primorosos desenhos. Foram fabricados e pintados na Hollanda, e custaram a 200$000 rs. o milheiro. Vinham em um navio hespanhol, que foi aprisionado em 1705, durante a guerra que então traziamos com Castella, e que só terminou em 1713, pela paz de Utrecht.

Foi D. Pedro II que deu estes azulejos á capella de Nossa Senhora do Cabo.

PEDRINHA e **PEDRINHO**—portuguez antigo—feita, ou feito, de pedra. Vide *Ponte Pedrinha*.

PEDRO (São)—Vide *São Pedro*.

PEDROGAM, ou **PEDROGÃO**—freguezia, Alemtejo, comarca de Cuba, concelho da Vidigueira, 24 kilometros de Evora, 125 a S.E. de Lisboa.

Tem 330 fogos.

Em 1757 tinha 312 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 150 alqueires de trigo e o pé de altar.

Terra fertil em cereaes.

PEDROGAM (ou *Pedrogão*)—freguezia, Beira-Baixa, concelho de Penamacôr, comarca de Idanha Nova, 54 kilometros da Guarda, 270 a E. de Lisboa.

Tem 245 fogos.

Em 1757 tinha 244 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado da Guardo, districto administrativo de Castello Branco.

O prior de S. Pedro, da villa de Penamacôr, apresentava o cura, que tinha 8$500 rs. de congrua e o pé de altar.

Terra fertil, muito gado miudo e caça.

PEDROGAM-GRANDE—villa, Extremadura, cabeça do concelho do seu nome, comarca de Figueiró dos Vinhos, 40 kilometros ao S.O. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa.

Tem 800 fogos.

Em 1757 tinha 520 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

O vigario do cabido da Sé, de Coimbra, apresentava o vigario, que tinha 30$000 rs. e o pé de altar.

O concelho de Pedrogam-Grande, é constituido das 5 freguezias seguintes—Castanheira, Coentral, Nossa Senhora da Graça, Pedrogam-Grande, e Villa-Facaia, todas com 2:200 fogos, e do bispado de Coimbra.

—

Eduardo de Faria, no seu *Diccionario Portuguez*, tem-a como uma villa importantissima; e com razão; pois é a patria do classico portuguez Miguel Leitão d'Andrade (educado no mosteiro da Luz) e d'outros varões illustres.

—

Vejamos o que o dito Miguel Leitão de Andrade nos diz na tal Miscellanea, ácerca da sua origem e descendencia—d'elle.

«Os Leitões de Pedrogam Grande, descendiam de Porcio Catto, menino, que Venus occultava nos rochedos do Cabril, o qual sendo já criado, e não o podendo occultar por mais tempo, o enviou para Hespanha, tendo de idade 6 annos; pertencendo depois á familia real, d'onde descenderam os infantes da casa de Lára, e outras principalissimas familias de Hespanha.»

(Isto é que é mentir com sinceridade!)

«O appellido de Leitões, vem-lhe de Porcello que em portuguez quer dizer Leitão; e foi este o nome que Venus lhe deu, quando o enviou para as Hespanhas, atando-lhe uma fita encarnada á cintura; e por o achar muito gordo é que lhe deu o nome de Porcello, que quer dizer pequeno porco; e como os porcos são gordos, ou o andariam n'esse tempo, por isso a encantadora Venus lhe deu o nome de Porcello.» (!)

—

Miguel Leitão d'Andrade escreveu na Miscellanea, sobre as cousas de Pedrogam, fundação do convento da Luz, etc., que dedicou á padroeira do convento, Nossa Senhora da Luz, por o ter livrado de muitos perigos, segundo elle mesmo refere no livro. (Que, por signal, é mesmo uma miscellanea!)

Existem ainda hoje em Pedrogam Grande, os restos de um convento (da Luz) da ordem de S. Domingos, o qual o camartello não poupou.

Os pobres da terra e de muito longe, aqui vinham todos os dias esperar que o relogio da torre batesse meio dia, para que os religiosos lhe dessem o jantar.

Estes religiosos eram muito caritativos, e alem do jantar diario, tambem destribuiam pelo dia adiante muitas esmollas.

Foi fundado por uma sr.ª D. Brites Leitôa, de Pedrogam Grande, a qual fôra tambem fundadora do convento de Jesus, de Aveiro, e do de Figueiró dos Vinhos (Carmelitas descalços.)

D'esta villa sairam muitos guerreiros a acompanhar D. Sebastião para a Africa.

Um d'elles foi Miguel Leitão d'Andrade, que pôde escapar felizmente, para contar os successos d'aquella infeliz jornada, na sua *Miscellanea*; o sitio onde D. Sebastião morreu, e onde se enterrou. [1]

Pedrogam Grande tem duas pontes, a do Cabril [2], e a da Pêra [3], sendo muito notavel a primeira.

Tem Pedrogam Grande, as seguintes propriedades, mais dignas de menção:

Fonte da Pregoeira [4], Pero Lobo [5], Mem Joannes [6], Fonte do Crespo [7], Valle da Manta [8], Carreira dos Maios [9], Ribeiro Velho [10], Esbarradella [11], Mestras [12], e o Convento, de que já fallámos.

Tem o logar da Asinhaga [13], e o da Devêza [14], notaveis pela sua antiguidade.

Nos logares de que se compõe a freguezia de Pedrogam Grande, se comprehendem os seguintes:

Valle do Barco [15], Valle de Goes [16], Valle-Longo [17], Carreira [18], e Mesiganho [19].

Origem e armas de Pedrogam Grande, segundo Miguel Leitão

Nos primeiros tempos da nossa monarchia, eram muito visitados estes lindos, saudaveis, e pittorescos sitios de Pedrogam, por differentes individuos, que concorriam aqui attrahidos pela belleza do sitio.

Os nossos primeiros reis, tambem aqui vinham gosar dos ares da terra, e fazer grandes caçadas, quando a sua côrte era em Coimbra.

—

Varios individuos de muitos logares e d'entre outros, uns chamados Petronios, vieram a Pedrogam, admirar a formosura da princeza Antigone Peralta, filha do rei Arunce, de Coimbra.

Os ciumes já eram tantos entre elles, que chegaram a haver rixas, contendas e pelejas, na Deveza, do Pedrogam Grande.

Os que venceram chamaram-se Petronios Grandes, os outros, Petronios Pequenos. D'aqui vem o nome, Petrono Grande e Petrono Pequeno. (Já se sabe, que é Leitão d'Andrade que falla.)

Os vencedores, ou Pretronios Grandes, habitavam na margem direita do rio Zêzere (Pedrogam Grande); e os vencidos, habitavam na margem esquerda do mesmo rio (Pedrogam Pequeno.)

Por isso Antigone Peralta, deu a Pedrogam Grande por armas: uma águia, altiva e arrogante entre dois rochedos — differençando-se estas armas das de Pedrogam Pequeno, em que n'esta, a aguia não está olhando para o sol, como nas de Pedro-

gam Grande. Adiante fallarei, seriamente, n'estas armas.

Festas antigas em Pedrogam Grande

Pedrogam Grande, não só hoje prima nas suas festas de egreja, mas tambem antigamente; hoje são feitas com todo o apparato e esplendor, mas nos tempos antigos não o eram menos: e para sentir é que as divindades pagans se misturassem com as verdadeiras, mas similhantes costumes estão hoje em desuso.

Antigamente as procissões em Pedrogam Grande, eram assim ordenadas — em primeiro logar hiam os homens do povo; depois varias donzellas, que representavam personagens do paganismo: cantando e dançando dentro do templo. Assim hiam *Euterpe*, deusa da musica, com um papel de solfa na mão, vestida exquesitamente; *Esculapio*, o deus da medicina, com os potes e garrafas, e mais objectos, pertencentes á arte medica; *Therpesycore*, a deusa da dança, vestida com o fato proprio, dançando e pulando, etc. Será talvez d'este tempo que data a *Mourisca* de Pedrogam Pequeno.

E' uma célebre dança, a que elles chamam Mourisca (talvez por vir do tempo dos mouros), e que causa mais riso, do que respeito.

O parocho de Pedrogam Pequeno, Antonio Martins Dias, queixou-se de tal abuzo ao prelado, e pôde conseguir acabar com a dança mourisca, mas não com o mais.

—

Os habitantes d'esta terra, por varias vezes vociferavam contra o parocho, por lhes tirar uma festa, de que elles tanto gostavam, dizendo, que era muito antiga, e tida em muita consideração por seus antepassados, e que se lhes tirassem tal festa, S. João, se escandelisaria. (!)

Consistia em varios rapazes, os mais robustos, bonitos e agigantados da terra, se reunirem no dia 24 de junho de manhã, em uma casa, afim de se enfeitarem com os trajos mais extravagantes, e depois, obedecendo á voz de um velho, a quem elles chamavam, o seu rei, se dirigirem para o templo para darem principio á funcção, e emquanto não estivessem presentes, não principiava.

Com effeito, começando ella, se dirigiam para diante do santo, dançando por intervallos; no fim da dança todos ajoelhavam, e o rei da Mourisca, em alta voz, dizia :

Viva meu compadre S. João Baptista!

Ao que os outros respondiam.

Viva!

Isto ainda acontece em Pedrogam Pequeno, no dia 24 de julho.

—

Em Pedrogam Grande tambem ha uma cousa, quasi similhante, ainda que não tão escandalosa.

No primeiro de janeiro percorrem a freguezia varios velhos e gaiatos d'estes sitios, com a bandeira do Espirito Santo em punho, enfeitada com lindas, variadas e elegantes fitas de cores, e tocadores de violla, guitarra e rebecca, e lá vão todos, em chusma pelos varios logares, afim de tirarem esmola para o divino Espirito Santo, figurado pela pintura de uma pombinha branca no cimo da bandeira; improvisando cantigas á porta d'aquelles a quem vão pedir esmola.

Esta *procissão* faz-se todos os annos em varias povoações, segundo a devoção ao Espirito Santo.

—

Como dissemos, as donzellas representavam as divindades pagans, sobresaindo a todas, a formosa Venus, com o seu Cupido pela mão, o qual levava os olhos vendados, e a aljava das setas ao hombro, e assim percorriam as ruas, que estavam tapetadas de grande quantidade de hervas aromaticas.

Chegados ao templo, que é grande e magestoso, alli depositavam a linda imagem da Senhora d'Assumpção, orago da freguezia. O templo era elegantemente ornado, e as suas paredes forradas de lindos damascos.

Ordinariamente as festas duravam tres dias, no fim dos quaes ainda havia no adro da egreja, comedias e arlequinadas, jogos, touradas, etc. A um lado, havia camarotes para as donzellas, magistrados e pessoas principaes. No fim, as auctoridades

applaudiam os que se distinguiam na carreira, no jogo ou na arte tauromachica, e nomeavam-os em vós alta, para hirem receber das mãos das donzellas, os premios que por direito lhes pertenciam.

—

Pedrogam não é hoje o que era antigamente.

O grande largo, que agora fórma a Deveza, era antigamente cultivado em parte, e a outra estava cheia de copados carvalhos: no adro da egreja havia um grande e espesso loureiro, que tambem já não existe.

A villa tem hoje uma linda casa da camara, situada no logar da Deveza, e que é visitada por todos os estrangeiros, e viajantes, que vem a Pedrogam, assim como as ruinas do convento da Luz, Egreja, Cabril, e Senhora dos Milagres.

A egreja matriz é grande e magnifica, e é pena, presentemente, não ter o tecto pintado, e o côro acabado, o que era de absoluta necessidade.

Veneram-se aqui as imagens da Senhora da Luz, Senhora do Rosario, Familia Sagrada, os quatro Evangelistas, S. Thomaz, Santo Antonio, Espirito Santo, Senhor Jesus, e outras, que estão na sachristia, e a Virgem d'Assumpção, orago da freguezia.

—

Os habitantes de Pedrogam Grande, são bastante civilisados, e as mulheres são honestas, apezar de Miguel Leitão de Andrade nos dizer, que em Pedrogam residiu Venus, por muito tempo.

Até aqui, o mythologico Miguel Leitão d'Andrade.

—

Em 1863 se fundou, uma banda de musica, composta das pessoas principaes da terra; os instrumentos vieram de Lisboa, e hoje está uma bôa philarmonica.

—

Notas de Miguel Leitão, com as alterações do tempo

Antes da viagem de D. Sebastião para Africa, conta-nos Miguel Leitão d'Andrade muitos prodigios acontecidos, v. g.: nasceram duas meninas pegadas, e uma vacca com cinco pés; e na Certan, nasceu uma ninhada de pintos, que se picaram uns aos outros, logo que sahiram do ôvo.

[2] Cabril é um monte de difficil subida, e o seu nome vem-lhe da grande quantidade de cabras montezes, que por aqui havia; hoje não apparece nenhuma. Dizem que teve aqui origem a familia dos Cabras, e que fôra n'este sitio que Venus occultára por algum tempo o menino Porcello, d'onde descende a familia dos Leitões, de quem fallamos; é n'estes monte na margem direita do rio Zêzere, que estava erigida a linda ermidinha da Senhora dos Milagres, hoje em ruinas; é um lindo pittoresco e ameno sitio de Pedrogam Grande, junto ao antigo convento da Luz, da ordem de S. Domingos, de que já fallamos. A respeito da Senhora dos Milagres, conta-se o seguinte:

Antes de existir a ponte do Cabril, que hoje aqui vemos imponente e magestosa, dáva passagem de um para outro lado do rio Zezere, apenas um páu que servia de ponte: aconteceu a certo individuo passar de noite por aquelles sitios, e julgando que havia uma ponte de um lado a outro, e não um páu, passou por este a cavallo n'uma burrinha, operando-se assim o milagre de não cair; por cuja acção o devoto da Senhora dos Milagres lhe erigiu a capellinha.

Nenhum viajante vem a Pedrogam Grande ou ao Pequeno, que não vá vêr a ponte do Cabril; diz-se que é do tempo dos Philippes, por haver a tradição de que fôra feita á custa do dinheiro de Castella. Conta-se que o primeiro ente que por elle passára fôra um gato; engano que se fez ao demonio, que vendo que os homens estavam já desanimados de concluirem a ponte, offereceu dinheiro e os seus serviços para se effectuar, com a condição de ser d'elle o primeiro que lá passasse.

Havia uma ponte bôa, mas o que faltava era uma estrada em que podessem andar carros, desde Pedrogam Grande a Pedrogam Pequeno. (O difficil transito que havia entre estas duas villas converteu-se em boa estrada, começada em 1862.)

[3] Pera, a etymologia do seu nome é a seguinte:

Havia em Coimbra, quando ainda os seus campos de hoje, estavam cobertos pelo mar, um rei mouro, por nome Arunce, que deu o nome ao rio Arouce (vide *Arouce.*) Este rei tinha uma filha, chamada Antigone Peralta, de extremada belleza, que levada pelos encantadores e saudaveis ares d'estes sitios veiu viver para o Pedrogam Grande, morrendo no sitio que hoje se chama Pêra. Inscreveu-

se-lhe na lage da sua sepultura, o seguinte:—*Aqui jaz Antigone Peralta*—mas o tempo, que tudo acaba, não quiz que este letreiro se conservasse, foi apagando as letras do epitaphio, até que passado tempo não havia senão as seguintes . . *Pera*. . nome este que os seus habitantes aproveitaram para designarem este logar. Outros não explicam assim o facto, mas querem-lhe dar uma origem mais sublime.

Ouçamos o mentiroso Miguel de Andrade:

Venus, inimiga figadal de Antigone Peralta, por esta em vida ser sua rival na belleza, não querendo que ficasse uma só lembrança de Antigone Peralta, depois da sua morte, vae ter com Jupiter para que do Ceo fulmine os seus raios, afim de destruir o letreiro da sepultura de Antigone Peralta: Jupiter a affaga e beija, e, para a consolar, lhe envia os seus raios, que vão tirar da lapide as letras que alli estavam gravadas, deixando apenas as que deram o nome á terra.

Miguel Leitão d'Andrade diz-nos, que as suas aguas são de má digestão e pouco sadias, por causa da crueza d'Isis, que aqui vinha chorar desesperada.

Perto de Péra está o *Bollo*, antigo Vollo, palavra latina que significa *quero*, e que de seus labios despediu a formosa filha do rei Arunce, e com a qual ficaram muito contentes as suas aias, que a acompanhavam de Pedrogam para os sitios de Pera; e indo sem falla a dita Antigone Peralta, só aqui, perguntando-lhe as suas aias, se queria alguma coisa, ella disse que sim, *Volo*—quero. (Sabia latim!)

[4] Assim chamada, por serem apregoadas n'este sitio as acções das damas e aias da princeza Antigone Peralta.

[5] Chamado assim, este logar, do nome do seu proprietario, Pero Lobo, que era prior da villa de Pedrogam Grande.

[6] Outra propriedade de Pedrogam Grande, assim chamada, do nome do proprietario, Men Joannes, amigo intimo de Pero Lobo.

[7] Antigamente Fonte do Crespo, assim chamada do individuo que lhe deu o nome, o qual vivia alli só, n'uma casinha.

[8] Eis o que nos diz Miguel Leitão d'Andrade:

N'aquelle tempo Antigone Peralta e as suas aias, eram muito perseguidas pelos pastores, que anciosos as procuravam, para dar largas ás suas paixões.

Em certa occasião, sendo perseguidas, refugiaram se n'este bosque, que então era tão espesso, que as pôde encobrir a todas, como se fosse uma *manta*. (!)

[9] Nome que se deu a este sitio, para perpetuar a memoria da grande carreira, que deram aqui as damas e aias de Peralta, quando fugiam dos pastores, que as perseguiam.

[10] Teve primeiro o nome de Tiberio Ribeiro, por ser habitado pelo individuo d'este nome; depois pelo andar dos tempos, corrompeu-se lhe a palavra, e ficou o nome de Ribeiro Velho.

[11] Assim chamado, por um filho de Tiberio Ribeiro, esbarrar por elle abaixo. (!)

[12] Corrupção da palavra mœstas (tristes); nome dado a um outro logar de Pedrogam Grande, por um dia aqui passarem, chorando, as aias e damas de Peralta. (!)

[13] E' uma propriedade pertencente a Pedrogam Grande, e que recebeu o nome da sua possuidora, que era do logar da Asinhaga, termo de Santarem. Esta mulher tinha vindo da Asinhaga, para casa de Mem Joannes; e mais tarde foi causa de dissenções e discordias, entre os dois amigos, Mem Joannes e Pero Lobo, por ciumes, que havia entre elles: houve rixas e contendas, que só acabaram com a morte de Mem Joannes, o qual deixou á sua creada a propriedade, que ainda hoje alli vemos com o nome d'Asinhaga.

[14] E' um lindo e ameno sitio, principalmente de verão, com a grande e bella sombra dos velhos e colossaes carvalhos, que alli hoje se admiram.

E' aqui que se faz a feira todos os annos nos dias 23 a 25 de julho, e os mercados nas primeiras segundas feiras de cada mez.

Existem na Deveza as capellinhas do Calvario e de S. Sebastião, sendo este ultimo festejado todos os annos, em janeiro, com arraial, dando-se no dia da festa do Santo, umas broasinhas aos pobres, aos mordomos e aos devotos do santo.

[15] Dava-se-lhe antigamente o nome de Valle da Parca, por causa dos desgostos e afflicções que aqui experimentou a princeza Peralta; e porque um dia, passeando por este sitio, se achou de tal maneira triste doente e alquebrada; que a tinham mais por morta, do que por viva; e por causa dos sustos que as aias de Peralta tiveram aqui, deram-lhe o nome de Valle da Parca, que pelo andar dos tempos se mudou em Valle da Barca, e depois, em Valle do Barco.

[16] Não se sabe a sua origem, mas julga-se ser um valle onde vivia certo monge, por nome fr. Goes, e que deu o nome ao logar.

Conta Miguel Leitão, que o dito fr. Goes vinha de noite a Pedrogam Grande, deitar dinheiro nas casas, onde julgava que havia falta d'elle.

[17] Deu-se este nome a um logar perto de Pedrogam Grande, em rasão de Antigone

o achar muito longo em uma occasião que por alli passou. (!)

[18] Assim chamado, porque os pastores aqui correram as aias e damas de Peralta.

[19] Um outro logar assim chamado, do nome tambem de um pastor, que vivia por estes sitios.

—

Até que em fim terminaram as patranhas de Miguel Leitão!

—

D. Affonso Henriques mandou povoar esta villa em 1176, e a deu a seu filho natural, D. Pedro Affonso, que lhe deu foral, em fevereiro de 1206, segundo Franklim, e em 1180, segundo o padre Carvalho. (N'este foral, declara D. Pedro Affonso, ser filho de D. Affonso Henriques.) D. Affonso II confirmou este foral, em Coimbra, em novembro de 1217. (*Maço 2.º de foraes antigos*, n.º 8—Maço 12.º dos mesmos, n.º 3, fl. 6, col. 1.ª—e no *Livro de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 38 v., col. 2.ª) O padre Carvalho diz que tambem fôra confirmado por D. Affonso III, em 1250; mas Franklim, não falla n'esta confirmação. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 8 d'agosto de 1513. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 140, col. 2.ª)

—

Havia n'este concelho um castanheiro, cujo tronco tinha mais de 12 metros de circumferencia. Os ramos d'esta arvore gigantesca e secular, formavam uma cópa frondosa e de um admiravel effeito.

—

Pelo achar de muito interesse, e elegantemente escripto, copio aqui o folhetim que o sr. E. L., publicou no *Diario Illustrado*, n.º 995, de 13 de agosto de 1875.—É o seguinte:

A Cintra da Beira-Baixa

Engastada nas rochas de granito, por entre as quaes se escôa o magestoso Zêzere, existe a mais formosa joia da Beira-Baixa. É o Cabril—metade assente no concelho da Certã, outra metade fazendo parte do concelho de Pedrogam-Grande. Tentar descrever aquella maravilha da natureza é empreza superior a nossas forças: entretanto não podemos resistir á tentação de despertar nos leitores e nos *touristes* uma leve idéa do que seja o Cabril.

Imaginae a elevada serra de Cintra, ouriçada de escarpadas penedias, fendida ao meio; e lá no fundo, nas profundidades do immenso abysmo, o Zêzere correndo sereno e plangente, em alvo leito de granito. É de inverno? chove? Muda inteiramente o espectaculo.

Preparae a vossa imaginação, por mais arrojada que seja, e ficareis ainda assim surprehendidos! Figurae-vos duas enormissimas cascatas despenhando-se em jorros de fraga em fraga, e tereis as margens. E lá em baixo o confuso marulhar da corrente revolta por entre enormes penedias, em apertado e inclinado leito! É um espectaculo horrivel e bello ao mesmo tempo.

Na extensão de meia legua, as encostas dos dois montes são por partes de rocha viva, muitas vezes cortada a pique e em phantasticas fórmas; outras vezes semeadas de azinheiras e de raras oliveiras pendidas sobre o abysmo. Apenas lá em baixo, proximo da corrente se divisam pequenos taboleiros agricultados que são, vistos de perto, ridentes hortas cercadas de fétos gigantes, a contrastarem com a aridez d'aquellas escalvadas penhas.

Na chorographia portugueza o padre Carvalho, referindo-se a Pedrogão-Grande, diz: «.... e um quarto de legua da villa (tem) o convento de Nossa Senhora da Luz, de frades dominicos, que está no meio de uma ladeira, que desce para o Zêzere, acompanhada de penedia e arvoredo silvestre, tão ingreme e dependurada, que de qualquer parte que se olhe para baixo, faz tremor nos olhos, e medo na vista.»

Tivemos occasião de hir em excursão photographica visitar aquelles admiraveis sitios em companhia do reverendo padre capellão da ala direita do regimento de infanteria 11, e dos srs. João de Oliveira Casquilho, Francisco Vizeu Pinheiro, e Antonio da Silva Magalhães, habil photographo residente em Thomar.

Partimos d'esta cidade pelas sete horas da manhan, e dirigimo-nos á Frazoeira, no

[1] Todo o mundo sabe que Antigone não é nome arabe, mas grego.

concelho de Ferreira do Zêzere, onde o sr. Hygino Otto de Queiroz e Mello nos acolheu e hospedou com a maior cordialidade.

Passámos as horas do calor na aprasivel residencia de s. ex.ª, e de tarde tomámos o caminho do Valle da Ursa, atravez dos magnificos soutos de castanheiros do termo de Dornes, e á bocca da noite atravessâmos o Zêzere na barca de passagem.

Entrámos no districto de Castello-Branco. É sobre maneira admiravel o panorama que se apresenta ao viajante até á formosa freguezia de Sernache do Bom Jardim: vastissimo horisonte continuamente accidentado por infinitas cordilheiras, que em todos os sentidos se cruzam, formando rapidos e profundos valles em toda a extensão que á vista descortina.

A estrada é primitiva. É uma reliquia d'aquellas famosas eras, em que se gastavam milhões construindo palacios na fronteira, para alojar a comitiva dos principes que se desposavam, sem que tão opulentos perdularios se lembrassem que suas magestades e o seu sequito teriam de ficar detidos no meio da jornada para o *Caia*, em consequencia do estado impraticavel dos caminhos.

Chegámos pois a Sernache, onde diligenciámos dormir na unica estalagem da terra. Foram porém baldados os nossos esforços, e á uma hora da madrugada, tendo perdido as esperanças de conciliar o somno, partimos para Pedrogão Pequeno com um guia que tomámos.

Rompia o sol quando nos avisinhámos d'aquelles formosos desfiladeiros. É indescriptivel o espectaculo que se nos apresentou! Seguimos logo pela estrada nova e descemos até á gigantesca ponte, construida no reinado dos Philippes, que é de certo uma das poucas bôas cousas que nos deixaram.

Largámos as cavalgaduras e principiámos a difficil e perigosa empreza de conduzir ao leito do rio os utencilios photographicos. Da ponte para baixo não conheciamos vereda. Era o caminho, uma quasi impraticavel alluvião de penedos caprichosamente agglomerados e desprendidos da terra com as invernias, e polidos com a violencia da corrente, durante as cheias de muitos seculos. Fazia um calor insupportavel, porque a irradiação do calorico entre aquellas luzentes rochas, raras vezes deixa de annullar a acção benefica da brisa da noite. Póde dizer-se que nas ábas d'aquellas montanhas, há um clima equatorial, quente e humido.

Depois de se terem obtido alguns *clichés*, ascendemos a ingreme ladeira, e fomos abrigar-nos d'aquelle sol tropical, a casa do sr. Eduardo Leitão de Mello Queiroz, que nos acolheu o mais franca e delicadamente que imaginar-se póde.

Depois de nos ter offerecido de jantar, s. ex.ª levou a sua bondade a ponto de nos acompanhar ao mais admiravel sitio d'aquelles arredores. Encaminhámo-nos todos á ermida de Nossa Senhora da Confiança, que distará um kilometro de Pedrogão Pequeno.

Atravessámos o antiquissimo souto de castanheiros, que é propriedade de s. ex.ª, e, no pincaro mais elevado da serra deparámos com a solitaria ermida, e com seu vetusto cruzeiro.

Junto á ermida, ajoelhada n'um tosco degráu de pedra, e com o olhar fito no altar, que se via atravez das grades de pequena janella, estava em oração uma rude montanheza. Era o unico ser humano, que antes da nossa chegada animava aquellas escalvadas serranias, completando assim tão grandioso quadro de agreste paizagem.

Subitamente, e quando menos se espera, apresenta-se ao viajante deslumbrado o espectaculo mais espantoso que a nossa imaginação póde crear!

Nem o panorama que se observa dos coruchéos mais elevados do paço acastellado de Cintra, nem os vastissimos horisontes que se descortinam da Cruz Alta, do Bussaco, deixam ao viajante a profunda impressão que nos gravou a imponente perspectiva d'aquelle ponto. Não temos palavras para tentar a descripção.

De um lado, o abysmo a que não se chega a vêr o fundo; do outro, uma paizagem amenissima; e no horisonte, relativamente proximo, como emoldurando o soberbo quadro, as cordilheiras da serra de Alvayazere, a da serra da Estrella e outras.

Achamos-nos na parte mais elevada do Cabril. Uma rapida depressão do solo, nos deixa vêr o fundo valle em que o Zêzere se desliza; porém mais proximo do leito do rio, a montanha cortada a pique, nos esconde o seu dorso. Mal se ouve o longinquo murmurio da agua, e o vago do insondavel abysmo; imprime tal sentimento de espanto, de admiração, que não póde justamente referir-se.

A montanha fronteira, de rocha viva n'aquelle ponto, é cortada perpendicularmente, e coroada por vasta e fertil planicie, onde alvejam os campanarios de Pedrogão Grande.

Ahi nos demorámos extasiados até muito depois do occaso, sentados nos penedos da montanha, ouvindo attentamente a historia de uma correria do corregedor Mascarenhas de Thomar, acontecida em 1833, contra o sr. Queiroz, nosso hospede, que era o narrador. Como é um facto historico, não resistimos á tentação de o referir, pela côr local de que foi revestida a narração. Eis o caso:

Achava-se em Pedrogão Grande o corregedor de Thomar, Mascarenhas, famigerado pela sua crueldade e prepotencias, acompanhado de sessenta homens de cavallo. Depois de haver saqueado e queimado algumas casas de liberaes, constou em Pedrogão Pequeno que elle tencionava dirigir-se ahi para cortar as orelhas ao Queiroz, de Pedrogão, como elle dizia, e como haviam feito ao desgraçado capitão-mór da Gollegã, que foi trucidado por aquelles canibaes.

O sr. Queiroz, tinha disposto a sua gente, emboscada por entre os barrocaes e fragas da margem esquerda do rio, com ordem de não fazerem fogo senão quando os contrarios se achassem reunidos no fundo do valle, sobre a ponte.

Os homens do corregedor, desfillavam a um de fundo pela perigosissima vereda que então havia na montanha fronteira, quando um tiro partido do lado de Pedrogão Pequeno, ferindo um sargento, os fez debandar a todos, que em fuga precipitada só descançaram em Alvayazere.

Em todo o tempo das nossas desgraçadas guerras civis, houve excessos, prepotencias e crimes, tanto praticados pêlos realistas, como pelos liberaes, que todos fizeram o que poderam, para desacreditar o seu partido. Não sei se o facto relatado no texto é falso, verdadeiro, ou alterado. Em todo o caso, váe á responsabilidade do sr. E. L.

Com as gratas recordações de tão recreativa jornada, conservamos outra não menos grata, como é a lembrança immorredoura do affavel acolhimento que recebemos dos srs. Hygino Otto de Queiroz e Mello, e Eduardo Leitão de Mello Queiroz, a quem, em nome de todos os nossos amigos que nos acompanharam, d'aqui dirigimos os mais cordiaes e sinceros agradecimentos.

—

Teve até 1835, juiz de fóra, que o era tambem de Figueiró dos Vinhos.

Houve aqui uma grande fabrica de optimo ferro, extrahido de uma mina proxima.

No mosteiro da Luz, da ordem dos prégadores (dominicos) foi conventual, e escreveu a maior parte das suas obras, o sabio e virtuoso frei Luiz de Granada. (4.º vol., pag. 391, col. 2.ª)

Para esta occupação, escolhêra um sitio no fim da cêrca, ao sopé de um grande penedo, imminente aos dois rios, que aqui mesmo se juntam, perdendo o Pêra o seu nome.

Ainda a este sitio se dá o nome de *Penedo do Granada.*

No penedo se achou a seguinte inscripção:

VITA HONESTA,
DOMUS QUIETA,
FACULTA CERTA,
DONA CÆLESTIA.

Supponho que n'este mesmo sitio, ou a pouca distancia, houve um mosteiro benedictino antiquissimo, pois no foral de Figueiró dos Vinhos, de 1176, fallando das divisões, pelo lado que confina com Pedrogam Grande, diz: — *Quomodo venit, pela teia de*

Monasterio de Aguia, et venit ás cabeças de Nadavis, etc.

Vê-se que houve aqui um *mosteiro da Aguia*, que nenhum escriptor menciona.

—

Vamos agora esplicar a patrannha do bom Miguel Leitão de Andrade, com respeito aos *Petronios*.

Quanto á divina genealogia d'aquelle celebre commendador-mór, é melhor deixal-o fallar.

—

Pedrogam Grande, é com effeito uma povoação antiquissima, e com certeza habitada pelos romanos, que approveitaram a sua eminente posição, por ser de facil defeza; visto estar fundada no cume da alta serra do seu nome, correndo-lhe ao sopé os rios *Zêzere* e *Pêra;* e por ter a N.O., e apenas a 45 kilometros de distancia, a cidade de Thomar—antiga Nabancia, onde os romanos tinham tambem um forte castello.

—

Segundo o padre Carvalho, uns patricios romanos, da familia *Petronia* foram os fundadores d'esta villa, á qual deram o nome de *Petronia*. (São estes os taes *Petronios Grandes* e *Petroinios Pequenos*, de Andrade, e fundadores dos dois Pedrogãos.)

Parece ter fundamento esta opinião, por ser uma aguia, o brazão d'armas da villa, e todos sabem que os romanos tinham por insignia uma aguia, que esculpiam em todos os seus monumentos, e pintavam ou bordavam em todas as suas bandeiras.

Sendo por muitas vezes campo de batalha, entre christãos e mouros, soffreu tão repetidos saques e ruinas, que se despovoou, ficando deserta até 1176, em que, como já disse, D. Affonso Henriques a deu a seu filho natural, D. Pedro Affonso (4.º vol., pag. 363, col. 1.ª) que a povoou então.

Ha na villa sete ermidas, entre publicas e particulares.

Os seus arrabaldes são formosos e pittorescos, pelos frondosos arvoredos e alcantiladas penedias que se estendem pela encosta da serra; pelos deliciosos valles que os dois rios banham e fertilisam; e pela grande quantidade de fontes (umas 200) que com a frescura de suas crystalinas aguas, amenizam estes sitios.

O mosteiro de Nossa Senhora da Luz, da ordem de S. Domingos, a uns 1:500 metros da villa, está edificada na parte mais ingreme e escabrosa da serra, entre abruptas penedias, perpendiculares ao Zêzere, sobre o qual parecem proximas a despenhar-se, assim como os umbrosos arvoredos que os alternam; rugindo medonhomente ao fundo, o rio fremente, correndo arrebatado por entre penhascos.

Já aqui havia uma ermida antiquissima, de Nossa Senhora da Luz. Foi fundado (o mosteiro) por D. Brites Leitôa, natural d'esta villa e a instancias de um frade dominico, seu parente, pelo que os Leitões de Pedrogam Grande, ficaram sendo padroeiros do mosteiro. Construiu-se entre 1460 a 1464.

A antiga capella ficou sendo egreja do mosteiro, até que em 1560, sendo vigario frei Simão de Santa Maria, se construiu a egrejo actual.

Para esta obra concorreu Raphael Leitão de Andrade (da familia da fundadora) dando-lhe bôas propriedades; e a rainha, D. Catharina, viuva de D. João III, a rogo de frei Luiz de Granada, deu uma esmola de 3:000 cruzados, e outros devotos da villa tambem deram boas esmolas.

Então se ampliou o edificio do mosteiro, que passou a ser priorado, sendo seu primeiro prior, o padre frei Antonio de Caria.

—

O territorio d'este concelho, é no geral abundantissimo em todos os generos agricolas do nosso clima, e n'elle se cria grande abundancia de gado de toda a qualidade.

Já disse que, em quanto os nossos primeiros réis tinham a sua côrte em Coimbra, vinham aqui com muita frequencia, fazer grandes caçadas.

Hoje, que tem desapparecido muitos bosques e mattas, tranformando se em campos, já não ha tanta caça como antigamente; entretanto, ainda é o territorio mais

abundante d'ella, de muitas leguas em redor, e de toda a qualidade, tanto do ar, como do chão.

Os dois rios tambem lhe fornecem saboroso peixe, ainda que pouco.

Ao O. da villa, e proximo a ella, está um monte pyramidal, cercado de uma muralha d'alvenaria, do lado do E., e tendo por fortissima defeza, do O., altos rochedos a prumo, sobre o Zêzere, de accesso impossivel.

E' isto de certo os restos de uma fortaleza temivel, de tempos remotissimos.

O monte é formado de alcantiládas penedias, pòrém como é bastante humido, por entre os fragoêdos nascem e prosperam arvores frondosas, giestas (brancas e amarellas) gigantescas, loureiros, azereiros, murta, alecrim, rosmaninho, hervas medicinaes; e grande variedade de flores silvestres; o que torna este cabeço sobremodo formoso e pittoresco.

No topo do outeiro, está edificada a poetica ermida (em ruinas) de *Nossa Senhora dos Milagres*, de cujo sitio se desfructa um vastissimo e delicioso panorama, e a medonha profundidade do Zêzere; sendo a outra margem formada tambem por um monte alpestre, quasi tão alto como o da Senhora dos Milagres.

Quando as chuvas augmentam o volume das aguas do rio, o seu terrifico fragor, debatendo-se contra os rochedos que encontra na sua impetuosa corrente, ouve-se a algumas leguas de distancia.

Tambem d'aqui se vê a famosa ponte do Cabril, que lhe fica ao sopé, e que com um só arco—de 22 metros de vão!—abrange todo o rio, tendo de cada lado um arco mais pequeno, por onde só em tempo de cheias correm as aguas.

Consta por tradicção que esta capella ainda é mais antiga do que a da Senhora da Luz, e a imagem da padroeira, é, como aquella, de bôa esculptura, e de marmore.

Apezar da terrivel escabrosidade do terreno, vão muitas passoas visitar a desmantelada ermida de Nossa Senhora dos Milagres, pela grande devoção que lhe consagram.

—

Para a antiga divisão entre os termos de Pedrogão Grande e Figueiró dos Vinhos, vide vol. 3.º, pag. 197, col. 2.ª

PEDROGAM PEQUENO (antigamente, **PEDROGAM DO CRATO**, ou **PEDROGAM DO PRIORADO** — villa, Beira-Baixa, comarca e concelho da Certan, d'onde dista 12 kilometros ao N., 45 de Coimbra, 180 ao E.N.E. de Lisboa.

Tem 350 fogos.

Em 1757 tinha 109 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Districto administrat.º de Castello-Branco.

É do grão-priorado do Crato, annexo ao patriarchado.

O grão-prior do Crato, senhor donatario d'esta villa, apresentava o vigario, que tinha 120 alqueires de trigo, 60 almudes de vinho, uma carga de uva preta, dois cantaros de azeite e 6$000 réis em dinheiro.

É povoação antiquissima.

Não me consta que tivesse foral velho.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de outubro de 1513. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 94 v., col. 2.ª)

—

Está a villa situada em um plató, proximo da esquerda do Zêzere, e da famosa *ponte do Cabril*, quasi em frente de Pedrogam-Grande, e é uma das mais bonitas e industriaes da provincia, e uma das 12 villas do grão-priorado do Crato.

Consta que foi fundada pelo consul romano, Aulo Curcio, 150 annos antes de Jesus-Christo. Os arabes a tomaram, a 4 d'agosto de 718, e D. Affonso II a resgatou do poder d'elles, em 13 de março de 1216.

Apezar de pequena, tem a villa 6 egrejas, sendo a melhor a matriz, S. João Baptista. As outras são — Senhora da Confiança, Senhora dos Afflictos, S. Fagundo, Santo Antonio, e S. Sebastião.

Entre esta villa e a de Pedrogam Grande, sobre o rio Zêzere, está lançada a famosa e antiga *ponte de Cabril*, toda de cantaria e com tres arcos. Tem 62^m,4 de altura, e está muito bem conservada.

O governo mandou fazer, em 1860, uma estrada, da villa a esta ponte, pois d'antes era impossivel fazer-se este trajecto, a não

ser a pé, ou com muita difficuldade, sendo a cavallo.

Foi esta villa cabeça de um antiquissimo concelho, supprimido depois de 1834. Tinha camara, juiz ordinario, paços do concelho, e respectivos escrivães.

—

A Misericordia e seu hospital, tem avultados fundos e capitaes mutuados; porém as pessimas administrações que quasi sempre tem tido, teem dissipado a maior parte d'isto; e o que resta, não tem a applicação que religiosamente devia ter, em beneficio da pobreza, como mandou o benemerito bemfeitor que lhe legou essas rendas. Havia muito que dizer a este respeito; mas não são cousas proprias d'esta obra......

—

A distancia de uns 1200 metros ao N.E. da villa, no ponto mais alto da serra que lhe fica sobranceira, se vê a capella de *Nossa Senhora da Confiança*, que serve de *Calvario*, por isso tambem lhe chamam *capella do Calvario*, e aqui termina a procissão dos *Passos*, na quaresma.

Fica esta ermida imminente ao Zêzere, e está cercada de frondoso arvoredo silvestre, que tornam o sitio fresco e delicioso no verão. D'aqui se descobrem muitas villas, como são — Pedrogam Grande, Figueiró dos Vinhos, Arega, Certan, Alvaro, Alvares, Dornes, Villa de Rei, e outras povoações.

A capella é muito bonita e tem tres altares. No altar-mór, está o Senhor crucificado.

O fundador da capella, foi um vigario d'esta villa, chamado João da Costa; mas não se sabe quando a mandou edificar, e só se sabe que é muito antiga.

N'esta ermida há uma cruz de reliquias, entre ellas, uma do *Santo Lenho*, que se expõe á adoração pubiica, no dia de Santa Cruz (3 de maio).

A festa da Senhora da Confiança, é feita a 8 de setembro, dia da sua Natividade, e é das maiores romarias d'estes sitios; porém, termina quasi sempre por grandes desordens.

—

Ufana-se esta villa, de ser a patria de Antonio Gregorio Leitão, joven e esperançoso poeta, a quem a morte arrebatou, quando o seu peregrino talento principiava á ser conhecido.

—

Ha aqui uma antiga usança, que, pela sua *esquisitice*, deve ser notada. É a seguinte:

No dia de S. João Baptista, orago da parochia, ha uma pomposa festa ao Santo precursor, na egreja matriz.

Antes da missa, dirigem-se ao altar-mór sete labrégos, ridiculamente vestidos: um d'elles tem uma corôa na cabeça, na mão direita uma espada ferrugenta, e na esquerda, um broquel — é o *rei*. Dois tocam viola; dois, pandeiro; e dois levam thyrsos enfeitados de cravos. Chama-se a esta farça burlesca — ou grutesca — a *Mourisca*.

Dançam cêrca de meia hora, uma cousa que elles lá entendem; e, quando o *rei* já está farto de se dar em espectaculo, faz uma piruêta, dá uma pancada com o espadagão, no escudo, o que quer dizer — *C'est finit la contredance* — e diz, em altos berros — *Viva o meu compadre S. João!* — D'alli vão para a taberna.

Temos ainda bastantes d'estas usanças antigas, sobremodo ridiculas (e algumas até indecentes). Os bispos, os parochos e as auctoridades, muitas teem feito acabar, mas não todas.

Os estrangeiros, porém, nada a semelhante respeito nos teem a lançar em rosto — na Hespanha, na França, na Inglaterra, na Italia, na Allemanha, etc., etc., ainda tambem ha muitas d'estas antigas e grutescas usanças.

PEDROIÇOS — formosa estação de banhos, sobre a direita do Tejo, na freguezia e concelho de Belem, suburbios e ao O. de Lisboa.

A rua direita de Pedroiços, é o prolongamento da rua do Bom-Successo, e finda na quinta dos srs. duques do Cadaval.

Sahindo de Belem, pela estrada de Oeiras, marginal do Tejo, chega-se em breve a Pedroiços, bonita povoação que orla a estrada, situada em terreno plano, e parecendo

mais uma rua da cidade, do que uma aldeia, comprehendendo alguns bons edificios.

Tem passeios agradaveis, e na estação dos banhos é concorridissima, não só por familias de Lisboa, como tambem das provincias, e nos seus arredores ha boas e formosas quintas.

É tambem notavel esta povoação, por um esbelto e rico monumento, construido no principio do seculo XVI—a torre de S. Vicente de Belem, formoso especimen da architectura militar gothico-florida.

Concorrem para o aformoseamento de Pedroiços, o elegante chafariz, modernamente construido, e as quintas dos srs. marquezes da Ribeira-Grande, e a dos srs. duques do Cadaval. A primeira é pequena, mas muito bem arborisada, com uma casa nobre no no centro do jardim. Foi fundada pela princeza D. Maria Benedicta, irman de D. Maria I, e viuva do principe D. José. Por sua morte, doou-a esta senhora, á condessa da Ribeira-Grande, avó do actual conde do mesmo titulo. A segunda, era a principal residencia da nobilissima familia ducal, do Cadaval, depois que o terramoto de 1755 lhe arruinou o seu palacio, da calçada do duque, junto ao Rocio, e do qual ainda existe parte, dentro de um pateo, á entrada N. da rua do Principe, onde está a *Real Associação de Agricultura Portugueza.* A quinta (de Pedroiços) é grande e bella, pelos frondosos arvoredos que a guarnecem, e pelas extensas e largas ruas que a cortam. Está em formosa situação, pois, principiando na extremidade occidental de Pedroiços, se estende, em terreno plano, até terminar na margem esquerda do rio, ou ribeira, d'Algés.[1] (Vide vol. 1.º, pag. 127, col. 1.ª, no principio.)

O palacio, ou casa de campo, pertencente a esta quinta, não é de grande magnificencia, ou extremada grandeza, apezar de ser melhorado, pelos annos de 1740, por occasião do casamento do duque, D. Luiz de Mello, com D. Luiza, filha legitimada de D. Pedro II.—Está o palacio cercado de bosques, que quasi o escondem inteiramente, menos para O.

D. João V, veio passar a primavera do anno de 1712 n'esta linda residencia.

—

No principio do seculo XVIII, ainda em Pedroiços não havia senão 23 casas, e todas de humilde fabrica. Á circumstancia de *ser móda* vir tomar banhos para aqui, deve a povoação todo o seu desinvolvimento e melhoramentos.

De Pedroiços continúa a estrada para S. José de Riba-Mar, quasi sempre guarnecida de quintas e casas de campo.

As mais povoações que estanceiam n'estes sitios, sobre a margem direita do Tejo, vão nos logares competentes.

—

No dia 15 de dezembro de 1808, convidou Pedro José da Silva, rico negociante da praça de Lisboa, ao nosso famoso pintor, Domingos Antonio de Sequeira (4.º vol., pag. 336, col. 2.ª), para hir jantar com o marquez de Marialva, na *quinta da Praia*, em Pedroiços. Pelas 7 ou 8 horas da noite, retirando-se Sequeira para a sua casa de Belem, foi atacado por tres soldados de cavallaria 4, que o espancaram e prenderam á ordem do general, sendo conduzido ao corpo da guarda d'aquelle regimento, e d'alli mandado para o quartel da Luz, onde esteve até 18 de janeiro de 1809, sendo n'esse dia transferido para o Limoeiro. Foi julgado pelo tribunal ou juizo da *Inconfidencia*, e por elle absolvido; e o soldado que o maltratára, foi castigado.

Attribuiram-lhe 5 crimes:—1.º, de *fallar com indecencia,* do principe regente —depois, D. João VI;—2.º, de *pintar uma allegoria dedicada a Junot, deprimindo a nação portugueza;*— 3.º, *ter feito casa de pintura, da sala do docel do palacio da Ajuda;*—4.º, *ter consentido que entrasse um cavallo em uma casa do mesmo palacio;*—e 5.º, finalmente,—*ser jacobino.*

[1] Em 30 de março de 1874, foi arrematada, em leilão judicial, a *quinta da Princeza*, em Pedroiços. Estava avaliada em 9 contos de réis, mas o sr. Guimarães, director da companhia dos caminhos de ferro americanos, deu por ella, 18:200$000 réis. No mesmo dia, foi arrematado o casal contiguo a esta quinta. Estava avaliado em 3 contos de réis, e a casa Cadaval ficou com elle por 6 contos.

Foram testemunhas contra elle, tres inimigos—isto é—tres *officiaes do seu officio*—Manuel da Costa, architecto, pintor e machinista—Archangelo Fuschini, mestre de pintura do infante D. Pedro Carlos—e Bartholomeu Antonio Calixto, pintor da casa-real.

Todos os crimes attribuidos a Sequeira, tinham uma tal ou qual apparencia de verdade.

1.º—Elle, como muitos mais portuguezes verdadeiros patriotas, murmuravam por D. João ter fugido com a familia real para o Brasil, abandonando a nação á voracidade e ao jugo ominoso de Junot e dos seus.

2.º—É verdade que Sequeira estava no Porto quando Junot entrou em Lisboa, a 30 de novembro de 1807, e que se veio apresentar a elle, logo em 16 de janeiro de 1808; mas diz Sequeira que foi obrigado. Confessa elle proprio, porém, que *logo na primeira entrevista pedira a Junot dois mezes de ordenado que se lhe deviam.*

Diz Sequeira que Junot lhe *mandou* pintar um quadro allegorico do estado actual (d'então) de Lisboa, para o qual o mesmo Junot deu o assumpto *escripto pelo seu proprio punho,* e teve a *modestia* de o redigir nos termos seguintes—*Lisboa, não temas a tua sorte, um heroe (!) te protege, quando te envia este guerreiro invicto, prudente e justo. (!!!) Lembra-te suas victorias, por toda a parte conseguidas,* os perigos e trabalhos que teve para a tua felicidade. *E o seu governo, sabio e prudente,* do qual já tens experiencia, *cuidadoso da tua ventura, prepara,* para aquelles que o merecerem, *premios de que o heroe lhe confiou a distribuição.* Já Neptuno *treme ao aspecto de Marte fulminante.* (Neptuno era a Inglaterra!)

(Tamanha enfiada de charlatanices, nem se commenta.)

—

Sequeira pintou o quadro (ou, pelo menos, esboçou-o) e sahiu uma pintura tão pedantesca, tão caricata como o assumpto.

Lisboa, estava sentada, em attitude triste, amparada pela Religião e o Genio de Portugal. Junot, pegava-lhe na mão, em acção de a animar. Ceres e Minerva, rasgando os ares, em direcção ao grupo antecedente. Ao longe, Marte, despedindo raios contra Neptuno. Na penumbra, soldados de Junot, o Tejo, e navios com bandeira russa.

«Sic itur ad astra!»

Diz-se que Sequeira misturou nas tintas, certa droga corrosiva, que fazia desapparecer a pintura, passado pouco tempo.

Outros dizem que o pintor, assim que os francezes retiraram, apagára as figuras que offendiam a honra da familia real e dos portuguezes.

Fosse como fosse, o tal quadro desappareceu, e ninguem sabe como, nem quando.

O sr. marquez de Souza tem um quadro esboçado por Sequeira, em louvor de Junot (que aquelle denomina *marquez d'Abrantes*) mas é muito differente do outro, e nada tem de criminoso, senão pretender immortalisar um chefe de bandidos, que tantas desgraças causaram a este reino.

3.º—Sequeira defendeu-se a este artigo, dizendo que pedira para que lhe cedessem uns quartos, no paço do *Pateo das Vaccas;* porém o intruso intendente (o jacobino Herman) o mandou trabalhar na sala do docel, por ultraje ao rei de Portugal e aos seus subditos.

Sequeira allegou que pedira para se tirar d'alli o docel, mas que o guarda não consentiu.

4.º—Defendeu-se o reu, allegando que o jacobino Constant, major de um regimento de cavallaria franceza, quiz que elle o retratasse encostado ao cavallo, e, como no vestibulo havia muito sol, *o obrigou* a entrar para um dos quartos do paço.

5.º—Finalmente, allegou que foi sempre leal patriota, e o que fez em louvor dos jacobinos, foi coagido por elles, e com receio de crueis soffrimentos, etc., etc.

—

Ha em Pedroiços, uma optima fabrica de cortumes, da qual é proprietario, o sr. Antonio Maria dos Santos Agard.

—

Constitui-se aqui modernamente, em terras do sr. duque de Cadaval, um elegante hypodromo, onde se teem effectuado brilhantes corridas de cavallos.

PEDROSO—freguezia, Douro, concehlo e 10 kilometros a E.S.E. de Villa Nova de Gaia, comarca, districto administrativo, bispado, e 10 kilometros ao S.E. do Porto, 300 ao N. de Lisboa.

Tem 1:100 fogos.

Em 1757 tinha 429 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

E' uma das mais antigas parochias de Portugal, e foi villa e couto do mosteiro, com camara e justiças proprias.

Foi D. Affonso Henriques que o coutou, em 1128, por 700 libras, que o mosteiro lhe deu.

E' n'esta freguezia a grande e bonita povoação dos *Carvalhos*. (Vol. 2.°, pag. 137, col. 2.ª, no fim.)

A egreja matriz, de architectura gothica, é antiquissima e foi a egreja do mosteiro.

—

O territorio d'esta freguezia, posto que bastante accidentado, é fertil em todos os generos agricolas do paiz, o seu clima muito saudavel, e tem sitios muito formosos.

Alem de ser muito populosa, occupa uma área muito vasta, chegando pelo N. até perto da margem esquerda do Douro—pelo S. até alem da estrada real, de Lisboa ao Porto. Parte do E., com a freguezia do Olival, e pelo O. com a de Canellas.

—

O mosteiro, duplex, benedictino, de Pedroso, um dos mais ricos e famosos de Portugal, foi fundado nos fins do seculo IX, por Ero e sua mulher, Adosinda, paes do famoso capitão Gondosindo (ou Gundezindo) Soeiro, avós de Adonorigo Goncalves do Marnel, e bisavós de Adonorigo Gondoindes, e de sua mulher e prima, D. Adosinda Eris.

Os fundadores, alem de Gondezindo Soeiro, tiveram tres filhas — D. Ermezinda, D. Adozinda, e D. Frol (Flor.)

Nascêra D. Frol aleijada. Seus paes, por testamento, dividiram as suas grandes riquezas, em cinco partes eguaes—deram duas partes a Gondezindo, e as tres dividiram egualmente pelas filhas; porém a 5.ª parte, que pertencia a D. Frol, a doaram ao mosteiro que haviam fundado, com a condição de sustentarem, vestirem e tratarem, com respeito e carinho, esta senhora, em quanto viva; e lhe fazerem os bens d'alma e enterro, segundo a sua gerarchia, quando fallecesse: o que foi religiosamente cumprido, tanto pelos monges, como pelas freiras.

Acceitaram a doação e obrigaram-se ao cumprimento d'aquellas obrigações, o abbade, D. Destrigo, e a abbadessa, D. Elvira.

—

Eram d'esta familia, D. Thereza Fernandes, filha de D. Fernando Gonçalves do Marnel e de D. Urraca Gonçalves; e prima germana de D. Flamula Honorigues, filha dos ditos Adonorigo Gondoindes e D. Adosinda Eris.

Aquella D. Thereza Fernandes, casou com D. Mendo Viegas de Souza, 8.° senhor da casa de Souza, e são os progenitores das familias dos legitimos *Souzas*, o mais nobre appellido de Portugal, procedente dos reis godos de Hespanha, e que teve principio em Portugal, na pessoa de D. Faião Soares (vide *Arrifana de Souza* e *Penafiel*.)

D. Mendo Viegas de Souza, era filho de D. Egas Gomes de Souza, um dos principaes fidalgos que acompanharam a côrte de D. Affonso VI de Leão, e depois, a do conde D. Henrique, seu genro, e pae de D. Affonso Henriques. Foi o primeiro que tomou o appellido de Souza.

Era filho de D. Gomes Echiguiz, adiantado de Portugal, nos reinados de D. Affonso IV e de seu filho, D. Bermudo III, e—segundo uns—de D. Godinha Gonçalves, filha de D. Gonçalo Mendes da Maia, *o Lidador*, e de sua mulher, D. Leonor Viegas, filha do grande Egas Moniz—e segundo outros—de D. Flamula Gontina, filha de D. Gonçalo Trastamires da Maia, avô do *Lidador* (o que é mais provavel, segundo a chronolo-

gia) e do D. Mecia Rodrigues (ou Godinhes) filha de Rodrigo Vermuiz.

D. Mendo Viegas de Souza, succedeu a seu pae, nos principios do govérno de D. Affonso Henriques, que o nomeou governador de todo o districto de Santa Cruz da Villariça e do seu, então, importantissimo castello.

Foi companheiro corajoso e inseparavel do nosso 1.º rei.

Teve dois filhos e tres filhas:

1.º—D. Gonçalo Mendes de Souza, que lhe succedeu—cognominado *o Bom*, 9.º senhor da casa de Souza, valoroso capitão de D. Affonso Henriques, que assistiu na batalha de Ourique e outras muitas.

Casou com D. Urraca Sanches, filha de D. Sancho Nunes de Barbosa, e da infanta, D. Thereza Affonso, condes de Cella-Nova, e tiveram D. Mendo de Souza, cognominado *o Souzão*.

2.º—D. Soeiro Mendes de Souza (que tomou o nome de *Soeiro*, em memoria de seu 7.º avô, D Soeiro Belfaguer, 1.º senhor da casa de Souza.)

Morreu solteiro; mas teve uma filha bastarda, por nome, D. Maria Soares, que casou com João Fernandes, de Riba-Visella.

3.º—D. Oroanna Mendes de Souza, que casou com D. Mendo Moniz de Riba-Douro, descendente e successor do famoso D. Egas Moniz de Riba-Douro.

4.º—D. Flamula Mendes de Souza, que casou com D. Gomes Mendes Guedaon (ou Guedas) troncos de nobilissimas familias, de Portugal e Castella.

5.ª—D. Urraca Mendes de Souza, que casou com D. Fafes Luz, um dos heroes que, com o conde D. Henrique, vieram a Portugal, em 1093, e foi seu alferes-mór.

Era rico homem, e tronco de muitas familias dos appellidos *Fafes* e Godinhos, hoje quasi extinctas umas, outras degeneradas.

D. Mendo Viegas de Souza, falleceu em 1130, no mesmo anno em que falleceu a rainha D. Thereza, mãe do nosso primeiro rei.

—

Gondezindo (ou Gondezendo) Soeiro, filho de Ero e de Adozinda, fundadores do mosteiro de Pedroso, casou com D. Enderquina Pala, filha do capitão Mendo Gutierrez, e de sua esposa, D. Hermezinda, irman da rainha D. Elvira, mulher de D. Ordonho II, de Leão, e mãe de D. Ramiro II. (Vide *Ancora*, *Calle*, *Gaia*, *Lamas do Marnel* e *Marnel*.)

—

Entre os documentos que existiram até 1834 no cartorio de Pedroso, se achava um *rol* ou *inventario*, feito em 1017.

Constava dos bens que um particular adquiriu, quando D. Affonso IV, de Leão, residiu em Monte-Mór.

Este individuo, vendeu logo estes bens, a D. Gonçalo, filho do conde, D. Mendo Luci, que então era governador da Terra da Feira, e tinha do dito rei—*regalengo, et condadu, et mandamento in rripa-Ágata*.

N'este rol vem tambem, metade do mosteiro de *Cedarim* (Cedrim.)

Em outro inventario do mesmo cartorio, feito em 1050, se declaravam os bens que adquiriu D. Gonçalo e sua mulher, D. Flamula, e entre estes bens e rendas, vem os mosteiros de *Sála*, e de *S. Julião*, metade (de certo a outra) do mosteiro de *Cedarim*—e metade da egreja de *Recardães*.

Em 1084 (documento de Pedroso) *doaram* Tructezindo Tructezindiz e seu filho, Pelagio Tructezindiz, ao mosteiro de Pedroso, o *logar de São Mamede*.

Em 1085 (documento de Pedroso) doou Flamula, filha de Honorigo, a este mosteiro, tudo o que tinha na villa de *Alquorovim* (Alcorobim.)

—

Nas *Inquirições reaes*, de D. Diniz I (1297) se lê—*Disse, que o Casal de Soutêllo, que est de Pedroso, que est Montaria d'El Rei*, [1] ......*E hir aá entroviscada, e fazer montaria a El-Rei, quando os chamarem.* (Doc. de Grijó.)

—

Vimos no 5.º vol., pag. 442, col. 1.ª, que

[1] *Casal da Montaria*, era aquelle cujos colonos pagavam foro de caça do monte: e tambem os que eram obrigados a hir ás montarias, quando á ordem do rei fossem hamados.

os monges de Lorvão (da mesma ordem) foram expulsos do seu mosteiro, em 24 de dezembro de 1200, e mandados para este de Pedroso.

Os monges, queixaram-se ao papa Honorio III, d'esta expulsão arbitraria, e elle a annullou, por ser feita sem seu beneplacito; mas esta annullação em nada melhorava a sorte dos queixosos, nem prejudicava o cumprimento das ordens de D. Sancho I — foi um verdadeiro laço, armado aos frades, porque — conhecendo o mau comportamento d'estes, mandou os tomar posse do mosteiro de Lorvão. sob condição de—tomada ella, por auctoridade apostolica—pela mesma tornariam a ser expulsos, e distribuidos pelos diversos mosteiros benedictinos do reino.

Bem sabia o pontifice, que o seu breve, era mais um castigo, do que um deferimento; porém os frades, para evitarem semelhante vergonha, desistiram da reoccupação, e se deixaram distribuir antes d'aquella humilhante formalidade.

Ficaram pois em Pedroso sómente as freiras, com dois religiosos velhos e de boa vida, para seus confessores e capellães.

—

Em 1302, algumas religiosas do mosteiro de Cemide, da mesma ordem (vol. 2.°, pag. 237, col. 2.ª)—não se sabe porque—separaram-se das suas companheiras, por beneplacito do papa Bonifacio VIII, e vieram viver para o mosteiro de Pedroso, trazendo os casaes e rendas que o mosteiro de Cemide tinha na Terra da Feira.

Alguns escriptores, dizem que, sendo os frades distribuidos por outros mosteiros, ficou este abandonado pelo espaço de 102 annos, até que em 1302 o vieram habitar algumas das freiras de Cemide.

A primeira versão parece mais plausivel.

—

Foi abbade commendatario d'este mosteiro, frei Pedro Julião, depois 184.° pontifice, com o nome de João XXI. (Vol. 4.°, pag. 303, col. 2.ª)

—

Pelos annos de 1567, D. Henrique (depois cardeal-rei) sendo regente, durante a menoridade de seu sobrinho, D. Sebastião I, tendo fallecido o ultimo commendatario de Pedroso, e pretendendo muitos individuos ser os legitimos herdeiros d'esta commenda, achou a occasião propicia (o cardeal) e supprimiu o convento, ficando a egreja a ser matriz da freguezia, como sempre o fôra; o mosteiro para residencia do parocho, e a cêrca para passaes—e todas as rendas e fóros, para o collegio dos jesuitas de Coimbra.

Pela suppressão d'esta ordem, em 1759, passaram aquellas rendas para a corôa.

—

O infante D. Affonso (filho de D. Affonso II, e da rainha D. Urraca, filha de D. Affonso VIII, de Castella) havia casado em França, com Mathilde, condessa de Bolonha.

Todos sabem os acontecimentos que se deram em 1246, com o infeliz D. Sancho II (o capêllo) e com sua mulher, D. Mecia Lopes d'Haro (viuva de D. Alvaro Peres de Castro, e filha de Lopo Dias d'Haro, senhor de Biscaia, e de D. Toda.) Vide *Ourem.*

O infante D. Affonso, irmão do rei, chamado pelo clero, nobreza e por algum povo de Portugal, vem para este reino, do qual toma a regencia, e, fallecendo o rei, em Toledo, a 4 de junho de 1248, toma o titulo de rei, e foi o nosso D. Affonso III (o *Bolonhez.*)

Havia casado em França, com Mathilde, condessa de Bolonha, da qual não houve filhos.

Foi um monarcha guerreiro e victorioso, e expulsára os mouros, do Algarve, ajudado do immortal D. Paio Peres Correia, mestre da ordem de S. Thiago.

Não satisfeito de estar pacifico senhor de Portugal, desde o Minho até ao Guadiana, entra pela Andaluzia, conquistando aos mouros, um vasto territorio e algumas praças.

D. Affonso X, de Castella, invejoso dos

nossos triumphos, oppõe-se ás conquistas (1253) porém esta contenda terminou pelo casamento do rei portuguez, com a princeza D. Brites, filha do monarcha castelhano.

Este casamento originou graves desordens no reino, que terminaram n'esse mesmo anno de 1253, pela morte de Mathilde. [1]

—

D. Fernão Iñigo Lopes, 3.º filho do conde D. Iñigo Lopes, veiu para Portugal, no sequito de sua parenta, a rainha D. Beatriz, e D. Affonso III lhe deu, logo em 1253, o senhorio de Pedroso.

Casou D. Iñigo, com D. Guiomar Affonso de Rézende, e são o tronco da nobilissima familia de appellido Mendonça.

(Para evitarmos repetições, vide vol. 4.º, pag. 449, col. 1.ª e seguintes — e *Valle de Reis*, onde hirá uma resumida biographia do penultimo duque de Loulé, nascido a 6 de novembro de 1804, e fallecido a 21 de junho de 1875.)

PEDROSO—vide *Caramôs e Felgueiras*.

PEDROSO—vide *Ave*, rio.

PEDROSO — aldeia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar (extincto concelho de Jalles) vide vol. 1.º pag. 114, col. 2.ª, *Alfarella de Jalles*.)

Foi n'esta povoação o solar dos Pedrosos.

E' *Pedroso* um appellido nobre em Portugal, cuja familia é d'este reino, tendo a sua origem n'esta aldeia, que foi honra.

Ha memoria d'esta familia, desde o reinado de D. João I, sendo então senhor d'esta honra, Ruy Gonçalves de Pedroso.

Os Pedrosos trazem por armas—em campo d'ouro, sete lobos, de purpura, entre duas faxas da mesma côr, 3 em cima, 3 entre as duas faxas, e um no contra-chefe — todos andantes. Êlmo d'aço, aberto; timbre, um dos lobos das armas, com uma faxa de ouro, na espadua.

Albergaria, a pag. 158, diz que o solar d'esta familia, é o mosteiro de Pedroso (o 1.º que fica mencionado n'este livro.)

Outros Pedrosos trazem por armas—em campo de prata, 5 crescentes, asues, em aspa, sendo o do meio maior, e sobre elle, um passaro de prata.

Ainda outros usam—em campo de prata, 5 coticas de púrpura, e entre ellas 4 lobos negros.

Todos o mesmo élmo e escudo; mas n'estes ultimos, o timbre é um lobo negro.

—

Por baixo do logar de Cidadêlhe, da freguezia d'Alfarella, sobre o rio Tinhella, que lhe passa uns 100 metros ao N., no alto de um monte, sobranceiro ao mesmo rio, estão as ruinas de um forte e vasto castello, conservando-se ainda de pé, parte dos panos de suas muralhas, construidas de cantaria muito bem lavrada.

Ainda no principio d'este seculo, havia lanços da cortina com mais de 3 metros d'altura, e com vestigios de portas, d'arco, para o lado do mesmo rio, e outras para o lado do S., assim como fossos para o lado do O., e restos de muros, que deviam ser os mais altos, pois é a unica parte por onde a fortaleza podia ser atacada, e não pelo E. e N., que estava defendida com o rio, e com a altura e inaccessibilidade das penedias que a limitavam.

Tudo induz a acreditar que é construc-

[1] D. Affonso III, teve muitos filhos. De sua 2.ª mulher, foram (por ordem das edades):

D. Branca, que foi abbadessa de Lorvão, e das huelgas, de Burgos.

D. Fernando, que morreu menino.

D. Diniz, que lhe succedeu no throno.

D. Affonso, que casou com D. Violante, filha do infante D. Manuel, e neta de D. Fernando III, de Castella.

D. Sancha, *D. Maria* e *D. Vicente*, que morreram meninos.

Teve nove filhos bastardos:

D. Fernando, cavalleiro do Templo.

D. Affonso Diniz, ascendente dos Souzas, condes de Miranda.

D. Martim Affonso, ascendente dos Souzas, condes do Prado.

D. Gil Affonso, *D. Leonor*, *D. Urraca*, e outra *D. Leonor*.

D. Pedro Affonso, conego de Santa Cruz de Coimbra.

D. Rodrigo Affonso, tambem conego de Santa Cruz, e depois, prior de Santa Maria de Alcáçova, de Santarem.

ção dos romanos, pois os lusitanos e os arabes, faziam as suas fortificações mais toscamente.

Diz se que no leito do rio, e em frente d'este castello, ha uma inscripção romana gravada em uma pedra; mas está a maior parte do anno coberta d'agua, pelo que, só nas grandes estiagens se póde ler, e se poderão colher algumas indicações.

—

A 3 kilometros de distancia d'esta fortaleza, desde as vinhas que estão no sitio de *Pedroso*, nas faldas da serra da *Prêza*, limites do logar do *Campo*, no mesmo termo de Alfarella, se vê uma grande e continuada valla, e em algumas partes, trez parallelas e proximas umas das outras, e que atravessam o *ribeiro das Azenhas*, e subindo um monte — por onde passa a estrada de Chaves — o descem, na parte opposta, atravessando o *ribeiro Côvo*. Sóbe o monte da *Coêlha*, até descer junto do rio Tinhélla.

Dão estas vallas indicios de terem sido antigas minas metalicas.

Veem-se n'ellas, varias covas, algumas de bastante profundidade, feitas a picão na rocha, e assemelhando-se a cisternas.

Uma d'ellas, tem mais de 40 metros de fundo, alem do que está entupido.

Ao fundo, ao O., se vê um grande buraco, feito tambem a picão, na rocha, e é tradição que era a entrada de um tunell, ou estrada subterranea, por baixo do rio Tinhella e de outros menores, que hia ter ao logar da *Ribeirinha*.

O povo d'aqui, dá a estes poços a denominação de *garalheiras*. — Vide *Trez Minas*.

PÊGA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho, districto administrativo, bispado, e 15 kilometros da Guarda, 310 ao E. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757, tinha 124 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

O prior da freguezia da Faia apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' terra fertil. Gado, e abundancia de caça.

Pégas, é appellido nobre de Portugal, e de origem portugueza.

Tem a mesma ascendencia que a dos Béjas, pois ambas procedem de João Domingues de Béja, escrivão da puridade do rei D. Diniz.

Foi chefe d'esta familia, Gaspar Lopes Lança Pêgas e Béja, administrador dos morgados das duas casas.

O rei D. Sebastião, deu, em 1569, armas a esta familia, e são:

Em campo de prata, 3 pêgas, da sua côr (pretas com malhas brancas na cauda) em roquête, e entre ellas, uma cabeça de lôbo, de púrpura, cortada em sangue—Timbre, uma das pêgas, voando.

O varão mais célebre d'esta familia, foi Manuel Alves (ou Alvares) Pêgas, nascido em Extremoz, em 4 de dezembro de 1635, e fallecido em Lisboa, a 12 de novembro de 1696, e foi sepultado no claustro do convento do Carmo (hoje quartel da guarda municipal) de Lisboa.

Foi o mais sabio jurisconsulto do seu tempo, e um classico notavel.

Além dos seus famosos articulados, em varios processos, publicou duas grandes obras—os *Commentarios ás Ordenações do reino*—e as *Resoluções forenses*.

Ambas estas obras foram e são muito estimadas, e estão escriptas em portuguez vernaculo.

A primeira, principalmente (a que os doutores dão quasi sempre o titulo de *Pêgas ás Ordenações*) ainda hoje são consultadas.

(Vide vol. 3.º, pag. 83, col. 2.ª)

PEGAR—SENTENÇA — portuguez antigo—hoje diz-se *publicar sentença*.

PEGARINHOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Alijó (foi da mesma comarca, mas do concelho de Murça) 105 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757 tinha 138 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A collegiada de Nossa Senhora da Olivei-

ra, de Guimarães, apresentava o cura, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

PÉGAS—antiga cidade da Lusitania. Vide *Monte Cristêllo*, a pag. 473, col. 2.ª, do 5.º volume.

PÉGO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Abrantes, 180 kilometros a O. da Guarda, e 135 ao S.E. de Lisboa.

Tem 280 fogos.

Em 1757 tinha 145 fogos.

Orago, Santa Luzia.

Bispado de Castello-Branco, districto administrativo de Santarem.

Os vigarios de S. João e de S. Vicente, d'Abrantes, apresentavam, alternativamente, o cura, que tinha 24$000 réis de rendimento.

É terra fertil em cereaes.—Vide *Pélago*.

PÉGO D'ALMANÇOR—vide *Almançor*—lagôa—Algarve—vol. 1.º, pag. 144, col. 2.ª

PÉGO DE S. DOMINGOS—lagôa, Algarve. Fica a 6 kilometros da foz do Guadiana, ao E. d'ella; a egual distancia do rio *Chança*, e a 3 kilometros da *Córte do Pinto*. Tomou o nome de S. Domingos, porque está na raiz de um monte onde ha uma capella do Santo, a qual fica a uns 300 metros a E. do pégo.

Tem uns 30 metros de comprido, por 7 de largura e dois de profundidade. É formado por grande numero de mananciaes, que descem das ribanceiras circumferentes. Ha por estes sitios abundancia de pyrites de ferro granuladas. No monte onde está a capella, se vêem grandes escavações, indicio de lavra de minas, do tempo dos romanos ou dos arabes.

A agua do pégo, é frigidissima e tão pura, que deixa perfeitamente vêr o fundo d'elle. Não cria peixe de qualidade alguma, nem mesmo vermes ou insectos. É inodora, mas bebida, deixa um leve sabor a capa-roza (vitriolo).

A analyse mostra que a agua é férrea. Applica-se, com bom resultado, em banhos, para a cura de molestias cutaneas. O seu effeito interno, deve ser adstringente em summo grau, pois tem as mesmas qualidades mineraes das da *serra dos Terreiros*. Vide *Pédorido*.

PÉGO DO VIGARIO—Alagôa, Algarve, ao sopé das serras de *S. Barnabé*, e do *Malhão*, ramos da *serra do Algarve*, nos limites da freguezia d'Alte, comarca e concelho de Loulé.

É uma vasta alagôa, onde vem precipitar-se a ribeira d'Alte, cahindo de um despenhadeiro, que tem uns 44 metros d'altura, e o mesmo de profundidade. Foi a ribeira encaminhada para este sitio, por Duarte de Mello Rabadaneira Côrte-Real (administrador do morgado dos Monizes Telles d'Aragão) que, pelos annos de 1690 e tantos, mudou o curso da ribeira, para regar o seu pomar da Mina e para outros usos; para o que lhe foi preciso furar um rochedo de 11 metros d'altura e 40 de comprimento; construindo um magnifico tunell de cantaria, com passeios d'ambos os lados, com altura sufficiente, e *occulos*, de espaço a espaço, para luz e ventilação do tunell.

Do lado da montanha, tem uma grossa muralha, para sustentar o pêso das terras, obra de grande custo, mas de muita utilidade, pois, além de regar o tal pomar e outras propriedades, faz mover os moinhos que estão proximos da povoação de Alte.

PÉGÕES—aldeia, Alemtejo, entre o *Poceirão* e as Vendas-Novas, 42 kilometros ao S. de Lisboa e 14 de Setubal. É a 10.ª estação do caminho de ferro do S. e S.E.

PEGURAR—portuguez antigo—*peorar*, pôr-se em peor estado. (Doc. das freiras benedictinas, do Porto, de 1389.)

PEGUIAL—o mesmo que *Pegulhal*.

PEGULHAL—portuguez antigo—pastor, ou pegureiro, que guarda ovelhas. Em uma *inquirição* que se tirou em Braga, se dá a *D. João Peculiar* o nome de *D. João Pegulhal*. Em outros documentos se dá ao mesmo individuo o nome de *D. João Ovelheiro*. Foi frade cruzio do mosteiro de Grijó, bispo do Porto e arcebispo de Braga. Na baixa latinidade, se dizia *Peculialis*. Vem de *pecus*, *gado*.

Hoje muda a significação da palavra *pegulhal*, pois se tóma por grande agglomeração, récova ou rebanho.

PÊIA, ou **PÊA**—portuguez antigo—o mesmo que *baraza* ou *barraza* (baraça). Ar-

madilha de fios, ou laços, com que se caçavam os animaes ferozes. No foral de Céa, de 1136, se diz — o que matar algum veado — *in madeiro, aut in barraza, det 1 lumbum costal.* No de Ferreira d'Aves, de 1126, se lê — *De venado, qui mortuo fuerit in peia, aut in baraza, uno lombo: de porco IVor costas: de urso, una manu.*

De *baraza* vem o verbo embaraçar, acharse em embaraços; preso por qualquer obstaculo, phisico ou moral; enleiado, etc.

PEIOUGA, ou **PEYOUGA** — portuguez antigo — pé de porco, chispe. D'aqui vem a palavra piúga.

PEITA — portuguez antigo — até ao seculo XIV, significava pagamento de qualquer multa ou tributo. Depois, applicou-se ao que se dá para corromper qualquer magistrado, escrivão ou empregado publico.

As nossas *Ordenações* (L.º 5.º, tit. 71, § 2) dizem — «Peita promettida, aceitada, e não recebida, basta para fazer perder o officio, e pagar o tresdobro para a corôa. E o julgador que a receber, perde para a dita corôa, todos os seus bens, e o officio que d'El-Rei tiver. E passando a peita de cruzado, ou sua valia, além das sobreditas penas, he condemnado a perpétuo degredo para o Brasil. E, sendo a peita, de valia de dous marcos de prata, tem pena de morte.»

PEITORIL — portuguez antigo — obra de fortificação militar, plataforma, parapeito, meia-lua, ou qualquer corpo avançado fóra das cortinas de muralhas, para defeza dos sitiados. Nas côrtes da Guarda (1465) pediram os moradores de Viseu, ao rei (D. Affonso V) «que, ao menos, lhe mandasse fazer hum *peitoril*, dentro da cêrca, pera amparo da cidade, que já duas ou tres vezes tinha sido queimada, pelos corredores de Castella.» (Doc. da camara de Viseu.)

PEIXÓTA — portuguez antigo — pescada (peixe). A duas pescadas chamavam *uma cobrada de peixótas.* Em 1362, emprazou o convento de Tarouca, o souto da *Çapata*, com o fôro de quatro, e uma *cobrada de peixótas.*

PÉLAGO — portuguez antigo — qualquer ribeiro, rio, córgo, regato, lagôa, açude, lago, pôço, tanque, ou qualquer ajuntamento ou rego de agua. Desde o seculo XI, se tomou pélago n'este sentido, em todos os nossos documentos, até aos fins do seculo XV, em que se principiou a dizer *pégo*, com a mesma significação.

No foral de *Mós*, de 1162, se marcam os limites d'aquelle concelho e do de *Moncôrvo* — *Per lo porto da Figueira . . . . . et inde au pelago do Cucu, et inde en na serra do Cubu, aquas vertentes contra Siladi.*

Com a mesma significação se vê no fôral de Santa Cruz de Villariça, para onde se havia mudado a villa de *Mem-Côrvo*, em 1225, pois nos limites se diz — *Per ad Lagona de Molas, et per Pelago de Cucho.* Porém, em 1471, tornando a villa de Moncôrvo para o seu primeiro logar (o actual) e extinguida a de Santa Cruz, altercaram os dois concelhos (Mós e Moncôrvo) sobre a divisão dos limites, e levado o feito a D. Affonso V, elle decediu, por sentença, que os taes limites corriam — *Por sango de Móós e dalli pelo Pego do Cuco, e dalli pela serra de Gouvêa.*

Com a mesma significação se acha no foral de Aguiar da Beira e outros muitos; pelo que se vê que *pélago* se corrompeu em *pégo* por contracção ou abreviatura.

PELARÍGA, PELLARÍGA, ou **PILARÍGA** — freguezia, Extremadura, comarca e concelho do Pombal, 35 kilometros ao S. de Coimbra, 165 ao N. de Lisboa.

Tem 270 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Districto administrativo de Leiria, bispado de Coimbra.

Esta freguezia foi creada a 10 de março de 1847, a instancias de João Pedro de Migueis Carvalho e Brito, barão da *Venda da Cruz*, aldeia d'esta freguezia. Este barão, era bacharel, formado em mathematica, e falleceu em Roma, sendo ahi nosso embaixador.

Nasceu, o barão, na *Venda da Cruz*, que se chamava, em 1672, *Venda do Diabo*, como consta de uma escriptura de reaforamento, da *quinta da Pelariga*, que a 20 de dezembro d'este anno, fez o conde de Castello-Melhor, Luiz de Vasconcellos e Souza a D. Philippa de Moraes, viuva de Manuel Dordes Botêlho, moradora na mesma quinta da Pelariga.

Esta escriptura, ainda existe actualmente, em poder da sr.ª D. Josefa Peregrina Godinho, da villa do Pombal, que é senhora de parte da antiga quinta da Pelariga.

Compôz-se esta freguezia, dos casaes e logares, que tinham até então pertencido ás freguezias de S. Martinho, do Pombal—Nossa Senhora da Graça, d'Almagreira—e Nossa Senhora da Conceição, da villa da Redinha.

Foi arbitrada ao parocho a congrua de 180$000 réis, e tem o pé de altar, cujo rendimento é de 20$000 réis.

Tem um coadjutor, que vence annualmente, 80$000 réis.

É terra fertil.

PELEJADOR—portuguez antigo—Inquieto, revoltoso, turbulento, rixoso, ralhador, espancador, etc.—Ainda hoje na Terra da Feira, *peleijar* é synonimo de ralhar, altercar, etc.

PELLACILL, ou **PELLACIR**—portuguez antigo—Vindima do vinho, e colheita do azeite. É derivado do arabe—*al-âcir* (a colheita). Os nossos antigos diziam—*pêla acir* (pelo tempo das colheitas do vinho e azeite) e assim de duas palavras fizeram uma—*pellacir. Foi dar sobre elles, no tempo de seu alacir.* Chron. de D. Affonso Henriques, por Duarte Galvão.

> Rigorosamente, *alacir*, na lingua arabe, não é *colheita* nem *vindima;* porém o succo (ou sumo) que sáe da uva e da azeitona. Deriva-se do verbo *âcara*, que significa espremer.

Muitos se hiam para as herdades e quintas, onde tinham suas casas, em que estavam no tempo do seu allacir. (Chron. do Conde D. Pedro, L.º 1.º, cap. 13.º)

Vide *Tavira.*

PÉLLE (de alfanehe)—portuguez antigo—suppõe-se, com bons fundamentos, ser pelle d'arminho.

Por um documento de Pedroso, de 1048, consta que se vendeu uma propriedade, *por um cavallo, de trezentos soldos, e uma pelle alfanehe.* Du Cange, cita um documento, de 978, em que se diz—*Lectus cum suos tavetes... et fatelas alfanegues.*—E outro de 1149, em que se lê—*Praeter fulcra serica, et coopertorium unum de Alfanez.*

Parece derivar-se do arabe *alphenie*, que significa *branco, alvo.* D'aqui, *alfenim*, doce bem conhecido.

De *alfanehe* fizeram os hespanhoes, *alfaneque*—cobertor de lan muito branco.

PELLE (de *aniña*)—portuguez antigo—pelle de cordeiro, a cujo animal os antigos chamavam *aninho* (carneiro de um anno, ou d'aquelle anno). Vem do latim *agnus*, de que os portuguezes fizeram *anho.* Ainda nas provincias do norte se dá o nome de *anho* ao cordeiro, ou carneiro pequeno.

PELMÁ (Pelle-má)—freguezia, Extremadura, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho d'Alvaiázere, 54 kilometros ao S. de Coimbra, 150 ao N. de Lisboa.

Tem 270 fogos.

Em 1757 tinha 290 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento.

Segundo a tradição, foi senhor do logar, um individuo de genio aspero, ao qual, por isso, pozeram a alcunha de *Pelle-má*, vindo a chamar-se á povoação—*aldeia do Pellemá*, e ficou-lhe o nome.

Parece ser povoação muito antiga, e já habitada pelos romanos; porém d'elles não restam por aqui vestigios: sómente em 1751, andando a abrir-se os alicerces de uma casa, em uma das aldeias da serra d'Alvaiázere, pertencente a esta freguezia, se acharam oitenta e tantas moedas, de ouro, prata e cobre, romanas, dos imperadores Vitellio, Vespasiano, Tito, Nerva e Trajano.

Além das moedas, se acharam tambem varios adereces d'ouro, dos que usavam as damas romanas.

O descobridor, vendeu tudo a um ourives de Coimbra, que derreteu o que era d'ouro. As moedas de prata e cobre, vieram para Lisboa, para os paços dos duques de Bragança (onde então era a *academia real de historia portugueza.*—Volume 4.º, pag. 129, col. 2.ª)

O terramoto de 1755, arrazando este palacio, fez desapparecer tudo quanto n'elle havia.

PELOTE, ou **PELLÔTE** — portuguez antigo — Capa forrada de pelles. (A que não tinha este fôrro, não era *pelote* — era *capa*.)

Tanto homens como mulheres usavam pelotes. Vide *Queimadella*.

PELOURINHO ou **PELLOURINHO** — distinctivo da jurisdicção de um concelho, e da sua autonomia municipal.

Consta que os pelourinhos tiveram principio do modo seguinte.

Na praça do Forum (Roma) havia uma casa de que era proprietario um tal *Moenius*.

Para que elle e os seus podessem ouvir os julgamentos dados pelos *triumviros* (magistrados instituidos 290 annos antes de Jesus Christo—isto é—no anno 463 da fundação de Roma) ver as sumptuosas festas publicas, e os castigos que alli se davam, mandou construir junto da sua casa, uma grossa columna de pedra, de uns dois metros de alto, e sobre ella, uma especie de mirante ou pavilhão, onde se sentavam.

Denominou-se *columna mœnia*.

Com o andar dos tempos, os romanos construiram estas columnas no *forum* de qualquer cidade do imperio.

O seu uso passou ás Gallias, porém alli, tiveram uma mais larga applicação.

Commummente eram construidas nas encrusilhadas dos caminhos; mas alli, não indicava só a jurisdicção de um municipio; eram tambem o emblema do poder feudal.

Os senhores donatarios, os bispos e os cabidos, tinham direito de levantar pelourinhos nas terras dos seus senhorios.

Alguns mosteiros gosavam do mesmo direito.

Em regra, os pelourinhos eram levantados em frente das residencias dos a que nós chamamos *senhores de baraço e cutello*.

No seculo XIII, havia muitos pelourinhos em Paris, e entre elles, o do bispo, erguido proximo da cathedral—o do cabido da mesma Sé, junto á porta S. Landry—o dos templarios—o do priorado de S. Martinho dos Campos—o da abbadia de S. Germano dos Prados, etc.

O Pelourinho da camara estava na praça do mercado.

Era uma torre octogona, de pedra, com oito arcos, cobertos por um telhado de fórma conica.

Foi incendiado pelo povo, em 1515, morrendo queimado, o carrasco, Lourenço Bazard, que n'elle se achava então fazendo os preparativos para uma execução.

Foi reedificado em 1542, e arrazado para sempre, pelos republicanos, em 1789.

—

Ignora-se o anno em que os pelourinhos se construiram na Lusitania.

Talvez fosse no tempo de Sertorio (entre os annos 3920 e 3930—isto é—entre 84 e 74 antes de Jesus Christo) pois que aquelle chefe fez adoptar n'este reino, todas as leis, usos, costumes e religião dos romanos.

—

Continuaram os pelourinhos durante a dominação gothica; e os arabes, se destruiram muitos, não os destruiram todos, pois alguns tenho visto tão antigos, que bem mostram ser anteriores á nossa monarchia.

—

Muitos escriptores teem fallado sobre pelourinhos, e principalmente o conde de Raczynski, no seu livro—*Les arts en Portugal*—(pag. 330, 411, e 423 a 427.) E é o que mais desenvolvimento dá á materia.

Todos porém são concordes em que pelourinho e *picóta*, são synonimos. Mas eu, que tenho percorrido a maior parte de Portugal, e visto muitas dezenas de pelourinhos, acho-lhe alguma differença. Vejamos.

Uma grande parte dos pelourinhos portuguezes que tenho visto, não teem—e nunca tiveram—ganchos de ferro ou argolas, no tôpo, para a estrangulação dos criminosos, e então nunca foram *picótas*; mas simplesmente emblema do municipio.

Notei que, em algumas povoações onde havia d'estes, havia tambem forca; [1] e onde

[1] Os pelourinhos eram todos construidos na praça publica e em frente dos paços do concelho; as forcas, eram sempre fóra da povoação.

o pelourinho tinha aquelles instrumentos de supplicio, não a havia.

Como então não tencionava dar tamanho desenvolvimento a esta obra, não verifiquei se isto era ou deixava de ser regra geral; o que sei, e é verdade, é que, de tempos remotissimos davam aos pelourinhos tambem o nome de picótas, e em Vianna e outras terras, ainda ha — *rua da Picóta, praça da Picóta*, etc.

Talvez que se desse o nome de picóta aos pelourinhos que tivessem os quatro ganchos, [1] e de pelourinho, ao que os não tivesse.

Ainda mais—em muitas povoações que tinham fôrca; ha tradição de n'ella ter sido executado algum criminoso; não assim nos pelourinhos, pois á excepção do de Lisboa, em que foi executado um cadete, por crime de fratricidio, de nenhum outro me consta, que tivesse servido de patibulo.

—

Viterbo diz que *picóta é pelourinho com cadeias e argolas, onde os criminosos eram expostos á vergonha*—o que parece corroborar a minha supposição.

Dizer o mesmo escriptor, que a *picota é signal de jurisdicção* em nada me contradiz; porque tambem a forca era signal de *jurisdicção, e do direito de vida e morte dos vassallos*, o que todo o mundo o sabe.

Uma provisão de D. João II, publicada em 1496, manda que a villa de Valle de Prados (Traz-os-Montes) tenha *forca, picota e tronco*; sem por isso *viliar e deshonrar* a (então) villa de Bragança.

Agostinho Rebello da Costa, na sua *descripção topographica e historica, da cidade do Porto*, diz a pag. 183:

«N'estas causas crimes, os reus são condemnados, á proporção dos seus delictos, chegando muitos, pela sua atrocidade, a padecer a pena ultima. Para a sua execução, *ha uma forca, pelourinho e algozes.*»

Se o pelourinho servisse para patibulo, não era preciso dizer — «forca e pelourinho.»—Nem é provavel que para um instrumento de supplicio, se construissem obeliscos luxuosos, como vemos bastantes.

Julgo pois que está questão ainda, por emquanto, fica por decidir.

O *Cod. Alf.* (L.° 1.°, tit. 28) manda que as *paateiras* (padeiras) *candieiros* (que faziam rôlos de cêra, ou, segundo o sr. J. Pedro Ribeiro, fabricantes de vellas de sêbo) *carniceiros, regateiras*, etc., *que pela 3.ª vez roubassem ao pêso, fossem postos na picota.*

Não havia a minima uniformidade na construcção dos pelourinhos, cada camara mandava fazer os seus, como queria, e segundo a habilidade do pedreiro, ou a quantia que para isso era applicada.

Muitos pelourinhos, em logar dos ganchos de ferro, tinham no tôpo, uma pequena casa, em fórma de guarita, feita de grades de ferro, e muito parecida com uma gaióla, onde os deliquentes eram expostos á vergonha e irrisão publica.

E' por isto que ainda hoje *engaiolado* é synonimo de *prêso.*

Nos pelourinhos que não tinham a tal gaiola, eram os criminosos amarrados a elle—e, se os juizes eram crueis, mandavam-os suspender por baixo dos braços ás argolas, ficando alguns palmos acima do sólo.

A camara e o cabido da Sé, de Viseu, estabeleceram em 1304, uns *accordãos* ou *posturas*, impondo graves castigos aos que roubavam nos pêsos e medidas.

Eis algumas d'ellas:

«Que os Carniceiros dem o arratel do porco, e do carneiro, por quatro dinheiros; e o arratel da milhor vaca por dous dinheiros, e da peior, por tres mealhas; e o arratel da porca e da ovêlha, por tres dinheiros; e o quarto do milhor cabrito, por sex dinheiros —e que, todo o carniceiro, que tever falso pezo, que peyte seseenta soldos, e *ponhão-no na picota.* E que aquel que *inchar freama* [1] ou outras carnes, ou poser sevo no rril

[1] Uns tinham 4 varões de ferro, terminando em fórma de gancho, outros tinham na extremidade uma argola movel.

[1] A *industria* das gallinheiras da praça da Figueira (Lisbôa) não é invenção moderna. Ja os seus antecessores, de tempos remotissimos, tinham o pessimo costume de encher de vento os animaes e aves que expunham á venda, para que parecessem gordas.

Era a esta *estrategia* que se dava o nome de *inchâr freama.*

do cabrito, que peyte cinquo soldos; e, se vender porca em vez de porco, ou ovelha em vez de carneiro, que peyte seseenta soldos, e *azoutem-no* pela vila..................
E toda a paadeira que fezer pam, que nom seja de pezo tal, qual os Almotacees mandarem, peyte cinquo soldos, *e ponhão-no na picota.*» (Doc. de Viseu.)

Em 28 de abril de 1414, accordou a camara do Porto:

«Que emquanto o alqueire de trigo valesse a IX reis, dessem as padeiras o pam de 4 onças, a 15 soldos; pois vinham a ganhar 12 reis em teiga, pagos todos os gastos. E que o de centeio o dessem a 10 soldos: pena de que, pela primeira vez, pagarião 50 libras—pela segunda, 100—e pela terceira, *serem empicotados.*» (Doc. da camara do Porto.)

—

Disse na penultima nota que havia pelourinhos luxuosos, e é verdade.

O mais bello de todos, é, sem contestação, o actual, de Lisboa (4.º vol., pag. 423, col. 2.ª).

Ainda existem muitos, que, se não foram construidos pelos godos, são de architectura gothica, e muitos adornados de curiosas esculpturas.

Os de Castello Mendo, Mogadouro, Penas Royas, e Sabugal, eram de gaiola.

Depois de 1834, alguns vandalos, julgando ver nos pelourinhos um symbolo de *oppressão e despotismo* (quando não era, como acabamos de ver, senão um padrão commemorativo da autonomia da terra) foram-se aos pelourinhos e os demoliram.

A maior parte porém, escapou a esta inutil e estupida devastação, e lá se conservam erguidos, recordando aos povos a independencia da sua localidade.

—

Segundo o nosso esclarecido archeologo, o sr. visconde de Juromenha, a etymologia da palavra pelourinho, acha-se em documentos antiquissimos.

Os vocabulos *piloria, pilorium, spilorium, poloritium, e polorinium,* encontram-se nos codices dos seculos XII e XIII, tanto na França como na Inglaterra.

Sauval, diz que, em uma escriptura de 1295, se mencionava um *pôço*, na praça de Paris, onde se faziam as execuções.

Davam a este poço o nome de *puteus dictus Lory*, d'onde se conclue que o pelourinho tomou o nome, do tal pôço, que pertenceu a um parisiense chamado *Lory.*

Outros derivam a palavra, de *pila*, ou *piloritium*, etymologia que parece mais verosimil; todavia parece-me mais prudente a opinião de certo frade, meu parente, do qual possuo um manuscripto, que bastante me tem servido n'esta obra.

Diz elle que a palavra *pellourinho*, não se deriva do latim nem do francez; mas que é portugueza e muito portugueza, e diminutivo de *pellouro* (bala.)

Funda-se o bom do frade, em que a maior parte dos pelourinhos são rematados por uma bola de pedra, exactamente da fórma de um pelouro, e que d'esta circumstancia lhe provem o nome.

PEN, ou **PENN** — palavra cantabrica, da qual os hespanhoes fizeram *peña*, e nós — *penha*, e todos os seus derivados.

PENA — freguezia, Extremadura, pertencente ao bairro oriental de Lisboa.

É n'esta freguezia o mosteiro que foi de capuchos (4.º vol., pag. 247, col. 1.ª) e o de freiras de Santa Anna (4.º vol., pag. 239, col. 1.ª, no fim) e o hospital de S. Lazaro, administrado pela camara municipal.

A egreja do mosteiro de terceiras franciscanas, de Santa Anna, foi desde 1570 matriz da freguezia da Pena; mas havendo desintelligencias entre os mordomos do Santissimo e as religiosas, no principio do seculo XVIII, as confrarias e o povo, edificaram um magnifico templo, para egreja matriz, em 1705. O terramoto de 1755, damnificou alguma cousa esta egreja; mas em 1759 já estava completamente reparada.

N'esta freguezia residiu (no predio á esquina do bêcco de S. Luiz) e aqui falleceu, sendo enterrado na egreja matriz (que ainda era a das freiras) o nosso immortal Camões.

O Santissimo Sacramento foi mudado, em

olemnissima procissão, para a nova egreja, no dia de Nossa Senhora da Encarnação, a 25 de março do dito anno de 1705.

São tambem n'esta freguezia — o campo e jardim de Santa Anna e a praça de touros d'esta denominação.

PENA—Vide *Cintra*.

PENA—freguezia, Traz-os-Montes concelho, comarca e districto administrativo de Villa-Real, 60 kilometros a N.E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga.

Os religiosos do mosteiro de S. Jeronymo, de Belem, apresentavam o vigario, collado, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Está esta freguezia situada na serra do Marão, pelo que só produz centeio, cevada, pouco trigo, batatas, muita castanha e hortaliças. É abundante de lenha, e ainda mais de lobos, rapozas, coelhos, lebres e perdizes. Cria bastante gado, principalmente cabras.

O seu clima, posto ser exessivo, é muito saudavel.

Tem minas de ferro, que se não exploram.

Pena, que antigamente se escrevia *peña*, significa *penha*, e tambem monte coberto de penedia; vide a *Pena* seguinte.

É povoação muito antiga, e foi villa. Foram donatarios d'ella, os senhores de Tentugal (ascendentes dos duques do Cadaval) que lhe deram foral, em Tentugal, a 27 de setembro de 1331. (Gav. 15, maço 3, n.º 5 — e *L.º 2.º de Alem Douro*, fl. 269 v., col. 2.ª)—D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 16 de maio de 1517. (*L.º de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 58 v., col. 2.ª)

Trata-se n'este foral das terras seguintes —Agua-Levada, e os casaes de—Bacellar, do Boumillo, do Brunhêdo, de Bustêllo, da Cal, do Carido, de Cima de Villa, de Cima da Villa de Froyme, da Lage, da Olaria, do Outeiro, de Perciro, do Picanhol, da Póvoa do Ladeiro, da quinta da Ribeira, do Ribeiro, do Ruyval, da Serra, da Sobreira, da Temporan, de Toande o Velho, da Tróffa—e os lograes seguintes—Erosa, Esbarrondinho, Escarey, Fonte de Mouro, Ouro, Reboriça, S. Martinho, Souto da Cuba, Souto do Matto, e Valle de Vellêda.

PENA-CÓVA — Villa e freguezia, Douro, cabeça do concelho do seu nome, na comarca, districto administrativo, bispado e 18 kilometros a N.E. de Coimbra, 20 da Mealhada, 18 da Louzan, 18 de Mortágua, 12 de Farinha-Podre, 6 de Santo André de Poiares, e 220 ao N. de Lisboa.

Tem 680 fogos.

Em 1757 tinha 397 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

O mosteiro de Santa Clara, de Coimbra, apresentava o prior, que tinha 470$000 réis de rendimento.

O concelho de Pena-Cóva, é formado pelas 9 freguezias seguintes, todas no bispado de Coimbra — Carvalho, Farinha-Pôdre, Figueira de Lorvão, Friumes, Lorvão, Oliveira do Cunhêdo, Pena-Cóva, Sazes, e Travanca — todas com 2:900 fogos.

Até 1855 tinha só cinco freguezias, que eram — Carvalho, Figueira de Lorvão, Lorvão, Pena-Cóva e Sazes, com 2:100 fogos.

D. Sancho I lhe deu foral, em dezembro de 1192. *Corpo Chronologico*, parte 2.ª, maço 1.º, doc. 6.º — e maço 12, de foraes antigos, n.º 3, fl. 56, col. 2.ª—D. Affonso II o confirmou, em Coimbra, a 6 de novembro de 1219.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 31 de dezembro de 1513. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 112, col. 2.ª)

Foram seus donatarios os condes de Odemira, e, depois, os senhores de Tentugal, duques do Cadaval.

É uma das mais antigas povoações de Portugal, e talvez da peninsula hispanica; o que se collige do seu proprio nome — *Pen* — que é cantábrico, como fica dito.

Está a villa edificada sobre uma montanha (por cuja base passa o rio Mondego) patenteando a sua nobre vetustez nas muitas ruinas que foram outr'ora explendidas habitações, e tendo em tempos felizes, mais de 300 fogos, está hoje reduzida a noventa e tantos.

Confina o concelho, ao N., com o de Mór-

tágua (districto de Viseu)—ao E., com o de Farinha-Pôdre (extincto)—ao S., com o de Poyares e com o de Coimbra—e ao O., tambem com o de Coimbra, e com o da Mealhada.

Consta que, em tempos remotissimos, teve um castello, cujos vestigios se divisam em um escarpado monte, ao S. da villa, onde hoje está a egreja matriz. Este monte é quasi talhado a prumo sobre o Mondego, mas, apezar d'isso, está coberto de oliveiras.

O padre Carvalho da Costa, na sua *Chorographia*, affirma que a primeira noticia d'esta villa data das contendas que os seus moradores tiveram com os monges de Lorvão, em 1105; as quaes compoz o conde D. Henrique: e diz que D. Sancho I a mandou povoar, em 1193.

Ainda existem n'esta villa, os paços dos duques do Cadaval, que primeiro foram dos condes de Odemira.

As justiças de Pena-Cóva, eram dependentes do ouvidor de Tentugal, e depois, do corregedor de Coimbra.

A serra do Bussaco, atravessa este concelho, de E. a O.—e do mesmo modo, a *serra de Coimbra.*

O Mondego, corta-as ambas, e recebe dentro do seu termo, as ribeiras—*da Villa, de Gondolim, e de Lorvão,* que todas nascem n'este concelho: e a *de Poyares,* que o atravessa.—Tambem n'elle desaguam os regatos de *Alem do Rio, Abarqueira* e *Valle-Bom.*

(O de *Saxes,* desagúa na ribeira do Botão.)

A principal industria do concelho, é a navegação do Mondego, á qual se entrega a maior parte dos seus naturaes, conduzindo do centro da provincia, para a Figueira da Foz, ou d'esta para aquelle—sal, milho, vinho, azeite, lenhas e outros generos.

Pertence a este concelho a antiquissima povoação de *Gondolim.* (Vide *Villa-Verde.*)

No cartorio de Lorvão, existia uma escriptura, de 1086, que era uma doação, feita por *Piniolo,* áquelle mosteiro, de uma morada de casas, na villa de Pena-Cóva; e *uma vinha, em Ribellas, que elle havia plantado e regado com o suor do seu corpo. Isto, para sustento dos monges que alli morarem* (no mosteiro) *e de todos os fieis que alli concorrem.* É escripta em latim, e diz que—o que fôr contra esta doação—seja excommungado por Deus Padre. por Jesus-Christo, e pelos anjos e apostolos—*ut, et de hoc Seculo, sicut Datan, et Abiron, vivus continuo absorbeatur, et tartares penas cum Juda, Christi Traditore, pereniter ferat cruciatus. (!)*

—

A egreja matriz é um templo vasto e muito decente, com nove altares (sete dos quaes são dedicados a Nossa Senhora, nos seus differentes mysterios.

—

No ambito outr'ora occupado pelo castello, existe a antiga capella de Nossa Senhora da Guia. É um templosinho pequeno e pobre, e só com um altar. É tradição que esta ermida foi a primitiva egreja parochial da villa; porém, como era pequena, e em sitio incommodo, se construiu, no seculo XVI, a egreja actual.

Placido Castanheira de Moura, contador-mór do reino, tinha muita devoção com esta Senhora da Guia, e quiz mandar-lhe construir um bom templo; porém, como fallecesse antes de realisar o seu desejo, deixou por testamento, á Senhora da Guia, umas fazendas que tinha n'esta villa, para que com o seu rendimento, se reconstruisse a capella, dando-lhe maior amplitude.

PENA-CÓVA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi da comarca de Lousada, concelho de Felgueiras), 12 kilometrs a S.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O D. abbade do mosteiro, benedictino, de Pombeiro, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil. Cria muito gado bovino.

PENA-DE-DONO—vide *Penedôno.*

PENA DE POYO—vide *Olho da Mira.*

PENA DE SANGUE—portuguez antigo—Em todos, ou em quasi todos os foraes, se acha esta pena. Era a condenação, multa ou coima, que se impunha aos que espan-

cavam, feriam, ou assassinavam alguem, ainda que não corresse sangue da ferida ou contusão.

Este castigo estendia-se tambem aos que proferiam palavras torpes, obsenas, deshonestas; ou injuriosas e calumniosas, contra qualquer pessoa — *com as quaes lhe faziam vir o sangue âs faces.*

No foral que o rei D. Manuel deu á villa de Mogadouro, em 1512, se diz que, a esta pena se deu primeiro o nome de VOZES, e COIMAS, e depois, de INDIZIAS, e INDICIAS. (Então já se dizia *pena de sangue,* ou *pena d'arma.*)

Em 1451, foram escusos de pagar *indicias,* os escudeiros de Bragança, que tivessem armas e cavallo, e morassem dentro da villa, ou no seu arrabalde — *salvo se fizerem as taes indizias scitosamente, e naquelles casos, nos quaes a Igreja lhes nom valería.*

No foral de Bragança, de 1514, se dá ás *indicias* o nome de *maçaduras,* e *sangue* — e declara que se não devem levar d'alli por diante, n'aquella terra.

No foral novo de Freixo de Espada á Cinta, dado em 1512, se diz—*A Pena de sangue, que constava do Foral antigo* (o de D. Affonso Henriques) *se prohibe n'este; excepto nos seguintes casos:—O que ferir, ou matar o seu visinho, correndo a trás d'elle, e matando-o em sua casa, pagará quinhentos réis, e outro tanto, o que ferir mulher, sua ou alheia. — E quem matar homem, ou Clerigo de Ordens sacras, pagará novecentos réis. — E o juiz que os julgar, levará a septima parte. — E por todalas outras* penas de sangue, *contheudas no dito Foral, se não pagará mais que duzentos reis, de qualquer maneira que sangue tirar.* E NÃO SE TIRANDO SANGUE, SE NÃO PAGARÁ NADA. (!) *As armas, serão para o Juiz, só no caso que se tomem no arruido, e de outra sorte não.*

Já por uma sentença de 1507, havia declarado o rei D. Manuel, que D. Mecia de Mello, não tinha direito algum para levar a *pena de sangue,* e outros direitos, em Freixo de Espada á Cinta, e seu termo; porquanto, a mercê que o rei D. Affonso V, e elle mesmo (D. Manuel) fizeram a seu marido—Vasco Fernandes de Sampaio—era tão sómente por sua vida, e se não estendiam á viuva

Parece que ella não obedeceu a esta primeira sentença; porque foi preciso outra, do mesmo monarca, de 1503, contra a mesma viuva, que, não tendo foral, para levar os *excessivos tributos,* os exigia *por sua propria auctoridade.*

> Esta senhora, exigia—De todo o passageiro que atravessasse a villa de Freixo, e seu termo, 48 réis—dois alqueires de cevada, de cada morador—e a *pena de sangue. Os passageiros* reveis em pagar, eram privados das suas fazendas, por *desencaminhados!*

O rei, determina na ultima sentença, que — «a Ré não leve *Passagem,* nem *Portagem,* senão dos que passarem de Portugal para Castella, ou de Castella para Portugal, com algumas mercancias. Que não leve a *Pena de sangue,* pois não tem Titulo. E que os dois alqueires de cevada, se vendam, e ponha o dinheiro em deposito, até que, pela factura de Novos Foraes, se veja se as taes medidas lhe pertencem ou não.»

PENA-FERRIM — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e junto a Cintra, 30 kilometros ao N.O. de Lisboa, a cujo patriarchado e districto administrativo pertence.

Tem 550 fogos.

Em 1757 tinha 255 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Mercado, nos 2.os domingos de cada mez.

A mitra apresentava o prior, que tinha 500$000 réis de rendimento.

Foi collegiada, com 4 beneficiados.

Para o mais que pertence a esta freguezia, vide *Cintra;* e para os mosteiros da Pena e da *Peninha,* que são n'esta freguezia, vide no mesmo artigo — *Cintra,* pag. 303, col. 1.a, no fim.

O nome d'esta freguezia, é corrupção de *Peña-ferrinha — Penha-férrea.*

PENA-FIRME, ou PENHA-FIRME—logar, Extremadura, na costa do Oceano, concelho e 12 kilometros ao S.O. da Lourinhan, 12 ao O.N.O. do Varatojo, 18 ao S. de Peniche, 70 ao N.O. de Lisboa.

Em uma pequena abra que faz aqui o

mar, e do lado do S. d'ella, está o notavel mosteiro de Pena Firme, de frades agostinhos, a 1:500 metros do Oceano.

Era da invocação de Nossa Senhora da Graça, e, segundo alguns escriptores, foi fundado por Santo Ancirado, religioso agostiniano, allemão, pelos annos de 840, ou pouco depois.

O fundador, viveu alguns annos n'este mosteiro, e hindo á Italia, foi martyrisado pelos piratas africanos, a 4 de fevereiro do anno 850 de Jesus-Christo.

Foi o primeiro convento d'esta ordem, que houve em Portugal, tendo principio em uma capella de Nossa Senhora da Graça, que já então era antiga, e muito venerada n'estes sitios.

O sitio onde está o mosteiro, é dos mais solitarios e proprios para o recolhimento e meditação dos que se dedicam á vida da oração e penitencia.

Frei Jeronymo Romano, nas suas *Centurias da ordem agostiniana*, e outros escriptores, affirmam que, vindo S. Wilhelmo, duque de Aquitania, em peregrinação a S. Thiago de Compostella (1140), e passando por este mosteiro, tanto lhe agradou o socego e isolamento d'elle, que se deixou ficar por alguns annos, mandando reconstruir os claustros e algumas officinas.

A imagem antiquissima da padroeira, é de marmore, de boa esculptura, com 1^{m},10 de alto, e a sua festa principal se fazia no dia da sua Assumpção (15 d'agosto) sendo concorridissima, principalmente pelos moradores dos logares de Rendide, Alda-Gavinha, e Merceana, e da villa de Alda-Galléga da Merceana (ou Aldeia Gallêga da Merceana). Á excepção de Rendide, todos os mais povos ficam a distancia de uns 24 kilometros do mosteiro.

Vinham na vespera da festa, dois brilhancirios, um de Rendide e outro da Merana; cada um dos quaes deixava á Senhora 52 arrateis de cêra.

—

Refere a *Chronica dos agostinianos*, que no dia 30 de junho de 1620, desembarcaram n'esta praia, 14 piratas da guarnição de um chaveco de mouros africanos, e se dirigiu ao mosteiro. Os frades, não tiveram tempo senão de fugir para Torres-Vedras, levando o Santissimo, e as pratas do convento; e ficando só n'elle, um diacono, chamado frei Roque da Gama, mancebo de muita coragem e grandes forças, acompanhado de quatro lavradores, tão animosos como elle. Não esperaram que os mouros atacassem o mosteiro; mas deram n'elles de improviso, com tal furia, que, ferindo uns e agarrando outros, os captivaram a todos 14, manietando-os com as mesmas cordas que elles traziam para prender os christãos que podessem haver ás mãos.

Regressaram os religiosos, e o seu prior fez presente dos captivos a D. Philippe III (que estava então no penultimo anno da sua vida), que os mandou empregar em remadores das gallés do estado.

Como o prior expozesse n'esta occasião ao rei, o perigo que corria com os seus religiosos, pelas frequentes invasões dos piratas mauritanos, e em um sitio isolado e desprotegido; mandou D. Philippe que no mosteiro houvesse uma especie de praça d'armas, (para que os frades, por si e por seus noviços, caseiros e creados, se podessem defender.

Deu-lhes certo numero de mosquetes e lanças, um tambor, e frascos com polvora; ordenando que de Lisboa lhe mandassem annualmente certa quantidade de polvora e bala. D'isto procedeu chamarem os povos da visinhança, ao superior do convento, *capitão-prior*.

Foi feito conde de Penha-Firme, em 19 de agosto de 1853, Jorge Rosa Sartorius, que já era, desde 1834, visconde da Piedade.

PENA GARCÍA ou **PENHA GARCÍA**—villa Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha Nova (foi até 1855, da mesma comarca, mas do concelho de Monsanto) 65 kilometros da Guarda, 285 a E. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado, districto administrativo e 54 kilometros a E. de Castello Branco.

O tribunal da mesa da consciencia apresentava o prtor, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

O mestre da ordem de S. Thiago, lhe deu foral, em Proença Velha, a 31 de outubro de 1256. (*L.º 1.º de Doações, de D. Affonso III*, fl. 18 v., col. 2.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 26, col. 1.ª)

E' povoação muito antiga, e está situada em um alto, degrau da serra da Gardunha, ramo da Estrella, e chamado vulgarmente, *serra de Pena-Garcia.*

Foi *couto do reino*, ou de homisiados, que D. Maria I extinguiu (como todos os outros) por uma lei de 1790.

N'esta serra ha as aguas mineraes da chamada *Fonte Santa.*

Já vão descriptas em *Monfortinho.*

Foi cercada de muralhas, das quaes ainda existem alguns lanços, e sobre um penhasco lhe mandou o rei D. Diniz, pelos annos 1300, construir um forte castello, que ainda se conserva desmantellado.

Em 1303, o mesmo rei, o deu aos templarios, passando em 1319 para a ordem de Christo.

D. Affonso II tinha dado a villa aos cavalleiros de S. Thiago, pelos annos de 1220, com a condição de fundarem o castello e muralhas da circumvalação; porém, como não cumpriram esta condição, D. Diniz lha tirou para a dar aos cavalleiros do Templo, passando pela suppressão d'esta ordem, para a de Christo.

O nome da villa deriva-se da *penha* sobre que está edificado o castello, e, antes da sua construcção, já tinha o mesmo nome, por alli haverem muitos ninhos de *garças.* Os antigos escreviam *Peña Garcia.*

Foi povoação de alguma importancia, por ser concelho, por estar fortificada, e por ser a pouca distancia da Extremadura hespanhola.

Hoje, que já nada d'isto existe (senão a ultima circumstancia) perdeu muito da sua valia, e é uma povoação decadente.

O seu territorio é fertil em cereaes, legumes e fructas, cria bastante gado, e é abundonte de caça, grossa e miuda.

PENA GATE ou **TORRE DE PENA GATE** —solar dos *Machados.*

Vide no artigo *Nespereira*, a col. 1.ª, da pag. 36, d'este volume.

PENA GUIÃO—A pag. 99, col. 1.ª, do 5.º vol., sob o palavra, *Martha (Santa) de Penaguião*, descrevi esta villa; mas como depois achei mais apontamentos de que não quero privar o leitor, os dou n'este logar.

Primeiramente darei mais algumas noticias com respeito ao 1.º conde de Penaguião, o famoso João Rodrigues de Sá—*o das Galés.*

Nasceu este esclarecido heroe portuguez, em 1619. Applicando-se ao estudo desde tenra edade, com o maior fervor, aiuda jovem, conhecia e fallava com facilidade as linguas das principaes nações da Europa.

Foi versadissimo nas letras humanas, e decidido protector de todos os que se distinguiam pela scieneia, pela virtude, ou pelo patriotismo.

De 21 annos de edade, fez a acclamação de D. João IV, sendo um dos *quarenta fidalgos* que se arrojaram áquella empreza, que teve tanto de feliz e patriotica, como de temeraria.

Foi elle que matou o malvado *Miguel de Vasconcellos*, principal e cruel instrumento das extorções e atrocidadas exercidas nos portuguezes, por ordem de Philippe IV.

D. João IV o fez logo, seu camareiro-mór e o foi tambem de D. Affonso VI.

Tendo apenas 23 annos, tanta cordura mostrava em todos os seus actos, que o rei o nomeou do seu conselho de guerra, e pouco depois; conselheiro de estado, sendo o seu voto considerado sempre de grande peso, pela sua prodencia, rectidão e imparcialidade.

Foi nosso embaixador extraordinario á Grã-Bretanha, para os negocios de mais palpitante interesse do tempo, e que, pela sua intelligencia concluiu com felicidade.

Fez esta viagem, e a sua estada em Londres, com a pompa, lusimento e grandeza

de um rico fidalgo portuguez; não por orgulho, mas para honrar a sua patria.

Os seus altos empregos no paço real, não o impediam de cuidar na guerra.

Sete vezes passou ao Alemtejo; e em varias occasiões, a bordo de navios de guerra, portando-se em todas as conjuncturas, com brio singular, aristocratica bizarria, e valor extremado.

Na expugnação do forte de S. Gabriel, e no sitio de Badajoz, tomando logar na vanguarda, dando pelo seu valor, animo e coragem aos companheiros.

Os assaltos a Badajoz, foram infructiferos; porque, estando a formidavel praça já reduzida a grandes apuros, e prestes a entregar-se, veiu em seu soccorro o duque de S. Germano.

Este ainda foi derrotado e posto em fuga precipitada pelos portuguezes, commandados pelos generaes Albuquerque, Vasconcellos, e o nosso João Rodrigues de Sá.

O cêrco durava havia 4 mezes, quando o 1.º ministro de Philippe 4.º, D. Luiz de Haro, com um grande exercito, veiu em soccorro da praça.

As tropas portuguezes, álem de muito inferiores em numero, estavam sendo desimadas pela peste, pelo que tiveram de retirar sobre Elvas, que a 22 de outubro do mesmo anno de 1658, foi sitiada pelos castelhanos.

O conde de Penaguião, atacado da peste, e afflicto por se não tomar Badajoz, retira doente, hindo para o convento de S. Francisco (junto ás murelhas d'Elvas) e estando já o inimigo em volta da cidade, e senhor do mosteiro, falleceu n'esse mesmo dia 22 de outubro.

Confessemos que D. Luiz d'Haro, se portou com a bizarria propria de um verdadeiro fidalgo, que era, restituindo logo no dia seguinte, o cadever do nosso conde, com a pompa e honras militares proprias de um general; sendo recebido na praça com sinceras lagrimas de pesar, pela perda irreparavel de tão becemerito portuguez.

Poucos mezes depois, foi transferido para o convento de S. Francisco da cidade, do Porto, onde tinham o seu jazigo os nobres senhores de Penaguião.

Sempre direi que o conde de Cantanhede, general do Alemtejo, veiu em soccorro da praça, e que elle e o governador, D. Sancho Manuel, fizeram pagar aos castelhanos a ousadia, pois atacando-os com o maior arrojo, e sendo ferido o seu general em chefe, foi o inimigo rôto e posto em debandada, a 14 de janeiro de 1659, depois de 3 mezes menos oito dias de sitio. (Vide *Elvas.*)

—

Para as aguas thermaes, chamadas por alguns de *Pena-Guião*, vide *Mollêdo.*

—

Veja-se *Viso*, para os sanctuarios de *Nossa Senhora do Viso* (que foi egreja matriz, da freguezia de Fontes) e de *Nossa Senhora do Miradouro.*

PENA JÓIA — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho, bispado, e 9 kilometros ao N.O. de Lamego, districto administrativo de Viseu, 335 kilometros ao N. de Lisboa.

Tem 900 fogos.

Em 1757 tinha 439 fogos.

Orago, o Salvador.

As religiosas de Santa Clara, das *Portas do Sol* (Porto) apresentava o vigario, que tinha 170$000 réis de rendimento.

—

E' povoação muito antiga, e foi villa e couto, com justiças proprias.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de julho de 1514. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 98, col. 1.ª)

Serve tambem para *Lagôas, Portella, Valle-Claro, e Villa-Chan*—ainda hoje povoações d'esta freguezia.

—

Formosamente situada, sobre a margem esquerda do Douro, estendendo-se pelo dorso do monte do seu nome, é uma das maiores e mais ricas freguezias do bispado de Lamego.

Comprehende as aldeias seguintes:

Coderneiro, Crujães, Corvaceira, Mollães, Mollêdo, Paço, Pinheiró, Pousada, Ribeiro, São Payo, São Gião, Sobre-Egreja, Torre, Valle-Claro, Valle-Verde, e Villa-Chan.

Alem d'estas aldeias, ha alguns casaes no-

taveis, sendo os principaes, o de *Alquetes*,[1] formosa propriedade, do sr. abbade da freguezia de Miragaia (Porto) o doutor, Pedro Augusto Ferreira.

Tem umas 400 oliveiras, e já produziu 6 pipas de optimo vinho.

Está situado em um degrau do monte, em posição alegre e vistosa.

Alem do seu nome, com pouca corrupção árabe, mostra se que foi habitação (com toda a provabilidade mourisca) pois que, em uma antiquissima terra d'este sitio, tem apparecido fragmentos de grossos tijolos, carvão, e *escumalha* de ferreiro.

—

Foi senhor donatario da villa de Penajóia, e da de Gestaço, o famoso *Tristão da Cunha*, do conselho dos reis D. Manuel e D. João III, nomeado embaixador a Roma, general da *Liga Catholica*, pelo papa Leão X, e o 1.º capitão portuguez, que tomou cidade a mouros, no Oriente.

Era natural de *Olhalvo*, concelho de Alemquer. (Vide 6.º vol., pag. 226, col. 1.ª)

Viterbo, no seu *Elucidario*, cita varios documentos do seculo XII, em que se menciona esta freguezia, com o nome de *Pena Judéa*.

O conego, João Mendes da Fonseca, na sua *Memoria chronologica dos bispos de Lamego*, fallando do bispo D. João II (duodecimo do seu *catalogo*) diz, a pag. 37.

«Em 15 de outubro do dito anno de 1292, assistiu o mesmo bispo, D. João, á doação que fizeram Gonçalo Pires, reitor de Cidadêlhe, e Gonçalo Martins, e Domingos Martins, de Penajóia, testamenteiros de Martim Annes, reitor de Pendilhe, de certa quantia de dinheiro, para as obras da Sé, de Lamego.»

O mesmo escriptor, diz que, estando o rei D. Diniz na cidade do Porto, passára uma carta, a 20 de agosto de 1292, cujo traslado authentico se acha no archivo capitular, firmada com o séllo real, e com o do referido bispo, e o do seu cabido, no qual se lê o seguinte paragrapho:

«Que o bispo e cabido, davam por finda a demanda contra el-rei, e que, em compensação, D. Diniz lhes dava a egreja de Valdigem, com o seu padroado, o logar da *Seára do Bispo*, e todas as herdades que possuiam antes da desavença, e que o rei lhes tinha tirado. Permittiu-lhes que podessem ter açougue no seu couto; mas que o bispo tomasse a seu cargo a albergaria e a barca do Mollêdo.

Prova este documento, que já no seculo XIII existia no Mollêdo (logar d'esta parochia) uma albergaria, e a barca de passagem.

D. Affonso V, deu o padroado da egreja de Penajóia, ás freiras de Santa Clara (franciscanas) da cidade do Porto — *por muitas orações que somos certos que por os Reis passados, e por nós, fazem cada dia.* (Chronica da ordem seraphica, dos frades menores de S. Francisco, por frei Manuel da Esperança, tom. 1.º, liv. 5.º, pag. 578.)

As freiras receberam os disimos d'esta freguezia até 1833.

Em quanto foi da corôa, era abbadia, e depois que passou ás freiras, foi vigariaria.

—

Ha n'esta freguezia optimas quintas, extremando-se entre ellas, as duas de *Penim* —uma do sr. Ferreira, da *Cervaceira* (vide esta palavra) irmão do sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, do Porto, meu generoso e infatigavel collaborador, n'esta obra—e outra do sr. Julião Sarmento de Vasconcellos e Castro, barão de Moimenta da Beira, feito em 17 de fevereiro de 1860. Ficam junto ao rio Douro, e em frente da bonita casa do sr. Antonio Botelho Teixeira, barão do Granjão, desde 7 de maio de 1867.

O vinho d'estas quintas, é o melhor de Penajóia, onde todo é bom.

Tambem são boas propriedades, as quintas da—*Ribeira de Fórnos, Lagôas, Pombal, Fontainhas, Lodeiro, Egreja;* e excedendo a todas, em riqueza e producção, a do *Extremadouro*, do sr. Antonio Joaquim Guedes, irmão do fallecido visconde de Valmôr, José Isidoro Guedes, que obteve o titulo, em duas vidas, a 11 de março de 1867. Era tio do actual visconde do mesmo titulo, o sr. Faus-

[1] Corrupção do arabe — *Al-Quentar* (o quintal.)

to de Queiroz Guedes, feito (visconde) em 26 de janeiro de 1870.

—

As aldeias mais notaveis d'esta freguezia, são — S. *Gião*, por ter 182 fogos — *Mollêdo*, pela sua antiguidade, pela sua albergaria, pela sua antiquissima barca de passagem (a barca de *por-Deus*) e pelas suas caldas—Vide *Mollêdo*.

—

Ainda outro documento da antiguidade d'esta freguezia, e que prova já existir no principio do 12.° seculo — é uma carta de doação, feita em 1133, por D. Affonso Henriques, a Mendo Viegas, ao qual dá *Samodães* (então *Çamudaens*), junto a Lamego, *com todos os seus logares e termos, assim como partia com Pena-Judéa* (Pena-Jóia) *Avões*, *Paço*, etc.

—

É Pena-Jóia uma das parochias de mais vasta área, mais populosas, ferteis e ricas da Beira-Alta. Para se fazer uma ideia da sua riqueza, bastará dizer que tem 500 eleitores, isto é, quasi metade da sua população; e que dá sete dos *maiores contribuintes* do concelho.

Produz esta freguezia, em abundancia, toda a qualidade de cereaes, e optimas fructas, especialmente laranjas, figos, maçans, pêros, damascos, pêcegos, e uma enorme porção de cerêjas, pelo que lhe chamam *Terra das cerêjas*. É tambem fertil em castanhas, batatas, feijões, etc.—Produz hoje de duas a tres mil pipas de vinho, e antes do *oidium*, produzia seis a sete mil.

No monte do *Poyo*, que é baldio, semeou-se, ha annos, centeio, que produziu 20 sementes. Os pinheiros tambem aqui se dão e crescem maravilhosamente; porém as vereações teem-se desmazellado do aproveitamento dos terrenos municipaes, de que podia auferir optimos rendimentos.

É o territorio da freguezia abundantissimo d'agua, tanto potavel, como para irrigação, servindo esta de motor a perto de 100 moinhos de pão. Cría bastante gado, bovino e lanigero; e sobre todas estas bellas condições de prosperidade, tem a inapreciavel vantagem de poder levar os seus productos agricolas, com muita facilidade e pouco despendio, aos mercados do Porto e Régua, pelo rio Douro — e por terra, a Lamego, Caldas de Mollêdo, Mezão-Frio, e outras localidades.

Tem muitos *lameiros* (prados) que produzem abundantissima e boa herva, que exporta em grande quantidade. (Só no logar de S. Gião, perto de 40 mulheres se empregam exclusivamente em segar herva, e hirem vendel-a á Régua.)

É de clima saluberrimo, e não ha aqui memoria de grandes molestias epidemicas.

A egreja matriz, é sumptuosa. Tem um altar-mór e seis lateraes, com bellas imagens. Uma optima sachristia, e boa casa da fabrica — um vasto côro, e um bom orgam, com dotação permanente para o organista. A torre tem quatro sinos.

Possue optimos paramentos e alfaias, e armação completa para a egreja. Muitas das alfaias são de prata, e tem dois lindos lustres de crystal.

A residencia do parocho, é boa, e os passaes soffriveis; mas já foram muito maiores, quando tambem lhe pertencia a grande *quinta da Egreja*, que é hoje dos herdeiros de D. Diogo, de Cidadêlhe.

Tem quatro irmandades, com estatutos approvados, com bastantes rendimentos, e ricas alfaias.

Ha na freguezia seis capellas publicas — sendo tres d'ellas, melhores do que muitas egrejas parochiaes — e todas com tres altares, sachristia e côro; e a de Santo Antonio, com bom orgam, e dotação permanente para o organista.

São treze as capellas particulares, e dois oratorios, isentos da jurisdição parochial; sendo um d'elles de muito preço e merecimento.

Ha actualmente na freguezia, 15 clerigos seculares (e já houve muitos mais simultaneamente).—Um dos mais notaveis clerigos de Pena-Joia, foi o doutor José Ernesto de Carvalho Rêgo, lente jubilado, de theologia, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa; da ordem da Rosa, no Brasil; conselheiro e vice-reitor da

universidade de Coimbra; do qual adiante trato mais detidamente.

Dos 15 que hoje existem, quatro são parochos collados—um, mesmo n'esta freguezia—outro na de Frende—outro em S. João de Fontoura—e o 4.º, o sr. Pedro Augusto Ferreira, é bacharel, formado em theologia, foi examinador synodal, vigario-geral interino, e professor do seminario diocesano, em Lamego, abbade de Távora, e hoje, abbade da freguezia de S. Pedro de Miragaia, na cidade do Porto—tantas vezes mencionado n'esta obra, pelos grandes serviços que lhe tem prestado, e á sua patria, com grande quantidade de curiosissimos apontamentos, e elegantes descripções, que com a sollicitude de um sincero amigo, e o zêlo de um verdadeiro patriota, me tem prodigalisado, para enriquecer e adornar este diccionario.

Outro ecclesiastico d'esta freguezia, é escrivão da camara ecclesiastica de Lamego, e sub-secretario do prelado diocesano—outro é professor de latim, grego e francez, e sabendo tambem italiano e inglez.

Ha na freguezia dois bachareis, um que tem sido deputado, e outro, é official da secretaria dos negocios do reino, e chefe da repartição da instrucção publica.

Ha nove edificios com brazões d'armas.

—

Vimos que poucas freguezias ruraes d'este reino, terão por filhos, tão grande numero de varões notaveis. Além dos que ficam mencionados n'este artigo, e dos que vão sob o nome de varias aldeias da parochia julgo-me no dever de commemorar aqui um dos que mais honrou a terra que lhe deu o ser.

—

Na noite de 28 para 29 de novembro de 1875, expirou na sua casa, da rua da Alegria, em Coimbra, o reverendissimo sr. dr. José Ernesto de Carvalho e Rego, lente jubilado da faculdade de theologia, commendador das ordens de Nosso Senhor Jesus Christo, Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e da imperial ordem da Rosa, do Brasil, fidalgo cavalleiro da casa real, do conselho de Sua Magestade Fidelissima e vice-reitor da nossa Universidade, desde 1854—sempre idolatrado pela academia, sem desmerecer a confiança dos diversos governos, que presidiram aos destinos da nação, durante o longo periodo de 21 a 22 annos, o que é muito raro nos annaes da Universidade.

Por vezes surgiram grandes tempestades, no governo academico, e varios reitores foram exauctorados, por não poderem sustentar-se á frente da academia, como em 1854, em seguida á memoravel revolução do carnaval; mas logo que o sr. dr. Ernesto assumia o poder, sem a minima violencia, a academia entrava na ordem, como que levada por uma vara magica.

E' que s. ex.ª, alem de saber, como poucos, alliar a equidade com a justiça, comprehendendo o que são moços, sempre generosos, quando levados por bem, mais pedia como amigo e pae, do que ordenava como superior. E, mesmo por indole, foi sempre affavel e generoso para com todos, e sinceramente amigo da academia, e por isso todos o amavam. Falleceu sem contar um unico inimigo.

Com a sua morte perdeu o alto funccionalismo um modello de rectidão e justiça, de equidade e affabilidade—o nosso paiz um dos seus mais benemeritos concidadãos—a nossa universidade, um dos seus mais distinctos ornamentos—e esta freguezia de Penajóia, um dos filhos que mais a enobreceram, pois nasceu na povoação de Mollães, aos 17 de fevereiro de 1799. Contava por consequencia 77 annos incompletos quando falleceu. Foram seus paes, José da Conceição de Carvalho e Rego, proprietario e professor de musica, e D. Anna Joaquina d'Almeida.

Foi monge benedictino, com o nome de fr. José Ernesto de S. Bento, e entrou para a congregação a 14 de março de 1816—quinta feira, dia de S. João de Deus, confessor. Acceitou-o fr. Bento de Santo Antonio Vieira, geral da congregação, e foi seu mestre de noviços fr. Antonio do Coração de Maria.

Tomou o habito no convento de Tibães, e lançou-lh'o o superior do dito mosteiro, fr.

José de S. Lourenço Justiniano, a 14 de março de 1816, pelas quatro horas e meia da tarde, e professou no mesmo convento a 16 de março de 1817, na presença do prior, fr. Francisco da Esperança, sendo geral da congregação, fr. João do Rosario e Castro.

Aos 23 de setembro de 1818, foi para o mosteiro de Rendufe, frequentar o collegio de philosophia, sendo alli D. abbade, fr. Antonio de Nossa Senhora, e geral da congregação, o mesmo fr. João do Rosario e Castro; e aos 30 de setembro de 1819, passou de Rendufe para o collegio de Coimbra, onde completou o curso de philosophia, sendo alli D. abbade, fr. Manuel da Graça, e geral da congregação, o padre mestre jubilado, fr. Francisco de S. João Baptista Moura, da nobre casa de Telhô, em Celorico de Basio, irmão do penultimo bispo de Lamego, o sr. D. José de Moura Coutinho, de saudosissima memoria.

Aos 17 de dezembro de 1820, tomou ordens menores, conferidas pelo abbade do mesmo collegio de Coimbra—aos 23 de dezembro do mesmo anno, foi-lhe conferida a ordem de subdiacono, pelo bispo da Guarda, residente em Mello — aos 7 de abril de 1821 conferiu-lhe o bispo de Coimbra a ordem de diacono — e a 10 de fevereiro do mesmo anno, o bispo de Lamego, lhe conferiu a ordem de presbytero, no mosteiro de Sasta Cruz, em Coimbra.

Em outubro de 1821, matriculou-se no 1.º anno de theologia, na Universidade, e foi premiado n'esse anno e no seguinte, e não nos outros por serem prohibidos os premios por uma carta regia.

Em maio de 1825 tomou o grau de bacharel—fez a sua formatura em maio de 1826—em outubro d'esse mesmo anno matriculou-se no 6.º anno theologico—defendeu conclusões magnas em 29 de março de 1828—fez exame privado a 8 de maio do mesmo anno—e a 18 do mesmo mez tomou o grau de doutor.

A 4 de junho de 1825, foi eleito superior do collegio de Coimbra, sendo D. abbade, fr. Antonio de Santa Rita, e geral da congregação, fr. Bento de Nossa Senhora—em outubro de 1829 foi abrir o collegio de theologia a Rendufe, e regressou em maio de 1830 ao collegio de Coimbra, do qual foi eleito prior a 7 de agosto do mesmo anno, sendo D. abbade, fr. Francisco do Lorêto, e geral da congregação, fr. Agostinho dos Prazeres —e a 9 de junho de 1831 foi segunda vez eleito prior d'este collegio, sendo D. abbade, fr. Manuel da Graça, e geral da congregação, fr. Bento do Pilar.

A 20 de fevereiro de 1837, foi nomeado lente substituto extraordinario de theologia, e secretario da dita faculdade—a 5 de março de 1840, lente substituto ordinario—lente cathedratico, por decreto de 4 de março de 1846; e por decreto de 27 do mesmo mez e anno, lente proprietario da 6.ª cadeira theologica, havendo sido nove annos lente substituto, e regido seis annos consecutivos a cadeira de theologia moral.

Por decreto de 19 de abril de 1854, foi nomeado vice-reitor interino da universidade, em seguida á demissão dada ao reitor, que foi bispo de Bragança, de Viseu e de Coimbra, D. José Manuel de Lemos; e por decreto de 26 de julho do mesmo anno, vice-reitor proprietario e vitalicio, regendo a universidade com geral aprazimento, até que foi nomeado reitor, o conselheiro Basilio Alberto de Souza Pinto, hoje visconde de S. Jeronymo. Sendo este senhor demettido continuou a reger a universidade, o sr. dr. José Ernesto, até que foi nomeado reitor o sr. conselheiro, Vicente Ferrer Netto de Paiva; exonerado este, assumiu outra vez o sr. conselheiro José Ernesto, o governo da universidade, até ser nomeado reitor, o sr. Antonio Luiz de Seabra, hoje visconde de Seabra, e em seguida á exonoração d'este, em 24 de julho de 1868, continuou a reger a universidade, o sr. conselheiro José Ernesto, até que em 9 de julho de 1869, foi nomeado o actual reitor, o sr. visconde de Villa-Maior.

Durante a sua vice-reitoria, fizeram-se muitas e importantes reformas nos estabelecimentos da universidade, nomeadamente, na sala dos capellos, museu e jardim botanico; e já antes de ser nomeado vice-reitor, havia o sr. José Ernesto feito parte da commissão nomeada por portaria de 7 de

novembro de 1853, encarregada de propor as medidas mais convenientes para a reorganisação da typographia da Universidade, tanto na parte administrativa como na mechanica.

A esta commissão se deve em grande parte o notavel progresso d'aquella typographia, graças á zelosa e intelligente direcção do sr. commendador, Olympio Nicolau Ruy Fernandes, que, por iniciativa e deligencias da referida commissão, foi nomeado director d'aquelle importante estabelecimento, em 16 de março de 1854.

Em 26 de janeiro de 1854, celebrou a universidade, exequias solemnes, pela alma da Senhora D. Maria II, fallecida a 15 de novembro de 1853, e incumbindo-se do panegyrico, o sr. conselheiro, José Ernesto. A sua oração que corre impressa, foi brilhantissima.

Por decreto de maio de 1852 foi s. ex.ª nomeado commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa—por decreto de 2 d'abril de 1855, foi-lhe concedido o titulo do conselho de sua magestade fidelissima, por decreto imperial; de 3 de fevreiro de 1866, foi nomeado commendador da ordem da Rosa, do Brasil, e por portaria de 8 de maio do mesmo anno, o governo portuguez lhe permittiu acceitar a dita commenda e usar as respectivas insignias—por decreto de 1 de agosto de 1866, foi agraciado com a commenda da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo—por decreto de 19 de julho de 1867, foi nomeado fidalgo cavalleiro da casa real—por decreto de 6 de maio de 1857, foi nomeado lente de prima, decano e director da faculdade de theologia, pela jubilação concedida ao dr. Luiz Manuel Soares, e jubilou-se finalmente o sr. conselheiro José Ernesto, por decreto de 6 de julho de 1860, com 23 annos de serviço, como lente.

Foi tambem provedor da Misericordia e examinador synodal, e pela sua nimia modestia, recusou a mitra do Algarve e outras que por vezes lhe foram offerecidas.

PENAFIEL (e **SUB-ARRIFANA**)—cidade, Douro, cabeça da comarca e do concelho do seu nome, bispado, districto administrativo, e 36 kilometros ao E.N.E. do Porto, 42 ao S.E. de Braga, 28 ao S.E. de Guimarães, 45 ao N.O. de Lamego, 15 ao N. do rio Douro, 340 ao N. de Lisboa.

Tem 1:000 fogos, 4:000 almas, em duas freguezias (S. Martinho e S. Thiago.)

A freguezia de S. Martinho, bispo, de *Arrifana do Souza* (Penafiel) tinha em 1757, 802 fogos.

A mitra, e os mosteiros benedictinos do Bustéllo (a 5 kilometros da cidade) e o do Paço de Souza, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 300$000 réis de rendimento. Depois, foi commenda da ordem de Christo.

A freguezia de S. Thiago, apostolo, de *Sub-Arrifana de Souza*, tinha em 1757, 35 fogos.

O reitor da freguezia antecedente, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Hoje é abbade, e tem 400$000 réis. Paga a um cura 80$000 réis.

—

E' quartel general da 3.ª divisão militar, e quartel do regimento de infanteria n.º 6 (Hoje só aqui está a ala direita, o resto está em Guimarães.)

Desde 1814 até 1834, foi quartel do batalhão de caçadores n.º 6—denominados os *canarios*, por terem golas e canhões amarellos.

Tem estação telegraphica.

—

O concelho de Penafiel, comprehende 39 freguezias, todas no bispado do Porto, e com 7:300 fogos—são:

Abragão, Bôa-Vista, Boêlhe e Pacinhos, Bustéllo, Cabeça Santa, Canellas, Capella, Castellões de Recezinhos, Cróca, Duas Egrejas e Rande, Eja e Entre-os-Rios (com parte de Santa Clara do Torrão) Figueira, Fonte Arcada, Gallêgos, Guilhufe, Irivo e Coreixas, Lagares, Luzim, Marecos, Milhundos, Novellas, Oldrões, Paço de Souza, Paredes, Penafiel (S. Martinho), Penafiel (S. Thiago), Perozêllo, Pinheiro, Portella, Rans e Canas, Recezinhos (S. Mamede), Recezinhos (S. Martinho), Rio de Moinhos, Santa Martha, Sebollido, Urrô, Valpêdre, e Villa Cova de Vez d'Aviz.

A sua comarca era composta de dois julgados, o de Penafiel e o de Parêdes; mas, desde 1876, que este foi elevado a comarca, ficou só com o seu julgado.

—

Já a pag. 238 S.S., col. 1.ª e seguintes, do 1.º vol., sob a palavra *Arrifana de Sousa*, disse alguma cousa com respeito a esta povoação: aqui accrescento o mais que julgo a proposito, pedindo desculpa de alguma repetição inevitavel.

—

Está a bonita cidade de Penafiel fundada no alto de um monte pouco elevado, entre os rios *Souza* (ao S.) e *Cavallum* (ao N.) e, se é moderna com o actual nome, conta mais de dez seculos de existencia, com o de *Arrifana*, e da sua fundação já fallei n'esta palavra.

Não tem foral antigo ou moderno.

Em 25 de fevereiro pe 1741, D. João V, elevou esta povoação á cathegoria de villa, cabeça de concelho; sendo seu primeiro juiz de fóra, o bacharel, Francisco Teixeira da Motta.

D. José I, a fez cidade, e sede de bispado, em 3 de março de 1770, e lhe mudou o seu antigo nome de *Arrifana do Souza*, no de *Penafiel*.

Foi o papa Clemente XIV, que, a rogo do monarcha (ou do marquez de Pombal) creou este bispado, sendo o primeiro e unico bispo, D. frei Ignacio de S. Caetano, da ordem dos carmelitas descalços e confessor da rainha D. Maria I, então princeza do Brasil, e dos serenissimos infantes seus irmãos, por cujo moctivo nunca residiu em Penafiel.

Fallecendo D. José I (a 22 de fevereiro de 1777) lhe succedeu sua filha, D. Maria I, que instigada por seus ministros e conselheiros, não só depoz de todos os seus empregos o marquez de Pombal; mas annullou grande parte dos actos, leis e decretos, do seu ministerio.

Logo no 2.º anno do seu reinado (1778) obteve do bispo de Penafiel a renuncia do bispado; e do papa Pio VI, que esta diocese tornasse a ser encorporada na do Porto, d'onde tinha sahido; isto em dezembro do mesmo anno.

Este bispado chegava até ao principio da cidade do Porto; pois que a quinta do Prado, hoje *cemiterio do Repouso*, pertencia a este bispado!

—

A rua principal da cidade, é a estrada-rua, modernamente macadamisada, e que é estrada real de 1.ª classe, que vae do Porto a Penafiel, Amarante, Régua, Villa Real, Chaves, Bragança, etc.

A estrada antiga, era pela rua Direita, mas formou-se outra estrada macadamisada, pela rua do Calvario, e esta é hoje a 2.ª rua da cidade.

Tem algumas praças soffriveis, sendo a melhor a das *Chans* (aonde vae ter a estrada mac-adamisada), ornada de ambos os lados, de casaria de bella apparencia.

Penafiel, pela falta de vias de communicação, esteve muitos annos estacionaria; hoje, porém, ligada por boas estradas, com o paiz vinhateiro do Douro, e com a cidade do Porto, e, principalmente, em communicação acelerada com o resto da nação, pelo caminho de ferro do Douro, está em via de prosperidade, e antes de poucos annos, attenta a dedicação dos seus habitantes pelo trabalho, que nobilita e enriquece, será uma cidade próspera e importantissima.

A primeira parte da via ferrea do Douro, comprehendida entre as estações de Ermesinde e Penafiel, foi inaugurada no dia 29 de julho de 1875, com justo e geral regosijo.

O primeiro comboyo sahiu do Porto pouco depois do meio dia, levando o sr. ministro da marinha, vereadores, governador civil, general da divisão e outros funccionarios, jornalistas e varios cavalheiros importantes do corpo commercial.

Na estação estava reunido bastante povo, que saudou enthusiasticamente a partida da locomotiva, a qual foi recebendo pelo caminho as camaras de outros concelhos.

Todas as estações por onde passava o comboyo estavam vestidas de gala, e a concorrencia de gente era extraordinaria.

Em Novellas, onde é a estação, serviu-se um *lunch* de 180 talheres, n'um pavilhão.

Fizeram-se varios brindes. Contentamento geral.

—

A egreja parochial de S. Martinho, é de architectura gothica, de tres naves, e sumptuosa. Está no centro da cidade, e foi construida em 1570. Tem 7 altares, nos quaes entram as duas capellas collateraes — a do Sacramento, e a de Nossa Senhora do Rosario. N'ella ha a capella do Senhor dos Passos, que é tambem de architectura gothica.

A egreja da Misericordia, é de uma nave, e se acha reformada, e muito aceada e magnifica. Foi construida, no *Rocio das Chans*, pelo abbade de Ermêllo, Amaro Moreira, da casa da *Lousa*, na antiga honra de Baltar, ascendente collateral do esclarecido academico, o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. (Vide col. 1.ª, pag. 482 d'este volume.) [1] É actual representante do fundador, o sr. conde de Azenha, que tem uma cadeira na capella-mór, onde está o jazigo do fundador.

Esté templo serviu de Sé cathedral, em quanto existiu o bispado de Penafiel.

Teve principio a misericordia, na capella de *Nosso Senhor do Hospital*, em 1509.

—

Tinha dois conventos — um de frades capuchos (onde hoje é o hospital da Misericordia) fundado em 1666 — e outro de *recolhidas*, dos quaes já tratei, á pag. 238 T T, do 1.º volume. O segundo está no bairro da Piedade, e pertence hoje á camara municipal. Na sua cêrca se anda construindo o quartel militar. Proximos, estão os paços do concelho, que são tambem tribunal judicial, e contêem as repartições administrativas.

Dois kilometros ao N. da cidade, está o antigo mosteiro de S. Miguel, do Bustêllo, que foi de monjes benedictinos.

—

No concelho se fabricam panos de linho, muito finos, artefactos de ferro, arreios para cavalgaduras, e outros varios objectos, que exportam em grande quantidade.

Ha na cidade, uma fabrica de cortumes, onde se fabricam muito bons couros, e carneiras; e uma fabrica de cal. É senhor d'esta, Simão Rodrigues Ferreira, e d'aquella é administrador, Bernardino José de Mello e Souza.

A *feira do S. Martinho*, uma das maiores e melhores do reino, que se faz em novembro, e dura tres dias (10, 11 e 12) officialmente, mas que, verdadeiramente dura mais de oito dias, tem tambem concorrido para a prosperidade d'esta terra, pelo seu espantoso movimento commercial, principalmente pela venda de cavalgaduras, em grande escala.

Nos dias 10, 11, e 12 de abril, ha outra feira de cavalgaduras.

Os arrabaldes da cidade são muito agradaveis e bem cultivados, principalmente o delicioso *valle do Souza*. O seu territorio produz em abundancia, milho grosso e miudo, trigo, centeio, cevada, azeite, legumes, linho, vinho (verde), hortaliças, e todas as fructas do nosso clima. Cria gado de toda a qualidade, e nos seus montes e bosques, ha bastante caça, e colmeias.

As armas do concelho de Penafiel (dadas, segundo alguns, pelo seu fundador, D. Fayão Soares), são—escudo coroado, e dentro d'elle, uma aguia negra, tambem coroada, entre duas espadas nuas, com as pontas para cima.

Tambem se vêem estas armas, construidas do modo seguinte (são as armas da cidade) — escudo encimado com uma corôa de marquez, e em campo branco, uma cruz da ordem de Christo, em logar da aguia. As duas espadas parallelas (uma de cada lado do *habito*) e o escudo orlado pela parte superior, com uma fita, com a legenda — CIVITA FIDELIS — e tendo de um lado uma palma, e do outro, um ramo de oliveira.

—

O 1.º conde de Penafiel, foi Manuel José da Matta Souza Coutinho, feito por D. Maria I, em 1798. Era correio-mór do reino. É hoje representante d'esta illustre familia, a sr.ª D. Maria da Assumpção da Matta de Souza Coutinho, feita condessa de Penafiel, *de juro e herdade*, em 7 de setembro de 1859 — e marqueza do mesmo titulo, tambem de

[1] O fundador deixou á Misericordia uma renda de 2:000 medidas de pão, annuaes, além de outros legados. (Vide adiante.)

juro e herdade, em 5 de fevereiro de 1869. Casou com o sr. Antonio José da Serra Gomes, natural do Brasil, naturalisado portuguez, e feito conde de Penafiel, em 14 de fevereiro de 1861, e depois, marquez do mesmo titulo, na mesma data em que sua mulher foi feita marqueza.

O seu palacio, em Lisboa, tinha a frente pará a rua das *Pedras-Negras*, e a rectaguarda para o largo onde existiu a egreja parochial de S. Mamede, que o terramoto de 1755 destruiu.

Em 1865, seus actuaes possuidores, lhe viraram a frente, do S. para o N., ficando a entrada principal para o antigo largo de S. Mamede, onde hoje se vê a meia laranja, denominada *largo do Correio-mór*.

Este palacio, está completamente desligado de outros predios, passando-lhe ao E. a *calçada do Correio-Velho;* ao O. a do *Conde de Penafiel;* ao N. a *rua nova de S. Mamede* (antiga rua dos *Entulhos de S. Mamede*), e ao S., a *rua das Pedras-Negras*.

No sitio occupado hoje por este palacio, existiram umas thermas romanas. (Vide *Pedras-Negras*, n'este volume.)

Foi o 1.º conde de Penafiel que construiu este vasto e magnifico palacio, que a actual marqueza tornou um dos mais sumptuosos de Lisboa, e riquissimamente mobilado; porém, como reside em Paris, foi toda a sua esplendida mobilia vendida em leilão, em dezembro de 1875.

Venderam tambem a um proprietario de Lousa, a magnifica quinta de Loures, por 27:600$000 réis.

—

Passando a ponte que está sobre o rio Souza, para a veiga da Avellêda, atraz d'uma capellinha, dedicada a S. Roque, está um tumulo, com a inscripção quasi apagada pelo tempo. O padre Jorge Cardozo, no seu *Agiologio Lusitano*, diz que é a sepultura de frei Manuel da Resurreição, conventual do mosteiro da Conceição, de Mattosinhos, ao qual a clausura não riscou da alma as virtudes sociaes, sendo ao mesmo tempo um religioso exemplarissimo. Era natural da Arrifana de Souza. Vendo seus patricios disimados pela peste, lhes veio acudir com soccorros para os corpos e para as almas. Morreu (quando a peste estava a terminar) em 25 de fevereiro de 1579.

Os moradores d'estes sitios lhe erigiram uma humilde sepultura, em signal de gratidão.

A inscripção, que hoje quasi se não póde lêr, dizia:

COBRE ESTA PEDRA OS OSSOS
DO VENERAVEL PADRE, FREI MANUEL
DA RESURREIÇÃO, PADRE DE S. FRANCISCO,
QUE MORREU COM REPUTAÇÃO DE SANTO,
CONFESSANDO DA PESTE, N'ESTE LOGAR,
NO ANNO DE 1579.

—

Em 6 de fevereiro de 1386, estando D. João I, no arraial ou acampamento de sobre Chaves, recompensou os bons serviços do seu vassallo, João Rodrigues Pereira, dando-lhe a honra de Baltar, e Paço; e logo a 8 do mesmo mez e anno, lhe deu o julgado de Penafiel, tudo de *juro e herdade*, com a jurisdição civel, crime e *mero e mixto imperio*, reservando só a correição e alçada. (Doc. da Camara do Porto.)

Pelo ramo dos Pereiras, passaram os Peixotos, da casa da Calçada (e que eram *adaís móres*) a ser senhores donatarios de Arrifana de Souza.

—

A capella de *Nossa Senhora da Piedade*, está fundada junto ás casas que foram aposentadoria dos corregedores do Porto, quando aqui vinham em correição. Consta que foi fundada por um individuo, por appellido Caminha, que enriqueceu no Brasil. Foi seu primeiro eremitão, Manuel da Piedade.

—

No dia 7 de janeiro de 1876, teve logar a inauguração da enfermaria dos entrevados, do hospital da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade, creada pela actual mesa da mesma Santa Casa, coadjuvada por um de seus venerandos irmãos, o sr. Antonio José Leal, que subscreveu para tão util instituição com 120$000 réis annuaes, duas decentissimas camas apparelhadas e um vestido completo a um pobre.

Como n'este dia foi o anniversario da morte de sua respeitavel mãe, a sr.ª D. Gertru-

des Alcina Leal, seu piedoso filho mandou celebrar uma missa rezada na egreja do hospital, á qual assistiram a mesa com muitos irmãos da Misericordia e um grande concurso de povo.

Finda a missa, os srs. Simão Rodrigues Ferreira e Bernardino José de Mello e Sousa, recitaram dois brilhantes discursos que commoveram o auditorio, que os escutou respeitoso.

Terminado este acto, foram conduzidos á enfermaria os dois primeiros entrevados, pelos braços do provedor da Santa Casa e do piedoso irmão bemfeitor.

Seguiu-se logo um solemne *Te-Deum Laudamus*, abrilhantado com uma modesta mas edificante oração, recitada pelo rev.^{mo} padre Magalhães, capellão da Santa Casa, e cantado pela capella de musica de Villa-Boa.

Subiram ao ar algumas girandolas de foguetes e houve repiques de sinos nas egrejas do hospital e da Misericordia.

Foram em seguida, a mesa e todos os irmãos que assistiram ao acto, bem como todas as pessoas presentes, assistir a distribuição do jantar aos entrevados e enfermos.

O hospital estava decentemente armado e ornado com flores, e no atrio tocava uma banda de musica.

A concorrencia era immensa a visitar o hospital, sahindo todos satisfeitos com o que viram e observaram, e alguns dos visitantes, tocados de tão edificante espectaculo, concorreram com seus donativos para o fundo da nova e piedosa instituição.

Deus os compensará, assim como a todos que teem contribuido e contribuirem para tão justo e caritativo fim.

E para que as alegrias humanas não sejam completas, foi no meio d'estes festejos ter ao hospital um infeliz trabalhador do caminho de ferro, com as pernas fracturadas por lhe ter passado por cima um dos carros de trabalho do lanço da estrada de Cahide. Foi logo sacramentado, por se julgar em perigo de vida.

—

Ao E. e a pouca distancia da cidade, em terreno montanhoso, existe um penedo com uns riscos que parecem caracteres desconhecidos. Chama-se-lhe o *Penedo das Merendas.* Parece ser a ara dos sacrificios de religião ignorada; pois que as *aras celticas* teem outra configuração. Vide *Dolmen.*

Tambem perto de Penafiel, onde principiavam os marcos do seu foral, mas já em territorio da freguezia de Oldrões, existiu um monumento druidico no sitio ainda hoje chamado, *Carvalho das Sete Pedras.* Era um dolmen celtico. O nome actual indica que a *mêsa* assentava sobre seis pedras perpendiculares. Ha seculos que d'este dolmen não resta mais do que a memoria e o nome.

Estes monumentos, dos tempos prehistoricos, e o nome de *Avellêda*, dado a um logar proximo a Penafiel, provam exhuberantemente que estes sitios foram habitados, desde tempos remotissimos, por povos a que hoje, na falta de outro, se dá o nome de *preceltas.*

—

Occupados estes sitios pelos arabes, no principio do seculo VIII, elles lhe deram o nome de *Arrahâna* (horta) que nós corrompemos em *Arrifana.*

Consta que os logares de *Avellêda*, Casal-Garcia, e Chêllo, foi onde os arabes se estabeleceram primeiramente, e onde teve principio a povoação da Arrifana do Souza.

Notemos porém, que os orientaes se exprimiam quasi sempre por termos figurados; pelo que—*harrahâna*, não significa litteralmente a *horta* actual, produzindo apenas hortaliça e legumes; porém, e mais propriamente, uma *granja*, ou qualquer tracto de terra bem cultivada, com arvores fructiferas, diversas plantações, flôres, aguas de rega, etc.

—

Diz-se que os romanos mudaram o nome de Arrifana em *Avellêda*, o que, na minha opinião, não passa de conto de velha; porque se funda em uma etymologia *forçada* e *torcida*. Pretende-se que *Avellêda* é a união das tres palavras latinas *Ave-oh-leda!*—isto é—*Salvè, oh linda!*—Intergeição proferida pelos romanos (dizem os taes) sempre que viam uma terra formosa e bem cultivada.

Nos escriptores antigos, encontram-se muitas d'estas disparatadas etymologias, inven-

tadas por quem não queria queimar as pestanas, lendo e estudando; o que tenho demonstrado em varias partes d'esta obra.

Já vimos na col. 2.ª de pag. 277 do 1.º volume, que *Avellêda*, não é outra cousa senão *vellêda*, palavra germanica, que significa, sacerdotiza (da religião druidica).

Se viesse do latim *Ave-oh-leda!* — como querem os sonhadores—com muito mais razão teriam os romanos dado este nome ás margens do Lima, do Minho, do Mondego, da Ria d'Aveiro, e outros muitos e muitos sitios da Lusitania, muito mais formosos e aprazíveis do que os que teem o nome de Avellêda.

Assentemos pois que os celtas chamaram ao logar onde residiu alguma d'aquellas sacerdotizas—*casa* ou *povoação da Veltêda;* e d'aqui seguiu-se ficar o artigo *a* afixo ao nome proprio (como o *al* arabe) e dizermos *Avellêda.*

—

No mesmo caso estamos com a erronea etymologia que os mesmos sonhadores dão á palavra *Arrifana*, segundo os quaes, vem de *auriflamá*, a famosa bandeira côr de fogo que Deus deu a Meroveu, rei dos francos, ou *franks.*

Notemos porém, que é muito duvidosa a existencia dos primeiros cinco reis de França—quando muito, estes individuos, concedendo que existissem, não foram mais do que chefes militares. São elles — *Pharamundo*, que se diz reinar desde 420 até 428 de Jesus-Christo—*Clodion* (*o Cabelludo*) de 428 a 448—*Méroveu*, de 448 a 458—*Childerico I*, de 458 a 481 — e *Clovis I* (*Chlodowig*) de 481 a 511.

Meroveu, que se suppõe filho ou parente de Clodion (que era filho de Pharamundo) alliou-se aos romanos, contra Attila, rei dos *hunos* (que tinha invadido as Gallias em 451) e o derrotou em Chalons. Foi n'esta batalha que recebeu milagrosamente a *auriflama.*

Foi Meroveu o fundador da dynastia *merovingianu*, e fallecendo em 458, deixou por successor, seu filho, Childerico I.

Os francezes estão no costume de contar na serie de seus reis, os cinco individuos mencionados, posto os tenham por fabulosos. Já se vê que fabulosa é tambem a victoria de Chalons, e por consequencia a divisa da tal auriflama.

Mas, suppondo que tudo seja verdadeiro, nada absolutamente tem auriflama com Arrifana.

—

Diz-se que houve aqui um castello fundado, segundo uns, pelos romanos, e, segundo outros, por D. Fayão Soares, tronco da familia dos Souzas, e fundador da povoação; pelo que se denominava, *castello do Souza.*

Consta que esta fortaleza foi destruida por Al Mansor, *rei* de Córdova, em 985. Pretende-se que a torre dos sinos da egreja de S. Martinho, são restos do castello, e que a mesma egreja foi construida com os materiaes d'elle.

—

Ha n'este concelho a casa de Barbosa, que é solar dos Malafaias, e hoje propriedade do sr. D. Francisco Vaz Guedes de Athaide Malafaia. Era donatario da honra de Barbosa, que tinha um juiz, nomeado pelo donatario. Fica a 2 kilometros da estrada para Entre-os-Rios.

Ha a casa de Balsemão, que fica a 2 kilometros, na estrada para Paço de Souza.

Ha a casa das Lages, que hoje pertence ao sr. Zeferino Cabral de Mesquita, feito barão das Lages, a 10 de julho de 1850, e fica perto da cidade.

Ha, junto ao convento de Paço de Souza, a casa do sr. Diogo Leite Pereira de Mello, que descende, por parte de sua mãe, a sr.ª D. Emilia de Souza Teixeira Alcoforado, de Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, hoje repre-

sentado por seu filho, o sr. conde de Villa Pouca, em Guimarães—e por seu pae, José Augusto Leite Pereira de Mello—dos Leites Pereiras de Mello.

Ha a casa do Barreiro, hoje representada pelo visconde do mesmo titulo, o sr. Francisco da Silva Mello Soares de Freitas, feito (visconde) a 30 de junho de 1870, e sita na freguezia de Abragão, que dista d'esta cidade 6 kilometros.

Ha a casa d'Avelléda, representada pelo sr. Manuel Pedro Guedes da Silva, da cidade do Porto, filho da sr.ª condessa de Pangim (India) e do sr. Manuel Guedes, da casa da *Batalha*, na mesma cidade.

—

A cidade tem as seguintes egrejas ou capellas—a matriz de S. Martinho—a da Misericordia — a da Senhora d'Ajuda — a dos Terceiroz, franciscanos, que é um bom templo, d'uma só nave, mas muito bello e bem ornado—a da Piedade—a da archi-confraria do Coração de Maria, que antigamente era a egreja das recolhidas—a do hospital, que é no extincto convento dos capuchos—a do Carmo, dos Terceiros do Carmo, que é uma boa egreja, estucada—e a capella de S. Roque.

—

Adiante dou mais amplas informações com respeito a estes templos.

—

No dia 12 de julho, de 1730, falleceu no recolhimento de Nossa Senhora da Conceição, d'esta cidade (ainda então villa de Arrifana do Souza) com fama de santa, Catharina do Espirito Santo, natural d'esta freguezia, e a primeira regente do recolhimento.

Tinha nascido em 1642.

—

Aqui nasceu, a 22 de maio de 1836, o dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles.

Era lente de medicina, na universidade de Coimbra, e auctor do applaudido livro—Epidemologia Portugueza, excellente trabalho historico-critico, que lhe deu grande e merecida fama, entre os homens da sciencia.

Era mancebo de vasta intelligencia, e trabalhador infatigavel.

Morreu na flor da edade, em Coimbra, a 15 de janeiro de 1873.

Seu pae, é um distincto cirurgião, d'esta cidade de Penafiel.

—

A nobilissima familia dos Souzas, originaria de Penafiel, dividiu-se em dois ramos, no seculo XIV.

O primogenito, está hoje representado pelos srs. duques de Lafões (4.º vol., pag. 12, col. 2.ª)—e o segundo, pelos srs. duques de Palmella. Vide esta palavra.

Estes dois, são os ramos principaes e genuinos dos Souzas: ha porém muitos ramos d'esta familia; taes são os dos condes do Redondo—antigos marquezes de Minas—antigos condes de Bórba—condes de S. Thiago (de Beduido)—antigos condes de Miranda—e outros muitos titulares e fidalgos nobilissimos.

Para a nobre e antiga familia e armas dos *Lagos*, d'esta cidade, vide 4.º vol., pag. 17, col. 2.ª

Ha em Penafiel o morgado denominado da *Fôlha*, solar de uma das mais nobres familias d'esta cidade, de appellido Vaz Pinto da Veiga.

E' seu actual administrador, o sr. João Bernardo Vaz Pinto Barbosa da Veiga.

Para a genealogia e armas dos Pintos, vide Feira.

Vaz é um appellido nobre em Portugal, onde ha muitas familias com elle, sem parentesco entre si, proximo ou remoto.

E' patronimico do nome proprio *Vasco.* [1]

Na villa da Certan (Alemtejo) é o solar de uma familia d'este appellido, que, em 1548, possuia uma capella na mesma villa, da qual era então administrador, Jorge Vaz, filho de João Vaz.

As armas d'este appellido, são:

Em campo de purpura, um castello de prata, sobre uma faxa de ondas d'azul e prata.

Assim se acham escriptas, no registro do brazão d'armas que D. João IV deu a Pe-

[1] Vaz e Vasques, são patronimicos de Vasco.

dro Vaz Rebello, em 26 de fevereiro de 1645.

D'este appellido foi Martim Vaz, arauto do rei D. Manuel.

Foi mandado por este soberano (na companhia do rei d'armas *Portugal*—o bacharel Antonio Rodrigues) ás côrtes da Europa, para se instruirem nas obrigações de seus officios; e para que os brazões d'este reino se aperfeiçoessem.

Chegando á corte do imperador d'Austria, Maximiliano I, deu este, em Vienna, a Martim Vaz, por armas—escudo dividido em palla—na 1.ª, de ouro, meia aguia de púrpura—na 2.ª, d'azul, tres pombas, de prata, em palla, armadas, membradas e bicadas de púrpura — timbre, uma cabeça de leão de púrpura, sobre duas penas de pavão de ouro.

Ha outra familia d'este appellido, que procede de Ruy Vaz, ao qual D. Affonso V deu por armas, em 21 de maio de 1477 — em campo de ouro, um tronco de arvore com esgalhos, da sua côr, sahindo de um leão azul, armado de púrpura: e por timbre o mesmo leão das armas.

Outros d'este appellido, trazem pôr armas — escudo com as Quinas reaes d'este reino, com dez besantes em cada escudinho, e, na orla, um cordão pardo, com os nós, como os dos frades franciscanos.

Ha ainda os *Vaz Velhos*, cujo solar é na freguezia da Conceição, no Algarve. Vide Tavira.

Para o appellido e armas dos *Veigas* vide *Veiga de Santa Maria*.

—

E' filho 2.º, d'esta familia (dos morgados da Fôlha) o sr. doutor, José Feliciano Vaz Pinto da Veiga, que era auditor na Ilha Terceira, e foi, em abril de 1876, despachado juiz de direito da comarca do Sabugal.

Os morgados da Fôlha, tinham um vinculo em Lisboa, instituido em bens situados ás *Portas da Cruz*, em Chellas, e em Via-Longa.

Foi instituido por um de seus antepassados, no fim do seculo XVI, o qual, podendo escapar com vida e liberdade, da desgraçada batalha de Alcacerkibir, onde combatêra ao lado de D. Sebastião, veiu residir para Lisboa, vinculando os bens que aqui possuia.

—

Segundo alguns antiquarios, a origem mais provavel do nome de Penafiel, é a seguinte:

Houve aqui dois castellos, um ao N., outro ao S. do rio Souza.

O do N., por ficar mais perto do rio, se denominava, *castello d'Aguiar do Souza*, e deu o nome a todo o concelho.

O do S., que ficava mais distante do rio, e estava edificado sobre um alto monte, formado de penhascos, se chamava, *castello da Peña;* e, como nunca se rendeu aos mouros, apezar de furiosos e repetidos ataques, lhe deram depois o nome de *castello de Peña-Fiel*, e deu o seu nome a todo o territorio do S. do rio (Souza) e que veiu a ser dividido em duas ouvidorias—uma, no logar do *Carvalho das Sete Pedras*, e outra no de *Arrifana* — ambas sujeitas ás justiças do Porto; assim como o era a de Aguiar.

Consta que já no tempo dos godos havia n'este territorio tres egrejas, que, mediante certo tributo, foram conservadas durante o dominio árabe.

Uma era em *Lourêdo*, dedicada a S. Bartholomeu—outra na *Arrifana*, da invocação do Espirito Santo—é outra em *Moascres*, da qual era orago, S. Martinho, bispo.

A de Lourêdo, é ainda a actual, e está construida com tal solidez, que promette durar muitos seculos.

Da egreja da Arrifana, ainda existe a capella-mór, que é um monumento venerando da antiguidade.

E' de architectura gothica, abobadada, com relevos e frisos doirados, guarnecida de ameias, e em fórma de castello, como a Sé velha, de Coimbra, tendo mais a fórma de uma fortaleza, do que a de um templo.

Da de Moascres, só existe a capella-mór.

Onde era o corpo da egreja, está hoje uma galilé, ou alpendre, firmado sobre columnas, e um pulpito de cantaria.

E' agora da invocação de Santa Luzia.

Todas estas tres egrejas eram curadas por

um só parocho (abbade), que residia em Moascres, e tinha grandes propriedades e rendas; porém, quando no fim do seculo XV, e por todo o XVI, veiu a praga dos commendatarios, fizeram d'esta immensa parochia uma commenda, e deram ao parocho o titulo de reitor.

O 1.º commendatario, aforou os passaes, recebia os dizimos e fóros, e dava ao parocho uma ténue pensão.

—

Resgatadas estas terras do poder dos mouros, por D. Fayão Soares, ficou este, governador dos dois castellos, e de todo o territorio comprehendido nas tres referidas parochias, e fez o seu solar na Arrifana.

Licenceou a maior parte dos seus soldados, que se foram estabelecer nas duas margens da estrada do Porto para Traz-os-Montes, formando uma especie de rua, a que deram o nome de *Lagêdo*—e d'ahi para cima, até junto da egreja do Espirito Santo, *Cimo de Villa.*

Tambem nas duas margens da estrada que d'aqui vae para Entre-os-Rios, se foram construindo casas, e formando os logares de *Valle do Tojeiro, Pussos,* e *Vinha do Monte.*

Esta estrada, entroncava na que vinha do Porto, no *Monte do Povo.*

—

Quando, em 1260, D. Affonso III mandou estabelecer feiras e mercados, onde mais conviesse, os moradores da Arrifana instituiram logo uma feira de tres dias, junto á egreja do Espirito Santo, no proprio dia de Pentecostes, d'esse anno, e nos dois dias seguintes.

Passados poucos annos, se creou outra feira, junto á egreja de S. Bartholomeu, de Lourêdo, no dia d'este santo (24 de agosto.)

Depois, um mercado em todos os dias 10 de cada mez; e mais tarde, outro a 24.

O estabelecimento d'estas feiras e mercados, fez desenvolver e prosperar muito a industria, commercio, agricultura e população d'Arrifana.

—

Estabelecida em Roma, pelo papa Paulo III, a confraria do Santissimo Sacramento, no 6.º anno do seu pontificado (1539) foi a Arrifana a 1.ª que fundou—depois da de Roma—em todo o orbe catholico, uma confraria d'aquella invocação, cujos estatutos foram confirmados por breve apostolico do mesmo papa, a 13 de julho de 1540, só oito mezes depois de approvados os de Roma, que foi a 30 de novembro de 1539.

(Paulo III, governou a Egreja de Deus, desde 1534 até 1550.)

Esta confraria foi estabelecida na egreja do Espirito Santo, então a maior e melhor da terra. Era de tres naves, sendo os arcos que as dividiam, sustentados por fortes columnas de granito, que ainda existem na actual egreja, mas accrescentadas com outra tanta altura do que tinham as primitivas.

—

Quando na Inglaterra principiou o scisma, proclamado por Henrique VIII, estava n'aquelle reino, estabelecido, João Correia, natural da Arrifana, que fugiu para a sua patria, trazendo de lá uma imagem de Jesus-Christo crucificado, que hoje está na egreja da Misericordia; e outra de Nossa Senhora da Piedade, que collocou em uma capella de S. Sebastião, que então havia, fóra do logar; mudando-se por isso a invocação da ermida de S. Sebastião, para a de Senhora da Piedade; e, quando se fundou outra capella d'esta mesma invocação, se denominou, de *Nossa Senhora da Piedade, de baixo,* e á outra, *Nossa Senhora da Piedade, de cima.*

O mesmo João Correia, mandou á sua custa reparar e adornar a egreja do Espirito Santo, dando-lhe ricos paramentos, e dotando-a de boas rendas, para a sua fabrica. Mandou vir de Flandres uma bella imagem de Nossa Senhora do Rosario, que já em 1537 estava no seu novo altar. Esta imagem, que é de róca, tem 1^{m},10 de alto.

Tudo isto consta de um attestado, do reitor Manuel Rangel d'Araujo, então parocho da freguezia.

—

Tendo-se desenvolvido muito a população da parochia, e sendo pequena a egreja de Moascres, e estando na extremidade da freguezia, em sitio quasi deserto, decidiu o povo mudar a residencia do parocho para o

logar da Arrifana, e construir aqui uma nova matriz, com os materiaes da antiga egreja do Espirito Santo, aproveitando para os sinos, uma antiga torre que alli havia e tinha pertencido á casa dos Souzas, e estava então abandonada.

Oppoz-se a isto Gonçalo Correia, filho do bemfeitor João Correia, com o fundamento de que—seu pae reedificára aquella egreja, e que alli tinha a sua sepultura.

Terminou a contenda por um accordo entre as partes, legalisado por escriptura publica, feita nas notas do tabellião Ruy de Couros, da cidade do Porto,[1] em 7 de junho de 1559.

Por esta escriptura se obrigaram a deixar a capella-mór da egreja do Espirito Santo, com o arco cruzeiro aberto para a egreja nova; e assim se fez.

Tambem se oppozeram a esta mudança, os povos de Moascres, Aperrella e Avellêda; mas, por fim, convieram, e fez-se a nova e magnifica egreja matriz.

Em 1569, estando a nova egreja em estado de se celebrarem n'ella os officios divinos, e administrarem os sacramentos, veio para aqui, em solemne procissão, a 6 de novembro, a imagem de S. Martinho, da antiga egreja, e é a que ainda hoje está no altar-mór.

O commendador, comprou a D. Manuel de Noronha uma morada de casas que tinha perto da egreja nova, para residencia do reitor, e o tem sido até hoje.

Em 1570 se concluiu o frontispicio da egreja, e se fizeram as capellas do Santissimo e da Senhora do Rosario; mas, nem estas, nem a capella-mór, ficaram como agora são. Só em 1691 é que se compraram umas casas que ficavam encostadas á egreja, para se demolirem, e em seu logar se accrescentarem as obras.

A obra da capella-mór, foi feita em 1694, e a do Santissimo, em 1769.

A ordem 3.ª de S. Francisco, foi instituida n'esta egreja (no altar que é hoje de S. João) pouco depois de terminarem as obras; mas, em 1682, se mudou para a egreja dos frades capuchos. Tendo até então, a sua secretaria e fabrica, em umas casas que havia comprado a Anna Rodrigues, viuva de Nicolau de Souza, em 1677; depois da mudança, vendeu esta casa (em 1685).

A confraria do Senhor dos Passos, que há n'esta egreja, comprou em 1856 umas casas, que ficavam contiguas ás da fabrica do Santissimo, e ambas as confrarias fizeram um bello edificio, que se concluiu em 1863, importando em mais de dois contos de réis.

Em 1554 se instituiu uma confraria ecclesiastica, na antiga egreja do Espirito Santo, que foi tomado por padroeiro d'ella. Com a mudança da velha para a nova egreja, se mudou para esta a tal confraria; mas, em 1851, se mudou para o recolhimento de Nossa Senhora da Conceição; tornando a mudar-se para a matriz, em 1865.

Ha n'esta egreja a irmandade das almas, da qual é padroeiro S. Nicolau Tolentino.

—

No dia de Corpus-Christi, vem a esta egreja, um *clamôr*, da freguezia de S. Pedro Fins do Torno, do concelho de Lousada, no arcebispado de Braga.

O altar de S. João Baptista, foi mandado fazer de novo, pelo reitor, José Mendes, pelos annos de 1806; e o reitor, Antonio Mendes, o mandou dourar, pelos annos de 1817.

As imagens de Jesus-Maria-José, S. Joaquim, S. Martinho e Santa Anna, foram encarnadas de novo, por ordem do reitor actual —o sr. Antonio José Barbosa. O altar das almas foi dourado, e as imagens pintadas, de 1850 a 1854. A egreja foi envidraçada, forrada e pintada, em 1851, e *campeada*, de 1852 a 1854. N'este ultimo anno, se fez o guarda-vento.—A sachristia do Santissimo, foi restaurada em 1865. — A capella da Senhora do Rosario, foi reformada, em 1867. —O novo orgam, tocou a primeira vez, a 29 de setembro de 1867. (Custou 1:300$000 rs., e é da confraria do Santissimo, assim como a propria capella e a da Senhora do Rosario.)

—

O primeiro assento da Misericordia, foi em frente da egreja matriz: já estava insti-

[1] Este Ruy de Couros, era da familia de *Gaspar de Couros*, o que, em 1536, mandou fazer a primeira casa, na que depois foi *Rua das Flores*, da cidade do Porto.

tuida em 1509. Em 1621, tendo o licenceado, Amaro Moreira de Meirelles, abbade de Ermêllo, mandado construir, á sua custa, a nova egreja, com casas para secretaria, botica, e mais officinas, no rocio das *Chans*, mudou-se para aqui a Misericordia; ficando todavia a existir a antiga egreja, uma enfermaria, e a casa para os serventes: venerando-se na egreja, a imagem de Jesus Christo crucificado, que João Correia trouxe da Gran-Bretanha, e a de Nossa Senhora das Dôres, que fôra da antiga matriz.

O abbade, Amaro Moreira, além do magnifico edificio, e da dotação das 2:000 medidas annuaes, adornou a egreja de riquissimos paramentos e alfaias, e lhe deixou ainda varios legados.

Impôz á Misericordia a obrigação de ter sempre na capella-mór, do lado do Evangelho, uma cadeira, para n'ella se sentar o que fosse senhor da quinta do Marnel, na freguezia de Bitarães, todas as vezes que quizesse vir assistir ás solemnidades que se fizessem n'este templo.

O actual senhor da quinta do Marnel, é o sr. Ignacio Correia Leite d'Almada, feito conde da Azenha, em 12 de junho de 1855. Vindo aqui este cavalheiro, em 1863 (ou 1864) e estando a cadeira velha, mandou fazer uma nova, que é a actual.

—

O mosteiro de religiosos capuchos, de Santo Antonio, da provincia da Soledade, era um bom edificio. Os liberaes lhe quebraram os sinos, a martello, em janeiro de 1828; mas os frades os mandaram refundir, logo que chegou o sr. D. Miguel a este reino.

Em 18 de julho de 1832, uma força liberal, que tinha sahido do Porto (antes do cêrco) lançou o fogo ao mosteiro, reduzindo tudo a cinzas, menos a egreja (edificada em 1666), que escapou, por estar separada do resto do edificio, e ter as paredes mais altas.

Os religiosos, não desampararam estas ruinas, e se abrigaram em uma casa da cêrca, que até então lhes servia de gallinheiro, e trataram da reedificação do mosteiro.

Quando, em 1834, foram expulsos, já tinham feito quatro cellas e algumas officinas. Adiante trato minuciosamente d'este mosteiro.

A irmandade da Misericordia tomou conta d'estes pardieiros, e, depois de gastarem bastantes contos de réis para o adaptarem a hospital da Santa Casa, mudaram este para lá, em 1836, e é o que existe.

A uma parte do edificio, está tambem o hospital militar, pertencente ao regimento de infanteria n.º 6, mediante uma pensão, que paga á Misericordia.

O antigo hospital da Misericordia, foi aforado a uma sociedade, que alli edificou um theatro.

—

Mais egrejas ou capellas, dentro da cidade

Egreja da ordem terceira do Carmo, foi fundada no principio do seculo XIX, sobre as ruinas de uma antiga capella, de Santo Antonio, e por isso se chama ao sitio—*Santo Antonio Velho*.

Depois que os frades edificaram a sua egreja, se denominou esta — *Santo Antonio Novo*.

—

Capella de *Nossa Senhora da Piedade*—que foi a antiga capella de S. Sebastião, de que já fallei.

Nos degraus do altar-mór, do lado da Epistola, está gravada uma data, que é — ou 1300, ou 1500 (a 2.ª letra está ilegivel.)

E' provavel que seja a primeira data; porque, quando, em 1509, João Correia aqui collocou a imagem da Senhora, que havia trazido da Inglaterra, já a capella de S. Sebastião era antiga.

Foi reedificada e ampliada, em 1659; instituindo-se então uma irmandade, denominada—*escravos da cadeia de Nossa Senhora da Piedade*, cuja instituição foi confirmada, por bulla do papa Alexandre VII, em 1660.

Em volta da capella, havia um olival. propriedade da Senhora.

A camara o tomou de aforamento, em

1790, pelo fôro de 4$000 réis annuaes, e n'elle fez a actual *Praça da Alegria*.

Consta isto da inscripção que foi gravada em uma columna, collocada no cunhal do N. —que diz:

PRAÇA DA ALEGRIA
1790

Por descuido dos administradores da irmandade, passaram muitos annos sem que se pedisse o fôro, e quando se lembraram de o pedir, já estava *prescripto*, e se perdeu.

O mesmo aconteceu a outras rendas que a irmandade tinha adquirido; de modo que, hoje, os seus rendimentos, mal chegam para cumprir os legados impostos pelos doadores.

—

Egreja de Nossa Senhora da Conceição—foi um recolhimento d'esse titulo.

Cinco *beatas*, compraram em praça publica, um chão, que fôra de Gonçalo Ferreira da Costa, onde já havia principio de edificação de um mosteiro para freiras.

Mandaram construir o edificio, e n'elle se recolheram.

D. Thomaz d'Almeida, bispo do Porto, lhes approvou o instituto, impondo-lhes o habito de Nossa Senhora da Conceição (que é — tunica branca, com escapulario asul-claro.)

Mandou-lhes o mesmo prelado, do *recolhimento da rainha Santa Isabel* (vulgo, *recolhimento do Anjo da Guarda*—e hoje, *praça do Anjo*, junto á *torre dos clerigos*) quatro recolhidas, para as regerem e instruirem na regra da ordem.

Entraram estas quatro religiosas no recolhimento de Penafiel, a 18 de novembro de 1716; vindo acompanhadas pelo padre Antonio dos Reis de Oliveira, então promotor do bispado do Porto.

Chegou a ter 35 recolhidas.

Aqui se educaram senhoras das familias mais distinctas da cidade e arredores.

Desde a invasão franceza, foi este recolhimento em progressiva decadencia.

O padre Antonio do S. V. e Castro, protector do recolhimento, mandou fazer um novo claustro, para as educandas pobres.

Já tinha a obra principiada, e a egreja concluida de obra de pedreiro, quando Junot invadiu Portugal, á falsa fé, em 1807.

Mandou-a cobrir de telha, para poder servir interinamente, mas, fugindo para Lisboa, em 1809, nunca mais voltou; porém continuou a mandar uma prestação mensal, para as recolhidas pobres; mas nunca mais cuidou das obras.

Foram-se desencaminhando as alfaias, e os fundos perderam muito com o *rebate* do papel-moeda; de modo que as recolhidas passavam privações e a egreja estava indecentissima.

Uns devotos, tinham estabelecido na egreja do Calvario, a archi-confraria do *Coração de Maria*, em 1852; mas, desavindo-se com os terceiros, passaram furtivamente, uma noite, as imagens da Senhora e de Santo Affonso de Ligorio, que lá tinham, para a egreja do recolhimento, e estão actualmente de posse d'ella.

Fizeram uma linda casa para a fabrica, sachristia, e residencia para o seu capellão e sachristão.

Construiram uma bonita capella-mór, com bella tribuna; o frontispicio da egreja, côro, torre dos sinos, e anda-se concluindo o corpo da egreja.

O governo, por morte da ultima religiosa, deu á camara o edificio do recolhimento e a respectiva cêrca, para alli se construir um quartel militar; e n'esta obra se anda trabalhando com grande afan, desde o dia 8 de abril de 1872, e já está muito adiantada, graças ao zelo do sr. presidente da camara actual, que é mais sollicito em promover os melhoramentos do municipio, do que muitos os seus proprios.

Tem chegado a trazer mais de 50 pedreiros, e a obra vae magnifica, porque o mestre alem de trabalhador infatigavel, é um optimo artista.

E' bella a cantaria empregada na construcção, aqui mesmo arrancada, pelo que, além da economia em carrêtos, há a vantagem de se poderem empregar na obra, pedras de grande volume (que seriam de dif-

ficilima condução, se viessem de outra parte) que tornam a obra solidissima.

D'este edificio se gosa um formoso panorama.

—

Egreja do Calvario—e casas da fabrica, da ordem terceira, de S. Francisco, está no monte chamado *do Facho*.

Havia aqui uma capella antiquissima, de Jesus Christo Crucificado.

A ordem terceira de S. Francisco, que, em 1682 se tinha mudado para a egreja dos frades capuchos, passado mais de um seculo, quiz fazer uma egreja propria.

Principiou a obra em 1804, e, em 1810, se disse alli a 1.ª missa; mas só a capella-mór estava ainda forrada, e o corpo da egreja apenas coberto de telhado.

De 1834 para 1835, se fez a torre dos sinos, e construiram uma bella casa da fabrica, secretaria, e residencias do capellão e sachristão.

Houve em tempos antigos, uma capella do *Salvador*, edificada junto do rio Cavallum.

Foi d'aqui mudada, com a mesma invocação, para o logar de Quericas; e ultimamente com a invocação de S. Mamede, para o largo das *Chans*, hoje denominado—*Praça Municipal*.

Foi reformada pelos estudantes, como se lia em uma inscripção, em lettras douradas, sobre a porta principal, que dizia:

OPUS EXPENSIS SCOLASTICORUM
EXTRUCTUM. ANNO MCCLXVII. [1]

Foi demolida em 1835, e com os seus materiaes fez a ordem terceira a sua sachristia, obrigando-se aos legados da capella.

Continuaram as obras, com o auxilio dos devotos, excedendo a todos, o sr. Manuel Pereira da Silva (feito barão do Calvario, em 22 de agosto de 1872), o qual, além de outros muitos donativos valiosos, por si e seus amigos, conseguiu estabelecer um fundo, cujo rendimento tem sido sufficiente para custear as despezas de um lausperenne, em todos os domingos do anno, e em quinta feira santa.

Hoje, está concluida uma bellissima egreja, forrada de primorosos estuques.

Tem altar-mór, já doirado, e quatro collateraes, um d'elles tambem já doirado.

Tem ricos paramentos, brilhantes lustres, e optimas alfaias; pelo que, as funcções religiosas d'esta egreja, são feitas com grande esplendor e magnificencia.

—

Capella do Senhor dos Passos.—A confraria do Senhor dos Passos, costuma fazer a sua procissão, no 3.º domingo da quaresma. As imagens d'esta capella são de uma esculptura primorosissima, e quasi todas feitas por artistas de Penafiel. Algumas são obra do insigne esculptor e pintor penafielense, Antonio Teixeira (vulgo, *Antonio do Penêdo*).

Esta confraria, tem na rua, hoje chamada do Sacramento, uma bella casa da fabrica, secretaria e arrecadação, onde se guardam os riquissimos ornamentos que lhe pertencem.

São propriedade sua, as capellinhas (*Passos*) que se acham no giro que faz a procissão dos Passos; e, na rua Formosa, a *capella do Encontro*, que é de abobada, e de cantaria, lavrada primorosamente. Está encostada á casa, que foi antigamente residencia dos corregedores, com a qual communicava por um corêto, d'onde elles ouviam missa. Este corêto está hoje tapado, e a casa é quartel militar provisorio.

Á actual Rua Formosa, se dava antigamente o nome de *Rua da Cruz*, por aqui estar um cruzeiro denominado *Cruz da Pena*. Deu-se-lhe este nome, porque, pelos annos de

[1] Nos *infelizes* tempos do *obscurantismo*, tinha Penafiel, aulas publicas de primeiras lettras, latim e latinidade, rhethorica, theologia, philosophia e grego. Além das de primeiras lettras, as secundarias eram frequentadas por mais de 200 estudantes, com utilidade da sociedade em geral, e da cidade, em particular.

Aqui se preparavam para a universidade, para clerigos, seculares ou regulares, ou para empregos publicos.

Então, entretinham-se os estudantes em reedificar capellas, e fazerem funcções religiosas: hoje divertem se em fazer arruaças e desordens, e a terem orgulho de serem descrentes.— Chama-se a isto —*progresso*!

1600 e tantos, um sujeito de Cimo da Villa, tentou uma acção de injuria, contra um visinho, que foi condemnado em uma *pena* pecuniaria, a qual o queixoso applicou para a construcção d'este cruzeiro, que collocou junto da estrada que passava n'este sitio, então chamado *Valle de Tojeiro.*

Na manhan do dia 11 de novembro de 1857, os mesarios da confraria do Senhor dos Passos, apearam esta cruz, *por estar muito chegada á sua capella.* Foi um pretexto frivolo, porque, depois d'isto, foram demolidas todas as cruzes que havia pela cidade..... só porque eram cruzes.

—

Capella de Nossa Senhora da Lapa.—No principio do seculo XVIII, appareceu no cunhal exterior da capella-mór da egreja da Misericordia, pintada, uma imagem de Nossa Senhora da Lapa. Não se sabe por que razão a não queriam alli; pelo que a mandaram lavar, mas como não sahisse a pintura, a mandaram raspar. Foi o mesmo que nada: a pintura, cada vez apparecia mais viva, e ainda hoje assim se conserva, como se fosse acabada de pintar!

O povo, principiou a ter esta Senhora em grande devoção, e resolveu fazer-lhe uma capella, no logar da pintura, e que ainda hoje existe. Com as offertas dos devotos, fizeram uma grande obra, e uma boa torre, a par da fachada da egreja da Misericordia, collocando n'ella 12 bons sinos, as sinetas da Misericordia, e um optimo relogio.

Com o tempo foi afroixando a devoção dos fieis, e, por consequencia, rareando as esmolas para continuar as obras; ficando apenas o rendimento indispensavel para o culto divino.

A egreja da Misericordia — que, como já disse em Paredes e n'este artigo, foi feita por devoção e á custa do licenceado Amaro Moreira de Meirelles, abbade de Ermêllo, e irmão do 3.º avô do nosso esclarecido academico, o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos — é um templo verdadeiramente magestoso. A capella-mór é de abobada de pedra, lavrada com o maior primor. O altar-mór, que era todo de talha dourada, no gosto laborioso d'aquelles tempos, foi, entre 1822 a 1825, substituido por outro, de architectura e esculptura moderna, de muita perfeição. O actual orgam d'esta egreja, foi da do mosteiro dos religiosos do Bustêllo, e é bom.

Poucas egrejas d'este reino, a não ser alguma cathedral, teem tantos e tão ricos paramentos como esta; porque, além dos muitos que já tinha, possue todos os que eram do mosteiro de Paço de Souza, entre estes, um completo e riquissimo pontifical.

As obras feitas n'este templo e suas dependencias, desde 1874 até hoje, são importantissimas, e n'ellas se teem gastado muitos contos de réis. A egreja está completamente restaurada, as cantarias limpas, o tecto primorosamente estucado, e tem sido dourado tudo quanto o póde e deve ser.

O benemerito fundador da Misericordia (o abbade de Ermêllo) era natural do logar da Lousa, na freguezia de S. Miguel da Gandra; e ainda existe a casa onde nasceu: fica ao fim da serra de Baltar, hindo de Penafiel para o Porto, á esquerda da estrada. É edificio antigo, e está dentro de um campo, e tem ao pé um grande cypreste.

—

Capella da Senhora da Ajuda — era uma ermidinha muito antiga, com alguns rendimentos, em fóros e dinheiro mutuado, com o que, e com esmolas, foi restaurada, e é hoje um bellissimo templo, todo de abobada, com altar mór e dois lateraes. Os mordomos, achando acanhada a capella-mór, compraram, em 1875, um terreno contiguo, para a ampliarem. Tem uma optima sachristia e boa casa da fabrica, e torre com muito bons sinos. Possue muitos e bons paramentos, antigos e modernos, e as imagens que adornam os seus altares, são bellissimas.

—

Capella de S. Bartholomeu.—Estabelecida a parochia, no logar da Arrifana de Souza,

como já disse, as antigas egrejas matrizes ficaram quasi esquecidas.

Em Lourédo, foi-se desenvolvendo a população com tanta rapidez, que os terrenos foram quasi todos arroteados, por serem muito bons e ferteis. A cultura, foi invadindo o terreno da feira, de módo que foi preciso mudal-a para o *Monte do Povo* e *Vinha do Monte*, e ahi construiram uma capella, que tambem dedicaram a S. Bartholomeu, collocando n'ella uma nova imagem do santo, deixando a velha na antiga egreja.

Esta capella estava edificada sobre o aqueducto subterraneo (mina) por onde passavam as aguas publicas; e, aluindo-se este no principio do seculo XIX, ficou a capella destruida; porém, um visinho a reconstruiu. É n'ella que actualmente se baptisam os expostos, por ficar proxima a casa do seu hospicio.

A feira de S. Bartholomeu, era de gado, e de muita qualidade de mercadorias; mas, especialmente de cebôlas, que aqui affluiam em grande cópia, sendo a maior quantidade creada em Canavezes.

Os frades capuchos, edificando aqui o seu mosteiro, principiaram a cultivar, na cêrca, cebôlas, em grande quantidade, para venderem na feira; e os lavradores, vendo que isto dava bom resultado, tambem cultivaram este genero em grande escala, para exportação, não só para as diversas terras do E. e S. de Penafiel, como para o Porto, e para embarque.

Os lavradores das immediações, e principalmente os de São Cosme, Campanhan, e Valle-Bom (arrabaldes do Porto) com as suas vastas plantações de cebôlas, fizeram decahir muito este commercio em Penafiel, que hoje está mais limitado.

—

Capellas fóra da cidade

S. Christovam, de Louredo.

Santa Luzia, de Moascres.

Nossa Senhora da Guia—na quinta que hoje é do sr. João Bernardo, residente na quinta da Vinha.

S. *Roque*, junto á estrada antiga, do Porto para Penafiel.

Junto a esta capella está a sepultura de frei Antonio da Ressurreição, de que já fallei, e dei o epitaphio.

A uns 50 metros a N.O. d'esta capella, havia um souto de corpulentos castanheiros, hoje reduzido a campo, e propriedade do sr. Bernardo Moreira da Silva, de Penafiel.

Em 1809, estiveram aqui acampados alguns dias, os francezes de Soult, a concertar os seus armamentos.

Abandonado por elles o sitio, viu-se que na casca de alguns castanhoiros, tinham gravado, com ferro em braza, varias lettras.

O mesmo fizeram no *Campo do Ouro*, acima de Santa Martha; mas aqui foi a cinzel, em uma rocha.

Toda a gente julgou que isso fôra feito por passatempo; mas, no verão de 1816, chegaram á hospedaria dos Casaes, ao anoitecer, uns almocreves, e alguns cavalleiros, e, depois de cearem, sahiram, dizendo que hiam jornadear de noite, por causa do calor.

No dia seguinte, appareceram no Campo do Ouro, duas covas quadradas, indicando terem alli estado enterrados caixões, e tambem appareceram as tabuas d'elles.

No souto de S. Roque, ficaram abertas seis covas eguaes.

Cré o povo d'aqui, que os taes almocreves e cavalleiros, guiados pelas lettras das cascas dos castanheiros e da rocha, levaram d'aqui seis cargas de dinheiro, que os francezes, vendo que o não podiam conduzir, deixaram, para virem buscar em occasião opportuna.

(Não me parece isto lá muito crivel; mas relato o que alli se diz.)

Em dezembro de 1867, andando uns operarios a compor a estrada que vae da Quinta da Avelleda (do sr. Manuel Pedro Guedes, filho da sr.ª condessa de Pangim, de quem já fallei n'este artigo) que é a antiga estrada, do Porto a Traz-os-Montes, acharam a pouca profundidade, varios pucaros e outras peças de louça.

Suppõe-se ter sido dos empestados de 1557.

Egreja de S. Thiago — foi matriz de um curato, apresentado pelo reitor de Penafiel.

O cura, tinha obrigação de residir n'esta cidade, e coadjuhar o reitor.

Desda 1834, está este curato encorporado na freguezia de Penafiel; mas ainda conserva o Santissimo no seu antigo sacrario, tem juiz da cruz, privativo, e d'esta egreja se administram os sacramentos aos freguezes.

—

Quintas

Ha em Penafiel e arredores, as quintas seguintes:

Calvario

(O seu antigo nome era, Valle de Tojeiro) do sr. barão do Calvario,

Tem uma boa casa, mas, abrindo-se pela frente da quinta uma rua a que deram o nome de *rua da Piedade de Cima* (hoje *rua Formosa*) ficou esta magnifica casa, nas trazeiras dos quintaes da nova rua.

Havia mais de um seculo que os proprietarios d'esta quinta a não habitavam.

O sr. Manuel Pereira da Silva, a comprou, e como chegava até ao Calvario, fez ahi um magnifico palacete, e por isto obteve o titulo de *barão do Calvario*; titulo aliás bem merecido, pelos serviços que tem prestado a Penafiel, como fica referido antecedentemente.

Foi n'este palacete que o sr. D. Luiz I se hospedou, quando veiu a esta cidade, em 10 de julho de 1872.

O sr. barão, tem melhorado muitissimo esta quinta, murando-a toda em volta, abrindo-lhe minas d'agua, construindo tanques; fazendo grandes parreiraes, de castas superlativas, suspensas em bellos esteios de pedra (que vieram da freguezia de Santo Adrião, de Cannas de Duas Egrejas) e que já produzem muitas pipas de excellente vinho.

—

Quinta do Bispo

E' uma boa propriedade, com vasto e bom palacio, e toda cercada de um antigo muro.

Foi comprada para os bispos de Penafiel (mas o unico que houve nunca residiu aqui, porque esteve sempre em Lisboa.)

Foi residencia do provisor, emquanto o houve aqui, e depois, do vigario geral, até 1834.

Tambem no palacio—em quanto se não vendeu — esteve o cartorio dos *livros findos*.

Fica na rua, antigamente chamada, *rua Direita*, e agora (por causa d'este edificio) *rua do Paço*.

O edificio está separado da quinta por um caminho, mas communica-se por um bom arco de cantaria.

Esta rica propriedade, pela suppressão do bispado de Penafiel, passou para o dominio dos bispos do Porto.

Antonio Teixeira de Queiroz (que falleceu a 16 de março de 1874) a comprou ao bispo, D. Antonio Bernardo da Fonseca Moniz (irmão do general, barão de Palme) por oito contos de réis — talvez menos do que hoje importaria o muro!—e tendo a sua casa contigua, fez communicar as duas propriedades, e na do bispo fez grandes melhoramentos, tanto no edificio, como na quinta, que agora vale mais de 20 contos de réis.

—

Quinta e casa das Lages

Do sr. Zeferino Teixeira Cabral de Mesquita, feito barão das Lages (2.º) em 10 de julho de 1850.

E' filho do sr. José Teixeira de Mesquita, feito barão do mesmo titulo (o 1.º) em 10 de novembro de 1840.

Supposto que esta casa, e a maior parte da quinta ficam na freguezia de Milhundos, a sua entrada principal, é pelo largo de S. Bartholomeu, na freguezia de Penafiel, por isso a menciono aqui.

E' uma propriedade de grande valor, quasi toda regada pelo rio Cavallum, que lhe passa pelo centro.

A familia d'esta casa, é, de umas poucas de gerações, conhecida, pela sua probidade, e virtudes christans.

Os senhores d'esta quinta e os de Barbosa, foram os principaes fundadores do mosteiro dos capuchos d'esta cidade.

O capitão, Ignacio d'Andrade, que, pelos annos 1600 e tantos, era senhor da casa das Lages, recolhia n'ella os religiosos de Valle de Piedade (Gaia, em frente do Porto) e os influiu para que fundassem mosteiro em Penafiel; e, com effeito, em 1665, escolheram um terreno, junto á *Prêza dos Pellames*, que era fóra (ao N.) do logar da Arrifana, e pertencia a Gonçalo da Silva, escrivão dos orphãos, e a umas mulheres, alcunhadas *as Cantadeiras*, que—nem elle nem ellas—quizeram ceder as propriedades; mas os frades, alcançaram provisão do rei, D. Affonso VI, para a expropriação.

Estando os frades de posse dos terrenos, os mesarios da Santa Casa da Misericordia, lhes deram licença para residirem. temporariamente, na capella de Nossa Senhora das Dôres, e casa do hospital, para d'aqui darem principio ás suas obras.

Foi lançada a 1.ª pedra do mosteiro, com grande solemnidade, a 27 de janeiro de 1666.

D. Francisco d'Athaide, senhor donatario da honra de Barbosa, e que então era general das armas, da provincia do Minho, fez á sua custa, a capella-mór, dotando-a com 30$000 réis de renda annual (que então era uma avultada quantia) para a sua fabrica; e o necessario azeite para a alampada.

Estas rendas foram impostas em uma abbadia do seu padroado, no arcebispado de Braga; e cujas rendas os frades sempre receberam até 1834.

Os descendentes de D. Francisco d'Athaide, tinham o seu jazigo n'esta capella-mór, e muitos d'elles lá foram sepultados.

No arco cruzeiro estão as armas dos senhores de Barbosa.

—

Quinta da Senhora da Guia

Antigamente, *Quinta das Quintans.*

E' propriedade de muito valor, e tem uma capella (cuja padroeira deu o moderno nome á propriedade) e umas boas casas antigas.

Seus antigos proprietario, ha cousa de um seculo que alli não residiam.

O sr. Francisco de Souza Alcoforado, da casa da Silva, da villa de Barcellos, o ultimo dos proprietarios da familia dos antigos senhores da quinta, a vendeu, pelos annos de 1840, ao sr. João Bernardo Vaz Guedes de Barbosa e Veiga, por 9:900$000 réis, para satisfazer a legitima a seu irmão, Augusto de Souza Alcoforado, que está casado em França.

O seu ultimo (actual) possuidor, tem consideravelmente melhorado esta quinta, que, de mais a mais, está contigua á quinta da Vinha, onde o sr. Veiga actualmente reside; e tambem proxima a outra sua quinta, no logar de *S. Thiago;* e á riquissima *quinta da Fôlha*; que tem uma bôa casa antiga, com capella, e era um dos vinculos d'esta nobre e antiga familia.

—

Quinta da Avellêda

Residencia da nobilissima familia Guedes, que tem um bello palacio, no largo da Batalha, na cidade do Porto.

Aqui vinha passar o verão, José Anastacio, com a sua familia: depois, seu filho, Manuel Guedes da Fonseca, e sua esposa, a sr.ª condessa de Pangim—ainda viva.

Hoje é seu proprietario o sr. Manuel Pedro Guedes, filho da sr.ª condessa; o qual tem aqui feito grandes bemfeitorias, e ampliado muito a propriedade, unindo-lhe outras, de muito valor, que para isso tem comprado.

Seu pae lhe mandou fazer o muro de cantaria lavrada, em uma parte d'ella; mas possuem um territorio tão vasto, que não é possivel murar tudo.

Passa-lhe pela frente (S.), a estrada velha do Porto, e pelo N., a banha o rio Souza.

Pelo centro d'esta immensa propriedade, passa a estrada de ferro do Douro.

Está sendo hoje uma das mais ricas e grandes propriedades da provincia.

Ha ainda em Penafiel e seu termo, varias outras casas, de familias nobres e antigas, que umas, não menciono, por não obter d'ellas esclarecimentos; outras, porque vão nas freguezias onde estão situadas.

—

Era natural d'esta cidade, *Antão Garcez Pinto de Madureira*, tenente general do exercito portuguez, que serviu durante a guerra peninsular, e foi o 1.º barão da Varzea do Douro (quinta sobre a margem direita da rio d'este nome, pouco abaixo do Castello de Paiva, e a 35 kilometros ao E.N.E. do Porto, na freguezia da Varzea do Douro, do extincto concelho de Bemviver, e extincta comarca de Soalhães—hoje comarca e concelho de Marco de Canavezes, bispado e districto administrativo do Porto.)

Quando ainda era capitão do antigo batalhão de caçadores n.º 4, foi padrinho, do baptismo, do auctor d'esta obra (em 24 de novembro de 1816.)

E' actual (2.º) barão da Varzea do Douro, feito em 16 de julho de 1846, seu filho, o sr. José Garcez Pinto de Madureira.

O 1.º barão d'este titulo, falleceu em Penafiel, a 2 de maio de 1863 (Vide *Varzea do Douro*.

—

São tambem naturaes d'esta cidade:

O doutor José Teixeira de Souza, corregedor e chanceller da relação e casa do Porto.

Sua mulher, *D. Francisca de Paula da Conceição Grelho e Souza*, foi a fundadora do *Recolhimento de Nossa Senhora das Dores e S. José, das meninas desamparadas*, do Postigo do Sol, na cidade do Porto.

Quando, em 29 de março de 1809, Soult e as suas hordas buonapartistas, entraram no Porto, causando a morte a mais de 4:000 pessoas, de ambos os sexos e de todas as edades, ficaram abandonadas pelas ruas e praças publicas, entre centenares de infelizes, muitas meninas, que aquella horrivel mortandade tinha deixado sem paes, irmãos ou parentes.

D. Francisca, senhora em quem, a par de todas as virtudes christans, sobresahia a da caridade, commovida com tão lugubre espectaculo, recolheu em sua casa, quantas encontrou ou lhe enviaram.

Obteve, por esmola, uma casa da marqueza d'Abrantes, ao fim da rua de Cimo de Villa, e principio da rua Chan, em frente do chafariz [1] onde recolheu, vestiu e alimentou desde logo, e á sua custa, 80 meninas.

Mas a caridade d'esta santa senhora, era muito superior as suas rendas, e, passados tempos, não podia occorrer ás grandes despezas que demandava um tal estabelecimento.

A grande alma de D. Francisca, não trepída ante este terrivel obstaculo, e as queridas filhas do seu coração, não hão de soffrer a minima falta.

Vae de porta em porta, implorando a caridade publica, e com as esmollas, e com as suas rendas, póde occorrer a todas as necessidades da casa.

Ficando viuva, veiu para o recolhimento, tratando sempre as suas protegidas, como mãe desvellada e carinhosa, e aqui falleceu a 27 de abril de 1832.

Foi um dia de lucto geral para os portuenses.

Por provisões regias, de 8 e 25 de outubro de 1819, D. João VI, se declarou protector d'este recolhimento, concedendo-lhe auctorisação para adquirir bens de raiz.

Por decreto de 22 de julho do 1822, doou o mesmo soberano, a este estabelecimento, 12 contos de réis, em apolices de novos emprestimos, para seu fundo, e que hoje estão convertidas em inscripções de 3 por cento, da junta do credito publico.

Por uma portaria de 10 de julho do mesmo anno de 1822, ficou o estabelecimento a ser governado por uma commissão, nomeiada pelo rei, composta de tres membros, sendo presidente nato, o prelado da diocese,

[1] A esta casa, inda hoje se chama *Paço da Marqueza*.

Esteve depois alli, o collegio dos meninos orphãos, que hoje está no logar do Pinheiro, da freguezia de Campanhan.

Hoje, que já não estamos nos infelizes tempos do obscurantismo, tem esta casa muito mais util applicação: no andar terreo, está uma taberna, e no andar nobre, uma casa de *batota*.

tendo por adjuntos, um doutor promotor fiscal, e um thesoureiro, que desempenham gratuitamente estes cargos.

Por carta regia, de 30 de maio de 1825, deu D. João VI ao recolhimento, uma casa, com quintal e agua, que era propriedade da corôa, na, hoje chamada *rua da Batalha* (em frente e ao S.E. do Postigo do Sol, que se anda a demolir) para perpetua residencia das recolhidas.

Os estatutos em vigor, foram approvados pelo mesmo rei, a 22 de dezembro de 1825,

E' propriedadn do recolhimento, a casa da residencia do capellão.

Não possue outros bens de raiz actualmente.

No fim do anno de 1830, se principiou a construcãão da formosa capella de Nossa Senhora das Dores e S. José, unida e ao S. do edificio do recolhimento; porém, como era feita á custa de esmolas, eventuaes, hiam as obras vagarosamente, e pararam de todo, durante a malfadada guerra civil, de 1832 a 1834.

Só se concluiu, em 1842.

—

Antonio de Mello, e *Marcellino de Mello* (irmãos). Foram ministros de estado.

—

O desembargador Victorino José Botelho dos Reis — presidente da *alçada*, do Porto, em 1828.

—

Antonio Vieira de Meirelles (do qual já fallei) doutor em medicina, e lente d'esta faculdade, na universidade de Coimbra, que falleceu de 34 annos de edade.

—

O padre Antonio Benicio de Figueiredo Magalhães Saraiva, que nasceu em 1802, e ainda vive. É um nobre coração, um clerigo exemplarissimo, e muito curioso investigador das antiguidades da sua terra.

—

Na *quinta de S. Thiago*, freguezia do mesmo santo, hoje annexa a Penafiel, nasceu e morreu, o *padre Custodio Moreira*, poeta distinctissimo. Escreveu muito, mas, pouco antes do seu fallecimento, queimou todas as suas obras, escapando apenas, cópias de algumas poesias, que estavam em poder dos seus admiradorres; e muitas cantigas populares, que elle ensinava aos operarios, para se distrahirem, durante as horas do trabalho.

—

O bacharel Francisco Diogo — seu irmão, *José Diogo*, e seu sobrinho, *Carlos de Magalhães*, foram poetas mui distinctos.

—

Tambem se distinguiu, pelas suas bellas poesias, *José Gomes*.

—

O doutor Antonio d'Almeida, formado em medicina, era natural de Coimbra, porém exerceu a sua arte em Penafiel, por mais de 50 annos, e aqui falleceu. Era homem de grande instrucção, grande investigador de antiguidades; e tinha uma boa livraria, parte da qual, o *padre Antonio Victorino d'Almeida*, deu ao lyceu do Porto; dando tambem valiosos donativos a quasi todos os estabelecimentos de beneficencia da mesma cidade: tendo já dado avultadas esmolas a differentes confrarias de Penafiel, principalmente á ordem terceira do Carmo. Viveu sempre com a mais rigorosa econonomia, para empregar o remanescente das suas rendas, em obras de caridade.

—

O doutor Paulo Guedes, natural de *Lamélla* (ou *Alamélla*), da freguezia de Penafiel. Era formado em direito e seguiu a magistratura, sendo em 1834, corregedor em Bragança.

Era um homem de bem, e um rico proprietario. Teve só duas filhas, uma, que morreu solteira, e outra, que casou com o sr. Luiz Paulino Pereira Pinto d'Almeida, da aldeia de *Midões*, sobre a margem esquerda do Douro, na freguezia da Raiva, concelho do Castello de Paiva, que já era um dos mais ricos proprietarios do concelho, e que ficou riquissimo, por ser o unico herdeiro de seu sogro.

—

Antonio Teixeira (o *do Penêdo*), que, sem lições de mestre, foi um esculptor e pintor insigne. É obra sua, a imagem do Senhor dos Passos, que vae na sua procissão, repu-

tada uma obra prima no seu genero. Tambem fez muitas das imagens que adornam varias egrejas e capellas, da cidade e arredores; muitos quadros de grande merecimento, distinguindo-se o retabulo do altar do Santissimo Sacramento, da egreja matriz — o da Senhora da Conceição, na egreja que foi dos capuchos — e os da Fé, Esperança e Caridade, da Misericordia. Tambem era obra sua, o de Nossa Senhora da Ajuda; porém, ha poucos annos, sendo *retocado* por um pintor de cancellas, ficou perdido.

—

É producção d'este notavel artista, a pintura do tecto, e o retabulo do altar-mór, da egreja de Bitarães, representando a *Ceia* — isto é — a instituição do Santissimo Sacramento.

O tecto da capella-mór, é obra de outro pintor, que, apezar de não ser ignorante na arte, era muito inferior a Teixeira.

—

Frei Bento (que falleceu em 1833)—Aprendeu, em rapaz, o officio de alfaiate, e depois de frade, fez-se torneiro, fazendo obras de grande merecimento artistico. As flautas por elle obradas, eram tão perfeitas e tão bem afinadas, que se vendiam no Porto, por inglezas.

—

Havia aqui um individuo, que parecia idiota, e se occupava em fazer presepios, com a maior perfeição, existindo ainda muitos d'elles em poder de particulares, e um na egreja de Bitarães.

—

Ha em Penafiel differentes industrias, sendo a principal, a fabricação de sellas, sellins, albardas, e mais arreios para cavalgaduras, que se exportam em grande quantidade.

Mas, a industria que mais celebrisou a terra, foi a fabricação de candeias de ferro, estanhadas, sahindo d'esta cidade, annualmente, muitos centos de milheiros d'ellas, que invadiam todos os mercados do reino, hindo ainda abastecer os estrangeiros.

Chegaram a haver perto de 30 forjas, com 30 bigornas, que davam que fazer a 4 pessoas, cada bigorna—tudo a fazer candeias!

De 1820 por diante, alguns officiaes (*candeeiros*) se foram estabelecer em Paredes de Aguiar de Souza, no Porto e até em Lisboa.

Com a descoberta do petroline, decahiu muito esta industria: mesmo assim, em 1874, só um negociante d'aqui, exportou, de uma vez, para o estrangeiro 200:000 candeias, por não ter mais n'aquella occasião!

Outra industria d'esta cidade é a factura de sóccos (tamancos.)

Apezar de já haver muitos officiaes d'este officio pela provincia e immediações, ainda se exportam muitos tamancos, que são justamente reputados os mais bem acabados do reino.

Eu comprei aqui, na feira, em 1860, um par, por meia libra; mas tem-se vendido muitos a 4$500 réis cada par!

Tambem aqui se fabricam, para a terra e para exportação (para o Porto, Lisboa e Brasil) muitos milheiros de pares de botas e sapatos.

Tanto este genero como o antecedente (tamancos) teem sido, pela sua perfeição, premiados, na exposição industrial do Porto, na de Paris, na de Londres, e na de Vienna de Austria.

—

N'esta cidade e em todas as freguezias que lhe ficam ao S., até ao Tâmega, se fabrica optima linha e finissimas teas de linho, o melhor que se conhece, egualando em finura, brancura e qualidade, o de Paiva e Arouca.

—

Do territorio de Penafiel—principalmente das ribeiras (campos) dos rios Souza, Mesio, e Cavallum, se exporta para o Porto e outras localidades, grande quantidade de carradas de milho.

—

Até á invasão do oidium tukeri, era muito abundante a colheita do vinho—todo verde, mas algum excellente,

Com esta molestia das vides, e com a dos castanheiros, em que ellas se apoiavam, diminuiu muitissimo esta producção.

—

O concelho de Penafiel, cria e exporta

enorme quantidade de gado, de toda a qualidade—especialmente bovino.

A fabrica de cortumes em que já fallei, estabelecida em 1859, foi premiada na exposição industrial do Porto, em 1861.

Ha uma fabrica de sabão, das primeiras estabelecidas em Portugal, desde a extincção do monopolio.

Os seus productos são excellentes, porque o seu proprietario, o sr. Simão Rodrigues Ferreira, mandou vir optimos artistas de Hespanha, para ensinarem os Portuguezes.

Ha poucos annos se estabeleceram aqui algumas fabricas de cotins, cujo genero já se exporta.

—

A egreja matriz de Bitarães, é uma das mais lindas da provincia.

Foi mandada fazer por um abbade da freguezia, que estabeleceu um legado, para haver uma missão, de 7 em 7 annos.

—

Tenho ainda em meu poder muitos apontamentos pertencentes a esta cidade, que não publico, por os julgar de menos importancia, e com receio de fatigar o leitor, com um artigo, que já vae summamente extenso. Nas palavras *Penoucos*, *Romariz*, *São Pedro de Ferreira*, *São Thiago dos Milagres* e *Villa Buim*, mencionarei ainda mais algumas curiosidades que podiam hir em Penafiel.

PENALVA D'ALVA—villa, Douro, concelho d'Oliveira do Hospital, comarca da Tábua (foi cabeça do concelho do seu nome, da comarca de Gouveia) 48 kilometros de Coimbra, 250 a N.E. de Lisboa.

Tem 350 fogos.

Em 1757, tinha 221 fogos.

Orago, S. Thomé, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 6 verso, col. 2.ª)

Está a villa situada na margem direita do rio Alva, que lhe dá o nome (vol. 1.º pag., 168, col. 2.ª) em um profundo valle, e seus arrabaldes são ferteis em todos os fructos do paiz.

Cria muito gado, e nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

É povoação bastante antiga; mas não se sabe quando nem por quem foi fundada; nem existem monumentos que attestem a sua antiguidade.

Não tem edificios dignos de nota.

Não encontrei em livro algum, outras noticias d'esta terra; e, tendo-as pedido ao reverendo parocho, ha mais de um anno, ainda até hoje se não dignou responder-me.

Provavelmente aconteceu o mesmo ao padre Carvalho, quando escreveu a sua *Chorographia*, com o vigario de então, visto que tão laconico foi na descripção d'esta villa.

Foi cabeça de concelho por mais de 300 annos, sendo supprimido em 1853.

—

Foi n'esta villa o solar dos Velasques, appellido nobre em Portugal, cuja familia veiu de Hespanha.

Durante o curto reinado de D. Sebastião, veiu para este reino D. João Velasques de Alarcão.

Foram seus descendentes, D. Manuel Caetano Velasques Sarmento de Vasconcellos, que fundou o seu solar no Espinhal, termo da cidade de Coimbra—e D. José de Alarcão de Castro Sármento, que estabeleceu o seu solar n'esta villa de Penalva d'Alva, que era então da comarca de Viseu.

As armas dos Velasques, são:

Em campo de prata, 13 rodellas, azues, em tres pallas (5 no centro, e 4 aos lados) —orla de púrpura, carregada de 8 aspas de ouro (como os Azevedos.)

Èlmo d'aço, aberto, e por timbre, um leão de púrpura, armado de preto.

—

Não se deve confundir o appellido Velasques com o de Velasco.

Este veiu das Asturias, na pessoa de D. Anna Velasco, que em 1602 casou com D. Theodosio II, duque de Bragança, e foi mãe de D. João IV.

Alem do appellido Velasco, vindo a Por-

tugal com esta senhora, outros Velascos para cá vieram; porém, frei Manuel de Santo Antonio não diz quem.

As armas provenientes da tal duqueza de Bragança, são:

Escudo escaquetado de ouro, e veiros de prata e azul, de tres peças em faxa e 5 em palla.

Timbre, um leão de ouro, veirado das mesmas côres, lampassado de púrpura.

Os outros Velascos, trazem por armas:

Escudo xadresado de verde e prata, orla do mesmo, carregada de castellos d'ouro, e leões de púrpura, alternados.

O timbre antecedente.

PENALVA DO CASTELLO—denominação legal de um concelho, pertencente á comarca de Mangualde, no bispado, districto administrativo e 16 kilometros ao N. de Viseu.

Esta villa, constituia uma pequena parochia, que tinha por orago, S. Gião (S. Julião) porém ha mais de 200 annos pertence á freguezia do Castello de Penalva. (Vol. 2.º, pag. 186, col. 1.ª)

Vide tambem *Castendo*, no mesmo vol., a pag. 199, col. 2.ª no fim.

—

O concelho de Penalva do Castello, é composto de 12 freguezias, todas do bispado de Viseu—e são:

Antas de Penalva, Castello de Penalva, Esmolfe, Germil, Insua de Penalva, Luzinde, Maréco, Pindo, Real, Sezures, Trancozellos, e Villa Cova do Côvello—todas com 2:600 fogos.

E' povoação muito antiga.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 14 de abril de 1516 (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 151, col. 1.ª)

O padre Carvalho diz que D. Sancho II lhe deu foral em 1240; porém Franklim não o menciona.

—

Foram estes sitios povoados desde tempos remotissimos, por tribus pré-historicas, o que se prova, não só pelo nome de *Antas*, dado a uma freguezia proxima da villa. (*Antas de Penalva*—1.º vol., pag. 221, col. 1.ª) onde existiram muitos dolmens; como porque ainda por aqui existem outros monumentos pre-celtas.

O mais notavel d'elles, é um dolmen, junto do logar das Antas, que Mendonça e Pina diz ser muito maior do que o de Guilhafonso, junto da cidade da Guarda.

O padre José Gaspar Simões, diz que em 1753, hindo do logar de Sobral-Pichôrro, para Viseu, perto d'Antas de Penalva, viu á direita da estrada, a pouca distancia d'ella, um *altar* levantado, com sua mêsa em cima—com a mesma forma do de *Pêra de Môço* e quinta do Carvalhal, hindo da Guarda para Pinhel.

—

É preciso vêr a palavra *Sepulchro*, onde se dão mais algumas noticias d'esta terra, curiosas pela sua antiguidade.

—

Tambem foi povoação romana, o que consta, não só da tradição, como tambem de uma inscripção latina, esculpida em uma pedra de finissimo marmore, e em caracteres bellissimos, que existiu no quintal dos abbades de Penalva. Diz assim:

RVFO. FVSCI. F. A-
NNORVM. XXV.
FVSCVS. ALBINI.
FILIO. SVO. III. SIBI.

(Fusco, filho de Albino, de 25 annos de edade, fez construir este tumulo para si, e para seu filho, que morreu de tres annos.)

—

Diz-se que o nome d'esta villa provêm de um antiquissimo castello, fundado sobre uma penha, imminente ao rio *Om* (hoje *Dão*). Vide *Sepulchro*.

Outros dizem que este castello estava edificado sobre uma penha, na margem do rio Alva; o que é mais verosimil, se attendermos ao nome da terra. Em todo o caso, d'este castello não existe o menor vestigio.

Consta que nasceu n'esta villa, o padre frei Rodrigo de Penalva, companheiro de S. João da Matta, e fundador do convento de Segovia.

—

O logar do *Casal das Donas*, grande, formoso e salutifero, está situado em uma apra-

zivel veiga, d'esta freguezia, que é do arciprestado de *Pena-Verde.* Ha aqui a capella de Nossa Senhora da Consolação (vulgarmente, do *Coval*) que consta ser mais antiga do que a nossa monarchia.

É ampla, e n'ella tinham sepultura os que morriam no referido logar.

Fica proxima e ao O. da povoação, em uma planicie fertil, e adornada de differentes arvores; ficando-lhe ao N. a alta serra das Antas, que abriga dos temporaes a ermida e o valle. Dão á sua padroeira tambem o nome de *Senhora do Coval*, por estar proxima ao logar d'este nome.

Esta ermida era pequena no seu principio, e tinha um eremitão, apresentado pelos abbades da freguezia. Foi demolida, e reedificada e ampliada, pelos annos de 1710, e é de boa architectura, com capella-mór, dividida do corpo da egreja por um formoso arco de cantaria, tendo de cada lado uma bonita capella. Tem um bom pulpito, e optima sachristia.

A imagem da padroeira, é de pedra, de boa esculptura e com 1m,10 de altura.

Tem uma irmandade, que lhe faz a festa, no dia da Assumpção da Santissima Virgem, e que é sempre concorridissima.

Além d'esta solemnidade, que é a principal, se lhe fazem outras, por voto, em acção de graças, pelo decurso do anno.

A irmandade de Nossa Senhora da Consolação, não tem numero certo de irmãos. Foi erecta em 1670, e confirmados os seus estatutos, pelo bispo de Viseu, D. Manuel de Saldanha. Foi instituida com auctoridade do papa Clemente X, por breve de 1672, approvado pelo doutor Duarte Pacheco de Albuquerque, governador e provisor d'este bispado; e depois, confirmado pelo bispo, D. Jeronymo Soares.

Os irmãos teem muitas indulgencias, concedidas por breves apostolicos, em varios dias do anno.

Tem (tinha) a Senhora varias propriedades, deixadas por devotos, e administradas pela mesa da irmandade, cujos rendimentos eram applicados para a fabrica da capella.

A irmandade compunha-se de moradores d'esta freguezia e da de Real.

Antigamente havia aqui missa em todos os domingos e dias sanctificados.

—

É na freguezia da Insua, d'este concelho, o solar da nobilissima familia Albuquerque Mello Pereira e Cáceres, de que amplamente tratei no 5.º volume, a pag. 271, col. segunda e seguintes, para onde remetto o leitor.

Marquezes de Penalva

O sr. Fernando Telles da Silva Caminha e Menezes, 3.º e actual marquez de Penalva, é o herdeiro e representante das nobilissimas familias dos seus appellidos — isto é — dos condes de Tarouca, dos condes de Villar-Maior, dos marquezes de Alegrête e dos marquezes de Penalva.

A paginas 90, col. 2.ª, do 1.º volume, disse que D. João IV fez conde de Alegrête, a Mathias de Albuquerque, em premio da sua bravura na batalha de Montijo, ganhada em 26 de maio de 1644.

D. Pedro II, por carta regia de 19 de agosto de 1687, fez marquez de Alegrête, a Manuel Telles da Silva, 2.º conde de Villar-Maior.

Silva é um dos mais nobres appellidos de Portugal, por serem os Silvas descendentes dos reis de Leão.

D'esta familia fallarei mais detidamente em *Villar-Maior:* aqui só direi que são ramos da mesma esclarecida procedencia os que vem dos marquezes da Fronteira, marquezes de Vagos, marquezes de Rézende (Brasil), marquezes de Gouveia, condes de Coculim (villa, da comarca de Salsete, na India), condes d'Aveiras, condes de S. Lourenço, condes de S. Thiago (de Beduido), condes de Sarzedas, condes de Unhão, condes de Tarouca, condes de S. João da Pesqueira, viscondes de Villa Nova da Cerveira, e outros muitas casas titulares, e nobres familias das principaes d'este reino.

Em *Tarouca* tratarei dos seus condes.

Fallemos agora, especialmente, da casa de *Penalva.*

Por carta régia, de 7 de fevereiro de 1750, fez D. João V, marquez de Penalva (o 1.º) a D. Estevam de Menezes, 5.º conde de Tarou-

ca, sob a condição de que os primogenitos dos marquezes, se intitulassem condes de Tarouca, em vida de seus paes — tudo de juro e herdade, na fórma da *lei mental.*

A varonia d'esta casa vêr-se-ha em *Tarouca.*

O actual sr. marquez de Penalva, é neto do conde de Villar-Maior, representante da casa dos marquezes d'Alegrete, o sr. Manuel Telles da Silva, e da sr.ª D. Eugenia de Menezes, herdeira do marquezado de Penalva.

Por este casamento se uniram as casas de Alegrete, Villar-Maior, e Penalva.

A *quinta da Lapa*, na freguezia de *Monte-Redondo*, concelho de Torres-Vedras, propriedade dos srs. marquezes de Penalva, era um vinculo da casa de Alegrête. Vide *Torres-Vedras.*

Foi o sr. Manuel Telles da Silva, 2.º marquez de Penalva, e um fidalgo de vastissima intelligencia, e prodigiosa memoria. Foi camarista de D. Maria I, e deputado da Junta dos Tres Estados.

Escreveu e publicou, dois opusculos — *Dissertação a favor da monarchia*—e—*Obrigações do vassallo.* Em ambos se revela grande fundo de conhecimentos, e decidido amor ás ideias monarchicas. Além d'estas obras, deixou uma collecção de obras asceticas, repassadas dos sentimentos piedosos de um fervoroso catholico, e denotando muito estudo e erudição nas sagradas lettras.

—

Foi 3.º marquez de Penalva (filho do sr. Manuel Telles da Silva, e pae do actual) o sr. Luiz Telles da Silva, marquez d'Alegrête.

Seguiu a vida militar, e chegou ao posto de tenente-general. Foi governador das capitanias generaes, das provincias de S. Paulo, e Rio-Grande, no Brasil; servindo o seu rei e a sua patria com a maior honradez, zêlo e desinteresse. Foi tambem conselheiro de guerra e camarista de D. Maria I e, depois, de D. João VI.

Era um verdadeiro e pondunoroso portuguez, e um militar distinctissimo.

O 4.º marquez de Penalva (o actual) é filho do antecedente. Seguiu a vida militar, sentando praça em cavallaria. Foi feito alferes d'esta arma, em 16 de outubro de 1833, e tenente do estado maior do exercito, em 12 de março de 1834. Como brioso militar portuguez, seguiu sempre a bandeira que jurára defender, acompanhando o sr. D. Miguel I e o exercito realista, até Evora-Monte, onde convencionou.

Nascendo (em Heubach, a 5 de agosto de 1852) a serenissima princeza, a sr.ª D. Maria das Neves, filha do sr. D. Miguel I, e da sr.ª D. Adelaide Sophia, princeza de Loewenstein-Werthein de Rosemberg, [1] foi o sr. marquez de Penalva visitar o seu rei á Allemanha, e dar-lhe os parabens.

Em 15 de setembro de 1834, casou com a sr.ª D. Eugenia d'Aguilar e Almeida Monroy e Mello Azambuja e Menezes, 12.ª neta e representante do heroe legendario, Duarte de Almeida, o *Decepado* (pag. 398, col. 2.ª d'este volume) e da familia do Santo frei Gil, de Vousella, cujas reliquias possue e venera, na capella da sua casa, na rua dos Lagares freguezia de Santo André, da cidade de Lisboa.

Para o palacio dos marquezes d'Alegrête, em Lisboa, vide 4.º vol., pag. 136, col. 1.ª

PESSOAS DA CASA E FAMILIA DOS MARQUEZES DE PENALVA, QUE HONRARAM A PATRIA E A FAMILIA, POR VIRTUDES E LETRAS

José Telles da Silva, lente de Direito na universidade de Coimbra — dotado de uma prodigiosa memoria, e do coração mais bemfazejo.

As Madres, Marianna de Menezes, e Thereza de Menezes — religiosas de eminente virtude, no convento de carmelitas de Carnide.

A M.e Isabel Telles — religiosa de grande virtude, no convento da Madre de Deus, de Lisboa, onde entrou, por impulso do céo, na edade de 7 annos, insistindo na sua entrada, e dizendo a seus paes, que Nossa Senhora a chamava.

A M.e Marianna Josefa Telles — religiosa, no convento das Sallecias, de grandes virtu-

[1] A sr.ª D. Maria das Neves, casou, em 25 de abril de 1871, com o serenissimo sr. infante D. Affonso Maria de Bourbon e Bragança, irmão do sr. D. Carlos VII, de Hespanha.

des, reunindo a estas, muito talento, muita instrucção, muita graça, e o trato mais amavel e bondoso.

—

A familia Penalva tem a honra de descender da rainha Santa Isabel, e de S. Francisco de Borja.

—

O sr. marquez de Penalva, é 7.º neto e representante por varonia, de Fernando Telles da Silva, conde de Villar Maior, um dos 40 fidalgos da revolução do 1.º de dezembro de 1640; o qual, com seu irmão, Antonio Telles da Silva, foi armado para tão gloriosa empreza, por sua heroica mãe, D. Maria de Lencastre.

Descende tambem por varonia, do famoso D. Duarte de Menezes, o heroico defensor de Ceuta e Alcacer, na Africa.

—

Em 8 de abril de 1875, falleceu em Lisboa, o sr. Antonio Telles da Silva Caminha e Menezes, marquez de Rézende (no Brazil) e tio do sr. marquez de Penalva.

Era filho de Fernando Telles da Silva Caminha Menezes, 3.º marquez de Penalva, e 7.º conde de Tarouca, e da marqueza D. Maria Rosa d'Almeida, da casa de Lavradio; e nascera a 22 de setembro de 1790.

Fôra para o Rio de Janeiro com a corte de el-rei o sr. D. João VI; e o sr. D. Pedro, depois de tornar o Brasil independente de Portugal, o fez marquez de Rézende, villa do imperio.

O sr. marquez de Rézende, servindo na carreira diplomatica, representou o Brasil em differentes côrtes.

Quando o sr. D. Pedro abdicou a coroa do Brazil, o sr. marquez deixou o serviço publico e se recolheu a Portugal.

Aqui foi camarista de sua magestade a imperatriz do Brasil, ha pouco fallecida.

Tinha as gran-cruzes das ordens da Torre e Espada, da de Christo do Brazil e da corôa de ferro na Austria; e era socio correspondente da academia real das sciencias, de Lisboa.

Mereceu sempre no maior grau a estima dos principes a cujo serviço esteve, e recebeu sempre as maiores provas de consideração da familia real portugueza.

Quando falleceu a imperatriz viuva do Brasil, o sr. D. Fernando offereceu-lhe aposentos no seu palacio. E ultimamente, el-rei o sr. D. Luiz, sabendo que adoecêra, quiz que fosse recolhido ao paço da Ajuda.

Cultivou as lettras desde os mais tenros annos.

Deixa alguns escriptos. Entre outros: *Elogio historico de sua magestade imperial o sr. D. Pedro, duque de Bragança, pronunciado na academia das sciencias de Lisboa, em sessão ordinaria de 13 de julho de 1836; Observações ácerca de uma passagem da oração funebre de sua magestade o imperador do Brazil, o sr. D. Pedro IV como rei de Portugal e duque de Bragança, recitada pelo sr. arcebispo eleito de Lacedemonia; Descripção e recordações historicas do paço e quinta de Queluz.*

Actualmente estão no prelo duas obras importantissimas do sr. marquez, illustradas pelos srs. Pedroso e Alberto.

Era um ancião muito respeitavel, profundo conhecedor da lingua latina, muito sociavel, muito esmoler e muito estimado de todos quantos o conheciam.

—

Vide *Penamacor*, nos titulos dados por D. Philippe IV, e que D. João IV annulou—e *Tarouca.*

PENAMACOR—villa, Beira Baixa, cabeça do antiquissimo concelho do seu nome, na comarca e 30 kilometros ao N. de Idanha-Nova, 45 kilometros ao S. da Guarda, 50 ao N.E. de Castello Branco, 90 a E. de Viseu, 32 a E. da Covilhan, 30 a E. do Fundão, 22 ao S. do Sabugal, 14 ao O da raia de Hespanha, 260 a E. de Lisboa.

Tem 600 fogos, hoje em uma só freguezia, de que é orago, Santa Maria do Castello, ou Nossa Senhora da Penha (Nossa Senhora da Assumpção.)

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Em 1757, tinha trez freguezias:

S. Pedro, apostolo — a mitra apresentava o prior, que tinha 150$000 réis.

Tinha 85 fogos.

Santa Maria do Castello, ou Nossa Senhora da Penha — o papa apresentava o prior, que tinha 80$000 réis.

Tinha 85 fogos.

S. Thiago, apostolo—a mitra apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis.

Tinha 695 fogos.

Vinha esta villa a ter, em 1757, 865 fogos: mais 265 do que actualmente.

—

O concelho de Penamacor é composto de 12 freguezias, com 2:300 fogos.

Nove pertencem ao bispado da Guarda—são:

Aguas, Aldeia do Bispo, Aranhas, Bemquerença, Meimão, Meimôa, Pedrogam, Penamacor, e Valle de Lobo.

Tres no bispado de Castello Branco—são:

Aldeia de João Pires, Bemposta e Salvador.

—

Tem feira, á 28 de agosto, 21 de setembro, e 30 de novembro.

—

E' uma das mais antigas povoações do reino, pois se attribue á sua fundação, aos turdulos, 4 ou 5 seculos antes da era christan.

No tempo dos romanos, dos godos e dos arabes, foi uma povoação importante, mas soffreu muito com as diuturnas guerras da edade media.

Tem um castello antiquissimo, que, segundo uns, foi construido pelos romanos, e segundo outros, pelos mouros; porém achando-se muito damnificado pelo tempo e pelas guerras, o grão mestre da ordem dos templarios, D. Gualdim Paes, reedificou e ampliou muito os seus grossos muros, e construiu a torre de menagem, em 1180.

D. Sancho I tambem fez algumas obras de defeza, em 1189. [1]

E' tão ampla esta fortaleza, que a freguezia de Santa Maria (por isso chamada do Castello) estava toda dentro das suas muralhas.

Crescendo rapidamente a população, se estendeu em redor do castello, e o rei D. Diniz, pelos annos 1300, cercou a nova povoação com uma outra linha de muralhas com suas torres e barbacans.

Hoje está tudo desmantellado; restando apenas alguns lanços de muralhas, o forte junto á casa da camara, cinco baluartes, parte da torre de menagem, e uma porta da circumvalação exterior, chamada do *Monturo dos Negros*.

—

D. Sancho I lhe deu foral, com o titulo de villa, e com grandes privilegios, honras e isenções, em Coimbra, em 1199, o qual ratificou e ampliou por outro, datado da mesma cidade, em março de 1209.

Seu filho, D. Affonso II, o confirmou, tambem em Coimbra, no mez de novembro de 1217.

(Maço 12 de *foraes antigos*, n.º 3, fl. 7, col. 1.ª—e no *livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 36 v., col. 2.ª—Está impresso no tomo 3.º das *Dissertações chronologicas*, a pag. 156.)

Já antes d'estes foraes, tinha outro, dado por D. Gualdim Paes, em 1180—ao qual chamavam *Livro das portagens*, e que está na Torre do Tombo, livro 46 de tombos, armario 17, fl. 84 v.

D. Manuel lhe deu foral novo, ratificando e confirmando em tudo os antigos, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 21 v., col. 2.ª)

Este foral serve tambem para Aranhas e Cabeças de Rei.

—

Alguns escriptores dizem que nasceu n'esta villa o famoso rei godo, Wamba, que governou a Peninsula desde 672 até 682, e adoptando Ervigo, o fez acclamar soberano, mettendo-se Wamba em um mosteiro, onde professou.

[1] Viterbo diz que foi em 1199. Vide *Barrários*, no 1.º vol., pag. 338, col. 1.ª, no fim.

Alguns escriptores dizem que as fortificações d'esta praça foram feitas em vida de D. Gualdim Paes; mas por ordem de D. Sancho I.

Em todo o caso, datam do fim do XII seculo, as antigas; porque as modernas foram feitas pelos annos 1650.

E' porém mais geralmente admittido que Wamba nasceu em Idanha a Velha.

—

As armas de Penamacor, são:

Em campo de púrpura, dois crescentes de prata, tendo o superior as pontas para cima, e o inferior, as pontas para baixo.

Do lado direito, uma espada (outros dizem um alfange) com os copos d'ouro, e a ponta virada para cima; e do lado esquerdo uma chave d'ouro, com o annel para baixo.

Os crescentes são mais uma prova de que foi povoação mourisca.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 11.°

—

A villa está fundada em uma elevação, em redor do seu nobre e vetusto castello, edificado sobre um alto e penhascoso monte, d'onde se gosam formosas e dilatadas vistas.

D. Sancho I, achando esta villa abandonada, a deu aos templarios, que a povoaram em 1180.

—

D. João III fez conde de Penamacor, em 1529, a D. Luiz da Silveira, mas este titulo não se verificou.

D. Philippe IV, deu o mesmo titulo a D. João da Silveira, neto d'aquelle D. Luiz; porém, D. João IV, annulou este titulo, por ser conferido depois do glorioso dia 1.° de dezembro de 1640.

Pela mesma razão, annullou aquelle monarcha, mais os titulos seguintes:

Duques

De Abrantes—dos Banhos (filho 2.° dos duques dos Arcos e Aveiro)—de Caminha—de Estremoz (filho 2.° dos marquezes de Ferreira) — Linhares—e Ciudad-Real (Hespanha.)

Marquezes

De Basto (conde de Pernambuco)—Collares—Penalva (conde de Tarouca [1])—Sardoal (duque de Abrantes)—Trucífal (Soares Alarcão)—Villa Real (Menezes)—Santarem (conde de Atouguia.)

Condes

De Alcanêde—d'Anciães—d'Arada—d'Assentar—de Moura—de Obidos (pela linha de Guadaleste)—de Regalados (Abreu)—de Torres Vedras (Soares Alarcão)—de Vagos (Silva.)

—

Depois, o mesmo rei, D. João IV, e seus filhos, D. Affonso VI, e D. Pedro II, e seus successores, em premio de serviços prestados á patria, na guerra dos 27 annos, restituiram aos mesmos, ou aos herdeiros, os titulos dados por D. Philippe IV, quando já não era rei de Portugal.

—

Penamacor foi por mais de 600 annos uma forte praça de guerra, e ainda antes de 1834, era como tal considerada, tendo sempre de guarnição, um corpo de caçadores, artilheiros e veteranos.

As suas fortificações são muito irregulares, por causa dos accidentes do terreno, e a que d'ellas se conserva em melhor estado, foi mandada construir ou reparar, durante a guerra da restauração.

São cinco baluartes e tres meios baluartes.

—

Tem Misericordia e hospital.

Extra-muros, e ao O.N.O. da villa, está o mosteiro dos frades capuchos.

—

Penamacor foi praça do batalhão de caçadores n.° 4 (depois, regimento de caçadores da Beira Alta) até 1819.

Havendo porém serias desintelligencias entre os officiaes do batalhão e os frades capuchos, o ministro da guerra mandou

[1] O 3.° conde de Tarouca, D. Duarte Luiz de Menezes, foi nomeado por D. João IV, governador de Tanger (Africa.)

Esquecido do seu nome e da sua nobreza, atraiçoou o seu rei e a sua patria, bandeando-se com os castelhanos.

D. João IV lhe tirou todas as honras, titulos, e bens que tinha em Portugal; mas D. Philippe IV o fez marquez de Penalva—que foi o mesmo que se o não fizesse coisa nenhuma.

aquelle para a praça de Castro-Marim, vindo em seu logar, para esta, o batalhão de caçadores n.º 8 (depois regimento de caçadores da Beira Baixa.)

Ambos estes corpos terminaram a sua existencia em Evora Monte; mas Penamacor ainda hoje é praça do batalhão de caçadores n.º 8, creado depois da dissolução do antigo.

Devo aqui mencionar um facto de triste recordação; mas que teve bom resultado, por dar origem a uma lei benefica e por todos urgentemente reclamada.

Em 1848, foram aqui tão barbara e tão atrozmente chibatados cinco soldados de caçadores n.º 8, que dois morreram no quadrado, um no hospital, e os dois restantes, ficaram inutilisados para toda a vida.

Todos os periodicos, sem distincção de côr politica, horrorisados por tão brutal canibalismo, bradaram unisonos contra este degradante e horrivel castigo: e, d'esta vez a voz da imprensa, que era a de todos os portuguezes, foi ouvida pelo governo, que promulgou uma lei, prohibindo as varadas, *no continente.*

Foi muito, mas não foi tudo; porque os soldados da marinha e do ultramar, tambem são portuguezes, e deviam ser contemplados.

—

Nenhuma villa da Beira Baixa, e muito poucas de Portugal tem tão gloriosas tradições e uma historia tão nobre e interessante, como Penamacor.

A sua remotissima antiguidade, os seus condes, as suas numerosas familias de antiga nobreza, o seu vetusto castello, ter sido a séde do antigo bispado de Idanha (a Velha) e o grande numero de homens célebres aqui nascidos, tornam esta villa digna de uma menção muito especial.

—

D. Affonso V, fez conde de Penamacor, a D. Lopo d'Albuquerque, em uma vida.

Em 17 de dezembro de 1844, foi este titulo renovado na pessoa do sr. Antonio de Saldanha d'Albuquerque e Castro Ribafria Pereira, descendente por varonia, do 1.º conde, D. Lopo d'Albuquerque, e do famoso D. João de Castro, 4.º vice-rei da India.

Era o sr. conde de Penamacor, casado com a sr.ª D. Maria Leonor de Mello, da nobilissima familia dos srs. condes de S. Lourenço—e filho de João Maria Raphael de Saldanha e de D. Maria Thereza Braamcamp, tia paterna do sr. conselheiro e ex-ministro, Anselmo José Braamcamp, e 3.ª filha do 1.º barão do Sobral.

E' actual conde de Penamacor, o sr. Antonio Correia de Saldanha Albuquerque Castro Ribafria Pereira (filho do antecedente) feito em 6 de junho de 1864.

Os condes de Penamacor, estão ligados por parentesco, com as familias dos marquezes de Niza, do Lavradio e de Alvito; condes do Sobral, das Galveias, de S. Lourenço, e de Rézende; viscondes da Asseca, Braamcampos, e outras muitas e nobilissimas familias d'este reino.

De todos os appellidos d'esta familia, tenho tratado n'esta obra, menos do de Ribafria.

Ribafria, é appellido nobre em Portugal, procedente de Gaspar Gonçalves (ou Rodrigues) Ribafria, natural do logar de Ribafria, termo de Cintra, e do qual tomou o appellido.

O rei D. Manuel, o fez seu porteiro da camara, pelos serviços que lhe havia feito.

D. João III, o fez cavalleiro da ordem de Christo e alcaide-mór de Cintra; dando-lhe solar em Ribafria, e carta de brazão d'armas, a 16 de setembro de 1541—e são—em campo verde, uma torre de prata, lavrada de negro, aberta de azulejos de ouro e azul, sobre um contrachefe, de ondas de azul e prata, entre duas estrellas de ouro, de 8 pontas, acantonadas.

Êlmo de prata, aberto; e por timbre, um leopardo azul, armado d'ouro, com uma das estrellas do escudo, na espadua.

—

As senhoras, D. Thereza, e D. Maria da Assumpção, filhas dos srs. condes de Penamacor, foram até 22 de abril de 1876, empregadas do paço da serenissima infanta, D. Isabel Maria de Bourbon e Bragança, que

desde 10 de março de 1826 até 22 de fevereiro de 1828, foi regente do reino.

Fallecendo esta senhora, em Bemfica, pelas 3 ½ horas da tarde d'aquelle dia (22 d'abril de 1876) deixou áquellas duas damas, réis 500$000, a cada uma, em signal de estima e amisade.

—

A pag. 380, col. 2.ª, do 3.º volume, disse já, que Penamacor foi séde do bispado egitanense, desde 715 (provavelmente) até 1202 —pelo menos — servindo de cathedral, a egreja de S. Thiago.

Para evitarmos repetições, remetto o leitor para o logar citado.

Cumpre-me aqui fazer uma ractificação.

Na 1.ª col. da pag. 381, do dito 3.º vol., escapou um êrro typographico, que todos julgarão como tal—foi (tratando-se do bispado de Idanha) nomear-se D. Sadcho III (rei que nunca existiu em Portugal) em logar de D. Sancho I.

Da data de 1199, que alli se vê, é facillimo entender-se que se tratava do rei *Povoador*, que reinou desde 6 de dezembro de 1185, até 27 de março de 1211. E tambem se dá no êrro, por se fallar do pontifice Innocencio III, que governou a egreja de Deus, desde 1198 1216, anno em que lhe succedeu Honorio III.

—

Ha n'esta villa muitas familias nobres, como são, Pinas, Cunhas, Tabordas, Palhas, Pignatelli, e outras, excedendo a todas a casa vinculada, solar dos Pinas Machados, extramuros.

E' seu actual representante, o sr. Francisco de Pina Machado Ferraz Gusmão d'Ornellas, cavalheiro que a uma nobilissima estirpe, reune uma esmeradissima educação, e todas as boas qualidades que adornam um verdadeiro fidalgo portuguez.

O sr. Pina Machado tornou-se notavel por ser accusado de fautor de uma *pavorosa*, em março de 1875, de que lhe resultou estar seis mezes preso, sahindo afinal absolvido, por falta de provas.

É filho do sr. José de Pina Machado de Moraes Borges Ferraz, que foi tenente coronel commandante do batalhão de voluntarios realistas de Castello-Branco e Penamacôr, convencionado em Evora-Monte. O auctor d'esta obra, teve a honra de servir ás ordens d'este cavalheiro, e é testemunha da sua coragem e patriotismo, como das suas, a todos os respeitos, inapreciaveis qualidades.

Falleceu este sympathico cavalheiro, em Alpedrinha, no fim de junho de 1870.

Pina é um appellido nobre em Portugal, procedente do reino de Aragão.

Piña é uma villa que alli fundou um seu ascendente, e da qual foi senhor e tomou o appellido: sendo esta villa o solar originario dos Pinas. Passou a Portugal este appellido na pessoa de D. Fernão Fernandes de Piña, embaixador de D. Pedro III, d'Aragão (que subiu ao throno em 1276) acompanhando a rainha Santa Isabel, mulher do nosso D. Diniz, em 1282. Foi seu filho, João Pires de Pina, ao qual o nosso rei D. Fernando fez mercê da alcaidaria-mór de Castello de Vide.

As armas dos Pinas, são — em campo de púrpura, um torreão de prata, com tecto, porta e frestas, de ouro, lavrado de negro, sobre um monte verde. Elmo de prata, aberto, e timbre, o torreão das armas.

D. João Alvares de Pina, tambem da mesma familia, veio de Aragão para este reino, e foi valido do nosso D. João I. Seus descendentes trazem por armas — Em campo de púrpura, banda de ouro, carregada de um leão azul, armado de negro, lampassado de púrpura, entre dois pinheiros verdes, com raizes de prata e pinhas[1] de ouro. Elmo de prata, aberto, e por timbre, uma cabeça de leão, d'ouro, sahindo-lhe da bocca um ramo de pinheiro.

No manuscripto da livraria antiga, do do marquez de Palmella, se acham outras

[1] Pina é corrupção do hespanhol *piña*. O fundador da villa d'este nome, deu-lh'o pela sua semelhança com este fructo. É por isso que os Pinas trazem pinhas nas suas armas.

armas dos Pinas, assim construidas — Em campo de púrpura, banda azul,[1] filetada de ouro, carregada de um leão, do mesmo, lampassado de púrpura, entre dois pinheiros verdes, com raizes de prata (mas sem as pinhas d'ouro). O mesmo êlmo e timbre.

Ainda outros Pinas trazem por armas — em campo de prata, um pinheiro verde, sobre um contrachefe diminuto, de verde, entre dois leões de púrpura, trepantes.

Da familia e armas dos Ornellas, tratei a pag. 295, col. 2.ª d'este volume: e dos outros appellidos d'este cavalheiro, em differentes partes d'esta obra.

—

Taborda, é um appellido nobre d'este reino. Procede do solar de S. Miguel de Taborda, junto á cidade de Tuy, na Galliza.

Passou a Portugal na pessoa de D. Garcia Rodrigues Taborda, primo do tristemente celebre, D. João Fernandes Andeiro, conde de Ourem. Em attenção a este, o rei D. Fernando deu a seu primo a villa de Porto de Mós, e a alcaidaria-mór de Leiria, além de outras mercês. De D. Garcia, foi filho (ou neto) Gonçalo Vaz Taborda, do qual procedem os verdadeiros Tabordas d'este reino. Suas armas são — em campo de púrpura, cinco cadernas de crescentes d'ouro, em aspa — êlmo d'aço, aberto (outros o trazem de prata) — timbre, uma asa de púrpura, levantada, carregada de uma caderna de crescentes, como as do escudo.

Estas armas foram dadas por D. João I, a João Rodrigues Taborda, em 1415; porque, sendo capitão de um navio de guerra, da esquadra portugueza, se portou com grande bravura, na tomada de Ceuta, a 14 de agosto d'esse anno. D'este bravo marinheiro, faz menção a Chronica de D. João I.

—

Pignatelli, é um appellido nobre d'este reino, de origem italiana. Frei Manuel de Santo Antonio, não diz quem o trouxe a Portugal. Os Pignatellis, trazem por armas — em campo de ouro, tres ampheras negras, em roquête, com uma só asa, e os bocaes de púrpura. Elmo d'aço, aberto, e por timbre uma das amphoras (ou pucaros) das armas.

—

Palha, appellido nobre em Portugal. Vide vol. 5.º, pag. 592, col. 2.ª, no fim.

—

Cunha — Vide *Cunha*, de Coura.

Machado — Vide *Lisboa*.

—

Em 1242, deu o concelho de Penamacôr, a D. João Martins, uma grande herdade, que existia entre esta villa, a de Sortêlha, e a da Cowilhan.

—

Tem esta villa algumas praças, sendo a principal, por mais vasta, a do *Sumagral*, onde se fazem as feiras. Tem algumas ruas boas, muitas casas de boa apparencia, revelando algumas muita antiguidade. Seus habitantes são, no geral, de bons costumes, muito hospitaleiros, e amigos do trabalho. A maior parte, vive da agricultura; porque o termo é muito fertil em todos os generos do paiz, cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha bastantes colmeias e caça, grossa e miuda.

O seu clima, posto ser excessivo, é muito saudavel, havendo muitas pessoas de 80, 90 e mais annos de edade.

—

Na quinta do *Laranjal*, extramuros, fóra das portas do *Monturo dos Negros*, ao N.O. da villa, e proximo á *fonte da Rabaça*, passou o auctor d'esta obra os primeiros annos da sua infancia. Era então esta propriedade, de uma senhora, da villa, cognominada, a *Dona Verde*.

—

A pouca distancia de Penamacôr, ha a antiquissima capella de S. Domingos.

Segundo a lenda, um homem da villa, muito devoto de S. Domingos, estava captivo, em terra de mouros, e fazia todas as diligencias para fugir; o que, percebido pelo seu senhor, lhe mandou pôr fortes grilhões, e de noite, mesmo acorrentado, o fazia metter em uma caixa, fechada com fortes cadeados, e fazia sobre ella a cama em que dormia, para guardar o captivo.

[1] É contra as regras da armaria, que não permittem côr sobre côr, ou metal sobre metal.

Passados alguns dias, uma manhan appareceu o mouro, a caixa e o christão, á porta da capella de S. Domingos.

Pasmado o mouro, de tamanha maravilha, se fez christão, e elle e o seu captivo, dedicaram o resto dos seus dias ao serviço da ermida.

Na capella existe um quadro antiquissimo, recordando este milagre.

Não diz a lenda, em que anno teve logar este acontecimento, mas foi, com certeza, anterior ao reinado de D. Diniz; porque, em 1288, veio aqui de proposito visitar a ermida, a rainha Santa Isabel, e suppõe-se que foi esta soberana que mandou fazer o quadro. Por essa occasião, demorou-se alguns dias na villa, residindo no castello — onde era n'esse tempo toda a povoação — nas casas dos alcaides-móres.

—

Tres kilometros a O. da villa, em uma formosa planicie, está a bonita e grande capella de *Nossa Senhora do Incenso.* É um templo antiquissimo, mas não se sabe quando nem por quem foi fundado.

A imagem da padroeira, é de pedra, de boa esculptura, com 0m,66 d'alto. O Menino Jesus, é de madeira. (Segundo a tradição, era tambem de pedra, mas um devoto o furtou, deixando ficar o actual.)

O nome primitivo d'esta imagem, era *Nossa Senhora do Prado*, e assim se vê em escripturas antigas, de propriedades confinantes com a capella.

Diz a lenda, que a mudança do *Prado* para o *Incenso*, foi porque—estando um bispo da Guarda em perigo de vida, invocou a protecção d'esta Senhora, e em breve se achou com perfeita saude. Em acção de graças, foi em romaria á sua capella, levando todos os preparativos para alli dizer missa de pontifical. Chegada a occasião, viu que lhe esquecêra o incenso, o que muito o contrariou, por ficar a villa a meia legua de distancia; mas, pegando na *navêta*, ainda havia pouco vazia, a acharam cheia de incenso.

Dizem outros que esta ermida esteve originariamente em um sitio chamado *Valle do Incenso*, a 6 kilometros da actual, e que é d'esta circumstancia que lhe provém o nome.

Innumeraveis são os milagres attribuidos a esta Senhora, com a qual os povos de muitas leguas em redor teem uma devoção particularissima: mencionarei os mais notaveis.

No principio do anno de 1702, houve em todo o reino medonhos temporaes. O clero e povo de Penamacôr, foram em procissão buscar a Senhora, para a egreja de S. Thiago, e logo no mesmo dia cessou o temporal.

Não tinha chovido n'esse inverno, e os lavradores estavam em risco de perderam as suas sementeiras. Recorreram á Senhora, que ainda estava na egreja de S. Thiago, e a levaram em procissão para a sua capella, a 17 de março. Logo n'essa mesma noite choveu grande abundancia d'agua.

Em 1644, um soldado castelhano, de cavallaria, entrou, mesmo montado, na capella, para roubar as joias da Senhora; mas, chegando aos degráus do altar, não poderam passar adiante, e fugiram sem que o soldado effectuasse o roubo sacrilego. Ainda hoje se vê, impressa em uma pedra do pavimento da capella, uma das ferraduras do tal cavallo.

Perto da ermida, corre a ribeira de *Seife*, e ha n'ella um profundo pégo, chamado *Estillo*. João de Almeida, alferes da guarnição da praça de Penamacôr, era um homem excessivamente melancolico. Em um dos seus mais insupportaveis ataques hypocondriacos, decidiu suicidar-se. Era uma noite tempestuosa. Encheu os bolsos dos calções e da *caçaca*, de pedras, para mais facilmente hir ao fundo, e se atirou ao pégo do Estillo.[1] Perdeu os sentidos, e, quando os recobrou, achou-se á porta da capella da Senhora, e perdeu a mania do suicidio.

[1] Notemos que *Estillo*, não vem de *estylo* (que tambem se escrevia—*estillo*—pena de ferro (ou punção) com que escreviam os antigos. Vem de *astil*, *astim*, *estim* ou *estil* (do latim *astile* ou *hastile*). Era uma medida agraria dos antigos, que tinha 25 palmos de comprido (5m,50).

Era uma vara ou *haste*. Provavelmente, por o pégo ter 25 palmos de profundidade, se lhe deu o nome de *Estillo*.

O valle em que está a capella é muito alegre, e povoado de vinhas, cearas e pomares. A egreja é de tres naves, e as suas paredes estão revestidas de muitos *milagres*, em reconhecimento dos recebidos. Era annexa á extincta freguezia de S. Pedro, da villa, e hoje pertence á de Santa Maria.

Antigamente havia na capella, duas missas quotidianas, mandadas dizer por Fernão de Souza Coutinho (irmão do 20.º arcebispo de Lisboa, D. João de Souza — vol. 4.º, pag. 275, col. 2.ª) da familia dos senhores de Gouveia, de Riba-Tâmega, origem da familia dos condes do Redondo, pois que o mesmo Fernão de Souza Coutinho, foi conde do Redondo, por ser herdeiro do 1.º conde d'este titulo, D. Vasco Coutinho, feito por D. João II, em 16 de março de 1486. (Vide *Redondo*.)

Pela instituição de um morgado d'esta casa, eram os seus administradores obrigados a mandarem dizer uma missa quotidiana; mas os condes do Redondo, levados da sua piedade, mandaram dizer duas. Tinham dois capellães, que residiam na villa.

Além das missas, os condes deram por varias vezes, ricos paramentos e alfaias a esta capella.

Consta que este morgado foi instituido por D. Jorge de Menezes (ascendente de Fernão de Souza e do referido arcebispo), em cumprimento de um voto feito á Senhora do Incenso, por o livrar de perecer em um temporal, quando hia para a India.

Em todo o anno concorre grande numero de romeiros a esta capella. O senado da camara de Penamacôr, por voto antigo, que fez, tem obrigação de hir em procissão a Nossa Senhora do Incenso, na 1.ª oitava da Paschoa da Resurreição, acompanhado do prior e clerigos da freguezia, e havendo então missa cantada, sermão e grande romaria.

Ainda em setembro de 1875, houve aqui uma esplendida festividade á padroeira. Foi o cumprimento de um voto, feito pela sr.ª D. Catharina Augusta Taborda Pignatelli (esposa do sr. Florencio Ferreira Galhardo, da villa de Penamacôr), a qual, estando perigosamente enferma, recorreu á protecção da Senhora, obtendo um prompto restabelecimento.

Assistiram a esta solemnidade, as principaes pessoas da villa, e grande concurso de povo. Foi orador, o padre Domingos Jorge Leitão, que em um brilhante discurso, demonstrou quanto é util nas adversidades da vida, recorrermos ao patrocinio da Rainha dos Anjos, sob qualquer invocação por que seja conhecida.

No fim da festa foi distribuido um excellente bôdo, pelos religiosos promotores d'esta esplendida festividade, que nunca esquecerá aos que a ella assistiram.

—

A esta mesma sr.ª (D. Catharina Augusta Taborda Pignatelli) foram concedidas, em janeiro de 1876, as duas minas de chumbo, chamadas—*do Meio*, e do *Morão*, d'este concelho.

—

A 6 kilometros de Penamacôr, ha a aldeia das *Aguas*, de uns 30 moradores.

A 300 metros d'esta aldeia, nasce debaixo de um rochedo, um manancial de agua, clara, com cheiro hepatico, na temperatura de 67 gráus F., ou 15 $^1/_2$ R.

Deixa, por onde passa, um deposito de lôdo cinzento escuro. São aguas sulphureas, que se applicam, com bom resultado, para varias molestias.

Não ha aqui estabelecimento algum thermal: os banhos tomam-se em uma pôça de um metro de altura, sem obra alguma de arte!

—

Justamente se ufana Penamacôr, por ser a patria de varões que inobreceram, pelas suas obras, a villa que lhes deu o ser, e o reino de Portugal. Citarei os principaes.

—

Doutor Antonio Nunes Ribeiro Sanches— Nasceu a 7 de março de 1699 (segundo diz o sr. Manuel Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes illustres*, foi a 7 de março de 1693).

Era filho de Simão Nunes e de Anna Nunes Ribeiro, ascendente dos marquezes de Nuno, que no seculo XVIII viviam em Roma.

Matriculou-se em medicina, na universidade de Coimbra; mas, sendo perseguido e a sua familia, por serem *christãos-novos*, te-

ve de fugir para Castella, e foi tomar o gráu de doutor em medicina, á universidade de Salamanca.

Depois de formado, viajou pela Europa, estudando sempre. Em Londres, ouviu as lições de Douglas; e as de Boerhaave, em Leyde. A este pediu a imperatriz Anna, da Russia, tres medicos que se tivessem distinguido pela sua sciencia, e o sabio hollandez lh'os mandou, sendo um d'elles, o nosso penamacorense.

Chegado á Russia, foi nomeado medico de Moscow; depois, membro da chancellaria de medicina, e physico-mór do exercito, fazendo, como tal, as campanhas de 1736 e 1737, com o famoso general Munich. Foi por fim nomeado 1.º medico da imperatriz, e seu conselheiro de estado.

Foi socio de muitas sociedades scientificas de Portugal, França e Russia.

Tanta consideração tributava a imperatriz Anna a este sabio portuguez, que determinou que o brazão d'armas de Ribeiro Sanches fosse decorado com a legenda

NON SIBI, SED TOTI GENITUM SE CREDERE MUNDO.

(Não entendeu que veio ao mundo para ser util a si, mas, para o ser a todos.)

Escreveu muitas obras, que se imprimiram, e ainda são muito estimadas.

Não gostando do clima da Russia, e receando as suas frequentes commoções politicas, sahiu do imperio, hindo estabelecer-se em Paris, onde chegou a soffrer privações.

Foi um eminente naturalista, e communicou muitas das suas experiencias e observações ao famoso *Buffon*, que as incluiu no seu livro, fazendo grandes elogios ao sabio portuguez.

Morreu em Paris, a 14 de outubro de 1783.

O celebre Vicq-d'Azyr, fez a necrologia de Ribeiro Sanches, que Filinto Elysio traduziu em portuguez.

Sebastião Antunes d'Azevedo, célebre antiquario, e auctor de algumas obras archeologicas, entre ellas, a *Geographia do Alemtejo*, que traz muitas antiguidades, sôbre tudo' com respeito á serra da Arrabida.

Domingos Antunes Portugal, famoso jurisconsulto, e auctor do *Direito civil portuguez*.

—

Houve em Penamacor, um juiz de fóra, chamado *Manuel Soares Caldeira*, que se tornou notavel pela sua originalidade e excentricidade das cartas que escrevia aos seus amigos e conhecidos.

Para amostra, transcrevo duas:

1.ª

Carta do juiz de fóra que foi de Penamacor Manuel Soares Caldeira, a um seu amigo de Lisboa

Sobrescripto.—«Ao sr. André Salgado—meu sr.—guarde Deus morador em Lisboa.—Nas casas dos bicos, com loja de bacalhau, tambem salgado.—Lisboa.»

Carta.—«Amigo velho. Dezejo-lhe saude, e boas contas de deve, e hade haver. Eu tenho passado mal das almoreimas, e tão constipado da cabeça, que tenho o nariz cheio de mormo, Deus louvado.

«Recebi a sua, que me diz tem em seu poder quinze moedas de seis e quatro, da venda do meu sal; guarde por lá isso para o gastar na terrivel praga, que me está a cair.

«Ha aqui um camelão de um tal recebedor, que me dizem ser feiticeiro (cruzes ao demo) e que teve a pouca vergonha de dizer, que me dão baixa do lugar por matuto.

«Ora veja amigo, se ha maior sem razão! Porque tive ha annos um ar (salvo seja) sou matuto! Mas se pegam as bixas, eu fico mamado; portanto vá vossemecê fallar a um letrado de fama, para me fazer un libello, em desagravo da parte offendida, que sou eu, e quando lhe pagar seja por quebrados, isto é, sempre metade do que elle pedir; porque esta peste da humanidade não tem meio termo, e querem sempre termo e meio, alem dos remedios.

«Ora como vossemecê lhe hade dizer alguma cousa a meu respeito, deve vossemecê dizer-lhe que diga elle no tal papel o

que aqui lhe digo: hade dizer que eu sirvo ha dois annos o logar á vontade de todos, e que não me importam as vidas alheias; nem entradas, nem saidas, nem mulher, nem burra, nem homem, nem cão, nem pobre com o seu pão. Que me desobrigo na forma da lei de cá, e de lá; aonde está a sua sobrinha defunta, e minha mulher ao presente, porque ainda não tenho outra, a sr.ª D. Brites (*Pater Nostre requiescant in pace.*) Diga vossemecê agora lá na loja—*Amen.*

«Ora pois como lhe hia dizendo, diga ao tal homem que eu nunca me enrabichei para faltar á justiça; o seu a seu dono: por exemplo, vem um, e diz, este homem furtou-me um pão, confessa o ladrão que é verdade, o dono leva o pão; se não confessa, e não ha testemunhas, parte se o pão ao meio, e leva cada um a sua metade; isto é administrar justiça como Salomão, metade a cada um, quando dois lhe chamam seu, sem provas.

«Será isto fazer mau lugar? Serei maluco por seguir o juizo de Salomão, o maior sabio da escriptura?

«Esta doutrina é purissima, é a mesma que seguiram os juizes do povo de Deus, até *Habacu;* e póde haver queixa contra um tal juiz que governa o seu povo, como os judeus foram governados!

«Ora diga-me vossemecê, se isto não é mais duro, que aquillo que se chama arma de boi? (Salvo seja) emfim, para que vossemecê lhe diga, e diga bem isto; diga-lhe, que sigo tanto á risca esta sábia doutrina, que, apparecendo-me em audiencia dois homens filhos da terra, dizendo-me ambos serem casados com uma só mulher, que estava presente (veja homem que miseria esta) perguntada a ré, respondeu outro sim sem tratar de costumes: Eu, sr. juiz de fóra, cazei ha doze annos, com este homem, tive carta que elle tinha morrido, e até attestado de morte; como fiquei desamparada, cazei então com este senhor, ambos me querem; e veja o sr. juiz com qual heide ir.

«Ora amigo, repare o que eu fiz, e diga se não fiz bem; mandei chamar occultamente o cortador do talho, e lhe ordenei diante de todos, que cortasse a mulher pelo meio, e desse metade a cada marido, e para evitar quizilias, esta parte é melhor, aquella é peior, ordenei tambem que a cortasse de alto a baixo, foi direito. Ha sentença mais bem proferida? Vossemecê bem sabe que não.

«O resultado foi porem-se todos a rir, e fazerem vispere. Mas o julgado passou, e a acção da justiça ficou de pé.

«Aqui tem vossemecê a cousa como ella é; e diga mais ao letrado, que deixe claros no papel, para eu tambem borrar á minha vontade, se tiver para isso disposição; e diga tambem ao letrado, que digo eu que lhe dou licença para que elle diga em cauza, e ex-cauza, o que tenho dito.

«Ora adeus meu amigo, espero a sua no seguinte.— De vossemecê — Amante verdadeiro, *M. S. Caldeira.*

2.ª

Carta do juiz de fóra que foi de Penamacor, ao pintor Manuel Alves

«*Sr. Manuel Alves.*—Grande, e incomparavel amigo. Quem me dera ter voz de bozina para fazer chegar aos ouvidos de todo o fiel christão, a sua furibunda habilidade; fallo dos primeiros quadros da minha encommenda, que devia ser encastoada em prata.

«Grande pincel é o seu, e muito mais é admiravel o pau da sua broxa. Que sombras tão claras! Calem-se já as pinturas de Alexandre (como diz o Camões) á vista das suas pinturas; e é verdade, porque Alexandre ao pé de vossemecê, era um bisborria.

«Consta pela sua historia, que quanto fez borrou. Grande pintura é o quadro da Besta, com as suas sete cabeças, e os seus dez chavelhos, porém, apezar d'elles serem de valor, pela antiguidade, a sua obra o deixou de rastos; porque as cabeças sahindo todas da barriga da besta, tudo eram cabeças; mas vossemecê pintou cabeças, corpos com os seus pez, e com seus braços. Forte obra, forte obra.

«Comtudo meu amigo, ainda que admire

o prestimo da sua mão direita, lamento tambem alguns lapsos do seu movimento nervoso, porque ninguem as calça que as não enchovalhe, e vossemecê não ficou livre de este pecado original do pobre mundo; mas tudo tem remedio, se vossemecê me quizer fazer aqui as emendas, que ainda que poucas são fataes, e em partes fracas. Eu pago as despezas que fizer com ellas, transito, entrada, e saida outra vez para essa.

«O caso é este, o quadro em grande que representa o meu recebimento com a illustre defunta, a minha mulher, e por comcomitancia tambem juiza de fora d'esta villa, é rica peça, tudo alli é raro, e creia vossemecê que o célebre *Pexincha, Porotini, Cameloni, Chalxichone*, e *Macarroni*, pintores de grande fundo e vulto, do seculo passado, dariam um olho ao demo, se tivessem o seu colorido, e escorido.

«Mas tornando á emenda, hade ser feita no vestido da invizivel minha defunta espoza, que anda lá por cima, sabe Deus como.

«No tal vestido côr de goivo, como lhe ordenei, fez vossemecê um tal sombriado, ou manchas ....

....

....

....

....

....

....

....

....

«Mande a conta de tudo que sempre para amostra do meu animo, irá mais uma de seis. Recommendo-lhe que me faça a collecção toda; porque estes camaristas do inferno, querem ver-se em grande quadro posto á vergonha de todos, visto elles não terem nenhuma.

«Aqui fico esperando a sua palinodia, e apparelhos, para a emenda do que nunca foi emendado.

«A cama ja está feita, para o seu descanço, e não se demore, porque o tempo é optimo, tenho boa carne de porco, e bom chouriço, para os amigos, como nutrimento proprio, para puxar a pinga, com a qual fico no olho da cara, saudoso pelo momento desejado, em que nos meus braços tenha o insigne fabricante de tantas creaturas escriptas, e escarradas no grande quadro, que deixa a um canto o painel da Misericordia.

«Por ultimo lembro-lhe que sou homem branco, e que tenho dinheiro, que o quero gastar nas artes, mas só nas naturaes; as outras que nunca cá viessem, não se perdia nada; de que serve um gaiteiro, um organista, um trombeteiro, e um timbaleiro, senão de atormentar as nossas cabeças?

«Todos estes belindráos dizem que são artistas; pois que leve a todos a breca, e a vossemecê, a quem venera *in peto il cor;* isto é italiano, e quer dizer que a seu respeito tenho o coração todo preto, e é assim; porque sendo preto côr fixa, eu o sou de vossemecê, amigo fixo, e sem tarraxa.—*M. S. Caldeira.*»

—

Havia em Penamacor (e não sei se ainda ha—pelo menos, em 1828—anno em que lá passei o entrudo, ainda havia) o antigo costume de *chorar o entrudo.*

Uns poucos de individuos (pela maior parte ociosos) tomavam desde um até outro entrudo, apontamentos de todos os factos que julgavam dignos de nota, e que ridiculisavam os que n'elles haviam tomado parte. (Muitas vezes mesmo factos escandalosos ou injuriosos, se os *choradores* eram grosseiros ou gostavam do escandalo.)

Em uma noite do entrudo seguinte, juntavam-se uns 10 ou 12 d'estes *choradores*, trepando a um telhado, muro ou qualquer imminencia, fronteira á casa do *chorado*, dizia um d'elles, com voz lastimosa e plangente—«Oh fulano! lembras-te d'aquelle dia (ou d'aquella noute) pelas tantas horas, que fizeste. . . . isto ou aquillo—ou—que te fizeram—isto ou aquillo?» etc.—respondiam os outros, em côro:

«E' verdade! E' verdade! E' verdade!

D'aqui passavam a outra parte, a repetir a mesma lamuria, com respeito a outros factos.

E' a isto que chamavam *chorar o entrudo.*

Os *choradores*, hiam sempre armados; porque nem sempre os *chorados* tomavam

em graça a *choradeira*, e por muitas vezes houve serias desordens.

Alguns dos *choradores*, principiavam esta insulsa brincadeira, chorando-se a si mesmos; mas, bem entendido, n'este caso, só contavam casos que fizessem rir, e nunca aquelles que os ridiculisassem ou desacreditassem.

PENAS JUNTAS ou **PENHAS JUNTAS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (até 1855, comarca de Bragança, concelho de Vinhaes) 70 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administratiuo de Bragança.

A casa da Bragança apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

O abbade apresentava o cura de Ervedosa.

A esta freguezia estão annexas as de — *Brito*, *Eiras-Maiores* e *Felgueiras*.

—

A differença de *Pena* ou *Penha*, é porque antigamente se escrevia *Peña*, e uns pronunciavam *Pena* e outros *Penha;* mas, ambas as coisas vem a significar o mesmo; ainda que é mais etymologico dizer-se *Peña*, do cantabrico *Pen* ou *Penn*.

—

E' povoação antiquissima, e já existia como parochia, em 1288, pois que no foral que D. Diniz deu, a 5 de julho d'esse anno, á villa de Ervedosa (vol. 3.°, pag. 49, col. 2.ª, no fim) se trata já da freguezia de Penas Juntas, como confinante d'aquella villa.

Proximo ao logar de Penas Juntas, ha um monte, formado de muitos rochedos (o que dá o nome á povoação) onde, segundo a tradicção, existiu um castello, em tempos remotissimos.

E' certo haver alli vestigios de muros, calçadas, tanques, e uma galeria subterranea, que tem mais de 6 kilometros de comprido; mas está muito entulhada.

E' terra fertil e saudavel.

Cria bastante gado de toda a qualidade, e é abundante de caça, grossa e miuda.

Nos fins de julho de 1874, uma terrifica trovoada ãtravessou o concelho de Vinhaes.

A enchente do rio *Lomba*, deixou assignalada a sua passagem, com a destruição completa de uns poucos de moinhos.

Proximo da povoação de *Valle de Janeiro* (a 12 kilometros de Vinhaes) uma descarga electrica reduziu a um montão de cinzas, a ermida de Nossa Senhora da Saude, situada no cume do *sêrro de Penhas Juntas*.

Nada escapou á voragem das chammas, senão as paredes calcinadas.

—

Foi abbade d'esta freguezia, D. José Maria Alvares Feijó, que nasceu em Freixo d'Espada á Cinta.

Era filho de paes pobres.

Foi para o convento da ordem terceira de S. Francisco, de Miranda do Douro, onde professou.

Expulso em 1834, foi para a universidade de Coimbra, sem outros recursos mais do que a pensão de *egresso*, que o governo lhe pagava intermitentemente.

Formado em direito, retirou-se para casa de seus paes, e alli se entregou ás lides do foro e do pulpito.

Foi depois feito professor do seminario de Bragança, e feito abbade de *Penas-Juntas;* mas renunciou esta abbadia, por ser apresentado conego da Sé da mesma cidade, e pouco depois vigario capitular, e depois, vigario geral, e deputado ás côrtes, e por fim chantre da mesma Sé.

Foi nomeado bispo de Macau (China) mas não se realisou a sua confirmação, por ser, antes d'isso, transferido para a diocese de Cabo Verde (Africa) para onde, depois de sagrado, partiu, a 19 de dezembro de 1866; porém dando-se mal com o clima doentio d'aquellas paragens, se achou gravemente doente, pelo que, depois de 8 mezes de prelatura alli, regressou a Portugal, em agosto de 1867.

Nunca mais teve saude; mas, apezar d'isso, foi assistir ao concilio ecumenico do Vaticano, em 1869; e, regressando ao reino, se achou apresentado bispo dos Açôres; mas tambem se não effectuou este despacho, por

ser pouco depois apresentado bispo de Bragança, sendo confirmado.

Falleceu n'esta cidade, e no seu paço episcopal, ás 11 e tres quartos da noite de 7 de novembro de 1874.

PENAS ROYAS — villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mogadouro, 35 kilometros de Miranda, 435 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 58 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O prior do Mogadouro, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' povoação antiquissima, e foi por muitos annos cabeça do concelho do seu nome.

D. Affonso III lhe deu foral, em Santarem, a 27 de dezembro de 1272. (*L.º de doações de D. Affonso III*, fl. 118 v., col. 1.ª)

O mesmo rei lhe deu outro foral, tambem em Santarem, a 18 de novembro de 1273, confirmanda e ampliando os privilegios do primeiro. (Gav. 18, maço 3, n.º 9.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de maio de 1512. (*L.º de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 11 v., col. 2.ª)

Tem as ruinas de um castello antiquissimo, cuja fundação uns attribuem aos mouros, outros (e é mais provavel) aos templarios, que eram senhores de Penas Royas.

Pela extincção d'esta ordem em 1311, passou para a corôa, e em 1319, o rei D. Diniz, deu a commenda de Penas-Royas, e tudo quanto era dos templarios, á ordem de Christo, então creada.

(Para evitarmos repetições, vide *Alemquer*, *Mogadouro* e *Thomar*.

O termo de Penas-Royas, comprehendia seis parochias, e todas formavam uma rendosa commenda da ordem de Christo, da qual eram commendadores os marquezes de Tavora, que a possuiram até 1759, em cujo anno, com a vida, no patibulo em Belem, perderam todos os seus bens, dignidades, titulos e privilegios. (Vide *Chão-Salgado*.)

Passou á commenda para a corôa, onde esteve até 1834, sendo então, como todas as outras, supprimida para sempre; pois que os commendadores feitos desde então, se tornaram titulos *ôcos*—isto é—sem commenda—ou, por outra—hoje *commenda* significa o *crachá*, e nada mais.

O concelho de Penas-Royas, foi creado por D. Sancho I.

Em 1285, a quinta de *Azinhoso de Jusão*, pertencia a este concelho.

Foi o rei D. Diniz e sua mulher, a rainha Santa Isabel, e seus filhos, os infantes D. Affonso (depois rei, 4.º do nome) e D. Constança, que doaram de novo, aos templarios, os padroados das egrejas de S. Mamede, do Mogadouro, e de Santa Maria, de Penas Royas, *com todas as suas capellas e ermidas* [1] *(menos a de Nossa Senhora de Azinhoso) direitos e pertenças; por consentimento* de D. Martinho, arcebispo de Braga.

Isto, por carta regia, datada de Coimbra, em 25 de maio de 1297. (Vide *Azinhoso*.)

Os templarios, só 13 annos possuiram esta commenda.

—

Notemos que, em 1197, fez D. Sancho I, ao mestre do Templo, D. Lopo Fernandes, nova Doação de Idanha Velha; e em 1199, lhe doou a *grande herdade da Açafa* (que é hoje a villa e termo do *Rodam*, de ambas as margens do Tejo.)

Esta doação, foi feita *não só pelo amor de Deus e pelos grandes serviços que os templarios tinham feito á patria; mas tambem, em troca das egrejas do Mogadouro e Penas Royas: para que os cavalleiros do Templo, a povoem* (Açafa) *e aforem, como bem lhes parecer.*

Os templarios, já haviam cedido á corôa, os castellos do Mogadouro e Penas Royas, e

[1] Por capellas, entende-se aqui *curatos* ou *capellanías*.

Eram as seis pequenas parochias, que constituiam o termo da villa, e que os marquezes de Tavora apresentavam.

aqui cederam lhe tambem as egrejas; que D. Diniz e sua mulher e filhos, lhes restituiram, em 1297.

PENAS ROYAS—freguezias, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 36 kilometros de Miranda, 440 ao N. de Lisboa.

Em 1757, tinha 27 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O padroado real apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia está desde o principio do seculo XIX annexa á antecedente, formando ambas, uma so parochia.

PENASCAES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, 20 kilometros ao N. de Braga, 65 ao N. do Porto, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

E' terra fertil, muito gado, e caça grossa e miuda.

PENÇALVOS ou **PENSALVOS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 65 kilometros ao N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa.

Tem 135 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago, Santa Eulalia,

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

Terra fertil em cereaes, e cria bastante gado, de toda a qualidade. Caça.

PENCÊLLO ou **PENSÊLLO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 14 kilometros ao N. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757 tinha 189 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

E' terra fertil, e cria muito gado bovino.

Os antigos escreviam sempre *Pensalvos* e *Pensêllo*, e era mais etymologico. Vide *Pensar.*

PENDILHE—freguezia, Beira Alta, concelho de Fraguas, comarca de Castro Daire (foi até 1855, do mesmo concelho, comarca de Moimenta da Beira) 20 kilometros de Lamego, 300 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757 tinha 88 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade,, que tinha 300$000 réis de rendimento.

E' povoação muito antiga, foi villa, e já era freguezia em 1292. Vide *Pena Jóia.*

E' terra fertil. Muito gado e caça.

Em agosto de 1873, houve no logar de Pendilhe, um pavoroso incendio, que destruiu 23 moradas de casas, reduzindo á miseria, muitos dos seus moradores.

PENDORADA ou **PENDURADA**—vide *Alpendurada.*

PENÊDA (Nossa Senhora da)—Minho, na freguezia do Salvador da Gavieira.—Vol. 3.º, pag. 261, col. 2.ª, no fim.

30 kilometros a E. de Ponte de Lima e 8 ao S.O. da raia, se estende a serra de Suajo (ramo do Marão) com o seu famoso *pico da Gaviarra,* e as suas differentes ramificações,

E' formada de penedias alcantiladas, fundos bréjos e inaccessiveis brenhas, que alternam com mattas impenetraveis, cobertas de neve, a maior parte do anno.

E' sitio tão invio e fragoso, que ainda no principio do seculo XVIII, por entre estes penhascos abruptos, viviam tribus semi-selvagens, sem obediencia ás auctoridades, e reduzindo-se todos os seus tributos, a pagarem annualmente ao rei, cinco cães, sabujos.

Os habitadores d'estes sitios, são duros como as suas brenhas, e bravios, como as suas arvores.

Ainda hoje, em qualquer convulsão politica (como aconteceu em 1846) se os povos de Suajo sahem dos seus penhascos, arrojando-se aos valles e povoações, são uns alliados terriveis contra a auctoridade estabelecida, se os fizeram acreditar na imposição de novos tributos, ou augmento dos antigos.

Entre o logar da *Gavieira* (antigamente *Gravieyra*) e o do *Crasto*, a 30 kilometros da villa de Suajo (ou Soajo) está um alto monte, formado de monstruosos penedos, parecendo para alli arremeçados por mãos de gigantes, e ameaçando com a sua queda imminente, o sopé da montanha.

Entre estes penedos, se vêem tres, dispostos de maneira, que formam uma lapa ou gruta; porque sobre dois perpendiculares, distantes alguns metros um do outro, assenta outro, de tão enorme grandeza, que se vê a 6 kilometros de distancia.

Foi n'esta lapa que appareceu a imagem de *Nossa Senhora das Neves*, ou *da Penêda.*

Eis a sua lenda:

Em 5 de agosto de 1220, uma joven serrana, pastoreava o seu rebanho, de cabras, por entre aquelles penedos, quando uma pomba principiou a esvoaçar em volta da pegureira. Era a Santissima Virgem, que tomára a fórma d'aquella terna e formosa ave, para lhe dizer que queria aqui ter um templo.

Quando á tarde a rapariga se recolheu com o seu rebanho, contou aos paes o que lhe tinha acontecido, mas elles não lhe deram credito.

No dia seguinte, estando a pastora junto á lapa, viu n'ella, não a pomba, mas uma imagem da Senhora, que lhe disse—«*Já que te não acreditaram, minha filha, vae ao logar de Roussas* (da mesma freguezia da Gavieira) *e dize aos moradores, que tragam aqui uma mulher que está entrévada ha 18 annos, chamada Domingas Gregoria.*»

A menina obedeceu, e o povo trouxe a doente, que, apenas viu a santa imagem, ficou com perfeita saude.

Commovidos por tal maravilha, decidiram logo construir um altar á Santissima Virgem, mas, como aquelle sitio era em demasia agreste e alcantilado, principiaram a obra, em sitio menos aspero, distante uns 400 metros da lapa, e junto de uma ribeira que desagúa no Lima.

Collocada a imagem no seu altar, era este achado sem ella, no dia seguinte, por ter fugido para a lapa. Tantas vezes se repetiu isto, quantas a imagem foi posta no altar; pelo que resolveram erigir uma nova capella, no logar do apparecimento, aplanando quanto foi possivel as immediações da lapa, e fazendo uma vasta ermida, com sua capella-mór, e com capacidade para mais de 300 pessoas.

Está é a lenda mais geralmente admittida; porém o padre Carvalho, traz outra na sua *Chorographia* — é a seguinte:

Um criminoso, natural de Ponte do Lima, para escapar á acção da justiça, e ao justo castigo dos seus crimes, fugira para estas brenhas, e alli, arrependido d'elles, não cessava de pedir perdão a Deus, e invocar a protecção da Virgem; que, commovida do seu arrependimento e penitencia, lhe appareceu na tal lapa.

Em tudo o mais, concorda com a lenda antecedente.

A imagem da Senhora, é de pédra, de boa esculptura, não tendo mais de $0^{m},30$ de alto, e com o Menino Jesus ao collo.

Não é pintada, mas vestida, como ás imagens de *rôca.*

As festas da Senhora da Penêda (sempre concorridissimas) principiam a 5 d'agosto—dia de Nossa Senhora das Neves, e duram até ao S. Lourenço, a 10—dia em que aqui vem grande numero de romeiros da Galliza e de outras terras.

N'esse mez, perde o sitio grande parte da sua aspereza, por estar assombrado de frondosos arvoredos, regados de numerosas fontes, de agua purissima.

A povoação mais proxima do templo, é a da Gavieira, a cuja freguezia pertence, e que fica a 6 kilometros de distancia.

Por detraz da capella havia, em 1677, um grande castanheiro (com $4^{m},6$ de circumferencia); e junto ás portas, um freixo mons-

truoso, mostrando qualquer d'estas arvores, mais de 400 annos de existencia.

O legendario S. frei Pedro Gonçalves (São-Telmo—ou Santelmo, que falleceu em 1246), padroeiro da cidade de Tuy, na Galliza—em frente da nossa praça de Vallença—tinha grande devoção com esta Senhora, e vinha aqui descançar das suas fadigas apostolicas, e encommendar-se ao seu valioso patrocinio.

Junto á capella ha uma casa, com sua horta, onde por mais de 400 annos residiu um eremitão, que cuidava da Senhora e do templo.

—

Suppõe-se que esta imagem foi escondida na gruta, pelos annos 716 ou 717, para escapar aos ultrajes dos arabes.

O povo d'estes sitios, crê que ainda na lapa existe, invisivel, o berço em que a Virgem deitava o Menino adormecido, e que, em uma lagem perto da gruta, estendia a sua roupa. Estas tradições, não serão da approvação dos *sabios;* mas deleitam os corações christãos, pela sua doce poesia.

—

Ha por aqui aguias, buffos, guinchos, e outras aves, com seus monstruosos ninhos por entre os rochedos, ou sobre os alcantis.

Desde a Paschoa, até setembro, tempo em que a neve desapparece, são constantes as romarias á Senhora da Penêda, deixando-lhe grande numero de offerendas e avultadas esmolas (que todos os annos excedem a um conto de rs.) o que tem concorrido para aformosear e enriquecer o templo, não cessando as obras, que já competem com as do Bom Jesus, de Braga.

Por um antigo costume, por cada missa cantada, que se dissesse n'esta capella, tinha o abbade de Suajo 60 réis. Como elle, além d'isto, quizesse presidir ás missas, travou-se contenda entre elle e a irmandade da Senhora, pelos annos de 1818.

Francisco Vieira Machado, da casa da *Coutada*, na freguezia do Bico, abbade de Vascões, e muito devoto de Nossa Senhora da Penêda, tomou conta da demanda, e mandou um requerimento, instruido com os respectivos estatutos, a D. João VI, então no Rio de Janeiro; e, obtendo alli bons empenhos, conseguiu que o rei, não só approvasse os estatutos, mas que se declarasse protector da irmandade. Assim terminou a demanda, e cessou a pretenção do abbade de Suajo.

—

Se não fosse a aspereza do sitio e os pessimos caminhos que para elle conduzem, sería o templo de Nossa Senhora da Penêda, o mais concorrido de toda a provincia do Minho, e de grande parte da Galliza.

As *luzes* do seculo XIX, longe de fazerem olvidar ou enfraquecer os sentimentos religiosos do bom povo portuguez, em geral, e em especial o da provincia do Minho, o teem augmentado—senão é vêr o desenvolvimento que em nossos dias teem tomado as obras dos sanctuarios de Nossa Senhora da Penêda, da Senhora do Porto d'Ave, da Senhora do Castro, a de Sameiro, e outras muitas; realisando-se assim a prophecia de que

AS PORTAS DO INFERNO JAMAIS PREVALECERÃO CONTRA A EGREJA DE DEUS.

PENEDO D'ALFARELLA—Traz-os-Montes (vide *Alfarella de Jalles*, vol. 1.°, pag. 114, col. 2.ª)

Proximo e ao N.E. da villa de Alfarella, está um penedo de forma espherica, com 3m,30 d'alto, assente sobre uma lagem nativa.

Tem buracos abertos a picão, indicando ter sido a sua circumferencia coberta com um telheiro, em tempos remotos.

E' tradição que antigamente faziam aqui audiencia, os juizes da terra, e que tambem servia de casa da camara.

Esta pedra, tem todos os indicios de ser uma *anta* celtica; mas o povo diz que foi uma ara romana.

E' certo que por estes sitios ha muitas antiguidades e inscripções dos romanos, o que dá fundamento a esta crença; mas, o mais provavel, é que elles aproveitassem o monumento pre-historico, convertendo-o em *fano* ou *ara* idolatra.

O povo d'Alfarella, tem este penedo em tamanha estimação, que, pretendendo quebral-o, em 1595, um tal João Lourenço, o

juiz, André Pinto d'Araujo, lh'o impediu, sob pena de 8 mil cruzados (3:200$000 réis) de multa.

—

Em junho de 1721, andando José Ferreira a lavrar, no sitio do *Gestal*, proximo ao logar de Moreira, d'esta freguezia de Alfarella, achou junto a umas fragas, por onde passa o caminho de carro, que vae de Moreira para Cidadélhe, uma lapide, de 1m,10 de comprido, por 0m,55 de largo, com a inscripção seguinte:

XXVII
V. DIS. MA-
NIBUS ECO
FLACILII
MORSASO
SUI FILIO RE-
BURRO.

(Aos deuses manes—Flacilio fez esta sepultura, para seu filho, Eco Morsaso Reburro, fallecido na edade de 27 annos.

José Ferreira a partiu—pela 4.ª linha—para a empregar em algum valladô; mas, Antonio de Souza Pinto, socio da academia real de historia portugueza, com ordem do marquez d'Alegrete, e por auctoridade judicial, compeliu o lavrador a entregar a pedra, que foi remettida ao mesmo marquez.

Por essa occasião, foi Souza Pinto ao sitio do achado, e alli se encontrou grande quantidade de carvões, alguns tão grossos como trancas, grande quantidade de grandes e grossos pregos, de ferro; algumas *misagras* (quicios) tambem de ferro; e muitos vasos, de varios tamanhos, uns vazios, outros cheios de terra, carvões miudos, e um pó branco, que parecia cinza d'ossos.

Tambem se acharam muitos copos de vidro branco e fino, de differentes tamanhos e grossuras; muitas bacias de barro, e uma caldeira de cobre, pequena, com uma asa, do mesmo metal.

A maior parte d'estes objectos estavam dentro de arcas, formadas por quatro lagens, *sem obra d'arte*, e a 60, 80 e 105 centimetros abaixo do solo.

Muitos d'estes vaos, tinham exteriormente gravadas duas espadas (ou cousa semelhante, porque eram riscos muito toscos.)

Estes achados induzem a crer que houve aqui um numero maior ou menor de *mâmoas* celticas (sepulturas) já então havia muito tempo arrazadas pelo povo, em busca de *thesouros encantados*; e que depois, no tempo do dominio dos romanos, foi jazigo de um ramo da familia Reburro, e d'outras familias romanas.

—

Logo abaixo do logar de Cidadélhe, n'esta mesma freguezia de Alfarella, por cima do rio Tinhélla, que lhe passa a uns 300 ou 400 metros ao N., no alto de um monte, sobranceiro ao mesmo rio, estão as ruinas de um vasto e forte castello, construido de bôa e bem lavrada cantaria, tendo ainda, em partes, mais de trez metros de altura, com vestigios de portas de arco, para o lado do rio, e para o sul.

Ha tambem vestigios de uma 2.ª muralha exterior, e fossos para este lado (S.) que precisava de maiores obras d'arte, por ser o unico ponto em que as fortificações não estavam defendidas pela inaccessibilidade do sólo.

Suppõe-se que isto é obra romana, pela perfeição da cantaria, pois que os antigos lusitanos e os arabes construiam toscamente as suas fortalezas.

A 3 kilometros d'estas ruinas, ainda no termo de Alfarella, está a grande valla, que já descrevi em *Pedroso*.

PENEDO DE GÓES—Douro, monte alcantilado (ou, melhor, penhasco) elevadissimo, ao sul da villa de Góes, de fórma pyramidal, e que se vê a muita distancia; ficando-lhe ao S.O., o monte de *Santo Antonio da Neve*, onde existem as *neveiras* (póços onde se guarda a neve natural) que em todo o verão abastecem as principaes cidades do reino.

Ao N. da villa, fica a serra do *Vieiro*, e ao E. a de *Cadafaz*. Vide *Góes*.

PENEDO DA MEDITAÇÃO—Douro, arrabaldes de Coimbra.

Não me é possivel fazer d'elle uma mais bella descripção do que a do sr. Augusto

Mendes Simões de Castro, no seu *Guia historico do viajante em Coimbra, e seus arredores*—ei-la:

«Ha nas proximidades de *Cellas*, e para a direcção de Coselhas, um sitio, em extremo pittoresco e assaz celebrado pelos poetas: é o *Penêdo da Meditação*.

Como o da *Saudade*, acha-se o Penedo da Meditação desprovido dos adornos da arte, mas, em bellezas naturaes, é tambem, como aquelle, assáz mimoso e abundante.

A paisagem, variada e encantadora que se dilata em frente do Penedo da Meditação, é que faz apreciavel este sitio, e lhe dá justa celebridade. Comprehendido por dilatado horisonte, divisam d'alli os olhos, o mais deleitoso quadro.

Avistam-se, em bellissimo conjuncto, serras agigantadas, collinas e outeiros, cobertos de frondozos bosques, ora de pinheiros, com a sua rama verde-escura, ora de bastos olivedos; casinhas alvejantes, sobresahindo aqui e alli, por entre a ramagem; varzeas mimosas, prados de luxuriosa vegetação; e aos pés do observador, no fundo de escarpada encosta, um ameno valle, dividido por um pequeno ribeiro, que realça immenso, os encantos da paisagem.

Este tão delicioso logar, é muito frequentado pelos academicos, que se comprasem em hir contemplar aquelle formoso panorama, e em passar alli algumas horas de socegado scismar.»

PENEDO DA SAUDADE — vide pag. 395, col. 1.ª, do 5.º volume.

PENEDO DO PADRÃO—vide *Ayre*, serra.

PENEDONES—vide *Montalegre*.

PENEDONO—villa, Beira Alta, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de S. João da Pesqueira (foi da comarca de Méda) 40 kilometros ao O. de Pinhel, 40 de Lamego, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 250 fogos.

Em 1757, tinha 125 fogos (em duas freguezias, como adiante direi.)

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Até ao principio d'este seculo, tinha a freguezia de *S. Pedro, apostolo* (a que existe) cujo abbade tinha de rendimento 270$000 réis, e era apresentado pelo padroado real.

Tinha esta parochia em 1757, 50 fogos.

O Salvador—Era tambem o padroado real que apresentava o abbade, o qual tinha 160$000 réis de rendimento.

Tinha esta freguezia em 1757, 75 fogos.

Está annexa á antecedente.

O concelho de Penedono, é composto de 9 freguezias, todas no bispado de Lamego—são:

Antas, Bezelga, Castainço, Granja, Ourosinho, Penedono, Penella, Póvoa, e Souto—todas no bispado de Lamego, e com 1:700 fogos.

O julgado de Penedono, foi supprimido (ficando só a existir o concelho) por decreto de 23 de dezembro de 1873.

D. Sancho I lhe deu foral, em 1195, o qual foi confirmado por D. Affonso II, em Trancoso, no mez de outubro de 1217. (Maço 7 de foraes antigos, n.º 6—Maço 12 dos mesmos, n.º 3, fl. 4, col. 1.ª—e no *L.º de foraes antigos de leitura nova*, fl. 50, col. 2.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 27 de novembro de 1512. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 31. col. 2.ª)

O primeiro nome que se conhece a esta villa, é o de *Pena de Dono*, e é como está escripto em todos os documentos antigos.

Diz-se que o seu nome é contracção de *Peña-Donosa* (Penha donairosa, alegre, etc.) E' mais provavel que seja mesmo *Pena de Dono*—isto é—*Penha do Senhor*.

Está a villa edificada sobre um alto monte, e é, com toda a certeza, povoação muito mais antiga do que a nossa monarchia, pois que, em 960, eram os castellos de *Penadedono, Trancoso, Moreira, Vacinata, Langrobia, Alcóbria, Semorzelli, Naumam*, e outros, propriedade de D. Flamula, como consta do seu testamento, feito nesse anno. (*Livro 1.º de D. Mumadona, de Guimarães*, fl. 7.) Vide *Numão*. (Vide *Caria* (a 2.ª), *Langroiva*, e a 2.ª *Penella*.)

Tem um castello, que foi muito forte em outro tempo, e está hoje em ruinas.

Dentro do castello existe uma torre, ain-

da bem conservada, onde está o relogio da villa.

Foi seu alcaide-mór, Pedro Alvares Cabral de Lacerda, descendente de D. Fernando Affonso Correia, senhor de Farellães e de Valladares; como se vê no *Registo*, de D. João I. Teve um filho natural, chamado Antonio Correia.

Foi filho d'este, Payo Correia; neto, Antonio Correia (casado com D. Maria da Fonseca) o qual, sendo corregedor de Vianna do Alemtejo, fundou o convento de Santa Anna, d'esta villa, em 1566.

—

O territorio d'este concelho é abundante em cereaes, produz muito bom vinho, fructas e legumes.

Cria muito gado, de toda a qualidade; e nos seus montes ha muita caça.

A villa nada tem de notavel, senão a sua historia e tradições, e as ruinas de alguns edificios, que nos revelam a antiga importancia d'esta povoação.

—

Com justiça se ufana esta villa de ser a patria do legendario Alvaro Gonçalves Coutinho (o *Magriço*) immortalisado por Luiz de Camões, nos seus *Lusiadas*, e do qual diz:

No tempo que do reino a rédea leve
João, filho de Pedro, moderava;
Depois que socegado e livre o teve
Do visinho poder que o molestava;
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A féra Erinnys, dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

Entre as damas gentis, da corte ingleza,
E nobres cortezãos, acaso um dia
Se levantou Discordia, em ira accesa,
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortezãos, a quem tão pouco pésa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem, que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha para ser damas.

E que se houver alguem, com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles, em campo raso, ou estacada,
Lhe darão feia infamia, ou morte crua.
A femenil fraqueza, pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos e parentes.

Mas, como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas como devem.
Com lagrimas formosas e bastantes,
A fazer que em soccorro os deuses levem
De todo o Ceu, em rostos de alabastro,
Se vão todas ao duque de Alencastro.

Era este inglez potente, e militára
Com os portuguezes já, contra Castella,
Onde as forças magnanimas provára
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos n'esta terra exp'rimentára
Namorados affeitos, quando n'ella
A filha viu, que tanto o peito doma,
Do forte rei, que por mulher a toma.

Este, que soccorrer lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz—«Quando o direito pretendia,
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tão divinas,
Que elles sós poderiam, se não érro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

E se, agravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas e polidas,
Do vosso agravo os façam sabedores.
Tambem por vossa parte, encarecidas,
Com palavras d'affagos e de amores,
Lhe sejam vossas lagrimas, e eu creio,
Que alli tereis soccorro e forte esteio.»—

D'est'arte as aconselha o duque esperto,
E logo lhe nomeia doze fortes;
E porque cada dama um tenha certo,
Lhe manda que sobre elles lancem sortes;

Que ellas só doze são: e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada uma escreve ao seu, por varios modos,
E todas ao seu rei, e o duque a todos.

Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a corte alvoroça a novidade:
Quizera o rei sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a regia magestade.
Qualquer dos cortezãos, aventureiro
Deseja ser, com férvida vontade;
E só fica por bem-aventurado
Quem já vem pelo duque nomeado.

Lá, na leal cidade d'onde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem se os doze, em tempo breve,
D'armas e roupas, de uso mais moderno,
De élmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavallos e concertos de mil côres.

Já do rei, tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado,
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foram do duque inglez exprimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro, destro ou exforçado;
Mas um só, que *Magriço* se dizia.
D'est'arte falla á forte companhia:

«Fortissimos consocios, eu desejo,
Ha muito já, de andar terras estranhas,
Por ver mais aguas, que as do Douro e Tejo,
Varias gentes e leis, e varias manhas.
Agora, que apparêlho certo vejo
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixaes, hir só por terra,
Porque eu serei convosco em Inglaterra.

E, quando caso fôr, que eu impedido,
Por quem das cousas é ultima linha,
Não for convosco, ao praso instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mim fareis o que é devido;
Mas, se a verdade o esp'rito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
Não farão que eu comvôsco lá não seja.»

Assim diz; e, abraçados os amigos,
E tomada a licença, em fim se parte:
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Logares, que ganhára o patrio Marte;
Navarra, com os altissimos perigos
Do Pyreneu, que Hespanha e Gallia parte:
Vistas, em fim, de França as cousas grandes,
No grande imperio foi parar de Frandes.

Alli chegado, ou fosse accaso, ou manha,
Sem passar, se deteve muitos dias;
Mas dos doze a illustrissima campanha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados da Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias:
Do duque são, com festa, agasalhados,
E das damas, servidos e animados.

Chega-se o praso, e dia assignalado,
De entrar em campo já, com os doze inglezes,
Que pelo rei já tinham segurado:
Armam-se d'élmos, grêvas e de arnêzes:
Já as damas tem, por si, fulgente e armado,
O Mavorte feroz dos portuguezes:
Vestem-se ellas de côres, e de sedas,
De ouro e de joias mil, ricas e ledas.

Mas, aquella a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha—com tristeza
Se veste, por não ter, quem nomeado
Seja, seu cavalleiro n'esta empreza:
Bem que os onze apregoam que, acabado
Será o negocio assim, na côrte ingleza,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dois ou trez dos seus, falleçam.

Já n'um sublime e publico theatro,
Se assenta o rei inglez, com toda a côrte
Estavam trez e trez, quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
De força, exforço, d'animo mais forte,
Outros doze sahir como os inglezes,
No campo, contra os onze portuguezes.

Mastigam os cavallos, escumando
Os aureos freios, com feroz sembrante;
Estava o Sol, nas armas ructilando,
Como em crystal, ou rigido diamante

Mas, enxerga-se n'um e n'outro bando,
Partido desigual e dissonante,
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a alvoraçar-se geralmente.

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço,
Eis entra um cavalleiro que trazia
Armas, cavallo, ao bélico serviço.
Ao rei e ás damas falla, e logo se hia,
Para os onze, que este era o grão *Magriço*.
Abraça os companheiros, como amigos
A quem não falta, certo nos perigos.

A dama, como este era aquelle
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegra e veste alli, do animal de Helle
Que a gente bruta mais que a virtude ama.
Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os buliçosos animos, que inflamma.
Picam de esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

Dos cavallos o estrépito parece
Que faz que o chão de baixo todo treme,
O coração no peito, que estremece,
De os olhar, se alvoroça e teme.
Qual, do cavallo vôa, que não desce;
Qual, com o cavallo em terra dando, geme;
Qual, vermelhas as armas faz, de brancas;
Qual, com os penachos do élmo, açoita as ancas.

Algum, d'alli tomou perpetuo somno,
E fez da vida ao fim, breve intervallo;
Correndo algum cavallo vae sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo:
Cáe a soberba ingleza do seu throno,
Que dois ou trez já fóra vão do vallo.
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnêz, escudo e malha.

Gastar palavras em contar extremos
De golpes féros, cruas estocadas,
E' d'esses gastadores, que sabemos,
Máos do tempo, com fabulas sonhadas.
Basta por fim, do caso que entendemos,
Que com finezas altas e afamadas,
Com os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.

Recolhe o duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria:
Cosinheiros occupa e caçadores,
Das damas a formosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar á doce e cára terra.

Mas dizem que, com tudo, o grão *Magriço*,
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde um serviço
Notavel, á condessa fez de Frandes:
E como quem não era já noviço
Em todo o trance, onde tu, Marte, mandes,
Um francez mata em campo, que o destino
Lá teve de Torquato e de Corvino. [1]

—

O licenceado Manuel Correia, no *Commentario a Camões*, diz sómente, que *Magriço* e todos os doze cavalleiros de Inglaterra, eram da serra da Estrella, e logares situados pelas suas faldas.

Porém, segundo uma carta de *Confirmação*, do livro 3.º da chancellaria de D. João I, que traz frei Manuel dos Santos, na 8.ª parte da *Monarchia Lusitana*, á pag. 689, passada em Evora, no dia 6 de outubro de 1415, a favôr de Gonçalo Vaz (ou Vasques) Coutinho, pae do *Magriço*; em cuja carta se diz, que elle era natural de Penedono, e que sempre seus avós alli viveram.

Gonçalo Vaz Coutinho, era 7.º senhor do couto de Leomil, de Fonte-Arcada, e de outras muitas terras, de que lhe fez mercê D. João I, nas côrtes de Coimbra, de 1400: marechal do reino, alcaide-mór de Trancoso e Lamego, e copeiro-mór da rainha D. Philippa, mulher d'aquelle monarcha.

Era filho de Vasco Fernandes Coutinho, 6.º senhor do couto de Leomil, e meirinho-mór de Portugal, na Beira, no reinado de D. Fernando.

Morreu no principio da guerra, que D. João I (sendo ainda *mestre d'Aviz*) teve com

[1] Segundo a tradição, este brilhante feito d'armas (que muitos escriptores teem por fabuloso) teve logar, no anno de 1390.

Castella—e de D. Beatriz Gonçalves de Moura, filha de D. Gonçalo Vasques de Moura, o *Môço*, guarda-mór de D. Affonso IV, e embaixador a Castella, para tratar das pazes, com D. Affonso XI, e para conduzir a Portugal, a infanta D. Constança, filha do infante, D. João Manuel, primeira mulher do infante D. Pedro, depois rei, 1.º do nome.

Era neto de Fernão Martins da Fonseca Coutinho, 5.º senhor do couto de Leomil, (o primeiro que usou do appellido Coutinho) e de D. Thereza Pires Palha, filha de Pedro Eannes Palha.

—

Foi irmão de Alvaro Gonçalves Coutinho, o *Magriço*, D. Vasco Fernandes Coutinho, 8.º senhor do couto de Leomil, marechal do reino, e meirinho-mór.

Era um dos fidalgos de maior riqueza e respeito, do seu tempo, ao qual foi dado o pronome de *Dom*, e o senhorio da villa de Marialva, com o titulo de conde, por D. Affonso V, em 12 de outubro de 1440.

Tambem era irmão do *Magriço*, Fernão Coutinho, senhor de Pena-Guião, casado com D. Maria da Cunha, filha e herdeira de Fernão Vaz da Cunha, senhor de Celorico de Basto; por cujo casamento, passou este senhorio para os Coutinhos.

Não foi bastante, tão qualificada nobreza, que procedendo (desde o tempo de D. Affonso Henriques) de Garcia Rodrigues, rico-homem; e do tronco d'onde descendem as nobilissimas casas dos condes do Redondo, marquezes de Marialva, e outras das mais antigas e distinctas d'este reino; para que, assim como fizeram tão celebre o nome do *Magriço*, relatassem todas as suas brilhantes façanhas.

Muito pouco lhes devemos n'esta parte, e a antiguidade gastou a maior parte d'ellas. O que nos resta da biographia d'este portuguez heroico, é bastante duvidoso.

—

Foi *Magriço*, o chefe dos famosos *doze de Inglaterra*, e o que lá foram fazer, já fica dito pelo nosso immortal Camões.

Diz-se que, depois do combate e victoria contra os 12 cavalleiros inglezes — em casa do duque de Alencastro, e ao tempo dos nossos cavalleiros se sentarem á mesa, as damas quizeram deitar agua ás mãos dos seus respectivos campeões. Onze acceitaram cortezmente esta delicadeza; porém Magriço o não consentira á sua, porque, tinha elle tão basto cabello nas mãos, que se lhe não viam as unhas. Instado pela dama, lhe respondeu —«Sabei, senhora, que as minhas mãos, segundo as tenho, tão grosseiras e cabelludas, poderão sêr-vos molestas, e temo que vos causem desgosto.»—ao que a dama respondeu — «Antes, quanto ellas assim são mais fortes e valentes, devo eu laval-as com maior acatamento, pois me salvaram da deshonra e infamia, que, sem duvida, me era de maior desgosto.» — Então o cavalleiro consentiu que ella lhe deitasse a agua.

—

Esta formosa lenda, dos tempos cavalheirescos, não tem outra prova da sua veracidade, senão uma simples tradição, que o principe dos nossos poetas aproveitou para um bellissimo episodio do seu poema, e que varios escriptores, copiando-se uns aos outros, deram por verdadeira.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, na 2.ª *Tavola Redonda*, lembrando-se d'este feito, diz, a pag. 213 v., que eram 13 portuguezes, que D. João I mandou a Londres, para combaterem contra outros tantos inglezes.

D. Fernando de Menezes, conde da Ericeira, tem o facto como provavel.

Manuel de Faria e Souza, sustenta-o como verdadeiro, e diz que consta de um *papel antigo, e de muita fé*, cujo auctor não declara, nem copia o documento. Acho-o parecido com o desafio dos dez portuguezes de *Soeiro de Quinhones*. (Não lhe lembrou o dos doze contra 12, que vem no capitulo 163, da 2.ª parte da *Chronica de Palmeirim de Inglaterra*.)

—

Referem alguns escriptores, que Magriço teve um outro desafio, em Dunquerque, onde matou um allemão, chamado *Ranulfo*, de Colonia, para vingar a condessa, D. Leonor, de uma calumnia.

Outro em Orleans, matando em desafio a Mr. de Lancay, na presença do rei de França, tirando-lhe um collar de ouro que trazia

ao pescoço, e lançando-o ao seu, por memoria de ter por este feito livrado Flandres da sujeição á França, por fazer serviço á infanta D. Isabel (a famosa Mathilde, condessa de Flandres) filha do nosso D. João I, casada, em primeiras nupcias, com Philippe III, conde de Flandres e duque de Borgonha.

Se este facto foi verdadeiro, ou não teve logar em favor de D. Isabel, ou era já Magriço muito velho; porque, se o combate dos *doze de Inglaterra* é verdadeiro, teve logar em 1390; e, ainda que Magriço não tivesse então mais de 25 annos, tinha mais de 64 quando foi o desafio contra Mr. de Lancay; pois que D. Isabel casou em 1429.

Para evitarmos repetições, os que desejarem saber os nomes dos *doze de Inglaterra*, vejam o 2.º volume, pag. 223, col. 2.ª

—

Terminarei este artigo, com a estancia XII, do canto 1.º dos nossos *Lusiadas*.

Por estes [1] vos darei um Nuno fero,
Que fez ao rei e ao reino tal serviço!
Um Egas, e um D. Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cubiço.
Pois pelos doze pares, dar-vos quero
Os doze de Inglaterra e o seu *Magriço*;
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si, de Eneas toma a fama.

PENÊDOS DE FAJÃO — Douro. — A pag. 134, col. 2.ª do 3.º volume, fallei da villa e extincto concelho de Fajão: aqui darei mais algumas noticias, que recebi depois, e das quaes não quero privar o leitor.

O territorio do supprimido concelho de Fajão, é formado, na sua maior parte, de escabrosas serranias, sobre outras serranias ainda mais escabrosas; apenas amenisam estas montanhas alpestres e escalvadas, pequenos valles, e pequenas aldeias, na maior parte humildes e pobres, entalladas nos alcantis das montanhas, ou junto aos seus brejos e barrancos.

A villa de Fajão, que foi capital do concelho, fica a E.S.E. de Coimbra, e está edificada em um pequeno valle, na parte superior da encosta de uma ramificação da *serra da Rocha*, que aqui toma o nome de *serra de Fajão*, e dista de Viseu 60 kilometros; fica a egual distancia de Castello-Branco, e 48 da Covilhan e do Fundão—24 de Góes, e 18 de Arganil, de Cója e de Avô—e 15 de Pampilhosa. A villa tem apenas 60 fogos.

É certo que já em 1590 era villa, mas a povoação é antiquissima, com o mesmo nome que hoje tem, e que é o que os antigos davam ao *faisão*, ave gallinacia bem conhecida. (Se não vem de *Fójo*, cova de apanhar lobos; ou *olheiro* de agua.)

Foi antigamente da provedoria da Guarda.

Ha no seu termo, algumas fontes de aguas mineraes, taes são as de *Valle de Colmeias*, junto a Cavalleiros de Baixo—a das *Varellas*, perto da Castanheira—e a do *Cavallo*, na margem direita do Zêzere.

Era o concelho mais montanhoso de todo o districto de Coimbra, e póde dizer-se que o seu territorio se reduz a uma serie não interrompida de altos montes e profundos valles.

As principaes das alcantiladissimas serras que o atravessam, ou limitam, são—a da *Rocha* (e tambem chamada da *Cebôlla*, e *Serra Amarella*), que principiando no sitio *Aguas de Ceira*, segue quasi sempre na direcção de S.O., pelos concelhos de Góes, Pampilhosa, Alvares e outros, até proximo de Figueiró dos Vinhos, na extensão de 60 kilometros, pouco mais ou menos. O seu ponto mais culminante, é o *Picôtto*, proximo á povoação d'este mesmo nome. Esta serra, divide-se e sub divide-se em diversos braços, que tomam differentes nomes e direcções, sendo os principaes, o da *Ladeira*, ao E., que correndo, coroado de rochedos até ao *Amieiral*, abate aqui de repente, para dar passagem ao Zêzere; apparecendo da mesma altura, na margem opposta.

Os penêdos de Fajão, ao O., montanha notavel, pelas grandes maças de rocias de marmore, nuas e escarpadas, que vae precipitar-se repentinamente sobre o rio *Ceira*.

A *Cordilheira*, de enormes rochedos calcareos, elevados e inaccessiveis, que separam este concelho do da Pampilhosa pelo S. —Atravessa o Zêzere, e os concelhos de Oleiros, Sarzedas e Villa-Velha; córta o Tejo, se-

[1] Orlando, Rogeiro e Rodamonte.

gue pelo Alemtejo e vae entrar na Hespanha.

A serra do Açôr, que se destaca da Estrella, no mesmo sitio que a da Rocha, e com a qual corre parallela, na direcção de N.E. e S.O., e na extensão de 36 kilometros, até Cellaviza: entra pelos concelhos d'Avô, Cója, Arganil e Góes, dos quaes, em partes, separa o de Fajão, e toma os nomes de—*serra da Deguimbra*, do *Soiando*, e outros. Lança n'este concelho, os braços ou ramos da—*serra da Castanheira, Penêdo das Aguias, Cabeço do Soutinho*, e *Cabeço Vermelho.*

A temperatura d'estas serras, particularmente as mais elevadas, é summamente fria, e os seus cumes se vêem muitas vezes cobertos de neve, durante o inverno. O vento N.O., sopra com demasiada frequencia n'estas alturas, algumas vezes com grande violencia e frigidissimo, seguindo-se-lhe ordinariamente copiosa chuva. Ha dias, mesmo no estio, em que se experimentam, a 4 ou 5 kilometros, calores intensos, emquanto na serra se estão soffrendo os rigores de um desabrido inverno. Esta temperatura, e a natureza do terreno, extremamente desfavoravel á vegetação, tem estas montanhas condemnadas a uma perpetua esterilidade, e só á força de grande trabalho e despezas, se póde, em partes, colher algum fructo.

Os seus cumes são, na maior parte, desprovidos de arvoredo, e apenas alli medram mattos agrestes.

Nos seus profundos e estreitos valles e nas encostas menos desabridas, se encontram alguns castanheiros, pinheiros, medronheiros, e outras arvores silvestres.

É a agricultura pois em pequena escala, cria-se pouco gado, ha poucas colmeias; e mesmo são estas serras quasi desprovidas de caça miuda; mas, em desforra, ha por aqui bastantes lobos, rapozas, e mesmo javardos, ou porcos montezes.

Os productos agricolas, são—milho, batatas, feijão (pouco), alguma castanha, e pessimo vinho, a não ser o das margens do Zêzere e Céra, onde ha tambem algum azeite.

Ha n'este concelho diversas escavações, a que o povo chama *buracos dos mouros*—algumas, feitas a picão na rocha, que talvez fossem minas metalicas em lavra, pelos romanos ou arabes. Taes são as de *Sernalhoso*, ao pé de *Ceirôco*, a do *Valle do Ouro* (de chumbo e ouro) na serra da Fonte, já explorada pelos phenicios, o que se prova por algumas inscripções em caracteres punicos, gravadas nas rochas.

Os valles profundos que alternam estas montanhas, são regados por grande numero de fontes, córregos e ribeiros, e alguns pelo Zêzere; mas, se em geral fertilisam os campos, tambem, não poucas vezes, as suas torrentes, caudalosas e arrebatadas, arrastam na sua carreira vertiginosa, as terras vegetaes, reduzindo á miseria os seus proprietarios.

PENELLA—villa, Douro, cabeça do concelho do seu nome, na comarca e 21 kilometros da Louzan, 24 kilometros ao S. de Coimbra, 2 ½ do Rabaçal, 9 de Miranda do Corvo, 15 de Condeixa, 15 de Ancião, 18 de Figueiró dos Vinhos, 24 de Soure, 24 dos Pedrogãos (Grande e Pequenos), 190 ao N de Lisboa.

Tem 1000 fogos, em duas freguezias (Santa Eufemia e S. Miguel, archanjo, cada uma com 500 fogos).

Bispado e districto administr.° de Coimbra.

O real padroado apresentava o prior de S. Miguel, que tinha 700$000 réis de rendimento. Tinha esta parochia, em 1757, 220 fogos.

A mesa da consciencia apresentava o prior de Santa Eufemia, que tinha 40$000 réis e o pé de altar. Tinha a freguezia, em 1757, 150 fogos.

Vê-se pois que a população d'estas duas freguezias tem augmentado em um seculo, 630 familias; porém a da villa tem diminuido consideravelmente, pois, chegando a ter 600 fogos, hoje não chega a ter 200.

O concelho de Penella é composto de seis freguezias, todas com 2:800 fogos, e todas do bispado de Coimbra—são—Cumieira, Espinhal, Penella (Santa Eufemia), Penella (S. Miguel), Podentes, e Rabaçal.

É povoação muito antiga, como adiante direi.

D. Affonso Henriques lhe deu um foral, sem data; mas, provavelmente em 1131.—

Em julho de 1137 lhe deu outro (NO QUAL JÁ SE INTITULA REI DE PORTUGAL. Vide *Ourique*, no fim).

D. Sancho I lhe deu outro foral, em Coimbra, a 6 de abril de 1198.

D. Affonso II confirmou estes foraes, em Trancoso, no mez de outubro de 1217.

Veja-se a *providencia*, dada por D. João I, em Evora, a 6 de julho de 1388, e confirmada em Coimbra, a 21 de setembro de 1444, por D. Pedro, infante regente, na menoridade de seu sobrinho, D. Affonso V. (*L.º X da Extremadura*, fl. 7 v., col. 2.ª)

O foral dado em julho de 1137, está traduzido em vulgar, no maço 3.º dos *tombos e demarcações*, n.º 1.

E o que não tem data (o 1.º) está impresso na *Memoria das Conf. Reg.*, a pag. 101.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 15 de dezembro de 1512. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 48, col. 1.ª)

Veja-se tambem a sentença de 24 de maio de 1540, no *L.º das sentenças em favor da corôa*, fl. 83, col. 2.ª

—

O nome d'esta povoação, com a cathegoria de villa, e cabeça de concelho, é, pelo menos, tão antigo como a monarchia. *Penella* é diminutivo de *Pena* ou *Peña*, que, como já disse, é termo cantabrico, que significa monte penhascoso, ou tambem penha, penhasco, etc.

Na baixa latinidade, *Pena*, significava cabêço, outeiro, monte, ou rochedo. Não se sabe se os antigos gallos a tomaram dos cantabros, se estes d'aquelles. Vinha a significar o mesmo, n'esta lingua, isto é — cume, summidade, altura, etc., onde se póde edificar um castello.—É d'esta palavra que vem *Apenino*. Se estes cabêços eram pequenos, e n'elles só se podia fundar um forte de pouco ambito, davam-lhe o nome de *Penella*, assim como ao pequeno castello que n'elles se construia. (Vide na 2.ª *Penella*, o testamento de D. Flamula e a sua nota.)

Está edificada sobre uma collina, em volta do seu vetusto e desmantellado castello.

Suppõe-se que as suas primeiras fortificações datam do tempo dos romanos, pois é tradição, e se lê em alguns livros, que os arabes as destruiram no principio do seculo VIII, e que o famoso conde D. Sisnando, as reedificou em 1080.

Se este conde não foi o reedificador, com certeza foi o edificador, e os mouros o tornaram a destruir, em 1129 (quando o rei arabe, *Enjune*, veio pôr cêrco a Coimbra, com um grande exercito, que os escriptores antigos avaliam em 300:000 homens — o que me parece muita gente.)

Esteve em ruinas, por espaço de 58 annos, até que D. Sancho I as reconstruiu e ampliou, em 1187.

D. Diniz as reparou, pelos annos de 1300, e, apezar de bastante desmantelladas, ainda teem lanços de cortinas e algumas torres em soffrivel estado de conservação.

Dentro do castello, está a egreja matriz, de S. Miguel, a casa da confraria do Santissimo Sacramento, a residencia do parocho, diversos quintaes, e o cemiterio: além da fortaleza, que a tudo fica sobranceira, e da qual, provavelmente, a villa tomou o nome.

Desde os primeiros tempos da nossa monarchia, teve Penella voto em côrtes, com assento no banco 16.º

Suas armas são—em campo azul, tres torres de prata, duas em cima, e uma em baixo.

Foi cabeça de condado, que D. Affonso V deu a seu sobrinho, D. Affonso de Vasconcellos e Menezes, bisneto do infante D. João (filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro) e da infeliz D. Maria Telles de Menezes—(irman da tristemente célebre, D. Leonor Telles de Menezes, mulher de D. Fernando I)—casada em primeiras nupcias, com D. Alvaro Dias de Souza, do qual teve a D. Lopo Dias de Souza, 8.º mestre da ordem de Christo, e um dos principaes cavalleiros d'aquelle tempo — e em segundas com o infante D. João, que a assassinou em Coimbra, a 28 de novembro de 1377. (Volume 2.º, pag. 322, col. 1.ª)

Este titulo, só existiu durante a vida de D. Affonso de Vasconcellos e Menezes, e de seu filho, D. João de Vasconcellos e Menezes; extinguindo-se n'este, por falta de descendencia.

14.º senhor de Penella, o sr. conde de Rézende. Vide *Rézende*.

Houve na villa, um mosteiro de frades capuchos, da provincia de Santo Antonio, que é hoje propriedade do sr. conde de Fornos d'Algodres.

Foi donatario de Penella, o duque d'Aveiro, até 1759, em cujo anno perdeu todos os seus bens e honras, e a vida no patibulo, em Belem, ficando para a corôa o que lhe pertencia.

O duque d'Aveiro herdára este senhorio, dos marquezes de Gouveia, que tinham aqui edificado um palacio, que ainda existe, e é actualmente propriedade da camara municipal.

Confina este concelho—pelo N., com o de Miranda do Côrvo—pelo E., com os de Condeixa, Soure, e Ancião (este, do districto administrativo de Leiria)—pelo S., com o supprimido, de Chão-de-Couce (hoje Figueiró dos Vinhos—tambem do districto administrativo de Leiria)—E, com os de Figueiró dos Vinhos e Pedrogam Grande (districto de Leiria) e o da Louzan (districto administrativo de Coimbra).

A sua maior extensão, de N. a S., é de 18 kilometros, e largura, de E. a O., 15 kilometros.

Ao E. da villa, está a serra de S. João de *Alcouchel*, prolongamento da serra da Louzan. O nome d'esta serra, é corrupção do arabe—*Al Cauçon*—o arco.

O monte mais notavel, porém, é o *Monte de Vez*, onde esteve o telegrapho do systema antigo, que se correspondia com o da *Volta do Monte*, e com o de *Atvaiázere*, ao Sul. Ao sopé do Monte de Vez, ha pedreiras de optimo marmore.

O territorio d'este concelho, produz com abundancia—pão, vinho, azeite, hortaliça, fructas, e gado de toda a qualidade. Nos seus montes ha muita caça. É todavia muito accidentado e penhascoso, mórmente para a parte occidental.

N'este concelho nascem—o rio *Éça*, ou *Doeça*, e a ribeira do *Espinhal*, que se unem, no *Campo do Pastor*, no sitio de *Entr'aguas*, banhando em seu curso, o concelho de Miranda do Corvo, e hindo unir-se ao *Arouce*, ou *Ceira*, entre a aldeia d'este nome e as *Vendas de Ceira*.

As povoações mais consideraveis d'este concelho (além da capital) são as villas do *Espinhal*, e de *Podentes*—aquella, distante de Penella 2 1/2 kilometros para E., e tem o seu assento nas faldas da serra d'*Alcouchel*, sobre rocha e terrenos marnosos—e Podentes, que tem apenas 42 fogos, fica a 4 kilometros ao N. de Penella, e está muito decadente.

Quando D. Affonso Henriques, foi dar a gloriosa batalha de Ourique (1139) já *Leiria, Ourem, Ega, Redinha, Soure, Pombal, Zêzere, Cardiga, Almourol, Cêra* e *Penella*, eram dominadas pelos portuguezes.

—

Em outubro de 1169, estando D. Affonso I em Lafões, com seu filho, D. Sancho (depois, rei, 1.º do nome) e suas filhas, D. Urraca e D. Thereza, doaram aos templarios os castellos da *Cardiga, Thomar* e *Zêzere*, cujas demarcações eram—«In primis per fozem Beselga; et inde per ipsam stratam, quae vocatur de *Penella*, usque ad *Alfeigedoe;* (Alfarellos?) et inde per medium cacumen de monte *Tancos*, quomodo vertuntur aquae contra *Ozezar;* (Zézere) et inde quomodo ferit in pelago de *Almeirol;* et inde, per medium *Tagum* (Tejo) usque ad fozem de Ozezar; (Villa Nova de Constancia) et per medium *Ozezar* usque ad fozem de *Thomar;* et inde per *Thomar*, quomodo vadit ad fozem de *Beselga*, unde primo fecimus inchoationem.»—Esta doação foi confirmada, por D. João, arcebispo de Braga, D. Pedro, bispo do Porto, e D. Gonçalo, bispo de Viseu. (Vide *Zêzere*.)

—

O conde D. Sisnando, a quem D. Fernando Magno (3.º) ao retirar-se para Leão, deixou o governo de Coimbra e seu vasto territorio, com poder absoluto, doou terras e egrejas aos que o ajudaram nas guerras contra os mouros, como foram as villas de *Tentugal, Arouce, Penella, Cantanhêde,* e outras. (*L.º preto de Coimbra*, liv. 7, parte 1.ª, pag. 197, do tom. 3.º, da 2.ª edição.)

—

Proximo á *Portella* de *Penella*, ha um lo-

gar, a que chamam *Cova dos Mouros*, e as ruinas de um pequeno castello, edificado sobre um rochedo enorme, pelo conde D. Sisnando, provavelmente quando fez o da villa.

—

Em 1860, appareceram no mesmo logar da Portella, grande numero de moedas de cobre (do tamanho e grossura dos actuaes patacos) dos arabes; distinguindo-se ainda, de um lado, um guerreiro, armado de lança, e do outro a palavra *Marrócos*.

—

A egreja de S. Miguel, de Penella, foi edificada pelo infante D. Pedro (o da *Alfarrobeira*) filho de D. João I, pelos annos de 1420, em cumprimento de um voto, por occasião de uma grande doença, que teve em Aveiro: fundando tambem então a egreja da mesma invocação, n'esta cidade—então villa.

—

Faz-se n'este concelho muito e optimo queijo de ovelha, que se exporta em grande quantidade, para Lisboa, Porto e outras terras do reino.

Nas proximidades da villa, houve muitas quintas, assim como na área do seu concelho. Na actualidade, as principaes são:

1.ª *Quinta do Pinheiro*—do sr. João Maria Baptista Calixto.

2.ª *Quinta da Bouça*—do sr. Ayres Guedes Coutinho Garrido—com optimo e antigo palacio, e com vasto e fertil terreno.

3.ª *Quinta da Bouça de Cima*—do sr. João de Magalhães Collaço Velasques Sarmento Moniz, feito visconde de Condeixa (2.º) a 25 de outubro de 1871—cuja quinta fez parte do vinculo, da antiga e nobilissima familia dos Collaços.

4.ª *Quinta das Pontes*—do sr. João Eduardo d'Almeida e Albuquerque, casado com a sr.ª D. Francisca Antonia Todella de Macêdo: sendo esta quinta notavel, por ser o berço da familia Collaço, á qual pertence a nobre familia dos srs. Magalhães, da Louzan.

A sr.ª D. Francisca, era viuva do sr. José Tello de Magalhães Collaço.

5.ª *Quinta da Vousella*—do sr. Francisco de Mendonça Almeida Barbarino.

6.ª *Quinta do Engenho*—do sr. doutor Vicente José de Ceiçá Almeida e Silva, que aqui costuma vir passar o verão.

7.ª *Quinta de S. Francisco*—do sr. conde de Fornos de Algodres. (A que foi mosteiro de frades franciscanos, da provincia de Santo Antonio.)

8.ª *Quinta de Valle d'Arinto*—do sr. D. José Casimiro de Mascarenhas. Esta propriedade foi da nobre familia Alarcão.

9.ª *Quinta dos Freixos*—da sr.ª D. Joanna Maximina Peres Furtado Galvão, viuva do sr. doutor Florencio Peres Furtado Galvão.

10.ª *Quinta da Chaquêda*—da sr.ª D. Maria Joanna de Serpa Faria Chambel, viuva do sr. dr. Francisco Augusto Quaresma e Silva.

11.ª *Quinta do Valle-Louro*—do dezembargador Joaquim Manuel de Moraes de Mesquita Pimentel, e de sua esposa, a sr.ª D. Maria Eugenia de Magalhães Gomes Collaço Velasques Sarmento.

—

No *Espinhal*, proximo á villa, ha um mercado semanal, e tem boas lojas de commercio, sendo a principal d'estas, a do sr. Ayres Augusto Quaresma d'Almeida, negociante matriculado, e rico proprietario. É um dos mais benemeritos e dignos cavalheiros do concelho, ao qual tem prestado relevantissimos serviços.

Em 1874, estabeleceu uma optima fabrica de papel e de lanificios, no Espinhal, a 2 kilometros da villa de Penella.

Em janeiro de 1876, chegaram da Allemanha, 129 volumes, com machinas e outros utencilios para esta fabrica, montada em um vasto e excellente edificio, um dos melhores d'este genero, no districto de Coimbra, e emprega um grande numero de braços.

Pelas suas bellas qualidades, é o sr. Quaresma, geralmente estimado e respeitado, por todos quantos teem a honra de o conhecer.

Ha ainda no concelho outra fabrica de papel, do sr. Luciano Fernandes Falcão, da Ribeira de Podentes.

—

Penella, está ligada por bôas estradas, para as povoações de maior importancia.

Na villa ha dois edificios publicos em excellentes condições — um é a cadeia, com 4 prisões, boas e seguras, e residencia do carcereiro — e outro, destinado ás repartições judiciaes, administrativas e de fazenda.

O tribunal judicial, é bom, e tem duas salas contiguas, para jurados e testemunhas.

—

Penella, é tambem um appellido nobre d'este reino, tomado d'esta villa.

Não se sabe quem d'elle usou primeiro.

Em 1700, vivia em Tavira (Algarve) Antonio Rodrigues Penella.

Suas armas eram—em campo de purpúra, 6 pinhas d'ouro, em duas pallas.

Outros Penellas usam—escudo esquartellado—no 1.º e 4.º, as armas de Portugal; no 2.º, as dos Vasconcellos Villas Lobos; e no 3.º as dos condes de Vallença—élmo de aço aberto, e timbre um lobo, das armas dos Villas-Lobos.

—

Napoles, é um appellido nobre em Portugal, tomado da cidade e reino de Napoles, na Italia.

Passou a este reino, na pessoa de D. Estevam de Napoles (filho do infante D. João de Napoles) no reinado do nosso D. Affonso IV.

Achou-se na batalha do Salado (30 de outubro de 1340.)

Foi seu filho, Leonardo Estevam de Napoles, que o mesmo soberano fez seu vassallo, e lhe deu o senhorio das villas de *Cêa*, *Penella*, e da cidade de *Coimbra*, e de toda a *Veiga de Santa Maria*; pelo que, muitos dos seus descendentes tomaram o appelide de *Veiga*.

Leonardo Estevam de Napoles, casou com D. Margarida Annes, filha do conde, D. João Affonso Tello de Menezes, e teve descendencia.

Suas armas são—escudo esquartellado—no 1.º e 4.º, de púrpura, águia d'ouro—no 2.º e 3.º, d'asul, 3 flores de liz, de ouro, em roquete—élmo d'aço, aberto—timbre, a aguia das armas.

—

Vasconcellos, de Penella—appellido nobre d'este reino.—Suas armas são—as mesmas dos *Penellas*, pois tem a mesma procedencia e nobreza.

PENELLA—villa, Beira Alta, comarca de S. João da Pesqueira, concelho de Penedono (foi da comarca de Taboaço, concelho de Trevões, supprimido em 25 de outubro de 1855) 40 kilometros de Lamego, 340 ao N. de Lisboa.

Tem 270 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Pranto.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

É povoação muito antiga, e parece que já existia como parochia em 960, como se prova pelo testamento feito n'esse anno, por D. Flamula, sobrinha da condessa Mumadona, de Guimarães, no qual deixa a sua alma por herdeira da sua muita fazenda, que toda mandou repartir em obras pias—«Et in laïcale nihil transferre.» (!)—e continúa—«Ordinamus nostros Castellos esse *Trancoso*, *Moraria*, *Langrovia*, *Naumám*, *Vacinata*, *Amindula*, Pena de Dono, Alcobria, Semorzelli, Caria, cum alias *Penellas*, [1] et populaturas, quae sunt in ipsa Stremadura: omnia vendere, et pro remedio animae meae, captivos, et peregrinos, et monasteria distribuere in ipsa Terra.» (Doc. de Guimarães, de 960.)

—

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de junho de 1514. (*L.º dos foraes novos da Extremadura*, fl. 98, col. 2.ª)

É terra fertil.

Foi senhorio dos marquezes de Marialva.

PENELLA—Minho, titulo legal de um concelho, que existiu na extincta comarca de Pico de Regalados. Sendo supprimido o concelho, passou a formar parte do de Pico de Regalados, e, sendo este concelho e comarca tambem supprimidos, passou a ser cabeça do novo concelho e comarca a povoação de Villa-Verde, no arcebispado e districto administrativo de Braga.

[1] Aqui, claramente se vê que os nossos antigos davam o nome de *Penella*, não só ao cabêço, como a qualquer pequeno castello, ou *castellêjo*. *Alias Penellas*, na minha opinião, quer dizer — *outros castellos de menos importancia* — visto que só nomeia os principaes.

D. Manuel, deu foral a Penella, em Lisboa, a 6 de outubro de 1514. (*L.º dos foraes novos do Minho*, fl. 42 v., col. 2.ª)

Serve este foral, para—Penella, Arcozéllo, Duas-Egrejas, Gais, Godinhaços, Marancos, Portella das Cabras, Regoim, Rio-Máu, e Santo Thyrso.

PENELLA DE DOM JOÃO DE CASTRO—Minho, couto, que existiu na antiga comarca de Barcellos, ao qual D. Manuel deu foral, em Lisboa, a 20 de junho de 1514. (*L.º de foraes novos do Minho*, fl. 43 v., col. 2.ª)

Serve tambem para—Asnaes, Duas-Egrejas, e Fornéllos.

PENELLAS—Vide *Magueija*.

PENHA D'AGUIA—freguezia, Beira Baixa, concelho de Figueira de Castello Rodrigo, comarca e bispado de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 75 kilometros de Lamego, 360 ao N.E. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Purificação (das Candeias.)

Districto administrativo da Guarda. (Foi do bispado de Lamego.)

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

Entre esta freguezia e a de S. Miguel do Colmeal, mas em territorio d'esta ultima (que era annexa áquella) está a capella de *Nossa Senhora de Monforte*.

Está este templo a uns 300 metros ao O. do rio Côa, e é vasto e antiquissimo, e está em logar érmo e solitario, ficando-lhe a 6 kilometros a povoação mais proxima.

Não se sabe por quem, nem quando foi fundada.

Ao S. da capella, se vê em um teso, as ruinas de um forte castello de cantaria, que se diz chamar-se *Monforte*, o que deu o titulo á Senhora.

Não só os povos immediatos, mas tambem os de Pinhel, Castello Rodrigo, e outros, teem grande devoção com esta Senhora, e lhe fazem muitas romarias.

A sua festa principal, se costuma fazer a dois de fevereiro, e é sempre muito concorrida.

Penha, é tambem appellido nobre d'este reino.

Veiu de Hespanha—da cidade de Salamanca (Leão)—mas Albergaria não diz quem o trouxe a Portugal.

Registou suas armas, confirmadas por D. João III, a 27 de maio de 1527—são:

Em campo verde, aguia negra, bicada e armada d'ouro, sentada sobre uma *penha*, com um besante de ouro no peito, carregado de uma cruz de Calatrava—élmo d'aço, aberto, guarnecido d'ouro; e por timbre, a aguia do escudo.

De Cáceres (Hespanha) veiu para Portugal, D. Alvaro da Penha, que casando n'este reino, teve successão.

Usava das mesmas armas.

PENHA DE FRANÇA—vide 4.º vol., pag. 251, col. 2.ª

PENHA DE FRANÇA—Douro, antigo sanctuario, junto á villa d'Ilhavo (3.º vol., pag. 386, col. 1.ª)

O bispo de Miranda, D. Manuel de Moura (que falleceu no fim do seculo XVII) fundou em uma sua quinta, chamada da *Ermida*, um templo que dedicou á Santissima Virgem, denominado da *Penha de França*.

E' hoje a vasta, formosa e rica propriedade e grande fabrica de porcellana, da *Vista Alegre*, dos srs. Pintos Bastos.

Vide *Vista Alegre*.

PENHA DE FRANÇA—logar da freguezia, e a 3 kilometros da villa da Grandola (vol. 3.º, pag. 317, col. 1.ª)

Está aqui a capella de *Nossa Senhora da Penha de França* (que dá o nome ao sitio) edificada no logar onde os romanos haviam construido um castello ou atalaya, do que ha vestigios.

Consta que um individuo da Grandola, que estava na India, mandára de lá a Santa imagem, e parece que tambem dinheiro para se lhe fazer a ermida.

Ha aqui um grande manancial (ou *ôlho*) de agua, chamado *Borbolegão*, que logo no seu principio faz moer varios moinhos, e fórma o rio *Arção*, que vae morrer no *Sado*, acima de Alcacer do Sal. (Vol. 1.º, pag. 419, col. 2.ª)

Vide tambem *Diabroria*.

Os priores de Palmella (da ordem de S. Thiago) exerciam na freguezia da Grandola, Alcacer do Sal, e Mertola, os poderes quasi-episcopaes: como o faziam os priores móres da ordem de Avis, nas villas de Noudar, e Barrancos—sendo pois a Grandola, um *isento.*

PENHA FEIA—freguezia supprimida, Beira Baixa, no bispado da Guarda.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Era seu orago, Nossa Senhora da Assumpção.

A mitra apresentava o prior, que tinha de rendimento, 130$000 réis.

Dista da Guarda 6 kilometros e de Lisboa (ao E.) 325.

PENHA FIEL—vide o 1.º *Bastuço.*

PENHA FORTE—vide *Lamegal*, a pag. 33, col. 1.ª, do 5.º vol.

A freguezia de Lamegal, é muito antiga.

Era do padroado dos bispos do Porto, e foi para a corôa, por troca, feita em 1350, entre o rei D. Affonso III e o bispo do Porto, D. Vicente, e o seu cabido, que receberam a egreja de S. Christovão de Cabanões (Ovar.)

PENHA GARCIA—Já está em *Pena Garcia.*

PENHA LONGA — freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes (antiga comarca de Soalhães e concelho de Bem Viver, ambos supprimidos) 54 kilometros ao N.E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 310 fogos.

Em 1757 tinha 182 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Bispado e districto administrativo do Porto.

O mosteiro benedictino de Paço de Souza, apresentava o abbade, collado, que tinha 1:100$000 réis de rendimento.

Houve aqui a casa e torre, onde viveu D. Pedro de Castro, 1.º senhor de Bem Viver.

E' terra fertil em todos os generos do nosso paiz, e o seu vinho (como o da freguezia immediata—*Paços de Gaiólo*) posto ser verde, é de optima qualidade, e muito superior ao melhor do *Rhin* (Rheno) que tão famoso se tornou em toda a Europa.

Fica esta freguezia situada sobre a margem direita do Douro, em terreno bastante accidentado, e em frente da comarca de Sinfães, que lhe fica ao S. e S.E., na margem opposta.

PENHA LONGA—(Extremadura—*Cintra*) Vide vol. 2.º, a pag. 302, col. 1.ª

PENHÃO e PINHÃO—Como *Covêllo* e *Cubêllo*—*Paços* e *Passos*—*Penhal* e *Pinhal*—e outros mais nomes de povoações, montes e rios—acham-se confundidos em todos os nossos diccionarios, historias e outros livros; de maneira que, só com a inspecção das localidades se poderá saber o nome, senão de todos, da maior parte.

Penhão, vem de *penha*, de que é augmentativo—isto é—*penha grande.*

Pinhão, todos sabem que é o fructo do pinheiro.

Como não sei em qual das duas palavras heide collocar estes nomes, e como, pela sua extenção, este volume tem de partir-se no fim de PE—remetto o leitor para as palavras PINHÃO — ainda que estou persuadido, que, na maior parte dos casos, se devia escrever PENHÃO em vez de PINHÃO.

Pelas mesmas razões, passa *Penhanços* para *Pinhanços.*

PENHA VERDE—vide *Cintra.*

PENHAS (mosteiro das)—vide *Mattosinhos*, a pag. 144, col. 2.ª

PENICHE—villa, Extremadura, praça de armas, cabeça do concelho do seu nome, na comarca das Caldas da Rainha, d'onde dista 30 kilometros ao O., 20 ao S.O. d'Obidos, 70 a S.O. de Leiria, 42 ao O. de Rio-Maior, 15 ao O.N.O. da Lourinhan, 36 ao O.N.O. de Torres Vedras, 83 ao O.N.O. de Lisboa.

Tem 810 fogos, em 3 freguezias (Nossa Senhora da Ajuda, 350—Nossa Senhora da Conceição, 240—S. Pedro, 220.)

Em 1757 tinha 655 fogos.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

Está em 39º 24' de lat. N.—e 1º de long Occ.

O geral dos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) como prior do convento de São Leonardo, da villa d'Atouguia da Baleia, apresentava o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Tinha esta parochia, em 1757, 264 fogos.

O mesmo geral, e pela mesma razão, apresentava o cura, da freguezia de S. Pedro, apostolo, que tinha tambem 100$000 réis de rendimento.

Em 1757, tinha 207 fogos.

O mesmo geral, e pela mesma razão, apresentava o cura da freguezia de Nossa Senhora da Conceição (que foi primeiro da invocação de S. Sebastião) o qual tinha 70$000 réis.

Em 1757 tinha 184 fogos.

Todas estas trez freguezias estão actualmente sendo parochiadas por um só prior, o reverendissimo sr. Luciano Pinto Barata Mendes.

—

O concelho de Peniche, comprehende cinco freguezias, todas no patriarchado — São as tres da villa, a de Atouguia da Baleia (que foi cabeça de concelho) e Serra d'El-Rei.— Todas com 1:650 fogos.

—

Está a villa situada sobre uma peninsula fortificada, na costa do occeano atlantico, com um porto, chamado de *Cabanas*, para embarcações de pequeno lote.

Tem estação semaphorica, no cabo *Carvoeiro*, que é a ponta mais occidental da peninsula.

O isthmo que une Peniche á terra firme (com um perimetro de 7 kilometros de extenção, e a área correspondente) é formado de areia, que as aguas do mar cobrem quasi totalmente nas *aguas vivas*, e de todo nas grandes marés, ficando por algumas horas a praça transformada em verdadeira ilha.

Tem o isthmo, dois kilometros de comprido, de E. a O.—e uns 400 metros de largo, de N. a Sul.

A peninsula tem uns 8 kilometros de circumferencia, e á excepção da parte de E., por onde intesta com o isthmo (que são apenas 400 metros) em toda a extensão que banha o occeano, é a sua costa formada de rochedos, em quasi toda a parte cortados a prumo, tendo apenas umas pequenas quebradas, a que chamam *portos*, ou *carreiros*.

Principiando pela enceada do N., em *Peniche de Cima*, mencionarei os pontos que formam esta ourella de rochedos (calcarios e pheldspathicos) que circumda a praça e a povoação.

Encontra-se primeiro, o baluarte desmantellado, de *S. Vicente*, a *Fôzeta*, o baluarte da *Cambôa* e o forte da *Luz*, ao norte — o pontal da *Papôa*, ao O. N. O. — segue-se, ao O., *Porto da Areia do Norte*, *Ponta do Trovão*, *Serro do Cão*, e o pontal do *Cabo Carvoeiro*, em frente das *Berlengas* (que ficam 11 kilometros a O.) *Estrellas*, e *Farilhões*, que ficam ao O. das *Berlengas*.

Ao S.O. e S., ficam — o *Carreiro do Cabo*, *Carreiro da Freirinha*, *Carreiro de Janne* (ou de *Joanne*, ou de *Janna*) *Porto da Areia do Sul*, *Carreiro dos Cortiçaes*, e o *Carreiro Fedorento*, que é proximo á cidadella.

Em seguida, mas já ao S.E. (porque andamos em volta da peninsula, que tem uma fórma mais ou menos eliptica [1]) fica o forte de *Cabanas* (junto á cidadella) e o porto do mesmo nome.

—

A villa tem algumas ruas largas e espaçosas, guarnecidas de bôas casas, algumas de apparencia muito elegante.

A egreja de S. Pedro, é um templo vasto e sumptuoso, e o melhor da villa.

(Adiante trato d'elle mais circumstanciadamente.)

—

Como a povoação está toda d'entro das muralhas, produz apenas algumas—poucas —hortaliças e pouco mais.

Tem porém grandes vinhas, que produzem optimo vinho branco, e em muita abundancia.

[1] Esta peninsula tem a configuração de um coração, cuja parte superior (o isthmo) olha para E.—e a inferior (Cabo Carvoeiro) para O.

Se os proprietarios de vinhas de Peniche, tivessem mais cuidado nas vindimas e escolha das uvas, o seu vinho, seria um dos melhores (senão o melhor) do sul do reino, e mesmo, muito superior ao da Bairrada, pois tem maior grau de alcoolisação, e é mais odorifero.

Não produz vinho tinto.

Compram-se todavia aqui todos os generos agricolas por baixos preços, pois vem de muitas povoações, todas ferteis, que lhe ficam proximas.

No verão, ha aqui abundancia de bom peixe, do mar, que se vende baratissimo,

No inverno, porém, ou quando ha temporaes, ha só peixe salgado, pouco, máo e caro.

E' celebre esta villa, pelas primorosissimas *rendas* que as mulheres d'aqui fabricam, e que se exportam em grande escala para Lisboa e outras terras, e ainda mais para o Brasil, onde muitas são vendidas como rendas de *Alençon*.

—

E' incontestavel que Peniche e as Berlengas, são habitadas desde os tempos pre-historicos.

Pomponio Mella (geographo e historiador hespanhol) diz que na Lusitania havia uma ilha chamada *Carteia* ou *Erythia*, que foi habitada por *Gerião*, e que a esta Carteia se mudou o nome para *Berlenga*.

Já disse a pag. 132, col. 2.ª, do 2.º vol.—que, em rasão de se acharem tantas *Carteias*, desde o *Estreito de Gibraltar*, até á nossa actual Extremadura, e todas no litoral, me parecia esta palavra, mais nome generico, do que proprio de uma povoação.

Julgo que *carteia* significava *cidade maritima*.

O mesmo Pomponio Mella, Ptolomeu e outros escriptores antigos—que alguns modernos seguiram—sustentam que o nosso continente se prolongava até ás ilhas da Madeira e Porto-Santo.

Alguns, hindo mais longe, dizem que era unido á America!

Outros sustentam que a famosa *Ilha Atlantida* era primeiro uma peninsula, com a largura que medeia entre o Cabo da Roca e Peniche (ou mesmo até Obidos) chegando até á Madeira.

Que um cataclismo, em eras remotissimas, separou esta peninsula do continente, e mais tarde, outro cataclismo, ou um medonho phenomeno plutonico, subverteu toda esta immensa ilha, deixando apenas as Berlengas, Porto-Santo, e Madeira, por serem formadas de rochedos mais solidos, que poderam resistir ás convulsões do sólo.

Dois fundamentos apresentam os d'esta opinião—o primeiro é o corte perpendicular das rochas do litoral, que, na verdade, parecem ter sido divididas por uma poderosa acção plutonica—2.º, é a identidade da natureza das rochas, da terra, e das plantas da costa portugueza, com as d'aquellas duas ilhas.

A geologia, que tantos e tão grandes serviços tem prestado ás outras sciencias em nossos dias, e só ella, poderá verificar ou negar a existencia d'esta terrivel depressão, ou submersão, talvez antediluviana.

Deixarei pois esta questão a pessoas mais competentes. (Vide *Peninsula*.)

—

Deixando os tempos pre-historicos, os *Geryões*, as *Carteias* e *Erythias*, tratemos de Peniche, desde que ha memorias escriptas.

Notemos porém que no *Carreiro da Furninha*—á beira-mar—assim chamado, em razão de ter uma caverna ou gruta — tem apparecido, mesmo dentro da furna, instrumentos de pedra, da edade primitiva (*edade de pedra*) que provam ter estes sitios sido habitados por povos pre-celtas.

Os nossos antiquarios dão a esta villa a origem seguinte:

Pelos annos do mundo 3941 (63 antes de Jesus Christo) varias familias lusitanas, fugindo ás crueldades de Julio Cesar Augusto (que então veiu ás Hespanhas, como *questor* de Tuberon, e que commetteu as maio-

res atrocidades contra os lusitanos, no interior do paiz; em quanto as suas frotas invadiam o litoral)—se acolheram a este sitio, por ser escabroso e de facil defensão e resistencia; porque então—segundo estes escriptores, e o que nada tem de inverosimil—Peniche era uma verdadeira ilha, não existindo a *lingua* de areia que hoje a une ao continente.

Os lusitanos fundaram aqui uma povoação, e aproveitaram as defezas naturaes da ilha, obstruindo com grandes penedos os pontos accessiveis da costa.

Tinha a povoação 20 annos de existencia, quando Julio Cesar tornou á Lusitania; porém já não era o feroz inimigo d'este povo semi-barbaro, mas valente e brioso.

O tigre, transformara-se em cordeiro, procurando com blandicias captar a amisade dos lusitanos, e fazer-lhes esquecer as passadas crueldades que contra elles havia exercido.

Deu-lhes fóros e privilegios, entre elles, o de direito de cidadãos romanos; pelo que lhe foi facil adquirir a amisade e gratidão d'estes povos ingenuos, que até lhe erigiram estatuas.

Foi assim que a povoação de Peniche, não só se conservou, mas ainda augmentou e prosperou.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que o seu primeiro nome é o que ainda conserva, sem a minima alteração.

Peniche, na lingua lusitana, e mesmo no portuguez antigo (e ainda hoje em Hespanha) significa—*barco pequeno.*

A similhança do nome com a palavra latina *peninsula* (quasi ilha) e o ser actualmente uma verdadeira peninsula, faz acreditar a muitos que Peniche é corrupção de peninsula.

Contra esta opinião offerecem-se trez contradicções—1.ª, é que peninsula é nome generico e não proprio—e, quando muito devia preceder o nome da povoação — como ainda hoje dizemos—Peninsula de Peniche —Peninsula Iberica—Peninsula Italica, etc. —e devia portanto ter um outro nome que lhe fosse proprio, o que ainda ninguem disse.

2.ª—E' que quando se fundou a povoação não era peninsula, mas ilha.[1]

3.ª—E' que, de certo os lusitanos não adoptariam um nome romano, pára a sua nova povoação.

Tambem não acho provabilidade á opinião que pretende derivar-se Peniche das duas palavras *pen-insula—ilha de rochedos:* porque—*pen* é cantabrico, e não é verosimil que juntassem esta palavra á de *insula*, que é latina.

Devemos porém confetsar que o nome é apropriadissimo, porque Peniche éra uma ilha de rochedos.

—

Vi e examinei minuciosamente este tracto de terra, e a não ser um poço chamado hoje *fonte do Rosario*, que tem todos os indicios de ser construcção mourisca, nada achei que nos certifique, ou faça suppor que os arabes aqui habitassem.

Tambem não achei o mais insignificante monumento que me parecesse gothico.

[1] Estudando e conferindo os antigos geographos e historiadores, Strabão, Ptolomeu e Pomponio Mella, vê-se que o litoral da Lusitania tem passado por alterações muito sensiveis—por exemplo — *Tavira* (a antiga *Balsa*) era na costa meridional, e hoje está a 4 kilometros do Occeano.

Cacella, que era a um kilometro da praia, está hoje quasi toda submergida pelas areias.

Mais ao O., desde a actual *Quarteira* até Albufeira, o mar, destruindo os areaes da costa, foi cavando uma especie de enceada, de uns 14 kilometros de comprimento, e de uns 500 metros de largura no centro—o sufficiente para submergir uma cidade antiquissima, a que tambem vulgarmente se dá o nome de *Carteia*. (Vol. 2.º, pag. 132, col. 1.ª.)

O *Vicus Spachorum*, dos romanos (foz do rio Ancora) era junto da ponte de Abbadim —proximo á egreja matriz d'Ancora—o mar entupiu-a com areia, e o rio abriu uma nova sahida, junto ao actual *forte do Cão:* passados annos (talvez seculos) obstruiu-se ainda este canal, e o rio abriu outro, proximo ao *forte da Lagarteira*, e a actual foz fica a quasi um kilometro alem da antiga.

O mesmo, com pouca differença, aconteceu á famosa *Cetobriga* (Troia) na foz do Sado, etc. (Vide ainda *Peninsula.*)

Guardando a descripção das fortificações d'esta praça para o fim, tratarei só das outras materias que dizem respeito a esta povoação, tão mal conhecida, e tão pouco protegida pelos nossos governos.

—

Os primeiros (e unicos) alcaides-móres de Peniche, foram os senhores—depois condes—de Atouguia da Baleia, que eram tambem senhores donatarios de Peniche: e a camara d'esta villa, tinha antigamente obrigação de dar todos os annos um jantar—que importava em 200$000 réis, e mais—ao seu donatario; que alem d'isso, tinha o disimo do pescado, dos fructos, e das cargas dos navios que sahiam do seu porto.

Os condes e senhores de Atouguia, alcaides-móres e senhores donatarios de Peniche, eram da nobre familia dos Athaides.

O 1.° conde d'Athouguia, foi Alvaro Gonçalves de Athaide, feito por D. Affonso V, em 17 de dezembro de 1448.

O mais celebre donatario de Peniche, foi D. Luiz d'Athaide, conde de Atouguia e senhor e alcaide-mór de Peniche, duas vezes vice-rei da India.

Este esclarecido varão portuguez, em logar de vir da Asia carregado de riquezas, como faziam os seus antecessores e fizeram os seus successores, só quiz trazer agua dos quatro principaes rios d'aquella região—Indo, Ganges, Tigre, e Euphrates.

Por muitos annos foram vistas no castello de Peniche, quatro pipas, cheias d'aquellas aguas.

Foi este homem benemerito, que em 1552 fundou n'esta villa, perto da costa, entre a *Ponta do Trovão* e o *Serro do Cão*, o MOSTEIRO (ou hospicio) DO BOM JESUS (no districto da freguezia da Ajuda) de religiosos franciscanos, onde quiz ser sepultado.

Pela suppressão das ordens religiosas, em 1834, foi a egreja profanada, e está servindo de arrecadação do refugo dos utencilios militares da praça.

O edificio do mosteiro está desmantelado e em breve não será mais do que um montão de entulho.

A sua pequena cêrca, ainda não foi vendida... porque assim convem a certos individuos.

O tumulo venerando do grande D. Luiz d'Athaide, foi tambem profanado, e não sei que caminho levou: houve porém uma alma caridosa, que lhe mandou recolher os ossos em um caixão de tabuas de pinheiro, que se guarda, já podre, em um buraco da egreja da Ajuda, sem que, no espaço de quarenta annos em que teve logar esta profanação, houvesse uma camara que desse a estes desgraçados ossos, uma sepultura decente!

O escudo d'armas d'estes Athaides, era:

Em campo asul, quatro bandas de prata, e por timbre, uma onça, asul, banhada de prata.

O mais infeliz dos Athaides, ultimo conde de Atouguia, e ultimo alcaide-mór, e senhor donatario de Peniche, foi D. Jeronymo de Athaide; que, accusado de regicida, pelo attentado contra D. José I, na calçada do Galvão (Belem) na noite de 3 de setembro de 1758, foi prezo em dezembro e morreu entre os mais atrozes tormentos, com o duque de Aveiro, marquez e marqueza de Távora, os filhos d'estes, Luiz Bernardo de Távora e José Maria de Távora — José Braz Romeiro, João Miguel, Manuel Alves e Antonio Alves; no cadafalço de Belem, a 16 de janeiro de 1759, ficando extincto este titulo, como o dos seus cumplices. Vide *Chão Salgado.*

Os bens de todos, foram confiscados para a corôa.

Era a familia dos Athaides, uma das mais nobres d'estes reinos, pois descendia de D. Affonso, conde de Gigon e Noronha, filho de D. Henrique II de Castella, e de sua mulher (do conde) D. Isabel, filha de D. Fernando I, de Portugal e de D. Leonor Telles de Menezes—irman da rainha D. Brites (ou Beatriz) mulher de D. João I de Castella, e sobrinha de D. João I de Portugal.

Foram o tronco dos Noronhas, e progenitores dos duques de Caminha, dos marquezes de Angeja, de Cascaes, Marialva e Villa Real; dos condes de Aveiras, Castanheira, Castro Daire, Monsanto, Peniche, Vianna, Vimioso. e outros das principaes familias de Portugal.

Passou a alcaidaria-mór e o senhorio d'esta villa, para um outro ramo dos Athaides Noronhas, que depois foram feitos condes de Peniche.

O actual representante d'este nobilissimo ramo dos Noronhas, e actual conde de Peniche, é o sr. D. Caetano d'Almeida e Noronha Portugal Camões d'Albuquerque Moniz e Souza, feito marquez d'Angeja, em duas vidas (por herança) em 24 de maio de 1870.

O 1.º marquez d'Angeja, foi D. Pedro Antonio de Noronha, que era conde de Villa Verde.

Esta familia procede tambem do nosso grande Luiz de Camões. (Vide *Angeja.*)

O brazão d'armas do sr. conde de Peniche e marquez d'Angeja, é:

Escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, as armas de Portugal, e no 2.º e 3.º, as armas de Castella—mantellados de prata, com dois leões rompentes, de purpura, e uma bordadura, composta d'ouro e veiros, de asul.

Timbre, um dos leões do escudo.

E' o sr. conde de Peniche, descendente de D. Manuel José de Castro Noronha Athaide e Souza (que naseeu a 25 de dezembro de 1666.)

Foi—3.º marquez de Cascaes, 8.º conde de Monsanto, senhor das villas de Oeiras com todas as suas jurisdicções; da Lourinhan; do castello e villa de Castello Mendo; do reguengo da Povoa d'El-Rei, Bouça-Cova, e Villa Franca; das villas d'Ançan, S. Lourenço do Bairro, e seus padroados e jurisdicções; da villa e reguengo de Medelim —e no Brasil da capitania de Itamaracá; das ilhas de Itaparica e Tamarandúra; e da Ilha Pequena, na ribeira do Rio Vermelho.

Era ainda, fronteiro-mór, couteiro-mór, e coudél-mór da cidade de Lisboa e seu termo, e alcaide-mór do seu castello, e das villas de Torres Vedras; Lourinhan; Obidos, e seu almoxarifado; Cadaval, com todos os seus termos; senhor dos morgados, de Matheus e Santo Eutropio, e da casa da Castanheira; morgado da Foz, e seu padroado, do Paul de Boquilobo.

Commendador das commendas de S. Martinho de Bornes, no arciprestado de Braga; de Santa Maria de Villa de Rei, e Santa Maria de Segura, no bispado da Guarda, e de Santa Maria do Pereiro, no de Viseu, todas da ordem de Christo.

Foi do conselho de guerra de D. João V, e seu gentil homem da camara; mestre de campo, de infanteria e general de batalha, postos que serviu com honra e bravura, na campanha de 1704.

Foi governador e capitão general do reino do Algarve, e governador da Torre de S. Vicente, de Belem.

Morreu em 29 de agosto de 1742.

Tinha casado, em 13 de dezembro de 1699, com D. Luiza de Noronha (dama da rainha D. Maria Sophia Isabel de Neuburgo, 2.ª mulher de D. Pedro II) filha de D. Pedro Antonio de Noronha, 1.º marquez de Angeja e de sua mulher, D. Isabel Maria Antonia de Mendonça.

Estiveram 14 annos casados, sem terem filhos, e, quando já os não esperavam, nasceu D. José Maria Leonardo de Castro, que morreu de 13 mezes de edade.

Depois nasceu D. Luiz, em quem se perpetuou a familia—e D. Maria José da Graça e Noronha, que casou com D. Francisco de Menezes, conde da Ericeira.

Teve duas filhas bastardas, D. Marianna de Noronha e D. Antonia de Noronha, que morreram freiras no convento da Castanheira.

D. Luiz José Thomaz de Castro Noronha Athaide e Souza, seu filho e successor, nasceu a 18 de setembro de 1717.

Foi 10.º conde de Monsanto, e senhor de toda a casa de seu pae.

O 1.º conde de Monsanto, foi D. Alvaro de Castro, senhor de Cascaes, feito por D. Affonso V, em 21 de março de 1460.

Era camareiro-mór do mesmo rei, e do seu conselho.

D'este D. Luiz procederam os marquezes de Cascaes (hoje representados pela casa de Niza) e os condes de Peniche, hoje representados pelo sr. marquez d'Angeja.

—

Desde o 1.º seculo da era christan até ao fim do X, nada achei com referencia á povoação de Peniche.

De certo, muitas vezes invadida, por terra e por mar, pelos mouros africanos, e christãos, alternativamente; tomada, perdida e retomada frequentes vezes, durante as guerras dos alanos e godos, e depois, dos arabes; ficou a povoação tão destruida, que, pelos annos de 990, estava, senão completamente deserta, apenas habitada por pobres pescadores, vivendo em humildes choupadas, encostadas aos muros arruinados dos velhos e desmantellados edificios.

Foi por esse tempo, que os moradores da visinha villa de Atouguia, attrahidos pela commodidade do sitio, para as suas pescarias, alli foram construindo varias cabanas, para seu abrigo, e para armazens de peixe, e, com o tempo estas cabanas se foram pouco e pouco transformando em casas de pedra e cal, e a antiga povoação renasceu das suas cinzas.

D. Affonso Henriques, dando aos crusados que o ajudaram a conquistar Lisboa, muitas terras na Extremadura e Alemtejo, doou aos irmãos, *D. Roberto Lacorne* e *D. Guilherme Lacorne*, os territorios de Atouguia da Baleia e Peniche.

A estes dois cavalleiros deve esta villa grande parte do seu desenvolvimento e povoação.

O emprego quasi exclusivo dos moradores de Peniche, até ao fim do seculo XV, era a pesca, que lhes deixava grandes proventos, pela grande abundancia e variedade de peixe, que affluia ás suas costas; mas, desde que D. Vasco da Gama, dobrando (em 20 de novembro de 1497) o *Cabo das Tormentas* (*chrismado* pelo rei D. Manuel, em *Cabo da Boa Esperança)* descubriu o caminho da India, por mar; e desde que Pedro Alvares Cabral, descobriu o Brasil, em 25 de abril de 1500—os moradores de Peniche (como os do Algarve e de outros muitos pontos da nossa costa) desprezaram o seu antigo emprego de pescadores, adoptando o de navegantes, e armando navios do alto-mar, foram procurar fortuna a esses *el-dorados* que se chamavam *Indias Orientaes* (Asia) e *Indias Occidentaes* (America.)

E a sorte foi-lhes favoravel, pois grande parte d'estes intrepidos aventureiros, regressaram á patria, carregados d'ouro e ricas mercadorias, de modo que no fim do XVI seculo, a humilde povoação de Peniche, estava já transformada em uma formosa povoação, com mais de mil fogos, e perto de 5:000 almas.

—

Foi durante estas longas viagens (em 22 de abril de 1575) que o mar arrojou á praia d'esta villa, um peixe morto, de fórma nunca vista. Tinha 26^m,60 de comprido, 2^m,50 d'alto, e 9 metros de circumferencia no centro. Tinha a pelle preta pelo dorso, e branca pelo ventre, e n'elle a bocca. A cabeça estava 2^m,66 levantada do corpo. Os olhos tinham 0^m,66 de circumferencia. Tinha 16 dentes em cada mandibula, cada um com 0^m,33 em redondo. Nunca se chegou a verificar a que *classe* pertencia este verdadeiro monstro marinho.

—

Em 22 de maio de 1589, desembarcou n'este porto e no da Ericeira, um exercito inglez, na força de 12:000 homens, commandados por João Norris, a favor do infeliz e mal aconselhado D. Antonio, prior do Crato, com o fim de sustentar os seus direitos á corôa de Portugal, contra o usurpador Philippe II, de Castella; porém, como já todo o reino sabia do vergonhoso tratado, feito com a rainha Isabel, de Inglaterra (filha de Henrique VIII) segundo o qual, ficava Portugal sendo uma colonia britannica, o povo, não só se não uniu aos invasores, mas até lhe resistiu tenazmente, e, apezar de então só aqui haver um forte, mandado construir por D. João III, em 1557, era elle tão formidavel, pela sua posição, que os inglezes não o poderam tomar, e retiraram com bastantes perdas.

—

Peniche nunca teve foral, velho ou novo: regeu-se sempre pelo de Atouguia, e como o supprimido concelho d'esta villa está unido ao de Peniche, teem ambas o mesmo foral. (Vol. 1.º, pag. 254, col. 2.ª)

D. Philippe III, por carta regia de 25 de agosto de 1611, mandou adoptar em Peni-

che (que o mesmo usurpador tinha feito villa, em 20 de outubro de 1609) o foral de Atouguia. N'este foral se manda pagar a *dizima velha*, que era de 20 peixes, um—e a *dizima nova*, que era de 10 peixes, um, pertencia aos condes d'Athouguia.

D. João Gonçalves de Athaide, conde e senhor d'Atouguia, e alcaide-mór e donatario de Peniche, e o povo, pediram a D. Philippe III de Castella, que então governava Portugal, désse á povoação o foro de villa, o que elle lhes concedeu, em 1609, dando-lhe por armas, uma caravella, com S. Pedro e S. Paulo, um á prôa, outro á ré, sobre um mar, com ondas de prata.

—

D. Pedro II, em 1671, mandou fazer alguns melhoramentos, de pouca importancia, no porto de Cabanas, junto á cidadella; mas está hoje urgentemente reclamando obras d'arte que o tornem um verdadeiro abrigo, não só dos barcos de pesca, mas tambem de hiates, palhabotes, escunas e outras embarcações, que não demandem muito fundo.

—

D. João V veio visitar as fortificações e a villa de Peniche, em 1717, por occasião de vir a Mafra, lançar a primeira pedra á sua basilica.

D. João VI, sendo ainda principe regente, aqui passou oito dias, em 1806, residindo no palacio dos governadores da praça, que era dentro da cidadella, e hoje está só em paredes. (Foi devorado por um incendio, e nunca mais se reconstruiu. É o unico edificio da fortaleza, que está em máu estado.)

O sr. D. Pedro V, tambem esteve n'esta praça, em 30 de agosto de 1860. Foi-lhe dada hospedagem em casa da mãe do sr. Henrique d'Araujo Tavares, socio da firma editora d'esta obra. O sr. D. Pedro V presenteou a virtuosa senhora com uma elegante caixa de prata, que seu filho conserva como recordação por extremo agradavel.

Sua magestade visitou a cidadella e todas as suas dependencias, e pelo seu affabilissimo trato deixou penhorados todos que tiveram a honra de lhe fallar.

—

Todos sabem as razões porque o commercio portuguez foi decahindo do seu esplendor dos seculos XVI e XVII, sendo a principal, o abandono em que os tres Philippes deixaram este reino, que só tratavam de explorar, por todos os modos possiveis, deixando que as nações com quem traziam guerra—principalmente hollandezes e francezes—nos roubassem as nossas colonias, e saqueassem e apresassem os nossos navios mercantes, impunemente, pois que todo o seu empenho era reduzir-nos ao estado da mais atroz miseria, para evitarem um 1.º de dezembro de 1640.

É pois do tempo da usurpação dos Philippes, que data tambem a decadencia do commercio, e, por consequencia, da importancia d'esta villa, que tornou a ficar reduzida aos recursos da pesca, aos limitados da sua industria agricola e manufactureira, e ao commercio de cabotagem.

Mesmo assim, o que ainda hoje mais lhe aproveita, é a pesca, que emprega muitos braços, sustenta muitas familias — que vivem quasi exclusivamente d'este mister — não só d'esta villa, como das immediações.

Tambem são muitos os almocreves que para aqui conduzem—para consumo da terra e para embarque—diversos generos agricolas, levando em retorno, peixe fresco ou salgado.

—

Esta peninsula, fórma duas enceadas — a do Norte (Peniche de Cima) tem pouco fundo; mas a do S., tem o sufficiente para navios de pequeno lote, e é bastante abrigada do *aguião.*

O termo de Peniche, que se reduz ao isthmo, é todo de areial arido e improductivo.

—

O môrro da *Papôa*, um cachopo, em fórma de pyramide triangular, que lhe fica ao N.O., e outros menores que erriçam a parte O.N.O. da peninsula, tornam perigosissima a navegação d'estas paragens, e muitos navios aqui teem soçobrado. Ainda em fevereiro de 1828, com uma grande cerração, uma náo da marinha de guerra britannica, perdendo o rumo, e mettendo-se no canal que separa a peninsula dos ilhotes das Ber-

lengas, se despedaçou contra estes temiveis rochedos, não escapando um só dos seus tripulantes, ou da guarnição e passageiros.

Em todo o vasto espaço em que se desenvolve a praça, são inumeros os signaes de naufragios, e não ha ponto d'esta costa, que não recorde um ou varios d'estes sinistros.

Nem são menos temerosos os rochedos, que elevando as suas negras cabeças acima da agua, formam o ilheu da *Berlenga*, e os cachopos da *Velha*, *Estrellas* e *Farilhões*, ao O. da terra firme: onde muitos navios se teem despedaçado, apezar dos pharoes do Cabo Carvoeiro e da Berlenga.

Ao N. da villa, existem dois monumentos, attestando dois desastrosos acontecimentos, occorridos em 1786.—Um, dentro da praça, commemora o naufragio do galeão castelhano, *S. Pedro d'Alcantara*, que, vindo de Callau de Lima (capital do Perú) para Cadix, com um carregamento, de valor excedente a SETENTA E DOIS MILHÕES DE CRUZADOS, em moeda, barras e baixellas, de ouro e prata, além de outros objectos, e com 470 pessoas de tripulação, guarnição e passageiros, deu contra o môrro calcáreo da *Papôa*, pelas 11 horas da noite de dois de fevereiro (com tempo sereno, mar quieto, e *tres pilotos á bórdo!*) perdendo-se o navio, morrendo 300 pessoas afogadas, e salvando-se da carga, apenas 1:749$440 réis, em pesos fortes, de ouro — 5:433›250 réis, em pesos de prata, 71 *texos* d'ouro, e 57 barras de prata — varias mercadorias, mastros, vellas e outras miudezas. A artilheria, perdeu-se toda.

Os que escaparam, mandaram erigir, na egreja matriz, de S. Pedro, da villa, uma capella, dedicada a Nossa Senhora das Dôres, tendo a imagem de Jesus-Christo crucificado e a de S. Pedro d'Alcantara, de primorosissima esculptura. Estabeleceram culto perpétuo e missas *de requiem*, pelas almas dos que morreram n'este naufragio: deram de gratificação ao governador da praça, um conto e duzentos mil réis; ao tenente-rei, um conto; e ao ajudante da praça, duzentos e cincoenta mil réis. Aos outros empregados, civis e militares, tambem gratificaram, em premio do muito que fizeram, para salvar gente e riquezas.

Além d'isto, dotaram 12 donzellas, com 150$000 réis cada uma.

Desde este dia, de sempre triste recordação, até hoje tem continuado a extracção do dinheiro, e ninguem sabe quando terminará esta *mina* inexgotavel.

(No mesmo tempo tinha sahido de Callau de Lima, o galeão *Hermione*, com uma carga, avaliada em dez milhões de cruzados, que cahiu no poder dos inglezes.)[1]

—

Em 28 d'abril, do mesmo anno de 1786, vindo a balandra hespanhola—*El Venecio*—a Peniche, para levar para Cadix, os objectos salvados da *S. Pedro d'Alcantara*, que se achavam depositados na fortaleza, e estando fundeada ao S. da cidadella, lhe cahiu um furioso temporal. O 2.º commandante, mandou dizer para o commandante, que estava em terra, que era urgente *abicar*. O commandante, com verdadeiro *rompante hespanhol*, respondeu que—embarcação de el-rei de Hespanha, não abicava.—A balandra, despedaçou-se contra as rochas, e de 99 pessoas que estavam a bordo, só 7 escaparam! O *segundo*, foi do numero das victimas, morrendo no seu pôsto.

—

Os dois monumentos de que fallei, e que recordam estas duas desgraças, são duas cruzes, semelhantes ás da ordem de S. Thiago, tendo no pedestal, inscripções com as datas dos naufragios, e a relação das pessoas principaes que então falleceram n'elles.

—

O sempre memoravel dia 22 de fevereiro de 1828, apparecêra escuro e carregado, fuzilavam os relampagos, e os trovões atroavam os mares e a costa.

O oceano, enfurecido, levantava ondas como montanhas, que se arremeçavam contra os rochedos, onde se despedaçavam com fragor medonho, cobrindo de espuma, os fragoedos da costa, e os edificios e muralhas da praça.

[1] Os que desejarem uma noticia circumstanciada d'este naufragio, vejam, a pag. 74, do 2.º volume da *Illustração Portugueza*, o artigo do sr. Pedro Cervantes.

Ao meio dia, já seis navios se achavam esmigalhados contra a costa, ou estendidos nas praias do S. e N. de Peniche.

Ás 3 horas da tarde, uma magnifica embarcação de 3 mastros, luctando contra as vagas embravecidas, e não podendo vencer a furia do mar e do vento, que lhe inutilisavam todas as manobras, lançou ferro no canal que separa o Cabo Carvoeiro da Berlenga, e alli se conservou até á noite, na esperança de que, rebentando as amarras, varária em terra, no areal do S., entre a praça e a Consolação; mas, infelizmente, apenas estalou o ultimo cabo, foi bater contra os altos e perpendiculares rochedos do Cabo Carvoeiro, onde se despedaçou, pelas duas horas da noite, perdendo-se o navio, a carga e os desgraçados que vinham a bordo, sem escapar um só, que viesse dizer a terra, o nome, a procedencia e a nacionalidade do navio, e qual era a sua carga e destino.

Soube-se depois, que era uma fragata ingleza, que hia reunir-se á esquadra britannica do Mediterraneo.

Ainda muitos annos depois, se via sobre um rochedo que a baixa-mar descobria, uma grossa corrente de ferro pertencente áquelle navio.

—

Estes e outros muitos sinistros maritimos aqui succedidos, ainda não poderam despertar nos nossos governos a urgentissima construcção de um barco salva-vidas, de um morteiro porta-amarra, ou outro qualquer meio que podesse salvar tanto infeliz que tem aqui morrido afogado, ou esmigalhado contra as arestas das rochas; apezar da dedicação e abnegação dos pescadores de Peniche, que por muitas vezes teem arriscado a vida, para salvar a dos seus semelhantes, sem outro recurso mais do que os seus frageis bateis e a sua coragem.

—

Já disse que, mesmo dentro do recinto das muralhas exteriores da praça, ha bastantes —e algumas grandes—vinhas, que produzem excellente vinho branco. Antes da invasão do *oidium-tukeri*, produziam, termo medio, mil pipas de vinho: a molestia, reduziu a colheita a uma 5.ª parte; porém hoje, felizmente, vão as vides recuperando a sua antiga força productiva, e eu vi, em 1875, extensas vinhas, cujas vides estavam carregadas de formosos cachos.

A industria vinicula é muito antiga em Peniche, pois em uma provisão de Philippe III, datada de 20 de dezembro de 1609, diz — «E o dito logar (Peniche) tem 900 a 1:000 visinhos, e entre elles, quatro companhias, com seus capitães, de boa gente, com uma fortaleza e bom porto de mar, onde ha sempre navios, assim da terra, como de fóra; e rende o dito logar, de siza e imposição, alfandega e *sizão*, oito mil cruzados.»

O alvará régio de 6 de agosto de 1665 (de D. Affonso VI) diz — «No tempo em que se fez a lotação do encabeçamento das sizas que Peniche devia pagar, *estavam seus moradores muito opulentos e frequentados de negocio.*»—d'onde se vê que ha mais de dois seculos, se distinguia Peniche, pela sua riqueza, e vastidão, e importancia do seu commercio. Mesmo assim, ainda no anno de 1875, entraram em Peniche, 182 navios de vela, e tres vapores. 172 eram portuguezes, 10 hespanhoes, e 3 inglezes.

Até 1834, teve Peniche, juiz ordinario, juiz da alfandega, e juiz dos orphãos, todos de nomeação régia. Tinha quatro companhias de ordenanças, cada uma com seu capitão e mais officiaes, e todos, com seu capitão-mór.

Desde 1814 até 1834, foi quartel do regimento de infanteria n.º 13, por isso, denominado *de Peniche.* Tinha guarnição de artilheria, para serviço das peças, e uma companhia de veteranos.

—

Em 1858, foi descoberto pelo sr. Pedro Cervantes de Carvalho Figueira, cavalheiro muito lido e curioso, d'esta villa, nos alicerces do muro de um quintal, um cippo romano, com a seguinte inscripção:

POMPEIA..... C......
E. PACAT. H. E........
L. TERENTIVS FVR-
NVS. MIBT. I. TE-
RENTIVS RUFVS....
E. C..............

É provavel que, assim como varias letras desappareceram com o tempo, tenha desapparecido tambem parte das que existem. É de suppôr que as ultimas letras da 2.ª linha, fossem — H. S. E. —(*hic sepultus est*)— e que a 6.ª linha — a ultima — seja — F. C. (*fecerunt*).

É talvez impossivel traduzir-se exactamente esta inscripção. Supponhamos que quer dizer:

Aqui está sepultada, Pompeia, filha de Caio. Seu marido, Lucio Terencio Furno, e Junio Terencio Rufo, mandaram levantar este monumento á sua memoria.

O sr. Cervantes, mandou esta lapide para Lisboa, á legação franceza, para ser remettida ao duque de Bellune.

—

O primeiro assento da povoação foi onde antigamente se chamava *Peniche a Velha*, e hoje *Peniche de Cima*. Onde agora é a villa principal, chamava-se ainda no seculo XVII, a *Ribeira*.

As mulheres de Peniche de Cima, vão á fonte, lavam roupa, carregam e fazem outros trabalhos. As da antiga Ribeira, são como as algarvias, occupam-se em fazer bordados, costura e rendas, e em mais nada.

Varias mulheres de Peniche, ainda usam os celebres *capotes de rebuço*, como os das algarvias, o que leva a suppôr, que em tempos de que não ha memoria escripta, se estabeleceu aqui alguma colonia de gente do Algarve. As mulheres embrulham-se nos taes capotes, ficando a ponta direita mais comprida que a esquerda, e dando áquella certa volta, formam um canudo, por onde vêem tudo, sem serem conhecidas. As algarvias, porém, sabem rebuçar-se muito melhor e com mais elegancia.

—

Em toda a peninsula, não ha uma unica fonte; chamam *fontes* aos *poços*. O a que chamam *Fonte-Boa*, na freguezia da Luz, tem boa agua, a dos mais e a das cisternas, posto não ser prejudicial á saude, é mal gostosa. As pessoas ricas, mandam buscar agua, para beber, á *Consolação*, que é optima.

Ha na villa 50 cisternas particulares, com capacidade para 4:000 pipas d'agua. A cisterna *grande*, da cidadella, leva 7:680 pipas, e a *pequena*, 440. Mesmo assim, nas estiagens, ha aqui pouca agua para o consumo, e é cara e pessima.

Um pôço (ou pôça) que ha no centro da villa, e ao qual dão o *modesto* nome de *chafariz* (!) tem esta inscripção:

O MARQVEZ DE FRÕT.ª
MEST. DE CÃPO G.al MÃ-
DOV FAZER ESTA FÕ-
TE A CVSTA DA FOR-
TIFICAÇÃO.
A. 1676.

Foi restaurada em 1849, segundo se collige d'esta data, que se vê gravada em uma pedra, na rectaguarda d'esta fonte — que é um tanque (hoje obstruido com pedras e immundicies) coberto por um arco de pedra.

—

Tem Peniche um cemiterio, construido ha poucos annos, perto e ao N. da cidadella. Já tem alguns mausoleus bonitos.

Anda em construcção um outro cemiterio, mais distante da povoação, ao N.O., perto da ermida de Santa Anna.

—

As camaras de Peniche teem n'estes ultimos annos prestado relevantes serviços ao municipio, curando com sollicitude, nos seus melhoramentos. Um dos principaes, foi a sementeira do penisco, em uma área de tres milhões de metros quadrados; evitando por este modo, a invasão das areias, e tornando productivo um terreno até hoje completamente inutil.

Devia tambem tratar da sementeira, e plantação, em grande escala, do precioso eucalipto, da especie que se dá e prospéra nas areias da costa; o que seria, não só uma fonte de receita para o municipio, mas attrahiria as chuvas, e melhoraria as condições de salubridade da terra, e, está provado que tolhe a acção destruidora do *oidium* e do *philoxera vastatriz*.

—

Teem tambem as camaras promovido a venda, fóra e dentro do paiz, das famosas *rendas de Peniche*, em cuja fabricação se empregam quasi todas as mulheres, desde

creanças; e as teem apresentado em exposições industriaes, em que teem sido premiadas — sendo-o ultimamente na de Vienna d'Austria.

Tem tomado uma parte muito activa e muito digna de louvor, n'esta exportação, o digno secretario da camara, o já mencionado sr. Pedro Cervantes de Carvalho Figueira.

Delegação da Alfandega em Peniche

O seu rendimento nos ultimos quatro annos economicos, foi:

1871 a 1872......	2:823$381 réis.
1872 a 1873......	2:922$253 réis.
1873 a 1874......	2:739$181 réis.
1874 a 1875......	3:102$332 réis.
Somma..	11:587$147 réis.

—

A egreja de Nossa Senhora da Ajuda, em Peniche de Cima, é a mais antiga e a unica parochia que antigamente aqui havia.

Não é muito grande, mas é um templo claro, alegre e bonito.

Parece que a primitiva parochial, era a egreja de S. Vicente, ao pé do baluarte d'este nome e da actual egreja da Ajuda, e da qual ainda existem ruinas, de paredes muito grossas, e com mais de dois metros de altura em partes.

Foi a primeira egreja christan de Peniche, e consta que foi mesquita mourisca (depois de ser templo gothico) e que D. Affonso Henriques a mandou purificar, em 1150.

Estando muito arruinada, mudou-se o Santissimo para a da Ajuda (que até então era uma capella) pelos annos de 1550.

Para não ter de repetir, em todas as egrejas e capellas d'esta peninsula, sempre a mesma cousa, direi aqui:

Todos os templos de Peniche, excepto o de S. Pedro, teem as paredes interiores revestidas de formosos asulejos, com desenhos mui correctos, e, nem em Lisboa, nem em outra qualquer parte, se encontram mais primorosos.

A egreja de S. Pedro, foi a primeira parochial que houve na *Ribeira*.

E' a mais vasta e sumptuosa da villa.

As magnificas cadeiras do cruzeiro, eram do mosteiro do Bom Jesus, de frades franciscanos d'esta villa.

A egreja de Nossa Senhora da Conceição, é um templo magnifico.

—

A egreja da Misericordia, é notavel pela magnificencia do seu tecto, onde se admiram 55 quadros a oleo, pintados em pano, e representando os principaes successos do *Novo Testamento*.

Conhece-se facilmente que são obra de tres pintores differentes—muitos são do pinsel da famosa Josefa d'Ayala, (*Josefa de Obidos*—vide *Obidos*.)

Outros são de um pintor cujo nome se ignora, e, ainda que de escola diversa, os seus quadros são de tanto merecimento, como os de Josefa d'Ayala—o resto (uns 10 ou 12) são de um pintor obscuro, e pintura muito ordinaria.

Tanto a egreja, como o bom hospital, annexo, são obra do meiado do seculo XVI; porém o templo foi restaurado em 1796, pois tem esta data sobre a verga da porta principal.

—

Alem d'este estabelecimento de caridade, havia outro denominado, *Casa*, ou *Capella do Corpo Santo*, fundado em 1505, pelos maritimos, que o administravam, e era destinado a soccorrer os seus orphãos e viuvas.

E' hoje o monte-pio *Corpo Santo*, de que trato adiante.

—

Em 1829, o padre João Martins Guisado, sob os auspicios e protecção do sr. D. Miguel I, fundou n'esta villa um *asylo para raparigas desamparadas*.

Este estabelecimento, deixou de existir em 1834, e o edificio é hoje propriedade particular.

A inscripção da fachada, que dizia que o rei se declarava protector do asylo, foi apeiada em 1834, e está servindo de assento em uma horta.

—

Os conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) do convento de S. Bernardino de Atouguia, recebiam os disimos da freguezia de S. Pedro, com a obrigação de repararem a egreja; mas elles, cuidavam mais em receber os disimos, do que nos concertos; chegando a ponto de estar destelhada, pelo que o povo lhe chamava *S. Pedro dos Pardaes*.

Em 1819, o povo, tendo á sua frente um idiota, chamado o *Antonio Doido*, oppôz-se ao pagamento dos disimos, em quanto os conegos não compozessem o templo.

Estes então, levaram a cousa em capricho, e reedificaram a egreja com grande sumptuosidade, gastando nas obras, 24 mil crusados (9:600$000 réis) mais talvez do que valiam todos os disimos que até então haviam recebido.

A parede do N. d'esta egreja, ainda é a parede do S. de uma outra grande egreja que aqui houve, dedicada ao *Espirito Santo*, e que foi demolida durante a usurpação de Philippe IV.

—

Das capellas actuaes de Peniche e das que existiram

1.ª—*Nossa Senhora dos Remedios*—Merece indisputavelmente a primazia, não só entre as capellas de Peniche, mas é uma das mais vastas e melhores da provincia, e das mais notaveis do reino; merecendo o primeiro logar depois do *Bom Jesus do Monte*, *Nossa Senhora da Penêda*, *Nossa Senhora do Porto d'Ave*, *Nossa Senhora dos Remedios*, de Lamego, e *Nossa Senhora da Nazareth*.

Está esta formosa e devotissima capella, edificada sobre os rochedos pheldespathicos da costa, a 2:000 metros a N.O. da cidadella, e um kilometro ao N. do pharol do Cabo Carvoeiro.

E' de boa architectura, posto ser muito antiga, e está construida em fórma de cruz, com capella-mór, sachristia e mais officinas.

Não ha memoria da data da sua fundação, nem de quem fosse o fundador; apenas tradicionalmente consta, que appareceu ao mesmo tempo em que foi achada, a famosa imagem de Nossa Senhora da Nazareth, da Pederneira — isto é — pelos annos 1179 da era christan.

Segundo a lenda, invadido este territorio pelos arabes, em 715, uns christãos da Atouguia, ou immediações, adoravam em uma ermidinha, a imagem da Santissima Virgem, com a qual tinham particular devoção, e, receiosos dos insultos e sacrilegios dos mouros, a foram esconder em uma caverna subterranea, que as ondas haviam formado com o seu debater incessante.

Por mais de quatro seculos, esteve a santa imagem escondida e ignorada, na sua lapa, até que, pelos fins do seculo XII, um criminoso, fugido á acção da justiça, procurou abrigo e refugio nos antros cavernosos da costa da peninsula.

Foi então que achou em uma d'essas grutas, uma imagem da Santissima Virgem, de 0m,33 de alto (palmo e meio) com o Menino Jesus nos braços, e de perfeita esculptura.

Não se atrevendo a hir á povoação, deu parte da sua descoberta a umas creanças que se entretinham a apanhar conchas.

Estas, correram a dar parte aos seus parentes, e o povo voou á gruta, e com grande alegria trouxeram a imagem para a egreja de S. Vicente; porém na seguinte manhan, tornou a ser encontrada na sua caverna.

Pozeram-se logo alli vellas para a alumiarem, e trataram de desfazer, a picão, as arestas mais salientes do rochedo, e d'elle mesmo construiram um altar, no mesmo logar em que a Senhora foi achada.

A noticia d'este apparecimento em breve se divulgou, por todos os arredores, e o povo correu a adorar a Virgem, e a invocal-a nas suas afflições.

As esmolas e offerendas correram para a gruta, e com ellas se principiou a edificar

uma ermidinha á Senhora, junto da gruta.

Crescendo e ampliando-se a devoção a esta imagem, que denominaram dos Remedios, decidiram os povos construir lhe uma mais vasta capella, ficando a antiga, que ainda existe, servindo de capella-mór.

Esta nova construção, pareceu-me obra do seculo XV, ou principios do XVI; mas não me consta que haja memoria ou apontamento da data da construcção.

Fez-se uma nova e formosissima imagem de nossa Senhora dos Remedios, que foi collocada no altar mór.

A gruta da apparição, fica no corpo da egreja, á esquerda de quem entra, formando uma capella.

Tem sobre o altar uma imagem, de pedra, de Nossa Senhora, com uns $0^m,70$ d'alto, e que, pela sua esculptura, parece muito antiga.

Por baixo da Senhora, está um nicho, ou urna, tambem cavado na rocha, e dentro d'elle uma imagem do Senhor morto.

E' corrente entre este povo religioso, que quando alli foi depositada a imagem, era tão curto o nicho, que o Senhor ficou com as pernas encolhidas (muitos moradores de Peniche, dos mais velhos, dizem que ainda se lembram d'esta circumstancia) e o nicho, alargando-se milagrosamente, foi dando logar amplo á imagem, que agora se vê completamente estendida, e na posição natural de um homem fallecido.

O pavimento da capella, fica uns dois metros inferior ao solo, pelo que se desce para ella, não só por alguns degraus do peristilo, ou alpendre, mas d'este por outros para o templo.

Consta que as madeiras empregadas n'estas construcções, foram arrojadas pelo mar, a estas paragens.

O sitio onde está edificado este templo, é plano, e fórma uma praça em frente, orlada de bonitas casas, para secretaria, casa dos mordomos, residencia do eremitão, e abrigo dos romeiros, e cavallariças para o gado.

Ainda em 1875, se construiu uma outra casa para abrigar as bestas de cavallaria, e os bois que levam os carros.

Tem esta casa, uns 50 metros de comprido, por uns 10 de largo.

Tanto a egreja, como todos os edificios das suas dependencias, estão perfeitamente conservados, e são caiados com muita frequencia, o que dá a tudo isto, um aspecto muito alegre e vistoso.

Notei na gente de Peniche uma devoção sincera, e o maior cuidado e sollicitude na conservação e aceio de todas as suas egrejas e capellas, que são muitas, attendendo ao tamanho da terra.

O mesmo cuidado e aceio se nota na maior parte dos templos dos arredores d'esta villa.

E' a milagrosa imagem de Nossa Senhora dos Remedios, objecto da maior devoção, não só do povo de Peniche, como de todas as freguezias em redor, até grande distancia; e em todo o anno, mas, principalmente, desde 15 de agosto, até fins de novembro, são aqui frequentissimas as romarias.

A maior parte dos romeiros se demoram aqui tres dias, admirando a formosura imponente do logar, e vendo o occeano a debater-se soberbo, contra a costa, formada aqui de penedias cortadas a prumo, de uns 5 a 6 metros de altura.

A rectaguarda da capella, dista apenas uns 12 ou 15 metros do precipicio.

A descrença do seculo ainda não invadiu, felizmente, senão uma parte muito diminuta do bom povo portuguez, que, seguindo a consoladora religião de seus paes, a fé no poder de Deus, e o valor na intervenção dos seus santos, a elles recorre em todos os momentos de perigo ou afflição.

Para se fazer uma idea verdadeira do que deixo dito, basta saber-se que, alem da grande multidão de romeiros que não vem de *cruz alçada*, ainda hoje aqui concorrem os seguintes *cirios*:

Do concelho d'Alcobaça:

Alfeizerão, Famalicão, S. Martinho do Porto, Nazareth, Pataias, Vallado, e Vimeiro de Alcobaça.

Do concelho das Caldas da Rainha:

Fonte Grada, Foz do Arêlho.

Do concelho d'Obidos:

Amoreira, Gaieiras, Obidos.

Do concelho da Lourinhan:

Atalaias, Mollêdo, Reguengo Grande, Reguengo Pequeno, Vimieiro.

Do concelho de Torres Vedras:

Carvoeira, Cunhados (ou A dos Cunhados) Encarnação, Panasqueira, Rendide.

Do concelho de Peniche:

Peniche, Serra d'El-Rei.

Ao todo 24 cirios.

Consta que antigamente eram mais de trinta.

—

A camara municipal de Peniche, com a approvação da junta geral do districto de Leiria, estabeleceu no sitio de Nossa Senhora dos Remedios, em 1874, uma feira annual, no 3.º domingo de outubre de cada anno.

E' esta feira muito concorrida, não só por causa das transacções commerciaes então aqui effectuadas, como tambem para ver os cirios da Serra d'El-Rei, e do Reguengo, que costumam vir em visita á Senhora n'esse dia.

—

2.ª—*Capella de S. Vicente, martyr*, antiquissima, e em ruinas.

Já fallei d'ella.

3.ª—*Misericordia.* Idem.

4.ª—*Capella de Santa Barbara*—orago da guarnição da praça.

E' muito formosa, e está dentro da cidadella.

Acha-se actualmente profanada, e servindo de arrecadação de objectos militares; mas ha esperanças de em breve ser restituida ao culto divino.

5.ª—*Capella de Nossa Senhora da Victoria.*—Muito antiga.

A *junta do commercio* a reedificou, pelos annos de 1780, mas ficou apenas em paredes.

E' de singela mas elegante architectura, e está encostada (ao E.) ao pharol do Cabo Carvoeiro, tambem então mandado construir pela mesma junta do commercio.

6.ª—*Capella de Nossa Senhora do Abalo.* Já não existe.

Ficava perto do convento dos franciscanos, no sitio do nôvo cemiterio, em construcção.

7.ª—*Capella de S. José* (particular.)

Deixou tambem de existir ha muitos annos.

8.ª—*Capella da Calvario*—onde termina a procissão dos Passos.

Pelas ruas do transito d'esta procissão, se veem varias capellas a que damos o nome de *Passos*, onde se fazem as estações da mesma procissão.

Fica perto da egreja de Nossa Senhora; é bonita, e está muito bem conservada.

9.ª—*Capella de Sant'Anna*—fica a O.N.O. do paiol, e está em bom estado de conservação.

10.ª—*Capella da Santa Cruz*—fica ao S.O. da antecedente, e perto do cemiterio antigo.

Está tambem bem conservada.

11.ª—*Capella do Espirito Santo*, da qual já tratei, e que deixou de existir.

12.ª—*Capella de S. Marcos, evangelista*, perto do cemiterio antigo.

Foi profanada, e serve de hospital e quartel militar, e de arrecadação de objectos pertencentes á guarnição.

13.ª—*Capella de Santo Antonio.*—O regimento de infanteria de Peniche (depois n.º 13) quasi todo composto de gente d'este concelho e dos limitrophes, tomou Santo Antonio de Lisboa por seu padroeiro, e mandou á sua custa erigir-lhe proximo e ao E.N.E. da cidadella, uma formosa e rica ermida, com seu altar de riquissima talha dourada, e tendo sobre a fachada do templo as armas reaes portuguezas.

(E' no districto da parochia de Nossa Senhora da Conceição.)

Ordenou-se por uma provisão regia, de D. Pedro II, e por supplica do regimento, para a fabrica d'esta capella, que o seu padroeiro tivesse o posto e o soldo de alferes, que, segundo a tarifa d'aquelle tempo, eram 6$000 réis mensaes.

Em quanto este regimento se conservou na sua praça de Peniche, fez todos os annos uma pomposa festa ao seu padroeiro.

Este regimento, foi mandado crear, com o titulo de *regimento de infanteria de Peniche*, por provisão regia, de D. João III, pelos annos de 1555, e assim se conservou até á nova organisação do exercito, feita pelo marechal Beresford, em 1808, dando-se-lhe então o titulo de *regimento de infanteria n.º 13*.

Durante o governo do sr. D. Miguel I, e até á convenção d'Evora Monte, se tornou a denominar, *regimento de infanteria de Peniche*; mas não perdeu a numeração de 13. —Tinha golla, canhões e vivos brancos.

Foi sempre um corpo bravo, disciplinado e fidelissimo ás suas bandeiras, morrendo com ellas.

Cumpriu sempre as ordens dos seus superiores, tomando a defeza do partido por elles indicado.

Em 1820 e 1826, sendo os seus commandantes liberaes, seguiu e defendeu o partido liberal.

Em 1828, o seu commandante seguiu o partido legitimiste, e o regimento cumpriu o seu dever, seguindo-o.

Durante a infeliz guerra civil de 1832 a 1834, serviu com bravura e lealdade o partido do sr. D. Miguel, até convencionar em Evora Monte.

Em 1570, o papa, S. Pio V, e o rei de Hespanha, Philippe II, convidou o nosso rei D. Sebastião a entrar em uma liga ou confederação contra os turcos.

O rei portuguez acceita, e manda uma divisão collocar-se ás ordens de D. João de Austria, filho natural do monarcha castelhano.

O regimento de Peniche, fazia parte d'esta divisão, e se distinguiu pelo seu valor, na famosa batalha de Lepanto, em que os turcos foram derrotados.

Achou-se tambem nas batalhas—das *Linhas d'Elvas*, em 14 de janeiro de 1659—do *Ameixial*, em 8 de junho de 1663—de *Castello Rodrigo*, em 7 de julho de 1667—de *Montes Claros*, em 17 de julho de 1665.

Em todas estas batalhas, gloriosas para as armas portuguezas, se portou o regimento de Peniche com o valor e sangue-frio de tropa disciplinada, e com a lealdade de verdadeiros portuguezes, ajudando corajosamente a sacudir os pesados grilhões da usurpação hespanhola.

Foi um dos seis regimentos de infanteria portugueza, commandados pelo tenente-general, João Forbes Skelater, que constituiram a divisão auxiliar na Hespanha, e que obrou prodigios de valor, na gloriosa *campanha do Roussillon*, em 1795 e 1796, regressando da Catalunha a Portugal, coberto de honras e laureis.

Todos estes 6 regimentos, e por ordem do principe regente (depois D. João VI) tiveram bandeiras de distincção, pela ordem real, de 17 de dezembro de 1796, com a legenda—AO VALOR DO REGIMENTO DE...

Durante a guerra peninsular, distinguiu-se do mesmo modo, o bravo regimento de Peniche, nas seguintes batalhas:

Ás ordens do marechal Beresford, contra Soult, em *Albuera*, a 16 de maio de 1811.

Sob o commando do general Hill, contra o general francez, Gerard, em Arroyo de los Molinos, em 28 de outubro do mesmo anno, de 1811.

No assalto e tomada de *Ciudad Rodrigo*, em 19 de janeiro de 1812.

No assalto e tomada de Badajoz, em 6 de abril do mesmo anno.

Sob as ordens do marechal, Sir Wellesley (lord Wellington) contra Marmont, em *Salamanca*, a 22 de junho de 1812.

Na de *Lesaca*, a de agosto.

Sob o mesmo general, entra triumphante em Madrid, a 12 de 4 agosto do mesmo anno.

Ainda sob as ordens de Wellington, nos *Arapiles*, a 15 de novembro d'esse anno.

Na sanguinolenta e decisiva batalha de *Victoria*, em 24 de junho de 1813. [1]

Na dos *Pyerneus*, a 30 de julho.

[1] A verdade historica, obriga-me a confessar, que os corpos portuguezes que mais heroicamente se portaram na batalha de

No assalto e tomada de *S. Sebastião de Biscaia*, em 31 de agosto.

Na de *Nivelle* (já em territorio francez) a 10 de novembro.

Na de *Nice*, a 13 de dezembro.

Na de *Hastingues*, em 23 de fevereiro de 1814.

Na de *Orthez*, a 27 do mesmo mez e anno.

Na entrada triumphante em *Bordeus*, em 12 de março.

—

Note-se que o actual regimento n.º 13, nada tem de commum com o antigo.

Aquelle é de creação posterior a 1834, e desde que deixou de existir o *regimento de Peniche*.

—

Como muitas familias d'esta villa e das terras adjacentes, descendem d'estes heroicos militares portuguezes, que pelos seus assignalados serviços, tanto illustraram a nação, em geral, e Peniche, em particular, consignei estes factos, *at perpetuam rei memoriam*—na certeza de que tal narração será grata aos penichenses.

—

Tambem julgo a proposito, mencionar aqui um facto, occorrido na primeira invasão franceza.

No dia 8 de dezembro de 1807, entraram n'esta praça, dois regimentos de infanteria buonapartistas, commandados por *Tomieres*, para a *protegerem* (!) contra os inglezes.

Era governador da praça, o brigadeiro, Luiz Antonio Castello Branco, que (sabe Deus com que vontade!...) com o seu estado-maior, foi comprimentar o brigadeiro francez.

Dos officiaes portuguezas, só um capitão de artilheria sabia fallar francez, e serviu de lingua.

Na conversa, disse Castello Branco, que tinha feito a campanha do Roussillon, na qualidade de coronel commandante do regimento de Peniche.

Tomieres disse que se admirava de que tendo estado em França, não fallasse francez.

Foi isto dito com certo ar de desconsideração, que chocou o general portuguez, que disse ao interprete:

—«Diga a esse senhor, que mais admirado estou eu, d'elle vir a Portugal, sem que ninguem de cá o chamasse, e sem saber fallar portuguez.»

Poz o seu chapeu na cabeça, e retirou-se.

—

Teve logar n'esta villa, um horroroso caso de cathalepsia.

Fallecendo D. Clara da Horta, foi sepultada no carneiro da sua familia.

D'ahi a cinco annos, no acto de depositar-se outro defuncto no mesmo carneiro, achou-se a infeliz senhora ao cimo da escada, tendo cortado com os dentes as fitas que lhe prendiam pés e mãos.

Que immensa, longa e horrivel não seria a agonia d'esta desgraçada!

—

Peniche militar

Separado, involuntariamente, do brioso exercito portuguez, ha quarenta e dois annos, e tendo apenas 17 ao deixar o serviço militar, poucas noções conservo da arte da guerra; mas, tão evidentes são as innumeras circumstancias que concorrem para se poder fazer d'este local um ponto inconquistavel, que qualquer *paizano* as conhece facilmente.

A disposição topographica de Peniche, differe essencialmente da de Gibraltar, cujas baterias subterraneas são construidas na encosta de uma montanha, que olha para o Estreito.

Victoria, fôram os 9, 11, 21 e 23 de infanteria—e os 7 e 11 de caçadores.

Pela ordem do dia de 13 de março de 1814, tiveram estes corpos novas bandeiras —com legendas, em letras d'ouro.

As de infanteria, diziam:

JULGAREIS QUAL É MAIS EXCELLENTE,
SE SER DO MUNDO REI, OU DE TAL GENTE.

As de caçadores, diziam:

DISTINCTOS VÓS SOIS NA LUSA HISTORIA,
COM OS LOUROS COLHIDOS NA VICTORIA.

Póde porém ser comparada com a terrivel cidade russa de Cronstad, tendo muitos pontos de semelhança (geographica e militarmente fallando) com ella, e podendo Peniche, ser ao O. da Europa, o que Cronstad é ao N.

Os governos portuguezes, nunca prestaram a devida attenção a este ponto importantissimo da nossa costa, fazendo de Peniche não só uma praça de guerra das mais fortes do mundo; mas uma escola pratica dos nossos architectos militares, engenheiros e officiaes de artilheria.

A peninsula, forma um triangulo com a pequena peninsula do *Baleal*, e com o pontal da *Consolação*; tendo ainda por temerosa sentinella avançada—a 11 kil. a O.N.O. o ilheu da *Berlenga* e os grupos de cachopos, da *Velha, Estrellas* e *Farilhões.*

Fortificadas convenientemente, as praças de Peniche e suas dependencias; e fortificando-se tambem, segundo os mais aperfeiçoados systemas modernos — Abrantes, Santarem, Almada, Cascaes, S. Julião e Bugio, ficaria Lisboa a coberto de invasões, por terra e por mar; porque nenhum exercito inimigo se atreveria a atacar a capital, ficando cercado por tantas praças fortes.

Tem ainda Peniche a vantagem de poder conter commodamente, alem da sua guarnição, um bom corpo de tropas de terra, na sua ampla cêrca ou recinto fortificado; o que lhe augmenta a importancia militar.

A magistral da fortificação ininterrompida d'esta praça, mede 2250 metros, sendo a parte que defende o isthmo, uma curva de 140 metros de flecha, com a parte convexa para o interior—e as extremidades dos dois mares — do S. e do N.—abrangendo uma extenção de 1250 metros.

Dos extremos da curva, segue a fortificação para o N., em volta da peninsula, em uma extensão de 550 metros, e do mesmo modo, para o S., 400.

A *cidadella* é o forte das *Cabanas*, que lhe fica immediato e ao E., estão perfeitamente conservados, assim como todo o lanço da cortina e seus baluartes, que partindo da principal fortaleza—a cidadella—vão prender ao forte da Luz (em ruinas) em Peniche de Cima. Isto e o seu competente fosso e contra-escarpa, é a defeza da praça, pelo E. — isto é — pelo lado do isthmo.

A artilheria da Consolação, defendia a parte S. da peninsula; a do Baleal, a parte N., e ambas, cruzando seus fogos, varriam todo o isthmo, secundadas, além d'isso, pelos fogos convergentes dos baluartes do E. da praça.

A cidadella, uma bateria no *Cabo Carvoeiro,* e baluartes no *Sêrro do Cão,* na *Ponta do Trovão,* na *Papôa* (que é um pontal, ou pequena peninsula) e na *Luz*, varreriam toda a costa, jamais, tendo ao alcance da metralha, e de artilheria, ainda de pequeno alcance, o ilheu rochoso da Berlenga, que não deixaria conservar no canal muitos minutos embarcações, ainda que miudas.

A todas estas temerosas defezas, tanto da arte como naturaes, accresce que o mar é quasi sempre perigosissimo n'estas paragens, o que attestam os frequentes naufragios occorridos n'estas aguas, semeadas de recifes, e quasi sempre revoltas e frementes.

Parece que a propria natureza reuniu caprichosamente uma multidão de circumstancias, para que os homens as aproveitassem, fazendo d'este ponto uma fortaleza, temivel e inconquistavel.

Os nossos governos, porém, em tempo algum curaram de aproveitar esta posição importantissima, limitando-se, quando muito, a mandarem construir alguns revelins, cortinas e baluartes, mais ou menos solidos, nenhum dos quaes, nem mesmo a cidadella póde hoje resistir muitas horas á acção terrivel da poderosa artilheria moderna.

Nem uma estrada militar, liga Peniche com a capital, nem com outra qualquer povoação!—Mais—hoje, que tanto se tem cuidado da viação publica, esta praça ainda não possue uma unica estrada, nem mesmo de 3.ª classe!

Em 15 de outubro de 1875, o general, commandante da 1.ª divisão militar, foi com os capitães de estado-maior e sub-chefe do mesmo, e majores das duas brigadas de instrucção e manobras, entregar ao ministro da guerra, o sr. Antonio Maria de Fontes Pe.

reira de Mello, o primeiro itinerario, feito por aquelles distinctos officiaes, com referencia á estrada de Lisboa a Peniche, hindo pela Alhandra, Arruda, Torres-Vedras e Lourinhan.

Este itinerario descreve a estrada, com todas as povoações limitrophes, seus recursos, e accidentes do terreno; abrangendo uma zona lateral de alguns kilometros. Sua importa cia, sob o ponto de vista militar; e referencias á historia das guerras do paiz.

Como este, tencionam os mesmos cavalheiros fazer outros itinerarios, relativos ás estradas comprehendidas na área da 1.ª divisão militar; mas, provavelmente, nada passará do papel, na fórma do nosso *louvavel* costume, e esta praça, com o jogo de fortalezas caducas (Consolação, Berlengas e Baleal) que formam um triangulo agudo, no centro do qual estão as fortificações principaes (Peniche), continuarão no despreso e olvido, como até aqui; dando aos estrangeiros um testemunho vergonhoso do nosso desmazêllo e da nossa incuria.

Fortificações de Peniche

A primeira fortaleza d'esta peninsula, de que ha noticia, foi a actual cidadella, bastante forte, principiada por ordem de D. João III, no começo do anno de 1557, e a cortina do lado do N.E., que olha para o Baleal; porém, a morte d'este monarcha, occorrida a 11 de junho d'esse anno, interrompeu as obras, que só se concluiram no reinado de D. Sebastião, pelos annos de 1570.

Foi D. Luiz d'Athaide, conde e senhor de Athouguia, alcaide-mór e senhor de Peniche, que requereu estas obras, e que depois as dirigiu.

Eram feitas com tamanha solidez, que o mar, debatendo-se contra a cortina do N.E., e minando-lhe os alicerces, fez cahir lanços inteiros, que ainda se conservam deitados, mas unidos, como se fosse uma só pedra; tal era a tenacidade da argamaça.

Os Philippes, a quem nunca importou a ventura ou desgraça dos portuguezes, e que só cuidavam em lhes tirar o coiro e a pelle, pouco se lhes dava de que os estrangeiros invadissem as nossas costas e nos saqueassem as povoações; porém, como traziam guerra com a França, Catalunha, Gran-Bretanha, Hollanda e Paizes-Baixos, e as suas depredações os prejudicavam, mais ou menos directamente, Philippe III mandou dar principio a algumas fortificações na costa do N., desde o baluarte da Cambôa até aos rochedos da Papôa.

Parece que estas obras andavam muito vagarosamente, porque só depois da queda de Philippe IV, seu filho, e em 1645, é que se concluiram, reinando já D. João IV—que fez de Peniche uma praça de guerra de primeira ordem, construindo lhe varias fortificações. Estas obras foram dirigidas pelo conde d'Atouguia, D. Jeronymo d'Athaide, alcaide-mór de Peniche.

A pouca artilheria que até então tinham as fortificações, era toda de ferro. As mais antigas peças de bronze, que se vêem na cidadella, foram fundidas no reinado de D. João IV, o que consta das legendas gravadas nas mesmas peças. Tambem aqui ha bastantes, do tempo de D. Affonso VI e de D. Pedro II (como regente, e depois como rei), e estão muito pouco deterioradas; porém, a maior parte da artilheria de bronze, foi construida por ordem do marquez do Pombal, no reinado de D. José I; e estas estão em tão bello estado, e as suas inscripções e ornatos, em relevo, tão primorosos e tão bem conservados, como se acabassem de sahir do arsenal.

Junot, imaginando que o seu senhor tinha lançado as garras a Portugal, por toda a eternidade, tambem mandou fazer alguns reparos ás fortificações, em 1808.

O marechal Beresford, mandou fazer algumas obras na cidadella, e restaurar outras, em 1809 e 1810.

O sr. D. Miguel I, tambem mandou fazer ligeiras obras de defeza, em volta da costa desde o forte da Luz até a Papóa, ao N.E., e desde este ultimo ponto até ao Cabo Carvoeiro, ao N. e N.O.

—

A cidadella (excepto o paço ou quartel do governador, que ardeu em 1836, e nunca mais foi reconstruido), o forte de Cabanas,

e os baluartes que defendem a peninsula pela parte de terra, estão em perfeito estado de conservação; tudo o mais está em ruinas.

A primeira (a cidadella) é das fortificações portuguezas a que se acha em melhor estado de conservação, depois d'Elvas.

Esta praça ainda possue 144 boccas de fogo — e são:

De bronze—6 de calibre 24—10 de 18—10 de 12—7 de 7—2 de campanha, e quatro obuzes. E de ferro, 105, todas completamente inuteis. Estas são quasi todas de grosso calibre.

—

Os francezes, apossando-se da praça de Peniche, no fim do anno de 1807, mandaram picar as armas portuguezas que estavam sobre a porta principal do castello. Depois da restauração, mandaram-se, sobre o escudo, embutir os sete castellos e os cinco escudêtes, postiços; mas, parte d'elles, ficando mal seguros, sahiram.

Esta porta está no baluarte da entrada da cidadella, e ao qual, pela sua fórma, se dá o nome de *Redondo*.

Por baixo das armas reaes estão duas inscripções—ou, para melhor dizer—uma inscripção, dividida em duas partes. Principia do lado esquerdo de quem entra, e diz: [1]

ARCEM HANC JVSSV SE-
RENISSIMI REGIS JOANNIS
III AB INVICTISSIMO COMIT-
E LVDOVICO BIS INDIAE
PRO REGE IN CHOATAM
ET GRASSANTE CASTEL-
LA TYRANNI DE PER LUS-
TRA XII INTERMISSAM. [2]

[1] A inscripção está com muitas *abreviaturas*—isto é—fallando uma letra por duas e tres; mas, como não se fundem hoje estas letras duplas e triplas, a não se mandarem fazer de proposito, o que seria dispendiosissimo, ponho-as aqui por extenso.

[2] Segundo esta inscripção, interromperam-se as obras durante a dominação dos Philippes, mas não é verdade. Já disse que Philippe III, ou, pelo menos, no seu reinado, se fizeram algumas obras de defeza.

O justificadissimo odio aos usurpadores castelhanos, ainda muito verde quando se gravou a inscripção (1645) foi o motivo de se não mencionar n'ella o que mandou fazer Philippe III.

Do lado direito, continúa do modo seguinte:

SVB AVGVSTISSIMO
JOANNE IIII REGNI ASSER-
TORE A CONTE HIERONI-
MO PRONEPOTE AMPLE ET
MINACITER ABSOLUTAM
LAPIS HIC POSTERITATI
COMMENDAT. ANNO
DOMINI MDCXLV.

—

Na porta exterior do revelim vê-se, gravada em uma pedra, esta inscripção:

J. IV
1645

—

A guarnição actual d'esta praça, consta de um destacamento de 60 praças de pret (quasi sempre de caçadores n.º 6, vindos de Leiria) e os competentes officiaes, que são rendidos, de dois em dois mezes — 30 praças de artilheria, e alguns sapadores.

Todos os governadores da praça, até ao sr. Francisco Maria Melchiades da Cruz Sobral, antecessor do actual, eram generaes de brigada. O 1.º com o posto de coronel, é o sr. Augusto Cesar Nunes, que serve actualmente.

—

As muralhas de circumvalação (que são as que olham para o isthmo) teem quatro portas, contando da cidadella, para o N. — São — *Portão das Cabanas* — *Porta Nova* (aberta na muralha, em 1875) — *Portão da Ponte* (a principal, e em serviço) — e *Portão de Peniche de Cima*.

Ha dois postigos — o das *Escadinhas* e o da *Rua da Palha*.

—

Tem a praça as seguintes obras de defeza (principiando na cidadella, e andando para o norte, em volta do peninsula, até terminar no ponto da partida):

Cidadella, *Forte das Cabanas* (que é, verdadeiramente, um *baluarte*), *Baluarte da Misericordia*, dito *da Ponte*, dito *da Calçada*, dito *de S. Vicente*, e dito *da Cambôa* (que são *meios baluartes*). Tudo isto é artilhado e está perfeitamente conservado. Estes meios baluartes, são a linha de defeza da parte da terra, ou do isthmo. O fosso que separava

este das muralhas, foi ha muitos annos obstruido pelas areias.

Em 1866, construiu-se uma forte contra-escarpa, desde o *porto das Cabanas*, até ao *baluarte da Ponte;* mas parou-se ahi, sem se seguir até ao forte da Luz, o que, com o devido systema de comportas, cortaria o isthmo — que é todo de areia, ficando a praça completamente defendida pela parte da terra.

D'aqui para diante, em volta da costa, segue-se o *forte da Luz*, que está desmantellado, e até á *Papôa*, o sitio da *Derrubada*, assim chamado por ter alli existido um lanço de cortina, do qual apenas ha vestigios. (É a tal de que já fallei, e que tinha uma fortissima argamaça.)

A *Derrubada*, defendia uma linha de 550 metros de extensão. Era uma muralha de escarpa, de tres metros de espessura, construida no reinado de D. João IV. Foi-se deixando cahir pouco a pouco; e os reparos, que no principio d'este destroço, apenas consistiam em algumas pedras, e poucas carradas de cal hydraulica, tapando a base da cortina que o mar hia minando, com o desmazêllo, se tornou irreparavel, porque tudo cahiu, e hoje só com dispendio de 10 ou 12 contos de réis se faria obra em termos. E notem que esta parte da costa, é a mais accessivel da peninsula, e ainda, mesmo assim, só para barcos pequenos, e com mar bom.

Foi na *Derrubada*, e desde o desmantellado forte da Luz, até ao Sêrro do Cão, que o sr. D. Miguel I mandou construir em 1831 e 1832, uma linha de terraplenagem e algumas baterias ligeiras, do que apenas restam vestigios, e as plataformas, porque eram de lagens.

Ainda varias peças de ferro, de grosso calibre, carcomidas pela ferrugem de 40 annos, se veem por aqui estendidas sobre a terra e em total desprezo; sem haver quem as mande para o arsenal real do exercito, para se fazerem balas, ou terem outra qualquer applicação: e assim se vão deixando destruir e inutilizar muitas tonelladas de ferro!

No Cabo Carvoeiro, e n'outros pontos da costa, houve tambem uns pequenos reductos, dos quaes apenas restam vestigios; mas com isto pouco se perdeu, porque, pouco deviam ter custado, e de pouco serviriam, em caso de perigo.

(Ao fortim do Cabo, se dava o pomposo nome de *forte da Victoria*. Conserva-se em bom estado, porque está alli o *mastro dos signaes*. Tem uma peça de ferro, desmontada, de calibre 48.)

—

Tambem durante o reinado do sr. D. Miguel, se construiu o *reducto de S. Miguel*, do qual hoje apenas existem restos.

Ficava em frente do Baleal.

Havia mais—o *fortim do Carreiro do Cabo*, perto da Victoria (Cabo Carvoeiro)—e o *fortim do Porto da Areia do Sul*, ambos desmantellados: do segundo apenas existe em bom estado a casa do guarda.

Por baixo d'elle, ha restos de antigas fortificações.

—

As casamatas da cidadella, posto ficarem alguns metros abaixo do nivel do mar, são muito pouco humidas, e tão claras que a toda a hora do dia se pode alli escrever e ler facilmente.

Recordam-nos estas casamatas, scenas bem tristes das nossas desgraçadas guerras civis.

Desde 1826 até 22 de fevereiro de 1828, aqui estiveram os prisioneiros feitos ao marquez de Chaves (general Silveira) aos quaes obrigavam a trabalhar nas fortificações, limpeza dos quarteis e mais serviços, como se tivessem sido condemnados a trabalhos publicos por um conselho de guerra; não excluindo d'estes humilhantes serviços, os officiaes inferiores e os cadêtes!

Depois, desde agosto de 1832 até maio de 1834, tambem os prisioneiros feitos aos liberaes, estiveram enterrados n'estas casamatas.

—

A cidadella tem quatro frentes, regularmente baluartadas, uma das quaes, que olha para o *Campo da Torre*, tem um revelim, que dá entrada para a cidadella.

Esta frente, e as duas que estão viradas

ao O., teem fosso, e ramaes de *estrada coberta*, com as competentes *praças d'armas*, salientes e reentrantes.

A restante *linha magistral* da cidadella, é commum á da praça, e irregular, porque segue as ondulações das alcantiladas rochas que constituem a sapata, ou base das muralhas.

Na cidadella ha dois *cavalleiros*, um de fórma circular—por isso, chamado o *Redondo* (em que já fallei e é onde estão as inscripções que ficam copiadas) e outro baluartado.

O isthmo—unico ponto por onde a praça póde ser atacada pelo lado da terra, está perfeitamente defendido (pelo systema antigo) porque as faces e flancos dos meios-baluartes, e as cortinas que os ligam, formam uma linha angular, muito reentrante, que, por assim dizer, obraça todo o isthmo: e a direcção dos seus fogos está tão habilmente combinada, e tão convergente para o logar que tem a bater, que não apresenta um só ponto indefezo; estando tambem as obras de fortificação tão reciprocamente flanqueadas, que não ha um unico *angulo morto*—isto é—sem defeza.

Uma guarnição de 2:500 homens, de artilheria, sapadores e infanteria, tendo as competentes munições de guerra e bocca, defendem com facilidade a praça de Peniche.

O paiol da polvora é completamente isolado, e fica a 500 metros, ao O. da cidadella.

Tem esta praça o grande defeito de ser pobre de quarteis, pois apenas tem accommodações para uns 400 ou 500 homens.

São, dentro da cidadella, um grupo de quarteis antigos—divididos por *esquadras*—chamados—*do Norte, do Sul*, e *do Oeste*—e um barracão adjacente ao ultimo.

No recinto da praça, ha o *quartel do Barracão*, na *gola* do baluarte da Misericordia.

Tambem, desde tempos remotos, serve de quartel, a antiga egreja de S. Marcos, de que já fallei.

Tambem ha na praça uma sensivel falta de armazens e arrecadações.

Na cidadella ha um pequeno armazem, onde se guardam diversos objectos da manobra de artilheria; uma casa que foi da forja, e hoje é arrecadação de projectis, de varias especies.

Dentro do *Redondo*, ha trez pequenos paioes provisorios, ou de bateria.

Debaixo de um dos reparos, ou terraplenos da cidadella, ha um grande armazem occupado com viaturas e reparos de artilherio, e com material e ferramentas, para as obras da praça.

A capella da fortaleza (Santa Barbara) tambem serve actualmente de arrecadação.

Por baixo do terrapleno do revelim, ha dois armazens, um pertencente á commissão de engenheiros militares, outro ao commando do material d'artilheria.

No recinto da praça, além do paiol, ha o *Casão*, onde estão os utencilios do extincto arsenal das obras militares.

Ha poucos annos, a egreja do mosteiro do Bom Jesus, foi tambem transformada (como já disse) em armazem para guardar utencilios e reparos da artilheria.

As muralhas da praça (não fallando na *Derrubada*, que se foi pela agua abaixo) apresentam algumas ruinas, não só pela sua antiguidade—pois é obra do tempo de D. João III—mas, e principalmente, pelo descuido e desmazello que tem havido nos seus faceis reparos; e, se não fosse feito governador da praça, o sr. Adrião Acacio da Silveira Pinto, muito mais arruinadas estariam.

Entre as obras de urgente necessidade, mandadas fazer por este cavalheiro, avultam os reparos em uma das muralhas do baluarte da *Cambôa*, e um arco, que atravessa uma das cortinas da cidadella, por onde a maré entra para os fossos.

Tambem mandou concertar todas as guaritas dos angulos flanqueados e as das espaldas dos baluartes da cidadella—os quartos e casas, chamada *Salão*, restos do antigo e bello palacete dos governadores, o qual ardeu, em consequencia de uma explosão, em 1836.

O salão e os quartos reparados, servem

hoje de secretaria da praça e sala para as sessões do conselho administrativo.

Tambem mandou concertar os armazens, as arrecadações, os quarteis e as prisões; e, cértamente, ninguem, com tão poucos meios, seria capaz de fazer tanto como fez o sr. Silveira Pinto.

As vistas que se gosam da cidadella são magestosas e formosissimas.

Para o O., vê-se uma imponente vastidão do occeano, debatendo-se constantemente, contra os rochedos perpendiculares que lhe constituem a solida base.

Mais alem (a 11 metros de distancia) vê-se o ilheu e posto semaphorico das Berlengas, e os cachopos seus visinhos, da *Velha*, *Estrellas* e *Farilhões*.

Ao N., o Baleal, e um grande espaço da costa, até Obidos—ao E. e S.E., diversos montes e aldeias da antiga villa d'Athouguia —e, finalmente, ao S., o forte, e a bonita aldeia da Consolação, com a sua alva, formosa e vasta capella.

Tambem é bonita a vista do extenso e plano areal, que fórma o isthmo, constantemente sulcado de carros, cavalleiros, peões, e bestas de carga, que vão e vem, levando e trazendo mercadorias, e para differentes misteres.

—

Com razão se ufana a villa de Peniche, por ser a patria de varões famosos, que a illustraram, e de uma heroina, que, qual outra Brites d'Almeida (a famosa *padeira d'Aljubarrota*) mostrou em varias occasiões, a sua coragem, a sua força, o seu patriotismo, e o odio entranhavel e justificado, que sempre nutriu contra os oppressores castelhanos.

Principiarei por esta—é:

Joanna da Silva—que nasceu em Peniche, pelos annos de 1530.

Tinha as forças de um Alcides, e a coragem de um leão.

Ouçamos o que diz Diogo Manuel Ayres d'Azevedo, no opusculo que em 1834 imprimiu, com o titulo de *Portugal illustrado pelo sexo feminino*:

«Possuindo estes reinos Filippe II, de Castella (e não o nomeamos 1.º de Portugal, pois não é justo que por tal reconheçamos a quem pura, e simplesmente, e só na força das armas, cifrou o direito para o possuir) vivia na illustre villa de Peniche, uma das mais deliciosas de Portugal, certa mulher, já de edade de cincoenta annos, mas nas forças tão vigorosa, como se estivesse no vigor d'elles.

«Juntamente com as forças, era dotada de um animo tão alentado, que o mais varonil lhe cedia, sem controversia, a primazia toda.

«Envergonhava-se de pelejar com um só inimigo, e ainda com dois não admittia parallello o seu brio.

«Combater com quatro e cinco, aspirava o seu animoso espirito, e todavia, para muito mais mostrava tanto valor como animo.

«Tendo um choque com tres castelhanos (a quem muito aborrecia) maltratou os de maneira, que foram necessarios muitos tempos para se recobrarem.

«A outro que intentou offender a sua honra, deshonrou com uma grande bofetada, e porque este se quiz vingar da insolencia, ella o tratou de sorte, que esteve arriscadissimo a perder a vida.

«Outras muitas acções notaveis obrou esta illustre guerreira, que omittimos por serem quasi identicas.»

Não pude saber quando falleceu.

—

D. Luiz de Athaide, conde d'Atouguia, alcaide-mór e senhor donatario de Peniche —militou nos estados da India, na sua primeira mocidade, e voltando d'ahi a Portugal, passou a servir nas praças fronteiras de Africa.

Nomeado embaixador ao imperador Carlos V, partiu para a Allemanha, onde então o imperador andava em guerra com os protestantes.

Quando D. Luiz chegou, estava Carlos V para dar uma batalha ao eleitor de Saxonia, e o embaixador portuguez, immediatamente entrou n'ella, como soldado, tendo então occasião de salvar o estandarte imperial. A'

volta d'essa missão, foi nomeado vice-rei da India.

Foi aqui onde elle immortalisou o seu nome, restituindo o antigo explendor ao imperio portuguez no Oriente, o qual já pendia para a sua ruina.

Não só defendeu o antigo territorio que possuiamos, mas accrescentou-o.

Sustentou varios cêrcos, dos quaes, um dos mais notaveis, foi o de Gôa, contra o Idalcão.

Acabado o seu governo, voltou a Portugal, onde tal ruido tinham feito as suas façanhas, que foi recebido com pompa nunca vista.

Nomeado segunda vez vice-rei da India, o seu nome bastou para conter a ousadia dos reis d'aquellas partes.

Morreu D. Luiz, em Gôa, antes de ter completado o tempo do seu segundo vice-reinado, dispondo no seu testamento, que queria que os seus restos mortaes fossem transportados para Portugal e depositados no *convento do Bom Jesus, de Peniche* que elle mandára edificar.

Na egreja do dito convento, se conservaram em paz, e em decente mausuleu os restos d'este heroe portuguez, até 1834, épocha em que alguns extrangeiros engajados, e que por esses tempos fizeram guarnição n'esta praça, possuidos de um furor vandalico, sacrilego e cubiçoso, contra tudo o que pertencéra a frades e mosteiros, e cheirasse a antigualha, arrombaram o tumulo de D. Luiz d'Athaide, julgando encontrar n'elle alguma cousa de valor; porém, enganaramse, porque só encontraram pó e ossos; estes, em 1836, foram removidos para a parochial egreja de Nossa Senhora da Ajuda, onde se conservam guardados n'um corredor escuso, em um armario indecentissimo e carunchoso, d'entro d'um caixão ainda mais indecente!

Eis o ultimo jazigo de um esclarecido heroe que tanto honrou a sua patria, e a quem Peniche tantos serviços deve!

Se o nobre conde soubesse a triste sorte que estava reservada aos seus restos mortaes, diria como o poeta:

«*Ingrata patria, non possidebit ossa mea!*»

As camaras de Peniche, que, pelo menos a alguns annos a esta parte, tão sollicitas teem sido na promossão dos melhoramentos do seu municipio, ainda não tiveram occasião de incluir no orçamento, uma pequena verba, para ser construido ao excelso D. Luiz d'Athaide, um humilde mausoleu, em um dos seus cemiterios, e que servisse de monumento singello, da gratidão do povo d'esta villa, ao nobilissimo portuguez que tanto a enobreceu!

—

Jacob Rodrigues Pereira.—Nasceu a 11 de abril de 1715. Era filho de Abrahão Rodrigues Pereira e de sua mulher, Abigail Ribôa Rodrigues. Já se vê pelo seu nome e de seus paes, que era israelita. Sendo os judeus expulsos (estupidamente) de Portugal, foi Jacob para Paris, e ahi, dando-se ao ensino dos surdos-mudos, inventou o alphabeto manual, que o abbade de L'Épée depois aperfeiçoou.

Choveram as recompensas sobre o illustre portuguez. Os reis de França, Polonia, Suecia e Dinamarca, lhe fizeram muitas mercês, e as academias o cobriram de applausos.

Condamine, Buffon, Diderot, d'Alembert e Rousseau, commemoraram os seus talentos, com os maiores elogios.

Principiára os seus estudos em 1734, e, em 22 de novembro de 1746 apresentou á real academia das sciencias de Caen, um surdo-mudo, de 16 annos de edade, que respondeu, por escripto, com rapidez e judiciosamente, a quanto lhe perguntaram.

Outros muitos discipulos, egualmente instruidos, exhibiu, pelo que se tornou verdadeiramente benemerito da humanidade.

Luiz XV, de França, lhe concedeu uma pensão annual de 800 libras, em 22 de outubro de 1751, e em 1764 o nomeou seu *lingua*, para o portuguez e hespanhol. Foi feito socio da sociedade real de Londres, em 1771.

Morreu em Paris, em 1774, e jaz no cemiterio de *Villette*. Segundo outros escriptores, morreu em 15 de setembro de 1780. O que

é certo, é que morreu cheio d'honras e de riquezas. São seus descendentes directos, os celebres irmãos *Pereire*, tão conhecidos no mundo argentario e politico da Europa.

—

D. Antonio Ferreira Viçoso—bispo de Marianna (capital da provincia de Minas Geraes, no imperio do Brasil) e conde da Conceição.

Nasceu na freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, d'esta villa, em 1787. Era filho legitimo de Jacintho Ferreira Viçoso e de D. Maria Gertrudes, honradissimos e virtuosos proprietarios de Peniche, que educaram christanmente sete filhos, que tiveram do seu casamento.

O mais novo d'elles, o Benjamin da familia, foi o futuro bispo de Marianna.

De tenra edade, o mandaram seus paes estudar no convento de carmelitas descalços, de Olhalvo, concelho d'Alemquer, a 30 kilometros a E. de Peniche, onde já era um estudante distincto, seu irmão mais velho, o padre José Antonio Ferreira Viçoso, que veio a ser um illustrado e virtuoso parocho.

Depois de ter estudado o portuguez e o latim, n'este convento, passou para o seminario patriarchal de Santarem, onde estudou humanidades, com geral applauso de seus mestres e condiscipulos, edificando a todos pelos seus optimos costumes, e dando-lhes bons exemplos, pela compostura e affabilidade de suas maneiras.

Completos os seus estudos do seminario, entrou na congregação dos padres das missões, no convento de Rilhafolles, em Lisboa, onde estudou philosophia e theologia, e tomou ordens de presbytero.

Tal era o bom conceito em que era tido, que, apenas ordenado, o seu superior o mandou leccionar philosophia, no collegio que aquelles padres tinham na cidade d'Evora; onde esteve apenas dois annos, partindo, por ordem dos seus superiores, para a missão do Brasil, na companhia do padre frei Leandro Rebello Peixoto e Castro—a fim de missionarem nos sertões da capitania de Matto-Grôsso; passando depois para a missão de Minas-Geraes, por ordem de D. João VI, que estava então n'aquelle imperio.

Taes serviços prestou este eminente missionario, no Brasil, á Religião e á sociedade—ás letras e á instrucção publica, que foi, em premio, nomeado superior das missões no imperio, e pouco depois, bispo de Marianna e conde da Conceição.

Foi sagrado bispo, em 5 de maio de 1844, no Rio de Janeiro, assistindo ao acto da sagração, com tochas accezas, 70 personagens, entre elles, ministros, desembargadores, senadores, deputados e outros altos funccionarios publicos, que haviam sido seus discipulos.

Este santo prelado, foi no Brasil, no seculo XIX, o que D. frei Bartholomeu dos Martyres foi em Portugal, no seculo XVI.

Modesto no saber; activo e bom; humilde e grave; alegre na penitencia, eram as suas mais apreciaveis qualidades.

Falleceu este exemplarissimo prelado e portuguez benemerito, que tanto honrou esta villa, por ter n'ella o seu berço, em julho de 1875, com geral sentimento dos brasileiros, que tanto o honraram sempre, especialmente, dos seus diocesanos, que choraram lagrimas sinceras de pesar, pelo passamento do seu querido e santo bispo.

—

Eram naturaes de Peniche, os paes do celebre actor Epiphanio Aniceto Gonçalves, que falleceu em Lisboa, da *febre amarella*, em 1857.

—

São oriundos d'esta villa, por serem netos do famoso *Jacob Rodrigues Pereira*, do qual já fallei, os dois ricos capitalistas parisienses, *Isac Pereire* e *Emile Pereire*, ha pouco fallecidos — e que para que os francezes lhes não chamassem *Pereirá*, afrancezaram o nome, mudando o *a* em *e*—*Pereire.*

—

Antonio Leal Moreira—e *Eleutherio Franco Leal* — distinctos maestros, compositores de musica sacra, na capella real, de Lisboa.

Antonio Leal Moreira, não nasceu mesmo n'esta villa, mas em uma aldeia proxima, pertencente á freguezia de S. Leonardo da Atouguia.

—

O padre mestre Joaquim da Horta e Foyos,

da Congregação do Oratorio, socio da academia real das sciencias, que escreveu e publicou varias *Memorias*, muito curiosas, por ordem da mesma academia.

—

Faustino da Gama — rico negociante em Inglaterra, e regressando a Lisboa, com grandes capitaes, foi deputado ás côrtes, e morreu par do reino.

Era filho de José Ventura da Gama, negociante em Peniche.

—

Monte-pio Corpo-Santo

A corporação maritima, ou *capella do Corpo-Santo*, rege-se por um compromisso, feito em 31 de março de 1505, que foi ampliado, em 3 de agosto de 1587, e confirmado por D. Philippe II, de Castella, em 20 de setembro do mesmo anno; por D. João V, em 15 de maio de 1712; por D. José I, em 5 de maio de 1755; e pelo principe regente (depois, D. João VI) em 11 de fevereiro de 1802.

Esta corporação gosava de muitos privilegios, que a Carta aboliu, em 1826.

Os estatutos do monte-pio, foram approvados por decreto de 21 de fevereiro de 1866, e por alvará regio, de 15 de março do mesmo anno.

Tem por fim, dar soccorros de botica e facultativo, a todos os associados e suas familias.

Dar ás suas viuvas e orphãos, as garantias dos dois primeiros soccorros. Estes soccorros são tambem dados pelo monte-pio, ás viuvas e orphãos de maritimos e outras pessoas, que, por decrepitas ou doentes, já os gosavam antes da creação d'este estabelecimento.

Fazer emprestimos á classe maritima, mediante seguras abonações, das quantias necessarias para a reparação dos seus barcos e rêdes.

Os socios não maritimos, pagam de *joia*, 500 réis, e uma quota semanal de 40 réis.

Os maritimos pagam:

O dono, ou donos, e a companha de cada barco de viagem, um *quinhão*—isto é — tanto como a parte de qualquer companheiro.

O dono, ou donos, e a companha, de cada armação, cinco quartos de quinhão.

O dono, ou donos, e a companha, de cada batel de factura, tres quartos de quinhão.

O dono, ou donos, e a companha, de cada bátel de remos, tripulado por mais de duas pessoas, dois quartos de quinhão.

O dono, ou donos, e a companha, de cada batel de remos, tripulado por duas pessoas, um quarto de quinhão.

Cada trabalhador que pertencer á classe maritima, paga os 480 réis que pagava á corporação maritima.

Alem d'isto—os donos e companhas, das *artes* de pesca, dos barcos, bateis e facturas, de qualquer natureza, deduzem mais um por cento, dos seus interesses, applicado ás solemnidades religiosas, expressas no artigo 28.º dos estatutos — que são — as de Nossa Senhora da Boa Viagem, S. Pedro Gonçalves Telmo, e S. Vicente Ferrer, patronos d'esta sociedade.

Os filhos e mulheres dos associados, gosam certas garantias e soccorros, que seria longo enumerar.

O seu rendimento annual, termo medio, e despresando as fracções de milhar, foi em 1870:

Producto dos quinhões dos barcos de viagem.....	430$000 réis.
Dos 5/4 de quinhão, das *artes maiores* de pesca, e sua percentagem.......	550$000 réis.
Das fracções de quinhão, dos bateis e *artes menores*, em Peniche de Baixo (Ribeira)...........	365$000 réis.
Da mesma proveniencia, em Peniche de Cima......	156$000 réis.
Quotas semanaes, dos socios da terra..........	286$000 réis.
Somma	1:787$000 réis.

Despeza

Ordenados a facultativos e ministrante..........	460$000 réis.
Medicamentos...........	680$000 réis.
Subsidio aos socios doentes..................	250$000 réis.
Ordenados a empregados menores..............	53$000 réis.
Outras despezas..........	57$000 réis.
Festividades religiosas...	280$000 réis.
Somma....	1:780$000 réis.

Hoje, que este monte-pio tem augmentado muito, tanto em receita como em despeza—anda qualquer d'ellas, termo medio, por 2:300$000 réis.

São dignas de elogios todas as direcções, que se teem portado com o maior desinteresse, sollicitude, honradez e probidade; e é a essas circumstancias que se deve o estado prospero da instituição.

—

Rendas de Peniche

A industria das rendas de almofada, que tem em nossos dias tornado tão famosa esta praça, é o emprego da maior parte das mulheres das povoações da costa maritima do Algarve, desde tempos remotissimos, mas nenhum documento nos prova quando teve principio esta industria.

Já disse n'este artigo, que me parecia que em tempos de que não ha memoria, se estabelecêra n'esta peninsula (no sitio da *Ribeira*) alguma colonia de algarvios.

Alguns usos e costumes de Peniche de Baixo, principalmente a indolencia dos seus moradores, que em grande parte só se querem dedicar á vida perigosa e pouco productiva da pesca, e da navegação, recusando-se a outro qualquer serviço, por maiores que sejam as suas privações, e por mais tristes que sejam as suas circumstancias.

—

(O marechal inglez, Blunt, ao serviço de Portugal, sendo governador de Peniche, em 1812, compadecido das privações porque passavam os pescadores e suas familias, quando não havia pesca, e para ver se os acostumava a outra qualquer occupação, durante estas épocas criticas, offereceu um sacco de milho e uma enxada, a todo o que quisesse hir aprender a trabalhar nos campos.

Só um acceitou, e este, levou a enxada escondida debaixo do capote, envergonhado de dar um passo que julgava indigno da sua classe!)

Hoje, durante o inverno, quando o mar não permitte a pesca, já alguns, raros, pescadores se empregam em trabalhos do campo, ou outros quaesquer; mas é sempre com repugnancia, e só instigados pela sua fome, e, ainda mais, pela dos entes que lhe são cáros.

—

O viver das mulheres, sobremodo aristocratico, para familia de pescadores e marinheiros, occupando-se quasi exclusivamente das suas almofadas e dos seus bilros; e até o uso dos *capotes de rebuço*,[1] e certo tom de voz, tudo commum á gente do litoral algarvio, dão muita probabilidade a esta minha presumpção, pois tudo isto é commum aos antigos *cuneos*.

Não se póde pois fixar uma epocha para a introducção da industria das rendas n'esta villa; mas é certo ser antiquissima, pois que as mais velhas pessoas d'aqui, contam que as suas avós faziam rendas, o que tinham aprendido de suas mães e antepassadas.

E' provavel que nos primeiros tempos este fabrico não attingisse o actual grau

[1] Tambem ainda ha poucos annos, as mulheres d'aqui usavam de *mantos;* trajo esquisito, de que só usavam as algarvias e estas; e de que ainda ha alguns specimens, nas velhas do Algarve. (São do meu tempo, como os *rebuços.)*

O *manto* differe da *mantilha* (do Porto e Coimbra) em não ser talar.

Termina na cintura, onde é franzido, e d'ahi para baixo, até quasi aos pés, tem um (outros dois) *rabo,* que é uma especie de escapulario, de uns dois palmos de largo.

Era o trajo da semana santa, da confissão, das viuvas e das parteiras.

de perfeição; pois que alguma renda antiga que ainda existe nas casas de Peniche, é inferior, tanto em desenho, como no bem acabado, ás que se fazem modernamente.

São estas rendas no genero *Honiton*, imitação do *Guipure*, e da renda preta denominada *Chantilly*. [1]

Noto muita identidade no viver dos dois sexos, tanto nas povoações maritimas do Algarve com Peniche, como nos de Ovar, com aquelles.

Tambem as mulheres de Ovar se empregam, a maior parte, em fazer rendas de almofada, e *crochet;* mas devemos confessar que as rendas de Ovar, e Setubal, e mesmo as do Algarve, não teem a perfeição das d'esta praça.

Póde calcular-se em 900 as mulheres que se empregam exclusivamente no fabrico das rendas, cujo *officio* aprendem desde crianças—algumas principiam da edade de 4 annos!

Em todas as oito escolas do sexo feminino, da praça, se ensina a fazer renda.

Principiam pela *troca*, que é uma fita feita só com quatro bilros; passando depois ao *ilhó*, que é com 12, até 16.

E' d'este modo, que as mulheres de Peniche, quando chegam aos 15 ou 18 annos, executam os mais complicados desenhos, com tanta facilidade, que é para ellas um trabalho maquinal, conversando e prestando attenção a tudo quanto se passa e se diz!

[1] Denomina-se *Honiton* e tambem *Vallenciennes, Mechlin, Buckingham*, todo o genero de rendas feitas sobre modelo, em uma almofada, empregando-se bilros, e até fusos, para tecer a linha, de maneira a produzir o desenho que se pretende.

Guipure é a renda feita com agulha de *crochet*.

Blonde é a renda de seda branca—*Chantilly* (ou *Puy*, e *Gramont*) é a de seda preta, e feita á mão, com bilros.

As rendas feitas no tear, com bordados á mão, denominam-se de *Bruxellas*.

As rendas lisas feitas no tear chamam-se, de *Dublin*, *tulles* e *cambraias*.

São porém estas *rendeiras*, na sua maior parte, victimas da usura; porque certos homens e mulheres, lhes pagam as rendas adiantadamente, em dinheiro, generos alimenticios ou vestuario, tudo por preços exorbitantes, e recebendo as rendas por metade do preço porque depois as vendem; de modo que estes usurarios, vivem á custa do suor e das lagrimas das infelizes rendeiras: se não, é attender a que uma das mais habeis e desembaraçadas, apenas póde ganhar em um dia, 80 réis, termo medio.

Trabalha um mez, para ganhar 3$000 réis, mas hade dar a linha.

Anda por 20 contos de réis que annualmente se fabrica de renda n'esta praça.

Parece-me que havendo aqui tantos cavalheiros de reconhecida probidade, e caritativos, era facilimo formarem uma sociedade ou commissão, que comprasse as rendas ás productoras, pelo seu justo valor, não reservando para si, senão o juro do empate e as despezas das conducções.

Assim tornar-se-hia a vida das rendeiras menos desgraçada, e acabariam com esta especie de harpias ou vampiros, que só medram com a miseria alheia.

Seria o meio mais efficaz para tornar este producto ainda mais perfeito; porque a protecção d'aquella sociedade, seria—*O favor com que mais se accende o engenho*—e ás productoras poderia a mesma sociedade facilitar novos e bellos desenhos, feitos por pessoas competentes, abandonando os antigos; que pelas repetidas vezes que teem sido copiados (á vidraça) estão muito degenerados; e não apparece um só novo, pela falta de meios para as rendeiras os comprarem.

As rendas de Peniche, concorreram ás

exposições—de Londres, em 1851—de Paris, em 1855—do Porto, em 1857 e 1861.

Na de Londres, mereceram este elogio:

«*The exhibition of lace is limited, although there are some articles deserving notice from their richness, and ant'quity.*»

(A exposição da renda, é limitada; ha n'ella todavia, alguns artigos dignos de menSão, pela sua riqueza e antiguidade.)

Em ambas exposições do Porto, obtiveram medalhas de prata.

Na de 1857, disse o jury que «rivalisavam com os productos estrangeiros.»

Com respeito a esta industria, terminarei por dizer—*ha em Peniche* muitas rendeiras, cuja malha em nada é inferior á da famosa renda de Alençon; e se tivessem bonitos e elegantes desenhos modernos, e linha de melhor qualidade, conseguiriam que o seu trabalho lhe desse para as despezas urgentes, e que os seus artefactos fossem classificados como os primeiros da Europa; como em Portugal são considerados os primeiros d'este genero, aqui fabricados.

Os que desejarem mais amplas noticias sobre esta materia, e sobre outras producções d'esta praça, consultem na *Bibliotheca das fabricas*, publicada pela Associação promotora de industria nacional, o bello livro intitulado—*A industria de Peniche*, pelo sr. *Pedro Cervantes de Carvalho Figueira*, illustrado filho d'esta praça, curioso investigador das cousas da sua terra, e ao qual sou devedor de bastantes esclarecimentos da mesma, pelo que lhe dou os meus cordiaes agradecimentos.

—

Pesca

E' certo que a posição topographica de Peniche, parece appropriada para a industria da pesca, pois que o peixe nas suas repetidas migrações do N. para o S., e vice-versa, naturalmente devia affluir ás das vastas enceadas, de Peniche de Cima, e da Consolação.

Tambem é certo que ainda no principio do nosso seculo, as costas de Portugal eram muito mais piscosas do que o são hoje.

Causas ignoradas, porém, afugentaram em grande parte, o peixe do nosso litoral, e hoje este genero tem diminuido bastante, tornando a vida dos nossos pescadores sobremodo amargurada, em quanto por uma outra qualquer circumstancia, fóra do alcance dos calculos humanos, o peixe não tornar a affluir em abundancia ás nossas costas.

Os pescadores creem que a invenção dos barcos movidos a vapor, que principiaram a sulcar os nossos mares em 1816, foi a causa do peixe fugir *espandado*, para o interior dos mares.

Fundam-se em que a apparição dos barcos a vapor coincidiu com o abandono da maior parte do peixe; o que é érro; porque elle abunda em outros mares muito mais frequentados por vapores do que o nosso.

Sardinha—Trez meios differentes são aqui empregados para esta pesca—*Artes*, ou *armações estantes*—*cêrcos volantes*—e *sardinheiras*.

Ha actualmente em Peniche, 10 *artes*, precizando cada uma d'um barco grande a remos, chamado *lancha* ou *calão*, e de quatro *bateis*, tambem a remos, para o transporte do peixe para terra; alem de 12 ancoras e fateixas, cordas, etc., o que tudo custa, pouco mais ou menos, 1:500$000 réis,

Principia a pesca (chamada *costeira)* a 2 de janeiro e termina a 15 de agosto, empregando cada arte 20 homens.

Posto que a sardinha seja a principal pescaria, cáe nas artes tambem, carapau, agulha (grande e pequeno) badejo, bonito, alfaquique (palavra árabe, que significa *peixe-padre*) espada (*trichurus*, L.) toninha (delfim ou golfinho commum) [1] cação [2] *lixa*

[1] E' divertido ver as toninhas, correndo em rebanhos, já do S. para o N., já no sentido opposto, brincando e saltando sobre as ondas, e muito proximo das nossas costas.

faneca (palavra arabe—*archaneq*—especie de falcão—e vem a ser—*peixe passaro*) alem de outras muitas variedades, que se pescam em menor numero.

Esta é a pesca que se faz com as *artes*.

—

O *cêrco*, é outra qualidade de rede, de malha muito miuda, para *cercar* os cardumes de sardinhas, e outros peixes, que passam muito encostados á praia.

Para esta rêde, é preciso uma lancha, dois bateis e muitos braços.

Ha actualmente aqui, 10 *cêrcos*, custando cada um (não fallando na lancha e bateis) 180$000 réis.

A pesca com os *cêrcos*, faz se em setembro e outubro.

—

As *sardinheiras*, são redes mais pequenas, muito finas e ligeiras, com 40 metros de comprido e 6 de largo (alto) guarnecidas com outras redes.

Ha actualmente em Peniche, umas 60 *caçadas*, composta cada uma de 8 *sardinheiras*, que custam 4$500 réis cada uma; e, por consequencia, cada *caçada*, 36$000 réis.

A pesca com as *sardinheiras*, faz-se desde novembro até fevereiro.

—

Se muitas vezes, o pobre pescador se conserva inactivo, porque o mar não dá logar á pescaria, outras afflue ella em monstruosa quantidade; mas, nem assim o pescador é feliz, porque tem de a vender por vil preço.

Tem-se pescado, por muitas vezes, em um só dia, 240 e 250 bateis de sardinha; mas então, custa um cento de sardinha 5 réis, e um batel d'ella, 500 réis!

Muitas vezes acontece, ser preciso soltal-a das redes, deixando-a fugir, por não haver consumidores, nem sal para a salgar.

Então, quando a pesca é abundante, tem Peniche uma vida completamente diversa: tudo é alegria, movimento, e effervescencia.

Dos povos visinhos correm chusmas de homens, mulheres e bestas de carga, que sahem carregados, para hirem vender peixe pelas povoações do interior.

—

Tem fama a *sarda*, e a sua congenere—a *cavalla* [1]—de Peniche, e na verdade, bem merecida, porque, na sua especie, é a mais gostosa do nosso litoral. [2]

Apparecem na costa de Peniche, entre julho e novembro, atraida a estas paragens pela abundancia de alimento que aqui encontra, e que consiste em myriades de animalcos microscopicos, creados junto aos rochedos, camarões, e outros pequenos mariscos, a que os pescadores dão o nome de *comedia*.

Da abundancia d'este alimento, depende a abundancia da sarda e cavalla.

(Para os diversos modos d'esta pesca, vide a obra já citada—que vou resumindo—

Aqui, veem-se muitas vezes, retouçando junto ás muralhas da cidadella, ao forte das Cabanas e ao Alto da Vela.

Tem commummente 2 metros a 2m,40 de comprimento.

[2] Os naturalistas distinguem perto de 30 especies de cações.

Aos que se pescam em Peniche, dão os pescadores os nomes de—*Perna de Môça*, *Quelha*, *Patarroxa*, *Anjo*, *Albafar* (corrupção do arabe—*albacar*—e vem a ser—*peixe boi*) *Moleirinho* e *Canêja*.

[1] O *scombros* dos gregos, e *mackerd* (malhado) dos inglezes, e *maquereau* dos francezes, e *mackerel* dos hollandezes.

Diz-se que vem do latino *macula*, mancha, malha—e tambem *sarda* (pequena mancha da epiderme, na especie humana.)

[2] E' notavel como o peixe varia de gosto, na mesma costa, e até a pouca distancia.

Desde o rio Minho ate ao Douro, e desde Aveiro até ao Cabo de S. Vicente, a sardinha não faz differença no gosto, apenas a do N. é mais esverdeada.

Do Cabo de S. Vicente até Villa Real de Santo Antonio, é de melhor qualidade; porém onde ella é saborosissima, e talvez o mais gostoso de todo o peixe da nossa costa, é a colhida entre a *Granja* e *Ovar*, sobre tudo a famosissima de Espinho, superior na especialidade do gosto, á melhor de Nantes.

Diz-se que a sardinha de Espinho tem só um defeito—é ser muito barata.

Se cada sardinha custasse 500 réis, nenhum rei a despensaria na sua mesa.

do sr. Pedro Cervantes, a pag. 28 e seguintes.)

Onde se pescam em maior abundancia, é nas calhêtas e pequenas enceadas das Berlengas e Farilhões.

Quando abunda este peixe, um homem só, e á canna, póde pescar em um dia, de 500 a 1:500 cavallas!

Quando no verão aqui ha pouca abundancia d'este peixe, os pescadores de Peniche vão procural-o á costa da *Galé*, ou a Cezimbra, e quando ainda ahi o não encontram em grande quantidade, vão até á costa de Cadix; e algumas vezes, chegam até ao Cabo de Espartel, e á costa de Larache, na Africa, vindo vender a Lisboa a sua pescaria.

A *sarda*, que é uma variedade da *cavalla*, differença-se d'esta, por ser mais pequena, por ter as malhas mais pronunciadas e regulares, e os olhos mais pequenos.

Depois da sardinha, é esta a pesca mais abundante e mais rendosa de Peniche, apezar de se vender em tempo de fartura a 400 réis o cento.

Segundo Bloc, cada ova de cavalla, contem 540:000 ovos! Desova em junho.

—

O saboroso *cherne*, pesca-se em fevereiro, março e abril.

Empregam se n'esta pesca, 12 a 16 bateis, cada um tripulado por 12 ou 14 homens, e é feita a 30 e 40 kilometros da costa, ao anzol, e na profundidade de 300 a 400 metros!

Tem-se pescado chernes de 30 kilogrammas (duas arrobas) de pezo.

Os chernes pequenos, pescam-se muitas vezes á flor da agua, junto das madeiras fluctuantes, atrahidos pelos mariscos a elles adherentes.

—

O *goraz*, pesca-se em janeiro e fevereiro.

Tambem é pescado de 30 a 45 kilometros da costa, com uma linha, armada de 200 anzoes, que ás vezes todos trazem peixe; vindo de mistura com os gorazes, as *plumbêtas*, os ruivos, os cachuxos e outros peixes.

—

A *caneja* e a *pescada*, são colhidas em redes, a 25 kilometros da costa.

—

O safio, a abrótea, o pargo, a lagosta, a santolla, o lavagante e outros peixes e mariscos, são pescados de noite, em bateis a remos.

Os roballos, muges, sargos, e outros peixes, são pescados da terra, com anzol, estando o pescador collocado nos rochedos da costa.

A's vezes custa aqui uma lagosta, 25 réis!

Raras vezes aqui apparece o *peixe-agulha* (tomus turianus de L.)

Por costume antiquissimo, quando aqui se apanhava um peixe-agulha, era remettido pela corporação maritima, para a ucharia do rei; e por isso os de Peniche lhe chamam—*real peixe-agulha*.

E' muito saboroso.

O que aqui apparece em grande quantidade, é um peixe-agulha pequeno, de muito menor estimação que o antecedente.

E' de arribação, e vem em cardumes, apanhando se nas armações da sardinha.

Houve aqui, em tempos antigos, marinhas de sal (salinas) e ainda existem restos do seu aqueducto, no isthmo, junto á *Prégueira*; e, a umas ruinas que estão fóra da contra-escarpa, do fosso da praça, ainda se dá o nome de *casas do sal*.

Julgo que ainda podia (e devia) havel as, o que séria de grande utilidade para os pescadores, que teem de importar annualmente, de Setubal, Figueira e Aveiro, de 900 a mil moios de sal, o que lhe custa uma bôa quantia, álem das despezas do transporte.

—

Perto de 900 homens, de varias edades, vivem n'esta praça, da industria da pesca.

Os barcos, lanchas, bateis, redes, e mais utencilios necessarios para a pesca, e para transporte do pescado, valem aproximadamente 40 contos de réis; e os armazens para depositos do peixe e do sal, custaram mais de 60.

O rendimento do imposto do pescado (não fallando no que do alto-mar vae ser vendido a outros portos) anda annualmente em

Peniche, para o estado, por dois contos de réis.

—

Limo.—As algas e outras plantas marinhas, que o continuo marulhar das ondas arrancam dos rochedos, e arrojam á praia, nas *aguas-vivas*, ou depois das tormentas, são apanhadas aqui (como em todas as nossas costas) para serem empregadas em adubo das terras, e é optimo.

Ha aqui grande quantidade d'este *limo;* mas deve confessar-se que os habitantes de Peniche não são tão sollicitos em o colher, como os povos das costas d'Aveiro até ao Porto, e do Porto até Caminha.

N'estes sitios, não só os habitantes da costa, mas até os das povoações interiores— ás vezes de grandes distancias — vem aproveitar este adubo precioso, ou compral-o, a 2, 3 e 4$000 réis a carrada; mas em Peniche, vi eu grandes porções de limo estendido pela praia do Porto da Areia do Norte, na vasante, que o mar tornava a levar na enchente.

No Minho, nem esperam que elle *arróle* á praia; com a agua até á cinta, e servindo-se de grandes encinhos de compridos cabos, o vão buscar até onde acham *pé*, tanto homens como mulheres.

Mesmo assim, já em Peniche se apanham alguns milhares de carradas, cujo preço regula — depois de bem secco—por 2$000 réis cada uma.

Uma carrada de limo verde, reduz-se á decima parte do seu peso e volume, depois de secco, pelo que se vende a 200 réis.

Se as mulheres de Peniche de Baixo se quizessem sujeitar a apanhar limo — como fazem as do Douro e Minho—ganhavam mais do duplo do que a fazer renda; mas, por cousa nenhuma d'este mundo, ellas quereriam empregar-se n'este trabalho, que reputam degradante; sem se lembrarem que todo o trabalho licito, honra e enobrece.

Em todo o caso, é esta (mesmo mal aproveitada) uma fonte de riqueza para Peniche.

—

Os pescadores de Peniche, mostraram-se em todas as conjuncturas, leaes patriotas.

Quando, em 22 de maio de 1589, aqui desembarcou parte do exercito inglez, commandado por João Norris, [1] a favor do mal aconselhado e infeliz *prior do Crato*, seria recebido com alegria e cordealidade, e se não fosse o vergonhoso tratado, feito com a rainha Isabel, de Inglaterra, de certo, cada penichense válido, seria um soldado de D. Antonio.

Foram sempre dedicados aos seus alcaides-móres e commendatarios, os condes de Atouguia; e quando no sempre memoravel e glorioso dia 1.º de dezembro de 1640, a legendaria D. Philippa de Vilhena, condessa d'Atouguia, armava, por suas proprias mãos, a seus dois filhos, ainda adolescentes, D. Jeronymo d'Athaide, e D. Francisco Coutinho, [2] animando-os a combater pelo seu rei natural e pela sua patria; os penichenses, secundaram immediatamente a revolução de Lisboa.

Em 1808, estava o feroz e orgulhoso Junot dominando despoticamente Portugal, em nome do seu senhor.

A bandeira sagrada das Quinas, tinha sido arriada em todas as fortalezas e edificios publicos, e as armas de Portugal haviam sido picadas em quasi toda a parte.

Os francezes tinham uma forte guarnição em Peniche; mas nada d'isto aterrou os bravos pescadores d'esta praça, que promoveram a emigração para a Berlenga (occupada pelos inglezes) conduzindo para alli os emigrantes; hindo depois, com todos os seus barcos, auxiliar o desembarque dos nossos alliados, em *Porto Novo*, proximo ao *Vimeiro.*

—

Como a *Carta Constitucional* deitava por terra todos os privilegios que esta villa gosava, uns, desde o tempo do imperador Julio Cesar, e outros, desde o tempo de D. Affonso Henriques, não admira que os penichenses tomassem o partido do sr. D. Miguel I; pelo que, em 1828, esta villa e a de

[1] Eram 12:000 homens. Desembarcaram em Peniche e na *Ericeira*. Vide *Ericeira*.

[2] O mesmo e no mesmo dia, fez D. Marianna de Alencastro, aos seus dois filhos, Fernando Telles, e Antonio Telles.

Obidos, formaram um batalhão de voluntarios realistas, que deixou de existir em 1834.

—

Em 1833, Miguel Pereira Marinho, com alguns portuguezes, belgas, francezes e inglezes, do partido liberal, se apoderaram do pequeno forte e ilheu da Berlenga, que estava abandonado, e protegidos pela esquadra de Sertorio, artilharam o forte, e se pozeram em *pé de guerra.*

Na manhan de 26 de julho de 1833, soube-se em Peniche, que o conde de Villa Flor tinha entrado em Lisboa, á frente de uma *divisão* liberal (1:600 homens!)

Era governador da praça de Peniche, pelo sr. D. Miguel, o marechal de campo, Antonio Feliciano Telles de Castro Apparicio, e tinha debaixo das suas ordens, a ala esquerda de infanteria n.º 4—um destacamento de artilheria n.º 1—um destacamento de artifices engenheiros—uma companhia de veteranos—os batalhões de voluntarios realistas de Peniche e Obidos, o de Torres Vedras, e duas companhias do de Castro Daire—os regimentos de melicias de Leiria, Soure e Coimbra, e um dos quatro regimentos de milicias de Lisboa (o de *D. Jorge*)—ao todo mais de 2:000 homens.

A praça estava sufficientemente artilhada, e os paioes cheios de polvora e bala.

Pois com tudo isto, foi tal o terror panico que se incutiu n'esta gente, que fugiram cobardemente, abandonando na sua fuga desordenada, armas, petrechos de guerra, e até artilheria volante!

Os liberaes que estavam na Berlenga, souberam logo isto, e vieram immediatamente occupar a praça; mas na sua entrada, praticaram toda a sorte de atrocidades.

Alem de mutilarem os altares e imagens sagradas, da egreja do mosteiro, e despedaçarem e profanarem o tumulo de D. Luiz de Athaide, como já disse, espancaram quanta gente encontraram na villa, e, agarrando dois desgraçados realistas—um chamado *Martinho* e outro *Victoriano*—os amarraram ás boccas de duas peças, e disparando-as morreram despedaçados!

Isto em uma praça que se lhes havia abandonado sem a minima resistencia; sem ser preciso arder uma escorva!

A unica consolação que temos, é que estas scenas de ignobil canibalismo, foram praticadas por poucos portuguezes, pois a maior parte d'estes malvados, eram como já disse, francezes, inglezes e belgas.

Marinho cobriu-se de eterna ignominia, por auctorisar tão repugnantes barbaridades.

Não recordo estas scenas de horror, para fazer recrudescer odios mal extinctos pelo decurso de 43 annos; mas apenas como um facto historico.

Se fossem praticados pelos realistas, mencionava-os do mesmo modo, como fiz em *Albufeira, Estremoz*, etc.

Jus suum cuique tribuens.

—

Tencionava dar uma planta topographica da praça de Peniche e suas dependencias (Berlenga, Consolação, e Baleal); mas, para não fazer uma excepção, que Elvas, S. Julião da Barra, S. João da Foz do Douro, Vallença do Minho, e outras praças me levariam a mal, limitar-me-hei a mencionar as distancias relativas, dos differentes fortes, que jogam (podem jogar) a sua artilheria, combinada, protegendo-se mutuamente.

Da Berlenga...	Ao Forte da Luz — Peniche........	kil.	12
	Á Capella dos Remedios............	»	10
	Ao Cabo Carvoeiro	»	10 1/2
	Á Cidadella.......	»	12 1/2
	Á Consolação (Atouguia)..........	»	16
Da Consolação	Á Cidadella — Peniche..........	»	3 1/2
	Ao Cabo Carvoeiro	»	5 1/2
	Ao Forte da Luz..	»	5
	Ao Baleal (Atouguia)..........	»	6 1/2
Do Baleal....	Ao Forte da Luz— Peniche........	»	3
	Á Berlenga.......	»	14 1/2
	Á Cidadella......	»	4

—

Da *Consolação*, já tratei a pag. 379, col. 2.ª do 2.º vol., e a pag. 172, col. 2.ª d'este, e nada mais tenho a accrescentar aqui.

—

Do *Baleal*, tratei a pag. 312, col. 2.ª do 1.º volume; mas, como do *vivo ao pintado* ha muita differença, e eu, em setembro de 1875 examinei com toda a minuciosidade estes sitios, accrescento qui mais o seguinte:

O Baleal, é um grupo, formado por uma pequena peninsula,[1] formada de rochas calcareas, separado do continente, por uma lingua de areia (isthmo) de uns 100 metros de largo, e 200 de comprido; e que é o *Baleal* proprio; e por dois ilheus, da mesma formação — um, denominado *Ilha de Fóra*, 60 ou 70 metros ao O.N.O. do Baleal—e pelo *Ilheu*, a uns 140 metros a O.N.O. da Ilha de Fóra.

Tudo isto é no districto da freguezia de Atouguia da Baleia, concelho de Peniche.

Este grupo está em linha recta, de E.S.E. a O.N.O.

Na extremidade N. do Baleal, existem restos de muralhas, e as *plataformas* de lagens, de uma bateria, mandada construir por Junot, em 1808. Junto a isto, se vêem as ruinas de um moinho de vento.

Disseram-me que na Ilha de Fóra, ha tambem vestigios de fortificações, de tempos remotissimos; mas, como o mar estava bastante inquieto, quando aqui estive, e o accesso ao ilhote é muito perigoso, não me atrevi a hir verificar isto. O que posso dizer, é que, do Baleal, não se divisa o menor indicio de obras d'arte.

Tanto o Baleal, como os dois ilheus, são formados de optimo marmore calcareo, alternado com algum, pouco, feldespatho; ficando a uma altura sobre o nivel do mar, que varía entre 4 e 7 metros, formando-lhes as extremidades, rochedos medonhos, cortados a prumo, contra os quaes o mar se debate furioso, quasi constantemente, cobrindo de espuma toda a superficie dos ilheus. Só do lado de terra (E.) é que o môrro abate, dando menos difficil entrada.

As rochas estão dispostas em camadas de córte obliquo, variando a sua espessura entre 0m,50 e 1m,50.

Ao N., fica-lhe a aldeia do Ferrel — onde tambem houve um forte—e ainda mais além, as praias de Obidos.

A Consolação, fica ao S.; e o forte da Luz e o môrro da Papôa, em Peniche, ficam a O.

Do Baleal, gosam-se extensas e magestosas vistas, tanto de terra como de mar.

Vem aqui estabelecer-se, nos mezes de inverno, algumas companhas de pescadores de *sardinheiras*, á espera dos cardumes de sardinha que descem da costa.

—

Ainda que, todos os predios que hoje se vêem no Baleal, sejam de construcção muito moderna (o mais antigo — exceptuando a capella—talvez não tenha 40 annos) foi este agglomerado de rochedos, povoado de tempos immemoriaes, do que ha vestigios; mas seus habitantes (provavelmente, todos pescadores) viviam em continuo rebate, por causa das entradas dos mouros, que os captivavam e levavam para a Africa.

A capella de Nossa Senhora das Mercês e Santo Estevam, é tambem muito antiga, pois já existia havia muitos annos, quando teve logar o milagre do resgate da imagem da padroeira, que já contei, na 1.ª col. de pag. 313 do 1.º volume, e que o *Sanctuario Marianno* (vol. 2.º, pag. 117) diz ter acontecido pelos annos de 1590. (N'este logar, diz o padre fr. Agostinho de Santa Maria, que a imagem da Senhora, apenas teve, na Africa, o pêso de uma *pataca* em prata.)

Note-se que esta imagem é de roca, e feita de uma madeira muito leve.

A sua festa, é a 26 de dezembro.

A ermida é pequenina, mas está muito bem conservada. Tem capella-mór, de abobada de tijolo, de fórma conica, completamente revestida de azulejo, assim como o resto do templo. Tem um alpendre ou gallilé, e n'elle uma casinha, onde vive um eremitão, que se sustenta de esmolas, pois não tem (me disse elle) o minimo ordenado. É um homem dos seus 60 e tantos annos, e sem distinctivo algum que o faça conhecer como eremitão.

Nasceu no Baleal, o padre Lourenço An-

[1] Era mais proprio chamar-se ilheu, pois só na baixa-mar é que communica com a terra.

nes, reformador do clero secular, do seu tempo, fallecido em 1460, e do qual falla o auctor dos *Agiologios*, no tomo 1.º, pag. 509.

—

Tratei das *Berlengas*, a pag. 389, col. 2.ª e seguintes, do 1.º volume; mas, pelo mesmo motivo que n'este artigo dei com respeito ao Baleal, accrescento mais o seguinte:

Frei Bernardo de Brito, que, diga-se a verdade, não é sempre digno de grande credito, diz na *Monarch. Lus.* (P. 2.ª, L.º 5.º, cap. 26, pag. 124) saber-se, por tradição, que *as Berlengas, ilhas e rochedos, fronteiros ás costas de Portugal, foram terra firme d'este reino; e que algum terremoto, occorrido em tempos de que não ha memoria, subverteu tudo o que era terra, deixando á superficie das aguas, apenas os rochedos.*

Da mesma opinião é o capitão, Luiz Marinho (*Fundação, antiguidades e grandezas de Lisbôa* — L.º 1.º, cap. 32, pag. 135), pretendendo até provar, que estanceavam por estas paragens os famosos *Campos Elysios.* Diz elle, no logar citado:

«Confirma-se, com as situações e auctori«dades dos auctores allegados (Homero, Luiz «Vives, D. Sebastião Cuvarrubias, Abrahão «Ortelio, Diodoro, Pomponio Mella, Solino, «etc.) serem as nossas Berlengas, as antigas «*Fortunadas*, [1] e nas ruinas e fragmentos «que d'ellas permanecem, tem o oceano con«servado a sua memoria, para que de todo «se não perdesse; ostentando a fertilidade e «frescura antiga, nas fontes e caça que se «acha n'aquelles pedaços de terra, combati«dos das furiosas ondas: sendo a maior d'es«tas Berlengas, a *Erythia*, celebre na anti«guidade.

«Outras ilhas mais, que as nossas Fortu«nadas, se inundaram na costa da Lusita«nia, das quaes só dura a memoria, em *Flo«rian do Campô*, no *padre Marianna*, e ou«tros, tratando dos descobrimentos que os «capitães de Carthago fizeram, das costas de «Hespanha e Africa, pelos annos 307 da fun«dação de Roma (446 antes de J.-C.) confor«me a Plinio, e Festo Avieno: e accrescen«tam, que descobriu Hamilcon, grandes «ilhas, n'esta costa de Portugal, das quaes «agora não ha noticia. Etc.» (Vide *Strinia.*) — E continúa:

«De todas estas ilhas, não restam mais «que as ruinas das Berlengas.»

Plinio (*Hist. nat.*, L. XI, cap. 67 — e *Geogr.*, L.º 1.º, cap. 6.º) descrevendo a viagem que por ordem do senado carthaginez fez Hamilcon, para examinar as costas occidentaes da Europa, diz que este chefe e seus companheiros, tendo sido maltratados pelos moradores do Cabo do Espichel, fugiram para Lisboa, onde foram benignamente recebidos; e ahi, tomando pilotos, conhecedores da costa, navegaram até ao *Promontorio da Lua* (Cabo da Roca) e *descobriram as Berlengas, então povoadas por pescadores, e que n'esta costa viviam os turdulos.* (Robertson, Intr. á Hist. ant., vol. 1.º, pag. 13.)

O mesmo Robertson (Ac. dos Hum. e Ign. vol. 2.º, pag. 197) diz que — consultando *escriptos muito curiosos*, d'elles consta, que, pondo Julio Cesar cêrco aos herminios, habitantes d'esta peninsula (Peniche), alguns homens e mulheres se esconderam com seus filhos nas cavernas dos rochedos (junto á egreja de *Nossa Senhora do Livramento*, hoje, *dos Remedios*) e alli foram mudando, pouco a pouco, de costumes e alimentos; sustentando-se de polvos, carangueijos e outros mariscos, crus. Tornaram-se depois tão habeis nadadores, que passavam no mar a maior parte dos dias e das noites, agarrando os peixes com as mãos e com os dentes; mas, fugindo das embarcações, como os peixes; de modo que os gentios os consideravam deuses do mar, e lhes offereciam sacrificios, para se livrarem dos temporaes.

Diz ainda o mesmo escriptor, que no anno 37 da era christan (era então proconsul da Lusitania, Vibio Sereno) um d'estes homens-peixes, sendo já velho, quando tinha fome, tocava um buzio, para que seus filhos, netos e bisnetos, que andavam no mar, pescando, lhe trouxessem peixe para seu sustento.

—

Dá-se o nome de *Berlengas*, não só á *Ber-*

[1] Todos os geographos e historiadores modernos concordam em que as antigas ilhas Fortunadas, são as hespanholas, hoje conhecidas sob o nome de Canarias.

lenga propriamente dicta (á qual tambem chamam *Berlenga Grande*), mas aos varios cachopos que lhe ficam ao E. e O.

Aos primeiros, que distam apenas 400 metros, chamam *O da Velha* — a um grupo de 13 ou 14 penhascos, que mostram as suas negras e limosas cristas fóra da agua, a 800 metros ao O., dão o nome de *Estrellas* — e, finalmente, a um agglomerado de rochas, e 4 ou 5 cachopos, que lhe ficam a 2 kilometros ainda ao O., chamam os *Farilhões*. Vide *Peninsula*.

Tanto a Berlenga, como os rochedos que ficam descriptos, o Baleal, e todos os alcantis da costa de Peniche, são habitados por muitos milhares de gaivotas e outras aves maritimas, que aqui vem fazer seus ninhos em todas as primaveras.

É na apanha dos ovos d'estas aves, que já bastantes pescadores teem morrido despedaçados, como disse no logar citado, do 1.° volume.

Os mezes de maio e junho, são os proprios para a *colheita dos óvos*, que se vendem nas tabernas da praça, cosidos, a 10 rs. cada um. Os ovos de *airo* são muito lindos, e procurados para ornamento de *jardineiras;* mas a sua apanha, sendo ainda em sitios mais perigosos do que os das gaivotas, tem custado muitas vidas.

Tambem nas Berlengas apparecem, em abundancia, *pedras roladas,* de marmore preto e vermelho, com que se fazem bonitos pavimentos, formando uma especie de mosaico.

—

Tornemos a Peniche.

Egreja de Nossa Senhora da Ajuda

Segundo o *Sanctuario Marianno* (Tom. 2.°, L.° 1.°, tit. 32) a origem d'esta egreja, é a seguinte:

Ao N. da villa, no sitio da *Papôa*, onde a costa é formada por altissimos rochedos, ha umas cavernas, chamadas *Ninho dos Córvos*, e em uma d'ellas appareceu uma imagem da Santissima Virgem.

Os que primeiro a viram, foram os tripulantes de um barco que passava junto dos rochedos, e que vieram dar parte á povoação.

Acudiram logo ao sitio, e com uma corda atada á cadeira em que se sentava a Senhora, a guindaram para o alto dos rochedos, estando outros em um barco, para com páos desviarem a córda, das arestas das pedras, para se não prejudicar a imagem. Foi collocada na egreja de S. Vicente (de que já fallei) e *junto á casa da saude,* que então alli havia.

Teve o povo desde logo tanta devoção com esta Senhora, a que deram o titulo de *Ajuda,* que, sem perda de tempo, lhe construiram uma capella, tão ampla, que mais tarde, foi elevada a egreja matriz, da freguezia de Peniche de Cima.

Parece que esta apparição teve logar antes de 1580, pois diz fr. Agostinho da Santa Maria, que o veneravel padre, fr. Francisco Farão, da familia dos Arraes, do Algarve, e religioso da ordem dos menores, hindo assistir aos empestados de Peniche, na dita casa da saude, tomou grande devoção com a Senhora da Ajuda, e animou os doentes, dizendo-lhes que logo que elle morresse da peste, cessaria o contagio — e assim aconteceu: pedindo á hora da morte, que o sepultassem á vista da Senhora da Ajuda, o que se cumpriu.

Toda a gente da praça tem grande devoção com esta santa imagem, particularmente os pescadores e navegantes.

—

Temos visto quantas e quão vantajosas são as condições de desenvolvimento e prosperidade que se reunem n'esta villa; porém, só deve o que é, aos seus proprios recursos, e á energia, actividade e amor ao trabalho dos seus habitantes, e nada absolutamente á protecção dos nossos governos, que, desde o fallecimento do ultimo dos seus donatarios, o ultimo conde de Atouguia, no cadafalso de Belem, nunca mais quizeram saber da fortuna ou adversidade dos penichenses.

Ainda em 1875, com a creação de trinta comarcas no continente, debalde requereu a camara e o povo, ao governo portuguez — que elevasse este concelho á cathegoria de comarca, como era de justiça, visto que po-

voações muito menos importantes, conseguiram esta clasificação.

Foi ainda de balde que allegaram — que — Peniche era cabeça de um dos mais antigos concelhos da provincia; praça d'armas, de primeira ordem; com grande tráfego de commercio; uma das mais importantes povoações do districto; porto de mar, frequentado por embarcações nacionaes e estrangeiras, de todos os lotes; ter posto semaphorico; estação telegraphica; delegação da alfandega; vice-consulados de diversas nações; agencias de bancos, e de companhias de seguros; edificios publicos, com capacidade para acommodar todas as repartições concernentes a uma comarca, e casas particulares para residencia dos magistrados e empregados publicos de fóra da terra; cadeias publicas muito seguras; pessoal illustrado sufficiente para os differentes cargos; grande affluencia de gente de varias terras, que aqui vem comprar e vender as suas mercadorias; grande movimento de importação e exportação.

Que teve antigamente ouvidor, e depois, até 1834, juiz de fóra; que foi muito considerada por D. Philippe III, que a elevou á cathegoria de villa, em 20 de outubro de 1609; e por D. Affonso VI, que lhe concedeu grandes privilegios, fóros e regalias, por alvará de 6 de agosto de 1665; e pelo proprio governo liberal, que elevou a villa a cabeça de districto maritimo, pela carta de lei, de 2 de julho de 1867.

Que distava 33 kilometros das Caldas da Rainha (actual cabeça de comarca) e 38 de Torres-Vedras, sem uma estrada para qualquer d'estas (ou de outras) povoações.

Que a maxima parte da população de Peniche, vive da industria e commercio das pescarias; não podendo por isso, abandonar o litoral; que nada teem os habitantes de Peniche que hir comprar ou vender áquellas duas villas, porque são os moradores d'ellas que vão a Peniche comprar e vender; que é mais populosa, rica e importante do que as villas das Caldas da Rainha, Torres-Vedras e Obidos, povoações que lhe ficam mais proximas.

Que era de toda a justiça crear-se aqui uma comarca, composta dos julgados de Peniche, da Amoreira (creado em 1875) e da Lourinhan; pois se davam todas as circumstancias exigidas no artigo 2.º, e excepção do § 2.º do mesmo, da carta de lei, de 16 de abril de 1874.

Finalmente, o requerimento que a camara municipal dirigiu ao sr. D. Luiz I, em 29 de setembro de 1875, termina por um brado de justissima queixa, contra a desconsideração de que Peniche tem sido victima. É concebido n'estes termos:

«É pois manifesta a injustiça, commettida para com este concelho, e principalmente para com esta villa, mas esta camara está de ha muito habituada a vêr com magua que os legitimos interesses dos seus municipes são quasi totalmente descurados pelos poderes publicos.

«Aqui não ha um melhoramento unico concluido á custa do cofre geral do Estado, se exceptuarmos a estação telegraphica, e insignificantissimos reparos feitos na fortificação, sufficientes todavia para attestar que nem por este lado o governo olha com attenção para esta localidade, considerada militarmente, como um posto avançado da defeza de Lisboa!

«Podiam, sequer, ter-nos dado uma estrada das que ha votadas; mas ellas teem sido apenas, um pretexto para dar prosperidade a outras povoações, aliás menos recommendaveis do que esta, pela sua importancia civil e militar; por isso que tendo sido começadas com o nome de—estradas de Peniche—ainda não houve uma que aqui chegasse, e todas teem parado nas localidades aonde as fez chegar qualquer influencia mais ou menos justamente attendida: emquanto que nós, que a ellas temos direito, estamos quasi inhibidos de sahir d'aqui para não hirmos expôr-nos ás fataes consequencias a que podem levar-nos os constantes precipicios, que constituem as nossas unicas vias de communicação exterior!

«A falta d'uma boa estrada, tem sido e continuará a ser, emquanto a não tivermos, um dos grandes males que affectam esta povoação. A sua praia, uma das melhores das nossas costas, deixa de ser bastante fre-

«quentada, pela grave falta de boas commu-«nicações. O nosso mercado, posto que sem-«pre abundante e concorrido, podia sel-o «mais se houvesse uma estrada sempre tran-«sitavel. A propria força militar que aqui «destaca, tem uma marcha incommoda e até «perigosa para si e vexatoria para os povos, «o que deixava de succeder se houvesse um «bom caminho.

«Finalmente, Senhor, Peniche tem direito «incontestavel a um certo numero de melho-«ramentos materiaes, que tão injustamente «lhe teem sido negados.»

Mas, já lá vão quasi oito mezes, e a camara e povo de Peniche ainda não obtiveram despacho favoravel; nem o conseguirão, porque em Portugal actuam mais as influencias do campanario, do que a razão, a justiça e a commodidade e prosperidade do povo, apezar de se dizer que é em *attenção* a estas duas cousas, que se fazem tantos decretos, alvarás, leis e portarias, que as estão constantemente *desattendendo!*

É pena; porque, Peniche elevada a séde de comarca, com o conjunto de circumstancias que se dão n'esta importantissima villa, em poucos annos seria uma das principaes da Extremadura.

—

Ha em Peniche seis confrarias, todas ricas. A Misericordia tem um rendimento annual de 3:000$000 réis.

Uma associação de soccorros mutuos, que rende cada anno mais de dois contos de réis.

Teem vices-consules em Peniche—a França, Gran-Bretanha, Hespanha, Hollanda, Belgica, Grecia e o Brasil.

O valor annual das suas pescarias, anda por 60 contos de réis.

—

Além do mosteiro do Bom-Jesus, de religiosos franciscanos, proximo ao Cabo Carvoeiro, e de que já tratei, ha tambem no districto d'este concelho (na freguezia d'Atouguia da Baleia) o mosteiro que foi de conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) de S. Bernardino.

Fica a 3 kilometros ao O. da villa d'Atouguia, 4 ao S.E. de Peniche, e proximo da aldeia e forte da Consolação, e do mar.

Foi vendido depois de 1834. — A egreja, está profanada, e pertence ao sr. Silverio Rosa, do Ferrel.

O edificio do mosteiro e a cêrca são do sr. Verissimo Joaquim Ferreira Souto, de Peniche. Aquelle está ameaçando imminente ruina; e esta está hoje transformada em vinha, terra lavradia e matto.

—

O rio d'Atouguia, que morre n'este concelho, vem desaguar ao oceano, 1:500 metros ao S. de Peniche, e outros tantos ao N. da Consolação, no sitio do *Medão-Grande.*

(Vide *Baleal, Berlengas, Passos de D. Leonor, Serra d'El-Rei,* e *Valle-Bem-Feito.*

—

No dia 10 de maio de 1876, appareceu junto da Berlenga, uma garrafa, arrolhada, contendo um papel, que parece ser pedaço de alguma folha, arrancada de um livro em momento de grande angustia.

Este papel tinha escripto a lapis, e em lingua ingleza, algumas palavras pouco legiveis. A traducção possivel é esta:—«*Agosto 7 de 1872—Altura das ilhas Scylli—Escuna Lonce, capitão Beetsby; foi abalroada pelo vapor* (palavra confusa) *Real, hindo a pique junto ás rochas fl...* (illegivel o resto da palavra); *perdida toda a tripulação, excepto o despenseiro Barler*» (Este nome tambem confuso).

Andou pois esta garrafa sobre as ondas, quasi quatro annos.

O papel que a garrafa continha, foi remettido ao consulado inglez, para se lhe dar o devido destino.

PENINHA—Vide o vol. 2.º, pag. 303, col. 1.ª no fim.

PENINSULA IBERICA—é a grande região que estanceia ao occidente da Europa, e da qual faz parte.

E' dividida da França (que lhe fica ao N.) pela cordilheira dos Pyreneos, [1] e, em parte,

E' quasi um parallelogramo, formado a

[1] O territorio francez, comprehendido entre Narbona (a E.) na costa do Mediterraneo, até Bordeaux (ao O.) na costa do Atlantico—e desde o Cabo Creux (E.) até Bayonna (O.), é o isthmo que separa a peninsula do continente.

pelo rio Bidassôa, e por todas as outras partes, é cercada pelo mar.

A costa do N., quasi em linha recta [2] principia na bahia de S. Sebastião de Biscaia, e seguindo por Bilbáo, Santander, Gijon, Ribadeo, Cabo Ortegal, e Corunha, vae terminar no Cabo de Finisterra; d'ahi principia a costa do O., que vae terminar ao Cabo de S. Vicente; porém o territorio hespanhol d'esta costa, finda na margem direita do rio Minho, e d'ahi para o S., é o litoral portuguez,

No cabo de S. Vicente volta a peninsula para o S., terminando o reino de Portugal na margem direita do Guadiana, e principiando outra vez o territorio hespanhol até ao estreito de Gibraltar.

Toda esta costa do N., como as do O. e S., é banhada pelo Occeano Atlantico.

Desde o estreito (excluindo a praça de Gibraltar) até ao Cabo Creux, é a costa oriental hespanhola banhada pelo Mediterraneo.

O clima da Peninsula Iberica (ou Hispanica) [1] varia muito, segundo está, mais proximo ou remoto da costa maritima, ou das altas montanhas que accidentam esta vasta região; porém onde se gosa o clima mais benefico, é desde o centro da Hespanha, até ás costas portuguezas.

O clima das provincias do N. hespanholas, é excessivo, e o dos Pyreneos, frigidissimo.

Excluindo a maior parte da Peninsula Italica, o clima da nossa, é, no geral, o mais benigno da Europa, e dos mais salubres de todo o mundo.

Alem d'isso, é esta região fertilissima em todas as producções agricolas da Europa, abundante em todos os generos necessarios á vida dos homens e dos animaes, e tem grande numero de minas de toda a qualidade de metaes e metaloides, muitas d'ellas em lavra activa, e não poucas esgotadas, pelos trabalhos mineralogicos e metellurgicos dos phenicios, carthaginezes, romanos e arabes.

Por todas estas circumstancias, desde eras remotissimas, tem este paiz sido o el-dorado de uma multidão de aveutureiros de todas as nações, invadindo-o por terra e por mar, e carregando muitos milhares de navios com o fructo das suas explorações, e não poucas vezes, das suas rapinas.

Tambem é em razão d'essas invasões estrangeiras, que nós, os peninsulares, não formamos uma raça distincta e genuina, como os scandinavos, os mongolicos, os arabes, os gregos antigos, os indios, os chinas, ets., etc.; porque, grande numero dos invasores, fixando aqui a sua residencia. *crusaram* as raças, vindo os actuaes hespanhoes e portuguezes a descender dos iberos, dos gallos, dos francos, dos gregos, dos syrios, dos godos, dos vandalos, dos turdulos, dos alanos, dos selingos, dos arabes, e de muitas outras raças, que com o correr dos seculos vieram a formar novas raças, cuja origem é hoje impossivel descriminar ou distinguir.

—

A mesma confusão ha, quanto aos aborigenes.

Quem foram e d'onde vieram os primeiros habitadores da Peninsula Iberica?—Mysterio!

Haveria aqui uma raça de homens, mais ou menos civilisada, que depois, por alguma grande catastrophe phisica do globo—submersões, diluvios, terramotos, etc.—ou por alguma grande revolução social (especie de *edade petroleira*, antidiluviana) que, fazendo perder aos homens o sentimento do bom e do bello, os embrutecesse?

Seriam sempre selvogens e antropopha-

E., pelo Golfo denominado de Leão, no Mediterraneo—e ao O., pelo Golfo chamado de Gasconha, e tambem de Biscaia.

[2] E conservando ainda a mesma linha até á extremidade E. dos Pyreneos, que para o O., já em terra de Hespanha, continuam com diversos nomes, desde S. Sebastião de Biscaia, até Lugo, formando uma só cordilheira, que principia no Cabo Creux e vae terminar perto do Cabo de Finisterra, conservando sempre uma linha quasi recta, desde o Mediterraneo até ao Oceano.

[1] Os romanos, e depois d'elles, os godos e arabes, davam a esta Peninsula o nome de *Hespanhas*.

Ainda muitos escriptores modernos lhe dão actualmente esta denominação.

gos, os primitivos peninsulares, denominados *homens das cavernas*, ou da primeira edade da pedra—*archeolithica?*

Quando principiaria esta região a ser habitada pela raça humana?

Outro mysterio, que, provavelmente, já mais deixará de o ser.

Qual seria a sua configuração physica primitiva?

Quando se formariam essas immensas cordilheiras, essas alterosas montanhas, esses elevados picos?

O que seria mar?

O que seria terra firme?

Ainda mysterio!

E' certo que tem passado por grandes alterações physicas, por grandes convulsões, por medonhos cataclismos, o nosso sólo.

Ha em Portugal vestigios que provam com a mais indiscutivel evidencia, que, onde hoje se veem formosos valles, e veigas feracissimas, foram mares outrora.

Em alguns pontos, a 5, 6 e mais kilometros longe das praias, se encontram seixos rolados, peixes, conchas e plantas marinhas fosseis.

Mas não é só junto ao litoral, que se encontram estes seres, cuja raça se extinguiu. No valle de Arouca, 36 kilometros a E. do Atlantico, vêem-se, em partes, camadas de bivalves antediluvianos; e ao abrirem-se os alicerces para a ponte da nova estrada, proximo á villa, se viu que todo o solo era formado por camadas de seixos rolados, indicando a permanencia muitas vezes secular das aguas n'aquellas paragens. Os proprios penedos semeados pelas serras d'estes sitios, não são senão pedras, a que o mar, impellindo por muitos seculos, umas contra as outras, nas suas correntes submarinhas, deu a fórma espherica.

Na propria serra da Estrella, se teem encontrado camadas de conchas fosseis, e peixes antidiluvianos, o que nos faz acreditar, que esta serra, apezar da sua altura, esteve por muitos seculos submergida pelas aguas.

Em outros muitos logares d'este reino, se teem encontrado vestigios da diuturna permanencia das aguas do mar onde nos custa a conceber como ellas chegassem, a não ser isto tudo Oceano! [1]

A darmos credito aos geographos e historiadores gregos e romanos, o Atlantico tem invadido as nossas costas, já desde os tempos historicos; pois que florescentes e grandes cidades do litoral jazem hoje sepultadas nas ondas, como *Carteia* (ou as *Carteias*) e outras.

Em outras partes, tem-se o Oceano retrahido, deixando a alguns kilometros da praia, cidades cujos muros eram açoitados pelas ondas, como aconteceu a Tavira.

Um diluvio parcial, ou outro qualquer phenomeno plutonico submarinho da edade media, fez mudar a superficie do mar, em uma vasta extensão, deixando a descoberto as ilhas de *Tessel, Eyerland* e outras. Já n'este seculo, temos visto, abandonarem as costas em umas partes, e invadindo-as em outras: rebentarem vulcões; apparecerem e desapparecerem ilhas; subverterem-se paizes; sumirem-se rios; e sepultarem-se montanhas.

Longe me levaria a imaginação, discorrendo sobre este ponto; e, nem os limites de um diccionario geographico o permittem, nem a minha carencia de estudos geologicos poderia dar á materia sujeita a fórma scientifica, que prende e instrue.

—

Do mesmo modo ignoramos a duração da edade da pedra, que, segundo alguns, e fundando-se em recentes descobertas paleonthologicas, foi de 7:000 e mais seculos!

Á *primeira edade da pedra*, seguiu-se a *neolithica*—isto é—a *segunda edade da pedra* (e tambem do *osso* e do *barro cosido.*)—É a época dos *dolmens*, das *antas*, e, talvez dos *carns*; denominados *monumentos megalithicos*, de que Portugal tanto abunda, como

[1] Voltaire, guiado pela sua vaidade, pelo seu atheismo, e pela sua incredulidade cega, proferiu o maior disparate que podia sahir da bocca de um philosopho!—Disse que *as conchas fosseis colligidas nos Alpes e em outras partes do interior de diversos paizes, procediam do Oriente, e tinham cahido dos chapeus dos peregrinos que regressavam da Syria!!!* (*Principles of Geology*, by Charles Lyell, pag. 97, da 5.ª edição.)

o tenho provado em muitos logares d'esta obra.

Á edade da pedra, seguiu-se a *do ferro* e *do bronze*. A esta e ás antecedentes, se dá o nome de *edades archeologicas*.

Mas quem foram os homens que construiram esses *dolmens*, que revelam já uma civilisação ainda que elementar, ou embrionaria; e com que apparelhos dynamicos elevaram as suas *antas* monstruosas?

Os escriptores antigos lhe chamavam *celtas;* os modernos, na falta do seu verdadeiro nome, lhes chamam *pre-celtas*.

É certo que os povos de que ha mais remotas noticias, com mais apparencia de verdade, são os celtas; mas julga-se que não foram elles os constructores dos *monumentos megalithicos*.

Sem a minima pretenção a singularisar-me, e sem o menor orgulho pelo meu achado, que não foi mais do que um acaso (como são a maior parte das descobertas archeologicas) e com licença dos homens da sciencia, direi que descobri na margem esquerda do Douro, em Castello de Baixo, um *dolmen*, de construcção muito mais moderna do que todos os outros de Portugal, pois data da *edade de ferro*, o que facilmente se prova pelo córte das juntas dos seus *pilares*, que evidenceiam o emprego de instrumentos de ferro. Não me consta que haja outro egual, n'este reino.

(Vide vol. 2.°, pag. 185, col. 2.ª, no fim.)

—

Quando os romanos invadiram as Hespanhas, acharam aqui os *iberos* (ou *babilonios*) os *celtas*, os *gallos-celtas*, os *lusos*, os *turdulos*, os *pesures*, os *cuneos*, os *grávios*, os *amphilocios*, e outros, de nomes exdruxulos, cuja aborrecida nomenclatura poupo ao leitor. Mas quem sabe se essa nomenclatura foi dada aos povos hispanicos, pelos phenicios, ou pelos romanos?

Os geologos, designam uma época remotissima (a dos grandes cataclismos — talvez a do *diluvio universal*) com o nome de *periodo plioceno*.

Foi então — segundo elles — que a America se separou da Europa, e esta da Africa. Que a parte occidental da Europa, por um immenso cataclismo plutonico, foi pouco a pouco submergindo-se sob as ondas do Oceano, que, augmentando de volume por esta circumstancia, foi invadindo a parte septentrional da Germania, até ao centro da Russia, insulou a Inglaterra e a Irlanda, a Madeira, Porto-Santo e as Canarias; a Sardenha, a Corsega e a Sicilia, e transformando a parte occidental da Grecia no archipelago Jonico. (Vide *Berlengas* e *Peniche*.)

N'estas immensas inundações, muitos milhões de seres, especies inteiras de animaes e plantas, deixaram de existir. Os fosseis encontrados na maior parte do globo, o estão provando.

—

A geologia, posto ser a mais moderna das sciencias, tem já prestado relevantissimos serviços, com as suas investigações hodiernas, e derramado muita luz, sobre os tempos antediluvianos; mas o seu maior serviço, foi de certo o que fez á religião christan.

Os philosophos e os *espiritos fortes* do seculo XVIII, consideravam a Biblia — sobre tudo o *Genesis* — como um livro absurdo, e Moysés como um visionario; porém as recentes descobertas geologicas, teem plenamente confirmado as Santas Escripturas — se ellas precisassem de confirmação para serem acreditadas. [1]

[1] Confunde-se a imaginação do homem dos nossos dias, quando pensa no grau a que tinham chegado os conhecimentos humanos ha 40 seculos, e o quanto depois vieram a decahir! Com effeito, foi certamente preciso que uma longa serie de desgraças immensas, cahisse sobre a humanidade, para que ella tanto retrogradasse.

Temos monumentos dos chaldeus, dos assyrios, dos persas e dos egypcios, que nos demonstram um alto grau de civilisação, n'essas gerações hoje chamadas *pre-historicas*, e que depois vieram a cahir na mais lamentavel ignorancia, e no barbarismo mais atroz!

Os hieroglificos encontrados no centro d'essas moles immensas denominadas *pyramides do Egypto*—que, se são um monumento do orgulho dos Faraós, o são tambem do seu poder omnipotente, e da remotissima antiguidade da sua illustração—esses hieroglificos, digo, até hoje inintelligiveis, teem sido tenaz e conscienciosamente estudados, por sabios allemães, francezes e inglezes, e é admiravel como elles concordam com as Sagradas Lettras.

Na leitura da Biblia, como na interpetração dos hieroglificos, só ha á attender a que os orientaes fallavam e escreviam sempre em sentido metaphorico, symbolico e enigmatico.

Alli se vêem os *sete dias da creação*, que não são mais do que o symbolo das *sete edades* do mundo.

NO DIA PRIMEIRO CREOU DEUS A LUZ.[1]

N'estas poucas palavras se resume a creação d'essas myriades de astros, d'esses milhares (talvez milhões de milhões!) de systemas planetarios, com que o Omnipotente esmaltou o firmamento; submettendo-os a leis concordes e harmonicas, que o correr de tantos milhares de seculos, em nada podéram alterar.[2]

NO DIA SEGUNDO FEZ O FIRMAMENTO E SEPAROU AS AGUAS SUPERIORES DAS INFERIORES.

Isto é — formou a atmosphera.

NO TERCEIRO DIA SEPAROU AS AGUAS, DA TERRA, CHAMANDO AQUELLAS — MARES — E DANDO A ESTA A FORÇA E A PROPRIEDADE DE PRODUZIR ARVORES, PLANTAS E HERVAS.

Quer dizer — A superficie do nosso globo solidificada, pela cinza e outros corpos expellidos do centro em combustão, formaram os accidentes da peripheria e a sua crusta primaria. A agua, obedecendo ás leis da gravidade, impostas pelo Creador, procurou o seu jazigo nos valles mais profundos, e a terra começou a produzir as plantas.

NO QUARTO DIA, CREOU OS ASTROS.

Isto é—estabeleceu as duas forças da Natureza, e imprimiu no nosso satélite—a Lua — os dois movimentos eternos, admiravelmente combinados com os do globo da terra, e com todos os mais astros e planetas.

NO QUINTO DIA FEZ OS PEIXES E AS AVES.

Todas as descobertas modernas induzem tambem a acreditar que os primeiros seres da creação, dotados de vida e sentimento, foram os peixes, e os segundos, as aves.

NO SEXTO DIA FEZ OS ANIMAES TERRESTRES E O HOMEM.

Está plenamente provado que os animaes quadrupedes e os reptis, são de uma creação posterior aos peixes e ás aves, e anterior ao homem.

Os fosseis até hoje encontrados nos terrenos secundarios, pertencem unicamente áquellas especie—peixes, aves, quadupedes e reptis—e não ao homem; o que prova exhuberantemente que, na época em que um (primeiro?) e medonho cataclismo transtorneu a superficie do globo, convertendo em lagôas e mares o que era terra, e em valles e montanhas o que foram mares, ainda a especie humana não existia no mundo: é por isso que o Genesis menciona a sua creação em ultimo logar.

Finalmente, Deus, depois de crear o homem, *á sua imagem e semelhança* (espiritual, se entende) para rei da creação, nada mais teve de crear, e

NO SETIMO DIA DESCANÇOU —

isto é—creado o universo, estabelecidas todas as suas irrevogaveis leis, e dado o movimento regularissimo e harmonico dos astros, para toda a eternidade, estava completa a obra admiravelmente perfeita do Omnipotente—e DESCANÇOU—quer dizer, deixou o universo entregue ás leis que lhe havia es-

[1] Note-se que a palavra hebraica—*yon*—tanto póde significar dia, como anno, seculo, ou milhares de seculos—significa maîs propriamente—*época, tempo.*—«Verum dies ibi pro tempore vel spatio simpliciter sumitur: sive pro diebus, ut plerisque placet. Nam singularis pro plurali saepe in Scriptura ponitur.» —(*De Opificio sex dierum*, de Petavius, L.º 1.º, cap. 5, § 4.º)

[2] Os antigos geographos e uranographos, sustentavam que o nosso systema planetario tinha soffrido um transtorno immenso, talvez produzido pelo choque de algum corpo celeste que sahisse da sua orbita, e que os polos do mundo, até então horisontaes, ficaram obliquos. Hoje está plenamente provado que a obliquidade é a posição geral dos astros e planetas.

tabelecido, e ao impulso e movimento que lhe havia dado.

—

Em varios paizes da Europa, Asia e Africa—e ainda mais na America—se teem encontrado restos de monumentos, que nos revelam a existencia de povos civilisados, em épocas desconhecidas pela sua remotissima antiguidade: o que nos leva a acreditar, que a isolação e o terror causado pelas medonhas convulsões do solo, embruteceram os povos que podéram escapar sobre as elevadas cordilheiras já então formadas sobre a superficie do globo.

Mas em Portugal, nenhum vestigio até hoje se tem encontrado d'essa remota civilisação; resumindo-se as modernas descobertas, ao achado de cavernas habitadas por tribus barbaras e selvagens, cujos unicos instrumentos eram toscamente feitos de silex, e nada mais se tem encontrado do que isto, ossos e cinzas.

(O apparecimento de objectos de barro, cosido ao fogo, ou apenas sêcco ao sol, é de uma época mais moderna.)

O que deixou mais evidentes signaes da sua passagem devastadora, foi o *diluvio:* este cataclismo, que os philosophos do seculo XVIII, e outros, tambem negaram, está hoje plenamente provado, não só pela Biblia, para os crentes; como pelas tradições de todos os povos do globo; pela historia da antiga Grecia, [1] e por todos os vestigios, uns patentes á nossa vista, outros que continuamente estão descobrindo os investigadores dos nossos dias.

—

Está plenamente provado, não só pelos Livros Sagrados, mas tambem por inumeras investigações e descobertas geologicas, que o homem existia antes do diluvio de que nos falla Moysés.

Tratemos agora do ponto principal d'este artigo — os aborigenes da nossa peninsula.

A dar credito a alguns escriptores, já era povoada pelos homens, antes do diluvio; [1] e foram d'aqui as primeiras tribus que se estabeleceram na Gallia meridional, na Italia, e na Sicilia, ainda então unida á Peninsula Italica e á Africa.

Dizem tambem que os *siculos* e os *ligures*, eram oriundos da Libya, e foram da Betica.[2]

Sustentam outros (talvez com mais fundamento) que varias tribus de ligures passaram directamente da Africa á Italia, pela Sicilia, que era então um isthmo, unindo a Africa á Europa—e outras tribus se vieram estabelecer nas Hespanhas, pelo *isthmo d'Abyla,* que uma convulsão do globo subverteu, formando o Estreito de Gibraltar, communicando o Atlantico com o Mediterraneo, e separando tambem aqui a Africa da Europa, como fizera (essa ou outra convulsão) desapparecer os isthmos que ligavam a Africa com a Sicilia, e esta com o resto da moderna Italia.

Mesmo que os primeiros habitantes da Betica viessem da Africa (da Libya ou de outro qualquer ponto) teve esta emigração logar em eras remotissimas—isto é—antes, ou durante a *edade da pedra;* e muito seculos antes das primeiras navegações; visto que tinham passagem franca pelo isthmo (hoje estreito) que ligava *Cálpe* com *Abyla* —as famosas *Columnas d'Hercules,* da antiguidade, e cujo rompimento os mythologos attribuem áquelle *semideus.*

Em todo o caso, eram raças ou povos diversos, os primeiros povoadores da Betica e da Lusitania, o que se prova, não só pelas suas varias denominações, como pelas suas differentes linguas, e pelas continuas guerras que entre si traziam. Mas o que se não póde negar é a existencia do homem n'esta parte da Europa, desde a mais remota antiguidade, e provavelmente desde a época secundaria.

O sr. Carlos Ribeiro, illustrado geologo

[1] Segundo os antigos historiadores gregos, deve-se ao diluvio a formação da Moréa, do monte Ténaro, e das ilhas Jonicas.

[1] Entretanto, tendo-se descoberto nas Hespanhas, fosseis de diversos animaes antidiluvianos, ainda se não descobriu um só da nossa especie.

[2] Strabão diz que os siculos e ligures, eram o mesmo que iberos e celtas, ou que se tinham ligado com estes.

contemporaneo, crê na existencia do homem na Lusitania, já na época terciaria; pois que em uma escavação, nas camadas *miocenas* do Valle do Tejo, a uns 40 kilometros ao N.E. de Lisboa, encontrou instrumentos de pedra, e algumas pedras denotando obra d'arte, ainda que muito imperfeita.

Depois d'estes, vieram os *atlantes*, tambem africanos, habitantes do monte Atlas, diz-se que, trazendo por chefe, *Héspero*, irmão do rei Atlas.

Não se póde dizer os seculos que decorreram desde estas primeiras migrações, sem que á Lusitania chegassem novos adventicios, ou se ellas continuaram. O que se julga provavel, é que, pelos annos 1792, a 1800 do mundo (150 depois do diluvio — ou 2200 antes de Jesus-Christo) se veiu aqui estabelecer uma grande colonia asiatica (cujo chefe muitos créem ser *Tubal*, 6.º neto de Noé) composta de homens, se não muito civilisados, com certeza muito menos barbaros do que os aborigenes.

É provavel que sejam do tempo d'estes orientaes (chaldeus) os monumentos prehistoricos — mâmoas, antas, dolmens, carns, men-hirs, peulvens, cromlechs, nuraghis, etc.; porque se teem encontrado muitos d'estes monumentos na Asia, na Africa e na Europa; o que faz acreditar que o Oriente foi o berço da especie humana, e que esta alli se desenvolvia com espantosa fecundidade, pois deu colonias para todas as partes do mundo — parece mesmo que para a America.

É a estes povos que se dá a denominação de *megalithicos* — isto é — constructores de monumentos de pedra.

Depois d'estes, vieram os *cellas*, que, unindo-se aos *iberos*, formaram os *celtiberos;* que, pela maior parte, ainda viviam em cavernas. É d'esta raça e são d'esta época as ossadas humanas que se teem achado n'essas cavernas (vide vol. 1.º, pag. 47, col. 1.ª, a descripção da gruta do *Cabeço de Truquel*), e, se não se tem encontrado um grande numero de ossadas, é porque, as dos inimigos eram abandonadas ás aves carnivoras, e desfeitas pelo tempo; e porque muitas tribus queimavam os cadaveres dos seus, o que se prova, pelas cinzas achadas em muitas d'essas cavernas, e nas *arcas* das mâmoas.

Depois dos povos megalithicos, porém muitos seculos depois (1370 antes de Jesus-Christo) vieram os gregos; os gallos *celtas* (já misturados com os iberos e outros povos, que tinham fugido da Betica para as Gallias — pelos annos 3000 do mundo — em razão de uma grande esterilidade causada por uma sêcca diuturna); e após elles os phinicios ou tyrios (950 antes de Jesus-Christo), e pouco depois os carthaginezes (590 antes de Jesus-Christo) como os antecedentes, tambem da raça punica.

Atraz dos carthaginezes (phenicios da Africa) vieram os romanos (210 antes de Jesus-Christo).

A invasão dos *barbaros do norte* (wisigodos, alanos, vandalos, selingos, suevos, etc., etc.) teve logar desde o anno 400 da era christan; e finalmente, a dos arabes, em 714.

Todos estes povos, e ainda os nórmandos e gascões, nos seculos IX e X, se foram misturando com os indigenas e aborigenas; e é do inextrincavel *cruzamento* de todas estas raças heterogeneas, que procedem os portuguezes actuaes, e grande parte dos hespanhoes.

Podemos pois dizer que somos um povo moderno, formado de todas estas variadissimas raças.

—

Como esta obra é escripta por um homem do povo, e para o povo (que os sabios não precizam das lições de tão humilde e obscuro escriptor) evitei quanto me foi possivel, empregar termos scientificos, ou expliquei-os, quando me vi obrigado a empregal-os (se já pelo decurso da obra não tinha dado a sua difinição) para que fosse por todos entendido.

Terminarei dizendo que em Portugal, a archeologia pre-historica, a paleonthologia, a anthropologia, a linguistica, e

mesmo a geologia, estão ainda muito descuradas e desprotegidas pelos nossos governos, e o que se tem feito, é unicamente devido a exforços de particulares, que pelo amor do estudo se teem dedicado a estas sciencias.

PENNA LOBO (ou *Pena Lobo*) [1]—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal (foi da comarca da Covilhan, concelho —extincto — de Sortêlha) 18 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 87 fogos.

Orago, S. Nicolau.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O prior do Salvador, de Pouza Folles, apresentava o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Fertil em ceraes, muito gado miudo e caça.

PENNA LONGA (ou *Pena Longa*) ou **PENHA LONGA** — vide Cintra.

PENNA MAIOR (ou *Pena Maior*)—freguezia, Douro, comarca de Lousada, concelho de Paços de Ferreira (foi da comarca de S. Thyrso, concelho—extincto—de Negréllos) 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa e o bispo, apresentavam, alternativamente, o reitor, que tinha 150$000 réis.

[1] Por um d'aquelles transtornos, muito frequentes na composição, principalmente em obras extensas e complicadas, deu-se um *salto*, de duas paginas, na 564—passando-se do *Pena-Joia*, a *Penafiel e Sub-Arrifana*, não se paginando desde *Pena Lobo*, até á primeira *Penafiel*.

Não tive outro recurso, senão, escrever estas freguezias com dois *nn*.

Peço desculpa aos meus leitores, d'esta irregularidade, a que não dei a minima causa.

E' terra fertil. Muito gado bovino, que exporta.

PENNA VERDE (ou *Pena Verde*) — villa, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho d'Aguiar da Beira, 35 kilometros a E. de Viseu, 320 ao N.E. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757, tinha 50 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Candeias (da Purificação.)

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil, e povoação muito antiga.

O padre Carvalho, diz que D. Sancho I lhe deu foral, em 1195; mas Franklin não falla n'este foral.

D. Sancho II, lhe deu foral em Guardão, a 12 de julho de 1240. (Maço 7 dos foraes antigos, n.º 5.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 17 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 61 v., col. 1.ª *in fine*.)

Tinha trez egrejas annexas—S. Sebastião, de Dornellas; Santa Agueda, de Queiriz; e Santa Marinha, de Forninhos.

A padroeira da freguezia, tem uma irmandade, cujos estatutos foram approvados pelo bispo, D. João de Mello.

Instituiu se com 120 irmãos, 30 irmans, e 12 clerigos.

A cada um dos irmãos que fallecessem, mandava a irmandade fazer tres officios cantados, de 9 lições—e cada um dos irmãos vivos, era obrigado a rezar um rosario pelo defuncto.

Todos os annos se fazia um anniversario geral, por todos os irmãos.

Innocencio X, concedeu, em 1650, muitas indulgencias a esta irmandade, as quaes se ganham nos dias das festas da Senhora, que são, a 2 de fevereiro, e a 15 de agosto.

—

Consta por tradição que a primeira egreja matriz d'esta freguezia, esteve no sitio de S. Pedro, martyr, fóra da villa; mas, sendo pequena, e estando bastante damnificada pelo tempo, os freguezes construiram a actual,

dentro da povoação, não se sabe quando, mas ha mais de 300 annos.

—

Seis kilometros ao N. de Pena-Verde, está a villa de Matança. (Vol. 5.º, pag. 126, col. 1.ª)

Segundo a tradição, tem este nome, porque, em 985, houve aqui uma grande batalha contra os mouros, commandados pelo feroz Al-Mançor, *rei* de Córdova, e que, por ficar o campo juncado de cadaveres, se chamou *valle da Matança.*

Depois, fundou-se aqui uma povoação, á qual, em memoria d'esta batalha, se deu tambem o nome de Matança.

PENNA VOUGA (ou *Pena Vouga*) ou **PENHA VOUGA**—logar, Beira Alta, freguezia de Ferreira d'Aves concelho de Satan, comarca, districto administrativo, bispado e 24 kilometros de Viseu. (Vol. 3.º, pag. 171, col. 2.ª)

Nos limites dos bispados de Viseu e Lamego, a 3 kilometros da serra da *Lapa* (vol. 4.º, pag. 49, col. 2.ª) se levanta da margem do Vouga, um monstruoso penhasco, com mais de 200 metros d'altura, tendo do lado do O. umas quebradas perpendiculares, e ao fundo, um abysmo vertiginoso.

O cume d'este penhasco, é plano, tendo uns 100 metros de diametro, e nelle edificou a piedade christan, uma grande ermida consagrada a *Nossa Senhora do Bom Successo*—vulgarmente—*Nossa Senhora de Pena Vouga.*

Para se subir a esta ermida, ha um atalho em zigue-zagues, de perigoso accesso, e que nem todos se atrevem a transpor; porque, se com as vertigens que causa a profundidade do despenhadeiro, faltar um pé ao caminhante, cahirá no abysmo, despedaçado pelas arestas dos rochedos.

Como a sua visinha—Nossa Senhora da Lapa—é a padroeira d'esta egreja objecto de grande devoção para os povos d'estas terras.

Segundo a tradição, é este templo fundação do principio do seculo VIII, e quando os mouros invadiram este territorio, em 715, os christãos, para subtrahirem a Santa imagem aos ultrajes dos agarenos, a vieram esconder n'estas invias penedias, construindo-lhe uma edicula.

Nada porém hoje resta da primitiva construcção, em consequencia das successivas reedificações.

E' agora um templo de tres naves, com 13^{m},3 de comprido e 5^{m},5 de largo, com tres altares, afora a capella-mór, com o seu altar principal, aonde está a padroeira, que é de marmore, com um metro d'altura.

Não tem rendimento proprio, sustentando-se o culto com as offertas e esmolas dos romeiros.

O abbade da collegiada de Ferreira de Aves, apresentava aqui um eremitão annual.

Vinham aqui antigamente, em procissão e romaria, por voto immemorial, as freguezias —de Santo André, de Ferreira d'Aves—a do Espirito Santo, d'Aguas Bôas (ambas do bispado de Viseu); e a de Nossa Senhora das Candeias, do Grajal (ou Granjal) do bispado de Lamego; pois, como já disse, este sitio fica na divisão dos dois bispados. [1]

Tambem em todos os sabbados da quaresma, era muito visitada esta egreja, pelos fieis dos arredores.

Junto ao templo se levanta ainda outra grande penha, de difficilima subida, e que o abriga dos temporaes do O.

Ao sopé, do lado do S., a uns 600 metros de distancia, fica um fresco valle, regado por um manancial de agua crystalina, chamado *Fonte do Mouro.*

Ha aqui vestigios de casas de habitação, antiquissimas, que parece terem sido casas de banhos; provavelmente mouriscas.

O rio Vouga, posto nascer perto d'este sitio (na fonte de Nossa Senhora da Lapa) já aqui traz saboroso peixe, principalmente trutas, que são de gosto especialissimo.

PENNAFIEL (ou *Penafiel*)—cidade antiquissima da Lusitania, na actual provincia

[1] O cunhal da egreja, do lado do N., assenta em uma lagem, onde estão esculpidas duas cruzes, termo dos dois bispados, de modo que, podem estar os dois prelados, dando as mãos, cada um na sua diocese; mas o templo está em terreno da de Viseu.

do Douro, edificada na foz do rio *Souza*. (Vol. 3.º, pag. 224, col. 1.ª) Vide a 1.ª *Penafiel*.

PENSAMENTOS—portuguez antigo—arrecadas, com filagrana de ouro.

Foram muito usadas em Portugal, ainda até ao principio d'este seculo.

PENSAR—portuguez antigo—ter cuidado em alguem, vestir, sustentar, curar, favorecer, etc. (Documento de Alpendurada, de 1344.)

Ainda se usa.

PENSO—vide *Santalha*.

PENSO—portuguez antigo, do seculo XV—pensamento.

PENSO—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757, tinha 67 fogos,

Orogo, S. Vicente, martyr.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 260$000 reis de rendimento.

E' terra fertil. Muito gado e caça. Vide *Escudeiros*.

Tem uma escola de instrucção primaria, fundada pelo sr. commendador Ferreira Veiga, para ambos os sexos, com 4 premios de 5$000 réis cada um, por anno, para duas meninas e dois meninos, que mais se distinguirem n'aquelle anno.

PENSO—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 6 kilomotros de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos.

Orago, Santo Estevam, proto-martyr.

A mitre apresentava o vigario collado (vulgo, reitor) que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil. Muito gado e caça.

PENSO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Melgaço (foi da comarca de Monção, extincto concelho de Valladares) 65 kilometros a N.E. de Braga, 425 ao N. de Lisboa.

Tem 255 fogos.

Em 1757, tinha 209 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

O prior dos conegos regrantes de Santo Agostinho (crusios) de Paderne, apresentava o vigario, que tinha 130$000 réis de rendimento.

O mosteiro vendeu isto aos Caldas, de Badim, que, desde então até 1834, ficaram com o padroado d'esta egreja; passando os seus vigarios a denominarem-se reitores.

E' n'esta freguezia a *quinta de S. Cybrão*, do sr. Philippe d'Araujo Caldas.

Segundo a tradicção, no sitio onde está a capella d'esta quinta, houve um templo romano dedicado a Jupiter.

> Suppõe-se que a existencia do tal templo, foi uma fabula inventada para enobrecer esta propriedade; que, mesmo sem aquella circumstancia, é notavel, pela antiguidade e nobreza dos seus proprietarios; e tambem por que produz optimo vinho.

E' terra fertil, gado, peixe do rio Minho (que lhe passa proximo, ao N.) e caça.

PENSO—freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Cernancêlhe (foi do extincto concelho de Caría e Rua, mas da mesma comarca) 35 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Disboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757, tinha 140 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

O reitor da villa da Rua, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

E' terra fertil.

PENSOSO—portuguez antigo—taciturno, pensativo, melancolico, etc.

PENTIEIROS—freguezia, Minho, comarca, concelho e 5 kilometros ao N.E. de Guimarães, arcebispado, districto administrativo e 24 kilometros ao N.E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa.

Tem 40 fogos.

Em 1757, tinha 23 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis e o pé de altar.

E' terra fertil.

PENÚDE—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho, bispado e 2 kilometros ao N. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 370 fogos.

Em 1757, 169 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Districto administrativo de Viseu.

Os marquezes de Marialva, apresentavam o abbade, que tinha 800$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia está situada em um alto monte (ramo da serra de Muro) d'onde se vê a cidade de Lamego, e grande extensão de territorio, tanto da Beira Alta, como de Traz-os-Montes, incluindo muitas povoações, serras, montes e valles.

O rio Douro, fica-lhe a 5 kilometros ao Norte.

E' uma das mais ricas freguezias, e das mais populosas da comarca.

E' muito fertil, e produz muito e bom vinho de exportação.

Cria tambem muito gado, de toda a qualidade.

O rio Balsemão, lhe dá algum peixe miudo, e o Douro, bastante e optimo.

Nos seus montes ha abundancia de caça.

E' atravessada pela estrada real, de Lamêgo á Régoa, pela qual faz o seu grande commercio com a cidade do Porto, embarcando os seus generos de exportação, no caes da Barosa, em frente da Régua.

PEPIM—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 30 kilometros ao N.E. de Viseu, 305 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 71 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Annunciação.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Os condes d'Alva, apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

E' terra fertil. Muito gado, de toda a qualidade, e grande abundancia de caça.

PÊRA — ribeiro, Extremadura, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Pedrogam Grande. (Vide esta palavra e *Pedrogam Pequeno.*)

N'esta ribeira, em territorio da freguezia da *Castanheira* (vol. 2.°, pag. 164, col. 1.ª—a 3.ª Castanheira, d'essa columna) está a magnifica fabrica de lanificios, do sr. Antonio Alves Bibiano, uma das melhores do seu genero, em Portugal.

Está situada esta fabrica na margem direita do rio denominado Ribeira da Pêra; tem boas aguas, magnifico local, muito pitoresco, e excellentes campos de milho.

A primeira casa é de um só andar e tem o comprimento de sessenta e tantos metros, e largura proporcionada.

Ha aqui duas rodas hydraulicas, construidas no Porto. e de força de 35 a 40 cavallos aproximadamente, e applicada a muitas e differentes machinas de cardar e fiar, perchas, pisões cylindricos, lavadeiras, tesouaas, escova, aveludadeira, encarruladeira, torcedor, etc., tudo pelo systema mais moderno e aperfeiçoado, assim como um sortido de cardar, produzindo 100 mechas, e uma fiação fixa, cujo trabalho é muito apreciavel.

Alem dos motores hydraulicos, tem uma bonita machina franceza, a vapor, da força de 25 cavallos, para supprir no verão a falta d'agua.

Em setembro de 1874, montou-se uma rambulla mechanica, para enchugo de pannos, no inverno, dirigindo o trabalho o mesmo engenheiro francez que montou a machina a vapor.

Fronteira á primeira casa das machinas descriptas, ha uma outra de egual comprimento, que serve de casa de habitação, armazens de lãs, escriptorio, prensas e serralheria, com um grande e espaçoso terreiro no centro, e proximo uma boa eira para enchugo de lãs.

Em uma outra casa, superior a estas, construida ha pouco, ha uma roda hydraulica, feita em Lisboa, da força de 15 a 20 cavallos, com a vantagem de que a agua que d'ella sae, vae tocar as outras que se lhe seguem: esta roda serve de motor aos teares mecanicos, cuja regularidade e trabalho é muito perfeito.

Para supprir no verão a falta d'agua, fez o sr. Bibiano acquisição d'uma locomovel, da força de 12 cavallos.

Este senhor tem sido e é incançavel no augmento e boa organisação da sua fabrica; por isso, e sem exagero, se lhe pode dar o primeiro logar na industria portugueza de lanificios, porque os seus productos são hoje considerados os melhores do nosso paiz.

Fabrica pannos pretos, casimiras e xaviotes, de bom gosto e muito bem acabados.

As apreciaveis e excellentes qualidades de que é dotado o sr. Bibiano, são conhecidas, e os seus actos caritativos, para com os infelizes que a elle se dirigem, o prompto auxilio que presta aos pequenos industriaes da sua terra, animando-os a augmentar e melhorar as suas industrias, coadjuvando-os com dinheiro, e ultimando na sua fabrica as manufacturas, acções pouco vulgares e que só por si elevam o seu honrado caracter e nobreza de sentimentos.

A' sua iniciativa é tambem devido o grande progresso d'esta terra (ainda ha pouco desconhecida) tendo já ruas regularmente calçadas, bons edificios e outros em construcção.

Conta mais esta povoação (da Castanheira) sete fabricas que se empregam só em cardar e fiar, em cujo numero entra uma do sr. Bibiano, a qual está a distancia de 2 kilometros.

A do *Safrujo*, que pertence á casa do *Bollo*, está em um local lindissimo, tem bom motor e boas machinas, e entre estas uma thesoura longitudinal e uma percha.

—

Havendo n'esta terra algumas fortunas regulares, podiam em poucos annos fazer d'ella uma segunda Covilhã.

Existe aqui um mal, devido aos nossos governos—a pessima e intransitavel Serra da Louzã; é digna da maior censura a pouca consideração que tem dado a esta terra, tão recommendavel pela sua industria e verba de contribuição que paga para o thesouro.

A todos admira como poderam ser conduzidas pelos carreiros d'aquella serra, tantas machinas, com muitos esforços e risco de vidas. O sr. Bibiano fez a conducção das caldeiras da machina de vapor, locomovel e outras de grande volume, sendo preciso vir por differentes vezes, e por cada uma, quatorze juntas de bois e cincoenta e tantos homens.

Ninguem imagina com que difficuldade se faz o continuado movimento de transportes de lãs n'uma escala superior a 200 contos de réis por anno, e bem assim outros objectos proprios para esta industria.

—

E' notavel o desenvolvimento sempre progressivo que vae tomando a fabrica de lanificios do sr. Antonio Alves Bibiano, que sem duvida é hoje uma das mais notaveis do paiz, não só pela sua importancia, pelo grande numero de operarios que emprega diariamente, mas tambem, pela excellencia das manufacturas.

Com destino a tão importante estabelecimento chegaram á estação de Coimbra trez wagons com machinas, procedentes da Belgica, em janeiro de 1876.

—

N'esta mesma freguezia, e tendo tambem por motor a agua da ribeira de Pêra, se construiram em 1874, mais duas fabricas de lanificios.

PÊRA—freguezia, Algarve, comarca e concelho de Silves, 40 kilometros ao O. de Faro, 240 ao S. de Lisboa.

Tem 450 fogos.

Em 1757, tinha 331 fogos.

Orago, o Espirito Santo.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Dá-se-lhe vulgarmente o nome de *Pêra de Cima*, para a distinguir de Pêra de Baixo, *ou Armação.*

O bispo apresentava o cura, que tinha 390 alqueires de trigo, e 50 de cevada.

Está a freguezia situada sobre a estrada de Lagos para Faro, e d'ella se vê o mar. Tem poucas ruas e mal distribuidas, e a egreja parochial é pequena e pobre.

Foi desmembrada da de Alcantarilha, em 1683, pelo bispo, D. José de Menezes.

Passados annos, annexou-se áquella, mas hoje está outra vez independente.

Ha n'esta freguezia excellentes varzeas de pão, regadas pela ribeira, formada pelas aguas vertentes, da lagôa de Porches, que

passando pela ponte de Alcantarilha, vae formar, em *Pêra de Baixo,* uma lagôa, junto ao mar.

O outro terreno da parochia, é coberto de vinhas, figueiras, amendoeiras e oliveiras.

No sitio e proximo da ermida de S. Lourenço de Palmeiraes, d'esta freguezia, faz-se uma feira a 10 de agosto, e grande romaria ao padroeiro da ermida, muito concorridas.

Esta feira fica a distancia de 3 kilometros da povoação de *Algôz.*

Pelo terramoto do 1.º de novembro de 1755, cahiu a egreja matriz (que foi logo reedificada) e 20 casas particulares.

PÊRA-BOA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e proximo (ao N.) da Covilhan, 35 kilometros da Guarda, 260 ao E. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 180 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

A mitra apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil em cereaes, e cria muito gado, de toda a qualidade.

Nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

O nome d'esta freguezia, é (com pequena corrupção) *Parávoa, Pérabola, Peravaa* e *Paravaa,* portuguez antigo, que significa — *palavra.*

E mando que seja creudo (crido) *per ssa simpriz paravoa.* (Documento da Guarda, de 1298.)

As ditas paravaas, nenhuma cousa addu-da (accrescentada, addida, etc. — isto é — *Nem mais nem menos*) *nem removida, torneis em pubrica forma.* (Documento de Alpendurada, de 1311.)

(Vide Covilhan.)

—

No dia 24 de agosto de 1869, pelas 2 e meia horas da tarde, passou sobre esta freguezia e a de Caria, uma furiosissima e medonha trovoada, que atterrou todas as povoações circumvisinhas.

Foi um verdadeiro cyclone terrestre.

Tomou depois a direcção da serra da Estrella, passando sobre a Covilhan, deixando atraz de si a desolação e a ruina.

Na frente d'aquella negra e immensa aglomeração de nuvens, grandes bandos de passaros, acossados pela tempestade, fugiam espavoridos, em columnas cerradas.

As casas tremiam desde os alicerces; a chuva de pedra, impellida pelo vento, derrotou vinhas, pomares, searas, olivaes, hortas, arvoredos, etc., causando prejuizos de muitos contos de réis, e deixando muitas familias reduzidas á miseria.

Quasi todos os vidros das janellas foram esmigalhados, pois que a saraiva era do tamanho de ameixas, chegando, na sua maior parte, a pesar cinco oitavas cada pedra.

O Zêzere, cresceu repentinamente, e na furia da sua impetuosa corrente, arrebatou noras, gados, e searas de milho e legumes, sem deixar vestigios de sementeira.

As pombas e outras aves, que andavam no ar, cahiam, como fulminadas.

Em Pera-Bôa, um redemoinho de vento arrebatou um homem, levantando-o, e arremeçando-o a 100 metros de distancia, sem que, com tudo, elle soffresse outro incommodo, alem do susto.

PÊRA DE BAIXO ou **ARMAÇÃO**—vide *Armação,* vol. 1.º, pag. 238 R, col. 2.ª

PÊRA DO MOÇO—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 9 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa.

Tem 230 fogos.

Em 1757, tinha 52 fogos.

Orago, S. João Baptista.

O cabido da Sé da Guarda, apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

E' terra muito antiga, e muita fertil. Muito gado; muita caça, grossa e miuda.

(Vide *Pedrogam Grande.*)

Entre esta povoação e a quinta do *Carvalhal,* á direita da estrada que vae da Guarda para Pinhel, está um sitio chamado *Campo das Antas,* pelos muitos monumentos pre-celtas que n'elle houve.

Ainda no fim do seculo XVIII alli se via

um grande dolmen, que o povo destruiu em busca de *thesouros encantados.*

PÊRA e **PEVA**—titulo legal de um antigo concelho que existiu até 1834, o qual fórma hoje parte do concelho de Moimenta da Beira.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de dezembro de 1512. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 50, col. 1.ª) Vide *Pêra Velha*, e *Pêva*.

PERA-FITA—vide *Parafita.*

PERA MUNA—vide *Castello de Penalva.*

PERA VELHA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 24 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Em 1757, tinha 73 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O real padroado, apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil, e cria muito gado, de toda a qualidade.

Bom vinho. Muita caça.

Esta freguezia e a de Pêva, constituiram um antigo concelho, por isso chamado de *Pêra* e *Pêva*.

PERÁDA ou **PARÁDA**—freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Bragança, 70 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 21 fogos.

O seu orago, era Nossa Senhora da Natividade.

O reitor de Quintella apresentava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua e o pé de altar.

Está ha muitos annos unida á freguezia de Quintella, do mesmo concelho, comarca, districto administrativo, e bispado.

PERAL—freguezia, Beira Baixa, concelho de Proença Nova, comarca da Certan, 45 kilometros a E. do Crato, 185 a E. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 59 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

É do grão priorado do Crato, hoje annexo ao patriarchado.—Districto administrativo de Castello-Branco.

O grão-prior do Crato, apresentava o cura, collado, que tinha 120 alqueires de trigo, 20 almudes de vinho môsto, e 2$000 réis em dinheiro.

É terra fertil em cereaes.

PERAL—freguezia, Extremadura, concelho do Cadaval, comarca de Alemquer, 70 kilometros ao N.E. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior e beneficiados da collegiada de S. Thiago, da villa d'Obidos, apresentavam o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 de cevada, e 52 almudes de vinho môsto.

É terra fertil em cereaes e fructas, e produz optimo vinho. Cria muito gado de toda a qualidade.

PERANGÁRIA, ANGÁRIA e **ANGUEIRA**—portuguez antigo—Viterbo confunde estas palavras. *Angária* é o antigo e bem conhecido direito feudal—o serviço gratuito e obrigatorio, que o vassallo, collono ou caseiro, pagava ao donatario, ou ao senhorio directo do prazo.

D'aqui vem *angariar*, violentar alguem a fazer qualquer serviço. (Hoje toma-se por *alliciar, attrahir com boas palavras, ou promessas.*)

A angaria, tanto significava serviço de homem, como de bésta, ou com bois e carro. D'aqui se dizia *angaria*, por *afflicção*, tristeza, *vexação*, violencia, etc. [1]

Havia tambem *hangarias*, que nós aportuguezamos em *angueiras*, que presumo tomamos do gallo-celta—*hangar*—(alpendre, telheiro, etc.)

[1] Talvez esta palavra venha do germano *angárias*—as *quatro temporas do anno.* N'estes dias, eram os vassallos obrigados a pagar aos seus senhorios, os feudos, censos, ou tributos, que, por serem pagos nas *angárias*, se lhes dava o mesmo nome.

É possivel que os godos nos trouxessem esta palavra.

Ainda na Allemanha se dava o nome de *angária*, ao affrontoso castigo que se impunha

Os persas, foram os inventores dos correios, postas e postilhões, e a estes chamavam *angáros*, e suppõe-se que foi d'aqui que os gallos-celtas tomaram a palavra *hangar*.

Os peninsulares, chamavam *hangarias* e *angueiras*, ás estações das mudas (provavelmente, por serem alpendres, cobertos, ou telheiros).

Tambem se chamava angueira, ao preço da conducção de qualquer pessoa ou mercadoria.

PÊRAS-ALVAS — vide *Revéles*.

PERCALÇAR — portuguez antigo — alcançar alguem em contas — conseguir algum emolumento — e tambem *luvas*. — *Atá que lhis pagassemos oito mil e tantas libras, que nos* percalçarom *nos Contos, que lhe eramos devedor*. (Côrtes de Lisboa, de 1389. — Doc. da camara do Porto.)

PERCALÇAR DIREITO — portuguez antigo — conseguir que se lhe faça justiça, com egualdade e rectidão. *E os senprezes nom podem* percalçar direito, *com os que mais entendem*. (Côrtes de Santarem, de 1430.)

PERCÁLÇO — portuguez antigo — emolumento, e tambem peita ou *luvas*, que se tiravam do officio ou emprego.

Ainda é usado este termo com a mesma significação—Prós e percalços, são os lucros, ganhos, rendimentos, proventos e emolumentos que se auferem de qualquer emprego.

PERDÚDO — portuguez antigo — perdido, gastador, pródigo, dissipador.

PERECIMENTO — portuguez antigo — falta, ausencia, extincção, etc. — *De que se segue grande* perecimento, *de Justiça e dapno* (damno) *ao vosso Povoo*. (Côrtes de Lisboa, de 1439.)

Hoje, *perecimento*, toma-se geralmente por fallecimento. Com a sua verdadeira significação é pouco usado.

aos reus de grandes crimes—era—levarem ás costas—os nobres, um cão—e os plebeus, a sella de um cavallo, e assim andavam percorrendo diversas terras (segundo a sentença) expostos á vergonha publica e ás vaias dos expectadores. Os francos levaram para as Gallias a palavra e a pena; pelo que depois, em França, continuou este castigo extravagante, com a mesma denominação.

PERÊDO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macêdo dos Cavalleiros (antiga comarca e concelho de Chacim) 35 kilometros de Miranda, 430 ao N. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757 tinha 108 fogos.

Orago, Santa Catharina, virgem e martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade de Chacim, apresentava o vigario, que tinha 6$000 réis de côngrua e o pé de altar.

Terra fertil em cereaes, gado e caça.

PERÊDO DOS CASTELHANOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncôrvo, 150 kilometros ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago, S. Julião (antigamente, S. Sebastião, martyr).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

A camara archi-episcopal de Braga, apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis e o pé d'altar. (Vide adiante.)

O que se segue, foi colligido do 1.º livro dos baptisados, escripto pelo primeiro abbade d'esta freguezia, João Caldeira; e de um outro manuscripto curioso.

Diz o referido abbade: — «Segundo informações que tomei de algumas cousas antigas, que as quiz escrever, para que as soubessem os que depois vierem.»

«Acho que esta terra foi já povoada desde muito tempo; e, segundo as muitas e grandes montanhas que n'ella havia, não me parece que podia ser, senão antes da destruição de Hespanha; porque ainda hoje ha vestigios de tres logares, a saber — este do *Perêdo*, os *Casaes da Povóa* e os de *Valle-Verde*.»

Do mesmo manuscripto se deprehende, que no sitio onde se construiu a egreja matriz, em todo o adro se acharam muitas sepulturas, com cabeceiras de pedra, e os ossos e caveiras carcomidos pelo tempo, signal evidente da sua muita antiguidade.

Parece que já n'esse tempo costumavam lançar cal nas sepulturas; pois se viam em

vão os sitios que haviam sido occupados pelos cadaveres, e a terra proxima esbranquiçada. Dão por aqui a estas sepulturas, o nome de *encampanadas*.

Construindo-se uma casa, ao fundo d'este logar, na rua, antigamente chamada *Direita*, se acharam duas cóvas grandes, uma cheia de trigo, e outra de centeio—tudo queimado; o que indicava ter sido destruido, por alguns invasores.

Muitos seculos esteve esta povoação deserta e abandonada; pois sabe-se que só tornou a ser povoada, em 1530, sendo os seus primeiros moradores, oito castelhanos, que da villa de *Frexenêda* (Castella) vieram então povoar este logar, que por isso se chamou *Perêdo dos Castelhanos*.

Consta, com algum fundamento, que os moradores do logar de *Urrôs* (que n'esse tempo era villa e julgado) deram estas terras a Gomes Borges de Castro, para aqui estabelecer um solar ou morgadio, e que a este fidalgo é que os oito castelhanos aforaram, por 16$000 réis annuaes, e por tres vidas, as terras de Perêdo, que repartiram entre si, em oito sortes, ficando cada casal com sua.

Foi tão grande em um dos primeiros annos, a colheita do trigo, centeio e cevada (unicos fructos que então aqui havia) que os moradores do logar não se atreveram a pagar ao morgado, só os 16$000 réis, e fizeram nova escriptura, ficando desde então a pagar-lhe cada anno, de fôro fateusim perpétuo, mil e quinhentos alqueires de pão—a saber—1:000 alqueires de trigo, 500 de cevada e 40 gallinhas.

Os officiaes de justiça eram postos pela camara de Moncôrvo. Os pastos e baldios, eram vendidos, em praça publica, todos os annos; sendo duas partes do producto d'esta venda (ou, mais propriamente, arrendamento) para os gastos do concelho, e o terço restante, para a corôa.

Assim foi resolvido por sentença da relação do Porto, na questão intentada contra Simão Borges de Castro, que pretendeu augmentar os fóros impostos nos oito casaes, já então muito subdivididos.

A egreja matriz, foi construida em 1565, e é de architectura singela. É bastante comprida, mas pouco larga. Tem tres altares—o mór, e dois lateraes, todos de talha dourada, e no gosto moderno.

Ha n'esta freguezia as capellas da *Senhora da Gloria*, e *Senhor da Santa Cruz*.

A primeira, está situada em uma elevação, sobranceira ao logar, e com extensas vistas, descobrindo-se as serras da Estrella e do Marão, outras menores, e muitos montes, valles e algumas povoações.

A segunda, está mesmo no centro da povoação, e foi restaurada luxuosamente, em 1873. Tem formosos quadros, allusivos á paixão do Redemptor.

Devem-se estes melhoramentos, aos generosos esforços e incançavel zêlo dos seus benemeritos mezarios, tornando-se dignos de especial menção, os srs. Joaquim Basilio Thomaz, e Antonio Caetano Fernandes, cavalheiros prestantes e religiosos de Perêdo.

Este logar teve muito maior população, o que se prova por muitas casas, hoje deshabitadas e em ruinas.

É o territorio d'esta freguezia muito accidentado e falto d'aguas; mas é das mais bem situadas povoações da provincia, pela disposição das casas e das ruas, em uma eminencia, sobranceira á margem direita do Douro.

Ha na freguezia grande abundancia de amendoas, exportando-se alguns milhares de arrobas annualmente. Além d'isto, produz bastantes cereaes, e algum vinho e azeite.

Os homens d'esta freguezia, são trabalhadores, muito inclinados ao commercio, e bons; porém as mulheres, são, em geral, desordeiras e insoffridas; e pelo motivo mais insignificante, armam um grande barulho; o que deu origem (e razão) ao adagio—*Quem tem máu genio, vae casar ao Perêdo*.

Aqui nasceu o sr. Antonio Joaquim Rodrigues Ferreira Pontes, por vezes, deputado ás côrtes, e governador civil do districto de Bragança. É um nobilissimo caracter, estimado e respeitado em toda a provincia. Hoje vive retirado da politica, na sua bella e grande quinta de *Cristéllos*, junto ao rio Sabôr.

Esta egreja, a de *Maçôres* e a de *Urrôs*,

eram todas de um só abbade; mas, havendo duvidas sobre o direito da apresentação d'ellas (se do real padroado, se do ordinario) se concertou o legendario arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres, com o rei, para que se fizessem tres abbadias; e que a de Urrôs, ficasse, *in solidum*, do real padroado, e as do Perêdo e Maçôres, ficassem do ordinario.

Fez-se esta concordata, por escriptura publica, nas notas de Jeronymo Luiz, tabellião de Lisboa, em 3 de julho de 1566.

Ha na residencia parochial d'esta freguezia, uma reliquia da *pégada* de Nosso Senhor Jesus-Christo, á qual o povo consagra muito particular devoção, sob o titulo de *Sagrada Reliquia*, e lhe attribue a virtude de afugentar as trovoadas e tempestades. É certo que não ha memoria de que no termo d'esta freguezia, tenham havido desgraças, causadas por qualquer phenomeno meteorologico, como por muitas vezes tem acontecido nas freguezias immediatas.

O penultimo abbade de Perêdo, levou esta reliquia para a sua casa, da *Assureira;* mas o povo, tanto gritou, que elle não teve remedio senão restituil-a á freguezia.

Está bem conservada, dentro de um caixilho envidraçado, com a inscripção seguinte:

VESTIGIUM D. N. J. CHRIST.
IN MONTE OLIVETI.

Ao actual abbade d'esta freguezia, o sr. Manuel Maria Canijo, devo grande parte d'estas informações; pelo que lhe dou os meus mais sinceros agradecimentos.

PERÊDO DOS CAVALLEIROS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 5 kilometros do Mogadouro, 165 ao N.E. de Braga, 36 de Miranda, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 10$000 réis, e o pé de altar.

Vide *Bemposta* (do Mogadouro), vol. 1.º, pag. 380, col. 1.ª

PEREIRA ou **PEREIRAS** — freguezia, Minho, comarca, concelho e 3 kilometros a S.O. de Barcellos, 18 ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil. Gado, de toda a qualidade, e caça.

N'esta freguezia, e a uns 1:500 metros ao S.O. da villa de Barcellos, está o edificio que foi mosteiro (o 3.º) do Bom Jesus, dos padres, primeiramente da provincia da Piedade, e depois, pela divisão que se fez da ordem, ficou pertencendo á provincia da Soledade. Está situado em uma eminencia, e foi seu fundador, o duque de Bragança, D. Gomes, que, pela sua muita piedade, quiz que nas suas terras se fundassem os primeiros conventos d'esta familia. É o mosteiro da Franqueira. (Vol. 3.º, pag. 139, col. 2.ª)

Junto da cêrca d'este mosteiro, se levanta o monte onde estão as ruinas venerandas do nobilissimo *castello de Faria*, e onde se admiram ainda, a robustez de suas muralhas, outr'ora inexpugnaveis, e as suas amplas *praças d'armas*, dos seculos que passaram.

Não foi só o correr de muitos annos que destruiram este monumento das glorias portuguezas; foi tambem o referido duque, que o mandou demolir, para com os seus materiaes construir o mosteiro da Franqueira.

Junto a este monte, ha outro, muito mais alto, chamado *Serra da Franqueira*, e pretende-se que este nome lhe venha porque os francos alli construiram um castello, em eras remotas. É um dos mais bellos pontos de vista da provincia do Minho, pela vastidão, variedade e belleza do panorama que d'aqui se descobre, vendo-se a O., uma ampla extensão do Oceano.

No cume d'este monte, avulta o antigo e magestoso templo de *Nossa Senhora da Franqueira*, sanctuario muito celebre em toda a antiga provincia de Entre-Douro-e-Minho.

Ignora-se a data da sua fundação; mas alguns escriptores a attribuem ao excelso D. Egas Moniz, aio de D. Affonso Henriques. O que é certo, é ser já um sanctuario de grande fama, no reinado de D. João I, pois que, quando em 1415 foi á conquista de Ceuta (Africa) com seus filhos legitimos, e seu filho natural, D. Affonso, 1.º duque de Barcellos, este, entre outras pedras que do palacio do rei mouro, Collu-Ben-Cayla, mandou arrancar, foi uma meza, que mandou pôr, por memoria, na egreja de Nossa Senhora da Franqueira; o que consta de um livro (que existe no archivo da mesma egreja) no qual se lê o seguinte:

«Este Duque Dom Affonso, filho bastardo «del-Rey D. João o Primeyro, foy na toma«da de Ceuta, e no despojo mandou arran«car quinhentas columnas de marmore, dos «paços de Collubencayla, e trouxe de lá uma «mesa, de *marmore muito fino*, onde o dito «Collubencayla comia, e a mandou pôr em «hua Igreja de Barcellos, no altar de Santa «Maria da Franqueira, Ermida de grande «romagem. E o Conde de Benavente, o ve«lho, pay do que era no anno de 1525, dava «a Dom Diogo Pinheyro, Bispo do Funchal, «Primás das Indias, e Prior de São Salvador «de Pereyra, hum pontifical de borcado ri«co, porque lha desse, e elle mandou dizer, «que lha não daria pelo seu Condado.»

O bispo, D. Diogo Pinheiro, eleito em 1514, restaurou este templo, por isso o seu brazão d'armas ainda existe no corpo da egreja.

A meza não é de marmore, mas de jaspe branco, muito fino, de 1m,76 de comprido, por 0m,04 de espessura. Está no altar da Senhora, e não se póde vêr a largura, porque sobre ella assenta o retabulo da capella da padroeira.

Ha no templo duas imagens d'esta Senhora; a antiga, está no altar lateral, do lado do Evangelho, e é de bella esculptura, em madeira, com 1m,10 d'alto. A nova, está no altar-mór.

Antigamente se festejava a Senhora da Franqueira, no dia da Senhora das Neves (5 de agosto) e ainda hoje n'esse dia aqui vem muita gente em romaria, havendo *clàmores* e *alvoradas*, de freguezias proximas, e mesmo de algumas a 18 e 20 kilometros de distancia.

Depois, passou a festejar-se na 1.ª oitava da Paschoa da Resurreição, á custa dos mordomos.

O sermão era sempre prégado por um jesuita, até 1759, porque D. João III havia dado ao collegio de S. Paulo, da Companhia de Jesus, de Braga, o padroado d'esta egreja, e da matriz da freguezia, assim como os dizimos, que o collegio recebeu até á extincção da ordem; tornando depois para o padroado real, d'onde havia sahido.

A egreja é vasta, e, ainda que antiga, de boa architectura. É de cantaria, e a capella-mór de abobada.

Antigamente, tinha esta Senhora uma confraria com muitas indulgencias, concedidas pelos pontifices.

Em 1429, dois conjuges, naturaes da cidade do Porto, se decidiram a fazer vida eremitica, dedicando-se ao serviço d'esta Senhora, e fizeram junto do templo, casas para sua residencia, e para os mais anachoretas que se quizessem dedicar á vida contemplativa, e que, com effeito, em breve aqui concorreram.

Os nomes dos dois portuenses, consta de uma pedra, que foi muitos annos tampa da sua sepultura, e que depois se metteu na parede da egreja. Diz:

AQUI JAZ VICENTE, O POBRE,
E SUA MULHER, CATHERINA AFFONSO,
QUE SE PARTIRÃO DA CIDADE DO PORTO,
ERA DE 1429 — FUNDARAM ESTE LUGAR.

Quando no 1.º de junho de 1476, D. Affonso V concedeu licença para se mandar pedir esmola para a fabrica d'este templo, por dois homens bons, tanto pelo arcebispado de Braga, como pelos bispados do Porto e Tuy, ainda eram vivos os taes Vicente pobre e sua mulher.

Depois da morte d'estes, fundaram n'aquelle mesmo sitio, os padres claustraes, da ordem dos menores, um mosteiro, e parece que foi isto (segundo diz o padre Fernando da Soledade,—*Hist. Seraph.*, parte 3.ª, liv. 4.º, cap. 24) no anno de 1497; mas entregaram-o em 1505, aos fundadores da provincia da

Piedade, que aqui residiram, até 1563. Então, intervindo o commendatario do mosteiro de Rendufe, mudaram a casa para o sitio onde se conservaram até 1834, junto á villa de Barcellos; dando ao novo mosteiro, o titulo de *Bom Jesus, de Barcellos*, para se differençar do titulo de outra ermida, no districto da mesma villa, da invocação de *Bom-Jesus-do-Monte.*

Faz-se a descripção d'este templo, na *Europa*, de Faria, tom. 3.º, parte 3.ª, cap. 12. Padre Carvalho da Costa, *Chorogr. Port.*, livro 1.º, trat. 5.º, cap. 3.º — e outros escriptores.

—

Na Galliza, junto á villa de *Ribadávia*, ha tambem um templo, dedicado a *Nossa Senhora da Franqueira*, com quem os gallegos teem grande devoção, e lhe fazem muitas romarias.

PEREIRA (quinta de) — Minho, sobre as margens do Áve, em terras de Vermuim; solar da nobilissima familia dos *Pereiras*, (que d'esta quinta tomaram o appellido). — Vide 3.º vol., pag. 159, col. 1.ª, no fim.

PEREIRA—villa, Douro, comarca, concelho e 9 kilometros a E. de Monte-Mór-Velho, (foi da comarca de Soure, concelho de Santo Varão) 16 kilometros ao O. de Coimbra, 23 a E. da Figueira da Foz, 130 ao S. do Porto, 18 ao N. de Soure, 4 de Tentugal, e 205 ao N. de Lisboa.

Tem 450 fogos (com 1530 almas.)

Em 1757, tinha 423 fogos.

Orago, Santo Estevam, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O real padroado apresentava o prior, que tinha de rendimento annual, 300$000 réis. (Foi dos duques d'Aveiro, até 1750—e rendeu antigamente, mais de um conto de réis.)

E' povoação antiquissima, e entre ella e Coimbra, passava a estrada mourisca.

(Vide *Agueda, Condeixa Velha, São Felix da Marinha* e *Mourisca.*)

Está situada sobre a margem esquerda do placido e formoso Mondego.

—

Tem egreja matriz, muito espaçosa, com duas naves, em arcos de boa cantaria, tem capellas d'entro e fora da mesma egreja, casa da Misericordia bem patrimoniada, com uma excellente capella; teve uma collegiada na capella de Nossa Senhora do Pranto; e teve collegio de educação (Ursulinas) que foi transferido para Coimbra, aonde se conserva.

Trataremos da origem e posição actual d'estes estabelecimentos; porém, em primeiro logar, da

Origem da Villa de Pereira

Não existem documentos authenticos, que esclareçam e legalizem esta narrativa; quanto se pode dizer é de constante tradição: transcrevemos porém com a devida venia, o que a este respeito publicou o sr. conselheiro dr. Antonio Luiz de Souza Henriques Secco, na sua memoria descriptiva, das principaes povoações do districto de Coimbra, quando foi governador civil do mesmo districto; para cuja descripção teve s. ex.ª a bondade de aproveitar informes, apontamentos, que lhe forneceu a pessoa da mesma villa, que agora nos deu estes esclarecimentos.

Eis o que extrahimos da memoria indicada.

Com effeito diz-se que reduzidos ao dominio christão, os castellos de Coimbra, e Montemór-o-Velho; os mouros, arrojados, já para o sul do Mondego, não deixavam ainda no tempo do conde D. Henrique, de insultar a cada passo no outro lado do rio, os viandantes, Al-Minde, porém, um dos seus chefes, que se intrincheirou, em um dos pontos mais elevados, sobre a margem esquerda do rio (que ainda hoje conserva d'elle o nome, e fica ao sul da villa, e pertence á quinta do sr. Francisco Barreto Chichorro) fez-lhe d'alli tanto mal, que os alliados de Coimbra e Montemór, moveram contra elle suas armas; morto o chefe e afugentados os companyeiros, estabeleceram alli os christãos uma atalaia, que guarneceram de boa gente, e a entregaram aos cuidados do capitão Pereiro; afim de que,

como avistassem inimigos, dessem signal aos castellos.

Aggregando-se-lhe successivamente novos guerreiros, attrahidos pela belleza do sitio, começaram todos por desbravar as avenidas, cortando arvores e arbustos, e cultivando a terra, já para que lhe desse subsistencia, já para melhor poderem varejar o terreno, sem risco de inimigo; e darem origem a uma povoação que então se chamava Tojal, dos grossos mattos que alli havia, nome que ainda hoje conserva um dos bairros da villa.

Chamado depois o capitão Pereiro, para acompanhar D. Affonso Henriques, a Santarem; aonde foi soccorrer seu filho D. Sancho, a quem os mouros punham duro sitio (1184) fez ahi taes proezas, que o rei agradecido, lhe deu o senhorio da atalaia e terras cultivadas e por cultivar.

A povoação em sua honra, tomou então o nome de Pereira; e tanto prosperou, que mereceu d'el-rei D. Diniz, o titulo de villa; e para seus moradores a graça de muitos privilegios; e do rei D. Manuel o confirmar-lhe o primeiro foral.

D'esta exposição se deprehende, que Pereira na sua origem era uma povoação de agricultores, tão sollicitos e cuidadosos, que receberam muitos privilegios dos reis anteriores a D. Diniz, e a D. Manuel, e successivamente d'outros monarchas, do que offerecem prova, antigos pergaminhos, dos quaes ainda existem alguns, que escaparam ao vandalismo do exercito francez, commandado por Massena, e que assolou estas povoações em outubro de 1810.

Conservaram sempre os pereirenses com orgulho, a denominação de *lavradores*; sem que entre elles houvesse distincções de nobreza; e era esse o seu unico brazão.

Porém logo que vieram residir em Pereira, rendeiros arrematantes dos denominados direitos reaes, e outros impostos, começou a villa em decadencia, sendo seus habitantes victimas, dos excessivos vexames, d'esses ambiciosos, que medrados com o sangue de suas victimas, se collocaram em elevada posição, com tamanho orgulho, que um d'esses publicanos, que viera administrar a renda (em corpo gentil...) tanto engrossou em cabedaes, que obteve ligar-se em matrimonio, com uma filha das melhores familias de Pereira.

Sollicitou pelo seu dinheiro, sem outro merecimento, que se estabelecesse em Pereira uma capitania-mór, sendo elle o primeiro que exerceu esse emprego!

Como este, outros muitos enlaces, vieram mistiçar as familias dos honrados lavradores de Pereira; e ha hoje uma miscellania incomprehensivel!

Todavia tem havido honrosas excepções; e Pereira actualmente comprehende familias honestas, de reconhecido merecimento; pessoas bondosas, tão amaveis e caritativas, que fazem a ventura dos seus habitantes.

Honrosas excepções repetimos; pois pelo andar dos tempos, se tem estabelecido em Pereira, attrahidas pela belleza da localidade, familias de elevada cathegoria; prescindimos de comprovar este facto, com exemplos; por que seria uma longa narrativa; bastará expor o acontecido com a quinta de Alminde ou S. Luiz, ainda hoje do sr. Barreto Chichorro; porque figuram n'este episodio, as principaes familias a que nos referimos.

Consta d'antigos e legaes documentos, que a sobredita quinta dos srs. Barretos, foi doada, com o nome de quinta d'Alminde, por Affonso Coelho, cavalheiro distincto, da freguezia de S. Martinho d'Arvore, e por sua mulher D. Magdalena Amado da Cunha Vasconcellos Varella do Cazo, que viviam nas casas, hoje do sr. Barreto Chichorro; a sua filha D. Margarida Coelho, para casar com o cavalheiro, Luiz de Souza Pimentel, que tambem não era de Pereira; de cujo consorcio, nasceu D. Maria Coelho, que casou com outro cavalheiro da casa de S. Martinho de Arvore, Antonio de Castanheira e Moura, de quem era filha D. Luiza de Moura, a quem seu avô, o dito Luiz de Souza Pimentel, dotou com parte da mesma quinta, vinculando-a com a denominação, de quinta de S. Luiz (por ser o santo do seu nome) doação que fez para dote de casamento da referida sua neta, com D. Nuno

Botelho, filho do primeiro conde de S. Miguel.

Por este acontecimento ficou sendo quinta de S. Luiz, nunca esquecendo a denominação primitiva de quinta d'Alminde.

D'este consorcio nasceu D. Francisco Botelho, que casou com D. Catharina Barreto, da casa dos fidalgos de Goes, dos quaes era filho, D. Nuno Xavier Botelho, que casou com sua prima, D. Maria Victoria Barreto, d'aquella casa, não tiveram filhos; por isso passou o vinculo de Luiz de Souza Pimentel para Francisco Barreto, irmão d'esta D. Maria Victoria, ficando assim reunidos na mesma familia os vinculos de Barretos e Botelhos; e n'este anno de 1876 está de posse o representante d'esta familia, o sr. Francisco Barreto, ainda menor, casado n'este anno, com a sr.ª D. Maria Isabel Gonzaga, filha do sr. Antonio Maria de Mello Gonzaga, da quinta d'Arregaça, suburbios de Coimbra.

A sobredita D. Catharina Barreto, com suas filhas, D. Luiza e D. Maria da Nazareth, foram as fundadoras do collegio Ursulino, como referiremos, quando d'elle fizermos menção.

—

A villa de Pereira, é situada, como fica dito, na margem esquerda do placido Mondego, em posição deliciosa, cercada de variados arvoredos, frondosos olivaes, esperançosos pinhaes, vistosos pomares, hortas e ajardinados quintaes; que tudo prende as attenções dos viandantes; e é um mimo que recreia os habitantes da villa (em compensação de tantas faltas de melhoramentos materiaes, por incuria ou frouxa influencia das pessoas competentes)

Seus terrenos adjacentes, são uberrimos, produzem abundancia de cereaes e legumes, muito linho, batatas, azeite, vinho, mel, boas hortaliças, saborosas e variadas fructas, especialmente melões, que são os melhores conhecidos; muita caça de variadas especies, endemica e de arribação; abunda outrosim em gados bovino, cavallar, vacum, lanigero, cabrum, e suino; lans, leite de ovelhas, de que se fazem queijos, que exportam em grande escalla; e do qual tambem se fazem mimosas queijadas, de que ha grande extracção, e bem assim dos melões, não só para as povoações visinhas, como para Coimbra, Montemór-o-Velho, Soure, Figueira, etc.; mas tambem para Lisboa, Porto, e outras localidades, e até para fóra reino.

E' povoação pobre, apezar do movimento de seus habitantes, que são assiduos nos serviços agricolas, mas pelas vicissitudes dos tempos, ha poucos lavradores independentes.

Esta povoação é hoje uma quasi colonia; porque as propriedades que agricultam bôa parte dos seus habitantes, são de senhorios de fóra da terra, a quem pagam avultadas pensões, de milho, feijão, e outros generos.

Ha grande movimento nas classes menos favorecidas, de sorte que negoceiam (posto que em pequena escalla) em carnes frescas de porco e carneiro, assim como em peixe fresco do Mondego e do mar; vindo-lhe este das praias de Buarcos, Quiaios, Tocha, Cova e Costa de Lavos; e d'outros pontos; tambem peixe salgado, bacalhau, cavalla, sardinha, e outras especies, cujos generos aproveitam aos moradores da villa; e os exportam para as povoações visinhas, no perimetro de mais de duas leguas.

Ha grande falta de combustivel; assim como de madeiras, cantaria e alvenaria, para obras; que importam das mattas e pedreiras do Norte do Campo, e das serranias da Beira.

Ha uma feira annual no dia 21 de outubro, e mercado nos dias 6 de cada um mez; pouco concorridas e quasi sempre de nenhum valor.

Ha o valioso recurso para os pobres, que são soccorridos pelos rendimentos da Misericordia.

Egreja Matriz

Não ha documentos que indiquem a origem da egreja matriz.

Pessoas intelligentes e empenhadas em descobrir antiguidades da villa de Pereira, vasculhando, no seculo passado, os car-

torios da camara, da parochia, e das confrarias, nada poderam conseguir. E apenas declararam, que a mesma egreja foi construida a expensas do povo, firmando esta convicção, em varias conjecturas; e principalmente, porque por occasião d'um terramoto, demolindo-se o cunhal do primeiro arco da nave do Norte, junto á capella-mór, appareceu uma pedra, redonda, como as dos moinhos; tendo em relevo d'um lado um lavrador, curvado sobre o arado, pelo qual puxava uma junta de bois; e ao pé um sacco cheio, atado pela bocca; e um rapaz a desatal-o; do outro lado tinha um carro, umas grades, um rodeiro, uma canga, sollas, cordas, etc., tudo bem pronunciado; e de volta em claro typo, este letreiro:

OS LAVRADORES, OS CEAREIROS, E MAIS DO POVO, ÁS NOSSAS CUSTAS

Foi tal o desleixo, que esta pedra desappareceu!

Capella-Mór

Foi reedificada á sua custa, no anno de 1595, pelo dr. Francisco Rodrigues Froes, capellão d'el-rei; como consta d'um letreiro em pedra, collocado na parede da mesma capella, ao lado do evangelho.

Esta capella nada tem de singular; é acanhada, sem proporções para uma egreja tão vasta.

Ignora-se o motivo que teve o dito cavalheiro para fazer esta obra, d'onde era, e porque veiu a Pereira.

Capella do Santissimo

Por antigos documentos, que ainda existiam nos fins do seculo passado; se comprovava que havia na egreja matriz, fóra da capella mór, dois altares collateraes, um da parte do evangelho, denominado do Senhor Jesus (hoje Santa Maria) e do outro lado havia o altar aonde estava o sacrario; que este porém fóra substituido pela capella actual, sendo esta construida a expensas do povo; o que parece incrivel, por ser obra tão gigantesca, que só braço real poderia executal-a.

Mas não admira; porque tinham os avultados rendimentos do legado de Santa Maria; e o grande zelo, que se desenvolvia nos antigos tempos, para obras do culto divino.

E' na verdade a dita capella uma obra maravilhosa, tão primorosamente detalhada, tudo em pedra de cantaria, que surprehende nacionaes e estrangeiros que a tem observado detidamente; sendo o seu maior assombro, como um simples arco de pedra sustenta o enorme pezo d'aquella obra grandiosa.

Tem no centro, com muita elegancia, o altar e sacrario, o throno para exposição do Santissimo, tudo de madeira obrada com singular e magistral architectura.

Esta capella é um monumento, de que muito se ufanam os habitantes da villa de Pereira.

E' fabricada pelos rendimentos d'uma confraria, denominada do Santissimo. que possue bens de raiz sufficientes para essa despeza, e para auxiliar os encargos da fabrica da matriz, como tem acontecido; talvez apure uns annos por outros—cem mil réis; rendimento que vae crescer pela lei da desamortisação.

Altar de Jesus, hoje altar e legado de Santa Maria

E' tradição constante e nunca desmentida, que por occasião de serem expulsos de Portugal os mouros que o avassalavam, foi permittido ficarem, no goso dos bens que tinham adquirido, aquelles que professassem a religião de Jesus Christo; um d'estes veiu estabelecer-se em Pereira, ainda aldeia, onde comprou terra, deixando por sua morte grande riqueza, e ordenou em testamento que no altar de Jesus se collocasse uma imagem de Santa Maria; e que todos os annos, no dia de Nossa Senhora do O', a 18 de dezembro, se cantasse uma missa no mesmo altar, por sua intenção; e se rezasse um responso sobre a sua sepultura na noite de Natal, e outro no dia dos fina-

dos a 2 de novembro, e por estes serviços receberia o parocho tres alqueires de trigo, seis pães, e dois frascos de vinho; collocando-se estes objectos, sobre a sua sepultura; que deduzida esta despeza, se empregasse todo o seu rendimento, em carne, pão e vinho, para no indicado dia 18 de dezembro, se fazer um bodo, sobre a sua sepultura, ao qual fosse admittido todo o povo da villa de Pereira; estas disposições foram cumpridas por muitos annos, mas já no seculo passado não existiam os documentos competentes, conforme a opinião de quem quiz profundar a origem d'estas extravagancias, aliás radicadas em constante tradição.

Havia porém alguns papeis pelos quaes se provava que o tal bodo era de grande inquietação para o povo; porque os excessos da comida e bebida produziam serias desordens, que reclamavam a intervenção das auctoridades, mas nem assim se evitava perigosos conflictos.

Aconteceu porém que achando se em Pereira, um anno, nesse dia, o provedor da comarca em correição, e observando esta desordem, obteve provisão regia para extincção do bodo, e applicação d'esse avulta do rendimento para obras, de que a egreja matriz muito carecia, e para dotar orphãs pobres; esta dotação nunca se verificou, por que ninguem se queria aparentar com o mouro, apezar de se fazer constar, que não era essa qualidade que habilitava para o dote, mas sim orphandade, pobreza e bom comportamento. Continuou, portanto, a ser applicado este rendimento para obras da matriz, e hoje se acha encorporado nos rendimentos da fabrica da mesma, sendo administrado pela junta de parochia, cumprindo-se as pias disposições do instituidor, por cujo serviço recebe o parocho, tres mil cento e vinte réis em dinheiro, e não o trigo, pão e vinho.

Ignora-se o motivo por que o tal mouro não foi sepultado na egreja matriz, unico cemiterio da freguezia n'esse tempo, mas sim no adro d'ella, entre terreno benzido e não benzido.

Talvez por não haver certeza da sua conversão ao Christianismo, sempre se designou aquelle logar como sepultura do mouro, e era coberta com uma pedra com letreiro quasi apagado; esta pedra, foi brutalmente applicada, por um parocho estupido, para diversa obra, e muitos annos se conservou a mesma sepultura, sem este resguardo, porém o dr. Bernardo Antonio Amado de Vasconcellos, zelozo e inimitavel propugnador, pelas regalias de Pereira, e ao qual todas as repartições e estabelecimentos ecclesiasticos e seculares mereceram sempre séria attenção, mandou collocar uma outra pedra liza, sobre a indicada sepultura.

E hoje por iniciativa do parocho ha pouco fallecido, se conserva mais decente, com uma especie de pequenino e improvisado mausoleu, e com este simples letreiro: *Sepultura do Mouro.*

Altar das almas

Quando, a requisição d'el-rei se obteve bulla pontificia para erigir altares e activar o culto ao glorioso martyr S. Sebastião, o qual era então venerado, com especial devoção, por ser de fé que tinha cessado, pela valiosa intercessão do mesmo santo, a peste que grassava em muitos paizes; foi então que o povo da freguezia da villa de Pereira, rompendo a parede da egreja matriz, erigiu a S. Sebastião o altar em que existe ainda a sua imagem.

Porém, muitos annos depois, o parocho, Francisco José de Madureira, instituindo a confraria das almas, destinou o mesmo altar para ser d'esta confraria, collocando um painel das almas, por uma das tribunas do santo, e ficando a imagem d'este em posição inferior, aonde hoje se conserva; tão crescida foi a devoção, inculcada por aquelle parocho, pelas almas do purgatorio, que a denominação d'altar de S. Sebastião, foi substituida pela de altar das almas, com uma confraria, que se conserva, com o simples rendimento dos annuaes, que pagam os confrades, e com esmollas dos fieis.

Capella dos Couceiros

Simão Couceiro, casado com Joanna Francisca, fez testamento em 1619, instituindo da

metade dos bens do casal (porque não tinha herdeiros necessarios) uma capella, nomeando primeira administradora d'ella, a dita sua mulher, com a declaração de que por morte d'esta passaria a seu sobrinho, João Couceiro.

A dita Joanna Francisca, tinha dois filhos, do primeiro matrimonio, que eram o padre Simão Pereira, e Antonio Fernandes Pereira, enteados d'aquelle Simão Couceiro, e unicos herdeiros de sua mãe; fizeram elles seu testamento em 3 de dezembro de 1640, e n'elle instituiram uma capella, dos bens que herdaram da dita sua mãe, chamando para administrador o mesmo João Couceiro, sobrinho de seu padrasto.

E assim foi vinculada em duas instituições a casa toda de Simão Couceiro e de sua mulher Joanna Francisca, que ficou gozando o indicado João Couceiro; passando a seus herdeiros como vinculo, até hoje.

Em 1637, requereu Antonio Fernandes Pereira, ao cabido — *Sede Vacante* — a competente licença, para construir uma capella na egreja matriz; foi-lhe concedida, precedendo informação favoravel, do prior, que então era D. Antonio da Silveira, do que se lavrou escriptura publica, em 22 de julho de 1637.

E' uma capella magnifica, de esmerada architectura, que teve seus eclipses pela frieza e pouco zelo d'alguns administradores do vinculo, porém hoje está muito bem conservada, com apurado aceio, pelo actual administrador do mesmo vinculo, o sr. Antonio Pedro Pimentel Pereira Couceiro.

Capellas fóra da egreja matriz

Nossa Senhora do Bom Successo

No local em que se acha esta capella, na extremidade poente da villa, havia um oratorio em que só cabia a imagem do Santo Christo, com frente sempre aberta, para veneração dos fieis, sendo por isso a rua denominada (e ainda o é) rua do Christo.

Tinha este oratorio, que era de pedra, em fórma de nicho, uns degráus, tambem de pedra, para subir a elle, em cujos degraus se sentavam aos serões no verão, os lavradores visinhos, a conversar, nos seus negocios agricolas.

Porém vendo o tal improvisado nicho em ruina, resolveram mandar construir uma capellinha fechada, e decente, para n'ella collocarem a imagem do Santo Christo.

Logo se começou a construir, e em breve tempo estava concluida a capellinha quadrada com seu alpendre por fóra, e n'ella se dizia missa.

Outrosim concordaram em collocar (e collocaram) na mesma capella, uma imagem de Nossa Senhora, com a invocação do Bom Successo, ficando a capella, por isso, com esta denominação.

Foi crescendo a devoção dos fieis, e todos os annos festejavam Nossa Senhora com grande pompa.

Mas, as varias fazes dos tempos, e as inconstancias dos homens, tem produzido taes alternativas, que passam annos sem se fazerem as festas costumadas; conserva-se porém a mesma devoção.

Capella de S. Thiago

Esta capella, situada no monte fronteiro á freguezia de Figueiró do Campo, ao sul de Pereira, foi edificada pelos moradores d'esta villa, para honrarem os ossos dos seus paes, parentes e visinhos, que foram enterrados n'aquelle sitio no tempo da peste, que invadiu Portugal no seculo decimo quarto.

Era aquelle sitio deserto e abundante de mattos, por isso mandavam para lá as pessoas affectadas do terrivel flagello, e os que morriam lá os enterravam; cessou o contagio, edificaram uma capella no mesmo sitio, collocando n'ella a imagem de S. Thiago, apostolo, que ainda existe.

Tempos depois da edificação da capella, a camara mandou repartir o terreno baldio adjacente a ella, pelo povo da villa; cabendo a cada familia quatro aguilhadas, e quatro covados de terra; por isso se ficou denominando, aquelle perimetro — *Sitio das Dadas* — titulo que ainda conserva.

Quando grassou em Pereira o *cólera-mor-*

bus, em 1833, foram sepultadas, no pequeno espaço de terra, fronteiro á porta d'esta capella, mais de cem pessoas d'ambos os sexos e de todas as edades, sem excepção de posições sociaes e que morreram desde o dia 15 de junho até egual dia do mez de julho do mesmo anno. E dentro da dita capella foram sepultadas, e lá se conservam suas cinzas — D. Maria Victoria Pinheiro Galvão — o dr. Antonio Rodrigues Cardozo — Antonio Xavier Tavares da Paixão. Estas tres pessoas, foram progenitores de familias que se conservam em brilhante posição, em Monte mór-o-Velho, Pereira, e no Espinhal, povoação proxima a Penella e Louzan.

O Santo Apostolo era venerano com especial devoção, e visitado com grande fervor, por todas as classes da povoação, celebrando annualmente grandes festas, no dia 25 de julho, não só missa cantada e sermão na capella, mas tambem festejos de praça, com notavel alvoroço e frenetico enthusiasmo. Inventavam-se danças exquisitas, caricaturas engraçadas... Emfim, todas as classes se fascinavam com os festejos de S. Thiago. — Este enthusiasmo, durou seculos. — Quando chegaram á edade de tomarem parte n'estes brinquedos, eram os primeiros influentes, pelo seu genio folgazão, o dr. Bernardo Antonio Amado de Vasconcellos, e José Tavares da Paixão, amigos desde a infancia; ambos, qual de melhor feição, para folias. Sendo aliás tambem os primeiros a zelar os objectos do culto divino, e a pugnar pelo seu esplendor; assim como pelos interesses e regalias da sua terra natal.

Estes amigos inseparaveis, entre as variadas invenções para taes folguêdos, fizeram, de papelão, uma cabeça d'urso, vestiram com pelles d'ovelha um rapazóla, puzeram-lhe a tal cabeça, mandaram construir, na praça dos festejos, uma matta improvisada, e n'esta occultaram o *urso;* fazendo constar que este bicho seria sacrificado em honra de S. Thiago: correu o povo em chusma... appareceram caçadores a cavallo e de pé, fizeram-se varias partidas, e o urso foi morto!

O leitor póde imaginar (pois não é facil descrever) o alvoroço que produziu esta novidade!... o certo é que, nos annos futuros, sempre que se festejava S. Thiago, apparecia a brincadeira do urso; e ainda hoje se repete, mas com muita simplicidade; póde dizer-se um arremêdo do que foi: assim mesmo é a parte da festa a que o povo dá maior valor.

Porém todos estes festejos em geral, de tanto enthusiasmo, teem declinado a ponto que tempos houve, em que a capella esteve mais de uma vez proxima a desabar.

Hoje conserva-se em soffrivel estado. Lá se diz missa, repetem-se os festejos, no dia 25 de julho, com muita simplicidade; e em alguns annos nada se faz.

Capella de S. Francisco

Por occasião da epidemia, que assolou a villa de Pereira, e que deu motivo para se erigir a capella de S. Thiago das Dadas, como fica dito, aconteceu o facto, que originou a construcção da capella de S. Francisco, na rua da Torre, ao S.O. da mesma villa. — Eil-o:

Francisco Lourenço Canaes, um dos lavradores, e proprietario dos mais abastados da villa, tinha um unico filho, que muito amava, especialmente por ser o herdeiro da avultada fortuna, em propriedades e abundancia de gados de todas as especies: foi este filho atacado da peste. O pae, para o não mandar aonde eram conduzidas as victimas da epidemia, escondeu-o em uma córte, ou curral de gado, e lá o tratou em muito segredo; mas teve a desventura de morrer o rapaz. O pae, para occultar o seu crime, e afastar a pena, que era cruel, o enterrou na tal córte.

Cessou a peste; e então, Francisco Lourenço declarou a morte do filho; mas a pena lhe foi relevada. Mandou então fazer uma capella, no mesmo sitio onde se achava a sepultura do filho, e a dedicou a S. Francisco por ser o santo do seu nome; ficando a sepultura no meio, coberta com uma pedra e competente letreiro.

A ermida era de bom aspecto — tinha capella-mór, altar, pulpito, e uma sineta; e a

imagem do santo (que ainda existe) em tribuna decente. E o instituidor a conservou emquanto vivo, e a sua familia; todos os annos era o santo festejado, no mez d'outubro, com missa cantada, sermão, e arraial; devoção que continuou seculos

Pelo andar dos tempos, enfraqueceu essa devoção, a ponto que a capella foi despresada, e suspensa por ordem episcopal. A final, um parocho encommendado, a fez demolir, em 1822, vendendo os materiaes, a pretexto d'applicar seu producto para obras da egreja matriz; porém praticou o escandalo de o converter em utilidade propria.

Assim acabou aquelle monumento historico, servindo hoje o terreno para curral de gado, e outros usos profanos.

Se Francisco Lourenço Canaes patrimoniasse a capella, com obrigação de algum suffragio annual, pela alma do seu filho querido, que n'ella estava sepultado, ainda hoje existiria.

Capella de Santo Antonio

Esta capella foi edificada, no anno de 1601, por Jeronymo Tavares, da Villa de Pereira; era de construcção simples, mas muito decente: tinha uma sineta, e a imagem de Santo Antonio, em altar, ou tribuna de pedra. Apezar da particular devoção com que Jeronymo Tavares mandou edificar esta capella, e dos guizamentos com que a enfeitou, não lhe fez patrimonio. E passados poucos annos, depois da sua morte, a capella chegou a tal abandono, que ameaçava ruina; e era apenas varrida por uma pobre velha, muito devota de Santo Antonio.

Porém, um tal Bernardo Tavares Pimentel, irmão da mãe d'Anna Maria Couceiro, mulher do capitão Antonio Pinheiro Pimentel, resolveu chamar-lhe sua, por se dizer parente d'aquelle instituidor: mandou reedifical-a e adornal-a com decencia; e lá dizia missa o padre Antonio Mourão, á familia do capitão-mór, Felix de Carvalho Pimentel, de quem era capellão.

Porém o dr. em canones, José Antonio Tavares Esteves, chantre da collegiada de S. Pedro, em Coimbra, propoz acção judicial, e provou que a mesma capella lhe pertencia, por ser terceiro neto do instituidor Jeronymo Tavares. Começou por abrilhantal-a, festejando annualmente Santo Antonio, com missa cantada e sermão; e assim se conservou.

Propondo-se, annos depois, reedifical-a com paredes novas, foi a obra suspensa por influencia do bispo-conde, D. Francisco de Lemos; porquanto a mesma capella, por ficar proxima (na frente), estorvava o brilho do palacete, que elle bispo pretendia construir nas casas do referido capitão-mór, de quem era neta e unica herdeira D. Maria do Cardal, casada com seu irmão, o desembargador João Pereira Ramos.

E assim ficou a capella de Santo Antonio reduzida a um montão de ruinas, pois o chantre, por caturrice, não acceitou vantajosas propostas que o generoso bispo lhe offereceu, nem se defendeu.

O terreno era profanado com as maiores indecencias. E a final, em 1846 foram demolidas as paredes, por ordem da camara; o terreno secularisado, e hoje é logradouro publico.

Capella de Nossa Senhora do Pranto

O licenceado Manuel Soares de Oliveira, natural da villa de Pereira, homem muito illustrado, e abalisado jurisconsulto, vexado por factos vergonhosos, praticados por parentes seus, ausentou-se da sua terra natal, para a Hespanha, fixando sua residencia em Salamanca, no anno de 1625. Ahi floresceu em letras; e com tanta probidade, honradez e cavalheirismo se comportou sempre, que era respeitado, merecendo que o governador capitão-general das ilhas Philippinas, o escolhesse para seu accessor, conferindo lhe o cargo d'auditor geral, na cidade de Manilha. Ahi enviuvou duas vezes, ficando senhor de grandiosas heranças, que lhe doaram suas mulheres; e assim, não tendo herdeiros necessarios, fez seu testamento, em 30 de novembro de 1674, na cidade de Manilha, dispondo de avultadas sommas para diversas applicações; sendo as principaes— que fosse dotada annualmente com quatro-

centos mil réis, uma sua parenta, a mais proxima—que se comprassem cada um anno, 50 fangas de milho, para ser repartido pelos pobres da sua freguezia natal, no dia 20 d'abril—mais 50 fangas de trigo e outras tantas de linhaça, que se distribuissem pelos lavradores e ceareiros da mesma freguezia, para suas sementes, com o juro da oitava parte, a fim de se não extinguir este beneficio—mais 50 cruzados, para serem soccorridos annualmente os pobres da mesma freguezia—e egual quantia, tambem annual, aos pobres, presos na cadeia da Portagem, em Coimbra.

Ordenou mais, que se construisse n'esta cidade (Coimbra) um collegio para educação d'orphãs pobres, sendo dirigido pela meza da Santa Casa da Misericordia d'ella; collegio que foi edificado na rua de Coruche (hoje no collegio Novo), e ainda funcciona, fornecido pelos fundos que aquelle bemfeitor applicou, para tão philantropica instituição.—Mais, que se comprassem tres aguilhadas de terra, na costa do monte fronteiro á ermida de Nossa Senhora do Pranto, que se achava desprezada entre as vinhas no terreno proximo ao Mondego (hoje denominada Ermida Velha), e se construisse n'este terreno comprado, ao pé da estrada que vem de Coimbra, uma capella magestosa e elegante, para a qual fosse transferida a dita imagem de Nossa Senhora do Pranto; que para ella se fizessem os paramentos necessarios ao culto divino, sendo de velludo para todas as côres que recommenda o ritual romano; bem assim, um sino e uma alampada de prata, que estaria sempre acceza. E destinou para estes e mais guizamentos necessarios, a quantia de quatrocentos mil réis annuaes. Que se estabelecesse uma collegiada de seis capellães, sendo o mais antigo, capellão-mór, dando-se a cada um quarenta mil réis annuaes, e sessenta mil réis ao capellão-mór; mais vinte mil réis para dizerem missa da esmola de cento e sessenta réis cada uma, por alma d'elle testador, de suas duas mulheres, de seu pae e de sua mãe: com estas obrigações mais—acompanharem o Sagrado Viatico aos enfermos, assistindo a estes com caridade—coadjuvar o parocho, especialmente na desobriga da quaresma—assistir ás funcções da Semana Santa, gratuitamente—dizer missa cada um alternadamente, todos os sabbados, na capella respectiva—cantarem completas na capella da Misericordia da mesma villa, todas as tardes dos dias, vesperas d'aquelles que fossem da invocação de Nossa Senhora.

Estas e outras muitas dispozições d'aquelle generoso bemfeitor, eram cumpridas religiosamente; mas porque estes avultados capitaes, entrassem no erario regio, á proporção que houve irregularidade no pagamento dos juros, foi diminuindo o zêlo dos capellães, porque lhe faltavam tambem os seus rendimentos regularmente, e, a final, ninguem se habilitava para capellão: muitos annos, especialmente nos tempos da revolução franceza, não se pagaram os dotes ás parentas a quem se conferiam, nem se cumpriam outros legados; e até a capella chegou a tal estado de ruina, que foi mister fazer-lhe reparos, com grande dispendio, quanto ao material sómente; pois quanto a paramentos, servem hoje os velhos da capella da Mesericordia de Coimbra (porque a respectiva meza é a testamenteira); não tem uma banqueta, nem cêra, vinho, hostias, para a missa que lá vae dizer aos sabbados (e leva estes objectos seus) um clerigo, encarregado das missas respectivas a uma capella; porque nenhum capellão existe, depois do ultimo que morreu no dia 14 de setembro de 1849.

Agora sómente é dotada uma parenta, annualmente; mas com pouco mais de *cem mil réis*. Custeiam-se as despezas, no collegio das orphãs, em Coimbra; paga-se ao padre que diz as cento e vinte missas, sendo uma aos sabbados, na capella.

Eis a sorte das pias e tão meritorias intenções do generoso cavalheiro, e bemfeitor de seus patricios—licenceado Manuel Soares d'Oliveira.

A Santa Casa da Misericordia

Por antigos assentos existentes no cartorio da Santa Casa da Misericordia, de Pereira, consta que havia uma capelli-

nha (situada aonde é agora a casa do lavatorio, proximo á sachristia); e n'ella se achava collocada a imagem de Nossa Senhora da Piedade (a mesma que ainda é venerada na capella de hoje); tinha uma confraria governada por juiz, escrivão, e seis mordomos, um procurador, um thesoureiro, para recolher as esmolas: quatro pedidores, um albergueiro para receber e tratar os passageiros, e ter cuidado nos miseraveis da freguezia, que eram visitados e soccorridos, por todas as familias; porque não havia rixas nem distincções... todos se amavam como irmãos... *Que santo tempo!*

Tinham uma casa para sessões da mesa do governo (aonde hoje é o celeiro) á qual chamavam—torre do despacho; ao pé outra casa para receber os passageiros, denominada albergaria.

Tinha um capellão que dizia missa quotidiana, e a quem pagavam dezeseis mil réis annuaes, com obrigação de dar cera, vinho, e hostias.

Consta que alguns annos houve contenda entre os padres da freguezia, por que todos ambicionavam este grande beneficio!

Esta irmandade tinha habitos brancos, com murças roxas, tinham um esquife, para conduzir os mortos á sepultura, e o seu compromisso era o accordo que tomavam reunidos, lançado no seu livro d'actas.

Festejavam Nossa Senhora, pela paschoa do Espirito Santo, com pomposas festanças, não só de egreja, d'accordo com o parocho, mas na praça com grande bulicio e enthusiasmo.

Nada se tem podido averiguar sobre a origem e antiguidade d'esta capella e confraria; ha apenas uma conjectura para acreditar que a fundação da dita capella é antiquissima.

A saber: a sineta que ainda hoje se conserva na torre, tem o metal gasto, na volta de cima um letreiro, com caractereres desconhecidas: no bojo, outro letreiro, com caracteres que mal se conhecem; tem um relevo no centro, representando a imagem de Nossa Senhora da Piedade, signal de que foi undida para a capellinha; o lado opposto outro relevo, representando o *Ecce Homo.*

Apenas se publicou a resolução da rainha D. Leonor, viuva de D. João II, no anno de 1498, que instituiu as corporações das Misericordias, em todo o reino, logo o juiz e mais membros da dita confraria, pediram a sua magestade lhe concedesse privilegio de Misericordia, cuja mercê facilmente obtiveram, como consta da provisão e compromisso que então lhe foi concedido, documentos que sempre foram conservados com religioso cuidado no cartorio da santa casa.

Mudou portanto o nome de confraria em Misericordia, de juiz em provedor, de cruz em bandeira.

E começaram a praticar com fervor e zelo inimitaveis, os preceitos do seu novo compromisso, conservando a capellinha as honras de capella real.

Assim viveram em paz, seculos, luctando muitas vezes com graves difficuldades, mas triumphando sempre, com tanta coragem, que a Santa Casa nunca perdeu as suas regalias!

Todavia supposto o tivessem talvez, nunca verificaram o pensamento de transformar a mesma capellinha em egreja mais apropriada, para uma corporação tão respeitavel.

Chegou finalmente esse momento, porquanto oito cavalheiros generosos, descendencia pura dos fundadores da villa de Pereira, e vigorosos mantenedores das suas regalias, dos seus privilegios; conservavam por timbre o thema dos antigos homens — *de antes quebrar que torcer;* sentindo-se excitados de zelo, pelas recordações do valor e patriotismo dos seus antepassados, tomaram a grandiosa resolução, e projecto gigante, de promoverem a construcção d'um templo magestoso.

Eis os seus nomes:

O capellão-mór, Bento Amado da Cunha Vasconcellos.

O capitão-mór, Felix de Carvalho Pimentel.

O dr., Bernardo Antonio Amado da Cunha Vasconcellos.

O capitão, Antonio Pinheiro Pimentel.

O padre, Antonio de Menezes.
O padre, Antonio Girão.
Manuel Tavares da Paixão.
O dr., Francisco Marques Cordeiro.

Estes corajosos varões, foram os iniciadores da grande obra que denominamos gigante projecto, porque os rendimentos da nova Misericordia, eram tão diminutos, que se faziam as despezas ordinarias, com esmolas dos bemfeitores.

Todavia isto não fez esmorecer sua coragem. Logo se fintaram com grandes quantias cada um, chamaram o architecto Gaspar Ferreira, para fazer o risco, mudaram a imagem da Senhora para o celeiro, mandaram demolir a capellinha, e apenas começou a abertura dos alicerces, o povo correu profiadamente, cada um com o que podia, para continuação das obras; os lavradores carreando materiaes; os trabalhadores a dar dias sem receberem jornal.

Houve muitas offertas de cantaria, e alvenaria, fornadas de cal, de telha, tijollos, ladrilho, e muitas madeiras; todas as pessoas, de todas as classes, sexos, e edades, corriam com afam, a prestar serviços a Nossa Senhora, como affirmam avultadas sommas de dinheiro, que eram repetidas quando a necessidade urgia, até pequenas esmollas das pessoas pobres, e muitas de fóra da freguezia, porque os povos circumvisinhos tambem tinham particular devoção com Nossa Senhora da Piedade da villa de Pereira.

Vinham em romaria, visitar a sua imagem, trazendo offertas, algumas de valor, e tudo avultava, para que os trabalhos progredissem com rapidez.

Emfim concluiu-se a obra, ficando como ainda hoje é, um templo brilhante, primoroso, de esmerada architectura.

E logo começou o engrandecimento da Santa Casa, por valiosas doações, com que foi patrimoniada; não só pelos sobreditos iniciadores e incansaveis fiscalisadores effectivos da obra da egreja, especialmente pelo padre Antonio de Menezes, que lhe doou a sua valiosa herança, mas tambem por outros muitos bemfeitores, como foram João Pereira Medina (talvez o maior, e se acha sepultado, por gratidão, na capella da Santa Casa) bem assim o padre Manuel dos Reis, e sua irmã Anna Maria Soares Ferreira—Antonio Luiz Cabral—Helena Francisca Tavares, e muitos outros; mas são estes os que maiores doações fizeram.

Por muitos annos floresceu este grandioso estabelecimento, porque era efficaz o zelo de seus administradores, os quaes á porfia se esmeravam não só no asseio da capella e seus guizamentos; mas na conservação e melhoramento das propriedades, e regular movimento, nos diversos rendimentos que applicavam com caridade e louvavel limpeza de mãos.

Ainda se conservam trastes muito decentes d'esses antigos tempos, e uma imagem do Senhor dos Passos, outra da Senhora da Soledade, talvez das mais perfeitas, que se conhecem nas principaes cidades, villas e outras povoações de Portugal.

Porém este santo estabelecimento de caridade, que devia excitar o zelo de todas as classes, especialmente dos homens mais civilisados e independentes, tem sido victima de intrigas, de ambições vergonhosas, mas de tão pessimas administrações, que muitas vezes seus rendimentos, tem sido convertidos em utilidade propria.

Posteriormente tem havido melhores zeladores, com pequenas alternativas. Hoje ha regular administração.

Nada mais diremos a este respeito para não offendermos a modestia dos actuaes administradores.

Collegio Ursulino

Vide *Ursulinas*.

—

Todos os esclarecimentos até aqui escriptos, com respeito a esta villa, os devo á generosa amisade de um illustre filho d'ella, o reverendo sr. José Lourenço Tavares da Paixão e Souza, prior, collado, d'esta freguezia, desde 1828, e arcipreste da respectiva camara ecclesiastica.

—

Parece que não quiz abandonar este mun-

do, sem deixar amplas noticias da terra onde nasceu; pois que, muito poucos dias depois de receber o seu curioso manuscripto, recebi a tristisssima noticia do seu fallecimento, que teve logar, a 11 de novembro de 1875.

Nasceu n'esta villa, em 10 de agosto de 1794.

Era bacharel formado em canones, pela universidade de Coimbra, cavalleiro das ordens de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa, prégador regio, desembargador honorario da relação ecclesiastica do arcebispado de Braga, arcipreste e prior, collado, na freguezia de Santo Estevam, d'esta villa, examinador synodal nos bispados de Coimbra e Leiria, e associado provincial da academia real das sciencias de Lisboa.

Soccumbiu a uma longa e dolorosissima doença, que soffreu com verdadeira resignação christan; sem que os seus acerbos padecimentos podessem jámais quebrantarlhe o espirito recto e illustrado.

Foi um ecclesiastico esclarecido, parocho zelloso, amigo prestante e dedicado, e um utilissimo cidadão.

Sirva esta rápida commemoração de tão virtuoso e esclarecido sacerdote, de testemunho da minha gratidão pelos serviços que d'elle recebi, no seu ultimo quartel da vida, e de alivio á dor e á saudade que ainda pungem os corações de seus sympathicos e dignos sobrinhos, que, pela sua honra e dignidade, são tão geralmente estimados, por todos quantos os conhecem, e os veem seguir, com o maior cuidado, a vida exemplarissima de seu virtuoso tio.

—

O rei D. Diniz, e sua mulher, Santa Isabel, deram foral a esta villa, em Coimbra, a 12 de novembro de 1282. (*L.º 1.º de doações do rei D. Diniz*, fl. 58, col. 2.ª)

D. Manuel I, lhe deu novo foral, em Lisboa, no 1.º de dezembro de 1513. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 75 v., col. 1.ª)

Ha tambem uma sentença, de D. João III, publicada a 18 de janeiro de 1538. (*Livro das sentenças a favor da corôa*, fl. 32 v., col. 1.ª)

Vide, *Coimbra, Estrada Mourisca, Monte-Mór-Velho*, e *Ursulinas*.

—

Apezar da fertilidade do seu territorio, da proximidade do Mondego, e de outras condições de prosperidade que se dão n'esta villa, está ella em lamentavel decadencia; porque, grande parte das familias ricas que outr'ora a habitaram, se foram estabelecer em Coimbra, Lisboa e outras partes, levando para lá annualmente os seus avultados rendimentos, que antigamente eram aqui espalhados.

As casas d'estas familias, entregues a caseiros, que não teem obrigação de as reparar, cahem em ruinas; pelo que se veem hoje muitos edificios desmantellados, que n'outras eras, foram vivendas luxuosas.

Já disse que a maior e melhor parte dos vastos e uberrimos campos que circundam Pereira, são de proprietarios de fóra da terra (pela razão que acima relatei) e por isso, a maxima parte dos habitantes d'esta freguezia, não são mais do que meros colonos ou caseiros, e é esta a causa da triste decadencia da povoação, digna de melhor sorte; e que hoje pouco mais possue do que a memoria das suas glorias e venturas passadas, e as suas honrosas tradições.

—

Para os pantanos e arrozaes insalubres d'estes sitios, vide *Villa Nova d'Anços.*

Para o instituto das *Ursulinas de Pereira* (que são as actuaes de Coimbra), vide a palavra *Ursulinas.*

PEREIRA (S. Vicente de)—Vide *S. Vicente de Pereira.*

PEREIRA-JUSAN — villa, Douro, na freguezia de Vállega (vulgarmente—Válga) comarca, concelho e 2 1/2 kilometros ao E.N.E. d'Ovar.

Foi até 1850, cabeça de um antiquissimo concelho, na comarca da Feira, que foi então supprimido, passando a formar parte do concelho d'Ovar, comarca d'Oliveira d'Azemeis. Creada a comarca d'Ovar, passou a formar parte d'ella e do concelho.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 2 de junho de 1514. (N'elle se lhe dá o nome

de *Pereira-Jusam.*) *Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 75, col. 1.ª—Ainda existe no archivo da camara d'Ovar.

Os senhores donatarios da Feira (que o eram tambem d'esta villa, da freguezia de Vállega, e da de S. Vicente de Pereira, que é contigua a esta) crearam este concelho, não se sabe quando; mas sabe-se que foi antes da creação dos concelhos de Estarreja, Ovar, Oliveira d'Azemeis e Angeja.

Foi antigamente da comarca de Esgueira, e depois, da de Aveiro.

Esta povoação é antiquissima, provavelmente do tempo dos godos; mas o unico monumento que attesta actualmente a sua antiguidade, é uma fonte, chamada *Mina dos Mouros*, da qual adiante trato.

Do foral d'esta villa consta, que Ovar era porto de mar, no principio do seculo XVI, não só para barcos, como hoje (pela *ria*), mas para vasos de maior lotação; porque—quando trata das *portagens*, diz:

«Não se levarão os direitos das ancora-«gens dos navios, segundo foi determinado «por nós, em Ovar; e pagarão das cousas «que carregarem ou trouxerem, segundo se «manda pagar de portagem, por este foral.»

Os edificios da villa, estão, pela maior parte, arruinados; além da cadeia, casa da camara e tribunal das audiencias (quando as havia), e pouco mais, que ainda se acham em bom estado, tudo o mais são casas desmantelladas.

A casa da camara serve hoje de escola de instrucção primaria, do sexo feminino.

Tambem ainda existe o pelourinho.

—

Proximo a esta villa está a tal *Mina dos Mouros*, que é uma fonte, na bocca de uma mina, tendo uns quatro metros de comprido, e 1m,50 de largo. É feita de pedra e cal, e ao E., tem um banco, feito a picão, na pedra nativa, com capacidade para 4 ou 5 pessoas se sentarem. Está alguma cousa entulhada e coberta de silvas; mas ainda deita agua, que se approveita para irrigação.

Ao sitio em que está a fonte, se dá o nome de *Mesquita*, o que faz suppôr, ter aqui havido algum templo arabe.

Uns cem metros ao O. da Mina dos Mouros, ha um sitio chamado *Paço*, segundo uns, e *Passo*, segundo outros. Os primeiros dizem que tem este nome, por aqui ter havido um paço, dos senhores donatarios da Feira (depois condes), que o eram tambem de Ovar, S. Vicente de Pereira, Vállega, e outras terras. Os segundos dizem que o nome de *Passo* lhe provém, de virem para aqui *passear* os mouros, a pé e a cavallo, quando dominavam estas terras. A primeira versão é mais verosimil.

Em uma escavação, feita ha poucos annos, n'este sitio, se acharam algumas sepulturas, construidas de tijolo, contendo dentro algumas amphoras, semelhantes a garrafas. (*Vasos lacrimatorios*, ou urnas cinerarias.)

A *Mina dos Mouros* (que nunca teve mais comprimento do que o actual, o que se evidenceia pelo seu emparedamento) é objecto de grandes cuidados para a gente do sitio, crendo firmemente que lá dentro existe uma *moura encantada*, guardando grandes thesouros. Teem-lhe feito em redor algumas escavações, mas dizem que chegando a certo sitio, não ha picão que entre com a rocha. Já se vê que é resultado do encanto. Vendo que o penêdo se não movia, tentaram o *ultimo recurso*—aspergiram-o com agua benta e fizeram-lhe rezas; mas foi o mesmo que nada: o thesouro continuou a ficar encantado!

Uma mulher da villa de Pereira-Jusan, resolveu desencantar isto, em uma manhan de S. João, por meio de rezas, feitas em fórma, por um padre; mas, como se esqueceu de que *o segredo é a alma do negocio*, divulgou o seu plano, e muita gente concorreu á *Mina dos Mouros*, na tal manhan. Ao aproximarem-se, ouviram ladrar dois cães, e tomando isto por bom agouro, voaram para a mina.

Alli, em logar da moura, estava o proprietario do terreno, e os dois cães. Aquelle disse ao povo, muito séria e muito terminantemente, que — visto a mina encantada estar na sua propriedade, quantos thesouros alli apparecessem, eram todos d'elle, e só d'elle. Houve ditos e altercações, de parte a parte, e, por fim, ninguem cavou na terra, nem se

fizeram as rezas; e lá continuou a ficar tudo encantado.

Até hoje, ninguem mais se tornou a lembrar de *desencantar a moura.*

—

Em todos os diccionarios geographicos de Portugal (e até no *Portugal Sacro e Profano* — e no *Mappa das congruas,* que é official!) vem confundidas *Pereira-Jusan,* com *S. Vicente de Pereira,* como se fosse uma e unica freguezia. Eu mesmo, apezar de ter a minha casa a 15 kilometros ao N.E. d'esta villa, estava no mesmo êrro; e n'elle continuaria, se não fosse a obsequiosa advertencia do sr. João Valente da Costa, residente em Vállega, ao qual devo tudo quanto se lê com respeito a Pereira-Jusan, e pelo que lhe dou os mais sinceros agradecimentos.

Já vemos que, *S. Vicente de Pereira,* é uma parochia, cuja egreja matriz, dista da de Vállega, 4 kilometros, e que *Pereira-Jusan,* é uma pequena villa da freguezia de Vállega, distando apenas uns 500 metros da sua egreja parochial.

Antigamente haviam duas freguezias contiguas, ambas com o nome de *Pereira,* e para as distinguir uma da outra, se dava á actual freguezia de S. Vicente de Pereira, o nome de *Pereira-Susãa* (Pereira de Cima)—e á outra—o de *Pereira-Jussãa* (Pereira de Baixo.)

Esta freguezia, que apenas constava da villa e do seu pequeno termo, foi no seculo XVI, supprimida, unindo se á de Vállega. Eis o que tem causado os êrros dos geographos.

> No antigo portuguez —*jussãa, jussan, jusan, e jusam,* quer dizer — *de baixo* — e *susãa,* ou *susan,* ou *susam,* quer dizer — *de cima.*
>
> *Jusso* ou *de jusso,* o que estava por baixo (sob) — e *suso,* o que estava por cima (sobre).
>
> Estou persuadido que herdámos isto dos gallos-celtas, pois ainda em França se diz — *sous,* sob — e *sus,* sobre.

O antigo concelho de Pereira-Jusan, era primeiramente formado, por uma parte da freguezia de Vállega (o que tinha sido freguezia de Pereira-Jusan) metade da freguezia d'Ovar, e metade da freguezia de S. Vicente de Pereira. (A outra metade, era do concelho de Oliveira d'Azemeis.)

Depois, quando se creou o concelho de Ovar, ficou-lhe pertencendo toda a freguezia de Ovar, e ao concelho de Pereira-Jusan as duas freguezias, de Vállega e S. Vicente de Pereira, na sua totalidade.

—

Ha provas de que estas terras foram habitadás desde os tempos pre-historicos, pois que, ainda em nossos dias existiram por aqui monumentos pre-celtas. Em S. Martinho da Gandara, e no Couto de Cucujães (freguezias proximas) ainda ha poucos annos se viam *mâmoas.* (Vide volume 2.º, pag. 421, col. 1.ª)

PEREIRAS—Vide *Pereira.*

PEREIRO—freguezia, Beira-Baixa, bispado, comarca, concelho e 15 kilometros de Pinhel (foi do concelho de Pinhel, comarca de Trancoso), 75 kilometros ao S.E. de Viseu, 12 d'Almeida, 360 ao E. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago, O Santo Nome de Jesus.

Districto administrativo da Guarda.

O reitor da freguezia de S. Pedro, de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 7$000 réis, e o pé d'altar.

Ha muitos annos que a esta freguezia está annexa a de Gamellas, a qual tinha por orago, S. Sebastião, martyr. Era tambem da apresentação do reitor de S. Pedro, de Pinhel, e o parocho (cura) tinha 10$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Tinha em 1757, 60 fogos.

Por esta annexação, se dá vulgarmente a esta freguezia o nome de *Pereiro e Gamellas.*

Fica entre o rio Côa e a Ribeira das Cabras, e é atravessada pela estrada militar de Almeida a Pinhel.

A egreja matriz é pequena e singela, mas muito antiga.

Não ha nenhuma capella ou ermida em toda a parochia.

O seu clima é excessivo, e o seu territorio, bastante penhascoso, só produz em abundancia trigo e centeio, do mais pouco. Tem

muita caça miuda, e cria muito gado, principalmente carneiros e ovelhas, pelo que, ha muita lan, que se exporta.

Entre esta freguezia e a de Valle-Verde, limitrophe, ha uma columna, ou marco, geodesico, sobre um plató, de cujo sitio se gosam bellas e extensas vistas.

PEREIRO — vide *Santa Maria do Pereiro.*

PEREIRO—vide *São Julião do Pereiro.*

PEREIRO—freguezia, Algarve, concelho d'Alcoutim, comarca de Tavira, 70 kilometros a E. de Faro, 195 ao S. de Lisboa.

Tem 290 fogos.

Em 1757, tinha 242 fogos.

Orago, S. Marcos, evangelista (o seu primeiro orago, foi o Espirito Santo.)

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o cura, que tinha 360 alqueires de trigo, e 70 de cevada.

A povoação principal está na encosta da serra do Algarve, entre as duas ribeiras, *Vascão*, que lhe fica ao N.; e *Foupana*, ao S.

E' falta d'agua potavel, e a que ha é só de poços.

A egreja matriz é pequena, velha e pobre.

Tem uma bôa feira, e romaria, no dia do padroeiro (25 d'abril) muito concorrida de gente, não só da provincia, mas tambem do Alemtejo e Hespanha.

Vende se n'ella muito gado, tecidos de lã, aqui mesmo fabricados, que são—*surianos, frizas, estamenhas* (a que chamam *merino*) e meias, tambem de lã.

No territorio da freguezia ha poucas arvores, mas é fertil em cereaes; cria muito gado, e fazem-se aqui muito bons queijos.

E' abundante de peixe do mar, que lhe vem pelo Guadiana (que fica proximo—ao S.) e tambem muito bom peixe d'este rio.

Era couto para pessoas falidas ou individadas, ás quaes bastava hirem assignar termo na camara d'Alcoutim (a cujo acto chamava o povo, *sentar praça de burlão*) para não poderem mais ser citados nem demandados por dividas anteriores á sua domiciliação n'esta freguezia; mas não lhes valia o privilegio, para as que contrahissem depois.

Tambem tinha esta freguezia o privilegio de não darem recrutas; mas eram obrigados todos os homens válidos, a defenderem os pontos militares do Guadiana, fronteiros á freguezia, em tempo de guerra com os castelhanos.

PEREIRO—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de S. João da Pesqueira, 36 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Orago, S. Sebastião.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O *Portugal Sacro e Profano*, não traz esta freguezia.

E' terra fertil. Bom vinho. Gado e caça. Peixe do rio Douro, que lhe fica ao N.

Foi villa, e o rei D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 15 de novembro de 1519. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 157, col. 1.ª)

PEREIROS — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Carrazêda de Anciães, comarca de Moncorvo, 130 kilometros ao N.E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, tinha 112 fogos.

Orago, Santo Amáro.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O commendador da ordem de Malta, da villa de Poyares, apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil. Muito gado. Muita caça, grossa e miuda.

Esta freguezia gosava dos grandes privilegios dos caseiros de Malta, por ser commenda da ordem.

PEREIROS—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de S. João da Pesqueira, 45 kilometros de Lamego, 355 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 78 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Os quatro abbades da villa da Pesqueira,

apresentavam simultaneamente o cura, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil. Bom vinho, gado, caça, e peixe do rio Douro, que lhe fica ao N.

PEREIROS — freguezia, Traz-os-Montes, concelho comarca, districto administrativo, bispado e proximo de Bragança, 70 kilometros ao N. de Miranda, 450 ao N. de Lisboa.

Tem 20 fogos.

Em 1757, tinha 17 fogos.

Orago, Santo Amáro.

O bispo, apresentavo o *abbade*, que tinha 12$000 réis e o pé d'altar.

> Aqui ha forçosamente engano no *Portugal Sacro e Profano.*
>
> Ou o parocho não era abbade, ou tinha mais de 12$000 réis; porque o pé de altar era insignificantissimo, vista a pequenez da freguezia.

Esta parochia foi ha muitos annos supprimida, e está annexa á de Bragança.

PERELHAL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros ao O. de Braga, 335 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, tinha 112 fogos.

Orago, S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O parocho, era vigario, collado, da opção do cabido da Sé de Braga, e tinha 112$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil. Muito gado e caça.

PERENCIA — foi o nome que deram a *Vallença do Douro*, em um aforamento, feito pelo mosteiro de S. Pedro das Aguias, em 1269, povoando-a de novo, e repartindo-a em 24 casaes ou courellas.

A horrivel epidemia e grande mortandade que tinha devorado os seus habitantes, lhe grangeou aquelle nome fatal e de mau agouro, [1] que ainda hoje lhe não era improprio, attendendo a pouca salubridade do seu clima.

[1] *Perencia*, no antigo portuguez, significava *mortandade.*

Só por antifrasi lhe convém o de Vallença.

Vine *Vallença do Douro.*

PERES (quinta do) — Extremadura, na freguezia de Bemfica, concelho de Belem, comarca, districto administrativo, patriarchado e 6 kilometros ao N. de Lisboa.

Não se sabe qual foi o antigo nome d'esta propriedade; hoje chama-se *quinta do Peres*, porque foi um negociante d'este appellido, que a restaurou, no primeiro quartel do seculo XIX.

E' uma rica propriedade, tanto pela nobresa dos edificios, posição e ornatos dos jardins e corpolencia das arvores silvestres que a assombram, como pela sua extensão, e pela abundancia e variedade das suas producções.

Pertenceu ao fallecido barão do Rio-Tinto, que lhe fez grandes melhoramentos; hoje é do sr. José Iglezias, rico negociante e capitalista de Lisboa.

O palacio d'esta quinta, serviu de residencia á sr.ª infanta, D. Anna de Jesus Maria, e a seu marido, o sr. duque de Loulé (então marquez) desde o seu casamento, em novembro de 1827, até 3 de fevereiro de 1828, dia em que fugiram para Inglaterra.

Peres, é um appellido nobre em Portugal.

Vide vol. 5.º, pag. 164, col. 1.ª, no fim.

PERNES—villa, Extremadura, concelho, comarca, districto administrativo, e 18 kilometros ao N. de Santarem, 24 ao N. do Tejo, 12 de Alcanêde, 15 ao S. de Torres Novas, 100 ao N.E. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757, tinha 247 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Purificação (ou das Candeias.)

E' no patriarchado.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua eo pé d'altar.

Tinha coadjuctor, dois beneficiados, e thesoureiro.

E' povoação muito antiga. D. Manuel I, lhe deu foral, em Lisboa, a 2 de dezembro de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 104, col. 2.ª)

Foi cabeça de um antigo concelho (com 1:030 fogos) supprimido por decreto de 24 de outubro de 1855. Pertencia então á comarca de Torres-Novas.

Tem feira a 8 de dezembro, trez dias.

Foi povoação mourisca.

Aqui esteve (vindo de Coimbra) D. Affonso Henriques com as suas tropas, em 6 de maio de 1147, quando hia tomar Santarem, e só n'esta povoação descubriu aos chefes a empreza que meditava.

Acamparam na *matta de Pernes.*

Situada (a villa) na encosta de um monte arborisado, em sitio fresco, e muito abundante de aguas.

E' atravessada por dois rios—o de *Pernes,* de pouca agua, e que muitas vezes secca durante a estiagem. Tambem lhe dão o nome de *Porto de Centeio*—e o *Alviella,* este produz muito bom peixe, e entra no Tejo, a 24 kilometros ao S. da villa, junto á *Ponte d'Alviella.*

Nasce em uns olhos d'agua, onde tem um *sorvedouro,* que engole quanto lhe lançam e logo o despedaça contra uns penhascos.

E' este rio que se anda a canalisar, para o abastecimento das aguas de Lisboa, por conta da *Companhia das aguas.* (Vide vol. 1.º, pag. 179, col. 1.ª)

E' terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, e cria muito gado.

Tem Misericordia e hospital, para passageiros pobres.

Na aldeia da *Chan de Baixo,* d'esta freguezia, ha um poço, chamado do *Rendeiro,* cuja agua, bebida por qualquer animal que tenha sanguessugas nas goellas, logo estas lhe cahem.

A *ribeira de Pernes,* é abundantissima de aguas, muito aprasivel no verão, fertilissima, e povoada de muitos *engenhos,* hortas, pomares e arvoredos.

—

No ponto mais elevado da povoação está a egreja matriz, templo antiquissimo e vasto, fundado no tempo dos nossos primeiros reis.

Tem altar-mór e seis capellas lateraes.

O altar-mór é de rica talha dourada, mandado fazer pelo capitão-mór de Pernes, Marçal da Silva Botelho.

D'este sitio se descobre um vasto e delicioso panorama e o formoso Tejo.

Ao lado esquerdo da egreja, está a capella de Nossa Senhora do Rosario, grande, bonita, e de abobada de pedra.

E' tambem muito antiga.

A frente que olha para a porta travessa da egreja, é de bella architectura, e assenta em 4 columnas de finissima pedra, primorosamente lavradas.

Tem a Senhora dos Remedios uma grande e antiga irmandade, com o titulo de *confraria do Rosal,* que já existia no tempo do rei D. Manuel.

Os seus rendimentos, que eram bastantes, se empregavam na conservação e adornos da capella, e diante do seu altar, havia uma grande alampada de prata, constantemente accesa, em honra da Virgem, e do patriarcha S. Domingos, que está no mesmo altar.

E' esta Senhora objecto de grande devoção da gente de Pernes e seu termo.

A sua festa se fazia no 1.º domingo de outubro, e a chamada da *Rosa,* em um dos domingos de maio, distribuindo-se n'esta, pelos devotos, rosas bentas, que se teem como preservativo de muitos males.

Antigamente havia n'esta capella, ladainha em todos os sabbados da quaresma, e em todos os domingos do anno, missa, pelo parocho, distribuindo-se rosarios aos irmãos.

—

A pouca distancia d'esta villa, mas já no districto da freguezia de S. Vicente do Paúl (vide este vol., a pag. 507, col. 1.ª, na ultima linha) sobre um monte sobranceiro a um formoso valle, regado pelo Alviella, está a bonita capella de *Nossa Senhora dos Remedios.*

Foi mandada construir por um religioso da ordem da Santissima Trindade, do convento de Santarem, pelos annos de 1600.

Este religioso vinha no verão residir, por ordem dos medicos, para uma quinta que o seu mosteiro aqui possuia, e, para ter per-

to de casa, onde dizer missa, é que mandou fazer esta obra.

Não tem a Senhora dos Remedios, irmandade canonicamente erecta; mas uma confraria electiva, que cuida dos reparos do templo, e da festa que se faz á sua padroeira, em um dos domingos de setembro, e que antigamente foi muito concorrida.

—

Em frente da villa de Pernes, sobre um formoso monte, povoado de frondoso arvoredo, e ao sopé do qual, se espraia por entre veigas de eterna verdura, o pittoresco Alviella, está a ermida de *Nossa Senhora do Livramento*, construida pelos annos de 1550, por um individuo d'aqui, que militou na India, d'onde consta que trouxe a imagem da padroeira.

Fóra da porta principal da ermida, ha um alpendre ou galilé, de abobada, suspenso em seis columnas de pedra.

D'este sitio se gosa um formosissimo e vasto panorama.

D'aqui se vê o rio Alviella, que mesmo em frente do templosinho, se despenha rapido e furioso, de uns altos rochedos, formando uma das suas mais bellas catadupas.

E' este sitio muito frequentado, não só pelos devotos que vão em romaria á Senhora, mas tambem por muitas pessoas que vão gosar a frescura, amenidade e formosas vistas d'este monte.

—

Durante a guerra fratricida de 1832 a 1834, foi esta villa por duas vezes theatro de scenas bem tristes.

Em novembro de 1833, estava o exercito realista em Santarem, e os moinhos dos rios de Pernes, é que lhes forneciam as farinhas.

Receando os realistas alguma surpreza, conservavam aqui um destacamento; porém, a 11 d'aquelle mez, o general Saldanha, o surprehende, obrigando-o a fugir em debandada, e manda destruir todos os moinhos, e inutilisar as farinhas.

Felizmente, d'esta vez, correu pouco sangue.

Em 30 de janeiro de 1834, houve porém aqui uma sanguinolenta batalha, dada pelo mesmo general Saldanha, contra o marechal de campo Canavarro.

Como eu assisti a parte d'ella, e sei muitas antecedencias e consequencias, dou aqui os esclarecimentos, com toda a verdade e exactidão, para ficarem em lembrança; limitando-me simplesmente a narrar os factos, sem lhes fazer o minimo commentario, para se não dizer que *faço politica*.

Em outubro de 1826, estava o regimento de infanteria n.º 11, na sua praça de Almeida, e era seu coronel, Caetano Alberto de Souza Canavarro.

Antonio Tavares Maggessy, então brigadeiro, fez a revolta na Beira Baixa e Alemtejo, em favor do sr. D. Miguel.

Canavarro era liberal; mas como todos os officiaes e praças de pret do seu regimento eram realistas, temendo alguma fatalidade, annuiu, contra vontade, ao *movimento*, e contra vontade, teve que emigrar para a Hespanha em 7 de março de 1827, com as tropas do general marquez de Chaves.

Regressando a Portugal, foi feito brigadeiro, e por fim marechal de campo.

Durante a guerra civil que principiou em 1832, deixou-se sempre bater pelos liberaes, todas as vezes que se lhe confiaram tropas.

Depois da acção de Pernes, de que vou tratar, foi mandado pelo sr. D. Miguel, para governador da praça de Miranda, entregando-se aos liberaes, antes da convenção de Evora-Monte.

Dou estas explicações previas, para que se possa avaliar bem o resultado da acção.

Os realistas, tinham reconstruido os Moinhos de Pernes, e os guardavam com duas brigadas.

Saldanha estava com a sua divisão em Torres-Novas, apenas 15 kilometros ao N. de Pernes—isto é—jornada de 2 ou 3 horas.

Canavarro, foi mandado de Santarem attacar Saldanha, mas, em vez d'isso, foi acampar em Torre do Bispo; occupando a 1.ª brigada (do commando do brigadeiro Bernardino Coelho Soares de Moura) a altura da

povoação, onde se postou a artilheria—e a 2.ª—do commando do coronel francez, Brassaget — ficou postada na sua frente, a uns 1:500 metros, tendo de permeio o rio, então caudaloso.

A cavallaria estava na rectaguarda da 1.ª brigada.

O regimento de infanteria n.º 17, do commando, do então, tenente coronel, Victorino José da Silva Tavares, de Fagilde, um dos da 2.ª brigada, e que, portanto, estava alem do rio, teve na manhan d'esse dia 30 de janeiro, *revista de armamento, e estava com os fechos na mão,* quando foi inopinadamente attacado!

Saldanha, conhecedor, não só das mal escolhidas posições do inimigo, como de todas estas circumstancias, dá *de improviso* sobre o regimento 17, que não podendo dar um tiro, e vendo o seu commandante, major e ajudante, fugirem a *unhas de cavallo,* trata de debandar, procurando tambem na fuga a sua salvação; mas, ignorando que o rio tinha um váu, e que mais acima havia uma ponte de madeira, atira-se ao rio, onde muita gente morreu afogada.

O resto da brigada, que confiava na bravura, até alli nunca desmentida, do 2.º d'Elvas, [1] vendo-o fugir tão desordenadamente, faz o mesmo; de modo que os realistas tiveram alem do rio, perto de 900 baixas, a maior parte afogados, e o resto mortos ou prisioneiros.

Os que poderam atravessar o rio, foram reunir-se á 2.ª brigada, que, em breve, foi atacada pelas tropas liberaes; mas Soares de Moura, não era o Canavarro, e os realistas poderam executar, muito vagarosa e ordenadamente, a sua retirada até Santarem.

Quem n'esta retirada se cobriu de gloria immortal, e demonstrou ao mundo, até onde póde chegar a coragem e o sanguefrio do soldado portuguez, foi o bravissimo regimento de infanteria de Bragança (n.º 24) e o seu heroico tenente coronel, [1] Vicente Thomaz de Vellasco.

O brioso 24, que tinha 1:300 praças, formou em quadrado, e, apoiado por tres esquadrões de cavallaria (dos regimentos n.º 4, 6 e 7) commandados pelo tenente coronel, Jacintho Venancio de Menezes, não só repelliu com admiravel galhardia os ataques do inimigo, mas até zombou de todas as suas inuteis investidas, chegando a passo ordinario a Santarem, com perdas insignificantes.

A' bravura e rigorosa disciplina d'este regimento, deveram os realistas a salvação dos fugitivos da 2.ª brigada, a bôa ordem na retirada da 1.ª, e a conservação de toda a sua artilheria e bagagens.

Sainte Pardeux, diz que esta gloriosa retirada se deve á bôa direcção do coronel Brassaget, o que é puramente mentira.

Este official francez (que foi morto 18 dias depois, na batalha d'Almoster) obedecendo ás ordens de Canavarro, deixou-se metter em um fôjo (ou ratoeira) e se não é a 1.ª brigada, lá deixava todas as suas tropas.

Devemos porém confessar que era um bravo official, e que, protegido pelas tropas de Soares de Moura, poude organisar os restos da sua gente; e, tendo por baluarte inexpugnavel o quadrado do 24, operou a sua retirada, do outro lado do rio, na melhor ordem.

A *retirada de Pernes,* foi um dos mais bellos feitos militares d'esta guerra—egualando em galhardia, a *retirada de Souto Redondo,* operada pelo coronel Pacheco, e o seu heroico regimento, liberal, n.º 10 d'infanteria, ao qual se deve a salvação do resto da divisão, n'esta batalha tão desastrosa para as armas liberaes.

(Vide *Souto-Redondo.*)

Em toda a guerra peninsular, não se praticaram dois feitos mais brilhantes.

Assim como o general, Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas, elogiou, com justiça, a abnegação e bravura do coronel Pacheco, e do seu regimento; tambem o ge-

[1] Infanteria n.º 5, era o 1.º d'Elvas, e 17, o 2.º.

Ambos eram da divisão do Silveira, e tinham estado emigrados em Hespanha, desde março de 1827, até agosto de 1828.

[1] Foi feito coronel de infanteria n.º 1 (1.º de Lisboa) por distincção.

neral Saldanha fez os devidos encomios ao coronel Vellasco, e ao regimento 24, apontando-os aos seus ajudantes d'ordens, como exemplo de coragem e disciplina.

Mas, quanto maior não seria a gloria d'estes dois bravos coroneis, e dos seus briosos soldados, se o seu valor se empregasse contra os inimigos da patria, e não em derramar:

«Sangue d'irmãos, em guerra fratricida!»

—

E' natural de Pernes, o padre Antonio dos Reis, da congregação do oratorio, de S. Philippe Nery, na qual professou, em 1707; qualificador do santo officio, consultor da bulla da Santa Crusada. mestre de theologia moral, na sua ordem, examinador synodal do patriarchado de Lisboa, e das tres ordens militares, chronista-mór do reino, na lingua latina, academico e censor da academia real de historia portugueza, e fundador de varias escólas.

Foi um varão de grandes virtudes e de vastissima erudição, nas lettras sagradas e profanas, escrevendo e publicando varios livros, de sermões, muito elegantes, pois era um esclarecido prégador evangelico.

Foi tambem elegantissimo poeta latino, eminente nos epigrammas, como provam os cinco livros do seu 1.º tomo, reimpressos em 1730.

Fez e mandou imprimir, a collecção de todos os poetas portuguezes, que se reimprimiu.

Morreu de 48 annos de edade (pois tinha nascido em 1690) em 19 de maio de 1738.

Regeitou a mitra de Pekim (China) e o governo do arcebispado de Braga.

—

Já a pag. 179, col. 1.ª do 1.º volume, disse que a companhia das aguas de Lisboa tratava de canalisar o Alviella, para o abastecimento de Lisboa.

Como depois d'isso, as obras teem progredido rapidamente, pelo grande numero de operarios empregados n'ellas, julgo a proposito dizer aqui o estado em que se acha esta gigantesca empreza, em junho de 1876

E' o seguinte:

Está quasi concluido o reservatorio da chegada das aguas e terminação do canal do Alviella, construido na antiga cêrca dos frades Barbadinhos, a Santa Apolonia.

O canal começou a construir-se de Lisboa e não do Alviella, afim de se poder lançar logo na distribuição, toda a agua que se fosse encontrando.

Os trabalhos continuam em grande escala, e á proporção que se obteem amigavelmente expropriações de terrenos, abrem-se immediatamente trincheiras e tunneis, e maior impulso teriam se não fosse a dependencia da resolução de alguns processos de expropriações que difficultam o progressivo augmento do canal.

Este é composto de obras de arte, trincheiras, tuneis, e syphões de ferro (para os valles) de 1 metro de circumferencia.

Na construcção das trincheiras emprega-se o cimento e pozzolana, e na perfuração de tunneis, tem-se encontrado grandes pedreiras que são destruidas a fogo, empregando-se para isso a polvora e a dynamite.

As obras em execução são actualmente nos Olivaes, Alverca, Alhandra, Alemquer, Otta (onde ha agua abundante que poderá correr em Lisboa d'aqui a 2 annos) e Pernes, e brevemente vae começar-se o grande tunnel em Rio Maior.

A quantidade de agua dividida pela população de Lisboa, calculada em 200:000 habitantes, foi até 1862, de 5 litros por habitante, em cada 24 horas; de 1863 até 1867, de 10 litros; em 1868, de 11 litros; em 1869 por diante, de 20 litros.

Uma das peças principaes do processo arbitral, a fim de comparar a quantidade de agua que teem outras cidades com a que tem Lisboa, diz que Roma, tem 944 litros por habitante; Nova York 568; Londres 150; Genova 120; Glasgow 100; Paris 90, estando-se a construir n'esta cidade o *canal Vane*, que deve trazer-lhe mais 100:000 metros cubicos, com o que ficará tendo cêrca de 140 litros por habitante; mas ficará em melhores condições Lisboa, quando forem introduzidas as novas aguas, porque os

4:100 metros cubicos que hoje ha, com os 30:000 que veem do Alviella, darão 170 litros por habitante.

PERNIDÊLLO — serra, Minho. Vide vol. 3.º, pag. 183, col. 2.ª, a ultima linha.

PÊROFINS—vide *Romão* (monte de São) e *São Pedro Fins*, no concelho de Paços de Ferreira.

PÊRO-GUARDA—freguezia, Alemtejo, concelho de Ferreira, comarca, districto administrativo e bispado de Beja, 54 kilometros ao O. d'Evora, 100 ao S. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Em 1757, tinha 78 fogos.

Orago, Santa Margarida.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo.

E' terra muito fertil em cereaes, e cria muito gado, de toda a qualidade.

Nos seus montes ha muita caça.

PÊRO-MONIZ — freguezia, Extremadura, concelho do Cadaval, comarca d'Alemquer, 60 kilometros ao N.E. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 35 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento.

E' terra fertil, muito bom vinho. Gado e caça.

PÊRO-SOARES — freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 6 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa.

Tem 75 fogos.

Em 1757, tinha 46 fogos.

Orago, Santa Marinha. (Foi antigamente, S. Julião.)

O real padroado apresentava o prior, que tinha 150$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil.

Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

Está esta freguezia situada sobre a margem do Mondego, que lhe fornece bom peixe.

PÊRO-VISEU — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 40 kilometros da Guarda, 250 ao E. de Lisboa.

Tem 270 fogos.

Em 1757, tinha 184 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Consolação.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Os herdeiros do morgado de Pêro-Viseu, Diogo Dias Machado e Cunha, apresentavam o cura, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Terra fertil. Muito gado e muita caça.

PEROZÊLLO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 45 kilometros ao N. E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 135 fogos.

Em 1757, tinha 97 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Visitação.)

Bispado e districto administrativo do Porto.

O morgado da Torre de Coreixas, apresentava o reitor, collado, que tinha 18$000 réis de congrua e o pé d'altar.

(Vide pag. 90, col. 1.ª, d'este volume, onde trato da familia de Diogo Leite Pereira.)

Rectifico aqui um êrro typographico que então escapou.

Onde está n'este 3.º paragrapho—*Senhor de Correiras*, deve lêr-se—*Senhor de Coreixas*.

E' terra fertil. Cria muito gado, de toda a qualidade.

PEROZINHO ou **PEROSINHO**—freguezia, Douro, concelho e 13 kilometros ao S. de Villa Nova de Gaia, e do Porto, 300 ao N. de Lisboa.

Tem 350 fogos.

Em 1757, tinha 235 fogos.

Orago, o Salvador.

Comarca (3.ª vara), districto administrativo e bispado do Porto.

O prior e o mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (crusios), do real mosteiro de Grijó—que é limitrophe—apresentavam o cura, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

(Foi até 1834, *isento*, do couto de Grijó.)

Esta freguezia posto ser em terreno bastante accidentado, é formosa, vasta e rica,

comprehendendo optimas propriedades, sendo a melhor, a *quinta da Pena*, da sr.ª viscondessa do mesmo titulo.

O regresso do Brasil, de alguns filhos d'esta terra, que foram á America em busca de fortuna, e que realisaram os seus desejos; o constante commercio que faz com a cidade do Porto, para onde exporta grande quantidade dos generos agricolas que lhe sobram do consumo; a exportação, em grande escala, de bois gordos, para a Inglaterra; e finalmente a grande fertilidade do seu solo, tornam esta freguezia uma das mais ricas do concelho (talvez a 1.ª depois de Villa Nova de Gaia.)

Ha aqui uma grande romaria a 16 de julho (se é dia santificado — e não o sendo, no domingo immediato) a Nossa Senhora do Carmo, que se venera em uma capella da egreja matriz, do lado do Evangelho, onde está em uma rica tribuna, de talha dourada.

Deu a santa imagem a esta egreja, em 1710, o padre João de Barros Nogueira, natural de Perosinho.

A egreja, é um templo vasto e aceiado.

—

Ha aqui um alto cabeço, que antigamente se chamava *Monte Pedroso*, onde em tempos remotos existiu uma grande atalaia ou castello, que esteve de pé, e soffrivelmente conservado, até que os monges benedictinos foram expulsos do mosteiro de Lorvão, em 1200. (Vide 5.º vol., pag. 442, col. 1.ª, e *Pedroso*.)

Então, alguns dos religiosos, mandaram demolir grande parte d'este castello ou atalaia, para com os seus materiaes reedificarem o convento de Pedroso, que lhe fica a pouca distancia, ao N.E.

D'este castello fazem menção muitas doações do mosteiro de Grijó, tratando das confrontações das propriedades adjacentes, dizendo em umas — *subtus Castro Petrozo*, e em outras — *subtus Castrum Petrosum*.

Pretendem alguns que este monte deu o nome á freguezia, que primeiro se denominou *Petrosum*, corrompendo-se depois em *Perozinho*.

Hoje dá-se a este monte, e a uma aldeia que lhe fica ao sopé, o nome de *Crasto*.

Entre frondosos arvoredos silvestres, e na falda d'este monte, se vê a capella de Nossa Senhora da Assumpção, vulgarmente denominada *do Castello*, ou *do Crasto*. É templo muito antigo, e não ha memoria de quando se construiu, ou do seu fundador.

Fica a uns 400 metros a E. da egreja matriz. É grande, e tem capella-mór. A imagem da padroeira, é de pedra, de boa esculptura, e de 1m,10 d'alto.

A sua festa é a 15 de agosto.

Antigamente vinha aqui dizer missa ao povo, o parocho da freguezia, em todos os sabbados da quaresma.

—

Com razão se ufana esta freguezia, por ser patria de *João Ferreira da Silva Oliveira*.

Nasceu a 13 de dezembro de 1815. Era filho de João Ferreira da Silva (mestre carpinteiro, no Porto) e de sua mulher, Maria Custodia.

Foi de tenra edade estudar para a cidade do Porto, distinguindo-se logo pela sua precoce intelligencia.

Passados alguns annos, matriculou-se nas escolas ecclesiasticas, onde deu provas de grande applicação.

Quando os liberaes entraram no Porto, em 1832, fugiu para a sua aldeia, e ahi viveu com sua mãe e dois irmãos, durante a guerra civil. Seu pae, que era liberal, ficou no Porto, ao serviço do sr. D. Pedro, chegando a tenente do batalhão de *provisorios*, de Villa-Nova-de-Gaia.

Com a vida dos quarteis, o pae de João Ferreira, perdeu os desejos que havia tido de seu filho adoptar a vida ecclesiastica, e o mandou estudar cirurgia, na escola do Porto, onde se matriculou, em outubro de 1835, sendo alguns annos premiado.

Concluidos os seus estudos, foi exercer a clinica na sua terra natal; mas, poucos mezes depois, instado por alguns amigos da cidade, mudou para o Porto.

Em 1841, publicou a traducção das *Lições de physiologia*, do professor Lordat — e em

1842, a do *Diccionario de therapeutica*, de Lad. A. Szerlecki.

O traductor não seguiu exactamente o traduzido: fez-lhe sensiveis alterações, anotações e melhoramentos, cortando-o nos logares mais insignificantes; de modo que—como diz o traductor—o original apenas lhe serviu de *casco* para o seu livro.

Foi redactor da *Revista Litteraria*, do Porto.

Em 1842, appareceu á luz, a *Gazeta medica*, do Porto, que elle fundou, e da qual foi o redactor principal, tendo por collegas, dois distinctos medicos d'aquella cidade; que no fim de um anno, abandonaram a empreza, ficando João Ferreira unico redactor, d'aquelle jornal scientifico, por muitos annos: sendo sempre muito bem recebida esta publicação, por medicos e pharmaceuticos, tanto nacionaes, como estrangeiros.

Traduziu alguns bons romances francezes, que foram lidos com prazer.

Em 1848, publicou um livrinho, intitulado—*Instrucções populares ácêrca do colera-morbus, ou conselhos ao povo, sobre o que deve fazer, para se defender d'esta epidemia*, etc.

Foi redactor politico do *Nacional*, do *Cosmopolita*, e da *Concordia;* e, quando falleceu, era-o do *Braz-Tizana*.

Em 1851, foi feito cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa, em premio dos seus serviços, por occasião da febre amarella, apparecida n'esse anno.

Em 1852, concorreu ao logar de demonstrador de cirurgia, na escola medico-cirurgica, do Porto, não tendo um unico competidor, sendo approvado por todos os membros do jury, quanto a merecimento absoluto e a capacidade comparativa, com M M e B B.

Em dezembro d'esse mesmo anno, foi promovido a lente substituto, e em 1853, nomeado secretario da escola.

Foi encarregado de varias commissões philantropicas e scientificas, das quaes se desempenhou sempre com merecidos louvores.

Foi desde 1852 até á sua morte, facultativo gratuito da *Sociedade dos soccorros dos typographos portuenses;* pelo que, logo depois do seu fallecimento, se reuniu a assembléa, e resolveu unanimemente, mandar-lhe dizer todos os annos, *in perpetuo*, uma missa, no anniversario da sua morte.

Em 12 d'agosto de 1855, hindo visitar um doente, atacado de colera-morbus, se lhe communicou a molestia; e, apezar do concurso de todos os seus collegas e amigos, falleceu logo no dia 14, pelas 4 horas da tarde, rodeado de medicos, de sua esposa, e de seu irmão, *José Joaquim Ferreira da Silva*, que falleceu ha poucos mezes, no emprego de guarda-menor, da relação do Porto; e que tambem foi um homem hourado, de bastante intelligencia, e redactor do *Ecco Popular*, do Porto, fundado por José Lourenço de Souza. (Vol. 3.º, pag. 151, col. 2.ª, ultima linha.)

O fallecimento de João Ferreira da Silva Oliveira, causou geral sentimento na cidade do Porto, e os jornaes do dia seguinte sahiram todos tarjados de preto, dedicando o seu artigo principal ao necrologio d'este homem notavel, amigo prestante e portuguez benemerito.

Deixou um unico filho (então ainda criança), o sr. Alberto Ferreira da Silva Oliveira, que, frequentando os estudos militares, com muita distincção, é actualmente capitão do estado-maior de engenheiros.

PÉRRE—freguezia, Minho, concelho, comarca e districto administrativo de Vianna, 35 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa.

Tem 310 fogos.

Em 1757 tinha 253 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga.

Os monges benedictinos, de S. João de Neiva—os Velhos—os Barrêtos—Jácomes—e Lobos, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 700$000 réis de rendimento.

Os monges tinham a terça parte, e as outras, eram dos padroeiros seculares.

N'esta freguezia está a torre e casa de São Gil de Pérre, que foi dos frades de Oia, e trocaram com Nuno Gonçalves Bezérra,

irmão de Fernando Gonçalves Paredes Bezêrra, casado com D. Isabel de Barros, da casa dos Barros, da Ponte-Nova, em Fornéllos, de Ponte de Lima.

Sahiu d'esta casa, D. Anna Nunes Bezêrra, mulher de Fernão Velho de Araujo, senhor da casa d'Araujo, na Galliza; e foram senhores da torre de *Pousada*, na Barca, e da torre de *S. Gil*, em Pérre.

Andou em seus descendentes, até que, por doação, passou a Gaspar Pereira, senhor de Magaréfes e Paradélla.

Na capella-mór da egreja matriz, estão as armas dos Abreus. (Vide *Badim*, *Merufe* e *Pico de Regalados*.) São duas serpentes enlaçadas no escudo.

A torre de *S. Gil de Pérre*, é o solar dos legitimos *Correias* (de Farelães) e é viscondado.

O primeiro visconde de S. Gil de Pérre, foi Sebastião Correia de Sá (por sua mulher, como adiante direi) e primeiro marquez de Terêna, reitor da universidade de Coimbra; varão de muito saber e grandes virtudes, e cujo nome ainda hoje é ouvido com respeito em todo o reino, e particularmente no Porto e em Coimbra.

E' actual possuidora d'esta casa, a sr.ª D. Eugenia Maria Filomena Brandão de Mello Cogominho Correia de Sá Pereira de Lacerda e Figueirôa (da casa da Torre da Marca, no Porto) [1] casada nom o sr. D. Philippe de Souza Holstein (filho do penultimo duque de Palmella) feito marquez de Monfalim, em 9 de agosto de 1861.

O sr. D. Philippe e a sr.ª D. Eugenia, foram feitos viscondes de S. Gil de Pérre, condes e marquezes de Terêna, em 17 de maio de 1869.

(Vide *Terêna*, onde serei mais explicito com respeito a esta nobilissima familia.)

Tambem foram feitos viscondes de São Gil de Pérre, em 15 de outubro de 1839, a sr.ª D. Maria Emilia Correia de Sá e o sr. José Maria Brandão de Mello Cogominho.

Fallando na casa dos *Correias, de Farelães*, ascendentes da sr.ª marqueza de Terêna e Monfalim, e viscondessa de S. Gil de Pérre, cumpre-me dar aqui uma rapida noticiã d'esta esclarecida familia.

Foi honra (Farelães) e é a mais antiga casa do Minho.

Foi senhor da honra de Farelães, D. Payo Soares Correia, brioso cavalleiro, que se achou na conquista de Sevilha (1181.)

Foi seu filho, D. Pedro Paes (ou Pero Paes) Correia, pae (segundo diz o conde, D. Pedro, tit. 62.º) de D. Payo Peres Correia, tronco dos Correias portuguezes.

Foi D. Payo Peres Correia, mestre da ordem de S. Thiago, o legendario fronteiro-mór do Algarve, e que tantos e tão valiosos serviços prestou a Portugal, nos reinados de D. Sancho II e D. Affonso III. (Vol. 3.º, pag. 112, col. 2.ª)

Illustre e numerosissima é a familia dos Correias, em Portugal.

D'ella fallam com louvor, o conde D. Pedro, Duarte Nunes de Leão, frei Antonio Brandão, e outros muitos escriptores.

—

A marqueza, *velha* (isto é, a 1.ª) de Terêna, D. Francisca Jacome do Lago Bezêrra, era viuva do 1.º visconde de S. Gil de Pérre, 1.º marquez de Terêna, par do reino, Sebastião Correia de Sá, senhor de Parêdes.

Aquella senhora, era filha e herdeira de Balthazar Jacome do Lago Bezêrra (senhor do couto de Parédes, e das casas de S. Gil de Pérre e da Torre do Paço) e de sua mulher, D. Angela Moscoso Baena Omazur e Angulo.

A primeira marqueza de Terêna, nasceu em 28 de outubro de 1777—casou em 3 de agosto de 1791, e falleceu na cidade de Vianna, em novembro de 1873, com 96 annos completos, de edade.

Foram feitos viscondes de S. Gil de Pérre, por D. João VI, em 1824, e marquezes de Terêna, em 28 de setembro de 1835.

O 1.º marquez de Terêna, morreu a 4 de junho, de 1849.

—

São nobilissimos os appellidos da casa de S. Gil de Pérre, que está ligada por parentesco com as casas principaes do Minho; e

[1] Vide vol. 5.º, pag. 122, col. 2.ª

hoje, pelo casamento da sr.ª marqueza de Teréna com o sr. marquez de Monfalim, com as casas mais nobres do reino.

Eis a rapida descripção das armas dos principaes appellidos, da casa de S. Gil de Pérre.

Bezêrra—em campo verde, duas bezerras d'ouro. Timbre, uma bezerra, sem cornos.

Cogominho—cinco chaves mouriscas, de prata, assentadas em áspa, em campo de púrpura.

Timbre, duas chaves, em áspa, atadas com um torçal de púrpura.

Correia—em campo d'ouro, correias de púrpura, tecidas.

Timbre, dois braços armados, em áspa, atados com uma fivella de púrpura.

Os viscondes da Asseca, descendentes do 1.º visconde d'este titulo, o valoroso Martim Correia de Sá (1.º vol., pag. 244, col. 2.ª, no fim) trazem escudo esquartellado—no 1.º as armas dos Correias—no 2.º, as dos Vellascos—no 3.º, as dos Benevides — e no 4.º, as dos Sás.

Os senhores de Farellães, trazem este escudo no peito de uma aguia de negro, estendida, em campo de púrpura.

Timbre, a aguia do escudo.

Figueirôa—vide *Figueiredo das Donas*, e *Figueiró dos Vinhos*.

Jácome—O 1.º que se acha com este appellido, é Rodrigo Jácome Raymundo de Noronha, fidalgo da casa real, e mestre de campo de auxiliares, da então villa de Thomar.

Foi tronco d'esta familia, Pedro Jácome, cavalleiro francez, que fez o seu solar n'aquella villa.

Segundo Villas-Boas, foi aio do principe D. Affonso, [1] filho de D. João II.

Era pae de André Jácome, no qual se perpetuou a descendencia dos Jácomes, os quaes trazem por armas — escudo dividido em palla—na 1.ª, d'asul, torre de prata, coberta, com porta e frestas lavradas de negro—na 2.ª, d'ouro, meia aguia negra, gotada de ouro, e armada de púrpura.

Êlmo d'aço, aberto; e por timbre, a torre das armas.

Jácome—outra familia do mesmo appellido, procede de Jacobo de Hollanda, que veiu para Portugal, no reinado de D. Manuel, e casou com uma creada (allemã) da rainha D. Leonor, 3.ª mulher do rei.

D'este procede Francisco Jácome, ao qual o rei D. Sebastião confirmou as armas dos Jácomes de Hollanda, por carta de 20 de agosto de 1561; do modo seguinte:

Escudo dividido em palla—na 1.ª, d'ouro, tres III de negro, em roquete — na 2.ª, de prata, quatro asnas, de púrpura, êlmo d'aço, aberto, e por timbre, meia asna do escudo.

Jácome—3.ª familia d'este appellido—procede de Diogo Velho Jácome, flamengo, que vindo para este reino, no tempo do rei D. Manuel, trouxe brazão d'armas, que D. João III lhe confirmou.

E' o seguinte—em campo de púrpura, um leão d'ouro, lampassado de prata, e uma brica de verde, filetada de prata, carregada de uma cruz do mesmo metal, firmada, e sobre ella, uma palmeira, verde.

Êlmo de aço, aberto, e por timbre, o leão das armas.

Lacerda (ou *la-Cerda*) — vide *Castro Daire*.

Lago—vide 4.º vol., pag. 17, col. 2.ª

Mello—vide *Guimarães*.

Moscoso—vide *Brejoeira*.

Pereira—vide *Feira*.

Péres—vide 5.º vol., pag. 164, col. 1.ª, no fim.

Sá—A familia d'este appellido, procede de Payo Rodrigues de Sá, que vivia em 1300, no concelho de Lafões, e foi pae de D. João Affonso de Sá, vassallo de D. Affonso IV e de D. Pedro I.

Foi senhor da *quinta de Sá*, no termo de Guimarães, e na mesma quinta tinha o seu solar.

Estes Sás, trazem por armas—escudo xa-

[1] O que morreu na Ribeira de Santarem, da queda de um cavallo, em 1491, e, sendo filho unico, succedeu no throno, seu tio, o duque de Beja, que foi D. Manuel I.

dresado de prata e asul, de seis peças em faxa, e sete em palla.

Timbre, um bufalo negro, xadresado de prata e asul, armado do mesmo, com uma argola d'ouro nas ventas.

—

Da familia do sr. marquez de Monfalim, já tratei em *Palmella.*

PERSIGAL — portuguez antigo—pocilga, cortêlho de porcos, e tambem, *vara* d'elles.

D'aqui *persigo* (hoje *perzigo*) carne de porco, cosida, frita ou assada (em termos de se comer.)

Hoje dá-se o nome de *perzigo*, a qualquer cousa que se come com pão, seja carne, peixe, ovos, queijo, fructa, etc.

Comendo-se só pão, ainda que seja cosido d'aquelle instante, diz-se *pão sêcco.*

Na Beira Alta, dá-se a isto o nome de *apeguilho.*

Nas provincias do norte, se diz *conducto*, e na Terra da Feira, *conduito* e *condôito.*

PERTIGAL e **PERTIGUEIRO**—portuguez antigo—vide *proposito.*

PERVENCER — portuguez antigo — quebrar, desordenar, destruir, annular, etc.

PERVINCO ou **PROVINCO** — portuguez antigo—o parente mais proximo.

E se nom houverdes fillo, fique a huum vosso pervinco. (Prazo de Salzedas, de 1293.)

Na Terra da Feira, *pervinco* ou *provinco*, é synonimo de traquina.

PÊS—portuguez antigo—peixe.

Os hespanhoes dizem *pez*, com a mesma significação.

PÊSA—portuguez antigo—pêso.

Meiha livra de cêra, pela pesa *nova.* (Doc. de Alpendurada, de 1368.) Ainda se encontra este termo, no seculo XV.

PERTAROUCA—Vide *Bertarouca.*

PESANTE — portuguez antigo — tambem se dizia *pêso.* Moeda de que se faz menção nas escripturas mais antigas d'este reino. Parece que era de prata, e do tamanho dos *tostões velhos*, e que nos ficou do tempo dos mouros; mas, não ha certeza do seu feitio, pêso, valor, nem do metal de que era feito.

PESANTE—portuguez antigo—pesaroso, triste, afflicto, etc.

PESCADO-REAL—portuguez antigo—Dava-se este nome ao *sôlho*, não tanto pela excellencia d'este corpulento peixe, como porque, em todas as *pesqueiras* que pertenciam á corôa, no Tejo e Douro, sempre elle era reservado para a mesa do rei.

Reservando pâra nós, pescado Real, saindo nas pescadorias. (Doc. d'Alpendurada, de 1329.)

PESCARIA (serra)—Vide n'este vol., pag. 159, col. 2.ª, no fim.

PESCOTA, PESSOTA, PEIXHOTA, PISCES-CANE, e **PISCES-KANE** — portuguez antigo (dos seculos XIII e XIV) — pescada.

PÊSO (ou Nossa Senhora do Pêso) — freguezia, Extremadura (ao S. do Tejo), concelho e 30 kilometros de Coruche, comarca de Benavente, 35 kilometros a O. d'Evora, 4 da Senhora das Brotas, 18 de Monte Mór Novo, 100 a S.E. de Lisboa.

Tem 280 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Pêso.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Santarem.

A mitra apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, e 120 de cevada.

A egreja matriz é muito antiga, assim como a imagem da padroeira, e nem de uma nem de outra ha memoria da sua origem.

Consta que se lhe deu o titulo de *Senhora do Pêso*, ou pelo pêso de trigo que os devotos lhe davam, em satisfação de qualquer promessa, ou pela balança em que elle se pesava.

A palavra *pêso*, vem do substantivo latino — *pondo* — d'aqui, *ponderavel*, o que é susceptivel de ser pesado; e imponderavel o que o não póde ser, como o gaz, o vapor, etc.

Tambem se chamava antigamente *pêso*, á balança em que se pesava.

Egualmente havia uma certa medida chamada pêso, que, em umas partes era o arratel; em outras, a libra, e em outras, mais.

Na Hespanha, e em todas as republicas americanas de origem hespanhola, ha uma moeda, bem conhecida, denominada *pêso.*

Vide *Pesante.*

PÊSO — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 48 kilometros da Guarda, 270 ao E. de Lisboa.

Tem 250 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O prior de Santa Maria Magdalena, da Covilhan, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil, cria muito gado, de toda a qualidade, e tem grande abundancia de caça, grossa e miuda.

PÊSO — freguezia, Beira Baixa, concelho de Villa de Rei, comarca da Certan, 270 kilometros da Guarda, 180 ao E. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757 tinha 23 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Castello-Branco.

O vigario de Villa de Rei, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil, sobre tudo em cereaes; cria muito gado, de toda a qualidade, e ha nos seus montes e mattas, muita caça.

PÊSO —Vide *Martinho do Pêso* (*São*).

PÊSO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 30 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 31 fogos.

O seu primeiro orago, foi S. Pedro, e depois, S. Bartholomeu (ambos apostolos).

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O beneficiado de S. Martinho, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muitos annos supprimida.

PÊSO DA RÉGUA—villa, Traz-os-Montes, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, sobre a margem direita do Douro, 95 kilometros a E.N.E. do Porto, 7 ao N. de Lamego, 18 ao S.E. de Villa Real, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 700 fogos.

Em 1757, tinha 248 fogos.

Orago, S. Faustino.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

O antigo nome d'esta freguezia, era—*São Faustino da Régua.*

O arcediago da Régua, apresentava o cura, que tinha 200$000 réis de rendimento.

O concelho d'este nome, comprehende as 10 freguezias seguintes:

Galafúra, Godim, Covellinhas, Fontellas, Loureiro, Moura-Morta, Poyares, Pêso da Régua, Sediéllos (ou Cediéllos) e Villarinho dos Freires, todas com 3:650 fogos.

Galafúra, Covellinhas, Poyares, e Villarinho dos Freires, são do arcebispado de Braga.

Fontellas, Godim, Loureiro, Moura-Morta, Pêso da Régua, e Sediéllos, são do bispado do Porto.

A sua comarca, é composta de trez julgados.

O do Pêso da Régua, com 3:650 fogos.

Mezão Frio, com 2:100 fogos.

Santa Martha de Penaguião, com 2:550 fogos.

Total, 8:300 fogos.

Tem estação telegraphica.

Está a bonita e rica villa de Pêso da Régua (ou mais propriamente—*Régua*) situado em planicie, na raiz do monte do Peso, uns 300 ou 400 metros abaixo do confluente do Corgo com o Douro, e em frente da foz do Barosa, na Beira Alta.

E' povoação muito antiga, e, segundo alguns escriptores, já existia no tempo dos romanos, e ha até quem avance que a egreja de S. Faustino (matriz) foi mandada construir pelo imperador Constantino Magno, pelos annos 310 de Jesus Christo.

O que é certo, é ter sido construida pelo mesmo tempo em que o foram as de Santa Senhorinha, de Basto—e S. Salvador, de Tabuado, as mais antigas de Sobre-Tâmega.

Esta egreja, foi primitivamente fundada, no logar hoje occupado pela ermida de Nossa Senhora do Cruzeiro.

A egreja, que estava muito arruinada, por antiga, foi destruida completamente, por uma cheia, em 1734.

O conde D. Henrique e sua mulher, D.

Thereza, tomando posse de Portugal, em 1093, elegeram a D. Hugo, bispo do Porto, e lhe doaram as terras da Régua (que coutaram) e metade do rendimento da barca de passagem que alli havia. [1]

Diz-se que D. Affonso Henriques dera foral á Régua, em 1135; mas é provavel que fosse o seu donatario—o bispo do Porto—como era costume n'esses tempos.

Franklim não traz semelhante foral, e é mais uma razão para se suppor que foi concedido pelo prelado; porque aquelle escriptor, só menciona os foraes dados pelos monarchas.

A Regua, nunca teve foral proprio, regia-se pelo de Penaguião, que comprehendia esta povoação, e foi dado pelo rei D. Manuel, em Evora, a 15 de dezembro de 1519.

Os bispos do Porto, tinham jurisdição espiritual e temporal na Regua, mas a segunda terminou pelos annos de 1789, por uma carta regia de D. Maria I, e por accordo entre o seu governo e o bispo; sendo então supprimido o couto, dando-se-lhe a denominação de capitania-mór, que conservou até 1834.

Em 1835, foi feita cabeça de julgado e de comarca.

—

Se esta povoação é tão antiga como alguns pretendem, é certo que nem um só edificio ou monumento conserva da sua antiguidade.

As reedificações e as novas construcções, fizeram desapparecer tudo quanto havia de antigo.

—

Advirto aos meus leitores, que — *Pêso da Régua* é uma povoação differente da *Régua*, posto que na mesma freguezia, e que não acredito na antiguidade da Régua, e sim na do *Pêso*. [2]

Com o desenvolvimento e prosperidade que n'este seculo teem tido estas duas povoações, o Peso foi estendendo os seus edificios pela encosta meridional da serra, e a Régua, crescendo para o alto, de modo que hoje, podem considerar-se uma só povoação.

Note-se, porém, que a antiga egreja, de S. Faustino, era na baixa, e parece que era o unico edificio que havia n'este sitio.

A historia certa da Régua, começa no principio do seculo XVIII, entre os annos 1700 e 1710, em cuja época, um pescador, construiu aqui uma choupana, e por isso foi alcunhado o *Cabana*. *

Perto de meio seculo, se conservou a povoação estacionaria, ou talvez composta de mais algumas cabanas de outros pescadores.

E' ao marquez de Pombal, que a Régua deve todo o seu engrandecimento e prosperidade.

Este grande ministro, instituiu, em 1757, a *Companhia geral da agricultura e commercio dos vinhos do Alto-Douro*, que em poucos annos foi uma das principaes (senão a principal) do seu genero, na Europa.

Pelos annos de 1770, fundou esta companhia, vastos armazens para os seus vinhos, á beira do Douro, e o sitio se foi pouco a pouco povoando, de casas de empregados, tabernas, estalagens, etc.

No fim do seculo XVIII, e na *feira de vinhos* que se fazia aqui em fevereiro, de cada anno, montava já o valor das vendas de vinho, aguardente e geropiga, de 6 a 8 milhões de crusados.

Já se vê, que assim, era impossivel deixar de crescer e prosperar, a nova povoação.

(Veja-se *Paiz Vinhateiro do Douro*.)

A actual matriz da freguezia, foi construida pelos annos de 1750 a 1760; e, para a collocarem ao abrigo das frequentes e impetuosas enchentes do Douro, a construiram na antiga povoação do Pêso, 500 a 600 metros ao N. e sobranceiro á Régua.

[1] Os moradores da Régua, tinham passagem gratuita n'esta barca; e só tinham obrigação de pagar annualmente, um cantaro de *beberagem*, para os que concertassem a barca.

Esta isenção vigorou até 1780.

[2] Em todas as partes em que os nossos escriptores antigos, e muitos modernos, fallam em Régua, referindo-se a factos que tiveram logar antes de 1700, deve entender-se Peso da Régua

E' um templo vasto, elegante, claro e bem adornado, e o seu altar-mór é de primorosa talha dourada.

O seu *throno* é fechado por um bellissimo retabulo, representando a *Cêa de Jesus Christo*, devido ao pincel do famoso pintor, portuguez, Pedro Alexandrino; e é incontestavelmente, uma das suas obras mais primorosas, e que tem sido examinado e admirado, por entendedores nacionaes e estrangeiros.

—

O Peso da Regua foi elevado a viscondado, em favor de Gaspar Teixeira, feito marechal de campo, em 12 de outubro de 1815; e tenente-general, em 28 de dezembro de 1826.

Foi elle, que, sendo governador das armas da côrte e provincia da Extremadura [1] em substituição do visconde de Veiros, abandonou desordenadamente Lisboa, com todos os seus arsenaes, paioes, fortalezas, munições de guerra, e uma lusida divisão de 12 mil e tantos homens, ao general, conde de Villa-Flôr (que commandava uma *columna*, completa de 1:600 homens!...) fugindo na madrugada do dia 24 de julho de 1833, sem ver o rosto ao inimigo. [2]

Por necessidade de paginação, e para terminar o 6.º volume (que já é o maior de todos) nas letras PEZ—não posso desenvolver mais este artigo, do que peço desculpa aos meus leitores.

Tudo o mais que aqui fica por dizer, encontral-o hão na palavra *Régua*, do volume seguinte.

PESQUEIRA—Vide *S. João da Pesqueira.*

PESSÔA—portuguez antigo—dignidade ou prebendado, de uma cathedral, que tem alguma preeminencia no côro, ou capitulo—como, deão, mestre-escola, thesoureiro, chantre, etc.—A qualquer d'estes logares se chamava, por consequencia, *personato.*

Em geral, dava-se este nome ao emprego ecclesiastico que não podia ser exercido senão *pessoalmente* pelo beneficiado.

—

Pessôa, é tambem um appellido nobre em Portugal. Veiu da Allemanha; mas não nos diz frei Manuel de Santo Antonio, quem o trouxe a este reino.

Trazem os Pessôas, por armas—em campo azul, seis crescentes, de ouro, em duas pallas—orla de negro, filetada d'ouro e carregada de sete estrellas, de prata, de cinco pontas, ficando 3 em chefe: êlmo d'aço, aberto; e por timbre, um cometa, de prata, de cinco pontas, ficando com a cauda sobre o êlmo.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas—em campo azul, seis crescentes de ouro, em duas pallas—orla azul, carregada de oito estrellas, de prata, de seis pontas. O mesmo êlmo e timbre.

PESSOADÉGO, ou **PESSOADIGO**—portuguez antigo—direito que qualquer individuo tinha de ser pessoeiro ou cabecel de um praso.

PESSOARÍA—portuguez antigo—todas

[1] O visconde de Veiros foi exonerado, em *razão da sua avançada edade*, em 26 de outubro de 1832.

Os realistas não ganharam na troca... Gaspar Teixeira foi na mesma data exonerado do commando do exercito de opperações em frente das linhas do Porto, em vista da pouca confiança que merecia ao exercito, e pelo que ja tinha havido serios tumultos.

[2] O *terror panico* (fingido ou verdadeiro) incutido no general realista, em vista de *boatos atterradores* (que elle devia saber que eram falsos) e o abandono da capital de um reino, onde a sua causa tinha tantos partidarios e tantos e tamanhos recursos—é um d'aquelles *mysterios historicos* que ainda hoje anda envolvido em uma quasi transparente obscuridade.

E' provavel que o tempo a venha a dissipar completamente.

O visconde de Peso da Regua, tendo perdido a batalha de 29 de setembro de 1832, em frente das linhas do Porto, tornou-se antipatico ao exercito realista, que nunca mais teve confiança (com razão ou sem ella) em semelhante general.

O que é certo, é que elle se entregou aos liberaes, antes da convenção de Evora Monte.

as acções que o cabeça de um casal exercita, por força do direito util que n'elle tem.

PESSOEIRO — portuguez antigo — ainda usado — cabeça de um praso ou casal — cabecel, que recebe as rendas e porções, dos seus consortes, para as entregar por junto e inteiramente ao senhorio.

PESTENCIA, PESTENÇA, PESTENENCIA — portuguez antigo — peste, epidemia, mortandade.

PESTRUMEIRO, PRESTUMEIRO, PROSTUMEIRO, e PUSTUMEIRO — portuguez antigo — o ultimo, o que ficar para o fim.

É frequentissima esta palavra, desde o seculo XIII até ao XVI. — Hoje diz se *sobrevivente.*

PESTULEIRO — portuguez antigo — livro que contêm as Epistolas do missal, e que o subdiácono deve cantar *per annum.*

PESÚME — portuguez antigo — pêso, carga, etc.

PESURES — Vide *Estrella* (serra da) no 3.º vol, pag. 77, col. 1.ª

PETEGAR — portuguez antigo — cortar com força com um machado.

PÉ-TERRA — portuguez antigo — moeda, d'ouro, do rei D. Fernando, que valia 6 libras, que, sendo de 36 réis, vinha a ser 216 réis.

PETINTAL — portuguez antigo — carpinteiro da ribeira, calafate, constructor naval.

No foral que D. Froila Ermigues deu aos moradores de Villa Franca de Xira, no seculo XIII, diz — *Huum petintal, e dous spitaleiros, e dous ploeiros, mando que hajam fôro de cavalleiro.*

Depois, *petintal* era mais propriamente official de marinha, segundo se collige de varios documentos dos seculos XV e XVI.

PETISQUEIRA — freguezia, Traz-os Montes, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 15 fogos.

Orago, S. Lourenço, martyr.

O reitor de Rabal apresentava o cura, que tinha 8$500 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida, no fim do seculo XVIII, e unida á de Rabal, d'onde tinha sido desmembrada.

PETISQUEIRA — aldeia, Traz-os-Montes, freguezia e junto á villa de Chaves — pelo que antigamente se chamava — *Petisqueira a par de Chaves* — (tambem para se distinguir da antecedente).

Existiu aqui um cippo romano, que mencionava a familia dos *Lucios Maturos* — dizia:

LUCI MATURI F. CALADUNA
.O SAQUA. A. L. H. S. EFFCMA
XVMINVS STTL.

A pessoa que deu esta inscripção a Argote, copiou-a errada; por isso elle diz que a não entende.

Devia estar assim:

LVCI MATVRI F. CALADVNA
X. AQVA. A. H. S. EST. MA-
XIMINVS. S. T. T. L.

(Aqui jaz Lucio Maduro, filho de Caladuna e Maximino — de 10 annos de edade, natural d'Aquas Flavias — *Chaves* — A terra lhe seja leve.)

Perto da Petisqueira, no logar de S. Pedro de Argeriz, ha outro cippo, que diz:

LARIBUS CU-
SIC FLENSBVS
Q. NIVIVS PLACI-
DI F. ENVINS
V. S. L. M.

(Em cumprimento de voto que havia feito. Quinto Nivio, filho de Placido, voluntariamente, dedicou esta memoria aos deuses lares, de Aguas Flavias.)

No logar das *Avellans,* havia a tampa de uma sepultura, com uma inscripção, da qual apenas se podia lêr:

PONTI
CAPITO-
NIVS CE-
LERO L. APP.

É provavel que fosse originariamente d'esta maneira:

D. M.
PONTIVS
CAPITO-
NIUS CE-
LERO. L. APP.
F. H. S. E
S. T. T. L.

(Dedicado aos deuses manes. Aqui jaz Lucio Appio, filho de Poncio Capitonio Celero, que lhe consagrou este monumento. A terra lhe seja leve.)

PETRONÊTO—antiga freguezia, no termo e a pouca distancia de Braga. Ignora-se hoje a sua verdadeira situação.

PETTAR — portuguez antigo — o mesmo que *peitar*. Vide esta palavra.

PÊVA — freguezia, Beira-Baixa, concelho d'Almeida, comarca de Pinhel, [1] 75 kilometros de Viseu, 315 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos. Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

[1] Era do antigo concelho de Castello-Mendo, que foi supprimido, e encorporado no concelho do Sabugal. Em dezembro de 1870, passou para o concelho d'Almeida.
(Vide *Castello-Mendo.*)

O vigario de S. Vicente, de Castello-Mendo, apresentava o cura, que tinha 6$500 rs. de congrua e o pé d'altar.

PÊVA — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 25 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa.

Tem 220 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O abbade de S. Miguel, de Pêra, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Vide *Pêra e Pêva*, e *Pêra-Velha*, col. 1.ª, pag. 667, d'este volume.

PEXÃO — Vide *Pechão*, e *Quelfes*.

PEYOUGA—portuguez antigo—pé de porco, chispo ou chispe. *Peyouga do cyoado* — pé do cevado.

PÊZO — Vide *Pêso*.

FIM DO SEXTO VOLUME